História do Brasil

Volume III

Robert Southey

Edições do
Senado Federal

Volume 133 - C

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Ensaios e Estudos, de Capistrano de Abreu, reúne artigos escritos entre 1903 e 1927, publicados em revistas, jornais ou prefácios de livros. Os ensaios, publicados pela primeira vez em 1932, reúnem diversos temas: o Duque de Caxias ("primoroso estudo sobre Caxias, cuja bibliografia era então muito limitada", observa José Honório Rodrigues); Frei Vicente de Salvador; Claude Abbeville; Antônio José, o Judeu, e, entre outros temas, os atos do Santo Ofício no Brasil. Com estilo leve, mas documentado e com rigor de exegese, Capistrano de Abreu analisa de maneira brilhante nosso passado e revisita temas fundamentais da nossa formação e nacionalidade.

A Ilusão Americana, de Eduardo Prado, posto à venda nas livrarias de São Paulo no dia 4 de dezembro de 1893, os exemplares deste livro logo foram vendidos. No mesmo dia o chefe de polícia dirigiu-se às livrarias proibindo a divulgação da obra. Segundo o próprio autor, ele escreveu um livro sustentando a doutrina política de que o Brasil deve ser livre e autônomo perante o estrangeiro, o que não deve ter agradado às autoridades. Sobre esse livro, Rui Barbosa afirmou em suas *Cartas de Inglaterra*: "Há, entre nós, nativistas, que projetam estátuas a Monroe, julgam praticar ato de republicanos, suscitando para amparo do Brasil o protetorado dos Estados Unidos. Desmistificar a fraternidade americana, esse o delito do autor".

Edições do Senado Federal

Joaquim Nabuco, no livro *Balmaceda,* escreve sobre o presidente chileno Balmaceda (1840-1891). Eleito como liberal, seu governo termina num impasse: fechamento do Congresso e guerra civil. O volume é uma compilação de artigos de Nabuco publicados, de janeiro a março de 1895, no *Jornal do Comércio*. No mesmo ano, são recolhidos sob a forma de livro. Em *Balmaceda*, Nabuco discute com o brilhantismo de sempre sobre presidencialismo, parlamentarismo, relações internacionais e outros assuntos de vital importância para a compreensão do processo histórico e político da América Latina. "O livro *Balmaceda* é, com certeza, um dos primeiros exercícios de política comparativa entre nós," registra o embaixador e cientista político Carlos Henrique Cardim.

Intervenção Estrangeira Durante a Revolta de 1893. Joaquim Nabuco estuda neste livro a participação estrangeira na Revolta da Armada em 1893. Monarquistas, os rebeldes liderados por Custódio de Melo e, mais tarde com a adesão de Saldanha da Gama, poderiam bombardear a cidade do Rio de Janeiro. Floriano Peixoto solicita a ajuda de forças internacionais. Os revoltosos têm o auxílio humanitário do comandante do navio português *Mindelo*, Augusto de Castilhos. A opinião pública, aos poucos, modifica o ponto de vista, a partir dos artigos de Joaquim Nabuco, publicados na imprensa, em 1895, e reunidos neste livro. É um estudo de história diplomática e uma análise que reverte o enfoque que, até então, vinham fazendo os críticos deste fato histórico.

José Bonifácio de Andrada e Silva (* 13/6/1763 – ✞ 6/4/1838),
o Patriarca da Independência do Brasil, óleo de Benedito Calixto.

História do Brasil

. . . .

Edições do Senado Federal – Vol. 133-C

HISTÓRIA DO BRASIL

TERCEIRO VOLUME

Robert Southey

Traduzida do inglês pelo
Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro

Anotada por
J. C. Fernandes Pinheiro
Brasil Bandecchi e
Leonardo Arroyo

Brasília – 2010

. . . .

Sumário

. . . .

Capítulo XXXI

MEDIDAS DE GOMES FREIRE NO MARANHÃO – EXPEDIÇÃO CONTRA AS TRIBOS DO AMAZONAS – ESTABELECIMENTO DOS FRANCESES EM CAIENA – MATIAS DA CUNHA, GOVERNADOR-GERAL – LEVANTAMENTO NA BAHIA – ANTÔNIO LUÍS GONZAGA DA CÂMARA COUTINHO – D. JOÃO DE LENCASTRE – MOEDA CUNHADA NO BRASIL – GUERRA DOS NEGROS DOS PALMARES – DISPUTAS CONTRA A FRANÇA SOBRE LIMITES – MORTE DE VIEIRA – TUMULTOS EXCITADOS PELO BISPO DO MARANHÃO

1686

Medidas de Gomes Freire

PRESOS OS CABEÇAS de motim, foi o primeiro cuidado de Gomes Freire no Maranhão[1] reintegrar nos seus cargos todos quantos dele haviam sido privados pelo governo usurpador. Restabeleceu o monopólio, entendendo com a razão que a ser conveniente a sua abolição, devia partir da autoridade legítima, e tornou a chamar do Pará os jesuítas exilados. Conheceu-se agora o acerto do governador, trazendo consigo pessoas aparentadas com moradores de S. Luís, pois que por meio delas não só conciliou os desafetos, mas obteve também informações seguras a respeito da opinião pública e caráter dos indivíduos. Dentre estes homens nomeou os mais úteis para os cargos honoríficos e de interesse que achou vagos, e recompensou os outros com concessões de terras na costa e no sertão, poupando assim despesas a um erário, que não era para muitas exigências,

e melhorando ao mesmo tempo a colônia. Para melhor regular os negócios deste turbulento Estado, convidou a câmara de Belém a vir a S. Luís, não lhe parecendo prudente por ora sair ele mesmo do Maranhão, e à chegada dela banqueteou os senados das duas cidades num festim, em que não entrou iguaria que não tivesse vindo do reino, fornecendo a América unicamente lenha e água. Tanto pior foi o jantar, mas indicava o caráter de quem o dava, pois que das outras vezes sempre que do rancho da viagem do governador ficavam sobras, vendiam-se por alto preço.

Domingos Teixeira, 2, 2, § 212-20 Berredo, § 1345

Tendo convocado as duas câmaras para negócios, recebeu-as o governador com o cerimonial que permitiam as circunstâncias locais, consultando com elas sobre o estado da região. Manifesta, disse ele, era a necessidade de trabalhadores agrícolas, pelo que cumpria tomar medidas para da África introduzir escravos. Reservar-se-iam índios para mais importante serviço, a fim de que domesticados uns induzissem outros à sujeição, e todos, devidamente doutrinados, contribuíssem para aumento da fé de Cristo nestas vastíssimas regiões, objeto que se frustraria, persistindo os portugueses em escravizar injustamente homens que embora por natureza rude, e ferozes por hábito, eram todavia os senhores da terra, de cuja não interrompida posse haviam gozado até à chegada dos conquistadores. Para promover este santo fim convinha dobrar ao clero suas côngruas e aumentar o número dos missionários. Deliberassem também maduramente as câmaras sobre a continuação do monopólio, e modos de importar negros com menor dispêndio dos moradores, cujos interesses el-rei prezava sobre qualquer aumento de renda. Os pareceres deviam ser dados por escrito dentro de certo prazo, e o resultado foi convencer-se o governador de que em vista das escandalosas fraudes cometidas pelos agentes da Companhia forçoso era extinguir o monopólio.

Abolição do monopólio

Expediu Gomes Freire para Portugal os seus despachos. Entre as causas principais dos últimos distúrbios apontou o infame comportamento daqueles eclesiásticos que descuidosos dos seus deveres e esquecidos da sua profissão sob pretexto de necessidade se haviam entregue ao tráfico, sendo os primeiros a excitar descontentamento, tumultos e rebelião. Deploravelmente desgraçada era a condição do povo e se fossem a exigir-se com rigor as dívidas

Miséria geral no Maranhão

por falta de escravos inevitavelmente contraídas para comer e vestir, outra alternativa lhe não restaria senão mendigar o seu pão, ou ir alhures buscar melhor fortuna. Caíam em ruína os engenhos. Devia considerar-se que o mesmo princípio que autorizava os portugueses a comprar negros do Cabo Verde, Angola, Moçambique e outras partes da Ásia, era igualmente aplicável aos indígenas da América. Menos selvagens não eram os costumes dos tapuias nem menos sanguinolentas suas mútuas guerras, a religião também não era melhor, e os portugueses, guerreando-os, não poupavam vidas agora que estava a escravidão abolida. Aconselhava pois o governador que tomasse el-rei a si o cuidado de resgatar índios da corda por meio de missionários sem ingerência alguma estranha, sistema que pouco teria diferido do de Vieira, se nele se empregasse exclusivamente uma das ordens religiosas.

Teixeira, 2 2, § 220-229

Expedição contra os selvagens do Mearim

Também propôs Gomes Freire aliviar a miséria de S. Luís, tirando dali povo para novo estabelecimento. Neste intuito fez sair a explorar a terra na direção do sul uma partida, que escolheu as terras entre os rios Itacu e Munim, sendo tão excelente o desembarque perto desta última corrente que da canoa se podia lançar à praia uma prancha. Tanto se acercam um do outro no sertão estes rios, que por pouco não formam um delta, parecendo que dois fortes nas costas da península a segurariam contra os selvagens, que fugindo dum lado diante dos aventureiros do Piauí e do outro diante dos paulistas, que desciam o Tocantins, para aqui se haviam retirado. Proposto à corte este plano, enviou Gomes Freire uma expedição contra os índios, que infestavam o Mearim, onde tantos engenhos tinha havido outrora, que dali era o estado abastecido de açúcar e produtos, sobrando ainda muito para exportação. Destruídos ou abandonados, todos esses engenhos eram ruínas, e alguns escravos fugidos, que dum se haviam apoderado, tinham perecido às mãos dos indígenas. Apercebeu-se para tal guerra considerável força composta de cem soldados portugueses e duzentos e trinta tapuias às ordens de João Saraiva. Subiu este alguns dias de jornada pelo rio acima, e descobrindo uma emboscada, que arteiramente lhes haviam armado, derrotou os selvagens com grande perda da parte deles e a de um soldado só da sua, e voltou atrás, pelo que o censurou o povo e o mandou prender o governador julgando tal falta de critério uma nódoa na glória das armas portuguesas.

1686

Resolvendo então plantar sobre este rio um forte, mandou Gomes Freire escolher situação apropriada, e sobre uma eminência bem azada para o efeito achou-se uma Nossa Senhora vestida de seda jazendo por terra sem ter sofrido coisa alguma de estar exposta ao tempo. Concluiu-se que de alguma igreja ou capela, que destruíssem, para aqui a teriam trazido os selvagens imputando-se à virtude da imagem a conservação dos vestidos e neste lugar pois se fundaram um forte e uma povoação com a invocação de S. Maria, julgando-se seguro o rio Mearim sob a guarda de tão poderosa protetora. Desejava Gomes Freire que pelo sertão se explorasse caminho para a Bahia. Da empresa se encarregou João Velho do Vale, o qual ao passo que avançava foi assentando pazes com algumas tribos do Munim, Itapicuru e Parnaíba, sendo de muita conveniência assegurar comunicações com o Ceará a alguns portugueses que sobre este último rio se haviam estabelecido. Traçando um mapa da derrota que levava prosseguiu o aventureiro na perigosa jornada mas sendo-lhe fatais os trabalhos e fadigas por que passou, moribundo chegou à Bahia.

Reforma Gomes Freire os abusos dos seus predecessores

Tinham-se os predecessores de Gomes Freire arrogado o poder de conferir patentes a pessoas que só serviam o posto dois ou três meses, e nobilitados por ele, ficavam isentas de impostos e certos encargos públicos. Disto se lhe queixou a câmara e ele vendo o mal assim por meios ilícitos se multiplicar uma classe privilegiada ordenou que de futuro fosse exercido pelas câmaras das respectivas vilas o direito de nomear os postos vagos. Depois de ter por algum tempo aguardado em S. Luís um sucessor que viesse rendê-lo ou pelo menos alguma pessoa do reino, de quem pudesse confiar a capitania do Maranhão, enquanto ia ao Pará, onde cada vez mais necessária se tornava a sua presença, nomeou para o comando Baltasar de Seixas Coutinho, que durante a insurreição se retirara para o sertão. Feito isto, partiu para Belém e seguindo sempre a costa, levantou um mapa da perigosa derrota. Com tanto aparato nem com tão real alegria jamais governador fora recebido naquela cidade; era que a sua firmeza o tornara respeitado, e amado do povo o seu nobre proceder para com a viúva de Beckman. Delicada tarefa o esperava aqui, e mais penosa ainda em razão dos seus sentimentos religiosos. Desavindo com as autoridades civis andava o bispo, contra quem perante a corte se havia feito acusações que posto que exageradas não careciam de todo o fundamento

e Gomes Freire trouxera ordem de examinando o negócio remeter para Portugal o prelado, se tanto fosse necessário. Não o foi, mas irrepreensível também não havia sido o procedimento do chefe diocesano, a quem o governador teve pois de fazer ver as faltas cometidas. Desejando ofendê-lo o menos possível fez-lhe Gomes Freire uma visita particular, à hora já bastante avançada da noite, e sem séquito algum e conversando com ele até ver que o bispo voltara inteiramente a si da surpresa que semelhante visita lhe causara, ajoelhou-se aos pés dele e pediu audiência. Supôs o prelado que a buscar conselhos espirituais era vindo o governador, nem ficou pouco maravilhado ao ouvir, não a confissão que esperava, mas uma recapitulação dos seus próprios pecados: mas com tanta bondade, tanta doçura, tanta prudência e ao mesmo tempo com tanta força de razão se lhe lia o capítulo, que o velho completamente rendido chorou como uma criança, e vendo o seu erro, e confessando-o prometeu emenda. Essa promessa tão bem soube cumpri-la, que os dias que teve ainda de vida, não foram menos úteis e aceitos ao povo do que honrosos para ele mesmo.

Teixeira, 2, 3, § 1-35

Tribos hostis infestam o Amazonas

Já o Pará não gozava dessa paz que Vieira e seus zelosos companheiros lhe haviam dado com os índios de longe e de perto. No governo de Francisco Sá subiu Gonçalo Pais de Araújo com uma expedição o rio a tratar com os caravares, tribo que debaixo da proteção dos portugueses desejava colocar-se. Escolheu-se lugar onde assentasse ela a sua aldeia e saiu um troço de gente com o mesmo Gonçalo Pais à frente e dar princípio às derrubadas. Chegaram todos ao país dos taguanhapes e gerunas,[2] que povoavam as margens e ilhas do Xingu. Desde muito que estas tribos viviam em bons termos com os portugueses mas na esperança agora de exterminar este destacamento (sendo-lhes talvez motivo a inimizade aos caravares) ofereceram-se para mostrar-lhe um lugar perto, em que abundava a canela, e assim o atraíam a uma emboscada. Foi morto um dos portugueses. Os índios catequizados pelejaram valentemente, perecendo até ao último, e caíram também trinta caravares, mostrando o mais indomável denodo e um pundonor raras vezes visto entre selvagens. Gravemente ferido foi Gonçalo Pais tirado do campo por estes índios fiéis, enquanto os companheiros sustentavam um combate irregular, retirando sempre sobre os portugueses que em corpo compacto os protegiam com as armas de

fogo, recuando também. Desta forma se efetuou a retirada para o país dos caravares, onde Pais foi hospitaleiramente recebido e curado de sua ferida. Esta derrota dos portugueses animou tribos a tomar as armas, e exterminadas pelos aroaquises e caripatenas muitas expedições comerciais, não mais foi possível sem iminente perigo navegar o Amazonas. Tripularam uma flotilha de mais de trinta canoas, arvorando como estandarte a cabeça de um tal sargento Antônio Rodrigues que haviam morto.

Expedição contra os índios do Amazonas

Castigar estes selvagens era não só em si mesmo justificável mas também necessário ao bem-estar e até a mesma existência dos portugueses; mal podia porém o Estado aprestar bandeiras. Homens, materiais, embarcações, tudo faltava, vazio o tesouro, e mui diferentes as aldeias de como Vieira as deixara, abandonadas umas, despovoadas outras pela doença, por maus-tratos, ou pelas perdas sofridas durante estas exterminadoras hostilidades. Viu-se agora que imensa vantagem não é possuir o governador a confiança do povo. Convidou Gomes Freire os moradores a acudirem-lhe nesta extremidade, emprestando ao governo quantas canoas pudessem dispensar. Pudera ele tê-las apenado e grato a esta moderação e reconhecendo a necessidade da medida deu-lhe o povo logo quantas havia no porto, além de contribuir com quinhentos alqueires de farinha e oferecer escravos para remadores. Muitos se alistaram como voluntários. Tomou o comando o capitão-mor Hilário de Sousa, mais bem empregado agora do que na sua perdida missão junto de Beckman. Da guarnição do Maranhão se tirou quarenta portugueses, e Belém forneceu oitenta, sendo cento e vinte índios o mais que foi possível reunir. Fez-se de vela a expedição em fins do ano de 1686, e chegando a Cametá, achou um reforço de canoas e índios que Antônio de Albuquerque Coelho aprontara. Quase deserta estava uma aldeia de nheengaíbas sobre o Aracuru, tendo-se a maior parte dos moradores passado para o Cabo do Norte, atraídos pelos franceses de Caiena, que lhes forneceram armas de fogo, com as quais estes selvagens desafiavam agora os portugueses. Ameaçou-os Sousa por este comércio de contrabando, mas para mais nem tinha instruções nem tempo. Daí seguiu para Curupá, posto tão arruinado e tratado de resto apesar da sua importância, que o seu quase desmantelado forte por única guarnição tinha dois oficiais e quinze inválidos. Deixou aqui um reforço, ordenando que trazidas do Xingu, al-

deia a três dias de jornada, se fossem reunindo provisões para na volta poder ele castigar os taguanhapes. Entrou agora a flotilha no grande rio. O primeiro lugar onde deu fundo foi um porto chamado Jagacará; deserta a aldeia vizinha, a muito custo se pôde encontrar o cacique, sabendo-se então que se receavam do serviço militar os habitantes, povo tão imbele que muitos deles juntos não fariam um soldado. Deixando-os pois gozar do benefício de seus hábitos pacíficos, tomou a expedição um reforço de aliados mais guerreiros em Caçari, aldeia dos aratus, onde cheios de júbilo todos os varões tomaram armas. Era um povo que, desprezando despojos, amava a guerra por amor da guerra.

Atravessou a expedição então para a margem esquerda, demandando algumas aldeias de tapajozes e aruriucuzes, tribos guerreiras que de bom grado se reuniram a ela, ficaram porém de reserva para mais próximas operações contra os taguanhapes, recebendo-se apenas alguns poucos dentre eles comandados por Sebastião Orucurá, cacique batizado de Curupatubá. Tocando em todas as aldeias pelo caminho seguiu Sousa até a foz do rio dos arvaquizes que mandou reconhecer por algumas canoas ligeiras com ordem de fazer um prisioneiro, sendo possível. Apareceram os selvagens em algumas canoas, e vendo cortada a fuga, bateram-se como desesperados, mas os índios e portugueses na sua ferocidade mataram até o último, frustrando assim o fim a que haviam ido enviados. Entretanto agora neste labirinto de águas, capturou a flotilha três índios numa canoinha; pertenciam a uma aldeia que os carapitenas haviam assolado, e iam como embaixadores pedir aos aliados socorro com que vingar a afronta recebida. Acompanharam-nos os portugueses à sua aldeia, que acharam em ruínas, como eles haviam dito. Já por este tempo se tinha derramado por toda a parte a notícia do armanento. Vendo o seu perigo, fugiram os guerreiros que tinham cometido esta última agressão mas Sousa, conhecendo o caráter dos selvagens, enviou pelos rios Negro e Amatari mensageiros, a oferecer prêmios a quem entregasse os delinqüentes, que assim pereceram às mãos daqueles mesmos de quem esperavam proteção. Bem exploradas as ilhas do rio em que navegava, feitas as possíveis observações, e marcados no mapa os baixios, seguiu a expedição até uma corredeira do Amazonas[3] só navegável indo o rio cheio o que não sucedia agora, pelo que foi necessário saltar em terra, abrir uma picada pelo mato, e por ela transportar sessenta canoas das mais leves deixando

atrás as outras. Chegando à primeira taba dos carapitenas, desembarcou Sousa, surpreendendo a povoação. Na vereda que a ela levava, se tinham escondido paus pontiagudos para estropiar ou empalar o inimigo, mas de pouco valeu o artifício, e após curta resistência foi abandonada a aldeia caindo muitos prisioneiros nas mãos dos vencedores. Destruídos outros muitos aldeamentos destes índios e tomadas todas as suas canoas entrincheirou-se Sousa à margem do rio, enviando Brás de Barros com duzentos homens, quase todos índios mansos a perseguir por terra os fugitivos. Por oito dias os foi este seguindo antes de poder alcançá-los e derrotá-los. Com este triunfo se regozijava a expedição quando trouxeram os esculcas a notícia de estar o inimigo reunindo o grosso da sua força em Caiçava, a dois dias de jornada dali a maior e mais forte de todas as tabas. Tendo dado diferentes destacamentos compunha-se o acampamento de escassos setenta portugueses e quatrocentos e setenta índios, mas eram todos homens escolhidos talhados para os mais duros serviços que de carne e osso pode exigir-se. Deixada uma guarda às canoas, marchou Sousa sobre Caiçava. Pelo caminho algumas escaramuças houve em que os índios portugueses não pouparam sexo nem idade. Aterrados à aproximação de tais inimigos, abandonaram os selvagens a sua aldeia, e por quinze dias se lhes deu caça através das florestas matando muitos, reservando muitos para a mais crua sorte do cativeiro.

Completa tinha Sousa a sua obra com aroaquizes e carapitenas. Do rio Negro lhe mandaram os crânios e os ossos dos braços e pernas de João Cascalho e doutro cacique seu camarada nesta rebelião como a coisa se chamou e da mesma forma foram mortos no Amatari aonde se haviam refugiado, outros caudilhos cuja morte se julgou necessária à segura navegação do Amazonas. Descobriu-se terem os franceses de Caiena subido até ao rio dos tamurás, escambando armas de fogo por gêneros e escravos, tráfico por que Sousa repreendeu severamente os índios admitindo-lhes contudo a escusa que pois aos portugueses era proibida a compra de cativos, outro meio não tinham de dispor dos seus prisioneiros. Por demais adiantada ia agora a estação para as projetadas operações contra os taguanhapes, pelo que se recolheu a flotilha a Belém sem ter perdido um só português numa campanha de seis meses. Mortos mais de mil índios, vinham em ferros metade deste número.

Teixeira, 2, 3, § 89-144

Tentativas de várias nações para colonizar a Guiana

Assunto de cada vez maior inquietação se ia tornando no Pará a vizinhança dos franceses. Do Prata ao Oiapoque reclamava Portugal o país em virtude da demarcação do papa Alexandre[4] mas não havia potência marítima que não lhe contestasse este título. Logo em princípios do século décimo sétimo tomou Robert Harcourt em nome de James I posse de todas as terras entre o Amazonas e o Orinoco para a Inglaterra, excetuadas somente as que então estivessem efetivamente ocupadas por outro qualquer príncipe ou Estado cristão, fazendo-lhe o rei a seu turno concessão de todo o território do primeiro destes rios ao Essequibo. Mas apesar de não haver talvez homem mais próprio para fundar uma colônia do que este fidalgo aventureiro, malogrou-se o plano sem que se saiba como. A impensada empresa de Raleigh, cujo objeto era o saque, não a colonização, encontrou a sorte que merecia, e das subseqüentes tentativas feitas por homens audazes de diferentes países para se estabelecerem nas imediações do cabo do Norte, e sobre o Amazonas, nenhuma relação nos resta além do extermínio que deles fizeram os portugueses. Numa das expedições de Raleigh observou Kreymiss o excelente ancoradouro de Caiena, a que pôs nome de Porto Howard. Também o reconheceu, notando quão defensável era. Aqui se fixaram alguns aventureiros franceses pouco depois do estabelecimento dos seus compatriotas em S. Kitts, não julgando prudente avizinhar-se mais do Cabo do Norte, por terem os seus predecessores naquelas paragens experimentado severamente de mais resoluta política dos portugueses na extirpação de todos os entrelopos. Nenhum mandato tinham eles da coroa, nem se achavam tampouco ao serviço de companhia alguma, e em lugar de procurar conciliar os naturais, o que teria sido fácil, como o mostrara o exemplo de Harcourt, envolveram-se nas contendas deles, pondo-se do lado dos galibes contra os cuaraíbes. Como os portugueses, eram estes franceses amestrados em tal gênero de guerra, mas os seus amigos foram derrotados, e destruídas as cabanas que eles haviam levantado, muitos foram feitos prisioneiros e comidos, dando-se por felizes com achar refúgio entre os seus aliados, naturalizando-se ali cidadãos das selvas. Os pouquíssimos que escaparam foram contar na França maravilhas das vantagens que o país oferecia. Formou-se em Rouen uma companhia que fazia sair uma expedição às ordens de Car-

Relação da viagem à Guiana. **Harl. Misc., T. 3, p. 196**

1595

1651

Des Marchais, T. 3, p. 75

los Poncet, senhor de Bretigny. O rei o nomeou lugar-tenente do país do Cabo do Norte, que, segundo a interpretação lata que se lhe dava, compreendia os rios Amazonas e Orinoco com todas suas ilhas e território intermediário.[5] Com trezentos a quatrocentos homens que levava, tentou Poncet formar estabelecimentos em Caiena, Suriname e Berbice, mas cruel por natureza caiu nessa insânia em que a embriaguez do poder absoluto precipita as índoles perversas, e tendo escapado a um levantamento dos seus, foi merecidamente morto pelos selvagens.[6] Enfurecidos atacaram então os naturais nos seus diferentes quartéis os franceses, dando a morte a todos, exceto uns quarenta, que fugiram para S. Kitts, e aí ficou mais uma vez abandonada esta mal-aventurada terra.

1643

Apesar destes reveses enviava a companhia de Rouen de tempos a tempos expedições pequenas, continuando ainda por oito anos depois da morte de Bretigny a manter um forte em Caiena, até que se formou nova companhia, alegando não haver a primeira desempenhado os seus compromissos para com a coroa. Arranjou-se isto por influência de Royville, fidalgo normando, que partiu à testa de setecentos aventureiros de todas as idades.[7] Dos associados acompanharam-no doze, como senhores da colônia. Conspirando contra Royville, assassinaram-no estes uma noite ainda em viagem, e animados do mesmo espírito começaram a intrigar uns contra os outros mal chegados a terra. Um deles foi decapitado por seus ferozes camaradas e outros três postos numa ilha deserta. Não tardaram a cair os selvagens sobre estes desgraçados, e na colônia uns sucumbiram à doença, outros morreram de fome, muitos foram postos ao fumeiro, e os poucos que sobreviveram refugiaram-se entre os ingleses senhores de Suriname. Poucos anos depois, achando Caiena assim abandonada, ocuparam-na os holandeses para a Companhia das Índias Ocidentais. Tinha o comando Guerin Spranger, homem admiravelmente qualificado para semelhante cargo: conteve os naturais em paz, ensinando-os a respeitarem-no, fortificou contra eles a ilha, fez plantações de anil e cana-de-açúcar e dera princípio já um lucrativo comércio com a Holanda, quando Luís XVI, criando nova Companhia da França Equinocial, deu a esta todo o território entre os dois grandes rios e nomeou Le Fevre de la Barre comandante-chefe e governador de Caiena. Não estava a Holanda então em guerra com a França, mas

Paul Boyer. Du Tertre. Des Marchais

Estabelecem-se os franceses em Caiena

1653

1656

para o gabinete francês nunca foi isto consideração de muito peso, e cinco navios largaram com mais de mil pessoas a bordo entre colonos e soldados. Não teve Spranger outro remédio senão capitular com as melhores condições que pôde, e aproveitando-se dos felizes trabalhos dos holandeses, acharam-se os franceses senhores duma colônia agora definitivamente fundada. Dois anos depois tomaram-na e assolaram-na os ingleses, mas reocupada imediatamente pelos franceses, começou a florescer durante a paz de Breda. Na guerra que se seguiu, apoderaram-se os holandeses deste infeliz estabelecimento, e cansados de tanta mudança submeteram-se aos vencedores os habitantes, conservando seus bens como súditos da Holanda. Daí a pouco foram as colônias francesas tiradas às companhias e anexadas à coroa, e saindo então contra Caiena com uma armada de quatorze velas, desembarcou o conde d'Estress oitocentos homens para investir a praça já tão fortificada, sobre ter sido bem defendida, que a conquista lhe custou cento e cinqüenta vidas.

1664

1666

1675

1676

Mal se viram na tão perturbada posse desta disputada colônia, começaram os franceses a entrar por casa dos vizinhos. Tentaram penetrar no Amazonas, mas vedou-lhe o capitão de Curupá. Cinco franceses que os jesuítas acharam muito pelo sertão adentro a traficar em escravos, foram reenviados ao seu governador com cartas tanto para este como para o superior das missões francesas, representando contra a intrusão nos domínios portugueses e perversidade do tráfico a que se entregavam aqueles homens. Da mesma forma recambiou Gomes Freire outros dois, encontrados na mesma vocação, e escreveu vindicando os direitos da coroa portuguesa. Por isto o louvou el-rei, ordenando-lhe que mandasse Antônio de Albuquerque com um engenheiro e outras pessoas práticas do país, a delinear na capitania do Cabo do Norte as fortificações que parecessem convinháveis. De novo tinham sido as aldeias repartidas pelas diferentes ordens religiosas, as desta capitania pertenciam aos capuchos de S. Antônio, ramo da família franciscana, e ao governador se recomendou que dos serviços deles se valesse bem como dos jesuítas, que naquelas partes andavam fundando uma missão nova. Com o auxílio deles se esperava poder estorvar os missionários franceses de ter comunicações com os aruãs, tão zelosa a

Aitzema, T. 5, p. 275. Des Marchais, 3, p. 88-96

Entram os franceses em território português

corte da sua dominação na América que ao empenho pela salvação das almas sobrepujava o ciúme.

Os despachos que traziam estas instruções informavam conjuntamente o governador de achar-se Artur de Sá Meneses nomeado para suceder-lhe, com ordem porém, como especial deferência para Gomes Freire, de não assumir o governo antes da partida deste. Não o achando no Maranhão cometeu Artur de Sá um erro, de que depois se arrependeu, e foi, deixadas a bordo como por esquecimento as suas credenciais, tomar posse sem apresentá-las. Ao aparecerem elas viu-se que se a câmara andara errada reconhecendo-o sem ter visto o documento autêntico, obrara ele deliberadamente contra as ordens que trazia, e cônscio disto não tomou sobre si mais ato algum de autoridade. À sua chegada a Belém recebeu Gomes Freire com desagrado as desculpas da câmara que o acompanhava, mas tratou o seu sucessor com cortesia e magnificência, dissimulando até melhor ocasião o seu ressentimento. Por ordem d'el-rei entregou-lhe uma minuciosa relação do estado da colônia, descendo até a indicação do caráter dos principais moradores, apontando quais os homens em que se podia confiar, e quais aqueles sobre quem convinha ter olhos vigilantes. Despachada a comissão às ordens de Antônio de Albuquerque, e aviados todos os negócios públicos, entregou Gomes Freire o governo manifestando então quanto o magoara o proceder precipitado do sucessor com recusar ir ao lado dele debaixo do pálio no ato da posse, como fora sempre costume, e tomar na procissão lugar entre os nobres. Os poucos dias que até a sua partida mediaram, passou-os despedindo-se dos amigos e recolhido com o confessor a pôr em ordem os seus negócios espirituais antes de entregar-se aos incertos mares. Pouca bagagem tinha que embarcar, havendo-se desfeito da sua baixela para socorrer os soldados e aprestar as entradas no sertão. Nenhum governador antes dele deixara tantas saudades. A câmara do Pará dirigiu a el-rei uma carta, dizendo que jamais dele recebera agravo, era agora que Sua Majestade mandava um sucessor a Gomes Freire, e o procurador em Lisboa teve ordem de diligenciar dois retratos deste homem distinto, para os paços municipais de Belém e S. Luís.[8]

Chega sucessor a Gomes Freire

1687

Ao marquês das Minas sucedera entretanto Matias da Cunha como governador-geral do Brasil. Não tinha a peste cedido inteira-

mente, e foi não ser ela de natureza que pudesse ser transportada para a Europa, pois que desta moléstia morreu em viagem para o reino o filho mais velho do marquês. Assinalou-se a nova administração por um ato de justiça, coisa assaz rara em governo português, para excitar admiração quando ocorre. Fernão Bezerra Barbalho, fidalgo pernambucano e coronel do exército,[9] assassinou sua mulher e três filhas, e assassinaria quarta, se uma criada fiel não escondesse a criança. Não fora loucura a causa deste ato atroz, mas um falso sentimento de honra, nascido de alguma suspeita cega, e a atuar sobre um coração malvado, e para se tornar mais horrendo o atentado, o filho mais velho ajudou à matança da mãe e das irmãs. Escapou este último à vingança terrestre mas fora tão inaudito o caso que nem no Brasil se deixou passar impune. Preso e levado à Bahia, ali foi Bezerra decapitado, remetendo-se a cabeça para um engenho que o justiçado possuíra na Várzea, onde fosse exposta no mesmo lugar que presenciara o crime.

Teixeira, 2, 3, § 148-165
Berredo, § 1 348-58

Matias da Cunha, governador-geral

Selvagens do sertão da capitania infestavam por este tempo o Ceará. Uma junta civil, militar e teológica, reunida na Bahia, declarou as agressões deles causa justa de guerra, adjudicando os prisioneiros à escravidão nos termos da Lei de D. João IV; e conseqüentemente de Pernambuco, Paraíba e do Potengi se enviou uma expedição a exterminá-los. Com muito vigor e brilhante sucesso foi feita a guerra, ficando o país tão limpo, que não mais tornou o Ceará a ser infestado, segurança para que por sem dúvida não pouco concorreu o estabelecimento dos portugueses no Piauí.

Rocha Pita, 7, § 47-51
Cartas de Vieira, T. 2, p. 566

O Ceará expurgado de selvagens

Bem foi ao Brasil achar-se Portugal então em paz, que nunca se vira tão indefeso o país. Aberta a qualquer invasor, estava a Bahia sem fortificações, sem armas, sem provisões, grandemente reduzida pela peste a sua população, e a guarnição composta quase totalmente de indisciplinados nem metade era do número prefixado. Entretanto infestavam piratas a costa, dizendo-se que esta raça de desesperados tentara estabelecer-se à foz do Prata na margem austral. Mal escolhido o local, fa-

Rocha Pita, 7, § 52-53

Estado indefeso do Brasil

lhou a tentativa. Eram pela maior parte franceses, sendo alguns fidalgos desta nação encontrados a sondar os portos do Brasil e adestrar os selvagens no manejo das armas de fogo. Repetidas vezes se representou à corte o estado indefeso destas colônias, pedindo-se-lhe instantemente armas e munições, mas os mesmos ministros que com rigor cobravam os tributos pareciam esquecer assistir-lhes a eles igual dever de proteger. Era por isto que Vieira dizia não marcharem as coisas para a ruína, mas acharem-se já arruinadas, e que aquele Brasil, que era quanto lhes restava, só o teria Portugal enquanto ninguém se lembrasse de tomar-lho. Neste estado, diz ele em outra parte, aconselham-nos os prudentes que nos vistamos de algodão, comamos mandioca, e tomemos arco e setas à falta de outras armas, de modo que brevemente recairemos na vida selvagem, tornando-nos índios em vez de portugueses.

Cartas T. 2, p. 347

Cartas T. 2, p. 382

Poucos meses tinha ainda de governo, quando caindo com a peste, e desesperado da vida, convocou Matias da Cunha ao seu aposento o senado da câmara, que lhe elegesse sucessor. Saiu eleito para repartição política e militar o arcebispo D. Fr. Manuel da Ressurreição, e para a da justiça o Dr. Manuel Carneiro de Sá, chanceler da Relação. Como tivessem nove meses de soldo atrasado, e soubessem o governador no seu leito de morte, aproveitaram-se os soldados barbaramente do ensejo para amotinando-se exigir o que se lhes devia. Declarando que se aquele mesmo dia os não pagavam, saqueariam a cidade, principiaram logo por ir despojando, em prova de não ser vã a ameaça, quem pelas ruas levava gêneros alimentícios. Eram os membros da câmara mais particularmente ameaçados por serem naquele tempo os pagadores. Esgotados todos os meios de persuasão, clamaram os oficiais igualmente em vão contra a barbaridade de assim se atormentar o general moribundo. É que a humanidade não acha acesso aos ouvidos e corações de uma tribo tumultuária. Tiveram os vereadores de pedir o dinheiro emprestado como puderam, e satisfazer quanto antes a tropa, mas dos oficiais nenhum quis receber o que lhe tocava, protestando todos contra tão feia ação e declarando-se prontos a esperar até que sem inconveniente pudesse pagá-los o governo. Conseguido assim o seu fim, recusaram as praças separar-se e voltar ao seu dever, enquanto lhes não dessem um perdão por escrito, assinado pelo governador en-

Morte de Matias da Cunha

1688

quanto estava vivo e pelo arcebispo que tinha de suceder-lhe. Como último ato da sua vida viu-se Matias da Cunha obrigado a assinar este papel, expirando imediatamente depois, e os soldados, que tão brutalmente lhe haviam perturbado os derradeiros momentos, entraram na cidade e assistiram-lhe ao funeral.

Não tardou a corte a nomear para o cargo assim vago Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, que estava governando Pernambuco. Fazendo cumprir as leis seguiu este governador de muitos nomes o bom exemplo do seu antecessor. Tinham em Porto Seguro cinco homens de boas famílias em volta de si um bando de malfeitores, a cuja frente tiranizavam aquela capitania, perpetrando impunemente ultrajes e crimes de toda a casta dentro da mesma vila e às barbas das autoridades. Contra estes celerados audazes ninguém tinha seguros os bens, a mulher, a filha ou a existência. Mal a si mesmos se podiam defender os oficiais civis e militares, pelo que ao governador-geral pediram socorro, como contra público inimigo. Enviou-lhes este um juiz com um destacamento de cinqüenta homens escolhidos. Tendo antes de entrar no porto consultado com o capitão-mor e o juiz ordinário, saltou o juiz da alçada de noite em terra, sendo tão bem guiado por alguns moradores, que surpreendidos os cinco cabecilhas, foram apanhados vivos apesar da desesperada resistência que opuseram. Tendo sido enviados a alguma nefária missão, fugiram para o sertão os sequazes mal souberam da prisão dos chefes e nunca mais deles se soube. Levados para a Bahia, foram ali enforcados e esquartejados os presos, voltando as cabeças para serem expostas no teatro das suas enormidades. Produziu bom efeito este salutar exemplo.

Rocha Pita, 7, § 55-60

Restabelece-se a ordem em Porto Seguro

1690

Nem foi esta administração de justiça o único melhoramento que teve o Brasil. Com muita perseverança e com o auxílio de contribuições caridosas, conseguiu o jesuíta Fr. Alexandre de Gusmão, homem de elevado caráter, e geralmente estimado pelo seu muito saber, fundar um seminário em Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, a quatorze léguas da Bahia sobre um rio do mesmo nome. Depressa cresceu o estabelecimento, afluindo a ele crianças de todas as partes do Brasil.

Rocha Pita, 7, § 71-6

Entretanto crescia rapidamente o comércio em extensão e importância. Em 1688 foi a frota da Bahia a maior que jamais largara daquele porto e contudo deixou carga em terra por falta de capacidade para recebê-la. A conseqüência foi ficar abarrotado o mercado de Lisboa, baixando tanto os preços que no ano seguinte muitos engenhos pararam. Excesso de empresa prova contudo achar-se em atividade o espírito que torna prósperos os povos. Como melancólico sinal da perda das conquistas lamenta Vieira ter-se por este tempo convertido em Lisboa a Casa da Índia em Casa do Brasil, mas se a alteração provava a que estado se achava reduzido o império dos portugueses na Índia, provava conjuntamente a crescente importância de um país que não lhes podia ser arrancado da mesma forma. Tão grande era agora o tráfico entre Buenos Aires e o Brasil, que quando da errada política de ambas as cortes de mútuo acordo ficaram mortas nas mãos dos negociantes de Nova Colônia mercadorias no valor de trezentos mil cruzados, e o dobro no Rio de Janeiro.

Aumento do comércio

Cartas, T. 2, p. 417

Cartas de Vieira 2, 449

A Antônio Luís sucedeu D. João de Lencastro. Dando-se afinal ouvidos às repetidas representações sobre o estado indefeso da Bahia, foram fortes reparados neste governo. Já outras três povoações do Recôncavo tinham crescido a ponto de serem arvoradas em vilas, e uma delas se formou à roda do seminário de Fr. Alexandre de Gusmão. Em estado de exigir pronto remédio se achava no Brasil o meio circulante.[10] A grande exceção tinha sido levada o costume de cercear a moeda, mas afinal, reconhecida a ineficácia das leis penais, pôs-se-lhes termo, não deixando correr senão a que tivesse serrilha.[11] Mas a moeda que no Brasil corria por 640 réis valia 750, e assim se derretiam, e mais ainda se exportavam para Portugal, para onde faziam as remessas em boa espécie todos os que ali tinham processos pendentes, cargos civis ou eclesiásticos que comprar, ou filhas que meter freiras. Não podia isto assim continuar por muito tempo sem causar escassez de numerário. Para remover a causa do mal mandou-se correr a moeda pelo seu peso, mas logo reapareceu na circulação a cerceada, e por intolerável se reconheceu o inconveniente de andar sempre pesando a prata. Finalmente a representação do governador Antônio

Moeda

1694

Papel de Ant. Luís Coutinho. Ms. Vieira, Cartas, 3, 399

Luís, e instante petição do senado da câmara da Bahia, e em despeito da oposição que em Portugal se fazia à medida, enviou el-rei pessoas que batessem moeda colonial, para só correr no Brasil. De ouro se cunharam três, a moeda de 4$000, e meia moeda e o quartinho, e de prata seis, de duas patacas, pataca, meia-pataca, quarto, dois de um vintém. Julgou-se arriscado lavrar na Bahia a moeda para Pernambuco e Rio de Janeiro, transportando-a por mar, pelo que sucessivamente passou a oficina a estas duas capitanias. No fim de quatro anos, preenchido o seu fim, levantou-se a Casa da Moeda.

1690

Rocha Pita, 8, § 4-18

Trouxera o novo governador instruções para no sertão da Bahia explorar uma mina de salitre, que se esperava tornasse desnecessário importar da Ásia este artigo. Confiando inteiramente no bom resultado levou ele consigo logo uma companhia completa de gente para extrair o mineral, e desembarcando na vila da Cachoeira no Recôncavo, deu-se princípio à jornada por terra. Muito pelo interior adentro jaziam as minas, para tornar acessíveis as quais cumprira abrir caminhos. Ensaiaram-se elas em quatro lugares diversos, construíram-se obras, e em sacos de couro se mandou para a Bahia o nitro; não tardaram porém a reconhecer-se as despesas e inconvenientes de um transporte de trezentas milhas por terra, abandonando-se o pouco judicioso projeto.

Minas de salitre abertas e abandonadas

1694

Rocha Pita, 8, § 19-25

Era por este tempo Caetano Melo de Castro governador de Pernambuco. Tinham agora adquirido forças e ousadia no correr de mais de sessenta anos os negros dos Palmares[12] que, fugindo à escravidão, ali se haviam estabelecido no princípio da guerra holandesa. Não se vendo atacados pelos portugueses, tinham eles mesmos tomado a ofensiva, infestando os distritos de Porto Calvo, Alagoas e S. Francisco do Penedo, e até lugares mais próximos ainda da sede do governo. Engrossavam-lhes continuamente o número de escravos, que buscavam a liberdade, e homens de cor, que fugiam à justiça. Comunidade assim recrutada carecia de proporcional suprimento de mulheres, e como os primeiros romanos não tinham estes negros outros meios de obtê-las senão à força. Onde quer que caíam levavam negras e mulatas, tendo por suas mulheres e filhas os portugueses de pagar

Negros dos Palmares

resgate em armas, dinheiro ou no que exigia o inimigo. A única narração que existe da breve mas memorável história deste povo, foi escrita por aqueles que o exterminaram, mas faz-lhe inteira justiça, nem poderá ser lida sem um tal ou qual sentimento de respeito pelo caráter daquela gente e de compaixão pela sua sorte.

Tinham os negros dos Palmares o seu chefe eletivo, que escolhido tanto pela sua índole justiceira como pelo seu valor, ocupava por toda a vida o cargo. Por conselheiros tinham quantos sendo dotados de experiência, gozavam da boa nomeada, e de todos lealmente obedecido, jamais para empolgar o poder houve conspirações e lutas. Talvez que para esta obediência concorresse um sentimento religioso, pois que Zumbi, o título que lhes davam, é o nome que na língua de Angola designa a divindade.[13] Conservavam estes negros o símbolo da cruz, algumas meio esquecidas orações, e umas poucas de cerimônias que haviam misturado com superstições de sua própria lavra, ou restos da antiga idolatria africana, ou invenções do atual estado de liberdade. Tinham também seus oficiais e magistrados. O roubo, o adultério e o assassinato eram igualmente punidos com a morte, cabendo a mesma pena ao escravo que tendo-se ligado a eles era apanhado em tentativa de deserção, mas considerados cativos os que eles apreendiam, eram tratados com menos severidade se tentavam evadir-se. Com os despojos dos portugueses se ataviavam as principais personagens de ambos os sexos, fazendo os negros além disto um tráfico regular com alguns pernambucanos, que pela dupla vantagem de não serem assaltados e enriquecerem-se em despeito da lei, lhes forneciam armas, munições e artigos europeus de toda a classe em troca dos produtos que cultivavam e do ouro, prata e dinheiro que nas suas incursões adquiriam. Neste proibido e criminoso comércio eram os escravos os agentes.

Governo e instituições dos negros dos Palmares

Rocha Pita, § 24-32

Grave, gravíssimo se tornara o mal. Alguns escravos que logravam evadir-se dos Palmares voltando aos senhores que amavam, descreviam aquele ajuntamento como tão formidável pelo seu número, como pela sua coragem, organização e força da sua cidade, de modo que por muitos anos consideraram os governadores por demais aventuroso cometimento atacá-lo, e contentando-se com promulgar leis que impossível era fazer

Resolve o governo de Pernambuco acabar com os negros dos Palmares

cumprir, foram deixando aos seus sucessores o mal e a responsabilidade. Resolveu Caetano de Melo fazer um vigoroso esforço para extirpá-los antes que se tornassem por demais poderosos estes inimigos, e recorreu ao governador-geral solicitando o auxílio de Domingos Jorge[14], mestre-de-campo de um regimento de paulistas então estacionado no Pinhancó, sertão da Bahia. Recebeu este oficial ordem de marchar para Porto Calvo, efetuando ali uma junção com as tropas de Olinda e do Recife e ordenança da terra. Abalou-se ele com mil homens, sendo a maior parte necessariamente índios, resolvido a passar de caminho pelos Palmares, supondo-se assaz forte para sem mais preparativos dar conta da empresa. Da natureza das guerras em que até agora andara, lhe vinha esta presunção, sem que olhasse a diferença entre o caráter do índio e do negro. Só o aspecto da cidade, que tal nome merecia, bastaria para convencê-lo do seu erro. Dupla estacada do mais rijo pau que produzem as florestas do Brasil, fechava num circuito de quatro a cinco milhas uma população de mais de vinte mil pessoas.[15] Muitos baluartes fortificavam as obras de defesa: três únicas portas havia, postas a iguais distâncias, cada uma com sua plataforma, guardada constantemente por um dos melhores oficiais. Espaçoso e não sem uma espécie de rude magnificência era o palácio do Zumbi, e cômodas e esplêndidas à sua moda as casas. Havia dentro do cercado um lago com abundante peixe e também rios correntes, cuja água porém devia ser saburosa ou salgada, pois que os moradores abrigam nascentes ou ante desses poços baixos, que chamam cacimbas, o que pressupõe poder só a filtração torná-la potável.[16] Também dentro daquele recinto se erguia uma altíssima rocha, que servia como torre de vigia, ou atalaia, e de cujo cimo se avistavam ao longe algumas vilas e fazendas pernambucanas, sendo Porto Calvo a mais próxima. Dos muitos cacauais plantados à volta chamava-se Palmares a povoação. Além desta, sua capital, tinham os negros muitos postos menores, ditos mocambos, em que os homens escolhidos estavam de guarnição para defesa das plantações. Variadas eram suas armas, tão destros eles no manejo do arco e da lança como da espada e do mosquete.

Rocha Pita, 8 § 33-9

Em frente desta cidade assentou o paulista o seu campo com o pôr de mais de quem olha como raça inferior os seus inimigos. Dois dias ali esteve não molestado, espreitando

A divisão paulista obrigada a retirar-se

ambas as parcialidades a ocasião de atacar com vantagem. No terceiro andava a gente dele entretida em saquear um bananal, quando os negros fizeram uma surtida em grande força. Reuniu Domingos Jorge como pôde a sua tropa e bateu-se com a sua costumada intrepidez, seguindo-se tão renhido combate, que de uma e outra parte houve mais de oitocentos mortos e feridos. Nesta ação aprendeu cada bando a respeitar o seu antagonista, e Jorge deu-se por feliz com poder retirar-se em boa ordem sobre Porto Calvo. Aqui se reuniu uma força de seis mil homens às ordens de Bernardo Vieira de Melo, a quem por ter derrotado e exterminado um destacamento grande destes negros se dera o comando. Olinda, Recife e as vilas daquela banda tinham levantado três mil homens, inclusive dois regimentos de linha, oferecendo-se muitos dos mais ricos moradores a ir nesta expedição como voluntários.

As Alagoas, S. Francisco do Penedo, S. Miguel e Alagoas do Norte forneceram mil e quinhentos. Porto Calvo e a divisão paulista preencheram o número. Alerta estavam entretanto os negros avisados do perigo que os ameaçava, pela primeira prematura tentativa, e abandonando todos os seus mocambos, e destruindo fora do circuito quanto podia servir de alimento ao inimigo, concentraram na cidade toda a sua força, que se diz ter subido a dez mil combatentes.

Cerco e tomada dos Palmares

1695

Reunido assim o exército português, foi sem demora acampar diante das fortificações, postando-se Bernardo Vieira defronte da porta do meio, o paulista defronte da que ficava à direita do general, e à esquerda o sargento-mor Sebastião Dias, que comandava a divisão das Alagoas. Providas de escadas tentaram as tropas escalar a praça, mas foram rechaçadas com considerável perda, tendo-se empregado na defesa setas, água a ferver, armas de fogo, e fachos. Em poucos dias exauriram as suas munições os negros, com o seu tráfico de contrabando não se podiam ter provido de quantidade bastante para semelhante cerco. Por outro lado tinham vindo sem artilharia os portugueses, que debalde tentavam forçar as portas e romper pela estacada: nestes assaltos perdiam muita gente até que enviaram mensageiros ao governador, pedindo reforço e canhões, sem os quais impossível seria entrar à praça. Tornou-se agora de sofrimento a luta entre as duas parcialidades. Começavam os negros a sentir a falta de armas de arremesso e de mantimentos também, mas os portugueses

achavam-se à meia ração; não acostumada esta geração às privações e hábitos da guerra esperavam os negros todos os dias vê-la na sua impaciência quando da rocha que lhes servia de torre de vigia, avistaram grandes comboios de gado, cavalos carregados e carretas, a vir do Penedo, pelo rio S. Francisco, das Alagoas e de S. Miguel. A esta vista esvaiu-se-lhes a última esperança, e como se a fome lhes houvesse atenuado as forças, quando os portugueses animados com esta chegada e com o socorro que pelo mesmo tempo receberam, tentaram de novo romper a machado a estacada, pouca resistência lhes opuseram. Vendo forçadas as três portas, retirou-se o Zumbi com os mais resolutos dos seus sequazes para a coroa da rocha, e dali, preferindo a morte à escravidão, arremessaram-se ao precipício... homens dignos de melhor sorte pela sua coragem e pela causa por que combatiam. Estava o governador a ponto de sair do Recife com um reforço de dois mil homens e seis peças de artilharia, quando lhe chegou a notícia da conquista, parecendo esta de tal importância que das janelas do paço do governo se atirou dinheiro, e em ação de graças saiu uma procissão pelas ruas da cidade. Nas suas conseqüências para os vencidos assemelhou-se esta guerra às da Antigüidade, sendo reduzidos à escravidão todos os sobreviventes. Separou-se para a coroa um quinto, e o resto repartiu-se como presa pelos soldados, sendo transportados para partes remotas do Brasil ou para Portugal todos os que pareceram capazes de fugir ou de vindicar a sua liberdade. Ficaram as mulheres e as crianças, cruelmente separadas de seus pais umas, dos maridos as outras. A necessidade de extirpar das próprias fronteiras semelhantes inimigos é clara e indisputável, mas nascera do nefando sistema da escravidão, e por certo poder-se-ia com mais humanidade ter usado da vitória.

Rocha Pita, 8 § 38-48

Disputas com o governador de Caiena

Entretanto sucedera a Artur de Sá no governo do Maranhão e Pará Antônio de Albuquerque. Governador da colônia francesa de Caiena era então Ferrol, que, conforme as idéias ultra-ambiciosas de Luís XIV escreveu a Albuquerque para que se demarcassem definitivamente os limites entre as duas coroas, reclamando ele logo para a de França todo o território ao norte do Amazonas. Respondeu o português que quanto à demarcação de limites era matéria que tocava às respectivas cortes, sendo dever dele governador manter intacto o território que lhe

1691

fora confiado, como havia sido aos seus predecessores, e que compreendia sem dúvida alguma ambas as margens do rio, e todo o sertão. Não se sentiu Ferrol assaz forte para aventurar uma luta imediata, mas persistindo no intento, adiou o projeto. Tinha Albuquerque ultimamente erigido no cabo Norte o forte de S. Antônio de Macapá sobre as ruínas de Camamu, que seu tio Feliciano Coelho tomara aos ingleses. Passado algum tempo, enviou Ferrol uma expedição contra esta praça, que se rendeu sem resistência, e depois negociando e fazendo ao mesmo tempo a guerra, segundo o costume da sua nação, mandou a Albuquerque um comprido memorial, justificando agressão sob pretexto de achar-se o forte dentro dos limites da colônia francesa. Em resposta declarou Albuquerque que se quisesse Ferrol sustentar uma praça tão injustamente tomada, iria ele em pessoa reclamá-la com os argumentos da guerra, que sendo os mais sumários, eram também os que melhor cativaram a atenção, e logo fez sair Francisco de Sousa Fundão com cento e sessenta soldados e cento e cinqüenta índios escolhidos a restaurar a fortaleza. Com maior valor do que discrição ocupou este oficial uma ilha fronteira ao forte e a tiro de canhão, tomando posição a coberto da floresta, mas em desordem tal que um punhado de homens o poderia ter surpreendido e derrotado. Eram porém poucos os franceses, e demasiadamente receosos pela própria segurança para se aproveitarem da imprudência alheia. Havia na baía uma canoinha de pescaria, de que a guarnição dependia até certo ponto para obter víveres. Desejava Sousa apoderar-se dela, para que não fossem os franceses por este único meio mandar pedir reforço a Caiena, mas ao propor a empresa à sua gente, a todos fechou a boca o perigo manifesto e evidente. Então escolheu ele um, e foi Miguel da Silva, que lhe declarou não se haver oferecido antes para esta diligência, por ter a obediência por seu primeiro dever, mas como o capitão lhe dissesse que escolhesse companheiro, recusando arriscar vidas além da sua, atirou-se logo à água. À luz do dia e debaixo de uma chuva de balas de mosqueteria nadou ele para a canoa, desamarrou-a, e a salvo voltou com ela.

1697

Trouxera Sousa para Ferrol uma carta, que devia entregar ao comandante da fortaleza antes de começar as operações, mas ansioso por tomar o forte nem dela se lembrou, e desembarcando na terra firme, postou a sua gente por detrás de uma olaria a tiro de pistola das

muralhas, e tendo recebido um reforço pequeno trazido por João Muniz de Mendonça, correu precipitadamente ao assalto. A primeira dificuldade rebateu este espírito impaciente, e com tão pouca imprudência como mostrara na investida se teria Sousa retirado agora, se João Muniz não recusasse obedecer dizendo que apesar de ter sido precipitado o assalto era tarde demais para a retirada, achando-se comprometida a honra. Afinal foi entrado o forte, perecendo no combate mais de um quarto da sua guarnição.

Não perdeu Albuquerque tempo em fortificar e segurar a praça, devolvendo-se agora às duas cortes na Europa a questão que o apelo para a espada deixara no mesmo pé. Em Lisboa foi o embaixador francês clamoroso nas suas exigências. Gomes Freire foi chamado à corte para este negócio. Encontrava-se ele por acaso com o ministro francês numa sociedade particular, e recaindo a conversação sobre os direitos das duas coroas, observou o francês, tomando calor na disputa, que seu amo não tinha então emprego para as suas armas; se se recusassem estas terras à razão e a cortesia, teriam de ser cedidas à força; e que todo o Maranhão não seria mais que um almoço para a França. Com verdadeiro arrojo português respondeu Gomes Freire que se queriam os franceses ali almoçar, pediria ele licença a el-rei seu amo para ir preparar-lhe os guisados. Interesses mais momentosos da política européia suspenderam a disputa, e ao subir a um trono contestado de bom grado compraram Filipe V e seu avô a neutralidade de Portugal desistindo destas pretensões por parte da França, e cedendo, pela da Espanha, todos os direitos sobre a Nova Colônia e as ilhas de S. Gabriel.[17]

Berredo, § 1 363-138. Teixeira, 2, 3, § 207-212 e 215-224

Alterações municipais

Algumas mudanças tiveram por este tempo lugar no Brasil no sistema municipal e judiciário. Pareceu pouco decoroso que tendo sido desde muito ampliados à câmara da Bahia os privilégios das de Lisboa e Porto, não tivesse ela senão juízes ordinários da vara vermelha como as outras, exigindo aliás a riqueza e importância da capital do Brasil que se lhe dessem magistrados de superior categoria. Nomearam-se pois um juiz de fora e um ouvidor da comarca. Também a Pernambuco e ao Rio de Janeiro se deram juízes de fora, com os quais e com os ouvidores letrados deviam os governadores, em razão da distância a que ficavam da sede da justiça na Bahia, regular

anualmente os negócios da câmara, e prover os ofícios. Até então nomeavam as câmaras para os seus próprios cargos, designando para cada um três pessoas, cujos nomes eram enrolados em outras tantas bolinhas de cera, decidindo depois a sorte a ordem de sucessão dos três anos consecutivos.[18] Na capital passaram estas nomeações para o Desembargo do Paço. Já a população de Pernambuco tinha crescido tanto que a pedido dos moradores foi a província dividida em duas comarcas, erigindo-se a vila das Alagoas em cabeça do novo distrito.

1697

Rocha Pita, 8, § 50-53

Muito tinham as leis já feito a favor dos índios, mais do que elas porém contribuiu para alívio deste povo desde tanto oprimido a introdução de outra raça mais robusta e, se é possível, mais oprimida, vinda da África. Em todas as capitanias, com a única exceção de S. Paulo, se declarava livre o índio que reclamava a sua liberdade, embora tivesse sido escravo desde o berço e seus pais antes dele, contanto que no cabelo não mostrasse lanosidade que indicasse mistura de sangue de negro. Era na verdade transferir o mal de uma raça para outra, e talvez aumentá-lo consideravelmente com a transferência, mas sempre era um passo dado para o melhoramento: estabelecera-se um princípio, e mais cedo ou mais tarde se reconheceria a inconseqüência de deixar subsistir a escravidão debaixo de qualquer forma que fosse. Após tão longa luta entre o bem e o mal já não era pequeno melhoramento este: a outros respeitos descreve Vieira o Brasil como apresentando uma imagem viva da mãe-pátria. Parecia-se com ela, diz ele, em preparar-se para a guerra sem gente nem dinheiro, em ricas colheitas de vícios sem reforma, em desenfreado luxo sem cabedal, em todas as outras contradições do espírito humano.

Melhoram de condição os índios

Vieira, *Cartas*, 2, 476

O calmo clima da Bahia aliviara Vieira de todas as enfermidades, exceto da que é incurável, a velhice, prolongando a sua existência mortal até ao extraordinário termo de noventa anos os últimos dos quais foram contudo de mágoas e penas, quase extinta a vista, duro o ouvido, febre lenta, e longas noites de insônia e sofrimento. Os últimos prazeres de que ainda pudera gozar, haviam sido os da leitura, e contemplação do sacramento em que, segundo a doutrina da Igreja romana, julgava presente o seu Deus e o seu Redentor: mas agora nem podia mais ficar na capela nem aliviar

Morte de Vieira

1696

com livros o pesado fardo do tempo. Setenta e cinco anos tinha ele pertencido à Companhia de Jesus quando lhe soou a desejada hora do descanso, e adormeceu no Senhor, sobrevivendo-lhe apenas um dia seu irmão Gonçalo, igualmente fatal para ambos a mesma moléstia. Tinha Vieira transposto tanto os vexames como os gozos da vida: os seus inimigos tinham adiante dele sido chamados a contas, e reconhecidas e respeitadas como mereciam eram suas virtudes e talentos. Já amortalhado lhe tiraram o retrato. O governador e os dignitários do clero secular e regular o levaram à sepultura, e os maiorais e membros mais distintos de todas as ordens religiosas lhe seguiram o saimento. O conde de Ericeira lhe mandou celebrar exéquias em Lisboa na igreja de São Roque com toda pompa possível de música, tochas, eça e armação, e a elas assistiu toda a casa real, bem como as cortes então reunidas para tomarem o juramento ao príncipe do Brasil.

Rocha Pita, 8, § 54-57. André de Barros, 4, § 231-271

Tumultos no Maranhão por causa do bispo

1697

Disputas eclesiásticas de bem diferentes naturezas agitaram agora o Estado do Maranhão[19], antigo teatro dos trabalhos cristãos de Vieira e das suas lutas com as autoridades civis. Dera-se esta diocese a Fr. Timóteo do Sacramento, frade da ordem de São Paulo, o eremita, e nem mesmo Cárdenas assumira o seu cargo com mais extravagantes noções da sua jurisdição episcopal. Sem lhes instaurar o menor processo ou admitir qualquer escusa, metia gente na cadeia por viver em estado de concubinato, impondo aos delinqüentes as mais exorbitantes multas. Queixaram-se os moradores de São Luís ao governador Antônio de Albuquerque, que, depois de ter sem resultado advertido o prelado, julgou necessário recorrer às leis, enviando àquela cidade o ouvidor-geral Mateus Dias da Costa, para que este caso não pudesse convencer o bispo da impropriedade do seu procedimento, proporcionasse ao povo recursos legais. Sendo também juiz do tribunal da coroa, de cuja alçada eram as contravenções desta espécie, requereu este magistrado em três cartas sucessivas e com o devido respeito ao bispo, que soltasse os presos, devolvendo o processo nos termos da lei ao tribunal competente. Como fosse altiva e recusadora a resposta, mandou o ouvidor pôr em liberdade as pessoas assim ilegalmente presas. Mas o bispo era homem para ter sido papa nos dias dos guelfos e gibelinos, e

ameaçando o ouvidor com as censuras da Igreja, se dentro de certo termo não anulasse os seus atos, deixou passar o prazo, e depois excomungou-o efetivamente. Mas entretanto apelara o ouvidor contra as censuras perante o padre Fr. Antônio do Calvário, que parece ter exercido algum cargo eclesiástico, em virtude do qual podia suspendê-las. Com isto tão exasperado ficou o bispo que lançou um interdito geral e local. O ouvidor, requisitando auxílio do capitão-mor João Duarte Franco, pôs cerco ao bispo. O que se passara no Paraguai bem o pudera ter resignado tanto do perigo como da inutilidade de semelhantes medidas. Logo percebeu ele que os soldados obedeciam forçados e com manifesto medo, e assim recorreu no segundo dia ao sistema de redução por meio da fome, pregando as portas ao bispo. Não tinha o prelado abastecida a casa para um bloqueio, e concordando em devolver toda a matéria ao governo do reino, levantou o interdito, levantando também o ouvidor o cerco.

Morte do ouvidor

Arranjado assim o negócio, voltou o ouvidor a Belém, e não se considerando debaixo de censura alguma eclesiástica, continuou a freqüentar os sacramentos, como costumava. Pouco depois caiu doente, e conhecendo mortal a enfermidade, ao receber o viático protestou estar seguro de que o seu procedimento seria aprovado em Portugal, contudo se o pároco, que lhe dava a comunhão, entendia que ele procedera errado, sendo necessária alguma penitência pública ou particular, ficava autorizado a fazê-la em nome dele que sujeitava toda a sua fazenda a qualquer satisfação pecuniária que se exigisse. No dia seguinte recebeu a extrema-unção, morrendo com todas as demonstrações católicas de verdadeiro arrependimento. Concebeu o vigário que administrara o viático alguns escrúpulos sobre se poderia nesta circunstância enterrar em segredo o falecido, mas não parecendo em geral haver razão suficiente para recusar sepultura eclesiástica, foi o corpo vestido com o hábito da ordem de Cristo, e depositado na igreja do Carmo com assistência dos religiosos desta regra, e da dos mercenários, afora alguns clérigos.

Decisão da corte

Trouxeram os primeiros despachos a resolução da corte. O rei repreendia o bispo em termos ásperos pela violência e ilegalidade dos seus atos, usurpando primeiramente a autoridade real, e impugnando-a depois com a recusa que fizera de

dar apelação para o tribunal instituído no reino para proteger o povo contra os vexames do clero. Censurava-o pois Sua Majestade por haver motivado estes escândalos, admoestava-o a não ultrapassar de futuro a jurisdição dos sagrados cânones, concílios e concordatas e ordenava-lhe que sem demora soltasse as pessoas que estivessem presas. Mas ao mesmo tempo ainda mais severa repreensão se dirigia ao ouvidor e a todos quantos com ele haviam cooperado, e o governador recebeu ordem de chamá-los à sua presença, para manifestar-lhes o alto desagrado da coroa, não permitindo às leis temporais tão duro proceder nem contra um simples sacerdote, quanto mais contra um prelado consagrado, pelo que deviam ir todos com a maior humanidade solicitar absolvição das mãos do bispo sujeitando-se a qualquer penitência que quisesse ele impor-lhes. Os mesmos despachos recomendavam ao bispo que neste ponto usasse de moderação e prudência, como um pastor que ao seu rebanho aplicava a medicina espiritual, que convinha à salvação do mesmo, sem infligir castigos para satisfazer um ânimo colérico e vingativo.

1699

Berredo, § 1320-1405

Só à parte dos despachos que lhe lisonjeava os desejos, atendeu o bispo. Reconheciam-se-lhe válidas as censuras, e posto que morto e enterrado estava o ouvidor ao alcance da vingança eclesiástica. Imediatamente enviou pois ao Pará um batel com uma pastoral para ser lida na igreja matriz, intimando o prior e irmãos do Carmo, que dentro de três dias se abstivessem de celebrar o serviço divino na sua igreja, e lhe pregassem as portas, por achar-se ela poluída com o corpo de quem morrera excomungado. Obedeceu o prior sem detença, mas ao mesmo tempo que da sua obediência dava conta ao imperioso prelado, apresentava as razões do seu proceder, e pedia que se lhe poupasse a ele e aos seus irmãos esta não merecida indignidade, ou ao menos se lhe desse vista do processo contra ele instaurado, suspensa entretanto a medida notoriamente destituída das formalidades legais, tendo faltado a citação da parte. O prior do convento dos carmelitas em S. Luís recebeu procuração para punir pelos direitos dos seus irmãos do Pará. Duas vezes tentou este falar ao bispo, e outras tantas se lhe negou a entrada, visto o que apresentou um memorial, que passados dias lhe foi devolvido com o simples despacho de que requeresse em termos. Como indicando onde estava a falta de formalidade riscara-se no alto a palavra Reverendíssima

Insolência do bispo

para que ficasse só o Senhor, sendo esta a mais respeitosa fórmula, e como tal usada nos requerimentos ao soberano.

Nova petição apresentada com esta formalidade não teve solução alguma. Apelou então o prior para o juízo da coroa, como tribunal competente, sabido o que o mandou notificar o bispo de que, se dentro de três quartos de hora não retirasse a apelação, o excomungaria a ele e a comunidade sua constituinte, ameaça que foi religiosamente cumprida. Recorreu então o prior ao juiz conservador da sua ordem, o qual requereu ao bispo que desistisse destes atos vexatórios, mas este contestou-lhe a autoridade, alegando na nomeação dele não sei que falta de formalidade. Passou o juiz conservador a pôr debaixo de interdito o bispo, que replicou excomungando-o a seu turno, e cada passo nesta contenda oferecia matéria para os canonistas. Chegaram ordens de Portugal para que o prelado, suspendendo as censuras, retirasse o interdito de sobre a igreja dos carmelitas; desprezou-se aquele, e estes, tendo aguardado um mês depois da chegada destes despachos, abriram as suas portas para os ofícios divinos em despeito da proibição irregular e injusta. Mais e mais irritado, e obrando portanto mais e mais imprudentemente, lançou o bispo novo interdito, declarando não ter el-rei poder para intervir em negócio puramente eclesiástico. E embarcou à pressa para Lisboa. Ali foi recebido com o assinalado desagrado que tão bem merecia, de modo que de mau humor e envergonhado se retirou para uma pobre quinta perto de Setúbal, e sendo citado para assistir por si ou por procurador à decisão da sua causa, recusou fazer tanto uma como outra coisa. Declarado pois contumaz, terminou o negócio por assinar ele uma declaração de terem todas as suas excomungações sido írritas e nulas.

Berredo, § 1 406-1 417, 1 427-8

NOTAS DO CAPÍTULO XXXI

1. Vide *Apontamentos para a História do Maranhão – a Revolução de 1684* (*Jornal de Timon*) de João Francisco Lisboa. (PBB.)
2. Talvez os jurunas descritos no t. 1.
3. *Chegaram os nossos à primeira cachoeira ou catadupa, em que todo o peso das águas do rio Amazonas se despenha; e como se achasse demasiadamente diminuído, fazia quase impraticável a*

passagem das embarcações. (Teixeira. 2, 3, § 100). É Teixeira o único autor que faz menção de semelhante interrupção na navegação do Amazonas, sendo possível também ter ele suposto a expedição neste rio, achando-se ela aliás empenhada em qualquer dos seus tributários.

4. O mapa sobre que se traçara a famosa linha achava-se em 1797 no museu do cardeal Bórgia em Veletri. D. Nicolas de la Cruz, T. 5, pág. 4.
5. A denominação de *Cabo do Norte* estendia-se então a todo o país a que hoje chamamos Guianas. (F.P.)
6. Obrigava os soldados a contarem-lhe os seus sonhos, castigando os que lhe não sonhavam a gosto. Viu-se a colônia cercada de forcas, cadafalsos, rodas, tudo guarnecido de corpos inteiros ou despedaçados! (*Paul Boyer*, pp. 208-9). Achava ele um prazer todo especial em inventar instrumentos de dar tratos, chamando uma destas invenções *purgatório*, a outra *inferno*! *Des Marchais*, 3, 77.
7. Entre eles, ia um doutor em teologia, cuja morte Labat lamenta como a primeira desgraça da expedição, pois que *il étoit comme l'âme de la Colonie par la profunder de la science dans les matières theoligiques et canoniques*. Será isto grave hipocrisia no caráter profissional do Padre Labat de *l'Ordre des Frères Prêcheurs,* ou ironia na índole natural deste francês astuto e sem princípios?
8. Sobre o ulterior destino dum destes retratos transcreve o *Jornal de Timon* a seguinte nota, extraída dos registros da Câmara de S. Luís do Maranhão: *"O procurador pede para levar para a sua casa o retrato do governador Gomes Freire, que ali não tinha serventia alguma, no que se acordou, por também notar o Ouvidor que só o d'el-rei deveria estar naquele lugar."* (F.P.)
9. Tinham nesse tempo os coronéis a denominação de mestres-de-campo: há portanto equívoco do autor quando fala de uma graduação que não existia no exército português. (FP.)
10. Num só dia baixou no Rio de Janeiro a moeda na proporção de quatro por nove, computando-se em meio milhão de cruzados o prejuízo que daqui proveio à Bahia. Vieira. *Cartas*, t. 2, pág. 418.
11. No seu memorial diz Antônio Luís Coutinho que só na Bahia importava em 900.000 cruzados a moeda cerceada ao tempo de ser proibida, e que este prejuízo recaíra sobre o povo numa época em que a mortalidade entre os negros, bois e cavalos fora incalculável. Diz ele que quando a moeda passava no Brasil por mais do que o seu valor intrínseco todas as remessas para Portugal se faziam em gêneros ou letras, mas que o mal estava em haver-se alterado o valor corrente em relação ao intrínseco na razão de um tostão por oitava de prata, para menos do que era em Portugal. Imediatamente se começou a exportar moeda. O açúcar mal dava no reino o preço que no Brasil custava, portanto preferia ali o mercador o seu retorno em dinheiro, pois embora em cada marca de prata, que valia 6$400 perdesse 400 réis na Casa da Moeda, mais valia isto do que pagar direitos pelos gêneros, sujeitando-se ainda às eventualidades da demorada venda e pagamento incerto. No ano de 1691 tinham-se remetido da Bahia para o Porto 80.000 cruzados, donde se pode coligir que soma enorme não iria para Lisboa; e no ano seguinte em que foi escrito

o memorial subiu de ponto o esgoto do meio circulante. A escassez da moeda, afirma este governador, fizera subir de preço todos os artigos; o cobre, que se costumava vender a 240 réis a libra, custava agora 360 e 400 réis; o ferro, que tinha estado de 3$000 o quintal, custava 4$000 ou 5$000; o breu de 4$000 subira a 5$000 e 6$000, a tarefa de lenha de 2$000 a 4$500, os negros de 50$000 a 60$000. Por falta de dinheiro ninguém arrematava os direitos. O contrato do açúcar descera de 120.000 a 80.000 cruzados.

Recomendava o governador que à nova moeda se desse um aumento de 20% sobre o seu valor intrínseco, revertendo 15% a favor do dono do metal e 5% para despesas de cunhá-la. Aconselhava que para a Bahia se cunhassem um milhão de cruzados, 600.000 para Pernambuco, e 400.000 para o Rio de Janeiro, e que se fizessem moedas de prata de 5 oitavas, para correrem por 600 réis, de 2½ para correrem por 300, e de 2, 1½ à razão de 240, 120 e 60. Também queria que se emitissem 40.000 cruzados em moeda miúda de meios, tostões, dois vinténs e um vintém, sendo 15.000 para a Bahia, 9.000 para Pernambuco e 6.000 para o Rio de Janeiro, e os restantes 10.000 em cobre, a saber 5.000 para a Bahia, 3.000 para Pernambuco, 2.000 para o Rio de Janeiro. Era tal, dizia ele, a falta de dinheiro miúdo, que quem queria 10 réis ou um vintém de qualquer coisa, por força havia de comprar dois vinténs; e ou se havia de dar uma destas últimas moedas ao mendigo, ou deixá-lo ir sem esmola, como mais freqüentemente se fazia. Em apoio deste memorial observava o governador que o privilégio de que o Brasil carecia agora, se gozara sempre na Índia.

Aprovando este memorial, diz o duque de Cadaval, *"Tenho esta matéria por muito grave e arriscada, e falando somente com Vossa Majestade, temo muito a desesperação da gente da Bahia, muito cobiçosa e altiva, por uma inveterada natureza"*. – *Copiador*. Ms., t. 9, fls. 201-207.

Discordam singularmente sobre este ponto Antônio Luís e Rocha Pita. O último explica satisfatoriamente o desaparecimento da moeda pelo fato de valer ela intrinsecamente muito mais do que o preço por que corria, o primeiro refere-se a um tempo em que ela corria por mais do que valia. Não sei conciliar os dois melhor do que supondo que Antônio Luís falaria da moeda no estado cerceado: porquanto embora nunca jamais houvesse escritor que tanto a respeito de indústria como de critério merecesse do que Rocha Pita, é provável que sobre este ponto se achasse ele bem informado, como sobrinho e herdeiro, que era, do diretor da Casa da Moeda.*

* Vide *Noções de Numismática* (III – Brasil Colônia) de Álvaro da Veiga Coimbra. (P.B.B.)

12. Os famosos quilombos dos Palmares. "Quilombo – palavra quimbunda que significa, literalmente, acampamento. No Brasil o nome quilombo foi aplicado às habitações clandestinas de escravos que fugiam para o interior das matas em alguns lugares ermos e distantes das povoações" (Bernardino José de Sousa, *Dicionário da Terra e Gente do Brasil*.) A partir dos meados do século XVII, os escravos fugidos se estabeleceram em terras da Comarca de Alagoas, então pertencentes à Capitania de

Pernambuco, mais particularmente na Serra da Barriga, no local onde hoje se situa a cidade União dos Palmares". (Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro.*) Em Santos (São Saulo) tivemos o célebre Quilombo do Jabaquara, cantado por Vicente de Carvalho no poema "Fugindo ao Cativeiro".

Palmares reunia diversos quilombos – daí o plural. Entre esses, podemos citar o do Macaco, que tinha aproximadamente 1.500 cabanas e nele residiam mais ou menos 10.000 negros, sendo que em Palmares deviam habitar uns 20.000, aliás de acordo com Southey.

Perdigão Malheiro informa que esses mocambos começaram com 40 negros e chegaram a reunir uma população de 18 a 20.000 habitantes. (P.B.B.)

13. Rocha Pita diz que a palavra significa diaba na língua deles. Pareceu-me isto tão improvável, que para averiguar o fato consultei um livro de instrução religiosa escrito nas línguas portuguesa e angolista, e aí encontrei que *Nzambi* é a palavra que significa Divindade e *Cariapemba* o Diabo. Não se emprega no sentido de *Senhor*, que poderia explicar neste caso a sua aplicação sem significação religiosa, mas de *Divindade*.*

* Também se diz *Zumbi,* que vem, igualmente, de *Nzambi.* (P.B.B.)

14. Domingos Jorge Velho (e não apenas Domingos Jorge) ofereceu seus serviços em troca das terras conquistadas e, ainda, dos negros aprisionados. A luta que travou contra os fugitivos dos Palmares durou 10 anos, ou seja, de 1687 a 1697.

Perdigão Malheiro (*A Escravidão Africana no Brasil,* Cadernos de História, nº 8) relata: "O governador Souto Maior fez um contrato com o paulista Domingos Jorge Velho, para os debelar, devendo os negros aprisionados pertencer aos conquistadores, com a condição de serem levados para fora da Capitania os maiores de 7 anos. Sanguinolenta foi a luta, sobretudo em 1695; até que em 1697 se puderam dar por submetidos. Durou 67 anos essa singular colônia; e foi preciso empregar afinal uma força de quase 8.000 homens por muitas semanas para debelá-los." (P.B.B.)

15. Não se acham de acordo os nossos historiadores acerca do verdadeiro número da população palmeirense; porquanto assina-lhe Brito Freire trinta mil almas, Rocha Pita vinte, e Barlaeus onze. Tomando um termo médio podemos fixá-la em quinze mil. (FP.)*

* Em nota anterior demos o número aproximado de 20 mil (P.B.B.)

16. E para abastecer-se durante as secas. (P.B.B.)

17. Não pude haver à mão a íntegra deste trabalho. No Suplemento ao Corpo Diplomático de Du Mont (T. 2, part. 2, pág. 1) inseriu Rousset apenas um sumário dele extraído das *Lettres Historiques* para dezembro de 1701 e das memórias de Lamberti, *Le roi de Portugal demeurera maitre absolu des Isles de S. Gabriel et Nova Colonia, dans la forme qu'il le prétendit en 1681. La France lui remet toutes les prétentions qu'elle avoit sur le Maranon.* O artigo relativo à Nova Colônia acho-o assim extratado num dos manuscritos que possuo. *Y para conservar la firme amistad y aliança que se procura conseguir con este tratado, y quitar todos los motivos que pueden ser contrarios a este efeto, Su Magestad Católica cede y renuncia todo y qualquier derecho que pueda tener las tierras sobre que se hiro el*

Tratado Provisional entre ambas las Coronas, en 7 de mayo de 1681, y en que se halla situada la colonia del Sacramento, el qual Tratado quedará sin efecto, y el dominio de la dicha Colonia, y uso de dicha campaña à la Corona de Portugal como al presente la tiene. Teixeira (2, 3, § 221) quer inculcar que por esta ocasião se viu Portugal induzido por motivos religiosos, a aliar-se antes com a França do que com a Inglaterra, preferindo aos próprios interesses os do catolicismo.

18. O processo eleitoral era o seguinte: Reunido o conselho, os homens bons da terra e o povo, o juiz lhe pedia que nomeassem seis homens para eleitores. Esta nomeação era feita em escrutínio secreto, para que uns não soubessem quais os nomeados pelos outros. Apurados os votos pelo juiz e vereadores, eram proclamados eleitos os seis mais votados. Depois de juramentados, eram separados em turmas de dois eleitores cada uma, de modo a não poder haver comunicação entre elas. Cada turma apresentava um rol contendo os nomes dos que queriam eleger para juízes, vereadores, escrivães e mais oficiais, para servirem por três anos. Esses róis deviam ser assinados pelos membros das turmas: mas quando algum não sabia escrever, um juiz ou vereador, prestando juramento de segredo, assinava por ele. O presidente da eleição examinava os róis; verificava quais os nomes mais votados, e escrevia-os em uma folha que se denominava *pauta*, devendo providenciar que não servissem no mesmo ano parentes dentro do quarto grau por direito canônico; o que se chamava *apurar a pauta*. Assinada, era fechada e selada. Em seguida formava o juiz três pelouros (chamavam-se assim porque eram fechados em um pelouro de cera. Bluteau, *Vocabulário Português*) para juízes, três para os vereadores e assim para cada ofício; e metia-os num saco, contendo tantos repartimentos quantos oficiais. Em um repartimento especial guardava-se a *pauta*, que servia para por ela verificar-se, no fim de três anos, se tinha havido ou não alguma falsidade ou violação dos pelouros. O saco dos pelouros era guardado em um cofre de três chaves, cujos claviculários eram três vereadores do ano findo. Chegada a época de tirar os pelouros, o que dependia dos costumes e forais, sendo geralmente no dia 1º de janeiro, presentes os oficiais da câmara, homens bons e povo, um menino tirava de cada repartimento um pelouro, sendo proclamados os oficiais da câmara cujos nomes nele estivessem escritos. Cortines Laxe, *Câmaras Municipais.* (P.B.B.)

19. O Estado do Maranhão, criado em 1621, compreendia, também, o Ceará e o Pará. (P.B.B.)

. . . .

Capítulo XXXII

DESCOBERTA DE MINAS GERAIS – PRIMEIRO REGIMENTO DE MINERAÇÃO – DESCOBERTA DE MARCOS DE AZEVEDO – SUA MORTE – ANTÔNIO RODRIGUES ARZÃO EXIBE OURO NO ESPÍRITO SANTO – HERDA-LHE BARTOLOMEU BUENO OS PAPÉIS E PROSSEGUE AS PESQUISAS – DESENVOLVIMENTO DAS POVOAÇÕES – SEGUNDO REGIMENTO DAS MINAS – AFLUÊNCIA DE AVENTUREIROS A MINAS – CONSEQÜENTE DECADÊNCIA DO COMÉRCIO NA BAHIA – D. RODRIGO DA COSTA, GOVERNADOR-GERAL – CERCO DE NOVA COLÔNIA E EVACUAÇÃO DELA PELOS PORTUGUESES – LUÍS CÉSAR DE MENESES GOVERNADOR – NEGÓCIOS DO MARANHÃO – GUERRA CIVIL EM MINAS – TUMULTOS EM PERNAMBUCO

ENQUANTO ESTAS DISPUTAS no espírito do século duodécimo agitavam as capitanias do Norte, realizavam-se afinal as esperanças nutridas pelo governo português desde a fundação do primeiro estabelecimento na América, e chegava a idade de ouro do aumento de felicidade, podendo entrar em dúvida se prometeu ou retardou ela o progresso das colônias, mas produziu grande mudança no sistema da administração e na condição, e ocupações do povo.

1699

Primeiras leis das minas. *Santuário Mariano*, **T, 10, p. 149**

Desde muito que se sabia da existência de metais preciosas na capitania de São Paulo. Depois de infrutíferas buscas atrás das minas de Robério Dias[1]

mandou D. Francisco de Sousa no último ano do século décimo sexto a Filipe III um rosário feito de grãos de ouro indígena, e em 1618 promulgou o mesmo rei um regimento de mineração. Constan-

1599

do-lhe terem-se descoberto minas, e poderem-se facilmente fazer novas descobertas havia Sua Majestade por bem, para fazer mercê a seus vassalos e por outros respeitos, que convinham ao seu serviço, conferir tais minas aos seus descobridores, para lavrá-las à sua custa, reservando para ele um quinto do produto líquido, entregue no Tesouro livre de mais despesas. Quem pois quisesse sair à descoberta de minas[2] devia notificá-lo ao provedor posto por el-rei naquelas partes, e obrigar-se a pagar os reais quintos, registrando-se-lhe a de-

Regimento das Minas **Ms. C. 1, 2**

claração por ele assinada. Observados estes preliminares, todas as autoridades lhe deviam prestar auxílio, e se ele fosse feliz nas suas pesquisas, devia registrar-se no mesmo livro o tempo e o lugar da descoberta, com todas as individuações convenientes. Dentro de trinta dias devia o descobridor apresentar uma amostra do metal ao provedor, jurando ter sido extraído do lugar em seu nome registrado. Se depois se provasse ter jurado falso, ficava ele além da pena corporal, responsável por todas as despesas em que outros incorressem, trabalhando no lugar dolosamente indicado, e quem diferia a manifestação além do prazo marcado perdia os privilégios de descobridor, salvo provando causa justa da demora.

Os privilégios do descobridor, segundo o regimento original, eram uma mina, como se chamava, de oitenta varas sobre quarenta, e mais uma data de sessenta por trinta sobre a mesma beta,

1618

ambas à sua escolha, entremeando contudo entre uma e outra cento e vinte varas, área que ocupariam duas destas datas menores. Assim lhe cabia o direito da escolha e segunda data, que a ninguém mais se concedia. Em águas correntes e nas quebradas dos montes tinha o quinhão do descobridor sessenta varas ao comprido e doze de largo medidas do meio da corrente, ou da quebrada, sendo o de cada um dos outros aventureiros um terço menor em comprimento; mas era grande o rio, tocavam ao descobridor oitenta varas e aos outros sessenta. No que se chamavam minas menores, que ficavam em campos, outeirinhos, ou as bordas dos rios, era de trinta varas quadradas a data do descobridor e de vinte datas a dos outros; mas se não chegava para todos os preten-

dentes a área, reduzia o provedor proporcionalmente as datas. Dentro de meia légua em redondo destes lugares se não reconhecia nova descoberta.

Todo o aventureiro podia pedir a sua mina, mas nunca maior do que a primeira data do descobridor: concediam-se-lhe dois dias para a escolha, mas feita esta, era irrevogável. Lindavam-se as datas com muros de pedra ou terra bem socada, dum côvado de altura e construção durável, e quem deixava de o fazer, ou removia o tapume, perdia a sua concessão: e se alguém se metesse de posse duma data maior que a legítima, podia o que fosse além ser ocupado por quem o reclamasse. Ninguém, exceto o descobridor, podia ter mais que uma data dentro de légua e meia de distância, salvo comprando a de outrem; mas quem tinha a sua mina sobre uma veia rica, podia obter segunda sobre outra mais pobre, embora dentro destes limites, pois que o mineral muito rico de prata derretia melhor ligado com outro de inferior qualidade. Se mais de um indivíduo empreendia a descoberta, reputava-se descobridor o que primeiro achava o metal, podendo qualquer explorar e lavrar uma mina em terras de propriedade particular por ser para serviço d'el-rei, mas havia de indenizar de qualquer dano o dono do terreno.

Só se concediam minas a quem tivesse meios de lavrá-las e povoá-las, por ser contra o interesse do Estado ficarem elas desaproveitadas[3]. Perdia pois a sua data quem dela não tomava posse dentro de cinqüenta dias, salvo provindo da falta de instrumentos a demora, caso em que podia o provedor espaçar o prazo a discrição, nem a mina se reputava povoada se nela não andavam efetivamente pelo menos dois trabalhadores. Sucederia às vezes, correndo funda a veia, não poder o descobridor chegar-lhe por falta de meios, nem quererem os outros senhores de datas trabalhar pata extrair metal em beneficio dele: mas isto em detrimento do serviço do rei, e por isso todos os outros mineiros haviam de ajudá-lo a cavar até dez braças de profundidade, recebendo a quarta parte do valor do seu trabalho; alcançada porém a verdadeira veia, poderiam reclamar o preço por inteiro. Outra disposição recomendava a quem andava à cata de ouro que continuasse as pesquisas até chegar à rocha. Já a experiência do Peru e do México tinha mostrado que sendo fundas as veias, mais facilmente se alcançavam por meio de escavações horizontais do que os poços; podia pois fazer-se a entrada onde melhor parecesse, ainda mesmo que fosse na mina aberta de outrem,

que em tal caso devia dar passagem durante cinqüenta dias, tempo em que se podia abrir um poço. Cada mineiro havia de deixar o seu cisco no seu próprio terreno, sem ir com ele incomodar o vizinho, e se o lançava numa corrente, respondia pelos danos que pudessem resultar, aplicando-se a mesma lei às árvores que se derrubassem.

Para que prosperassem as minas e se erigissem engenhos e casas de residência, admitiam-se todos os forasteiros a participar de todos os direitos comuns do distrito. Podiam apascentar o seu gado nos terrenos do conselho, nos logradouros públicos e até nas terras particulares em caso de necessidade pagando porém neste último caso o valor do pasto, mediante o que não podia o proprietário lançá-los fora. Ninguém podia ser preso por dívidas enquanto estivesse trabalhando nas minas, nem lhe podia fazer penhora nos escravos, instrumentos, provisões nem em coisa nenhuma necessária para os seus trabalhos, visto afetarem estas operações o interesse público a todos os demais equivalentes.

Pertencia ao provedor a inspeção das minas, devendo ele visitá-las com o seu secretário as mais vezes que pudesse, para ver se estava tudo em ordem, expulsar dali todos os vadios e vagabundos. Nem estes dois funcionários, nem o tesoureiro podiam ter parte direta ou indireta no metal extraído, nem traficar nele, sob pena de perdimento do ofício e confisco de todos os seus bens, seqüestrados igualmente os de quem com eles comerciasse. Das decisões do provedor não havia recurso, se a causa não passava de 60$000, passando, dava-se apelação para o provedor-mor da Real Fazenda. Devia edificar-se à custa do tesouro uma casa de fundição, em que a ninguém se permitiria a entrada sem motivo justo. Aqui se havia de derreter todo o metal, pesado e registrado à entrada, e depois de fundido e refinado outra vez registrado e marcado. Deduzir-se-ia então o quinto, que se depositaria num cofre de três chaves, ficando com uma o tesoureiro, com outra o proveder, e com a terceira o secretário. O ferro de marcar se guardaria neste cofre, que jamais devia ser aberto senão na presença daquelas três personagens. A pena por vender, trocar, dar, embarcar ou possuir outro não constrastado, era de morte e seqüestro dos bens, sendo dois terços para a coroa e o resto para o denunciante. De todas as descobertas e seus produtos se havia de apresentar anualmente um relatório. Finalmente declarava-se que apare-

cendo cobre ou pérolas, teria o rei também o seu quinto, comprando o resto por preço equitativo.[4]

Regimento das minas. **Ms.**

Descoberta de Marcos de Azevedo

Foi este o primeiro regimento das minas no Brasil. Logo depois da sua promulgação principiou a guerra holandesa; e governo da metrópole pouco curava desenvolver os recursos dum país cuja conservação lhe parecia tão difícil, e os paulistas hostilizavam as reduções com tanta paixão pelo execrável tráfico de escravos e tanto proveito nos seus resultados, que não podia, enquanto as coisas assim durasem, tomar outra direção o espírito empreendedor deste incansável povo. Algumas amostras de ouro se encontraram contudo em meados do século décmo sétimo nas serras de Ceraguá e Paranaguá, e com um companheiro subiu um tal Marcos de Azevedo os rios Doce e das Caravelas, donde trouxe alguma prata e expedição aos descobridores, queriam eles exaltar para com o governo a sua importância, e guardar segredo sobre o lugar das suas felizes explorações, até obterem condições que lhes assegurassem tanto o proveito como o merecimento das suas descobertas. Por outro lado, lembrado o governo do negócio de Robério Dias, exigia uma revelação, a que os aventureiros se recusavam movidos primeiramente por um mal-entendido interesse próprio e depois por essa obstinação que a opressão provoca. O resultado foi serem estes desgraçados metidos numa enxovia da Bahia, onde jazeram enquanto vivos, tão absoluto o governo, tão zeloso da sua soberania, tratando-se de metais preciosos, e tão tirânico nos seus atos.

1650

Memórias. **Ms.**

Prossegue-se nas pesquisas

Agostinho Barbalho Bezerra, que na Bahia tinha o posto de mestre-de-campo, recebeu ordem de sair em busca destas minas, guiando-se pelas notícias vagas de que após certo lapso de tempo ainda existia memória, e uma carta de D. Afonso VI veio convidar Fernando Dias Pais Leme[5] a ajudá-la nesta empresa. Suscitaram-se disputas sobre os seus respectivos poderes entre Bezerra, o governador Salvador Correia e o capitão-de-mar-e-guerra. Morreu Bezerra antes de resolvida a questão, e com oitenta anos de idade solicitou e obteve Pais Leme permissão para empreender a diligência à sua própria custa. Tantos e tão brilhantes exemplos de elevado patriotismo se encontraram na história portuguesa, que nada extraordinário houvera neste ofereci-

1664

D. Afonso VI. Ms. 27 de set. Carta de el-Rei

mento a não ter sido a avançada idade de quem o fazia. Deram-lhe a sua patente e comando das tropas que consigo levasse, e a expensas suas explorou ele, ou conquistou como se dizia, toda a região que atualmente forma a província de Minas Gerais, abrindo estradas e fundando povoações.[6]

Pedro Dias Pais Leme. *Memórias*, **Ms.**

Enquanto nisto se empregava Fernando Dias, receberam D. Rodrigo de Castelo Branco e Jorge Soares de Macedo, que sem resultado tinham andado à cata de ouro e prata[7] no distrito de Paranaguá, ordem de irem reunir-se a ele, ajudando-o a explorar a serra de Sabarabuçu, donde remetera amostras de cristais e outras pedras. Exaustas pareciam estar por este tempo as esperanças da corte, tantas haviam já sido as malogradas tentativas, e na carta que o rei por esta ocasião escreveu a Fernando Dias Pais Leme se dizia, que, falhando aquela missão, seria a última. Achavam-se estes oficiais no arraial de Perampeba, uma das fundações do velho descobridor, quando lhes chegou a notícia da morte dele numa parte mais agreste do país e mui remota. Segundo as suas últimas instruções lhes entregou o filho deste, Garcia Rodrigues Pais, que com quinze anos de idade acompanhara o pai nesta rude empresa, umas pedras verdes e transparentes, que o falecido pai tinha por esmeraldas, empossando-os conjuntamente de todas as suas plantações de milho miúdo, feijão e mandioca e das suas varas de porcos. Fora na busca das minas de esmeraldas descobertas por Marcos de Azevedo Coutinho, que Fernando Dias encontrara as suas maiores e últimas dificuldades. Do seu quartel explorou ele a serra de Sabarabuçu[8], passando nesta aventura tantos trabalhos durante quatro anos que desesperados de persuadi-lo a desistir dela, conspiraram-lhe contra a vida os companheiros: a este perigo ainda escapou, mas abandonado de todos, ficou só. Persistiu no seu propósito o perseverante velho, e como tivesse razões para supor que ficariam as minas perto de Vepabuçu, o lago grande, fez vir de São Paulo mais gente e dinheiro, tendo ordenado à sua mulher que cumprisse em toda a sua amplitude quaisquer ordens que dele recebesse neste sentido. Chegou ao lago com uma força tão considerável que pode destacar cem bastardos[9] a explorar o país e apanhar um prisioneiro, se fosse possível, não podendo entrar em dúvida deverem os naturais saber onde se en-

Serviços e morte de Pais Leme

1677

Carta d'El-Rei D. Pedro. Ms. 4 de dez. de 1677

1681

contravam as pedras verdes. Trouxeram eles um jovem selvagem, que, sendo bem tratado, os conduziu ao sítio. Mas por alto preço se comprou esta descoberta: era pestilenta toda a região à volta do lago. Toda a vigilância e energia de Fernando Dias foram precisas para reprimir entre a sua gente repetidos motins: até um dos seus filhos naturais que ele muito amava, foi convicto do desígnio de assassiná-lo e enforcado por ordem do pai em pena do intentado parricídio.[10] Ia ele caminho de São Paulo com as pedras verdes, que tão caras lhe haviam custado, quando caiu com febre, e talvez que então, ao abrir-se-lhe o outro mundo, percebesse ele a vaidade dos afanos deste. Dos serviços deste aventureiro ancião deu D. Rodrigo conta à corte, tecendo-lhes os devidos encômios. Fez ver como na extrema velhice deixara ele a família em São Paulo, de que era um dos mais ricos moradores, cometendo uma empresa que até os paulistas então reputavam desesperada. Ninguém lhe quis fornecer meios de qualidade alguma e ele despendeu a sua fazenda, sendo por isso alcunhado de louco, e esbanjador dos bens de sua mulher e filhos. Alugara índios para o acompanharem a 8$000 por cabeça, e desertando-lhe todos, nenhum lhe fora reenviado de São Paulo, para onde haviam voltado. Perdera trinta dos seus próprios negros, morrendo uns antes dele, outros da moléstia contagiosa que fora fatal ao amo. Nenhum padre se lhe mandou na sua última enfermidade apesar de ter ele em São Paulo parentes sacerdotes, e assim expirara no meio do deserto, sem confissão, sem auxílio humano. Não foi perdida esta representação, e os serviços de Pais Leme foram lembrados em bem da sua posteridade. Ele mesmo chegou a ver o desejado fim dos seus trabalhos, mas deixou o caminho aplanado para outros, cuja fortuna facilitou mais que ninguém.

Cláudio Manuel da Costa. Patriota, Abr. de 1813, P. 53-5

A testação de D. Rodrigo de Castelo Branco Ms.

Ouro exibido por Antônio Roiz Arzão

O primeiro ouro que com certeza se sabe ter saído deste distrito foi uma amostra de três oitavas apresentada em 1695 ao capitão-mor do Espírito Santo por Antônio Rodrigues Arzão, natural da vila de Taubaté. Entrara ele pelo rio Doce com cinqüenta homens, trazendo esta prova de não ter sido baldada as suas pesquisas. Forneceu-lhe o capitão-mor roupa e mantimento, segundo as instruções d'el-rei, mas na capitania se não pôde achar gente suficiente para segunda entrada. Na esperança de ser melhor sucedido passou ele primeiramente ao Rio de Janeiro; e depois a São Paulo, onde

morreu das fadigas que sofrera, deixando os seus papéis e pretensões a seu cunhado Bartolomeu Bueno de Siqueira. Jogara este toda a sua fazenda, e esperava agora refazer a sua fortuna com uma empresa para que lhe não faltava nenhuma das qualidades e intrepidez, atividade e força física. Entre os parentes e amigos recrutou uma companhia apropriada e lá se meteram todos às matas, seguindo o roteiro que Arzão deixara. Serviram-lhes de balizas os cumes de certos montes, chegando após muitas dificuldades a um lugar chamado Itaverava, ou pedra reluzente, a oito léguas pouco mais ou menos do sítio onde hoje se ergue Vila Rica. Aqui semearam meio alqueire de milho, partindo para o rio das Velhas, a fim de se sustentarem enquanto crescia e amadurecia a colheita, abundando ali mais a caça do que nas terras que deixavam atravessadas. Voltando a recolher o seu milho, acharam outro troço de conquistadores como os chamam, comandados pelo coronel Salvador Fernandes Furtado, e capitão-mor Manuel Garcia Velho. Não faleciam agora braços para a mineração tendo-se trazido muitos escravos do Caeté e rio Doce, mas faltavam arte, experiência e instrumentos de ferro, sendo preciso cavar com paus aguçados. Miguel de Almeida, um dos companheiros de Bartolomeu Bueno, propôs ao coronel uma troca de bacamartes, e como o seu valesse muito menos, deu-lhe de volta todo o ouro que ele e os seus camaradas possuíam, na importância de doze oitavas. Desejando exibir este ouro em São Paulo, ofereceu Manuel Garcia por ele uma índia com filha, e aceita a troca, partiu o novo possuidor soberbo com a aquisição. Seguia por Taubaté o seu caminho, onde ele visitou um certo Carlos Pedroso da Silveira, que concebendo as mesmas esperanças, achou meios de obter o ouro para seu próprio uso. Correndo então ao Rio de Janeiro, apresentou Silveira o metal ao governador Antônio Pais Sande, que em recompensa lhe deu uma patente de capitão-mor de Taubaté, nomeando-o provedor dos reais quintos, com ordem de estabelecer uma fundição naquela vila, como lugar onde os primeiros conquistadores haviam desembarcado. O estabelecimento desta fundição produziu o mesmo efeito que teria tido uma proclamação do governo, anunciando haver ouro na terra, e convidando todo o povo a pôr-se à cata dele.

1691

1692

1693

Fundição de ouro em Taubaté

Memórias sobre a história de Minas Gerais. **Ms.**

Ninguém jamais se mostrara tão insaciavelmente sedento de ouro como os primeiros descobridores da América. Os conquistadores espanhóis buscavam minas e somente minas; não as achando na Flórida,

não quiseram ali estabelecer-se, que não haviam eles deixado, diziam, o seu próprio país tão belo e tão fértil, para vir arar a terra, nem o haviam abandonado como os antigos bárbaros do norte por não poder eles sustentá-los. Era a avareza tão notoriamente a paixão dominante que os movia, que o seu grande historiador atribui abundância de ouro e da prata no mundo novo a especial providência de Deus, para induzir os castelhanos a procurar as nações idólatras, comunicando-lhes assim o conhecimento da fé que nos salva. Mas se Herrera houvesse considerado as minas como armadilha disposta pelo príncipe do Mal, para arrastar à perdição os mesmos espanhóis, teriam os fatos vindo mais em apoio da sua proposição pois que nunca houve tirania tão danada como essa que deu origem à descoberta destes tesouros. Porquanto foram os trabalhos das minas o extermínio dos aborígines das ilhas da América Central, assim como foram a causa de despovoarem-se tão rápida e excessivamente o México, o Peru e os países de Bogotá e Tunja, que mal poderia acreditar-se, se a evidência dos fatos não excluísse toda a dúvida. Dado todo o imaginável desconto às exagerações, e o maior peso possível a circunstâncias atenuantes provenientes tanto do espírito geral da época, como dos costumes desumanos e idolatria dos indígenas americanos, ainda assim deve a primeira história da América espanhola ficar para sempre proeminente nos anais da perversidade. Felizmente para Portugal só se descobriram as minas brasileiras quando já regiam princípios mais humanos. Longa e árdua fora a luta por eles, e quem havia ousado pôr-se à frente duma causa justa, vira-se alvo das calúnias, diatribes e perfídias, armas constantes dos malvados. Mas Las Casas e Vieira não tinham vivido em vão; e posto que vissem adiada a sua esperança, triunfou afinal o princípio por que tinham combatido, e ao aparecer ouro no Brasil não tiveram os índios motivo para lamentar a descoberta. Parece até ter este sucesso posto termo naquela parte do Brasil ao tráfico de escravos índios; pelo menos é certo que veio ele em auxílio das leis. Novo campo se abriu à cobiça dos paulistas, abandonando-se todas as outras aspirações por uma tão excitante como o jogo, e tão permanente como poderosa.

A descoberta das minas não faz mal aos índios no Brasil

Herrera, 7, 2, 4

4, 315

Ao descobrirem-se as primeiras minas espanholas foi uma falsa teoria causa de desastrosas conseqüências, como tantas vezes tem sucedido. Olha-

Primeiro sistema de mineração. Acosta, L. 4, c. 8

ram-nas como árvores, de que são ramos as veias, supondo-se que a parte mais rica seria a raiz; buscou-se esta pois, e como a única despesa eram vidas de índios, não a pouparam os *encomenderos*, nem os seus desalmados agentes. Bom foi não ter semelhante idéia prevalecido no Brasil onde fora muito mais pesado o trabalho de descobrir as minas do que de lavrá-las. O método vulgarmente seguido por este tempo era o de abrir poços quadrados, que se chamavam *catas*, até chegar ao cascalho, que servia de jazida ao ouro. Quebrado a picareta era este cascalho metido numa batéia ou gamela mais larga nas bordas que no fundo, e exposto à ação da água corrente, sacudindo-se de vez em quando até ser levada a terra e assentarem todas as partículas metálicas. Apareciam também muitas vezes barras de ouro virgem de vinte a cem oitavas, chegando algumas a pesar de duzentas a trezentas, e tendo-se encontrado uma, dizem, de treze libras; eram porém pedaços isolados, sem que fosse rico o terreno em que se descobriam. Os primeiros trabalhos todos foram em rios ou nos tabuleiros às suas margens.

Rocha Pita, 8, § 58-65

Memórias. **Ms.**

Por duas partidas, uma de São Paulo, outra de Taubaté, que casualmente se encontraram, fora feita a primeira descoberta autêntica e proclamada pelo governo. Pareciam estes bandos ter-se cordialmente amalgamado, mas quando de ambas as vilas e suas vizinhanças começaram a afluir aventureiros, principiou também a nascer um ciúme mui parecido com inimizade de modo que não queriam os paulistas trabalhar com os taubatenses, nem estes com aqueles. Maior extensão pois se explorou de país, e mais veias se descobriram do que sucederia se tivessem todos procedido de acordo. Por este tempo quando mais prósperas eram as circunstâncias e mais lisonjeiro o aspecto futuro, foi Garcia Rodrigues Pais nomeado guarda-mor com um ordenado de dois mil cruzados, autorização para nomear delegados em partes remotas e dispensa de todos os direitos e emolumentos pela posse do seu cargo. Era isto uma remuneração dos serviços do pai, e como ele quisesse recusar o cargo por odioso, escreveu-lhe em resposta o secretário de Estado que não eram para rejeitar-se as graças de el-rei, e que fazendo-lhe esta mercê, entendia Sua Majestade dar-lhe coisa boa, e que com o tempo se tornaria beta digna de solicitar-se. Seguiu Garcia

Rivalidade entre os paulistas e o povo de Taubaté. 1702

Proviam. **4 de dez. 1702 Ms.**

Rodrigues as pegadas paternas, abrindo uma estrada para a capitania do Rio de Janeiro. O número sempre crescente de aventureiros, e o desenvolvimento de opostos interesses tornou indispensável a presença de um magistrado que pusesse em regular andamento as leis civis e militares, para o que se nomeou um desembargador.

Pedro Dias Pais Leme. *Memórias*. **Ms.**

Assim se foram lançando os fundamentos de muitas povoações que ocupam hoje lugar distinto entre as vilas e cidades brasileiras, enquanto outras conservavam ainda o nome originário de arraial, vindo das habitações e costumes dos primeiros aventureiros que abarracavam como ciganos. Assim teve origem a cidade de Mariana, apesar das dificuldades que ao princípio apareceram em lavrar as ricas veias do rio do Carmo[11], sobre que ela se assenta. Quase impenetráveis matagais sombreavam de ambos os lados o rio, cuja água era por conseguinte tão fria, que impossível se tornava trabalhar dentro dela mais de quatro horas por dia: saíam os mantimentos por preços fabulosos, enquanto se não pôde limpar e cultivar o terreno, custando um alqueire de milho de trinta a quarenta oitavas de ouro, e oitenta igual medida de feijão, preços que só podiam pagar homens que andavam à cata de ouro, e o achavam em abundância. Recorda a história os nomes dos destruidores de cidades, esquecendo os dos que as fundam. Verdade seja que fundadores como estes de Minas Gerais nem praticaram ações brilhantes nem se guiaram por motivos que os enobrecessem contudo eram homens de indômita coragem e sofrimento a toda a prova. Algum interesse local pode ligar-se à sua moradia, e com prazer e até orgulho foram algumas famílias da terra remontar até eles a sua origem. A primeira descoberta sobre o rio do Carmo foi registrada em nome de Miguel Garcia, de Taubaté, e a segunda quase que ao mesmo tempo no do paulista João Lopes Lima. Sobre o terreno onde estes homens sofreram e venceram tantas dificuldades, se ergue hoje uma linda e bem edificada cidade de seis a sete mil habitantes com seu seminário.[12]

Primeiros arraiais

Mariana

Memórias. **Ms.** *Viagens de Mawe,* **p. 181**

1700

Umas oito milhas ao oeste de Mariana ficava Vila Rica, capital da capitania, e por algum tempo a povoação mais rica do mundo se só ouro fosse riqueza. Apesar de ter declinado à medida

Vila Rica

que se esgotavam as minas, ainda se avalia em vinte mil almas a sua população, que continua a participar dos males morais e políticos, filhos tanto dos hábitos como das leis de mineração. Encosta-se esta povoação ao pendor de um monte, parte de longa e alta serrania, formando suas ruas outros tantos degraus e terraços, atravessadas por outras, que levam pelo declive acima, tão bem aproveitada a situação, que bem pode aduzir-se como prova do engenho e atividade dos moradores, quando a seus esforços se oferece motivo adequado. Encanada para quase todas as casas a água, em que na montanha abunda, inda para uso público há nas ruas numerosas e construídas fontes. Toda a encosta está cultivada duma forma não indigna dos suíços ou saboiardos, cortada em socalcos que dispostos a distâncias regulares, e sustentados por muros baixos, ostentam as mais belas flores, produzem as mais escolhidas plantas de cozinha. Os baixos, em que a vila se divide, ainda hoje recordam os nomes dos primeiros aventureiros que ali armaram suas tendas, formando o que então se chamou arraial do Ouro Preto[13], e foram Antônio Dias[14] de Taubaté, e Tomás Lopes de Camargo e Francisco Bueno da Silva, ambos paulistas, o último, parente de Bartolomeu Bueno.

1701

Mawe, 167, *Memórias*. **Ms. Sabará**

Foram registradas pelo tenente-general Borba Gato as minas de Sabará. Era Manuel da Borba Gato genro de Fernão Dias Pais, e a seu cargo estavam a pólvora, chumbo e instrumentos de mineração que o velho possuíra nesta parte do país, quando D. Rodrigo de Castelo Branco ali chegou com um troço de paulistas a caminho para prosseguir na descoberta das esmeraldas. Exigiram estes aqueles materiais para o serviço público, e alguns vendo Borba Gato pouco disposto a entregá-los, tentaram tomá-los pela força. Interveio D. Rodrigo para impedi-lo, mas antes que se desvanecesse o ressentimento assim provocado, deixou escapar-lhe uma ameaça imprudente, com o que indignados os amigos de Borba Gato mataram-no. Eram eles os mais fracos, mas com grande presença de espírito inculcou Borba Gato estar a chegar um numeroso bando de partidistas seus[15], e a gente de D. Rodrigo pôs-se em fuga para salvar as vidas. Descobrindo como haviam sido enganados, tiveram estes homens vergonha de voltar a São Paulo, e seguiram para as nascentes do rio São Francisco, sendo os primeiros que ali se estabeleceram. Do gado que consigo levaram, provieram as boia-

1700

das que hoje abastecem Minas Gerais. Crendo que nada se pouparia para prendê-lo e puni-lo pelo assassinato, retirou-se Borba com alguns índios para o sertão do rio Doce, onde por alguns anos viveu como um cacique. Mas por intermédio de seus parentes solicitou perdão em São Paulo, e não tendo o ato sido cometido por ordem dele, prometeu-lhe o governador Artur de Sá, com quem teve uma entrevista, não só esquecimento como até galardão se quisessem verificar as descobertas de Sabará. Gostoso cumpriu Borba a condição, pelo que foi premiado com o posto de tenente-general.

Cláudio Manuel da Costa, Patriota. Abr. De 1813, p. 56-8

Foi este lado da capitania explorado antes que outro algum, por dirigirem os primeiros conquistadores o seu curso para o rio das Velhas, onde abundavam em caça as planícies, e, talvez que por isso mesmo, também em índios, atrás de quem corriam. Fizeram o sargento-mor Leandro Vardes e os Guerras, naturais de Santos, a sua descoberta num sítio chamado Caeté, que significa floresta não interrompida, nome impróprio que ainda hoje na boca do vulgo conserva a vila em que o arraial se tornou, embora recebesse foral como Vila Nova da Rainha.[16]

Caeté

1700

A Tomé Cortes d'el-Rei, natural de Taubaté, deve a vila de São João a sua fundação, assim como ao patrício dele José de Siqueira Afonso deve São José a sua, ambas sobre o Rio das Mortes.[17] O paulista Antônio Soares e Antônio Rodrigues Arzão, este, descendente do primeiro aventureiro deste nome, exploraram região mais bravia, que por exposta a ventos violentos e penetrantes é dos índios chamada Hiviturai, e hoje Serro Frio pela mesma razão. O primeiro deixou o seu nome a uma das serras deste distrito, a parte mais rica de todo o Brasil quanto a produtos minerais, a mais pobre porém em tudo que verdadeiramente constitui a riqueza ou contribui para o bem-estar da humanidade.

S. João

S. José

Serro Frio

Memórias. Ms.

Pareceu necessário alterar as leis existentes. O ávido desejo do ganho induzia os poderosos (como o novo regimento chamava) a solicitar tantas datas, que nenhumas ficavam para os pobres. Parece pois ter sido violado ou haver caído em desuso o primeiro regimento: a estes homens influentes faleciam os meios de lavrar as numerosas datas que monopolizavam, pelo que ou as vendiam

Segundo regimento

aos que eles haviam preterido, ou as deixavam jazer desaproveitadas, no primeiro caso em prejuízo do povo, no segundo em detrimento do fisco. Dispôs-se pois que ninguém obteria segunda data, enquanto não lavrasse a primeira, e se ainda restasse terreno depois de satisfeitos todos os pretendentes, repartir-se-ia pelos senhores de mais de doze escravos, concedendo-se mais uma quota por cabeça além deste número. Por outro lado quando fossem mais os pretendentes do que datas se podiam demarcar pela escala determinada, reduzir-se-ia esta para satisfazer todos, tanto os pobres como os poderosos, embora fosse necessário, dizia o alvará, medir terreno às polegadas em vez de braças. As datas se regulariam pelo número de escravos que o mineiro empregava, à razão de duas braças e meia a cada um. Além dos seus quintos reservou-se à coroa uma data, que se demarcaria o melhor lugar, depois de ter o descobridor escolhido a sua primeira, mas antes da segunda, e se alguém deixasse de dar princípio à lavra dentro de quarenta dias, assinar-se-ia um terço da sua data ao denunciante, revertendo à coroa os dois terços restantes: poderiam porém opor-se como exceção à reversão a distância, a falta de mantimentos, o mau tempo e qualquer enfermidade. As datas reais arrematar-se-ia em hasta pública, precedendo editais de nove dias, e declarava o alvará que não estorvassem os poderosos os lances dos pobres: se não se obtivesse preço razoável, fá-las-ia o provedor lavrar por índios, pagando-lhes por conta do Tesouro o mesmo jornal que receberiam dos particulares. Não tardaram porém a patentear-se os inconvenientes deste sistema que no caso de não se arrematarem as datas da coroa, poderia qualquer lavrá-las à sua custa, tirando para si metade do produto, preferindo sempre as pessoas de mais consciência e melhor nota, qualidade necessária para trabalhar por metade do rendimento da mina, onde todos os mais o faziam pelos quatro quintos. Nenhum empregado do fisco ou da justiça havia de possuir data ou quinhão em alguma, nem das minas auferir outro proveito além do seu salário, sob pena de perdimento do ofício e de todos os lucros ilícitos, com o tresdobro de multa, sendo um terço para o denunciante. E quem com algum empregado entrasse em semelhantes transações perderia a sua data e todos os seus lucros, sofrendo pesada multa o provedor ou guarda-mor que nelas fosse conivente.

Regimento das Terras Minerais. 19 de abr. 1702 Ms.

Carta Régia de 7 de maio 1703. Ms.

O salário do provedor foi fixado em três mil e quinhentos cruzados, em dois mil o do guarda-mor, e em mil o de cada guarda menor. O tesoureiro era de nomeação do provedor, devia ser um dos prin-

cipais e mais abastados moradores. O seu ordenado era de três mil cruzados, e quando para estes pagamentos não chegassem os fundos consignados, sairia dos quintos o que faltasse. Visto não poder este funcionário achar-se presente em toda a parte onde se faziam precisos, teria os seus delegados com quinhentos cruzados de salário cada um. Dizia o alvará que pois todos estes ofícios se criavam tão-somente em benefício das minas, justo era que os mineiros provessem aos salários correspondentes, pelo que cada um pagaria um décimo da soma por que se arrematasse a data real, reduzida contudo a taxa na razão da inferior qualidade do terreno. Também esta lei depressa foi revogada concedendo-se aos empregados do fisco em vez de ordenado o privilégio de lavrar minas. Grandes atrativos devia ter esperança do lucro para esta comutação ser tão agradável aos funcionários públicos como o seria aos mineiros. À vista da lei nada se lhes concedia que não pudessem eles reclamar como simples particulares, impondo-se-lhes sem remuneração o ônus do ofício.

Carta Régia de 7 de maio 1703. Ms.

Não era permitido vender uma data para obter outra melhor situada, sob pena de perderem ambas as partes o valor de um ano. Podia porém quem se visse sem meios de lavrar a sua data, primeiro por falta de escravos e depois por mortes deles, requerer ao provedor licença para vender, ficando por esse fato inabilitado para obter nova concessão, salvo provando ter adquirido escravos suficientes para beneficiá-la. Quando a descoberta era à margem de algum rio, empregava-se às vezes o artifício de pedir tempo para examinar o terreno, e entretanto ia-se lavrando e defraudava-se o governo subtraindo os primeiros produtos. Para evitar tais fraudes só se concederiam oito dias para estes exames, e excedendo este prazo, perderia o descobridor os seus direitos. Sendo porém difícil estabelecer uma lei fixa para casos que tanto podiam variar pelas circunstâncias, dispôs-se que poderia o provedor escapar este prazo, quando fosse extensa a ribeira e profundas as catas. As datas às orlas dos rios deviam ser medidas em linha reta, não ao correr da água. Quando se descobria ouro no leito de algum rio, apareciam às vezes reclamações a novas descobertas nos afluentes, estas porém se admitiriam ou não, conforme a magnitude das correntes. Era ponto de alguma importância este, pois que o ditoso que fazia quatro descobertas, tinha direito a outras tantas datas na última em vez de uma.

Toda a jurisdição ordinária, civil e militar estava encarnada no provedor, como nas outras partes do Brasil sucedia a respeito dos juízes de fora e ouvidores-gerais, e em razão da distância a que da capital ficavam as minas, concedia-se-lhe nos feitos da fazenda alçada definitiva até ao valor de 100$000, cabendo daí para cima apelação para a relação da Bahia. Aceitavam-se denúncias secretas de fraudes cometidas contra o fisco, a fim de se poder proceder nos termos da lei contra os delinqüentes. Da Bahia se levava gado para as minas, onde se vendia por ouro em pó. Agora se impôs aos boiadeiros a obrigação de notificar no distrito das minas a sua chegada, especificando o número de cabeças que traziam, sob pena de pagarem o triplo do valor das que tentassem ocultar, além de incorrerem no crime de contrabando. Também deviam declarar ao provedor os preços que haviam alcançado, para que pudesse o Erário cobrar os seus direitos, caso não houvesse pago o quinto o ouro que levavam. Podia qualquer ir das minas a comprar gado na Bahia com ouro em pó, mas se não pagava previamente o quinto, munindo-se de um certificado, era-lhe confiscado quanto consigo levasse. Igualmente livre não era o ingresso, que a ninguém que viesse da Bahia se permitia, exceto aos boiadeiros. Negros só do Rio de Janeiro era permitido trazê-los. Da Bahia só gado se podia importar pelo sertão, devendo tudo o mais embarcar para o Rio de Janeiro, a fim de ser depois introduzido por via de Taubaté ou São Paulo. Com estas restrições se pretendia obstar à extração clandestina do ouro em pó. Especialmente se recomendava ao provedor e guarda-mor não sofressem nas minas gente ociosa, que só podia servir para consumir víveres e contrabandear o ouro. Tampouco se havia de tolerar ali ourives algum, nem mineiro que possuísse escravo perito nesta profissão proscrita.

Efeitos das minas sobre o povo

A paixão pelas minas descrevem-na os que dela foram testemunhas na América espanhola, como uma sorte de insânia, conjuntamente a mais febril e crônica espécie dessa enfermidade que o amor do jogo produz. Quem uma vez principiou a servir-se da linguagem técnica dos mineiros, deixa de pensar em mais nada: a primeira tentativa, por mais que ele proponha que não passará de um ensaio, imprime-lhe inalterável direção a todo resto da vida. Libou a taça envenenada, ouve e repete o ditado de que depositou Deus na Terra os metais preciosos para os predestinados a serem os felizes

descobridores, e aplicando-o a si mesmo, jura não deixar perder a sua fortuna, e empenha na cata todos os seus meios. Homens conhecidos por prudentes e até por apertados enquanto se não deixam induzir a tentar sorte das minas adquirem logo novo caráter, arrastando a cobiça a mesma avareza à prodigalidade. Deixam-se levar não só desses indícios mineralógicos em que pode confiar a razão, mas até por fantásticas correspondências, como direção, forma, grandeza do outeiro ou monte, e ervas que produz. Desde a hora em que se atiram a esta empresa, é a sua vida um contínuo sonhar de esperanças: com maior açodamento e mais viva expectativa do que o primeiro dispêndio lança ele na voragem os destroços de uma arruinada fortuna. Uma tentativa mais pode tornar a trazer tudo o que já lá vai; próxima está a veia, mal se toque a nascente manará em golfadas a riqueza, o dia de amanhã pagará o trabalho, realizará as esperanças de tantos anos de paciência e fadigas.

Uloa. Entretenimento, 12, § 9, 14

De todas as partes acode povo às minas

Igualmente forte, porém menos ruinosa foi no Brasil esta paixão, que ainda mais geral se tornou por jazer o metal mais à superfície da terra, e ser ouro, não prata o engodo. Menos trabalho e menos capital se exigiam para a lavra, a tentação era mais forte, menor o risco, e maior a recompensa. Tornou-se agora o ouro das minas, diz Rocha Pita, o ímã dos brasileiros. Até o governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá de Meneses, esquecido do seu caráter oficial e dos seus deveres, lá foi, fez-se companheiro dos mineiros, votou-se à empresa com igual avidez, e só desistiu dela quando pôde voltar rico. Não escapou tal proceder sem a censura que merecia, ficando notado nas novas leis. Mostrara a experiência, se dizia nelas, não poder o governador ir às minas sem prejuízo do serviço público, sendo necessária a sua presença na sede do governo: proibia-se-lhe pois visitar semelhante distrito sem ordem expressa da corte, ou em caso de imprevista urgência, em que nele seria culpa não se apresentar ali.

Rocha Pita, 8, § 67

Também das outras capitanias começaram a afluir aventureiros ao mesmo teatro de ação, especialmente da Bahia; e não meros aventureiros somente, para os quais, tendo de buscar fortuna, todos os lugares eram uns, e que pelo que tocava ao bem público, tanto valia irem parar aqui como ali, mas homens de cabedal também, que estavam bem esta-

Desaprovação. Decadência do comércio de açúcar

1702

belecidos e utilmente empregados com vantagem própria e da república. Abandonavam-se fazendas deixando-as a monte, não contente o lavrador com a riqueza que lentamente lhe daria o solo, quando podia cavar ouro e mergulhar de uma vez num mar de tesouros. Neste intuito se compravam negros por todo o preço. Não podiam os senhores de engenhos sustentar a concorrência com especuladores tão ávidos quão aventureiros; só os mais poderosos proprietários se podiam manter com preços tão exorbitantes, a maior parte sucumbiu depressa por falta de braços. Fazia-se portanto menos açúcar, e assim como se fazia menos, também se fazia pior, que raras vezes se põe cuidado naquilo em que se não põe esperança, e afinal de necessidade tiveram de abandonar-se os engenhos ao passo que faltavam escravos ou se arruinavam os senhores. Até então fora o Brasil que quase exclusivamente suprira de açúcar todos os Estados europeus; agora diminuiu a exportação, e da oportunidade se aproveitaram, ocupando os mercados, os franceses e ingleses, que por este tempo principiavam a entregar-se nas suas ilhas à cultura da cana. Assim reduzido o primeiro e principal artigo, decaiu o comércio de todo o gênero, e a conseqüência desta declinação foi aumentar o espírito de emigração que a ocasionara. Assim se despovoavam aldeias, vilas e cidades, sendo ainda perfeitamente visíveis trinta anos depois os sinais deste desfalque.

Labat. *Voyage aux Isles,* **T, 4, p. 77**

Rocha Pita, 8, § 111-112

Assustado com o rápido progresso deste imprevisto mal, esperou o governo atalhá-lo de um golpe, intervindo energicamente, e assim proibiu a passagem de escravos da Bahia para as minas, e mandando confiscar quantos fossem apreendidos nesta tentativa, e reparti-los entre o Tesouro e o denunciante. Empregaram-se tropas para cortar este trânsito de contrabando e muitas capturas se fizeram. Mas em tão vasto e deserto país impossível era guardar todas as passagens, e a vigilância fiscal raras vezes é tão engenhosa, e nunca tão incansável como o interesse individual. Pode mais que o medo a esperança, em casos como estes e para homens cuja sorte era desesperada, ou ilimitada a confiança, nada era o que arriscavam em comparação do preço por que os aventuravam. Por mar e por terra se jogava com igual furor. Não saía para o Rio de Janeiro, nem para

Procura em vão o governo refrear esta imigração

os portos de Santos, São Vicente e Espírito Santo navio a que se não desse rigorosa busca à hora da partida. Que se fazia? Mandavam-se os negros previamente para Itaparica, ou qualquer outra ilha da baía, de onde em botes se passavam para bordo dos navios ao passar da barra. Descoberto o artifício, em cada embarcação se metiam guardas com ordens de não a deixarem senão muitas léguas já ao mar. Não durou isto, porém, muito sem que o governo percebesse a má política que era contrariar o curso natural das empresas, tentando fazer voltar atrás uma torrente, que com tanto ímpeto corria naquele sentido. Revogou-se pois a proibição, prevalecendo, diz Rocha Pita, a fortuna das minas sobre a dos engenhos: para a vitória concorreram os produtos delas convertendo a corte à opinião dos brasileiros de que mais valia cavar ouro do que cultivar cana.

1702

Rocha Pita, 8, § 114-117

D. Rodrigo da Costa, governador. Disputas a respeito de Nova Colônia

Ocorreram estas áureas descobertas na administração de D. João de Lencastro e do seu sucessor D. Rodrigo da Costa. No tempo deste último governador tornou o Brasil a ser agitado pela flutuação dos negócios na Europa. Tão indefinido fora o arranjo feito a respeito da Nova Colônia, como se de propósito se houvessem deixado inconcludentes as condições para ficar margem a futuros litígios. Freqüentes eram as escaramuças. Os portugueses queixavam-se de agressões e assassinatos cometidos pelos índios das reduções. Por outro lado afirmavam os jesuítas terem-se os portugueses aliado com os índios que ocupavam o país entre a Nova Colônia e as reduções, fornecendo-lhes armas de fogo, instigando-os a acometer as povoações cristãs, e enviando-lhes tropas em auxílio quando rechaçados e perseguidos. A lei da própria conservação lhes impunha a necessidade de viver em bons termos com as tribos vizinhas, e obterem deles armas de fogo os índios seria a fatal porém natural conseqüência de relações amigáveis. Mas da parte dos portugueses, poucos em número, longe de socorros e defronte de Buenos Aires, provocar com as reduções hostilidades, em que não podia aquela cidade deixar de envolver-se, teria sido um ato de má política, senão de loucura, que mal se pode supor deles. Com melhor fundamento os acusavam os espanhóis de penetrarem intrusamente muito longe pelo sertão adentro tanto por água como por terra, de irem cortar madeira na ilha de Martim Garcia, a cuja posse se não pretendiam com direito, e de matarem o gado para

exportar os couros, com tão pouca atenção a qualquer outra consideração que com razão se podia desta horrenda matança recear escassez de mantimento. Essas queixas fazia-as o governador de Buenos Aires, D. Manuel del Prado valer em aspereza tal, como se fora uma disputa pessoal, e ambicionasse ele ostentar os seus talentos de acrimoniosa controvérsia. Contudo ao espalhar-se o estranho boato de disporem-se os dinamarqueses a estabelecer-se à força no Prata, convidou ele o governador português a cooperar para a resistência, fortificando com estas vistas a posição de Montevidéu, circunstância tão notável a outros respeitos como pela causa singular do rebate; vê-se daqui quão bem dispostas, apesar das suas freqüentes contestações e amarga inimizade, estavam ambas as nações a obrar de comum acordo com seu próprio interesse contra todos os entrelopos, e também ter-se então reputado dentro da demarcação portuguesa a situação de Montevidéu.

Sobre o território de Nova Colônia, Ms.

A Prado sucedera D. Alonso Valdés no governo, quando a parte tomada por Portugal na guerra da sucessão veio legitimar as hostilidades na América. Imediatamente se fizeram preparativos para atacar Nova Colônia, cujo governador Sebastião da Veiga mandou pedir socorros à Bahia e ao Rio de Janeiro. Com a maior atividade se embarcaram na primeira destas cidades quatrocentos homens com munições de guerra e de boca. Saíram eles à barra quando, carecendo de reparos e sem saber da guerra, vinha entrando um navio em viagem das Índias espanholas para a mãe pátria e assim arremessado tão longe da sua derrota por falta de víveres e aguada. Não faltou quem a D. Rodrigo aconselhasse a captura deste barco, como indenização das despesas feitas pelo Estado na expedição destes socorros para Nova Colônia: mas por mais conforme que isto houvesse sido aos costumes estabelecidos, prevaleceram sentimentos melhores. Proibiu o governador que além das pessoas por ele para isso nomeadas, fosse alguém a bordo do navio, ou tivesse comunicação com a tripulação, e sofrendo que os espanhóis por preços eqüitativos se suprissem do que careciam, e ficassem no porto todo o tempo necessário para se refazerem, deixou-os afinal partir em paz maravilhados da generosidade com que haviam sido tratados.

Guerra com a Espanha e cerco de Nova Colônia

Rocha Pita, 8, § 84-7

Evacuam os portugueses a praça

Do Rio de Janeiro se remeteram maiores reforços. Entretanto trabalhava Sebastião da Veiga diligente nas obras morosamente adiantadas quando não havia receio de perigo imediato. Houve tempo para isto por ter sido preciso reunir de partes remotas a força sitiante. Tinham vindo do Peru as ordens para o assédio, e parte das tropas devia tirar-se do Tucumán, fornecendo as reduções quatro mil homens, que se formaram em três divisões comandadas por quatro caciques mestres-de-campo, com outros tantos missionários, que eram os verdadeiros comandantes, e igual número de padres que praticavam a cirurgia. Destas divisões duas desceram o Uruguai, e tendo menor jornada que fazer veio por terra a terceira. Ao sargento-mor Baltasar Garcia se deu o comando do exército sitiante. Queimaram os portugueses todas as casas que ficavam fora das fortificações e defenderam-se valentemente. As baterias inimigas arrojavam 150 a 200 balas por dia, esforço extraordinário para aquele tempo; às minas se opunham contraminas, e por terra e por água se ia fazendo a guerra, até que trazendo de Buenos Aires uma esquadrilha, bloquearam os espanhóis a baía. Afinal recorreram estes ao meio posto que mais lento mais seguro de pela fome reduzir a praça. Da posição em que se via, deu Sebastião da Veiga parte ao seu governo, e do Rio de Janeiro se lhe mandaram navios e a ordem de trazer a sua gente, abandonando o forte, por não parecer prudente distrair mais tropas para defesa daquele ponto. Romperam os navios por entre as embarcações menores, que formavam o bloqueio; encravaram-se as seis peças maiores, o resto passou-se para bordo com todos os objetos móveis de valor, inclusive os santos e alfaias de igreja, e posto fogo à fortaleza, embarcaram os portugueses em segurança, tendo suportado seis meses de sítio.

Rocha Pita, 8, § 88-100

1706

Luís César de Meneses, governador

1706

Ao governo de D. Rodrigo da Costa sucedeu o de Luís César de Meneses, alferes-mor de Portugal. Durante a sua administração morreu Pedro II, deixando o trono a seu filho João V. O Brasil, outrora tão pouco prezado que a qualquer aventureiro que se propunha fundar ali uma colônia, se davam terras que farte para formar um grande reino, era agora a parte mais importante dos domínios dos portugueses. Pelas constituições da Igreja de Lisboa se governara até agora a sua, mas em

1706 convocou o arcebispo da Bahia, D. Sebastião Monteiro da Vide, o primeiro sínodo, compilando-se nele um corpo de constituições adaptadas às circunstâncias do país. Entre os sufragantes convocados acharam-se os bispos de S. Tomé e Angola. Inteirara-se do estado da sua vasta diocese o distinto primaz, percorrendo-a toda em quatro visitações, na última das quais administrara a comunhão a oito mil pessoas, crismando mais de dez mil: para prova de quão bem conhecia ele os seus deveres e quão zeloso os desempenhava, basta-lhe o ter-se sujeitado aos trabalhos e dificuldades de semelhantes jornadas em país semelhante. Erigiu igrejas, lançando às vezes os fundamentos com as próprias mãos e revestido de pontifical para dar maior realce à cerimônia; construiu um palácio para si e seus sucessores; arranjou santuários decentes, em que guardar na sé da Bahia as relíquias, que não via conservadas com o cuidado e esplendor que os católicos romanos julgam devido a estas frioleiras; distinguia os sacerdotes versados nas línguas holandesa, inglesa ou dinamarquesa, acoroçoando-os a converter os marinheiros destas nações quando vinham à Bahia; compôs um catecismo das doutrinas necessárias à salvação segundo a crença da sua Igreja, e distribuiu muitos milhares de exemplares por todo o país, especialmente entre os escravos, assim procedendo em tudo como verdadeiro e fiel servo de Deus, conforme as luzes que tinha.

Conduta exemplar do arcebispo

Rocha Pita, 9, § 11-13. Elogio pelo Pe. Prudêncio do Amaral. *Oratio panegyrica*. **P. Joannis Antoni Andreoni**

Entretanto voltara a Lisboa apenas terminadas as questões com Caiena, Antônio de Albuquerque, cuja saúde sofrera com o clima do Pará, e nas mãos de Fernão Carrilho deixou o governo, até nomear-se sucessor. Era Carrilho soldado aventureiro, cuja curta administração só foi assinalada por uma circunstância que devia confirmar o povo em algumas de suas supersticiosas crenças. Tinham sido mortos na ilha dos Joanes pelos arnaus dois missionários franciscanos, e a tirar vingança dos selvagens se despachou um troço de portugueses e índios, que acharam os corpos dos frades em perfeito estado de conservação, posto que seis meses houvessem jazido sobre a terra expostos aos animais, insetos e todos os acidentes do tempo, com que estavam já putrefatos os hábitos. Ninguém tratou de averiguar as causas naturais do fenômeno, supondo logo todos uma milagrosa; não entrou nisto pessoa

Fernão Carrilho, governador interino do Pará

1701

1702

cujo testemunho possa ser razoavelmente suspeito, e Berredo, que relata o fato, e a quem por certo não faltavam os meios de verificá-lo, não é escritor crédulo, inclinando-se antes para o extremo oposto. Quais se encontraram foram os corpos trazidos para Belém, onde depois de vistos por toda a cidade, se enterraram na capela-mor da igreja do convento a que haviam pertencido.

Berredo, § 1421-6

D. Manuel Rolim governador do Maranhão

1704

Questões com o ouvidor-geral

Depressa foi Carrilho rendido por D. Manuel Rolim de Moura, cuja má fortuna o envolveu, como tantos dos seus predecessores neste turbulento governo, em conflitos de autoridade. Celebrara o ouvidor-geral Miguel Monteiro Bravo alguns contratos em nome da coroa sem ter obtido, como exigia a lei, a aprovação prévia do governador, e chamado por este, para se regularizarem as coisas, recusou ir à presença do mesmo, ato de escandalosa desobediência, pelo qual Rolim imediatamente o suspendeu de todos os cargos. Retirou-se para São Luís o ouvidor, mas regressando daí a pouco a Belém, foi estabelecer o seu quartel no colégio dos jesuítas. Levado ou do seu gênio pacato ou do receio de que com o apoio dos jesuítas não fosse o ouvidor fazer boa perante a corte a sua causa, ofereceu-se Rolim para reintegrá-lo, ao que o outro porém não anuiu, embarcando secretamente e sem licença para Lisboa em despeito das ordens positivas do governador e do governo. Tão eficazes foram as representações que ele soube ali fazer, que a rainha, viúva da Inglaterra, então regente durante a moléstia do seu irmão el-rei D. Pedro, destituiu Rolim do seu ofício, ordenando-lhe que imediatamente o resignasse nas mãos do capitão-mor do Pará João de Velasco Molina, enquanto lhe não ia sucessor. Tão popular havia sido a sua administração, e tão justo o seu procedimento neste negócio, parecendo tão pouco merecida esta extraordinária severidade, que as principais pessoas de Belém o aconselharam a apelar para el-rei, quando Sua Majestade conhecesse a fundo todas as circunstâncias, conservando até então a sua autoridade com toda a confiança no favorável resultado. Mas Rolim submeteu-se ao rigor das ordens recebidas, e entregando na forma deles o governo, partiu para o Maranhão, tencionando mal lhe chegasse o sucessor seguir por terra para a Bahia a fim de chegar a tempo de alcançar a frota do reino.

1705

Berredo, § 1429-38

Devera este procedimento eximi-lo de toda a suspeita, mas a João de Velasco foram dizer que uma conspiração se tramava para derrubá-lo e restabelecer Rolim no governo, e sem indagar dos fundamentos nem mesmo das probabilidades de semelhante acusação, ei-lo que abala para S. Luís com o ouvidor do Pará, que talvez por motivos de animosidade pessoal julgava implicado na tramóia o seu colega do Maranhão.

Mau proceder do capitão-mor

Neste pressuposto procederam ambos da forma mais arbitrária, e sem guardar sequer as solenidades da lei, à prisão do ouvidor suspeito e de muitas das principais pessoas da terra. O mesmo Rolim só escapou a tão indigno tratamento, asilando-se no convento dos franciscanos depois de ter algum tempo errado pela ilha. Acabaram estas questões com a chegada do novo governador Cristóvão da Costa Freire, senhor de Pancas, que entre as aclamações do povo recebeu o governo das mãos de Rolim, segundo as instruções que trazia. Era isto prova concludente de não ter el-rei aprovado o rigor com que Rolim fora tratado. Inquiriu-se da suposta conspiração, averiguando-se não ter tido a acusação o menor fundamento.

Berredo, § 1439-45

Até agora fora de toda a América portuguesa o Maranhão a parte onde menos se guardavam as leis. Mas a restauração da ordem por Gomes Freire e o desenvolvimento do comércio produziram grandes e permanentes melhoramentos, de sorte que começou a autoridade da mãe pátria a ser respeitada aqui como na Bahia e Rio de Janeiro. Era o país das minas que se ia tornando o distrito mais turbulento e ao mesmo tempo o mais importante do Brasil. A corrente do povo tinha para ali levado tanto os mais desalmados como os mais aventureiros, e um lugar onde não havia nem lei nem aparência de governo atraía os dissolutos e os criminosos com a mesma força que o fato de achar-se ouro só com buscá-lo chamava os necessitados e os empreendedores. Na ausência de qualquer outra autoridade arrogou-se Manuel de Borba Gato, fundador de Sabará, o título de governador das minas, sob pretexto dos seus direitos como descobridor, e reconhecendo-o os paulistas por chefe da sua parcialidade, com o apoio destes e ativa coadjuvação dum certo Valentim Pedroso Barros manteve-se no posto que assumira. Há casos em que o prudente e equitativo exercício do poder tem re-

As minas. Ciúme entre paulistas e forasteiros

Manouel Álvaro Carneiro. Ms.

conciliado os homens com a falta ou ilegalidade do título por que se administra. Desta natureza foi o governo de Borba Gato, que se justificou com os serviços prestados. Não parece porém ter-se a influência deste homem estendido muito além do seu próprio distrito; depois da sua morte ninguém possuía igual ascendência, e o crime que desde princípio se manifestara entre paulistas e taubatenses assumiu afinal proporções formidáveis e exterminadoras. Já os últimos não eram o único objeto da inimizade dos primeiros. Esta poderosa parcialidade, desde muito acostumada a pôr a lei onde quer que se apresentava, confundia quantos não eram da sua própria terra debaixo do nome genérico de *emboabas*, palavra tupi, empregada como demonstração de hostilidade e desprezo. Não consideravam os paulistas que a superioridade numérica, que primeiramente estivera do seu lado, passara para os forasteiros, como também os chamavam, e muito menos lhes ocorria que estes, que eles soíam desprezar e insultar, eram de espíritos tão altos, e muitos tão infremes e audazes como eles mesmos.

1706

A primeira resistência séria à ascendência que se arrogavam os paulistas, manifestou-se no arraial do rio das Mortes. Um *forasteiro* que ali se entregava não sei a que ocupação humilde, foi morto por um paulista com circunstâncias que pareceram tirânicas e iníquas. Tanto se enfureceram com isto os outros forasteiros do lugar, que teriam feito justiça sumária no matador, se não houvesse este achado meios de escapar-lhes à pertinaz perseguição, mas de cansados do estado de anarquia e conseqüente falta de segurança em que viviam, mandaram ao Rio de Janeiro pedir a D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro, que lhes enviasse um capitão para manter a tranqüilidade e fazer observar a justiça. Anuindo expediu o governador a respectiva patente a um dos moradores que julgou digno do cargo.

Os forasteiros elegem Manuel Nunes por seu chefe

Estava ainda fresco na memória do povo este caso, assunto de todas as conversações no distrito das minas, quando em Caeté se levantou tumulto mais sério. Estavam à porta da igreja dois dos homens de mais consideração entre os paulistas, chamado Jerônimo Poderoso[19] um, e conhecido o outro pelo nome não menos significativo de Júlio César, quando viram passar um forasteiro com um bacamarte nas mãos. Agradou-lhes a arma, e como meio mais fácil de obtê-la, acusaram o

dono de havê-la furtado, procurando arrancar-lhe à força de injúrias e insultos. Sucedeu ver isto Manuel Nunes Viana, natural do reino, homem poderoso nas minas, e pessoa de muita resolução e prudência, e sucedeu saber ele também que era o bacamarte em questão propriedade legítima de quem o levava, pelo que interveio a favor do agredido. Trocaram-se palavras acres e Manuel Nunes desafiou os paulistas ambos. A princípio foi aceito o desafio, mas não era este o modo costumado de resolver no Brasil as pendências, e assim escusando-se de encontrar-se com ele no campo, reuniram os dois seus parentes e amigos e prepararam-se para acometê-lo dentro da própria casa. Depressa se espalhou a notícia pelos arraiais de Sabarabuçu e do Rio das Velhas, onde, como no de Caeté, olhavam os forasteiros para Manuel Nunes como para o seu protetor. Viram quão intimamente andavam os seus próprios interesses ligados à vida deste homem, e fazendo portanto causa comum, tomadas às armas, correram em auxílio dele. Assumiu agora a questão proporções assustadoras, mas os paulistas, reconhecendo talvez que eram vergonhosas as circunstâncias da agressão, ou, o que é mais provável, arreceando-se do resultado se fossem mais adiante, propuseram uma acomodação, que foi prontamente aceita, e trocadas de parte a parte, promessas de viver em paz e boa amizade, voltaram todos às suas casas.

Rocha Pita, § 20-3

Da índole, hábitos e circunstâncias das duas parcialidades se não podia esperar que fosse duradouro o acordo, e de fato não tardou a rebentar com dobrada força o rancor que ambas se guardavam. Perseguindo um mameluco que matara um dos seus, foram alguns forasteiros à casa de José Pardo, paulista *poderoso*, onde ele se refugiara. Deu-lhe Pardo escápula para as matas e por não o haver entregue foi assassinado por aqueles furiosos, que nem lhe escutaram o apelo para o tratado tão recentemente celebrado, nem atenderam a que eles mesmos em idênticas circunstâncias procederiam de igual maneira. À vista deste ultraje atroz outra vez pegaram os paulistas em armas, como em países onde não há quem faça justiça, cada um a toma conforme pode. Correu o boato de projetarem eles, como único meio de a si mesmos se segurarem, extermínio de todos os forasteiros das minas, e também se dizia e corria terem eles combinado dia e hora para cair sobre os adversários em todas as partes daquele distrito. Embora entre os

Guerra entre as parcialidades

paulistas não houvesse talvez um só a quem umas poucas de mortes desgarradas causassem escrúpulos de conseqüência, com razão se pode duvidar de que todos eles em massa seriam capazes de entrar em conspiração tão execrável. Mas ao boato se deu inteiro crédito. Tornou a outra parcialidade a levantar-se em armas, e reunindo-se dos três arraiais foi em busca de Manuel Nunes Viana, a quem elegeu por governador sobre todos os moradores das minas, para, dizia ela, curvar a insolência dos paulistas, e forçá-los a viver obediente às leis. Aceitou Manuel Nunes o cargo, sendo tal o estado do país, que consultando ele a sua segurança pessoal relativamente a ambos os partidos, outra alternativa lhe não restava. Apenas souberam desta eleição, mandaram os forasteiros de Ouro Preto e do rio das Mortes declarar a sua aquiescência e protestar a sua obediência ao governador eleito, pedindo ao mesmo tempo socorro contra os paulistas que eram fortes naquele distrito, e, diziam eles, não tinham por lei senão a sua própria vontade.

Rocha Pita, 9, § 24-5

Vai Bento do Amaral ao rio das Mortes

Achava-se agora o país em estado de verdadeira guerra civil. Vendo-se à frente duma grande força armada, abalou-se Manuel Nunes para Ouro Preto, e assegurado ali o predomínio da sua parcialidade, destacou Bento do Amaral Coutinho com mais de mil homens em socorro dos forasteiros do rio das Mortes, onde estes tinham erguido um reduto para sua defesa, e receavam ser acometidos, levados de vencida e mortos todos, Natural do Rio de Janeiro era Bento do Amaral um malvado audaz[20] que, tendo cometido na sua própria província tantos desacatos e assassínios, que apesar de relaxada como andava a justiça, não mais se podia ali deixar ficar com segurança, passara-se para uma parte do país onde nem leis havia. A chegada deste reforço livrou os forasteiros do bloqueio em que estavam, dando-lhes a superioridade. Alguns bandos de paulistas, que andavam à pilhagem, espreitando a ocasião da vingança, foram perseguidos e rechaçados na direção do seu próprio território. Uma partida maior levantara suas tendas cerca de cinco léguas do arraial em que Bento do Amaral estava aquartelado: mandou este sair um destacamento mas sem haver aventurado hostilidades voltou o comandante dizendo serem os contrários muito mais fortes do que ele, com o que tanto raivou o chefe que imediatamente se pôs em marcha com toda a sua força.

Tinham estes paulistas abarracado numa espessura no meio duma planície bravia. Apenas viram aproximar-se o inimigo retiraram-se ao bosque, e prepararam-se para a defesa, sabendo ser quem vinha atacá-los homem tão resoluto e feroz como qualquer deles. Mandou Bento do Amaral cercar a mata; o fogo dirigido dentre as árvores lhe matou um homem, ferindo-lhe uns poucos, mas vendo depois dum assédio de vinte e quatro horas quão desesperada era a sua situação, mandaram os paulistas uma bandeira branca oferecendo entregar as armas, se se lhes assegurava bom tratamento. Deu-se-lhes a segurança que pediam, mal porém os viu, entregues as armas, completamente à sua mercê, deu o malvado Amaral ordem de passá-los todos à espada[21]. Houve no seu exército quem prostestasse contra ação tão detestável, mas havia também um bando de celerados dignos de tal chefe, e escravos para quem era brinquedo o derramamento de sangue, e todos estes míseros paulistas foram imolados. Jactando-se das suas proezas, recolheu-se Amaral. Nascido e criado num país onde a má execução das leis não tolhia os hábitos de subordinação e humanidade que elas geram, bem quisera Manuel exprimir a sua indignação contra este monstro mais energicamente do que com repreendê-lo pelo que fizera, mas condizia o ato tanto com os costumes e índole do povo, que pretender puni-lo seria expor-se à própria ruína. Contentando-se pois com evitar mais crimes até onde chegava o seu poder, foi exercendo a sua ilegal autoridade o melhor que pôde para bem de todos.

Extermínio dum troço de paulistas

Rocha Pita, 9, § 28-31

Ao chegar ao Rio de Janeiro a notícia desta guerra intestina e da matança que já tivera lugar, entendeu o governador com razão ser este um desses casos urgentes em que era do seu dever partir imediatamente para as minas sem aguardar licença ou instruções da corte. Saiu pois com quatro companhias de soldados, e chegando ao arraial do rio das Mortes, que era o mais próximo do teatro daquele horrendo crime, ali se deteve algumas semanas procurando restabelecer a ordem. As terríveis circunstâncias recentemente ocorridas, e as representações da parcialidade oprimida, que implorava agora proteção duma autoridade de que em outro qualquer tempo só houvera escarnecido, dispuseram-no a favor dos paulistas. Os do outro partido que estavam naquela localidade, e foram tratados com rigor, achando-se alguns

Vai às minas o governador do Rio

mui provavelmente implicados no morticínio, mandaram aviso aos forasteiros de todo o distrito, de ter vindo o governador a submetê-los e castigá-los, tendo trazido anjinhos e correntes para os que lhe caíssem nas mãos, pelo que não restava outro recurso senão marchar contra ele e expulsá-lo das minas. Levantaram estes mensageiros todo o país e os forasteiros convidaram Manuel Nunes Viana a conduzi-los contra o governador. Ninguém em tal situação obraria com mais prudência. Se aceitava o mandato dos seus constituintes colocava-se em rebelião aberta e declarada; se o rejeitava, punha em risco a própria vida. Em todo o caso escolheriam eles outro chefe, e quanto mais desesperado melhor. Podia ser Bento do Amaral o escolhido, e então devia contar-se com a morte do governador e de toda a sua escolta. Diz-se que os homens sobre os quais ele exercia sua precária autoridade, tinham resolvido lavrar as minas em seu próprio benefício exclusivo, não admitindo governador ou oficiais da coroa, enquanto se não enriquecessem; então reconheceriam a autoridade d'el-rei, contanto que se lhe desse inteiro perdão, aliás retirar-se-iam com as suas riquezas para as províncias espanholas. Também se diz que quem lhes sugerira e apoiava este plano eram desertores de Nova Colônia, dos quais haviam muitos no país. Mais provável é que obrassem arrastados pela paixão e impulso imediato do que guiados por qualquer propósito deliberado, mas fossem quais fossem as idéias desta gente, nenhum meio tinha Manuel Nunes de opor-se-lhes, não podendo mais do que ganhar tempo. Pondo-se pois à testa do povo armado, saiu ao encontro do governador, que vinha agora sobre o arraial de Ouro Preto.

Rocha Pita, 9, § 31-3
Cláudio Manuel da Costa, p. 60

Retira-se o governador

A quatro léguas do arraial postou-se Manuel Nunes num sítio chamado das Congonhas, duma erva do mesmo nome, que ali nasce em abundância, e de que os paulistas faziam uso como de chá, achando-lhe as mesmas virtudes[22]. Ao aparecer o governador à vista, meteu ele a sua gente em ordem de batalha sobre uma eminência, infantaria no centro e cavalaria nos dois flancos. A esta demonstração hostil com razão se inquietou D. Fernando, mandando um capitão adiante a saber quais eram as intenções do povo. Aproveitou Manuel Nunes a ocasião para obter dele uma entrevista, e nesta o fez ver o estado real das coisas, a disposição em que estavam os ânimos dos forasteiros, os agravos que haviam sofrido, e sua per-

feita lealdade a el-rei e a coação e necessidade com que ele mesmo os vinha comandando. Acrescentou que se quisesse o governador entrar no arraial, não lhe oporia ele como indivíduo resistência alguma, mas explicou-lhe tão claramente as perigosas conseqüências de semelhante passo, que D. Fernando por mais prudente teve de voltar ao Rio de Janeiro, deixando que como pudesse governasse Manuel Nunes o país, procurando, se o permitissem as circunstâncias, introduzir uma tal ou qual subordinação entre povo tão turbulento.

Rocha Pita, 9, § 34-5

Assim acoroçoado, e vendo de alguma sorte sancionada a sua autoridade, achou Manuel Nunes fácil a sua tarefa. Tinham os forasteiros ganho a ascendência que os haviam provocado a assumir, mas também cometido grandes crimes na luta, e cônscios disto achavam-se bem dispostos a fazer jus ao perdão com uma ostentação de lealdade, pelo que de boa vontade apoiaram em todas as medidas que tinham este caráter o seu governador eleito. Este nomeou oficiais militares civis e judiciais, e pôs em hasta pública os quintos que pagava o gado à entrada no distrito das minas. Elegeram-se procuradores, que fossem a Lisboa solicitar em nome do povo um governador e magistrados próprios, tirando-se dinheiro por contribuições voluntárias para as despesas desta missão. Antes de poderem estes delegados pôr-se a caminho foi D. Fernando substituído no governo do Rio de Janeiro por Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que com tanto tino se portara no Maranhão. O mesmo receio que induzira o povo a aquiescer às medidas de Manuel Nunes, levou-o agora a propor que se mandasse convidar o novo governador, esperando com esta espontânea prestação de obediência desarmar o merecido ressentimento. Havia nas minas um religioso, que tinha sido secretário de Antônio de Albuquerque no Maranhão, e foi este escolhido para mensageiro, entregando-se-lhe cartas, de Manuel Nunes e de todos os poderosos da parcialidade com protestos de inabalável fidelidade e voluntária submissão às leis.

Dispõe Manuel Nunes as cousas para a restauração da ordem

Já Albuquerque se achava a caminho, e sabendo alguma coisa do estado da opinião pública só levava consigo uma guarda de honra, cônscio de quão facilmente se cativam as afeições dum povo em quem se mostra confiança. Em Caeté o

Vai Albuquerque às minas

recebeu um poderoso por nome Sebastião Pereira de Aguilar, cuja influência crescia então, por se ter ele posto à frente dos brasileiros contra os filhos do reino acusando Manuel Nunes de favorecer estes, de modo que se a autoridade legítima se não houvesse agora consolidado nesta crítica conjuntura, talvez que nova guerra civil rebentasse dentro em pouco.

Aqui veio também Manuel Nunes ao encontro do governador, e deixando-o na pacífica posse do governo, obteve licença para regressar às suas próprias terras do rio de São Francisco, contente por sair afinal das minas, escapo da sua elevação perigosa. Se a corte lhe galardeou os serviços, ninguém o diz, mas reconheceu-lhos a história. Não convinha uma tácita anistia, como se não houvera autoridade que respeitar, por isso proclamou-se um perdão geral, voltando eles à obediência, para todos os moradores das minas a leste e oeste do rio das Velhas, que tinham pegado em armas contra os paulistas.

Rocha Pita, 9, § 35-9. Alvará de 27 de nov. 1708. Ms. Cláudio Manuel da Costa, 65

Invadem os paulistas as minas

Percorreu Antônio de Albuquerque o país, confirmando as nomeações feitas por Manuel Nunes, e fazendo outras com geral satisfação do povo, que exultava ao ver-se outra vez dentro da órbita da lei. Metido tudo nos seus eixos seguiu ele a serenar os ânimos irritados em São Paulo e nas vilas do seu distrito. Aqui não tinha havido quem como Manuel Nunes aplanasse o caminho. Longe disso, estavam em estado de violenta agitação os turbulentos moradores. Os expulsos das minas tinham sido recebidos por suas mulheres com sinais de indignação e pungentes exprobrações por haverem deixado inultos os seus conterrâneos. A raiva de que estavam possuídas estas mulheres, depressa se comunicou ao outro sexo, e levantou-se um exército, dando-se o comando a Amador Bueno, homem de grande reputação por valor e experiência; e provavelmente descendente desse a quem por ocasião da revolução bragantina haviam os paulistas querido aclamar por seu rei.[23] Encontrou Albuquerque pelo caminho este bando, que debalde tentou demover do seu criminoso intento. Teve até denúncia de que se projetava prendê-lo, e retirando-se a tempo para a vila de Parati sobre a costa, ali embarcou e expediu correios para as minas a informar do seu perigo os forasteiros. Por mais estranho que pareça, nunca estes haviam sonhado com a possi-

Raiva das paulistas

bilidade de semelhante invasão, estando pois inteiramente desprevenidos. O lugar que mais tinha que temer era o rio das Mortes: teatro da mais sanguinosa provocação era também a primeira posição, que ficava exposta à fúria dos paulistas. A toda a pressa se alargou o reduto, a que outrora se haviam acolhido os moradores, e dos pontos mais próximos se solicitaram socorros. Antes de chegados estes apareceu o inimigo, ocupou a igreja e um outeiro, que dominava o reduto, ergueu um cavaleiro, e de todos estes postos abriu fogo contra os forasteiros. Pela sua parte defenderam-se estes valentemente, cônscios de quão pouca clemência tinham razão de esperar. Após alguns dias de sítio souberam os paulistas vir avançando uma força grande para descercar a praça, e abalando de noite, apressados recolheram-se à suas casas. Oito dias os foram perseguindo os forasteiros, mas levavam eles a dianteira, e sendo o medo mais veloz que a esperança, chegaram a São Paulo sãos e salvos, posto que com pouco fundamento para esperarem uma recepção triunfal da parte das viragos que os haviam aguilhoado.[24]

Rocha Pita, 9, § 40-7

Não perdeu Antônio de Albuquerque tempo em prover à tranqüilidade do distrito, mandando para ali um corpo suficiente de tropas às ordens dum mestre-de-campo, que servisse também de governador. A armada seguinte trouxe uma carta régia, que do Rio de Janeiro separava São Paulo e o país das minas, dando a nova capitania a Albuquerque que fixaria a sua residência onde lhe aprouvesse sujeito unicamente ao governador-geral do Brasil.

S. Paulo e Minas formam nova capitania

Carta Régia de 9 de nov. 1709. Ms.

Tendo tido quase cinco anos o governo-geral, foi Luís César de Meneses rendido por D. Lourenço de Almada. Desastrosos sucessos, não filhos de erro ou culpa dele, assinalaram a administração deste fidalgo. Foi a primeira calamidade uma guerra civil em Pernambuco. Suspenso por tanto tempo o império da lei que uma geração inteira crescera entre hábitos de insubordinação e violência, não havia sido fácil fazer entrar de novo na órbita legal os moradores daquela capitania. Talvez também que em parte por condescendência com as circunstâncias e em parte pelos serviços prestados à mãe-pátria pelos pernambucanos, se permitisse ali ao princípio maior relaxação das leis ainda do que nas outras partes do Brasil. Duas gerações eram passadas desde a expulsão dos holande-

Lourenço de Almada, governador

Estado de Pernambuco

ses, e entretanto criara o desenvolvimento do comércio no Recife um interesse endinheirado, cuja crescente riqueza, atividade e influência eram olhadas com maus olhos pela aristocracia da terra. Porquanto nutria esta não pequena dose de orgulho de nascimento, enfeitando-se os descendentes dos libertadores do país com as penas dos seus maiores, seus pais, diziam eles, com os próprios esforços e à própria custa haviam restituído Pernambuco à coroa portuguesa, pelo que mereciam agora os filhos com preferência a todos os outros a gratidão do governo, que nenhum direito tinha a capitania senão o que deles derivava, e dizendo isto, assaz inteligivelmente davam a entender que, se lhes não respeitassem os merecimentos hereditários, tão fácil lhes seria sacudir um jugo como outro.[25]

Pe. Luís Correia Sublevações de Pernambuco. Ms. Rocha Pita, 9, § 52

Erige-se o Recife em vila

1710

Requereu o povo de Recife que se erigisse em vila esta povoação, que apesar de grande e importante como se tornara, enquanto Olinda decaía, ainda aos olhos da lei não passava de aldeia. Desejava-se ali esta elevação por causa da posição e privilégios que conferiam aos ofícios municipais, que na câmara de Olinda estavam monopolizados pelos fidalgos. O primeiro requerimento não foi atendido, mas era em si mesma tão razoável a petição, visto ser aquele quanto a riqueza e população o terceiro ou então talvez o segundo porto do Brasil, e entrava tanto na política do governo domar um espírito, que dentro em pouco teria produzido todos os males da independência feudal, que anuindo finalmente à pretensão se expediram ordens ao governador Sebastião de Castro de Caldas para levantar um pelourinho e erigir o Recife em vila, segundo as cerimônias do costume, com todos os estabelecimentos e privilégios inerentes à categoria.

Pe. Luís Correia. Ms. Rocha Pita, 9, § 52-53

Opõe-se o povo de Olinda a esta medida

Com um sentimento misturado de desprezo e ciúme olhavam os pernambucanos para os mercadores e povo do Recife. Designavam eles os recém-chegados e os filhos do reino pelo nome genérico de *mascates*, apodo opobrioso, de cuja origem talvez já ninguém se recorde no lugar onde ele nasceu, nem provavelmente jamais se compreendeu bem alhures.[26] Um sentimento semelhante, expressado de igual maneira, provocara havia pouco os tumultos de Minas. Mas além deste espírito de parcialidade e do desejo de conservar à sua própria oligarquia os privilégios que gozava,

não faltavam fortes razões locais pelas quais o povo de Olinda se opusesse ao que solicitava o do Recife, ficando este porto tão perto daquela cidade que da jurisdição dela havia de sair tudo o que debaixo da dele se pusesse, quebra não só de dignidade mas também de autoridade e receita. A mesma ordem da corte para ereção do pelourinho autorizava o governador a demarcar à nova vila um termo, cujos moradores seriam igualmente elegíveis para a respectiva câmara, e no qual se incluiriam certas freguesias ao sul, que a carta régia especificava. Ao comunicar-se isto ao ouvidor José Inácio de Arache, resmungou este, ser do partido olindista, e deu por escrito um parecer, segundo o qual não devia dar-se à vila termo maior do que do forte Brum à ponta dos Afogados, o que seria restringi-la à sua própria e única freguesia, deixando-lhe apenas o direito de apanhar marisco em só metade do rio. O governador porém, conformando-se com o procurador da coroa e outras autoridades, assinou-lhe as três freguesias de Muribeca, Cabo e Ipojuca, deixando a Olinda sete extensíssimas, além das duas urbanas.

Pe. Luís Correia. Ms.

Afirmavam os pernambucanos terem os mercadores do Recite conseguido isto por peita. Era tão manifesto e sem rebuço o descontentamento desta gente que o governador julgou prudente mandar lavrar em segredo as pedras para o pelourinho, sendo elas carretadas de noite do forte onde se haviam talhado e erguidas no escuro de modo que ao romper do dia estava a povoação feita vila com a invocação de S. Antônio do Recife. Formou-se uma câmara composta de moradores da vila e do termo em partes iguais, e saiu em procissão com as varas dos respectivos ofícios. Disto tanto se ressentiu o senado de Olinda, que se dirigiu ao palácio do governador a protestar contra, chegando o vereador a dizer-lhe num arrebatamento de cólera, que se havia ele podido erguer o pelourinho, podiam eles derribá-lo. Em conseqüência das palavras desrespeitosas então proferidas, e dos discursos sediciosos que se seguiram, foram este magistrado e Manuel Cavalcanti Bezerra presos e metidos numa fortaleza. Pouco depois foram igualmente presos Leonardo Bezerra Cavalcanti e Cosme Bezerra, estes porém por indigitados pela opinião pública como autores do assassinato cometido de noite na pessoa de um cidadão em sua própria casa. O inquérito judicial confirmou o boato, mas era naquele país o homicídio acontecimento por demais vulgar, para poder excitar a indignação do

Protesto do povo de Olinda

povo, cuja simpatia se punha por via de regra do lado do delinqüente não do da lei, e a prisão destes homens foi olhada como ato de malícia e ressentimento político, não de justiça.

Ordem para desarmar o povo

Começaram agora os descontentes, a cuja frente estavam capitão André Dias de Figueiredo e seu sobrinho Sebastião de Carvalho, a forjar planos para se descartarem do governador. Soube-o este, e mandou deitar um bando para que entregassem os pernambucanos as suas armas nos arsenais reais. Para apreendê-las se mandaram oficiais pelas diferentes vilas e termos. Queixou-se o povo de que o privassem dos meios de defender-se contra os salteadores; e os moradores do sertão estavam além disto expostos às investidas dos selvagens, sobre ser a caça uma das ocupações comuns de todas as classes, havendo muito quem dela vivesse quase exclusivamente. Era tão fútil como ofensiva a medida, sendo certo que das suas armas tencionasse fazer mau uso as não entregaria, enquanto que por outro lado não era aumentar a segurança desarmar os bem intencionados e os inofensivos. Depressa se conheceu a inutilidade desta precaução porquanto indo o governador de passeio a Boavista, como costumava, das casas lhe fizeram fogo, ferindo-o em quatro partes. Imediatamente pintados os rostos e com mosquetes nas mãos fugiram por uma porta traseira três homens que não obstante o disfarce foram reconhecidos.

Pe. Luís Correia. Ms.

Prisão de André Dias de Figueiredo

Foi Sebastião de Castro levado para casa, e tão perigosas pareceram suas feridas, que não lhas examinaram enquanto ele não arranjou os seus negócios espirituais.[27] Extraíram-lhe uma bala, que tinha um buraco cheio de sublimado corrosivo. Não tardou André Dias de Figueiredo a vir a palácio como para ocultar a sua parte no intentado assassínio, mas reforçando com a sua manifesta perturbação as veementes suspeitas que contra ele havia, foi imediatamente preso, e além dele mais uma pessoa, fugindo diversas outras. Preparava-se então o bispo de Olinda D. Manuel Álvares da Costa para ir visitar a Paraíba. Achando-se tão ameaçada a tranqüilidade pública, fora do seu dever ficar na cidade, empregando a bem da ordem a grande influência que lhe dava o seu cargo, e dobradamente o fora, por ter de se suceder no governo em caso de morte do governador, sendo falecida a pessoa em primeiro lugar nomeada nas cartas de sucessão; contudo, feita uma breve visita de cerimônia ao ferido, pôs-se a cami-

nho.[28] Acompanhou-o o ouvidor. Julgava Sebastião de Castro este magistrado implicado na conspiração que se dirigia contra a sua vida, e que ainda continuava contra a sua autoridade, e destacou um troço de soldados a prendê-lo. Acharam-no no engenho de Tapirema em Goiana, mas ele asilou-se na capela. O comandante da tropa cercou-a, mandou pedir ao governador instruções ulteriores, e informou o bispo das ordens que trazia. O prelado reuniu o clero secular e os frades da vizinhança, e acudindo muita gente em socorro dos seus guias espirituais, foi o ouvidor posto em liberdade à força de armas, acelerando ambos a jornada, não fossem ser ainda alcançados por algum destacamento mais forte.

Pe. Luís Correia. Ms.

Animados com a sanção que desta forma recebera a sua causa, reuniram-se os pernambucanos em bandos armados. As tropas contra eles enviadas pouco fizeram; cercadas umas pelos insurgentes, faziam marchas de rodeio para não chegar a tempo outras que se destacavam para socorrê-las. Em muitos lugares correu sangue. O governador, preso ainda à cama, julgou necessário fazer recolher todos os seus soldados fiéis para poder segurar os fortes, crescendo os insurgentes em número e audácia e ameaçando já pôr sítio ao Recife. Obedeceram alguns oficiais, outros deixaram cercar os seus destacamentos para poderem alegar a necessidade como escusa de se entregarem, deixando a sua gente fraternizar com os rebeldes. Cônscio da sua perigosa situação não se achava Sebastião de Castro nem física nem moralmente em estado de lutar contra a corrente. Recorrendo pois ao pior de todos os meios, ao das concessões timoratas, mandou o ouvidor Luís de Valenzuela Ortis com alguns dos religiosos mais eminentes das diversas ordens que havia no Recife, a abrandar os insurgentes, prometendo soltar as pessoas que tinha presas, se por tal haviam eles empunhado as armas. Não se atrevendo a aguardar em S. Antônio, onde residia, o resultado desta miserável embaixada, passou-se para dentro dos muros do Recife. À meia-noite voltou o ouvidor com a resposta de que quanto aos presos, saberiam os pernambucanos pô-los em liberdade, e que o objeto daquela leva de broquéis era a cabeça do governador e de mais alguns. Ouvido isto, fez Sebastião de Castro sair imediatamente um batel para a Paraíba a pedir auxílio ao governador João da Maia da Gama. Mas antes que pudesse chegar-lhe este reforço tê-lo-ia investido

Insurreição dos pernambucanos

o inimigo. Alguns indivíduos da parcialidade oposta, com os quais ele mantinha relações de cortesia, vieram à cidade, e ou por pessoais respeitos, ou para à sombra deles promoverem seus fins políticos, aconselharam-no que se retirasse. Aí estava no porto um navio pronto para dar à vela, diziam eles, melhor seria embarcar nele, levando as pessoas que estavam assinaladas à vindita popular; apenas isto constasse, dar-se-iam por satisfeitos os insurgentes, escaparia o povo aos horrores que o ameaçavam, restabelecer-se-ia a ordem, e el-rei aprovaria este procedimento do seu governador como o mais acertado que em tais circunstâncias podia seguir-se. Facilmente se deixou Sebastião de Castro persuadir; estava provado haver quem lhe tramasse contra os dias, e bem sabia ele que quando um povo quer a vida de quem o governa, não é provável que a consciência do dever e da humanidade o demova de tomá-la, e se no caso presente exigia o pundonor que morresse ele no seu posto, era questão que o mais indiferente hesitaria em responder pela afirmativa, e que o mais rígido o não condenaria com demasiada severidade por decidi-la a seu favor. Assim embarcou e com ele alguns dos principais moradores do Recife.

Fuga do governador

Pe. Luís Correia. Ms.

Nos Afogados estava um corpo considerável de insurgentes com os nobres da terra à sua frente, e posto que vissem o navio sair à barra, não podiam acreditar que o objeto da sua vingança lhes escapasse das mãos. Quando o ouvidor, voltando, lhes asseverou o fato, exigiram dele um perdão solene e sem reserva de todos os atos cometidos durante a insurreição. Um advogado da mesma parcialidade ditava os termos do instrumento, que um tabelião lavrava. De repente levantou-se tremenda vozeria naquela tumultuária assembléia: um homem que tinha ido ao Recife, aventurara-se a falar a favor daquela obnóxia povoação, pelo que queriam matá-lo alguns insurgentes e os soldados que com eles se haviam bandeado. O ouvidor e alguns religiosos salvaram-no das mãos daqueles furiosos, mas em conseqüência desta confusão, ficou o perdão por concluir. Talvez que também os que o haviam exigido se lembrassem de quão fútil era fiarem-se em fórmulas legais, quando eram eles os primeiros a atropelar as leis. No dia seguinte marcharam sobre os fortes, que sem resistência se renderam.

Entram os insurgentes na vila

7 de nov. 1710

Entretanto chegara à Boavista outro corpo, elevando-se agora o número dos insurgentes aqui reunidos a perto de vinte mil homens, entre cujos chefes figuravam muitos nomes, que com mais honra haviam brilhado na guerra holandesa. Prepararam-se para entrar no Recife; procuraram dissuadi-los, insistindo particularmente no pecado de assustar as mulheres, argumento não dos mais próprios para convencer as turbas. Em incitar e dirigir a insurreição era João de Barros Rego um dos mais ativos, esperando, diziam, que lhe conferissem a suprema autoridade, por haver seu pai nos tumultos anteriores sido o juiz ordinário que prendera o governador Jerônimo Mendonça Furtado. Mandou-se adiante uma partida a derribar o pelourinho, e no segundo dia depois da fuga de Sebastião de Castro entraram os insurgentes na degradada vila, de uma forma característica do povo. Tinham eles reunido todos os magistrados bem como os religiosos de todos os conventos, por inútil tendo os que não eram da facção triunfante resistir à corrente. Rompiam estes a marcha com a imagem de Nossa Senhora do Rosário; seguia-se um rancho de crianças rezando o terço, então devoção favorita no Recife, e fechava o préstito a multidão armada, depostos os vestidos de gala que antes faustosamente ostentara, e caminhando com os pés descalços. Assim chegaram à praça onde o pelourinho jazia partido por terra, e ali, sem receio de ver aceito o desafio, perguntou um campeão por parte dos insurgentes se queria alguém defender os direitos do Recife aos foros de vila. Apesar de asilado nos conventos foram os moradores mais abastados compelidos a fornecer munições, dinheiro, e tudo o mais que segundo a licença dos tempos quiseram pedir requerentes, que bem sabiam nada se poder recusar-lhes; atos diretos de saque porém não se cometeram, nem tampouco desacatos. Iludida como sói acontecer nestas ocasiões entendia a maior parte do povo que nada mais fazia do que vindicar os seus direitos, e talvez que as fórmulas religiosas empregadas não deixassem também de produzir o seu efeito salutar e benigno.

Pe. Luís Correia. Ms. Rocha Pita, 9, § 57-58

Concluídos no Recife os seus negócios, marcharam para Olinda os insurgentes. No dia seguinte chegou de Serinhaém e Ipojuca outro bando, que querendo também triunfar, entrou em procissão como o primeiro, e como não achasse pelourinho que derribar, arrombou a cadeia soltando os criminosos e

Medidas dos insurgentes

os devedores. Por semelhante classe de pessoas é natural que nutrissem um sentimento de simpática afinidade os que desta vez conduziam a gentalha, mais singular é porém terem eles igualmente soltado uns desgraçados que sentenciados a degredo pela Inquisição portuguesa e chegados a Pernambuco, no cárcere aguardavam meios de transporte para o lugar do seu exílio. A soltura destes foi olhada como um dos maiores crimes da insurreição! Reunidos agora em Olinda, deliberaram os grandes proprietários como procederiam. Era sabido achar-se o bispo nomeado para governador nas cartas de sucessão: alguns porém aconselharam que a isto se não atendesse, confiando-se antes provisoriamente a administração a uma junta de seis ou sete pernambucanos até que de Lisboa chegasse um governador; se este trouxesse pleno perdão e viesse autorizado a conceder as condições em que se havia de insistir, entregar-lhe-iam eles o poder, continuando na obediência à mãe-pátria como até aqui, quando não estabeleceriam um governo próprio como o da Holanda ou de Veneza. Semelhante intenção deve atribuir-se mais à longa convivência do povo com os holandeses, do que à tendência de todas as colônias para o republicanismo. Mas a ir tão longe não estava disposta a maioria, que criada em sentimentos da lealdade a toda a prova, esperava ainda justificar-se perante a corte. Conseguido pois o fim por que se havia recorrido às armas, resolveu-se prosseguir nos termos da lei, e mandou-se chamar o bispo à Paraíba para tomar posse do governo que se lhe devolvera; não se ignorava ser da mesma parcialidade o prelado. Alguns atos de autoridade se exerceram antes da chegada dele. Proclamou-se ao som de trombetas sentença de proscrição contra os que haviam fugido com o governador, e mais algumas pessoas. Elegeu-se um juiz do povo apesar de estar abolido o ofício por haver mostrado a experiência quão facilmente dele se abusava para fins sediciosos. E todos os filhos do reino que serviam cargos públicos foram convidados a apresentar no dia seguinte as suas provisões à câmara de Olinda sob pena de morte: aí lhes tomaram os seus títulos, privando-os das respectivas insígnias.

Pe. Luís Correia. Ms.

Deu-se o bispo pressa em acudir ao chamamento, e atrás dele mandou o governador da Paraíba o ouvidor daquela capitania e dois desembargadores que recordassem aos pernambucanos terem eles um rei a quem deviam obediência. E bem mister se havia da advertência, pois que persistindo resolutamente no seu

O bispo assume o governo

propósito, já o partido republicano,[29] após três dias de caloroso disputar tinha logrado adiantar as coisas a ponto de concordar-se em que se consultaria o povo, pondo a questão a votos. Convocaram-se pois deputados de todas as freguesias, mas procedendo-se à votação, tiveram maioria os realistas e o bispo tomou posse do governo com as formalidades do estilo. Foi o seu primeiro passo proclamar anistia geral e plena em nome d'el-rei, ato tanto de necessidade como de prudência, que lhe permitiu escusar-se a dar igual sanção a certas condições que dele se exigiam. Em seguida passou a repartir os despojos do funcionalismo, mas aqui, como sucede sempre em casos tais, eram muito mais os pretendentes do que os postos, embora se nomeassem homens sem a idade exigida pela lei para os respectivos cargos, e se organizassem um regimento novo só para criar patentes, foram talvez mais os descontentes do que os satisfeitos. Lavraram-se então termos e tomaram-se depoimentos com que justificar em Lisboa o partido dominante[30], exercendo-se ao mesmo tempo a maior vigilância para que nenhum desmentido lá chegasse. Todo o navio que dava à vela para a Bahia, para os Açores, ou para qualquer outra parte, de onde pudessem ir notícias para o reino, passava por busca rigorosa, abrindo-se as cartas particulares com tão pouca reserva ou decência, que mais ainda do que o ato ofendia o modo de praticá-lo.[31] Mas enquanto para fins facciosos se empregava esta odiosa autoridade, achava-se totalmente suspenso o exercício de todo o poder salutar e necessário. Homens com os rostos cobertos pelos seus capuzes cometiam nas ruas do Recife quantos ultrajes lhes sugeria o ódio privado ou o espírito de maldade sem fundamento, vendo-se os moradores obrigados a trancar as portas ao toque de *Ave Maria,* sem que esta precaução pudesse eximi-los sempre de dano ou insulto.

Pe. Luís Correia. Ms.

Não tomara até agora parte na contenda Bernardo Vieira de Melo, o feliz capitão da expedição aos Palmares. Tinham-no galardoado com a patente de sargento-mor e um regimento chamado o *Terço dos Palmares* em memória daquela guerra, e estacionado no teatro das suas proezas. Sob pretexto de negócios do seu regimento veio ele ao Recife, trazendo um estado-maior extraordinário, e apresentando-se em público com um séquito mais numeroso e mais brilhante do que ainda nenhum governador

Vem Bernardo Vieira ao Recife

1711

julgara necessário para dignidade do cargo e segurança da pessoa. Ele e o filho André Vieira de Melo eram duas das pessoas que dirigiam o bispo, e da influência que possuíam ocorreu um exemplo escandaloso e provocante. Desconfiando da fidelidade de sua mulher, correu André Vieira com alguns escravos e soldados do regimento de seu pai a um engenho em que residia na freguesia do Cabo. Era o capitão-mor do lugar João Pais Barreto a pessoa de quem ele tinha ciúmes. Matou-o pois, e metendo numa rede a mulher então grávida, remeteu-a escoltada pelo tio e pelo irmão dele para um engenho do pai, onde seria entregue à mãe também dele, D. Catarina Leitão. Ali havia de ser guardada com sentinela à vista até dar à luz, e depois assassinada... e para este serviço podia o detestável marido confiar em sua ainda mais detestável mãe. Em muitos países tem o adultério sido punido de morte, mas horríveis devem ser os costumes do povo entre o qual pode uma família inteira tomar assim deliberadamente sobre si o ofício de carrascos. Em casos ordinários de homicídio, coisa assaz vulgar, era costume sujeitar-se o matador à formalidade de obter isenção de prisão antes de se tornar a mostrar em público; agora pareceu escusada semelhante coisa, e André Vieira apresentou-se no Recife vestido de gala, confessando publicamente não só ter cometido uma morte, mas até tencionar completar a sua vingança, perpetrando outra com as mais desumanas de todas as imagináveis circunstâncias. Tão notório se tornou o caso que um frade se dirigiu ao bispo exortando-o a prevenir o crime; respondeu-lhe friamente o prelado-governador que não podia ingerir-se nos negócios privados de fidalgos, que não deviam viver, disse ele, debaixo de nota alguma de infâmia.[32] **Pe. Luís Correia. Ms.**

Bernardo Vieira chefe dos republicanos

O fim de Bernardo Vieira, vindo ao Recife, era arvorar-se em chefe do partido republicano. A intenção era apoderar-se dos fortes, e se o novo governador, que todos os dias se esperava agora de Lisboa, não trouxesse amplo perdão para todos, e poderes explícitos para conceder quanto se exigisse, negar-lhe entrada, e proclamar a república, esperando Vieira provavelmente pôr-se à testa da nova ordem de coisas. Nesse intuito, sob pretexto de uma expedição contra um mocambo que dizia haver-se formado naquelas cercanias, fez vir uns cem soldados dos Palmares para seu engenho de Ipojuca, onde fora assassinada a nora, e onde o capitão-mor era criatura sua. Ao mesmo tempo partiu Leonardo Bezerra Cavalcanti para as Alagoas,

Acordam os legitimistas

onde principiou a incitar os moradores a sacudirem o jugo que os sujeitava aos ministros do rei de Portugal, ser natural do qual reino e ser um biltre tudo era um, dizia ele.

Destes manejos se desconfiou no Recife, cujos moradores eram súditos leais, e de fato, embora homens ambiciosos e aventureiros se esforçassem por levantar uma tormenta, que imaginavam poder dominar, desejava a grande maioria dos pernambucanos ver continuar pacificamente uma ordem de coisas debaixo da qual de nenhum governo se sofriam grandes agravos ou vexames. Alguns bem intencionados, homens de resolução e cansados do estado de nenhuma segurança em que viviam, principiaram, percebendo que outros e maiores males se aparelhavam, a olhar em torno de si e a calcular os meios de resistência, certos como eram do apoio da coroa.

A pessoa em quem puseram os olhos foi no governador da Paraíba, João da Maia da Gama, a quem informaram dos desígnios que estavam no choco, e da disposição em que eles se achavam a bem do serviço d'el-rei. Escreveu João da Maia ao bispo, exortando-o a andar precavido. Ninguém desejava menos que lhe abrissem os olhos, e teria ele desprezado este aviso, como fizera com outros vindos da mesma parte, se intimação mais assustadora chegada ao mesmo tempo não lhe houvera despertado a consciência do perigo. Alta noite foi o oficial comandante acordado por violento bater-lhe à porta, e saindo a ver o que era, disseram-lhe uns desconhecidos que olhasse pelo depósito da pólvora, pois que havia um plano de lançar-lhe fogo. Sabendo disto o bispo, mandou dobrar a guarda, e Bernardo Vieira vendo assim que já se dera rebate, mandou recado a Leonardo Bezerra Cavalcanti que regressasse ao Recife, ordenando pelo caminho a todos os seus parciais que se tivessem prontos. Não é líquido até que ponto estaria o bispo disposto a acompanhar o partido revolucionário; ignorar-lhe ele os desígnios publicamente confessados, era impossível, podendo de todo o teor do seu comportamento suspeitar-se não lhes ter sido adverso o prelado, sendo porém o seu principal cuidado marombar de modo que se chegasse a restabelecer-se a autoridade da coroa, tivesse ele também por este lado merecimentos que alegar.[33] Neste estado de coisas era indispensável tentar ao menos aparentemente fazer sair do Recife Bernardo Vieira, a quem por conseguinte mandou por terceira pessoa intimar que se reti-

rasse. Respondeu o sargento-mor que concluídos não tinha ainda os negócios que ali o haviam trazido, sobre ter-lhe agora acrescido o de obter para o filho uma absolvição por haver morto a mulher e João Pais Barreto, tão facilmente se liquidavam no Brasil assassinatos desta natureza.

Pe. Luís Correia. Ms.

Contra-revolução no Recife

Expedira-se ordem para prender por causa de uma pendência com a gente de Bernardo Vieira certos soldados do regimento do Recife, mas entrepuseram-se alguns dos seus oficiais, expondo ao bispo as verdadeiras circunstâncias da briga, das quais resultava não ter partido a culpa da parte das praças em questão. O mais que puderam obter em resposta foi ser negócio este em que Bernardo Vieira se interessava, pelo que deviam ser punidos e desterrados os soldados. Asilaram-se estes no convento do Carmo: eram oito ou dez homens, todos resolutos, a quem com a indignação pela injustiça que se lhes fazia, voltou o zelo pelo governo, de cujo triunfo bem viam agora depender a sua própria segurança. Sabiam eles ser forte no Recife o partido da legitimidade, e poderem contar com o apoio do governador da Paraíba, e com a fidelidade não só dos índios comandados ainda por um Camarão, mas também do regimento dos negros chamado ainda dos Henriques em memória do seu distinto comandante na guerra holandesa. Ao meio-dia saíram pois da igreja do Carmo, espada em punho, foram direitos à casa do seu tambor, certos de o acharem a dormir a sesta, e fizeram-no tocar reunir, enquanto eles marchavam para o quartel da infantaria, gritando: "Viva el-rei, e abaixo os traidores!" Imediatamente se lhes reuniu a tropa, puseram-se alguns oficiais à frente, os moradores repetiram os vivas leais, e o bispo, vendo nas mãos dele o Recife, retirou-se para o colégio dos jesuítas. Daqui expediu mensageiros, entre outros o ouvidor, a convidar a tropa e o povo a dispersar-se. Estavam uma e outra cercando então a casa de Bernardo Vieira; a quem o magistrado, cedendo à vontade popular energicamente enunciada, julgou prender em forma legal, recolhendo-o à cadeia.

Pe. Luís Correia. Ms.

Anui o bispo às medidas dos legitimistas

Abalaram agora os soldados para o colégio dos jesuítas, pedindo ver o bispo, que chegou a uma janela a saber o que dele pretendiam. Disseram-lhe os de fora que tinham prendido Bernardo Vieira, como homem cuja tirania e traição eram notórias, cumprindo portanto a serviço d'el-rei guarnecer

os fortes com gente de confiança e pôr uma guarda fiel ao armazém da pólvora: assim lhe requeriam que expedisse as ordens convenientes, mandando distribuir-lhes armas e munições. Fez o bispo o que dele exigiam, e o oficial comandante teve ordem de ver que assim se cumprisse. Afixaram agora os soldados uma proclamação em seu próprio nome, expondo os motivos do seu proceder: quando se tinham rendido aos insurgentes viera, diziam, não deles, mas dos seus oficiais a culpa, agora vindicavam-se a si mesma e veria o rei, veria o mundo serem eles leais vassalos de Sua Majestade. Sebastião de Castro, mantinham eles, era ainda seu governador, e a vila do Recife uma cidade. Esta última cláusula provava ter sido o papel redigido por homens ignorantes, entre os quais, não entre pessoas de elevada posição, se originara a insurreição a favor do governo. O capitão mandante João da Mota era quem eles queriam para comandá-los. Dirigiu-se este pois ao colégio, a pedir ao bispo que voltasse para o palácio do governo, protestando que lhe reconheciam os soldados a autoridade prontos a obedecerem-lhe, como gente que nada tinha tanto a peito como o serviço d'el-rei, e assegurando também ao ouvidor, que nenhuma injúria se lhe faria; de mesma forma o convidou a regressar à sua casa. Anuíram ambos, mas antes de deixarem o colégio proveram à evasão de André Vieira e André Dias de Figueiredo, que ali estavam refugiados. Trouxeram-lhes cavalos a uma porta traseira, e lá foram ambos galopando por ali afora e dizendo que não tardariam a voltar para pagar ao povo do Recife a obra daquele dia. Leonardo Bezerra tentou representar papel mais astucioso: ao primeiro rebate fugiu para o campo, mas para ver se assumia o comando das tropas, mandou para dentro ordem de separarem-se dos moradores as praças, que recebiam soldo. Uma destas tornou-lhe em resposta que naquela ocasião todos eram soldados, podendo Leonardo Bezerra guardar as suas ordens para os traidores como ele.

Pe. Luís Correia. Ms.

Vai o bispo a Olinda debaixo de falsos pretextos

Depressa se soube andarem os chefes independentes levantando outra vez o país. Por eles estava o povo de Olinda, que cortou as comunicações com o Recife. D. João de Sousa, que, residindo na cidade, queria fazer prova da sua lealdade nesta ocasião decisiva, não teve outro meio de passar-se para o Recife, senão confiando-se duma jangada, e saindo ao mar com iminente risco de vida. O bispo, que parecia ir perfeitamente de acordo

com quanto haviam feito os soldados, registrou uma declaração de não ter sido intenção destes fazer mal a ninguém, mas somente segurar a vila e fortaleza de Sua Majestade, e expediu cartas circulares aos capitães-mores e câmaras, exortando-os a esforçarem-se pela manutenção da tranqüilidade. Ao mesmo tempo escreveu às pessoas principais do partido revolucionário, ordenando-lhes que se abstivessem de atos de hostilidade e elogiando o comportamento da tropa.[34] Apesar de tudo logo ao terceiro dia depois do pronunciamento desta soube-se que tanto ele como o ouvidor tencionavam retirar-se para Olinda. A ele pois se dirigiram João da Mota e D. Francisco de Sousa (pai desse D. João que com tanto perigo viera compartir a sorte da vila) requerendo-o em nome de Deus e d'el-rei que abandonasse uma intenção cujas conseqüências funestas para o Recife eram evidentes e certas. A resposta foi que o fim da sua ida era aquietar os espíritos do povo, e persistindo no propósito partiu com o ouvidor. Nada se fez para retê-los, mas ao embarcarem no rio repetiu o capitão mandante em público a sua requisição ainda que sem resultado. Senhor, disse ele, pois que Vossa Excelência quer nesta ocasião abandonar a fortaleza d'el-rei, e os moradores que na vossa presença confiavam para mantê-la, em nome de Sua Majestade protesto contra a vossa partida, por amor desta vila e seus fortes e das vidas, honra e fazenda de seus habitantes. A este protesto respondeu com muita suavidade o bispo, declarando de novo que só partia para preservar a paz, e dizendo que confiava a segurança da praça do capitão mandante, cujo zelo, fidelidade e valor eram tais que tornavam desnecessária a presença dele governador. E investindo-o verbalmente de plenos poderes para fazer quanto lhe parecesse convir ao serviço d'el-rei, repetiu publicamente a promessa de voltar em breve. Bem sabia João da Mota quão pouco devia fiar-se destas protestações, transmitiu-as contudo aos moradores e aos soldados, para minorar-lhes os receios e descontentamento, preparando-se sem perda de tempo para o perigo que se avizinhava.

Pe. Luís Correia. Ms.

Toma o bispo a parte dos insurgentes contra o Recife

Com grande cerimonial foi recebido em Olinda o bispo, que saiu imediatamente em procissão a ouvir missa.[35] No dia seguinte escreveu ao capitão mandante que os olindenses lhe haviam pedido ficasse entre eles até dia de São João, para assistir à festa, pelo que lhe mandasse suas camas e

trem de cozinha. Tornava a assegurá-lo da sua aprovação e acrescentava que ia mandar fazer preces pela conservação da tranqüilidade pública.

1711

Mandou-lhe o que pedia, e ainda houve quem continuasse a esperar que ele voltaria passada a festa como prometera; não tardou porém o desengano, pois que no mesmo dia aprazado apareceu um manifesto da câmara de Olinda ao bispo, asseverando serem os moradores daquela cidade súditos fiéis de Sua Majestade, enquanto que o povo do Recife se apoderara traiçoeiramente daquela praça e suas fortalezas tão honrosamente ganhas pelos pernambucanos, e requerendo a ele governador que mandasse para as Salinas o regimento dos negros, e ordenasse a D. Francisco de Sousa que voltasse para ali ou se retirasse para sua casa, e se isto não fizesse tomariam os olindenses a satisfação que se lhes recusava. Publicou o bispo esta requisição, acompanhando-a duma ordem formal no sentido requerido, e declarando réu de alta traição quem recusasse obedecer-lhe. A obediência porém era coisa com que não contava, e realmente foi firme e conveniente a resposta. Preparou-se pois o partido aristocrático para sitiar o Recife, principiando por cortar-lhe os mantimentos. De contínuo se armavam emboscadas aos escravos da vila, que saíam a apanhar ostras: os que se podiam apreender eram considerados boa presa, e quando se lhes não podia chegar havia um oficial olindense que se divertia a matá-los a tiro. Ofereceu-se o saque do Recife como incentivo a quem ajudasse a tomá-lo.[36]

Pe. Luís Correia. Ms.

Proceder resoluto dos legimistas

Prepararam João da Mota e os oficiais do partido leal um manifesto sumário e vindicação do seu procedimento, e na presença do tabelião que lavrou o instrumento, todos os soldados depois de o haverem assinado juraram, pondo a mão no Evangelho, defender por el-rei o seu posto até a última, não o entregando senão por ordem dele. Resolveram também não deixar entrar padre algum na vila, por ter-lhes mostrado a experiência serem estes os agentes mais perigosos do partido oposto.

O bispo resigna o governo

Achavam-se as coisas agora em estado tal, que o bispo, quer procedesse meramente por considerações de segurança pessoal quer tivesse até então suposto que não se atreveriam os pernambucanos a ir tão longe, julgou prudente livrar-se de toda a ulterior responsabilidade, resignando o poder, e investindo nele o mestre-de-campo do regimento de Olinda, o

ouvidor e o senado da câmara. Começou uma guerra mais fértil em crimes do que em ações dignas de se comemorarem. A esperança do partido da independência era reduzir o Recife pela fome, e efetivamente o pôs em grande aperto; mas estava o mar aberto aos legitimistas, que além disto tinham no país aderentes, que de diferentes portos lhes remetiam provisões, logrando às vezes introduzi-las até por terra. Superiores porém em campo aberto obrigaram os insurgentes o governador da Paraíba a acolher-se ao forte do Cabedelo, derrotaram Camarão nas Alagoas, e puseram cerco ao forte de Tamandaré. A guarnição do Recife mandou um navio à Bahia a expor a sua perigosa situação, e requerer ao governador-geral que interviesse, mandando uma pessoa que assumisse o comando e outra que inquirisse judicialmente sobre o comportamento de todos, e para livrar-se de toda a suspeita de parcialidade acrescentava ela não ser seu desejo a reintegração de Sebastião de Castro, por dever ser prejudicial à sua presença nas atuais circunstâncias.

Chega novo governador que restabelece a ordem

Durante este estado de coisas e depois de ter durado três meses o sítio, apareceu à vista a armada de Portugal, trazendo a seu bordo o novo governador Félix José Machado de Mendonça. Imediatamente mandou a câmara de Olinda avisá-lo de achar-se o Recife em poder de rebeldes, que dele se haviam apoderado para entregá-lo aos franceses, pelo que o convidava a entrar no rio Amarelo. Mas João da Mota também não perdeu tempo em ir a bordo, nem da sinceridade dos seus protestos se podia duvidar quando ia ele mesmo meter-se assim nas mãos do governador. Entrou pois Machado no Recife, tomando no dia seguinte posse do seu cargo em Olinda sem oposição alguma. Achavam-se então ausentes dirigindo certas operações militares André Vieira, André Dias e Leonardo Bezerra, que muito sentiram não terem estado presentes para animarem os independentes, dizendo que pois os seus amigos tinham tão generosamente dado posse ao governador, pagassem as custas. Portou-se Machado com moderação e prudência, escutando todos, não se bandeando com ninguém, até se achar bem informado e sentir firmada a sua autoridade. Ainda se tentou segunda insurreição, mas sem resultado. Presos então os principais cabeças do motim, foram remetidos para Lisboa. Depois de terem ali jazido muito tempo no Limoeiro,[37] foram degradados por toda a vida para a Índia dois,[38] permitindo-se aos outros a volta

para a sua terra. Fatais a algumas das primeiras famílias de Pernambuco foram as conseqüências desta guerra civil; tinham elas deixado suas terras em abandono durante a longa anarquia, e despendidas avultadas somas no cerco do Recife, viram-se reduzidas à pobreza.

Pe. Luís Correia. Ms. Rocha Pita, 9, § 66 e 68

NOTAS DO CAPÍTULO XXXII

1. Por um lamentável engano de Rocha Pita na sua *História da América Portuguesa*, Robério Dias (também chamado Robélio Dias) ficou sendo, por longo tempo, um dos personagens mais famosos da busca da prata. Rocha Pita atribuiu a Robério Dias "tudo o que fizera o pai, fazendo dele o herói orgulhoso das minas de prata. Era injusto e era inexato." (Pedro Calmon, *O Segredo das Minas de Prata.*) O herói baiano não foi Robério e sim seu pai, Melchior Dias Moréia, que como Antônio Dias Adorno (filho de Paulo Adorno, sobrinho, portanto de José Adorno), outro bandeirante, era neto de Diogo Álvares Correia, o lendário Caramuru. Melchior Dias, que esteve na Europa tratando da descoberta das minas de prata, queria, entre outras mercês, o título de Marquês das Minas, quando, já a caminho do sertão percebeu que estava sendo enganado. Não seria o Marquês das Minas. Este título fora prometido ao governador Luís da Cunha, interessado, como representante do rei, na descoberta. Melchior se fechou e resolveu não prosseguir a jornada. Queria antes ver a carta do rei e as mercês. E o título. Luís da Cunha não lha quis mostrar e ordenou a prisão de Melchior Dias Moréia. Sofreu na prisão mas não revelou o segredo. Sua liberdade custou 9.000 escudos pagos pela família do bandeirante às autoridades coloniais. Em 1619, certa manhã, encontraram-no morto em seu engenho. Quem quisesse que fosse descobrir as minas de prata por conta e risco, que o túmulo passou a guardar seu segredo. Vide, também, o *Livro Primeiro do Governo do Brasil* (1607-1633). (P.B.B.)
2. Sobre a descoberta, exploração, os regimentos, etc., das minas, leia-se: *Informação sobre as Minas de São Paulo* de Pedro Taques; *História das Bandeiras Paulistas,* de Afonso E. de Taunay; *Raposo Tavares e sua época,* de Alfredo Ellis Júnior; *A Marcha para Oeste,* de Cassiano Ricardo, e *Cultura e Opulência do Brasil pelas Minas do Ouro,* de Antonil (Cadernos de História – nº 5). (P.B.B.)
3. O mesmo princípio que regulava a doação das sesmarias, pois se o sesmeiro, dentro de dois anos da data da doação, não tivesse as terras cultivadas, perdia o direito que tinha sobre elas. Vide *Origem do latifúndio no Brasil,* caderno dos *Cadernos de História.* Para as minas o prazo era de 50 dias, isto é, deveria ter início o povoamento e

a ser lavradas nesse prazo, salvo os motivos estabelecidos no Regimento das Minas. (P.B.B.)

4. Foi este alvará assinado em Valladolid aos 15 de agosto de 1618 e registrado em Lisboa a 30 de janeiro do ano seguinte. A cópia existente na casa da fundição de S. Paulo, da qual foi trasladado o meu manuscrito, dá a primeira data de 1603, mas numa nota marginal se observa que o alvará de 3 de dezembro de 1750, referindo-se àquele, o cita como sendo de 1618, e a data do registro prova a exatidão desta emenda. A cópia do Rio de Janeiro tem a data e 29 de maio de 1652 e está assinada por Salvador Correia de Sá e Benevides. então governador.

   É este o único papel em que encontrei no plural o nome do país: partes dos Brasis. Há também um alvará datado de Lisboa, 8 de agosto de 1618, que franqueia as minas a todos, reservando o real quinto, e declarando abertamente a razão desta medida: muitos anos eram passados e muitas explorações se tinham feito, particularmente por D. Francisco de Sousa quando governador, e por Salvador Correia de Sá e contudo nada se tirara a limpo a respeito das minas, nem percebera um ceitil o tesouro.
5. Southey escreve *Fernando*, mas o comumente usado é Fernão. (P.B.B.)
6. Entre estas últimas uma foi a Vituruna na comarca do Rio das Mortes; três no Sabará, a saber Perampeba, o Sumidouro do rio das Velhas e Roça Grande; e outras em Tucambira, Itamerendeba, Esmeraldas, Mato das Pedreiras, e Serra Fria. A memória, donde extraiu estas particularidades foi escrita em 1757 por Pedro Dias Pais Leme, neto do descobridor e seu sucessor no cargo de guarda-mor proprietário. Nela se diz que enquanto vivo não consentira o velho que alguém extraísse ouro, ou mesmo se aproximasse das minas, contentando-se com remeter à corte uma relação exata das suas descobertas e das riquezas do lugar, e aguardar as ordens. Mas tanto de uma carta do rei D. Pedro, como da parte oficial da morte do ancião, resulta claramente não ter descoberto mina alguma em vida dele.
7. Ensina Teodoro Sampaio: "De prata eram as serras resplendentes do sertão, que tornaram lendárias com o nome de ltaberabuçu. Itaberabuçu transformou-se, nos lábios portugueses, em Taberabuçu, como escreve Monsenhor Pizarro, e Taberabuçu, em Sabarabuçu, isto é, montanha-grande que resplandece. (P.B.B.)
8. *Guazú, Ouassú, Wassu Vasu,* e *Bassu* são outras tantas formas de escrever a palavra tupi, que significa grande. Tanto os portugueses, como os espanhóis, confundem freqüentemente o B com V, e ambas estas nações, como as que escreviam em latim, representam por *Gu* o som de *W*.
9. Tropas ligeiras.
10. José Dias, filho natural de Fernão Dias Pais, chefiando uma revolta, tentou eliminar o próprio pai. Descoberta a trama, Fernão Dias não vacilou: mandou enforcar o filho. (P.B.B.)
11. Aliás, ribeirão, formado pela confluência dos ribeirões do Seminário e de Caiteté. (F.P.)
12. Foi esta povoação criada vila por Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho em 8 de abril de 1711 com o título de Vila Leal do Carmo e elevada a cidade epis-

copal em 1745 com a denominação de Mariana em honra de D. Mariana d'Áustria, mulher de D. João V. (F.P.)

13. Ereto em vila por provisão de 8 de julho de 1711 com título de *Vila Rica* foi elevada a cidade imperial em 1823 voltando à sua primeira denominação. (F.P.)
14. No Serro de Tripuí, ainda despovoado, o mulato Antônio Dias recolhe, sem saber bem o seu valor, umas pedrinhas negras que leva para Taubaté, onde encontra comprador para aqueles minérios escuros. As pedrinhas não param, vão até o Rio de Janeiro e chegam às mãos do governador Artur de Sá e Meneses. Com os dentes a autoridade raspa as pedrinhas e descobre que aquilo é ouro e do melhor. Ouro Preto! De Taubaté partem bandeiras e o serro se povoa. Edificam-se casas. Vila Rica, primeiro, depois Ouro Preto. A histórica e gloriosa Ouro Preto. (P.B.B.)
15. Pretendeu, diz Cláudio Manuel, ter Fernando Dias Pais Leme chegado inopinadamente. Mas tendo sido escrita por D. Rodrigo a carta em que se relatam ao governo os serviços e mormente deste, não pode deixar de haver aqui erro.
16. Foi o governador D. Bias da Silveira que lhe deu este foral em 29 de janeiro de 1714. (F.P.)
17. Eram ambas estas povoações criadas vilas pelo governador D. Pedro d'Almeida em 19 de janeiro e 1718. S. João d'el-Rei é hoje cidade, e goza de grande importância comercial. (F.P.)
18. Cazal (1, 235) explica esta palavra. É o nome de uma ave, que tem as pernas cobertas de penas até as unhas, e os índios de S. Paulo o aplicavam aos portugueses, que também traziam cobertos os pés e as pernas.
19. Era provavelmente Pedroso, sendo filha da vaidade ou da malícia a alteração.
20. Aureliano Leite no seu livro *O Cabo Maior dos Paulistas na Guerra com os Emboabas,* assim qualifica o Sargento-Mor Bento do Amaral Coutinho – "façanhudo, vingativo, cruel". E José Soares de Melo na obra *Emboabas* o chama de monstro. (P.B.B.)
21. A dolorosa impressão desta incrível maldade, o mais horrendo acontecimento, que nunca se tinha visto, tisnou o sítio, em que se deu; e até hoje conserva execrável o nome de "Capão da Traição." (Aureliano Leite, *ob. cit.*) (P.B.B.)
22. *Uma erva, da qual fazem os paulistas certa potagem, em que acham os mesmos efeitos do chá.* (Rocha Pita, 9, § 34). Não me parece poder ser esta a erva do Paraguai, visto requerer a caá terreno baixo e pantanoso, sobre dever ter sido bem conhecida dos paulistas pelo seu nome usual. Talvez fosse a mesma árvore do chá, que é indígena no Brasil.
23. Amador Bueno da Veiga (nome completo) era bisneto de Amador Bueno, "o Aclamado". (P.B.B.)
24. Cláudio Manuel da Costa representa os paulistas como empreendendo esta expedição movidos do desejo não de vingança, mas de restabelecer a ordem, e assegurar a el-rei os seus quintos! E acrescenta que tinham sido desafiados por uma carta de Ambrósio Caldeira Bravo, que comandava os rebeldes.

    Contudo apesar de confusa e parcial concorda a narrativa deste escritor assaz com o juízo que Rocha Pita faz da conduta do Manuel Nunes Viana, para torná-la au-

têntica. Nesta parte da sua história parece Rocha Pita em verdade ter colhido mais amplas e melhores informações do que de ordinário. Também Manuel Álvares Carneiro dá a Manuel Nunes o mesmo caráter.

25. A severidade do juízo que Southey profere contra os moradores de Olinda provém de haver-se ele guiado em sua narrativa pelos manuscritos do Pe. Luís Correia, decidido partidário dos do Recife (F.P.)
26. A palavra *mascate* nada tinha de insultuosa em si, sendo introduzida na linguagem popular no mesmo sentido que se lhe dava nas possessões portuguesas da Ásia, com a significação de mercador. (F.P.)
27. No dizer de outros historiadores eram essas feridas simples arranhões que por forma alguma comprometiam a vida do governador. Esta última opinião parece-nos mais razoável. (F.P.)
28. É isto mais uma prova de quão leves eram as feridas do governador; porque a não ser assim não ter-se-ia afastado da capital o bispo designado para sucedê-lo. (F.P.)
29. Havendo o autor reconhecido que nenhum espírito de republicanismo animava os pernambucanos não sabemos em que se fundou para reconhecer agora a existência de semelhante partido. (FP.)
30. Achava-se no Recife um capuchinho italiano, vindo da missão de Angola para seguir viagem para Portugal. Três navios se estavam preparando para sair, levando cada um alguns destes papéis, mas ele nenhum quis embarcar por levarem semelhante carga de perjúrio a bordo. O Pe. Luís Correia refere-se triunfantemente ao desfecho, porque o capuchinho dando volta pela Bahia chegou a Lisboa a salvamento, enquanto que dos três navios nunca mais se soube de nenhum.
31. Recorde-se o leitor que é um adversário dos olindenses quem assim informou ao historiador inglês. (F.P.)
32. Faltam-nos dados para contestar a veracidade do fato criminoso de que é acusado André Vieira, que parece-nos todavia muito romantizado; bem como a resposta pelo Pe. Correia atribuída ao bispo. (F.P.)
33. Manifesta é a má vontade do informante de Southey contra o bispo, cuja conduta digna é dos maiores elogios por haver evitado, quanto lhe foi possível, os horrores da guerra civil. (F.P)
34. Pela simples vaporação do fato colige-se que assim procedera o bispo em virtude da coação em que se achava. (FP.)
35. Foi ela dita pelo coadjutor, a quem o Pe. Luís Correia atribui um caráter odioso, exclamando por esta ocasião: *Bendita seja a misericórdia de Deus, que por este sacrifício se põe em mãos de um tal sacerdote!*
36. Quanto pode a injustiça das parcialidades políticas! Atribuir aos ilustres olindenses idéias de saque, eles mais do que ninguém empenhados na boa reputação do seu país! (F.P.)
37. Era um presídio de Lisboa. (P.B.B.)
38. Não refere Rocha Pita quais os delinqüentes que assim foram punidos. Toda a sua narrativa desta contenda é uma miserável apologia dos pernambucanos, a favor

dos quais se esforça por apresentar uma história plausível, suprimindo quanto pode lançar alguma luz sobre seus atos e intenções, sem tocar nem de leve no plano de separação da mãe!* É porém tão difícil tornar coerente uma narrativa adulterada, que a sua exposição enfeitada e parcial serve, confrontada com a do Pe. Luís Correia, para corroborar a relação feita por este, que foi testemunha ocular da luta.** Com a chegada do governador termina a história de Correia.

* Porque tal plano nunca passou pela cabeça de nenhum pernambucano dessa época. (F.P.)

** Mas, testemunha suspeita e parcial dos mascates. (F.P.)

. . . .

Capítulo XXXIII

RIO DE JANEIRO INVESTIDO PELOS FRANCESES COMANDADOS POR DU CLERC, QUE É DERROTADO, SENDO MORTA OU APRISIONADA TODA A FORÇA – SEGUNDA EXPEDIÇÃO ÀS ORDENS DE DU GUAY-TROUIN; TOMA ESTE A CIDADE, QUE É RESGATADA – TUMULTOS NA BAHIA – NEGOCIAÇÕES DE UTRECHT – INSURREIÇÃO DE MINAS GERAIS – SEPARADO DO DE S. PAULO ERIGE-SE ESTE GOVERNO EM CAPITANIA DISTINTA

Rebate de invasão no Rio de Janeiro

O RIO DE JANEIRO, que durante toda a guerra holandesa continuara a florescer, enquanto a Bahia e Pernambuco tantas calamidades sofriam, devia agora ver interrompido o curso da sua prosperidade. Transferido Antônio de Albuquerque para a capitania de São Paulo e Minas, fora nomeado para o governo desta Francisco de Castro de Morais. De Cabo Frio lhe mandaram aviso de andar uma esquadra nos mares daquela costa, e logo depois lhe noticiaram do forte da barra acharem-se à vista cinco navios grandes.[1] Era isto mesmo ao cair da noite, tocando-se logo a rebate formaram as tropas à pressa. Postadas umas no cais, destacaram outra em socorro das fortalezas e a guarnecer os pontos que se julgou carecerem mais de defesa. Nestes preparativos e receios se passou a noite; de manhã viram-se os navios na volta do mar, mas de tarde tornaram com

16 de ag. 1710

a viração a demandar o porto. Ao aproximarem-se da barra fez-lhes o forte de S. Cruz na forma de costume fogo com pólvora seca, para que arreassem um escaler e dissessem quem eram antes de passar avante, e como não obedecessem ao sinal deu-lhes um tiro de bala, que acertou na capitânia. Então fundearam. Se ainda alguma dúvida pudesse restar sobre as intenções destes barcos, cessaria agora, vendo-se dos fortes como eles capturavam uma embarcação pequena, que supondo-os ingleses, nada fizera para evitá-los. Segunda noite se passou na mesma ansiedade que a primeira, mas quando de manhã se viu fazerem-se os navios outra vez ao mar, julgou-se passado todo o perigo.

Desembarca Du Clerc e avança sem oposição

Era uma esquadra francesa às ordens de Du Clerc. Planos de colonização e conquista tantas vezes tentados por aquela nação nesta parte do continente americano, não eram já praticáveis, mas a cidade portuguesa nascida na França Antártica tornara-se agora lugar de muito comércio e grande riqueza; podiam ali se encontrar os produtos das minas e era esta uma época de expedições de pirataria. Descaindo para o sul, fizeram os franceses uma demonstração de desembarque na praia de Sacopemba, mas o aparecimento da ordenança os aterrou. Singraram então para a Ilha Grande, mas ali se haviam levantado fortificações; após breve canhonada, apreenderam dois negros, para lhes servirem de guias[2] e seguindo para a barra da Guaratiba a quarenta milhas do Rio de Janeiro, ali desembarcaram uns mil homens. Nada se tentou para impedi-los de chegar à cidade, apesar de gastarem eles sete dias de marcha pelas matas, contentando-se o governador com entrincheirar-se no campo, onde é hoje a igreja do Rosário, apoiado um flanco no morro de Santo Antônio e outro no da Conceição. Tinha ele nada menos de oito mil homens, incluindo a ordenança, e além disto ainda cinco mil negros e mulatos armados de mosquete e piques e seiscentos índios flecheiros.[3] Com forças tão superiores deixou-se o governador ficar à espera do inimigo, destacando apenas alguns piquetes a observar-lhe os movimentos. Um destes piquetes comandado pelo capitão José Freire matou, pondo-se de emboscada, uns vinte dos invasores, sendo esta a única perda que sofreram em toda a marcha, quando com medidas semelhantes em tal país podiam ter sido exterminados todos. Assim não molestados chegaram a um engenho dos jesuítas chamado hoje Engenho Velho, já assaz perto da

cidade, e ali passaram a noite em todo o sossego. Na manhã seguinte, pela volta das sete horas, apareceram à vista do exército português.

18 de set. 1710

Entram os franceses na cidade

Aqui encontraram a primeira resistência decidida, não da parte de qualquer divisão forte, mas da de um punhado de homens comandados por Fr. Francisco de Meneses, frade trinitário. Com brios dignos do nome de que usava, tomou esta posição perto do morro do Oiteiro,[4] e quando mais se não puderam sustentar, conservando-se ainda inativo o governador ocuparam os soldados a igreja do Desterro enquanto o frade corria em busca de auxílio. Perdeu o inimigo alguma gente em forçar esta igreja, sem contudo desistir de acometê-la com desesperada perseverança, o que faz admirar não terem eles vencedores afinal passado os defensores à espada; mas eram neste tempo os franceses mais humanos que os seus antagonistas. Passando agora a mui breve distância das linhas portuguesas, seguiram pela Rua da Ajuda, e tendo sofrido bastante com o fogo do Castelo e da gente postada nas esquinas das ruas e dirigida pelo frade Meneses, que em toda a parte aparecia, entraram na Rua do Porto, onde se dividiram, tomando parte pela Rua do Padre Bento,[5] e a outra, que era a maior, pela de São José, direta ao cais. Atrevendo-se agora finalmente a mexer-se depois de ter deixado entrar na cidade o inimigo, mandou Francisco de Castro uma força a atacar a divisão menor, que vendo-se investida por número muito superior, e confundida pela consciência da própria precipitação agora que era já tarde demais, debandou, fugindo cada um para onde pôde, cego de medo ao encontro de inevitável morte.[6]

Derrota dos franceses

Uns cinqüenta estudantes, rapazes dessa idade, posição e índole que constituem os melhores soldados quando o zelo, a atividade e a pronta inteligência têm de fazer as vezes da disciplina, encarregaram-se da defesa do paço, fazendo fogo uns das janelas, outros das vizinhas ruas. À vista da resistência que encontraram aqui, imaginaram os franceses dever achar-se presente o governador, e esperando poder ditar condições uma vez senhores da sua pessoa, forçou uma companhia à entrada. Saindo-lhe à escada mataram-lhe os estudantes o capitão, aprisionando os soldados que com cordas de mecha amarraram às alfaias. Contígua ao paço ficava a alfândega, que servia

também de depósito de pólvora, e nesta estava ali o almoxarife distribuindo azafamado, porém, descuidoso; um indivíduo se aproximou perto demais com uma mecha na mão e lá foi a pólvora pelos ares. Pereceram alguns dos estudantes afora outras pessoas, e ateou-se o fogo no palácio. Desta calamidade tiraram partido os franceses, mas a explosão guiou o mestre-de-campo Gregório de Castro de Morais, irmão do governador, e a passo de carga avançou ele com o seu regimento para o lugar da contenda. Seguiu-se renhido conflito em que caiu o mestre-de-campo; mas já os portugueses haviam ganho calor na ação, a cada momento lhes cresciam os espíritos e o número, e Du Clerc, que tinha perdido muita gente acolheu-se com o resto a um armazém de pedra sobre o cais. Confiava ele na outra divisão, e dizem que ao ouvir repicar todos os sinos, fora assaz fátuo para imaginar ter ela tomado a cidade e estar assim proclamando a sua vitória. Inteiramente cercado porém, ameaçado das casas vizinhas e da fronteira ilha das Cobras, sem esperança nem possibilidade de melhorar de condição, ainda mesmo que lograsse romper caminho por entre os portugueses, propôs ele que cessando todas as hostilidades, o deixassem reembarcar não molestado. Semelhante proposta da parte de homens que estavam à mercê dos seus contrários, foi ouvida com indignação, e a resposta foi que se não se entregassem logo prisioneiros de guerra, ia ser arrasado o edifício em que se haviam refugiado. Depuseram pois as armas os franceses.[7] Pouca razão tiveram os portugueses de se desvanecer desta vitória, precedida de tanta negligência e hesitação, e seguida de vergonhosa desumanidade.[8] Mais inimigos do que caíram na ação foram mortos ao fugirem pelas ruas, buscando esconder-se ou achar asilo nas casas. O destacamento que ocupara o morro do Desterro antes de entrar Du Clerc na cidade, veio agora também, constando-lhe que ardia a alfândega, na esperança de não ter mais que fazer senão tomar parte no saque. Vendo porém depressa quão diverso desfecho tivera a jornada, retiraram-se uns setenta para uma casa, levando consigo os prisioneiros feitos na igreja do Desterro, e dali mandou o capitão por um carmelita entregar a espada ao governador e pedir quartel. Mas a canalha, raivando agora com a embriaguez do triunfo, nem ouvidos nem

Mau tratamento dos prisioneiros

coração tinha para a clemência, e daqueles setenta franceses poucos escaparam, sendo mortos pelas ruas mais uns cento e cinqüenta; ao todo pereceram mais de quatrocentos, foram cento e cinqüenta e dois feridos, e seiscentos o resto dos prisioneiros. Os portugueses perderiam seus cento e vinte homens, alguns com os tiros dos seus próprios conterrâneos, tanta era a confusão naquele dia.[9]

Cinco dias depois da ação apareceu à barra a esquadra francesa, lançando ao ar foguetes de sinal. Asseveram os franceses que enviando-se de bordo com autorização do governador assim que ali se soube do desfecho, cirurgiões que tratassem dos seus patrícios feridos, foram eles mortos pela plebe, além de muitos prisioneiros que na cadeia sucumbiram à acumulada miséria da imundície, privações e mau tratamento.[10] Alojado por algum tempo no colégio dos jesuítas e depois no forte de São Sebastião, obteve Du Clerc afinal permissão para tomar uma casa, onde, cerca de seis meses depois de haver-se rendido, apareceu morto uma manhã, tendo sido assassinado de noite. Não foi isto por certo ato de fúria popular; só podia ser obra de vingança privada, sendo causa, segundo todas as probabilidades, o ciúme. Mas não se tirou devassa, como em todo o caso cumpria, com especialidade porém num caso em que a fé nacional se achava comprometida.[11]

1686 Rocha Pita, 9, § 69-81 Patriota, 2, nº 4, p. 55 Targe, *Hist. de l'avénement de la maison de Bourbon au trône d'Espagne,* **t. 8, p. 80**

Faça-se justiça aos franceses, nunca foram remissos em sentir-se de ofensas nacionais. Poderiam ter-se consolado do malogro da jornada de Du Clerc, cuja temeridade não merecia melhor sorte; mas a desumanidade com que haviam sido tratados os soldados feriu os brios e a honra da nação, e quanto à morte do comandante entenderam eles ter o governo sancionado um assassínio, que deixara de punir. E se a França tinha vontade, também lhe não faltavam os meios de tirar vingança, pois passava-se isto quando um Ministério inglês, conspirando contra a sucessão protestante, e atraiçoando a sua pátria e os interesses de todos os seus aliados, dera à corte francesa toda a segurança de concluir a paz e aprazimento dela. Du Guay-Trouin, um dos melhores oficiais navais que jamais produziu a França, sentia veementes desejos de vingar os seus compatriotas, gabando para si uma fama esplêndida e uma fortuna sólida. Calculou ele em 1 200 000 libras francesas as despesas dos aprestos, e apare-

Preparam segunda expedição os franceses

ceram seis pessoas para empreender a especulação: cinco eram abastados mercadores de S. Malo, e o sexto *contrôleur* geral da casa do rei. Por influência deste aprovou o governo o projeto, pondo navios e tropa à disposição de Du Guay-Trouin. Compunha-se a força marcada de duas naus de 74 peças, três de 66, uma de 60, uma de 56, uma fragata de 46, outra de 40, três de 36 e quatro embarcações menores. Para não excitar suspeitas aparelharam-se estes vasos em diferentes portos, Brest, Rochefort e Dunquerque, fretando o comandante além destes navios da marinha real ainda mais dois de S. Malo, um de 40 e outro de 30 peças. Por mais secretos porém que fossem os preparativos, algum perigo aventou a corte de Portugal, que acelerando a partida da armada do Brasil, dobrou-lhe o comboio, fez armar bem os navios mercantes, e embarcou nele reforços e trem de guerra para o Rio de Janeiro, entregando o comando a um oficial distinto, Gaspar da Costa Ataíde, com o posto de mestre-de-campo-do-mar.

Memórias de Du Guay-Trouin, p. 163-8. Rocha Pita, 9, § 83-84, Patriota, p. 57

Também os ingleses, tendo descoberto que se aprestava um armamento, desconfiaram do fim, e prepararam-se para bloquear o porto de Brest. Deste desígnio teve Du Guay-Trouin aviso em tempo, e antes de inteiramente prontos os navios naquele porto, passou-os para o da Rochela. Dois dias depois da saída deles apareceu a esquadra inglesa ao mar de Brest, de modo que a não haver sido a prontidão do comandante, ter-se-ia frustrado a expedição. Largou ele da Rochela a 9 de junho de 1711 com toda a sua força, e contrariando-lhe ventos ponteiros a viagem, só a 27 de agosto chegou à altura da Bahia. Ali reuniu um conselho de guerra, em que propôs visitar de passagem aquele porto, capturando ou destruindo os navios que ali achasse; mas examinada a aguada, encontrou-se muito reduzida, com risco de vir a faltar, retardando-se desnecessariamente a viagem. Seguiu pois a esquadra a sua derrota, achando fundo a 11 de setembro, sem conhecer a terra. Ao cair da tarde refrescou a viração, e Du Guay-Trouin aproveitou-a, largando todo o pano apesar da cerração, para estar à barra ao amanhecer.

Chegam os ingleses à barra de Brest tarde demais para bloquear o inimigo

Memórias de Du Guay-Trouin

Havia dias já que era chegada a armada de Lisboa, tendo o governador recebido aviso mais certo do perigo por um iate que os ingleses haviam mandado a Portugal, e que a corte ali fizera seguir para o

Rio de Janeiro por não ter pronto navio algum próprio capaz de atravessar tão rapidamente o oceano. Chegara este iate em fins de agosto, e a 30 do mesmo mês veio aviso de se ter avistado da baía Formosa uma esquadra grande singrando para o Rio de Janeiro. Houvera pois tempo de sobra para os preparativos. Gaspar da Costa estacionou os navios de guerra e os mercantes armados nas melhores posições para protegerem a cidade e tripulando-os convenientemente foi em pessoa a bordo exercitar a sua gente nas manobras que devia executar, realizando-se a invasão. Passados cinco dias, concluiu que fora rebate falso, desembarcou as tropas, e entregou-se a louca segurança. A 10 de setembro soube-se que uma armada inimiga passara ao mar de Cabo Frio e na manhã do dia 12, não podendo por causa do nevoeiro avistar da cidade coisa alguma, ouviu-se à barra o troar da artilharia.

Desleixo dos comandantes portugueses

Rocha Pita, 9. Patriota

O cavaleiro de Courserac, amigo íntimo de Du Guay-Trouin, e seu imediato no comando, conhecia bem o porto, pelo que foi encarregado de mostrar o caminho. A esquadra passou as fortalezas com o favor da cerração, posto que não sem perda de trezentos homens, segundo referem os mesmos franceses, e ao levantar o nevoeiro pela volta do meio-dia foi avistada da cidade já dentro da barra. Vendo frustrado o seu plano de defesa, em lugar de tentar ainda a possível resistência, mandou Gaspar da Costa picar as amarras aos seus navios, e pôr-lhes fogo ao abicarem em terra. Perdera ele toda a presença de espírito, mal se soube ao certo que batia o inimigo às portas; talvez porém que se achasse então afetada de alguma moléstia corporal, pois que em outras ocasiões se havia este homem portado com denodo; mas a vergonha e o despeito causaram-lhe agora um desarranjo no cérebro, de que nunca mais se restabeleceu. Até aqui tudo saíra ao almirante francês à medida dos seus desejos, e fazendo avançar de noite as suas canhoneiras tomou na manhã seguinte posse da ilha das Cobras, onde trabalhavam os portugueses por encravar suas peças antes de abandoná-las. Ali plantou o francês imediatamente baterias, e tendo-se apoderado de algumas embarcações mercantes fundeadas perto do lugar onde resolvera desembarcar, saltou em terra a 14 de setembro de 1711 com todas as suas tropas, 3.300 homens ao todo. Havia também uns quinhentos doentes de escorbuto, que desembarcando na mesma oca-

Entram os franceses no porto

são, dentro em poucos dias ficaram prontos para reunir-se aos companheiros. Também quatro morteiros e vinte pedreiros grandes se trouxeram para terra, onde deviam servir como artilharia de campanha, e para torná-los mais prestadios inventou o cavaleiro de Beaure um engenho que era como um cavalete, fincado na terra por seis espeques pontudos, e sobre esta fábrica ficavam firmes bastante as peças. Ia esta artilharia no centro do batalhão mais forte, pronta a jogar mal se abrissem as filas.

Du Guay-Trouin, p. 171-180

Entretanto fazia Francisco de Castro o mesmo que fizera no ano anterior; com uma força regular duas vezes maior que a do inimigo deixava-se ficar na mesma atitude que assumira contra Du Clerc, vendo, sem fazer a menor tentativa de oposição, como os franceses saqueavam as casas e roubavam o gado a tiro de mosquete da cidade, Du Guay-Trouin entendeu que esperava o governador que os franceses o atacassem nos seus entrincheiramentos, e isto o presumiu no falso suposto de ter Du Clerc sido derrotado por haver tentado semelhante assalto. Se Francisco de Castro tinha algum plano, era mais provavelmente o de deixar o inimigo entranhar-se nas ruas, onde o número tornaria inútil a disciplina: mas parece ele porém haver obrado sem plano algum, sem tino, sem coragem, aguardando o acaso, e metendo assim tudo nas mãos do invasor. O francês pelo contrário conhecia a sua força, como conhecia a sua própria fraqueza; bem via que com o seu pequeno exército lhe era impossível evitar que os moradores removessem-se para as serras os seus haveres, e que envolver-se numa guerra de ruas era acarretar sobre si a destruição, enquanto que conservando-se fora da cidade tê-la-ia sempre à sua mercê. Por conseguinte, erguida uma bateria na praia, outra na ilha das Cobras, depois de tudo pronto intimou o governador que se rendesse à discrição. O rei de França, seu amo, dizia ele, o enviara a vingar as crueldades cometidas contra seus oficiais e soldados no ano anterior, a morte dos cirurgiões, o mau tratamento dos prisioneiros, o assassinato de Du Clerc, havendo-lhe ordenado que fizesse pôr em liberdade os prisioneiros que ainda vivessem, e lançasse uma contribuição assaz pesada não só para punir pela sua desumanidade os moradores do Rio de Janeiro, mas também para cobrir o custo daquele grande armamento. Não se supunha que o governador tivesse tido parte no assassínio de Du Clerc, mas que entregasse o réu

Covardia do governador

de tal crime, para nele se fazer exemplar justiça. Acrescentava Du Guay-Trouin não ser sua intenção tomar represálias, por não querer Sua Majestade fazer guerra de maneira tão indigna dum rei cristianíssimo, mas à sua mercê estavam a cidade, o país, e nada o impediria de pôr tudo a ferro e fogo, pelo que era inútil a resistência.

Du Guay-Trouin, p. 181-9

É desta forma que se deveriam vingar as afrontas nacionais, e se a expedição ao Rio de Janeiro tivesse partido do mesmo governo, em lugar de ter sido uma especulação individual, seria a todos os respeitos um dos mais honrosos eventos comemorados nos anais da França.

Abandonam os portugueses a cidade

Respondeu Francisco de Castro por ponto, como a matéria o permitia. Aos prisioneiros, disse, nem havia faltado rações de pão, nem nada do necessário. Tinham sido tratados segundo o costume da guerra, apesar de o não haverem merecido, tendo invadido o Brasil como aventureiros privados, não por ordem do rei cristianíssimo. Havia ele concedido a vida a seiscentos homens como eles mesmos atestariam, salvando das iras do povo, que aliás os teria passado todos à espada, e finalmente a nada lhes faltando segundo as ordens d'el-rei seu amo. Du Clerc fora alojado, a pedido do mesmo, na melhor casa da terra; ali havia sido assassinado, mas apesar de todas as diligências não tinha sido possível descobrir o matador, contudo se ainda o fosse, seria punido como merecia. À intimação de render-se à discrição não tinha outra resposta, senão que el-rei seu amo lhe confiara a cidade, e assim a defenderia até à última gota de sangue... digna resposta se houvesse sido acompanhada de ações correspondentes. A 19 se trocou esta correspondência e já a 20, reconhecidos os pontos de ataque, canhonava Du Guay-Trouin os entrincheiramentos portugueses, preparando-se para um assalto geral na manhã seguinte.

Havia cinco navios portugueses fundeados perto do mosteiro de São Bento, em lugar conveniente para receberem as tropas que tinham de investir por aquele lado, e ao fechar a noite foram estas metidas em batéis para se passarem a bordo com o maior silêncio possível. Caiu uma trovoada, ao clarão dos relâmpagos foram vistos os franceses, e logo começou a chover sobre eles pesado fogo de mosqueteria. Com isto se viu o comandante obrigado a mudar de plano. Tinha ele postado dois navios em apoio das suas baterias com ordem de abrirem fogo con-

tra a cidade a qualquer hora que ouvissem um tiro de peça do quartel-general. Vendo os seus batéis em perigo, disparou ele com a própria mão o tiro de sinal, e toda a santa noite continuou sem interrupção a canhonada entre trovões e relâmpagos. Com as granadas algumas casas se incendiaram. Mais felizes do que os outros, que se têm visto expostos aos horrores de semelhante ataque, eram os moradores, tendo aberto o campo, lugar seguro de refúgio; para o campo pois fugiram por uma das mais medonhas noites de que havia memória num país especialmente sujeito a trovoadas. Homens, mulheres, crianças, toda a população fugia, esperando a cada momento que se desse o assalto. Terror pânico se apoderou das tropas, e quando de madrugada se preparava Du Guay-Trouin para o assalto, apareceu o ajudante-de-campo de Du Clerc a dizer-lhe que podia entrar sem resistência, pois era sua a cidade. Por ordem do governador se tinha lançado fogo a alguns dos armazéns mais ricos[12] e aberto minas debaixo dos fortes dos beneditinos e jesuítas, provavelmente assim chamados por ficarem perto dos conventos destas ordens; em ambos os lugares se atalhou a explosão e os franceses tomaram conta da sua fácil conquista.

Du Guay-Trouin, 189-195

Tomada e saque da cidade

Rocha Pita

Foram eles achar os seus conterrâneos recolhendo já as primícias da vitória; cerca de quinhentos homens da gente de Du Clerc viviam ainda, e soltando-se na confusão haviam-se atirado aos despojos.[13] Alguns moradores lhes tinham mostrado compaixão enquanto presos, nem deve ficar esquecido na história desta jornada terem as casas destas pessoas no saque geral que se seguiu, sido marcadas pelos franceses e religiosamente respeitadas. Debalde procurava o comandante evitar excessos dobradamente perigosos numa cidade aberta e com um inimigo superior em forças às suas portas. As patrulhas que ele estabeleceu, eram as primeiras na obra da pilhagem. Até a manhã seguinte tinham sido arrombadas três quartas partes das casas e armazéns; vinho, provisões, alfaias, fazendas, gêneros de toda a natureza jaziam empilhados a granel na lama das ruas, e se os portugueses tivessem sabido aproveitar o ensejo bem poderiam segunda vez tirar vingança tremenda dos seus invasores. Du Guay-Trouin passou pelas armas alguns de seus soldados, mas não havia exemplos que pudessem coibir homens a quem tal tentação se oferecia, e por fim desenganou-se que o único meio de manter a

ordem era trazer a gente constantemente ocupada em armazenar os gêneros que deviam ser levados.

Du Guay-Trouin, 195, 196

Crítica situação dos franceses

Renderam-se agora os fortes com uma facilidade vergonhosa para quem os comandava. Entretanto reunia o governador as tropas, entrincheirando-se a meia légua da cidade[14], à espera de um reforço de Minas, para onde mandara a Albuquerque aviso do perigo, e talvez julgando-se provável repetir-se o mesmo correr de acontecimentos que se seguira à tomada da Bahia por Willekens e Heine; mas a conquista fora o objeto dos holandeses e os franceses só queriam vingança e despojos. Percebeu Du Guay-Trouin em quão crítica posição não tardaria a ver-se, se mais do que era absolutamente necessário se demorava numa cidade onde poucos víveres encontrara e nenhum podia conseguir sem muita dificuldade e não pequeno risco. Mandou pois dizer ao governador que se não resgatasse imediatamente a cidade, vê-la-ia arder até aos fundamentos, e para convencê-lo da seriedade da ameaça fez sair um destacamento que meia légua em redondo não deixou casa por queimar. Foi esta divisão calorosamente acometida, e teria sido feita em postas como merecia, se não houvessem chegado dois batalhões mui oportunamente para socorrê-la. Caiu na ação o capitão dos portugueses.[15] Os franceses o elogiaram pela intrepidez que mostrou, mas não merecia ele tão gloriosa morte, se, como parece haver razões para supor, era esse Bento do Amaral cujo nome ocorreu na história de Minas. Provara o comandante francês a disposição em que estava de realizar a sua ameaça, e senhor como era dos fortes e do mar, nada havia que depois dela executada pudesse impedi-lo de retirar-se em toda a segurança. Ofereceu-lhe pois o governador 600 000 cruzados, protestando não poder levantar mais grossa soma, pois que muito havia caído já nas mãos dos franceses, e muito sido levado para as ucatas e serras. Rejeitou Du Guay-Trouin a proposta, mandando mostrar ao mensageiro como estava dispondo as coisas para inutilizar quanto o fogo não pudesse consumir. Mas por alguns negros desertores soube ele que a toda a hora se esperavam as tropas de Minas, tendo chegado já da ilha Grande um reforço, e portanto fez sair de noite toda a sua força no maior silêncio possível, apresentando-se ao romper do dia diante da posição dos portugueses, na esperança de acelerar o convênio e levá-los pelo medo a oferecerem mais dinheiro. Enviaram-lhe como ele contava um jesuíta[16] para con-

Resgate da cidade

cluir o ajuste, mas o resgate fixou-se na soma já proposta, adicionando-se-lhe apenas as cabeças de gado que os franceses exigissem. Dentro de quinze dias devia ficar paga a contribuição, concordando-se que seria livre aos moradores resgatarem seus próprios bens. A 10 de outubro de 1711 se assinou o convênio e no dia seguinte chegou Albuquerque com mil e quinhentos cavalos, trazendo cada um seu infante na garupa para maior celeridade: seis mil negros armados ficavam apenas a um ou dois dias de marcha.[17]

Pita, 9, § 93-84.

Se Albuquerque houvera sido governador, ter-se-ia oposto resistência talvez feliz, e em todo o caso por certo mais honrosa, mas depois de tantos erros cometidos, ainda foi uma fortuna para ele não chegar senão consumada já toda a ignomínia. Sancionou contudo um convênio, que ele talvez tivesse tido demasiado brio para celebrar por si mesmo. Conheceu Du Guay-Trouin o seu perigo vendo chegar tão considerável reforço, comandado por um homem de gênio e tão alta nomeada, mas as condições foram pontualmente cumpridas. A 4 de novembro se efetuou o último pagamento e no mesmo dia reembarcaram os franceses, tendo previamente posto a bordo todos os despojos transportáveis. O seu comandante punira de morte todo o soldado, a quem se achou alguma prata de igreja, e ao retirar-se confiou-a dos jesuítas, para ser entregue ao bispo, sendo estes os únicos eclesiásticos, diz ele, que naquela cidade lhe pareceram dignos de confiança.[18]

Du Guay-Trouin, 197-205

Enfatuado com tão brilhante triunfo, quis este valente marinheiro aproveitar a próspera fortuna, e largou do Rio de Janeiro na firme intenção de pôr a Bahia igualmente em contribuição. Mas depois de ter por quase seis semanas lutado contra ventos ponteiros, viu-se compelido a singrar diretamente para França, enquanto tinha mantimento para a viagem. Foi a demora fatal a dois dos seus navios, que no horrível temporal que encontraram caminho da pátria, foram a pique com mil e duzentos homens a bordo. Ia um deles comandado pelo cavalheiro de Courserac, que pilotara a entrada na baía do Rio de Janeiro, e por ser o melhor vaso da esquadra levava a parte mais preciosa dos despojos, com ouro e prata no valor de 600.000 libras francesas. Obrigada a esquadra a arribar a Caiena, ali se afundou já ancorado terceiro barco.

Sorte da esquadra francesa

Du Guay-Trouin, 206-210

Apesar de todas estas perdas porém ainda ficou aos aventureiros um lucro de 92% sobre o capital arriscado.

De descontente com o comportamento do seu governador neste vergonhoso e ruinoso negócio, não sofreu o povo do Rio de Janeiro que continuasse ele a exercer o seu cargo, insistindo com Albuquerque que assumisse a administração até decisão d'el-rei. Francisco de Castro nem sequer tentou reter a sua autoridade, por demais cônscio da sua má estrela, senão da sua inaptidão. Mal em Lisboa se soube do que sucedera, mandaram-lhe sucessor na pessoa de Francisco de Távora, que trouxe ordem para metê-lo em julgamento, a ele e a quantos houvessem deixado de cumprir o seu dever. Foram os culpados postos em estreito cárcere, e após longa devassa foi o ex-governador sentenciado a degredo e prisão perpétua num dos fortes da Índia por falta de ânimo e discernimento. Dura medida esta: Francisco de Castro seguira precisamente o mesmo sistema que no ano anterior, mas apesar de crassos e notórios haviam passado desapercebidos os erros de então, por ter sido feliz o êxito. Se nos dois casos alguma diferença havia, além da do resultado, era a favor do governador, sobre quem na segunda ocasião não pesava tanta responsabilidade como na primeira, dado a Gaspar da Costa o comando da força expressamente enviada para defesa do porto.[19] Um sobrinho dele, que no posto de mestre-de-campo sucedera ao pai morto no ano anterior, foi desterrado por toda a vida, e um capitão, que por ter entregado um dos fortes se havia escondido, foi enforcado em estátua.

Rocha Pita, 9, § 93, 94

Inquietação do governo português

Com as novas deste desastre mui sobressaltados ficaram os portugueses, cujo comércio nunca recebera tão violento golpe. Soube-se da tomada da cidade antes do mais que se lhe seguiu, e receava-se pois não fosse ser intenção dos franceses manter a conquista, lembrados de suas antigas pretensões a um país, a que outrora haviam dado o nome de França Antártica, e que a descoberta das minas tornara agora mais que nunca importante. Os plenipotenciários portugueses em Utrecht pretenderam acharem-se neste ponto tão interessadas a Inglaterra e as Províncias Unidas como o mesmo Portugal, e assim não requereriam o auxílio daquelas nações, para que não parecesse equivalente a barreira que este último então reclamava contra a Espanha. Por outro lado conheciam eles que a conservação do Brasil

importava a Portugal mais do que a ampliação das próprias fronteiras, e sabiam também o estado de pouca segurança em que se achava a Bahia, o que tornava por demais provável o boato de ter Du Guay-Trouin entrado e saqueado também aquela cidade. Contudo ainda havia outro inconveniente em solicitar ou mesmo aceitar o auxílio da Grã–Bretanha e da Holanda, porquanto embora uma esquadra aliada devesse facilitar muito a restauração do Rio de Janeiro, produziria a sua entrada naquele porto conseqüências fáceis de se preverem, e altamente prejudiciais a esse comércio, que Portugal estava agora resolvido a guardar para si exclusivamente. Desapareceram felizmente todas estas perplexidades com as primeiras notícias seguintes.

Cartas dos embaixadores. Ms.

21 de jan., 16 e 23 de fev. 1712

Os tumultos de Pernambuco e as duas invasões do Rio de Janeiro tudo ocorrera no governo-geral de D. Lourenço de Almada, que foi rendido por Pedro de Vasconcelos e Sousa, antes de aquietada a capitania do Norte, e achando-se o Rio ainda em poder dos franceses. Andavam por este tempo os mares mui infestados de piratas, últimos e desesperados destroços dos *bucaneiros*, e mais do que nunca eram as costas do Brasil visitadas desta praga depois da descoberta das minas. Para evitar as depredações destes celerados era mister manter um cruzeiro, e ter bem guarnecidos os fortes. Sob pretexto de fazer face a estas urgentes despesas aproveitou-se o ensejo de lançar um imposto de 10% sobre a importação no Brasil. Com razão porém receou o povo que continuasse o imposto depois de ter cessado a necessidade, e quando o novo governador tentou dar a lei à execução reuniu-se ele tumultuariamente, e ao som do sino da cidade incessantemente tocado por ordem do juiz do povo, encheram-se de uma multidão das classes mais baixas o largo do paço e todas as ruas que nele desembocavam. O primeiro impulso do governador foi tomar espada e escudo e sair à frente da sua guarda e dos seus familiares a dispersar a canalha, mas como o dissuadissem de expor assim a sua pessoa a perigos e a sua autoridade a insultos, mandou por um mensageiro dizer ao vulgacho que se separasse, promovendo o seu intento com requerimentos, não com violência. Eleito para ouvir a mensagem e responder-lhe, foi a resposta que deu o juiz do povo, que ali estavam reunidos no firme propósito de não se separarem enquanto se não abolisse a taxa e se deitasse abaixo o aumento no preço do sal, tendo-se elevado

Pedro de Vasconcelos, governador-geral

Imposto de 10%

Insurreição na Bahia

no ano anterior de 480 a 720 réis a medida ordinária deste artigo de primeira necessidade. Tornou o governador que era para o trono que cumpria apelar, não para ele, que não tinha poder senão para executar as reais ordens. Com esta resposta mais se enfureceu o povo, que, declarando haver de conseguir o seu fim à viva força, se dirigiu, depois de insultado o governador, à casa de Manuel Dias Figueira, arrematante do contrato do sal, a quem se imputava o novo imposto dos dez por cento. Achava-se felizmente em Lisboa esta personagem, mui invejada por suas riquezas sobre haver-se tornado impopular por um fasto muito além da sua posição, segundo se entendia. A mulher e a família foram avisadas do perigo a tempo de poderem evadir-se, aliás teriam talvez caído vítimas da cega fúria da plebe; quanto em casa havia tudo ficou feito em cacos e os barris de vinho e outros licores preciosos foram vazados na rua. Daqui passou o povo à casa de Manuel Gomes Lisboa, sócio de Figueira no negócio, e por isso, posto que não pessoalmente odioso às turbas, assinalado à vingança. Também este escapou, mas foi saqueada a casa, e arremessadas pela janela partiram-se no lajedo duas caixas de ouro em pó, que calcado aos pés perdeu-se inteiramente. Como andasse o povo nesta obra de destruição, veio o arcebispo, acompanhado de quantos membros das diferentes irmandades se puderam reunir e de todos os dignitários da sé, com a hóstia sobre uma âmbula, qual sói estar no altar, e confiando que este espetáculo abrandaria a multidão, exortou-a a voltar a suas casas. Prostrou-se o povo diante do que Rocha Pita chama o seu Criador, adorou a hóstia, e embainhando ou abaixando as armas, acompanhou-a devotamente à igreja de onde saíra, mas reposto o sacramento no seu lugar, voltou ao largo do paço armas em punho, renovando a sua exigência de que se abolisse a taxa e reduzisse o preço do sal. Entretanto tinha ido ao paço o antigo governador D. Lourenço de Almada, e por conselhos dele cedeu Vasconcelos, não vendo outro remédio. Exigiu também o povo pleno perdão pela insurreição e todos os atos nela cometidos, sem exceção de pessoa, pensando acertadamente que carecia disto, mas sem considerar que os mesmos meios por que era conseguido invalidavam esse perdão. Pelas seis da tarde, concluído tudo, dispersou-se a plebe, uma parte da qual se havia ocupado em ter o sino da cidade todo o dia em contínuo movimento.

Cede o governador às exigências da plebe

Rocha Pita, 9, § 95-104

Nem uma só pessoa de consideração tomara parte neste tumulto; da ínfima plebe se compunha o ajuntamento, tornando-se digno

de nota terem sido os cabeças de motim todos filhos do reino, ou estrangeiros de várias nações, não naturais do Brasil. Passadas algumas semanas, volveram os motores do primeiro tumulto a tocar a rebate; pronta compareceu a canalha, e como o governador se achasse casualmente fora de portas na residência do seu predecessor, para ali se dirigiu a buscá-lo à viva força. Surpreendido e inquieto com este inesperado acontecimento, trancou ele os portões, admitindo por um postigo o deputado que lhe enviavam. Escolhera o vulgacho um homem respeitável para manifestar ao governador a sua vontade, e vinha esta a ser que aparelhasse ele imediatamente quantos navios houvesse no porto e alistasse gente para uma expedição a expulsar do Rio de Janeiro os franceses. Semelhante proposta era bem para maravilhar o governador, que respondeu não ter nem navios, nem artilharia, nem gente suficientes para investir uma esquadra como a do inimigo; faltar-lhe dinheiro para tal expedição, e dever acarretar esta um mal enorme, perdendo a viagem para o reino os navios que nela se empregassem, em grande detrimento do Tesouro, e com muito prejuízo dos moradores da Bahia e do Recôncavo. A isto se respondeu que havia dinheiro que farte em S. Teresa e no colégio dos jesuítas ali depositado por diferentes pessoas para vários propósitos, podendo o que fosse necessário ser tirado destes fundos e reposto depois por uma derrama pelo povo da cidade e do Recôncavo, conforme os meios de cada um. Os negociantes e mercadores tomaram sobre si a maior parte; de Pernambuco se podiam fazer vir os dois navios, que até ali haviam comboiado a armada; artilharia não faltava; e a força seria suficiente para acometer os franceses. Raciocinar com esta gente seria tempo perdido, tão fácil fora a Vasconcelos fazer virar o vento ou as ondas, como convencê-la da loucura do seu propósito. Mais uma vez se viu ele forçado a obedecer à soberana vontade popular, e no dia seguinte foi o senado da câmara convocado pelo juiz do povo a fim de receber deste órgão da canalha as ordens para a derrama. Opôs o senado às mesmas objeções que o governador a tão insano projeto, mas com não melhor resultado, e fez-se a derrama, devendo a despesa imediata sair dos dinheiros depositados nos cofres dos dois conventos. Tanto o governador como a câmara deviam esperar que esfriasse o ardor do povo enquanto se faziam os preparativos, que se reconhecessem como insuperáveis as dificuldades, e

Novo ajuntamento do povo para acudir ao Rio de Janeiro

talvez que algum feliz acaso (último refrigério dos fracos) os viesse livrar do perigo de empreender tão cerebrina jornada. E assim foi, pois que antes de se ter feito grande coisa nos aprestos, chegou a notícia de haverem os franceses posto a cidade a resgate, e dado à vela para casa. Mal pensavam os baianos que enquanto se armavam contra os franceses, só os ventos contrários impediam Du Guay-Trouin de ir atacá-los sobre o seu próprio terreno e às suas próprias portas, com tanta probabilidade para eles de lhe haverem resistido como sucedera com os seus patrícios do Rio de Janeiro.

Rocha Pita, 9, § 105-113

Extinção do ofício de juiz do povo, 1712

Com estas coisas tão arrogantes se foi tornando o juiz do povo, que em todos os negócios públicos quis ingerir-se, para que não sofressem os interesses do seu povo, como ele o chamava, e à menor oposição que encontrava às suas pretensões ameaçava com tocar o sino na cidade, sinal agora temido de todos os moradores pacíficos e bem-intencionados. Sem se dar por achada requereu pois a câmara à corte a abolição deste ofício por amor da tranqüilidade pública, como por igual motivo se fizera no Porto. Mal definidos em verdade estavam os poderes inerentes a este cargo, sendo mais fácil abusar deles para ruins fins, do que aplicá-los aos bons. Foi pois abolido o ofício, e logo que o governador se sentiu assaz forte começou a inquirir sobre os cabeças de motim dos últimos tumultos. Os que tinham consciência de mais se haverem distinguido no primeiro levantamento, puseram-se em fuga, e o motivo do segundo julgou-se justificativo para desculpar outros.

Marquês de Angeja, vice-rei

1714

Tratou Vasconcelos agora de prevenir-se contra calamidade semelhante à que caíra sobre o Rio de Janeiro principiando neste intuito a reformar a disciplina da tropa e exercitar a ordenança segundo o novo sistema ainda não introduzido no Brasil. Zeloso do serviço militar como ultimamente se havia mostrado o povo, murmurava altamente contra o exercício a que o obrigavam, agora que não via perigo imediato, e Vasconcelos, sentindo-se cada vez mais impopular, pediu antes de findo o seu tempo lhe mandassem sucessor que o aliviasse de tão ingrato cargo. Veio pois o marquês de Angeja, D. Pedro Antônio de Noronha, com o título de vice-rei, de que já usara na Índia. Reparou este as fortificações, precaução cuja necessidade não podia já entrar em dúvida, e estabeleceu sem

Rocha Pita, 9, § 114-119; 10, § 5 e 6

dificuldade o imposto dos 10%, não havendo, depois das conseqüências da primeira, quem quisesse incitar o povo a segunda insurreição.

Receios de nova expedição francesa

Não foi só a Du Guay-Trouin que escaparam os baianos; expediu-se novo armamento, à custa de especuladores particulares mas com auxílio do governo, sendo a Bahia o porto principal do seu destino. Coube o comando a Cassar, que para semelhantes expedições pareceu mais próprio que Du Guay-Trouin, mas o abade de Polignac teceu o melhor elogio a este valente marinheiro, classificando-o abaixo do atual comandante, por preferir a glória ao proveito, de modo que se encontrasse uma armada inimiga, havia de travar com os navios de guerra, em lugar de pôr o fito principal em capturar os mercantes. Por não ser o novo comandante homem desta têmpera escapou a Bahia à perda e vergonha, que lhe estavam iminentes, contentando-se ele com um desembarque de piratas em algumas das menores ilhas produtoras de açúcar. Não só com os inimigos, também com os amigos se inquietaram por este tempo os portugueses. Souberam estes pelo seu ministro em Londres estar um certo capitão Thomas Braum com auxílio de aventureiros particulares, mas aprovação do governo, para estabelecer uma colônia na América do Sul; onde não se sabia, mas qualquer parte que se escolhesse perto do Brasil, seria perigo da maior magnitude, especialmente se sobre a ilha de Santa Catarina ou o rio dos Patos caísse a preferência. Em tal caso davam os estadistas portugueses já por perdido todo o proveito das minas, pois que os ingleses com o seu comércio atrairiam aos próprios estabelecimentos a maior parte do ouro. Sendo este território disputado pela Espanha e Portugal, sem por nenhuma destas duas nações se achar ocupado, com alguma razão se receava não viesse terceira apossar-se dele, especialmente agora que a Inglaterra e a França tratavam de ajustar pazes, atendendo pouco a quaisquer outros interesses que não os próprios. Conjuraram pois os plenipotenciários portugueses em Utrecht a sua corte que mandasse imediatamente ocupar todos os portos ao correr da costa, com especialidade estas duas estações importantes, ainda que não fosse senão com os colonos precisos para levantar umas poucas de cabanas.

Cartas dos embaixadores. Ms. 31 de maio e 14 de jun. 1712

Bolingbroke's Correspondence, **vol. 3, p. 136**

Cartas dos embaixadores. Ms. 21 de jun. 1714

Negociações com a França

De todos os aliados da Inglaterra quem mais dela se queixou com referência às negociações de Utrecht foi Portugal, e contudo não houve potência a cujos interesses ela mais atendesse naquela miserável transação. Pelo tratado entre Portugal e a França renunciou esta nos termos mais explícitos em nome do monarca reinante e dos seus sucessores, a todo o direito ou pretensão sobre o país entre o Amazonas e o Oiapoque, e reconhecendo a soberania da coroa portuguesa sobre ambas as margens do primeiro destes rios, renunciou igualmente à pretensão de navegá-lo. A este último ponto não queriam os franceses de forma nenhuma anuir, mesmo depois de terem consentido na renúncia do território; alegavam poder um dia a sua colônia de Caiena formar estabelecimentos sobre a margem do norte muito longe pelo rio acima, e partindo desta possibilidade trabalhavam por estipular para si o direito de navegação naquelas partes em embarcações ali mesmo construídas. Era porém por demais remota semelhante contingência para poder pesar na balança, e o Ministério inglês insistiu na renúncia sem reserva com mais firmeza do que mostrou em outro nenhum ponto das discussões. Inquietavam-no as idéias ambiciosas da França na América, posto que cerrasse voluntariamente os olhos ao perigo na Europa. E assim obteve Portugal mais do que esperavam os seus plenipotenciários, que não aspiravam a maior cessão além da do país onde se erguiam os fortes de Araguari e Camaú; excitou-lhes a ambição esta inesperada fortuna, e fizeram ver à sua corte que um tratado, que lhe garantia o domínio exclusivo do rio, abria-lhe às suas tropas a estrada do Quito e do Peru. Sujeitou-se Luís XIV com grande repugnância a esta cessão, que desnorteava ou pelo menos adiava projetos talvez de não menos extravagante ambição, dizendo depois dela já feita ao duque de Shrewsbury, que ainda esperava ver a rainha da Inglaterra entre a assinatura e a ratificação do tratado convencer-se de quanto era injusto privá-lo da navegação do rio.[20] Também se comprometeu a França a não permitir que os moradores de Caiena fossem além do Oiapoque para fins comerciais, nem comprassem escravos no distrito do Cabo do Norte, obrigando-se o rei de Portugal pela sua parte a não deixar os seus súdi-

1712

Bolingbroke's Correspondence, **vol. 3, p. 433; 469**

1713

11 de abr. 1713

tos traficar com Caiena. E Sua Majestade Cristianíssima prometeu ainda que nem os missionários franceses nem outros nenhuns que debaixo da sua proteção estivessem, entrariam no exercício das suas funções pelas terras por este tratado inquestionavelmente adjudicados à coroa de Portugal.[21]

Du Mont., T. 8, p. 1, p. 353

A respeito do comércio do Brasil tinham os negociadores portugueses um ponto delicado com que haver-se. Pelo tratado de paz de 1661 tinham os holandeses direito claro e positivo a comerciar com aquele país. Aos ingleses assistia o mesmo direito que mais especialmente lhes fora conferido pelo tratado de casamento de Carlos II. Uns e outros haviam deixado cair em desuso, provavelmente importavam ambas as nações açúcar das suas colônias. A respeito dos holandeses pelos quais parecem os portugueses ter professado o mais profundo desprezo em todos os tempos, mesmo no do seu maior abatimento e mais alto poderio da Holanda, negou-se redondamente o privilégio em quebra direta do tratado, arrogando-se Portugal ainda o direito de confiscar-lhes os navios, que ali mandassem.[22] Os ingleses de boa vontade se abstinham dele por terem de fato nas mãos, graças à sua feitoria em Lisboa, grande parte do comércio brasileiro, feito com capitais seus por meio de agentes naquela cidade. A Junta do Comércio porém receava não fosse a França exigir agora os mesmos privilégios que por tratado possuía a Inglaterra, pelo que lhe pareceu necessário procurar induzir esta a renunciar a um direito de que nunca se servia; ponderou-se porém que, se se agitava a questão, poderia ela abrir aos ingleses os olhos sobre a futura importância deste tráfico, e levá-los a exercê-los desde já, para o conservarem, o que Portugal não poderia estorvar-lhes, valendo por conseguinte mais não bulir neste negócio. Ocorreu a dificuldade prevista, e embora os plenipotenciários ingleses em Utrecht apoiassem os portugueses, julgando conveniente excluir deste comércio os franceses, mudaram de opinião no correr das conferências, percebendo que mais tarde poderia alegar-se esta exclusão como precedente para estender o mesmo sistema também à Inglaterra, contra o que não poderia reclamar a rainha, se o sancionava agora relativamente à França.[23] Ao estipular-se que não traficariam os franceses no Maranhão, queriam os plenipotenciários portugueses incluir na proibição o Brasil, e também excetuar os portos deste no artigo que

Dificuldades a respeito do comércio do Brasil

declarava reciprocamente abertos os portos das duas nações. Mas os franceses em nenhuma destas inserções consentiram, e rodearam a questão omitindo num artigo toda a menção do Brasil, e dizendo no outro que os navios mercantes e de guerra da sua nação entrariam em todos os portos do rei de Portugal que estavam acostumados a freqüentar. Entenderam os portugueses que era já ganhar alguma coisa; a concessão a que eles se teriam oposto com todas as suas forças não fora exigida, e o silêncio do atual tratado parecia-lhes que poderia a todo o tempo ser invocado como barreira contra qualquer exigência futura que neste sentido se fizesse.

Cartas dos embaixadores. Ms. 15 de abr. 1713

El Assiento

Foi por este tempo que um memorável convênio com a Espanha, conhecido pelo nome de *Assiento*, conferiu aos ingleses o direito exclusivo de fazer com o Prata o mais nefário de todos os tráficos, mas então era tão universalmente reputado legítimo e justo, como agora é reconhecido ímpio e desumano.

26 de março 1713

Obrigaram-se os ingleses a levar anualmente às Índias espanholas pelo espaço de trinta anos quatro mil e oitocentas *peças das Índias,* isto é, escravos, pagando trinta e três escudos e um terço de direitos por cabeça.[24] Por todos os que importassem além deste número pagaria a metade durante vinte e cinco anos, passados os quais lhes não seria mais permitido excedê-lo, cláusula inserta na expectativa de poder a Espanha fazer então por si mesma o tráfico, para o que queria criar primeiramente a procura do gênero. Em S. Marta, Cumana e Maracaibo não deviam eles exigir mais de trezentos escudos por cabeça, antes reduziriam o preço da venda o mais que pudessem abaixo desta soma, para animar os moradores a comprar, mas para outro nenhum lugar se marcou máximo algum. Um quarto do número total devia ser importado no Prata onde se não permitiria exceder a quantidade marcada, sendo quatrocentos para Buenos Aires e o resto para o interior e reino do Chile. O rei da Espanha reservou-se uma quarta parte nos interesses do contrato, e a rainha da Inglaterra outro tanto; esta porém cedeu o seu quinhão à Companhia do Mar do Sul, que fora quem da execução se encarregara. Aos *assientistas* se concederia sobre o Prata o terreno preciso para cultivar os gêneros alimentícios e criar o gado necessário ao seu estabelecimento e aos seus negros, ponto sobre o qual tinham os plenipotenciários instruções para insistir particularmente,

Bolingbroke's Correspondence, **2, p. 104**

mas o que só se anuiu com todas as orgulhosas e desconfiadas restrições do ciúme espanhol, estipulando-se que as casas e armazéns se não fizessem senão de madeira, e sobretudo que não se erguesse nem a sombra de fortificações. Residiria ali um oficial espanhol, declarando-se os súditos ingleses sujeitos à jurisdição dos tribunais do país e decretando-se penas severas contra o contrabando, visto ser carne humana a única mercadoria que fazia objeto do ajuste.

Du Mont, 8, p. 1, p. 331

O último artigo do tratado autorizava porém a Companhia a mandar todos os anos um navio de quinhentas toneladas às Índias espanholas, sob condição de não introduzir contrabando algum, e deixar ao rei da Espanha uma quarta parte do carregamento, pagando-lhe um direito de 5% sobre o lucro líquido das outras três. Neste miserável contrato redundaram as magníficas esperanças que Harley fizera conceber a nação inglesa para por considerações de mesquinho interesse desviá-la da senda do dever e da honra, nem a criação da Companhia do Mar do Sul assentou sobre melhor fundamento projeto digno do Ministério mais vil a que jamais estiveram confiados os destinos da Grã-Bretanha.

Cartas dos embaixadores. Ms. 17 de maio 1712

Mostram-se os portugueses ciosos deste tratado

Ao *Assiento* se opuseram veementemente os holandeses, com especialidade a cidade de Roterdã, olhando-o também com não pequeno ciúme os portugueses, que tendo tido antes da guerra um contrato semelhante tinham ainda a tal respeito questões pendentes com a Espanha. Desconfiaram eles em princípio que tratavam os ingleses de negociar o estabelecimento de uma colônia no Prata, projeto, diziam os embaixadores de Portugal, que bem podia inquietar todas as potências, especialmente porém aquela, a que ele ia dar tão formidável vizinho. Andavam os portugueses esforçando-se por fazer reconhecer o Prata por limite entre o Brasil e os territórios espanhóis, tomando-se por divisa interior o rio das Missões, como o Uruguai então se chamava. Mas o povo com quem tratava era tão pertinaz como eles mesmos, sobre possuir na Europa melhores meios de fazer valer as suas pretensões. Até a restituição de Nova Colônia se contestava redondamente. Não escapava aos espanhóis o valor que este lugar devia ter para os portugueses como empório de contrabando,

o que fez dizer o duque de Ossuna com azedume aos negociadores por parte de Portugal, que fácil seria propor-lhes um equivalente por esta praça, atendendo-se unicamente ao valor real dela, muito difícil porém oferecer-lhes compensação pelos lucros que esperavam colher dum tráfico ilícito. Com o espírito mais tranqüilo porém asseverou ele aos embaixadores que a principal ou única razão que obrigava el-rei de Espanha a reservar-se a faculdade de oferecer qualquer outra praça em troca, era o receio de que as nações que comerciavam com Portugal achassem meios de por aquele canal introduzir mercadorias no Peru. Os ingleses foram injustamente acusados pelos ministros portugueses de os haverem traído, pondo-se nesta discussão inteiramente do lado dos espanhóis, mas como quer que em Utrecht se conduzissem os miseráveis negociadores, é certo que o gabinete inglês falou com a maior firmeza à corte da Espanha, ordenando ao seu embaixador que lhe declarasse positivamente estar a rainha resolvida a arriscar tudo antes do que abandonar o rei de Portugal, ou deixá-lo padecer pela confiança que na palavra dela depositara.[25] Protraíram-se porém as discussões até à morte da rainha, tendo então os plenipotenciários portugueses uma entrevista com Jorge I ao passar este pela Holanda a caminho para tomar posse do seu trono, e ficando encantados de o acharem tão bem inteirado de todos os pontos em questão, e disposto de todo o coração a secundar os interesses de Portugal. Durou a questão até ajuste final dos interesses mais importantes das demais potências contratantes, encarregando-se então Luís XIV de concluí-la pelo seu neto, com o duplo propósito de aparecer num negócio em que a intervenção da Inglaterra nada tinha podido o bem do seu aliado, e de acelerar a resolução da corte espanhola, que parecia ter contaminado Filipe V tanto com a sua morosidade como com as suas superstições. Certas exigências pecuniárias relativas a navios retidos no Rio de Janeiro, antes da declaração da guerra foram compensadas com algumas somas devidas à Companhia portuguesa do *Assiento*, sacrificando os interesses dos particulares.[26] Muitíssimo mais difícil foi resolver a interminável questão da Colônia. Sempre suspeitoso do mais remoto perigo que lhe pudesse ameaçar as suas vastas possessões americanas, receava o gabinete espanhol da parte do português a intenção de penetrar pelo sertão até às nascentes do Prata, e tomando posse do Paraná e do Uruguai por todo o seu curso assenhorear-se afinal do grande

rio a que levavam estes o tributo de suas águas. Para prevenir este imaginário plano, sugeriu-se um projeto de oferecer aos portugueses toda a costa de São Vicente ao Prata, sob condição de não se estenderem por mais de dez léguas adentro, não erigirem forte algum dentro de dez léguas do Prata, nem navegarem-no debaixo de qualquer pretexto que fosse; responderam estes porém que não era isto mais do que oferecer-lhes inútil tira de terra, por muitos títulos já sua. Propuseram os embaixadores franceses mais aceitável troca: a Espanha reteria Colônia, mas deixaria a Portugal em compensação Albuquerque e Pueblo de Sanabria, praças por ele tomadas durante a guerra, com os respectivos distritos, ou então lhe cederia a costa da Galiza até Vigo, incluindo esta cidade, e estendendo-se para o interior até Fuerte de Guarda, compreendido também este. Qualquer destes equivalentes de boa vontade, bem que com pouca prudência, o aceitaria Portugal, mas não foi em Madri ratificada a proposta. Com esta se pôs termo a todas as ofertas da mesma natureza, concluindo-se afinal as discussões desde tanto pendentes. Cedeu-se a Portugal, para possuí-los em plena e inteira soberania, Nova Colônia e o seu território, renunciando os espanhóis nos termos mais fortes, e ao que parecia nos mais explícitos a todo o direito ou pretensão sobre o terreno contestado, e obrigando-se o rei de Portugal a não permitir a outra nenhuma nação estabelecer-se ali, ou para ali traficar, debaixo de qualquer pretexto que fosse, nem os portugueses ajudariam outra alguma nação a fazer comércio de contrabando com as possessões espanholas, ou o fariam por si mesmos. Também se estipulou que dentro de ano e meio contado da ratificação do tratado, poderia a Espanha propor um equivalente por esta cessão, que todavia não seria retardada por semelhante motivo, ficando inteiramente livre aos portugueses aceitar ou deixar de aceitar a proposta que se lhes fizesse. Nesta cláusula, fútil como era, insistiram os espanhóis com sua característica pertinácia, querendo por força vê-la inserida. Era por oferecer Nova Colônia nas mãos dos portugueses tantas facilidades ao contrabando, que a Espanha se mostrava tão ansiosa de obtê-la, sabendo muito bem quão pouco valiam as estipulações de um tratado sobre semelhante assunto, ainda mesmo que da parte de ambas as potências contratantes houvesse mútuo e sincero desejo de evitar o tráfico ilícito.[27]

6 fev. 1715

Os portugueses expulsam do Amazonas os missionários espanhóis
1715

Não foi só com negociações que Portugal sustentou as suas zelosas pretensões ao sertão da América do Sul, pretensões a que sem hesitação nem remorso se sacrificavam as considerações religiosas, que por mais importantes passavam, Fr. Samuel Fritz, jesuíta alemão adido às missões espanholas do Quito, desceu o Amazonas, para levantar a planta do curso do rio. O capitão de uma das povoações portuguesas o prendeu como espião. Passados dois anos obteve a sua liberdade este padre, a quem devemos o primeiro mapa autêntico do gigantesco rio, e as primeiras informações seguras sobre as suas nascentes.[28] Doloroso como devia ser este longo encarceramento, amargurado ainda pelo receio de ver provavelmente perdido o fruto de todos os seus trabalhos científicos, maior pesar sentiria o bom homem, se houvesse podido prever a sorte das missões que depois estabeleceu. Porquanto logrou ele converter os omáguas, povo tão famoso no século das descobertas, e ainda naqueles dias a mais numerosa das tribos ribeirinhas: trinta aldeias deles vêm notadas no mapa do jesuíta. Depois da morte dele, continuaram estas reduções a florescer debaixo da direção de missionários do Quito, mas o governador do Pará olhou-as como intrusões no território português, e como Inácio Correia de Oliveira se achasse por este tempo com um troço de gente a resgatar escravos na parte do rio que os portugueses chamavam dos Solimões,[29] recebeu ordem de seguir para estes estabelecimentos e expulsar os espanhóis. Repetidos avisos lhe vieram de que se mandariam duzentos soldados espanhóis, com um grande corpo de índios para manterem a posse, mas ele apenas achou um pouco de jesuítas, que de boa mente se retiraram, resignando-se a ver perdidos todos os seus trabalhos. Do seu fácil triunfo mandou Correia aviso a Belém, mas fiou-se nele demasiadamente, pois que os espanhóis desceram, e surpreendendo-o a traficar descuidado, fizeram-no prisioneiro e queimaram as aldeias que os carmelitas portugueses tinham fundado sobre o rio. Mal disto soube o senhor de Pancas logo fez sair cento e trinta soldados europeus com número correspondente de índios, que encontrando ainda alguns espanhóis entre os omáguas, derrotaram-nos e trouxeram alguns prisioneiros, entre os

1708

Berredo, § 1454-57. P. Guillaume d'Etré, *Lettres édifiantes*, T. 8, p. 277, 296, Condamine, P. 69,80

quais Fr. Juan Bautista, chefe da missão. Esta expedição assegurou a Portugal um vastíssimo território,[30] de que depois se conservou sempre na posse mansa e pacífica.

Desassombrado de todos os inimigos externos ficou o Brasil agora. Pela prontidão com que correra à restauração do Rio de Janeiro, recebeu o povo de Minas uma carta de agradecimentos em nome d'el-rei dirigida à câmara de Sabará, primeira povoação que naquela capitania foi elevada à categoria de vila. Antônio de Albuquerque, a cujo convite obedecera o povo tão pressurosamente nesta emergência, foi o primeiro governador que em Minas fez respeitar a autoridade real, rodeando-se ali do poder e dignidade que exigia o cargo. Recebeu ele ordem de regularizar os quintos, arrematando-os por distritos, ou arrecadando-os administrativamente, como melhor julgasse; também devia edificar uma casa de fundição, e para melhor execução de tudo isso, bem como para se fazer respeitar, e habilitar os seus ministros a fazer justiça, havia de levantar um regimento de quinhentos homens, nomeando ele mesmo os oficiais por esta vez somente, e com ressalva da aprovação da coroa. O soldo desta tropa seria de cinco tostões por dia, paga enorme, que o excessivo custo de todas as coisas em Minas tornava necessária, mas que o tesouro em breve se cansou, sendo a força reduzida a duas companhias de cinqüenta homens cada uma, assim que o país se foi tornando mais sossegado. Dispôs-se expressamente que não fossem paulistas os oficiais, pois que dar patentes a homens daquela terra seria meter armas na mão de gente em que se não podia ter inteira confiança; contudo se um paulista desse provas de lealdade, não lhe devia servir de impedimento o lugar do nascimento.

Medidas de Albuquerque em Minas. Carneiro. Ms.

Manuel da Costa. Ms.

Carta Régia, 9 de nov. 1709. Ms.

Carta Régia, 24 de jul.. 1711. Ms.

Carta Régia, 8 de out. 1712. Ms.

Também teve Albuquerque ordem de prestar toda a coadjuvação ao arcebispo da Bahia e bispo do Rio de Janeiro, nas visitações que se dispunham a fazer, e de dar o auxílio da sua autoridade para expulsar das minas todos os religiosos e clérigos que sem justa causa ali residissem, ou se ocupassem de misteres alheios à sua profissão. Em geral era o clero deste distrito da mesma laia que o povo. Prestou-se a devida homenagem ao poder eclesiástico, requerendo do bispo do Rio de Janeiro a retirada dos clérigos turbulentos, pertencentes à sua diocese, mas com

não prestar a devida atenção às ordens da Igreja acarretou ele sobre si uma áspera repreensão, e quebra na sua autoridade. Em lugar de obstar a que fosse para as minas qualquer eclesiástico, que ali não tivesse emprego conveniente, concedia ele indiscriminadamente licenças a indivíduos de maus costumes e índole rixosa, até a alguns implicados nos últimos distúrbios. Havia entre eles muitos frades apóstatas e outros, que só tinham tomado ordens para escapar ao castigo de seus crimes. Recebeu pois o governador ordem de não tolerar frade algum em Minas, expulsando dali toda a raça com força e violência, se às boas o não pudesse conseguir, e pondo igualmente fora todo o padre que não estivesse com provisão do Ordinário exercendo funções paroquiais. Outro decreto mandava expelir da nova capitania todos os estrangeiros embora naturalizados, excetuados unicamente ingleses e holandeses. Uma ordem subseqüente dipôs que os casados com portuguesas e que houvessem filhos delas, poderiam ficar, salvo se se entregassem ao comércio, caso em que se lhes daria tempo para regular os seus negócios, sendo depois remetidos com suas famílias para Lisboa. Parecia a descoberta das minas ter dado origem a esta suspeitosa política, provavelmente corroborada pela perda e vergonha sofridas no Rio de Janeiro, e ampliado em breve a todas as outras capitanias, retardou este sistema míope e egoísta o desenvolvimento do Brasil.

Carta Régia, 9 de jun. 1711. Ms.

Carta Régia, 7 de abr. 1713. Ms.

Sendo agora capital da capitania foi São Paulo elevado a cidade no governo de Antônio de Albuquerque, e poucos anos depois decretou-se que todos os que ali tivessem servido de juízes ordinários, vereadores ou procuradores do conselho conservariam, em virtude do seu ofício, a nobreza e privilégios inerentes à cavalaria, contanto que não saíssem criminosos na devassa geral, que os juízes deviam fazer todos os anos, nem na correição do magistrado superior. Nesta crescente capitania só com parcimônia se deviam conceder sesmarias de terra, atentas à fertilidade do solo e à grande afluência de moradores, nem quem tivesse obtido uma poderia adquirir segunda por compra ou herança. Na designação dos termos das novas vilas também se devia prover a que ficassem reservadas à coroa terras suficientes para

S. Paulo elevada a cidade. Carta Régia, 24 de jul. 1711. Ms. Ordem de 17 de jun. 1715. Ms.

Regimento das sesmarias de terra

Carta Régia, 15 de jun. 1711. Ms.

Carta Régia, 1 de abr. 1713. Ms.

delas dispor, além dos realengos e do patrimônio das câmaras. E em todas as sesmarias que fizesse o governo, se havia de declarar que nenhuma ordem religiosa poderia suceder nelas, por qualquer título que fosse. Onde estas ordens já possuíssem terras, pagariam décimas, como pagavam as propriedades dos leigos, e se alguém lhes deixasse bens de raiz por disposição de última vontade, não valeria o legado sem consentimento d'el-rei.

Carta Régia, 27 de jun. 1711. Ms.

Não haviam os jesuítas recuperado a antiga ascendência em São Paulo, onde eram olhados com ódio figadal e hereditário, achando-se portanto a administração dos índios nas mãos dos franciscanos, beneditinos e carmelitas, que, empregando os naturais exclusivamente em seu próprio benefício, e detrimento do público, pois que quando eram precisos para o serviço d'el-rei nenhum se achava, mereceram da corte áspera censura. Em estranho estado se achava na verdade esta capitania: aqueles mesmos que deveriam ser os primeiros a fazer respeitar as leis divinas e humanas, eram os que mais as violavam ambas. O capitão-mor de São Paulo, cujo ofício era executar as ordens das autoridades judiciais, perseguindo e prendendo os criminosos, fazia da sua casa valhacouto deles, enquanto o clero punha exemplos dos vícios que era dever seu procurar pelo menos corrigir no povo. Frades fugidos e entrelopos que sem permissão do bispo entravam no distrito das minas, ali se deixando ficar em despeito dos editos do prelado, entregavam-se a toda a casta de práticas ilícitas: licença e ouro era o que buscavam, e a corte a mandar ordem sobre ordem para expulsão destes homens, que eram os principais contrabandistas dos metais preciosos. Todos os religiosos, a qualquer família que pertencessem, deviam ser expulsos de Minas, tendo mostrado a experiência, dizia a ordem, o grande mal que eles faziam, e os grandes tumultos que excitavam. Aqueles que dentro de oito dias se não ausentassem, ser-lhes-iam seqüestrados os bens, punindo-se os que nada possuíssem com remetê-los presos para o Rio de Janeiro e dali para Portugal. Não tendo isto sido eficaz, dispôs novo decreto que se apreendessem peremptoriamente todos os haveres, ouro e escravos desta gente, remetendo-se os produtos aos prelados das respectivas ordens, ou síndico, se

Carta Régia, 8 de abr. 1713. Ms.

Ordem de 29 de ago. 1718. Ms.

Ordem de 12 de jul. 1721. Ms.

fossem mendicantes, para ser empregado nas igrejas e outras obras pias. Este, se dizia aí, seria o meio mais seguro de limpar as minas de tais zangões, unicamente atraídos pelo amor do ganho. Passados mais dezoito meses repetiu-se a ordem, por constar que ainda os religiosos freqüentavam as minas: nenhum absolutamente se devia ali sofrer além do clero paroquial regularmente estabelecido, esperando-se com isto fazer calar os clamores de relaxação, ocasionados pelas vidas escandalosas destes homens. Mas até os mesmos sacerdotes regularmente beneficiados em Minas, e em cuja escolha se devia supor teria havido cuidado mais que ordinário, parecem ter sido contaminados pelos costumes ferozes da terra. Um vigário é expulso por se ter assinalado nos tumultos e nas insurreições: outro abre as portas da cadeia aos presos que o mestre-de-campo no estrito cumprimento de suas atribuições ali encerrara. O vigário da Vila do Carmo, Antônio Cardoso de Sousa Coutinho, nome que o revelam filho de nobre família, roubou à força uma mulata com o auxílio do seu secretário, do seu meirinho e de quatro negros. Tão notório como escandaloso foi o ato, flagrante e insolente violação da religião, da lei e da decência. Como o convidassem a restituir a rapariga, exortando-o a recordar-se dos seus deveres de sacerdote, e sacerdote que tinha autoridade na Igreja, respondeu que derramaria a última gota de sangue antes do que deixar ir a mulata; e conseqüentemente convocou todo o clero do distrito, que pronto acudiu em auxílio. Facilmente se angariaram outros perversos como reforço, e tomadas armas, barricou-se a casa, resolvendo-se repelir a força pela força. Tão perigoso era tocar nas imunidades eclesiásticas, que se pôs pedra em cima do negócio até poderem vir instruções de Portugal, e quando estas chegaram dirigiram-se ao bispo da Babia apesar da distância que ficava do teatro da ação. Recomendava-se-lhe que apeasse este homem imediatamente das suas funções, procedendo contra ele, como mereciam os seus desmandos: no caso de não serem respeitadas estas ordens, então, mas só então, poderia e deveria o governador de Minas prender o criminoso.

Ordem de 23 de out. 1721. Ms.

1723

Ordem de 19 de maio de 1723.

Costumes do Clero. Carta Régia, 26 de mar. 1711. Ms. Ordem de 19 de jul. 1725. Ms.

Ordem de 6 de nov. de 1717. Ms.

Ao separar-se da capitania do Rio de Janeiro a de São Paulo e Minas, deixou-se discrição do governador permitir ou não que escravos

Regimento sobre o uso de armas. Carta Régia, 24 de jul. 1711. Ms. Ordem de 28 de mar. Ms.

trouxessem armas de fogo: depois foi louvado por não o haver permitido, restringindo o uso de tais armas aos fidalgos, quando da cidade fossem para as suas terras ou a qualquer outro negócio. Era difícil fazer cumprir esta postura, e tão desarrazoada como injusta num país que esta mesma disposição mostrava achar-se em estado anárquico, privar os homens dos meios mais eficazes de defesa própria. Um bando posterior proibiu que alguém, de qualquer classe, qualidade ou condição que fosse, trouxesse consigo faca, adaga, punhal, sovelão, estoque, tesouras grandes, ou outra qualquer arma ou instrumento cortante. Mas é possível imaginar costumes mais ferozes do que os que semelhante resenha indica. Pistolas também foram proibidas e toda a arma de fogo mais curta que o padrão legal. Depressa se perceberam os ruins efeitos que o uso de bebidas alcoólicas produzia sobre semelhante povo. Do aumento dos engenhos de destilação dizia-se que sofria o serviço d'el-rei e o tesouro irremediável dano, sobre andarem os moradores sempre sobressaltados com as rixas entre índios ébrios; por estas razões e pelo grande número de braços que nestes engenhos se empregavam, proibiu-se erigir mais nenhum até que Sua Majestade resolvesse a este respeito. Vinte anos depois recebeu o governador ordem de inquirir sobre os males ocasionados por tais engenhos; e no fim de oito anos de ainda mais considerar baixou um alvará proibindo construir mais algum de novo, sob pena de perdê-lo com todos os escravos nele empregados; nem algum dos já existentes, poderia ser mudado pelo proprietário para outro lugar, a fim de que com este pretexto se não iludisse a proibição. No mesmo espírito de solicitude pela moral e pela tranqüilidade do povo se proibiu o jogo de dados, espécie de loteria importada de países estrangeiros em São Paulo e Minas. Mais tarde se acrescentou que tudo quanto neste jogo proibido se ganhasse seria apreendido, em benefício do fisco, cabendo metade ao denunciante quando o houvesse. Para refrear as propensões contra as quais

Ordem de 5 de fev. 1722. Ms.

Destilação de espíritos

Ordem de 18 de nov. 1715. Ms.

Ordem de 26 de mar. 1735. Ms.

Ordem de 12 de jun. 1743. Ms.

Ordem de 22 de ago. de 1718. Ms.

Ordem de 16 de mar. de 1729. Ms.

ensaiou aqui Portugal à força das leis, alguma coisa pôde fazer o governo; infinitamente mais pôde porém contribuir para desarraigá-las pelo poderoso meio da educação.

Descoberta das minas de Jacobina

Entretanto continuavam a fazer-se descobertas de ouro. No primeiro ano do século obtivera D. João de Lencastro notícia de umas minas no sertão da Bahia, em um distrito chamado Jacobina, mandando logo a explorá-las uma partida às ordens de um coronel e de um carmelita, pois, sendo paulista, era o carmelita provavelmente mais versado em mineração do que em teologia. As amostras que estes dali trouxeram não eram para acoroçoar ulteriores pesquisas, que todavia foram depois renovadas por mais felizes descobridores ilustrando o governo do marquês de Angeja. À Casa da Moeda vieram uma barra de ouro virgem, que valia 700$000 (moeda daquele tempo), outras três, pouco mais ou menos do mesmo tamanho, e uma do valor de três mil cruzados. Eram estas as massas maiores que até então se haviam encontrado no Brasil e o ouro era também do mais fino toque, mas tinha a desvantagem de jazer fundo. Abundando assim o ouro cunhou-se nova fornada de moedas de ouro, meias moedas e quartos de moeda, passando a moeda por mais 300 réis, ou 1/16, do que o seu valor intrínseco, e na mesma proporção as frações. De então por diante conservou-se aberta a Casa da Moeda, por causa do lucro que o governo auferia desta diferença entre o valor real e o corrente. (Pela soma paga ao Tesouro se pode até certo ponto calcular a quantidade de ouro achada por este tempo em Minas Gerais, tendo o governador aceitado em 1714 a oferta de trinta arrobas, que os mineiros lhe fizeram em lugar dos quintos daquele ano.) Não gostou o governo desta comutação, mandando antes arrecadar o imposto por batéias, sistema originariamente proposto pela câmara de São Paulo, e segundo o qual, em lugar de se tirar o quinto na casa da fundição, lançava-se uma taxa de não menos de doze oitavas por cabeça de negro empregado nas minas. A experiência de um só ano mostrou ser isto tão pouco vantajoso ao fisco como era agradável ao povo, e pois ordenou-se ao governador que tornasse a aceitar as trinta arrobas.

Rocha Pita, 10 § 7-15

Cartas Régias, 16 de nov. 1714 e 20 de out. 1715. Ms.

Fundação dum recolhimento na Bahia. 1716

No vice-reinado do marquês de Angeja se fundou na Bahia uma instituição de natureza que muitas vezes tem sido aconselhada, e de que muito se carece

Rocha Pita, 10 § 14-18

nos países protestantes, um recolhimento para senhoras, que sem voto algum que as prendesse ou hábito que as distinguisse, gozavam enquanto lhes convinha das comodidades e vantagens de uma vida em comunidade, a que se ligava o caráter religioso estritamente necessário para torná-la respeitada do público. Foi isto originàriamente fundação pia de um tal João de Matos de Aguiar, vulgarmente chamado João de Matinhos, pelo diminutivo de estatura. A força de felicidade, indústria, usura e uma frugalidade mui parecida com avareza, tinha ele acumulado enormes riquezas, de modo que depois de ter deixado um capital de oito mil cruzados para este recolhimento, quatrocentos mil-réis anuais para outros tantos convalescentes, à saída do hospital, e dotes de cem mil-réis todos os anos para trinta e oito moças, ainda ficou o preciso para fundar uma anuidade de onze mil missas para sempre pela sua própria alma, a dois tostões cada missa. Concedendo autorização para este estabelecimento, ordenou Pedro II que se fizesse o edifício assaz vasto para além do número prefixo de recolhidas à custa da instituição, admitir pensionistas à razão de 80$000 por ano. Pondo de parte a metade das rendas instituídas se custearam as despesas da edificação, depois do que se dobrou o número das recolhidas.

Fácil foi o governo do marquês de Angeja, nem guerras nem tumultos o afligiram, nem escassez de meios. Reparou e aformoseou este vice-rei as igrejas, percorreu o Recôncavo para inspecionar os fortes, mandando levantar novas obras e tornar mais sólidas as antigas onde era preciso, e construir três navios, cujos nomes podem servir de exemplo do modo curioso com que se olhavam as coisas sagradas: chamou-se um *Nossa Senhora da Palma e São Pedro,* o outro *Mãe de Deus e São Francisco*, e o terceiro *Pai Eterno!* Depois de mais de quatro anos de governo foi o marquês rendido no cargo mas não na categoria pelo conde do Vimieiro D. Sancho de Faro. Sinistros agouros, dizem, precederam a chegada do conde ao Brasil. Correu pela boca pequena na Bahia ter ele falecido em viagem, referindo-se o mês e o dia da sua morte: como se originara o boato, ninguém o sabia, nem é fácil conjecturar o motivo, porque havia o vice-rei de procurar descobrir, para puni-lo, o autor da balela. No mar foi o conde perseguido por um pirata, que içou a bandeira negra com caveira no centro, mas virou de bordo mal viu oferecerem-lhe batalha, como se, diz Rocha Pita, fora seu único intento mostrar o sinal da morte. Mais extraordinário encontro foi o de um navio, a cujo bordo

O conde do Vimieiro governador-geral

1718

nenhum som se ouviu, nenhuma criatura humana se viu, e que só com a mezena larga passou rente pela proa do governador, como se não fora navegado por homens. Sobre estas histórias muito se discorreu na Bahia por morrer o conde aos quatorze meses do seu governo. Os únicos fatos notáveis durante a sua administração foram um grande incêndio na capital, e a prisão de uma tripulação de piratas, que depois de terem por muito tempo infestado a costa do Rio de Janeiro, naufragaram na praia de Macaé, onde o povo agarrou quarenta e oito, que foram remetidos prisioneiros para a Bahia. Dentre estes escaparam-se treze do forte de S. Antônio, deixando-se escorregar por uma corda e apoderando-se de uma lancha que estava no porto, sem que nunca mais se soubesse deles. Os outros foram processados por pirataria. Oito foram condenados a galés perpétuas em Lisboa, por serem cinco de menor idade e não aparecerem contra os outros três provas suficientes que justificassem a sentença de morte; comutação em que nem foi muita a justiça nem grande a clemência. Os restantes vinte e sete foram todos enforcados, como bem mereciam, gastando Rocha Pita duas secções de sua história em referir como foram tão perfeitamente convertidos à fé católica romana, e com quanto contentamento foram para as galés os outros, como homens que a Providência por este meio felizmente predestinava para a salvação. Nenhuma provisão se tinha feito nos últimos anos por morte do governador, mas no colégio dos jesuítas se achou um velho papel de sucessão do tempo do último reinado, em que por ocasião de tal vacância se nomeava uma junta composta do arcebispo, do chanceler da relação e do mestre-de-campo mais antigo. Designando os membros, não como indivíduos, mas pelos cargos que serviam, era este arranjo tão aplicável agora como quando fora feito. Depois de lido este instrumento, no ato de se tomar posse do governo, perguntou o arcebispo em voz alta a todos os espectadores, se alguém havia que pusesse em dúvida a legalidade deste proceder. Não era semelhante apelo costume antigo, que fizesse parte da cerimônia, como o desafio numa coroação inglesa, e por conseguinte com justiça lhe tacharam de imprudente este passo, pedindo ao povo uma opinião, quando só a obediência devia exigir-se.

1719

Rocha Pita, 10, § 21-36

Expedição contra os índios do Piauí

Era governador do Maranhão e Pará ainda o senhor de Pancas quando a paz de Utrecht veio livrar aquele Estado do seu perpétuo receio de invasões e de todas as pretensões por parte dos franceses. Tratavam agora os portugueses de estender os seus estabelecimentos pelos grandes rios que deságuam no Ama-

zonas, morrendo por este tempo no Madeira o capitão-mor do Pará esmagado por um cedro que lhe caiu em cima. Também para os lados do Piauí seguiam eles suas conquistas, sendo ali assassinado pelos índios do seu comando Antônio da Cunha Soutomaior, que com o posto de mestre-de-campo dirigia esta expedição. Foi cabeça do motim um tal Manuel, nascido e criado numa das aldeias dos jesuítas, e que fazendo valer agora contra os portugueses todos os conhecimentos que adquirira, matava quantos apanhava, chegando a exterminar um comboio grande a caminho para São Luís, cidade que já principiava a abastecer-se de gado dos pastos deste fértil distrito. Do Maranhão se fez sair contra ele uma bandeira de força considerável, a qual, frustrado o seu fim principal, pois que Manuel conhecia a superioridade de seus antigos senhores demasiadamente bem para arrostá-los em batalha campal, efetuou o não menos importante serviço de aniquilar os aranhiés, uma das tribos mais ferozes do país. Às ordens de Bernardo de Carvalho de Aguiar andava por este tempo outro corpo de tropas do Piauí, cuja conquista se deve ter reputado agora completa, pois que o erigiram em capitania, fundando-se para sede do governo a vila de Nossa Senhora da Vitória de Mocha.[31] Quanto ao eclesiástico ficou a nova capitania sujeita a Pernambuco, quanto ao civil ao Maranhão, e quanto ao judicial à Bahia. Onze compridos anos teve o senhor de Pancas o governo do Maranhão, sucedendo-lhe então Bernardo Pereira de Berredo, que tendo servido com distinção na guerra da sucessão, deixou de si mais durável memória nos anais históricos do Estado a cujos destinos presidiu. Entretanto prosperava Minas debaixo do governo de Albuquerque. Criou ele em Sabará um tribunal de justiça, nomeando juízes ordinários com poder de elegerem vereadores e procuradores, medida que foi aprovada pela corte. Fez-se agora a primeira divisão do país das minas em comarcas. Florescia a mineração; a felicidade de contínuo animava o espírito de empresa; crescia o comércio; os pequenos distúrbios, que a não serem prontamente reprimidos poderiam pôr em risco o bem geral, eram refreados pela atividade do ouvidor D. Luís Botelho Fogaça; e por não pequena prova do merecimento de Albuquerque passou não se ter dado uma única insurreição no seu governo.

1716

O Piauí feito capitania

1718

Berredo, § 1469-80
Rocha Pita, 6, § 78

Progresso de Minas

1711

6 de abr. 1714

Carneiro. Ms.

Seguiu-se-lhe D. Brás Baltasar da Silveira, e tanto este como o seu predecessor incorreram na censura da corte, por terem prodigaliza-

do patentes militares, para satisfazer a vaidade dos requerentes, e quiçá para se tornarem benquistos. Baixou uma ordem declarando reputar-se impossível que o governador de São Paulo e Minas houvesse criado na ordenança postos até então desconhecidos tanto no Brasil como no reino, quais os de brigadeiro-quartel-mestre, governador de distrito, e mestre-de-campo-general, mas se fosse assim, como afirmava a fama pública, imediatamente se anulassem semelhantes patentes. E vindo render Silveira no governo, trouxe o conde de Açumar, D. Pedro Almeida, instruções para reduzir a milícia à forma da ordenança das demais capitanias, organizando para cada comarca seu terço, sendo desnecessário mais. Somente se excetuou o novo regimento levantado durante a última guerra. Assim se tornava mister pelo excesso em que haviam caído os primeiros governadores, nomeando oficiais supérfluos e multiplicando desta forma privilégios, que só serviam para impedir a administração regular da justiça. Outro mal era que para figurar em postos desnecessariamente criados, muita gente fazia despesas superiores aos seus meios, abandonando freqüentemente ocupações exercidas com vantagem para todos.

Erros dos governadores

Ordem de 31 jan. 1715. Ms

1720

Ordens de 25 de abr. 1719 e 16 de nov.

Ao assumir o governo achou Silveira em vigor a pagamento das trinta arrobas, que as câmaras arrecadavam e os colonos mais ricos levantaram por meio duma derrama entre si, segundo o número de negros de cada um. Esta soma porém reputou-a o governador mui longe de equivaler o valor dos quintos, atenta a produção sempre crescente das minas. Convocou pois em Vila Rica uma reunião das câmaras das diferentes vilas, concordando-se em adicionar mais dez arrobas, mas exercendo por este tempo o povo, ao que parece, por meio das duas câmaras o direito de fintar-se a si mesmo, resolveu-se cobrar este acréscimo, não pelo antigo sistema, que faria recair todo o ônus sobre os senhores de escravos, mas por meio dum imposto lançado sobre os negros ao entrarem na capitania, e sobre todos os gêneros importados. Não repararam os autores do conchavo que aquelas quarenta arrobas representavam uma comutação do reais quintos, e que cobrar parte delas por meio dum imposto geral era fintar o povo todo em benefício dos mineiros.

Imposto das minas

Neste estado veio encontrar as finanças o conde de Açumar, que, percebendo a impolítica de deixar cobrar imposto geral, pelo qual só

devia o governo receber uma soma específica, tomou sobre si esta parte da arrecadação, fazendo pagar meia oitava por carga de gêneros molhados, três quartos por arroba de artigos secos, e uma por cabeça de gado cavalar ou cornígero. Não durou isto porém muito, sendo estes direitos e também as décimas dadas por arrematação. Parece que o conde se quis fazer um merecimento junto da corte por haver com lances falsos feito subir o preço da arrematação à soma a que chegou, mas por isto foi repreendido, dizendo-se-lhe na mesma ordem que o louvava por ter aumentado as rendas do estado, não ser próprio recorrer para isso a semelhantes meios. Também se arrogara ele decisões judiciais, pelo que foi igualmente repreendido, baixando outra ordem, em que se dizia, que embora negócios da maior conseqüência se pudessem com confiança fiar em D. Pedro de Almeida, conde de Açumar, não era a ele que tocava julgar pleitos, havendo para isto ouvidores de quem podia o governador queixar-se à corte, se para isso achasse motivo. Da mesma forma invadira o conde os direitos do guarda-mor, nomeando guardas substitutos, e assinando datas, e por isto não menos lhe foi estranhado confirmando-se explicitamente os privilégios conferidos a Garcia Rodrigues em recompensa dos serviços e trabalhos do pai. Era má sina dele merecer continuamente censura ou incorrer nela; excitara um certo Domingos Rodrigues do Prado em Pitangui uma insurreição, que o governador sufocou, concedendo depois perdão às pessoas comprometidas, mas da corte o admoestaram que recordassem bem ser o perdão uma das prerrogativas da coroa, em que não devia ingerir-se.

Carneiro. Ms.

Ordem de 19 de jan. 1719. Ms.

Provisão. 8 de out. 1718

1719

Carta Régia, 11 de jan. 1719. Ms. Memórias. Ms.

Populosíssimo era por este tempo o distrito de Minas em razão da riqueza de seus rios, que irresistivelmente atraía quantos gostavam duma vida ociosa e errante, mas quanto maior o número destes indivíduos, e quanto mais avultado o produto, maior era também o comércio de contrabando. Assim novamente resolveu o governo da metrópole arrecadar os seus quintos, expedindo ordem para se restabelecerem em cada comarca casas de fundição e coletorias. Eugênio Freire de Andrade, provedor da Casa da Moeda na Bahia, teve ordem de ir dirigir o novo estabelecimento. Convocou o conde os principais

Casas de fundição em Minas

1720

Insurreição

mineiros e outros homens poderosos da terra, que declararam assentir à alteração proposta, assinando certas condições, provavelmente algumas indulgências da parte daquele para dourar um pouco a pílula. Mas os mesmos que assim tinham protestado a sua obediência à lei, começaram imediatamente a incitar o povo à insurreição, juntando-se logo em Vila Rica mais de dois mil homens em armas. Dirigiram-se as primeiras operações contra o ouvidor da comarca, Martinho Vieira, que citara perante o seu tribunal alguns dos poderosos. Em tal organização social passava isto por um insulto, que se tratou de vingar agora; acometeram-lhe a casa à meia-noite, escapando ele à morte por achar-se felizmente ausente, mas destruíram-lhe todos os seus papéis, todos os seus haveres. Em seguida apresentaram-se ao governador os artigos, que vinham a ser parar com a edificação das casas de fundição, e conceder pleno indulto pelos meios por que o povo se fizera justiça. Quatro dias demorou o conde a resposta na esperança de ver-se ainda com forças para esmagar a oposição com o braço do poder, mas logo soube acharem-se todas as povoações resolvidas a seguir o exemplo da Vila Rica. Vendo também que por força alguma demora havia de haver na construção das casas, por não se achar Eugênio Freire satisfeito com o risco das já começadas, mandou deitar um bando, dizendo que a nova organização ficava ainda adiada por doze meses, por ser necessário consultar el-rei sobre certas dificuldades ocorridas. Esperava ele que com esta concessão se satisfariam os insurgentes, mas sucedeu o contrário, partindo estes cada vez mais irritados para a Vila do Carmo, onde então residia o governador. Tranqüilos se tinham conservado os moradores deste lugar, principalmente talvez por ter o conde consigo alguns esquadrões de cavalaria, e pode ser que em parte também por se haver ele tornado ali benquisto pela sua urbanidade. Apesar de tudo receou o governador agora que se deixassem eles induzir a fazer causa comum com os insurgentes, vendo-lhes a força, e portanto, seguindo a política comum dos governadores portugueses em todos os casos de comoção popular, anuiu a quanto se exigia, concedendo um perdão em termos tão formais e plenos, como sem valor, sendo anistias semelhantes necessariamente nulas. Propunham-se os cabeças de motim mais alguma coisa, para a

1720

qual careciam da cooperação do povo do Carmo, e tendo-se ali demorado dezesseis dias forcejando debalde por consegui-la, cometeram, ao ver perdidos os seus esforços, desordens que por pouco não arruinaram a vila. À vista deste proceder com razão se julgaria o conde desobrigado do seu compromisso, ainda mesmo que por ele se houvesse considerado preso. Mal pois tinham os insurgentes voltado a Vila Rica, quando o governador mandou atrás deles um destacamento, que, apoderando-se dos cabeças do motim em suas camas, presos os trouxe para Vila do Carmo. Eram seus nomes: Pascoal da Silva Guimarães, João Ferreira Diniz, Manuel Mosqueira da Rosa, filho daquele, Vicente Boto, que era frade, e Fr. Antônio de Monte Alverne.

Carneiro. Ms. Rocha Pita, 10, § 40-45

Segunda insurreição

1720

Em semelhantes comoções sempre a grande maioria do povo se acha disposta à paz e à submissão, o que faz com que os espíritos turbulentos mais facilmente a dominem, levando avante os seus próprios malignos projetos. À exceção de alguns poderosos poucos, a quem o próprio poder tornava insolentes, fazendo eles consistir o seu pundonor em ser superiores à lei, até mesmo em Minas estavam todos satisfeitos com a sua sorte, e quem tinha diante de si a esperança e receava perder os cômodos de que gozava, era avesso à insurreição. Na noite seguinte à das prisões, tornaram os amigos dos cabeças de motim a entrar armados em Vila Rica, supondo ligar-se com os moradores, mas achando-a deserta proclamaram, com esse espírito de tirania de que sempre se deixa possuir a escória do povo quando se vê senhora, que se os vilões se não apresentavam no dia seguinte, lhes poriam fogo às casas, e matá-los-iam a eles sem misericórdia, onde quer que os encontrassem. Mas o conde estava preparado para aparar o golpe, e antes que se pudesse realizar a ameaça, entraram as suas tropas, engrossadas agora com muitos moradores armados, em Vila Rica queimando para exemplo as casas de Pascoal da Silva e dos outros chefes dos rebeldes. Foram remetidos para o Rio de Janeiro os presos; capitaneados por um tal Filipe dos Santos tentaram os insurgentes soltá-los pelo caminho, mas foram derrotados e apreendidos os caudilhos, a quem, tendo-se ele assinalado por seus crimes em todos estes tumultos, se fez processo sumário, sendo supliciado e esquartejado como traidor.

Ainda se tentou renovar em Mariana a rebelião, mas também ali foram presos, condenados e executados os agitadores. Este vigor da parte do governo intimidou eficazmente a parcialidade. Indecisa ficou, porém, a matéria da disputa, aderindo o conde neste ponto ao seu compromisso, e quando mais tarde a apresentou à ulterior consideração da corte, juntou-lhe por parte das câmaras o oferecimento de mais uma adição à anterior comutação.

Rocha Pita. 10, § 45-46

Severidade do governador

As últimas tentativas de rebelião foram punidas com um rigor tal, que tornou o conde detestado pelo povo de Minas. Até que ponto mereceria ele o opróbrio que ainda hoje naquele país se liga ao seu nome, impossível é determinar sem mais amplo e exato conhecimento das circunstâncias. Um escritor fala vagamente das suas barbaridades e inaudita crueza; outro afirma dever Portugal à resolução e valor deste governador a completa submissão de uma província em que nunca antes dele se chegara a estabelecer inteiramente o império das leis. Insinua-se ter sido a sua exoneração devida ao descontentamento que na corte causou a sua crueldade, mas é certo que antes de se poder saber desta crueldade já lhe haviam mandado sucessor, nem o é menos ter ele mesmo sido depois elevado aos mais altos cargos e às maiores honras do Estado. D. Lourenço de Almeida, que foi quem veio rendê-lo, trouxe um alvará, confirmando a anistia concedida, mas também instruções secretas para o não publicar se fosse recebido sem oposição em Vila Rica, caso em que devia mandar abrir devassa geral e punir os culpados. Foi recebido com respeito e obediência, e publicou o alvará, por achar que já bastantes exemplos de justiça se tinham dado.

Carneiro. Ms.

Memórias. Ms.

Restabelece a ordem

Coleção sumária. Ms.

Faz-se de Minas Gerais capitania separada

Carta Régia, 21 de fev. 1720. Ms.

Veio D. Lourenço só como governador de Minas Gerais, separado este distrito agora do de São Paulo e arvorado em capitania separada. Tinha o conde previamente recebido ordem de coligir todos os dados precisos para a demarcação de limites com o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, supondo-se que até esta última província se estenderia o indefinido território.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXIII

1 Compunha-se a expedição de cinco navios grandes e uma balandra com mil homens de desembarque. (F.P.)

2 O autor esquece que os franceses saquearam algumas fazendas na Ilha Grande, que foi corajosamente defendida pelo seu comandante, o capitão João Gonçalves Vieira. (F.P.)

3 Exagerado é este cálculo; porquanto orça monsenhor Pizarro a guarnição apenas em dez mil homens, incluindo as milícias e ordenanças, por ocasião da segunda invasão e quando reforçada se achava a guarnição. (F.P.)

4 A primeira resistência que encontraram os franceses na sua marcha do Engenho Velho para a cidade foi a do capitão Bento do Amaral Gurgel à frente da sua companhia de estudantes. A do frade trino foi na descida do morro de S.Teresa, então chamado do Desterro. (F.P.)

5 Hoje denominada *d'Ajuda*. (F.P.)

6 Há equívoco neste lugar. Os franceses não fugiram em debandada; foram sendo ceifados pelo mortífero fogo de mosquetaria que lhe faziam as tropas do país colocadas nos cantos das ruas. (F.P.)

7 A ameaça foi de fazer saltar o trapiche em que se haviam asilado os franceses colocando em baixo dele barris de pólvora. (F.P.)

8 Bem o sentiram os portugueses mais sensatos, apesar das luminárias que houve em Lisboa, e da pomposa relação que se publicou da vitória. *Bom foi o sucesso do Rio de Janeiro; mas estas ações não se costumam festejar com luminárias, e menos com as fanfarronadas da relação, que se imprimiu. Os portugueses sempre foram os mesmos, mas necessitam de quem os leve ao conflito com audácia e com disciplina*. Cartas de José da Cunha Brochado. (17 de março de 1711.) Ms.

9 O número de mortos da nossa parte não excedeu a cinqüenta, segundo o verídico testemunho do monsenhor Pizarro, que consultou para esse fim o livro de óbitos da freguesia da Fé. (F.P.)

10 É inexata semelhante asserção. Os cirurgiões mandados a terra foram muito bem tratados, e não consta que se matassem prisioneiros depois do conflito. Também se equivoca Southey quando diz que a esquadra surgira à vista da barra cinco dias depois da ação, sendo a verdade que o fizera dois dias depois da entrada de Du Clerc. (F.P.)

11 Ainda jaz envolta no mistério a causa o lastimoso sucesso a que alude o autor. Julgamos, porém, que fora a ele estranho o governador Francisco de Castro, a quem a presença de Du Clerc parecia por demais incômoda, como se colige do ofício que dirigira ao governo português em data de 9 de novembro desse mesmo ano pedindo-lhe que o livrasse da responsabilidade e guardar tal prisioneiro, ao que

respondeu-lhe o rei com a seguinte carta que pela sua importância aqui transcrevemos textualmente:

"Francisco de Castro Morais. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Vendo o que me escrevestes em carta de 9 de novembro p.p. do que determináveis obrar com os prisioneiros franceses tomando o expediente de os mandardes nas embarcações que saíssem para outras partes, assim por diminuir esta gente e ficardes com menos cuidado, como também por não haver mantimentos com que se possam sustentar, escrevendo aos governadores que os tinham seguros até a minha ordem, representando-me que o cabo M. Duclerc e um religioso do Carmo que fora por capelão dos franceses tinha tenção de mandar para mais longe por serem estes dois sujeitos demasiadamente inquietos, e que não convinha tornarem para a França para não moverem seu Rei a outras facções semelhantes.

"Pareceu-me dizer-vos que tendes obrado bem na expedição que tomastes em mandar estes prisioneiros franceses para os portos do Brasil, advertindo-vos porém que se o façais para a Bahia, porque não convém na conjuntura presente passem para Pernambuco, e a M. Duclerc e ao religioso do Carmo envieis para a mesma praça em uma nau de guerra para que se não dê ocasião a que possam fugir, e ao governador da Bahia havia o que há de obrar neste particular. Escrita em Lisboa a sete de março de 1711. – Rei. – *André Lopes de Lovre*. – Para o governador do Rio de Janeiro." Do conteúdo desta carta régia e da negligência do governador em buscar descobrir os culpados pensamos poder tirar a conclusão que acima apresentamos. (F.P.)

12 É menos verídica semelhante asserção: havendo pelo contrário Francisco de Castro ordenado que *ninguém tirasse nada de suas casas sob pena de ser tomado por perdido*. A história das minas por debaixo dos fortes é um romance de Du Guay-Trouin para dar importância à sua fácil vitória. (E.P.)

13 Duzentos dizem os nossos, tendo sido o resto dos prisioneiros espalhados pelas diversas capitanias na conformidade da ordem régia que citamos. (F.P.)

14 Retirou-se para o sítio denominado Engenho Novo, que fica a duas léguas da cidade. (F.P.)

15 Chamava-se Bento do Amaral Coutinho e já muito se distinguira na passada invasão; não porém era o Bento do Amaral Gurgel cuja conduta na guerra dos *emboabas* e dos *paulistas* tão digna se tornou de execração. Southey equivocou-se com a semelhança do nome.* (F.P.)

* Southey está certo. "O personagem dos *emboabas* e da *invasão francesa* é o mesmo: Bento do Amaral Coutinho" (Veiga Cabral. *História do Brasil*, curso superior). O Amaral Gurgel a que se refere o Cônego Fernandes Pinheiro nada tem com o Amaral Coutinho, pois aquele era Francisco e não Bento. (P.B.B.)

16 O padre Antônio Cadeiro serviu de intermediário nesta negociação havendo fundadas suspeitas da lealdade dos discípulos de S. Inácio de Loiola, a quem Du Guay-Trouin prodigaliza os maiores elogios. (F.P.)

17 Em sua paixão pelo maravilhoso, sempre figuram os escritores franceses milhares de negros armados, que só existiram em sua fértil imaginação. (F.P.)

18 O *Patriota* de out. 1813 dá a seguinte forma da distribuição da contribuição paga aos franceses:

A fazenda real 67.	697$344
A Casa da Moeda	110:077$600
O cofre da Bula	3:484$660
O cofre dos ausentes	6:372$880
O cofre dos órfãos	9:733$220
Francisco de Castro de Morais	10:387$820
Lourenço Antunes Viana	6:784$320
Francisco de Seixas da Fonseca...............	10:616$440
Rodrigo de Freitas	1:166$980
Brás Fernandes Rola..............	6:062$080
Paulo Pinto	3:034$040
Francisco da Rocha	1:356$000
Antônio Francisco Lustosa	859$600
Tomé Farinha de Carvalho	785$600
Os padres da companhia	4:866$000
O prior de S. Bento	1:575$680
Cristóvão Rodrigues	1:645$200

19 Daqui viera o mal, concluiu José de Cunha Brochado, ao ouvir a primeira notícia do sucesso. Diz ele: *As cartas, que vieram dos estrangeiros a esta cidade, dizem que não houvera resistência alguma na entrada do Porto; mas também é inútil esta reflexão, porque as nossas injúrias têm feito um calo tão forte que fomos invulneráveis a qualquer golpe de murmuração. Cartas*. Ms. (9 de jan. 1712). Da mesma carta se vê ter o autor no reinado anterior representando à corte a insuficiência das fortalezas para defesa do Rio de Janeiro, apresentando conjuntamente um plano para melhorá-las. O rei dignara-se agradecer-lhe esta prova de zelo e ...deitou-se para um canto a planta e deslembrou-se a advertência.*

* Remunerou-o porém com uma comenda. (F.P.)

20 Longe de ter procurado introduzir no tratado germens de futuras discórdias lealmente aceitaram os negociadores franceses a dupla redação feita pelos portugueses, Vide *l'Oyapoc et l'Amazone, Question Brésilienne et Française*, pelo R. D. J. C. da Silva. Parece pois que a França aceitou francamente no tratado d'Utrecht a interpretação que convenha dar à palavra Oyapoc, tomando o rio deste nome pelo do Cabo d'Orange e fazendo cessar o debate que até então existira. Oxalá que mais tarde não se despertassem suas ambições com grave lesão do nosso direito licitamente adquirido! (F.P.)

21 Pelo referido tratado reconhecia Luís XIV a soberania do rei de Portugal sobre as duas margens do Amazonas desistindo para todo o sempre das suas pretensões sobre a navegação do dito rio nos termos da negociação de 1700. (F.P.)

22 Por pouco não enredou isto Portugal numa disputa séria com as Províncias Unidas alguns anos depois da paz de Utrecht. Entrou um navio holandês no Rio de Janeiro sob pretexto de fazer aguada e consertar, na realidade, porém, para contraban-

dear. Foi apreendido e condenado pela relação da Bahia. Exigiu restituição a companhia de Middleburgo, à qual pertencia o vaso, e o rei a prometeu, se a Companhia das Índias Ocidentais lhe indenizasse os súditos de certas embarcações que havia capturado sob pretexto de andarem traficando dentro dos limites das possessões holandesas na África. Por este fundamento reclamava Portugal quatro milhões de florins. Os Estados ameaçaram dar à companhia de Middleburgo cartas de corso, e D. Luís da Cunha, que a tratar deste negócio fora enviado à Haia, acreditava que a ameaça se realizaria, a não terem sobrevindo outras perturbações na Europa. D. Luís da Cunha, *Carta a Marco Antônio.* Ms.

23 Nas cartas de José da Cunha Brochado, então ministro em Londres, se encontra uma curiosa passagem, que mostra ter sido o privilégio exercido de vez em quando pelos ingleses e impugnado não sei sob que fundamento pelo governo português... *Dizem que no Brasil entraram outra vez alguns navios ingleses, e a nossa corte não faz mais que mandar passar ofícios, a quem esta corte faz propriamente ouvidos de mercador. Em negócio tão precioso como este, não há cumprimentos nem satisfações, e mais vale que a Inglaterra se queixe a nossa proibição, do que nós do seu atentado.* Cartas ao conde de Viana. Ms. 15 de jul. 1710.

24 *Peça das Índias* quer dizer um negro de 15 a 25 anos de idade; de 8 a 15 e de 25 a 35 passam três negros por duas peças; abaixo de 8 e acima de 35 até 45 passam dois por uma; crianças de mama acompanham as mães sem entrarem na conta; os maiores de 45 anos e os doentes são avaliados por árbitros. Sir W. Godolphin ao Sr. Secretário Coventry, 15 de maio de 1678.

25 O marquês de Monteleon, um dos plenipotenciários espanhóis, disse ao conde de Tarouca que a Inglaterra comprara para si à Espanha as suas condições favoráveis, concordando expressamente que parte nenhuma do território espanhol na Europa seria cedida como barreira limítrofe. Manazes afirmou o mesmo, e tão prevenido estava o português que não percebeu o fim evidente desta falsidade (*Cartas dos embaixadores*, Ms. 9 de junho de 1713). Disse também o marquês que a proposta de dar um equivalente por Nova Colônia partira dos ingleses, nem dela se houvera alguém lembrado de outra forma: e o conde de Tarouca também isto acreditou quando se o não houveram cegado o sentimento e o preconceito fácil lhe fora ver quanto era do interesse da Inglaterra que conservasse Portugal este porto. Era mais que certo, acrescentou aquele, que os ingleses nenhum passo dariam a favor dos portugueses que pudesse ofender os espanhóis (*Ib.*, 13 de out. 1713). D. Luís da Cunha (homem muitíssimo mais hábil do que o seu colega) não tem escrúpulo em dizer que se Portugal não obteve condições mais vantajosas, foi por não haverem os seus negociadores podido dispor do dinheiro que tiveram os espanhóis para peitar os ministros ingleses. O duque de Ossuna, diz ele, fazia lorde Strafford na algibeira (*Carta a Marco Antônio.* Ms.). O ministro em Londres recomendava que se comprasse o gabinete inglês, dizendo que estava certo de ser por falta disto que Portugal nada fizera nas suas transações mais importantes com a Inglaterra (José da Cunha Brochado, *Cartas ao conde de Viana*. Ms., 15 de dez. 1711). Estas asserções provam a opinião em que o indigno Ministério inglês daqueles dias era tido pelos estadistas portugueses, que bem merecem este nome Brochado e D. Luís. E é bem digno de menção (como matéria

conexa com esta nota) ter o juízo do mesmo Brochado a respeito da barreira sido tal, que escusava a Inglaterra de comprometer-se por esta causa. Não lhe escapa que nenhuma barreira tornaria Portugal igual a Castela, e que se alguma se obtivesse, acarretaria mais cedo ou mais tarde infalivelmente uma guerra à parte da Espanha para reavê-la; é da nossa honra o pedi-la, e será do nosso interesse o não alcançá-la, são suas formais palavras. (Id., 9 de jan. 1712).

26 Fez-se isto objeto dum artigo secreto, por uma velhacaria, que os negociadores portugueses expõem sem rebuço nos seus despachos... Por ser melhor por ambas as majestades se livrarem de pretensões de estrangeiros, que não se saiba que houve compensação nos navios. Poucas vezes tem sido trazida a lume transação mais imunda do que esta de duas cortes, combinadas para desfraldar negociantes estrangeiros, que na justiça delas haviam confiado.

27 Foi cerebrina a maneira de assinar este tratado. Tendo o duque de Ossuna mandado já para a Espanha as suas equipagens, era impossível concluir o negócio com toda a costumada pompa, pelo que pareceu melhor fazê-lo secretamente, e havendo pontos de etiqueta não fáceis de ajustar entre homens tão aferrados a cerimoniosas formalidades, removeu-se a dificuldade, assinando o tratado... fora da porta no passeio público. Para isto reuniram-se os plenipotenciários com seus dois secretários a uma hora em que ninguém costumava por ali andar, e em cima de um dos assentos se assinaram os dois tratados, um em espanhol, o outro em português, e selaram com obréia, não podendo naquele lugar empregar a cera sem uma espécie de falta de decoro... *pois que já o ato era irregular, não fosse indecente*. Tão estranho final tiveram essas negociações de Utrecht, que ecoaram por todos os cantos da Europa. *Cartas dos embaixadores*. Ms.

28 O diário original deste benemérito jesuíta achava-se no colégio de Quito, donde Condamine obteve uma cópia. Como muitos outros documentos preciosos relativos à América do Sul, nunca foi publicado, estando assim em risco de perder-se, se é que ainda não pereceu.

29 Toma o Amazonas acima do rio Negro este nome que é dum peixe que ali abunda extraordinariamente. Condamine errou singularmente a significação e a causa. *Rio de Solimões* (diz ele), *rivière des poison; nom qui lui a probablement été donné à cause des fleches qui sont l'arme la plus ordinaire des habitans de ses bords* (P. 131). Talvez não seja equívoco de *poison* por *poisson*, como se poderia supor. Quer antes parecer-me que Condamine se fixou demais no seu conhecimento do português, confundindo o nome dum peixe brasileiro com *solimão*, sublimado corrosivo.

30 Segundo Condamine umas duzentas léguas em comprimento, que mesmo em medida francesa constituíram não mesquinho reino (P. 80). Fr. Guillaume d'Etré diz que em conseqüência das representações feitas por este motivo à corte de Lisboa, vieram ordens para não levarem os portugueses suas conquistas além do rio Negro. Provavelmente não acertou o jesuíta aqui mais do que quando supôs que pendiam então sobre tal assunto negociações em Cambray.

31 Elevada por el-rei D. José à categoria de cidade de Oeiras, em honra de seu primeiro ministro conde deste título e depois *marquês de Pombal*. (E.P.)

. . . .

Capítulo XXXIV

PROGRESSOS DOS JESUÍTAS ESPANHÓIS – MISSÕES DOS CHIQUITOS E MOXOS – TRABALHOS E MARTÍRIO DE BARAZA – PROGRESSOS DOS PORTUGUESES PARA OS SERTÕES

ADIANTAVAM AGORA OS mineiros portugueses para o sertão do continente as suas descobertas e o seu campo. Não acompanharam *pari passu* os missionários. Para as bandas do Pará se fundaram na verdade novas aldeias, continuando a florescer as antigas pelo sistema que Vieira e os seus companheiros haviam estabelecido; mas nas outras capitanias parece ter-se extinto todo o zelo desta natureza, achando os jesuítas e os outros religiosos emprego suficiente nas vilas e cidades e nas diferentes fazendas, ou nos poucos aldeamentos indígenas criados por seus mais ativos predecessores. Entretanto seguiam os jesuítas espanhóis com não esfriado entusiasmo e correspondente resultado os seus planos, mas encontrando agora os portugueses no coração da América do Sul como outrora em Guaíra e no Tapé, outra vez se viram impedidos de alargar os domínios da Espanha.

1591

Fundação da vila de Tarija

Sendo vice-rei do Peru mandou D. Francisco de Toledo fundar uma vila na província de Chichas, com um duplo intuito de refrear as incursões das tribos indí-

genas e de assegurar uma comunicação com Tucumán. Frustrada a primeira tentativa, removeu-se a povoação um pouco mais para o sul, onde hoje se ergue São Bernardo de Tarija, vila que, esquecido o nome do padroeiro, como é de costume na América, é simplesmente conhecida por Tarija, nome do vale em que se assenta.[1] Aqui se erigiu um forte para defesa contra os chiriguanas, que, sendo os vizinhos mais próximos, eram também uma das nações mais numerosas e formidáveis da América do Sul. Julgou-se porém que um colégio de jesuítas contribuiria mais para a segurança do país do que quaisquer obras militares que se pudessem levantar, e D. José Campero de Herrera, depois marquês do Vale do Toxo, de acordo com sua mulher, D. Juana Clementia Bermúdez, lhes edificou e dotou um, a tomar posse do qual e encetar a obra da redução dos selvagens se enviou de Córdova Fr. José de Arce, natural de Canárias.

Almanaque de Lima
P. Juan Patrício Fernandez, P. 6. Charlevoix, 2

São os chiriguanas tribo guarani, que se supõe descender desses índios que Aleixo Garcia conduziu ao Peru, e que, tendo-o assassinado na volta, foram estabelecer-se onde esperavam que a distância os poria a coberto da vingança. Segundo tradição recebida eram os chiriguanas então quatro mil: ao serem expulsos os jesuítas avaliavam-nos em quarenta mil. Senhoreiam eles os vales ao oriente dessa cordilheira em que têm suas nascentes o rio Bermejo, o Pilcomaio e o Guarapaix, a maior das correntes que vão formar o Mamoré. Como laço de amizade se reconhecem a comum origem as tribos em que elas se dividem, sempre prontas as que vivem perto uma das outras a reunirem-se contra qualquer inimigo. Edificam em círculo suas tabas, e como não são povo errante, criam vigonhas. Muitas hordas porém só as peles aproveitam, crendo que quem comesse a carne se tornaria lanoso. De portas adentro andam quase sempre nus,[2] mas fora exibem os homens feitas de couro, segundo dizem, umas como calças mais para ornato do que como vestidura, pois que de ordinário as trazem debaixo do braço. Quando iam de jornada cobriam as espáduas com uma capa curta, para se resguardarem dos espinhos: mostra isto que devia ser da melhor qualidade o couro. Se dos espanhóis tinham eles aprendido a prepará-lo, seria notável prova de aptidão para a civilização, mais natural é porém que fosse indústria própria, visto não haver exemplo de terem os índios livres derivado dos seus vizinhos o conhecimento de arte algu-

1696
Os chiriguanas

ma útil. As mulheres trazem apenas um saiote, que da cintura lhes desce até aos joelhos. O cabelo apanha-se com algum gosto numa sorte de grinalda no topo da cabeça. Os homens usam no lábio inferior um enfeite de prata, estanho ou goma transparente. Pintam a cara de vermelhão, às vezes entremeado de negro. Assim se desfiguram ambos os sexos, mas cada um por seu estilo.

Nas bacanais besuntam o corpo todo da mesma maneira. São mui dados à embriaguez, sabendo as mulheres preparar uma bebida poderosa para satisfazer esta paixão. Para tais orgias reúnem-se numa casa erguida no centro da área que as habitações rodeiam. Esta espécie de botequim é mui freqüentado às horas calmosas da sesta, sendo aqui que se recebem, banqueteiam e alojam os estrangeiros. São singularmente asseados estes índios e amigos de se banharem. Um dos mais ilustrados e beneméritos jesuítas, o padre Inácio Chomé, que entre eles viveu, declara não ter jamais observado, apesar de toda a licença daquele gênero de vida, o mais leve ato indecente, ou ouvido expressão que se avizinhasse da obscenidade.

O laço entre marido e mulher, se podem ter aqui cabimento estes termos, dissolvia-se à vontade, fazendo-se desta liberdade uso tão geral que era coisa mui comezinha ter um pai filhos em diferentes tabas. Tinha suas leis a reqüesta: de vez em quando apresentava o pretendente ao objeto dos seus desejos os frutos que cultivara e a caça que matara; depois destas primeiras declarações ia ele depositar um feixe de lenha à porta da câmara da sua dama; se esta o recolhia para dentro era sinal de que aceitava; quando não, era decisiva a recusa, e bem podia o pobre ir em busca de outros amores. Imediatamente depois do parto vai a mulher banhar-se na mais próxima corrente, vindo depois deitar-se num monte de areia, para esse fim preparado na cabana, enquanto o pai, segundo um costume talvez mais amplamente difundido do que outra qualquer prática, se recolhe à sua rede, pondo-se em dieta para bem da prole. Metidos em vasos de barro, moda mui generalizada entre os guaranis, são os mortos enterrados dentro de casa, erguendo-se sobre a sepultura um montículo. Por espaço de muitos meses os choram as mulheres três vezes por dia, de manhã, ao meio-dia, e ao cair da tarde, começando suas animosas lamentações mal o doente apresenta sintomas de perigo. Supõem estes índios que depois de deixar o corpo erra a alma

pelas vizinhas selvas, pelo que executam a cerimônia de procurá-la. Parecem ter alguma rude noção de uma metempsicose. Uma mulher, com quem um dos jesuítas conversava, estremeceu ao avistar uma raposa, dizendo que talvez lhe tivesse morrido a filha e fosse este e seu espírito. Supondo as moléstias efeitos de feitiçaria não toleram eles charlatões entre si, e por uma suspeita destas queimaram uma vez vivos quatro dos seus contemporâneos. Era tal a sua intrepidez, que se arremessavam sobre as armas de fogo; de modo que, pelejando com eles, tinham os espanhóis de alternar nas suas filas alabardeiros com mosqueteiros. Sobre isto eram tão ágeis no combate, que se o soldado não fazia a pontaria a algum sem que este o percebesse, dizem que pouca probabilidade tinha de acertar no alvo.

Chomé. *Lettres édifiantes,* **78, 330, 336**

Peramas. Chomé. Vita. Dobrizhoffer, 1, 141. Jolis, 146. *Almanaque de Lima*

Deixam-se os chiriguanas persuadir a abandonar a antropofagia

Fazia esta nação tremenda destruição entre as outras tribos, supondo-se que no correr de dois séculos exterminaria ela mais de 150.000 índios. Mas graças às suas relações com os espanhóis tinham-se os chiriguanas deixado induzir a abandonar o seu inveterado hábito de antropofagia, fato tanto mais notável por não lhes terem estas relações a outro nenhum respeito mitigado a ferocidade dos costumes. Antes tinham elas pelo contrário tornado mais difícil a obra da catequese, pois que, vendo a vida dissoluta dos espanhóis, deviam os índios formar mau conceito de uma religião que tão pouca influência exercia sobre a moral dos que a professavam. De pouco servia pregar-lhes contra a poligamia como prática proibida, quando eles sabiam que os espanhóis viviam em habitual e infrene mancebia; viam os seus próprios vícios praticados por cristãos no nome, descobrindo de mais a mais nestes a avareza, a rapacidade e a opressão, que lhes eram desconhecidas. Por isso davam os terrores do credo católico tão de barato como viam fazê-lo os espanhóis, e quando os ameaçavam com o fogo infernal, respondiam mui senhores seus que saberiam achar meios de extingui-lo.

Tal era o campo de bem pouco prometer que a Fr. José de Arce deram para cultivar. Alguma esperança de boa colheita começava contudo a despontar, quando a irmã de um dos caciques o veio procurar em grande aflição, pedindo-lhe que a favor de seu irmão falsamente acusado intercedesse perante o governador de S. Cruz, que o andava

buscando para supliciá-lo. Tanto confiava na própria inocência e nesta proteção o cacique, por nome Tambucari, que acompanhou o jesuíta, sendo por conseguinte absolvido. Era D. Agustín de Arce de la Concha o governador em questão, um desses que tanto por princípios como por política percebiam o alcance da conversão dos naturais, entre os quais tinha vivido assaz para conhecer o caráter das diferentes tribos. Tinham os chiquitos assentado ultimamente pazes com ele, pedindo que se lhes mandassem missionários. Do Peru não podia o governador obter operários para esta vinha, por acharem-se empregados entre os moxos ao sul quantos ali podiam dispensar-se, e sabendo quão inúteis haviam sido todos os esforços anteriormente empregados com os chiriguanas, aconselhou a Arce e ao seu companheiro Fr. Juan Bautista de Zea que dedicassem antes as suas fadigas a esta raça mais dócil. Não podiam, porém, os jesuítas fazê-lo livremente, devendo antes continuar a servir no lugar para onde tinham sido mandados, até que o provincial lhes desse novo destino. Sucedeu vir este, que era Fr. Gregório de Orozco, pouco depois a Tarija, no correr da sua visitação, e tendo recebido a carta no governador, e vendo Arce disposto a encetar o novo campo, ordenou ao seu subordinado que seguisse para as nascentes do Paraguai, onde se empregaria entre as tribos dos chiquitos coadjuvado por sete companheiros, que das reduções dos guaranis lhes iriam.[3] Chegara naquele ano a Buenos Aires um reforço de quarenta e quatro jesuítas, razão por que tantos se puderam dispensar naquelas partes.

Fr. Juan Patrício Fernández, 5-19

Charlevoix, T. 1, 16, t. 2, 224-231

Oposição dos traficantes de escravos

Alegremente partiu Arce para S. Cruz a caminho deste mais esperançoso cometimento. Mas ao chegar ali imprópícia mudança tivera lugar, rendido o governador por um homem que, pensando de modo diverso, dava ouvidos à parcialidade dos traficantes de escravos, desacoroçoando a empresa. Grande e muito próspero era este tráfico naquela cidade. Eram até os mesmos governadores obrigados como dever do seu cargo a fazer todos os anos duas entradas no sertão, e embora esta cláusula fosse depois revogada por intervenção dos jesuítas, nem por isso deixavam os agentes da companhia de escravos de remeter regularmente para o Peru grandes rebanhos de cativos. Era este provavelmente o ramo principal de comércio que faziam os chiriguanas com os seus mais civilizados, mas não mais humanos vizi-

nhos; este provavelmente o meio por que os haviam induzido a renunciar à antropofagia, e esta a causa da prodigiosa destruição feita por eles entre as outras tribos. Mas Arce tinha por si as leis, vencendo com sua perseverança a oposição dos mercadores de carne humana, e a fria má vontade do governador; não que com as suas representações tiradas do campo da política, da humanidade e da religião lograsse mover este ou aqueles, mas porque o meio mais curto e seguro de pôr termo às suas importunações pareceu ser deixá-lo ir e perecer, como se reputava infalível, às mãos dos selvagens, ou sob a influência de um clima insalubre e dos trabalhos por que era inevitável passasse. Foi obter um guia a última dificuldade, removida a qual partiu Arce mais pressuroso ainda por haver rebentado um contágio entre o povo que ia converter.[4]

Almanaque de Lima. **Fernández, 56, 63. Charlevoix, 2, 230-242**

Província dos chiquitos

Cerca de trinta eram as tribos compreendidas debaixo da genérica e absurda designação de chiquitos, todas porém do mesmo tronco, falando um de quatro dialetos, o tao, o pinhoco, o manaci ou o penhoqui. Diferia este último consideravelmente dos três primeiros, era porém sem dúvida língua afim.[5] Viviam estes separados uns dos outros por parentelas, a grandes distâncias, sendo as terras intermediárias comuns de todos para cultura, caça e colheita de mel. Só os terrenos altos eram aproveitados, e ali cultivavam milho, mandioca, batatas, legumes e frutas, servindo-lhes de instrumento agrícola uma espécie de pá de madeira. Inundadas na estação chuvosa as terras baixas, tornavam o calor e a umidade esta uma das regiões mais doentias da América do Sul, sendo porém singular prevalecerem ali mais as moléstias com o vento sul, que naquela parte do mundo é o mais frio.

Peramas de Tecedem, p. 124

Fr. Franc. Burges. *Lettres édif.,* **8. 337**

As tribos que tinham pedido missionários eram os pacaras, rumiquis, cozos e pinhocos. Após penosa jornada por montes e pântanos, chegou Arce a estes últimos, que, achando-se em miserável estado, o receberam com tanta alegria como se dele aguardassem miraculoso auxílio. Raivava entre eles um contágio, fazendo por toda a parte moribundos, uns nas redes dentro de suas choças, outros por terra ao ar livre. A miséria e o vizinho aspecto da morte os tornavam agora discípulos dóceis: suplicaram ao jesuíta que os não abandonasse, e ele, tanto por movê-lo a compaixão, como por estar iminente a estação das chu-

vas, durante a qual lhe seria impossível alcançar o lugar em que devia encontrar-se com seus irmãos do Paraguai, resolveu ficar e lançar os fundamentos da primeira redução de Chiquitos. Os índios que podiam trabalhar fizeram-no com muito zelo, concluindo em quinze dias uma igreja de madeira, que foi dedicada a S. Francisco Xavier. Escolheu Arce para o seu rebanho este padroeiro celeste por ter-lhe ele, quando perigosamente doente no colégio de Córdova, onde queriam os superiores conservá-lo para pregador, feito voto de dedicar a vida à conversão dos selvagens, que lhe salvasse o santo. Aqui vieram reunir-se a ele os penhoquis, restabeleceu-se o padre de uma febre violenta, tudo ia mui bem quando novo provincial o chamou a Tarija. Tornou este a mandá-lo para entre os chiriguanas, preenchendo a missão dos Chiquitos com Fr. Francisco Hervas e Fr. Diego Centeno, cujo nome o denota aparentado com o espanhol que entre todos os conquistadores do Peru deixou a fama mais bela.

Charlevoix. Fernández

Sucedia isto exatamente antes de atraírem as grandes descobertas feitas em Minas Gerais toda a atenção dos paulistas. Penetrando a enorme distância pelo noroeste embarcou uma bandeira deste aventuroso povo num desses rios que se combinam para formar o Paraguai, talvez o Taquari, e descendo até esse labirinto de águas que se chamou lagoa dos Xaraiés, desembarcou numa enseada conhecida pelo nome de porto dos Itatines. Seguindo daqui para o oriente ao meio-dia, toparam os paulistas primeiramente com os taos e, feita boa presa entre eles, marcharam sobre os penoquis. Com a costumada intrepidez saiu uma horda destes a defender a sua aldeia, mas por meio de uma manobra os atraíram os invasores a maior distância, enquanto flanqueando-os ia um destacamento ocupar a praça. Aqui se achavam as mulheres e as crianças, e cativando-as lograram os paulistas induzir os homens a ligar-se a eles, e guiá-los na marcha ulterior, pois se propunham eles investir a redução e cair até sobre S. Cruz. Foi a redução abandonada em tempo, e tendo os jesuítas mandado aviso à cidade, saiu ao encontro destes salteadores uma força de cento e trinta homens, engrossada pelo caminho com trezentos flecheiros chiquitos. Atravessaram-lhe os paulistas a pista e vendo as pegadas dos cavalos, temeram-se do perigo, mas tiveram alguns índios a arte de persuadi-los de que passara por ali o gado da redução, atraindo-os assim à destruição. Logo no

Aproximam-se destas reduções os paulistas

princípio da ação caíram o primeiro e o segundo no comando de Antônio Ferraz de Araújo e Manuel de Frias, dizendo-se que de todo o troço apenas escaparam com vida seis, três dos quais foram feitos prisioneiros, nem custa a crer que de pouca clemência se usasse para com estes inimigos, apesar de haver seis jesuítas entre os vencedores. Não teriam os paulistas sofrido tal derrota, se não houvessem separado suas forças, deixando parte no país dos penoquis a guardar os cativos, que seriam umas mil e quinhentas cabeças: não tiveram os espanhóis por prudente marchar contra esta divisão, que apenas soube do extermínio da outra, embarcou a toda pressa nas canoas, levando a sua presa semovente. A caminho para casa toparam estes homens com uma partida de conterrâneos seus, cujos remoques os obrigaram a unir-se a eles, tornando a tentar fortuna, mas tão resolutamente lhes resistiram algumas tribos valentes, que afinal se teve por melhor abandonar uma empresa desgraçada. Desertando ao verem-se entre os lagos e correntes do Paraguai foram alguns guaraios, que vinham ao serviço dos paulistas estabelecer-se no país dos curacanas, sendo pouco depois agregados a uma das missões dos chiquitos. Julgaram os espanhóis que teria este revés aterrado por uma vez os paulistas, mas a razão deles por muitos anos não tornarem a aparecer naquelas paragens era terem eles achado nas minas mais tentadora empresa.

Fernández, 69-70. Charlevoix, 2, 244-247

Abandonam-se as missões entre os chiriguanas

Por este tempo mais ou menos viram-se os missionários obrigados a abandonar os chiriguanas, como o governador de S. Cruz previra: lançando fogo à igreja teria esta raça intratável martirizado até os seus mestres, se estes se não houvessem retirado. Feliz acontecimento foi este para as tribos mais dóceis das terras baixas, entre as quais já três populosas reduções se tinham fundado. Mais do que em outra nenhuma parte do continente ofereceu aqui a natureza do país dificuldades aos jesuítas, mas também nenhures tinham eles achado povo tão dócil, tão desejoso de instruir-se. Tratou-se agora com grande afinco de estabelecer uma comunicação com as missões dos guaranis por meio do Paraguai, evitando o rodeio de passar por Tucumán, com o que se calculava poupar mil léguas de duas mil e quinhentas. Com idéias deste projeto se fixara a redução de S. Rafael à margem dum rio, que se supunha comunicar com o Paraguai, partindo agora os padres Francisco Hervas e Miguel de Yegros com

quarenta índios a descobrir a junção presumida. Era boa a estação, nem pelo caminho faltou caça ou peixe, mas após longa e penosa viagem erigiram eles uma cruz sobre o que lhes pareceu a ribeira do rio que buscavam. De volta foi Hervas enviado com estas novas às missões do Paraná, e daqui no ano seguinte com cinco companheiros rio acima, em busca das suas próprias balizas. Foram-lhe camaradas nesta árdua empresa os padres Arce e Zea, Bartolomé Ximenes, e Juan Bautista Neuman como o irmão leigo Silvestre Gonzales. Embarcando todos na redução da Candelária chegaram em seis semanas a Assunção, donde partiram com uma flotilha composta dum batelão, quatro balsas[6], duas pirogas, e uma canoa.

Navegação do Paraguai

Nos navios em que haviam chegado da Europa velejavam até Assunção os primeiros navegadores, mas desde então tantas areias tinha arrastado o rio, que em meados do século décimo oitavo os pequenos barcos mercantes se não aventuravam acima de Buenos Aires, descarregando em Montevidéu os de maior calado. Extremamente difícil é a navegação do Paraguai, sendo fortíssima em muitos lugares a corrente, e cheia de ilhas, penedos, baixios e areias movediças. Cumpre tomar por bom dinheiro um prático que vá adiante sondando. Todas as noites se dá fundo, ao menor indício de temporal busca-se abrigo, e contudo são freqüentes os naufrágios. Em muitas partes tanto se espraia o rio que do meio do canal se lhe não avistam as ribas. Há duas voragens, a maior e a menor, bem conhecidas, e por isso fáceis de se evitarem, mas o perigo mais temível vem da corrente, que às vezes faz andar o barco à roda, lançando-o sobre os penedos e baixios. Da Assunção para cima é nos selvagens que está o maior perigo, podendo os batéis subir até 16° de latitude com água suficiente e sem empecilho de pedras, corredeiras ou cachoeiras.[7]

1702

Dobrizhoffer, 1, 204. Azara, 1, 67

Hostilidades dos paiaguás

A umas quarenta léguas acima da cidade encontraram os jesuítas algumas canoas de paiaguás, que disseram recear aproximar-se por haverem sido mortos mais rio abaixo vários dos seus conterrâneos; algumas contas e outras bugiarias, que lhes penduraram duma árvore, os atraíram, apresentando eles então em troca umas esteiras primorosamente tecidas e enfeitadas. Continuaram assim estas relações até que os traiçoeiros selvagens, achando ensejo de surpreender alguns

dos guaranis, imediatamente os trucidaram. Desafiando então os jesuítas principiaram a vexar a esquadrilha com setas e tiros de funda, mas facilmente se deixaram pôr em fuga. Em paga foi assolada uma taba de paiaguás, mas com mal-entendida e injusta vingança infligida mais de um mês depois do delito, e por conseguinte longe do lugar deste. Recaindo sobre quem estava tão ignorante como inocente na provocação dada, devia este ato fazer dos selvagens ofendidos, pelo que haviam eles de, a seu turno, buscar vingar-se dos espanhóis. Plantara uma destas hordas três cruzes grandes dentro da estacada da sua aldeia, e suspeitaram os jesuítas não fosse ser isto alguma missão de mamelucos, armadilha de paulistas para caçar selvagens, mas veio a saber-se que tinham os paiaguás aprendido dos vizinhos a ser supersticiosos, esperando que a cruz lhes servisse para afugentar os tigres. Chegaram agora os padres a uns penedos, onde, segundo uma tradição da sua própria lavra, se descobriram pegadas na rocha, quando estavam baixas as águas, mas em vez delas avistaram coisa bem menos agradável; as fogueiras acesas pelos mbaias, como sinal de vir perto o inimigo. Não molestados seguiram contudo por diante, através duma extensa região, onde todas as tribos circunvizinhas se abasteciam de arroz silvestre, e chegando aonde forma o rio uma vasta ilha (famosa nas fábulas da América do Sul), esperavam achar ali a baliza, que devia orientá-los. Nesta esperança não lhes ficou baía ou lagoa que não explorassem, mas baldadas foram todas as diligências, averiguando-se depois não ter Hervas e Yegros avistado o Paraguai, nem corrente alguma que com ele comunicasse. Depois de se ter persistido no propósito enquanto o permitiu a estação, rogaram Hervas e Arce e Zea ao seu superior que naquela ilha os deixasse passar o inverno, a fim de que ganhando a afeição dos naturais, guiados por eles pudessem alcançar os chiquitos. Não quis o superior expô-los a tão iminente risco, e com muita precaução e algum perigo, por ter descido o rio, se encetou a viagem para casa. Pelo caminho entabularam os jesuítas relações amigáveis com esses mesmos paiaguás, que, tendo-os tratado tão traiçoeiramente à subida do rio, entregaram agora um espanhol, que haviam capturado, pedindo viessem missionários estabelecer uma redução entre eles. Queriam Arce e Zea já ficar aqui, mas o superior entendeu pouco haver que fiar na

12 de out. 1703

palavra destes selvagens e menos ainda na sua constância, caso fossem sinceros os protestos que faziam. Antes de chegar a Assunção viu-se a expedição reduzida a grande míngua de provisões, e se durante um curso de cento e cinqüenta léguas lhas não houvessem fornecido alguns guaranis amigos, ter-se-lhe-iam acabado inteiramente as próprias. Fr. Neuman sucumbiu às fadigas da viagem, e embora o mandassem adiante a toda a força de vela e remos, na esperança de lhe salvarem a vida, chegou a Assunção tão extenuado que uma hora depois de ter entrado no colégio era morto. Dos índios faleceram igualmente dezesseis de disenteria e falta de alimento suficiente. Vieram também alguns caciques paiaguás, que com os espanhóis queriam assentar pazes. Desconfiou o povo da Assunção que o intento deles só fosse espiar a fraqueza da cidade, mas por amor dos jesuítas, que debaixo da sua proteção os traziam, e por boa política tratou-os o governador com afabilidade, despedindo-os presenteados e mui satisfeitos com o acolhimento que tinham encontrado. Assim mais uma vez se restabeleceu a boa inteligência, em má hora sucedeu porém pouco depois, encontrar no rio com alguns índios desta mesma horda um troço de espanhóis, que nesse espírito de barbaridade, com que os pseudocivilizados estão sempre prontos a tratar aqueles que consideram selvagens, sem provocação alguma lhes fizeram fogo. Desde essa hora juraram os paiaguás vingança, e com implacável ódio e inabalável perseverança a foram tirando onde quer que puderam. Não desanimado com o malogro desta expedição, resolveu o provincial tentar agora o negócio do lado dos chiquitos, e conseqüentemente ordenou a Fr. Juan Patricio Fernández, primeiro historiador destas missões, que, construindo canoas nesse rio, que Hervas supunha ser o Paraguai, por ele mandasse Yegros descer até a Assunção com o irmão leigo Henrique Adam, e um troço de xaraiés, bons barqueiros e bem práticos da corrente. Largou Fernández de S. Rafael com os dois aventureiros e uns cem índios, e tendo achado a cruz ereta por Hervas, averiguou havê-la este plantado, não às margens do Paraguai, mas à borda duma dessas lagoas imensas que se formam na estação chuvosa. Após muita constância chegou a partida a uma ribeira arenosa, onde um

1704

Fernández, 152-179

1705

penoqui escapo aos paulistas na última expedição dizia terem estes salteadores deixado as suas canoas ao marcharem por terra contra os taos. Aqui se poderia haver embarcado com bastantes probabilidades de bom êxito, mas para canoas não se encontravam perto troncos apropriados, e para trazê-los falecia o tempo, achando-se já adiantada a estação, que qualquer demora mais tornaria impraticável a volta. Inundadas estavam já as terras baixas, e boa fortuna era quando à noite se deparava com alguma eminenciazinha onde repousar, embora aí mesmo fosse úmido e pantanoso o terreno, e milhões de mosquitos e outros sanguexupas tornassem o dormir impossível. Após vinte e cinco dias chegaram todos a São Rafael, inchados os membros com o contínuo andar por água, e quase exausto das fadigas e privações, a que o irmão leigo sucumbiu efetivamente. Nesta expedição se apanharam alguns guaraios, que entendiam o espanhol, e deram relação do rumo que haviam levado os paulistas. Guiado por eles, de novo explorou Fernández o país, chegando ao que chamou lago Mamoré, dividido em duas enseadas por estreita língua de terra. Era este, segundo os guaraios, o costumado lugar de desembarque dos paulistas, dito que se achou confirmado pela descoberta de cinco cadeias compridas, que ali jaziam enterradas, destinadas ao que parecia para acorrentar grandes filas de escravos. Da primeira vez que o provincial voltou a Tarija quis Fernández persuadi-lo a mandar estes guaraios por Tucumán para as missões dos guaranis, onde poderiam servir como guias seguros em outra expedição, que daquele lado se tentasse, mas o superior não quis tornar a expor vidas preciosas numa aventurosa empresa, de que tão incertos lhe pareciam os fundamentos.

Fernández, 172-182

Progresso das missões

A partir deste primeiro estabelecimento em tudo prosperaram uniformemente as missões entre os chiquitos, com a única exceção de acharem-se num país insalubre, a que nem os mesmos naturais podiam aclimatar-se, padecendo estes ainda mais do que os espanhóis. Por mais de uma vez se mudaram as reduções para novas situações, que menos doentias pareciam, sem que se lucrasse muito com isto. A outros respeitos foram aqui os jesuítas mais felizes do que entre os guaranis; não os perseguiam os paulistas; não havia nas

províncias vizinhas facção que continuamente os guerreasse; e os conversos passam por terem sido mais dóceis, menos inconstantes e dotados de maior inteligência. Aqui, como nas outras partes da América, se empregaram os jesuítas útil, meritória e piamente, sempre prontos a arrostar dificuldades, perigos e a mesma morte com heróica e cristã fortaleza, sem contudo poderem renunciar a esse hábito de audaz mentira, em que desde tantas gerações porfiavam entre si as ordens monásticas. Em séculos mais obscuros principiara a prática, em que se continuou a persistir quando já com segurança se não insultava a crudelidade dos homens. Foi Fr. Lucas Caballero um dos primeiros operários das missões dos chiquitos, o escolhido para herói de romance religioso nestes países, como Anchieta o fora no Brasil e Xavier no Oriente. Empreendeu ele a conversão dos manacicas, apesar de avisado de ser um povo numeroso temível, do qual era perigoso aproximar-se por causa dos espeques agudos que ocultavam nas suas veredas, e mais ainda pelo ódio fidagal que aos espanhóis votavam. Mas quanto mais arriscado o cometimento maior seria o merecimento de tentá-lo, sobre haver certas peculiares circunstâncias relativas a esta tribo, que particularmente deviam incitar a santa ambição deste padre.

Os manacicas

Do mesmo tronco, como as que compunham as missões dos chiquitos, eram as várias hordas compreendidas sob o nome genérico de manacicas. Coberta de espessas florestas se achava parte do seu país e em vastas planícies inundadas a maior parte do ano consistia a outra, pelo que não podia haver falta de caça e de peixe, nem de frutos que produz a terra. Fértil é o solo e abundantes de ordinário as colheitas. Eram estes índios uma raça vigorosa e valente; cor de azeitona a sua pele, boa a estatura, e os membros bem proporcionados, mas mui sujeitos eles a uma moléstia cutânea, comum e hereditária, espécie de lepra que cobria de escamas o corpo sem produzir outro inconveniente.[8] Conta-se que eram suas aldeias edificadas com algum gosto, regulares as ruas e bem proporcionadas as praças. Habitavam o cacique e os maiorais edifícios grandes, divididos em diferentes aposentos, que também serviam para reuniões públicas, banquetes e templos. Tampouco eram mal construídas as casas dos particulares, apesar de ser ali o machado de pedra o único instrumento conhecido. Há-

beis tecelãs eram as mulheres, cuja obra de olaria, de singular perfeição, tinia como metal ao tocar-se. Deixava-se ficar o barro, antes de servir, muito tempo a amadurecer, sendo por este princípio que os chins se diz têm enterrado muitos anos o que destinam ao fabrico da sua louça mais fina.

Gostando de trocar freqüentemente visitas, edificavam os manacicas perto umas das outras suas tabas. Eram estas visitas outras tantas bacanais. Partia do cacique o convite, como sendo negócio público, e na sua casa tinha lugar o banquete, ocupando ele o primeiro lugar, os sacerdotes ou *maponos*, como os chamavam, o segundo, os médicos, que constituíam aqui ordem diversa da dos sacerdotes, o terceiro, e depois seguiam os capitães de guerra, e estes o resto dos chamados nobres. Grande deferência se mostrava ao cacique; edificavam-lhe a casa, cultivavam-lhe os campos, e pagavam-lhe um décimo da caça e da pesca, escolhendo-se sempre o melhor para ele. Sendo absoluta a sua autoridade, reunia ele na sua pessoa os ofícios de juiz e de executor, partindo com uma maça os ossos aos criminosos. É tão próprio isto do caráter selvagem, que a si mesmo se autentica. Nos outros pontos da economia política destes índios é possível que os narradores se permitissem a mesma liberdade de embelezamento que na conta que nos dão da sua religião, porquanto afirmam que à principal mulher do cacique obedecia a parte feminil da comunidade, governando o filho mais velho da mesma forma sobre a mocidade. Assim que este herdeiro aparente chegava à idade madura, transferia-se-lhe o governo, continuando o pai a ser tratado com respeito e reverência, até que por morte o enterravam com muitas cerimônias numa abóbada arqueada, onde havia cuidado que não lhe chegasse aos ossos umidade que os corrompesse, nem a terra lhe pesasse sobre os restos.

Ainda entre estes índios se notavam alguns reflexos das prédicas de São Tomé, dizem os jesuítas, preâmbulo depois do qual pouco espanto poderão causar-nos as fábulas que se seguem. Segundo os padres da Companhia sabiam os manacicas por tradição de seus maiores, ter uma virgem de incomparável beleza dado à luz um filho que não tivera pai; e esta criança restituía a saúde aos doentes, a vista aos cegos, a vida aos mortos, e ten-

Mitologia deste povo; como a descrevem os jesuítas

do concluído a sua peregrinação na Terra, exclamou um dia perante numerosa assembléia: "Vede quanto da vossa difere a minha natureza", e erguendo-se aos ares tornou-se no sol. Os *maponos*, que à vontade viajavam pelo céu, confirmavam esta tradição, declarando ser o sol um luminoso rosto humano, cujas feições pela distância não podiam distinguir-se. Não lhes era porém objeto de culto esta personagem, antes adoravam três diabos, não em efígie mas em pessoa, insultando por isso com alguma razão os conversos, adoradores de pinturas e imagens, que nem podiam ver, nem falar, nem ouvir. Atrevidos como eram os jesuítas em inventar falsidades, jamais mentiram com maior intrepidez do que na relação que nos fazem deste culto do Diabo. Em escárnio da verdadeira religião resolvera o Demônio, dizem eles, macaqueá-la nesta oculta parte do mundo, ensinando por conseguinte estes índios a acreditar numa trindade diabólica, cujas três pessoas se chamavam Omequeturequi ou Uragozoriso, Urasana e Urapo. Diabo católico inventou ele também uma deusa, Quipoci, para mulher da primeira, e mãe da segunda destas divindades. Soía ela mostrar-se com aspecto radiante, formosa e bela como um anjo de luz, mas os três deuses maiores eram sempre horríveis e hediondos de verem-se; cor de sangue era a cabeça e o rosto de cada um, de burro as orelhas, o nariz largo e chato, os olhos desmesuradamente grandes a dardejar chamas, brunidos e cingidos de serpentes os corpos. Uragozoriso falava em voz alta, Urasana com tom nasal. Urapo como um trovão. O primeiro castigava os maus com um pau ou qualquer outro instrumento apropriado, os outros dois eram intercessores de misericórdia, sendo porém a deusa Quipoci a medianeira por excelência. Em todas as assembléias gerais e funerais solenes eram esperados estes deuses ou *tinimaacas*, e para recepção deles se encerrava com cortinas de esteira parte da sala grande da habitação do cacique, podendo só os maponos entrar neste santuário. Chegavam os *tinimaacas* com um estrondo que enchia o ar, agitava as esteiras e fazia tremer o edifício. O povo, que então andava dançando e banqueteando-se, saudava-os dizendo: Pais, sois chegados? Ao que uma voz alta respondia: Filhos, que fazeis? Estais comendo e bebendo? Comei e bebei, que isso me apraz, e eu olharei por vós, e provarei as vossas necessidades; para vosso uso foi

que criei caça e pesca e todas as coisas boas. Com os três deuses maiores descia um bando de demônios subalternos que ficavam de pé na presença daqueles e eram tidos pelos manacicas como almas dos seus inimigos e de outras nações. Depois que principiava a beberagem a produzir o seu ordinário efeito de embriaguez e clamor, se sucedia afrouxar a orgia e o berreiro, increpavam os demônios os seus devotos, ordenando-lhes que bebessem à grande, dançassem e enchessem de seus brados o templo, e pedindo também de beber para mais animá-los. Para este efeito se reservava uma taça curiosamente entalhada; enchiam-na agora e os mais velhos da assembléia, tanto homens como mulheres, a levavam até à cortina, erguendo esta um pouco com muita reverência, e logo aparecia uma hedionda mão com compridas garras a recebê-la. Três vezes se fazia isto, para que cada tinimaaca matasse a sede. Ninguém que não fosse mapono podia olhar para trás da cortina; destes havia um ou dois em cada aldeia, às vezes mais, e era o posto mais alto na hierarquia do Diabo. Se algum sacerdote de inferior categoria tentava espreitar para dentro do santuário, opunha-se-lhe o mapono, ameaçando-o com morte instantânea se persistisse em tão ímpio propósito. No meio do festim saía o mapono de trás da cortina a repetir os oráculos que lhe tinham sido confiados, e que se referiam a bom tempo, chuvas a propósito, prósperas colheitas, caçadas e pescas felizes. Muitas vezes eram também exortações a guerrear os vizinhos. Faziam-se então por mão dele ofertas de caça e de peixes, e concluída esta cerimônia, erguiam-se os tinimaacas aos ares levando consigo o mapono, e abalando com a sua ascensão o edifício todo. Passados alguns instantes trazia a deusa Quipoci nos braços outra vez o mapono, e depunha-o no santuário, tendo-o ali adormecido enquanto cantava com voz suavíssima, e do outro lado da cortina dançavam e exultavam as mulheres. Depois chamava ela todos seus filhos, asseverando-lhes que era sua verdadeira mãe, e que havia de defendê-los dos deuses, que por serem cruéis procuravam afligi-los com enfermidades e desgraças. Traziam-lhe então a taça, e faziam-lhe ofertas, e ela tornava a erguer-se. Até aqui, embora haja alguma coisa suspeita, nada há na relação que seja impossível. Podia a mitologia ter sido organizada por algum im-

Extravagantes mentiras dos jesuítas

postor audaz, à imitação do que suporia ser a crença dos jesuítas (não faltam exemplos destas coisas), e de credulidade sempre se pode tomar a dose necessária; a ascensão tinha lugar por detrás da cortina e alguma arte e um pouco de exageração resolveriam o resto do problema. Mas ao que se segue não há de aplicar a mesma solução. Porquanto afirmam os jesuítas que o mapono freqüentemente subia ao céu, não em companhia dos tinimaacas por detrás da cortina do templo e invisível, mas por ato da própria violação poderosa e à vista de todo o povo, abrindo os braços, como se fossem asas, e erguendo-se ao ar em posição ereta. Virava-se na descida a postura, mas às vezes era um bando de deuses inferiores, que entre horrível berraria traziam o mapono para o meio do templo, deixando-o estes espíritos malignos também ocasionalmente cair do telhado, o que causou a morte a alguns. Um destes iluminados sacerdotes era tão respeitado como o cacique, recebendo como ele um décimo da caça e dos produtos. Os que aspiravam este ofício eram iniciados antes que a primeira penugem lhes sombreasse a barba. O mapono tomava o aspirante nos braços, ensinava-o a olhar para a lua cheia, estendia-lhe os dedos, ordenava-lhe que deixasse crescer as unhas (modo por que em muitos países querem distinguir-se as classes privilegiadas, como provando que estão acima da necessidade do trabalho manual) e afinal subia com ele ao ar, e deitava-o no regaço de Quipoci, donde voltava em estado tal de abatimento e extenuação, que levava dias primeiro que se restabelecesse. Observavam os sacerdotes freqüentes jejuns, abstendo-se perpetuamente de certos animais e frutos, com *especialidade do maracujá (granadilla*), fruto da flor da paixão, e isto, dizem os mentirosos jesuítas, pelos mistérios que naquela maravilhosa planta estão significados. Também do povo se exigia freqüentemente o jejum. Uma das práticas mais solenes era a que se observava por ocasião da sagração dum templo, abstendo-se os moradores todos de alimento animal durante cinco dias, pondo-se a aldeia de luto (de que modo não se diz), prescrevendo-se rigoroso silêncio por todo este tempo, proibindo-se a música e a dança, e suspendendo-se todo o trabalho exceto o de fazer esteiras para o santuário. No último dia dava-se uma festa a quantos nela queriam tomar parte; a velha mais devota da horda curvava a cabeça diante

do cacique, para que este lha tocasse brandamente duas ou três vezes com um instrumento de pedra de delicado trabalho e depois dava de joelhos volta ao templo, a soluçar alto e com muitos sinais de grande devoção, completando o mapono a cerimônia em benzer o edifício em todas as suas partes.

Desciam os tinimaacas muitas vezes a visitar os maponos, cujas mulheres fugiam à vista destes hediondos hóspedes. Não era raro retirar-se um mapono para o deserto, a fim de poder sem interrupção gozar desta comunhão. Supunham-lhe a faculdade de causar dano e até dar a morte só com a força do seu desagrado, e para ostentar o poder que realmente possuía, domesticava ele cobras venenosas, aparecendo depois em público com elas enroscadas à volta dos braços e do pescoço e aninhadas no seio. Em compensação das honras que recebiam e dos dízimos que desfrutavam, faziam os maponos um extraordinaríssimo serviço; quando morria alguma ovelha do seu rebanho, levavam-na audazmente ao paraíso, curioso ofício que os jesuítas nos descrevem desta forma. Acabado o funeral, faziam os parentes as suas ofertas no templo, e quando os deuses vinham recebê-las, acompanhava-os o *aguipau* ou espírito do falecido, papel representado por um diabo. Consolava este os amigos do defunto com a esperança de que afinal todos se encontrariam num lugar de delícias. Depois era borrifado com água pelo mapono, batismo póstumo com que ficava lavado de todos os pecados, e pronto então para a viagem, despedia-se dos doridos, enquanto o mapono, tomando-lhe às costas a alma substancial, partia pelos ares para a Terra dos Finados. Difícil e penosa viagem era esta, por montes e vales, por densas selvas e através rios, pântanos e lagoas, até que no fim de muitos dias se chegava a uma encruzilhada de muitos caminhos perto de larga e profundíssima corrente. Era aqui o Passo Perigoso, onde o deus Tatusiso estava dia e noite em cima duma ponte de madeira, a inspecionar todos aqueles viajantes, nem este guarda vigilante, por não abandonar o seu posto, ia jamais à terra como os outros deuses. Era calvo e feio, pálido o rosto, o corpo desfigurado como imundície e chagas, e seu único vestido um pano à volta dos rins. Nem sempre dava a este sujeito para considerar a aspersão do espírito depois da morte como purgação bastante, e pois mandava ao mapono muitas vezes fazer alto, para limpar de impuridades a carga, e se opunha alguma resistência a esta purificação,

cerimônia que nada tinha agradável, agarrava ele o infeliz aguipau, sem mais preâmbulos e atirava-o ao rio, circunstância sempre seguida de alguma calamidade para os manacicas. Uma vez que chuvas extemporâneas estavam destruindo a colheita, perguntou o povo a causa disto ao mapono, obtendo em resposta que era haver-se certo mancebo portado com pouca reverência para com Tatusiso, e ter sido por conseguinte atirado ao rio. Ao saber da deplorável sorte do filho, ficou tão aflito o pai, que movido de compaixão prometeu o mapono, se lhe dessem uma canoa, procurar pescar a pobre alma. Tomou pois o batel às costas, e desferindo o vôo, voltou daí a pouco com bom tempo e melhores notícias, mas a canoa ninguém mais lhe pôs os olhos em cima. Havia vários paraísos pelos quais se distribuíam as almas, não segundo a sua vida, mas conforme a sua morte; indo para um os que morriam em suas casas, para outro os que pereciam nas selvas, e os que se afogavam para o país dos Isituncas, ou deuses aquáticos, a quem se oferecia tabaco em incenso, por ser com esta erva que se envenenavam os peixes. De todas estas mansões era a mais feliz o paraíso de Quipoci.

Fernández, 222-242

Com a goma destilada de certas árvores celestiais se alimentavam as almas, havendo uma águia, que sem cessar voava à roda do mundo dos finados.[9]

Aventuras miraculosas de Cavallero

Entre o povo, em que prevaleciam estas extraordinárias superstições, preparou-se Caballero para atacar o Diabo no seu próprio terreno. Partiu pois, segundo seus irmãos, na expectativa e com o receio da morte, e ao aproximar-se duma aldeia, transposta a salvo uma vereda, em que havia espeques escondidos, ordenou aos seus companheiros que nas mãos lhe amarrassem o crucifixo, para não largar, ao cair, este sagrado símbolo, se acaso fosse recebido com um chuveiro de setas. Numa aldeia assaltaram-no furiosamente, apontando-lhe à cabeça nuvens de flechas, que umas lhe caíam sem dano aos pés, outras voltavam repercutidas com toda a força contra os infiéis, que as tinham despedido, e ainda outras lhe furavam o hábito, ficando ele porém invulnerável, e curando-se tão milagrosamente como haviam sido protegidos aqueles dentre o seu séquito, que chegaram a ser feridos. No mesmo espírito de invenção referem os jesuítas ter o trio dos falsos deuses aparecido aos seus adoradores chorando e lamentando-se por aproximar-se um inimigo

com uma imagem que eles se não atreviam a encarar, e exortando o povo a fugir diante deste pernicioso estrangeiro; Cavallero porém, com a força da sua prédica persuadiu os gentios em muitos lugares a trazerem-lhe as cortinas e todos os demais ornatos dos seus templos, pondo-lhes depois fogo.[10] Contam também que chegou ele a uma horda, que tendo ouvido das práticas dos cristãos, as punham em obra por ocasião de peste, arvorando uma cruz, e disciplinando-se até esguichar o sangue: cessava imediatamente o contágio, descia um anjo a adorar a cruz, e o povo, que vira o milagre de necessidade estava disposto a reverenciar o missionário à sua chegada, e ávido de escutar-lhe a doutrina.[11] Mas o teatro das suas mais temerárias ficções foram os jesuítas pô-lo entre algumas tribos, notáveis a outros respeitos. Habitavam elas as margens de um lago imenso, cuja água era perniciosa à saúde, mas em lugar de preparar bebidas fermentadas, à guisa de todas as nações circunvizinhas, só usavam de um cozimento de milho torrado e depois moído, do que eram extremamente apaixonados, fazendo disto sua única provisão quando andavam por fora.[12] Trabalhava Caballero entre este povo quando suspeitou que se iam observar algumas práticas idólatras por ocasião da morte de uma mulher, e tendo posto espiões, soube que se erguera um santuário de vimes curiosamente encanastrados, plantando-se no meio dois postes como trono para o Diabo, e passando-se uma rede à roda do templo, no qual só ao mapono e próximos parentes da defunta se permitia a entrada, e que à meia-noite, hora escolhida para a cerimônia, a fim de melhor se evitar a descoberta, esperava-se o Demônio em pessoa que viria receber as ofertas, ouvir as orações, e aceitar os sacrifícios em prol da alma da finada. Ficou pois o jesuíta alerta e à meia-noite surpreendeu toda a súcia em flagrante, porquanto, olhando para dentro, mal descobriu o Diabo, tornado visível pela luz que seus olhos infernais despediam, e sentado nos dois postes em toda a sua majestade e poder terrífico. Foi uma vista aquela que fez ao padre arrepiarem-se-lhe os cabelos à volta da tonsura, e tremerem-lhe os membros, mas apesar disso precipitou-se para dentro do recinto, e o Diabo, não podendo encará-lo, exclamou que nunca mais os seus adoradores o veri-

Fernández, 222-242 am num lugar onde tão vergonhosamente o haviam dei-

Martírio de Caballero

xado pôr em fuga. Dizendo isto, desapareceu imediatamente, levando consigo em alma e corpo o mapono, que também se evaporou para sempre.[13] Foi o martírio o remate e a coroa da carreira de Caballero, e os jesuítas, que o escolheram para herói de um dos seus mais grandiosos romances, afirmam que o Céu lhe dera conhecimento distinto da sorte que lhe estava iminente. Vencida depois desta revelação a fraqueza humana, partiu o missionário para os puizocas, de quem devia receber a palma, levando consigo trinta e seis neófitos manacicas, que sem escrúpulo expôs a esta morte certa, pois que embora não cobiçassem da mesma forma semelhante catástrofe, igual seria a recompensa. Foram todos recebidos com traiçoeira cordialidade, e conduzidos a diferentes casas, onde fossem banqueteados, a fim de tornar mais fácil a matança. Enquanto sentados comiam, aproximaram-se algumas mulheres nuas, traçando-lhes nos rostos linhas pretas, sinal de estarem votados à morte, e logo os puizocas se atiraram a eles. Os poucos escapos deste primeiro assalto correram a ter com Caballero, que a sós dizia as suas orações, e um deles o tomou às costas, achando-se o jesuíta, diz a lenda, por demais absorvido nos seus exercícios de piedade para pensar na própria salvação. Perseguidos os fugitivos, foi o padre trespassado por uma seta entre as espáduas. Então ordenou ao índio que o pusesse no chão, e fincando a cruz, que lhe servia de bordão, ajoelhou diante dela, oferecendo, conta Fernández, pelos seus matadores, o sangue que derramava: nesta postura foi morto a repetidos golpes de *macana*. Foram trucidados vinte e seis dos seus companheiros, e dentre os dez que alcançaram a redução mais próxima, ainda morreram quatro das feridas recebidas. Não satisfeitos com isto destacaram os puizocas um troço a espreitar os movimentos dos cristãos, aos quais apanharam alguns extraviados. Tornou isto necessário mandar pedir socorro a S. Cruz, de onde veio efetivamente um destacamento a vingar a morte de Caballero, e levar as relíquias do mártir. Ao chegarem ao lugar do morticínio era sol-a-posto, pelo que aguardaram os soldados a primeira aurora, para dar princípio à busca, mas na escuridão da noite avistaram a breve distância do acampamento uma chama, qual a de uma tocha, a aparecer e desaparecer repetidas vezes. Marcaram bem o lugar, e

correndo a ele ao primeiro arrebol da madrugada, acharam o corpo do santo milagrosamente conservado e em não menos milagrosa postura: tendo o joelho esquerdo em terra, estendia a perna direita, reclinando a cabeça sobre a mão esquerda defronte da cruz, que ali estava ainda, onde a erguera no momento do martírio. Muitas semanas havia ele jazido assim exposto ao calor do sol num chão úmido, e putrefatos estavam os corpos de todos os seus companheiros, só o do missionário estava inteiro e incorrupto.

Fernández, 304-310. Charlevoix, 2, 321-2

Acarreta este romance vergonha aos jesuítas

Desta forma se haviam acostumado os jesuítas a estabelecer os seus anais, e se ainda tais fábulas pudessem correr tão facilmente como nos séculos décimo sexto e décimo sétimo, não tardaria S. Lucas Caballero a ver-se enramelhetado de lendas não menos miraculosas e monstruosas que o mesmo São Domingos e o seu digno êmulo, o patriarca dos frades minoristas. Largos fundamentos se assentaram à futura fábrica, mas nem os padres, que do Paraguai remetiam estas valentes invenções, nem os que em Madri as aprovavam, licenciavam e imprimiam, refletiam que por aqueles tempos lá nem todas as nações se achavam mergulhadas no mesmo estado de escuridão intelectual que envolvia os espanhóis na Europa e na América. Era já tarde quando se descobriu o erro, nem a extemporânea confissão de haverem passado por engano algumas ficções no livro, pode lavar a Companhia da imputação de ter mais uma vez procurado impingir ao mundo um tecido de fábulas. As monstruosas histórias dos maponos eram aí referidas sob a própria autoridade de Caballero, e uma das mais destituídas de senso como passada a vista dele mesmo. Quer fosse o inventor dos contos, quer o seu historiador, Fr. Juan Patricio Fernández falsamente lhos atribuísse ou os fantasiasse o frade anônimo de cujos papéis italianos se diz Fernández traduzira a sua história, em todo caso são de lavra jesuítica. Inventados por jesuítas, escritos por jesuítas, foram impressos por jesuítas, com licença e aprovação de censores jesuítas e com a sanção do geral da ordem. Era tão palpável a falsidade, que os mesmos jesuítas a confessaram, e não menos palpável o motivo... o de exagerar os merecimentos da Companhia, e aumentar-lhe a fama, abusando da credulidade dos homens. Contudo, por mais proveitoso que durante algum tempo achassem estes padres o sistema da impostura (pois sistema era), tinha o defeito de fazer de todos

aqueles que não lograva iludir, outros tantos inimigos, que, a não os haverem indignado semelhantes artifícios, lhes teriam feito justiça ao mérito, e secundado os planos.

Segunda expedição pelo Paraguai

Passados dez anos reviveu ainda o projeto de abrir pelo Paraguai uma comunicação com as missões dos chiquitos, e outra vez foi nomeado para esta perigosa diligência Arce, o primeiro que mostrara aos seus confrades o caminho daquele país. Por companheiro deram-lhe Fr. Bartolomé Blende, natural de Bruges. Na Assunção se lhes prepararam uma barca e duas chalupas com número correspondente de índios. Ao embarcarem naquela cidade expôs-se o sacramento, como solenidade propiciatória, e o governador, seguido de todos os moradores, acompanhou os padres até a ribeira. Escaparam a um estrategema dos paiaguás, que, debaixo da aparência de amizade, os queriam matar e apoderar-se das embarcações por causa do ferro, mas alguns dentre eles lhes revelaram o desígnio. Um vento, que se levantou no momento oportuno, os salvou de uma cilada dos guaicurus, algumas centenas dos quais estavam escondidos num passo difícil do rio com água até à barba, e a outros desta formidável tribo tiveram de comprar a passagem com um rico presente de navalhas, cunhas e roupa, que os guaranis das reduções mandavam em sinal de fraternidade e amizade aos chiquitos. Alcançada, segundo se supunha, a parte do rio onde Fernández deixara suas balizas, debalde se consumiram alguns meses em procurá-las, até que Arce, desesperando afinal da busca sem contudo poder sofrer o pensamento de abandonar o seu projeto, deixou os batéis, empreendendo sem guia a jornada acompanhado de doze índios dos mais ousados. A caça, quer fosse em razão da estação, quer pela natureza do país, era escassa, apanhando-se apenas de espaço a espaço alguma tartaruga ou peixe, quando não era absoluta a falta de água e alimento. Mais que uma vez aconselhou Arce aos índios que voltassem às embarcações, quanto a ele, disse, estava resolvido a ir por diante e cumprir a vontade de Deus e dos seus superiores, e uma ocasião julgando próximo o seu fim, de tão prostrado, abatido e devorado de febre que se sentia, pediu-lhes que o deitassem à margem do rio mais perto e buscassem na retirada a salvação. Mas para isso estavam eles por demais ligados ao seu missionário tanto pela afeição, como pelos hábitos de respeitosa obediência, e este cobrando ânimo a vista de tanta fidelidade, fez novo esforço, pondo-se

outra vez a caminho com a língua tão seca e inflamada que nem falar podia. A oportuna descoberta de um pouco de mel salvou-lhe talvez a vida. Após dois meses de sofrimentos tais descobriu-se uma trilha que evidentemente levava às missões, aparecendo daí a pouco uma partida de neófitos dirigidos por Fr. Zea. Depois de em S. Rafael se ter assaz restabelecido dos efeitos da jornada voltou Arce a ter com Blende que deixara nos batéis, este porém já encetara a viagem de volta forçado a isso por dois espanhóis que se amotinaram, mestre e piloto da barca. Tinham estes teiró antiga com Arce, que os impedira de comprar escravos, e ameaçaram Blende com pô-lo em terra e deixá-lo ali, se não anuía à partida.

Fernández, 322-333

Martírio de Blende e Acre

Vendo assim frustrada a esperança de reunir-se ao seu companheiro, resolveu Arce tentar fortuna entre os paiaguás, com quem tinha tido algumas relações pelo caminho, e construindo uma canoa, embarcou com os seus fiéis guaranis. Depois de alguns dias de navegação pelo rio abaixo encontraram-se à margem de uma ilha alguns cadáveres, que, apesar de lhes faltarem as cabeças foram reconhecidos como sendo os de Blende e dos seus companheiros, traiçoeiramente assassinados por esses mesmos selvagens a quem Arce ia dedicar-se. Fugiu ele do lugar fatal, mas andavam vigilantes os paiaguás, e surpreendendo-o, mataram-no a ele e a todos os seus, exceto quatro, que logrando passados dois anos evadir-se pelo rio acima, foram os primeiros que a São Rafael trouxeram novas da sorte dos dois jesuítas. Não havia mais segurança sobre o Paraguai. Justificando com o mau tratamento recebido depois de feita a paz o seu procedimento para com os dois missionários, eram incansáveis os paiaguás em perseguir os espanhóis. Caindo-lhes nas mãos uma barca que da Assunção ia para Santa Fé, trucidaram, sem dar nem sequer tempo para tentar a resistência, dois jesuítas e trinta guaranis que ela levava a bordo.

Fernández, 333-342. Charlevoix, 2, 330-33

Busca-se comunicação pelo Pilcomaio

Tornada assim impraticável a comunicação pelo Paraguai, concebeu-se a esperança de efetuá-la pelo Pilcomaio. Numa empresa contra os selvagens tinha um troço de espanhóis de São Miguel de Tucumán chegado a um rio, que supuseram ser este, especialmente por ouvirem dizer que sobre as suas margens havia alguma gente branca estabelecida. À vista disto preparou o go-

vernador da província, D. Esteban de Uriza, uma expedição para lhe explorar o curso, e ao mesmo tempo ordenou o provincial a alguns jesuítas das missões dos guaranis que subissem este rio até encontrarem, se fosse possível, a partida de Tucumán. Se o não conseguissem, esperava-se que alcançariam o país dos chiriguanas ou dos zamucos, entre os quais tinha Zea trabalhado ultimamente com proveito, e donde deviam partir também alguns missionários dos chiquitos a ver se encontravam uma ou outra destas expedições.

O Pilcomaio

É o Pilcomaio maior afluente do Paraguai do lado do poente. Cerca de oito léguas antes da junção com este divide-se em dois ramos. Um, que vem desembocar à vista da Assunção, chamam-no os guaranis de Araguay, ou rio Prudente, nome com que provavelmente quereriam significar a cautela com que era de mister navegar esta corrente que de fato mal se pode reputar navegável. Em partes custava a encontrar-lhe o canal entre espraiados e plantas aquáticas, ficando em outras inteiramente oculto debaixo das aguapás, que com suas largas folhas e entrelaçadas raízes, lhe cobrem vastas porções. Nas estações chuvosas a cada passo se lhe estão esboroando as ribas e massas e árvores, presas uma às outras pelas raízes, aí a vêm descendo, ilhas flutuantes. O outro braço vai, retendo o seu nome, desaguar no Paraguai umas nove léguas mais abaixo. Entre os dois há terceiro, que se destaca do braço do sul. Durante as inundações reúnem-se as águas de todos três não só submergindo o delta, mas indo mesmo encontrar o espraiamento do rio Bermejo.[14] Se a navegação deste último se pudesse abrir, encurtava-se o caminho do Paraguai ao Peru quase duzentas milhas. Um batel tentou a empresa em 1702, mas da sua tripulação só um escapou dentre os índios.

Dobrizhoffer, 1, 135. Jolis, 62. *Almanaque de Lima*

Frustra-se a expedição

Notou a partida de Tucumán que não aumentava de volume a corrente como se esperava, e persuadindo-se, de cansada talvez do cometimento, que não havia por ali comunicação com o Pilcomaio, voltou atrás. Os missionários dos chiquitos também não puderam descobrir o rio. O troço do Paraguai compunha-se dos padres Gabriel Patiño e Lucas Rodríguez, do irmão leigo Bartolomé de Niebla, e dum donato português, por nome Faustino Correia, com uma escolta de guaranis das reduções, e um pouco de aventureiros espanhóis, indo

todos numa barca e dois batéis. Subidas umas oitenta léguas, conhece-se não haver água para a embarcação maior; seguiu pois Patiño com parte da companhia nos dois batéis, subindo mais de mil milhas ainda, segundo o seu cálculo, até chegar a uma tribo consideravelmente adiantada numa tal ou qual civilização. Eram agricultores estes índios, criavam ovelhas, de cuja lã fabricavam bom pano, e tinham cavalos em grande número, parecendo dóceis os homens, e as mulheres tais que pela cor facilmente se tomariam por espanholas. Tão amigáveis foram ao princípio as relações com esta gente, que a Patiño se antolhou pouco difícil reduzi-la. Mas todos os esforços dos missionários das bandas de Tucumán tinham sido frustrados pela interferência dos governadores, que, com a avidez de impor o ônus dos serviços pessoais a tribos briosas, haviam destruído já mais que uma povoação de muitas esperanças. Havia aqui alguns tobas e mocobis, que de tudo isto sabiam olhando pois os espanhóis como mortais inimigos. A instigações deles atacaram os índios traiçoeiramente a comitiva, matando alguns guaranis, que rachavam lenha. Patiño estava coberto duma armadura de couros, que resistia às setas, mas teve de descer o rio, fugindo a toda a pressa.

Missões entre os moxos

Enquanto entre os chiquitos se empregavam Arce e os seus sucessores, outras missões se fundavam para as bandas do norte na direção desse contestado território, de que tratavam agora de tomar posse os portugueses. Castilho, irmão leigo entre os jesuítas, acompanhara alguns mercadores espanhóis de Santa Cruz a essa parte do país depois dita província dos Moxos, do nome da primeira tribo convertida. Fez-se benquisto dos naturais, ficando a seu turno tão satisfeito da aparente docilidade deles, que logo depois da sua volta, partiu para Lima, a expor aos superiores quão belo campo se abria aos trabalhos da Companhia. Fr. Cipriano Baraza, que se achava no colégio daquela cidade, ardendo desde muito por votar-se ao serviço dos gentios, obteve licença para acompanhar Castilho nesta empresa. Era talvez o jesuíta mais esclarecido de quantos trabalharam na América espanhola.

Letres édifiantes **T. 8, p. 92**

O teatro dos seus trabalhos foi uma região aproximadamente calculada em cento e vinte léguas quadradas. Pelo norte do Guaporé e divide do território português de Mato Grosso, país inteiramente desconhecido dos espanhóis, por vezes percorrido pelos pau-

Província dos Moxos

listas, mas ainda não apropriado por nenhuma das duas nações que entre si tinham dividido este grande continente. Espessas florestas lhe serviam ao sul de limite com o país dos chiquitos. Pelo sueste separava-a de Cochabamba uma cordilheira, e pelo oeste o rio Beni das missões de Pomabamba ou Apolobamba, como por erro acidental às vezes as chamam. Três grandes rios correm por esta província: o Mamoré, que nascendo nas montanhas do sueste, recebe pelo caminho o São Miguel ou Aperé e o Guapai ou Rio Grande; o Guaporé ou Itenes, que em Mato Grosso tem a origem, e absorvendo o rio de los Baures vai reunir-se ao Mamoré nos confins da província; e o Beni, que desaguando na corrente formada por aqueles dois, com ela constitui o Madeira, um dos maiores e mais importantes rios secundários da América do Sul. Todos três são quase desde as suas nascentes navegáveis por canoas e balsas. O caminho para a província é por água, que em tal país suprem rios as estradas. Para os distritos dos moxos e dos baures embarca o viajante no Guapai quer no porto de Pailas, quer mais abaixo no de la Pesca: é este o caminho de S. Cruz, e em canoas se vence. A outra entrada é do lado de La Paz pelo Beni para o distrito de Pampas, sendo o lugar de embarque no porto de Coroico, província de Sicasica, viagem que se faz em balsas.

1675

Almanaque de Lima

Forma Baraza a primeira redução entre os moxos

Foi no Guapai que Baraza embarcou com o seu companheiro numa canoinha feita por uns índios do país, que lhes serviam de guias. Ia Baraza bem provido de anzóis, agulhas, contas e outras coisas que tais, a que deveu bom acolhimento, quando após doze dias de viagem chegou entre os moxos: e ali gastou quatro anos, aprendendo-lhes a língua e ganhando-lhes a boa vontade por esse espírito de amor que só poderia tê-lo feito suportar as privações de semelhante vida, agravadas ainda por longos sofrimentos de teimosas febres quartãs. Afinal tanto o tinha as moléstias extenuado, que ele desesperado de restabelecer-se sem respirar mais sadia atmosfera, partiu para S. Cruz. Foi eficaz o remédio, mas o coração ficara-lhe entre os moxos, e nos primeiros dias da sua convalescença pôs-se Baraza a aprender a tecer para de volta poder instruí-los numa das primeiras artes da vida civilizada, induzindo-os a vestirem-se como primeiro passo para a civilização. Os espanhóis de S. Cruz porém interessavam-se mais pela conversão dos seus formidáveis vizinhos os chiriguanas do que por tudo

quanto podia dizer respeito às mais remotas tribos, e sem consultar Baraza dirigiu-se o governador aos superiores do missionário, conseguindo deles que o destacassem para entre estes intratáveis bárbaros. O primeiro dever de um jesuíta era a obediência. Para os chiriguanas foi pois, posto que contrafeito, e entre eles trabalhou pacientemente cinco anos antes de ser rendido, e de lhe darem liberdade de voltar para um povo que ele mais amava, e em que fundava melhores esperanças. Não o tinham esquecido estes índios, sujeitando-se logo uns seiscentos aos seus preceitos, e como sucedesse batizar os primeiros conversos em dia de Nossa Senhora, a Nossa Senhora do Loreto dedicou as missões.

Por terem sido os moxos,[15] a primeira tribo que Baraza procurou catequizar, aplicou-se este nome a todo o gentio que habitava ou percorria o país entre 10º e 15º de latitude sul, apesar de não haver ali menos de vinte e nove nações[16], entre as quais se falavam treze línguas distintas, afora vários dialetos. Durante quatro meses do ano nenhumas relações têm entre si as diferentes hordas, por causa da inundação, que isola cada uma sobre a eminência em que têm assentadas as cabanas. Segue-se a estação seca, a da ação do sol sobre as águas estagnadas que originam a peste. Excessivamente quente se torna então o tempo, que em outras ocasiões, soprando o vento das serras nevadas, é em extremo frio. Nem cereais nem vinhas ali produzem, mas é o país admirável próprio para as plantas que requerem calor e umidade. Achavam-se as tribos em diferentes graus de progresso, a partir do ínfimo estado da vida selvagem, contando-se os moxos entre as mais rudes. Baixíssimas as suas choças, tinha cada família habitação separada, dormindo umas em esteiras, outras em redes, e quando estas se armavam ao ar livre, entretinha-se ao pé de uma fogueira constante, não só para calor, mas porque a chama livrava de feras, de insetos o fumo. As refeições não tinham lugar a horas fixas do dia mas quando aparecia mantimento, que consistia, principalmente, em raízes e peixe, comia-se este quando a geada o matava nas águas estagnadas, nem por pútrida era menos aceita a presa, que o fogo, diziam, tornava boa. Durante a inundação passavam-se estes índios para os montes, fiados na caça para mantença, sendo o macaco o seu manjar mais esquisito. Gulosos não eram, mas acérrimos bebedores, sendo única ocupação das mulheres preparar um licor de raízes fermentadas. Em certas ocasiões reu-

Costumes dos moxos

niam-se em choças para esse fim erguidas, dançavam desenfreadamente todo o dia, e embriagavam-se, concluindo de ordinário a festa com sangrentas rixas. O clima e o gênero de vida os tornavam sujeitos a muitas enfermidades, que nenhum meio tinham de curar, porquanto embora hábeis em extrair das plantas um veneno letal para as suas setas, nenhuma virtude medicinal conheciam nelas. Todo o seu sistema médico se reduzia aos charlatães que jejuavam pelo doente, chupavam como remédio heróico a parte afetada, e prescreviam às vezes tabaco de fumo, talvez por haverem descoberto ser este em regiões pantanosas um preservativo de moléstias. Simples como era esta medicina, exigia-se um árduo curso de disciplina antes de ser alguém admitido ao exercício de semelhante profissão. Iniciavam-se os adeptos abstendo-se de carne e peixe um ano inteiro, sobre ser necessário que o aspirante fosse atacado e ferido por um tigre. Era este animal o objeto visível do culto dos moxos, que o consideravam portanto, como imprimindo o seu selo naqueles que por sacerdotes escolhia, sendo porém fácil de arranjar-se o negócio, visto não se poderem exigir testemunhas para semelhante modo de iniciação. Depois de longa prática de chupadores, nome que lhes davam em razão do modo por que procuravam curar, eram elevados a grau mais alto da hierarquia sacerdotal. Para obter esta promoção era necessário passar por outro ano de ainda mais rigorosa abstinência, no fim do qual se injetava nos olhos dos aspirantes o suco de certas ervas pungentes, para purgar-lhes a vista mortal, do que recebiam o nome de *tibarangui*, os que têm a vista clara. Pela volta da lua nova conduziam os sacerdotes o povo ao romper d'alva a algum lugar elevado, onde com altos gritos se abrandavam as potências invisíveis e malignas. Assim se passava todo o dia em jejum, até que ao vir fechando a noite se cortavam os sacerdotes os cabelos, ornando-se de penas vermelhas e amarelas, em sinal de regozijo por se haver efetuado a propiciação. Traziam-se vasos de licor como oferta aos deuses, e principiavam os sacerdotes por beber imoderadamente, entregando o resto ao povo, que a beber, cantar e dançar passava a noite toda, encerrando-se a assembléia com rixas, ferimentos, e não raro com mortes.

Nenhum pano fabricavam estes índios, mas eram doidos por adornos. Pintavam uns de preto metade do rosto, e de vermelho a outra metade. No lábio inferior e no nariz traziam penduricalhos, enfeitan-

do-se ainda com fieiras de dentes, e pedaços de pele dos animais que matavam, mas de todos os mais preciosos adereços era o de dentes de inimigos. Alguns havia que de penas não sem elegância dispostas cobriam braços, joelhos e cabeça. Casamentos ajustavam-se entre os pais, não consultada a inclinação dos contraentes. Costume singular era tocar à mulher a escolha do lugar de residência, e onde ela queria morar, ali fixava o marido os seus penates. Raras vezes se tomava mais que uma mulher, ao que como causa se assina a pobreza, isto é, a escassez de mantimento. Da parte da mulher passava por infamante o adultério, punido às vezes de morte. Se morria a mãe, com ela se enterrava a criança, e quando nasciam gêmeos, a que lhes dera o ser enterrava um, pela persuasão em que estavam todos de não poderem ambos ser alimentados ao mesmo peito. Se os velhos ficavam entrevados, eram mortos pelos filhos, e se deixavam crianças, também o irmão mais velho as matava, dizendo valer-lhe isto mais do que viver sem ninguém que lhes provesse às necessidades. De semelhante povo se não podia esperar que tratasse com humanidade os inimigos, e de fato eram estes não só comidos mas também atormentados, costume que entre nenhuma das tribos tupi ou guarani parece ter prevalecido. Nos funerais poucas cerimônias se observavam; abriam os parentes uma cova, acompanhavam até lá o corpo, dividiam entre si o espólio do finado, e esqueciam-no. Com singular costume porém manifestavam os retoronhos, pechuios e guaraios o seu sentimento pelos mortos: consumido o corpo desenterravam os ossos, e reduziam-nos a pó, de que misturado com milho preparavam um bolo, oferecer ou participar do qual era o maior sinal de amizade. Antes de saberem o que comiam foram alguns dos primeiros missionários regalados com este pão de família. Eram os guaraios raça brava e formidável, que caçavam outras tribos para alimento, acreditando-se que não tinham habitações fixas, de perseguidos que andavam pelos gritos dos espíritos das vítimas que haviam devorado. Os tibois moldavam de forma piramidal os crânios dos seus recém-nascidos.

Lettres Édif. **8, 105.**
Almanaque de Lima.
Hervas, 1, 4, § 68

Tanto como entre as nações civilizadas variam entre as tribos selvagens a índole e os costumes. Dos moxos, com quem haviam constituído antes um só povo, se tinham separado os tapacurés, que nem possuíam a força nem a coragem das

Boato de amazonas no país

outras hordas, fugindo logo mal os acometiam, mas eram uma raça dócil. Perto das serras que correm do oriente para o setentrião ficava o seu país e asseveraram eles a Baraza que para as bandas de leste demorava uma nação de mulheres, que recebendo visitas de homens numa época fixa do ano, matavam todos os filhos varões, criando as raparigas com hábitos guerreiros. Era Baraza homem em cuja veracidade se podia implicitamente confiar, sendo digno de nota ter sido nesta mesma direção que Hernando de Ribera ouvira falar de amazonas. Os canisianos andavam sempre à caça dos vizinhos, que engaiolavam e cevavam para os seus festins. Logrando evadir-se para uma das novas reduções veio um prisioneiro contar que deixara treze companheiros no cevadouro. Abalando-se imediatamente foi Fr. Augustín Zapata oferecer como resgate alguns machados. Com prazer foi aceita a proposta, e maravilhados de haver quem desse instrumentos de tanto valor por um objeto de tão pouco preço, perguntaram os caciques canisianos aos guias se aquele louco queria os cativos para comê-los. Disseram-lhe que Zapata desejava fazer felizes todos os índios, e instruí-los numa lei boa, dada por um Deus bom, cuja vontade era que os homens se amassem uns aos outros como irmãos, fizessem bem a todos e mal a ninguém. Por mais selvagens que fossem aqueles canisianos, linguagem era esta que eles podiam entender e sentir, sendo o efeito tal, que desde logo se ofereceram a seguir o jesuíta. Outra nenhuma tribo contudo parece ter tido tão louco apego à antropofagia, chegando estes índios nas reduções a furtar crianças e até a tirar entre si à sorte quem entregaria alguma, tão diabolicamente os possuía este vício. Afinal foi necessário exigir que toda a mulher que desse à luz o notificasse ao missionário, apresentando-lhe depois de tempos a tempos a criança.

Os canisianos

Hervas, 1, 4, § 75

No correr de cinco anos reuniu Baraza cerca de dois mil destes selvagens, mandando-se-lhe então outros missionários para o coadjuvarem, com os quais ele, entregando o cuidado dos seus conversos, embrenhou-se mais pelo país adentro. Tornara-se ele agora assaz senhor das línguas, acostumara-se aos hábitos dos índios em tudo quanto era lícito, e ganhara-lhes conjuntamente a boa vontade e o respeito com os seus bons ofícios, incansável benevolência, e superior inteligência. Curava-lhes as feridas, administrava remédios aos doentes, ensinava-os a

Explora Baraza através das serras um caminho para o Peru

1696

tecedura, a carpintaria, a lavoura, e tendo ido a S. Cruz a fim de obter gado para uso deles voltou com um rebanho de duzentas cabeças, chegando após uma viagem de vinte e quatro dias não menos perigosa que penosa ainda com número suficiente para em poucos anos povoar o país. O segundo aldeamento por ele fundado com a invocação da Santíssima Trindade, tinha mais de dois mil neófitos, que dirigidos por ele faziam barro e tijolos, fabricando uma igreja, que era a maravilha de todas as tribos circunvizinhas. Tendo ouvido dizer existir um desfiladeiro através das serras, que muito encurtaria o caminho do Peru, donde eram supridas as missões, gastou três anos a explorá-lo, ganhando afinal o cimo dos Andes, donde avistou as terras baixas a estenderem-se até ao mar. Caindo de joelhos, rendeu graças a Deus pela feliz terminação das suas pesquisas, mas apesar de estar já ausente, havia vinte e quatro anos, da terra que a seus pés se desenrolava, e onde lhe viviam amigos mui queridos que almejava tornar a ver, tal era nele a consciência do dever, e a boa vontade de prescindir de todas as gratificações terrestres, que, encarregando alguns companheiros de levarem ao mais próximo colégio a nova da descoberta, voltou ao seu posto. E era de grande importância essa descoberta, podendo uma jornada de quinze dias pelo novo caminho trazer missionários do Peru aos moxos.

Já Baraza se aproximava do fim da sua benemérita carreira. Partira para entre os baures, povo ao oriente dos moxos e a mais adiantada de todas estas numerosas tribos. Tinham em lugares altos assentadas suas aldeias, construídas com alguma regularidade, verdadeiras fortalezas, com estacadas, que as punham ao abrigo de qualquer ataque repentino, com suas seteiras para os flecheiros de dentro, e para maior cautela havia nas avenidas alçapões ocultos. O edifício mais espaçoso e alto lhes servia, como aos manacicas, de templo e casa de banquetes. De canas entrançadas cobertas de algodão e penas eram os escudos à prova de setas. Vestiam-se decentemente as mulheres; nelas se punia de morte o adultério e o crime de provocar o aborto, tão freqüentemente praticado entre outras tribos, mas que se supunha aqui acarretar uma praga mortal sobre a aldeia em que era cometido, crença talvez com desígnio espalhada. Quando chegava algum hóspede a quem se queria fazer honra, estendiam as mulheres diante dele um pano de grande algodão. Tendo alcançado na sociedade esse grau de que a hospi-

Os baures

talidade é uma das características, possuíam os baures esta virtude, mas eram igualmente assinalados por traiçoeiros, passando por terem possuído uma letal ciência de venenos. Beber era um negócio público, cultivando-se num terreno de uso comum as plantas de que se preparavam os licores. Obedeciam estes índios a caciques hereditários, que chamavam *aramas*, havendo um em cada taba. Os caiubabas, porém, tribo em outros costumes parecida com os baures, tinham um chefe supremo, que também era o grão-sacerdote, cabendo-lhe o título de *paititi*. Aqui temos pois o grão-paititi e o grão-moxo, que os primeiros conquistadores supuseram terem herdado os tesouros dos incas, fundando no centro do continente império ainda mais rico do que o derribado por Pizarro. Eram os costumes mais adiantados deste povo na realidade os destroços da civilização peruviana[17]; verdade seja que onde quer que os incas introduziam as suas artes estabeleciam também com acertada política a sua língua, e que desta, apesar de amplo derramada pelas nações de Tucumán, nenhuns vestígios se encontraram entre aquelas tribos, mas fora este país a última conquista do Peru, não tendo havido ainda tempo suficiente para operar tão grande mudança, quando com a entrada dos espanhóis cessaram todas as comunicações com aquela remota província.

1702

Lettres Édif., **8, 112.**
Almanaque de Lima.
Garcilaso, L. 7, c. 13-15

Martírio de Baraza

Em muitas tabas dos baures foi Baraza bem recebido e com aparente complacência escutado. Achando-se porém alojado numa, que antes não visitara, foram os seus companheiros de noite sobressaltados por grande ruído de tambores, e como conhecessem os costumes do povo, logo viram que se lhes tramava o extermínio. Sem perda de um momento instaram com Baraza que fugisse, mal deixava este porém o lugar, quando os bárbaros se precipitaram sobre ele, e impossibilitando-lhe a fuga com um chuveiro de setas, acabaram de matá-lo a golpes de machado, aos sessenta e um anos de idade, e vinte e sete de trabalhos entre os moxos. Assim terminaram os meritórios dias de Cipriano Baraza, sendo digno de reparo não lhe terem jamais os jesuítas ao que parece adulado de milagres a história, como se conhecessem que para exaltar-lhe o caráter e exagerar-lhe o resultado dos seus trabalhos, não eram de mister fábulas. Ao tempo da sua morte rivalizavam as missões dos moxos a todos os respeitos com as

dos guaranis, exceto em população, excedendo-a porém porventura em certas coisas: mais progressivas pelo menos eram decerto. Quinze aldeamentos se achavam formados, de cerca de dois mil moradores cada um, e a vinte ou trinta milhas de distância. Tinha cada família seu lote de terras, que devia cultivar para uso próprio, e também uma porção de gado. Havia terras e manadas públicas para patrimônio da igreja e do hospital, onde se acolhiam todos os inválidos. Destes fundos se custeavam as despesas públicas, e ao fundar-se nova redução todas as demais para ela contribuíam na proporção dos seus meios. Grandes eram as igrejas, bem edificadas, e ricamente ornadas, pois que favoreciam os espanhóis do Peru estas missões, enviando-lhes preciosas ofertas desta natureza, sobre terem os índios feito progressos tais na escultura e pintura, que passavam no país por hábeis artistas. Milho, mandioca, arroz, legumes e outras plantas alimentícias se cultivavam com proveito. Algodão em todos os aldeamentos se dava, cacau em muitos, o melhor de toda a América, segundo dizem, mas tão oleoso, que o chocolate com ele preparado se torna ranço se o conservam muito tempo. Baunilha, copaíba, e canela americana se encontram nas matas, bem como a árvore de que se extrai o óleo de Maria, nome que implica atribuírem-se as maiores virtudes a esta substância. Cera de abelhas, branca e amarela, aparece em abundância, bem como uma espécie de cera parda em casas de formigas; esta porém pouco vale. Desenvolviam os índios evidentemente uma atividade que se não notava nas missões dos guaranis, onde não tendo os homens interesse individual no resultado dos trabalhos faltava-lhes o estímulo mais forte que pode aguilhoar a humanidade ao trabalho. Aqui andavam os melhores trabalhadores bem e até faustosamente vestidos de pano e sedas que obtinham do tráfico com o Peru. Nada faltava à prosperidade destas missões, nada, senão, melhor clima. Mas embora se escolhesse o sítio mais seco e menos insalubre ao fundar-se uma redução, aldeamentos inteiros têm sido exterminados por moléstias endêmicas, e apesar de serem extremamente prolíficas as mulheres ter-se-ia a população civilizada assim lamentavelmente extinguido, se não estivessem os jesuítas a trazer continuamente do deserto novos conversos. Em despeito de tudo prosseguia a obra da despovoação, porquanto vivendo espalhados e errantes só andavam os naturais expostos à perniciosa influência da atmosfera, reuni-

Estado florescente das missões dos moxoxs

dos porém em grandes aldeamentos, também ao contágio ficavam sujeitos. Por outro lado nasciam para o mundo mais crianças, e aboliam-se o infanticídio, as guerras e a antropofagia.

Incerteza dos limites entre espanhóis e portugueses

Bem definidos não estavam ainda os limites entre os territórios português e espanhol, senão do lado do Prata, e ali mesmo com tão estudada ambigüidade da parte de Castela, que não faltava matéria a futuras negociações e futuro derramamento de sangue. Se ao mesmo tempo se tivesse procedido à demarcação dos sertões, qualquer linha imaginária que se traçasse iria assinado à Espanha alguns dos mais ricos terrenos minerais. Mas enquanto partindo de S. Cruz e do Peru estendiam os jesuítas espanhóis os seus estabelecimentos na direção do centro do continente, avançavam os portugueses de São Paulo e Minas Gerais para o mesmo ponto, ocupando o território disputado antes que matéria de discussão se tornassem os limites.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXIV

1 Tão descuidado é Charlevoix freqüentemente, que foi colocar esta vila em Charcas, em vez de Chichas, e em lat. 41º em lugar de 23º. No vale adjacente se encontraram ossos desses grandes quadrúpedes cuja espécie deixou de existir, e, como era de rigor, foram atribuídos a uma raça de gigantes. A fundação da cidade foi talvez facilitada pela oportuna invenção duma miraculosíssima cruz, que, diz o escritor, "se supõe com bons fundamentos ter sido feita por algum dos apóstolos, visto não ter nunca cristão algum penetrado nestas partes". *Almanaque de Lima*.

2 De algumas destas tribos diz Chomé que apenas se cobrem com alguns trapos... mas de que são feitos estes trapos? Talvez fabricassem elas alguma espécie de pano de lã, nem na verdade é fácil de conjecturar a que outro fim aplicariam a lã, por amor da qual criavam vigonhas, não sendo provável que dela fizessem artigo de tráfico com os espanhóis.

3 Destes, um era Sardo, outro natural de Benevento, no reino de Nápoles, outro de Namur; os restantes eram um austríaco, um boêmio, um biscainho e um espanhol da Mancha, tão curiosamente se compunha a Companhia de homens de todas as nações. E que profundo conhecimento da humanidade não tiraram os jesuítas só desta circunstância! Este conhecimento, de todos o mais difícil de adquirir-se, se

lhes tornava tão familiar como uma língua materna, achando-se eles assim quase sem estudo habilitados para missionários e para estadistas.

4 *Y me persuado,* diz Fernández (p. 64), *que el no ballar por entonces algun páctico en los caminos, fué astucia y traza del demonio, que prevía la ruína que havia de causar a sua partida zeloso missionário.* Tão difícil era a um jesuíta escrever sem se servir do maquinismo a que estava acostumado.

5 Falava-se o tao nas missões de S. Rafael, S. Miguel, S. Inácio, St[a]. Ana, S. Juan, Santiago, Santo Corazón, Concepción. Quatorze tribos se serviam dele, os taos, boros, tabiicas, tanhopicas, xuberesas, zamanucas bazorocas, puntagicas, quibiquicas, pequicas, boocas, tubacicas, aruparecas, e piococas.

O pinhoco era falado dos pinhocos, dum ramo dos piococas, dos quimecas, guapacas, quitagicas, pogisocas, motaquicas, zemuquicas, e taumocas. Era este dialeto usado em S. Xavier e S. José, nas missões dos chiquitos e em S. José de Buenavista ou de los Deposorios, entre os moxos.

O monaci falavam-no sete tribos, os manacicas, sibacas, cucicas, quimomecas, tapacuracas, yracarecas, e yiritucas. Antes da expulsão dos jesuítas foram os restos destas hordas agregadas à missão da Concepción, onde as crianças aprenderam o tao, sendo o dialeto paterno só usado pelos adultos, de modo que por força se havia de extinguir com a geração.

Diferindo muito dos outros três o dialeto penoqui, compôs para ele F. Filipe Sánchez, autor da primeira gramática de chiquito, um vocabulário distinto, escrevendo sobre ele alguns tratados especiais. Numerosíssima e mui guerreira era a única tribo que dele se servia, e lhe emprestara o nome, tendo dado não pouco o que fazer, segundo diz Hervas, aos primeiros conquistadores e aos paulistas. Foi reduzida formando a missão de S. José, onde aprendeu o pinhoco.

É duvidoso se a língua seria deste tronco. Fernández o afirma, mas o ex-jesuíta consultado por Hervas, não quis aventurar-se a classificá-la tal. Em algumas destas missões se falava o zamuco, de que havia três dialetos: do zamuco se serviam os zamucos, zahenos, e ugaranhos; do caipotorade, a tribo que lhe dera o nome, os tunachos, imonos e timinabas; e do morotoco os morotocos, tomoenos, cucurares ou pananas, e segundo se supõe também os careras e ororebates, que incorporados em outras tribos deixaram de ter existência separada.

Além destas mais dezesseis línguas se falavam nas missões dos chiquitos, todas radicalmente diferentes do chiquito, tamuco e guarani. Eram o batajé, corabé, cuberé, curomina, ecoboré, otuque, paiconé, paraba, pauná, puizoca, quitema, tupi, tapuri, jarabe e baure. Que babel não ia por aqui! Hervas, t. 4, cap. 2, § 20, 21.

6 A balsa usada no Paraguai é uma canoa dobrada, com uma espécie de câmara erguida sobre a plataforma, que liga os dois troncos. Lozano, que a descreve *(Historia de la Compañia de Jesus en Paraguay*, 3, 24, § 6), diz andar esta câmara muito exposta a ser arrancada, quando o rio vai revolto, ou é forte o vento. Sendo assim ou muito mal é a ligação à plataforma, ou muito desproporcionada é a sua altura, o que pouco provável parece; o que é certo é que de todas as embarcações conhecidas devia esta ser a menos sujeita à semelhante perigo.

7 O cordame de que neste rio se faz uso, é feito da casca do *guenbé*, planta parasita, que dá nos galhos das maiores árvores, quando principiam a caducar, e dali envia as raízes a terra, ou perpendicularmente, ou descendo em aspirais pelo tronco. São da grossura dum dedo e sem contorções estes filamentos, espalmadas as folhas, e os troncos (pois cada planta tem uns poucos) grossos como braços de homem. Dá uma espiga semelhante à do milho, e comidos são os seus grãos de paladar mais doce. Se está seca a casca ao tempo de arrancá-la, cumpre molhá-la; afora isto nenhuma preparação mais é precisa. Jamais apodrecem na água estas cordas, que sofrem bem a tensão, mas estragam-se, se as deixam no seco: não resistem muito à fricção, e também cumpre que sejam mais grossas que as de cânhamo, pois que não são tão fortes. Delas contudo se serviam as fragatas espanholas ao findar a guerra da revolução. Cor de violeta escura emprega-se a casca desta planta em tecidos de fantasia e obras encanastradas. *Azara*, 1, 133.

8 Um amigo, a cujas judiciosas observações muito deve este livro, recorda-me que os libertinos bebedores de *ava* nas ilhas do Mar do Sul se cobrem de igual lepra, lembrando que talvez provenha da mesma causa a moléstia dos manacicas.

Ava ou *Kava* chamam aqueles insulanos o licor, sendo singular que uma beberagem preparada pelo mesmo imundo processo tenha igual nome no Chile e no Brasil (*kawan* ou *kawi*); e entre os manacicas produz ela idêntica enfermidade. Creio que embora a preparação fosse a mesma, eram diversas as raízes. Será a doença produzida então pela saliva, pelas secreções de um corpo humano, introduzidas no sistema de outro? A transfusão de sangue são, a transplantação de um dente também são, produzindo fatais conseqüências. Contudo não são estes casos perfeitamente análogos, sobre ter tido previamente lugar na *kawa* a fermentação.

9 É curioso ver com que cuidado Charlevoix separou desta relação as falsidades, e só essas que eram impudentes demais para o século e para o país em que escrevia. Nada diz dos vôos do mapono; nada da comoção que produziam os tinimaacas ao descerem ao templo e ao tornarem a erguer-se; nada, senão o que pode explicar-se por mera decepção da parte dos sacerdotes; contudo é claro não ter ele tido à vista outro documento além da *Relación Historial del P. Juan Patricio Fernández*, em que todas estas coisas se contam. Porém prevalecendo no mundo católico a crença de serem os deuses do paganismo espíritos das trevas, melhorou Charlevoix a observação de imitarem eles os mistérios da fé, e diz que Quipoci era chamada Virgem Mãe por estes selvagens, asserção para que no seu original não existe autoridade. T. 2, 275-278.

10 A única coisa que ele não destruiu foi um instrumento astronômico de bronze, com o sol e a lua e os signos do zodíaco nele gravados, presente, diz o estúpido escritor que refere o fato, feito pelo Diabo muitos séculos antes.

11 Numa das suas expedições acompanhou-o a flor da aldeia donde ele saía. Pelo caminho arrebentou-lhe uma febre, de que adoeceram muitos dos novos discípulos, e como sucedesse escapar ao contágio a parte ainda não convertida da comitiva atribuíram isto os gentios ao poder superior dos seus deuses, insultando com semelhante fundamento os neófitos. Moveu isto o jesuíta, que se pôs a orar. Na tar-

de do dia da festa dos anjos-da-guarda, conta ele (pois a narrativa é na primeira pessoa), que apareceu um destes anjos a um dos doentes, dizendo que a moléstia fora mandada em vez da morte que, aliás, receberiam das mãos dos infiéis, ordenando-lhe a ele e aos seus irmãos que tivessem fé em Deus, e asseverando que todos se restabeleceriam. Fr. Cavallero, que parece ter tido por esta ocasião menos fé do que dos seus leitores exige, e que era de péssimo físico, deu aos enfermos um remédio, cuja força ignorava, e que agravou o mal, até que os doentes, não podendo mais tolerar o calor ardente da febre, pediram aos seus camaradas que os levassem ao rio mais próximo, e mergulhando nele, saíram curados. (Fernández, 285). O fato físico pode ser verdadeiro, apesar do caráter suspeito da história.

12 Foi este cozimento um dos melhores substitutos que na Europa se acharam ao café durante o bloqueio continental de Bonaparte. As tribos que dele faziam uso eram os paunapás, manapés, e carbabas, *pueblos sobre manera selvagens, de poco ánimo y cobardes.* Tinham a mesma superstição dos manacicas, mas diferiam deles em linguagem e costumes. Sendo curioso o fato relativo a tal beberagem, transcreverei a passagem original. Quando Caballero ali chegou prometeram aqueles índios seguir-lhe a religião, *con tal que solo les permitise la chicha, bebida ordinaria suya, porque el água les causaba dolores agudos de estómago. És esta gente muy dada al trabajo, porque no tienen otro Dios à quien mas estimen, que sus campos y sembrados, y tienen en poco al demonio, y solo le estiman en cuanto se persuade les está bien a sus intereses. No usan ir a cazar a los bosques, ni ir a coger miel, y solamente se apartan de sus cacas aquel espacio de tierra que les puede durar un frasco de aquel su vino, que es su única provisión, y matolage en los caminos. No tuvo el Padre Lucas mucha dificultad en permitirles el uso de aquella bebida, porque no causaba en ellos embriaguez, único motivo para desterrarla de las otras Reducciones. Tuestan el maiz hasta que se carbon, y despues bico pisado o molido, le ponen a cocer en unas grandes calderas o paylas de barro, y aquella agua negra y sucia que sacan, es toda la composicion de la chicha, de que ellos gustan tanto, que gastan buena parte del dia en brindes.* P. Juan Patricio Fernández. *Relación Historial de las Missiones de los Chiquitos,* PP. 2, 97-8.

13 Com estas circunstâncias se imprimiu a história em Madri no ano de 1726. O modo por que Charlevoix, trinta anos mais tarde, a adaptou ao meridiano de Paris, merece ser conhecido. *Il les surprit pendant une nuit faissant les obsèques d'une femme avec leurs cérémonies ordinaires. Il leur en fit une sévère réprimande; et le ciel, par un exemple de terreur sur le Mapono, qui y présidoit, et qui disparut dans l'instant, sans qu'on ait jamais pu découvrir ce qu'il etoit devenu, acheva de leur inspirer une véritable horreur pour leurs superstitíons.* T. 2, p. 318.

14 Foi D. Juan Adrian Fernández Cornejo o primeiro que em 1790 desceu o rio Bermejo até ao Paraguai. Embarcando na confluência daquele com o Ceuta, chegou a este em quarenta e quatro dias, tendo descido 382 léguas de corrente, sem encontrar a menor dificuldade.

15 Assim os chamavam os espanhóis, quer por terem compreendido mal o verdadeiro nome, que, segundo Gracilaso (1. 7, c. 13), era musu, quer, segundo uma tradição mui acreditada, por ter a primeira pessoa a quem se perguntou pelo nome da nação, entendendo que lhe perguntavam o que tinha, respondido *muba*, que significa

comichão. Dão-se pois por ofendidos os moxos, quando os chamam por este nome. Hervas, 1, 4, § 66.

16 São estas os moxos, baures, mobimas, erirumas, tapacuras, itonamas, huaraios, canicianas, bolepas, hereceboconos, rotoronhos, pechuios, coriciaras, meques, mures, sapis, cairbabas, canacures, ocoronos, chumanos, maiacamas, tibois, nairas, norris, pacabaras, pacanabos, cuizaras, e cabiras. O *Almanaque de Lima*, donde é extraído este catálogo bárbaro, diz que tinham os missionários de aprender pelo menos oito línguas, mas Hervas, cuja autoridade deve ser preferida, eleva-as a treze. Assim as classifica este autor: "A moxa e a baure, dialetos afins, a ticomeri vem da mesma raiz, mas é tão diferente, que o mesmo nome implica em moxo outra língua. Apaicoué, inteiramente diversa. A chuchucupucona, comobocona, moubocona e mosotié são dialetos do moxo. A mopeciana e iabiciei são distintas. A majiena, de outra nenhuma tribo é entendida. A mobina, caiubaba, itonama, a sapibocouna. Em cada uma destas línguas possuía Hervas vocabulários e orações sem poder descobrir afinidades em nenhuma. Os idiomas cheriba e chumana são afins, assim como o são igualmente os recotona, oroctona, e herisobocona, curioso fato, por ser a tribo que falava o último destes dialetos gente branca, com cabelos vermelhos ou castanhos, devendo portanto presumir-se raça diversa, O muré, o canisiana. Hervas, 1, 4, § 66-73.

17 Diz o *Almanaque de Lima* que estes índios mataram o missionário jesuíta da redução de S. Simão, com atirarem-lhe para dentro do quarto o que quer que fosse que exalava um vapor mortal.

. . . .

Capítulo XXXV

TUMULTOS NO PARAGUAI – USURPAÇÃO DE ANTEQUERA – FUNDAÇÃO DE MONTEVIDÉU – REBELIÃO DOS *COMUNEROS* – SUPLÍCIO DE ANTEQUERA – OS JESUÍTAS EXPULSOS DA ASSUNÇÃO – ASSASSINATO DO GOVERNADOR – SUPRESSÃO DA REBELIÃO E RESTABELECIMENTO DOS JESUÍTAS

FUNDANDO AS SUAS reduções entre moxos e chiquitos nenhuma oposição da parte dos espanhóis encontraram os jesuítas. Estavam estes estabelecimentos situados de modo que não podiam contrariar o vil interesse dos *encomenderos* ou traficantes de qualquer espécie. Tanto no Peru como em S. Cruz parecem tais aldeamentos ter sido bem-vistos não só dos governadores mas também do povo, que com eles fazia um comércio a ambas as partes. No Paraguai porém estalou com redobrada violência o inveterado ódio contra os jesuítas, abrandado desde as questões de Cárdenas, havia já meio século. Fora D. Diego de los Reis, morador da Assunção, nomeado governador com alguma surpresa do povo e muito desprazer daqueles que até então o haviam considerado seu inferior em posição. Formaram-se cabalas contra ele, até que afinal foi criminalmente acusado perante a Audiência Real de Charcas por um partido poderoso.

Vai Antequera como juiz a Assunção

1721

Nomeou o tribunal dentre si mesmo um juiz, que fosse tomar conhecimento do caso na própria localidade, sem refletir porém que, tendo D. Joseph de Antequera e Castro, pessoa escolhida para esta comissão, recebido já do vice-rei do Peru uma patente para suceder a D. Diego, mal expirassem os cinco anos do governo deste, era de todos os homens o mais interessado na causa de que ia ser juiz. Chegou ele quando andava D. Diego visitando as reduções do Paraná e deixando-se facilmente persuadir pelos descontentes a chamar a si a administração, prendeu-o, mal o apanhou de volta, mandando deitar um bando que quem não reconhecesse Antequera por governador, seria tratado por traidor ao rei e à pátria. Tinha D. Diego amigos entre os homens encarregados de guardá-lo, e uma noite evadiu-se com o auxílio deles disfarçado em escravo; achou cavalos prontos, e fugindo para a redução mais próxima, ali embarcou para Buenos Aires, tencionando passar à Espanha a recorrer ao soberano. Nesta cidade soube porém ter o arcebispo de Lima, então vice-rei, desaprovado altamente o procedimento da Audiência, em nomear juiz quem tão interessado era na decisão da causa, e anulando quanto se fizera, avocado o conhecimento do negócio, e ordenado a Antequera que deixasse o Paraguai. Pouco depois recebeu D. Diego despachos de Lima, que o reintegravam no governo, e não podendo suspeitar que à autoridade do vice-rei se opusesse a menor resistência, pôs-se a caminho de volta para Assunção. Mas tão pouco escrupuloso em manter como em arrogar-se o poder, mandou Antequera sair Ramón de las Llanas, um de seus mais violentos partidários, com duzentos homens a prender D. Diego pelo caminho. A vinte e cinco léguas da sua capital se achava o governador, quando exatamente a tempo de tornar a refugiar-se nas reduções do Paraná, teve notícia de achar-se perto esta coluna. Seu filho D. Agustín, que ia adiante, foi preso e, apesar de eclesiástico, tratado com muita indignidade e conduzido à cidade debaixo de prisão. Reunindo o Conselho, expôs-lhe Antequera como só para bem da província havia aceitado o governo, cumprindo-lhe porém agora obedecer às ordens do vice-rei; não o faria porém sem assentimento do povo, por não abandoná-lo ao ressenti-

Arroga-se o governo

1702

Charlevoix, 3, 3-16

O governador legítimo compelido a fugir

mento de um homem, de quem bem sabia o que havia que esperar. Requereram-lhe os do Conselho que continuasse no cargo, enquanto de novo se representava ao vice-rei. Os únicos dois membros que tiveram coragem para exprimir opinião diversa, foram no dia seguinte suspensos dos seus ofícios, sendo postas a ferros algumas pessoas, que recusaram assinar as novas acusações formuladas contra D. Diego.

Charlevoix, 3. 17-20

Ameaça Antequera as reduções

Levantou-se o boato de que vinha D. Diego das reduções a restabelecer-se à frente de uma força de guaranis. Sabia Antequera que, declarando-se contra os jesuítas, atrairia a si grande parcialidade, e, acreditando ou fingindo acreditar a notícia, marchou com a tropa até perto do Tebiquari, de onde enviou cartas às reduções, proferindo as maiores ameaças contra os índios, se faziam o menor movimento a favor do governador deposto. Imediatamente lhe escreveu o jesuíta, superior das reduções entre aquele rio e o Paraná, pedindo que não passasse além, para não obrigar os índios a defenderem-se contra a licença a que se entregava o exército. Vinha a carta concebida em termos de prudente respeito, mas Antequera, respondendo com cólera, mandou vir à sua presença os magistrados destas reduções. Chegaram eles acompanhados de dois jesuítas, que asseveraram nenhum movimento se faria sem ordem expressa do rei ou dos tribunais superiores. Extorquida a mesma promessa dos magistrados guaranis, tão aterrados com as ameaças como estupefatos de verem pesar sobre si alguma responsabilidade, voltou Antequera a Assunção. Aqui até entre tão licencioso povo atraiu reparo a devassidão da sua vida privada, nem atrás da ambição lhe ficava a rapacidade. Sempre entre os que têm quinhão nos despojos acharam apoio estes dois últimos vícios, e tendo amigos poderosos na audiência de Charcas, pouco custou a Antequera fazer boa a sua causa perante um tribunal em não pequeno grau cúmplice da sua usurpação. Ou por não querer reconhecer o seu primeiro erro, ou iludido pelos novos atestados vindos da Assunção, expediu a Audiência novas ordens, proibindo a quem quer que fosse sob pena da multa de dez mil escudos fazer a mínima alteração no governo do Paraguai até que por intermédio dela desse o vice-rei a conhecer a sua resolução. Nenhuma intenção tinha este tribunal de disputar a autoridade do vice-rei, e exprimindo-se assim, fazia-o inadvertidamente, su-

1723

pondo que em razão da parte por ele tomada tomariam os despachos naturalmente este canal, e escreveu ao arcebispo que achando-se cumprida a comissão de Antequera, seria prudente mandá-lo retirar. Respondeu o vice-rei que já ordenara esta retirada, não porque se achasse cumprida uma comissão, que nunca devera ter sido confiada àquele homem, mas pelo procedimento deste e tumultos que excitara. Já a Audiência sabia, acrescentava de, que investigadas em Lima as acusações feitas por Antequera contra os jesuítas, haviam sido declaradas caluniosas, e agora soubesse mais que devia D. Diego ser reintegrado no seu governo, restauração que a ela cumpria facilitar por todos os meios ao seu alcance.

Apressara-se Antequera a interceptar os despachos da Audiência de Charcas ao pé da letra a seu favor. Mas ao chegarem ordens ulteriores, vendo que dali não podia mais esperar apoio, declarou que na posse do governo se manteria em despeito de todas e quaisquer ordens emanadas de Lima. Tem-se suposto, não sem bons fundamentos, que pensava de fazer-se rei do Paraguai. Homens daquela têmpera nada aproveitavam com a experiência alheia, e sabendo quão frouxamente prendiam os laços da fidelidade um povo tão distante da corte e de todos os tribunais superiores, num país de fácil defesa não só pela sua extensão, mas também por todas as outras circunstâncias, podia ele não de todo desarrazoadamente lisonjear-se com a esperança de sair-se bem. As ordens do vice-rei eram que retirando-se imediatamente do Paraguai, se apresentasse ele perante a Audiência de Lima, trazendo cópias dos seus editos, que ficavam todos anulados. D. Diego, e os que por aderirem a ele haviam sido privados dos seus cargos, eram reintegrados nos seus ofícios; ficando porém este governador inibido de proceder contra as pessoas que tivessem contribuído para a sua deposição, reservado o conhecimento desta matéria aos tribunais de justiça ordinários. Os bens confiscados por Antequera deviam ser restituídos. D. Baltasar Garcia Lopes, tenente d'el-rei no Prata, e antigo governador do Paraguai, recebeu ordem de ver que tudo isto assim se cumprisse. Como algum perigo podia haver nesta diligência, nomearam-se logo sucessivamente três pessoas para empreenderem à falta dele, impondo-se uma multa de quatro mil cruzados a qualquer dos quatro que sem motivo justificado enjeitasse a comissão. Das instruções

Desobedece Antequera ao vice-rei

que recebera, mandou D. Diego cópia a seu filho D. Agustín, que depois de ter sido preso residia na Assunção, encarregando-o de notificá-las a Antequera, de modo que de público não pudesse negar-se o fato. Aproveitando o ensejo de uma espécie de torneio, que no dia de Santo Inácio de Loiola tinha lugar na praça diante do colégio, e a que assistia Antequera, apresentou-se D. Agustín acompanhado de outros dois padres, e erguendo os despachos ao ar, requereu que se convocasse uma reunião do Cabido, em que pudessem ser lidos. Antequera porém tomou os papéis, e sem tentar sequer refrear a sua cólera ou disfarçar o desprezo em que tinha a autoridade do vice-rei, mandou recolher os três padres presos à sacristia da sé. Examinando os papéis achou que uma das pessoas nomeadas para executar as ordens à falta de Garcia Ros, era D. Francisco de Arce então na Assunção, e apoderando-se deste oficial, mandou passeá-lo pelas ruas da cidade montado num cavalo magro sem sela, e em seguida recolhê-lo à cadeia e seqüestrar-lhe os bens. Depois sabendo achar-se D. Diego em Corrientes mandou o seu fiel partidista Ramón de las Llanas a prendê-lo. Embarcou este em dois batéis bem guarnecidos de tropa, e chegando à noite, obteve ingresso na câmara de D. Diego, pretextando trazer despachos. Seguiam-no a favor da escuridão trinta homens dos seus, que apoderando-se de D. Diego e de todos os seus papéis, meteram-no a bordo com o roupão de noite tal qual o acharam, e levaram-no para a Assunção, onde carregado de ferros foi lançado numa enxovia. Suspeitou o usurpador, como agora com propriedade pode ser chamado, terem os jesuítas aconselhado a notificação dos despachos no dia da sua festa, e com isto lhe recrudesceu a animosidade contra eles. Tornaram-se a tirar à luz os libelos de Cárdenas e do seu procurador Vilalón, o mentideiro franciscano, e em nome do Cabido se dirigiu a el-rei um memorial, recapitulando calúnias, tantas vezes confundidas, e pedindo que se tirasse à Companhia a administração das reduções, convertendo-se sete dentre estas em *encomiendas*, e reservando-se os índios das outras para uso do povo da Assunção, que deles estava mui necessitado.

Volta Garcia Ros a Bueno Aires

Chegado a Corrientes anunciou Garcia Ros dali a sua vinda numa carta dirigida ao Cabido e a todos os oficiais, inclusive Antequera. Reuniu-se um conselho de partidários deste, que em mãos deles estavam todos os ofícios civis e eclesiásticos, e

numa cena de antemão concertada depôs o usurpador o bastão de governador, e foi instado porque de novo o empunhasse enquanto o vice-rei não nomeava o sucessor que ia ser proposto. Enviou-se um capitão à testa de cem homens a intimar esta resolução a Garcia Ros, ordenando-lhe que sem demora saísse da província, caso nela já houvesse entrado, ou se deixasse ficar por sua conta e risco. Não havendo nada a replicar contra uma ordem corroborada com a presença de tantos celerados armados, retirou-se Garcia para Buenos Aires, passando primeiro pelas reduções do Paraná, onde propôs que, para evitar que os rebeldes as ocupassem, se reforçassem as mais expostas com destacamentos tirados das mais remotas. Mas o provincial Fr. Luís de Rocca em nenhuma medida desta natureza quis consentir, dizendo que ao menor movimento militar naqueles estabelecimentos executaria Antequera a sua ameaça de expulsar da Assunção os jesuítas, e entregar os guaranis aos guaicurus, se tomavam armas contra ele.

Charlevoix, 3, 20, 43

Vieram sucessos, que levaram a conseqüências importantes, interromper por algum tempo o curso desta nascente revolta. Apesar das concessões feitas na paz de Utrecht, não podia a Espanha sofrer competidor no Prata. Depressa se descartou da feitoria de escravos garantida aos ingleses. Durante a guerra com a Inglaterra, provocada pelos ambiciosos projetos de Alberoni, foram apreendidas as pessoas e as propriedades dos mercadores ingleses naquele rio, em despeito do *assiento*, que no caso de hostilidades expressamente lhes concedia dezoito meses para remoção do que fosse seu. Mais que uma viagem não tinha feito ainda o navio anual, e assim terminou pela ruína dos que nele se envolveram, este vergonhoso conchavo com que Harley e Bolingbrok embaíram a nação. Nem foram mais lealmente cumpridas a Portugal as condições relativas à Nova Colônia. Restituiu-se, verdade seja, a praça, mas não quis a Espanha admitir como decidida a questão a respeito do território, e a tomar posse dela o mestre-de-campo Manuel Gomes Barbosa, recusaram os espanhóis retirar um corpo de tropa, que tinham postado no rio S. Juan para manter o país. Antes do que dar motivo a romper-se a paz, aceitou o capitão português a cessão tal qual lha faziam, lavrando porém um protesto formal, para que não ficassem prejudi-

Questões sobre o território de colônia

1718

Coxe's Memoirs of Sir R. Walpole, Ch. 19

5 de nov. 1716

Protesto do governador da Colônia Ms.

cados os direitos do seu governo. Quando à corte da Espanha se apresentou a queixa, reclamando-se restituição plena; pretendeu ela não pertencer à Colônia território algum além de tiro de peça das suas muralhas. Foi o ponto debatido pelos embaixadores portugueses em Madri ano após ano contra um governo caracteristicamente pertinaz, e impenetrável a todo o argumento que lhe contrariasse as inveteradas idéias. Eram pois remetidos já para o Conselho das Índias, já para o de Castela, observando nos seus despachos um dele, homem de ânimo forte e veia satírica, que mais fácil fora persuadir aqueles tribunais e aquele povo a abolir a Inquisição, do que ceder na América um só palmo de terra a qualquer nação européia, e menos que todas à portuguesa.

Instrução a José da Cunha Brochado, 27 de maio, 1723. Ms

Brochado. Cartas e negociações na sua última missão. Ms.

Sempre estivera Portugal persuadido de que se estendia até ao Prata o seu quinhão na América, nem na verdade podia haver coisa mais evidente do que, se tinha ele direito a estabelecer-se na Colônia, deve ser igualmente válida a sua pretensão a todo o território entre aquele ponto e o mar, fosse qual fosse a raia que pelo sertão se traçasse. Com razão pois concluiu o governo português, oito anos depois de assinado o tratado, que em casos tais nenhum direito equivalente ao da posse, e resolveu ocupar uma posição que lhe assegurasse o país contestado. Fez-se agora melhor escolha do que ao fundar-se a Colônia. Um outeiro de uns cento e cinqüenta pés de altura abriga em grande parte dos ventos do oeste o melhor porto da margem do norte do Prata; é o terreno mais elevado daquelas paragens, e bem conhecido se tornou desde esta época o seu nome, tendo sido dado à cidade de Montevidéu então fundada. De forma oval é comodíssimo o ancoradouro. Dois riachos de boa água ali têm suas fozes. Lodoso o fundo é tão brando que embora a sonda não dê mais de três braças e meia, podem sem risco entrar com a maré cheia navios de maior calado e acamar na lama quando ela vaza. Cobrindo a ponta duma península, e edificada em terreno declive, oferece a cidade algum abrigo do lado de leste, ficando o surgidouro dentro da ponta oriental da boca do porto, em águas perfeitamente tranqüilas.

Resolvem os portugueses ocupar a margem do norte do Prata

Voyage to the Plate, **Ms**

Fez o governador do Rio de Janeiro, Aires de Saldanha de Albuquerque, sair uma expedição às ordens do mestre-de-campo Manuel Freitas da Fonseca a tomar posse deste porto, fundando ali uma colônia. Fora atilada a medida, se bem a houvessem secundado, mas nunca se viu um objeto importante mais francamente empreendido nem com tão insuficientes meios. Pareceu mesmo os portugueses ter até certo ponto contado para o bom êxito com a probabilidade de se estabelecerem antes de saberem da sua chegada os espanhóis; mal porém entraram no porto acharam uma lancha de Buenos Aires a traficar com os índios. Desembarcou Manuel Freitas com o engenheiro Pedro Gomes Chaves e os seus oficiais a escolher local para o projetado estabelecimento, e por amor da água decidiram-se a favor dum sítio na ponta oriental do porto, apesar de lhe ficar a cavaleiro terreno mais elevado. Esta desvantagem pensavam remediá-la com as obras que erguessem, mas era balofo o solo, e faxinas nem as tinham nem modos de havê-las, dunas descobertas todo o país à roda e as primeiras matas sobre o rio S. Lúcia, a vinte milhas de distância. Com algumas pranchas, que por acaso vinham a bordo dum barco destinado à Colônia, tiveram pois de amparar o parapeito. Com receio de perigo imediato foram estas obras levantadas à pressa, pois que manifestavam disposições pouco amigáveis os índios, com quem comunicara a lancha espanhola. Um aviso da Colônia recomendou vigilância, e ao quinto dia apareceram duzentos homens de tropas espanholas. Acamparam estas perto do sítio da projetada cidade, postando sentinelas nos lugares mesmo onde até então tinham tido as suas os portugueses, e passados alguns dias perguntou o comandante por carta a razão de se fortificarem estes em território do rei da Espanha.

Principiam os portugueses a fortificar Montevidéu

27 de nov.

Requerimento de Manuel Freitas da Fonseca. Ms.

Tão pronto como decisivo nas suas medidas fora D. Bruno Mauricio de Zavala, então governador de Buenos Aires. Fizera sair imediatamente as tropas que tinha à mão, mas sem descansar demasiadamente na fraqueza dos portugueses, parecendo-lhe quiçá incrível que houvesse o governador do Rio de Janeiro cometido uma empresa destas, se não tencionasse apoiá-la com forças adequadas, e como supusesse que por este tempo já Garcia Ros teria restabelecido na Assunção a autoridade real, mandou pedir auxílio ao Paraguai. Re-

Vêem-se obrigados a retirar

cebeu Antequera o despacho, obedecendo pressuroso, por ter nele um ensejo de descartar-se das tropas, em que se não fiava, e na obediência uma prova, que alegar a todo o tempo a favor da sua lealdade. Também os jesuítas foram convidados a contribuir com o seu contingente e de toda a parte chegavam aos espanhóis homens, provisões e apetrechos bélicos, enquanto os portugueses acabrunhados pela consciência da própria fraqueza, sem esperança prosseguiam com obras em que ainda quando fosse possível concluí-las, nenhum abrigo teriam. Maus eram os seus instrumentos, insuficientes seus meios. Miseravelmente tinha sido aprestada a expedição; e quando no primeiro dia de ano bom arvoraram os portugueses as quinas com uma salva real, derrocou o abalo da própria artilharia parte do parapeito, e antes que se reparasse o estrago tinha uma trovoada derribado o resto. Bem podia o pobre comandante lamentar a hora em que tal empresa o haviam encarregado. Nem reforços nem instruções podia esperar do Rio de Janeiro, atenta a distância e a Colônia tampouco podia socorrê-lo que tendo-lhe o governador desta praça enviado quarenta cavalos, viu-se obrigado a pedir-lhe devolvesse dez, aliás não poderia montar a própria guarda. Se Fonseca tivesse podido ao menos pôr as suas obras em estado de defesa antes da chegada dos espanhóis, tê-las-ia talvez sustentado sem escrúpulo, mas estes o haviam impedido com a celeridade dos seus movimentos, e ele agora, vendo com os próprios olhos levarem-lhe o gado que para a sua gente comprara, tão cônscio estava da sua fraqueza, que nem sequer ousou fazer uma demonstração de resistência, sendo já sua única esperança não incorrer na dupla pecha de não lograr a empresa e acarretar hostilidades com a Espanha. Nesta triste situação foi-lhe algum alívio avisarem-no da Colônia que se preparavam os espanhóis para bloqueá-lo por mar e por terra, e recuar-se o capitão, do navio de guerra que o escoltara, a expor o seu barco na vã tentativa de defender o porto. Não lhe restando agora outra alternativa, reembarcou sua gente no intento de seguir para a Colônia, mas o capitão, sem lhe atender aos desejos ou intenções, mal o apanhou a bordo fez-se de vela para o Rio de Janeiro, onde ele e todos os seus oficiais foram presos por causa dum malogro em que só o governador tivera culpa.

1724

Requerimento de Manuel Freitas da Fonseca. Ms. Peramas *Agullli Vita*. **§ 19 e 20**

Fatal foi esta tentativa às justas pretensões dos portugueses. Viu Zavala a importância da posição por estes escolhida, resolvendo

logo não deixar perder a ocupação que ganhara. Despedindo pois metade dos guaranis, reteve dois mil com dois jesuítas para dirigi-los, empregando-os em levantar fortificações e lançar os fundamento duma vila, enquanto os portugueses se limitavam ao humilhante papel de fazer inúteis reclamações perante a corte de Madri. Negociava-se por este tempo um duplo consórcio entre a casa de Bragança e os Bourbons espanhóis, mas sem que isto produzisse a mínima alteração na inflexível política da Espanha. Apresentava o embaixador português memorial após memorial, requerendo que os espanhóis evacuassem Montevidéu, mas bem via ele que o único proveito que tiraria era evitar que no futuro alegassem os castelhanos haver a corte de Portugal tacitamente renunciado às suas pretensões, argumento de que com gosto se teriam servido, se para isso lhes dessem fundamento. Entretanto prosseguia-se calorosamente nas obras, enviavam-se colonos das Canárias,[1] e dentro de mui poucos anos tornava-se Montevidéu a mais florescente das povoações espanholas nestas províncias, com a única exceção de Buenos Aires.

Fundação definitiva de Montevidéu pelos espanhóis

Brochado. Cartas e negociações Ms.

Peramas *Agullii Vita,* **§ 21 e 22**

Neste meio tempo chegava a Buenos Aires, a caminho da Assunção, D. Joseph Palos nomeado coadjutor para aquela diocese, ficando o bispo detido na Espanha por enfermidades que o impossibilitavam de ir tomar posse da sua sé. Veio achar Garcia Ros preparando-se para sair de novo ao desempenho da sua comissão armado dos poderes necessários para empregar a força, caso não bastasse a autoridade. Bem queria este oficial persuadir o coadjutor a acompanhá-lo. Palos porém, que era homem de tanta prudência quanto bondade, vendo o muito que lhe importava não excitar prejuízos que pudessem dificultar-lhe o bem que esperava fazer, não foi com ele senão até as cachoeiras do Uruguai. De Los Reis escreveu o comandante espanhol ao superior das reduções, requerendo-lhe pusesse dentro de seis semanas prontos no Tebiquari dois mil guaranis municiados e providos para dois meses; ordenou ao oficial que comandava em Corrientes que se tivesse prestes à primeira voz com duzentos espanhóis, e também convocou a milícia de Vila Rica e Espírito Santo. Destes lugares porém apenas lhe vieram cinqüenta homens, por andar uma moléstia contagiosa assolando aquelas regiões. Achou os guaranis

Marcha Ros sobre a Assunção

pontuais no sítio e tempo aprazados, e de outro lado Ramón de las Llanas com duzentos homens das tropas de Antequera, sem fazer a menor tentativa de oposição à passagem. Retirando porém um pouco intimou este caudilho em nome da Audiência Real de Charcas a Garcia Ros que saísse do Paraguai, e mandou à Assunção pedir novas instruções.

Imediatamente disparou Antequera um tiro de peça como sinal de reunião para os seus partidistas. Não correu o povo às armas por ele com o açodamento esperado, pelo que mandou o usurpador espalhar o boato de haver recebido uma carta, em que Garcia Ros ameaçava, caso encontrasse a menor resistência, queimar a cidade, passar os homens à espada e entregar as mulheres aos guaranis das reduções. Vingou a vilania, acreditando sempre quem está possuído do espírito de sedição, todas as calúnias, por mais absurdas que sejam, contra aqueles a quem deve obediência. Marcou-se dia para marchar contra Garcia Ros, e apareceu um edito em nome de toda a magistratura ordenando aos jesuítas que evacuassem a cidade dentro de três horas. Não faltou quem aconselhasse a demolição do colégio e da igreja se fizessem eles a menor observação. Não lhes valeu alegarem a sua inocência, os seus direitos comuns e privilégios peculiares. A intimação foi apoiada com um corpo de gente armada estendido em linha na praça defronte do colégio.Tomou então o vigário-geral do bispado o cibório de sobre o altar para depositá-lo na catedral, seguido dos jesuítas em procissão, dois a dois, com tochas nas mãos. Nenhum desacato se cometeu, não tendo a irreligião especulativa penetrado ainda então na América do Sul; mal porém voltaram os padres, foram novamente intimados que saíssem do colégio, se não preferissem ficar sepultados debaixo das suas ruínas. Tomou pois cada um o seu crucifixo e breviário, e abandonando tudo o mais aos inimigos, partiram todos a ver como chegavam às reduções. Se foram tratados menos brutalmente do que na primeira expulsão, deveram-no não a qualquer melhoramento nos sentimentos e costumes do povo, mas à diferença de gênio entre Cárdenas e Antequera.

Prepara-se Antequera para a resistência

Expulsão dos jesuítas

No mesmo dia saiu Antequera a pôr-se à testa das suas forças, ordenando a todos os espanhóis capazes de pegar em armas que fossem reunir-se a ele sob pena de castigo corporal e seqüestro de bens. Em semelhante país fácil era deso-

Marcha Antequera contra Ros

bedecer a tal ordem, contudo achou ele meios de reunir uma das maiores forças que se haviam coligido naquelas partes, composta duns três mil homens de todas as gradações de cor. Deixou recomendado que se porventura chegassem novas da sua derrota fosse D. Diego publicamente estrangulado sobre um cadafalso; ficou desta comissão encarregado o algazir-maior D. Juan de Mena, que de tão pronto que estava para executá-la nem queria que Antequera deferisse aquele ato, mas foi vencido o seu conselho e refreada a sua feroz disposição por D. Sebastian Rodríguez de Arellano, que na cidade ficou comandando. Mal chegou ao exército prometeu Antequera numa fala recompensá-lo com os despojos todos do campo inimigo, e do colégio e das reduções, e distribuir os índios mansos pelos oficiais e famílias principais da Assunção. Ao avistarem-se as duas parcialidades principiou Garcia Ros a suspeitar dos guaranis, em quem consistia a sua maior força, mas por outro lado, vendo logo por alguns tiros poucos que se dispararam quão mal servida vinha a artilharia do inimigo, ganhou confiança, desacautelando-se mais do que a consciência da própria inferioridade teria aliás permitido. Esperando que o sentimento do dever operasse a seu favor entre os espanhóis, desejava ele evitar a ação, a Antequera pela sua parte tão pouco queria provocá-la contando com achar ensejo de atacar os guaranis de surpresa e assegurar-se uma vitória tão fácil quão completa, pois que não lhe escapava deverem os índios debaixo da disciplina moral dos jesuítas olhar-se mais como crianças crescidas do que como homens. Efetivamente começaram estes depressa, com ele previra, a abandonar os seus postos pelo prazer de se banharem, e não vendo fazer movimento algum hostil, depressa aprenderam a considerar o exército oposto mais como objeto de curiosidade do que de vigilância. Cada dia mais se aproximaram alguns para contemplá-lo de perto, até que afinal por artes de Antequera se deixarem induzir a entrar no acampamento, sendo levados à presença do general. Tratou-os este mui afável, e asseverando-lhes ser tão bom servo d'el-rei seu amo, como qualquer desses que o estavam guerreando, em prova do que ia no dia 25 celebrar com grandes regozijos o natalício de Sua

Morticínio de guaranis

Majestade e os aconselhava a eles que fizessem outro tanto. E com isto lhes descreveu as cerimônias que a sua gente observaria, para que pudessem eles imitá-las ou excedê-las. Que os jesuítas não vigiassem mais de perto os seus soldados, é na verdade pasmoso; que Garcia Ros desprezasse as mais vulgares precauções do dever militar, também tal poderia parecer, se não conhecêssemos a inveterada indisciplina dum exército espanhol. No dia marcado, que era de São Luís rei de França, não pensaram os guaranis senão na festa, e excitando neles particular curiosidade o que se passaria no arraial de Antequera, aproximaram-se para satisfazê-la. Deixou-os ele apartarem-se tanto das suas próprias linhas, que não pudessem mais ser socorridos, e depois avançou para eles vagarosamente à frente da sua cavalaria. Julgaram os guaranis que seria isto parte da parada, até que com o maior pasmo viram como os espanhóis esporeando os cavalos os acometiam espada em punho. Tampouco estava Garcia Ros preparado para dar-lhes auxílio, que nem para salvar seus próprios papéis teve tempo, fugindo a toda a pressa só com o seu capelão para a redução de S. Inácio, e daqui para Corrientes, donde embarcou para Buenos Aires. Um dos oficiais do exército de Antequera doeu-se dos míseros guaranis, e pôs termo à matança, mas à primeira investida foram trucidados uns trezentos e nos dias seguintes ainda outros muitos pelos mais ferozes e brutais dentre os inimigos. O maior empenho dos espanhóis era fazer prisioneiros, repartindo-os entre si como escravos. Nesta ação tão vergonhosa para uma parte pela sua negligência como para a outra pela sua traição, foi mortalmente ferido o mestre-de-campo dos legalistas, e apanhados os dois jesuítas que dirigiam os índios.

Charlevoix 3, 30-45

Avança Antequera para as reduções

Em nome da província se apresentou agora a Antequera uma requisição para que, avançando sobre as reduções, pusesse os guaranis ao serviço do público e dos particulares que merecessem recompensa. Tendo sido tirada das quatro reduções mais próximas a força que ele dispersara, eram estas o primeiro alvo da sua vingança. Mal, porém, se lhe soube da vinda, todos os moradores fugiram para

as selvas, e chegando a Nossa Senhora de la Fé, o mais próximo destes aldeamentos, não encontrou ele viva alma ali exceto Fr. Felix de Vila Garcia, que o veio receber à entrada. Triste decepção foi esta para Antequera, que, sendo alguns dos seus oficiais e entre eles o mestre-de-campo, avessos à empresa, desejava muito ter podido satisfazer os seus mais violentos partidários, em grande parte tornados tais pela esperança de obter um quinhão de escravos. Fazendo, porém, boa cara ao que não podia remediar, tratou com respeito o missionário, por intermédio de quem ainda induziu umas cem famílias a voltar, protestando não ter a menor intenção de molestá-las, e querer somente que elas o reconhecessem por governador. A fim de exercer esta autoridade nomeou para os cargos da redução alguns dos que voltaram. Daqui passou para S. Rosa, onde, como na outra, achou uma aldeia deserta e o jesuíta Fr. Francisco de Robles para recebê-lo. Vendo inteiramente frustrado o seu primeiro intento pensou Antequera agora em gratificar de outro modo os seus parciais, e dirigiu-se ao missionário exigindo-lhe pagassem as reduções todas as despesas duma guerra em que haviam tido a temeridade de envolver-se. Nunca a um jesuíta faltava resposta pronta. Tornou-lhe Robles que não se oporia a semelhante requisição, mas que era indispensável que um juiz nomeado por el-rei os condenasse a esta multa, sendo além disto óbvio nada se poder pagar enquanto andasse o povo errante pelas florestas. Com esta resposta não contava Antequera, e exatamente por este tempo vieram dizer-lhe achar-se a poucas léguas de S. Rosa, ardendo por vingar os seus irmãos, um corpo de cinco mil guaranis, reunidos como reforço para Garcia Ros antes da retirada deste. Nenhuma vontade tendo de encontrar-se com uma força tão superior à sua, e agora de humor tal que não seria fácil iludi-la, deu ele imediatamente ordem de voltar a Assunção. Vendo assim malogradas todas as suas esperanças de despojos foi a gente dele cometendo assolações pelo caminho, arrasando as poucas habitações dispersas pelo país dos guaranis, e matando os cavalos e o gado, cujos donos não tinham tido tempo de os pôr em segurança. Na cidade foi Antequera recebido como um príncipe vitorioso que regressa ao seio do seu povo amado. Pelas ruas lhe erigiram arcos triunfais e um soldado do seu séquito arrastava no pó o real estan-

Chega o coadjuntor a Assunção

darte. Celebrou-se um ofício solene dos poucos que caíram do lado dele, sendo encarceradas as mulheres e famílias dos que haviam seguido as partes de Garcia Ros.

Bem fizera o coadjutor em não ter querido acompanhar a expedição militar. Foi seguindo viagem com pequeno séquito, e ao chegar a Assunção saiu Antequera a recebê-lo, fazendo-se-lhe as honras devidas à sua hierarquia. Aqui não tardou ele a descobrir no exercício das suas funções espirituais acharem-se descontentes com a sua situação alguns dos homens mais influentes, desejando restabelecer a autoridade legítima. Grandemente concorreu a sua presença para restaurar alguma aparência de subordinação, nem lhe faltaram traças para dar a conhecer à Audiência de Charcas e à corte o verdadeiro estado das coisas. Entretanto chegou ao Peru novo vice-rei, uma de cujas primeiras medidas foi ordenar a Zavala que, marchando sobre a Assunção com forças suficientes, reduzisse os rebeldes, remetesse Antequera preso para Lima, e nomeasse um governador conveniente. Aos jesuítas se ordenou também que lhe fornecessem os índios de que ele carecesse. Enquanto se apercebia para esta expedição mandou Zavala avisar o coadjutor e Antequera das ordens que recebera, acrescentando achar-se autorizado para perdoar a todos que voluntariamente voltassem aos seus deveres. Muitas pessoas recorreram ao coadjutor protestando quererem aproveitar-se deste perdão, qualquer partido que Antequera tomasse. Quisera ele preparar-se para a resistência, mas achou os seus planos contrariados pelas silenciosas medidas do coadjutor, e recorrendo então à dissimulação escreveu a Zavala declarando-se pronto a submeter-se. Não obstante tentou todos os meios de recobrar o ascendente inflamando o povo, sobressaltando-o umas vezes com boatos de virem aí os jesuítas com uma força de charruas bravos, e outras com o mais provável receio de que jamais perdoaria Zavala o encarceramento de D. Diego numa cidade da sua jurisdição. Tanto efeito produziram estes manejos que o Cabido apresentou ao coadjutor um memorial, requerendo a sua intervenção para persuadir o governador a não entrar no Paraguai com força armada. Quem o apresentou foi Ramón de las Llanas, e talvez Antequera desejasse que este rebelde desesperado induzisse o Cabido a algum ato de violência contra o coadjutor. Desconfiando da intenção, evitou o prelado o perigo, pro-

1725

Fuga de Antequera

metendo aconselhar a Zavala que viesse só com a sua guarda. Ramón foi enviado às povoações mais próximas para confirmá-las na sua duvidosa fidelidade a Antequera, mas o coadjutor o precedera por meio de emissários eclesiásticos, e vendo ser chegado o momento de obrar decisivamente, reunido o Cabido, e promulgou sentença de excomunhão contra quem se opusesse à recepção do governador d'el-rei. Não se tinham ultimamente barateado excomunhões como nos tempos de Cárdenas; surtiu esta, pois, o seu efeito, e com o seu mestre-de-campo Montiel e Juan de Mena fugiu Antequera rio abaixo. Avançou Zavala sem oposição, e até o mesmo Ramón de las Llanas, que nenhum meio de excitar resistência deixara não tentado, julgou dever ir-lhe ao encontro por ocasião da entrada. De Santa Fé trouxera Zavala consigo D. Martin da Barua, que julgava bom para governador até que el-rei nomeasse outro, e tendo-o investido neste cargo, e posto D. Diego em liberdade, voltou a Buenos Aires, julgando perfeitamente restabelecida a tranqüilidade à vista da aparência de submissão. O procedimento conciliador que ele seguira por conselhos do coadjutor não pouco contribuiu para esta aparência; porquanto fora D. Diego avisado que não saísse de casa nem recebesse visitas, até que o seu estado de saúde lhe permitisse embarcar para Buenos Aires, suspendendo-se o pagamento de uma multa imposta pelo vice-rei aos que lhe tinham desobedecido às ordens, até se poder saber do resultado da intercessão do coadjutor perante o trono.

Barua, governador interino

Inépcia de Barua

Depressa se viu, porém, quão pouco havia que confiar na submissão deste povo turbulento. Pouco curava ele de Antequera: por fim sempre eram os espanhóis uma raça ciumenta, e as maneiras licenciosas deste homem, que já tinham granjeado alguns inimigos pessoais, bastariam por si sós para fazê-lo descer na opinião pública, ainda mesmo quando não fosse já passada a sua aura de popularidade. Mas ao receber-se um decreto da Audiência restabelecendo no seu colégio os jesuítas, votou a maioria do Cabido que se transmitisse àquele tribunal uma representação conta ele. Era Barua avesso aos jesuítas, e alguns dos seus memoriais contra eles se encontram entre os inumeráveis libelos desta natureza, que apresentados à corte de Espanha foram triunfalmente refutados; assim nenhum esforço fez para levar a efeito as

Apologia da Companhia. Ms. § 10

1726

bem conhecidas intenções do vice-rei e do tribunal. Ainda maior calor veio dar a este partido hostil a nomeação de D. Bartolomé de Aldunate para governador. Principiavam por esta época os jesuítas nas cortes católicas a decair dessa privança, que por tanto tempo haviam desfrutado, e a sua nomeação devera-a Aldunate a um projeto, que apresentara para estabelecer nas reduções corregedores espanhóis, declarar aberto o comércio destes estabelecimentos, e cobrar as mesmas taxas que pagavam os índios do Peru. Adotou-se a parte do plano que prometia imediato aumento de receita, mas antes que a ordem chegasse a Buenos Aires já Aldunate, por alguma prevaricação cometida naquela cidade, fora suspenso de todos os seus cargos. Assim continuou Barua com o governo até que se lhe desse outro sucessor, posta de parte a projetada capitação em conseqüência de sucessos que demonstraram a utilidade do sistema existente. Veio ordem de reintegrar os jesuítas e como meio de cortar mais disputas puseram-se as reduções do Paraná debaixo da jurisdição de Buenos Aires em lugar da do Paraguai. Após muitas delongas deram finalmente uma entrada pública os religiosos expulsos; com eles veio o provincial, nem a reintegração pudera ser acompanhada de maiores cerimônias, se todas as demonstrações de alegria tivessem sido sinceras. Tão solenemente como havia sido tirado, foi o sacramento levado outra vez da catedral para o colégio pelo coadjutor em pessoa, ajudando agora a fazer-lhes honra esses mesmos soldados que tinham sido os instrumentos da expulsão dos padres.

1728

Charlevoix, 3, 45, 83

Fugindo da Assunção, desembarcara Antequera acima de Santa Fé, de onde por terra se passou a Córdova, aparecendo aqui por algum tempo em público e enviando para diferentes partes vários escritos contra os jesuítas. Daí a pouco julgou prudente asilar-se no convento dos franciscanos, mas constando-lhe terem chegado de Lima ordens para apreendê-lo morto ou vivo, evadiu-se de noite disfarçado, dirigindo-se a Chuquisaca, onde contava com a proteção da Audiência. Ali, porém, foi posto a ferros e remetido para Lima com o seu partidista Mena, que o não largara. Tão caprichosa é a administração da justiça debaixo de um governo espanhol, que cinco anos ficou ele detido ali, sem sofrer outra

Antequera remetido preso para Lima

contrariedade mais do que a de dormir na cadeia, pois que durante o dia lhe davam por menagem a cidade toda e seus arrabaldes.

Em todo este tempo não se descuidou de fazer numerosos amigos; fáceis se inclinam os homens a pensar bem dos que parecem oprimidos, e as ordens rivais de boa mente acreditavam quanto era em desabono dos jesuítas que elas odiavam. Também achou meios de manter uma correspondência com o Paraguai, acoroçoando ali os seus parciais, já seguros da proteção de Barua. Com isto se tornaram tão audazes, que ao chegar de Lima um juiz com alçada para proceder contra os chefes da última rebelião, e seqüestrar os bens dos culpados, tentaram Ramón e Montiel, que tinham obtido licença de voltar, suscitar novo levantamento. Falhou o plano: Montiel escondeu-se e Ramón foi preso. Mal, porém, partira o juiz, desempenhada a sua missão, tornaram ambos a aparecer em público com ciência e manifestamente não sem a aprovação de Barua.

Apenas soube de que modo estava Barua procedendo, viu o vice-rei a necessidade de tirar dali sem demora semelhante governador, e mandou-o render por D. Iñigo Soroeta. Estava na Assunção ao chegar esta notícia um tal Fernando Mompo, fugido das cadeias de Lima. Era um desses homens que quase sempre se encontram entre os primeiros fautores de revoluções populares; que, destituídos de valor pessoal, tornam-se audazes, quando se sentem apoiados pelas turbas; que alardeiam virtudes cívicas, não possuindo nenhuma das privadas; e aos quais nunca faltam palavras, pois que são eles demais ignorantes para conhecerem a sua ignorância, curando tampouco da lógica como da verdade. Homens como estes desejam naturalmente promover uma ordem de coisas, em que a autoridade seja conferida pela gentalha, e loquacidade e impudência são as qualificações para tudo bastantes. Principiou este sujeito a pregar ao povo que a sua autoridade era superior à do rei, e a aconselhá-lo que não reconhecesse Soroeta, pretendendo que o que se fizesse em nome do corpo coletivo nunca como crime poderia a alguém ser imputado. Inevitavelmente tendem para o republicanismo as colônias remotas; as doutrinas deste faccioso acharam fáceis ouvidos, e designando pelo afrontoso nome de *contrabandos* os poucos que eram de sentir contrário, davam os *comuneros* triunfantes a lei, proclamando não quererem para si

Facção dos comuneros

outro governador senão Barua. Dois fins se propunham a este: desejava manter-se no poder o mais tempo que pudesse, especialmente ansioso, contudo, por evitar todo o ato manifesto que no futuro lhe valesse o merecido castigo. Ao chegarem, pois, cartas de Soroeta, dizendo ter ele chegado a Santa Fé, caminho da Assunção, propôs ele que se mandasse uma deputação a cumprimentá-lo, mas ao mesmo tempo excitavam Mompo, Ramón e Montiel à insurreição o povo no país circunvizinho, enquanto dois oficiais da facção levantavam tropas. Nesta conjuntura voltou da sua visitação o coadjutor, e percebendo o estado das coisas, mal chegado à cidade, logo depois da missa falou ao governador, dizendo-lhe na presença do Cabido e de todo o clero que uma conspiração se tramava, e que se acautelasse ele das medidas especiosas que para favorecê-las se haviam tomado. Recebeu Barua com má cara o aviso, respondendo friamente que de tal nada sabia, e chegando até a afiançar a lealdade de Mompo e dos dois oficiais. Dois dias não eram passados ainda quando estes últimos avançaram sobre a cidade à testa de uma força armada, dizendo em resposta a uma mensagem de Barua, proibindo-lhes a entrada, que tinham coisas que representar da parte dos comuns ao governador e ao cabido. Entraram, pois, e espalhando pasquins contra o vice-rei, coadjutor e os jesuítas, declararam que não admitiriam Soroeta, nem por governador queriam outro que não Barua.

Calculando sempre como desculpar-se perante a corte, quando chegasse a restabelecer-se a subordinação, aterrou-se Barua com estes atos, e resignou o cargo. Só podia isto servir para tornar o mal mais grave, e homens moderados rogaram que conservasse o mando até que ao seu sucessor pudesse entregá-lo. Duas vezes à frente de todo o clero superior lhe apresentou o coadjutor ser este o seu óbvio dever, e os mais exaltados e violentos, desejando ter ainda do seu lado alguma sombra de legalidade, exclamavam que cumpria compeli-lo a reassumir o bastão que depusera. Afinal prometeu ele anuir, contanto que o coadjutor conseguisse dos comuns o compromisso de não oporem resistência a Soroeta, e eles assim o prometeram, empenhando o coadjutor a sua palavra de que o novo governador ninguém perseguiria pelo que até então se tinha feito. Convencionado isto, foram todos ouvir missa. De-

Resigna Barua com medo o ofício

via esta cerimônia ser como o selo do acordo, mas durante ela lograram alguns agitadores inflamar mais que nunca o povo, que abalou da igreja gritando a uma que jamais Soroeta seria seu governador. Persistiu Barua à vista disto na sua resignação com não disfarçado medo, e tomando então nas próprias mãos a autoridade, começaram os comuns a exercê-la, com autoridade assim obtida e em tais mãos sói ser exercida. Apearam todos os magistrados existentes, elegeram novos, meteram na cadeia quem lhes não agradava, clamaram que deviam os jesuítas ser peremptória e finalmente expulsos, e saquearam amigo e inimigo. Aterrados com estes excessos retiraram-se para as suas terras os chefes mais cordatos da parcialidade, para que não parecessem sancionar com a sua presença o que evitar não podiam. Deu-se a Barua uma guarda para segurança da sua pessoa, e postou-se outra na casa da câmara, onde estavam retidos presos novos magistrados por não quererem anuir à expulsão dos jesuítas.

Chega Soroeta a Assunção e é obrigado a retirar-se

1731

Entretanto chegara Soroeta ao Tebiquari, onde recebeu avisos de Barua, informando-o da atitude dos comuns, e do coadjutor aconselhando-o que não passasse diante sem salvo-conduto. Foi-lhe este enviado pelos magistrados, e mal ele atravessou o rio encontrou um troço de oitenta e tantos soldados, que diziam vir escoltá-lo. Por pouco que semelhante escolta lhe agradasse viu ele logo que o que se não queria era que ele retrocedesse. E a escolta a engrossar cada vez mais ao passo que se avizinhava da capital, até elevar-se já a umas mil pessoas. Mas, homem de coragem e prudência, portou-se Soroeta de modo que nem revelasse o menor indício de receio, nem atraísse sobre si qualquer ofensa pessoal. Não tendo Barua querido deixar o paço do governo, foi Soroeta conduzido a um alojamento particular, pondo-se-lhe uma guarda que não deixasse ninguém conferenciar com ele em particular. No dia seguinte apresentou ele a sua patente na casa da câmara, e os magistrados, recebendo-o, prometeram obediência, mas os demagogos reuniram imediatamente os *comuneros* em insurreição e em nome destes foi Soroeta intimado para deixar sem demora a província. A tais ordens não se desobedecia tão impunemente como às do rei. Antes de partir soube ele como ficava concertado aclamar Barua governador por ocasião da próxima festa de S.

Charlevoix, 3, 80, 96

Brás, um dos padroeiros da Assunção, e despedindo-se deste pobre intrigante, disse-lhe Soroeta: "Adeus, senhor; mal eu tiver dado as costas, reassumireis o bastão." Não era de amigo a insinuação, mas produziu seu efeito, deixando-se Barua intimidar de cometer um ato que podia acarretar-lhe a pena de alta traição. Retirou-se Soroeta por terra como viera; se tivesse descido o rio como o aconselhavam pessoas que se afetavam zelosas da sua segurança, diz-se que estavam tomadas medidas para o fazer perecer às mãos dos paiaguás.

Protege Barreiro os jesuítas

É notável ter-se permitido aos jesuítas continuarem a residir no seu colégio. Tinham eles bons amigos nos empregos públicos, e talvez que o povo se esquecesse um pouco deles quando os tumultos tomaram o caráter de uma luta entre os comuns e a coroa. Tinha o coadjutor declarado que, se algum mal se lhes fizesse, poria a cidade sob interdito, mas quando viu os *comuneros* resolvidos a expulsá-los, apesar desta declaração, teve por melhor retirar-se da Assunção do que expor a menoscabo a autoridade da Igreja. Nisto se houve com prudência que era de muito e geralmente estimado, não se tendo criado inimigos pessoais, apesar de nunca recuar ante o cumprimento do seu dever, e pode muito bem ser que os *comuneros* se abstivessem de violências, esperança que esta moderação o induzisse a voltar. Tinham também os jesuítas um protetor em D. Joseph Luís Barreiro, que a facção dominante fizera um dos alcaides, elegendo-o agora, que confiou o governo a uma junta, para presidente desta. Audaz e sutil era Barreiro leal no coração. O melhor serviço que poderia prestar pareceu-lhe que seria o de livrar de Mompo a província, e atraindo-o ao Tepiquari, ali o prendeu em nome d'el-rei, remetendo-o debaixo de prisão para Buenos Aires, de onde da mesma forma o mandaram para Lima. Logrou este demagogo, porém, evadir-se pelo caminho, e refugiando-se no Brasil, ninguém mais ouviu falar nele. Depois deste ato de vigor ainda Barreiro manteve por alguns meses a sua autoridade, mas quando quis fazer julgar outros criminosos, condenando-os à morte, declarou-se contra ele o comandante da tropa, e após uma vã tentativa de resistir à força por meio da força viu-se obrigado a deixar a cidade, logrando, vencidos grandes perigos, acolher-se às redu-

Charlevoix, 3, 96-102. P. Jerônimo Herran. Lett. Édif. 9. 164

ções. Ainda desta vez os *comuneros* não expulsaram os jesuítas, posto que procurassem induzi-los à retirada à força de insultos e contínuos vexames. Não ficaram, porém, os padres muito tempo sem protetor, pois que voltando o coadjutor outra vez à cidade, de novo pôde a sua presença refrear o vulgacho.

Condenação e suplício de Antequera

Mal esperara o vice-rei ver tão abertamente menosprezada na Assunção a sua autoridade, e sabendo ao voltar Soroeta continuarem Antequera e Mena a influir por intermédio dos seus parciais naquela desgraçada cidade, meteu-os em estreito cárcere, avivando contra eles o processo por tanto tempo demorado, que já os presos nada receavam do resultado. Foram julgados réus de sedição, rebelião e alta traição e condenados à morte. Saiu Antequera da cadeia, montando um cavalo coberto de panos negros, e adiante um pregoeiro a proclamar os seus crimes. Dois cadafalsos se ergueram na praça pública, um mais alto que o outro, devendo Antequera ser decapitado naquele e Mena estrangulado neste. Mostrou-se Antequera excessivamente penitente, mal teve certeza da sua morte, mas nem todos foram tão prontos como ele em reconhecer a justiça da sentença. Tinham os jesuítas muitos inimigos em Lima e ele soubera fazer muitos amigos sobre parecer pelo menos capricho, senão injustiça terem-lhe deixado tanto tempo por decidir o processo, condenando-o depois à morte, passados muitos anos, em que mal o haviam sujeitado às formas da prisão, por um crime cuja natureza, extensão e magnitude tinham sido conhecidas desde o princípio. Encheram-se, pois, as ruas de tumultuária multidão; ergueram-se altos brados de indignação, e um franciscano subiu ao cadafalso, pondo-se dali a gritar com todas as forças dos seus pulmões: "Perdão!", grito que até os menos amotinados dentre a gentalha repetiam, revelando-se já uma intenção deliberada de arrancar o padecente das mãos da justiça. Mas contra este perigo precavera-se o vice-rei; mandou vir do porto um destacamento, e, ao crescer o tumulto, apareceu ele mesmo a cavalo na praça da execução. Só de irritar o povo serviu a sua presença; atiraram-lhe pedras, e vendo de então a necessidade de uma resolução pronta, mandou fazer fogo sobre Antequera, que estava ainda a cavalo, e caiu logo, expirando nos braços dos religiosos que o cercavam. Dois franciscanos, que ativamente

andavam açulando a insurreição, foram derribados a tiro, e intimidadas com isto as turbas, nem uma voz se ouviu ao decapitar-se o corpo de Antequera, e mostrar-se a cabeça ao povo. Trouxeram então Mena da cadeia, e como nenhures se pudesse achar o algoz que devia estrangulá-lo, mandou o vice-rei decapitar para cortar demoras.

Apesar de nunca ter mostrado grande afeto a Antequera enquanto vivo, ficou o povo de Assunção com esta execução sobressaltado e exasperado. A filha do supliciado, que então trazia luto por seu finado marido Ramón de las Llanas, mostrou-se em público com as suas galas mais ricas, dizendo não lhe assentar bem mostrar o menor sinal de sentimento por um pai, que tão gloriosamente padecera pelo serviço da sua pátria. Antequera e Mena foram publicamente elogiados como mártires da liberdade. Na casa da câmara houve grande reunião, em que se resolveu mandar os jesuítas imediatamente pelo rio abaixo matar todos os que tivessem abandonado as partes dos *comuneros*, pôr uma guarda ao coadjutor, para impedi-lo de sair de casa ou mostrar-se ao povo, e proibir sob pena de morte que publicasse alguém a excomunhão ou interdito com que se ameaçara a cidade. Incontinênti se executou a primeira destas resoluções; arrombado e saqueado o colégio, foram os jesuítas postos fora e obrigados a embarcar sem se lhes dar tempo de pôr em segurança o sacramento ou tomar os breviários. Acompanhara-os ao exílio, se o deixassem, o coadjutor ou bispo, como o deveriam chamar agora, que ele sucedera na Sé; de boa mente, diz ele, teria sacudido o pó das suas sandálias às portas da cidade, e deixando-a amaldiçoada para sempre, partindo de uma província pior que Gomorra, para mais não voltar a ela. Mas apesar de se ver preso, achou o bispo meios de publicar a excomunhão: não realizaram os rebeldes a sua ameaça, mas tapavam os ouvidos, supondo não ficarem em consciência, ligados por censuras, que não ouviam, e ao mandar ele tocar os sinos, para anunciar o interdito, rodeou o povo a torre, não deixando ninguém se aproximar. Com esta casuística não se deram por satisfeitas as tropas, e ao noticiar-se a aproximação dos guaicurus em grande força, declararam elas que deixariam arrasar a cidade sem erguerem um braço, se não se re-

Expulsão dos jesuítas da Assunção

Carta do bispo transcrita por Charlevoix

Pièces justif. **CLXI. P. Herran.** *Lettres Édif.,* **9. 171. Charlevoix, 3, 110, 115**

Intriga do Bispo de Buenos Aires com os comuneros

tirava a excomunhão e o interdito. Anuiu o bispo sob condição que os implicados jurariam na presença do sacramento não tornarem a violar a imunidades da Igreja. Fizeram-se estas mútuas concessões: retiraram-se os guaicurus ao verem os preparativos para acometê-los, e ficou a cidade em estado de anarquia. Já Barua não funcionava como governador, e os homens, que imprudentes haviam aceitado cargos de autoridade debaixo do domínio dos *comuneros*, desenganaram-se de que inconstante como o vento, também não é o favor popular mais reduzível à razão ou ordem.

1732

Entretanto tomava Zavala medidas defensivas, enquanto não podia obrar mais decididamente. Ordenou aos guaranis que defendessem o Tebiquari, não viessem os insurgentes atacar as reduções, e ao comandante de Corrientes que os reforçasse com algumas tropas espanholas. Mas já o povo aqui se bandeara com os *comuneros*, e apoderando-se do comandante, o remetera para a Assunção com ferros aos pés e nas mãos; agora, recebendo socorros daquela cidade, procurou apossar-se de uma posição importante na retaguarda dos guaranis, mas prevenida a intenção, malogrou-se o propósito. Ardente na sua nova causa se mostrou o povo de Corrientes, enviando deputados a Buenos Aires, a solicitar que fosse reconhecida e aprovada pelo rei, como sendo para serviço de Sua Majestade, a forma de governo que eles e os seus aliados haviam estabelecido. É na verdade, que qualquer que fosse o pensamento dos chefes, sempre considerava o povo, no meio mesmo dos seus maiores excessos, a rebelião como um crime, procurando afastar de si a idéia de que era rebelde. Conhecendo este sentimento e confiando nele, procurou o bispo aplanar o caminho para a recepção do novo governador, mal soube achar-se um nomeado, e como o mestre-de-campo Montiel e outras pessoas de influência se mostrassem dispostas a cooperar com ele, principiaram os *comuneros* a recear o baque do seu poder. Estavam eles contudo por este tempo a ponto de apresentar em cena a seu favor uma personagem de alta importância, que não figurara ainda nestes negócios. Era Fr. Juan de Arregui, bispo eleito de Buenos Aires, que vinha à Assunção para ser sagrado pelo bispo desta diocese. Era Arregui um franciscano, e decididamente inclinado a favor dos insurgentes, em razão talvez do invejoso ódio que a sua ordem nutria con-

tra os jesuítas. À sua chegada propôs ele a Palos troca de sés, dizendo dever este arranjo inquestionavelmente agradar ao bispo do Paraguai agora que as circunstâncias o tinham tornado malvisto da maior parte do seu rebanho. Foi esta impudente proposta feita na assembléia dos *comuneros*, que em altos brados testemunharam a sua aprovação, tomando toda a facção a senha, e clamando que Arregui seria o seu bispo, mas com a sua costumada firmeza desconcertou Palos o projeto, declarando que jamais consentiria em semelhante medida, e que se Arregui à vista disto não serenava o tumulto, que com tão injustificável plano suscitara, não só o não sagraria, mas excomungaria todos quantos para provocar a desordem tinham concorrido, e lançaria um interdito na cidade.

27 de jul. 1732

Apesar de lhe falhar este projeto, deixou-se Arregui ficar na Assunção acoroçoando abertamente os *comuneros* em vez de voltar à sua diocese; contudo algum serviço prestou ele quando, dividindo-se em bandos, estiveram os populares a ponto de pegar em armas uns contra os outros. Unida à do bispo logrou a sua influência evitar o derramamento do sangue. Assim estavam as coisas quando ao Tebiquari chegou o novo governador, D. Manuel Agustín de Ruiloba, que ali encontrou uma deputação do Cabido, o presidente e chefes dos *comuneros* e o bispo de Buenos Aires, tendo o da Assunção ficado na cidade para que se não dissesse que aproveitava a primeira oportunidade de prevenir o governador, e insuflar-lhe as medidas que provavelmente se tomariam. Deixou-se Ruiloba iludir pelas honras que lhe faziam, e pela prontidão com que lhe reconheceram a autoridade. Escutaram-no em silêncio, e ao que lhe pareceu com respeito, quando disse que, sendo revolucionário o nome de *comuneros*, não devia mais ser empregado, nem tampouco se manifestou a menor oposição ao privar ele de seus postos alguns dos principais oficiais militares. Não se atreveu porém a falar na reintegração dos jesuítas, e o provincial, a quem ele por carta consultou sobre este ponto, concordou com que em que não estavam ainda para tal medida assaz maduras as coisas, nada se perdendo com a demora. Entendeu Ruiloba que esta condescendência com os sentimentos populares lhe ganharia a boa vontade de todos, mas os *comuneros* só disfarçavam o profundo ressentimento, e os oficiais de-

Ruiloba nomeado governador

mitidos levantaram tropas contra ele em guerra aberta. Avançou Ruiloba para dar batalha. Ao avistarem-se os dois exércitos, saiu à frente um dos insurgentes convidando em voz alta todos os que reconheciam os *comuneros* a passarem-se para debaixo das bandeiras deles. Ao convite obedeceu toda a gente de Ruiloba, exceto alguns oficiais superiores. Avançou então toda a força reunida, e ele vendo-a aproximar-se, bradou, tirando o chapéu: "Viva el-rei!" mas a resposta foi: "Morra o governador!" Um tal Ramón de Saavedra logo lhe fez fogo, mas errou o tiro; então um troço de cavaleiros tão cobardes como cruéis com as caronhas das davinas o derribaram do cavalo. Vendo-o por terra, abriu-lhe Gabriel de Delgado a cabeça com o sabre, e muitas espadas lhe penetraram no corpo conjuntamente. O filho, frade mercenário, que presente se achava, lhe deu a absolvição ao expirar. Um dos regedores foi igualmente assassinado, e a outros salvou-os da mesma sorte o bispo de Buenos Aires. Despojado de tudo o cadáver do governador, a custo conseguiram os menos desumanos do bando, que se lhe desse sepultura cristã.

Subjugação dos insurgentes

1733

Nomearam agora os rebeldes seu governador o bispo de Buenos Aires, e trocada a designação de *comuneros* pela da junta geral, foi eleito presidente desta com o título de defensor D. Juan Ortiz de Vergara. Neste foi de fato investida toda a autoridade; nem o ambicioso bispo tardou a ver-se inerme e miserável joguete nas mãos dos facciosos, compelido a promulgar editos contra os legitimistas, e subscrever e sancionar atos, a que, aborrecendo-os, não tinha coragem de opor-se. Arrependido agora da parte que tomara, e escutando afinal o seu leal conselheiro o bispo da Assunção, achou meios de retirar-se, alegando a necessidade de voltar à sua diocese, ainda que não fosse senão para depositar em mãos seguras os memoriais que dirigia à corte, em justificação do povo do Paraguai. À sua chegada em Buenos Aires viu-se citado para, pelo seu procedimento, responder tanto perante a Audiência Real em Lima como perante o Conselho das Índias na Espanha. Alegou como escusa de qualquer das duas viagens os seus muitos anos, que eram já oitenta e dois, e provavelmente lhe teria sido recebida a exceção, se não viesse em breve a morte pô-lo fora do alcance dos tribunais terrestres. Entretanto, mal soube-

ra da última insurreição e suas atrozes circunstâncias, preparara-se Zavala para reprimi-la eficazmente. Apesar de nomeado já governador do Chile, e presidente da Audiência Real naquela cidade, considerava ele este negócio por demais importante para ficar pendente, mormente agora que se receava uma guerra com Portugal, caso em que ao sucessor não faltaria que fazer em Nova Colônia. Não podendo porém por esta mesma razão enfraquecer em Buenos Aires a força militar, apenas levou consigo uma escolta de quarenta infantes e cinco cavalos, fiado nas reduções e nas tropas que pelo caminho reuniria. Em Corrientes, onde saltou em terra, submeteram-se os moradores com pouca dificuldade apesar de tão culpados, por confiarem na conhecida brandura do caráter de Zavala. Já então principiavam a sentir-se na Assunção as naturais conseqüências de uma revolução popular: riqueza, nascimento e distinção, de qualquer natureza que fosse, eram olhados com ódio e inveja pelos destituídos de todos estes dotes, servindo apenas para assinalar aos insultos e aos perigos os seus possuidores. Enviou contudo a junta duzentos dos seus partidários a levantar a província, e despregando o estandarte real contra o governador do rei, foram os facciosos postar-se em Tabati. Bastou porém um destacamento da força de Zavala, comandado por D. Martín de Echauri para fazer retirar o exército, que perseguido de perto por aquele oficial, perdeu a força, que lhe cobria a retaguarda, com a artilharia e munições, deixando prisioneiros muitos dos seus comandantes. Dos membros da junta só seis escaparam; oferecendo-se um prêmio pela captura deles, ainda se apanharam mais quatro. Os outros dois fugiram para o Brasil, onde se esconderam. Dos presos três foram condenados à forca, mas como não aparecesse carrasco que executasse a sentença, espingardearam-nos. Um dos assassinos de Ruiloba, e o homem que na mesma ocasião matara o regedor, foram condenados a ser enforcados e depois rodados, mas à vista da contrição que mostraram, comutou-se a sentença em outra menos ignominiosa, sendo também arcabuzados. Outro dos assassinos foi preso na Assunção e ali enforcado, sendo publicamente açoitados alguns dos mais criminosos. Nenhuma resistência mais se opôs à volta dos jesuítas, que deram a sua entrada com as honras duma procissão, que lhes saiu ao

1734

Charlevoix, 3, 115-149

encontro, e dum *Te Deum* pela sua chegada. Com prudência declarou o reitor não exigir dos que não fossem assaz ricos para fazê-la, a restituição dos objetos roubados à Companhia, e quanto aos que tivessem meios, deixar isto unicamente à sua consciência, pois que nenhuma devassa se tiraria.

Nomeando D. Martín de Echauri governador, e deixando a província em perfeita tranqüilidade, partiu Zavala para o Chile, mas encontrou primeiro a morte, falecendo em Santa Fé, mui chorado dos espanhóis, como bem merecia.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXV

1 A Colônia do Sacramento, situada na região do Prata, tinha importância das mais acentuadas para as coroas de Portugal e da Espanha. Daí a luta constante travada pela sua posse. Em 1683, os espanhóis tiveram que restituí-la aos portugueses, mas, em 1704, tendo as duas nações ibéricas declarado-se em guerra, novamente, os espanhóis investiram contra ela, tendo o general Veiga Cabral resistido até que foi socorrido pelos navios que chegaram do Rio de Janeiro, tendo, podido, então, retirar-se com todos os seus comandados. Pelo Tratado de Utrecht, cujos entendimentos começaram em 1712, estabeleceram-se condições de paz entre os países em guerra, estabelecendo-se que a Espanha devolveria a Portugal a Colônia do Sacramento, reconhecendo todos os direitos lusos, na margem setentrional do rio da Prata. Ficou, ainda, convencionado que a Espanha dentro de ano e meio da data da assinatura do tratado, ofereceria a Portugal um equivalente pela Colônia do Sacramento, e se a proposta fosse aceita por Portugal, passaria a dita colônia para a Espanha. Mas a condição era a aceitação por parte da coroa lusa. Dezoito anos depois, não contente a Espanha com o convencionado no Tratado de Utrecht, resolveu iniciar, sob o comando do governador de Buenos Aires, hostilidades contra a Colônia do Sacramento, que foi defendida por Pedro Antônio de Vasconcelos. Esta luta durou dois anos, ou seja até 1757, quando foi assinado armistício entre Espanha e Portugal, sendo determinada a cessação das hostilidades até que se chegasse a uma solução. A respeito desta página da história pátria leia-se o trabalho *Sobre a Colônia do Sacramento* de Capistrano de Abreu in *Ensaios e Estudos*. (P.B.B.)

O último destes colonos, uma mulher por nome Cabrera, morreu em 1727. (*Peramas*). Charlevoix 3,33 é excessivamente inexato na conta que dá destas transações. Diz ele que tinham os espanhóis principiado a fortificar Montevidéu, único forte

que lhes restava daquela banda do rio, e que antes de concluídas as obras vieram os portugueses a ameaçá-los. A relação do texto é tirada dum memorial confeccionado pelo pobre comandante durante a sua prisão no Rio de Janeiro, e da correspondência oficial do ministro português em Madri.

. . . .

Capítulo XXXVI

PERIGO PROVENIENTE DOS NEGROS EM MINAS GERAIS – DESCOBERTA DAS MINAS DE CUIABÁ PELOS PAULISTAS – TUMULTOS ALI – TENTATIVAS DE REFREAR O ESPÍRITO AVENTUREIRO – ADMINISTRAÇÃO DE GOMES FREIRE – CAPITAÇÃO – DESCOBERTA DE DIAMANTES, E LEIS A RESPEITO – QUESTÕES COM A ESPANHA – CERCO DE NOVA COLÔNIA

DEBAIXO DE CIRCUNSTÂNCIAS favoráveis sucedeu D. Lourenço de Almeida no governo de Minas Gerais. Trouxe ele duvidosas instruções, que lhe haviam sido dadas no receio de que estaria o povo pronto a desconhecer-lhe a autoridade, ou porventura já em formidável rebelião aberta. Achou-o porém intimidado com a sorte dos cabeças de motim da última insurreição e perfeitamente submisso a qualquer que fosse a vontade da corte. Foi pois o alvará que estabelecia os quintos promulgado numa assembléia de todos os magistrados, oficiais e homens bons das diferentes vilas, celebrada em Vila Rica na igreja de S. Quitéria. No mês de outubro se devia abrir a real fundição, e fundir durante quatro meses o ouro sem quintá-lo, para que ninguém tivesse prejuízo pagando impostos por metal recolhido enquanto a comutação subsistia. Devia esta continuar a ser paga até se principiarem a cobrar os quintos, per-

D. Lourenço de Almeida, governador de Minas Gerais

15 de jan. 1724

fazendo, com o que estava vencido ao tempo desta reunião, um termo de dezoito meses, e pareceu melhor, para evitar desnecessário trabalho, fazer-se a derrama[1] para levantar toda a soma por uma vez em lugar de duas. Ao mesmo tempo devia abrir-se, a requerimento das câmaras, uma casa da moeda. Tinha el-rei isto, dizia-se, pela maior graça que podia fazer ao povo, e esperava-se que esta casa da moeda excederia em reputação todas as outras pela rígida integridade do seu proceder, visto dever ser administrada pelo superintendente-geral Eugênio Freire de Andrade em pessoa. Tornou-se notável o ato da promulgação pela sua ostentosa lealdade; os oradores lançam-se de rojo aos pés de Sua Majestade, agradecendo-lhe a sua muita bondade, e o tabelião exalta nos mais altos termos a obediência, honra, amor e serviços do povo.[2]

1724

Forma, etc. Coleção de Pinheiro. Vol. 1, nº 25. Ms.

Escapara o povo de Minas a um perigo, provocado provavelmente pela sua própria barbaridade. Tinham os negros formado uma conspiração para assassinar todos os brancos na terça-feira santa; descobriu um oficial a trama ainda a tempo, mas em conseqüência talvez da descoberta, tantos negros fugiram para as selvas, que receando-se o mesmo mal já experimentado na província de Pernambuco, instituíram-se os chamados capitães-do-mato. Já estes oficiais existiam em outras partes do Brasil, mostrando o regimento que agora se lhes deu, serem eles quase tão perigosos, como os mesmos salteadores que tinham por dever perseguir. Teriam um prêmio de quatro oitavas de ouro por negro, mulato, ou escravo (termo que, em despeito das leis, devia aqui ser sinônimo de índio), apreendido dentro duma légua em redondo da vila, arraial ou fazenda, em que residisse o capitão-mor, sargento, ou capitão-do-mato; mas não deviam tais indivíduos ser apreendidos senão a pedido de seus senhores, salvo tendo vindo de outros distritos. Pelos apreendidos a mais duma légua de distância até dois dias de jornada seria de oito oitavas o prêmio por cabeça; de dois a quatro dias de jornada seria de doze; de quatro a oito seria de dezesseis, e de vinte e cinco se fosse maior a distância. Encontrando-se mais de quatro negros num *quilombo,* com suas choças, vasos para socar o arroz, e meios para ali se sustentarem, de tanta importância se reputava destruir um destes valhacoutos antes de adquirir forças,

Perigo dos negros

Regimento dos capitães-do-mato. Ms. 17 de dez. 1722

que o prêmio por cabeça se elevava a vinte oitavas. O negro apreendido devia sem demora ser examinado pelo juiz ordinário, ou na falta deste, por quem suas vezes fizesse, e, conhecendo-se que era fugido, metido na cadeia, onde a houvesse, ou em outro lugar de segurança, dando-se imediatamente parte ao senhor, para vir resgatá-lo, pagando o prêmio. Este prêmio provocava naturalmente nova espécie de tráfico de roubo de escravos, para evitar o qual era proibido aos capitães-do-mato saírem do seu distrito atrás de negros sem ordem especial do governador. Por causa do dano, confusão e desordens que delas resultavam, anularam-se as patentes gerais que alguns possuíam, devendo o governador ser avisado se algum destes capitães-do-mato prendia negros que não eram fugidos. Tinham eles inventado outra espécie de velhacaria, que era deter os negros, aproveitando-lhes os serviços, pelo que, não sendo o negro apresentado dentro de quinze dias, depois da sua apreensão, não só perdia o capitão-do-mato o prêmio, mas ainda havia de pagar ao dono o jornal do preto desde o dia da captura. Alguns bargantes desta profissão para se tornarem mais cômoda a coisa, costumavam em lugar de correr atrás de negros fugitivos, pagar a escravos que fugissem e viessem ter com eles. Esta fraude só poderia ser cometida contra os senhores mais humanos. Para preveni-la, não deviam os magistrados deixar os capitães-do-mato residir muito tempo em qualquer vila ou arraial, mas obrigá-los a rondar as florestas em cumprimento dos seus deveres. Se encontravam algum capitão-mor das entradas, deviam obedecer-lhe, mas os seus lucros continuavam a pertencer-lhes. E como alguns destes homens se tinham portado com grande crueldade ao descobrirem algum quilombo, foram por isso repreendidos, ficando só em caso de resistência autorizados a exercer o que assaz curiosamente se chamava direito natural de defesa, e se doutra forma procedessem responderiam por isso. Esta recomendação de brandura não era natural que fosse tão eficaz, como o estímulo do interesse; o prêmio por cabeça de negro morto em ataque contra um quilombo, era de seis oitavas, enquanto que pelos apanhados vivos se pagavam vinte, contudo prevalecia por vezes a ferocidade destes capitães sobre o seu amor do ganho.

Ciúme da gente de cor

A grande importação de negros nesta capitania ocasionou receios que nas outras se não sentiam. Em Sabará se formara dos negros livres e dos bastardos uma companhia de ordenança separada, mas veio uma ordem, proibindo isto no fu-

Ordem de 27 de jan. de 1728. Ms.

turo, convindo misturá-los com soldados brancos, para melhor poderem ser contidos em respeito. Pouco depois recomendava segundo despacho que todos os moradores do distrito se incorporassem nestas companhias, tornando-se a proibir a prática como altamente prejudicial ao Estado e perigosa à tranqüilidade do povo. Pela mesma razão e pelo grande número que havia de homens de cor, ninguém que fosse mulato dentro do quarto grau, devia ser eleito para vereador, juiz ordinário, ou qualquer cargo municipal nas vilas de Minas Gerais, nem homem algum que não fosse casado com mulher branca, ou viúvo de tal consórcio. Precauções como estas se não tomavam nas demais capitanias. O governador devia apresentar ao governador-geral um relatório regular do estado da sua província, e se nada tivesse ocorrido, disso mesmo o devia fazer sabedor.

Ordem de 13 de jan. de 1731. Ms.

Ordem de 27 de jan. de 1726. Ms.

Ordem de 26 de out. de 1722. Ms.

Tinha o sistema de mineração passado por consideráveis alterações introduzidas por alguns filhos do reino. Em lugar de abrir catas e conduzir dali o cascalho para o rio, metiam-se as águas em cima dos montes cheios de ouro que há naquelas terras e cavando, ou desmontando (como lá se dizia) a terra dentro da mesma água, a lavavam de sorte que ficava somente o cascalho em que estava o metal, e estes o lavavam com a mesma água em uma forma de canoas que faziam na piçarra, e mexendo o cascalho com o almocafre, aonde a água estava continuamente caindo, se ia aniquilando o cascalho, por que a água o levava, deixando o ouro. Desta forma se poupava grande dispêndio de trabalho humano, mas apenas se compreendeu bem a vantagem, apoderaram-se das correntes os poderosos, desviando-as para as suas próprias datas. Quem pois não dispunha de igual influência, tinha ou de comprar a água por preço exorbitante, ou de continuar com o método antigo. Em muitas coisas se assemelham os costumes brasileiros aos piores do sistema feudal, mas em Minas não houvera tempo para se estabelecerem direitos senhoriais desta natureza, e a pretensão de arrogá-los a si tornou-se causa mais freqüente de disputas e pleitos, do que outro nenhum agravo. Afinal representou o guarda-mor Garcia Rodrigues Pais sobre isto à corte, requerendo algum regimento que viesse pôr termo aos contínuos atos de injustiça, e conseqüentes pendências que desta prática re-

Aperfeiçoamento no sistema de mineração

Rocha Pita 8, § 66

sultavam. Era de necessidade uma alçada para decidir sumariamente estas questões, pois que enquanto na Bahia ou talvez mesmo em Lisboa se ventilavam estes pleitos, ficavam por lavrar as minas, e sofria a receita do Estado. Foram pois os guardas-mores autorizados a repartir a água segundo os meios dos mineiros, dando-se das suas decisões apelação para o superintendente da comarca. Ninguém se apropriaria das águas duma corrente sem licença por escrito do guarda-mor, sendo nula esta licença, se quem a obtinha não possuía data que lavrar, nem escravos com que trabalhar, pois que pessoas havia que assim se apossavam da água para depois vendê-la. Conforme o requeria a justiça se permitiu porém que quem, com grande dispêndio, encanasse águas correntes para o terreno mineral, pudesse dispor delas. Se cavando numa data se encontrava uma fonte, pertencia esta ao dono daquela. As sobras da água de qualquer reservatório feito pelos mineiros, ficavam à disposição do guarda-mor. Até a água que do céu caía, era objeto de litígio, tendo o guarda-mor de demarcar os limites dentro dos quais podia cada mineiro recolhê-la para seu uso.

Regimento das águas. 24 de fev. 1720. Ms.

Dirigiu-se agora particularmente para esta parte do Brasil a atenção do governo português, e se com inteireza se não administrava ali a justiça, não era por falta de boas leis, nem de regulamentos ciosos. Fora o ordenado do governador fixado no tempo de Silveira em oito mil cruzados, o dos ouvidores em quinhentos mil-réis, e o dos secretários do governo em quatrocentos, pagáveis em ouro cunhado, não em oitavas, especificação que sempre se fazia na patente do governador. Quatro anos depois elevou-se o ordenado do governador mais um terço. Mas todos os ofícios então existentes no Brasil, ou que de futuro se criassem, exceto os de propriedade, deviam ser comprados à coroa, e os serventuários de ofícios de propriedade entrariam para o Tesouro no fim do ano cada um com um terço do seu lucro bruto. Deste imposto se eximiram mais tarde os ofícios, que não rendessem mais de duzentos mil-réis. Na venda de ofícios judiciais na França e de patentes no exército inglês não se encontraram inconvenientes práticos, porque em ambos os países os meios de comprar implicavam pertencer o comprador a essa classe da sociedade em que sempre se deve presumir o conveniente pundonor, mas jamais será se-

Elevação dos salários

Ordem de 4 de jul. de 1718. Ms.

Ordem de 23 de dez. de 1723 e 29 de jul. de 1726. Ms.

melhante sistema impunemente adotado por um povo entre o qual nenhuma influência tem a opinião pública, e o padrão da honra se acha aviltado. No fim de seus termos de serviço passavam governadores e juízes por um severo inquérito, a que procedia uma comissão especial, mas era o remédio pior talvez que o mal, achando-se a história da América espanhola recheada de exemplos de enormes abusos deste poder inquisitorial confiado a tais comissários. Ao governador de Minas Gerais se recomendou que olhasse por que não recebessem estes comissários emolumentos de qualidade alguma dentro do termo da sua jurisdição. Nenhum intendente poderia suceder a outro, com quem estivesse aparentado dentro do quarto grau[3] para que entre os dois se não desse conluio. Ministros e oficiais de justiça não poderiam ser procuradores em qualquer causa que fosse trazida a juízo, perante qualquer tribunal, incluindo-se na proibição as mulheres e filhos dos mesmos, nem tampouco apresentariam memoriais a favor de ninguém, nem dariam cartas de recomendação. Tornara-se prática trespassar dívidas aos criados do governador, para valimento deste de se obter pagamento antes dos outros credores...; a semelhante injustiça devia-se pôr cobro. As pessoas que nas conquistas exercessem cargos judiciários não poderiam casar sem especial licença d'el-rei, sob pena de perderem imediatamente o ofício e serem embarcadas para o reino na primeira armada. Terrivelmente corrompidos deviam estar os tribunais de justiça, para que tantas precauções se tomassem contra indébita influência. Também os governadores e comandantes subalternos abusavam freqüentemente do seu poder. Os capitães-mores, a quem tais atribuições não incumbiam, arrogavam-se o direito de prender e soltar gente. Isto o proibiu a corte por uma ordem expressa, e uma vez que o governador meteu na cadeia um homem por ter formado um conluio para defraudar as rendas do Estado, arredando os lançadores ao arrematarem-se os direitos de importação, foi repreendido, e advertido de que não devera o delinqüente ser preso sem que se lhe formasse culpa nos termos da lei. Constou que se interceptavam e abriam cartas particulares sob pretexto de ver quem contrabandeava ouro, e proibiu-se aos governadores semelhante prática, dizen-

Ordem de 28 de jul. de 1723. Ms.

Ordem de 27 de out. de 1739. Ms.

D. de 16 de jan. de 1723. Ms.

D. de 25 de jun. de 1728

Carta Régia. 27 de mar. 1734. Ms.

Ordem de 12 de abr. de 1725. Ms.

do-se que nada mais vergonhoso do que devassar assim sem causa urgente segredos e negócios particulares. Revelam estas ordens um verdadeiro sentimento de eqüidade e honra no governo português, mas a prática pouco dizia com os princípios, e aqueles que sabiam como no mesmo reino se calcavam aos pés as leis e se pervertia o curso da justiça, poucos inconvenientes podiam recear da sua má administração em país tão remoto, contanto que em Lisboa tivessem bons padrinhos.

D. de 5 de jul. de 1725. Ms.

D. de 16 de fev. de 1733. Ms.

Grande aumento de atividade e riqueza ocasionara a descoberta das minas, apesar da perda do tráfico de açúcar a ela devida, e das ciosas restrições que peavam agora o comércio do Brasil.[4] Tornaram-se estas restrições excessivamente severas. Não se vedou só a todos os estrangeiros a entrada no país, mas até aos nacionais, com a única exceção dos que ali fossem exercer algum ofício para que houvessem sido despachados; e estes só poderiam levar consigo o número de familiares que se julgasse necessário, devendo todos ser portugueses. Quem fosse tratar de negócios havia de levar passaporte, e dentre o clero só se permitia o embarque aos bispos, missionários, prelados e religiosos de ordens já ali estabelecidas e pertencentes àquela província. Cada navio poderia levar o seu capelão. Mulheres tampouco podiam embarcar sem licença d'el-rei, exceto as que acompanhassem seus maridos.

Restrições postas à imigração para o Brasil

Lei de 29 de mar. de 1730. Ms.

Ordens de 14 de abr. De 1732 e 20 de 1733. Ms.

Excedidos em número pelo influxo de gente das outras capitanias e de Portugal, submeteram-se os paulistas em Minas Gerais à perda do seu ascendente com mais resignação do que de tão resoluta e infrene raça fora de esperar, especialmente por alguma razão de queixa terem do tratamento, que dos forasteiros recebiam, e da parcialidade que mostrava o governo. Talvez que os lisonjeasse ver a sua pátria elevada a capitania separada e a sua capital a cidade, e impacientes da inação, não tardou muito que não descobrissem novas minas de ouro em partes mais remotas dos sertões. Foi no coração mesmo da América do Sul que o paulista Pascoal Moreira Cabral descobriu as minas de Cuiabá, minas que desde muito estariam nas mãos dos espanhóis do Paraguai ou de S. Cruz, se houvessem eles possuído metade do gênio empreendedor e atividade dos brasileiros. Ainda hoje

Descoberta das minas de Cuiabá

seguem os paulistas para Cuiabá o mesmo caminho dos primeiros conquistadores, jornada de muita dificuldade e não pequeno risco. Embarcam os aventureiros em canoas na vila de Porto Feliz, umas oitenta léguas ao poente de São Paulo, no rio outrora chamado Anhembi e hoje Tietê, que dizem significar rio de muitas águas; quase cinqüenta cachoeiras e corredeiras lhe interrompem a navegação, sendo numas preciso levar as canoas por terra, podendo-se passar outras com meia carga e muito risco. Nasce o Tietê nas montanhas da costa por trás de Santos e São Sebastião, correndo umas setecentas a oitocentas milhas. Produzem abundantes frutos as florestas que ele atravessa, entre outros o jataí, produto duma árvore singularmente útil. Rija e grossa, serve a sua casca tanto a índios como a sertanejos para canoas, mais próprias para rude navegação fluvial do que se de mais sólidos materiais fossem construídas. Por sua solidez e durabilidade é a madeira preferida para os engenhos de açúcar, e da raiz tiram os índios em abundância uma substância resinosa que lhes serve para queimar nas lâmpadas, e de que fazem para orelhas e lábios penduricalhos que semelham o âmbar. Aqui abundam peixes de excelente qualidade e tamanhos, que pesam mesmo depois de secos quarenta a sessenta arráteis, curando-se para venda, com o que se faz grande tráfico. Vai o Tietê morrer no Paraná, onde este mede umas duas milhas de largura, e descendo por de um pouco, vão os viajantes entrar no rio Pardo, que do norte vem aqui desaguar. Sobe-se então por este quase até às suas nascentes, viagem duns dois meses, e tão difícil como fastidiosa por causa da força da água e muitas cataratas e corredeiras. Singularmente clara e boa, supõe-se que deriva a água grande virtude de salsaparrilha, que lhe nasce pelas margens, compensando a abundância de mel e caça a falta de frutas ao longo do seu curso. Há porém perigo em afastar dos batéis por causa dos caiapós, raça indômita e traiçoeira de selvagens, que senhoreiam o lugar. Termina esta jornada num ponto chamado Sanguessuga, quer porque abundem aqui estes vermes, quer pelo grande trabalho que ali se torna necessário, e muita despesa em que se incorre. Aqui se montam as canoas em rodas, sendo puxadas por seis ou sete juntas de bois, e postas as cargas em carretas ou às costas de negros e jornaleiros, segue a recova, com sua escolta armada para defesa contra os caiapós, umas dez milhas, até uma povoação chamada Capamoã do rio que por ali passa, e formada para facilitar este trânsito. Con-

sidera-se esta a estação do meio caminho, e nela se provêem os viajantes do necessário para o resto da jornada. Embarcando aqui desce-se a corrente tão baixa que apenas podem as canoas levar metade da carga. Descarrega-se pois na junção com o Coxim, depositam-se os gêneros em choças feitas de folhas de palmeira, pondo-se-lhes uma guarda suficiente, e tornam os batéis a subir em busca do resto da carga, gastando-se em tudo isto umas três semanas. Em oito dias se descem voando as perigosas corredeiras do Coxim, até a sua foz no Taquari, e no fim de seis ou sete dias por este rio abaixo, faz-se alto num lugar chamado Pouso Alegre, e que na verdade o deve ser para os que voltam de Cuiabá, não para os que para ali vão, infestados de paiaguás os espraiados e planos alagadiços, que daqui se estendem até ao Paraguai, viagem para pouco mais de quinze dias. E aqui têm os viajantes de reunir todas as suas canoas, umas sessenta ou setenta em número, armar algumas como comboio para as outras, e formarem-se em ordem militar debaixo de um comandante.[5] À noite faz-se alto em alguma das muitas ilhas cobertas de arvoredo, que por toda a parte se encontram. O primeiro cuidado é o de limpar o terreno, e depois arma-se a tenda do capitão, a que serve de poste central uma cana grossa e forte chamada taquara, e de cobertura um pano de lã forrado de linho, que se reputa a coisa melhor para vedar a chuva. Os negros e peões dependuram nas árvores suas redes, cobrindo-as com um pano comprido, que descendo até ao chão, ainda é mais necessário contra os insetos alados[6] do que contra o tempo. Ficam sobre a água constantemente sentinelas, e em terra há sempre cães de vigia. Ao chegar ao Paraguai torna-se ainda maior o perigo, que é este o país dos paiaguás, de todas as tribos americanas a que mais pertinazmente e com melhor êxito tem defendido contra invasores a sua terra natal. Devem-no eles à natureza do seu país e aos seus hábitos anfíbios, que lhes permitem tirar partido das vantagens do terreno. São tão intrépidos nadadores todos os selvagens destas regiões, que nem rios largos e caudalosos como o Paraguai e o Paraná podem dar segurança contra eles, mas os paiaguás vivem tanto dentro d'água, que andam completamente nus os varões, por ser com o seu gênero de vida incompatível toda a vestidura, de modo que embora outras tribos olhem como abominável esta nudez, não se envergonham eles. Tem cada família sua canoa, mui comprida e estreita, e curva em ambas as extremidades a arre-

medar a lua nova; e construídas da mesma forma proa e popa, move-se ela com igual facilidade em ambas as direções, impelida por um só remo, assaz comprido e afiado para servir também de lança. Por mais raivosos que andem vento e ondas, nada teme o paiaguá; posto numa extremidade da sua embarcação fá-la correr metade fora da água, e se ela chega a virar (o que raras vezes acontece) imediatamente o vereis, diz Dobrizhoffer, cavalgar a quilha, como se montasse um boi-marinho. Acometido por um inimigo, vira-a ele mesmo e surge debaixo dela, respirando ali como dentro de um aparelho de mergulhar, e protegido como por um escudo. Mergulham estes índios numa voragem, e saem como peixe a grande distância dali, permanecendo tanto tempo debaixo d'água, que muita gente, julgando impossível poder uma criatura viver tanto sem respirar, tem absurdamente afirmado levarem eles consigo canas, por onde tomam fôlego. Por armas têm macana, o dardo, arco e setas, com que atiram ao alvo. Podiam as maiores canoas de guerra levar quarenta homens, e eram excelentes, posto que feitas com machados de pedra apenas, e o auxílio do fogo; deitavam estas embarcações, quando impelidas a toda força, vinte milhas por hora, e eram de tão pequeno calado, que entre as ilhas e as mais baixas enseadas e correntes jaziam ocultas debaixo dos ramos, que desciam até à água. Não sem alguma propriedade nas suas fábulas se reputava semelhante povo progênie de um peixe chamado pacu, e esperava depois da morte um paraíso em que as almas dos bons piaguás viveriam entre as plantas aquáticas, banqueteando-se com peixes e crocodilos.

Peramas de Tredecim, P. 206, 300. Dobrizhoffer, 1. 128-133
Notícias do Paraguai.
Ms. Azara, 2, 157-159

Tornavam estes selvagens tão perigosa a jornada para Cuiabá, que ao formar-se definitivamente esta povoação, sempre se mandava daqui um navio bem armado a aguardar os mercadores, ao entrarem no Paraguai, fazendo-se apenas uma expedição por ano. Ainda assim era necessária a maior vigilância: uma após outra subiam as canoas a corrente, jamais se aventurando a passar a embocadura de um rio ou uma enseada sem que as embarcações armadas fossem adiante postar-se de modo que as protegessem contra emboscadas. Igual cautela era necessária ao entrar no rio dos Parrudos. Subido este cinco ou seis dias, chegava-se à foz do Cuiabá: aqui se encontra arroz silvestre melhor do que o cultivam os brasileiros, e uma considerável extensão de terreno coberto

de bananeiras em profusão tal, que nem a mercadores nem a índios faltaram jamais os frutos. Mais quinze dias de viagem levam os aventureiros ao seu desejado porto, que fica a cerca de uma milha da Vila de Cuiabá. Mas nem a última parte da viagem era inteiramente desassombrada de paiaguás, infestando os caiapós as imediatas vizinhanças do povoado com grande detrimento e perigo dos moradores.

Patriota. **Maio de 1813, P. 50-61. S***uplementtum. Hist. Parag.,* **P. 335 e 336**

Tal foi a derrota seguida pelos primeiros descobridores, e apenas estes ali se fixaram, e foi conhecida a riqueza do terreno, começaram a afluir por terra com infinita dificuldade e maravilhosa perseverança gado e mantimento, que se vendiam por preços que bem compensavam as fadigas enquanto na própria localidade se não podiam cultivar gêneros. Mas nas imediações de Cuiabá se corria da parte dos índios um perigo a que se não haviam visto expostos os colonos de Minas Gerais, terra que, antes da descoberta das minas, tinha sido em grande parte expurgado pelos caçadores de escravos. Não tardando a conhecer-se a necessidade de uma tal ou qual disciplina militar para conservação própria, foi Fernando Dias Falcão eleito capitão-mor com plenos poderes civis e militares até que el-rei nomeasse outro. Era um paulista de boa família. Muitos espíritos inquietos se passaram de Minas Gerais para este novo terreno, parecendo porém terem-se dado tréguas a todas as disputas privadas e provinciais, pois que os selvagens, olhando como inimigo quem quer que tinha sangue europeu nas veias, obrigavam a considerar-se entre si como conterrâneos quantos se haviam aventurado numa causa comum. Graças à boa disciplina agora estabelecida, começou Cuiabá a florescer tão rapidamente, como em Minas Gerais se vira.

Fundação de Cuiabá

1721

Rocha Pita, 10, § 86-88

Fora Rodrigo César de Meneses, irmão do viso-rei, nomeado governador de São Paulo, ao separar-se da de Minas esta capitania. Sendo tão difícil e de tão grandes rodeios o caminho por água para Cuiabá, ofereceu de prêmio a quem abrisse um por terra, e aos esforços de Manuel Godinho de Lara se deveu este importante serviço. Estabeleceu-se então no ponto onde se atravessava o Paraná uma casa para registro do ouro e arrecadação dos quintos, impondo-se graves penas a quem tentasse eximir-se dos direitos, e oferecendo-se ao denunciante um terço do valor da apreensão. Mas um

Abre-se caminho por terra

sistema de arrecadação, pouco difícil de iludir-se em Minas, devia ser absurdamente ineficaz em semelhante situação, pelo que, depois de muito deliberar, se julgou conveniente recorrer ao antigo método de uma taxa sobre os escravos. Por escolha do senado de S. Paulo foi mandado para Cuiabá como provedor Lourenço Leme da Silva, que deveu a preferência para este ofício obtida ao seu perfeito conhecimento daquela parte do país, e ao fato de ter ali muitos parentes e aderentes. Para lhe fortificarem a autoridade, nomearam-lhe mestre-de-campo o irmão João Leme.[7] Eram estes dois os maiores celerados que jamais vira o Brasil, e o poder que lhes confiaram produziu neles essa insânia em que os perversos caem, vendo-se emancipados de toda a casta de freio. Rodearam-se de um bando de desalmados, os quais obrigaram os colonos mais ricos a dar em casamento as filhas, tomando eles mesmos para si à força quantas destas desgraçadas quiseram, e matando e esquartejando com as próprias mãos aqueles de quem tinham ciúmes. Afinal tal ponto atingiram as enormidades destes homens que Rodrigo César fez sair de São Paulo uma força contra eles. Com prazer se uniram a ela os moradores bem intencionados, e depois de terem debalde tentado resistir nas suas casas-fortes, foram levados de vencida os malvados. Lourenço foi morto nas matas como um animal feroz e João, feito prisioneiro, decapitado na Bahia. Entre outros atos de tirania tinham estes Lemes mandado sair de Cuiabá todos os forasteiros. Pouca coisa teria bastado para fazer reviver a antiga rivalidade, agora que cessara o perigo de parte dos selvagens, sendo por isto que ao principiar Almeida a abrir uma comunicação de Minas para Cuiabá, lhe ordenou o governo da metrópole suspendesse a obra, não fossem os paulistas, com receio de se verem também ali assoberbados em número e poder, afrouxar nas explorações e porventura abandonar a empresa. Por esta razão se ordenou ao povo de Minas que tomasse o caminho de São Paulo.

Tirania dos Lemes

Rocha Pita, 10. § 89-96. Ordens de 29 de abr. de 1729 e 15 de fev. 1730. Ms.

Por mais felizes que houvessem sido os descobridores conheceu-se ocasionarem os freqüentes boatos de novas descobertas grande mal em Minas Gerais, fazendo levantar gente já por si demasiadamente propensa a uma vida aventureira e errante. Correndo ávidos atrás de vãs notícias, vagavam os mineiros de lugar em lugar, deixando muitas vezes lucros certos pela esperança de

Restrições postas à mineração

mais rica contingência. Tão grande se tornou o dano, tanto das rendas públicas como do comércio individual, que mandou a corte proibir por entretanto que sem especial licença d'el-rei partisse alguém a descobertas em partes totalmente separadas e a grandes distâncias das minas existentes. Talvez que agora, que eram as minas tão abundantemente produtivas, outra razão houvesse para refrear o espírito de aventura. Estabelecera-se afinal em Minas Gerais, não sem grande resistência, uma coisa parecida com ordem social. Tendo porém experimentado a dificuldade de reduzir semelhante povo a hábitos de obediência, bem via o governo que esta, que inesperadamente se tornara a parte mais importante dos domínios portugueses, era conjuntamente a que prendiam laços mais precários. Mas cada nova descoberta punha em risco a autoridade da lei; porquanto agora, que Minas Gerais era talvez mais povoada do que a maior parte das outras capitanias, afluíam multidões tais onde quer que pela primeira vez se encontrava ouro que, tornando-se já impossível observar os antigos regimentos a respeito das datas, julgara o governo prudente ceder uma autoridade que não podia manter.

Carta Régia, 8 de fev. 1730. Ms.

Ainda foi feita a tempo esta concessão e de modo que parecesse graça o que era necessidade. Grandes turbas se haviam reunido à volta de uma nova descoberta no morro de São Vicente, sobre o rio das Pedras, invadindo um terreno que outro se apropriara, de maneira que em lugar de cavar ouro andavam todos envolvidos em rixas e tumultos. Mandou pois o governador deitar um bando, declarando que seria aqui comum de todos o terreno, não se concedendo datas a ninguém, guardada apenas certa distância entre as catas. Representou a câmara de São João d'el-Rei que alguns indivíduos poucos chamavam seu todo o morro sobre o rio das Mortes, desertando o povo da vila, por não ter terreno nenhum onde cavar ouro. Em casos destes não havia tempo para consultar o governo da metrópole. Declarou pois D. Lourenço que ninguém devia apoderar-se de mais terreno do que legalmente lhe cabia segundo o número de escravos que empregava, e visto ser mui extenso o morro, não faltava aos negros dos moradores onde cavar e buscar ouro, sem se intrometerem nas obras dos que haviam encanado para ali a água, tendo sido sempre costume naquelas vilas serem os vizinhos oute-

Relação das leis das minas

Bando de 22 de mar. 1728. Ms.

iros logradouros comuns de todos os habitantes. Aqui provocara resistência a absorvente disposição de uns poucos de poderosos, seis anos depois porém ao abrir-se o morro das Catas Altas, exigiu o povo que fosse ele declarado logradouro público, livre a quem nele quisesse lavrar, e conseqüentemente assim se fez, proibindo-se que se apropriasse alguém de qualquer porção de terreno, fosse por que título fosse, pois que todo ele devia ser patente a todos. Onde quer que um bando de mineiros se arranchava num desses arraiais, de que tantas vilas têm nascido, logo uma chusma de harpias o seguia, abrindo vendas e bodegas, daninhas a todos os respeitos. Distraíam-se do trabalho os escravos, tentados a gastar o ouro apanhado para seus senhores, e da embriaguez vinham rixas, assuadas e sangue derramado. Promulgaram-se pois rigorosos bandos contra esta peste de sociedade. Confiscavam-se os gêneros, deviam prender-se as negras, que eram geralmente as botiquineiras, e descobrindo-se ser pessoa livre o verdadeiro proprietário, também este seria preso até pagar cinqüenta oitavas para as obras da Igreja. Ninguém nestes arraiais havia de vender gêneros pública ou particularmente, podendo o povo derribar quaisquer lojas ou postos que se erguessem. Estes bandos eram sempre lançados com rufos de tambor. A proibição do tráfico nestes lugares nasceria talvez do duplo motivo de favorecer os mercadores fixos nos povoados mais antigos, e evitar as desordens que nunca costumam faltar nas feiras com gente semelhante.

Bando de 24 de nov. 1728. Ms.

Portaria de 2 de maio 1734. Ms.

Bando de 24 de nov. 1728. Ms.

Portaria de 2 de maio 1734. Ms.

Até agora tinham os ourives sido os grandes agentes e aliados dos mineiros nas suas perpétuas diligências de fugir ao pagamento dos quintos. Sendo impossível averiguar se o ouro laborado fora ou não quintado, reduziam-no eles a obras de tão rude trabalho, que estavam mesmo revelando o fim com que tinham sido fabricadas. Havia uma lei que mandava expulsar todos estes menestréis, condenando os que fossem encontrados na capitania ao confisco de todos os seus bens e degredo por seis anos para a Índia. Passado algum tempo foram isentos deste rigor os ourives, que se entregassem a outras ocupações, mas tornaram-se tão palpáveis as suas fraudes, e tão grande o mal, que veio ordem para pôr em execução aquela lei e confiscar todo o

Moedeiros falsos

Ordens de 18 de fev. de 1719 e 18 de jun. de 1725. Carta Régia, 8 de fev. de 1730. Ms.

ouro que se encontrasse em poder destes homens. Sucederam-lhes porém mais ardilosos inimigos das rendas do Estado. Uma sociedade de mineiros, que por algum tempo praticara no Rio de Janeiro, passou-se para Minas, estabelecendo-se primeiramente em Paraopeba, e depois em casa do guarda-mor Luís Teixeira, na Roça de Itaberaba. Prova da grande vigilância do caráter vindo de Lisboa ao governador a notícia da existência desta falsa casa da moeda. Foi por conseguinte surpreendida a Companhia, e preso o seu chefe um tal Inácio de Sousa, apreendendo-se grande porção de ouro em pó e em barras. Esta descoberta e a certeza de se praticarem enormes defraudações dos quintos induziram o governo a pensar outra vez em alterar a forma do imposto, além disto tão impopular que D. Lourenço anuíra a reduzi-lo a doze por cento. Nem havia sido esta a única concessão. Fechava a coroa os olhos a fraudes, que nenhum meio tinha de evitar, sobre não se atrever a persegui-las com rigor, revelando todos os seus despachos inteira consciência da fraqueza e instabilidade da sua autoridade sobre súditos tais e em país tão remoto. Veio ordem para na casa da moeda se não examinar se as barras apresentadas tinham sido marcadas com carimbo falso, a fim de evitarem-se tumultos, como os que tinham havido no Rio de Janeiro... provavelmente por causa semelhante; e também a fim de não fazer com que alguém, receando ser condenado inocente, deixasse de trazer ao cunho barras legalmente carimbadas, perdendo o tesouro a sua senhoriagem que passava um pouco de cinco por cento.[8]

Carta Régia de 12 de ag. 1732. Ms.

Carneiro. Ms.

Ordem de 27 de fev. de 1731. Ms.

Por todos estes numerosos inconvenientes tornou-se a tomar em consideração a capitação, como o sistema mais simples e recomendado pelo mais hábil dos estadistas portugueses.[9] Ao ir pois render D. Lourenço levou o conde das Galveias, André de Melo e Castro, instruções para propor esta medida, e talvez como meio de induzir o povo a aquiescer, devia ele exigir com rigor os quintos enquanto se não mudasse o sistema. Mas procedeu-se com muita cautela. Passado algum tempo reuniram-se para deliberar sobre a matéria os procuradores de todas as câmaras, que foram unânimes em desaprovar a proposta alteração, e como com eles concordasse o conde, a quem se tinham dado poderes discricionários com receio da resistência, ficou o negócio adiado até ulterior resolu-

Tenta-se novamente a capitação

Carta Régia de 24 de abr. De 1732. Ms.

Carta Régia de 30 de out. de 1733. Ms.

ção d'el-rei. Entretanto, até ser conhecida esta resolução, estabeleceu-se uma fundição em cada comarca, obrigando-se as câmaras a inteirar ao tesouro a quantia anual de cem arrobas, se os quintos lá não chegassem. Na distribuição deste imposto porém cometeu-se grave injustiça. Ficaram umas câmaras mais oneradas que outras, e a seu turno repartiram elas com desigualdade a carga pelo povo, oprimindo os que não tinham influência, e favorecendo os poderosos. À vista disto ordenou a corte ao governador que fizesse ele mesmo a derrama, de modo nenhum deixando às câmaras este cuidado. O meio mais fácil parecia ser por meio de uma capitação sobre os escravos, sistema que as mesmas câmaras afetavam adotar, mas se resultassem dificuldades tais e imprevistas desordens que houvesse perigo em pôr em prática este plano, ficava à discrição do governador, ver como preencheria a soma, devendo de aconselhar-se sobre a melhor maneira de evitar as fraudes que se cometiam no pagamento dos quintos.

Carneiro. Ms.

Cartas Régias de 18 de jul. de 1734. Ms.

Não atalhou este compromisso as práticas de contrabando. Descobrindo-se novas casas de moeda secretas, resolveu a corte definitivamente estabelecer a capitação; confiou porém esta perigosa tarefa ao novo governador Gomes Freire de Andrada, que do governo do Rio de Janeiro foi transferido para o de Minas Gerais por ocasião de ser o conde das Galveias promovido ao vice-reinado do Brasil. Se havia família portuguesa da qual mais do que qualquer outra se podia esperar fidelidade pura e não corrompido patriotismo, era a de Freire de Andrade.[10] Não tinha este Gomes Freire durante a sua administração deslustrado o grande nome de que usava, reservando-lhe o destino na história da América do Sul papel mais conspícuo do que o representado por seu generoso pai, mas não tal que pudesse a sua posteridade recordá-lo com igual satisfação. Por ocasião da sua transferência recebeu ele uma carta não menos honrosa para o soberano de quem vinha, do que para o súdito a quem se dirigia. "Gomes Freire de Andrada", principiava ela, "governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro. Amigo, Eu El-Rei vos envio muito saudar. A boa fama que no vosso governo tendes adquirido, me dá particular satisfação por confirmar o juízo com que para ele fostes escolhido. E ainda que por este respeito pa-

Gomes Freire, governador

2 de jan. de 1735

reça supérfluo de qualquer maneira recordar-vos vossos deveres, contudo, por conveniente e especial prova de minha boa vontade para convosco o tenho, e da minha esperança de que em todas as coisas justificareis a escolha que de vós fiz; dispor-vos com alguns conselhos úteis, posto que de advertências não careçais. Por esta ocasião principalmente que vos envio a um país mais rude ainda nos costumes do que na cultura, onde os maus exemplos têm lançado fundas raízes, onde as oportunidades de mal proceder são mais freqüentes, e o remoto do sertão mais facilmente alucina os homens à persecução de que poderão ficar por descobrir suas culpas, toda a luz que as minhas instruções vos puderem dar será útil, a fim de que a autoridade delegada que exercerdes em Minas Gerais, acredite a minha escolha e sirva de exemplo a vossos sucessores." Passava então o rei a observar que maior necessidade havia de manter o governador a justiça e dar aos seus subalternos o exemplo de guardá-la, por que quanto mais remoto o lugar, tanto mais demorado seria o remédio que poderia o soberano aplicar às irregularidades que ocorressem. Lembrou-lhe que por muitos modos podia um governador incorrer em má fama, e faltar aos seus deveres; podia fazê-lo quebrando o preceito por justos motivos impostos aos governadores de se não envolverem em comércio, ou recebendo presentes que apesar de parecerem meras cortesias, traziam em si peita para ocasiões futuras. Também devia precaver-se de mostrar indevida indulgência aos seus criados e privados, pois que assim tinham alguns governadores, apesar de retos e desinteressados, dado ocasião a tantos inconvenientes, como se partissem deles mesmos as transgressões. Contra este erro, em que às vezes caem os homens menos por má intenção do que por sua natural bondade, o prevenia, especialmente el-rei, recomendando-lhe que não deixasse os seus familiares nem aceitar presentes (que eram realmente suborno), nem usar de indébita influência, nem traficar, pois que nada disto podiam fazer sem abusar da autoridade de seu amo, e acarretar sobre ele a suspeita de ter parte secreta nestas transações. "Finalmente (dizia o rei) pondo diante dos olhos a diferença entre a fortuna adquirida com a estima pública protegida pelo favor real, e fundada em bons serviços, que constituem direitos a futuras honras, e outra ganha por meios vis acusada pelos clamores dos miseráveis, e nunca segura do rigor e desagrado do soberano. Baste esta consideração para fazer-vos buscar adiantamento só por

meios dignos de um homem de são juízo, que respeita a reputação do meu serviço e ama o bem público. E espero que estas admoestações, em que deveis reconhecer a distinção e benevolência com que vos trata, vos ficarão de modo tal impressas no espírito, que vos tenham sempre solícito de em tudo quanto fizerdes dar-me a satisfação de ver bem espregados os meus cuidados por vós, e tornar-vos digno do meu especial agrado...”[11]

Coleção de Regimento, etc. Ms.

No fim do ano concedeu el-rei a Gomes Freire seis mil cruzados para ajuda das suas despesas, pois que, dizia o aviso, assim como não queria Sua Majestade que ele tirasse do seu governo proveitos ou presentes contra a lei, tampouco era sua intenção faltar-lhe com os meios necessários para viver com a dignidade que exigia o cargo.

Aviso de 30 de jan. de 1736. Ms

Duvidava-se em Lisboa, que se pudesse estabelecer sem risco a capitação. Na verdade não podia deixar de ser impopular qualquer alteração no sistema de cobrar o quinhão que a coroa exigia nos produtos das minas, pois que ia desarranjar o modo já concertado de iludir o existente, modo sempre tão profícuo, que por ocasião de toda a modificação receavam os mineiros que as novas fraudes a que teriam de recorrer não equivalessem às que até então tinham empregado. A taxa proposta era de duas oitavas e doze vinténs de ouro semestrais por cabeça de escravo ou escrava, excetuadas unicamente as escravas empregadas nas vendas e lojas, bem como as crianças tanto negras como mulatas, nascidas na capitania, menores de quatorze anos, e não empregadas na mineração nem em trabalhos pesados. As pessoas livres de nascimento ou origem européia, que trabalhassem como mineiros, pagariam a taxa, bem como os negros e mulatos livres ou forros que possuíssem escravos, mas trabalhassem pessoalmente na lavoura ou nas minas, e ao mesmo tempo se lançou sobre as lojas um imposto de quatro, oito ou doze oitavas, conforme a importância do negócio. Para a arrecadação deste imposto se nomearam em Minas Gerais cinco intendentes, para as comarcas de Vila Rica, Ribeirão, Rio das Mortes, Sabará e Serro Frio; quatro para as minas de Goiás, Cuiabá, Paranaguá e Paranapanema, então incluídas na capitania de São Paulo, e um para as de Araçuabi e Fanados na Bahia. Foram isentos da taxa da terça os ofícios novamente criados, e visto terem os antigos intendentes representado

Capitação

Regimento de capitação. 14 de jan. de 1736. Ms.

1719

que os seus vencimentos mal lhes chegavam para as necessidades ordinárias na vida, sendo absolutamente insuficientes para as inevitáveis despesas de prevenir e descobrir os caminhos clandestinos que o ouro levava para fora do país, concedeu-se-lhes agora um aumento de 500$000 nos seus ordenados. Quando na forma do estilo se afixaram nas praças públicas por toda a capitania editais para pagamento da capitação, arrancaram-nos os moradores de Papagaio e São Romão, resolvidos a oporem-se à taxa. Conhecia Gomes Freire quão difícil seria punir este insulto, e dissimulando pois o seu ressentimento, soube tão bem conciliar esta gente, que foi ela a primeira que pagou a taxa. Apesar de ficar muito aquém do valor real dos quintos, passou o imposto por vexatório, e na realidade o era para todos, exceto os mineiros, que por certo ficaram pagando menos que dantes, pois que com o novo sistema não aumentou a receita do Tesouro, mas foi aquele um alívio à custa de todos os demais contribuintes. Por este tempo contudo se abriram novas minas no Morro da Gama, Papa-Farinha, e Paracatu, comunicando estas ricas descobertas impulso e atividade tais a toda a capitania, que mal haveria, dizem, um só homem, que até certo ponto não participasse do geral benefício.

Carta Régia de 31 de jan. de 1735. Ms.

Carta Régia de 8 de nov. de 1735. Ms..

1729

Carneiro Ms.

Pesava por esta época o governo português uma curiosa questão que afetava o valor da propriedade individual e os direitos da coroa. Assinalara-se a administração de D. Lourenço pela descoberta de coisa mais rara e mais preciosa ainda que o mesmo ouro, mas em lugar de tirar desta boa fortuna a menor vantagem, acarretou o governador sobre si áspera repreensão pela negligência com que olhara negócio de tal importância. Encontrou Bernardino da Fonseca Lobo em Serro Frio certas pedras que tomou por diamantes. Desde muito que corria o boato de existirem tais pedras preciosas naquela parte do país, e dois anos antes do governador se lembrar de oficiar a este respeito já tinham chegado amostras a Portugal. Bem fundadas eram as esperanças do descobridor, que em recompensa foi feito capitão-mor da Vila do Príncipe por toda a vida (unicamente sujeito a uma sindicância trienal do seu comportamento), e encartado no ofício de tabelião da mesma vila. A D. Lourenço porém se disse não ter desculpar o seu desmazelo, sendo dever de todo

Descoberta de diamantes

Resolução de 12 de abr. de 1734. Ms.

o governador dar fielmente conta de quanto ocorria dentro da sua jurisdição, e uma vergonha ter matéria de tal magnitude chegado primeiramente por outro canal ao conhecimento d'el-rei. Ao mesmo tempo se declaravam realengos os diamantes e sujeitos ao mesmo tributo que o ouro.

Carta Régia de 8 de fev. de 1730. Ms.

Impossível era porém arrecadar da mesma forma estes direitos, não se podendo nem por número, nem por peso, nem por medida inventar meio algum eqüitativo de tirar o quinto. O único praticável era o de uma capitação sobre os escravos, que foi primeiramente fixada em Portugal na moderadíssima soma de cinco mil-réis, antes porém que esta ordem chegasse ao Brasil concordara D. Lourenço numa derrama de quatro vezes esta quantia para o ano seguinte. No correr do ano foi ele rendido pelo conde das Galveias, que teve ordem de duplicá-la, elevando-a mesmo até cinqüenta mil-réis, se o julgasse praticável. Se nos navios d'el-rei, como o ouro, deviam os diamantes ser remetidos para o reino, pagando o frete 1 p. 100 do seu valor. Dentro em pouco se conheceu ser mais factício que o do ouro o valor dos diamantes, só dependente da moda e da opinião não das conveniências comuns e necessidades da vida civilizada, ameaçando a sua repentina depreciação (no correr de dois anos escassos tinham eles descido mais de três quartos do antigo preço) tão iminente ruína aos indivíduos, que se julgou necessário tomar alguma medida para sem demora limitar a extração deles.

Conseqüência desta descoberta

Ordem de 18 de mar. de 1732. Ms.

Cartas Régias de 15 de maio e 30 de out. de 1733. Aviso de 16 de maio de 1733. Ms.

Para isto quatro arbítrios se apresentaram ao governo. No primeiro se propunha que comprasse o Tesouro ou uma companhia, que para esse fim se estabelecesse todos os diamantes brasileiros, impondo-se pena adequada a quem a outrem os vendessem. Contra isto se dizia que dependendo todos os monopólios reais da boa administração, tino e probidade de muitos agentes, sempre se tinha encontrado prejuízo ao saldar por fim as contas; que quanto a formar uma companhia, difícil seria achar para ela o imenso capital que fora necessário; e tanto num como noutro caso os possuidores de diamantes, mormente os menos necessitados, freqüentemente os ocultariam, dispondo deles em segredo com dano do comércio legítimo. Ou-

Planos para regular a extração dos diamantes

1733

tro plano propunha que se extraíssem os diamantes por uma companhia de mineiros, que pagaria à coroa ou um quinto do que apurasse, ou compensação equivalente. Prevendo a objeção de que contratando por certo número de anos podia esta companhia dentro desse prazo apanhar tantas pedras que tornassem a empresa de nenhum valor para quaisquer contratantes futuros, queriam os autores do projeto que se obviasse este mal, limitando o número de escravos que se deviam empregar, e a melhor forma de pagamento, acrescentavam eles, seria por uma capitação como já antes se adotara. Poderia este arranjo evitar um abarrotamento no futuro, mas não remediar o mal atual e urgente, que era a depreciação das pedras já lançadas no mercado. Recomendava o terceiro projeto que se proibisse toda a ulterior extração, até se vender o depósito existente. Para efetuar esta venda aconselhava-se a criação de uma companhia com nove diretores, cada um dos quais devia ter entrado com mais de vinte mil cruzados. Seriam estes diretores eleitos pelos subscritores daquela soma de capital, serviriam por um ano, não poderiam ser reeleitos senão passado um ano de intervalo e haveria décimo diretor de nomeação régia. Os diamantes atualmente em giro no Brasil, poderiam ali circular livremente; mas vindo ao reino, todos sem reserva deviam ser vendidos à companhia. O preço se fixaria agora por uma avaliação favorável aos donos, mas por ele se comprariam todos os que mais tarde se importassem, ficando sujeitos a apreensão e confisco todos os que se sonegassem. Deveria organizar-se esta companhia, incorporando todos os possuidores destes diamantes recentemente achados, de modo que nenhuma dificuldade haveria nem em encontrar sócios, nem capital, para o qual serviriam as mesmas pedras. O lucro da companhia seria a alta certa do valor, podendo-se dispor das ações, como de quaisquer outras. Se algum destes acionistas por pobre carecesse de dinheiro imediato, poderia a coroa comprar-lhe as ações, ou também se poderiam admitir subscritores de dinheiro, aplicando-se à compra daquelas ações o capital assim levantado. Nos lucros da companhia teria el-rei um décimo como compensação do prejuízo que sofria, enquanto se achava proibida a ulterior extração de diamantes. Não se devia admitir a objeção de ser este um arranjo compulsório e uma ingerência na liberdade do comércio, pois que tratando-se do bem público torna-se semelhante intervenção um verdadeiro dever, sobre ser já praticada por todas as companhias exclusivas. A reserva do real dé-

cimo, posto que objeção óbvia contra o plano, era sem embargo justa, por perder a coroa a importância da capitação anual, sobre incorrer na despesa de vigiar a região dos diamantes, enquanto a proibição durasse. E com esta interferência da coroa ganharia a companhia muito mais que o décimo que por ela pagava, em conseqüência da alta do preço e da certeza de não virem mais diamantes ao mercado enquanto ela não vendesse o seu. Além disto calculava-se que com a vantagem de sortir as pedras, de que nenhum traficante de contrabando poderia gozar, subiriam elas um quinto de valor. Apesar de tudo admitia-se que muitos diamantes se deixariam de apresentar para evitar a taxa, fazendo-se neles um tráfico de contrabando, que não teria lugar se os donos pudessem contar sem dedução com o seu quinhão no ganho; e igualmente se reconhecia que a maior cautela seria necessária para atalhar injustiças na avaliação das pedras, e que para consegui-lo era mister que ao proceder a ela se não soubesse cujas eram. Propunha o quarto plano que fossem os diamantes de então avante extraídos por uma companhia exclusiva temporária ou perpétua para a qual todos poderiam entrar quer com diamantes quer com dinheiro. A quantidade extraída para todos devia ser segredo, exceto para a coroa, que teria um décimo, devendo a companhia vendê-lo fielmente com o resto. Os diamantes atualmente no mercado ou seriam vendidos à companhia pelo preço corrente, ou consignados a ela para vendê-los por conta dos donos mediante uma comissão de dois por cento; se ficassem três anos por vender, tomá-los-ia então à companhia pelo preço da praça, mas não se encarregaria mais dos negócios de particulares. Era isto de fato compelir todos os possuidores de diamantes a entrar para a companhia ou vender-lhe as suas pedras, e a dificuldade de achar o capital preciso era objeção óbvia.

Arbítrios que se deram a S. M. Ms. Coleção de Pinheiro, T. 1, nº 37

Remeteram-se estes arbítrios a alguns homens do comércio para sobre eles darem seu parecer e em resposta foi apresentado um curioso memorial pelo doutor João Mendes de Almeida, animando-o este cometimento, como ele diz, o temor de Deus, o amor do próximo, o respeito a el-rei devido, e a fidelidade de um bom súdito. Evitar que perdessem os diamantes a sua estimação era o fim proposto, sendo este, afirmava ele, o negócio mais monumentoso que jamais se suscitara desde que o mundo era mundo. Até então grandes capitais se tinham empregado no comércio dos diamantes, agora em

Parecer do Dr. João Mendes

razão da quantidade incrível que deles vinha do Brasil, não havia disposição para a compra, por ser tão diminuta a venda. Dois anos antes vendiam-se a oito mil-réis por quilate, ultimamente não havia quem desse dois, e agora que se esperavam mais na armada seguinte ninguém os comprava por preço nenhum. Dos quatro arbítrios só o terceiro merecia alguma consideração, e ruinosa seria a formação duma companhia como a nele proposta. Era um plano que certos estrangeiros e judeus do norte da Europa tinham posto em voga por meio dos seus agentes, e pessoas com quem estavam relacionados. Tinham aqueles homens comprado tanto, que não sabiam que fazer com a sua mercadoria, e levaria muitos anos primeiro que pudessem eles lapidar as pedras brutas que já possuíam; o que queriam portanto era aferrolhar os diamantes dos portugueses numa companhia que seria a sua prisão ou antes sepultura, enquanto que os deles teriam livre a venda e por seu todo o mercado. Pois quem em Portugal compraria os diamantes? Não os portugueses, isso era bem sabido; e por certo também não os estrangeiros, enquanto tivessem alguns em seu poder...; era verdade palpável o caso, pois atualmente não havia quem comprasse por preço nenhum. Outro mal seria que ligados com esses estrangeiros e judeus, olhariam os diretores da proposta companhia para os interesses deles, não para os do país, pois que mui decaído do que dantes fora estava a praça de Lisboa, e nas mãos dos estrangeiros o comércio de Portugal. Ainda outras objeções havia. O segredo, alma de todo o negócio, era-o especialmente no de diamantes: mas todas as vendas da companhia deviam ser públicas. Outra dificuldade era a avaliação, em que se podiam enganar os mais pintados. Havia nos diamantes diferença de cor e de água; podia uma ser mais cristalina, mais brilhante a outra... matérias delicadas para o juízo e para a consciência, e onde era ponto tão melindroso fazer justiça, quantas queixas não haveria de agravos! Com paciência suportam os homens os prejuízos que sobre si mesmos acarretam, insofridos dos que outros lhes causam. E neste tráfico saberiam os particulares aproveitar oportunidades que uma companhia não possui. Esta só negocia em épocas fixas, aqueles em todos os tempos. Era pois parecer dele, Dr. João Mendes, que todos os quatro arbítrios se rejeitassem; que se reservasse para a coroa a terra dos diamantes, debaixo de leis especiais, extraindo-se os diamantes por conta d'el-rei, pouco a pouco. Tinham os diamantes do Oriente sustentado o

seu preço por serem poucos em número. As pedras que pelo seu tamanho e beleza fossem dignas dum rei, deveriam ficar depositadas no erário régio, guardando-se as outras até se acabarem de vender as que andam no mercado, ou vendendo-se pelo preço corrente, que elas por poucas não poderiam afetar grandemente. Antes se deveria contar com uma alta imediata, porquanto mal contasse que iam ser reservadas as minas se apressariam os estrangeiros a comprar as pedras que achassem à venda, como haviam na França praticado com as pérolas os judeus, antes que subissem mais de preço. Seguindo-se este plano, recuperariam os diamantes gradualmente o seu valor, nem tornariam a depreciar-se.

Resposta aos arbítrios. Coleção de Pinheiro, T. 1, nº 38. Ms

Após madura deliberação resolveu a corte reservar-se os terrenos diamantinos, adotando este conselho, e limitar a extração, mas não empreendê-la por conta própria. Ordenou-se pois ao desembargador Rafael Pires Pardinho, que com assistência de pessoas competentes marcasse os limites do distrito defeso, pondo-se pesadíssima capitação, de modo que poucos empreendessem com semelhantes condições a busca de pedras, que necessariamente teria de vender-se caras, chegando ao mercado oneradas de tais despesas. Não consta qual fosse a taxa marcada nos primeiros sete anos seguintes, mas no governo de Gomes Freire fez-se um contrato para empregar na extração seiscentos escravos efetivos, pagando-se por eles uma capitação anual de 230$000, revogada a favor do contratante uma lei de 1734, que reservava para a coroa as pedras de certo tamanho para cima, alterando-se esta disposição no sentido de deverem tais pedras ser apresentadas a el-rei antes de oferecidas a nenhum comprador. Foi por quatro anos este contrato, findos os quais tão lucrativo havia sido o negócio, que se elevou a capitação a 270$000, com a condição de fiar o Tesouro todos os anos ao contratante sessenta contos de réis sobre os cento e sessenta e dois por que estava obrigado.

Contrato para extração de diamantes

Carta Régia de 30 de out. de 1733. Ms.

Condições para a extração dos diamantes. Ms. Ordem de 4 de fev. De 1746. Ms.

Ordem de 22 abr. de 1744. Ms.

Sucedeu coincidirem as vistas da corte com o interesse dos lapidários europeus, e de todas as pessoas envolvidas neste tráfico. Enquanto abarrotado o mercado, guardavam eles as suas pedras, aguardando o seguro lucro da demora, certos de que as restrições agora im-

postas em breve deviam fazer subir o preço do artigo. Nem eram eles mui escrupulosos nos meios que empregavam. Começaram por espalhar diligentemente boato de que os diamantes do Brasil, se é que eram diamantes, pois até isto se negava às vezes, ficavam em qualidade muito abaixo dos do Oriente. Era uma falsidade, mas o que eles compravam como brasileiro, vendiam como oriental, lucrando em ambas as transações com esta fraude. Chega-se mesmo a dizer que houve tempo em que eles mandavam para Goa as pedras brasileiras, introduzindo-as assim no mercado da Índia, para dali virem à Europa pelo antigo canal, até que se reconheceram plenamente a autenticidade e igualdade de valor dos diamantes brasileiros.

Efeitos sobre o comercio dos diamantes

Mawe on diamonds. Chap. 1, § 37 1729

Por Antônio Soares e Antônio Rodrigues Arzão foi primeiro explorado o Serro Frio, em que se encontravam estas pedras, e cuja capital, a Vila do Príncipe, fora feita vila, cerca de quatorze anos antes desta descoberta, que, se ajudou a povoar o distrito, produziu mais mal do que bem a todos os outros respeitos. Ao separar-se do governo de São Paulo a capitania de Minas Gerais, deviam traçar-se os limites entre ela e os do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Não o fizeram porém os medidores (neste ínvio país com alguma propriedades chamadas pilotos) senão onde era necessário, isto é, do lado das províncias, com as quais havia comunicações regulares. Na direção do norte e do oeste ficava uma vasta extensão de território por apropriar, e para as bandas da costa só em 1800 se fez a demarcação com o Espírito Santo. Constituiu-se a província entre 16 e 22º de lat. S. Limitam-na ao meio-dia as de São Paulo e Rio de Janeiro, ao poente Goiás, e a Bahia ao setentrião, demorando-lhe o Espírito Santo a oriente. Forma toda a província parte de uma imensa cordilheira, que, principiando em São Paulo, segue a direção principal de sul a norte, estendendo braços que abrangem o Brasil inteiro. Não são ali mui distintamente assinaladas as estações; o moderado frio de junho e julho não despe da sua verdura as árvores, que em agosto como que arremedam a primavera deitando novas folhas e flores. Começa em fins de maio um curto inverno de dois meses, em que o termo médio da temperatura em anos ordinários é de 50º do termômetro de Fahrenheit, que raras vezes sobe acima de 80º na estação calmosa. A di-

Descrição de Minas Gerais

14 de jan. 1734

visão mais distinta do ano é em estação chuvosa e seca, durando a primeira de outubro a maio. Vem a chuva, principalmente no seu começo, acompanhada de freqüentes e tremendas trovoadas, que formando-se de repente, deixam o céu, descarregada a sua fúria, tão límpido e sereno, como o haviam achado, e com um frescor que em todas as veias se sente. É pesada a chuva enquanto dura, que às vezes são dias e até semanas. Cai a maior força da água em novembro e dezembro, e segue-se o verãozinho de janeiro, sendo em fevereiro e março menos frequentes as chuvas, até que de todo cessam. Na estação chuvosa é constante o vento norte, como o leste o é na seca, trazendo este consigo frio e nevoeiros que vão aumentando nos meses de inverno. Apesar desta regularidade de ventos, dizem que são repentinas as mudanças de temperatura, sendo a todos os outros respeitos salubre o clima.

Manuel Ferreira da Câmara. Ms.

Em quatro comarcas se dividia a capitania, cada uma com sua ouvidoria e fundição. A do Rio das Mortes, que era a que demorava mais ao sul, tinha por capital São João d'el-Rei. Vila Rica, que era sede do governo, dava nome a outra, Sabará a do poente, rodeando esta comarca quase inteiramente a quarta, que era a do Serro Frio, com Vila do Príncipe por capital. Com os seus dois braços abarcava o rio Doce quase inteira a capitania, podendo pelo do sul exportar Vila Rica os seus produtos, pelo do norte o Serro. Debaixo das montanhas de oeste corre o rio São Francisco, cujos diferentes ramos são navegáveis pela maior parte da comarca de Sabará. Nascendo perto do Tejuco, e indo morrer no mar em 18º de lat. Com o nome de rio das Caravelas, é o Jequitinhonha navegável como as outras correntes, sem que contudo destas grandes vantagens naturais se tenha ainda tirado todo o partido. Em todos estes rios há cachoeiras, onde é preciso transportar por terra as cargas, mas por certo virá dia em que por estes canais se faça ativo tráfico com a costa.

José Vieira Couto. Ms.

José Vieira Couto. Ms.

Quem vindo de Sabará entra na comarca de Serro Frio, logo percebe a notável diferença: marga vermelha e fértil até então, torna-se agora arenoso o solo e coberto de pedrinhas; já não se mostram tão luxuriantes as árvores, e em lugar do verde escuro, de que as outras partes da capitania se vestem, erguem-se escalvados e negros na distância os

montes. No alto destes agrestes serros são frios e impetuosos os ventos, donde tira a comarca o seu nome, e dura, árida, cheia de pedras é a superfície da terra. Daqui se avista o defeso distrito dos diamantes, cujo aspecto bem poderia num romance oriental oferecer apropriada descrição para o país onde se encontram os mais custosos e soberbos ornatos do poder e da riqueza. Inumeráveis píncaros se descortinam, alguns de prodigiosa altura; montanhas de calva rocha cortada a prumo, outras de mais frágil matéria, e em estado de dissolução, como os Alpes de Sabóia, com matas de arbustos a crescer por entre as ervas, e uma espécie de musgo alvacento a vestir a superfície, onde não está cavada de fresco, ou coberta de recentes ruínas... é uma cena de alpina grandeza e desolação alpina mas a um respeito de mais do que alpina beleza, pois maravilhosamente claras são as águas, a cair em lençóis, em fios, em cataratas e todas a demandar, por subterrâneos canais às vezes, os quatro rios maiores que em si as reúnem. Dentre estes é o Jequitinhonha o mais famoso por suas riquezas em ouro e diamantes. É o Araçuaí o segundo em estimação, e tendo as nascentes ao oriente de Tejuco, correm ambos quase paralelos de norte a sul, até se encontrarem em Tocuios, onde perde o último o seu nome, entrando os dois assim juntos num país ainda senhoreado por não domado gentio. Reúnem estes rios todas as águas das vertentes orientais. Nasce o Paraná ao sul de Tejuco, e correndo a oeste, precipita-se da serra numa famosa cachoeira, poucas léguas além dos limites do distrito defeso, indo depois desaguar no rio das Velhas, que leva ao grande São Francisco todas as águas ocidentais da comarca. Cinco léguas E. S. E, de Tejuco tem sua origem o quarto rio, nas abas da alterosa serra de Itambé, e tendo recebido pelo caminho o rio do mesmo nome da serra o Turvo, o Vermelho, o Guaiana e o do Peixe, torna-se um braço do Doce, vindo o outro das comarcas de Sabará e Vila Rica.

Serro Frio e o distrito defeso

José Vieira Couto. Ms.

De forma quase circular mede o distrito umas quatorze léguas de diâmetro. Supunha-se que nenhum diamante se acharia além dos limites desta demarcação, mas depois disso foram descobertos em Cuiabá e Mato Grosso, e mais recentemente em muitos dos rios e riachos que de Sabará correm para o São Francisco, dizendo-se que se encontram eles em quase todas as partes de Minas Gerais, posto que nenhum em tanta abundância como no terreno defeso. Nunca

estas pedras aparecem em veias, nem no cascalho, nem engastadas em matriz alguma, mas sempre à superfície da terra, e geralmente nos leitos dos rios, tendo sido apanhadas em tabuleiros elevados e até nos cumes dos montes. Além da demarcação muda a natureza do país. Perdem as montanhas a sua aspereza, diminuindo de altura, até terminarem numa fértil planície, que se estende por umas oitenta milhas até Itacambira, onde outra vez se torna fragoso o terreno, encontrando-se no rio Itacambiruçu diamantes de valor somenos.

José Vieira Couto. Ms.

Passava a corte portuguesa por auferir do seu ouro e diamantes muito maiores rendas do que efetivamente tirava, nem pudera haver tirado, ainda que nenhum meio se empregasse para defraudá-la. Tido por opulento era Portugal conhecido por fraco, circunstâncias ambas que tendiam a provocar agressões, e apesar do duplo enlace que ligava os Bourbons espanhóis à casa de Bragança, nunca na Espanha se nutriu maior ojeriza contra a nação vizinha do que nos últimos anos do reinado de Filipe V, dominado este rei inteiramente por sua ambiciosa e inquieta mulher Isabel Farnese. Sucedeu arrancarem os criados do embaixador português em Madri um malfeitor das mãos da justiça, e por isto os mandou o ministro espanhol Patiño prender em casa do amo e meter na cadeia. Como de uma quebra do direito das gentes se queixou do modo desta prisão a corte de Portugal, e como lhe não dessem a satisfação pedida, tomou-a ela, prendendo os criados do embaixador espanhol em Lisboa. Em tão irascível estado se achavam ambas as partes, que de boa mente teriam por tão fútil causa começado a guerra, se não houvesse aparecido no Tejo uma grande armada inglesa, que, provando quão pronta estava a Grã-Bretanha a defender o seu antigo aliado, levou a corte de Madri a aceitar a mediação da França e das potências marítimas. Assim se atalharam na Europa as hostilidades, mas enquanto pendiam as negociações, estalou na América a guerra.

Disputas entre Portugal e a Espanha

Coxe's Memoirs of Sir R. Walpole. **Ch. 45, D.** *Memoirs of the Kings of Spain.* **Ch. 41.**

Apesar de achar-se tão indecisa como sempre a questão do território à volta de Nova Colônia, não tinham os portugueses sido inquietados no uso dele, enquanto Zavala foi governador do Prata, tornando-se ali excessivamente prósperos, não com o contrabando somen-

te, lucrativo como era, e em grande escala como se praticava, mas por um espírito geral de empresa e indústria. Exportavam para o Brasil carne-seca, couros e grande porção de trigo. O consumo anual de gado para a praça e para a navegação era de sete mil cabeças, sem que a abundância de alimento animal houvesse barbarizado os portugueses, como sucedera aos espanhóis do Paraguai e do Prata. Tinham eles introduzido todas as frutas do seu país natal, cultivando com igual cuidado e bom êxito todas as plantas culinárias. A mais de sessenta milhas terra adentro estenderam suas plantações e estâncias e Zavala os deixou sem séria oposição alargar os seus limites, percebendo sem dúvida que quanto mais vulneráveis se tornassem, mais dificilmente provocariam hostilidades, e maior seria a presa para a Espanha, se chegasse a rebentar a guerra. De bem diferente humor se mostrou logo à sua chegada o sucessor deste governador, D. Miguel de Salcedo. Em lugar de seguir o canal do sul, que o levaria direto ao porto do seu destino, veio ele costeando a margem do norte até Colônia, e reconhecidos o porto e as fortificações, atravessou para Buenos Aires. Era que trazia ele instruções inimigas. Calculando todos os seus despachos para lisonjear a disposição de inimizade em que se achava a sua corte[13], representou ele Buenos Aires reduzida a carecer de provisões, por usurparem os portugueses a oposta margem, acrescentando que, se não refreavam estes audazes vizinhos, estenderiam seus estabelecimentos até ao Rio Grande de São Pedro. Poucos dias depois da sua chegada mandou dizer por uma carta a Antônio Pedro de Vasconcelos, governador da Colônia, que marcasse dia para se reunirem e assentarem na demarcação. Respondeu Vasconcelos que para tal nenhuma instrução recebera, e após segunda e terceira requisição declarou-lhe Salcedo que se os portugueses se não contivessem dentro do alcance de tiro de peça da praça, seriam responsáveis por todos os males que se seguissem. A esta intimação seguiu-se guerra declarada, mal voltaram do Paraguai as forças enviadas a sopear os comuneros. No Tratado de Utrecht se estipulara que depois de uma declaração de guerra teriam os portugueses seis meses para com os seus bens se retirarem dos domínios da Espanha. Em despeito desta cláusula ordenou-lhes Salcedo sob pena de morte que deixassem incontinênti o território espanhol, decretando igual pena contra quem quer que asilasse algum súdito do rei de Portugal.

Prosperidade de Nova Colônia

1729

Silvestre Ferreira, 25-43. *Relation of what has happened at Buenos Ayres. Keene Papers.* **Ms.** *Extrait des Lettres de Rio de Janeiro et de la Colonie de S. S. Walpole Papers.* **Ms.**

Uma flotilha composta de uma fragata, uma galé e dez canhoneiras, e tripulada por 650 homens pôs-se à caça dos navios mercantes portugueses, desembarcando o mesmo Salcedo dez léguas acima do porto. Ali se tinham disposto cavalos para o seu exército, e ali se lhe reuniram seis mil guaranis das reduções, dirigidos por Fr. Tomás Werle. Qual bárbaro foi Salcedo assolando o lugar por onde passava, queimando capelas, casas e cabanas, destruindo plantações, quintais, pomares e vinhas, e aprisionando os inofensivos lavradores, a quem pôde lançar as garras.

De duas mil e seiscentas pessoas adultas se compunha por este tempo a população de Nova Colônia, incluída neste número uma guarnição de novecentas e trinta e cinco praças. Havia entre estas alguns soldados velhos, que tinham militado na guerra da sucessão, mas a maioria era gente bisonha, sendo pena ordinária para quase todos os crimes cometidos no Brasil, vir servir nesta guarnição tantos anos. Oitenta peças de artilharia guarneciam as fortificações, não em bom estado. Com desmazelo assaz vulgar entre os seus conterrâneos confiara o governador na continuação da paz, agora porém mexeu-se como requeria o caso, empregando até as crianças em ajudar aos reparos. Cortados os jarretes se lançaram fora os cavalos, que já não podiam ser levados ao pasto, nem era possível sustentar na praça; melhor teriam consultado a humanidade e a própria conveniência, se com piedoso ânimo lhes houvessem logo dado a morte. Seguiu-se um ato de característica superstição; assinados os postos à sua gente, animando-o a resistir a um assalto geral, com que contava, dirigiu-se Vasconcelos ao altar de São Miguel Arcanjo, e deposto nas mãos da imagem o seu bastão, resignou o comando neste *Príncipe dos exércitos da glória,* debaixo de cujas ordens queria desde aquele momento obrar como lugar-tenente.

Atividade do governador português

Silvestre Ferreira, 43-72 Cerco de Nova Colônia

Prometendo datas de terras a uns e liberdade aos outros, espalhou Salcedo proclamações em que convidava os moradores e os escravos a passarem-se para ele. Respondeu o governador português oferecendo indulto e galardão aos desertores que voltassem aos seus deveres, e um prêmio a cada espanhol que desertasse. Não queria porém,

disse, competir com o governo espanhol em aliciar escravos à fuga, por ser contrário às leis da moral cristã, que não deviam católicos calcar aos pés, quando em guerra uns com os outros. Debalde lidara o bispo de Buenos Aires por dissuadir Salcedo de empreender o assédio, dizendo-lhe ser injustificável o tentame de surpreender assim as possessões de uma potência em paz com a Espanha, e lembrando-lhe que os homens que ia acometer dentro de suas mesmas casas, eram portugueses que tinham mulheres, filhos e fazenda que defender. Mas Salcedo reputava seguro o triunfo, e apoderando-se sem resistência das ilhas de S. Gabriel, erigiu na maior delas uma bateria, de onde abriu inútil fogo, foi adiantando as suas obras contra a fortaleza, e prometeu à corte de Espanha ser no mês seguinte senhor da praça, em cuja igreja matriz celebraria a festa da Conceição. Arrasou os subúrbios sem poupar duas capelas, uma de Nossa Senhora da Conceição, invocação favorita no Brasil, e outra de Nossa Senhora de Nazaré, apelação pouco menos popular. Demolidos até aos fundamentos estes edifícios, remeteram-se para Buenos Aires as alfaias, empregaram-se na construção de baterias os materiais; mas olhando este ato como sacrilégio, não exasperou menos os portugueses do que lhes inspirou ânimo um proceder que, segundo eles, não podia deixar de acarretar sobre os inimigos a vingança do Céu. A 28 de novembro de 1735 rompeu o fogo das baterias dos sitiantes, abrindo em doze dias uma brecha larga e praticável. Intimou então Salcedo o governador para render-se. Retrucou este que antes de dar cabal resposta à intimação carecia saber se entre as duas coroas na Europa se declarara a guerra, e quando não, se recebera Salcedo ordem de principiar na América as hostilidades, pois que dos seus despachos só via ele não se acharem ainda ajustadas das diferenças a respeito dos criados do embaixador. Replicou Salcedo que jamais comunicava as instruções que de seu soberano recebia, e na noite seguinte preparou-se para assaltar a brecha. Mas uma bala da fortaleza, acertando-lhe no centro da coluna, matou e feriu tanta gente, que tomados de terror pânico os espanhóis, não só desistiram desta intenção, mas nem quiseram mais aventurar-se a empresas perigosas, contentando-se com canhonear e bombardear a praça.

Walpole Papers. **Ms. Silvestre Ferreira, 72-90**

Converte-se o sítio em bloqueio

Logo em princípios do ano novo chegaram sucessivamente socorros do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, mais de

mil homens. À chegada dos primeiros navios evacuaram os espanhóis as ilhas de São Gabriel, encravando a sua artilharia e abandonando as suas munições de guerra e de boca, e imediatamente reocuparam os portugueses o posto, fortificando-o melhor. Também Salcedo se arredou dos muros três milhas, e abandonando a esperança de tomar a praça pela força, reduziu o assédio a bloqueio. Muitas escaramuças se seguiram agora. Recebeu o filho de Salcedo uma ferida no braço, que o deixou aleijado para sempre, e estando o pai a jantar no seu quartel, veio uma bala de peça, que nas mãos lhe partiu o copo. Num destes recontros foi morto o sargento-mor de Buenos Aires, pessoa mui estimada, e por cujo corpo se pelejou tão encarniçadamente como entre gregos e troianos, mas com melhor impulso, pois que logrando levá-lo os portugueses, com honras militares o conduziram à praça onde na igreja principal com todas as demonstrações de público respeito o enterraram. Também foi morto o jesuíta Werle, e após quatro meses de serviço foram os guaranis despedidos sem recompensa alguma, apesar de existir uma ordem para se lhes pagar soldo, tendo sido tais as privações que durante o sítio haviam sofrido, que com gratidão teria sido aceito este recurso em outras ocasiões enjeitado pelos jesuítas.

1736

Walpole Papers. **Ms. Silvestre Ferreira, 90-95. Charlevoix, 3, 149**

Não tendo acreditado nas virtudes militares dos portugueses, viu-se Salcedo agora tão contrariado pela perseverante fortaleza, como já o fora pela atividade e valor do inimigo. Mal sabiam as tropas das capitanias do norte suportar o rigor de um inverno no Prata, e aos males das moléstias veio reunir-se o da falta de suficiente alimento. Afinal, depois de mui retardados pelo mau tempo, chegaram os fornecimentos enviados do Rio de Janeiro por Gomes Freire. Por esta ocasião foi Vasconcelos em procissão com todos os seus oficiais render graças do Sacramento, e mal viu a sua gente assaz restabelecida graças à melhor alimentação fez uma surtida noturna surpreendendo o campo inimigo. Apanhados a dormir, atiraram-se os espanhóis para cima dos cavalos, sem perder tempo a vestir-se, e fugiram como puderam. Foram destruídas as suas obras, caindo todas as provisões e trem bélico nas mãos dos portugueses. Seguiu-se uma ação naval perto da ilha de Martim Garcia, em que os espanhóis perderam duas corvetas, sendo vencedores por mar e por terra os portugueses, quando quase dois anos depois do princípio desta não provocada investida chegaram

Levanta-se o cerco

da Europa ordens para fazer cessar todas as hostilidades, soltando-se de ambas as partes os prisioneiros. A perda dos espanhóis em mortos, feridos e desertores foi avaliada em mais de 2.800 homens, sendo a dos portugueses insignificante em vidas, mas pesada na fazenda duzentas e quarenta e oito casas de campo tinham sido destruídas, e todas as capelas, olarias, moinhos de vento e fornos de cal no país circunvizinho; estâncias, quintais, pomares e plantações haviam sido assoladas com espírito de brutal destruição, e arrancadas as vinhas, algumas tão extensas que continham para cima de cem mil pés de vides. Mais de 18.000 bestas de carga caíram cm poder dos invasores afora 87.000 cabeças de gado e 2.300 ovelhas. Mesmo antes do bombardeamento se computou num milhão e duzentos mil cruzados a perda da propriedade. Recobrou a Colônia a sua prosperidade comercial, nem tardou o gado a ser tão numeroso como dantes, mas as vinhas não se replantaram, não se reassumiu a humanizadora horticultura, e ainda hoje têm os habitantes do campo razão para execrar a memória de Salcedo.

1737

Walpole Papers. **Ms. Silvestre Ferreira, 95-106**

Durante o bloqueio recearam os espanhóis um ataque sobre Montevidéu, que facilmente pudera haver sido tomada, assim tivessem os aliados de Portugal acoroçoado a corte nos seus intuitos de justo ressentimento. Mas a prudência inglesa refreava Portugal em qualquer ato de guerra ofensiva, e tornados audazes com isto tentaram, porém debalde, os espanhóis, estabelecer-se sobre o Rio Grande de São Pedro. Nenhuma fama ganharam com esta guerra, que injustamente principiada foi miseravelmente conduzida; mas parte do seu propósito sempre a lograram, reduzindo a um deserto o belo país que tinham ocupado os portugueses, e sustando por algum tempo o comércio ilícito que crescera a ponto de quase arruinar o do Peru[14]. Causa justa tinha a corte espanhola para irritar-se com o uso que deste porto se fazia, com flagrante violação do tratado, mas muito mais desonroso era o proceder dela. No tráfico de contrabando não se achava o governo português implicado senão quanto a ser conveniente no que atalhar não poderia, ainda que o desejasse. E não ter ele mesmo sofrido pouco com este tráfico, também não é menos certo, porquanto por este canal lhe saía do Brasil grande parte do ouro e diamantes sonegados ao seu erário. Mas a chicana a respeito do território

Proceder dos espanhóis

(outro nome não merece) era ato da corte espanhola, que no caso vertente negou as ordens que com certeza havia Salcedo recebido, sendo todo este negócio tão vergonhoso para a fé do governo como para a reputação militar do capitão. Apesar de ter nos últimos anos da sua vida sido instrumento da ambição de sua mulher, abraçou-lhe Filipe V cordialmente os sentimentos hostis contra Portugal, lembrado de que quanto, entrando na guerra da sucessão, só falavam os outros aliados em obter para o imperador um equivalente razoável das suas pretensões, estipulava este reino que nunca o duque d'Anjou reinaria na Espanha. Com este ressentimento contava o governo francês, que ao preparar-se para a guerra, em que esperava derribar Jorge II do trono da Inglaterra, procurou induzir os espanhóis a uma guerra contra o reino vizinho propondo-lhe partilha dos domínios portugueses; de Portugal e das Ilhas se apoderaria a Espanha, e a França tomaria o Brasil como seu quinhão nos despojos. Mas nem as paixões de Filipe e da sua italiana os podiam tornar cegos à má política deste conchavo. Tais eram contudo a conhecida disposição da Espanha e a fraqueza de Portugal, que o mais hábil estadista português daquela geração propôs a el-rei passar-se para o Brasil, e fixar a sua corte no Rio de Janeiro, assumindo e título de Imperador do Ocidente. Mais tarde ou mais cedo previa ele ter de suceder isto, que ele parece ter considerado mais como um glorioso sonho de ambição, do que matéria para melancólicas considerações e mui naturais pesares.[14]

Représentation des ministres des puissanances médiatrices. Ms. Walpole Papers.

Propõe a França à Espanha partilha dos domínios portuguêses

NOTAS DO CAPÍTULO XXXVI

1 *Derrama*, no Brasil, era a cobrança de um imposto extraordinário, ou a cobrança dos quintos em atraso. (P.B.B.)

2 A pessoa, quem quer que fosse, de cuja cópia deste ato foi tirado o treslado que possui, não se mostra tão satisfeita com a maioria dos mineiros. No título posto à cópia, revela o indivíduo a sua opinão: *Forma com que se estabeleceu a Casa da Moeda das Minas..., ou pra melhor dizer, a sua perdição, como se tem visto, vê, e verá.*

3 Entenda-se quarto grau por direito canônico. Depois do século XIII, em Portugal, o "Direito Canônico era aplicado não só nos tribunais eclesiásticos, mas, também, no foro civil, entendendo-se que havia casos em que o direito imperial (direito romano) devia ser preferido." (César Tripolli, *História do Direito Brasileiro*). (P.B.B.)

4 Dum memorial da feitoria inglesa em Lisboa dirigido ao tribunal de comércio de Londres, e datado de 31 de jul. de 1715 se vê que dentro dos trinta anos precedentes aumentara duas partes por três a exportação de fazendas de lã para Portugal, e este aumento atribuía-se ao desenvolvimento do comércio português com o Brasil, e à grande porção de ouro importada deste país. *Walpole Popers*. Ms.

5 O tradutor latino de Charlevoix e continuador da sua história até 1767, diz que levava cada canoa armada seu falconete de três a quatro pés de comprimento, montado num rodízio, de modo que pudesse fazer fogo para todos os lados, e servido por quatro homens, admiravelmente adestrados neste exército.

6 O autor do Suplemento diz ter alguém declarado que eram estes tormentadores *sincategorematicamente*; infinitos.

7 Vide "Breve Notícia Sobre a Agitada Vida dos Irmãos Leme" (Separata da *Revista do Arquivo Prefeitura de São Paulo*, n.º CXLVIII) de nossa autoria. (P.B.B.)

8 Parece a capitação ter sido adotada desta vez por sugestões de D. Luís da Cunha. Enquanto empregado em embaixada, freqüentava este grande estadista a sociedade dos judeus portugueses, que muitos dos seus conterrâneos teriam evitado com horror, ou com receio das conseqüências quando se tornassem a ver ao alcance da então terrível Inquisição. Perguntou D. Luís a um judeu nascido no Rio de Janeiro, e a quem louva pelo seu são juízo, qual poderia ser a razão de tirar o rei da Espanha muito maior rendimento das suas minas de prata, do que o de Portugal das suas de ouro do Brasil. Respondeu o judeu que não havia outro meio de explicar o fenômeno, senão pelas fraudes cometidas a respeito dos quintos, sendo certo que quem levava à casa da moeda duas arrobas para serem carimbadas, untava as mãos a quem de direito, e só pagava por uma. O meio de remediar isto, disse o judeu, seria fintar, não o ouro, mas as pessoas empregadas em cavá-lo. Cem mil escravos andavam ocupados neste mister; ora apanhando cada um, por um cálculo moderníssimo, uma oitava por dia, teríamos, excluído os domingos e os poucos dias-santos guardados em Minas, dois arratéis por cabeça no fim do ano, cujos quintos deveriam ser quarenta arratéis, enorme diferença esta da quantidade efetivamente paga. Acrescentou o judeu que, orçando os escravos em cem mil, ficava aquém da verdade, podendo porém os padres averiguar com exatidão o número. Do senhor de cinqüenta escravos deviam exigir-se todos os cinco dias cinqüenta oitavas, mas, para dar o devido desconto a moléstias e outros acidentes, poderia pagar cada um só por quatro quintos dos braços que empregasse. A isto objetou D. Luís, que se nos rios se podia talvez apanhar com bastante regularidade a suposta quota diária, outro tanto não sucedia quando era preciso cavar o ouro, caso em que muitas vezes nada produzia o trabalho de muitos dias. A resposta foi que, achada a veia, era tão abundante o produto, que compensava de sobra o tempo improdutivo. A última objeção foi o perigo de com semelhantes impostos excitar uma insurreição en-

tre gente tão frouxamente ligada pelos laços do dever e da fidelidade: mas o judeu que a conhecia, tornou, que se el-rei deixasse o povo arranjar isto por si mesmo, em lugar do governador, não seria mal acolhida a medida, pois que pensavam aqueles homens mais uma prova de estima e confiança do seu rei, do que quaisquer considerações de interesse, e em todo o caso nada se perdeu com fazer a experiência. *Carta ao Marco Antônio.* Ms.

Também previa D. Luís o perigo de aprenderem os negros por este ou por qualquer outro meio a calcular e entender a sua grande superioridade numérica. Por esta razão aconselhou que se fortificasse bem uma praça na capitania, metendo-se-lhe dentro um regimento de infantaria, para a conservar sujeita. Talvez que não fosse só contra os negros que ele julgasse prudente esta cautela.

9 Passava D. Sebastião revista ao seu exército antes da fatal batalha de Alcacer quando estacou vendo só cinco cavaleiros entre o terço que cercava o estandarte real, ao passo que os outros todos tinham seis, e disse em certo tom de cólera: "Aqui falta um cavaleiro!' Era Gomes Freire de Andrada, que ali estava com dois filhos à mão direita, e dois à esquerda. Ergueu o ancião a viseira, e respondeu: 'Parece-me, Senhor, que um pai com seus quatro filhos, que vêm aqui morrer por vós, bem podem suprir a falta dum sexto..." Ponho aqui esta bela anedota, porque ao trabalhar eu nesta parte do texto chegou a notícia de ter o representante desta ilustre família morrido em Lisboa às mãos do algoz!

10 Não tendo podido obter o original português desta carta, foram vertidos do inglês os trechos supra. (O trad.)

11 O intendente duma comarca ficava por este regimento unicamente sujeito ao governador da capitania e ao capitão-general do Brasil, devendo prestar-lhe obediência todas as demais pessoas dentro do seu distrito. Também havia para a arrecadação da capitação em cada comarca um fiscal, um secretário, um tesoureiro e um meirinho, e quando o serviço o exigia ainda segundo secretário. Todos os anos devia o Conselho Ultramarino mandar de Lisboa um número conveniente de bilhetes para a matrícula, e distribuindo-se pelos intendentes, devolvia o governador os que sobravam tendo de dar conta dos outros. Duas vezes por ano, em janeiro e julho, deviam matricular-se todos os escravos por nome, sobrenome, cidade, naturalidade, e demais individuações, que se julgassem necessárias, devendo os intendentes e fiscais ver que ninguém registrasse dois escravos do mesmo nome sem distingui-los claramente. Também deviam especificar-se o nome e residência do dono. Por ocasião de cada matrícula pagavam-se duas oitavas e doze vinténs de ouro por cabeça de escravo, sem se atender à condição e qualidade do senhor, nem à ocupação e valor ou não valor do escravo, com as únicas exceções do texto. A moléstia não isentava a taxa o escravo, mas pelos cegos, incuráveis, e por aqueles que por qualquer causa eram absolutamente improdutivos, nada se pagava. Os escravos importados de novo deviam ser apresentados dentro de dois meses, taxados pelo semestre corrente e registrados em livro separado; os fugidos e tornados a apanhar também deviam ser apresentados da mesma forma dentro de certo prazo. Recebia o senhor um bilhete por escravo, sendo a falsificação destes títulos punida com

dez anos de degredo para a ilha de S. Tomé, e perda de todos os bens, salvo se o delinqüente tinha pais ou filhos, reputando-se em tal caso pena suficiente o degredo. Todo o escravo não matriculado era adjudicado ao Tesouro, ou ao denunciante, quando o havia, e provando-se ter sido ocultado um escravo, que se não podia descobrir, perdia o senhor outro em seu lugar. Um escravo assim escondido que por si ou por outrem desse notícia da fraude, seria premiado com a sua carta de liberdade passada gratuitamente em nome d'el-rei. As pessoas livres e de raça européia sujeitas à taxa podiam pagá-la por si ou por procurador, e da mesma forma os negros e mulatos forros, mas tanto numa como noutros se punia com uma multa de cem oitavas e degredo para fora de Minas a tentativa de subtrair-se ao pagamento. Também se deviam apresentar os donos de lojas, vendas, boticas, cortes de carne, etc.; os estabelecimentos maiores pagavam doze oitavas, os medianos oito, mascates e lojas pequenas quatro. A classificação devia ser feita sobre o depoimento jurado de duas testemunhas, e provando-se ter havido fraude, era o dono multado no dobro do imposto. As lojas, em que se vendesse a retalho qualquer espécie de mantimento deviam pagar pelo menos como vendas, e outro tanto sucedia às boticas, casas de pasto, cortes de carne e estalagens. Ficavam os livros abertos dois meses, e quem depois deles fechados trazia escravos para matricular pagava um décimo mais para o intendente pelo trabalho de tornar a abri-los, e outro décimo como pena pela sua negligência. Deviam os tesoureiros ter cuidado em não receber senão ouro bom, sem mistura nem fraude, nem de toque notoriamente baixo; não deviam pois aceitar em pagamento o ouro da Borda do Campo, Congonhas de Sabará ou Pitangui, exceto das pessoas que ali residissem ou tivessem lá escravos a trabalhar. Quem não tivesse ouro para pagar a capitação, poderia deixar penhores, que, sendo de ouro em obra, ou prata, poderiam reunir-se dentro do prazo que o intendente marcasse, mas sendo objetos sujeitos a avaria, deveriam ser remidos ou vendidos em tempo. Nos últimos dois meses de cada semestre devia o intendente percorrer o seu distrito, e sendo este grande demais, devia numa visita inspecionar os lugares aonde na precedente tivesse deixado de ir. O intendente, seus oficiais, e os soldados que os acompanhavam tanto como guarda de honra como para protegê-los, não exigiriam dos moradores camas nem mantimentos de qualidade, exceto capim para os cavalos, por ser este por costume um direito real, reconhecimento do senhorio. Quem tomasse qualquer coisa sem pagá-la, ou a extorquisse à força, seria punido como ladrão. Podia o intendente encurtar a sua visitação no fim do ano, época em que é difícil o viajar, e alargá-la no primeiro semestre, entrando pelo mês de julho dentro. Nestas visitações devia ele colher informações secretas sobre escravos escondidos. Quando a suspeita fosse grande, poderia fazer com aparecer o indivíduo com todos os seus escravos, ler na presença deles a lista dos matriculados pelo senhor, e dizer-lhes que quem não estivesse naquela lista, e se descobrisse, obteria a sua liberdade. E devia ir a qualquer fazenda ou engenho dentro de certa distância, onde presumisse haver escravos subtraídos. O principal dever do fiscal, como procurador da Fazenda, era ver que não se subtraíssem escravos, e impor as multas em tais casos. Para isto devia examinar os róis das freguesias, confrontando-os com as relações alfabéticas da matrícula. Podia o gover-

no meter os intendentes e seus subordinados em processos por prevaricações, e em caso de necessidade mandar executar neles sentença de morte.

12 Num ofício do embaixador inglês em Madri dirigido ao seu governo, se diz ter Salcedo afirmado que os moradores e soldados da Colônia se preparavam para penetrar no Peru! (*Keene Papers.* Ms.)

13 No ano de 1755 (antes do mês de outubro) entraram no porto da Colônia trinta navios carregados de mercadorias de todos os gêneros para o tráfico de contrabando. Quatro dentre eles eram ingleses, vindos diretamente de Lisboa, munidos de passaportes dos dois governos, e com ambas bandeiras, para usarem da que mais lhes conviesse. (*Relation of what has past at Buenos Aires since the arrival of D. Miguel de Salcedo*). Por este tempo dizia D. João V ao enviado inglês lord Tyrawley que os ingleses haviam de sentir mais no seu comércio a perda da Colônia do que Portugal, pois que só ali achavam saída mais fazendas de lã do que em todo o resto do Brasil. (*Letter of febr.* 19, 1736). Dum despacho de Azevedo, ao ministro português na Inglaterra (31 de jul. de 1736) se vê porém não ter sido esta a opinião dos mercadores de Londres, que entendiam pouca diferença poder fazer-lhes negociar por intermédio de Cadiz ou da Colônia. (*Walpole Papers.*) Dobrizhoffer, que em 1749 visitou a Colônia, descreve assim na sua vívida e frisante linguagem: *In adverso fluminis Agentei litora, quod orientem solem spectat, Boni Aerir urbi opponitur Colonia SS. Sacramenti, quem Hispani suo scilicet in solo a Lusitanis conditam olim munitanque, expugnarunt toties, totiesque, dum pax in Europa coalesceret, pactorum vi raddidere, palam plaudentibus Boni Aeris inquilinis, in quos ex clandestino cum Lusitanis commercio plurimae redundabant utilitates. As privatorum hominum lucra Catholici Regis aerario fraudi erant maximopere ob debitorum vectigalium imminutiones. Urbecula haec, tot discorditarum pomum, editori fluminis ripae incubat. E domis et paucis et humilibus componitur, pago quamurbi similior. Neque spernenda tamen; miseris enim sub tectis, opulenti mercatores, omne mercium genus, aurum, argentum, adamantes delitescunt. Muro simplici ac pertenui clauditor, militari praesidio, machinis bellicis armorum supellectili, annonâ ad subitos belli casus affatim instructa. Nibil caeterum aut roboris ostentat. Territorium quod Lusitanici erat juris tam exiguí est ambitus, intra semihoram a pedite vel languidissímo perambulari ut possit. Naves Lusitanicae Anglourum Batavorumque mercibus, et, quae ingenti cum faenore in American veneunt, mancipiis Africanis onustae, certatim ad hunc confluxere portum, e quo, delusis vel auro corruptis Hispanis excubitoribus, in Paraguariam, Peruvium, Chilenseque regnum res venales clanculum deportabantur. Prona hinc est conjuectura, cur hanc coloniam quantovis demum sumpta, conservendam Lusitani, quam primum evertendam Hispani sibi semper putaverini.*. T. , p. 6.

14 O que em tal caso havia de ser de Portugal, é questão com que D. Luís da Cunha já contava, ao propor esta medida perguntando a si mesmo em resposta: "Que é Portugal? Uma orelha de terra, de que um terço está por cultivar posto que capaz de cultura, outro pertence à Igreja, e o terceiro não produz grão bastante para sustentar os habitantes. As outras potências da Europa protegeriam Portugal contra a Espanha, e esta mesma se absteria de apoderar-se dele, com receio de perder em troca as províncias do Prata e do Paraguai... em caso de tal transferência tornar-se-ia necessária uma completa demarcação na América; o Oiapoque e o Prata

deveriam ser os limites ao norte e ao sul, e pelo sertão o Paraguai até a Lagoa dos Xaraiés, donde se tiraria uma linha imaginária por cem léguas na direção até chegar ao Madeira." Queria D. Luís, que quer tivesse ou não lugar a transferência da corte, se esforçasse o governo português por fixar estes limites. Não eram os jesuítas espanhóis, dizia, nem melhores nem mais zelosos missionários do que os seus irmãos portugueses; em verdade formavam os jesuítas um povo especial, como os judeus, revelando o mesmo caráter, onde quer que vivessem. Nisto perderia o rei da Espanha considerável território, mas era um país em que ele apenas tinha o mero jus de domínio, e os jesuítas todo o proveito. Tinham estes assaz provado não existir ali nem ouro, nem prata, mas lá estava a erva-mate, sendo para admirar não ter ela ainda sido importada na Europa como chá. Provara-a ele em Londres com o Dr. Fernandes Mendes da Costa dizendo este grande médico ser coisa mais sadia que chá ou café. Voltando pois à proposta transferência, diz ele tremeria a Espanha pela sorte do Peru e de todo país até o istmo pois sabem todos como o rigor com que são tratados pelos espanhóis os míseros naturais, os torna propensos a sacudir o jugo, mal lhes dêem algum auxílio. Nem seria difícil obter o Chile e todas as terras até o Estreito em troca do Algarve, que pelos seus portos muito conviria à Espanha... Tantos portugueses seguiriam a corte que a este respeito pouca diferença haveria dentro em pouco entre as cidades de Portugal e do Brasil. "E quanto aos tapuias do sertão direi que em nada, senão na cor, diferem dos rústicos nas nossas províncias, e demais, depois de instruídos, observam os preceitos da Igreja melhor que os nossos camponeses, que ou os esquecem ou desprezam. Mas onde bate o ponto é aqui; não pode el-rei manter Portugal sem o Brasil, enquanto que para manter o Brasil não carece de Portugal; melhor é pois residir onde está a força e a abundância, do que onde é a necessidade e a falta de segurança... Acabarei pois esta minha visão, dizendo a Vossa Majestade que sem embargo de não ser já tempo de falar nela, pode vir algum (de que Deus nos livre) em que não seja mal lembrada." *Carta a Marco Antônio.* Ms.

. . . .

Capítulo XXXVII

GUERRA ENTRE A ESPANHA E A INGLATERRA – TENTAM OS FRANCESES OCUPAR A ILHA DE FERNÃO DE NORONHA – DESCOBERTA E CONQUISTA DE GOIÁS E MATO GROSSO – CHEGAM OS PORTUGUESES ÀS MISSÕES DOS MOXOS – VIAGEM DE MANUEL FÉLIX DE LIMA PELO MADEIRA ABAIXO – ADIANTAMENTO DOS PORTUGUESES PELO AMAZONAS E SEUS AFLUENTES

Crescente importância de Montevidéu

SE OS MINISTROS ingleses tivessem previsto quão depressa iam ver-se envolvidos numa guerra com a Espanha, teriam logo tomado parte na justa contenda do rei de Portugal, a respeito de Nova Goiânia, em vez de lhe excitarem o ressentimento e a má vontade, intervindo unicamente para emplastrar a desavença. Teriam então encontrado na América um poderoso aliado, e no espírito e letra de tratados existentes teriam achado causa nobre, do que nos agravos, reais ou alegados, de homens entregues ao comércio de contrabando. Foram os ministros arrastados a esta guerra pela violência de uma oposição que pouco curava do mal que iria fazer ao país, contanto que pudesse atenazar o governo existente, e pelos clamores de um povo iludido. Improvocada, impolítica, injustiça valeu-nos esta guerra, como merecíamos, desastres e vergonha incorridos por mal pensadas expedições contra a Amérirca espanhola. Também a Espanha sofreu grandes

perdas de vidas e fazenda, mas provou a sua força na América, e para o desenvolvimento e prosperidade das suas colônias no Prata concorreram os sucessos da guerra. Enviou ela D. Joseph Pizarro com uma esquadra e seis velas e uns 3.500 homens a esperar a expedição comandada pelo comodoro Anson. Reuniu-se esta esquadra no Prata, para onde mais tarde tornou a vir arribada do cabo de Horn em miserável estado; o muito tempo que ela ali estacionou, e o grande número de homens que deixou no país (de quantos tinham vindo, mal voltariam à Europa uns cem), aumentaram muito a riqueza e a atividade tanto em Buenos Aires como em Montevidéu. Plenamente reconhecida estava agora a importância desta última posição, começando desde então estes dois portos a crescer mais rapidamente do que outra nenhuma colônia espanhola.

Anson's Voyage. **Echabarri, T. 3, p. 133**

Felizmente para si e para o Brasil não se envolveu Portugal nestas hostilidades, nem na contenda muito maior que em breve se seguiu à morte do imperador Carlos VI. O revés de Montevidéu ensinou os portugueses a não tentarem alargar as suas fronteiras onde podiam encontrar forças superiores, parecendo por esta razão terem eles deixado intacto o terreno contestado nesta direção. Guardaram porém com o costumado ciúme as suas próprias possessões. À sua chegada ao Recife soube o novo governador de Pernambuco terem-se alguns estrangeiros estabelecido na ilha de Fernão de Noronha: quem fossem e que força teriam ninguém podia dizê-lo, mas visto achar-se Portugal em paz com todas as potências, nem ter jamais sido contestado o seu direito a esta ilha, a presunção era deverem ser piratas. Ainda este nome não perdera na América do Sul os seus terrores e logo fez o governador sair uma esquadra suficiente para subjugar qualquer força que pudesse ali achar-se. Dispersou-se a esquadra pelo caminho: chegou um navio e fundeado a vista da ilha aguardava os companheiros, quando apareceu em viagem de Angola para a Bahia um galeão português de setenta e quatro peças, cujo capitão D. Miguel Henriques, inteirado do estado dos negócios, assumiu a direção, desembarcando parte da sua gente com as tropas pernambucanas. Encontraram-se na praia vinte e cinco franceses, que sem a menor demonstração de resistência vieram a dar com os por-

Tentam os franceses ocupar a ilha de Fernão de Noronha

1738

tugueses, dizendo terem sido mandados para ali pela Companhia francesa das Índias Orientais a tomar posse da ilha. Não quis o comandante português a princípio acreditar esta história. A ilha, disse, fazia incontestável parte dos domínios do rei de Portugal, sendo impossível que o rei da França, achando-se com ele em paz, autorizasse semelhante atentado, ou que uma companhia de súditos franceses tivesse a audácia de obrar de semelhante forma por sua própria autoridade. Pareciam pois, acrescentou ele, piratas, que para infestar o comércio português ali se tinham estabelecido, tornando-os esta falsidade, inventada como escusa, dignos de ainda mais severo castigo. Apresentaram porém os franceses um ato formal de posse lavrado em nome da Companhia, e do qual se achou uma cópia inscrita em duas folhas de chumbo ao pé de uma cruz por eles levantada, vendo-se ainda a bandeira branca, içada no quartel desta gente, corroborar o dito. Resolveu-se pois tratar bem e cortesmente aqueles homens, até se poder averiguar a verdade do que afirmavam. Convidaram-nos por conseguinte a arrear a sua bandeira, e como recusassem fazê-lo, desceram-na os portugueses, e entregando-a a eles com honras militares, arvoraram a própria. Por este tempo chegou o resto da esquadra pernambucana, e feito um inventário de quanto se achou na ilha, tornou a pobreza do estabelecimento tanto mais incrível o conto dos franceses. Era contudo exatíssimo.

Ofícios de Ant. Guedes Pereira. Ms.

A umas setenta léguas da costa do Brasil fica a ilha de Fernão de Noronha, que medirá suas vinte de circunferência. Estreitas águas separam da principal e dividem entre si muitas ilhotas. Há ali dois portos, ou antes abras, abrigada do sul e leste uma, mas expostas ambas inteiramente ao norte e oeste, não se podendo sem o maior perigo demandar a costa com estes ventos, que são periódicos, posto que de curta duração. É montanhosa a ilha maior, um de cujos píncaros de rocha tanto semelha visto do mar uma torre de igreja, que o chamam o Campanário. Dos montes alguns arroios descem, cujas nascentes jamais secam, sendo esta porém a única água da ilha, onde às vezes se passam não meses, mas anos sucessivos, sem uma gota de chuva, de modo que tudo fica torrado. Em princípios do século décimo sétimo ali se estabeleceu um feitor português com uns quatorze escravos de ambos os sexos. Havia então cabras, porcos e gado bravo, posto em

Ilha de Fernão de Noronha

1602

terra pelos primeiros navegantes, excessivamente previdentes nestas coisas. Eram também numerosas as pombas. Pelos anos de 1630 esteve a ilha em poder dos holandeses, que passados alguns anos a abandonaram acossados por uma praga de ratos que destruíam quanto se plantava.[1] Abundava em peixe a costa, a ponto de mandarem os holandeses durante o seu domínio em Pernambuco navios a aproveitar esta colheita que jamais falhava. Uma ocasião mandaram para a ilha uma porção de negros,[2] a fim de diminuírem o consumo no Recife, a cujos muros se viam reduzidos; depois transportaram para ali criminosos, deixando-os, munidos de instrumentos agrícolas, prover como pudessem à própria subsistência. Se depois de expulsos do Brasil os holandeses, algum uso fizeram desta ilha os portugueses, só poderia ter sido por intermédio de aventureiros privados, e temporariamente. Esta tentativa dos franceses porém inquietou o governo, que imediatamente a mandou fortificar bem. Assaz rico o Estado então para não olhar a despesas, não menos de sete fortes excelentes se levantaram para guardá-la de todos os entrelopos. Desde então guarnecida não colonizada, tem a ilha de Fernão de Noronha permanecido na condição mais extraordinária e triste, lugar interdito a mulheres só povoado de degradados de Pernambuco. São rendidos anualmente os soldados, sucedendo outro tanto ao mísero capelão, de ordinário compelido a ir ali servir, que não há quem voluntariamente viva entre esta sociedade de facinorosos. É para pasmar ter-se jamais podido introduzir tão detestável sistema, mas não para crer que governo tão moral e religioso o deixe continuar.

Nieuhof. *Zee em Lant. Reize.* **P. 6**

Ulloa Book, **9, ch. 2.**
Koster's Travel's. **P. 30**

Adiantavam-se agora os portugueses pelo sertão do Brasil e pelo Amazonas acima, com aventurosa intrepidez que os espanhóis nem sabiam emular, nem rebater podiam. Tanto a aprazimento da corte se conduzira Gomes Freire que foi nomeado para o governo unido do Rio de Janeiro e Minas Gerais, dizendo-se na respectiva carta régia, que visto poderem do Rio a Vila Rica transmitir-se em quatro dias as novas, viagem por ele mesmo feita neste prazo, nenhum inconveniente haveria em residir o governador a tal distância na sua capital marítima. Grande extensão de territórios se explorou e apropriou durante a

Gomes Freire governador do Rio e Minas Gerais

5 de out. de 1737

longa administração deste homem hábil. Paulistas e mineiros se derramaram por essa vasta região por detrás das capitanias da Bahia e Piauí, de que se formou a capitania-geral de Goiás, e de Cuiabá continuaram os portugueses a avançar sempre, por um lado numa direção que os aproximava das missões dos chiquitos e moxos, e pelo outro na do grande braço ocidental do Tocantins e seus tributários, assegurando assim a Portugal um país de não menos de duzentas mil milhas quadradas que constituiu a capitania de Mato Grosso.

Dos índios goiazes tira Goiás o nome. O primeiro que descobriu as riquezas minerais deste país foi o paulista Manuel Correia, que por vezes ali penetrou no século décimo-sétimo à testa de uma bandeira de caçadores de escravos. De lá trouxe algumas oitavas de ouro, apanhadas num dos rios, oferecendo-as depois, como contribuição, para uma coroa de Nossa Senhora da Penha na vila de Sorocaba. Depois dele explorou o mesmo país Bartolomeu Bueno, o mais famoso aventureiro deste século. Numa de suas expedições encontrou este algumas ricas amostras de ouro no território de Aracis, sobre um dos grandes rios que vão morrer no Amazonas, o Araguaia, segundo supõem uns, Xingu, segundo querem outros, pois que o lugar, apesar de muitas vezes procurado, nunca mais se tornou a descobrir. Chamou-o Minas dos Martírios, não, como poderia julgar-se, em razão de grandes sofrimentos por que com os seus companheiros passasse nesta jornada, mas por achar o sítio marcado com uma representação natural dos instrumentos da paixão, rudemente formada pelas veias da rocha. Desconfia-se porém que, narrando este milagre, queria Bueno divertir-se à vista da credulidade dos seus patrícios, como soía brincar com a ignorância dos índios; fazendo pelolicas diante dos naturais como queimar aguardente, obtivera ele o apelido de Anhangüera, "Diabo velho", persuadindo-os de que com tal arte podia secar rios.[3]

Exploração de Goiás

1738

Casal. *Corografia brasílica.* **T. 1, p. 312. 314**

Em outra expedição, em que lhe foi companheiro seu filho Bartolomeu, então de escassos doze anos de idade, fez ele alguma parada sobre o rio Vermelho, afluente do Araguaia, observando ali que algumas goiazes traziam pedacinhos de ouro, que apanhavam nos leitos dos rios. Era isto no ano de 1670. Não se prosseguiu por então na descoberta, que não era vinda

Funda Bueno Filho a primeira povoação

ainda a época da mineração, e quando chegou, eram tão produtivas as Minas Gerais que por muitos anos pouco incentivo tinham os aventureiros para ir mais longe em busca de outras. Mais de cinqüenta anos pois se passaram antes que Bueno filho, agora com mais de sessenta anos ele idade, propusesse ao governador de São Paulo sair em busca do lugar onde estivera quando criança, e de que ainda vivamente se lembrava. Excitaram nele este desejo as recentes descobertas de Cuiabá, fazendo parecer razoável a proposta, e o governador Rodrigo César de Meneses o encarregou desta diligência, dandolhe para ela cem mosqueteiros e numerosa comitiva. Passados tantos anos, mal era possível poder ele seguir a própria pista através de um país selvagem. Decaiu muito para o sul e encontrou ouro: alguns dos seus, julgando totalmente perdido o fio do lugar que buscavam, queriam desistir de ulteriores explorações, para aproveitarem a boa fortuna com que tinham deparado. Persistindo contudo no seu propósito, continuou Bueno a errar, até que no fim de três anos, perdidos a maior parte dos companheiros ceifados por moléstias, fadigas e acidentes, voltou a São Paulo. Mas nem os espíritos lhe havia abatido, nem extinto as esperanças neste malogro; grande era a sua nomeada por honrado, bem como por empreendedor e sagaz, e segunda vez fez sair o governador com melhor fortuna. Após alguns meses chegou a um lugar onde era evidente terem estado portugueses em tempos antigos. Ali estabeleceu o seu quartel, e apanhando dois índios logo deles soube serem goiazes. A primeira pergunta foi se sabiam onde outrora tinham acampado os brancos, e eles o conduziram a um lugar mui distante, onde Bueno reconheceu o sítio que vira quando rapaz. Tendo apanhado ouro em cinco rios diferentes, voltou com amostras tão abundantes e ricas que imediatamente o fizeram sair outra vez com o posto de capitão-mor a fundar ali uma colônia.

1722

1725

1726

Corografia brasílica, **1, 314. 317**

Assentou Bueno um arraial no lugar que por tanto tempo e tão pacientemente buscara. Foi provavelmente de São João Batista, a quem se dedicou a capela, o primeiro nome que lhe puseram, mas quando os mineiros se passaram para terreno mais rico, quis o ferreiro ficar, e dele, como de pessoa de não pequena importância em país novo, se chamou *Arraial do Ferreiro* o lugar, designação que ainda conserva. Em termos de amizade viveram por algum

Floresce a colônia

tempo os goiazes com os colonos, até que suspeitando algum desígnio traiçoeiro, que a lembrança de antigos agravos tornava demais provável, apareceram de repente em armas.[4] Conhecendo-lhes os costumes, apreendeu-lhes Bueno algumas mulheres, a quem tinha este povo tanta afeição, que antes do que deixá-las no cativeiro, solicitou pazes. Como preço desta reconciliação mostraram os índios aos portugueses onde se achavam as veias mais ricas. Não tardaram por conseguinte as minas de Goiás a rivalizar com as de Cuiabá, e por ser perigosíssimo o caminho por estas últimas, infestado como andava das duas tribos mais formidáveis de toda a América do Sul, começaram os aventureiros a preferir um país que a par da vantagem de comunicações mais curtas e seguras, oferecia atrativos de tentar. Grande era pois a afluência de colonos. De São Paulo vinham regularmente provisões, mas não em quantidade suficiente para a população, por mais lucrativo que fosse o tráfego carreteiro. Por seis e sete oitavas se vendia o alqueire de milho, o de farinha de mandioca por dez, e por dez arratéis de ouro se comprou a primeira vaca leiteira. Dentro em pouco começou-se a criar gado e cultivar a terra, vendo-se ser este meio de enriquecer mais fácil e mais certo do que o das minas.

Goiás feita capitania

Dez anos depois de levantadas as primeiras choças, precisou a colônia de jurisdição separada, fazendo-se dela uma comarca de São Paulo que passados outros dez anos foi arvorada em capitania distinta, com Vila Boa por capital. Assentada em terras baixas de ambos os lados do rio Vermelho, uma légua ao poente da primeira povoação, chamara-se esta vila originariamente Arraial de S. Ana. Recebeu o seu foral em 1739[5], sendo já então grande, populosa e florescente, com sete igrejas e capelas, e três pontes. Alguns dos primeiros aventureiros, cuja índole os levava mais a explorar o país atrás de ouro, do que a afadigar-se na extração deste depois de achado, abriram caminho, já por água já por terra até ao Pará, mas tais trabalhos passaram, que se reputou imediatamente impossível estabelecer comunicações entre esta cidade e as minas.

1737

***Corografia brasílica*, 1, 317, 318, 333**

Cartas de Ant. Guedes Pereira. Ms. C. 22. Fev. 1735

Descoberta de minas em Mato Grosso

Sobre o rio Sararé e no ano de 1734, foram as primeiras minas de Mato Grosso descobertas por Antônio Fernandes de Abreu, paulista ao serviço do brigadeiro Antônio de Almeida Lara, então estacionado em Cuiabá. Ergueu ele com os seus

companheiros a S. Francisco Xavier uma capela que cobriu de erva, e tomando por padroeiro este santo, pôs o mesmo nome ao arraial. Tanto abundava o ouro que no primeiro ano raro sucedia não apanhar cada escravo três ou quatro oitavas por dia; se jazia mesmo à superfície da terra! Mas nenhuma provisão haviam feito os estouvados aventureiros para se manterem no deserto, descobrindo agora, quando já tarde, ser na posição deles mais que o ouro precioso o mantimento. Pouco oferecia o país, sendo alguns veados brancos os únicos animais, o único fruto a mangaba. Por seis, sete e oito oitavas se vendia o alqueire de milho, chegando o de feijão a valer quinze a vinte; duas se pagavam por arrátel de carne de porco, toucinho ou vaca salgada, quatro por um prato de sal, seis por uma galinha, outras tantas por libra de açúcar, quinze por uma garrafa de aguardente, vinho, vinagre ou azeite. Raras vezes se terão exigido numa cidade sitiada preços mais altos do que estes pobres mineiros de boa mente pagavam. Quanto ouro apanhavam, ia-se para a matança, e ainda não chegava, morrendo a maior parte deles literalmente de fome. Afinal mandou-lhes Antônio de Almeida gado de Cuiabá, mas ao chegar vendeu-se carne e osso juntamente a oitava e meia o arrátel. O tempo em que mais abundava o ouro, descreve-o um dos sobreviventes como época de peste e fome, chegando o mesmo descobridor, que contava o seu ouro por arrobas, a morrer de lepra.

Manuel Félix de Lima. Ms.

Mais podia contudo para atrair aventureiros a fama das riquezas deste país do que a notícia de tanta miséria para aterrá-los. Muita gente afluiu de Cuiabá e de São Paulo, tornando-se regular o abastecimento de víveres, logo que se abriu uma estrada entre Cuiabá e Goiás, que se estava tornando por este tempo país mui criador de gado. Foram Teodósio Nobre e seu genro Ângelo Preto, ambos paulistas, os que estabeleceram esta comunicação benéfica. Vivia sobre o rio dos Porrudos uma tribo chamada dos bororós, notável por sua docilidade. Adornavam de plumas a cabeça, mas vestidura nenhuma traziam. Nem se entregavam a excessos nos seus festins, nem neles se via essa ferocidade que o hábito da embriaguez excitava e entretinha entre outras bordas, dizendo-se deles que se uma mulher era capturada pelos portugueses toda a família vinha voluntariamente entregar-se ao cativeiro.

Abre-se uma comunicação com Goiás

1736

Os bororós

Notícias do Paraguai. Ms.

Esta dedicação às suas mulheres, tão rara entre selvagens, parece indicar neles comunidade de origem com os goiazes. Tinham Nobre e Preto ao seu serviço grande número destes índios, a cuja frente penetraram através do país, e ao serem trucidadas pelos caiapós as primeiras pessoas que passaram com gado no caminho por eles aberto, tão crua guerra em vingança fizeram a estes últimos índios, que deixaram segura a estrada. Principiou a florescer o arraial de São Francisco Xavier, sujeitando-se o povo sem resistência a uma capitação de 4¾ oitavas de ouro por cabeça de escravo, e um imposto de 32 ou 64 sobre as lojas, conforme a extensão do negócio e de 16 sobre as vendas. Construiu-se uma cadeia a expensas dos colonos, que prontos parecem ter contribuído para todas as obras úteis. Edificaram-se igrejas, que nos dias-santos se revestiam de sedas, vindo os mais belos destes estofos importados no Brasil parar aqui a esta nova povoação no coração do continente, onde os mineiros os compravam com característica prodigalidade.

Manuel Félix de Lima

Filho de Portugal fora Manuel Félix de Lima um dos poucos companheiros de Antônio Fernandes de Abreu, que sobreviveram às misérias do primeiro ano.[6] Apesar de ter exercido no arraial alguns cargos honoríficos, não enriquecera; cada dia mais escasso o ouro, e mais altos os preços de tudo, procurou e achou ele, cansado já de ver-se preso a um lugar e de prosseguir num empenho que perdera os seus atrativos, aventureiros que quisessem ir tentar fortuna pelos rios abaixo. Três dos da partida eram também reinóis, como por este tempo se chamavam no Brasil os nascidos em Portugal, e seus nomes Joaquim Ferreira Chaves, Vicente Pereira da Assunção e Manuel de Freitas Machado. Paulistas eram Tristão da Cunha Gago, licenciado, que gozava foros de bom escolar, seu cunhado João Barbosa Borba Gato, Mateus Correia Leme, o licenciado Francisco Leme do Prado, e Dionísio Bicudo. João dos Santos outro dos do rancho, era filho do Rio de Janeiro, perfazendo todos estes com seus escravos e índios o número de cinqüenta. Com as despesas todas dos aprestos carregou só Manuel Félix, não tendo os outros na verdade com que entrar senão com suas pessoas e escravos.[7] Meros vagabundos uns, sem caráter nem posses, eram os outros mancebos rudes, sem princípios, e enterrados em dívidas, vindo

Expedição de Manuel Félix de Lima pelos rios abaixo

1742

alguns deles já fugidos a seus credores de Cuiabá para Mato Grosso, onde novos compromissos os aconselhavam a abraçar na nova empresa novo meio de escápula. Aventando-lhes o intento antes de concluídos os preparativos, principiaram a recorrer os credores, aos meios legais de impedir-lhes a fuga, mas, sabendo-o, embarcaram os aventureiros em duas canoas, sobre o Sararé, e descendo-o até à sua junção com o Guaporé, num porto chamado Pescaria, construíram mais duas canoas, abastecendo-se para a viagem sem que fossem descobertos.

Manuel Félix de Lima. Ms. Itens, etc. Ms.

Três léguas apartados um do outro nascem o Sararé e o Guaporé nos campos dos Parecis, como o tabuleiro mais alto do Brasil se chama do nome de um povo outrora a mais numerosa das suas tribos, hoje porém extinto, achando-se os poucos índios que escaparam à morte e ao cativeiro, incorporados nos cabixis e mambarés. São aqueles campos uma sucessão de dunas em compridas cimeiras, uma a erguer-se sobre a outra em mui gradual subida. Tão balofo o terreno, que a cada passo se enterram os cavalos até acima dos nós dos pés, e se queriam pastar as ervas que ali nascem, vinham-lhes as raízes pegadas, enchendo-se-lhes de areia os dentes. Finda o tabuleiro numa serra do mesmo nome, que se estende por umas oitocentas milhas na direção de N.N.O. E é o terreno assim tão seco apesar de numerosas correntes, que em todas as direções o cortam, e ao longo das quais acham subsistência os cavalos durante a difícil passagem. Aqui têm algumas de suas mais remotas nascentes o Paraguai, o Tapajós e o Madeira. É o Sararé navegável, desde o lugar onde deixa as suas montanhas natais até ao da sua junção com o Guaporé. Foi neste que se embarcaram os aventureiros depois de completos todos os seus preparativos, dizendo Manuel Félix que em nome de Jesus encetaram a viagem, entregando-se à corrente na esperança de encontrar ouro.

Campos dos Parecis

Almeida Serra. ***Patriota*****, T. 2, nº 1, 6, 41, 51, 54**

Ao décimo dia da viagem desembarcaram na margem direita, à embocadura de um rio, descobrindo ali vestígios de um recente acampamento, feito, segundo supuseram, por Antônio de Almeida Morais, que seis meses antes saíra do arraial com alguma gente a escravizar índios e explorar minas. Ali mesmo acamparam, enviando em busca daqueles aventureiros al-

Voltam atrás quatorze dos da partida

guns esculcas, que ao segundo dia voltaram com o mesmo Almeida. Disse este ter encontrado um índio velho, que falando a língua geral (o tupi) o informara de que se descesse mais rio abaixo, ver-se-ia em grande risco da parte dos naturais, grandes manejadores de lanças, numerosíssimos e mui guerreiros; se porém subisse a corrente mais pequena que ali vinha cair no Guaporé, encontraria no interior povo muito menos feroz, e sobre isto em guerra com aquelas mais formidáveis tribos. Tomando pois o conselho do velho índio mandara adiante a sua gente a explorar o país, deixando-se ficar com a bagagem. Com esta notícia perderam o ânimo alguns dos da partida. Opinou o licenciado Tristão da Cunha que o melhor que podiam fazer era ligar-se com Almeida, pois que loucura fora com tão pequena força seguir viagem ao encontro destes terríveis selvagens. Borba Gato foi do mesmo parecer; Manuel Félix declarou que seguiria avante até encontrar os índios, tendo então tempo de voltar atrás, quando se reconhecesse impossível romper por entre eles. Replicou o licenciado que era mister coração de bronze para persistir em semelhante propósito, pedindo porém que além de uma das canoas lhe deixassem munições e mantimento para ele, o seu cunhado e os da sua comitiva, quatorze pessoas ao todo. Nesta resolução persistiram após uma disputa, que durou toda a noite; o resto da partida porém declarou que seguiria Manuel Félix até à morte, escarnecendo dos seus antigos camaradas como de uns covardes ao vê-los partir efetivamente com Almeida.

Viagens pelo Guaporé abaixo

Seguiram pois avante os mais resolutos, que eram provavelmente também os mais desesperados. Não tardaram a ver grandes multidões de aves chamadas iacus, do grito que soltam, comendo terra nas ribeiras, e inumeráveis papagaios que cobriam as árvores, vindos atrás do mesmo mantimento; era salgada a terra, e daqui concluíram dever achar-se sal algures a não grande distância. Levou-os o dia seguinte a um país habitado, onde à margem esquerda haviam muitos ranchos, e muitos desembarques cortados através dos juncos. Saltando em terra entraram numa habitação circular, cujo madeiramento se compunha de varas, cujas pontas assentavam sobre o topo de um pilar; à volta pendiam redes, para armar as quais é esta a forma de construção mais conveniente. À vista dos portugueses fugiram uns trinta índios, ficando uma mulher com três crianças sentada num banquinho, feito com dentes de um pei-

xe, único instrumento de que se servem estes selvagens. Fez Manuel Félix a demonstração de querer tomar uma das crianças, e a mulher abraçou-se com ela, empurrando outra para o lado dele. A criança que a índia assim oferecia era um rapazinho de cabelo vermelho e cor clara, que se supôs não seria filha dela. Deu-lhe Manuel Félix algumas contas, e servindo-se em troca de um cesto de mandubi e de uma rede pequena, reembarcou. No dia seguinte chegou a uma ilha que dividia o rio em dois, tão iguais no tamanho, que se deixavam correr as canoas à discrição: levou-as a corrente para o canal da direita. De ambos os lados era baixa e sujeita a inundações a terra. Todo o dia se avistaram aparelhos, dos que usam as índios para apanhar peixe, e aparecendo depois cacual, concluiu-se dever existir povo por ali, visto ser terra própria para cultura. Com quatro portugueses e outros tantos índios saiu pois Manuel Félix a bater os arredores. Entrando num lago em que eram mui grandes e numerosíssimos os jacarés, logo descobriu um lugar de desembarque. Mal tinham os exploradores subido a um terreno um tanto elevado quando descobriram alguns índios, para amedrontar os quais dispararam um bacamarte. Não era o melhor meio de entabular relações amigáveis com eles. Fugiram os selvagens por uma vereda que parecia levar a país bem povoado, mas um deles, de gigantesca estatura, tropeçando ao atravessar uma plantação, caiu. Dois negros o agarraram pelos cabelos, antes que pudesse erguer-se, e acudindo logo Manuel Félix julgou ver-lhe o peito coberto de sangue, pelo que começou a arguir os negros que o haviam ferido. Contundira o índio uma perna ao cair, mas o que parecia sangue era óleo enrubescido com *roucou*, de que se untavam, tanto como defesa contra os insetos, como para tornar tão escorregadio o corpo, que não podia o inimigo segurá-los facilmente. Fez Manuel Félix sinais de amizade ao selvagem, seguindo-o a uma choça coberta de folhas de palmeira. Aqui se viam dez ou doze cântaros cheios de um licor fermentado feito de milho, de que o índio o ofereceu algum numa malga, mas Manuel Félix advertiu aos seus que não bebessem, por não se saber o que fosse. Estava a casa bem provida de arcos e setas, e instrumentos configurados de modo que tanto pudessem servir de macanas como de remos, rija e elástica a madeira, e a larga folha qual espada de dois gumes. Em outro vasto edifício pertencente ao mesmo dono havia fornos, sendo a presença de uma grande ave domesticada deitada no seu ninho[8]

mais uma prova de vida fixa e costumes menos rudes. Inteiramente nua e com uma criança em cada braço estava ao pé da casa uma mulher a olhar para os estrangeiros, sem revelar susto, mas o homem saiu passados poucos momentos e, virado para a parte cultivada do país, levantou um grito agudo e prolongado. Logo apareceu João dos Santos, com dois índios atrás de si, um dos quais, gritando com quantas forças tinha, entrou na casa de onde tomou um dos remos de dois cortes. Entre outras coisas necessárias para a expedição provera-se Manuel Félix de uma imagem ou estampa de Nossa Senhora da Conceição, que de todas as numerosas invocações da santa é a mais em voga no Brasil. Tinha ele neste talismã tão segura confiança como Ulisses na deusa da sua guarda, e nesta ocasião, diz ele, o recordou Nossa Senhora de que deixara na boca destes índios a sua canoa, tomada a qual, bem poderiam eles matá-lo e aos seus companheiros e devorá-los. Dera ele previamente uma navalha ao primeiro índio, para pô-lo de bom humor, e mandando agora tirar por um dos seus escravos a arma ao outro, pôs-se em marcha na direção do seu batei, indo ele atrás de todos e presenteando os índios com algumas navalhas em penhor de paz. Chegavam os partugueses mesmo ao porto, quando apareceram três selvagens com arcos e setas, que apontaram aos estrangeiros. Avisaram-no os companheiros, e preparava ele a sua espingarda quando falando o primeiro índio aos seus conterrâneos, abaixaram todos as armas, grande milagre, diz Manuel Félix, de Nossa Senhora da Conceição na canoa. E acrescenta que, sendo poucos em número, jamais se aventuravam os paulistas a entrar em país de selvagens... mas a Mãe de Deus favorece os ousados.

Imprudente provocação dos índios

No dia imediato seguiu-se viagem, mas em silêncio, por deverem estar alerta os índios. À margem direita por todo o caminho se foram avistando habitações e canoas amarradas nos portos, mas apenas algum selvagem avistava a expedição, soltando um grito, fugia pela terra adentro. Adiante ia João dos Santos com dois negros em uma canoa, explorando o caminho, matando caça e pescando. Ao cair da tarde alcançou-se o fim da ilha, aparecendo então uma canoa com um velho e uma mulher, um mancebo e sua mulher, sendo estes dois índios mais formosos do que nenhum de quantos João dos Santos jamais vira em São Paulo, Minas Gerais, Cuiabá ou Mato Grosso. Nas suas relações com os naturais parece este homem ter reco-

nhecido por única lei, a do mais forte, e não contando achar resistência, tentou apreender esta gente na sua canoa. Mas defenderam-se bravamente os índios, fornecendo a mulher moça setas ao marido, tão depressa podia este despedi-las, e alcançando assim a ribeira, fugiram todos, deixando a canoa com alguns mamões presa dos portugueses. Mas logo na seguinte madrugada apareceram sete canoas a dar caça aos agressores, vindo em cada uma sete homens armados, e por chefe o mancebo, que na véspera fora tão caprichosamente acometido. Vinha agora vistosamente ornado de plumas, como vestido de gala para a guerra, erguendo os índios ao aproximarem-se o seu grito de batalha. Não principiada ainda a jornada daquele dia, estavam as portugueses ainda atacados à terra, visto o que desembarcaram os selvagens, deixando um homem só em cada canoa, e vieram desafiá-los. Imediatamente mandou Manuel Félix largar, e seguir o meio da corrente respondendo com igual clamor ao grito de guerra, para não revelar falta de ânimo, mas vendo que não principiavam os índios o ataque, tentou conciliá-los, mostrando-lhes alguns croques de ferro, e amarrando depois o precioso metal a um pedaço de pau, lançou-o ao rio. Num abrir e fechar de olhos reembarcou todo o bando, e apanhando o presente, sem medo nem hesitação se chegou às canoas dos estrangeiros. Audazes mendigos eram estes, e bem podia a entrevista ter acabado em sangue, quando um deles, apoderando-se de uma pistola, não queria deixar que lha arrancassem das mãos, tendo a boca voltada para o próprio peito, se o chefe não tivesse intervindo com autoridade, em reconhecimento do que recebeu um espelho além dos presentes que já tinha. Soltando um clamor de amizade à despedida, fizeram os índios sinal aos portugueses que continuassem a sua viagem.

Encontram-se alguns índios catequizados

Três dias depois chegaram os aventureiros a um tabuleiro elevado, onde queriam pôr-se à cata de ouro, mas ouvindo os naturais cantar nas selvas, tiveram por avisado reembarcar sem detença. Neste dia passaram por muitas habitações abandonadas e muitos portos, e desembarcando num, seguiram uma trilha que os levou a uma casa, onde viram muitas vasos quebrados e grande número de sepulturas. Estranho e hediondo era o modo de enterrar, ficando sim escondidos os corpos, mas à flor da terra os compridos cabelos de cada um. Presumiu-se que os

povoadores deste cemitério teriam perecido na guerra, ou caído vítimas de algum contágio, o que a cópia de habitações desertas torna mais provável. No dia seguinte mataram os portugueses uma corça que atravessava o rio, e saltando em terra para esfolá-la, encontraram um pedaço de pano de algodão preto, que manifestamente fizera parte de uma tipóia ou camisa sem mangas, de que usavam os índios convertidos. Logo depois descobriram uma cruz pequena cravada num pau, alguns sinais numa árvore, que bem se via terem sido abertos a cinzel, e um *boucan* para secar peixe. Com confiança ali fizeram alto aquela noite, por ter sido, diz Manuel Félix, o acampamento de indígenas já meio cristãos. De manhã apareceu uma canoa cheia de índios de ambos os sexos, os quais fugiram com tanto medo, que as mulheres remavam com as mãos, ajudando o movimento da embarcação. Alcançada porém a embocadura de um rio ou lago, onde se sentiram seguros, proferiram repetidas vezes as palavras capivara e São Miguel, dando assim a entender aos portugueses que pertenciam à redução desta denominação, e andavam caçando o animal daquele nome. Vestiam tipóias negras, e traziam ao pescoço rosários de cruzes.

Um índio cristão se encarrega de guiar os aventureiros

Pertencia esta gente à margem esquerda; pelo que a foi Manuel Félix seguindo, sendo aqui mui largo o rio. Encontrando outra canoa, falou-lhe, perguntando a um dos que a tripulavam, se era cristão: Inácio, respondeu o interpelado, dizendo da mesma forma os nomes de todos os seus companheiros. Depois repetiu a seu turno a palavra – cristão – em tom interrogativo, em resposta ao que referiu Manuel Félix o seu nome de batismo e os dos seus camaradas. Trocaram-se então presentes, recebendo os aventureiros alguns bolos de milho, e dando um bocado de carne curada da corça, alguns anzóis aos homens, umas poucas agulhas grandes às mulheres, um espelho, que a todos fez rir de pasmo e regozijo, e finalmente uma vara de fita a Inácio, que na efusão do seu reconhecimento se ofereceu para servir de guia aos bondosos estrangeiros. E pondo-se logo à frente, entrou num rio que da esquerda vinha desaguar no Guaporé. Daí a pouco se avistou uma canoa, de onde partiu em espanhol a religiosa saudação de – Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento – mas em tão grande pavor os índios, que assim saudavam, que varando em terra a canoa, sacada da água a foram arrastando até um lugar, onde podiam reembarcar sem receio de

serem perseguidos. Muitas canoas se encontraram no correr desta tarde, mas quase todas fugiram, apesar de verem os portugueses guiados e acompanhados por homens seus conhecidos. Acharam-se agora os portugueses num labirinto de ilhas e canais, por onde sem guia poderiam ter errado, como eles mesmos dizem, até se tornarem mantimento para jacarés e insetos. Ao fechar da noite chegaram a um lugar do rio, onde se via a água inteiramente coberta de uma planta chamada mururu. Disse então Inácio que avançando pouco as canoas por irem carregadas, só na tarde do dia seguinte poderiam estar em São Miguel, e dando a Manuel Félix um pedaço de algodão embebido em óleo de cacau, por sinais lhe deu a entender que esfregasse com aquilo a cabeça para evitar algum golpe de sol. Em seguida, declarando que ia caçar capivaras, disse adeus e voltou atrás, com não pequena mágoa dos portugueses, que foram contudo assaz honrados ou assaz prudentes para não tentar detê-lo.

Chegam os portugueses à redução de S. Miguel

Deixara-os porém Inácio somente para passar a noite em maior segurança, do que lhe não parecia haver em companhia deles. Vindo na manhã seguinte de novo reunir-se a eles, guiou-os através de uma infinidade de canais, por onde impossível lhes houvera sido achar caminho. Muitas ilhas se avistaram que estavam cultivadas, e muitas canoas que todas fugiam de medrosas. Afinal fez Inácio saber por meio de sinais que ficava atrás da primeira curva do rio o porto de São Miguel, e Manuel Félix o mandou adiante com uma carta de cumprimentos ao missionário, em que também dizia quem eram os hóspedes e de onde vinham. Vagarosamente foram seguindo os aventureiros, que ao chegarem à volta avistaram o porto e tal multidão de povo ali reunida à espera dos estrangeiros que estavam cobertas de gente as árvores. Vendo-lhes então o receio de perigo, sem dúvida nascido da consciência do que haviam merecido os paulistas tanto da parte dos jesuítas como da dos índios, disseram a Manuel Félix que era dever dele correr o risco de entrada... Por certo que era, respondeu, acrescentando porém que bem deviam ver que morto ele pouca probabilidade lhes restava de escapar com vida. Vestiu-se pois para a ocasião, a fim de fazer a melhor figura que as circunstâncias permitissem: passados dezesseis anos, achando-se em extrema pobreza, descrevia Manuel Félix com evidente orgulho o brilhante atavio em que naquele dia se apresentou. Compunha-se esse trajo de

uma camisa de folhas, meias de seda escarlates, calções de pano verde fino, jaqueta mineira de damasco carmezim, debruada de seda e ornada de laços de fita, sapatos de marroquim, cabeleira, chapéu de castor agaloado de ouro, que servira nos esponsais de D. José, então príncipe do Brasil. Assim equipado meteu-se numa canoinha com dois negros, armados de mosquetes, facas de ponta e pistolas. Ia ele mesmo de pé na canoa com uma bengala de cana-da-índia na mão, e desta forma, são palavras suas, "demandei o porto a todo o risco, confiando em Deus, Nosso Senhor, e em Nossa Senhora da Conceição, que sempre me ajudou".

Mal desembarcou, viu-se rodeado de grande número de velhos vestidos de gala para o receberem: traziam camisas de algodão sem mangas, calças azuis, e chapéus de penas, e ajoelhando diante dele pediram-lhe a bênção como se fora o bispo. Foi-os Manuel Félix abençoando um depois do outro, à medida que chegavam, até que passada quase uma hora não podendo já mexer o braço de cansado com este desusado exercício, convidou-os a seguir para a redução. Abriram-lhe alas os índios, e mal subiu a ribeira, sentiu ele pular-lhe o coração à vista de mulas e gado. Estavam as casas rebocadas com uma espécie de barro branco, chamado *tabatinga*, que faz boa vista, tendo porém o inconveniente de cair com a chuva. Era um edifício comprido a igreja com três sinos e cinco cruzes no terreiro. Saíram ao encontro do estrangeiro os alcaides da missão e o mesmo jesuíta, com um pano branco sobre os ombros, a arremedar sobrepeliz. Era alemão este missionário, chamado Gaspar de Prado pelos espanhóis, e de quase oitenta anos de idade. Dirigiu-se ele a Manuel Félix pedindo desculpas do estado em que se achava a praça; o gado a sujara, nem ele, disse, recebera a carta do tenente-general a tempo de mandar varrer o terreiro. Respondendo pediu Manuel Félix que entrassem na igreja, pois que após tão longa viagem por país selvagem sentia renascerem-lhe os sentimentos religiosos agora que se via num lugar onde podia gozar das práticas da sua crença. Repicaram os três sinos, ao entrar-se na igreja, em cujo meio havia um crucifixo de tamanho natural, erguido sobre três degraus formados de madeira e barro, vendo-se ali também três altares de Nossa Senhora bem ornados. Mas enquanto Manuel Félix meditava absorto em piedade sobre a misericórdia de Deus, diz ele, fizera o milagre de trazê-lo a tal lugar, propôs o velho

jesuíta, naturalmente desejoso de conversar com um ente civilizado, que passassem à casa dele, deixando as orações para mais lazer.

Para a casa do jesuíta foi pois, e logo ficaram portas e janelas entaipadas com cabeças de índios, tão ansiosos estes rever o estrangeiro. Trouxeram-lhe mate do Paraguai em cuia numa salva de prata e com açúcar. Provou-o Manuel Félix, mas cuspiu-o fora, julgando-o pernicioso à saúde, apesar de estarem os paulistas acostumados a tomá-lo copiosamente todas as manhãs. Ao saber que vinha de Mato Grosso o seu hóspede, pasmou o jesuíta, exclamando: "Este tenente governador tem descoberto o mundo inteiro." E também ficaram maravilhados os índios, que supunham não ser o país pelo Guaporé acima senhoreado senão por selvagens. Situada sobre o rio Baure, vinte milhas acima da junção deste com o Guaporé, pertencia esta redução às missões dos moxos, entre as quais era a mais recente. Compunha-se de muras, nação cujas várias hordas em diferentes graus de civilização, se achavam assim tão amplamente derramadas pelos rios que do centro do continente correm para o Amazonas, como a raça tupi pelas regiões do Brasil primeiramente colonizadas. Se é derivada ou original a sua língua, não é ponto averiguado.[9] Tanto em costumes como no gênero de vida são singularmente selvagens as tribos que mais se avizinham dos estabelecimentos sertanejos do Pará. Cobrem muitos destes índios de delicadas escarificações o corpo, vindo provavelmente daqui mostrarem-se eles quando os catequizam, mais avessos do que qualquer outra tribo a usar do mais ligeiro artigo de vestidura. É que tira aquela moda o aspecto e a consciência da nudez. Também preserva do tormento do inseto a pele, destruindo-lhe em subido grau a sensibilidade: outras hordas se defendem desta praga pintando o corpo ou besuntando-o de barro. Furavam os homens lábios, ventas c orelhas, ornando-os de conchas, garras e dentes de animais, e muitos têm barba como qualquer europeu. Distinguem-se as mulheres pela afeição que mostram aos filhos. Eram porém as hordas sobre o Guaporé, de que se formara a redução de São Miguel, das mais civilizadas de todas as tribos indígenas. Cultivavam arroz, bananas, batatas e outras frutas e raízes, tendo domesticado muitas espécies de aves aquáticas e de terra,

Estado da redução

Corografia brasílica, **2, 316**

Os bororós

e fabricando de casca de árvore os seus vestidos como os insulanos do Mar do Sul. Envenenavam com certa goma as suas setas.

Tinha Fr. Gaspar a seu cargo uns quatro mil destes índios, que já tinham morto alguns missionários anteriores, sendo mui precária a autoridade que ele mesmo exercia. Dormia sempre na igreja, evidentemente na esperança de achar alguma proteção. na santidade do lugar, e contou ao hóspede que várias vezes lhe tinham vindo os índios arrancar das mãos o alimento, chegando a maltratá-lo com pancadas. Eram contudo probos apesar destes ataques de brutalidade, tanto assim, que sendo a rogo de Manuel Félix enviados a buscar o que na canoa dele se achava, nem um só objeto faltou. Destinou o jesuíta uma casa a estes não esperados hóspedes, e mandando uma vaca ao tenente-general, como o chamava, pediu desculpa de não ter quem lha preparasse, não havendo entre os índios nenhum que entendesse de cozinha. Manuel Félix presenteou a seu turno o padre com um belo chapéu de castor, três arráteis de velas brancas, três machados de carpinteiro e algumas navalhas. Mandou dar uma descarga de mosquetaria pela sua gente, e logo os índios que enchiam a casa, manejando quanta coisa viam, largaram a fugir, vindo logo o jesuíta agradecer-lhe tê-los assim aterrado. Sendo domingo o dia seguinte, vestido de veludo preto foi Manuel Félix ouvir missa. Estavam do lado esquerdo da igreja as mulheres, coberta cada uma com um simples vestido sem mangas tingido de preto; traziam soltos os cabelos úmidos de azeite de palmeira, e à volta do pescoço muitos fios de contas pequenas, rivalizando entre si qual traria mais. Ficavam do outro lado os homens, mediando espaço por onde passar para o altar. Confessou-se o licenciado Francisco Lemos ao jesuíta, que em seguida subiu ao púlpito: "Louvado seja Deus, disse, porque todo o mundo derramou cristãos para glória do Seu nome." O discurso que o pobre velho abriu com este exórdio revelava a impressão da constante falta de segurança em que vivia o missionário: "Vedes como este D. Francisco se confessou a mim, disse ele aos índios, e vedes os presentes que me fez o tenente-general (e mostrava-os do púlpito); sabei pois que por toda a parte há cristãos, e que se me fizerdes algum mal, voltará este capitão e com balas de fogo matará quantos tiverem concorrido para a minha morte." Celebrou-se então a missa ao som

Condição precária do missionário

dum instrumento de cordas, que, diz Manuel Félix, estava desafinado, mas perante Deus seria como a música dos arcanjos. Tinham os negros ordem de dar três salvas, uma em honra de todos os santos, outra ao erguer a hóstia, e a terceira à elevação do cálice. Pôs isto os índios em tremuras e suores frios, corroborando a impressão que o jesuíta quisera produzir.

Partem os portugueses

Foi porém Manuel Félix mais generoso nos seus presentes do que se coadunava inteiramente com a boa ordem da redução: tendo remunerado com anzóis e contas duas ou três pessoas, que lhe haviam trazido frutas, viu-se no dia seguinte sitiado por mulheres e raparigas, que vinham em grandes magotes trazendo cada uma o seu *beiju*, ou bolo de milho, que lhe era pago com um cinto. Assim distribuiu entre elas nove peças de fita com cerca de trezentas varas, até que com lastimoso aspecto veio o jesuíta pedir-lhe que não desse mais, dizendo que levavam estas mulheres a vida desenvolta, e era fazer-lhes muito mal fornecer-lhes tais tafularias. Partiu então Manuel Félix, encontrando na praça ainda mais de cinqüenta mulheres todas com os seus *beijus*, que se mostraram mui sentidas de haverem chegado tarde, e que teriam tido todas o seu cinto, diz ele, a não ser aquele servo de Deus. Resolvera o aventureiro visitar as missões sobre o Mamoré. Disse-lhe Fr. Gaspar que iria encontrar ali o provincial na redução de São Pedro, e confiou-lhe uma caixa de livros para ele e uma carta. Dizia esta carta que D. Manuel Félix de Lima, capitão dos portugueses, lhe rendera muitos favores, e exprimia o desejo de que se eram como este todos os portugueses, pudessem muitos vir visitá-lo. Também ensinou o jesuíta o caminho para S. Maria Madalena, que era a missão mais próxima, situada sobre o segundo rio à esquerda, depois de reentrado o Guaporé. E o velho abraçou à despedida o português, dizendo que lhe levava este o coração, e pedindo-lhe que à volta viesse vê-lo outra vez.

Entram no rio Ubaí

Ao terceiro dia depois de terem entrado de novo no Guaporé, chegaram os aventureiros ao segundo rio, que é o Ubaí.[10]

Subindo-o viram enormes crocodilos em grande número, e foram observando cruzes ao correr da riba, onde quer que tinha acampado algum rancho de índios convertidos. Após dez dias chegaram a campos cultivados, em que havia espantalhos, e por um índio souberam

ter Fr. Gaspar mandado por terra novas da vinda deles, sendo a redução mais próxima a de S. Maria Madalena, de que era cura o húngaro Fr. Joseph Reiter, e coadjutor o italiano Fr. Atanásio Teodoro, que estava aprendendo a língua dos índios bravos, para lhes ir pregar a fé, e receber das suas mãos o martírio. Por este índio mandou Manuel Félix recado ao missionário, pedindo licença de visitá-lo, descansando breves dias das fadigas duma expedição em que errara o caminho, falsidade que implica o receio dalgum perigo. Ao cair da tarde chegou da redução uma canoa com dois índios a bordo, um dos quais, dirigindo-se em espanhol ao capitão, presenteou-o em nome do jesuíta com duas dúzias de galinhas, alguns pombos, carne de vaca, frutas e açúcar. Respondeu Manuel Félix que na manhã seguinte iria em pessoa agradecer ao missionário, e ouvir missa em honra de S. Inácio de Loiola, cuja festa caía naquele dia. Em seguida remunerou com um pedaço de pano inglês os mensageiros que, levantando o seu grito costumado, se despediram.

Chegam a S. Maria Madalena

Com não menor solicitude que da primeira vez se preparou Manuel Félix para a entrevista, tomando da extraordinária vestuária que consigo levava nesta aventurosa viagem umas meias de seda cor de pérola, colete e calções de veludo bordado cor de pomba, e um gibão de barbarisco vermelho, debruado de seda branca e canhões de veludo cor-de-rosa; a cabeleira, o chapéu agaloado de ouro e a cana-da-índia completavam este trajo, e como armas levava uma pistola de algibeira, espada de copos de prata, e a formidável faca de ponta embutida de ouro e prata. Mateus Correia, a quem pediu que o acompanhasse, levava gibão de pano azul bordado de prata. Se tais particularidades são menos elevadas do que as descrições de trajares cavalheirosos e orientais não são menos características. Levaram os dois consigo outros tantos negros armados de mosquete, facas e espadas. Ficava o desembarque a umas seis milhas do lugar onde se passara a noite, e estavam os flecheiros índios estendidos em fila dobrada para ver chegar os estrangeiros. Antes que pudessem estes saltar em terra, estava acabada a missa; recebendo-os cortesmente à porta da igreja conduziram-nos os dois missionários para uma casa, onde estava uma comprida mesa coberta com uma toalha de algodão bordada, vendo-se em cima dela uma salva lavrada cheia de açúcar, e aos cantos da sala bananas, mamões, laranjas e essa fruta que os espanhóis chamam almen-

dras e os portugueses castanhas-do-maranhão. Antes de servida a refeição, chegaram os companheiros de Manuel Félix, não tão magnificamente ataviados como o seu chefe.[11] Queria o jesuíta sentá-los em outra mesa, mas não o sofreu Manuel Félix, dizendo que seria faltar à honra e à cortesia, porquanto eram seus amigos aqueles e por amigos o haviam acompanhado, sendo todos brancos, uns de São Paulo, de Portugal outros, e nenhum que não tivesse escravos seus. Mandou Fr. Joseph então vir guardanapos, e pondo a cada português o seu, atou um cuidadosamente debaixo da barba de Manuel Félix; e como este, não acostumado a tão incômoda cerimônia, o tirasse, volveu o jesuíta a amarrá-lo, afirmando ser sinal de respeito aquilo. Veio à mesa um abundante jantar de pombas, galinhas, caça, carnes e línguas de vaca, tudo muito bom no seu gênero, se não fora, contra o gosto dos hóspedes, temperado com açúcar. A falta de pão supriam-na bolos de milho, amassados com leite e cozidos em frigideira.

Estado florescente desta redução

Florescente missão esta. Espaçoso edifício de três naves era a igreja, sendo cada coluna, como no Paraguai, o tronco de uma árvore gigante, bem feitos de barro os muros e de telhas a cobertura. No centro se erguia um calvário, e havia também três altares ricamente ornados, um órgão, quatro trombetas, que apesar de feitas de cana, davam sons tão belos como se fossem de metal. Doutra missão se tinham trazido quatro índios peritos na escultura que trabalhavam num púlpito, admirando os portugueses a delicadeza da obra, coberta de folhagem e figuras de vários pássaros, o que tudo devia ser dourado depois de completo. De Lima viera como oferta de algumas almas devotas um cibório de ouro, do valor de três mil e quinhentas moedas de prata. Manuel Félix, a quem não faltava devoção nem generosidade, doou para o serviço do altar uma peça de tafetá azul e outra mais pequena do brocado mais rico que jamais chegara às minas de Mato Grosso. Aceitou o jesuíta a oferta, e depois, abrindo a sacristia, mostrou trinta cortinas de tecido e brocado, vinda do Potosi e de Lima para o mesmo efeito. Ficou Manuel Félix um tanto mortificado ao ver quão pouco seria apreciado o que oferecera; contudo, disse, dera o que podia.

Via-se toda a povoação cercada duma muralha quadrada que sendo provavelmente de barro como a igreja, estava coberta contra o tempo, projetando-se tão longe esta cobertura, que havia sempre um

passeio enxuto à volta da redução. Tinha a praça grande, segundo o estilo costumado dos jesuítas, uma cruz a cada canto, e outra maior sobre o seu pedestal no centro. A outros respeitos parece porém a planta geral ter sido traçada por algum arquiteto bisonho, pois que Manuel Félix diz que para onde quer que se olhasse, apareciam as casas em ordem regular, como os quadrados de um tabuleiro de damas, achando-se o país à roda dividido pela mesma forma em herdades, com veredas de areia branca. Cercava a muralha uma área considerável de modo que houvesse espaço para quintais e currais, apresentando o aldeamento muitos sinais de civilização. Havia oficinas de tecelões, carpinteiros e escultores; um engenho, em que se fazia açúcar e aguardente; cozinhas públicas, e troncos para sanção duma salutar disciplina. Numerosas eram as plantações de bananas, mamões e algodão, estendendo-se a cultura por muitas léguas ao longo do rio. Ensinava-se espanhol às crianças, que também aprendiam a ler, além de haver uma escola de música. Cavalos e bois eram numerosíssimos, matando-se duas reses por dia para consumo dos diferentes operários ocupados no serviço da missão. Os índios que antes da conversão haviam sido caciques, ocupavam o posto de alcaides.

Ostenta o jesuíta a sua força

Apesar de terem sido tão bem recebidos os portugueses, que segundo a sua própria relação, maiores honras se não podiam haver feito a um príncipe, nem ao mesmo geral da Companhia, não desejavam os jesuítas de S. Maria Madalena a repetição de tais visitas, parecendo-lhes convenientemente para evitá-la fazer uma demonstração da sua força. Na seguinte manhã portanto depois de terem os hóspedes almoçado chocolate e esponjados, e celebrada a missa, fizeram oitenta cavaleiros exercício na praça diante da igreja. Trajavam camisas de algodão enfeitadas com algum trabalho e largas calças azuis, sendo-lhes arma a macana, e traziam os cavalos com xairés de algodão, e muitos guizos no peitoral e sela. Saudaram primeiro os jesuítas, depois os estrangeiros, em seguida os alcaides e por fim as mulheres, que sentadas em esteiras assistiam ao espetáculo. Guapos cavaleiros todos, e empregavam-se de ordinário na guarda do gado. Concluído o exercício, encheram-se os dois lados da praça de flecheiros, nus, pintados de vermelhão o corpo como para batalha, batendo o pé, e soltando o grito de guerra. Despediram as suas setas para o ar, porém com arte, de modo que viessem todas cair no centro da praça, ficando coberta

delas a cruz grande. Aproximaram-se então as duas alas, e ao acharem-se bem a tiro de flecha, ergueram tão medonho alarido, que Manuel Félix mandou a sua gente pôr-se em guarda, chamando para o seu lado alguns negros, por haver observado terem os índios mais medo deles do que dos brancos. Haviam algumas destas tribos sido inimigas inveteradas antes de as terem os jesuítas reduzido a viver em paz juntas, circunstâncias que a Manuel Félix ofereceu pretexto para pedir aos missionários mandassem dispersar aquele povo, não fosse suceder alguma desgraça. Mas esquentados com a brincadeira os índios, pouca atenção prestavam às ordens dos alcaides. Descarregou então Manuel Félix uma pistola para o ar, e logo pararam aqueles, e começaram a apanhar as suas setas, notando ele com pasmo que cada qual conhecia a sua. Nestes jogos se passara o dia, e sentados todos à ceia, perguntou um dos jesuítas a Manuel Félix o que destes índios pensava, acrescentando poderem os missionários pôr em campo quarenta mil daqueles flecheiros. Compreendendo perfeitamente aonde o padre queria chegar, falou Manuel Félix em resposta no efeito das peças de campanha sobre semelhantes tropas, e o astuto jesuíta desviou a conversa, gabando o denodo militar dos portugueses. Procurou-se porém com especial cuidado tirar a estes suspeitos hóspedes quanto fosse possível toda a oportunidade e reconhecer a praça, inventando contínuos divertimentos com que entretê-los.

Seguem para o Mamoré alguns dos portugueses

Não faltava a Manuel Félix sagacidade para perceber que podiam ser de alguma importância política as informações colhidas acerca destas missões, sendo evidente dever agora que espanhóis e portugueses tão rapidamente se aproximaram uns dos outros, suscitar-se mais cedo ou mais tarde questões sobre o direito de ocupação. Entendiam alguns dos seus companheiros poderem melhorar de fortuna voltando com esta nova, e dever uma especulação em gado servir-lhes bem para o seu fim, oferecendo-lhes ao mesmo tempo excusa de se haverem escondido. A Manuel Félix pareceu impraticável esta segunda parte do plano, achando-lhe cheio de pântanos o território intermediário e habitado por selvagens ferozes; contudo propôs a Fr. Joseph comprar-lhe gado à razão de 750 réis por cabeça pagáveis em artigos dos que trazia consigo. Respondeu o jesuíta que pelo que pessoalmente lhe dizia respeito de boa vontade lhe faria presente de mil reses, mas que de nada pertencente à missão podia

dispor sem autorização do provincial, que então se achava na Exaltação da Cruz sobre o Mamoré. Para lá resolveram pois ir os portugueses, menos talvez na esperança de realizar este negócio, do que para explorarem mais o país, razão provavelmente por que preferiu Manuel Félix fazer a jornada por terra com os três europeus, enquanto os paulistas seguiam nas canoas. Partiram estes e ficaram aqueles, enquanto Fr. Joseph mandava gente a queimar o mato para tornar mais transitável o caminho. Mas antes de feito isto chegou um mensageiro com uma carta, em que o provincial repreendia o padre por ter hospedado os portugueses, dizendo-lhe que incorrera por tal no desagrado do governador de S. Cruz, e ordenando-lhe que quanto antes os despedisse, dando-lhes o necessário para a volta.

Manuel Félix despedido da redução

Quase três semanas havia já que estava Manuel Félix na redução com os companheiros, e apesar das suas razoáveis suspeitas contra tais hóspedes, tinha-se o bom do jesuíta familiarizado tanto com eles, gostava talvez tanto desta convivência, que sem pesar não pôde obedecer a estas ordens. Deixou-os ficar ainda três dias a ver se voltavam os outros, abastecendo-lhes as canoas de tudo o preciso, quando mais lhes não pôde tolerar o estado. Deu Fr. Atanásio a Manuel Félix uma carta para os seus amigos na Itália, presenteando-o com uma máscara de seda, que presa atrás da cabeça e abaixo do peito com palas verdes, resguardava do sol, do vento, do pó e dos insetos. Com muitas lágrimas de parte a parte se fez a despedida, e confiando firmemente na recente confissão, com que saldara, cria ele, as suas contas com o Céu e não menos na sua constante protetora Nossa Senhora da Conceição, de novo se entregou Manuel Félix à corrente. Logo depois de ter tornado a entrar no Guaporé encontrou uma canoa com uma cruz erguida no centro, mas por ela nenhuma nova houve dos antigos companheiros, perdida toda e esperança de volver a vê-los ao chegar ao lugar onde aquele rio faz junção com o Mamoré, perdendo ambos os seus nomes na corrente que formam, e que daí por diante da porção de paus que depois das chuvas acarreta ao Amazonas, se chama Madeira. Desce o Mamoré com valentia tal, que atravessando a outra corrente vai bater rijamente de encontro à oposta margem. Nem os jacarés lhe podem vencer a veia, senão nadando bem fundo. Passou a canoa por cima de alguns destes animais que jaziam deitados na areia em

pouca água, escapando os incautos viajantes por um triz de soçobrar com a violenta agitação dos monstros.

Em poucos dias chegaram os aventureiros ao ponto em que o grande rio Beni vem desaguar no Madeira, encontrando logo cataratas e corredeiras mais formidáveis do que quantas até então tinham passado. No primeiro destes empecilhos trepou Manuel Félix a um penedo grande no meio do rio; e ouvindo distintamente que estava algum animal no fundo dum buraco, que na pedra havia de alto a baixo, fez fogo para dentro. Em seguida ordenou a um dos seus negros que entrasse, o que este fez bem com pesar seu, indo porém achar uma capivara morta com o tiro. Boa presa foi esta para quem não tinha carne nem peixe aquele dia. Na tarde do dia seguinte atracaram os portugueses a um lugar em que outrora haviam residido alguns índios, mas terrivelmente infestado duns mosquitos que chamam pernilongos, e que em tais enxames caíam sobre boca, nariz e orelhas, que se cobriam de sangue as mãos só com matá-los ao pousarem na face. Esperava Manuel Félix livrar-se desta intolerável praga com um mosquiteiro grande, debaixo do qual mandou armar a sua rede, mas ao meter-se dentro achou-o de nenhum préstimo todo roído como estava das formigas. De bom grado teriam os companheiros passado a noite onde estavam, mas Manoel Felix, para quem eram intoleráveis os mosquitos, fê-los reembarcar, e descendo o rio chegaram a um lugar alto, onde graças à brisa que se levantou dormiram livres deste tormento. De manhã suscitou-se uma altercação entre Manuel Félix e um dos seus companheiros ao passar uma corredeira, e por demais encolerizados os dois para atenderem à carreira da canoa por pouco se não perderam. Passado o perigo, saltou o altercador em terra com um bacamarte, desafiando Manuel Félix; seguiu-o este imediatamente com o seu mosquete, estando ambos já para fazer fogo, quando intervieram os companheiros fazendo-os ver a loucura de brigar e combater em situação semelhante. Neste dia atirou um português treze vezes sucessivas em diferentes pássaros, sem matar nenhum, ficando com isto tão exasperado que fez voto de nunca mais atirar, o que fielmente cumpriu durante a viagem apesar de não raro faltar o mantimento.

Viagem pelo Madeira abaixo

No dia seguinte avistou Manuel Félix algumas marrecas num terreno plano que lhe pareceu areia escura. Desembarcou para perse-

gui-las, enquanto a canoa descia um pouco até uma curva do rio a breve distância, e matando logo três dum tiro, correu a apanhá-las, quando, por desgraça sua, atolando-se até à cintura, viu ser um pântano seco por cima o que tomara por areia. Quanto mais lidava por safar-se mais se atolava, e mal principiara a gritar por socorro quando um urro lhe respondeu dum monte, em que estava emboscado um tigre a trinta passos de distância. Molhado e cheio de lodo o mosquete, e em não melhor estado a cartucheira, viu-se ele no duplo perigo de afogar-se na lama ou ser comido vivo pela fera, e invocando Nossa Senhora da Conceição pôs-se a chamar por auxílio. Ouviram-no os da canoa, mas supuseram ser selvagens que gritavam, até que um dos seus escravos, admirado de não o ver voltar, subiu à ribeira, e conhecendo-lhe então a voz, convocou os outros para acudirem. Com o clamor que levantaram fugiu amedrontado o jaguar, e o negro que entretanto largara o que quer que de vestidura trazia, mergulhou no pântano, e furando pelo lodo como um crocodilo até alcançar o senhor, disse a este que dele se segurasse. Desta forma, batalhando com o pés para ajudar-se, se pôs Manuel Félix a salvo. Também recobrou o negro a espingarda, e a cartucheira, e apanhou as aves. Observa aquele que muitas vezes se tinha visto obrigado a castigar este escravo por furtos, mas que sempre o achara pronto a arrostar qualquer perigo.

Na tarde seguinte acompanhava Manuel Félix com um dos seus negros por terra a canoa; chegaram a um riacho, e não sabendo nadar foi o senhor passado para a outra banda sobre um tronco de árvore pelo escravo que nadava ao lado. Lavando-se da imundície contraída nesta passagem, tirou de um saquinho de couro com um amuleto de ouro, em que trazia um brevê de marca pendurado do pescoço. Chegado ao pouso ia-se deitar para passar a noite, quando fazendo-o uma dor repentina levar a mão ao peito deu pela perda do seu talismã. Descarregou-se pois de manhã a canoa, e volveu-se atrás para buscá-lo. Se tal se não fizesse, ter-se-ia imputado à perda da nômina a desgraça sucedida naquele dia. Passava-se uma corredeira, indo a canoa tão encostada à margem esquerda, que Manuel Félix saltou para terra a fim de vê-la escorregar por um penedo erguido. Levou-a a corrente de encontro à pedra com força tal que a carga foi toda lançada à proa, sendo a gente arremessada fora. Salvou-se esta, vindo

Naufrágio

por terra conforme pôde, mas a canoa foi arrebatada pelo rio, perdendo-se logo de vista. Algumas coisas poucas ainda se salvaram, mas era assaz aterradora a perspectiva. Tinham-se os aventureiros adiantado tanto, que impossível era o regresso, e que distância haveria até ao primeiro estabelecimento do lado do Pará não o sabiam, mas era por certo grande, e cheio de bestas feras e formidáveis tribos o país intermediário. Passaram a noite perto dum banco de barro salgado, lugar de grande recurso para os animais. Antas, porcos-monteses, veados, e outros muitos entes, tanto aves como quadrúpedes, se nutrem deste barro: são manifestos no terreno mesmo os vestígios do ato da alimentação, e mortos os animais têm-se encontrado cheios dessa terra os estômagos de uns e papos de outros. Dizem que torna este mantimento insípida a carne. Aqui atiraram os portugueses a uma anta, que por então iludiu todas as pesquisas, aparecendo porém morta no dia seguinte. Descansaram aquele dia e comida metade da caça, foi curado num moquém o resto. No dia seguinte, voltando à noite ao mesmo lugar, depois de terem debalde reconhecido o rio, sem descobrirem termo à corredeira, acharam o fogo espalhado e a carne levada pelos tigres, que eram numerosíssimos e mui audazes, e cuja pista por toda a parte se descobria. No outro dia puseram-se em marcha ao correr do rio, indo à frente Manuel Félix, que onde menos o esperava viu terminar a corredeira. Para ainda maior alegria avistou uma canoa apanhada entre duas pedras grandes perto numa ilha no meio do rio, descansando numa a proa e na outra a popa, suspenso o corpo no ar... como a arca de Noé, diz ele. Gritando de alegria disse aos seus companheiros que Deus na sua misericórdia os socorrera quando aliás teriam inevitavelmente perecido.

Viagem pelo Madeira acima. Ms.

Restava ainda a dificuldade de alcançar a canoa, sendo tão iminente o perigo de nadar até ela por causa da força da corrente, que para um dos escravos tentar a empresa foi preciso obrigar-se Manuel Félix a pagá-lo ao dono, se perecesse no empenho. Não o logrou o negro da primeira vez, mas aproximou-se o preciso para assegurar-se de que estava a canoa sã e em estado de servir. Vindo então para terra, descansou, fortificou-se com comida, e metendo-se de novo à água acima do primeiro lugar, alcançou a ilha, tendo levado algumas cordas com o auxílio das quais se passou também para lá o resto da partida numa jangada. Embarcando, puseram-se os portugue-

Encontram uma canoa

ses outra vez a caminho. Chegaram às cachoeiras, que neste rio são numerosas, mas por meio de embiras e imbaúbas desceram a canoa a salvamento. Uma ocasião, achando-se apertados pela fome, mataram um jaguar por demais embebido na diligência de apanhar algum peixe para dar pelo próprio perigo, e este animal lhes serviu não só de alimento, mas até de excelente isca para os seus anzóis. Acabado este recurso, puseram um mosquete carregado numa trilha feita pelas feras que iam beber ao rio; pela volta da meia-noite disparou a arma e caiu uma anta. Conservaram-na com algum sal de rocha, que Fr. Joseph lhes dera, e dela se sustentaram, enquanto durou.

Escapam por um triz aos muras

Afinal transpuseram a última corredeira e a derradeira catarata, onde deixa o rio as montanhas, por entre as quais trouxe considerável parte do seu curso. Logo viram à mão direita terreno que fora roteado para cultura, e os restos duma colônia fundada pela gente do Pará, que subia o Madeira até esta altura em busca de canela, salsaparrilha e cacau, e de tartarugas, que se não encontram acima das cachoeiras. Haviam os muras exterminado os colonos, pelo que se achava tão deserto o lugar. Achou Manuel Félix ainda canas-de-açúcar plantadas por estes desgraçados, estimando-as não só como indício de avizinhar-se país civilizado, mas como alimento sadio e refrescante. Algumas milhas mais abaixo desembarcou com Vicente Ferreira e um rapaz índio para ir por terra acompanhando a canoa. Descobriram à curta distância uma plantação de bananas e mamões, e Manuel Félix mandou os outros adiante a apanhar alguma daquela fruta, fazendo o que tocou cada um no seu ninho de maribondos, ficando ambos horrivelmente picados. Por pouco porém não acarretaram sobre si bem mais sério perigo. Estava à vista uma casa grande, e também um *jirau*, que vem a ser uma espécie de cesto de gávea posto numa árvore para espreitar a caça. Fez Manuel Félix sinal à canoa; fechava a noite quando desembarcaram os aventureiros, mas inda puderam descobrir recentes vestígios de pés descalços, e pensando que haveria cristãos perto, deram uma salva com todas as suas escopetas. Imediatamente se ouviu no mato um ruído, como o de uma vara de porcos, que fugisse, aparecendo no dia seguinte as pegadas de selvagens, que eles sem o saberem tinham assim afugentado, e a isto deveram a sua providencial salvação. Depois souberam ter sido expelido dali pelos muras um missionário com perda

de cem dos seus conversos. Bendito seja, diz Manuel Félix, Nosso Senhor, por esta salvação, e bendita seja também Nossa Senhora da Conceição, a quem devemos este milagre, bem como todos os outros, que experimentamos, pois tínhamos conosco a sua imagem.

Num lugar estava a margem do rio coberta de tartarugas, que aos milhares iam desovar em terra. Viam-se Manuel Félix e os seus por este tempo em grande míngua de víveres, mas por estranha ignorância não sabiam ser bom alimento a tartaruga, e por ainda mais estranha estupidez nem fizeram a experiência. Havia umas sessenta deitadas de costa, e supuseram que teriam elas caído nesta posição, embora a menor consideração os devera ter feito ver a impossibilidade disto. Devia ter sido obra dos índios, pois que se avistava uma cabana, nem a gente do Pará nesta época se aventurava tão longe com medo dos muras.[12] Em cinco dias mais chegaram a uma tapera, onde viram ainda uma cruz levantada. E aqui, achando-se em grande apuro de fome, sacaram para fora Nossa Senhora da Conceição, e estendida uma toalha limpa em cima duma caixa, à guisa de altar, rezaram-lhe a ladainha, a salve-rainha, mais algumas orações, fazendo-lhe promessas, entre as quais a de trinta missas pelas almas do Purgatório, se antes do fim do dia seguinte encontrassem cristãos. Na manhã seguinte entraram num lugar, em que o rio media umas quatro milhas de largura, avistando na extremidade fogo em terra. Dispararam as espingardas quando se julgaram assaz perto para serem ouvidos, mas tinham-se enganado na distância; ao aproximarem-se mais, ouviram o estampido dum mosquete, "com que por certo se me alegrou o coração", diz Manuel Félix. Aqui encontrou uma missão dos jesuítas, em que Fr. Manuel Fernandes reunira os destroços duma aldeia anterior destruída pelos muras. Era insalubre a situação, achando-se doentes quase todos os moradores. Aqui foram hospitaleiramente acolhidos os aventureiros, que deixando, não sem pesar, a canoa devida, diz Manuel Félix, a um milagre de Nossa Senhora da Conceição, meteram-se numa embarcação maior, presente do jesuíta, e passando pelas aldeias do Jacaré e dos Basquasos, missões dos padres da Companhia ambas, entraram no Amazonas um pouco abaixo da última. Ao aproximar-se do fim do seu curso, estende o Madeira um braço grande, e alguns mais pequenos, com que forma outras tantas ilhas. Mede a corrente mais direita umas oitocentas braças na sua foz, baixo,

Fome

Viagem pelo Madeira acima. Ms.

pantanoso e inabitável o território adjacente, por causa das inundações a que está sujeito.

Antes disto fora navegado o Madeira. Dizem que já nos tempos de Nulfo de Chaves, ao abandonar-se o primeiro estabelecimento de Santa Cruz, penetrou uma partida dos mais destemidos moradores entre as tribos dos moxos, e embarcando ou no Ubaí ou no Mamoré, desceu a corrente com a audácia de Orellana, e igual fortuna, até chegar ao mar alto. Obra de vinte anos da presente aventura recebera o governador do Pará, João da Gama da Maia, de pessoas que traficavam com os selvagens do Madeira, notícia de haver estabelecimentos europeus acima das cachoeiras, mas se portugueses ou espanhóis era incerto. À vista disto fez sair uma bandeira comandada por Francisco de Melo Pacheco a explorar o rio. Subiu este até à foz do Mamoré, encontrando aí um mestiço que o guiou à Exaltação da Cruz. Soube então Pacheco terem sido estas missões fundadas por jesuítas do Peru, e trocada uma correspondência pouco cortês com o governador de Santa Cruz que lhe proibiu penetrar mais adiante, voltou sem poder dar relação satisfatória nem do que explorava. Também tinha sido visitada esta redução por um bando de fugitivos da Bahia, acompanhados de um padre, que francamente confessa terem-se todos escapulido por causa de certos crimes, cujas conseqüências temiam. Pediram permissão para se refugiar no Peru, foi-lhes porém recusada sem que alguém soubesse mais do que destes aventureiros foi feito. Também tinha ido dar à Exaltação um carmelita que subira o rio, partindo da mais adiantada das missões do Pará naquela direção, sendo o fim da sua vinda averiguar a distância a que ficavam os estabelecimentos espanhóis, e recomendar que se limitassem os súditos da Espanha ao seu lado do rio, sem se passarem à margem direita, nem tirar dali indígenas, por pertencer toda aquela banda ao rei de Portugal, cujos eram os respectivos índios. Mas foi Manuel Félix o primeiro que efetuou a viagem de Mato Grosso ao Pará, demonstrando a possibilidade de estabelecer-se numa comunicação por água, pelo que julgou o governador João de Abreu Castelo Branco de tanta importância a expedição que a dar conta dela o mandou a Lisboa. A Mato Grosso foi a notícia levada pelo companheiro Chaves, que assentando praça no Pará, aproveitou a primeira ocasião de desertar, e

Navegação anterior do Madeira

Juan Patricio Fernández, P. 47

Itens. Ms.

chegando pelo Maranhão a Goiás, daqui se passou a Cuiabá, e finalmente ao país de onde começara o círculo da sua peregrinação, e onde teve o bom senso e melhor fortuna de estabelecer-se numa fazenda sobre o Guaporé.

Viagem pelo Madeira acima

Menos feliz foi Manuel Félix. Partiu para Lisboa com exageradas idéias do serviço que prestara, e na inteira esperança de brilhantes recompensas. À sua chegada foi preso e detido uma semana sem causa nem pretexto, ficando entretanto a bordo os seus dois negros e bagagem. Passado este tempo inqueriram-no os ministros sobre as suas descobertas, consultando-o, diz ele, acerca das medidas que conviria tomar. O seu conselho foi que à foz do Mamoré, sobre a margem direita se construísse um forte, fundando-se ali uma povoação portuguesa, outra à embocadura do Ubaí, e terceira à do rio, sobre que se achava a redução de São Miguel. Entendia de ter descoberto estas posições, pelo que deviam pertencer a Portugal, sem de modo algum lhe ocorrer serem elas espanholas tanto pelo direito da posse como pelo da descoberta. Para si mesmo requereu o posto de guarda-mor de todo o território que assim ajuntara aos domínios portugueses, uma adequada concessão de terras, e as demais graças que fosse do agrado de Sua Majestade fazer-lhe. Observaram-lhe os ministros que as medidas que propunha seriam atos de agressão contra a Espanha. Ofereceram-se para solicitar d'el-rei uma recompensa das despesas da expedição, mas ele insistiu em haver a recompensa que se lhe antolhava devida, aferrando-se tanto a esta idéia, que continuou a seguir a corte como miserável pretendente, até que, despendida toda a sua fazenda, viu-se reduzido a extrema pobreza e desgraça. Neste estado, após dezesseis anos de obstinado requerer, e com sessenta e seis de idade, achou Manuel Félix melancólica consolação em recordar seus serviços e suas queixas, bem longe por certo de pensar que a mesma escrita, com que iludia suas horas sem ventura nem esperança, viria parar um dia às montanhas da Cumberlândia, e que, tirada dela, seria a narração das suas aventuras incorporada por um inglês na história do Brasil.

Exigências extravagantes e miserável fim de Manuel Félix

Foi a viagem de Manuel Félix importante não só por abrir a comunicação entre Mato Grosso e o Pará, mas também por ter posto portugueses e espanhóis pela primeira vez em contato naquela fronteira. Os companheiros, que em S. Maria

Voltam da Exaltação os companheiros de Manuel Félix

Madalena o tinham deixado, dirigindo-se à Exaltação da S. Cruz sobre o Mamoré, chegaram a este lugar, onde foram bem recebidos por Fr. Leonardo de Baldivia, como o haviam sido pelos irmãos dele nas outras reduções. Mas à proposta compra de gado deu-se a mesma resposta, ponderando-se as mesmas insuperáveis dificuldades para o transporte. Ali ficaram dezoito dias, e ao partir deram algumas bugiarias aos índios, mas do jesuíta só puderam conseguir que lhes aceitasse um pedaço de seda para o altar, tendo-os este generosamente presenteado com pães de sal e açúcar, cera, sabão, vinho, pão de trigo, biscoito, aguardente, chita, e livros de devoção, tanto floresciam estas missões dos moxos. Voltaram a S. Maria Madalena, e sabendo ter partido Manuel Félix, resolveram regressar a Mato Grosso.[13] Em quarenta dias tornaram a alcançar o porto de onde haviam principiado a viagem, e daí a pouco estavam outra vez no arraial de São Francisco Xavier. Tanto agradara a estes aventureiros a sua visita às reduções e tão grande lucro lhes parecia poder-se tirar do tráfico com os índios civilizados, que persuadindo alguns parentes e amigos a tentar segunda expedição, partiram de novo dois meses depois da volta. Iam em dois bandos, comandado um por Francisco Leme e por José Barbosa de Sá o outro.

Segunda expedição às missões

Abandonadas estavam as numerosas habitações de índios que na primeira viagem se tinham visto, atulhados agora os portos de desembarque e queimadas pelos mesmos naturais as cabanas. Era que Antônio de Almeida, com quem haviam ligado os camaradas de Manuel Félix, tais estragos fizera, tantos escravos tomara, que esta pobre gente quis antes assolar o próprio país e fugir para o sertão do que ficar exposta aos ataques de semelhante inimigo. Foi a bandeira de Barbosa a primeira que chegou a São Miguel. Com grande frieza os recebeu Fr. Gaspar, que, perguntando-lhes se queriam ouvir missa ou careciam de algum sacramento, deixou-os sem mais cerimônia. Após tal recepção não prolongaram os aventureiros a sua visita, mas com grande pasmo seu avistaram pouco depois de reentrados no Guaporé nova povoação sobre a margem direita. Ali encontraram o seu antigo conhecido Fr. Atanásio, que *tratando-os de ladrões, corsários, bandoleiros, e fugidos, mas tudo com modo de padre da Companhia,*[14] declarou-lhes que o governador de S. Cruz ordenara a todos os missionários que estivessem precavidos, e com os seus índios se opusessem a tais intrusos, enquanto

ele aprontava forças para destruir os estabelecimentos de Mato Grosso e plantar fortes, com que excluir da navegação daquele rio os portugueses. E como quisesse o padre passar a revista à canoa, julgou Barbosa acertado fazer que os seus mostrassem as armas de fogo que traziam, e a vista de oito mosquetes em mãos prontas a fazer uso deles, preveniu qualquer violência que talvez aliás se houvesse praticado, não contando a redução, de recente que era, mais de cento e cinqüenta índios. Perguntado com interesse pela distância que havia a Mato Grosso, e estado dos estabelecimentos portugueses ali, tanto quanto a população como a meios de defesa, declarou Fr. Atanásio redondamente aos aventureiros, que podiam seguir viagem, por falecer-lhe a ele força suficiente para evitá-lo, mas que nas outras missões encontrariam o que ele só podia desejar-lhes. De coadjutor lhe servia um jovem irlandês, por nome John Brand, que não compartindo talvez, apesar de jesuíta também, as idéias políticas do seu superior, parecia querer gozar o mais que pudesse a companhia destas visitas. Quatro dias depois chegou Francisco de Leme a esta missão chamada de S. Rosa, mas a nenhum dos seus se permitiu o desembarque. Entretanto seguira Barbosa para S. Maria Madalena, onde Fr. Joseph Ruiter quis saber o que desejavam, porquanto deviam ser despedidos na manhã seguinte. Pediram que os deixassem ficar dois dias para se confessarem, ao que anuiu o padre, dizendo porém que se acaso vinham em conseqüência do bom tratamento recebido pelos primeiros visitantes, haviam de achar-se mui enganados, pois que tal acolhimento se fizera por compaixão cristã a pessoas que se diziam perdidas num país selvagem; se porém se houvesse sabido que tinham vindo de propósito, mui outra teria sido a recepção. Renovou Barbosa a antiga pretensão de compra de gado, dizendo falsamente nenhum haver em Mato Grosso, e querer ele introduzi-lo no país, único objeto a que vinha, bem sabendo não serem mercadores os padres, nem tampouco o era ele. Disseram-lhe não ser possível conceder o que pedia, sobre ser impraticável o que se propunha. Durante os dois dias da sua estada estiveram os portugueses detidos numa casa, e os seus escravos em outra, não se lhes permitindo sair um só momento, exceto para a igreja. Rude e pouco cerimonioso era o alimento que lhes davam, milho, bolos e carne cozida com algum sal para sabor, tudo servido em cima de uma mesa sem toalha, e ao partirem pediram-lhes pelo amor de Deus que nunca mais vol-

tassem, antes desviassem os seus conterrâneos de virem ali, pois que o único resultado de tais visitas, como viam, não podiam ser senão vexames e desgraças. Não se dando ainda por batidos, quiseram os perseverantes portugueses seguir para a Exaltação. Reuniu-se-lhes pelo caminho Francisco de Leme, e foram todos bem recebidos, permitindo-se-lhes ficar mais de oito dias. Mas embora o próprio dom natural induzisse aqui os jesuítas a relaxar até este ponto o rigor das suas instruções, pronunciaram o mesmo peremptório interdito de comunicações futuras. Todas as relações, disseram, entre espanhóis do Peru e portugueses eram proibidas por lei,[15] tendo a Audiência Real de Chuquisaca e o governador de S. Cruz ultimamente mandado pôr em vigor esta proibição. Com esta resolução ficaram mui desgostosos os índios, que de boa vontade teriam visto estabelecerem-se comunicações regulares, e abrir-se melhor mercado, tanto para suprimento das suas necessidades, como para saída dos seus produtos, e em segredo vinham comprar facas, agulhas e machados aos estrangeiros. De nada porém lhes valeram os bons desejos, e plenamente convencidos agora do humor cioso e hostil das autoridades espanholas, voltaram os aventureiros a Mato Grosso após uma ausência de quase quatro meses.

Itens. Ms.

Alargam-se os espanhóis para os lados de Mato Grosso

Inquietaram-se mais os espanhóis com verem os portugueses no Ubaí e no Mamoré, por ter já recentemente uma partida deles comandada por Antônio Pinheiro de Faria chegado também às reduções dos chiquitos. Difícil como era para os espanhóis abrir uma comunicação dali para o Paraguai, romperam os portugueses, mal tinham posto pé em Mato Grosso, para si um caminho. Nenhuma razão havia agora para recear a repetição desses males que da parte dos paulistas haviam experimentado as reduções dos guaranis em Guaíra e no Tapé. Tinham a influência das leis e o espírito de um século mais humano mitigado a ferocidade do caráter paulista, sem abater-lhe a atividade e gênio de empresa, e talvez que nestas missões, onde se sofria que a esperança do lucro individual estimulasse os índios a individual indústria, houvessem os jesuítas de boa vontade promovido relações que teriam sido benéficas para o seu povo e agradáveis para eles mesmos. Mas temia o governo tão aventurosos vizinhos, e pensando coibir o tráfico de contrabando e os alargamentos que receava, invadiu ele mesmo o território que Portugal principiava não só a re-

clamar, mas a ocupar efetivamente. Três missões se fundaram à pressa à margem direita do Guaporé. Estava mal situada a de S. Rosa, que Barbosa visitara, um pouco abaixo da embocadura do Ubaí; a segunda ficava mais acima sobre um dos rios que nascem nos campos dos Parecis, e que desta aldeia conserva ainda o nome de S. Simão Grande, e a terceira era entre os mequeus ainda mais pelo Guaporé acima, e por conseguinte mais perto dos estabelecimentos de Mato Grosso.

Antes que pudessem estes alargamentos tornar-se matéria de disputa entre as duas coroas, viram-se os espanhóis sustados no seu curso por uma partida de endemoniados, que fugindo de Mato Grosso por dívidas, tinham vindo estabelecer-se sobre a chamada Ilha Grande, no Guaporé, a qual medindo umas quarenta milhas de comprimento, era contudo tão baixa, que ficava no tempo das cheias pela maior parte inundada. Havia doze destes indivíduos, que formando nove fogos com os escravos e mulheres que lhes pertenciam, tratavam de renovar o sistema dos antigos paulistas até onde lho permitiam suas forças. Possuíam a mesma audácia, a mesma coragem sem lei nem consciência, e igual espírito de nacionalidade. Só de rapina viviam, investindo abertamente ou por surpresa todas as tabas dos indígenas em redondo, e despojando-os de quanto podiam levar consigo. O supérfluo do seu saque escambavam-no com os colonos de Mato Grosso, que mais perto lhes ficavam, por outros objetos necessários e por pólvora e bala para servir em outras expedições. Os prisioneiros depressa os resolviam a cooperar consigo, servindo-se deles também como guias e intérpretes. Com freqüentes incursões foram repelindo as tribos da margem esquerda até à missão de S. Nicolau, sobre o rio Baure, tolhendo do lado direito os jesuítas de alargarem os seus estabelecimentos, e causando grandes estragos entre os mequeus, nação guerreira, de que pela maior parte eram formadas as novas reduções, e entre os abebas, paivajais, urupunas, travessões e pataquis, tribos rudes, mas dispostas a viver em paz, tratáveis e não antropófagas. Não podendo pôr em campo força capaz de castigar estes desalmados, falavam os jesuítas em pedir tropas ao governador de S. Cruz. Mas parecem também ter especulado sobre a probabilidade de conciliá-los e atraí-los à parcialidade da Espanha, para quando pudesse ser necessário o seu auxílio, sabendo bem que quer se ajustasse amigavelmente

1743
Portugueses na Ilha Grande sobre o Guaporé

quer não à questão dos limites, todas as vezes que na Europa rebentasse uma guerra entre as duas nações, seguir-se-iam por certo hostilidades sobre a fronteira de Mato Grosso com os moxos. Embora pois tivessem estes celerados sido excomungados pelo vigário de Mato Grosso, a cujo rebanho pertenciam, descobriram os jesuítas com mais do que a sua usual habilidade na casuística, algum pretexto para admiti-los ainda aos ritos e sacramentos da Igreja. Não deviam os interessados sentir grande preocupação a este respeito, porquanto, vindo Fr. Raimundo Laines com a sua cruz, o seu altar portátil e o resto do seu aparelho dizer missa na ilha deles, bandoleiros como eram protestaram solenemente contra tal cerimônia, não fosse ela prejudicar os direitos da coroa de Portugal. Sucedeu porém achar-se com eles um hóspede português, e a pedido deste permitiu-se ao padre celebrar o ofício, mal porém concluído o serviço, arrearam a cruz que ele erguera, pedindo-lhe que nunca mais se lembrasse de lhes pôr os pés na ilha. Achavam-se por este tempo outros dois portugueses da mesma laia ao serviço dos missionários, que os sustentavam com a condição de guiarem expedições em busca de neófitos fugidos.

Expedição do Pará e Mato Grosso

Menos ativo que o espanhol fora o governo português a respeito deste país, talvez por confiar no conhecido espírito empreendedor dos brasileiros; não deixando porém passar desapercebidas a importância da comunicação entre o Pará e Mato Grosso e a conveniência de assegurar-se o domínio dos rios, expediu ordem para que, partindo do Pará, fosse esta viagem feita por uma coluna forte, bem provida de mantimento, meios de defesa, e instrumento para mapear a derrota. Nesta expedição foram os dois Lemes, que por duas vezes tinham visitado as missões sobre o Mamoré, provavelmente enviados de Mato Grosso para servirem de guias na parte superior da navegação. Após cerca de três semanas de viagem pelo Madeira acima, chegaram os portugueses a uma tapera de cacau, onde um Antônio Correia com cinco índios mansos tinham sido assassinados pelos selvagens. Aqui foram acometidos pelos muras, e tendo-os rechaçado, acharam no dia seguinte uma seta cravada na areia em sinal de desafio. Mas ao verem a grande força dos portugueses, vogaram os selvagens para terra, e metendo as canoas a pique, iludiram com a fuga toda a perseguição. Fazem estes índios de casca de árvore as

1749

suas canoas, pouco lhes importando a facilidade com que soçobram, porquanto, hábeis mergulhadores, sem custo as recobram, costumando até de noite metê-las no fundo para que não lhas roubem, com o que de mais a mais tornam difícil descobrir-lhes os próprios pousos. Passada mais uma semana, mandaram os portugueses para trás as suas canoas grandes a aguardá-los de volta numa das missões mais próximas, principiando a fazer outras mais leves, como mais adaptadas às crescentes dificuldades, e ao transporte por terra nas cachoeiras. Enquanto nisto trabalhavam, não lhes faltavam peixe e tartarugas, tiveram porém de entrincheirar-se contra os índios, que tanto os incomodavam, que mal apanharam preparados os troncos das árvores, passaram-se para uma ilha, onde não molestados concluíram a obra.

Perto do termo do seu curso atravessa o Madeira um país baixo e insalubérrimo. Na aldeia dos Abacaxis, onde Fr. João de S. Paio reunira outrora uns mil índios, tinham perecido mais de dois terços da população, em parte, verdade seja, de bexigas e sarampo, mas a maior porção em conseqüência do mal mais permanente de um próximo lago, que na estação chuvosa se enche regularmente, estagnando e secando gradualmente no resto do ano. Para vencer tais circunstâncias físicas, cumpre atingir primeiramente uma civilização tão elevada como a do antigo Egito. Outras povoações tinham sido abandonadas e transferidas por causas análogas, sendo melancólicos vestígios de louvável indústria os limoeiros, as laranjeiras e outras árvores frutíferas de origem européia ou asiática, que continuavam a crescer e dar flor onde se não pudera arraigar o homem. De ordinário acresce a estes males a praga dos insetos, como para obstar a que a humanidade tente habitar tais lugares, enquanto não for assaz forte para encher a terra e subjugá-la. Parte do país que atravessava agora a expedição, chama-se Carapanatuba, a terra dos mosquitões. Mais pelo rio acima porém, erguendo-se as terras, melhora o país, encantando os aventureiros com as deliciosas combinações que apresentava de lagos, ilhas e selvas. De quantos rios vêm do lado direito engrossar o Madeira, é um dos maiores o Jauari, que nascendo na serra dos Parecis, era naquele tempo a mais conhecida de todas as correntes do Pará, como a mais freqüentada por causa do cacau. Os que saíam a colhê-lo reuniam-se em grandes bandos para mútua defesa, formando de ordinário uma flotilha de quatro ou cinco canoas. Um pouco acima

da foz deste rio se formara a povoação de Trocano, cujos únicos restos eram agora as árvores frutíferas, que ainda estavam dando testemunho do cuidado dos míseros colonos, e da excelência do solo e do clima. Um pouco mais acima chegaram os navegantes à primeira cachoeira, entrando então na cordilheira. Há um varadouro aqui de obra de um terço de milha. Três léguas mais acima fica a segunda e mais formidável catarata, caindo toda a massa de água que naquele lugar mede quase meia milha de largura, de uns cem pés de alto. Aqui foi preciso levar por terra as canoas por uma íngreme subida de quase três quartos de milha, com o que abriram tanto, que três dias se gastaram em repará-las. No mesmo lugar se encontrou à estopa um substituto na casca interior da *jacepocaia*, provando o suco da cumaí a melhor para as rachas depois de assim calafetadas, do que teria sido o pez ou breu. Das outras cachoeiras ocasionaram algumas ainda maior dificuldade, custando na quinta um varadouro de uma milha o trabalho de quatro dias. Desde a entrada nas montanhas até quase à embocadura do Beni tudo são cataratas e corredeiras. O Beni, que mede oitocentas braças de largura na sua foz, traz um volume de água pouco inferior ao do rio, que vem engrossar. É turvo como o Mamoré, tendo os navegantes de clarificar-lhe a água com pedra-ume, para torná-la potável, mas depositado o lodo durante o longo curso, fica o Madeira claro antes de dividir-se, desaguando no Amazonas. Acima da confluência do Beni ainda há sete cachoeiras ou corredeiras, fazendo dezenove ao todo. Eram mais de cem os da expedição, tendo sido por vezes necessários os esforços de cada um, sem que contudo a ninguém acontecesse o menor acidente, boa fortuna, que os mais experimentados aventureiros da companhia olharam com pasmo.

1749

Viagem pelo Madeira acima. Ms.

Logo acima da última cachoeira chegaram os portugueses ao primeiro pantanal, parecendo aqui estagnada a corrente, tanto em razão do seu espraiamento sobre os terrenos baixos, como por formar a catarata uma natural represa. O ponto seguinte foi a foz do Mamoré, que no lugar da confluência mede quinhentas braças de largura e sete de fundo, tendo o Guaporé, cujas águas são claras, três pés menos de profundidade, porém maior largura. Traziam os exploradores mui recomendados em suas instruções, que passassem S. Rosa de noite para não serem vistos pelo missionário, o que assim fize-

Chegada a Sta. Rosa

ram, frustrando-se porém a intenção pela obstinação do capelão. Pediu este licença para ir à redução confessar, e como lha não pudesse conceder o capitão sem ir diretamente de encontro às ordens recebidas aprouve ao padre considerar o caso, como um desses em que a autoridade temporal não tem direito de intervir, fugindo na noite seguinte com uma das canoas mais pequenas. Julgou-se necessário reclamar este extraordinário desertor, para o que se enviaram à missão os dois Lemes, escolhidos por serem ali conhecidos, não sendo porém homens em quem inteiramente se pudesse confiar, acompanhando-os no caráter de criado terceira pessoa de elevada qualidade. Conheceu-se porém desnecessária toda a precaução, nem haver motivo de desconfiar das disposições dos jesuítas, tendo-se dado, depois de tão redondamente rejeitadas as propostas de entabular relações com eles, completa mudança nos sentimentos recíprocos das duas cortes com a sucessão de Fernando VI no trono da Espanha. Sem afeição à sua ambiciosa madrasta, votava este príncipe o maior extremo à sua mulher, infanta de Portugal. Ao ódio implacável sucedeu então cordial boa vontade, sentindo-se a mudança no coração da América do Sul.

Vira-se Fr. Atanásio obrigado a remover da situação primitiva a sua povoação, por causa de uma praga de formigas que quanto se plantava destruíam. Estava agora assentada mais rio abaixo, perto das abas da serra, que por aquele lado avizinha a corrente. Mas também este posto se não reconhecera conveniente, fazendo-se já os preparativos de segunda transferência para mais perto das montanhas. Nada havia aqui dos cômodos e suntuosidades encontrados pelos primeiros aventureiros em S. Madalena e na Exaltação. O mais que sabiam fabricar os índios eram redes e vasos de barro para cozinhar o milho, o que de vários modos faziam; os hóspedes porém, apesar de não podermos supor-lhes mui delicados e pichosos os paladares, os acharam todos insípidos e nauseabundos. Queixavam-se os índios de terem de rasgar a terra com instrumentos de pedra por falta de outros de ferro, e de não possuírem anzóis nem facas, achando-se quase tão destituídos de conveniências como antes de terem dado ouvidos aos jesuítas na esperança de melhorar de condição, consentindo em abandonar os antigos hábitos da vida. Era isto porém devido ao estado infante e provisório da redução, tão ocupados os índios na remoção da aldeia e no roteamento do terre-

Estado de Sta. Rosa

no, que pouco tempo tinha havido ainda para tecer algodão, com cuja venda em S. Cruz de la Sierra se deviam suprir as necessidades de que se queixavam. Ambos os sexos trajavam a *tipóia*, com a diferença de descer nas mulheres até aos pés, e até pouco abaixo do joelho nos homens que também a usavam com a abertura adiante. Elevava-se a população a umas quinhentas pessoas, entre as quais cento e cinqüenta capazes de pegar em armas.

Depois de uma amigável recepção aqui, voltaram os mensageiros com o capelão, que reassumiu na flotilha o seu lugar sem pedir desculpa nem ouvir repreensão pelo seu proceder culpável. Principiaram agora os portugueses a experimentar alguma dificuldade em obter mantimento. Cresciam as águas, e por estes tempos deixa o peixe os rios, e entra nas lagoas e pantanais, ficando ao retirar-se a inundação inumerável multidão nas terras alagadas, presa das aves, que conhecendo a estação, acodem aos bandos; também a caça de pêlo se retirara para os terrenos altos, longe demais para ser perseguida, posto que sabiam as pessoas práticas do lugar munidas dessas ligeiras canoas, que chamam ubás, achá-la em grande abundância nos sítios que ficam sobranceiros à água. Demorava do lado ocidental a primeira terra não inundada que apareceu, vendo-se do lado do nascente lagoas que iam alargando agora e misturando suas águas com os pantanais formados às embocaduras dos rios que vinham dos campos dos Parecis. Muito se poderia ter encurtado a navegação, deixando o álveo do rio e cortando por meio das águas; para isto porém requeria-se mais prática local do que possuíam os pilotos da expedição, nem poderiam aqueles batéis grandes passar pelos bosques que fora mister atravessar. No segundo dia depois de se ter chegado aos campos, viu-se também fora das águas a orla oriental, mas coberta de densas matas. Não havendo mais que um escasso resto de farinha, nem oferecendo a pesca ou caça recurso algum, força foi procurar em São Miguel alguma matalotagem. Vivia Fr. Gaspar ainda, mas fora a missão por causa de moléstias transferida para a margem direita do Guaporé, pouco depois da segunda visita dos portugueses. Melhor alojados que em S. Rosa estavam aqui os índios, cujas casas em ponto maior continham três ou quatro famílias cada uma, mais bem providos de utensílios porém não estavam. Contudo florescia mais o aldeamento, que tinha grandes plantações de arroz e milho, gado e

S. Miguel

aves domésticas em abundância, fazendo ativo tráfico com a nova redução de S. Simão. Oitocentos dos moradores batizados eram capazes de pegar em armas. Bem feitos de corpo, aproximavam-se estes índios mais dos portugueses na cor, do que os da raça tupi. A vestidura era a mesma usada em S. Rosa, mas nos dias de festa cingiam as mulheres a *tipóia* com uma fita (moda provavelmente originada na generosidade de Manuel Félix), apanhando-a um pouco na frente para mostrar os pés. Recebeu-os o bom velho alemão tão hospitaleiramente como aos primeiros hóspedes, por feliz se dando, sem dúvida, com não ser mais proibida tal hospitalidade. Obsequiou-os com a música, deu-lhes um boi, e permitiu-lhes traficar com os neófitos. Frutas, milho, carne e aves não faltavam, sendo duas agulhas o preço de uma galinha. Aqui fizeram a provisão, que julgaram suficiente para chegar ao estabelecimento da Ilha Grande, cujos moradores, bandidos como eram, não deixavam de ser portugueses, em quem podiam confiar os conterrâneos. É na verdade a virtude da nacionalidade uma das que os portugueses possuem no grau mais subido.

Desgraças na Ilha Grande

Mais penosa porém se tornava agora a viagem. Crescendo sempre as águas, não era já possível achar um palmo de terra seca, onde preparar a comida, ou descansar de noite, sendo forçoso fazer com grande incômodo uma e outra coisa nas canoas. Também caíam doentes os índios, o que se atribuiu à mudança de água, de ar, de clima e de alimento, e contudo estava neles a esperança de concluir a viagem. Longo e árduo caminho restava ainda, sendo preciso por amor deles diminuir o trabalho diário, encurtando as estações, e, alcançada a grande ilha fluvial, repousar nela seis dias. Durante estes, tantos desastres ocorreram que quase acreditaram os portugueses pesar uma maldição sobre o lugar, e visitá-los a cólera celeste por conviverem com os excomungados moradores. Logo no dia da chegada morreu um sargento de uma febre que o levou em menos de quarenta e oito horas. Um negro, que saíra a caçar, não havendo já entre os índios quem fosse capaz de tal exercício, foi morto e devorado por um tigre, e impacientes dos apuros em que se viam, furtaram quinze destes pobres indígenas uma canoa aos insulanos, na qual partiram de volta para casa. Depois se soube terem eles chegado a salvamento à sua aldeia, que era uma das fundadas pelos jesuítas sobre o Xingu. Compraram os navegantes o pouco milho

que puderam vender-lhes os colonos, dentre os quais levaram um, que por vinte e três oitavas de ouro se obrigou a guiá-los ao rio Sararé, sustentando-se a si mesmo pelo caminho, sob condição porém de não o compelirem a ir mais longe. Escasso era o abastecimento que se obtivera como dos hábitos de tal povo era de esperar. No fim da primeira semana viram-se reduzidos a meia-ração. Os índios, menos sofredores do que negros e europeus, padeciam muito com febres intermitentes, e quando por boa fortuna se matava alguma anta ou caça de pena, era preciso ter cuidado não comessem demasiado os doentes, prova de ser a falta de alimento suficiente a causa principal da moléstia.

Apuros em que se vê a expedição

Semelhava a inundação agora um mar sem limites. Nuas de frutos nesta estação as árvores, sem peixes as águas, se se avistava uma ave era algum papagaio solitário, cuja voz roufenha parecia queixar-se da fome geral. Mesmo ao atravessar extensas regiões onde o arroz se erguia acima das águas, só pungia como um tormento de Tântalo a lembrança de que em melhor ocasião trocaria esta silvestre colheita a necessidade em abundância. Aqui se teriam perdido entre lagoas, florestas e pantanais, a não ter sido o prático trazido da ilha, à experiência do qual deveram o escapar a tão miserável sorte. Também mandaram adiante as canoas mais ligeiras a trazer mantimentos dos estabelecimentos mais próximos, enquanto eles, cortando palmeiras bravas, comiam os rebentões. Em dez dias voltaram as canoas carregadas de milho, arroz, feijão e frutas das plantações de Chaves, o companheiro de Manuel Félix, que depois de todas as suas aventuras tivera assaz juízo e boa fortuna para abraçar a vida de lavrador. Achava-se ele com outros estabelecido numa região plana que do rio se estendia até aos montes, acima do nível das inundações, e aqui gozavam todos das vantagens dum bom clima e fértil solo, abastecendo muitas vezes a chapada de São Francisco Xavier como então se chamava o principal povoado de Mato Grosso. Dois dias ficaram os viajantes com Chaves, refazendo-se de forças. Algumas horas depois de novamente postos a caminho, entraram no Sararé. Cheio de ilhas, mede este rio duzentas braças na sua foz, tendo pantanais dum e doutro lado e a água coberta de *accapi*, planta flutuante que é de mister cortar com croques ou machados, para poder passar qualquer embarcação maior que uma canoa de pesca. Também muito impedem a navegação árvores que

caem no rio minadas pela corrente, ou arrancadas pelas cheias. Em três dias mais chegaram os portugueses ao porto da Pescaria, tendo gasto na viagem nove meses do calendário. Para baixo pode o trajeto fazer-se em quarenta e quatro dias.

Viagem pelo Madeira. Ms.

Desde então começou a freqüentar-se, apesar da sua longitude, dificuldades e perigos, a navegação entre o Pará e Mato Grosso. Achou-se poderem por aquela via os gêneros europeus chegar mais baratos a esta última província, do que pelo Rio de Janeiro, sendo a viagem muito menos perigosa que a de São Paulo, onde inimigos como os guaicurus e paiaguás infestavam o caminho. Outras linhas têm sido propostas em lugar do Guaporé e Madeira, como a do rio das Mortes ou Araguari para o Tocantins, ou a do Xingu, o mais límpido de quantos rios correm para o Amazonas, e em grandeza pouco inferior ao Madeira, ou a do caminho traçado por João de Sousa e Azevedo, homem famoso no Brasil pela suas descobertas. Dois anos antes da expedição saída do Pará embarcara ele no Cuiabá, descendo-o até ao Paraguai, e subira este até a foz do Sipotuba (sobre o qual se encontra a única tribo de índios barbados nestas paragens), tomando então por este até às suas nascentes, donde transportara as suas canoas para o Sumidor, cujo curso é subterrâneo em parte. O Sumidor o levara ao Arinos, e este ao Tapajós, voltando ele pelo mesmo caminho para Mato Grosso com as canoas carregadas de gêneros. Mas, posto que não insuperáveis, são os impedimentos de cataratas e corredeiras bem maiores no Tapajós do que no Madeira, preferindo-se por conseguinte este, apesar de alargar mais duzentas léguas a viagem. Batéis do porte de mil a duas mil arrobas, podem chegar a Vila Bela, enquanto que tanto o Xingu como o Tapajós têm lugares onde não há água para semelhante carga. Qualquer destes dois últimos rios oferecia porém em tempo de guerra a vantagem de perfeita segurança contra castelhanos.

Comunicações entre o Pará e Mato Grosso

Corografia Brasílica, **2, 262**

Almeida Serra. *Patriota*, **T. 2, nº 1, 50, 56**

Rapidamente iam agora Cuiabá e Mato Grosso crescendo em população e prosperidade, apesar duma seca, que se diz ter durado de 1744 até 1749 com intensidade tal, que pegavam fogo as matas, vendo-se para todos os lados coberta de nuvens de fumo a atmosfera. Grande foi a mortalidade, e para cúmulo de terror ouviu o povo ao meio-dia com

Seca em Mato Grosso

um sol brilhante som como de trovão debaixo dos pés, seguindo-se imediatamente alguns abalos de tremor de terra. Dois anos depois deste rebate teve lugar a grande convulsão que derribou Lima, sentindo-se distintamente no centro do continente sul-americano essa agitação que tão horríveis efeitos produziu ao longo da costa do Peru. Até agora porém nada tinha sofrido o Brasil destas visitações, que tão especialmente fatais haviam sido na mãe pátria. Depressa desapareceram os efeitos da seca, mal reassumiram as estações e seu curso ordinário, rebentando de novo as fontes extintas, reverdecendo logo a vegetação, cessando as moléstias com a remoção da causa, e vindo novos aventureiros preencher o lugar dos falecidos. Num só ano se passaram de Goiás para Mato Grosso mais de mil e quinhentas pessoas, com boiadas e cavalhadas, apesar de não ter havido vinte anos antes em nenhuma destas províncias, nem bois, nem cavalos, nem portugueses. Grande fora ao princípio a falta de sal, tendo um paulista chegado a vender a outro uma mão cheia dele por um arrátel de ouro. Fora isto que fizera com que Manuel Félix e os seus companheiros notassem como esperançoso indício a terra salgada sobre o Guaporé. Mas pelos tempos da sua viagem pouco mais ou menos descobriu-se um lago salgado perto do rio Jauru, descoberta da maior importância para o bem-estar do povo, do que a do ouro e diamantes, que a este país o atraíra. A primeira pessoa que deste achado tirou partido, foi um tal Almeida, cujo nome ainda ali se conserva. Dois anos antes da expedição vinda do Pará, levara um cirurgião de Mato Grosso uma porção deste sal à Exaltação, provavelmente por ter sabido dos índios achar-se a missão balda deste artigo. Foi bem recebido, trocou o seu sal com grande lucro por gêneros secos, cera e algodão, formando uma espécie de sociedade com o missionário, que dando-lhe uma lista dos objetos de que se carecia, pediu que se efetuasse em S. Rosa o escambo. Interveio porém o governador de S. Cruz, proibindo a continuação deste tráfico.

24 de set. 1744

Descoberta de sal

Menos ativos não haviam sido entretanto os portugueses em alargar-se, partindo do Pará em diferentes direções pelos rios acima. Se na verdade considerarmos quão estreita nesga de terra constitui o reino de Portugal... sobre pequeno tão mal povoado... e como ele, em parte por fanatismo, em parte por desconfi-

Progressos dos portugueses do Pará

ança, e em parte também por esse orgulho que no caráter nacional lhe predomina, nenhum auxílio para as suas colônias queria tirar do excesso de população e atividade de outros países, acharemos terem feito os brasileiros talvez maiores e mais rápidos progressos, em proporção dos seus meios, do que colonos alguns doutra qualquer nação.

Com tanta ignorância e falsidade têm os portugueses, e especialmente os portugueses americanos, sido acusados de frouxidão e indolência! Tinham-se estabelecido tão longe pelo Amazonas acima, que suscitaram com a Espanha muitas questões sobre limites, e alguns remotos receios a respeito da segurança do Peru. Tinham penetrado pelo rio Negro, e daqui por uma cadeia de rios e lagoas, até averiguarem o fato extraordinário duma comunicação entre o Amazonas e o Orinoco, alcançando com as suas canoas as missões espanholas.[16]

Imigração dos selvagens do sul para o norte

Não havia por este tempo uma só tribo hostil sobre as margens do Amazonas, por todo o seu curso, tendo-se todas ou sujeitado aos missionários ou retirado para o sertão, fugindo aos seus incansáveis perseguidores.[17] Os que cansados da vida monótona das aldeias, ou dos trabalhos que deles se exigia ali, voltavam aos antigos hábitos, não se sentiam seguros, enquanto se não viam bem longe pelo país adentro. Muitos não paravam senão no território francês da Guiana, onde por todos os meios os induziam a domiciliar-se, redundando em abono dos missionários portugueses terem os jesuítas franceses achado estes índios bem instruídos nos princípios da fé. A direção da transmigração seguida pelos indígenas fugindo dos portugueses, parece em geral ter sido do sul para o norte. As tribos tupis de Pernambuco descaíam sobre o Maranhão. Da raça de mulheres guerreiras, a favor de cuja existência são os testemunhos por demais numerosos e coerentes, para a podermos negar de leve, ouvira-se falar primeiramente no coração do continente, e depois como atravessando o Amazonas na direção da Guiana. E na parte superior deste rio foi Condamine encontrar os índios de orelhas cortadas, que tinham desaparecido do Paraguai.

Vieira. *História do Futuro,* **§ 280**

Condição do Pará

Da sua prosperidade dava evidentes sinais a cidade de Belém, ou do Pará, como vulgarmente a chamam. Quando vindo do Quito ali chegou Condamine um ano depois da expedição de Manuel Félix, pareceu-lhe, diz ele, como se o tivessem transportado para a

Europa, vendo-se numa cidade grande, com ruas regulares, casas alegres e construídas de pedra, tanto cantaria como alvenaria, e magníficas igrejas. No correr dos trinta anos anteriores fora ela quase inteiramente reedificada, substituídas as antigas habitações por maiores, mais cômodos e mais sólidos edifícios. Descortinando o país, e convertido em pastos o que fora matagal fechado, melhorara tanto o clima achado perniciosíssimo pelos primeiros colonos, que mais do que qualquer das capitais do Sul se tornara salubre esta cidade. Faziam as bexigas contudo grandes estragos, sendo a moléstia mais fatal aos índios recentemente reduzidos, que andavam nus, do que aos nascidos entre os portugueses, ou desde muito domesticados, e portanto afeitos ao uso da roupa. A razão disto entendeu Condamine que seria não poder a doença sair tão facilmente pela endurecida pele daqueles, devendo de mais a mais o costume das unturas com substâncias oleosas obstruir os poros, e aumentar a dificuldade, suposição corroborada pelo fato de suportarem melhor a enfermidade os negros, que não tinham tal costume. Pelos anos de 1730 encontrou um missionário carmelita alguma coisa sobre inoculação numa gazeta que lhe veio às mãos na sua missão perto do Pará. Metade dos seus levara-lhos esta terrível enfermidade: vacinou o resto, não perdeu mais nenhum. Com igual resultado lhe seguiram o exemplo todos os seus irmãos no rio Negro. Estátuas mereciam tais homens... e nem os nomes lhes conservou Condamine.

Vacina

Muito mais do que as espanholas sobre o mesmo rio floresciam as aldeias portuguesas do Amazonas. A sua comunicação com o Pará o devia estas, sendo todas as relações com os seus mais ativos vizinhos vedadas aos espanhóis, aos quais era pois único mercado Quito, lugar muito mal suprido de gêneros europeus, sobre ficar separado dos estabelecimentos ribeirinhos por longos e montanhosos caminhos. Enquanto pois nas aldeias espanholas não passavam de miseráveis palhoças tanto igrejas como habitações, construídas de varas e vimes, vivendo todo o povo destituído não direi se de todas as comodidades mas até das decentes conveniências da vida, viam-se nas portuguesas as igrejas e casas dos missionários bem construídas de pedra, vestindo as mulheres camisas da Bretanha. Em comunhão com os guaranis não viviam os índios: tinham sua propriedade particular, e visto possuírem também caixas com chave e fechadura for-

Estado das aldeias

çoso é concluir que teriam eles com alguns dos vícios contraídos algumas das necessidades duma sociedade adiantada. Navalhas, agulhas, tesouras se encontravam nestas missões mais de duas mil milhas pelo rio acima, e pentes e espelhos, tudo coisas conjuntamente sintomas e instrumentos da civilização. O artigo principal que em troca davam estes índios, era cacau. Nas aldeias espanholas se continuou a fazer uso da canoa de um só tronco ocado. Os portugueses converteram este pau em quilha, fizeram-lhe cavernas que ligaram com tabuado, e armando-lhe à popa uma camarinha, construíram o leme de modo que jogasse livremente. Sessenta pés de comprimento mediam algumas destas embarcações, sete de largura, e três e meio de fundo. Havia as que requeriam quarenta remadores. A maior parte tinha dois mastros, que predominando o vento leste de outubro a maio, eram de grande préstimo para subir o rio.

Condamine, 88 89

Acima do rio Negro todas as aldeias ficavam à margem direita, que, mais alta do que a outra, não era sujeita a inundações. Eram dirigidas pelos carmelitas, bem como as formadas sobre o mesmo rio Negro, só abaixo de cuja embocadura principiavam as missões dos jesuítas. Receberam esta religiosa ordem do governador Luís de Vasconcelos Lobo para fundar duas aldeias acima daquele ponto, uma à margem direita do Amazonas, entre a boca oriental do Javari e a aldeia carmelita de São Pedro, e à foz ocidental do grande rio Jupurá a outra. Deram-se por ofendidos os carmelitas, especialmente a respeito do aldeamento à margem direita, que consideravam dentro da sua demarcação, e apresentaram um memorial dizendo acharem-se perto daquela localidade, pelo que mais facilmente do que os jesuítas poderiam executar as ordens do governador. Não foi a representação atendida. Entre os selvagens reunidos pelos jesuítas na nova aldeia, muitos haviam desertado das missões carmelitas, circunstância que vem agravar a má vontade naturalmente suscitada pela preferência dada a uma ordem rival. Reclamaram os carmelitas estes fugitivos como ovelhas desgarradas do seu curral e rebanho, mas responderam os jesuítas que sendo livres os índios pelas leis dos reis de Portugal, tinham inteiro direito de escolher o lugar da sua residência. Longe estava este raciocínio de poder satisfazer as partes ofendidas, que em desforra mandou uma coluna dos seus índios comandados por dois homens brancos

Disputas entre jesuítas e carmelitas

1751

a assolar de noite as plantações do novo estabelecimento. Não podia entrar em dúvida ter esta maldade partida dos carmelitas, um de cujos membros, Fr. João de S. Jerônimo, é acusado de ter dado a ordem para o atentado. Em revindita queriam os índios dos jesuítas pôr fogo a São Pedro e exterminar os seus inimigos, mas tiveram os padres autoridade bastante para contê-los, não resultando portanto mais conseqüências funestas.

Apologia da Companhia. **Ms.**

Notório todavia fora o escândalo, que ao povo do Pará deu ocasião de chamar a este negócio a guerra dos carmelitas e jesuítas. Com o alvará de Pedro II, que admitia outros religiosos a tomar parte com ela na administração dos índios, diminuíra muito a sanha popular contra esta última ordem a mais ativa dentre todas, e nos últimos tempos decididamente a mais meritória. Depois deste alvará não se excitaram mais tumultos contra os jesuítas nem no Pará nem no Maranhão, mas continuavam sempre as queixas contra o zelo que mostravam pela liberdade dos índios, alegando-se consultarem eles nisto com grande detrimento do Estado mais o próprio interesse do que o proveito dos portugueses. Ainda desejavam pois os fazendeiros expulsá-los completamente, transferindo as aldeias destes padres para as ordens mais condescendentes, com cujo procedimento estavam satisfeitos. Uma só armada não dava à vela para Lisboa sem levar queixas dos dois senados e dos moradores, clamando todos que se arruinava o Estado por falta de escravos, e que o efeito da mais que escrupulosa religião dos jesuítas era deixar o povo sem pão. Chegou o senado do Maranhão até a mandar um procurador que repetisse as antigas acusações. De modo nenhum estava D. João V disposto a dar crédito a estas tantas vezes confundidas calúnias, contudo recebeu o desembargador Francisco Duarte dos Santos alçada para tomar conhecimento da matéria. Declarou este juiz falsíssimas as acusações, sendo só a instâncias dos jesuítas que os caluniadores escaparam ao castigo que el-rei lhes mandava dar. Nenhum receio de calúnias ou ódio parece na verdade ter jamais podido no Maranhão desviar os jesuítas do leal cumprimento dos seus deveres. Incansáveis representavam à corte ser a total abolição da escravidão dos índios o único remédio aos males do Estado, dizendo que por causa da tirania dos portugueses emigravam os naturais aos bandos para o território espanhol; emigravam também

Impopularidade dos jesuítas

1754

para as possessões da França, mas abolida a escravidão, todas estas tribos ficariam dentro dos limites portugueses, tornando-se filhos d'el-rei, termo com que sempre costumavam os índios exprimir a sua sujeição.

Apologia da Companhia. **Ms.**

Diferiu o sistema dos jesuítas do Maranhão e Pará essencialmente do de seus irmãos do Paraguai e do coração do continente. No Paraguai tinham-se eles tornado senhores da terra, podendo dentro do distrito defeso legislar segundo as suas próprias idéias de política cristã, e nas missões dos chiquitos e moxos, apesar de não terem adotado o princípio da comunhão, viviam igualmente independentes. No Maranhão porém o princípio pelo qual os compeliam a modelar as suas instituições, era o de tornar os índios prestados aos portugueses. Em São Luís e Belém se abriam registros dos índios existentes nas aldeias, com declaração dos nomes de todos quantos eram capazes de prestar serviços, da idade de treze à de cinqüenta anos. Todos os dois anos se renovavam estes registros, que deviam ser atestados sob juramento pelos respectivos missionários, distribuindo o governador conforme estas listas pelo prazo de seis meses os pobres índios, que com impudente hipocrisia se chamavam livres, e expedindo ordem por escrito ao missionário para entregar tantos índios ao lavrador nela nomeado. Durante o outro meio ano podiam os índios servir querendo, havendo efetivamente muitos que preferiam este serviço à vida que levavam nas aldeias, onde com menos trabalho tinham mais sujeição.

Sistema das aldeias

Na estação própria saía o maioral da aldeia com outros índios a determinar a parte à respectiva sesmaria que devia ser cultivada para o ano seguinte, sendo mais fácil descortinar novo terreno do que fertilizar aquele, de que já tirara uma colheita. Era a área então repartida entre os índios, a cada um conforme os membros da sua família; lutavam porém os missionários com grandes dificuldades para induzi-los a cultivar os seus prazos, vendo-se por vezes obrigados a empregar meios compulsórios. Ao apanhar-se a colheita, era cada chefe de família obrigado a reservar ampla provisão para sua casa, aliás com a falta de previdência que caracteriza os selvagens, venderia ele tudo, e então teria o missionário ou de sustentá-lo ou de deixá-lo ir à cata de subsistência pelas florestas, donde provavelmente nunca mais voltaria. O que além deste necessário provimento colhiam os índios era sua propriedade exclusiva, e para tro-

cá-la por instrumentos e outros artigos europeus vinham sempre à aldeia mercadores em abundância, mas tampouco eram tidos aqueles por capazes de efetuar uma transação destas, que por lei devia o missionário, ou alguém que por ele nomeado, assistir a todas as vendas. Passava em provérbio no Pará, dizer que um índio tinha o coração no mato e o corpo na aldeia. Se algum deles fugia à sua tarefa, costumava vir de noite à aldeia e tirar a sua família, e se Deus queria também os parentes. Sucedia às vezes acordar de manhã o missionário e achar-se só no aprisco, tendo-lhe desgarrado todo o rebanho enquanto ele dormia.

Entre os guaranis o poder despótico dos jesuítas, dirigido para o que se julgava ser o interesse do povo, produzia a mais absoluta dependência de coração e vontade, de modo que não raro davam os neófitos as vidas em defesa do seu mestre com o zelo e entusiasmo de mártires voluntários. Outro tanto porém estava longe de acontecer, aqui, onde nenhum poder para proteger os seus tinha o jesuíta, de quem se fazia até instrumento involuntário para distribuí-los durante o termo da servidão. Assim, quando ia a alguma expedição fluvial, abandonavam-no os canoeiros ao menor rebate, ou ao mais leve motivo de desgosto.

Modo de sustentar as aldeias

Concedia os reis da Espanha nas suas colônias um estipêndio anual aos jesuítas. Não faziam o mesmo os reis de Portugal, e eram os colégios do Maranhão em demasia pobres para poderem com as despesas das missões. Podia pois nas aldeias cada jesuíta pelo mesmo prazo e igual salário que qualquer fazendeiro empregar vinte e cinco índios em apanhar cacau, salsaparrilha, especiarias indígenas, e outros produtos silvestres. Para este serviço havia uma canoa em cada uma das aldeias da Companhia, vinte e oito ao todo. O arrais, que sempre era branco, recebia um quinto da colheita para si, aplicando-se os outros quatro quintos às despesas da missão nas expedições para redução dos índios, medicamentos que saíam consideravelmente caros, e alfaias de igreja, pois que eram os templos ostentosamente ornados. Dinheiro ainda o não havia no Maranhão, tendo os jesuítas de remeter para Portugal gêneros em troca do que de lá careciam, e sobre este fundamento assentou a calúnia de estarem eles monopolizando o comércio daquela capitania e da do Pará. Seis meses só iam durar estas expedições. Ficando perto do país do cacau as aldeias carmelitas muito remotas do Pará e outras povoações portuguesas, poucos ou nenhuns

dos seus índios eram chamados a serviço, podendo pois os missionários empregar quantos quisessem em apanhar produtos naturais. Das suas missões não faziam os franciscanos sair canoas; mas forneciam remeiros para uma ou duas barcas equipadas pelos seus superiores, e os capuchinhos supriam índios à discrição para expedições desta natureza.

Segundo a lei não eram os índios que chegavam do sertão obrigados a servir os portugueses durante os primeiros dois anos, para terem tempo de se instruírem bem na fé, que se dizia ser o motivo principal da redução, e também de fazer as suas próprias plantações. Igualmente permitia a lei aos índios estipularem para si a condição de nunca poderem ser compelidos a serviço pessoal, se de outra forma não era possível persuadi-los a virem estabelecer-se nas aldeias. Insistiram os guajajaras nesta estipulação, que parece ter sido lealmente guardada. Mas querendo os amanagos negociar sob as mesmas condições, hesitaram os jesuítas em recebê-los, por ser esta nação muito mais numerosa, avantajando-se pela sua força, estatura e boa presença a outra qualquer tribo. Receavam pois os missionários que não tivessem as leis força bastante para proteger tais índios, nem talvez por esta razão se afligissem muito, vendo frustrar-se a negociação em conseqüência dalguns agravos irrogados pelos colonos do Mearim a estes selvagens de espíritos elevados.

Exemplos da servidão

Pelas leis de D. Pedro II a nenhum português era permitido residir nas aldeias, por temer-se o pernicioso efeito que a má conduta e o mau exemplo produziriam nos neófitos. A pena de qualquer contravenção deste preceito era de desterro para os nobres e de açoites para os que o não eram. Tampouco podia alguém ir a elas para alugar índios sem munir-se de licença especial e por escrito passado pelo governador; nunca esta porém se negava, e por tal freqüentavam os portugueses as missões pagando adiantado metade das soldadas estipuladas. Tão longe estavam na verdade os jesuítas de tentar estabelecer aqui qualquer sistema de exclusão (embora desejo lhes não faltasse, se fosse praticável a coisa) que serviam suas casas de albergarias, onde eram os portugueses hospitaleira e gratuitamente mantidos. Costumavam os moradores das mais próximas fazendas vir ouvir missa nas aldeias, gabando-se os jesuítas de aparecerem nestas ocasiões os seus índios de ambos os sexos tão bem vestidos como os

Relações dos portugueses com as aldeias

seus vizinhos brancos. Costumavam preparar previamente a roupa precisa para quantos selvagens contavam poder reunir no sertão, e fazê-los adotar o uso dela. Nem sempre se encontrava nas fazendas igual consideração pela decência.

Apologia da Companhia. **Ms.**

Prevalência da língua tupi

Na Europa eram os jesuítas por seus inimigos argüidos de proibirem nas missões a língua portuguesa. Raras vezes tem a malícia sido mais estúpida nas suas calúnias, porquanto por mais que fosse para desejar-se a substituição duma língua bárbara por outra européia e civilizada, bem mais fácil era aprender o tupi do que ensinar o português aos indígenas. Aos mercadores era o tupi necessário nas suas viagens; as crianças o aprendiam de suas amas ou mães índias, e nas aldeias facilmente se tornavam às diferentes tribos familiar a língua geral, pois que embora radicalmente diferente no vocabulário, era na construção e princípios análoga às outras, enquanto que a portuguesa em todas as suas características era inteiramente estranha aos hábitos de expressão e pensamento dos selvagens e portanto infinitamente difícil. Tinha por todas estas razões o tupi adquirido ascendente tal por todo o Pará, que era nos púlpitos exclusivamente usado. Achava-se agora estendida por todas as partes deste imenso continente uma cadeia de missões. As espanholas do Quito vinham encontrar-se com as portuguesas do Pará, enquanto as do Orinoco pegavam com as do rio Negro e Amazonas. As comunicações entre as missões dos moxos e as do Madeira tolhiam-nas considerações políticas, não à distancia, nem naturais impedimentos. As primeiras comunicavam com as dos chiquitos, estas com as do Paraguai, e daqui enviavam os incansáveis jesuítas os seus operários ao Chaco e para as tribos que senhoreavam as vastas planícies ao sul e ocidente de Buenos Aires. Se na sua exemplar carteira não tivessem vindo interrompê-los medidas tão impolíticas como iníquas, quem sabe se no dia de hoje não estaria completa já a conversão e civilização de todas as tribos indígenas! Pelo menos é provável que tivessem os padres da Companhia salvado dos horrores imediatos e conseqüências barbarizadoras da guerra civil as colônias espanholas.

Viagens de Humboldt

Corografia Brasílica, **2, 277**

Cadeia de missões por todo o Brasil

NOTAS DO CAPÍTULO XXXVII

1 A narrativa de Amaral menciona (p. 497) o grande número de fatos, mas se a descrição deles é exata, parecem mais ter sido *jerboas,* apesar de não ser coisa fácil imaginar como este animal iria para aquela ilha... *tem os pés tão curtos que não andam, nem correm, e o seu fugir e meneio é em saltos como pulgas, e assim os matavam, facilmente.* – É muito possível que esta raça, como a dos antigos ratos ingleses, fosse exterminada pelo rato da Noruega... que é o grande marinheiro e colonizador desta espécie.

2 Comandava um tal Gillis Vennant esta colônia, que ali permaneceu por algum tempo, cultivando a terra. Os ratos tinham-se provavelmente tornado canibais, depois de expulsos os antigos colonos.

3 O famoso e conhecido estratagema usado por Bartolomeu Bueno, a fim de que os índios, amedrontados com a ameaça de lhes serem incendiados rios e lagos, lhe indicassem as minas de ouro. (P.B.B.)

4 Com certeza foi sempre desejo do governo português que os naturais fossem tratados com humanidade e justiça, e até com indulgência. Em 1738 recebeu o governador de São Paulo ordem de prover a que às pessoas que trabalhavam numas minas recentemente descobertas não faltassem meios de defesa própria, e caso continuassem a cometer excessos os selvagens, a reunir provas bem evidentes, para ver se havia causa justa de fazer-lhes guerra ofensiva nos termos da lei. A exposição, que o superintendente de Goiás enviara ao governo da metrópole, não se reputou suficiente para resolução semelhante. (*Ordem*, 12 de abril. Ms.)

5 Recebeu foral, isto é, foi elevada à vila, com o nome de Vila Boa de Goiás (25 de julho de 1739) e pela Carta de Lei de 17 de setembro de 1818 foi elevada à dignidade de cidade, com o nome de Goiás.

José Câmara (*Subsídios para a História do Direito Brasileiro*) escreve: "Originariamente foram os forais espécies de estatutos que na península Ibérica se constituíram graças à desagregação das instituições romanas, e mesmo visigóticas. Em verdade, quando desabavam os últimos vestígios do Império Romano, uma de suas instituições parecia resistir obstinadamente contra aquela desagregação. Era o município, núcleo local fundado no complexo da família – molécula das nacionalidades, sustentáculo da moral social." É que os forais podem ser encarados num duplo sentido: como instituição municipal, consistente na outorga de certas concessões aos conselhos, e como modalidades de leis civis ou criminais, de caráter supletório, destinadas a suprir a ausência de costumes de certas localidades. No primeiro destes aspectos o consideramos com mais atenção, porque é mediante esta forma que tal instituição irá mais tarde refletir-se na organização municipal do território de além-mar, como embrião das posturas que constituem a legislação dessas pessoas de direito público interno.

Sobre os forais veja-se a *História do Direito Nacional* de Martins Júnior e *História do Direito Brasileiro* de Valdemar Ferreira. (P.B.B.)

6 Escapou, diz ele, milagrosamente mas qualquer que seja a parte que ele a Nossa Senhora da Conceição queira assinar na sua preservação durante aquele ano de fome, é fora de dúvida que algum quinhão neste milagre deve caber a setenta caixas de marmelada de Taubaté, que consumiu, tendo-lhe custado 3 1/2 oitavas de ouro cada uma.

7 De dois manuscritos que possuo, tirei a relação desta expedição memorável. Um é do mesmo Manuel Félix, escrito de seu próprio punho... talvez não exista segundo exemplar. O outro contém os depoimentos tomados aos que voltaram ao arraial pelo ouvidor de Cuiabá, João Gonçalves Pereira.

8 *Tinha de choco um grande gavião maior que uma ema*, diz Manuel Félix. Que ave seria?

9 Hervas (1, 4, § 72) conjetura que talvez fosse este o povo que habitava o país a leste de Cuzco chamado muru-muru, e incorporado por Capac Yupangue no império dos incas. (*Garcilaso*, I. 3, c. 14.)

10 Também às vezes o chamam Madalena do nome da missão. E no mapa de Arrowsmith traz ele o nome de Itonamas... que é o da tribo mais poderosa. Colett faz o Ubaí afluente do Itonamas ... Nesta parte da história há confusão tanto na narrativa de Manuel Félix como nos depoimentos dos seus companheiros. Chamam este rio de Mamoré... apesar de aparecer manifesto o erro no correr da relação.

11 Vinham porém, diz ele, *vestidos em corpo, que todos os tinham, se entende os brancos.*

12 Vendiam-se por este tempo no Pará, diz Manuel Félix, a 3$000 por cabeça as tartarugas, de cujos ovos se faziam potes de manteiga.

13 Foi isto o que inquiridos depuseram perante o juiz ordinário. Parece porém mui pouco provável que tornassem a visitar esta missão, sem que nela se lhes dissesse haver sido despedido Manuel Félix, para se cortarem todas as ulteriores comunicações com os portugueses. Considerando isto, bem como não terem eles razoavelmente podido esperar encontrar ali quem ficara de seguir por terra para a Exaltação, inclino-me a crer que na volta não tocaram em Madalena, afirmando tê-lo feito para que não os increpassem de haverem regressado sem o companheiro.

14 Curioso exemplo dessas maneiras jesuíticas que se tornaram proverbiais.

15 Com verdadeiro orgulho nacional atribuíram os deponentes esta proibição ao *muito medo que têm de que os portugueses lhes vêm invadir as suas terras, botar fogos e destruir as missões. Têm a cada português por um leão, e a cada negro por um tigre*. Este medo dos negros dizem ter nascido de saber-se da insurreição deles em Minas Gerais... Nem um só artigo de fabrico português se descobriu em qualquer destas missões, nem cousa alguma que se pudesse supor haver passado pelas mãos deste povo. *Itens*. Ms.

16 Pareceu isto tão contrário a toda a experiência do correr das águas, que mal achou crédito na Europa até aos nossos dias, em que veio remover todas as dúvidas o testemunho de Humboldt, de cuja autoridade nenhuma apelação podia dar-se. Nunca tais dúvidas se deveram ter nutrido acerca dum fato exposto em 1749, sobre autoridades competentes, pelo jesuíta Fr. Bento da Fonseca numa carta prefixa aos *Anais do Maranhão* por Berredo. Gumilla (t. 1, c. 2) espraia-se, combatendo a asserção: homem de fraca inteligência, que raciocinava pelo que vira dum rio, sem se recordar que do outro nada sabia, que mesmo do lado do seu país haviam sido

limitadas as suas observações, e que a ignorância dum indivíduo nada pode pesar contra a ciência do outro. Chegou porém a desenganar-se, pois que as suas cartas ao comandante português e capelão sobre o Rio Negro tomaram, segundo refere Condamine, o mesmo caminho cuja existência ele negara.

17 Alguns lugares havia contudo, diz Condamine, onde fora perigoso passar a noite em terra. Poucos anos antes da viagem dele tinha a filha dum governador espanhol tentado voltar por este caminho à Europa, e sido surpreendida à margem pelos selvagens e assassinada.

. . . .

Capítulo XXXVIII

EFEITOS DA INTRODUÇÃO DO GADO EUROPEU – TRIBOS EQÜESTRES

MUDANÇA não menos notável do que a devida numa parte do Brasil à descoberta das minas, se estava entretanto operando mais gradualmente em outras regiões. Tinham os primeiros colonos introduzidos no país novos animais, cuja prodigiosa multiplicação modificara os hábitos de vida tanto da população índia como da crioula.

Introdução do primeiro gado no Paraguai

Na governança de Irala trouxe o capitão Juan de Salazar sete vacas e um touro da Andaluzia para o Brasil, levando-os daqui por terra, seguindo provavelmente a mesma direção tornada por Cabeza de Vaca, para o Paraná defronte da foz do Mondaí. Ali construiu uma jangada para o gado, deixando um certo Gaeta, que o transportasse por água, para a Assunção, enquanto ele seguia por terra. Uns poucos de meses gastou na viagem a jangada, cujo arrais recebeu em recompensa uma das vacas. Ainda hoje se diz proverbialmente entre os espanhóis a vaca de Gaeta, querendo significar coisa de grande valor, mas embora este ditado implique passar agora aquele pagamento por ter sido ridiculamente desproporcionado ao serviço, tinha provavelmente outro sentido na sua

1754

origem. Quando mais de sete vacas não havia no país, nada podia ser de tanto valor como uma delas.

Azara. Quadrúpedes do Paraguai, 2, 352

Em 1580 se embarcou de Buenos Aires para a Espanha o primeiro carregamento de couros, e uns trinta anos depois se levaram das cercanias de S. Fé para o Peru nada menos dum milhão de cabeças de gado, dizem, tão rapidamente se multiplicara este nas imensas pampas dentre Tucumán e a Prata.[1] Não tardou a haver quem por milhares e dezenas de milhares contasse o seu gado num país onde as pastagens eram do tamanho de qualquer freguesia rural na Europa, excedendo a área duma só estância muitas vezes a dum condado da Inglaterra. Não faltavam pessoas que possuíssem cem mil cabeças, nem reduções que tivessem mais de meio milhão, número não desmesurado, onde mais de quarenta reses se cortavam diariamente para consumo dos moradores. Uma grande porção era furtada, outra maior ainda era presa de índios hostis, tigres e cães bravos, perecendo miseravelmente um sem-número de bezerros vítimas das moscas, que se pode chamar por excelência a praga do Paraguai. O gado bravo muito excedia em número o semidomesticado. Com igual rapidez se haviam multiplicado os cavalos. A grande propagação destes animais numa terra onde antes da descoberta nenhum existia daquela espécie, veio alterar até as características físicas do país. Desapareceram as plantas bulbosas e as numerosas espécies de pitas ou caraguatás que antes cobriam as planícies, vindo substituí-las um pasto fino e uma sorte de cardo rasteiro, assaz forte para resistir ao pisar dos animais, que fora o que destruíra a primitiva ervagem. Afetado tanto o mundo vegetal como o dos insetos, adquiriram novos hábitos os animais indígenas do país, não só as aves mas também as bestas-feras.

Ao derramar-se pela cordilheira do Chile o gado, descobriram-no os índios daquele país, tangendo manadas inteiras através das montanhas para o seu próprio território, onde a Audiência o comprou. Para melhorarem os seus meios de subsistência desceram outras tribos às planícies, onde estivessem mais perto desta numerosa caça, aliando-se ali com as hordas dos Pampas. A guerra que começaram a fazer a este inumerável gado, não teria produzido considerável desfalque, se por amor dos couros não lhe houvessem feito os espanhóis de Tucumán e do Prata outra bem mais destruidora. Era esta tão excessiva, que começaram os animais a escassear, tornan-

Tornam-se carnívoros os indígenas

do-se mais bravos de continuamente perseguidos. Tornados carnívoros por hábito e necessidade, viam-se agora os índios obrigados a atacar o gado manso nas estâncias, principiando uma guerra de rapina contra os espanhóis, que tiveram a seu turno de defender as terras e a propriedade contra um inimigo esfomeado e aventuroso. De tanto auxílio tinham sido aos conquistadores da América os cavalos como as armas de fogo, e prevendo-se os males que nasceriam de tornarem-se cavaleiros os naturais, proibiu-se, sob pena de morte, vender um destes animais a algum índio. Depressa perdeu a lei a sua significação, multiplicando-se tão rapidamente os cavalos, tornados bravos, que se arrebanhavam aos milhares. Não tardaram os naturais a aproveitar-se do ensejo que se lhes oferecia, e mal descobriram ser esta nobre criatura tão dócil a um cavaleiro índio como a outro espanhol, tribos inteiras se fizeram eqüestres.

Azara, 2, 254

Entre as mais formidáveis destas tribos se notavam os mbaias, nome cuja ortografia exprime um modo de pronúncia labial desconhecida nas línguas européias. Protegera-os o seu país no Chaco quando eram os espanhóis povo audaz e empreendedor, sendo grande parte desta região pantanosa e sujeita a inundações, e ficando o solo na estação seca tão torrado e fendido do calor, que só indígenas por ali podiam andar. Quando, perdido o espírito aventuroso que os trouxera a este país, consumiam os espanhóis a sua força em facções intestinas, passou-se esta nação para o lado oriental do Paraguai, acometeu a povoação de S. Maria de la Fé, e matando grande parte dos moradores guaranis, compeliu o resto a emigrar. Prosseguindo para leste na sua carreira de assolação, destruiu a vila espanhola de Xeres, e estabeleceu-se daquele lado do rio. Mais temíveis se tornavam ainda os mbaias, por atacarem de noite, contra o costume de todos os outros indígenas. Acobertados pela escuridão investiram a vila de Petun ou Ypane, como também a chamavam. Atravessaram as compridas lanças sobre o fosso que a cercava, passando por cima delas como por uma ponte, conhecendo porém que tinham sido pressentidos, e que estavam apercebidos para a defesa os moradores, retiraram-se levando alguns cavalos que acharam a pastar na planície. Foram estes os primeiros ginetes que lhes caíram nas mãos; nem os romanos tiraram mais prudente partido da galé cartaginesa

Obtêm cavalos os mbaias

Almanaque de Lima

1661

arremessada às suas praias. Aprenderam a servir-se do animal, trataram primeiro que tudo de obter mais, e desde esse momento se tornaram uma nação de cavaleiros. No ano seguinte forçaram os colonos a abandonar Ypane, Guarambire e Atera, retirando-se para a Assunção os fugitivos, enquanto os mbaias ficavam senhores absolutos da província de Ytati, desde o norte do Jesuí, em latitude 24°7' até à lagoa dos Xaraiés. Da banda do sul expeliram os habitantes de Tobati, principiando naquela direção uma guerra em que quase extirparam do Paraguai os espanhóis, não sendo estes nem assaz sagazes para frustrar-lhes os estratagemas, nem assaz corajosos para arrostá-los em campo aberto, nem assaz velozes para fugir-lhes. Por toda a parte à roda da Assunção marcavam fúnereas cruzes os lugares em que o sangue cristão tinha sido derramado por estes tremendos inimigos, e os moradores desta cidade que nunca desde a sua fundação tinham sido senhores da ribeira oposta, nem já na sua margem se reputavam seguros, tremendo às suas próprias portas.

Dobrizhoffer, 1, 106, Lozano, 5, 23. § 2

Modo de combater dos mbaias

Usavam os mbaias de arco e setas para a caça e para a pesca, não na guerra, em que lhes eram armas a macana, uma lança compridíssima (de quinze a vinte pés) aguçada em ambas as extremidades. Ia presa ao punho por uma correia, por meio da qual a recuperava imediatamente o selvagem quando a arremessava, o que às vezes fazia com força tal, que varava o inimigo de lado a lado. Na batalha procuravam espantar os cavalos dos espanhóis, para o que lhes mostravam com fantásticos gestos peles de tigre, na esperança de que aquela vista tornasse o instintivo medo ingovernáveis os animais. Se logravam romper as fileiras ou provocar os espanhóis a dar imprudentemente uma descarga cerrada, que os deixava desarmados, tinham segura a vitória, tão terrível a sua investida, e tal a sanha com que aproveitavam o triunfo, que mal escapava alguém com vida. Não davam quartel, e levando as cabeças dos mortos, guardavam os crânios como os mais gloriosos despojos. Mas os espanhóis fazendo logo no principio da peleja apear alguns dos seus melhores atiradores, conseguiam matar um único mbaia, largavam todos os demais imediatamente o campo, contanto que os deixassem levar o seu morto: se o inimigo tentava acossá-los enquanto empregados neste empenho, ou mesmo apresar-lhes os cavalos, de que se tinham apeado para tomar o cadáver, voltavam à car-

ga com novo ímpeto. Como o árabe, afeiçoava-se o mbaia apaixonadamente ao seu cavalo, de que por nenhum respeito se desfaria, nem tampouco o emprestaria a outro. Montavam estes índios sem qualidade alguma de sela mas com destreza e agilidade nunca excedidas por esses que nos circos europeus executam peloticas eqüestres. Se fugiam diante dos espanhóis nunca permaneciam dois momentos na mesma postura: ora se estendiam a fio comprido sobre o costado do cavalo, ora ao longo da ilharga, ora mesmo debaixo da barriga, levando a rédea presa no dedo grande do pé. Isto o faziam pelo muito medo que tinham das armas de fogo, e confiando neste expediente em caso de derrota, aprenderam a arrostar forças iguais com iguais vantagens. Tinham a prudência de raras vezes se arredarem das orlas dos bosques, onde nus e com pele endurecida deslizavam-se por entre emaranhadas espessuras impérvias aos seus perseguidores. Por mais de uma vez tentaram surpreender S. Fé, e a não ter sido o costume de voltarem satisfeitos com a glória mal numa expedição ganhavam qualquer vantagem, afirma Azara que não haveria hoje em dia um só espanhol no Paraguai ou português em Cuiabá. Conhecia este escritor o povo do Paraguai, mas não o do Brasil, e talvez que devessem os espanhóis a salvação até certo ponto aos seus vizinhos mais destemidos e aventurosos do que eles.

Azara, 1, 100, 113. Chomé. *Lett. Édif.* **8, 228**

Aliança entre guaicurus e paiaguás

Ao principiarem os portugueses a estabelecer-se em Cuiabá, tinham os guaicurus, ramo principal da nação mbaia, entrado em aliança íntima com os paiaguás, sendo tal a facilidade com que adquiriam novos hábitos que pudessem aumentar-lhes o poder, que se tornaram aquáticos com a mesma presteza com que se haviam feito cavaleiros, agora tão formidáveis por água como em terra. Caiu sobre os portugueses o peso desta aliança, cujo primeiro efeito foi a destruição de uma flotilha de mais de vinte canoas vindas de São Paulo com trezentas pessoas para cima. Foi no Paraguai que se deu o recontro, escapando apenas dois homens brancos e três negros. Grande espanto causou a relação feita pelos sobreviventes. Talvez que desde a descoberta do Brasil se não houvesse ainda perdido tanta gente numa só ação contra índios. Por mais formidáveis que se tivessem reputado sempre os paiaguás, ninguém os reputara capazes de reu-

1725

Caem sobre os portugueses

nir tão grande armamento; da aliança que explicaria o mistério, nada se sabia, mas não tardaram a receber-se novas e repetidas provas de quão grande era o alcance do mal. Cinco anos depois da primeira perda partiu o ouvidor Antônio Alves Peixoto para São Paulo numa frota de trinta canoas com os reais quintos, que naquele ano tinham subido a sessenta arrobas. Tinham chegado à baía de Ingaíba formada onde o Cuiabá entra no Paraguai e ali como tomava a gente descuidadamente a sua refeição, deixando ir os batéis ao som da água, despertou-a de repente da sua seguridade o terrível *huru* dos índios combinados. Caras venderam os portugueses as vidas, avaliando-se em mais de quatrocentos mortos a perda dos índios no combate, mas só dezessete escaparam daqueles, nadando para terra e escondendo-se nas matas. Deste deplorável sucesso algum proveito tirou o povo da Assunção então em paz com os paiaguás: parte do ouro ali foi parar dispondo dele os selvagens como de coisa de nenhum valor. Seis arráteis de ouro deu um destes por um prato de estanho.

Manuel Félix. Ms.

Corogr. Bras., **1, 254**

Não eram os portugueses para cruzarem os braços, postos a chorar a sua perda. Aprestou-se uma expedição de seiscentos homens em trinta canoas de guerra e com cinqüenta batéis de bagagem, para cruzar contra o inimigo e dar-lhe batalha. Avistou-o à boca do Embotatiu, ou Mondego, como os portugueses o chamaram do nome do rio favorito dos seus poetas. Desafiaram-nos os índios com gritos e gestos, mas demasiado prudentes para se travarem com um inimigo, que vinha buscá-los, valendo-se da configuração das suas canoas, e da arte com que as governavam, num momento se puserem fora do alcance da vista. Com perseverança os seguiram os portugueses, topando repentinamente uma madrugada, passados muitos dias, com uma flotilha de índios; postos estes em fuga com as peças e mosquetes, perseguiram-nos aqueles até uma das suas aldeias chamada Tavatim, destruindo-lhes todas as canoas que tinham no porto. Depois disto passaram as frotas portuguesas a salvamento pelo espaço de dois anos, mas no terceiro foi capturada uma de cinqüenta canoas, escapando mui pouca gente. À vista disto preparou-se ainda mais formidável armamento de trinta canoas de guerra, setenta batéis de bagagem e duas balsas armadas. Ao tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho se deu o comando. No fim de um

Apresentam os portugueses flotilhas contra estes selvagens

1732

mês de pesquisas, avistou ele mesmo ao romper dalva alguns fogos no fundo de uma baía, e aproximando-se o mais disfarçadamente que pôde chegou quase a tiro de mosquete sem que os índios o pressentissem. Grande foi a matança entre eles, tomando-se ainda dentre os feridos e crianças, que não puderam alcançar as florestas, uns trezentos que foram reduzidos à escravidão e batizados.

1734

1736

Mas logo no segundo ano desta surpresa foi a caravana fluvial de São Paulo, posto que de considerável força, investida por número superior. Parece a continuação da guerra com os selvagens ter inspirado a estes selvagens anfíbios um orgulho e pundonor semelhantes aos dos seus inimigos, tornando-os indiferentes à perda própria contanto que ganhassem a vitória. Seguiu-se um batalhar de muitas horas. Caiu o capitão português Pedro de Morais, homem a quem o seu valor assinalava. Também Fr. Antônio Nascentes foi morto, Francisco conhecido pela alcunha de *Tigre*, de onde se pode inferir que se tivessem sido fielmente escritas formariam a vida e virtudes de *Fr. Tigre* um capítulo dos mais curiosos que se encontram nas crônicas seráficas. Nesta ação se distinguiu pela sua descomunal atividade e força um mulatão por nome Manuel Rodrigues, chamado porém Manduaçu, ou Manuel Grande. Ia num batel com a mulher, que era da mesma cor, e os seus escravos: duas canoas o investiram, mas ele as rechaçou ambas, manejando um varapau com força tal nos intervalos em que a virago lhe carregava o mosquete, que cada golpe era mortal para o selvagem sobre quem caía. Contribuindo mais do que ninguém para a vitória que os portugueses alcançaram, foi galardoado com uma patente de capitão.

Cor. Bras., **1, 257**

Procuram os portugueses assentar pazes

Não desacoroçoavam porém com estas perdas os índios aliados. Uma vez, vendo-se logrados no tentame de interceptar a caravana anual, subiram o Cuiabá perseguindo-a, e mataram alguns pescadores perto da vila. Com isto ficou sobressaltado o povo: convocou-se uma reunião do senado, a que assistiram o ouvidor e os principais vizinhos do lugar, e o efeito de um conselho assim celebrado enquanto durava a impressão do medo, foi uma resolução de solicitar-se a paz. Ninguém desconfiava da aliança dos guaicurus com os paiaguás, e como passassem aqueles por amigos de ambas as parcialidades, determinou-se pedir-lhes a sua media-

1743

ção. Partiu nesta embaixada Antônio de Medeiros com doze canoas, metade das quais carregadas de presentes e mercadorias para se trocarem por cavalos. Numa ilha perto das aldeias destes selvagens estabeleceu Medeiros o seu quartel, vindo o cacique dos guaicurus com a sua gente à margem mais próxima. Celebrou-se uma conferência, aceitaram-se os presentes, prometeu-se a mediação, e concordou-se em principiar no dia seguinte o escambo. Não cuidosos de traição à vista de tão belas aparências, desembarcaram muitos portugueses de manhã a efetuar este tráfico, cometendo a imprudência de não levarem armas; viram os que tinham ficado nas canoas cair sobre eles os selvagens, fazendo imediatamente fogo de peça puseram os matadores em fuga, mas só depois de trucidados cinqüenta dos seus camaradas. Aqui expirou a vã esperança de pazes. Mas por este tempo se abriram estradas para a Bahia e Rio de Janeiro, tornando-se a via de Camapuã menos freqüentada em conseqüência destas comunicações e das relações que não tardaram a estabelecer-se com o Pará. Os que continuavam a segui-la associavam-se em bandos numerosos, levavam bem armadas as canoas e tripuladas por homens escolhidos, e de ordinário os acompanhava um comboio do Cuiabá ao Taquari, onde encontravam outro. Graças a este sistema raras vezes se atreviam os índios aliados a investir, e se aventuravam alguma batalha, ora eram severamente batidos, ora compravam um triunfo insignificante com pesada perda de vidas. Tais perdas não se reparavam entre eles como entre os portugueses, pois que é a vida selvagem sempre desfavorável à população, tendo de mais a mais estes índios contraído flagiciosíssimo costume que mais rapidamente do que peste ou guerra os ia exterminando.

Traição dos selvagens

Este costume, desconhecido ao chegarem os espanhóis ao país, era o de nunca criar uma mulher mais do que um filho: não era universal entre mbaias e guaicurus, mas muito geral, pois tornara-se moda. Uma vez argüiu Azara uma mulher grávida sobre a malvadez de semelhante prática. Respondeu ela ser uma criança fardo muito pesado; que os partos estragavam a mulher, tornando-a muito menos agradável aos homens, sobre ser muito mais fácil o aborto. Perguntou ele como se conseguia este efeito, ao que respondeu ela tranqüilamente que ia já vê-lo, e deitando-se de costas deixou-se bater por duas velhas até se efetuar a coisa! Necessariamente há

Abortos entre mbaias e guaicurus

de acontecer perderem algumas a vida em conseqüência deste crime, e contraírem as que escapam à morte moléstias que lhes tornem o viver um tormento. Contudo é moda, e não tem volta. Têm-se os espanhóis oferecido a comprar os filhos que elas não quisessem criar, contanto que os deixassem nascer, procurando por vezes induzir com ricos presentes uma mulher grávida a não atentar contra o fruto que trazia no ventre, sem que porém uma só vez lograssem o seu intento. O resultado desta prática foi a completa destruição dessas tribos dos guaicurus, que por tantos anos foram os mais formidáveis inimigos dos espanhóis da Assunção. Ao deixar Azara o Paraguai em 1801 apenas restava um único indivíduo desta raça, homem notável a outros respeitos além de ser o último representante do seu povo: tinha seis pés e sete polegadas de altura, bem proporcionado em todos os membros, e em todos os sentidos, dizem, um dos mais belos exemplares que jamais se têm visto do animal humano. Vendo-se assim tão só, reunira-se aos tobas, adotando deles o trajar e a moda de se pintar. Mas o ramo de guaicurus, com quem guerreavam os portugueses de Cuiabá, existe ainda; entre eles começam as mulheres a criar os filhos desde que chegam aos trinta anos, e numerosas são as suas hordas.

Cor. Bras., **282**

Dizem ser de cinco pés a estatura mediana dos mbaias, gente bem proporcionada, de boa construção, sadia e dotada de longa vida.[2] Desfiguravam-se porém estranhamente, arrancando o cabelo da cabeça e de todas as partes do corpo, dizendo não serem cavalos para terem pele cabeluda, pelo que parece provável haver-se originado o costume depois de tornados eqüestres estes índios. Deixam as mulheres de algumas tribos uma tira de cabelos de largura de uma polegada e igual altura da testa até à coroa da cabeça como uma clina de cerdas ou a cimeira de um elmo. As hordas que usam de alguma vestidura trazem-na somente onde é escusada para a decência nuas a todos os outros respeitos. Os abipones, povo casto, e em todas as coisas rígidos observadores do pudor, dizem parecerem-se os mbaias com os cães na sem-vergonhice, increpação fundada, pois que não conhecem os homens o ciúme, nem as mulheres a vericúndia. Pode isto em parte sem dúvida ser devido ao costume da promíscua vida doméstica, mas embora muitas tribos vivessem da mesma sorte, nenhuma havia tão dissoluta e impudica. É porém curioso ver como os homens, para quem tão indi-

Costumes e habitações

ferente era o comportamento de suas mulheres, davam valor a estas como propriedade sua, marcando-as na perna ou no peito com ferro quente exatamente como praticavam com os cavalos. Construídas da forma mais rude não tinham as habitações outra vantagem, senão a de se deixarem remover facilmente. Eram feitas de esteiras de uns nove pés de altura, estendidas sobre varas, e divididas por postes em três repartimentos, dos quais o do meio era reservado ao cacique e sua família, guardando-se ali de noite todas as armas, e nada mais, para que em caso de ataque, soubesse cada qual onde achá-las de pronto. De redes não se fazia uso; dormia-se no chão, às vezes sobre uma pele, servindo outra de cobertura, quando a chuva penetrava pelas esteiras do teto. Na estação pluviosa buscava-se abrigo nas florestas.

Azara, 2, 135. Dobrizhoffer. 2, 27

Almeida Serra. *Patriota.* **T. 2. Nº 5, 39. Lozano, 5, 23. 7**

Conhecia o ramo guaicuru da nação mbaia entre si uma tal ou qual hierarquia, fundada em parte na idade e curiosamente respeitada. A primeira classe era a dos rapazes, chamados *Nabidagan*, ou *negros*, por ser esta a única cor de que se podiam ornar, vestindo todas as manhãs uma espécie de gibão preto. Entre este povo, como na verdade entre quase todos, ou todos os selvagens, pouco respeito votavam os filhos a seus pais, aqui porém prevalecia um costume que até certo ponto servia, e talvez fosse esse o seu fim, para corrigir os hábitos desordenados que se contraem onde falta a disciplina doméstica. Posto que o não ensinassem a honrar pai e mãe, aprendia o *negro* a respeitar todos os adultos. Acostumava-se a sofrer, com esse orgulho que tão facilmente se excita na infância, e que amadurecendo se torna coragem. À dor na verdade era mister afazer-se cedo: a primeira cerimônia, que no recém-nascido se praticava, era a de furar-lhe as orelhas, sendo também na infância que se passava pela dura operação de fender o lábio inferior, para introduzir o barbote. Era uma fanfarronada atravessar o braço com uma espinha de arraia, pedindo crianças de três para quatro anos que lhe fizessem, mais que pagas da dor com o nome de rapazes valentes. Aos quatorze anos era o *negro* promovido, permitindo-se-lhe pintar-se de vermelho, e chamando-o os mais velhos pelo nome de *Fizen*, que era título honorífico. Trazia agora uma rede na cabeça, um cinto de cabelo de cavalo ou de gente, e braceletes, não largando jamais o do braço esquerdo, que era um comprido cordão de clina passado com

Hierarquia

umas poucas de voltas, e aplicável a vários misteres. Servia para resguardar da corda do arco, e também como bainha para a derradeira arma de confiança, a serra de dentes de palometa, com que se decapitavam os inimigos, bem como para amarrar as mãos ao prisioneiro, se porventura se lhe deixava a vida. Na última classe, que era a de soldado pronto, não se podia entrar antes dos vinte anos, sendo necessária uma iniciação formidável. Passava o aspirante a noite anterior à cerimônia a enfeitar-se. O cabelo, que até então se deixava crescer entre as hordas onde algum era tolerado, cortava-se à moda dos veteranos. Pintava-se então o iniciado pelo modelo que mais lhe agradava, e com as cores que queria, prendia na cabeça uma espécie de casquete vermelho, e ornava cuidadosamente o corpo todo com penas e pedacinhos de madeira, de onde pendiam molhos de outras penas. Assim ataviado principiava antes de romper o dia a tocar uma sorte de tambor, formado de um vaso de barro com alguma água dentro e hermeticamente tapado, e a cantar ao mesmo tempo, continuando neste exercício até às quatro horas da tarde pouco mais ou menos. Chamava então os sete veteranos, que escolhera para oficiarem, e a cada um dos quais dera um osso pontiagudo e espinha de arraia. Com estes instrumentos o feria cada um quatro ou cinco vezes, permanecendo ele imóvel, sem revelar o menor sinal de dor. Umedeciam-lhe então a cabeça e o corpo com o sangue que das feridas lhe emanava, e estava a iniciação completa.

Lozano, § 4, 11-13

Pugilato feminino

Tinham as mulheres uma cerimônia, que consistia em andar com procissão à roda das crianças, levando as lanças dos maridos, e os crânios, ossos e armas dos inimigos que estes haviam morto, e celebrando-lhes as proezas. Em seguida, para mostrarem que na sua vocação não lhes eram somenos em brios, travavam a murros uma batalha geral, não desistindo sem terem sangrado abundantemente por ventas e boca, ficando muitas vezes alguns dentes no campo. Os homens, que sempre decidiam a soco as suas pendências, faziam de espectadores, cumprimentando suas mulheres pela coragem que mostravam, e concluíam o dia embriagando-se todos, parte do divertimento na qual não entravam as mulheres por lhes serem vedadas as bebidas fermentadas. Enquanto solteiras não podiam as raparigas comer carne nem peixe de certo tamanho para cima, depois de casadas só carne de vaca, macaco e capivara lhes era interdita. Mais curioso costume

ainda se ligava ao casamento. Falavam as casadas e solteiras dialetos diversos, ou formas de linguagem em parte só distintas pelas determinações das palavras, e até esse ponto fáceis de aprender portanto, em parte porém compostas de vocábulos diferentes, sendo este um dos muitos fatos notáveis relativos à linguagem que se encontram na vida selvagem. Diz Azara que todos os idiomas sul-americanos eram difíceis de aprenderem-se e mais difíceis ainda de se falarem, por articularem os naturais indistintamente, movendo muito pouco os lábios, e formando muitos sons guturais e nasais, impossíveis de se representarem por letras de alfabeto algum europeu. Não conheceu ele senão um espanhol que falasse o mbaia, mas era isto depois da expulsão dos jesuítas, cujo incansável zelo vencia todas as dificuldades desta natureza. Fr. Joseph Sánchez Labrador, por cuja intercessão se assentaram em 1760 pazes com esta nação, vendo-se os espanhóis, particularmente os da Assunção, livres do mais tremendo inimigo com que tinham tido de lutar, foi estabelecer-se entre ela, formando uma gramática da língua. Diferiam muito um do outro os dialetos mbaia e guaicuru, notando-se, além desta distinção capital, muitas variações tanto no vocabulário como na pronunciação de cada horda. Iguais diferenças se observam nas várias províncias de um país civilizado, quanto mais em línguas não escritas, por isso mesmo sujeitas a perpétuas mudanças. Têm estas duas línguas muitas palavras em comum com as dos macobis e abipones, mas pela sua construção as reputa Hervas radicalmente diferentes. Dobrizhoffer, que em todas era versado, tinha a mbaia por mais doce do que nenhuma das outras suas afins.

Altivez nacional

Eram os mbaias reputados particularmente inconvertíveis, vindo ainda a idéia de ser o batismo mortal para todos os da sua nação aumentar a dificuldade. Prevalecia contudo esta idéia muito geralmente entre outros índios, por azafamarem-se os missionários em virtude da sua própria superstição, em batizar todos os moribundos; e os selvagens, que olhavam isto como um ato de feitiçaria, contando já com a cura do doente, ao verem falhar o remédio, supunham-lhe fatais os efeitos. Também se diz que entre os guaicurus, em razão dos seus muitos vícios, raras vezes se praticava o batismo senão na última extremidade. Talvez porém que a altivez da tribo fosse obstáculo mais forte do que qualquer suposição supersticiosa. Acreditavam estes índios que armada de arco e flechas

Techo, 38

Notícias do Paraguai. Ms.

fazia a alma de um guaicuru tremer a terra dos finados, fugindo tudo a sua aproximação. Desprezando todas as outras tribos, respeitavam os abipones esta, reconhecendo-lhe a superioridade, que atribuíam contudo à maior arte dos conjuradores. A tradição dos guaicurus a respeito da sua própria origem é ter Deus no princípio criado todas as outras nações, tão numerosas como hoje são, repartindo entre elas a Terra. Mais tarde criou dois mbaias, varão e mulher, mandando-lhes dizer pelo caracará (*Falco brasiliensis*) que sentia não restar mais parte alguma do mundo para lhes dar, pelo que só criara dois, mas que vagassem pelo patrimônio dos outros, fazendo-lhes eterna guerra, matando os adultos varões, e aumentando o seu próprio número adotando as mulheres e as crianças. Nunca, diz Azara, nunca foi preceito divino mais lealmente cumprido! A única tribo que estes índios isentaram da sua perpétua hostilidade, foi o dos guanas, que compravam esta isenção a troco de serviços pessoais, que prestavam a seus senhores e protetores. Possuía o mais pobre mbaia três ou quatro escravos aprisionados na guerra que por ele faziam toda a casta de trabalho, excetuadas a caça e a pesca, que eram passatempos senhoriais. Era porém tão fácil esta servidão, e tão bondosos para com os que assim haviam adotado esses mbaias ferocíssimos na guerra, que nenhum cativo anelava a liberdade, nem mesmo as espanholas, dizem, que adultas ao tempo do cativeiro tinham deixado filhos em casa do marido. Se é isto porém verdade, como Azara afirma, prova quão pouco felizes deviam as mulheres ter-se sentido no seu estado anterior, ou que baldas, de toda a afeição natural, desconheciam os princípios do dever e do decoro.

Dobrizhoffer, 2, 471

Reduzira Romero alguns indivíduos desta nação, batizando em artigo de morte à filha de Pauru um dos caciques. Agora que fizeste isto à tua moda, disse o pai, quero eu enterrá-la à nossa. Mas o jesuíta respondeu que tendo ela sido feita filha de Deus, devia ser sepultada na igreja, ao que anuiu o cacique por considerar-se isto uma honra. Uma velha extremamente mortificada ao ver que por esta ocasião nenhum dos costumados sacrifícios se oferecia, chamou à parte um dos seus conterrâneos, pedindo que lhe partisse a cabeça, para ela ir servir a donzela na terra dos finados. Fez-lhe o selvagem a vontade sem a menor hesitação, então toda a horda veio suplicar a Ro-

Funerais

mero que enterrasse o corpo com o da neófita. Impossível, respondeu o jesuíta... a filha de Pauru tinha sido recebida entre os anjos, onde tal aia não carecia, e quanto à velha havia ido para mui diverso lugar, e sociedade mui outra, entre a qual seria punida pela sua descrença. Deixaram-no fazer o que entendesse, mas foi preciso toda a vigilância para evitar que fosse roubado o cadáver da filha do cacique e depositada ao lado dos restos desta vítima fiel e voluntária.

Notícias do Paraguai. **Ms.**

Acreditavam estes índios que as almas dos maus passavam a animar bestas-feras, adquirindo poderes para o mal proporcionados à perversidade da sua natureza humana. Dispunha-se um jesuíta a batizar uma velha feiticeira ao expirar, quando todo o povo se reuniu à volta dele, pedindo que a não fizesse cristã, pois que se como tal fosse enterrada na igreja, tornar-se-ia em jaguar, destruindo tudo em roda. Melhor seria, diziam os índios, levar o cadáver para algum lugar bem remoto e ermo, não fosse a velha fazer morta mais estragos do que fizera em vida. Enterrava-se o morto com todas as suas armas, adornos e bens de toda a espécie, imolando-se-lhe sobre a sepultura alguns dos seus cavalos. Se a morte tinha lugar a distância considerável do cemitério da horda, envolto o corpo numa esteira, o penduravam de uma árvore onde no espaço de três meses ficava seco como pergaminho, depois do que traziam para o lugar dos enterros. Durante o luto, que era de três a quatro meses, abstinham-se de carne as mulheres e escravos do defunto, guardando silêncio absoluto.

Techo, 38

Azara, 2, 117-119

Os lenguas

Enquanto não satisfeitos com infestarem Tucumán e possuírem o Chaco, atravessavam os mbaias o rio, vindo atacar os espanhóis do Paraguai pelo norte e pelo oeste, não eram eles os únicos inimigos por quem este povo degenerado se via assaltado daquela banda. Uma nação formidável, que a seu turno infligia aos invasores europeus algumas das calamidades que os avós destes tão desapiedosamente haviam imposto aos naturais do país, era a dos jaadgés, como a si mesmos se chamavam, dando-lhes os espanhóis o nome de lenguas, de um barbote que traziam, arremedando a ponta da língua sacada por entre lábios artificiais. Senhoreavam estes índios o país entre o Paraguai e o Pilcomaio, desde 22º até a junção destes dois rios. Diz-se que os chiquitos os olhavam como parentes, mas nenhuma afinidade se

lhes descobria na linguagem nem com a daquela nação, nem com a de outra nenhuma, tampouco entendiam eles fala que não fosse a sua. Da mesma sorte que não tinham parentesco com outras tribos, também não tinham entre elas amigos ou aliados, vivendo com todas em guerra incessante. Tampouco pediam jamais missionários, o que todas as demais nações faziam uma vez ou outra, nem relaxavam um momento da sua hostilidade contra os espanhóis, que na verdade entre todas as nações do Chaco eram conhecidos pelo nome dos inimigos. Eram de raça bem proporcionada, mas desfiguravam-se tanto com alongar as orelhas, como com o seu hediondo enfeite de boca. Umas das observações banais do abade Raynal sobre os índios americanos, é dizer que os costumes de todas estas tribos deviam ser os mesmos, ou apenas distintos por leves sombras de diferença, que os conquistadores seriam por demais broncos para discriminar; só esta observação bastaria para mostrar quão pouco lera e quanto menos meditara sobre o assunto. O mais singular costume dos lenguas referia-se a moléstias e morte. Quando estava algum a expirar, arrastavam-no pelas pernas para fora da cabana, não fosse morrer dentro, levando-o a cinqüenta passos de distância. Ali abriam uma cova por causa da limpeza, deitavam-no de costas, acendiam-lhe uma fogueira de um lado, punham-lhe do outro um vaso com água, e deixavam-no que morresse em paz. Nada mais se lhe dava; muitas vezes vinham vê-lo de longe, não para lhe ministrar socorros, ou prestar qualquer ofício de caridade, nem para exprimir algum sentimento de humana simpatia, mas para ver se dera o último arranco. Averiguado isto, algumas pessoas para isso pagas, ou o que era mais usual, algumas velhas, envolviam o corpo com quanto lhe havia pertencido, carretavam-no o mais longe que as forças lhe permitiam, e aberta uma sepultura baixa, lançavam-lhe à pressa um pouco de terra por cima. Choravam três dias os parentes, mas o nome do defunto nunca mais se pronunciava, e como acreditavam que a morte ao vir buscar o companheiro soubera os nomes dos que ficavam vivos, tomavam todos apelidos novos, para que a morte não os reconhecendo ao voltar enganada seguisse avante à procura deles. Esta nação outrora uma das mais formidáveis do sertão, e duro flagelo dos espanhóis, pereceu pelos seus próprios costumes depravados. Como os mbaias, caíram na prática de só criar um filho em cada família, em 1794 achava-se a raça

Juian Patricio Fernández, 422

reduzida a quatorze varões e oito fêmeas. Duas destas estavam estabelecidas com um espanhol e o resto reunia-se a outros indígenas, de modo que desapareceram os lenguas da face da Terra. Tal é a sorte dos selvagens: o pecado os fez originariamente cair no estado bravio, e os que rejeitam a civilização quando posta ao seu alcance, se escapam a outros agentes de destruição, perecem pelos artifícios de seus próprios corações, a que se abandonam.

Azara, 2, 148-154

Desta banda ficavam também as tribos ferozes compreendidas debaixo do nome genérico de calchaquis do país que habitavam, um longo vale entre montanhas que lhes ofereciam seguro lugar de refúgio. Dialeto do quíchua era a sua linguagem, e a origem do povo tem sido variamente referida a certos peruvianos fugidos ao despotismo dos incas; aos que abandonaram Almagro na sua universal expedição ao Chile; e aos aderentes dos últimos príncipes do sangue dos incas. Escritores antigos, fanáticos por teorias, buscando por toda parte as perdidas tribos de Israel, supuseram este povo de origem judaica, por terem encontrado entre ele nomes parecidos com o de Davi e Salomão; por ser aqui costume dar o sobrevivente descendência ao falecido irmão; e por se usarem vestidos, que chegando ao chão eram apanhados com cintos. De lã de vigonha se faziam estes vestidos, cingidos com muita arte quando queriam os índios livres os membros para o trabalho ou para a batalha. O cabelo trazia-se comprido e dividido em tranças, e os braços cobriam-se de chapas de prata ou ouro até ao cotovelo, um como resguardo contra a corda do arco, o outro para ornato em uniformidade. Vestiam-se as mulheres casadas de uma só cor, as raparigas de muitas, não se tolerando comércio sexual enquanto os jovens não passavam por certas cerimônias. Outros vestígios se encontravam de perdida civilização. Havia uns idolozinhos de cobre, que por toda a parte se traziam como a coisa mais preciosa, e nas dissensões internas, em que se consumia a força da tribo, muitas vezes se atendia à mediação da mulher, porquanto bárbaros como eram, diz Techo, nada recusavam ao pedido daquelas que os tinham trazido no ventre e alimentado ao seio. Principal objeto de culto era o sol, mas também adoravam o relâmpago e o trovão erigindo-lhes por templos choças, em que se colocavam varas ornadas de penas e borrifadas de sangue de vigonha. Os objetos terrestres a que se dedicava uma espécie de culto eram certas árvores

Os calchaquis

que se enfeitavam com penas, e as pedras amontoadas sobre as sepulturas dos avós. Antigas desavenças reviviam muitas vezes com a taça na mão, e nas pendências que se seguiam era um estúpido pundonor não recuar ante golpe algum, nem pará-lo de qualquer forma. Era do arco que então se serviam para a pancadaria, fraco substituto da clava, e talvez por isso prescrito como menos perigoso. Nos banquetes consagrava o sacerdote ao Sol, suplicando uma boa colheita, o crânio de uma corça, cravado de setas, e a pessoa a quem depois o entregava seria o rei do primeiro festim. Todos os amigos e parentes de um enfermo se lhe metiam em casa, passando ali a beber enquanto durava a moléstia. À volta do lugar em que ele jazia cravavam setas no chão, para que se não atrevesse a aproximar-se a morte, e se assim mesmo morria, enterravam-no com os seus cães, cavalos e armas e abundância de vestidos apresentados como oferendas, queimando-se a casa em que falecera, como lugar para onde já sabia a morte o caminho. Sepultavam-no com os olhos abertos para que enxergasse a estrada do outro mundo. Um ano durava o luto, pintando-se de preto os doridos. Acreditavam não estar a morte no curso da natureza, sendo sempre efeito de alguma intervenção maligna; não eram porém o único povo que tão extravagante idéia nutria, incessante provocadora de inimizades e ódios. As almas, julgavam eles, convertiam-se em estrelas, mais ou menos brilhantes conforme a dignidade do falecido e os valentes feitos que praticara. Contra os espanhóis, que de todo o coração detestavam, portavam-se estes índios com denodo extremo: as mulheres, tantas vezes medianeiras da paz em outras guerras, com tições eram capazes de impelir os maridos novamente à batalha, se os viam recuar ante estes execrados inimigos, e antes do que cair prisioneiras se cravavam nas espadas dos seus opressores, ou se atiravam de precipícios. Tinham-lhes os invasores feito do seu país uma província que chamaram Nueva Inglaterra por haver exatamente por aquele tempo Filipe II desposado a sanguinosa Maria, dando para maior honra deste consórcio o nome de Londres a uma das quatro cidades ali fundadas. Destruídas todas estas povoações, zombaram os calchaquis por muito tempo do poder dos espanhóis e do zelo dos jesuítas. Afinal fez-se da parte de Tucumán um grande e aturado esforço, com o auxílio de uma força guarani das reduções, e eles sucumbiram. Vieram as bexigas completar a destruição. Transferidos para o rio Carcaranhal os mise-

ráveis destroços desta tribo, só restavam vinte vivos ao tempo da expulsão dos jesuítas. Não tardou porém o país de onde os haviam tirado a ser ocupado por mais formidável raça de mais rudes selvagens, os mocobis, tobias e abipones, tribos afins e eqüestres. Estes mesmos têm já desaparecido quase inteiramente da Terra que das suas proezas foi teatro, numa coisa porém foram os abipones afortunados sobre os outros índios todos; de quantos livros há sobre a vida selvagem o mais curioso e a todos os respeitos o mais interessante é a história dos costumes e aventuras deles, escrita por Martin Dobrizhoffer, jesuíta alemão, que à tarefa de convertê-los dedicou a flor dos seus anos, achando na velhice, extinta a ordem, alguma consolação em transmitir à posteridade conhecimentos tão penosamente adquiridos, e recordar trabalhos tão miseravelmente frustrados.

Jolia, 428. Hervas, 1, 4, § 62. Lozano. 3, 17, § 5-8

São os dialetos destas três tribos tão semelhantes entre si como o português e o espanhol. A articulação era tão cantada, que Dobrizhoffer diz que a pronúncia duma sílaba a não ser ensinada oralmente, melhor se exprimia por meio de notas de música. É a linguagem ao mesmo tempo singularmente rude e complicada.[3] Se estes índios possuem algarismos simples (o que não é certo) não vão além de dois: para exprimir três dizem dois e um; quatro, é o pé de ema, que tem quatro dedos; cinco, é certa pele que tem outras tantas pintas; daqui até vinte suprem os dedos de mãos e pés a falta de palavras: acima disto tudo é muito ou inumerável. Em lugar de perguntarem quantos cavalos se trouxeram para casa, dirão: que espaço ocupava a tropa? e a resposta seria: esta praça... daquelas árvores até ao rio... ou outra qualquer referência a objetos visíveis. Serve a lua para denotar um mês; as flores da caroba um ano; um ovo chama-se obra da galinha. Não conhecem verbos pessoais nem possessivos. É uma linguagem esta no seu estado mais rude, contudo eram numerosos os sinônimos, notavelmente delicadas as palavras distintivas, e abundantes os diminutivos carinhosos. Era para eles ponto de honra não adotar palavra alguma dos espanhóis como faziam os guaranis, e assim inventavam palavras novas para denotar novos objetos, ou exprimiam-nos por alguma circunlocução. Assim designavam uma igreja pelo nome adequado de casa de imagens; ao mosquete aplicavam com menos

Língua dos abipones

propriedade a palavra que significava arco, e chamavam a pólvora farinha do mosquete. *Loakal* significava imagem, sombra, eco e alma.

Mutações caprichosas da linguagem

Rude como era esta linguagem, ainda mais a tornava tal o costume, que a sujeitava a alterações contínuas. Tal era o desejo que estas tribos nutriam de se descartarem o mais depressa possível de toda a lembrança dos mortos, que quando alguém morria, abolia-se no idioma tudo quanto tinha alguma relação com o nome do finado; reuniam-se as mulheres para em lugar das antigas inventar palavras novas, que circulavam tão rápidas por todas as hordas da mesma nação, como pelos países da Europa as modas da França. Achava-se pois a língua no estado mais bárbaro imaginável, formando-se estas palavras por mero capricho, sem regra, razão ou analogia, e pois que os nomes próprios ali, como em toda a parte, se derivavam dos objetos naturais, eram os substantivos, as raízes da língua, as traves e alicerces do idioma que desta sorte se alteravam. Num só ano se mudou três vezes a palavra que significava tigre. Outra causa de dificuldade era usarem nobres e plebeus, isto é, os que eram ou não de puro sangue abipone, diferentes formas de linguagem, com que tanto se distinguiam, como na Europa pelo trajar se conhecem as classes. Nem isto era, como poderia supor-se, por falar a classe baixa um dialeto corrupto, pois que ambas se exprimiam com igual correção, mas por haver uma sintaxe aristocrática e outra plebéia. Torna-se digno de reparo não possuírem os abipones, nem os guaranis palavra alguma, que exprima agradecimento, suspeitando Dobrizhoffer que entre todas as outras tribos haja igual deficiência. Se alguma coisa lhes dão que houvessem pedido (e são eles uns pedinchões sempiternos): É isto, respondem; ou, se querem ser particularmente corteses: Quão útil isto me será! dizem.

Culto

Aharaigichi ou Keebet se chamava o objeto do culto dos abipones, que os jesuítas supunham ser o Diabo, embora os índios o não tivessem por ente maligno, nem fundassem a sua adoração no medo. Chamavam-no avô, e o imaginavam visível nas Plêiades, de modo que quando estas estrelas desapareciam reputavam-no doente e receavam fosse morrer: era pois o reaparecimento delas motivo de grande júbilo, saindo todo o povo ao som de flautas e trombetas e gritos de alegria a congratulá-lo pelo seu restabelecimento e volta, acontecimento que nunca deixavam de celebrar com uma bacanal.

Enquanto esta durava, dançava à roda uma sacerdotiza, agitando uma *maraca*, com que esfregava as pernas aos guerreiros, dizendo-lhes em nome do avô, que isto os tornaria ligeiros na caça e na guerra. Keebet era aqui o nome tanto do sacerdote como da divindade. Pretendiam estes velhacos (como outros da mesma confraria na África) possuir a faculdade de se transformarem em tigres, bastando que qualquer deles a ameaçasse com esta metamorfose, para ficar consternada toda a horda. Punham-se em fuga os mais intrépidos caçadores do jaguar, não temendo, diziam, uma fera que podiam ver e matar, mas as invisíveis. Havia mais Keebets fêmeas do que machos. Antes de empreender-se qualquer expedição, suplicavam-nos que consultassem o avô, e para esse efeito se reuniam numa tenda os charlatães. Presidia uma das bruxas mais velhas, tocando dois tambores grandes e cantando em tom profundo e lamentoso, acompanhada desta música horrível; e o resto juntava-se à roda e uivava em concerto, e pulava sem cessar, e agitava os braços, chocalhando umas com a *maraca*, tocando um tambor em clave mais alta as outras. Ao romper d'alva davam-se os oráculos. No mesmo serviço se ocupavam em diferentes tendas bandos diversos, sucedendo freqüentemente não concordarem as respostas, e travarem-se as fúrias literalmente com unhas e dentes para ver quem tinha razão. A fim de se deslindar o ponto, ordenava-se a uma que evocasse o espírito dum morto. Reunia-se uma multidão na tenda em que a bruxa se retirava para trás de uma pele estendida à guisa de cortina. Depois de vários encantamentos e evocações pretendia ela ser vindo o espírito obediente aos seus conjuros. Faziam-se perguntas numa voz, davam-se respostas em outra, e ninguém duvidava que não fosse isto muito real.

Superstição e longevidade

À feitiçaria se atribuía toda a calamidade natural, todo o fenômeno portentoso, temporais e meteoros, chuvas e secas, moléstias e morte. Como os calchaquis, não queriam estes índios crer que estivesse o passamento na ordem da natureza, sustentando que a não serem a guerra e a bruxaria... se se pudessem ver livres de todas as feiticeiras e de todos os espanhóis com as suas armas de fogo... viveriam para sempre. Pareceria incrível que semelhante crença prevalecesse entre qualquer povo por mais ignorante e supersticioso que fosse, se não soubéssemos ter sido sustentada nos nossos dias por filósofos da mais moderna escola, como a si mes-

mos se chamavam, uma doutrina não mui dessemelhante, nem menos extravagante. A extrema longevidade dos abipones, e o vigor que conservavam na velhice, bem podiam ter originado esta opinião, pelo menos a deviam corroborar com certeza. Quem não passava dos oitenta anos era chorado como morto na flor da idade. As mulheres, que como sucede em toda a parte, eram geralmente as que mais viviam, não raro transpunham um século. Duas causas deste longo viver eram a carência de toda a ansiedade, e a freqüente mudança de ar; e a castidade da mocidade era indubitavelmente terceira, sendo este um povo eminentemente casto. Raras vezes casava o varão antes dos trinta anos, nem a mulher antes dos vinte. Também se observava avantajarem-se as tribos eqüestres singularmente às outras pela sua mais robusta saúde, força, estatura e longevidade.

Devia a mulher ser comprada a seus pais. Não raro sucedia fugir a rapariga, desdenhando o marido que por ela mercadejava. Aceito o casamento não era destituído de toda a beleza a cerimônia. Oito raparigas levavam estendido à moda de pálio um pano do mais fino tecido, debaixo do qual silenciosa e olhos baixos caminhava a noiva para a tenda do marido. Recebida ali carinhosamente, voltava da mesma forma para junto dos pais, levando os poucos utensílios necessários em tão rude casal, e o leve tear em segunda e terceira procissões. Concluído isto recolhia-se à tenda paterna, pois que não queriam as mães apartar-se de suas filhas, enquanto não nascia alguma criança ou não ficavam certas de que o marido trataria bem a mulher. Então podia o jovem pôr casa separada, mas antes disso formava o genro parte da família da sua esposa. Era de três anos o termo da amamentação, o que ocasionava freqüentes abortos voluntários e infanticídios, por ser vedado durante este tempo todo o comércio conjugal, recorrendo a mulher a este abominável meio com receio de que a abandonasse o marido e tomasse outra. Prática que tão rápida e infalivelmente tendia para a destruição do mísero povo entre o qual prevalecia, era impossível que durasse muito. Em fins do século décimo sexto eram os abipones nação numerosa. Numa das suas aldeias encontraram para cima de oito mil moradores os primeiros jesuítas que os visitaram. Não possuíam eles então ainda o cavalo, nem eram tão errantes os seus hábitos. Século e meio depois não passava de cinco mil almas a nação inteira,

Casamentos

atribuindo-se a este fatal costume semelhante decrescimento, pois que os que se haviam convertido aumentavam em número, apesar do desfavorável efeito que a grande e repentina mudança nos hábitos da vida produz sempre sobre os recém-conversos. Contra a prática da maior parte das nações entre as quais se tolerava o infanticídio, conservavam-se aqui as raparigas de preferência aos rapazes, por comprar o pretendente sempre a mulher, e por não ser desgraçada a condição desta. O primeiro brinquedo do rapazinho eram arco e setas, com que aprendia a matar moscas, insetos e passarinhos, tornando-se assim bom flecheiro. Também se costumava desde pequenino a sofrer a dor, mostrando com orgulho as cicatrizes de voluntárias feridas.

Medo da morte

Poucas nações olharam jamais a morte com tanto horror como esta, nisso e no desumano tratamento dos doentes parecida com os lenguas. Apenas se entendia que estava alguém para morrer faziam as velhas sair da tenda todo o mundo, para que o aspecto da morte não acovardasse na batalha. Todas as bruxas famosas se ajuntavam à volta do moribundo, agitando as *maracas*, e lamentando-o, enquanto uma lhe tocava bem perto dos ouvidos uma zabumba enorme. Cobriam-no com uma pele, que uma destas miseráveis ia de vez em quando erguer a ver se estava morto: se ainda dava sinais de vida, molhava-lhe a cara com água fria, e tornava a cobri-lo para ocultar a vista da dissolução, e abafar o estertor da agonia. Mal expirava o padecente, reuniam-se as matronas da horda, e saíam em procissão, chocalhando com as *maracas* e tocando uns tambores de barro cobertos de pele de veado. O primeiro cuidado era um estranho e horrendo ato de superstição, com que se presumia vingar o defunto em quem com feitiçarias lhe causara a morte; para isto cortavam-se a língua e o coração do cadáver, e cozidos se davam a comer aos cães, com a mais inteira fé de que assim se fazia perecer o culpado. Nem o fato claro e óbvio de nunca se ter visto pessoa alguma de qualquer modo afetada pela cerimônia podia abalar esta estranha fantasia.

Concluído isto, vestia-se o corpo, e envolvia-se numa pele presa com correias e passada sobre a cabeça. Tinha cada família as suas sepulturas próprias num sítio da floresta, um pouco arredadas da usual habitação, longe da vista, para que ficasse longe do coração. Não se abria mui funda a cova, para que a terra não pesasse ao falecido, e co-

bria-se de espinhos como resguardo contra o jaguar, que prefere cadáveres a todo e qualquer sustento. O destino que levava o Loakal, não o sabiam, temiam-no porém, acreditando ser o eco a sua voz, até que Dobrizhoffer lhes tirou este pesadelo, explicando-lhes a natureza no eco de modo que a ficassem compreendendo perfeitamente. Sobre o túmulo se depositava um vaso de barro, para que no caso de precisar de água o espírito, tivesse à mão um pote; da árvore mais próxima se pendurava um vestido para que ele achasse roupa, caso se erguesse; e ao lado se lhe cravava no chão a lança para estar pronto para a caça e para a guerra. Sobre a sepultura se matavam os cavalos, cães e animais domésticos de qualquer espécie, que tivessem pertencido ao finado; queimavam-lhe todos os instrumentos; derribavam-lhe a habitação, e faziam desaparecer todos os vestígios que pudessem recordar a memória do morto. Era um crime até proferir-lhe o nome, e se a ele era necessário aludir, chamavam-no o homem que já não existe.

Como os gregos do século de Homero, reputavam estes índios a maior das desgraças ficar sem sepultura, pelo que se aprazbefore em fazer flautas e trombetas dos ossos dos seus inimigos e beber-lhes pelos crânios. Por isso também não eram mais solícitos os gregos em não abandonar os corpos dos seus mortos. Desejando igualmente ser enterrados entre os avós, se alguém morria muito longe, dissecavam-lhe os ossos e numa pele os traziam para casa, enterrando-os com as fórmulas costumadas. E sabendo o caminho das sepulturas da família por sinais abertos nas árvores, por maior que fosse a distância para lá levavam com infinito trabalho os ossos do parente, depositando-os no mesmo lugar sagrado. A lembrança de um cárcere não lhes inspirava tanto horror como a de um enterro na igreja ou no cemitério; foi esta a objeção principal que puseram à religião dos missionários, havendo muitos que se não quiseram deixar batizar sem lhes prometerem enterrá-los nas florestas debaixo da abóbada celeste. Por nove dias lamentavam todas as matronas da horda com clamores o morto; pintavam as caras, soltavam os longos cabelos, desnudavam peito e espáduas, penduravam às costas uma pele e neste preparo atravessavam a praça pública uma a uma, pulando como rãs, e abanando os braços à medida que saltavam. Agitavam umas a *maraca*, e após três ou quatro destas carpideiras vinha uma com tambor. De repente cessavam as lamentações, gritando

Luto

todas à uma no tom mais alto que pode atingir a voz humana, guincho horrível que devia representar um clamor de vingança contra o autor da morte. Os ofícios noturnos celebravam-se numa tenda fechada, a que só os convidados eram admitidos, dirigindo a Keebet presidente a cerimônia, que consistia em uivar lamentosamente ao matraquear das *maracas*, e estrondo de dois zabumbas disformes, tocados por ela como maioral do bando. Na nona noite a bruxa exortava a assembléia a pôr mágoas de parte, tornando a divertir-se, e erguia-se um brado de alegria. Só as mulheres entravam nestes ritos; costumados desde a infância a tais berreiros, dormiam entretanto os homens como gralhas num campanário.[4] Se a pessoa assim carpida tinha morrido longe, conservavam os ossos numa tenda durante os nove dias. Uma vez que se trouxeram para casa os restos de sete guerreiros mortos pelos espanhóis, juntaram-se os ossos, e construídos os esqueletos puseram-se de pé com chapéus na cabeça enquanto durou a lamentação costumada. Durante a viuvez trazia a viúva um capuz preto e vermelho, à semelhança do dos capuchinhos, que lhe cobria espáduas e peito, e raspava o cabelo. Também o viúvo se rapava, recebendo da primeira Keebet uma rede, que trazia na cabeça até que lhe tornasse a crescer o cabelo. É notável que tomando-se tantas precauções para banir a memória dos finados, se permitisse que qualquer mulher, ao ocorrer-lhe a lembrança de algum amigo morto, desatasse os cabelos e convocasse as conhecidas, que ajudassem a fazer lamentoso alarido. Por estas ocasiões percorriam elas a praça pública, e atroavam os ares com os seus gritos, passando-se poucas noites sem alguma destas berrarias, tanto gostavam as mulheres de exercer o seu privilégio.

1738

Para montar o seu cavalo tomava o abipone na mão direita as rédeas, apoiava a esquerda na comprida lança, e saltava para cima. Um freio de ferro era objeto mui ambicionado, mas supria-se de ordinário por outro de corno; a sela era de couro cru de vaca estofado com ervas; estribos raras vezes se usavam, esporas nunca, e embora o cavaleiro levasse um chicote de correias servia-se menos dele do que da voz para incitar o cavalo. As mulheres montavam escarranchadas, prática que as tornava sujeitas a demorados, difíceis e perigosos partos. Nas viagens levava a mulher o arco e aljava do marido, o seu tear, a sua provisão de algodão,. todos os trastes de casa e as esteiras

Modo de viajar

com que armar a barraca. E também levava de um e outro lado em sacos de couro o filho e os cãezinhos. Afora tudo isto levava ainda um instrumento que para tudo servia, semelhante na forma a uma *maraca* com que se cavavam raízes, se apanhavam frutas das árvores, se quebravam ramos para lenha, e em caso de necessidade também se partia pelo caminho a cabeça a um inimigo. Ainda isto, diz Dobrizhoffer, que pareceria carga para um camelo, não basta: duas ou três mulheres cavalgam o mesmo animal, não por falta de cavalos, pois há-os de sobra, mas pelo gosto de tagarelar. Se a cavalgadura, não podendo com a carga, a atirava ao chão, andavam elas costumadas a tais quedas, e depressa tornavam a montar entre geral risota. Assim viajavam, levando consigo inumeráveis

1743

cães, que iam caçando pelo caminho. Se não aparecia caça, punha-se fogo à erva, levantando assim os animais agachados.

À falta de qualquer outro alimento, abundavam na planície os rábanos. À noite fincavam-se as varas, e cobriam-se de esteiras dobradas ou triplicadas, conforme exigiam o vento e o tempo. À roda da tenda erguia-se uma trincheira, resguardo contra aguaceiros repentinos, e dormia-se no chão. Soltavam-se os cavalos, e com eles uma égua de campainha ao pescoço, a cujo som, se as feras os dispersavam de noite, se reuniam passado o perigo. Também se peavam alguns, para que não se afastassem muito do acampamento, caso de repente se tornassem necessários.

Armas

De noite cravavam no chão diante da tenda as lanças, cujo número indicava o de guerreiros dentro, e fazendo desta forma uma mostra de armas muitas vezes o missionário, que entre eles trabalhou com mais proveito, iludiu os inimigos, livrando-se a si mesmo dum ataque. Mediam estas lanças quinze a vinte pés de comprimento, feitas duma madeira especial daquele país, que chamavam *netergo*, excessivamente rija e cor de púrpura quando cortada de fresco. Ao fogo se endireitava o conto, pontiagudo em ambas as extremidades, que antigamente eram de madeira ou osso, mas depois de ferro, mui limpo e polido, e untado com gordura antes da batalha, para melhor escorregar, penetrando no corpo. Da mesma madeira se fabricavam os arcos, direitos como uma vara quando desarmados e da altura do flecheiro; a corda era de tripa de raposa ou tecida de fibras duma certa palmeira; as setas tinham a ponta de osso, madeira ou ferro, sendo as últimas as menos perigosas, e as primei-

ras as mais letais, por quebrarem sempre na ferida. Antes da batalha escolhiam-se as melhores flechas para uso especial. Também tinham estes índios o laço de três bolas, que os primeiros espanhóis tanto temiam nas margens do Prata. Não se serviam de escudos, posto que nas suas próprias guerras alguns trouxessem couraças de couro, à prova de setas, mas não de lanças ou mosquetes; esta armadura peava tanto a agilidade que muitos a não queriam. Às vezes ornava o guerreiro a cabeça com a asa duma ave grande, buscando todos, exceto os da mais reconhecida valentia, tornar-se terríveis à vista. Neste intuito cobria um a cabeça com a pele dum veado armada de pontas, outro colocava sobre o nariz o bico dum tucano. Empregavam na guerra toda a casta de instrumentos estrepitosos, sendo o mais sonoro uma trombeta feita da cauda dum armadilho presa à ponta dum junco. Na batalha andavam em constante agitação, sendo absurdo, diziam, deixar-se ficar firme como os espanhóis para alvo de tiros. A melhor segurança pois era apresentar um mosquete, sem jamais o disparar, pois que enquanto o supunham carregado nunca arremetiam os abipones, mais solícitos de evitar a morte, do que ambiciosos da vitória.

Distinção de classes

Hocheri se chamavam os caciques, tomando quem era admitido a esta classe um nome novo que sempre acabava em *in*, terminação própria dos nobres. O nascimento tornava distinto, mas não era em si mesmo qualificação suficiente. Os que eram eleitos, sendo também nobres por descendência, chamavam-se *Nelareykate*, palavra que designava um capitão, e os que só pelo seu valor e merecimento eram aclamados caciques, sem terem pretensões hereditárias, tomavam o nome de *Yapochi*, que significava valoroso. Não era dura a provação; punha-se alguma coisa em cima da língua do aspirante, que tinha de jejuar e guardar silêncio três dias, durante os quais lhe vinham as mulheres à porta da barraca lamentar os avoengos. Na quarta manhã montava, esplendidamente ataviado à moda deles, com cavalo ornado de plumas e carregado de guizos e enfeites, e correndo a toda a brida na direção do norte acompanhado de numeroso séquito, voltava a galope. Recebia-o ao apear-se a velha Keebet, que presidia as cerimônias, a mais nobre dentre as mulheres tomava-lhe a lança; o resto cercava-o, saudando-o com um som emitido com os lábios em percussão aguda, e a bruxa-mor lhe dirigia uma curta arenga. Depois galopava para o sul, para o nascente

e para o poente da mesma maneira, repetindo-se iguais formalidades. Seguia-se a inauguração. Começava a Keebet por cortar-lhe e rapar-lhe uma linha de três dedos de largura da testa ao occipúcio; depois fazia-lhe uma prédica sobre as honras da ordem dos *Hocheri*, e por fim proclamava o seu novo e nobre nome. Uma orgia rematava a cerimônia. Havia também *Hocheri* fêmeas, cujos nomes acabavam em *en*, não sendo lícito a qualquer arrogar-se estas terminações nobres. Mas com o dialeto de que usavam os nobres podiam os outros brincar, sem delinqüir. Alguns dos mais distintos guerreiros recusavam estas honras, por não quererem mudar a moda da sua língua materna. Nenhum abipone pronunciava jamais o seu nome, e, o que é mais singular, havia muitas mulheres que não tinham nenhum.

Cerimônias pelo nascimento dum cacique

Quando nascia um filho ao cacique saíam todas as raparigas da horda com ramos de palmeira, a bater o teto e lados da choça em que jazia o rapazinho, como penhor de que havia ele de ser o flagelo dos inimigos. Seguia-se uma espécie de saturnal para as mulheres; com penas de ema se coroava a mais vistosa, e armada duma maça de couro e seguida de todas as raparigas, entrava em cada barraca, e expulsava a golpes de clava os homens, de quem as raparigas tomavam conta batendo-os com ramos de palmeira. Durante oito dias havia lutas e danças de crianças, executadas porém separadamente e em lugares diversos pelos rapazes e raparigas, não tolerando os abipones coisa alguma que pudesse conduzir a familiaridades impróprias entre os dois sexos. Também a campeã lutava com a competidora mais forte que se podia achar entre e seu séquito, mas entretanto estavam os homens sentados a beber, não se dignando prestar atenção a tais jogos.

Indústria das mulheres

Tão impacientes da ociosidade como os homens do trabalho, tosquiavam as mulheres as ovelhas, fiavam a lã e teciam-na. De junco e pedacinhos de madeira se construía o tear, tão leve e pequeno que facilmente se levava na garupa. Hábeis tecedeiras sabiam elas fabricar panos tão variegados como um tapete turco. Também eram oleiras, moldando os vasos com as mãos, e cozendo-os ao ar livre, disposto o fogo à roda. Pintavam-nos primeiramente de vermelho, envernizando-os depois com uma espécie de goma. Também preparavam peles de lontra que serviam tanto para

toalhas como para casacos, estendendo-as de modo que ficavam sem uma ruga, pintando-as de listras vermelhas, e cozendo-as tão delicadamente, que os olhos mais espertos lhes não descobriam as costuras. Para isto lhes servia de agulha um espinho fino, e o fio faziam-no da *caraguatá*. As velhas escarificavam as moças até lhes não deixar um pedacinho de pele intacto, animando-as durante a dolorosa operação com dizer-lhes quão belas iam ficar, e que sem isto nunca achariam maridos. Apesar de serem as mulheres que preparavam a bebida não se lhes permitia beber senão água; se as admitissem às bacanais, desde muito que estaria extinta a nação inteira, tão horríveis eram as disputas e as rixas com a taça na mão. Mas as mulheres e os mancebos ainda não participantes dos privilégios da virilidade, intervinham, evitando as piores conseqüências. As moças prestavam de bom grado ouvidos aos missionários, por pregarem estes uma religião que proibia a poligamia e o divórcio caprichoso, e também os velhos aprovavam uma doutrina, que, recomendando hábitos pacíficos, promovia a geral segurança, mas não assim os mancebos, que gostavam da guerra, e piores e mais obstinadas eram ainda as velhas, que a todo o custo queriam conservar superstições, que as tornavam objeto de medo, e por conseguinte de respeito.

Eram de lã os vestidos ordinários, mal porém soprava o vento sul logo envergavam os abipones os seus casacões de pele de lontra, julgando loucura suportar da parte do tempo qualquer incômodo que pudessem obviar, apesar de ser para eles ato de ostentação sofrer dores, causadas a si mesmos. Quando sentiam calor, diziam que tinham o sangue alvoroçado, e com uma faca se sangravam numa perna, pois como animais depressa saravam das suas feridas simples e nas orgias costumavam por fanfarrice picar todas as partes do corpo com molho de espinhos, ou com os ossinhos agudos do crocodilo.

Loucura deliberada

Eram sujeitos a uma afecção que chamavam *Nakaiketergehes*, atribuindo-a a feitiçaria, mas que era manifestamente essa espécie de loucura deliberada que se cura com a certeza do castigo. Quem em si sentia disposição para este frenesi, partia ao pôr-do-sol em disparada para o lugar das sepulturas, voltava à noite, e se podia achar armas, caía sem piedade sobre quantos encontrava. Escondiam-se pois cuidadosamente todas as armas mal constava terem-se os sintomas manifestados em alguém, deixava-se porém que o suposto doido ou energúmeno fizesse o que lhe desse na

cabeça com uma cana, e o mais das vezes descarregava ele a sua perniciosa fúria de exercício muscular, batendo nos tetos e lados de todas as tendas, sem que ninguém de dentro se atrevesse a fazer o menor movimento. Se porém podia haver armas à mão, tornavam-se gerais o perigo e o receio. Um cacique por nome Alaikin pôs eficazmente termo à enfermidade, proclamando que o primeiro que dela fosse afetado seria morto, e juntamente com ele todas as bruxas.

Idéias a respeito do alimento

Era opinião geral entre os índios influir sobre a coragem a qualidade da carne que comiam, e talvez fosse esta uma das causas da antropofagia. Por isso nenhum deles comeria carne de carneiro, preferindo as tribos eqüestres o jaguar a qualquer outro alimento. Quando se matava uma destas feras, dava-se um bocado a cada pessoa da horda, e bebia-se liquefeita a gordura. Pelo mesmo princípio comiam o javali, mas tinham por uma abominação a carne do porco manso: da pele se faziam sacos de viagem, e das cerdas pentes, sendo as mulheres, como de costume, quem os preparava. Acérrimos devoradores, comiam estes índios a toda hora. Eram doidos por mel, e serviam-se de um meio singular para que o uso diário e constante desta substância lhes não danificasse os dentes. As velhas mastigavam folhas de tabaco, reduzindo-as na mão a uma massa com a cinza salgada de uma planta que os espanhóis chamam *vidriera*. Traziam os rapazes sempre consigo um chifre cheio desta composição, metendo de vez em quando uma porção na boca, e oferecendo-a uns aos outros como entre nós uma pitada de rapé, dizendo-se que a este uso devem os abipones a perfeita conservação dos dentes até a morte. Nunca se deitam a dormir sem deixar na tenda alguma entrada livre ao ar, e desde a infância se acostumam à água. Contudo eram os seus batéis de passagem de rios os mais rudes possíveis, feitos cada um de um só couro; cortadas as pernas e o pescoço, voltavam-se para cima os quatro lados, prendendo-os com correias, de modo que a forma era a de um caixão. Neste precário veículo iam os passageiros sentados em selas ou outros fardos quaisquer que serviam de lastro, e por um dos lados passava uma corda, cuja ponta um nadador levava nos dentes ou numa mão, enquanto com a outra, se o rio era largo, se agarrava à cauda de um cavalo. Podiam estes botes passar muitas horas na água, sem embeber muita umidade, e se contínua chuva os amolecia a ponto de perderem a forma, estofava-se-lhes o fun-

do com madeira, e punham-se a nado.[5] Muitas vezes, saqueadas as terras dos espanhóis, atravessavam a nado o rio abaixo de correntes, tangendo a sua presa, e passando de ilha para ilha. Para meterem o gado à água faziam um cercado, que à guisa de funil ia estreitando para o lado do rio, de modo que não pudessem passar a par mais de dois ou três animais, indo adiante alguns já acostumados a estas passagens. Uns a nado, outros em botes acompanhavam os abipones a tropa, dirigindo-a, e se alguma rês caía num redemoinho, ou se deixava arrastar pela corrente, montava-a um dos homens destemidamente, tomava-a pelas pontas, e com ambos os calcanhares a obrigava a renovar esforços. As vezes amarravam-nas pelos chifres. Apenas ganhavam terra, estavam os aterrados animais prontos a investir quanto se lhes pusesse diante.

Vantagens sobre os espanhóis

Tornaram-se os abipones povo eqüestre em princípios do século décimo sétimo. Em má hora para os espanhóis tomaram estes índios posses do país de onde haviam sido exterminados os calchaquis. Era antes disso tão segura a estrada entre Santiago del Estero e S. Fé, e daqui até Córdova, que puderam mulheres viajar sós e sem receio. Por todo o caminho então fazendas e povoações, agora, diz Dohrizhoffer, apenas algumas ruínas e nomes recordadores no deserto; este aqui é o sítio de D. Gil, este de D. Lorenzo, aquele da Viúva, aquele das Três Cruzes, aquele das Covas... melancólicas designações num ermo, onde a quatrocentas léguas em redondo se não avista uma habitação humana, tais as devastações cometidas pelos abipones, e as tribos suas afins, dos tobas e mocobios. A área do país, que senhoreavam, compreenderia umas 5.000 léguas quadradas, e por toda ela não tinham uma única aldeia ou residência permanente, apesar de haverem posto a quantos sítios freqüentavam dentro do seu território nomes especiais, tirados de circunstâncias locais ou acidentais. Não era o número destes índios que os tornava formidáveis. Barreda, que comandava em Santiago e era o oficial mais hábil que jamais teve de combatê-los, costumava dizer que embora se exterminasse toda a nação, ficando apenas dez homens vivos, ainda não haveria no Paraguai lugar seguro, tal a tremenda rapidez dos movimentos dos abipones e a ubiqüidade dos seus ataques. Nada os detinha no seu propósito: estivesse o país inundado ou ressequido como um areal, para eles era igualmente passável, e igualmente intransitável para os seus inimigos.

Enquanto abipones, tobas e macobios vingavam os agravos de seus avós, e não satisfeitos com infestarem Tucumán e senhorearem o Chaco atravessavam os mbaias o rio, atacando os espanhóis do lado do poente e do setentrião, via-se esta infeliz província assaltada do lado do meio-dia pelos charruas, minoanes, costeiros, iaros e boanes, hordas diferentes de uma só nação, às vezes dominadas pela sua mais formidável tribo, os quenoas, por quem foram exterminadas as duas últimas. Pelos fins do século décimo sétimo foi um bando de iaros reduzido pelos jesuítas e estabelecido na vila de S. André, fugiram porém, voltando às matas, e como os seguissem e lhes perguntassem a razão da sua retirada: "Não queremos", disseram, "para nós um Deus como o vosso, que vê e sabe quanto fazemos em segredo; e estamos resolvidos a gozar da nossa antiga liberdade de pensar e fazer o que nos agradar." Tornados eqüestres, perceberam o tremendo poder que tinham adquirido, e dele fizeram pleno uso. Possuíam o país entre o Uruguai, o Prata e o mar, e tais depredações cometiam nos distritos de Corrientes, S. Fé e mais tarde também de Montevidéu, que era coisa incrível, dizendo-se terem eles dado mais que fazer aos espanhóis e derramado mais sangue cristão do que os exércitos de Montezuma e do seu sucessor ou os dos Incas. Poucos povos terão jamais gozado de tantas vantagens físicas. Mais altos que os espanhóis uma polegada, alcançam estes índios com a vista, diz Azara, que teve as melhores ocasiões tanto de observar como de informar-se, o dobro da distância a que chegam olhos europeus, tendo o ouvido igualmente pronto; conservam até à extrema velhice perfeitamente alvos os dentes, que nem lhes caem, nem se deterioram, e nunca se fazem calvos, começando apenas a tornarem-se-lhes meio grisalhos os cabelos aos oitenta anos. Os hábitos da vida errante concorrem sem dúvida em alto grau para fortificar a saúde e dar vigor; o país que habitam é ventilado e seco, circunstância não menos favorável à economia animal; e o fato de se sustentarem eles quase exclusivamente de carnes, bem pode desnortear os fisiologistas que a este alimento atribuem a maior parte das nossas enfermidades. Algumas destas tribos vivem de carne de cavalo, mas a maior parte só se nutre da de vaca, tornando-se notável não serem sociais as suas refeições, comendo cada qual quando tem vontade. Preparam a carne espetando-a num pau, que cravam no chão ao pé do fogo, até ficar pronto

Tribos eqüestres do sul

um lado. O trajo pouco cuidado parece dar aos homens, trazendo uns uma pele de jaguar cujo pêlo viram para dentro no inverno, outros um poncho, se podem obtê-lo, aliás andam nus. As mulheres usam de poncho, ou de um vestido de algodão sem mangas. Nunca lavam a roupa, nem o corpo, exceto quando no tempo quente se banham por gosto, sendo então a limpeza conseqüência acidental do divertimento. Tampouco cortam jamais o cabelo, que é grosso, comprido, áspero, negro e luzidio, deixando-o as mulheres flutuar solto, enquanto os homens com mais juízo o atam num nó ao alto da cabeça, ornando-o de penas brancas postas a prumo. Só os varões usam de barbote, que nem para dormir tiram, o que fazem sempre de costas, diz Azara, como todos os índios bravos. Os que vivem perto das povoações espanholas à margem do norte do Prata, usam de umas polainas de forma apropriada ao seu bárbaro sistema de viver, pois não são senão os couros arrancados das pernas dos cavalos e bois e transferidos para as deles. Ramos de árvores presos com espinhos uns aos outros, ou quatro varas com esteiras grosseiramente entrelaçadas para paredes e um teto dos mesmos frágeis materiais, eis as suas casas, tendo a posse desses animais, de que o homem civilizado tira tanto dos seus confortos, só servido a estes selvagens para os fazer esquecer as poucas artes anteriormente exercidas. Em vez de rede, um couro estendido entre quatro postes, lhes serve de incômoda e pouco asseada cama. À volta de algumas das suas cabanas erguem como adorno uma muralha de cabeças de bois empilhadas umas sobre outras e com as pontas saídas para fora, infeccionando assim o ar não só com o mau cheiro mas também com os enxames de insetos que ali se criam.

Segunda viagem missionária

Desapiedados como são com os seus inimigos varões, poupam as vidas das mulheres e das crianças, adotando-as até, e mesmo entre este povo de costumes tão imundos fascina a liberdade da vida selvagem aqueles que a provam. Costume extraordinário relativo às crianças prevalece entre os ninuanes. Apenas se desmama uma entregam-na os pais a alguns dos mais próximos parentes casados, e deixam de olhá-la como sua, chorando por isto as crianças a morte de seus pais adotivos, não dos naturais. As condolências lutuosas são entre estes índios mais do que mera cerimônia. Ferem-se as filhas e irmãs com a faca ou lança do defunto, cortando, como os poli-

Condolências lutuosas

nesianos por tais ocasiões, a junta de um dedo. Faz-se isto por qualquer parente próximo, de modo que aquela que chega a enterrar dez, depois de ter descabeçado todos os dedos das mãos, principia pelos dos pés.

Notícias do Paraguai. **Ms.**

Sujeitam-se os homens a mais dolorosa operação por morte dos pais; ocultam-se dois dias nas suas câmaras, inteiramente nus, sem tomar outro alimento senão perdizes ou ovos da mesma ave, e disso mesmo pouco. No terceiro dia vem um índio com um molho de farpas de um junco, que tem suas quatro polegadas de grossura, e com elas lhe espelam a carne do braço de polegada em polegada desde o punho até o ombro. Neste horrível estado sai o dorido nu com um pau aguçado na mão, e abrindo um buraco nas matas ou em algum terreno ali enterrado até o peito, passa a noite, sem medo algum das feras, acreditando que nestas ocasiões todas elas o temem. Entretanto preparam-lhe uma câmara lutuosa, na qual ele se encerra na manhã seguinte, passando ali dois dias em jejum. Vêm então as crianças colocar-lhe ao alcance perdizes, ovos da mesma ave, e água, largando imediatamente na carreira sem falar. No fim de dez ou doze dias acaba o luto. Não é compulsória a cerimônia, mas ninguém a ela se furta, com receio

P. Sepp. *Lettr. édif.* **7, 369 Azara, 1, 17**

de incorrer no desprezo de todos. Abrem-se as sepulturas pelas eminências, enterrando-se com o morto todas as suas armas e haveres, e matando-se-lhe às vezes sobre o túmulo o seu cavalo favorito.

Usam estes índios de setas e arcos curtos, como mais próprios para cavaleiros. Medem cerca de onze pés as lanças, para as quais obtêm eles ferros dos portugueses, quando em paz com estes, vindo-lhes da mesma parte também os freios. Por vezes têm os espanhóis envidado grandes esforços para exterminá-los, chegando a enviar mil homens contra um inimigo que nunca talvez pode pôr em campo metade deste número. Dar-lhes uma descarga geral, seria ruína certa para as tropas que assim despendessem as suas balas, tão rápido e irresistível seria o assalto destes selvagens, pelo que costumavam os espanhóis fazer-lhes

Azara, 2, 14-21

fogo só por pelotões, sem sair da fila. Muitas e severas perdas sofreram em tais hostilidades estes naturais, mas se tivessem sabido tirar partido da sua vantagem, nunca o território da Colônia e de Montevidéu teria sido disputado entre espanhóis e portugueses.

Infinidade de cavalos bravos

Não faltavam cavalos às tribos que tinham aprendido a servir-se deles. Uma área de pastos planos igual em extensão à da Grã-Bretanha, achava-se então cheia de gado bravo de todas as espécies contando-se por milhares e dezenas de milhares as cabeças das manadas de cavalos. Numa das suas viagens missionárias viu-se Falkner, o jesuíta inglês, durante quinze dias rodeado destes animais, que às vezes passavam por ele a toda disparada, levando duas a três horas a desfilar a tropa, custando-lhe muito a ele e aos índios fugir a ficarem esmagados. Facilmente se apanham; faz-se uma queimada e a nova erva que rebenta os atrai com o viço do pasto. Os caçadores estão prontos para encurralá-los. Às vezes fazem-se mancas as éguas que se querem para criação, a fim de que não fujam, tornando-se bravas. Vêm os cavalos bravos cercar os mansos, e acariciando-os os levam consigo, como se obrando racionavelmente quisessem trazê-los à liberdade de que gozam, tendo-se notado que cavalo domesticado, que tendo vivido algum tempo com os seus companheiros indomados, rebela-se depois desesperadamente contra freio e sela. São inúmeros os que perecem miseravelmente no estado bravio, não chegando a crescer a maior parte dos potros. Cai-lhes a mosca em cima apenas dados à luz, e milhares deles devoram-nos as larvas; tira também o jaguar o seu avantajado quinhão, e outros são esmagados pelos cavalos de carreira. Muitos morrem nas estações secas em que se atiram às lagoas e pântanos, ficando uns atolados no lodo, e perecendo outros debaixo dos pés dos que por detrás os atropelam acossados pelo mesmo doloroso e sofrido impulso da sede. Mais do que uma vez viu Azara os cadáveres de muitos milhares destes animais mortos desta forma, encontrando-se os seus esqueletos pelas ourelas de lagos vazios e pelos secos leitos de rios. Tão pouco valor lhes dão, que muitas vezes os matam só para aproveitar a gordura que serve para preparar peles de veado, e a pé ninguém anda.

Costumes dos pastores espanhóis

À abundância de bois e cavalos se tem com razão atribuído a grande e geral degradação tanto de espanhóis como de índios. Necessariamente desfavorável à civilização, nenhures se viu a vida pastoral rebaixada e embrutecer tanto o homem como nos países criadores da América do Sul. Pelos fins do século passado calculava Azara o número de gado manso no Paraguai e no Prata em doze milhões de bois e três milhões de cavalos. Mas é um gado manso

que na Europa com razão passaria por bravo. Nenhuma vaca se deixa mungir sem que, amarrando-lhe os pés, lhe ponham o bezerro ao lado. Pouco uso pois se faz de leite e queijo, e de manteiga quase nenhum: gordura de vaca a substitui. A área regular de uma estância no Paraguai é de dezesseis a vinte milhas quadradas, o que em Buenos Aires pareceria pouco. No meio de tão vastos domínios têm suas choças os guardadores do gado, de modo que sem vizinhança e sem natural formação de aldeia, nenhum progresso é possível. Muitas particularidades da vida selvagem ficam já consignadas nestes tomos, cumpre traçar agora o quadro de um estado de sociedade, mais asqueroso ainda, se é possível, e mais vergonhoso para a pobre natureza humana. Tem cada estância o seu capataz e um guardador subalterno para cada mil cabeças. Aquele costuma ser casado, solteiros os outros, salvo quando são negros, homens de cor ou índios fugidos de alguma povoação cristã: estes por via de regra são casados, estando à disposição dos que o não são suas mulheres e filhas. Em igual estado de bestial imoralidade se acham as chamadas espanholas, dormindo de ordinário num só quarto a família inteira, e afirmando Azara ser raro chegar intacta aos oito anos uma rapariga.

Alfaias e alimento

Num barril de água, num chifre para beber, em alguns espetos de pau, e numa chocolateira de cobre para ferver água para o mate consistem os utensílios de uma casa. Quem não tem chocolateira e quer fazer caldo para algum doente, mete carne e água num chifre e amontoa cinzas à roda. As caveiras de bois e cavalos servem de assentos, quando não é o chão, sendo um couro de ordinário a única cama, que algumas vezes, porém raríssimas, se estende num grosseiro catre. Aqui se escarnece dos europeus que comem legumes e hortaliça, pasto de cavalos, dizem estes miseráveis, que são meramente carnívoros. À moda dos selvagens assam a carne num espeto de pau fincado a prumo no chão, comendo-a sem sal cada qual quando tem fome, não a horas certas, nem em refeições sociais. Acabando de comer raspam a boca com as costas da navalha e limpam os dedos às pernas ou às botas. Comendo apenas as costelas, a parte interna dos quartos traseiros e os músculos abdominais, deixam apodrecer tudo o mais à volta das casas, que estão cercadas de ossos e cadáveres. Estes atraem as aves de rapina, que andam guinchando sem cessar sobre a sua presa, infeccionam o ar, e criam uma pra-

ga de moscas e vermes, castigo porém que não basta para operar mudança alguma nestes os mais bestiais de todos os selvagens.

Ocupações

Uma vez por semana percorrem estes homens a estância a cavalo, fazendo grande barulho e ajudados de seus cães tocam o gado para um corro, onde o deixam ficar algum tempo, soltando-o depois, o que tem por fim evitar que ele se extravie e conservá-lo em certo grau de sujeição. Os cavalos metem-nos num cercado. No resto da semana nada têm que fazer senão amansar algum cavalo e castrar outros, de modo que a maior parte do tempo passam-na na ociosidade. O capataz traja à espanhola com o seu poncho. Os demais de ordinário não têm camisa, nem jaqueta, nem calças, nem ceroulas, e o poncho basta, mas nenhum que não traga chapéu. Aos guardadores servem de botas umas peles de potro ou bezerro, tiradas inteiras, metendo-se o calcanhar na curva da junta! Raras vezes se barbeiam, e quando o fazem é com uma navalha de algibeira. Andam descalças as mulheres e abominavelmente imundas. Um vestido sem mangas atado na cintura lhes completa o trajo, e de ordinário também a vestiária: vai a dona ao rio, tira-o, lava-o, põe-no a secar ao sol, e torna a enfiá-lo. Algum tanto melhor vestida anda a mulher do capataz. Não costumam os homens ter muda de roupa, de modo que se os apanha a chuva tiram a que trazem, e metem-na debaixo da pele que cobre a sela, dizendo que depressa enxuga o corpo, o que não sucede à roupa.

Como se criam as crianças

Apenas o rapazinho completa oito dias de nascido, toma-o o pai diante de si no cavalo, e corre até que ele chora, repetindo a operação até que a criança possa montar sozinha um animal velho e manso. Desde a primeira infância também o ensinaram a matar gado, reduzindo-se a isto toda a educação recebida. Assim vai crescendo o rapaz sem freio, sem lei, sem princípios, sem participar dos cômodos, nem conhecer as decências da vida, sem ouvir o sino de uma igreja. O seu gosto é matar animais, bravos ou mansos, e com o hábito de ver sangue e cadáveres e de fazer o ofício da morte se lhe endurece o coração. São freqüentíssimos os assassinatos, cometidos com o maior sangue-frio. Nestas cenas nunca interferem os circunstantes, que se teriam por desonrados contribuindo para entregar o criminoso à justiça, se justiça houvesse que o perseguisse.

Dentre os guardadores alguns vendem as poucas coisas reputadas necessárias entre esta gente, com especialidade espíritos, tornando-se então a *pulpéria*, como se diz, o lugar do ajuntamento, único e solitário indício de civilização que se encontra. Há aqui sempre uma guitarra, a cujo som se cantam as *iarabais*, os cantos peruvianos, toadas melancólicas e monótonas, cujo assunto uniforme são queixumes de amantes infelizes. O cantor regalam-no com copos de aguardente. Não gostam de vinho estes homens que mal o podem sentir, não pertencendo as delicadezas do paladar a quem vive em tão brutal condição. Nem na pulpéria descavalgam, não oferecendo este lugar nenhum dos cômodos que em outros países seduzem à embriaguez as classes baixas. Tudo se faz a cavalo: se pescam, de sobre o cavalo lançam e recolhem a rede; a cavalo tiram a água da fonte; a menor porção de barro amassa-se a pés de cavalos; e os que têm alguma igreja ao seu alcance a cavalo ouvem missa da porta. Só o jogo é capaz de os fazer desmontar: são apaixonadíssimos por cartas, e a jogá-las assentam-se à moda oriental sobre os calcanhares, tendo as rédeas debaixo dos pés, e a faca ao lado cravada ao chão, pronta para punir a primeira velhacada, coisa que tão facilmente praticam como suspeitam nos outros. Quem não tem mais que perder, aposta a camisa, se a possui, e se ela é melhor do que a do antagonista, e perdendo, veste em troca o outro trapo mais velho e sujo.

Tavernas

Religião

O ligeiro sentimento que ainda existia entre esta gente era principalmente entretido pelos jesuítas, dois dos quais saíam todos os seis meses a itinerar por entre a população cristã. Erguiam estes padres a sua tenda em algum sítio apropriado, levantavam um altar portátil, diziam missa todos os dias enquanto ali se demoravam, pregavam, batizavam, casavam, davam a comunhão, e entregavam-se ao principal serviço que deles se aguardava, o de ajustar as contas de consciência, e dar descarga de todos os crimes. Mas desde que, tais quais eram, se retiraram estes mestres, batizam os mesmos guardadores os filhos, ou deixam-nos por batizar até que se casam, não sendo então possível deferir mais a cerimônia. Depositam os defuntos no campo cobertos com pedras até ficarem reduzidos a esqueletos, ou reduzem-nos logo a este estado, cortando fora a carne, e enterrando-a, ou quiçá deitando-a ao monturo com outros sobejos, e levando os ossos para receberem sepultura eclesiástica.

Peramas. *Agullii Vita,* **§ 39,40**

1742

Mas se a distância não excede por aí umas oitenta milhas, vestem o corpo com os costumados atavios, põem-no a cavalo, mantendo-o direito com amarrá-lo entre dois paus em forma de cruz de S. André e assim o levam, como de Valência foi levado o Cid.

Mas ainda estes guardadores carniceiros não são a parte pior da população. Em semelhante país um cavalo, uma faca e um laço, era o mais de que carecia quem queria vagar pelos campos e sustentar-se de gado bravo ou manso, conforme lhe conviesse. Destes miseráveis havia muitos que viviam como selvagens, em choças à moda das dos charruas; mas, desertores da sociedade, conservavam mais das necessidades desta do que os guardadores, e das capitanias do sul do Brasil supriam-se com os artigos de que careciam em troca de cavalos furtados. Quase todos eram salteadores, e costumavam roubar as mulheres à força.[6]

Salteadores

Nas vizinhanças do Prata desprezava o povo a agricultura, dizendo não ser necessário num país em que de carne só se podia viver. No Paraguai porém eram lavradores mais de metade dos habitantes, e quase todos os índios convertidos. Contudo ali mesmo ninguém queria ser agricultor, podendo ser criador, nem havia quem servisse como jornaleiro agrícola podendo achar emprego como guardador de gado. Notável exemplo este da força do prejuízo, e do império de hábitos ociosos e viciosos, pois que o caseiro gozava de cômodos desconhecidos a pastor, ficando acima dele em costumes, moralidade, decência, enquanto respeita à civilização ou a ela conduz, em tudo, exceto na estima pública. Iam-lhe à mesa raízes, frutas, legumes, hortaliça e carne; tinham alguns conhecimentos culinários, que são uma das artes civilizadoras; e tomava por conseguinte parte nos prazeres de uma refeição em companhia. E a agricultura produzia também a vizinhança. Ficava a casa no meio da fazenda, nem esta era maior do que convinha. As habitações eram tugúrios feitos de barro e cobertos de palha, pequenos, baixos e miseravelmente alfaiados. Houve tempo em que o Paraguai fornecia cereais a Buenos Aires, mas tem tudo degenerado tanto que já a terra não produz, segundo dizem, senão quatro por um, parecendo pois milagre não se haver abandonado a cultura do trigo. Como uma das causas disto se assina à prática de nunca se mudar de semente, melhor porém se explica pela miserável natureza dos instrumentos empregados e

População agrícola

mais miserável indolência dos lavradores. Por todo o Paraguai faz um pau aguçado as vezes de arado, servindo-se dele cada um à sua moda, e ossos grandes de boi ou cavalo com seus cabos são as únicas enxadas! Em princípios do século décimo sétimo se cultivavam muitas vinhas e com grande proveito nas cercanias da Assunção a ponto de se exportar vinho para Buenos Aires; hoje só se encontram algumas vides criadas em ramadas por causa da fruta. Quer o povo desculpar esta decadência de tão importante ramo de agricultura, atribuindo-a aos estragos causados por quadrúpedes e insetos, esquecendo que tanto uns como outros deviam existir nos tempos dos antepassados, quando floresciam as vinhas. Devemos pois buscar as verdadeiras causas na preguiça inata dos habitantes e no fato deles, como índios e negros, perdendo a delicadeza do paladar ao passo que se embruteciam, preferirem ao vinho os espíritos ardentes.

Escolas

Costuma haver nos distritos agrícolas um mestre-escola, cuja aula era diariamente freqüentada por discípulos, vindos dali seis ou oito milhas, com algumas raízes de mandioca cozidas para único alimento. As palavras paróquia e freguesia não se entendem neste país como pressupondo alguma povoação concentrada. Onde se ergue à igreja existem apenas a casa do pároco, a de algum ferrador alveitar talvez, uma loja de panos e mercearia e a *pulpéria* ou venda. Se alguns dos paroquianos ali têm casas é sabidamente para os domingos e dias de festa. Todas as vezes que se diz missa se apresenta um curandeiro, que provido de três ou quatro símplices, assenta-se à porta da igreja a examinar, não os doentes, mas a urina deles, que lhe mandam em canudo grosso. Toma-a sem fazer pergunta alguma a respeito do estado do enfermo, despeja uma pouca na palma da mão, olha-a à luz, e atira-a ao ar; repete a operação para ficar bem certo do exame, observa se o líquido cai em gotas pequenas ou grandes, e decidindo por esta circunstância se é quente ou fria a moléstia, dá uma das suas ervas para ser tomada de infusão. De cento e vinte milhas de distância se enviou urina a um destes homens, que receitou sem querer saber a mínima coisa sobre a natureza ou sintomas da enfermidade. Alguns curandeiros poucos que possuem um exemplar das prescrições do jesuíta Asperger, ou que leram a hora de Madame Elouquet, julgam necessário ver os seus doentes. Mas nas freguesias rurais do governo de Buenos Aires nem sempre há mes-

tres-escola e curandeiro, de modo que os doentes ou se confiam aos cuidados de alguma velha ou se entregam ao curso da natureza. Entre os antigos cantabros e lusitanos era costume pôr os doentes ao pé das estradas na esperança de que passando alguém que tivesse visto ou experimentado igual moléstia, soubesse também que remédios eram eficazes; nestas províncias, em que o povo se acha em pior estado de espírito e costumes do que os seus avós antes da era cristã, acha-se a população por demais espalhada, e são raros demais os viandantes para poder observar-se semelhante prática. Mas se sucede chegar algum estrangeiro aonde há algum enfermo, pedem-lhe o seu conselho, e seguem-no seja qual for.[7]

Azara, 2, 287-290

As vilas sertanejas nem meios nem exemplos de progresso oferecem à população dos campos. O povo de S. Cruz de la Sierra tanto retrocedera na civilização, que já ali se não exerciam outros manuais, sendo cada um, forçado pela necessidade, o seu próprio carpinteiro, ferreiro, pedreiro e corriqueiro. Dinheiro mal se conhecia no Paraguai, recebendo até na Assunção os funcionários públicos em gêneros os seus salários. Semelhante povo só os estabelecimentos civis e eclesiásticos ali mantidos por causa da dependência em que o país estava da Espanha, podiam livrá-lo de cair inteiramente no estado selvagem. Não havia parte da América do Sul que entre os seus conquistadores tivesse tantos homens de família nobre como o Paraguai; nenhum país do Novo Mundo, exceto talvez a Flórida, tanto desdisse das concebidas esperanças, nenhures teve lugar degeneração tão profunda. Alguma coisa se deve atribuir à situação da capital, colocada no coração do país antes de se fundar outra povoação alguma, imaginando os fundadores, diz Raynal, que se estavam estabelecendo perto da fonte das riquezas, mas era maior a sua avidez de ouro do que a sua previdência. São feitas de pedra ou tijolos e cobertas de telha as casas na Assunção, dando quanto a isto seus ares dum lugar civilizado, mas nenhuma delas tem mais do que um andar térreo; vidro ninguém o conhece; chaminés não se usam; e até as igrejas e conventos no exterior pouco diferem das habitações ordinárias. As tortas ruas são cortadas de barrancos abertos pelas enxurradas, achando-se as mesmas pedras tão desgastadas pela ação das águas, que o andar se torna difícil e penoso. Na única praça de mercado cresce a erva. Retrogradando em

Escolas das vilas

Almanaque de Lima

Techo

todos os sentidos têm os espanhóis do Paraguai quase esquecido a língua castelhana. Em meados do século passado todas as classes baixas, e também as mulheres das mais elevadas, falavam o guarani como a sua língua materna, mas então ainda a maior parte sabia também o espanhol. O que sucedia era que sendo-lhes familiares os dois idiomas, misturavam um com o outro, corrompendo ambos. Em fins do mesmo século porém tinha-se o guarani tornado a linguagem dominante por todo o Paraguai, sendo o espanhol só entendido nas classes altas. A grande mescla de sangue índio foi causa disto. Sendo varões todos os primitivos colonos, bebeu a primeira geração de crioulos o guarani com o leite materno, e como, graças à licença dos costumes, continuasse o cruzamento depois de ter cessado a necessidade, e fosse da mesma raça a grande maioria de escravos e amas-de-leite, prevaleceu inevitavelmente a língua indígena. Outro tanto não sucedeu no governo de Buenos Aires, onde no princípio foram menos numerosos os naturais, e maior e mais constante a entrada de espanhóis, havendo também colonos; ora, é das mães que nos vem a língua materna.

Dobrizhoffer, 1, 60. Azara, 2, 106, 277

Não é só na linguagem que este povo, que se diz espanhol, se aproximou dos seus avós do lado selvagem. Por todo o Paraguai, mas com especialidade em Corrientes e na Assunção, vestem-se as mulheres tão ligeiramente na estação calmosa,[8] que repetidas vezes tem esta exposição, que de suas pessoas fazem, sido increpada do púlpito. Todas as mulheres fumam, prática a que se têm entregado muitos homens de espírito contemplativo, por não ser desfavorável à meditação, mas que o povo nos graus selvagens e bárbaros da sociedade contrai para satisfazer ao mesmo tempo o gosto das sensações e da indolência. Em país tão pantanoso talvez ela se possa justificar por contribuir para a conservação da saúde, mas Azara afirma não haver, apesar dos seus pauis, lugar mais saudável do que o Paraguai, embora a sua atmosfera ande tão saturada de umidade que estraga e deteriora todas as alfaias.

Costume de fumar

Educação

Ao nascer é o crioulo entregue a uma ama mulata, negra ou índia, a cujo cuidado fica até aos cinco ou seis anos, sem ver durante todo este tempo coisa digna de imitar-se. O filho do mais reles marinheiro espanhol se consideraria na América aviltado por qualquer espécie de trabalho. Preferem-se religiosos, padres, letrados, ou negociantes. Quem quer achar mulher deve aspirar a algum destes títu-

los que o tornam também elegível para os cargos honoríficos. Um negociante quebrado entregava-se de ordinário ao exercício da medicina, matando e envenenando impunemente. Havia contudo muito quem julgasse importuno o negócio. Os que visitavam a Europa voltavam maldizendo quanto tinham visto, porque, não tendo ali posição que ao respeito público lhes desse direitos adventícios, haviam sido estimados só pelo que valiam, e também porque consideravam miserável todo o país em que é mister ganhar o pão com o trabalho. A conseqüência era exercerem-se apenas as artes e os ofícios indispensáveis, e esses mesmos só por gente de cor, ou por algum recém-chegado da Europa enquanto não contraía o orgulho e ociosidade contagiosos, aprendendo a viver sem trabalhar. Entre todos os espanhóis existia uma idéia de completa igualdade, fruta natural das colônias. O orgulho de família destruía-o eficazmente a mescla de sangue, nem se solicitavam pergaminhos de nobreza, porque nenhuma consideração mereciam. Era tão forte este sentimento, que não havia homem branco que quisesse servir outro, não podendo o mesmo vice-rei obter cocheiro ou lacaio espanhol. O último dos castelhanos quer que o tratem por *capitán*. "Não obtereis o menor serviço", diz Dobrizhoffer, "nem uma sede de água, nem uma resposta cortês, se vos esquecerdes de lhe dar este título." Nas vilas do Prata "nem fiar queriam as mulheres, apesar de ser esta e sua ocupação em outros lugares". Em Corrientes porém distinguiam-se honrosamente por serem as mais industriosas e trabalhadoras de todo o país, apesar de levarem a palma da beleza.

Decadência do espírito militar

À gramática latina, filosofia de Aristóteles e teologia de Aquino, até onde chegava a inteligência do mestre, e um pouco de direito canônico, se reduzia no Paraguai e no Prata a educação liberal. A este respeito verdade seja que pouco havia que invejar a mãe pátria; mas faltava toda a literatura vernácula, todo o conhecimento de qualquer natureza que pudesse corrigir ou compensar os erros e deficiências deste miserável sistema, nem tinham os habitantes virtude alguma das que enobrecem o caráter espanhol, espíritos elevados, heróico pundonor, orgulho nacional, fortaleza invencível, força de vontade e de princípios, que têm resistido a séculos de opressão e desgoverno, que ainda impõem respeito e admiração a outros países, e que ainda restituíram à Espanha o seu lugar entre as nações. Mas o total desaparecimento desse

espírito militar que tanto lhes distinguira os avós, é a prova mais forte da completa degeneração destes crioulos, sendo mais notável o fato por não ter tido conseqüência de nenhuma dessas causas que em outros casos tem destruído o caráter marcial, produzindo a pusilanimidade e a fraqueza nacionais. Tampouco proveio de ter a disciplina quase deixado de existir, com a grande dispersão da população, estava a degeneração nos indivíduos. Satisfeitos com poderem facilmente suprir as suas necessidades animais, nem buscando outra excitação além da embriaguez e do jogo, tinham caído numa condição que com propriedade se não pode chamar bárbara nem selvagem, mas que é pior do que qualquer delas. A consciência do perpétuo perigo e falta de segurança não podia excitá-los a qualquer combinado sistema de defesa, a qualquer esforço vigoroso, nem mesmo a essas precauções que se devia supor lhes inspiraria o instinto vulgar da conservação própria. Para rixas tinham sempre pronta a faca, mas o selvagem não é inimigo que se chegue ao alcance desta arma, enquanto não vê fora de combate o antagonista, e outras melhores quase as não possuíam. Uma cana ou um pau, direito ou torto pouco cuidado lhes dava, com um pedaço de espada ferrugenta, ou a folha duma navalha velha amarrada na ponta, lhes servia de lança. As classes mais abastadas eram as únicas que possuíam mosquetes, e se destes poucos estavam em estado de servir, menos eram ainda os homens que sabiam manejá-los quando o estavam. Se o governo alguma vez distribuía armas, depressa deixava o povo estragar as de fogo por falta de cuidado, arruinando de mais a mais as baionetas com servir-se delas como de facas ou facões de carne.[9] Na hora do perigo tinham pois estes homens tão pouca confiança nas suas armas como na própria perícia. Sofrer privações era a única virtude militar que lhes restava. Cavalgavam os soldados com as pernas nuas nas expedições de inverno, levando as botas penduradas da sela, e para atalhar as funestas conseqüências da umidade nos pés, aplicavam-lhes de noite folhas de tabaco mascado. Em semelhantes ocasiões julgava-se o fumar quase indispensável à vida. O outro principal conforto era o mate, não sendo pouco curiosos o lugar e modo de prepará-lo à noite. Em vez de se proverem de redes como os brasileiros, empoleiravam-se estes homens de ordinário nas árvores, e fazendo com essa crosta rija, com que as formigas fazem os ninhos, uma como lareira em cima dos galhos, ali acendiam o fogo com que ferver a água para a sua beberagem favorita.

Que se poderia esperar dos esforços de semelhante povo contra as tribos eqüestres, contra inimigos sempre alerta, ligeiros, astutos, sagazes, incansáveis, insaciáveis de sangue e vingança? Se se levantavam forças para uma expedição, não se sabia onde encontrar homens que jamais se expunham ao perigo, podendo evitá-lo, e que sempre podiam iludir os espanhóis, retirando-se para regiões onde a estes era impossível segui-lo. Nem eram menos para temer-se os selvagens, por tão solícitos de conservar as próprias vidas, prontos como estavam a cair a cada momento sobre os seus inimigos, quando com vantagem podiam fazê-lo, e sempre à espreita da oportunidade: mas os espanhóis, que da rude raça com que desde tanto convivia, tinham adquirido tantos hábitos, haviam contraído dela também a pusilanimidade a respeito da morte, sem aprenderem as qualidades que faziam do selvagem tão terrível inimigo. Os mesmos comandantes espanhóis possuíam tão pouca autoridade, e achavam tão pouco apoio na opinião pública, que se um oficial perdia dois ou três homens numa expedição, insultavam-no na volta as viúvas, chegando a atacá-lo à pedra nas ruas. Considerando a insubordinação dos espanhóis, e a sua total imprevidência, parece um milagre ter uma única povoação escapado à destruição no Paraguai. Não havia lugar que tivesse muralha, fosso, estacada ou fortificação de qualquer natureza. Viam-se é verdade postos de madeira erguidos ao longo da margem por considerável distância acima e abaixo da Assunção, havendo em cada um alguns homens com uma única peça de artilharia para dar rebate. Era um serviço compulsório este, que recaía exclusivamente sobre as classes baixas, sendo mais vexatório para os indivíduos do que útil para a república. Quase aniquilado estava o comércio entre o Paraguai, Prata, Tucumán e Peru. Empreender a jornada era quase morte certa para os viajantes. Até a força militar que escoltava o tesouro do Potosi para Buenos Aires, era às vezes feita em postas, apesar de ser o tesouro em si olhado com a maior indiferença pelos vencedores. Mas eram assaz vis os espanhóis para tirar partido do saque, quando podiam, e feliz se prezava a vila que lograva fazer a sua paz à parte com os selvagens, comprando-lhes os despojos, a troco, entre outras coisas, de ferro para ser empregado contra os mesmos cristãos. Povoações inteiras foram destruídas pelos tobas, mocobios, e abipones, devendo Salta a salvação à sua posição, quase rodeada de água. Esta cidade, que já fora sede do governo, mantendo ainda o segundo lu-

Estado indefeso do povo

gar em Tucumán, florescera muito com o comércio que ali se fazia entre Buenos Aires e o Peru, e grande trânsito de mulas para os Andes. Reduzido a nada estava agora o seu tráfego, assolado o seu território, e tão feridos de terror os míseros moradores, que não souberam excogitar melhor meio de defesa do que tomar outro santo tutelar, associando São Francisco Xavier como seu patrono a São Felipe e São Tiago. Puseram-lhe de parte o seu dia de festa em razão do novo ofício, e também os soldados tomaram o seu protetor! Em S. Fé foi preciso ordenar que ninguém fosse à igreja sem o seu mosquete. Aqui entravam os selvagens freqüentemente nas ruas, matando os moradores enquanto estes se ocupavam com acompanhar procissões, cantar *misereres* e pendurar crucifixos ao pescoço, em lugar de trazerem arma e servirem-se delas. Muitas vezes se via tinta de sangue a praça do mercado, e teria a cidade sido abandonada, se não houvessem conseguido os vizinhos fazer uma paz separada, contribuindo assim para os males infligidos a outros lugares. Em Corrientes traziam-se em carretas para a cidade cadáveres, que como pilhas de lenha se amontoavam à porta da igreja: só num dia vieram setenta, de modo que sendo impossível abrir tantas sepulturas separadas, cavou-se uma vala comum, e celebrou-se por todos um só ofício. Os aldeamentos indígenas estabelecidos pelos franciscanos sobre o Paraná todos foram destruídos, exceto S. Lúcia, pequeno arranchamento de dez famílias apenas. Cercara-o duma muralha o missionário, e assestando uma peça no alto da sua casa, com ela dava ao povo sinal de abrigar-se, contendo ao mesmo tempo os selvagens em respeitosa distância, tão facilmente se deixavam intimidar à menor demonstração de resistência. Por esta região longo tempo continuaram visíveis os vestígios da devastação... derrocados muros, frutas européias a crescer no que de novo se tornara deserto, e funéreas cruzes a indicar os lugares, onde trinta a quarenta cadáveres repousavam no mesmo túmulo.

Peramas de Tredecen. § 267-273. Dobrizhoffer, 3, 17-41

Os únicos espanhóis que corajosamente sabiam fazer frente a estes inimigos eram os de Santiago del Estero, originariamente capital e sede episcopal de Tucumán. Para as suas expedições proviam-se de farinha duma espécie de milho misturada com mel ou açúcar, e mexendo uma pouca com água num chifre, único utensílio da sua cozinha de campanha, não careciam doutra comida ou bebida.[10] Tomando fria esta mistura nenhuma necessidade tinham de

Povo de Santiago del Estero

fogo, cujo fumo podia atraiçoá-los. Tão duros como os homens eram os cavalos: achando pouco pasto por causa dos rigorosos invernos, estios ardentes, longas secas e solo arenoso, costumavam como cabras roer as árvores. Eram os melhores bem como os mais robustos do país, costumando as crianças montá-los antes de terem um ano, amansando-os e domando-os assim ao mesmo tempo. Só este povo causou mais perdas no que todos os outros espanhóis do Prata, Paraguai e Tucumán aos mocóbios, tobas e abipones, que também o temiam mais. Eram tão bons cavaleiros como os mesmos selvagens, tão endurecidos com as fadigas e tão pouco civilizados nos seus hábitos de vida,[11] sendo tal o seu tino para descobrir o rastro dum inimigo, que os outros espanhóis os chamavam feiticeiros e S. Antônio, como se aos meros sentidos humanos fosse impossível atingir tão infalível sagacidade. Poucos possuíam mosquetes, sendo-lhes arma uma lança malfeita, porém bem manejada com espírito valoroso e braço forte.

Falkner, 30. Dobrizhoffer, 2, 256, 3, 48, 51

Os jesuítas pacificam os albipones

Pela sua coragem e atividade eram os santiaganos os paulistas da América espanhola. Também na parte pior do seu caráter se pareciam com estes, tendo exterminado os índios das suas vizinhanças à força de opressão e maus-tratos, e os poucos que ainda entre eles viviam na escravidão achavam-se em estado tal de imundície e miséria, que pasmavam os jesuítas comparando-as com os cômodos que nas reduções se gozavam. Mas, ao contrário dos paulistas, eram estes homens poucos em número, não se alargavam, nunca possuíram o espírito de descoberta, nem tinham achado o segredo de aumentar as próprias forças, fazendo os índios servirem-lhes tanto de soldados como de escravos. Defendiam eficazmente o seu distrito, fazendo por vezes felizes expedições além dele, mas por demais limitados e raros de nenhum alívio podiam ser para o Paraguai tais esforços. Deveu este a sua salvação aos jesuítas. Graças a eles celebrou-se a paz primeiramente com os mocobios, depois com os abipones, anuindo toda esta nação a pôr-se debaixo da direção de mestres espirituais, e sujeitar-se a hábitos de vida fixa. Encetaram esta boa obra Fr. Joseph Brigniel, e Dobrizhoffer, homem que em trabalhar entre selvagens debaixo de todas as imagináveis circunstâncias de incômodos e desacoroçoamento quis empregar talentos, que nas partes mais ilustradas da Europa o teriam tornado distinto. Apesar da parcimônia e repetidos

erros do governo, tanto conseguiram estes padres, que livre se viu o Paraguai dos seus mais tremendos inimigos, e a civilização deste povo, povo capaz de maiores virtudes, ter-se-ia gradualmente efetuado, se as imprevistas conseqüências dum arranjo político entre as cortes de Lisboa e Madri não tivessem vindo primeiramente interromper e depois frustrar os planos e trabalhos dos jesuítas.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXVIII

1 Azara diz que os *segundos* fundadores de Buenos Aires para ali levaram em 1580 algum gado, parte do qual se tornou bravo, multiplicando-se grandemente no país para os lados do rio Negro. Mas a *segunda* fundação de Buenos Aires foi em 1546, e no mesmo ano da terceira fundação se exportava o primeiro carregamento de couros. Lapso ainda mais singular se nota no mesmo capítulo *Essai sur l'histoire naturelle des quadrupedes de la province du Paraguay* pelo referido Azara. Atribui ele a origem do gado bravo da margem do norte do Prata a algum que eles supõem terem ali deixado ficar os espanhóis do Paraguai, em 1552 ao serem expulsos da cidade de S. Juan Bautista, que haviam tentado fundar defronte de Buenos Aires. Esquece porém que esta tentativa de fundação à margem esquerda, talvez no sítio da Colônia, tivera lugar, segundo ele mesmo refere, quatro anos antes da introdução do primeiro gado da Europa.

Muito antes deste tempo devia haver gado no Brasil, sendo muito mais provável que o bravo, a que alude Azara, proviesse da Capitania de S. Vicente do que do Paraguai, lado donde o Paraná e o Uruguai teriam oposto à migração insuperáveis obstáculos. Espontaneamente não se mete o gado à água, nem o obrigam jamais a fazê-lo sem que ocorra alguma perda. Observa Dobrizhoffer que quando grandes manadas atravessam um rio, sempre se afogam mais touros do que vacas. *

*) D. Ana Pimentel, esposa e procuradora de Martim Afonso de Sousa, providenciou, em 1534, para que se introduzisse gado bovino na capitania daquele donatário. Tomé de Sousa introduziu muito gado na Bahia. Usou mesmo de uma caravela, a *Galga*, que ia buscá-lo na Ilha de São Vicente. É provável que muitos donatários tivessem tido idêntica iniciativa. Na Capitania de São Vicente, a sua criação se desenvolvia lentamente, e, muitos anos mais tarde, o padre Nóbrega recomendava parcimônia em seu consumo, para que pudesse tomar maior incremento.

Foi a zona do açúcar, porém, que deu origem à primeira fase da grande criação de gado. (Roberto Simonsen, *História Econômica do Brasil – 1520-1820*.) (P.B.B.)

2 Interrogado sobre a sua idade respondera em 1774 um cacique, dos seus seis pés e duas polegadas de altura, que não sabia, mas que ao principiar-se a edificar a sé da Assunção, era ele casado e pai de um filho. Ora havendo sido esta catedral edifica-

da em 1869 devia ele ter pelo menos cento e vinte anos de idade. Tinha cabeça grisalha e a vista um pouco mais fraca do que a dos outros índios, mas não perdera um dente, nem um cabelo, e ia à guerra, como qualquer dos seus conterrâneos Azara, 2, 104.

3 Barzena costumava dizer que a quem estudava as línguas do rio Vermelho pareciam as do Peru apenas um A B C comparadas com elas, ainda mesmo que entre as peruvianas se incluísse a difícil Pesquim, *pues para congeminar un verbo con otro, era forzoso saber más que las concordancias de Laurencia Valla.* (Lozano, 1, 20, 5.) Segundo Lozano compôs Barzena, entre outros trabalhos da mesma natureza, um catecismo, uma gramática e certos sermões sobre os principais mistérios da fé na língua abipone. Mas Dobrizhoffer, que é melhor autoridade, afirma ter sido José Briguiel, jesuíta alemão, quem fez o primeiro vocabulário e gramática. Com este mestre estudou Dobrizhoffer dois anos, escrevendo depois um vocabulário pelo bem conhecido sistema da *Janua Linguagem* de Comênio, o bispo moraviano. (2, 197.)

Oferece-nos Dobrizhoffer alguns exemplos de quanto é copiosa e difícil esta linguagem: *Lalaglet* significa simplesmente uma ferida; se é feita cena com os dentes quer de homem quer de fera, chama-se *Naagek*; com faca ou espada, *Nichahek*; com lança, *Noarek*; com seta, *Nainek*. *Roetakitapegeta*, eles combatem; *Nahamreta*, combatem com lanças; *Natenetapegeta*, com setas; *Nemarketapegeta*, a murros; *Ycherikaleretana*, só com palavras; *Nejerenta*, duas mulheres batem-se pelos seus maridos.

4 *Scilicet utcolumbae turrium incolae aeris campani tinnitu quantocumque nil terrentur, sic Abipones a pueris faeminarum planctibus assueli ad nocturnos strepitus dudum obsurduere.* Vê-se pois que na terra de Dobrizhoffer fazem as pombas ninho nas torres das igrejas, como em outras as gralhas.

5 Também os contrabandistas do Prata usavam de botes de couro, porém maiores, cosendo muitas peles, e passando pez ou sebo pelas juntas. Tinham estas embarcações a vantagem de facilmente se poderem tirar da água e esconder em terra. Dobrizhoffer, 2, 130.

6 Apreendendo muitos destes malvados, recobrou Azara também as mulheres. Fala ele de uma espanhola, jovem e formosa, que vivera dez anos entre aquela gente. Quem originariamente a roubara fora um tal Cuenca, de quem ela dizia que era o primeiro homem do mundo, sendo impossível que a mãe não tivesse morrido ao dar-lhe a vida, para que não houvesse mais ninguém como ele. E nunca sem lágrimas o nomeava. Tinha sido morto, passando ela para o matador, e assim sucessivamente a terceiro e quarto, ganhando-a cada um com o assassinato do possuidor anterior! Contudo mostrava a mulherzinha o maior sentimento por deixar este horrível gênero de vida, e voltar para os seus parentes!

7 Um velho consultou Azara sobre uma dor de cabeça. Gracejando, aconselhou-o este que lavasse os pés e cortasse as unhas, observando que visto não terem estas nunca sido cortadas algum proveito viria da operação. Ficou o velho tão convencido de dever a cura a esta prescrição, que passados tempos escreveu a Azara que receitasse alguma coisa para o filho, a respeito de cuja moléstia dizia que uns a supunham hérnia outros uma febre maligna. Um costume como o dos cantabros e lusi-

tanos (que nada tem de irracional) prevalecia também entre os babilônios, segundo refere Heródoto.

8 Não tenho inteira certeza se não implicaram as palavras de Dobrizhoffer nudez completa: *Adultiores etiam faeminae immanem solis aestum causantes, rejectis vistibus, verecundiae quolies publico in foro obliviscuntur!* 2,136.

9 As baionetas primitivas eram folhas de dois gumes com cabos de pau para introduzir nos canos dos mosquetes.

10 Falkner descreve uma preparação semelhante usada entre o mesmo povo, porém feita de alfarroba, que nascendo nas matas à volta de Santiago é o melhor alimento que ali se pode dar aos cavalos. Pisa-se a casca e da massa glutinosa assim espremida se fazem bolos; chama-se *patay* esta substância reputada medicinal e saudável. Posta doze horas de infusão em água fria, ferve, e produz uma bebida forte. (Falkner, pág. 31.) Por esta razão não queriam os jesuítas a alfarroba nas suas reduções, privando-se de uma árvore que oferecia alimento a homens e animais, e uma bebida que passava por saudável, só para evitar o perigo de contraírem os guaranis hábitos de embriaguez. Não é estranho que não confiassem eles na eficácia dos seus preceitos morais, mas mostra este fato que eles nem na sua disciplina descansavam, severa e vigilante como era.

11 Saíam anualmente a apanhar mel, que traziam em odres feitos das peles dos animais, que matavam. Enquanto andavam pelos bosques viviam de caça. À ida davam cortes nas palmeiras e à volta achavam nas incisões dos troncos as ninfas grandes e gordas do *curculio paumarum*, que passava por manjar delicioso.

MOEDAS DO BRASIL

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA*

As primeiras moedas cunhadas no Brasil, entraram em circulação nos anos de 1615, 1646 e 1654. Foram as famosas, *moedas obsidionais* de ouro e prata, cunhadas pelos holandeses em Pernambuco, a fim de fazerem face do pagamento no soldo de suas tropas.

Foi no reinado de D. Pedro II, de Portugal (1683-1706), que se fundou a primeira Casa da Moeda do Brasil, na Bahia, então metrópole no Brasil Colonial, pela Carta Régia de 8 de março de 1694. Foram aí lavradas as *moedas provinciais* para circularem exclusivamente no Brasil.

No reinado de D. João V (1706-1750), foram feitas as primeiras emissões de moedas de cobre, privativas para o Brasil, cunhagem iniciada em Lisboa, em 1715. A produção fabulosa das jazidas auríferas de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Cuiabá, levou à metrópole portuguesa uma caudal de riqueza inestimável. A fim de amoedar o ouro proveniente de imposto de 20% (quinto) cobrado pela Fazenda Real, instalaram-se várias Casas da Moeda e nos diferentes pontos das regiões mineiras, assim como na Bahia e no Rio de Janeiro. São deste reinado as magníficas séries de *escudos e dobras* do Brasil. Essa moedagem de ouro, apresenta a mais extraordinária floração de desenho e estilização barrocas de todo o campo numismático dos séculos XVII e XVIII. Circularam no Brasil neste reinado, 12 moedas de ouro, prova de abundância deste precioso metal em nosso país.

Do reinado de D. José I (1750-1777), destacam-se as *moedas mineiras* conhecidas também por *J* coroado e destinadas somente ao comércio do ouro. A moedagem do reinado de D. Maria I (1777-1805), apresenta duas fases distintas: a primeira, com os bustos conjugados da

* O prof. Álvaro da Veiga Coimbra, escreveu este erudito resumo sobre as moedas do Brasil e, também, as respectivas legendas. É evidente que não se encontram aqui todas.

rainha e de seu esposo, D. Pedro III; a segunda, aparece a rainha com o véu de viúva e mais tarde, em 1789, com o véu substituído por um toucado ornado de jóias e fitas.

Na Regência do Príncipe D. João (1799-1818), foi proibida a circulação do ouro em pó. Mas a moeda espanhola denominada *patada*, *patacão* ou *peso* que, dado o grande comércio que a Espanha mantinha com as outras nações, tornara-se moeda universal, foi aproveitada por alguns países e nacionalizada mediante um carimbo denominado *contramarca*. O mesmo aconteceu no Brasil. Disso se encarregaram as Casas de Fundição e a antiga moeda espanhola passou a ter o valor de 960 réis, regulando-se assim o seu valor nas transações particulares. Em 1816, elevado o Brasil a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, foi feita uma cunhagem especial comemorativa nos três metais, aparecendo pela primeira vez o nome de nosso país, no sistema monetário português.

O reinado de D. João VI (1818-1822) apresenta a época mais interessante de toda a numismática colonial do Brasil, pelas importantíssimas alterações havidas no sistema monetário brasileiro. Depois de aclamado rei, todas as moedas de ouro, prata e cobre, apresentavam as novas armas do Reino Unido e a legenda com o nome de D. João VI. Nos distritos das Minas, circulavam também barras de ouro fundidas nas Casas de Fundição do Rio das Mortes, Sabará, Vila Rica, Serro Frio e Mato Grosso (Cuiabá). Essas casas de fundição restituíam em barras o ouro que recebia em pó, deduzindo previamente o quinto para a Fazenda Real. Essas barras quando entregues a seus donos, estavam acompanhadas de uma guia, na qual constavam o número, toque de ouro, peso da barra e localidade da fundição.

Durante a regência do Príncipe D. João, foi fundado o primeiro Banco do Brasil, por alvará de 12 de outubro de 1808.

No reinado de D. Pedro I (1822-1831) coube à Casa da Moeda do Rio de Janeiro, a cunhagem das primeiras moedas do Brasil independente. Por ocasião da Coroação de nosso primeiro imperador, cunhou-se uma moeda de ouro de Meia Dobra no valor de 6$400, desenhada pelo gravador Zeferino Ferrez. É a célebre peça da

coroação, a mais rara da coleção brasileira, pesando 14.30 gramas, ouro de 22 quilates e 17 mm de módulo. Não agradando ao Imperador, foi a cunhagem paralisada, tendo sido cunhadas apenas 64 exemplares. O mais interessante é que essa moeda apresentava no reverso a Coroa de Portugal, porque não havia ainda a brasileira!... Na mesma época procedeu-se à carimbagem das moedas de cobre coloniais trazendo os valores entre ramos de café e de fumo encimados pela coroa imperial e com o escudo do Império no reverso. São os chamados *Primitivos Carimbos do Império*. Foram estas as primeiras moedas do Brasil nação.

Com o advento de D. Pedro II (1831-1889), a 15 de setembro de 1831, recebia a Casa da Moeda do Rio de Janeiro ordem de cunhar novas moedas de ouro com o busto do jovem Imperador, substituída a legenda D. Pedro I, por D. Pedro II. A primeira lei sobre moedas, foi a de nº 59, de 8 de outubro de 1835. O período da Regência que decorreu desde 1831 até a declaração da maioridade de D. Pedro II, foi todo entrecortado de sedições militares e levantamentos populares devido às lutas dos partidos em que a Nação Brasileira se dividiu logo depois da revolução que obrigou D. Pedro I a abdicar. Desses movimentos revolucionários nas várias Províncias do Império, surgiram os *carimbos*, aplicados na moedagem de cobre e que era posto em circulação nos lugares da luta. Também por falta de numerário, foram emitidas por particulares, companhias ou casas comerciais, pequenas placas de vários tipos e metais diferentes, que pela sua função e aspecto ficaram conhecidas como moedas particulares. Essas espécies monetárias circulavam livremente nas várias Províncias do Império, como se fizessem parte do sistema nacional.

Com a Proclamação da República (1889) não houve modificação imediata no sistema monetário nacional. Só se alterou o aspecto externo das espécies circulantes, adotando-se tipos e legendas de acordo com a nova forma de organização política, em que figuravam os novos símbolos nacionais decretados pelo Governo Provisório. A emissão de moedas de ouro, que acompanhou a vida colonial e imperial do Brasil, terminava no regime republicano. A última emissão é a de 1922.

A 31 de outubro de 1942, à meia-noite, deixou de existir a unidade monetária brasileira, que tinha por base o *mil-réis*, para dar lugar ao *Cruzeiro*, criado pelo Decreto-Lei nº 4.791, de 5 de outubro do mesmo ano.

. . . .

Capítulo XXXIX

TRATADO DE LIMITES – GUERRA DAS SETE REDUÇÕES – ANULAÇÃO DO TRATADO

NÃO tinham os recíprocos casamentos entre as famílias reais da Espanha e de Portugal mitigado de modo algum esses sentimentos de desprezo e ódio, que Filipe V e sua mulher Isabel Farnese tinham nutrido sempre contra os portugueses: perceberam-se porém ao suceder Fernando VI no trono de seu pai. Raras vezes, ou nunca, terão considerações políticas unido em matrimônio pessoas tão talhadas uma para a outra como o príncipe das Astúrias e a infanta portuguesa D. Maria Bárbara. Aquele era valetudinário e hipocondríaco por herança. Seu único defeito era ser sujeito às vezes a violentos arrebatamentos de cólera: a humildade, que nascia de uma convicção profunda e dolorosa da sua incapacidade para os negócios, e a consciência da própria insuficiência para a tremenda situação a que se via chamado, devem ser-lhe contadas entre as suas virtudes; era humano, honrado e consciencioso, amigo da paz e da tranqüilidade sobretudo. A rainha nunca tivera pretensões a beleza, e a graça da mocidade depressa a perdeu, tornando-se excessivamente gorda. A sua inteligência

Caráter de Fernando VI. Tratado de limites

era boa, as inclinações afetuosas, e insinuantes as maneiras pela sua singular doçura e benevolência; era muito prendada, e deleitava-se com a música, para a qual tinha um gosto hereditário e cultivado, sendo também o rei muito apaixonado pela mesma arte. E tão inteiras possuía ela a afeição e confiança do consorte, que bem pudera tê-lo governado com absoluto império, mas embora a superioridade da inteligência lhe desse grande influência sobre ele, não era esta a sua ambição, tendo o juízo preciso para que o exemplo da predecessora lhe servisse mais de escarmento do que de estímulo.

Também ela era doente, tanto mais disposta assim a simpatizar com as enfermidades do marido, que a seu turno ainda mais a prezava e admirava pela equanimidade com que a via suportar longos e habituais padecimentos.

Tratado de limites

Passava a rainha entre os espanhóis por favorecer o seu país natal mais do que permitiam os interesses da Espanha, atribuindo-se à sua influência o tratado agora celebrado para ajustar os tão disputados limites na América.[1] Impossível teria sido semelhante convênio sem disposição amigável de ambas as partes, e tal disposição produzira-a indubitavelmente este feliz consórcio. Mas que eram para as duas partes eqüitativas as condições pode-se presumir do fato de se terem mostrado ambas igualmente prontas a condená-las no reinado seguinte, em que tal disposição amigável deixou de existir. Pelo primeiro artigo deste memorável tratado ficavam anulados todos os anteriores convênios e todas as pretensões fundadas na famosa bula do papa Alexandre. A demarcação em que se concordou agora, principiava à foz de um rio pequeno, que deságua no oceano, tendo as nascentes na raiz do monte de Castilhos Grandes. Daqui partia em linha reta para a serra, seguindo-lhe os cimos até às fontes do rio Negro, e continuava sempre sobre o viso, até às do Ibicuí. Seguindo então o curso deste rio, subia o Uruguai até à boca do Peperi, e depois este até à sua principal origem. Aqui, deixando os rios, tomava a direção dos montes mais altos até chegar às cabeceiras do primeiro afluente do Iguaçu até à sua junção com o Paraná. Subia este rio até ao Igureí, e o Igureí até à sua fonte. Tomava então mais uma vez a serra até ao primeiro afluente do Paraguai, que se supunha seria o Correntes, porquanto procediam aqui os negociadores sem exato conhecimento do país. Tornava-se en-

tão limite a água, e da mesma forma desde a junção com o Paraguai ao correr do que na estação seca é a principal corrente, através dos pantanais, marcados nos mapas como lagoa dos Xaraiés, até à embocadura do Jauru, conferindo-se então aqui alguns poderes discricionários. Da foz do Jauru devia tirar-se a linha direita à margem sul do Guaporé defronte da boca do Sararé, mas se entre o Jauru e o Guaporé encontrassem os comissários outro rio qualquer ou raia natural, que mais clara e convenientemente pudesse indicar os limites, poderiam fazer uso da própria discrição, reservando sempre aos portugueses a exclusiva navegação do Jauru, e a estrada que estavam acostumados a tomar de Cuiabá para Mato Grosso. Mas onde quer que a linha caísse no Guaporé, seguiria por este até ao Mamoré, por este até o Madeira e por este até meio caminho entre a sua embocadura e a do Mamoré; depois partiria leste e oeste por desconhecidos terrenos até chegar ao Javari, seguindo-o até ao Amazonas, e descendo este grande receptáculo de mil correntes até à boca ocidental do Japurá. Aqui subiria pelo meio da corrente, entrando em país mal conhecido dos negociadores, pois que a sua vaga linguagem é que a linha subiria este rio e os outros que nele deságuam e mais se encostam ao norte, até alcançar os cimos da cordilheira entre o Amazonas e o Orinoco, partindo então para o nascente ao correr destes cimos, até onde se estendessem os territórios das potências contratantes. Deviam os comissários olhar bem que a demarcação tomasse a boca mais ocidental do Japurá, de modo que deixasse intactos os estabelecimentos portugueses sobre este rio e o Negro, e a comunicação ou canal entre ambos. Aqui não deviam traficar os espanhóis, nem haviam os portugueses pela sua parte de subir o Orinoco, nem estender-se para a banda do território espanhol quer povoado quer não. Também devia a linha ser tirada o mais para o norte possível, por lagos e rios onde pudesse ser, sem olhar a deixar muito ou pouco a qualquer das duas potências, contanto que ficasse bem definida a raia. Quando se tomasse a linha de um rio pertenceriam as respectivas ilhas à margem mais vizinha.

Deviam os comissários levantar uma planta ao passo que fossem traçando os limites, e conjuntamente pôr nomes às montanhas e rios que ainda o não tivessem, assinando de parte a parte os dois exemplares desse mapa, que faria fé em qualquer questão futura. Para evitar todas as disputas no porvir cedia Sua Majestade Fidelíssima à Espanha a

Colônia do Sacramento e todo o território ao norte do Prata até ao ponto onde agora se concordava que principiaria a linha, com todos os lugares, postos e estabelecimentos que nele se achassem, renunciando todos os direitos à navegação daquele rio, que ficava por conseguinte pertencendo exclusivamente a Castela. Por outro lado cedia Sua Majestade Católica a Portugal tudo o que a Espanha ocupava ou a que tinha direitos em qualquer ponto das terras do monte de Castilhos Grandes, suas abas do sul e costa até às cabeceiras do Ibicuí; e todos os estabelecimentos que a Espanha houvesse formado no ângulo entre a margem setentrional do mesmo Ibicuí e a oriental do Uruguai, e na riba do nascente do Peperi; e o Pueblo de Santa Rosa com qualquer outro que os espanhóis houvessem formado sobre o Guaporé do lado do nascente. E Portugal cedia a região sita entre a foz ocidental do Japurá e o Amazonas, e toda a navegação do Iza, e tudo o que ficasse ao poente deste rio, e a aldeia de São Cristóvão[2], com quantos estabelecimentos tivesse Portugal formado a oeste da linha agora convencionada.

Poderiam tirar-se da Colônia a artilharia, armas, provisões e navios do Estado, mas a todos os outros respeitos devia a praça ser entregue tal qual se achava, ficando livre aos moradores continuar a residir ali sujeitos às leis da Espanha, ou sair com todos os seus bens móveis, vendendo o resto. Os missionários emigrariam das aldeias que a Espanha cedia ao oriente do Uruguai, levando consigo todos os seus bens e todos os seus índios, que iriam estabelecer algures dentro do território espanhol e também os indígenas levariam toda a sua propriedade móvel e semovente, suas armas, pólvora e munições. Seriam as reduções então entregues à coroa de Portugal com suas casas, igrejas e edifícios de toda a espécie, propriedade e posse da terra. Os estabelecimentos que por qualquer das partes tivessem de ser cedidos sobre o Peperi, Guaporé e Amazonas, seriam entregues com as mesmas condições que a Colônia, sendo livre aos índios emigrar ou ficar, mas os que saíssem perderiam os bens de raiz, se os possuíssem. Poderia Portugal fortificar o monte dos Castilhos Grandes, e ter ali guarnição, mas não formar outro qualquer estabelecimento, devendo a barra ou baía que naquele ponto fazia o mar, ficar aberta às nações ambas. Também se declararam comuns a navegação e a pesca dos rios limítrofes. Proibiu-se todo o tráfico entre as duas nações, nem poderiam os súditos de uma potência sob pena de pri-

são por tempo indeterminado, entrar no território da outra sem prévia permissão do governador ou superior do respectivo distrito, exceto em serviço público, e com passaportes. Nenhuma fortificação se levantaria sobre os rios nem sobre os cumes das serras limítrofes; tampouco se formariam estabelecimentos em tais lugares.

Em caso de futura guerra entre as duas potências[3] o que Deus não permita, diz o tratado, desejavam ambos os soberanos que continuassem em paz os seus súditos na América do Sul, sem cometerem o menor ato de hostilidade, nem sós, nem de concerto com os seus aliados. E no caso de não se guardar esta estipulação, seriam punidos de morte irremissivelmente os autores de qualquer invasão, por insignificante que em si mesma fosse, restituindo-se integral e fielmente todo o saque. Nem abriria qualquer das duas potências os seus portos ao inimigo da outra, e menos permitiria passagem pelos seus domínios, embora estivessem ambas em guerra em outras partes do mundo. Esta perpétua paz e boa vizinhança se guardaria não só por terra, mas também em todos os rios, portos, e costas ao sul da ilha de S. Antão, uma das do Cabo Verde. E nenhuma das potências admitiria nos seus portos navios ou mercadores, aliados ou neutros, que quisessem fazer tráfico de contrabando com os súditos da outra. A cessão da Colônia e dos estabelecimentos ao nascente do Uruguai se efetuaria dentro de um ano contado da assinatura do tratado. Nem devia qualquer destas cessões considerar-se como equivalente, uma por outra, mas todas como um arranjo, em que, com vistas no todo, se concordara para bem de ambas as partes.

A linguagem e o teor todo deste memorável tratado estão dando testemunho da sinceridade e boas intenções das duas cortes. Parecem, na verdade, os dois soberanos contratantes ter-se adiantado ao seu século. Procederam com uma lealdade, que quase pode considerar-se coisa nova na diplomacia, e tentando estabelecer perpétua paz nas suas colônias, fossem quais fossem as disputas que entre eles se suscitassem na Europa, puseram um exemplo digno de recordar-se como meio praticável de minorar os males da guerra. Mas no tratado se cometeu um erro fatal, cujas funestas conseqüências tinham de senti-las a Espanha, a América espanhola e o Brasil.

Cede a Espanha sete reduções

A parte de território que ao oriente do Uruguai se cedia a Portugal, continha sete reduções flores-

centes habitadas por uns trinta mil guaranis, não recém-tirados das florestas ou meio reduzidos, e portanto prontos a voltar ao estado selvagem, e capazes de sofrerem-lhe os perigos, privações e trabalhos, porém nascidos como seus pais e avós numa servidão leve, e criados com os cômodos da vida doméstica regular. Todos estes, com mulheres e filhos, com doentes e velhos, com cavalos e ovelhas e bois, tinham como do Egito os filhos de Israel, de emigrar para o deserto, não fugindo à escravidão, mas obedecendo a uma das mais tirânicas ordens emanadas do poder insensível.

Razões para ordenar a retirada dos moradores

Não culpemos porém Fernando de intencional injustiça. Era tal a sua índole que primeiro sofreria ele o martírio do que assinar tão iníquo decreto, se lhe houvera conhecido toda a desumanidade e perversidade. Talvez que, refletindo um momento sobre a matéria, lhe parecesse tão fácil aos jesuítas transplantar uma redução, como à sua própria corte passar-se para Aranjuez ou S. Ildefonso; e os seus ministros que haviam formulado o tratado, entendiam, ignorando as circunstâncias locais, que em país tão vasto nenhuma dificuldade poderia oferecer semelhante transferência. Além disto muitas vezes se tinha visto mudarem-se na América do Sul vilas e cidades de um sítio para outro; mas era quando a primeira posição se reconhecia inconveniente, e enquanto estava a povoação na sua infância; era pois inaplicável o precedente, e contudo o consideravam tal indubitavelmente. Mas por mais prejudicial que fosse a cláusula, fundara-se numa consideração pelos sentimentos dessas mesmas pessoas que ia afetar tão cruelmente. Desvaneciam-se os guaranis dos serviços prestados à Espanha, tendo muito maior ódio aos brasileiros do que os mesmos espanhóis, de modo que português e inimigo eram sinônimos para eles, e portanto transferi-los como súditos para a coroa de Portugal teria sido ingratidão e falta de generosidade. Demais, iria esta medida separá-los dos seus conterrâneos, com os quais em caso de futura guerra entre as duas nações (sucesso demasiadamente possível e até provável em despeito do louvável empenho de evitá-lo) se veriam travados em desnaturadas hostilidades. Deviam pois os negociadores, se é que na estipulação viram alguma dureza, considerá-la o menor de dois males; veio porém indesculpavelmente agravá-la a irrefletida pressa, que declarou ter de efetuar-se a cessão dentro de um ano contado da assinatura do tratado.

Para fazer executar o tratado pela sua parte mandou a Espanha o Marquês de Valdelírios a Buenos Aires. Por parte de Portugal recebeu Gomes Freire igual encargo. Passava este distinto fidalgo, que conservava ainda o posto de governador do Rio de Janeiro e Minas Gerais, por ter sido quem primeiro projetara o tratado. Os indefinidos limites do seu próprio vastíssimo governo entestavam com o território espanhol por toda a linha do Prata ao Mamoré; ele pois mais que ninguém devia desejar remover por meio de uma demarcação todo o motivo de disputa. Também se asseverou contudo o seu fim principal fora obter a posse do país em que estavam as sete reduções, crendo abundarem ali as minas: asserção tão gratuita como absurda. Não faltava então aos portugueses terreno mineral. Mais ávidos de ouro fossem eles do que os primeiros saqueadores de Bogotá e do Peru, ainda assim bem lhes poderiam saciar o apetite os tesouros de Minas, Goiás, Cuiabá e Mato Grosso, e embora não tivessem achado já em tanta abundância o que buscassem, eram por demais experimentados em minas para ir procurá-las nos terrenos baixos do Uruguai. Os motivos do tratado de ninguém se escondem: eram tão óbvios como justos, e de parte a parte foi o convênio ajustado com boa fé, e eqüitativa consideração dos interesses comuns, conforme as noções de ambas; se a mesma eqüidade se houvesse observado para com os guaranis talvez que tudo se houvesse arranjado muito felizmente.

Imputa-se a Gomes Freire esta cláusula do tratado

Tão precipitadamente como se fizera e exigia a letra do tratado, e se não tentou dar à execução esta estipulação cruel, pois que só dois anos depois da assinatura chegaram os comissários espanhóis ao Prata. Entretanto, dirigiram os jesuítas do Paraguai uma representação à Audiência Real de Charcas, obtendo deste tribunal um memorial a seu favor. Da mesma forma recorreram à Audiência de Lima, por cujo conselho mandou o vice-rei uma cópia da representação à corte da Espanha e outra ao governador de Buenos Aires, que a entregassem aos comissários à sua chegada, para que tomassem estes em consideração o negócio, resolvendo, com os fatos diante dos olhos, como proceder de conformidade com as intenções da coroa. Talvez que os jesuítas descansassem com demasiada confiança no merecimento da sua

Representação dos jesuítas contra a estipulação

Ibáñez, 2, pp. 24-7

causa, na influência que antigamente possuíam nas cortes de Madri e Lisboa (não sabendo minada agora essa influência) na probabilidade de que qualquer mudança de ministros ou de disposições fizesse mudar a política das duas cortes, e nos casos fortuitos. Contudo, prepararam-se para obedecer, se obediência chegasse a exigir-se. Convocou o provincial os missionários mais velhos, que, com a exceção de um só, declararam impossível fazer o que se pretendia; mas ele ordenou aos jesuítas das sete infelizes reduções que empregassem todos os meios de persuadir o povo à obediência, e escreveu a el-rei representando-lhe a injustiça e crueldade da estipulação, e a dificuldade ou quase impossibilidade de cumpri-la. Visitou o superior das missões as sete reduções, comunicando em todas, com a maior prudência que pôde, a vontade d'el-rei aos caciques dos índios. Costumados desde muito à submissão sem reserva, e nunca até então chamados a obrar ou pensar por si mesmos, todos mostraram aquiescer exceto um cacique de S. Nicolau: tendo mais pronta do que os seus conterrâneos a penetração, respondeu este com algum azedume, que de seus maiores tinham herdado a terra que possuíam, acrescentando porém não saber se era esta sua resposta acertada ou parva.[4] Devia o superior sentir que uma só faísca, que se ferisse deste modo de pensar, lavraria como fogo na palha, e ao transmitir ao provincial a promessa de obediência dos guaranis, acrescentou como opinião sua, que por causa da índole do povo seria a remoção impossível.

Muriel. Suplemento a Charlevoix, p. 338

Explora-se o país em busca de lugares para os novos estabelecimentos

Era intenção do governo que fossem estes guaranis ocupar o país ao sul do Ibicuí. Convinha à Espanha segurar a posse do cedido território, sobre serem estas as terras mais vizinhas, parecendo como tais a quem desconhecia as localidades, as mais azadas para a transmigração. Mas conheciam os jesuítas o país, e a impropriedade dele para as suas aldeias; na verdade tudo o que fosse pôr em contato mais íntimo com as povoações espanholas os seus índios tornaria mais difícil mantê-los na subordinação e nesses hábitos que, se não exemplos de perfeição cristã, como têm pretendido os economistas da Companhia, eram todavia decentes e inofensivos e a todos os respeitos infinitamente melhores do que os da população espanhola. De cada redução saiu contudo uma partida a reconhecer o terreno sob a direção de um jesuíta, mas após uma penosa

exploração de quatrocentas ou quinhentas milhas de deserto, voltaram todos sem terem descoberto lugar apropriado ao intento. Talvez tivessem sido mais felizes homens que desejassem achar o que buscavam, mas também é certo que situações que poderiam convir a uma colônia ordinária, composta de meia dúzia de aventureiros intrépidos e voluntários, dispostos a tirar das matas e das águas o sustento dos primeiros tempos, não podiam oferecer meios de subsistência a multidões como estas. Extensos pastos eram de mister para as miríades de cabeças de gado. Já quando expulsos de Guaíra[5] pelos paulistas tinham os jesuítas experimentado as fatais conseqüências de uma emigração precipitada, e a lembrança desta tragédia que não podia ser desconhecida entre os guaranis, ainda mais solícitos os tornava de não deixar ocorrer desta vez males evitáveis. Seria possível achar lugar ao norte do Uruguai, na terra das reduções, entre aquele rio e o Paraná? Os missionários daquela banda com a melhor vontade estavam prontos a receber ali os irmãos nesta ocasião de aperto, mas já lhes não sobravam pastos, aumentava-se-lhes desmarcadamente a população, e principiavam até a pensar em mandar colônias para fora. Cederam porém tais considerações prudenciais ante a urgente necessidade do caso; fizeram-se sair outros exploradores e situações se descobriram que, se não excelentes, ofereciam ao menos os requisitos indispensáveis a estes estabelecimentos.

Concordou-se em que o povo de São Luís se retiraria para um sítio entre a lagoa Ibera, o Mirinaí e o rio S. Lúcia. Para o de S. Lourenço propôs-se uma ilha grande do Paraná, que principiando acima das cachoeiras estendia-se até abaixo delas, mas ele preferiu volver a S. Maria Maior, de onde saíra como colônia. O povo de S. Miguel iria estabelecer-se em outra direção, para o sudeste sobre o rio Negro, e o de São João entre o Paraná, o Paraguai e o pantanal de Neembucu. À gente de Los Angeles se assinou terreno ao norte da redução de Corpus Christi. Sobre o Queguai, ao sul, se demarcaram terras aos imigrantes de São Francisco de Borja, e aos de São Nicolau uma situação além do Paraná na curva do rio entre Itapua a SS. Trindade. Contra cinco destas propostas localidades nada havia que dizer, mas uma era evidentemente insalubre e a outra exposta aos charruas, cujas depredações de gado seriam ao princípio mal ainda maior do que as suas hostilidades diretas.

Apologia. Ms. Suplemento a Charlevoix, P. 338

Era isto o que se tinha feito quando ao Prata chegou o Marquês de Valdelírios. Com ele veio Fr. Luís Altamirano, munido de plenos poderes do geral da Companhia sobre todos os jesuítas da América do Sul, e para melhor precaução transferiu-se do Peru para o Paraguai, onde servisse de provincial, Fr. Joseph Barreda, que como estranho ao país e ao povo, por nenhuma consideração pessoal se deixaria influenciar no cumprimento da vontade do soberano. Apenas desembarcado recebeu o marquês das mãos do Governador D. Joseph de Andoanegui as representações das Audiências de Charcas e Lima, e os memoriais apresentados no mesmo sentido pelo Bispo de Córdova, governador do Paraguai e cidade de São Miguel em Tucumán. Todos pintavam a cessão das sete reduções como medida contrária aos interesses da Espanha, aconselhando alguns que se anulasse o artigo. Os jesuítas, em cujo colégio se alojou Valdelírios, não se pronunciaram tão diretamente contra a obnóxia e opressiva medida, mas apontaram as dificuldades que à sua execução se opunham; ponderaram a necessidade do emprego de uma força armada no Rio Negro, para expurgar dos charruas aquela região antes de se estabelecerem ali os emigrantes, representaram que era mister conceder tempo para preparar abrigo à multidão, quando esta chegasse ao terreno assinado e que também pelo caminho de algumas acomodações se careceria, onde pernoitassem, se não os varões e os adultos, ao menos as mulheres e as crianças, os doentes e os velhos. Alcançado o lugar do destino, devia ainda preciso passar-se um ano antes de dar a terra os seus frutos, e assim era de absoluta necessidade igual tempo para se prepararem as coisas, cultivando dobradas searas, mas eles pediam três anos para edificação de casas e roteamento das terras. O comissário respondeu terminantemente que não lhes daria três meses.

Chegam ao Prata os comissários espanhóis

Ibáñez, T. 2, p. 46-56. *Apologia*. Ms. 538-42. Muriel, 338

Percebeu contudo Valdelírios não ser tão fácil como fantasiara a execução do tratado. Foi pois conferenciar com Gomes Freire em Castilhos Grandes, de onde enviou Altamirano às reduções, a fim de fazer valer a sua autoridade sobre um povo ensinado a olhar como seu principal dever a obediência implícita a seus mestres. Ao chegar a Iapego, redução sobre a margem direita do Uruguai pouco abaixo da confluência do Ibicuí, soube o padre ter-se

Insurreição em S. Nicolau

manifestado um espírito de resistência. Principiara entre os são-nicolitas, descontentes com a situação para eles escolhida; era insalubre, diziam, e muito melhor a terra que de seus avós haviam herdado; tinham boas pastagens onde se achavam, bela aldeia e magnífica igreja, e não haviam de deixar tudo para dar lugar aos portugueses. Pacientes como ao princípio se tinham mostrado, viraram-se agora como o verme pisado. E ainda lhes veio inflamar o zelo um indivíduo que tendo recentemente viajado pelo país, sucedeu achar-se então na redução. Quer fosse índio, quer mameluco, possuía ele a inteligência precisa para ter-lhe o tratado desafiado a curiosidade, e assim inteirara-se de todos os fatos e dizeres que a tal respeito corriam entre os brasileiros. Não eram os portugueses, dizia este homem, que lhes faziam mal; esses quereriam traçar a linha da demarcação de detrás do Jacuí à foz do Prata, raia que lhes daria Maldonado, deixando intacto o país das missões, mas os espanhóis antes tinham querido entregar as sete reduções, e pois eram estes que sacrificavam os índios. Não tardou o espírito manifestado em São Nicolau a assumir o caráter de resistência aberta, depondo os índios os seus magistrados, e elegendo outros dentre os que mais resolvidos se mostravam a manter os direitos de todos.

Principia a emigação de S. Miguel

Veio esta notícia excitar grande fermentação em São Miguel. Tinham-se feito os preparativos para a emigração, partindo efetivamente a primeira coluna... quatrocentas famílias com cento e cinqüenta carretas e debaixo da direção do P. Joseph Garcia, velho missionário muito venerado de todos. Houve grandes lamentações à partida, tanto por parte dos que iam, como dos que ficavam ainda, ouvindo-se vozes, que elogiavam o povo de São Nicolau pela sua resolução. Manifestou-se uma disposição para seguir o exemplo deste, mas não progrediu por agora, encetando os emigrantes a sua jornada para o deserto. Contínuas e pesadas chuvas lhes aumentaram as dificuldades e os sofrimentos. Morreram pelo caminho um velho e quatro crianças, cujas mortes, quando não fossem ocasionadas pelas fadigas e falta de abrigo contra as intempéries, foram contudo imputadas a estas causas, que realmente deviam pelo menos tê-las acelerado segundo todas as probabilidades, e logo declarou o povo que não iria mais adiante, pois que se o fizesse, pereceriam todos. Exatamente por este tempo alcançou-os um mensageiro com a notícia de terem

os da aldeia mudado de parecer, resolvendo-se a não deixar os seus campos natais. Talvez que a ausência de Garcia e lembrança de quanto não sofreriam do tempo os que iam de jornada, precipitasse esta resolução. De nada valeu a oposição de Garcia. Voltaram os emigrantes imediatamente atrás com mais rapidez e melhor vontade do que haviam posto na saída, vendo-se o jesuíta obrigado a segui-los. E aqui tomou a insurreição caráter mais feroz. Esteve o povo a ponto de matar o seu primeiro magistrado Cristoval Pairé, por tentar este opor-se-lhe, e somente observando ser mais culpado o reitor Fr. Miguel de Herrera puderam algumas pessoas salvá-lo no momento crítico. Avisado a tempo do perigo que corria, montou este último a cavalo e fugiu, e como mandasse um índio atrás a buscar-lhe o breviário, foi este pobre homem assassinado pelos seus furiosos patrícios. Herrera nunca mais se atreveu a voltar. Foi substituí-lo Fr. Lorenzo Balda, e os guaranis o receberam, mas entre eles viu-se o padre em maior risco do que jamais correra entre os selvagens.

Resolvem os índios das outras reduções não abandonar as suas aldeias

Saíram os são-borjanos com Fr. Miguel de Soto à frente, chegaram ao lugar que sobre o Queguai se lhes destinara, começaram a edificar, e ali permaneceram seis meses; cansados então do não costumado trabalho, e desanimados com os freqüentes assaltos dos índios bravos, voltaram em despeito de todos os esforços de Soto para detê-los. O povo de São João avançou até ao Uruguai, rebentando então o seu mau-humor e as suas suspeitas. Declararam ao jesuíta que bem lhe penetravam os desígnios; vendera-lhes aos portugueses aldeia e os campos, e queria agora entregá-los escravos aos espanhóis, que com batéis os aguardavam no Paraná para levá-los. Procurou o jesuíta responder-lhes com uma gargalhada, mas assim que se retirou para entre as árvores a fim de entregar-se às suas devoções, transpuseram os índios em silêncio uma ligeira eminência, e perdidos assim de vista, deram-se pressa em regressar para a aldeia. Antes que o padre estivesse de volta na redução, já eles tinham eleito novos magistrados, pondo-se em estado de insurreição organizada. Também a coluna de Los Angeles chegou até o Uruguai, mas, exausta a paciência com uma jornada de sessenta léguas, declarou ao jesuíta ter feito assaz para mostrar a sua obediência ao rei, e voltando, foi acolhida dos companheiros com as mais estrondosas demonstrações de alegria. A divisão de São Luís atravessou o Uruguai, encontrando os

charruas, que os jesuítas conciliaram à força de presentes, mas passado o Yapegus, apareceram mais destes selvagens prontos a investi-la. Acabou-se então a perseverança aos imigrantes, voltaram atrás, e de S. Tomé os viu passar Altamirano convencendo-se agora de ser chegada ao seu fim a autoridade dos jesuítas.[6] Foram os índios de São Lourenço os únicos que deram prova de constante obediência. Alcançaram a ilha, que se lhes assinara, por não ter sido possível recebê-los em S. Maria Maior, edificaram uma igreja e prosseguiram calorosamente nos trabalhos, mas o resto, que ficara na aldeia, seguindo o exemplo das outras reduções, mandou-lhes recado, que se queriam mantimento, viessem buscá-lo, pois que mais nenhum se lhes enviaria. Começou então a desertação, até que o jesuíta, vendo-se com cinqüenta pessoas ao seu lado, retirou-se com elas para a redução de São Cosme, sobre a margem direita do braço do rio que forma a ilha.

Apelam os guaranis para o governador espanhol

Provando a obediência dos jesuítas, provavam estas malogradas tentativas também que, por mais dolorosa que fosse a emigração, talvez se houvesse podido realizar, se se tivesse concedido o preciso tempo, tomando-se as devidas precauções, pacificados primeiramente os charruas, edificadas casas, e roteado algum terreno na nova localidade antes de se tentar emigração alguma. Nesta precipitação foi Valdelírios o principal culpado. Se se houvesse bem exposto ao governo espanhol a necessidade da demora, dificilmente teria ele, inveteradamente propenso como era a medidas ditatoriais, expedido ordens peremptórias para a evacuação imediata. E se o apelo que os guaranis fizeram para Andoanegui tivesse chegado às mãos de Fernando, nem a razoável suspeita de terem partido dos jesuítas a sua redação e argumentos, teria tornado insensível à sua força homem tão bom e humano. "Nem nós nem nossos avós", diziam os índios, "ofendemos jamais el-rei ou atacamos as povoações espanholas. Como pois, inocentes como somos, havemos de acreditar que o melhor dos príncipes nos condena ao desterro? Nossos pais, nossos avós, nossos irmãos têm pelejado debaixo do estandarte real, muitas vezes contra os portugueses, muitas vezes contra os selvagens; quem pode dizer quantos dentre eles caíram no campo da batalha, ou diante dos muros das tão bastas vezes sitiada Nova Colônia! Nós mesmos nas nossas cicatrizes podemos mostrar as provas da nossa fidelidade e do

nosso valor. Sempre temos tido a peito alargar os limites do império espanhol, defendendo-o contra todos os inimigos, nem jamais nos mostramos avaros do nosso sangue, parcos das nossas vidas. Quererá pois o rei católico galardoar estes serviços, expulsando-nos das nossas terras, das nossas igrejas, casas, campos e legítima herança? Não podemos acreditá-lo. Pelas Cartas Régias de Filipe V, que por sua própria ordem nos leram do púlpito fomos exortados a não deixar nunca aproximarem-se das nossas fronteiras os portugueses, seus e nossos inimigos. Agora dizem-no exigir el-rei que cedamos a esses mesmos portugueses este vasto e fértil território que os reis da Espanha, Deus e a natureza nos deram, e que há séculos lavramos com o suor do rosto. Poderá alguém persuadir-se que Fernando, o filho, nos ordene fazermos o que tão freqüentemente nos proibia seu pai Filipe? Mas se o tempo e as mudanças tanta amizade fizeram nascer entre inveterados amigos, que desejem os espanhóis presentear os portugueses, não faltam terras com que fazê-lo, essas lhes dêem. Quê! Entregaremos as nossas aldeias aos portugueses, aos portugueses às mãos de cujos maiores tantas centenas de milhares dos nossos foram imolados ou reduzidos à escravidão pior que a morte? É isto tão intolerável para nós, como incrível que fosse ordenado. Quando, posta a mão nos santos Evangelhos, juramos fidelidade a Deus e ao rei da Espanha, os seus sacerdotes e os seus governadores nos prometeram em nome dele paz e proteção perpétua; e agora querem que abandonemos a pátria! Será crível que tão pouco estáveis sejam as promessas, a fé, e amizade dos espanhóis!"[7]

Dobrizhoffer, 1, 19

Perigosa situação dos jesuítas

Sentindo a iniqüidade da medida, bem quisera Andoanegui secundar estas representações, se lho houveram permitido; mas Valdelírios não queria saber de delongas. Também Altamirano é pelos seus irmãos acusado de haver com igual indiscrição feito uso dos seus poderes, e ainda veio o bispo de Buenos Aires aumentar o mal, fulminando um interdito contra as reduções contumazes, proibindo aos jesuítas a administração de todo o sacramento, mesmo o do batismo, mesmo o da extrema-unção, ordens, diz o apologista dos missionários do Paraguai, que Fr. Altamirano e o bispo, como eclesiásticos, deveram ter sabido serem impiedades, que nem a eles era dado impor, nem aos jesuítas obedecer-lhes, e que eram como lançar

azeite no incêndio. Achavam-se agora as sete reduções em estado de declarada oposição ao tratado, revelando-se nas outras vinte e quatro disposições não só para simpatizar com elas, aprovando-lhes a resolução, mas até para apoiá-las na resistência. Publicamente se proclamava que esquecidos do amor devido aos guaranis como filhos seus, lhes tinham os jesuítas vendido aos portugueses as aldeias e as terras, e os magistrados recentemente eleitos a todos proibiram sob pena de morte até o falar em obedecer, ou escutar sobre este assunto os jesuítas, não se sofrendo que pregassem os padres sobre outra matéria que não as leis de Deus. Pouco mais eram os jesuítas agora do que prisioneiros onde pouco antes gozavam de absoluta autoridade[8], tão grande mudança produzira o ressentimento de uma injustiça. Levantou-se o boato de não pertencer Altamirano à Companhia, sendo um português vindo com este disfarce a tomar posse do país.

Trezentos homens abalaram de São Miguel no intuito de dar-lhe a morte, mas um mensageiro enviado por Fr. Lorenzo Balda com a nova deste perigo, lhes tomou a dianteira, evadindo-se Altamirano para Buenos Aires.

Por este tempo chegaram à fronteira do país das missões para procederem à demarcação, cinqüenta soldados portugueses e outros tantos espanhóis com os competentes oficiais, capelães, cirurgiões e homens de ciência adidos à comissão, e um comboio de carretas e bestas de carga com provisões para uma expedição de seis meses. A parte que lhes fora assinada estendia-se de Castilhos sobre a costa à foz de Ibicuí e na execução da sua comissão entraram em S. Tecla, estância pertencente à redução de São Miguel, onde havia alguns guardadores de gado, e uma capela visitada de tempos a tempos por um dos missionários. Souberam disto os são-miguelenses que andavam no encalço de Altamirano, e abandonando como de menor importância o primeiro intento, correram sobre S. Tecla. Sucedeu conhecer Sepé Tiaraiú, alferes da redução e comandante deste destacamento, o capitão espanhol, tendo sido ambos outrora companheiros de viagem. Mandou agora um mensageiro a este oficial pedindo-lhe uma entrevista na capela. Teve ela lugar, e segundo a relação que fizeram correr os inimigos dos jesuítas, respondeu o índio, interpelado para não se opor às régias ordens, que estava longe o rei, nem

Relação abreviada,
P. 5. Ibáñez, 2, 109-38
Muriel, P. 339

os guaranis obedeciam a outras ordens senão às dos seus santos padres; obravam conforme as instruções que tinham do superior e do reitor; Deus e São Miguel lhes dera aquelas terras que possuíam; se a comissão e tropa espanholas queriam seguir avante, podiam fazê-lo, que bem-vindas eram, e todo o auxílio receberiam; mas os portugueses não entrariam no país, que tais eram as ordens do superior. Ainda que houvesse sido esta realmente a linguagem de Sepé Tiaraiú, restava provar que tivesse ela sido autorizada pelos jesuítas, mas a calúnia de quererem eles guardar para si mesmos o país, refutam-na até as palavras atribuídas aos guaranis, pois que se declaravam estes prontos a receber os espanhóis, recusando-se unicamente a ceder as terras aos portugueses.[9]

Chegaram quase ao mesmo tempo a Buenos Aires o capitão deste destacamento e Altamirano. Também Valdelírios para ali regressara de volta de uma conferência com Gomes Freire. Era já manifesto que não entregariam os guaranis, sem que contra eles se empregassem a força, as terras aos seus inimigos hereditários, e em lugar de procurarem evitar maiores males, representando às suas respectivas cortes a inconveniência e injustiça da medida, e a dificuldade de executá-la, saíram-se os comissários com uma formal declaração de guerra contra as sete reduções. Dirigiu Altamirano então uma carta-circular aos jesuítas deste agitado país, ordenando-lhes que inutilizassem quanta pólvora tivessem nos seus depósitos, não deixando que nas suas forjas se fabricassem lanças, setas ou armas de qualquer natureza, e se dentro de certo prazo não pudessem induzir o povo a conformar-se com o tratado, haviam de consumir as hóstias, destruir os vasos sagrados, não fossem ser profanados, tomar os breviários, e recolher-se imediatamente a Buenos Aires para que se não dissesse que era a Companhia que fomentava a rebelião.

Oferecem-se os jesuítas a resignar a sua autoridade nas reduções

1753

Viera Valdelírios da Europa mui prevenido contra os jesuítas, tanto que à sua chegada propusera ao bispo e aos superiores das outras religiões mandá-los render nestas missões por clérigos seculares e regulares até que se executasse o tratado.[10] Sabendo porém quão odiosa e arriscada seria tal substituição, recusaram-se estes a tomar sobre si semelhante encargo. Mas agora que estavam em rebelião aberta, os guaranis, e contra eles se declarara a guerra, o provincial dos jesuítas, vendo em quão difícil e perigosa situação estavam postos os jesuítas, quão infrutíferos ha-

viam sido os seus esforços para persuadir o povo, e como, se escapassem com as vidas se tiraria partido dessa circunstância para caluniar a ordem, dirigiu em nome da Companhia uma resignação das suas missões, não no distrito proclamado somente, mas em todas as reduções dos guaranis, ao governador Andoanegui, e ao bispo, como primeiras autoridades civil e eclesiástica renunciando assim os seus poderes na coroa da Espanha, da qual tinham recebido os padres, e sob a qual os exerciam. Mas tanto o governador como o bispo recusavam aceitar a resignação e Valdelírios insistiu em que não se mandassem retirar os jesuítas. Talvez não quisesse este responder pelas conseqüências de semelhante retirada, talvez esperasse que prestassem eles ainda algum serviço, permanecendo nos seus postos, talvez prevenido como estava contra eles, quisesse que compartissem a sorte dos guaranis, supondo que assim se veriam compelidos a obrar abertamente, em vez de o fazerem debaixo de capa, fornecendo desta sorte inequívocas provas da parte tomada na insurreição.

Romperam no Rio Pardo as primeiras hostilidades. Ali se fortificara com estacada um destacamento de portugueses, e a desalojá-los saíram os guaranis de São Luís, a cujo território pertencia o lugar. Fizeram os portugueses uma surtida para dispersá-los, mas foram recebidos com um chuveiro de setas que lhes mataram alguma gente. O fogo do canhão depressa obrigou os índios a desistir da empresa, mas passado pouco voltaram estes em maior número, tendo obtido reforço de São Miguel, São Lourenço e São João. Trouxeram quatro peças de artilharia de cana, e aproximaram-se assaz para sentir o efeito de outras melhores e mais habilmente servidas.

Começam as hostilidades no Rio Pardo

Entre vários lhes foi morto o comandante, caindo uns cinqüenta nas mãos dos portugueses.[11] Aterrados, responderam os prisioneiros afirmativamente a quantas perguntas lhes fizeram: disseram terem vindo jesuítas com eles, e perguntados por que, quando matavam um português sempre lhe cortavam a cabeça, declararam fazerem-no por assim o recomendarem os jesuítas, visto restabelecerem-se muitos portugueses por mais malferidos que tivessem sido, se os guaranis os não seguravam desta forma.[12] Remeteram-se os prisioneiros para o Rio Grande de São Pedro, a fim de serem interrogados pelo mesmo Gomes Freire[13], e ali achando-se ainda sob a mesma impressão do medo, confirmaram quanto haviam declarado no primeiro inquérito.

Outra expedição empreenderam os guaranis ao Rio Pardo, de onde levaram alguns cavalos pertencentes aos portugueses, espécie de hostilidade para que melhor estavam talhados quando não comandados por algum capitão europeu. Sepé Tiaraiú, que lhes servia de general, deixou-se persuadir a entrar nos quartéis do inimigo para tratar de um resgate, seguindo-o uns trinta dos seus soldados. Capturando-os todos, mandaram os portugueses dizer aos outros índios que os trocariam pelos cavalos tomados. Com ser muito sentida a perda de Sepé, comandante da artilharia e homem de mais do que vulgar valor e talento, nem por isso era fácil aos guaranis efetuar a proposta troca. De aventureiros de várias reduções se compunha aquela coluna, e a consciência do perigo comum não bastava para movê-los a renunciar aos interesses particulares: recusavam alguns entregar o seu quinhão nesta presa, e ainda que se pudesse vencer esta dificuldade não haveria quem tanto se fiasse dos portugueses que quisesse levar-lhes os animais e efetuar a troca, com tão recente exemplo de má fé diante dos olhos. Pensando abreviar o negócio, mandaram os portugueses o mesmo Sepé, escoltado por doze cavaleiros, indo ele também a cavalo, porém nu e sem armas nem esporas. Ficava entre eles e os guaranis um rio de permeio, que Sepé pediu o deixassem atravessar para conferenciar com os seus conterrâneos, e como lhe recusassem, perguntou como havia ele de concertar o negócio sem falar com as pessoas interessadas? Mas com essa astúcia, que faz parte do caráter selvagem disse como por gracejo que se quisesse passar-se para os seus patrícios, ninguém lhe estorvaria. Riram-se os soldados, perguntando-lhe por escárnio, como se haveria. Assim! respondeu Sepé, e incitando o cavalo com o látego e com a voz partiu a toda a brida. Antes que os portugueses se lembrassem de persegui-lo, era tarde demais; fizeram-lhe fogo, e erraram-no.[14] Embrenhou-se ele nas selvas, descavalgou, atravessou o rio a nado, e ao cair da tarde entrava no arraial dos guaranis tremendo e quase transido de frio. Antes do que deixar no cativeiro os prisioneiros, propôs Sepé preencher o número dos cavalos à custa dos pertences à redução, mas restava ainda a dificuldade de efetuar a troca, nem este desordenado exército pôde concordar senão em debandar, retirando-se cada qual para sua casa.

Efemérides, **254-470**

Entram os espanhóis no país retirando-se em breve

Mais sérias operações começaram agora. Concertara-se entre Gomes Freire, que avan-

çariam de Buenos Aires os espanhóis e do Rio Grande de São Pedro os portugueses contra os guaranis rebeldes, como os chamavam. Comandados por Andoanegui saíram os castelhanos em maio, no princípio da estação invernosa, seguindo por terra à margem esquerda do Uruguai, acompanhados *pari passu* por uma flotilha às ordens de D. Juan de Echevarría. Mas chegados ao rio Igarapuí induziu a falta de pastos e de víveres o comandante a desistir de uma empresa, que diziam, de má vontade cometera.

1754

Pretende-se que Echevarría representara contra esta retirada e acusa-se o general espanhol de conivência com os jesuítas. É tão falsa a acusação como a fábula de tratarem os padres de fundar uma república independente por eles dirigida.[15] É porém provável que Andoanegui entendesse que se anularia esta cláusula do tratado, mal a corte se inteirasse dos inconvenientes que ocorriam, e por conseguinte quisesse fazer o menor mal possível no tentâmen de dá-la à execução. Dentro dos limites do território cedido não ficava Iapeiú, a redução de que demais se aproximou na sua marcha, nem os moradores, posto que muito simpatizassem como os seus conterrâneos, tinham até então tomado parte na insurreição. Mas os soldados roubaram-lhes algum gado, e então rompeu a indignação os diques. Impotentes para refrear este espírito, queriam os jesuítas abandonar a aldeia, e acolher-se ao campo espanhol. Não o sofreu o povo, e como sob pretexto de visitar os doentes numa das estâncias, tentasse o reitor evadir-se pelo rio abaixo, foi agarrado e reconduzido com uma corda ao pescoço.[16] Os canoeiros que o levavam passaram toda a noite deitados no chão com as cabeças e pés amarrados a quatro postes, sendo pela manhã açoitados com loros. Quanto ao padre contentaram-se com meter-lhe medo fazendo-lhe fogo de pólvora seca. Quando o então chefe dos guaranis soube do que se passava, mandou logo livrar o jesuíta da perigosa situação em que se achava, pedindo desculpa pelas indignidades a que se vira exposto. Era este novo capitão um certo Nicolau Neenguiru, homem bom, humilde e inofensivo, e excelente tocador de rabeca, que ambicionara tão pouco o cargo para que fora eleito, como para ele estava talhado, não podendo nunca passar-lhe pela imaginação que ia tornar-se famoso nas gazetas da Europa debaixo do título d'el-rei Nicolau do Paraguai.[17] Aventurando-se a acometer um destacamento espanhol deixado perto das cachoeiras do Muguai, conseguiu o povo de Iapeiú apreen-

der algum gado, mas foi perseguido e alcançado, e com menos demência do que teria mostrado o general, passou o comandante D. Thomas Hilson uns duzentos ou trezentos à espada.

Parece que este severo castigo ainda mais exasperou os guaranis. Havia ainda na redução alguns jesuítas, que buscando abafar o pessoal ressentimento, esforçavam-se por persuadi-los à submissão, mas em lugar de lhes escutar as admoestações, tomaram-lhes os índios as chaves dos armazéns, repartindo entre si o que encontraram, algodão e lã, linho e ganga, tabaco, facas, esporas, freios e erva-mate. Apenas sabida a sua triste posição, foram estes padres evocados de tão penosa situação, vindo rendê-los o reitor da Conceição, Fr. Joseph Cardiel, com um companheiro. Foi recebido com todas as demonstrações, repiques de sino, salvas, bandeiras despregadas, depondo-se-lhe aos pés as chaves e os outros símbolos de autoridade. Em tudo prometeram os índios obedecer-lhe, exceto num só ponto, o de sujeitarem-se ao tratado[18], e o padre deixou-se ficar para celebrar as cerimônias de religião, e manter até onde fosse possível as aparências de subordinação. Em São Nicolau tentou Fr. Carlos Fux ler do púlpito uma carta exortando o povo à obediência: mas apenas se percebeu o conteúdo compeliram-no a dar por finda a leitura, e assim que desceu arrancaram-lhe das mãos o papel odioso.

Avançam os portugueses para o Jacuí

Entretanto, avançava da costa Gomes Freire. Ao chegar ao Ibicuí avistou na margem oposta um troço de guaranis, que à primeira descarga da artilharia inimiga se retirou sob o grosso da força acampada a breve distância, e ali concentrada por ser o lugar por onde os índios receavam o maior perigo. Contudo, persuadidos de que a estipulação que tanto os vexava seria anulada pelas duas coroas, logo que estas lhe conhecessem a injustiça e a crueldade, prontamente comunicaram com os portugueses, ajudando-os até atravessar o rio.[19] Ao passo que o general português avançava, marchavam eles em direção paralela, até às florestas sobre o Jacuí, onde aquele resolveu fazer alto, até ler notícia dos movimentos dos espanhóis. Acamparam igualmente os guaranis, que se achavam em miserável insubordinação e desunião, tornando-os o estado de perpétua tutela em que os conservavam os jesuítas, miseravelmente incapazes de obrar por si mesmos quando se requeriam decisão e presteza. O povo de uma redução era por levantar o acampamento, retirando-se cada qual para sua

casa; o de outra por manter-se a posição; e muitas vezes estiveram a ponto de voltar as armas uns contra os outros. No meio destas dissensões freqüentemente desafiavam à batalha os portugueses, e se Gomes Freire houvesse aceitado o repetido desafio, poderia tê-los imolado como ovelhas, mas há razões para supor que os fazia ele mais atilados e valentes do que na realidade eram.[20] A destreza e vigilância dos flecheiros podiam assim o ter feito crer, não sofrendo eles que um só homem se aventurasse impunemente fora das linhas mas com esta atividade prestavam ao general português não intencional serviço, evitando-lhe a deserção, para que muitos soldados propendiam, pelas grandes privações que sofriam. Começava a estação chuvosa, e apesar das inundações e escassez de víveres, mantinha Gomes Freire o seu posto, custando-lhe muito ver malograda a expedição depois de tantos trabalhos e despesas. Diz-se que crescendo as águas fazia ele acampar nas árvores a sua tropa, à maneira de algumas tribos, construindo choças ou tendas entre os galhos, e formando com as canoas linhas flutuantes de comunicação: e assim esteve aquela gente aquartelada dois meses dos três que ali durou a sua estada. No fim deste tempo viram-se três botes virem subindo o Jacuí; os guaranis lhes fizeram fogo com as suas peças de cana, metendo-os a pique, mas prestaram socorros os portugueses, salvando a maior parte da tripulação. Eram os portadores dos despachos em que Andoanegui mandava a Gomes Freire aviso da sua retirada.

Retirada de Gomes Freire

Julgou o comandante português dever então tratar com os guaranis[21]. De bom grado anuíram eles a deixá-lo partir não molestado, sabendo tampouco tirar vantagem da bela ocasião que se lhes oferecia, que ainda foram vender ao inimigo provisões e gado a troco de botões e outras frandulagens. Assim puderam os portugueses retirar-se a seu salvo, separando-se os guaranis, cada bando para a sua redução, onde renderam graças a São Francisco Xavier, voltando às costumadas ocupações como se passado fosse todo o perigo.

Apologia, **115, 56.** *Efemérides*, **304-335**

Nesta campanha, se tal nome merece, não tinham os guaranis mostrado nem tino, nem empresa, nem unanimidade.

Esperanças dos jesuítas

Mas as meras dificuldades tinham só por si desconcertado ambos os exércitos invasores; ganhara-se tempo e com a sua influência em Madri esperavam os jesuítas alcançar a revoga-

ção do tratado. Veio fortificar-lhes as esperanças a nova de ser morto o ministro espanhol Carvajal, evento que facilmente podia acarretar após si mudança na política. Também por intervenção da Providência, como segundo o seu costume acreditavam, os tinha a morte livrado de alguns inimigos em Lisboa. Enquanto empenhavam todos os meios para interessar por si todos os poderes terrestres, falavam aos sentimentos dos espanhóis de Tucumán e do Prata e dos guaranis, invocando publicamente todos os santos que por eles intercedessem, protegendo-os contra os seus caluniadores. Celebraram em S. Fé com nunca vista magnificência a festa do boemo São João Nepomuceno, emprestando as senhoras do lugar todas as suas jóias e pedras preciosas para ornar a imagem, e com procissões e festas em seu louvor eram suplicados os santos favoritos das reduções, cerimônias que, excitando e animando o povo, tendiam até certo ponto para conservação da autoridade dos padres.

Eram estes por demais acautelados e prudentes para acoroçoar os índios por algum ato manifesto, ou mesmo para exprimir pelo triunfo deles o secreto voto, que mal era possível deixassem de fazer, e que, quando não nascido de uma louvável indignação contra a crueldade da intentada expulsão, teria origem no desejo de verem demonstradas a impolítica da medida e a exatidão do seu próprio juízo. Mas a esperança de que no intervalo ganho alguma mudança ocorresse nos conselhos da Espanha, foi ilusória, nem menos falaz a confiança que haviam posto na sua habitual influência sobre as cortes da Península. Recebera essa influência letal golpe. Mais ativos agora do que nunca ela fora viam os inimigos da Companhia abrir-se-lhes diante dos olhos a perspectiva de conseguir os seus fins, tendo-lhes o progresso da razão e da irreligião (então infelizmente inseparáveis nos países católicos) dado uma hoste de prestimosos aliados. Todos os passados crimes, erros e iniqüidades dos jesuítas foram recapitulados contra eles com efeito terrível. Impudentemente ressuscitadas calúnias antigas, inventaram-se mais impudentemente outras novas. Foram os jesuítas acusados de terem estabelecido no Paraguai um império, como domínio seu exclusivo. Afirmava-se defenderem eles este império à força de armas, e, negando todo o preito aos reis da Espanha, posto ali um monarca de sua própria fábrica, Nicolau por nome. Inventavam-se e faziam-se circular histórias deste rei Nicolau. E com tão zelosa malignidade se propagava esta falsidade, que até

moeda se chegou a bater neste nome, fazendo-a passar de mão em mão na Europa como irrefragável prova da acusação[22]. Ignoravam os forjadores deste nefário plano não correr numerário no Paraguai, nem haver ali casa da moeda. Mas lograram prevenir as cortes de Lisboa e Madri contra todas as representações a favor das sete infelizes reduções, sendo os jesuítas vítimas agora de falsidades e imposturas pouco menos atrevidas do que essas por meio das quais tanto se tinham adiantado na autoridade e influência que outrora haviam possuído. A Valdelírios se expediram despachos, dizendo estar averiguado serem os jesuítas a única causa da rebelião dos índios, pelo que já el-rei despedira o seu confessor, que era da Companhia, e se os jesuítas não entregassem logo sem mais resistência as reduções, seriam responsáveis perante Deus pelas vidas que se perdessem, e pelo crime de alta traição perante as justiças civis e eclesiásticas. Entre os dois generais ficara concertado que efetuariam uma junção em S. Antônio, o Velho, entrando por S. Tecla no país dos guaranis. Em princípios de dezembro se pôs Gomes Freire em marcha do Rio Grande, treze meses depois da sua retirada. Levava mil e quinhentos homens, e para esta força, além de seiscentos bois de jugo, três mil cabeças de gado para corte.[23] Poucos mais empecilhos conduz um exército oriental. Não tinham os jesuítas muito que esperar da vigilância e valor dos guaranis, mas se realmente desejavam ver frustrada esta segunda expedição, podiam com razão ter confiado na manifesta dificuldade de conduzir artilharia, trens de bagagem, e manadas de gado através de um país sem estradas, onde havia rios e montanhas que passar e matas por entre as quais só o machado abria caminho. No equipamento da força portuguesa não se olhara a despesa, indo em boa ordem os soldados e em melhor estado de disciplina do que era costume, tendo Gomes Freire conseguido inspirar a alguns dos seus oficiais um verdadeiro espírito militar e consciência dos seus deveres. Todos os dias se dizia missa às duas horas da madrugada, pondo-se o campo em movimento às quatro. Antes de alcançado o lugar aprazado para a junção com os espanhóis viram-se os portugueses em risco iminente. Por algum criminoso descuido lhes pegou a erva fogo na retaguarda quando acampavam numa vasta planície, mas incitados soldados e oficiais pela presença do perigo envidaram os maiores esforços, e mais com os corpos do que com ramos verdes (diz um que ali se achou) con-

Segunda campanha

seguiram abafar o incêndio. Rebentou este segunda vez, e se houvesse levantado vento, todo o país se cobriria de chamas, não escapando provavelmente criatura com vida, uma vez que os favorecia o vento, empregaram o fogo para descortinar uma espessa mata; mal porém começaram a espalhar-se as labaredas, tantas foram as feras e répteis venenosos que de toda parte surgiram, que tiveram de levantar o campo, retirando-se a toda pressa[24]. Em meados de janeiro efetuou-se a junção. Proibiu-se que os soldados de um exército jogassem com os do outro, sendo esta uma causa segura de rixas e derramamento de sangue. Iguais em número eram as duas hostes, e traziam os espanhóis um trem proporcionado de gado. Reinou a maior cortesia e cordialidade entre os dois generais, e entre as tropas boa harmonia, mas olhavam os portugueses com grande desprezo os seus aliados[25], desvanecendo-se da superioridade da sua disciplina e equipamento; nem lhes lisonjeava pouco o orgulho nacional a comparação dos dois generais, porquanto era Gomes Freire homem de presença marcial e muito ativo, sempre a cavalo e alerta, pronto a correr aonde quer que fosse precisa a sua presença, e Andoanegui viajava de coche.

1756

Inatividade dos guaranis

Ficava S. Antônio, o Velho, onde se haviam reunido as duas expedições, no território de São Miguel, sendo talvez a mais remota das suas estâncias, como lugar distante na redução umas noventa léguas. Debaixo das mais favoráveis circunstâncias nunca as tropas avançavam mais do que podia acompanhá-las o gado, mas tantos eram os passos difíceis por selvas, águas e montanhas, que mais de quatro meses se gastaram numa marcha de menos de quatrocentas milhas. E mal teria sido possível executá-la, se fosse vigilante e empreendedor o inimigo. Podia ter-se queimado tudo na frente dos exércitos, de modo que houvera perecido o gado, de que dependia a subsistência deles, e se tivesse espreitado ocasião oportuna para pegar fogo às ervas e juncos, podiam ter-se visto envolvidos pelas chamas sem possibilidade de salvação. Não é crível que se houvessem desprezado esses óbvios meios de vexar os invasores[26], se tivessem os jesuítas dirigido a defesa do país ou intervindo nela. Mas confiavam os guaranis cegamente no seu número e nos seus santos, sendo os únicos que lhes sentiram a animosidade os miseráveis extraviados, que, caindo-lhes nas mãos,

tiveram ocasião de experimentar que a disciplina que privara da sua selvagem coragem estes índios, não extinguiria nele a selvagem crueldade.

Morte de Tiaraiú

Era Sepé Tiaraiú o único caudilho que alguma espécie de talento militar desenvolvia. Tão sagaz como destemido era este homem. Mostrando bandeira branca e pretendendo amizade, atraiu para seu poder um oficial e dezesseis praças, que forrageavam e apanhando-os em lugar onde não podiam opor resistência, trucidou-os todos[27]. A traição, que com ele mesmo se praticara, o teria justificado esta baixeza própria, se ele pudesse suspeitar que de justificação carecia ato semelhante. Matou mais alguns por diferentes vezes em guerra leal, mas depressa teve termo a sua carreira. Acampavam as tropas sobre o Vacacai, rio que entra no Jacuí, e por este na grande lagoa dos Patos. Aventurando-se imprudentemente à curta distância da guarda avançada, foram dois soldados de infantaria portugueses apreendidos pelos guaranis e à vista dos camaradas crivados de feridas, onde quer que no corpo havia espaço para cravar uma lança. Em conseqüência disto teve o governador de Montevidéu, D. Joseph Joaquim Viana, ordem de sair com trezentos homens a castigar o inimigo; constando achar-se este em grande força enviou-se segundo destacamento de quinhentas praças a apoiar o primeiro, mas antes da chegada do reforço tivera lugar um recontro, em que caiu Sepé Tiaraiú. Caiu como um valente; um cavaleiro português o derribou juntamente com o cavalo, ferindo-o com a lança, mas não sem receber também uma ferida, e talvez que Sepé ainda escapasse, se Viana o não matasse com um tiro de pistola, antes que pudesse erguer-se. Fechou entretanto a noite, a favor de cuja escuridão evitaram maior dano os índios.

7 de fev. 1756

Diário. **Ms.**

Carta achada depois da morte de Sepé

Duas cartas, ambas em guarani, se encontraram junto ao morto caudilho, sendo uma de um oficial da estância de São Xavier... "Pelo amor de Deus", dizia o escritor, "não te deixes enganar por esse povo que nos odeia. Se lhes escreveres, dizendo-lhe quão indignado estás contra a sua vinda, quão pouco tememos, e quão numerosos somos, e que ainda que não fôssemos tantos, não o temeríamos, por serem conosco a Santíssima Virgem e os santos anjos. Envio-te uma bandeira com a imagem de Nossa Senhora do Loreto. Podes bem confiar nas orações de todos quantos nos achamos neste

lugar, e especialmente nas das inocentes crianças, que outra coisa não fazem senão implorar Deus a teu favor...” Também se narrava ter o reitor recebido as cartas de Sepé, dizendo todos os dias missa para as tropas diante da imagem de Nossa Senhora do Loreto, fazendo o bom padre Tadeu e o bom padre Miguel outro tanto, e recomendando o mesmo reitor aos índios que tivessem muita devoção com a Maria Santíssima e com o seu padroeiro São Miguel, e se de alguma coisa carecessem imediatamente lho participassem... As passagens em que são tão claramente criminados os jesuítas, bem podem ter sido interpoladas na tradução para servirem ao intento do ministro português que as publicou ou ter efetivamente figurado no original, como artifício para animar os guaranis; mas se atribui aqui, mal se pode crer que deixasse o governo espanhol de puni-los, senão fáceis de provarem-se os fatos, se fatos havia[28].

Relação abreviada. **Documentos, nº 2**

Não tinha assinatura a segunda carta. Como a outra exortava os soldados ao freqüente uso de orações e dos seus rosários. “Apenas se aproximarem esses homens que nos aborrecem”, dizia ela, “devemos invocar a proteção de Nossa Senhora, e de S. Miguel e de S. José, e de todos os santos, e se forem de coração as nossas preces, serão ouvidas. Devemos evitar toda a conferência com os espanhóis, e ainda mais com os portugueses, que de todo o mal são a causa. Lembrai-vos como em tempos antigos mataram muitos milhares dos nossos pais, sem perdoarem nem às inocentes crianças, e como nas nossas igrejas profanaram as imagens que adornam os altares dedicados a Deus Senhor Nosso. E como quereriam tornar a fazer-nos o mesmo, a nós e aos nossos. Não queremos aqui esse Gomes Freire e a sua gente, que por instigação do Diabo tanto ódio nos têm. Foi ele que enganou o seu rei e o nosso bom monarca, e por isso não queremos recebê-lo. Temos derramado o sangue no serviço d’el-rei, pelejando suas batalhas na Colônia e no Paraguai, e ainda ele nos diz abandonemos nossas casas, nossa pátria! Este mandamento não é de Deus, é do Diabo, mas o nosso rei anda sempre pelos caminhos de Deus, não do Demônio: assim no-lo têm dito sempre. Ele sempre nos amou como seus pobres vassalos, sem jamais buscar oprimir-nos, nem fazer-nos injustiças, e quando souber todas estas coisas, não podemos crer que nos mande abandonar quanto temos e entregá-lo aos portugueses: nunca o acreditaremos. Por que não lhes dá de

Buenos Aires, S. Fé, Corrientes e o Paraguai? Por que há de somente sobre nós pobres índios decair a ordem de deixar casas, igrejas, tudo quanto possuímos e Deus nos dera? Se querem conferenciar que não venham mais de cinco espanhóis, e o padre que é pelos índios será intérprete. Desta forma se farão as coisas como Deus quiser, senão será o que quiser o Demo." O mais bem deduzido memorial não exprimiria o sentimento dos índios pela injustiça com que os tratavam, mais vivamente do que esta genuína epístola[29].

Matança de guaranis em Caaibatá

10 de fev. 1756

Severa perda foi para os guaranis a morte de Tiaraiú, pois que se não aproveitava quantas vantagens se lhe ofereciam, também nunca expunha a sua gente. Igualmente acautelado não era Cunhatá de São Nicolau, que lhe sucedeu no comando, e no terceiro dia após a refrega avistaram os aliados a força guarani entre as nascentes de Caziquai e do Vacacai Guazu. Achava-se portada em formidável ordem sobre um outeiro chamado Caaibatá[30]. Formaram os aliados uma eminência a tiro de mosquete, nem travados com tão inespertos adversários, atenderam a que ficava o terreno que pisavam dominado pela posição do inimigo. Enviaram os guaranis um mensageiro propondo que escrevessem os generais aos padres, suspensas as hostilidades até à chegada da resposta que poderia vir no dia seguinte. Afirma-se ter tido esta proposta por fim ganhar tempo até à chegada de reforços, e também na esperança de oferecer-se ensejo para cair de noite sobre os aliados. Este último motivo era pouco provável que influísse sobre homens tão destituídos de espírito militar. Respondeu Andoanegui que para deliberar-lhes daria uma hora, e que se antes de passada esta, retirassem, nenhum mal se lhes faria. Expediram-se ordens para absolver cada capelão o seu regimento, como se renhida ação estivesse iminente. Decorreu a hora: ainda os guaranis mantinham o seu terreno, decerto não por valor, mas por resolução, ou estupidez, ou cega confiança na força da sua posição. A primeira descarga da artilharia inimiga os aterrou: arrojaram longe as armas, puseram-se em fuga, e foram imolados como ovelhas pelos desapiedados perseguidores. Os pobres infelizes que, por evitar as espadas, buscavam refúgio nas árvores, eram derribados pelos mosquetes quais pássaros ou macacos. Mil e quinhentos foram mortos, fazendo-se apenas cento e vinte e sete prisioneiros. Da relação que estes fizeram, viu-se

que não poderiam ter escapado quinhentos, mas quando se quis fazer passar por uma vitória de matança, elevou-se a doze mil o número dos índios[31]. Também se publicou haver sido tomada a artilharia do inimigo, mas sem descrever a natureza desta, para não diminuir o efeito que se queria produzir. Eram as peças feitas de uma cana grossa, que os naturais chamam *taquara*, e cresce ao lado dos riachos, excedendo em altura todas as árvores do país, e levando apenas sete anos a atingir todo o seu desenvolvimento. Cobertas com couros crus, e arqueadas de ferro atiravam estas canas balas de arrátel, podendo causar considerável dano, quando bem servidas[32].

Continuam os índios em armas

Apenas vinte e oito feridos e três mortos tiveram os aliados. Cunhatá caiu no combate, mas apesar da carnificina que entre eles se fizera, não mostravam os guaranis disposição para se submeterem, principiando antes o inimigo a sentir os vexames que a todo o povo é dado infligir aos invasores. Viram estes interceptados os seus despachos, sendo-lhes necessário tomar medidas para se assegurarem um abastecimento regular de víveres, impossíveis de se obterem no país enquanto fossem os guaranis senhores do campo. Resolveu-se pois fortificar uma posição sobre o Jacuí, por onde se recebessem provisões do Rio Pardo. Efetuando isto, prosseguiram na marcha. Nas planícies do Vacaí Mirim, perto da Serra, acharam escrito num poste o aviso de aguardarem-nos oito mil índios[33], mas continuaram a avançar muitos dias sem encontrar sequer a sombra de resistência. Pelos fins de março aproximaram-se de uma serra alta que era mister atravessar. Tinham ali levantado trincheiras os guaranis, parecendo dispostos a defender o desfiladeiro, mas apenas sentiram os primeiros tiros, e viram as tropas sair dos bosques guiadas por um prisioneiro e prontas a investi-los, fugiram como de costume, e tão depressa ao primeiro sinal de perigo, que evadiram-se sem a perda de um só homem. Aqui deixaram ficar mais duas das suas peças, além de lanças, muito poucas das quais tinham pontas de ferro. Também se encontrou o cadáver de um negro desertado do exército, conservando sinais dos tratos horríveis que padecera.

Passagem do Monte Grande

Tinham as tropas de tentar agora a passagem do Monte Grande, serra cujas águas orientais correm para a lagoa dos Patos e lagoa Mirim, e as ocidentais pelo Ibicuí e

Uruguai para o Prata. Existe ali um fácil desfiladeiro chamado de Santiago, mas ninguém da expedição o conhecia, sendo no de S. Martinho que se tornaram tão grandes as dificuldades, e tão excessivas as fadigas, que pereceram os cavalos, desertando a maior parte dos voluntários.[34] Também principiaram as tropas a sofrer muito com o frio, contra o qual vinham mal prevenidas de roupas.[35] Enquanto nesta árdua passagem se trabalhava chegaram cartas de Fr. Inocêncio Herbas, reitor de São Luís, dizendo ter afinal conseguido persuadir à obediência o povo da sua redução: confessavam e lamentavam estes índios quão fatalmente haviam errado, pediam perdão, e suplicando a soltura dos seus conterrâneos prisioneiros, requeriam algum auxílio para a sua emigração. Respondeu Andoanegui que com meras palavras se não apaziguava a cólera d'el-rei, não havendo para a clemência real outro caminho, senão submissão sincera. À Sua Reverência com o cabido da sua aldeia tocava pôr o exemplo. Já o agrado de Sua Majestade devia ser bem conhecido pelos diferentes despachos enviados, e quanto a ele mesmo assaz manifestara a sua disposição com o vagar que punha na marcha.

Carta das reduções ao general espanhol

Cordialmente desaprovava o general espanhol desde princípio a cessão desta província, derramando, segundo dizem, copiosas lágrimas ao ver a matança de Caaibotá, que não estivera nas suas mãos impedir. Previa que não seria permanente o convênio com Portugal e por certo muito se alegraria, se com a morosidade dos seus movimentos conseguisse dar tempo à corte para considerar a crueldade das suas ordens, ou aos guaranis para se desenganarem do perigo e inutilidade da resistência. Mas na passagem da serra era o vagar uma necessidade. Todo o gado sucumbiu ao excesso do trabalho, sendo preciso puxar as carretas por meio de cabrestantes. Enquanto nisto se trabalhava, trouxe um mensageiro uma carta em resposta a alguns dos despachos de Andoanegui; vinha escrita em nome das trinta reduções, artifício com que o seu autor pretendia inculcar terem os índios cristãos abraçado a causa dos seus irmãos oprimidos. Exortara-os o general espanhol a acreditar nos jesuítas, mas a escutarem-no a ele, prometendo-lhes terras melhores do que as que possuíam, e oferecendo-lhes em nome d'el-rei quatro mil pesos pela propriedade, que não pudessem levar consigo. Este, diziam eles, tinha o padre asseverado ser o conteúdo da carta do general, mas não o acreditavam. "Por

que", acrescentaram, "não vos dirigistes desde princípio a nós os caciques e cabidos, em lugar dos padres? Em tal negócio só a nós vos deveríeis haver dirigido, pois Deus Nosso Senhor nos deu estas terras, e o bom rei Filipe V também no-las deu. Há quatro anos que os padres trabalham por persuadir-nos a obedecer a esta ordem, mas nós não quisemos, nem queremos nunca. Em tudo o mais temos obedecido ao que os padres nos ordenavam e de boa vontade, sacrificando por amor deles nossas vidas ao serviço do rei; e o nosso bom rei nos recomendou a vós mesmos, ordenando-vos que nos olhásseis como as meninas de seus olhos, e dizendo-vos que não deixásseis entrar no nosso país esses malditos portugueses. E vós quereríeis presentear esse povo, que sempre nos odiou a nós e ao nosso bom rei? Por que lhe não dais Buenos Aires, S. Fé e Corrientes? Por que expulsar-nos de nossas terras a nós pobres índios? Todos os nossos bons reis nos têm amado, nem expulsariam assim o seu querido povo, e sabendo isto não acreditamos que seja por ordem do rei que há quatro anos nos perseguem. Por que o não disseram aos caciques e cabidos? por que o disseram aos padres? Não é deles esta terra; Deus no-la deu, e por isso não vos obedeceremos no que exigis. Vossas ações, tão diferentes das vossas palavras, maravilharam-nos mais do que se víssemos dois sóis no firmamento. Há cento e vinte e quatro anos que somos vassalos d'el-rei, e em todo este tempo ninguém nos julgou criminosos. Da mesma forma nos não têm os padres-papas achado nunca em falta para com o rei, e por isso rendemos graças a Deus e ao nosso bom rei, que está em lugar d'Ele, e todos os meses pedimos a Deus que o livre dos seus inimigos. Deus Nosso Senhor nos ordena nos seus santos mandamentos, que o amemos sobre todas as coisas, sobre os nossos vizinhos, sobre as nossas vidas, sobre as nossas mesmas almas; e depois que amemos o próximo como a nós mesmos. Que vos dirá Deus a este respeito depois da vossa morte? Que resposta dareis no dia de juízo quando estivermos todos reunidos? Então vereis se estas vossas obras vos trarão bens ou males! Tão estreitas são as contas que Deus nos tomará, que pelo mais leve pecado nos lançará no Purgatório, onde a sua justiça nos terá muitos séculos: sendo isto assim, por tais pecados nos mete Ele no Inferno, que é para onde, senhor governador, vos estão levando vossas obras." E nesta toada prosseguia a carta, não destituída dessa eloqüência que o ressentimento de forte injustiça às ve-

zes inspira ao orador mais rude. Referia com indignação a soma oferecida como indenização pelas igrejas e aldeias que os índios tinham edificado, e pelos campos que haviam cultivado. Se agora se mudassem, diziam, talvez o rei seguinte os argüisse por terem abandonado o país, e lhes ordenasse que voltassem. E acrescentavam que ele, governador, tinha obrigado os padres a serem-lhes falsos, pelo que não esperasse cartas dos jesuítas, pois que a estes se não permitiria escreverem; ainda que fosse o provincial em pessoa tratar de convencê-los a este respeito, só lhes inflamaria mais o horror.

Diário. **Ms.**

Após três semanas de inauditos esforços efetuaram as tropas a passagem do Monte Grande. Achavam-se ainda a umas duzentas milhas das reduções, mas vencidos estavam os principais obstáculos. A 3 de maio apareceu uma considerável força guarani, bem montada, galopando sobre ambas as alas dos aliados, como se intentasse rodeá-los e carregá-los pelos flancos. Dois ou três tiros de peça aterraram de forma tal estes índios, apesar de sua demonstração de valentia, que achando-se perto de uma pantanosa mata, descavalgaram, refugiando-se onde não podia persegui-los o inimigo. Passaram os exércitos a noite toda debaixo de armas, avançaram porém pouco molestados e sem perda alguma até ao dia 10, em que chegaram ao riacho Chiriabi. Aqui se tinham tão habilmente entrincheirado os guaranis, que se supôs ter-lhes alguma mão européia dirigido as operações; mas era que possuíam eles grande talento imitativo e existiam entre eles muitos que haviam ajudado tanto a fortificar Montevidéu como a sitiar a Colônia.[36] Tinham empachado o difícil passo para o rio derribando árvores; plantando um forte que o dominava; levando à margem oposta bem construídas obras de pedra e terra; e plantado com tanto tino uma bateria mascarada guarnecida de peças de pau, que ao inimigo seria impossível descobri-la senão depois de completamente exposto ao fogo dela. E aqui, diz o oficial português, teria o exército sofrido perda, se não aprouvesse a Deus obrar a favor dele um milagre, talvez por intercessão de S. Teresa, com quem tinha Gomes Freire particular devoção. O milagre foi que em demasia covardes para defenderem estas obras que tinham levantado, puseram-se os guaranis em fuga mal viram avançar resolutamente o inimigo, correram abandonando tudo, e

Abandona-se a passagem de Chiriabi

assim que se apanharam a distância segura, começaram a atirar de longe às tropas, desafiando-as com visagens, quais crianças ou macacos.

Chegam os exércitos à vista de S. Miguel

Ao segundo dia depois de abandonada esta última defesa dos guaranis, chegou o exército à vista de S. Miguel, descobrindo-o de sobre a coroa de um outeiro a sete ou oito milhas de distância. Ninguém na expedição mais avesso aos jesuítas do que Viana, o governador de Montevidéu, mas quando agora, olhando por um telescópio para a redução, lhe viu a grandeza (continha sete mil habitantes), a regularidade e asseio dos edifícios, e o majestoso aspecto da igreja, não pôde conter-se que não dissesse dever a gente de Madri estar doida para assim entregar aos portugueses um lugar que a nenhuma vila ou cidade do Paraguai cedia o passo. Ao avançarem avistaram as tropas considerável número de guaranis tanto pela frente como pelos flancos, e formando em ordem de batalha, marcharam sobre eles. Retiraram então os guaranis conservando-se sempre fora do alcance da artilharia. Desejava o general travar-se com eles na esperança de pôr aqui termo à resistência, e mandou dobrar o passo, deixando atrás a bagagem; viu-o o inimigo, destacando logo seiscentos cavaleiros, que rodeando o exército a todo o galope vieram cair sobre ela. Mas tinha-se deixado guarda suficiente para cobri-la, além de que contra gente tão fácil de intimidar-se a menor resistência bastava. Apenas conseguiram os índios aleijar alguns bois. Julgou-se porém melhor fazer alto do que expor a bagagem a segundo ataque e depois acamparam as tropas a uma légua da aldeia. Destacaram-se colunas a dispersar o inimigo mantendo-o em distância, sem se poder avançar nos dois dias seguintes por causa da incessante chuva. Na tarde do segundo dia desgarrou-se do acampamento uma manada de vacas leiteiras, e logo os guaranis que para estas coisas estavam sempre alertas, as apreenderam. Esta audácia provocou os soldados, sobre julgar-se dura a perda, por ser o leite para uso dos inválidos. Enviaram-se a tirar a desforra alguns paulistas, que voltaram com um índio ferido, pedindo este que o não matassem sem confissão. Levaram-no à presença do general, a quem ele declarou que os jesuítas se haviam retirado com as mulheres e as crianças e muitos dos homens, levando o que mais precioso havia, e deixando aos que ficavam instruções para porem fogo à aldeia. Mandou

Dobrizhoffer, 23

Andoanegui pensar e tratar com carinho o ferido, que contudo expirou passadas poucas horas.

No dia seguinte pouco mais que uma milha avançaram as tropas, por terem de transpor um outeiro e algumas correntes que impediam a bagagem, além de principiar-se tarde a marcha e concluir-se cedo. Achava-se o exército agora entre as plantações dos são-miguelenses, onde encontravam cereais de várias espécies, raízes, legumes e outros vegetais, para grande refresco dos portugueses, que não sendo meramente carnívoros, como alguns dos seus aliados, tinham-se por algum tempo visto obrigados a viver só de carne. Depois de acampados trouxe-se uma carta, que um índio, mostrando-a de longe, deixara sobre um poste. Era dirigida ao general espanhol, asseverando estarem os índios prontos a recebê-lo com os braços abertos a ele e à sua gente, mas que devia separar-se dos portugueses, cujo extermínio tinha sido jurado. À boca da noite veio nova missiva pedindo resposta à primeira, para ficarem sabendo os guaranis como deviam proceder. Outro dia se passou sem nada se empreender por causa da chuva, e no seguinte, que era o sexto desde que chegara o exército à vista da aldeia, despachou-se um prisioneiro com uma carta, dizendo que se não voltavam os índios imediatamente à obediência, entregando as sete reduções, seriam todos passados à espada. Pela volta do meio-dia avançaram as tropas, com tantas precauções como se tivessem um inimigo igual em forças com arte militar a observar-lhe todos os movimentos. Ao chegarem a meia milha da praça viram muitos guaranis arrojando de si as armas, e mensageiros vindo implorar a paz; especialmente, diziam estes, a desejava o povo de S. Luís e S. Francisco Borja, e no mesmo sentido apresentaram uma carta em nome do seu padroeiro São Miguel. Disseram-lhes que deviam os padres e os cabidos vir prestar obediência. Acampou o exército no campo de Nossa Senhora do Loreto, enviando um destacamento a ocupar a aldeia, e evitar que os negros e sequazes do campo causassem na igreja algum dano; outro mal não podiam fazê-lo, pois que quando, desesperando de salvar a sua aldeia, tinham os pobres moradores feito sair as mulheres, as crianças, os jesuítas e as alfaias da igreja, pusera cada qual fogo à sua própria casa. Tinham queimado também os depósitos, edifícios públicos, e as casas dos jesuítas, nada deixando exceto a igreja. Muitos dias levara a aldeia a arder apesar das pesadas chuvas e ardia ainda. Nunca a característica morosidade dos espanhóis nas suas operações milita-

Morosidade de Andoanegui e destruição da aldeia

Diário. **Ms.** *Rel. Abrev.* **9.** *Apologia*. **Ms. § 66. Ibáñez, 250.** *Efemérides*, **425**

res se patenteara mais clara do que no procedimento de Andoanegui depois que se avistara São Miguel: com um só cavaleiro que tivesse feito avançar, houvera prevenido esta destruição.

Parece Andoanegui ter reconhecido o seu erro, pois que na mesma noite destacou oitocentos cavalos ao comando de Viana a tomar posse de São Lourenço, que ficava a duas léguas de distância apenas.

Submetem-se os guaranis

Entrou esta força antes do amanhecer, e surpreendidos muitos moradores, foram ali presos também três jesuítas.[37] Foi um deles o Padre Tadeus Ennis, que passava por ter sido mais ativo na rebelião do que nenhum dos seus irmãos, e como se lhe apreendessem todos os papéis, esperava-se obter agora provas plenas contra ele e os seus colegas. Examinados porém esses papéis nada se encontrou que incriminasse pessoa alguma, sendo o padre logo posto em liberdade. No dia seguinte chegou uma carta do reitor de São João, dizendo ter finalmente conseguido persuadir o seu povo a submeter-se; a idade e as moléstias lhe não permitiam a jornada, mas viriam os seus colegas com todas as pessoas principais da redução a solicitar o perdão do general, que acharia em São João bons quartéis de inverno. Não perderam tempo as outras reduções a seguir este exemplo, mas na maior parte dos habitantes, posto que lhes faltassem tino e coragem para defender o seu país, era por demais profundo o ressentimento das sofridas injustiças, para que houvessem de submeter-se, e fugiram para as matas apesar da inclemência da estação. Do povo de São Nicolau se diz que todo, sem uma só exceção, tomara este partido. Em país tão abundante de gado nenhum perigo se corria de faltar o alimento, e quando os guaranis se viram compelidos a correr bravios como seus pais tinham feito, depressa ganharam amor à liberdade e atividade de uma vida de pilhagem os que eram jovens e vigorosos.

Apologia. **Ms. § 45.**

A pedido dos parentes prontamente pôs o general espanhol em liberdade os prisioneiros, mas os são-miguelenses aprisionados nos últimos dias foram considerados mais criminosos do que os outros, e punidos com vinte e cinco açoites cada um. Foi esta a maior pena que se lhe impôs Fr. Lorenzo Balda, que ao lançar-se fogo a São Miguel, acompanhara espontaneamente ou compulsoriamente o seu rebanho para as selvas, veio agora apresentar-se ao comandante. Foi recebido

Expulsão dos que se submetem

com increpações, e retido preso alguns dias: vontade de o incriminar por certo que não faltava, mas também não é menos certo ter-se ele plenamente justificado, sendo depois empregado com Ennis em dirigir a emigração.[38] Difícil não era esta tarefa agora que tanta gente tinha já provado a si mesma. Os infelizes restantes foram recolhidos nas reduções do Paraná, abrigando-se em barracas, tais quais foi possível erguê-las à pressa.

Diário. **Ms. Dobrizhoffer, 29**

Chegou Gomes Freire às reduções tão prevenido contra os jesuítas, que temeu, ou fingiu temer uma intenção de envenená-lo; e quando os de São João o convidaram a ele e a Andoanegui para jantar, recusou comer coisa alguma sob pretexto de indisposição, servindo-se do seu próprio vinho para corresponder ao brinde que lhe faziam. Não durou porém muito este preconceito indigno, e embora mais tarde se invocasse contra os jesuítas a sua autoridade, quando o ministro português resolveu extirpar a Companhia, parecem as suas opiniões a respeito deles ter mudado inteiramente, depois que os tratou no mesmo teatro da sua atividade, e viu a natureza do extraordinário sistema por eles formado. Também se convenceu agora, qualquer que fosse a parte por ele originariamente tomada na determinação da linha de demarcação, de que o arranjo, bem consideradas todas as circunstâncias, não era vantajoso a Portugal. A condição do país lhe dava ótimo pretexto para recusar-se a aceitar a posse, não lho podiam entregar em paz, conforme se esperava ao negociar-se o tratado, nem podia Portugal possuí-lo com segurança enquanto tão grande número de antigos possuidores ficava nas selvas, de onde saía a roubar o gado, aproveitando todas as ocasiões de vingar as perdas sofridas e as ofensas recebidas. Era isto na verdade irrecusável objeção para os que tinham de habitar aquelas casas e estabelecer-se naquelas terras, e enquanto se não sanasse o mal entendeu o general português dever demorar a cessão da Colônia. Nem pela sua parte estava Andoanegui mais ansioso por efetuar uma transferência que desde princípio cordialmente desaprovara. Continuaram pois os dois exércitos aquartelados nas reduções, até que conseguissem os jesuítas reduzir de novo os seus dispersos rebanhos, trazendo-os outra vez ao aprisco, aproveitando ambos os generais o intervalo para promoverem uma modificação do tratado.

Recusa Gomes Freire tomar posse do país cedido

Inquieto com o malogro da primeira campanha enviou o governo espanhol um reforço de mil homens[39] ao comando de D. Pedro Zeballos. Tal era a impressão causada na Europa pelas falsidades e exageradas descrições, que ao chegar a Buenos Aires a esquadra com estas tropas a bordo, julgou-se necessário antes de deixar desembarcar alguém averiguar se estaria el-rei Nicolau de posse da cidade. Partiu o novo comandante sem demora para as missões acompanhado de Valdelírios. Saiu-lhes o superior ao encontro na estrada, requerendo a Zeballos que abrisse uma devassa judicial sobre as acusações feitas contra ele e seus irmãos. Ao chegarem todos a S. Francisco de Borja, vieram os caciques e os oficiais das reduções da outra banda do rio apresentar os seus respeitos, trazendo consigo muitos dos seus próprios índios e também dos imigrados. Para dar tanta solenidade como publicidade aos seus atos mandou Zeballos construir na praça diante da igreja uma espécie de teatro, decorando-o melhor que permitiram os recursos do lugar, e a fama disto ajuntou maior número de espectadores. Aqui tomou assento no dia marcado Zeballos com Valdelírios, Viana e todas as principais pessoas ao serviço civil ou militar dos espanhóis. De intérpretes serviram o capitão de infantaria Joseph de Vila Nova e o corregedor perpétuo de Corrientes Sebastián Casacuzio (ambos bem versados na língua guarani), assistindo ao ato oitocentos soldados espanhóis e quantos índios podia conter a praça. Fizeram os caciques e magistrados os seus discursos, obtendo respostas corteses. Mas concluído isto, ordenou Zeballos com voz imperativa que os interrogassem se desde princípio tinham tido ou não conhecimento das ordens d'el-rei? No caso afirmativo por que não haviam obedecido senão depois de compelidos à força de armas? Se algum jesuíta os tinha persuadido a rebelarem-se, ou dirigindo-lhes as operações durante a guerra, e, sendo assim, quais haviam sido esses jesuítas? Responderam os caciques das sete reduções a quem se tinha transmitido estas perguntas, que desde princípio tinham tido inteiro conhecimento da vontade d'el-rei, que tanto então como muitas vezes depois lhes foi claramente explicada pelos padres; que tinham resolvido obedecer e emigrar, chegando neste intuito a buscar novas localidades; que tinham abandonado este propósito pelo muito amor que votavam a seus lares, seus campos, sua pátria, mas principalmente por verem que não se lhes dava tempo suficiente para transpor-

Chega Zebalos às reduções

Devassa sobre o comportamento dos jesuítas

tarem o seu gado, e proverem-se de víveres para o primeiro ano na nova residência; que indignados com isto tinham determinado antes morrer com mulheres e filhos na sua terra natal, do que emigrar e vê-los perecer de fome no deserto; que os padres nunca tinham deixado de instar com eles, suplicando-os, por que obedecessem; que a rebelião fora ato, obra e culpa deles; que estavam sinceramente arrependidos, confessando agora publicamente que quanto haviam sofrido e estavam sofrendo ainda, era justo castigo de Deus por haverem eles desobedecido aos seus sacerdotes, e especialmente pelos terem encarcerado, ultrajado e caluniado com enormes falsidades. Assim responderam os caciques, e quantos guaranis presentes se achavam, homens e mulheres, clamaram a uma voz e de seu próprio acordo que era aquela a mesma verdade.[40] Do quanto se passou nesta audiência pública lavrou-se um auto-atestado pelo juramento dos dois intérpretes, e para este documento apelam os jesuítas e os seus defensores como plena e decisiva justificação. Facilmente podiam os guaranis ter sido industriados para este ato, não tendo para isto faltado nem tempo nem ocasião, de modo que seria ainda questionável a inocência dos jesuítas, se em melhor prova do que neste depoimento se não apoiasse. Mas apesar de prevalecer tão fortemente em Madri a opinião contra eles, que Zeballos[41] trouxe ordens de remeter para a Espanha onze missionários, como acusados de alta traição, se procedendo devassa achasse motivos para a acusação, nenhum procedimento houve contra membro algum da Companhia, nem se puniu, desterrou ou molestou de qualquer forma alguns deles pelo seu comportamento durante a rebelião. Se eles tivessem sido realmente culpados, não poderiam haver deixado de aparecer provas, e inimigos que não poupassem esforços para convencê-los, também não faltavam. Por mais raro que seja, pois, poder-se admitir a impunidade como prova segura da inocência, é este incontestavelmente um desses poucos casos. E com efeito deve a acusação contra eles parecer incrível a quem refletir sobre o caráter e constituição da Companhia. Se jamais houve perfeita unidade de vistas e sentimentos numa associação de homens, foi nesta extraordinária sociedade. Como os de todas as outras províncias estavam os jesuítas do Paraguai sujeitos ao geral da ordem: da Europa se lhes supriam as necessidades da civilização, na Europa se recrutavam as suas fileiras. Mas não é crível, não é possível, que o geral os acoroçoasse, ou eles (contra o princípio vital da instituição) prescindissem

de tal acoroçoamento, num plano que, se vingasse, devia como uma das suas inevitáveis conseqüências separar do sistema geral aquela província, privando os jesuítas desses suprimentos, sem os quais se extinguiria ali numa só geração a sua ordem. Na Europa tinham eles a sua raiz, e cortar as comunicações com ela seria matar a árvore.

A absolvição plena dada por Zeballos aos jesuítas não foi a única mortificação que Valdelírios teve de sofrer. Tivera ele desde princípio o maior desejo de concluir a sua missão para voltar quanto antes à Espanha e quatro anos eram já passados sem que houvesse a menor perspectiva de terminar o negócio. Suscitaram-se dúvidas sobre a verdadeira linha de demarcação; devia ser traçada pelo Ibicuí, mas o mapa dos jesuítas mostrou haver dois rios deste nome, o Grande e o Pequeno. Havia agora de parte a parte tão pouca disposição para remover dificuldades que qualquer delas parecia insuperável. Não podia Gomes Freire conservar-se por mais tempo fora do Brasil. Os comissários separaram-se sem efetuar coisa alguma: sentiam-se em Lisboa e Madri as despesas da comissão e das tropas[42], mortificados e desgostosos ambos os gabinetes pelos embaraços, vexames e males resultantes de um convênio tão equitativamente intencionado, e que de tão fácil execução se figurava.

Anula-se afinal o tratado

Novas demoras ocorreram em Portugal, em razão do terremoto, da tentativa de assassinato do rei, e da perseguição dos jesuítas, que por algum tempo foi a principal mira da administração de Pombal; na Espanha, em conseqüência dos grandes padecimentos e morte lenta da rainha Maria Bárbara, e do mortal abatimento em que o rei caiu, com o coração despedaçado por esta perda. Sobreviveu ele, como todos quantos o tratavam haviam previsto, alguns meses apenas. Os sentimentos amigáveis, nutridos entre as duas cortes durante o seu reinado, cederam então o passo a outros mui diversos, herdando Carlos III as disposições políticas de sua mãe. Concordaram ambas, contudo, em estarem até aos olhos fartas da demarcação, e como desesperando de poderem chegar a coisa mais satisfatória, assinaram uma convenção, em que declararam nulo o tratado de limites, e restabelecidos em todo o seu vigor os outros anteriores, que por este tinham sido derrogados. Os portugueses julgaram ganhar no negócio, reputando a Colônia de maior importância para os seus interesses do que qualquer alargamento de território para aquelas bandas do sertão, e os espanhóis ficaram contentes também por terem suposto indevida-

mente favorecidos nesta negociação os seus vizinhos pela predileção nacional da rainha, e por contarem em segredo com o meio mais breve e seguro (segundo lhes parecia) de arranjar pela força das armas a questão de limites, resolvendo-a a seu próprio gosto. Os guaranis tão cruel e inutilmente expulsos, tiveram ordem de voltar às suas dilapidadas aldeias e talados campos, onde, reassumindo a sua benigna administração, trabalharam os jesuítas por sanar até onde era reparável o mal que se fizera.

12 de fev. 1761

Walpole Papers. **Ms.**

NOTAS DO CAPÍTULO XXXIX

1 A respeito dos diversos tratados, veja-se o livro de José Carlos de Macedo Soares – *Fronteiras do Brasil Colonial* e *O Continente do Rio Grande*, de José Honório Rodrigues.

2 No mapa grande espanhol vem esta aldeia marcada sobre o Ovaripana, rio cujo curso parece ter sido pouco conhecido dos geógrafos. Fica a meia distância entre o Japurá e o Iza.

3 O Tratado de 1750 (de Madri) é a obra-prima do gênio diplomático de Alexandre de Gusmão. Nesse tratado há dois pontos fundamentais e que, aqui, devem ser destacados: 1) o que estatui o seu art. 21, onde se lê: "Sendo a guerra ocasião principal de abusos e motivo de alterarem as regras mais bem concertadas, querem Suas Majestades Fidelíssima e Católica que (e que Deus não permita) se chegasse a romper entre as duas Coroas, se mantenham em paz os vassalos de ambas, estabelecidos em toda a América Meridional, vivendo uns e outros, como se não houvesse tal guerra entre os soberanos, sem fazer-se a menor hostilidade, nem por si sós, nem junto com seus aliados." E o outro ponto é: 2) o que, desprezando o estabelecido no Tratado de Tordesilhas, abolia "a demarcação da linha meridiana ajustada no Tratado de Tordesilhas de 7 de junho de 1494, determinando-se individualmente a raia dos domínios de uma e outra Coroa da América Meridional". (Valdemar Ferreira). Abolida a Linha de Tordesilhas, diz a proposta de Alexandre de Gusmão, que resolveu a questão dos limites, "que cada uma das partes fique possuindo o que tem ocupado. "Aplicava-se, assim, no Direito Público o instituto do *uti possidetis* do Direito Civil Romano. Com pequenas modificações as fronteiras do Brasil são as traçadas por esse tratado, onde o alto espírito do diplomata santista realizou obra ímpar no seu tempo e modelo para todos os tempos. (P.B.B.)

4 Não passava de uma farsa esse protesto do cacique de S. Nicolau como o demonstraram os ulteriores acontecimentos. (F.P.)

5 *Bandeiras e Bandeirantes em terras do Paraná,* de Romário Martins, sintetiza de forma clara, a conquista do Guaíra pelos paulistas, ou melhor, a integração desse imenso território ao território pátrio. Não fora esta empresa, embora cruel como a classifica Taunay, e a fronteira do Brasil seria o rio Paranapanema. (P.B.B.)

6 Admiramos a ingenuidade de Southey em dar crédito a semelhante estratégia dos jesuítas. (F.P.)

7 Quem há que possa acreditar que os autômatos guaranis tivessem semelhante linguagem? (F.P.)

8 Pobres vítimas! (F.P.)

9 Provada está hoje em toda a evidência a parte que tiveram os jesuítas na sublevação dos povos das Missões: documentos os mais autênticos depõem contra estes regulares, não passando de um ardil essa suposta adesão aos espanhóis, que tanto influiu sobre o ânimo incauto do ilustre Southey. (F.P.)

10 Plantado por eles o espírito de insurreição, bem sabiam os jesuítas que a nem uns outros eclesiásticos obedeceriam os guaranis. (F.P.)

11 Neste negócio, como no de Cárdenas, devem receber-se com extrema suspeita as relações de ambas as parcialidades, pois que nem os jesuítas nem os seus inimigos escrupulizavam com falsidades, quando lhes serviam. O apologista diz que rechaçados retiravam-se estes guaranis, quando, hasteada no forte uma bandeira branca, se deixaram uns cinqüenta persuadir a entrar. Deu-se-lhes vinho, que, sendo a primeira bebida fermentada que jamais haviam provado, imediatamente os embriagou, depois do que foram amarrados durante o sono quais outros Sansões. É em todas as suas partes inverossímil o conto: em primeiro lugar nenhuma necessidade havia de traição, sendo tão fácil fazer prisioneiros entre um inimigo batido e covarde; depois de atraídos à estacada, tampouco custava subjugar os guaranis sóbrios como ébrios estando eles inteiramente à mercê dos portugueses, e receando por demais os mosquetes para que houvessem de oferecer séria resistência; mas só a menção do vinho basta para convencer de falsa a história. Não sendo indígena, tampouco é o vinho a bebida do Brasil. Pode entrar em dúvida se até àquela época teria chegado ao Rio Pardo uma única garrafa, mas que os soldados a tivessem ali em quantidade suficiente para embriagar cinqüenta guaranis, é redondamente impossível.

12 Nas notas ao seu poema refuta José Basílio da Gama esta história; diz ele que eram os guaranis ensinados a ver em todos os portugueses outros tantos feiticeiros, acreditando ter cada um dentro de si o seu diabo, de modo que o único meio de evitar que volvessem a vida depois de morto, era cortar-lhes a cabeça e pô-la a certa distância do corpo. (*O Uraguai*, p. 13) Até calúnias como esta contra os jesuítas achavam voga! Possuo um diário minucioso e fiel da campanha de 1756, e posto que nele algumas abomináveis barbaridades se referem cometidas pelos guaranis, não se encontra um só exemplo de terem estes decapitado os mortos.

13 Dizem que os guardas os trataram crudelissimamente pelo caminho matando para mais de dois terços, e apresentando apenas quatorze vivos pelo que foram aparentemente repreendidos por Gomes Freire mas não castigados. (*Apologia*, § 53) Nas *Efemérides* publicadas por Ibáñez como obra de Fr. Thadeus Ennes (t. 3, 290-293), se encontra relação mui diversa. Aí tentaram os prisioneiros evadir-se pelo caminho quando subiam o rio Pardo, matando o capitão e duas praças da escolta; foram porém afinal subjugados, perecendo quarenta, uns no conflito, outros afogados. Gomes Freire deu a liberdade aos sobreviventes, confiando-lhes cartas para as reduções, com as respostas às quais

deviam voltar. Na *Apologia* se relata o plano de uma cena teatral para intimidar estes índios fazendo-se confessar quanto se pretendia. mas apesar desta estólida invenção admite o apologista tê-los o comandante português tratado com humanidade.

14 Nos seus *Anais da Província de S. Pedro* diz o visconde de S. Leopoldo que o general Gomes Freire restituíra a liberdade ao caudilho Sepé. (F.P.)

15 Não é tão falsa como pretende Southey semelhante asserção, abonada por muitos graves historiadores. (FP.)

16 Que hábeis comediantes eram os jesuítas! (F.P.)

17 Esta fábula foi de invenção jesuítica para arredarem de si a imputação de conspiradores fazendo recair a responsabilidade sobre esse pobre manequim. (F.P.)

18 Contrasta tanta submissão em tudo com a absoluta relutância em único ponto, que, mais que todos, interessava aos jesuítas. (F.P.)

19 Com traiçoeira intenção, segundo as *Efemérides*. Mas se foram os guaranis assaz sagazes para formar o plano de atrair a uma cilada os portugueses, nenhuma tentativa de execução fizeram. Parece esta insinuação, pois, uma das muitas falsidades interpoladas por Ibáñez.

20 Por que não atribuir tal procedimento a magnanimidade do general que conhecia o passivo papel dos guaranis em toda esta trama? (F.P.)

21 Na *Relação abreviada* se admite ter-se visto Gomes Freire compelido a solicitar o tratado e contudo foi este redigido como se fora da parte dele um ato de condescendência e compaixão para com os guaranis. Explica-se isto facilmente. Morriam os índios por ver retirarem-se os portugueses, para poderem fazer outro tanto. Satisfazia-os o tratado em ambos estes pontos, era isto o mais que sabiam, o mais que saber queriam. Formularam os portugueses pois o convênio como bem lhes pareceu representando os guaranis como implorando Gomes Freire que os deixasse partir não molestados, quando o caso na realidade era precisamente o reverso.

22 Na *Apologia* (§ 11) se diz que nas coleções européias existem guardadas muitas destas moedas com a efígie de Nicolau. Dobrizhoffer diz terem elas sido cunhadas em Quito, não podendo quem as via, duvidar da existência do rei, cuja superstição traziam, *verum patuit fraus denique. Ipse harum monetarum cuso J. G, 1760 anno 20 martii, litteras ad regem dedit, quibus fatetur occultis mordacis conscientiae stimulis compelli se ad delengendum flagitium.* Me veo forzado *(verbo sunt Hispani)* por unos secretos remordimientos de consciencia a descubrir esta iniquidad. *Hoc scripto detegitur venalis fidei et profligatae conscientiae vir, a quo ad cudendos Nicolai regis nummos fuerat instigatus. Nomen hujus, et cognomen, tota licet Hispania pervulgatum, P. F. M. M. reticendum putavi ne illi hominum classi, ad quam pertinet, maculam adspergam. Gaditand in urbe versabatur anno 1768.* As iniciais indicam com certeza um padre e provavelmente um frade. Na vida de Pombal escrita em italiano (t. 1. pág. 127) diz-se terem as moedas sido forjadas por D. N. Lac – cavaleiro e Fr. N. Mag – dominicano.

Uma história de Nicolau I fala em medalhas em lugar de moedas. *On frappa même à cette occasion plusierus médailles, qu'on a vues avec indignation en Europe. La première de ces medailles représenta d'un côte Jupiter foudroyant les géans, et de l'autre ou voit le buste de Nicolas I avec ces mots,* Nicolas I roi du Paraguai. *La seconde médaille représenta un cambat sanglant, avec les attributs*

qui caractérisent la fureur et la vengeance. Sur l'exergue on lit ces mots: La vengance appartient à Dieu et ceux qu'il envoie. – Não creio que jamais existissem semelhantes medalhas: o livro que as descreve não contém uma só sílaba verdadeira em outro nenhum ponto, devendo pois supor-se que seja neste congruentemente falso. O seu título é *Histoire de Nicolas I, roi du Paraguai et emperer des Mamelus.* A saint Paul, 1756. Foi impresso na Alemanha e composto por algum impostor faminto e ignorante, menos no intuito de prejudicar os jesuítas do que na esperança de levantar dinheiro à custa da credulidade pública.

Dobrizhoffer imputa a fábula deste rei a Gomes Freire ou a Pombal, não sei bem a qual dos dois: *Nicolas rex illius tantum in cerebro fuit natus, qui tota nas Paraguariâ exturbatos dudum perptavit; ut nobis Hispaniae dominationis illa in provincia acerrimis defensoribus amotis, Uruguayensem, quansa est, regionem Brasailiae adjiciat finitimis.* Mas é gratuita a imputação. O homem em si mesmo de tão pouca importância era, que o seu nome apenas ocorre uma vez na história, que é quando intervém em Iapegu, a favor do pobre jesuíta. Foi aqui provavelmente que se originou a fábula. A prova da sua insignificância é concludente. Suprimida a insurreição, apresentou-se ele voluntariamente a Andoanegui no campo espanhol a responder por si; foi escutado com paciência, e despedido sem castigo algum, sendo pelo contrário até reintegrado no seu antigo ofício na redução. Dobrizhoffer conhecia-o bem, tendo-o visto muitas vezes tanger o gado, e rachar lenha na praça pública. Freqüentemente lhe beijaria Nicolau a mão, pedindo-lhe alguma música nova para a sua rabeca.

Dobrizhoffer diz que toda a história deste rei foi oficialmente declarada falsa na *Gazeta de Madri*; vira ele a folha, e, ou estava muito enganado, ou era de outubro de 1768. Não duvido da veracidade deste escritor, mas falhara-lhe a memória quanto à data. D. Manuel Abella me fez a fineza de percorrer a pedido meu todas as *Gazetas* daquele mês e de alguns anteriores e posteriores sem poder descobrir semelhante declaração.

23 O diário manuscrito de um oficial refere tudo pelo miúdo. Iam na expedição dois regimentos de infantaria, compostos um de 318 praças e de 292 o outro; 325 homens de cavalaria, 113 voluntários de cavalo, 62 ditos peões, que serviam de gastadores; 240 bagageiros, e mais 149 pessoas, incluindo oficiais, sargentos, tambores, comissários e carpinteiros; ao todo 1.499 indivíduos, que recebiam ração; 3.000 cabeças de gado, 600 bois de jugo, 3.750 cavalos, 106 bestas de carga, e 145 carretas de prisões. Além disto havia 59 carros particulares de bagagem, e 280 pessoas, que seguiam o exército, inclusive escravos, todas com seus cavalos, bois e bestas de carga. A artilharia consistia em sete peças de bronze de calibre 2, três de calibre 1, doze carretas de artilharia e três carros de pólvora.

24 Refiro este incidente sobre autoridade oral em que posso confiar inteiramente.

25 As tropas de Corrientes, diziam eles, em tudo se pareciam com os tapes, e as do Paraguai, e S. Fé, e os belendangues eram piores ainda, *e com aquela vulgaridade*, acrescenta o oficial português, *veio o general espanhol ao nosso campo.* Ibáñez faz menção dos *Belendangues, gens formidables à cheval et originaires des villes espagnoles.* Não conheço a origem do nome.

A grande indolência em que os americanos espanhóis tinham caído no século décimo sétimo explica-a Piedrahita, segundo supõe, pelo pouco prêmio que de seus serviços recebiam os conquistadores. Diz ele, *pero está en las Indias tan tibio aquel primer ardor de*

las armas católicas, que a nada se inclinan menos que a nuevas conquistas: si la causa es el poco premio que han tenido los que las ganaran, diganlo sus descendientes; pues a mi solamente me basta para el asunto reconocer quan desgraciadamente sirve, quien sirve lejos de la presencia de quien te puede premiar. Hist. del Nuevo reyno, 1, 1, c. 2.

Em breve caiu no descrédito o serviço militar. Já antes do fim do século duodécimo sexto dizia o velho Bernardo de Vargas Machuca: *El dia de hoy, ya casi no hay ciudadano que no se ria del que sigue la milicia y no solo le rien, pero aún le tienen por falto de juysio. Milicia indiana.*

26 José Basílio da Gama no seu poema representa os guaranis como servindo-se de ambos estes meios, mais foi uma mera ficção poética.*

*Trata-se do poema *Uraguai*, que Basílio da Gama compôs para agradar Pombal, colocando-se, assim, contra os jesuítas, a cuja Companhia pertencia. Capistrano de Abreu, prefaciando a *História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*, de Simão Pereira de Sá, assim julga o poeta: "Um poeta de mais talento que brio cometeu a indignidade de arquitetar um poema épico sobre esta deplorável campanha." (P.B.B.)

27 Se todos foram mortos, como souberam os portugueses a circunstância da bandeira branca, pergunta triunfantemente o autor da *Apologia* (§ 60), prosseguindo numa veia sarcástica, como se houvera demonstrado a absurdidade da relação. De alguns prisioneiros apanhados daí a alguns dias se pode empregar um argumento de má fé sem eventualmente desacreditar o seu autor, e prejudicar a causa à qual devia servir?

28 Como foram efetivamente punidos pela supressão da ordem no tempo de D. Carlos III. (F.P.)

29 Ingenuidade jesuítica. (F.P.)

30 Ou antes Caibaté. (F.P.)

31 Uma testemunha ocular, como foi o autor do *Diário*, não podia cometer o erro de orçar de dois mil os guaranis, se houvessem sido doze mil, além de que refere-se também ao dizer dos prisioneiros. Quanto aos mortos, concorda com a *Relação Abreviada*, avaliando-os em mil e duzentos. O Apologista diz que havia ali apenas 600 guaranis, sem preparativos de defesa, sem ocuparem posição alguma, mas meramente postados na estrada sem ordem militar, acrescentando que dos registros dos jesuítas se prova terem apenas 400 faltado à chamada depois da ação. Infelizmente para o crédito que este autor merece, encontraram os comissários em 1759 uma cruz de pau, erguida pelos jesuítas com uma inscrição em guarani em memória dos que tinham caído. Acha-se esta inscrição impressa na *Corografia Brasílica* de Casal, e é assaz ininteligível para mostrar que os mortos do dia 10 de fevereiro se avaliaram em mil e quinhentos. Na breve narração que faz destes sucessos, toma Casal por uma e a mesma pessoa Andoanegui e Valdelírios.

A esta ação chama a *Relação Abreviada* renhido combate. Na sua singela narrativa desaprova o autor do *Diário* tanto isto, como a imprudente asserção do apologista. Descreve os guaranis como entricheirados à sua moda, tendo segunda linha de obras, para a qual se retiraram, mas sem poderem ali achar segurança, e confessa a crueldade da perseguição. Também diz-se terem-se encontrado aos mortos cartas que provavam fomentarem e dirigirem os jesuítas esta insurreição, iludindo os índios com promessas de mantê-los na sua condição republicana. Os que contra os je-

suítas inventaram estas acusações, deviam ter grande confiança na ignorância daqueles a quem com elas queriam enganar, para esperar fazê-los acreditar que jamais pudessem entrar em cabeça de guarani uma idéia de republicanismo.

32 Referindo aos diários dessa guerra e a testemunhas oculares que pôde consultar assevera o visconde de S. Leopoldo serem de ferro tais peças. (F.P.)

33 Nessa noite foram os portugueses despertados pelo grito de *às armas!* A causa do rebate veio a se ter uma sentinela espanhola disparado a arma, para pegar fogo à isca com que costumava acender o seu cigarro. Por esta ocasião observa o autor do *Diário e é esta a gente com quem estamos fazendo uma campanha com o inimigo à vista todos os dias!*

34 Não julgou o oficial português a perda destes homens grande mal para o exército: *E assim irá toda esta casta de gente, que nem conhece honra, nem sabe mais que outras vilezas.* Muitos destes desertores foram mortos pelos selvagens.

35 *Que é a pior coisa que pode haver para os pobres soldados, que são homens em quem há pouca roupa, e muito trabalho.*

36 "A planta (dizia o general Gomes Freire) bem dá a ver a defesa como estava preparada e se ela é feita por índios, devemos persuadir-nos em que lugar de doutrina lhes têm ensinado arquitetura militar." (F. P.)

37 O deão de Córdova (em Tucumán) D. Gregório Funes (cuja obra pude felizmente conseguir enquanto se imprimia este capítulo) diz que os guaranis resistiram aqui, sendo derrotados, mas o oficial português afirma que foram surpreendidos, sem terem tempo para resistência. É para mim da maior satisfação ver que o modo por que encarei estes sucessos, e em geral toda a história dos jesuítas no Paraguai, vai inteiramente de acordo com as opiniões de D. Gregório Funes, cuja autoridade tem o maior peso, tanto pelo caráter pessoal do autor, como pelas boas fontes onde podia beber informações.

38 Esta longanimidade de Andoanegui é uma prova das suas secretas relações com os jesuítas, de que por mais de uma vez queixou-se Gomes Freire. (F. P.)

39 Tinham sido levantados em Parma, e compunham-se de desertores italianos, franceses, alemães, alguns polacos e até russos... rebotalho e vagabundos de todas as nações. Ao chegarem ao lugar do seu destino, desertaram estes homens o mais depressa que puderam, e tomando mulheres, estabeleceram-se pacificamente num país em que abundava o mantimento, e era perfeita a liberdade. Dobrizhoffer, 1, 41.

40 Eram estes guaranis mais aptos para representarem farsas jesuíticas do que para combaterem em prol do seu domínio. (F. P.)

41 Era este general decidido protetor dos jesuítas e acérrimo inimigo dos portugueses. (F. P.)

42 Nos despachos de lorde Kinnoul se diz que a despesa por parte de Portugal andou por três milhões de esterlinos, deixando exaustas as finanças. É impossível ainda que se metam em conta as perdas resultantes da suspensão do comércio da Colônia durante os anos de disputa. Mas em todo o caso é certo que foram enormes as despesas tanto de Portugal como da Espanha.

. . . .

Capítulo XL

INIMIZADE DE POMBAL AOS JESUÍTAS – SEU IRMÃO, FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, GOVERNADOR DO MARANHÃO E PARÁ E COMISSÁRIO DA DEMARCAÇÃO DE LIMITES – ACUSAÇÕES CONTRA OS JESUÍTAS POR IMPEDIREM ESTA MEDIDA – SUBVERSÃO DO SISTEMA DAS MISSÕES PORTUGUESAS – REGIMENTO DOS ÍNDIOS – EXPULSÃO DOS JESUÍTAS DO BRASIL

APESAR de continuarem a operar na Europa com grande efeito as calúnias tão diligentemente contra eles espalhadas por ocasião da insurreição, obtiveram os jesuítas do Paraguai no seu próprio país um triunfo completo, posto que temporário. Zeballos, que sucedeu a Andoanegui no governo de Buenos Aires, era um espanhol da têmpera antiga, sagaz, valente, resoluto; ambicioso, desapiedado, não cuidoso dos meios por que conseguia os seus fins; mas via muito longe, e se a casuística dos jesuítas concordava com a sua própria norma de proceder, maior simpatia havia ainda entre as vistas políticas de uns e de outros. Nos domínios portugueses foram menos afortunados os missionários, sendo agora das bandas do Maranhão e Pará que principiou essa perseguição, a que nunca mais se deram tréguas até final extinção da

Companhia. A esta perseguição ofereceu ensejo o Tratado de Limites, mas não lhe foi causa.

Caráter de Pombal

Era então ministro de Portugal Sebastião José de Carvalho e Melo, bem conhecido pelo seu subseqüente título de Marquês de Pombal.[1] Outro nenhum estadista do seu século ocupará na história tão proeminente lugar, pois a ele se deve atribuir a ruína dos jesuítas. Pouco invejável celebridade: Pombal será mais lembrado pelo mal que fez, do que pelo bem que inquestionavelmente desejava ter feito. Algumas das suas idéias de D. Luís da Cunha lhe haviam vindo, o mais hábil estadista do século anterior, e durante a sua residência com caráter diplomático em Londres e Viena alguma coisa contraíra ele desse espírito que então começava a infeccionar os círculos da vida elegante e as cortes dos príncipes católicos. O grande e louvável fim da sua ambição era o bem da sua pátria, e a restauração de Portugal, quando não ao império ultramarino que outrora possuíra, pelo menos ao antigo estado de abundância e prosperidade no reino. Ignorância, superstição e intolerância eram os principais obstáculos que a seus desígnios se opunham, e quem em Portugal tentasse remover semelhantes males, contasse como certa com a oposição do clero. Mas não era extinto ainda o originário ciúme entre a cleresia secular e regular; estava esta mesma entre si dividida, sendo o único ponto em que todas as demais ordens concordavam, a inveja e o ódio aos jesuítas. Ora, eram estes os únicos de quem Carvalho se arreceava. Postos eles de parte, nenhum óbice encontrariam os seus planos, e possível lhe seria esmagar os frades, reformar as ordens religiosas, diminuir a influência da cúria de Roma, e pôr a organização eclesiástica de Portugal num pé não incompatível com o bem-estar do reino e progresso da ciência. Mais de cinqüenta anos de idade contava Sebastião de Carvalho ao entrar para o Ministério. Os seus talentos superiores depressa lhe valeram o favor do soberano: sucessos extraordinários e tremendos vieram reclamar o exercício de todos esses talentos, e o ascendente que ele então alcançou sobre o ânimo do rei permitiu-lhe pôr em obra com autoridade absoluta os seus projetos para reforma do reino. Era este um dos objetos, e bem digno por sem dúvida, que ele com paixão se propunha, infelizmente porém não escrupulizava com os meios de consegui-lo, nem os que lhe envenenavam os motivos lhe caluniavam o caráter representando-o sem consciência nem humanidade.

Vendo o miserável estado em que tudo caíra em Portugal, sentiu ele a necessidade de grandes reformas, e a própria índole o levou a medidas atrevidas e violentas, em que, uma vez tomadas, embora dele dissessem os seus inimigos que obrava primeiro e pensava depois, perseverou sempre inflexível. Possuía avantajado quinhão desse orgulho nacional que assinala os portugueses, e tinha também robusta fé nos seus próprios talentos e força de caráter; mas esses talentos eram realmente grandes, nem houve jamais quem se lhe aproximasse sem sentir a presença de um espírito superior e potente. Serviu o seu rei com lealdade e zelo, amou a sua pátria, e bem lhe iria se o desejo do bem público justificasse ações decididamente más e abomináveis. Nesta escusa porém descansava com perfeita equanimidade, como Cila, mas num retiro bem diverso, quando o desfavor, o vitupério, e a mágoa de ver derribados os seus mais sábios planos vieram juntar-se aos males da velhice, de enfermidade e das dores.[2]

O irmão de Sebastião de Carvalho governador do Maranhão e Pará

Por mais que Sebastião de Carvalho desejasse diminuir o poder dos jesuítas, não é provável que ao encetar a sua administração tivesse concebido o mais remoto pensamento de extinguir a Companhia. Mas assim que surgiram sucessos, que pareciam tornar realizável semelhante empresa, cometeu-a com característica e desumana perseverança. Posto que lhe favorecessem os projetos pelo efeito que produziram sobre a corte de Madri, não lhe ofereciam a insurreição dos guaranis, e as calúnias sobre essa base erguidas, pretexto para mexer com os jesuítas achando-se dentro da jurisdição da Espanha as partes acusadas, mas na execução do tratado pela fronteira do norte achou a ocasião que buscava. Nomeou governador e capitão-geral do Maranhão e Pará, e principal comissário e plenipotenciário para a demarcação de limites a seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que apenas chegado a Belém exigiu dos missionários das diferentes ordens todos os índios de serviço das respectivas aldeias, para os aprestos da sua expedição ao rio Negro, onde devia encontrar-se com o comissário espanhol. Segundo as leis só metade destes índios podiam ser requisitados a um tempo, mas Mendonça Furtado, míope e arrebatado como um déspota, nem curou da lei nem das conseqüências de violá-la. Ficaram pois por cultivar os campos das aldeias durante os doze meses que assim estiveram ocupados os índios, e ficaram também sem trabalha-

dores as plantações dos colonos, até que no fim do ano, concluídos os preparativos, foram pobres indígenas distribuídos pelos portugueses, para serviço destes, em vez de serem mandados para suas casas. Fácil era de prever que o resultado seria a fome, que de fato começou a sentir-se no correr do ano para agravo dos outros males. Metade dos seus salários, mesquinhos como eram, deviam ser pagos adiantadamente aos índios: aboliu-se o adiantamento para prevenir a deserção, mas esta quebra de lei excitou entre eles a desconfiança e o desgosto, tornando-os mais sensíveis aos outros agravos, já demasiadamente pungentes, que sofriam: eram minguadas as suas rações, por causa da escassez com que se contava, e irregularmente distribuídas; compelia-os a mais trabalho do que costumavam, queriam, ou talvez mesmo podiam prestar, e desapiedados tratavam-nos os seus feitores como brutos animais. Desertaram pois em grande número, e desta deserção se fez um crime aos jesuítas, como se por intrigas deles tivesse sido instigado.[3]

Apologia. **Ms. § 117, 118**

Afinal partiu Mendonça Furtado com numerosa flotilha, sendo da sua expedição objeto ostensivo encontrar-se no rio Negro com os comissários espanhóis e dar ali princípio à demarcação. A derrota que quem subia o grande rio partindo do Pará seguia sempre, era depois de entrado o Amazonas, demandar a boca do Peru, e ir navegando ao correr da margem do norte, mas o governador tornou a atravessar para a riba direita, onde tinham os jesuítas as suas aldeias, sobre os rios que do lado do sul ali vão desaguar, e com a sua armada de canoas e hoste de sequazes, subiu todas estas correntes, visitando todos aqueles estabelecimentos um por um, como querendo conjuntamente inspecionar e intimidar. O pretexto desta visita foi a carência de mais braços e mais víveres e o não fornecimento de uma e outra coisa na quantidade exigida serviu de novo motivo de queixa contra a Companhia, cuja perda se jurara. Era porém impossível que estivessem os jesuítas preparados para satisfazer semelhante requisição ou receber hóspedes tão devoradores: não contavam com esta visita, nem podiam contar com ela, por ser não só desnecessária, mas até prejudicial às aldeias e à expedição, a esta pela perda de tempo e conseqüente aumento de despesa, àquelas por exaurir-lhes provisões já tão escassas. Recém-chegados do serviço compulsório, em que

Visita o governador as aldeias dos jesuítas

por tanto tempo tinham sido empregados, trabalhavam os índios nas plantações das suas respectivas missões, ao aportar a flotilha: esta necessária ausência foi atribuída aos diretores espirituais, acusados também os jesuítas de terem proibido a plantação da mandioca e legumes no intuito de impedirem e frustrarem a expedição, quando a falta de cultura fora toda e inevitavelmente ocasionada pela requisição de trabalhadores pelo mesmo acusador ordenada.

Apologia, **Ms. § 120,121.** *Relação abreviada* **P. 17-19**

Afinal seguiu o governador para rio Negro, estabelecendo o seu quartel-general em Mariuá, uma das aldeias dos carmelitas, onde aguardou os comissários espanhóis. Dali mandou para o reino um calendário de pesadas acusações contra os jesuítas, formando apenas a menor parte delas as recentes intrigas que lhes imputara. Acusou-os de seguirem um sistema diabólico (foi este o termo empregado), com que trabalhavam por usurpar para si mesmos as possessões ultramarinas de Portugal. Os meios, dizia, para levar a efeito este intento, eram os de excluir dos aldeamentos indígenas os portugueses, mantendo os índios em brutal ignorância, e reduzindo-os a tão desumano e miserável estado de servidão que estavam quase extintos neste infeliz país. Recusavam-lhes o tempo preciso para cultivarem o mantimento necessário a suas famílias, interdiziam-lhes o uso de todo alimento que carecesse de algum preparo, reduzindo-os assim a viver como meros animais só de vegetais e raízes cruas; tinham-nos nove meses do ano nas matas, ausentes de suas famílias, a apanhar produtos em proveito da Companhia; ocultavam-lhes que houvesse um rei de Portugal, cujos vassalos eram, nem lhes davam roupa suficiente por mais somenos que fosse para cobrirem a sua nudez; de modo que enquanto esta tirania durasse nem poderia haver propagação da fé, nem relações sociais, nem administração de justiça, nem agricultura, nem comércio, nem coisa alguma, que aproveitasse à religião católica e à mãe pátria, ou concorresse para preservação da colônia e seus moradores. Pintou-se como não menos enorme que a sua ambição a avareza dos jesuítas, dizendo-se que com as suas usurpações e desumanos monopólios tinham-se eles apoderado dos produtos e comércio do Estado, de modo que era o seu sistema fatal a índios e portugueses.

Acusações contra os jesuítas

Seabra, dedução cronológica. P.I, § 846-7, 853

Falsidades destas acusações

Apesar da sua falsidade e palpável inconsistência foram estas acusações avidamente recebidas em Lisboa.[4] Quem não estivesse de antemão disposto a condenar os acusados, perguntaria como era possível que os jesuítas, se meditavam fazer-se senhores do país, esperassem consegui-lo despovoando as terras, e destruindo esses mesmos braços de que dependeriam, não só para apoio do projetado império, mas até para a sua própria subsistência. Perguntaria, se era provável que estes religiosos, que quaisquer crimes que lhes imputassem, nunca tinham sido acusados de fatuidade, adotassem medidas diretamente tendentes a arruinar o comércio que eles se propunham monopolizar. Duvidaria se uma companhia constituída como a de Jesus, poderia ser influenciada pela espécie de ambição, de que a acusavam, ou capaz de avareza? Os motivos que levam outros homens a cobiçar e acumular riquezas, não eram por certo aplicáveis àqueles. A mais ligeira noção da sua história na América teria mostrado não procederem eles segundo o premeditado plano de engrandecimento que se lhes emprestava.[5] Era isto tão certo que diferiam em economia e constituição os seus diversos estabelecimentos. Adaptavam no mundo novo as suas instituições às circunstâncias locais, e caráter das várias tribos, como na Europa sujeitavam o seu hábito aos costumes dos diferentes países, e tornara-os mercadores a necessidade, porque os produtos que apanhavam ou cultivavam lhes sustentavam essas instituições. Se custeadas as despesas do estabelecimento algum saldo ficava do lucro, a que aplicava? Se o tivesse sido meramente ao fabrico de igrejas, e aquisição de alfaias para elas, decerto não olharia um governo ilustrado nem como indigno nem como pouco importante este objeto. Mas considerando que esses saldos eram igualmente aplicados à sustentação de missões, em cujo progresso estava diretamente interessado o Estado, aumentando-lhe cada novo converso o número dos súditos; à criação de colégios, em que se oferecia instrução gratuita num país onde não havia outros mestres; e à manutenção de padres, que sobre todas as coisas pregavam a obediência às leis, auxiliando o clero secular no cumprimento de deveres, para os quais, mesmo com este auxílio, eram poucos demais os operários: considerando tudo isto, teria um verdadeiro estadista reputado dignos do seu especial favor, proteção e amparo os jesuítas na América. Mas Sebastião de Carvalho formara o seu plano de reforma, e

quanto se lhe atravessava diante havia de ser varrido sem hesitação nem condoimento.

Recebidos os despachos de Mendonça Furtado embarcaram-se imediatamente três regimentos para o Maranhão e Pará, como se ali não menos que no Uruguai fosse necessária uma força militar para a demarcação dos limites. Também foi ordem publicar uma bula, que o Papa Benedito XIV promulgara em 1741 contra a escravidão dos índios. Proibia esta bula a todas as pessoas seculares ou eclesiásticas e a todos os religiosos de qualquer ordem, especificando os existentes no Brasil, e por conseguinte os jesuítas entre eles, comprar, vender, dar ou receber em escravidão os índios, separá-los das suas famílias, privá-los dos seus bens, ou de qualquer modo cortar-lhes a liberdade. Pretendia Sebastião de Carvalho ter sido esta bula fulminada em particular contra os jesuítas com aprovação de D. João V, havendo-se excitado uma insurreição quando o bispo do Pará, D. Fr. Miguel de Bulhões, tentara publicá-la, apesar de nada ter o prelado comunicado à corte para não mortificar o rei prostrado então no leito de dor de que nunca mais devia erguer-se. Mas enquanto, dispersando-se por toda a Europa se propalavam em Portugal estas calúnias, adaptavam os inimigos dos jesuítas no Maranhão e Pará a sua versão às circunstâncias do país e mais exato conhecimento do povo, e ao publicar-se agora a bula em Belém, fizeram matéria de increpação popular contra os jesuítas, ter-se promulgado por influência deles este decreto, que tanto mal ia fazer aos moradores, privando-os dos serviços dos índios.

Publica-se a bula *Imensa Pastorum*

Não se escondia contudo ao povo, que qualquer que houvesse sido a intenção com que se promulgara a bula, contra os jesuítas se dirigia a sua publicação agora, pois que com os mesmos despachos veio um alvará privando de toda a sua autoridade temporal os missionários, e ordenando ao governador que erigisse em vilas as aldeias mais florescentes, e em lugares as outras. Mas embora neste ponto lograssem o desejo do seu coração os inimigos coloniais dos jesuítas, não obtiveram, como queriam, amplo poder para escravizar os míseros indígenas. Dera-lhes Sebastião de Carvalho ouvidos às mesquinhas intrigas, e satisfizera-lhes os desejos até onde coincidiam com os seus próprios desígnios, mas não era homem para prestar-se a intentos alheios. As suas idéias gerais eram vastas,

Vistas de Pombal a respeito dos índios

retas e humanas, formando singular contraste com a mesquinhez, tortuosidade e crueldade das suas medidas particulares, e meios por que as executava. Propunha-se emancipar da servidão os índios, arrancá-los ao seu brutal gênero de vida, civilizar-lhes os costumes, cultivar-lhes as faculdades, e fundi-los com os portugueses brasileiros, de modo que formassem todos um só povo com iguais direitos. Digno da ambição de tão ousado estadista era o projeto, mas destruindo os jesuítas privou-se ele dos únicos agentes por meio dos quais poderia realizá-lo.[6]

Abolição da escravidão dos índios

Dizia a lei que apesar das benévolas intenções e ordens dos predecessores de Sua Majestade achavam-se em estado miserável as aldeias; estavam ali os índios tão longe de se multiplicarem, que nem se mantinham no mesmo número, sendo tal a sua condição que em vez de atrair outros do sertão, os desviava de escutar os que queriam catequizá-los. Vinha isto de se não guardarem as leis para manutenção dos índios no gozo da sua liberdade. Continuavam estes a ser reduzidos à escravidão, sob pretextos dos casos que a lei reconhecia, mas na verdade sem outra razão mais do que a avareza e a prepotência de quem os escravizava, e a ignorância e fraqueza dos escravizados. Por conseguinte ficavam revogados agora todas as leis dos índios de qualquer modo, ou debaixo de qualquer fundamento que fosse, e declarados livres todos os indígenas do Pará e Maranhão, e isentos de toda a jurisdição temporal exceto a das leis a que estavam sujeitos todos os súditos d'el-rei de Portugal. Até ordens ulteriores ficavam excetuados desta emancipação os filhos de negras escravas, cláusula que indica ter Sebastião de Carvalho tido à vista a gradual abolição da escravidão tanto no Brasil como na mãe pátria.[7] Também se decretava para conveniência mútua dos índios e do povo, dos primeiros para que adquirissem hábitos, do segundo para que achasse trabalhadores, que fosse o salário do trabalho regulado pelo governador e autoridades judiciais de Belém e São Luís sob o princípio estabelecido em Lisboa, onde, se, por exemplo, podia um homem sustentar-se com um tostão por dia, eram dois o jornal de um trabalhador ordinário, e três o de um artífice. Pela mesma forma se regulariam nestes estados os salários, pagáveis todos os sábados em pano, instrumentos de ferro, ou em dinheiro à escolha de quem os recebia. As terras adjacentes às vilas e lugares agora criados seriam distribuídas pelos índios, para por eles e seus

herdeiros serem possuídas. No sertão se forneciam outras povoações semelhantes, à medida que se fossem reduzindo os naturais que então cultivariam os artigos, que atualmente só à custa de longas e dispendiosas expedições podiam obter os habitantes do litoral; e assim que esses produtos se tornassem objeto de tráfico com as tribos novamente catequizadas, poderiam os indígenas aldeados sobre a costa, empregar-se ali, mesmo em úteis serviços, em lugar de se consumirem em distantes e penosas jornadas.

Lei de junho 1775

A esta lei seguiu-se o alvará que privava do seu poder temporal os missionários, declarando que nunca poderiam os índios ser postos nessa completa liberdade que se lhes queria assegurar, e da qual tantas vantagens espirituais e políticas se esperavam, sem se estabelecer uma forma de governo determinada e invariável. Além disto, dizia o preâmbulo, era pelas leis canônicas toda a jurisdição temporal absolutamente incompatível com o sacerdócio. Com especialidade estavam inibidos do exercício de tal autoridade os jesuítas pelos seus votos, e os capuchinhos pela humildade que professavam. Como pois poderia Deus ser propício, vendo desprezados os sagrados cânones e as constituições apostólicas? Ou como poderia o Estado, enquanto nele existisse tão anômala e impraticável confusão das jurisdições espiritual e temporal? Não se devia portanto mais sofrer que exercessem os missionários um governo temporal, de que eram incapazes[8]. Nas vilas agora criadas seriam os índios, se para tais cargos os houvesse abalizados, preferidos para juízes ordinários, vereadores, e oficiais de justiça, e nas aldeias, que eram independentes de vilas, governar-se-iam pelos seus próprios principais, que teriam debaixo de si sargentos-mores, alferes e meirinhos tirados do seu próprio povo. Mas quem pelas sentenças destas autoridades se julgasse agravado poderia recorrer para o governador e justiças de Belém e São Luís.

Alvará para tirar aos missionários o seu poder temporal

Alvará de 7 de jun. 1775

Havia por este tempo nos Estados do Maranhão e Pará sessenta aldeias de índios, das quais cinco administradas por padres das mercês, doze por carmelitas, quinze por capuchinhos e vinte e oito por jesuítas.[9] Pela simples operação de dar-lhes novos nomes, e mandar na praça do mercado de cada uma erigir um pelourinho, converteu Mendonça Furta-

Convertem-se as aldeias em vilas e lugares

do estas últimas em nove lugares, dezoito vilas e uma cidade. O pelourinho, que servia tanto de poste para receber açoites, como de lugar de execução, do qual se pendurava o criminoso, ou contra o qual se estrangulava ou decapitava, era nas vilas da península Ibérica um pilar de pedra, de estilo por via de regra burlesco, mas às vezes formoso. Nas margens do Amazonas e seus confluentes bastava um grosseiro poste com duas traves cruzadas no topo. Achando-se presente ao plantar-se um destes pelourinhos, não pôde Mendonça Furtado conter-se, que não exclamasse: "Ora vejam com que facilidade se faz de uma aldeia uma vila!" Um dos circunstantes, talvez algum dos missionários a cujos trabalhos era devida a povoação, atreveu-se a responder que era fácil na verdade, depois de formada e povoada a aldeia. Esta última operação porém era tanto mais difícil. Tentou o governador fundar uma, segundo o seu próprio sistema, mas depois de gastos sem proveito muitos mil cruzados, desenganou-se de que a riqueza e o poder dos governos debalde se empenhavam na empresa de reduzir e catequizar homens brutos, faltando o zelo religioso e a caridade cristã na verdadeira acepção da palavra.

Apologia. Ms. § 82

Odiava Mendonça Furtado os jesuítas, e tirando-lhes essa autoridade, que eles só haviam exercido para fins benéficos, juntou o insulto à injúria, congratulando-os por verem-se aliviados de um ônus, que só a mais perfeita resignação e pureza de intenções os podia ajudar a suportar; agora poderiam servir a Deus com menor provação de paciência. Sabendo que as idéias do irmão iam além da exautoração destes missionários, ardia ele por fornecer motivos de acusação contra homens cuja condenação estava de antemão lavrada. Achavam-se sem paga as tropas que deixara no Rio Negro, e miseravelmente providas de rações e roupa. Nenhuma medida tomara ele para fornecer-lhes o preciso, nem os carmelitas se esforçavam por prover de remédio o mal, como o conhecimento do próprio interesse os devera aconselhar a fazer. Afinal, vendo-se destituídos de tudo, amotinaram-se os soldados. Elegeram para seu capitão um certo Manuel Correia Cardoso, e arrombando a caixa militar, que Mendonça deixara vazia antes de partir, roubaram os armazéns, saquearam e incendiaram as missões vizinhas, e afinal desertaram, indo procurar fortuna na província espanhola dos omáguas. Tudo isto imputou o governador

Levante das tropas no Rio Negro

aos jesuítas acusando-os de terem despovoado as suas aldeias, e destruído os seus depósitos de víveres, só para porem em aperto as tropas do Rio Negro, e provocá-las à deserção; como se os carmelitas, cujas aldeias ficavam sobre aquele rio, não fossem os culpados, se é que a alguém se podiam pôr culpas exceto ao governador, cuja negligência era manifesta. Também os acusou de terem induzido a desertar os índios daquele armamento, esquecendo que ninguém carece de instigações para furtar-se a um serviço compulsório e pesado; de terem removido os índios estabelecidos perto do lugar marcado para reunião dos comissários, sem lhe ocorrer ou importar o fato de não possuírem os jesuítas aldeamentos a muitos centos de milhas daquele lugar, nem por conseguinte influência ou meios de a exercerem. Igualmente lhes fez crime das hostilidades ocorridas alguns anos antes entre eles e os carmelitas, como se tivessem eles sido os primeiros ou os únicos delinqüentes. Além disto imputou-se-lhes aqui, como no Paraguai, o desígnio de estabelecerem um domínio independente e exclusivo; foram acusados de fazerem com os índios tratados em seu próprio nome, prometendo que os que os reconhecessem por senhores ficariam isentos da autoridade do governador. Acrescentava-se que se tinham eles apercebido para resistir às armas d'el-rei, e que a Trocano, hoje vila de Borba Nova, chegara no caráter de missionário um alemão com duas peças de artilharia. Efetivamente ali tinha estado um missionário, e os canhões eram duas pecinhas para defesa da aldeia. Ninguém diria não serem elas necessárias naquele lugar, situado à margem direita do Madeira, umas cem milhas acima da sua embocadura, exposto aos ataques dos ferozes muras, e não menos ferozes mundurucus, que embalsamando as cabeças dos inimigos, como troféus as penduravam nas suas câmaras, exigindo-se dez destas provas de valor pessoal como qualificação para cacique.

Apologia. **Ms. § 121, 126.** *Anedoti di Pombal.* **L..1, §120.** *Relaç. Abrev.*, **5,23. Casal., 2, 317**

1756

Mandam os jesuítas para o reino um memorial contra o governador

Por todos estes motivos de acusação, dos quais os que não eram absolutamente falsos, não passavam de frívolos, foram remetidos como presos de Estado para o reino os jesuítas mais hábeis, que por isso mesmo eram os mais obnóxios. Andavam os jesuítas no Maranhão acostumados a verem-se alvo de calúnias e perseguições, pelo

que esperavam, como de outras vezes, alcançar justiça apelando para a coroa. Mas não havia agora um Vieira que os defendesse, nem um João, o *libertador*, que lhes escutasse as queixas. Mandaram para o reino um memorial contra o governador, para ser apresentado a el-rei pelo seu confessor, mas apesar de chegar às mãos do soberano, nenhum efeito surtiu este papel, sendo logo comunicado a Sebastião de Carvalho.[10] Continha entre outros documentos, uma representação do Conselho das Missões a favor dos missionários, na qual haviam tomado parte os superiores de todas as ordens, até este ponto igualmente lesadas, mas o ministro atribuiu-a unicamente aos jesuítas como primeiros motores. Nenhuma dificuldade achou Sebastião de Carvalho em induzir os outros ministros, que todos eram na realidade criaturas suas, a concordar com ele aconselhando que homens tão ativos em todas as medidas sediciosas deviam ser privados de toda a autoridade não só temporal, mas também espiritual, e deportados do Maranhão, e por mais contrária que esta medida fosse à política e proceder de todos os seus predecessores desde a fundação da Companhia, a ela teria D. José I anuído sem hesitar, se o não houvera dissuadido a rainha-mãe D. Maria Ana da Áustria. Mas com a demora não melhorou a condição dos jesuítas. A lei, que os privara da sua autoridade temporal, tirara-lhes como conseqüência imediata os meios de subsistência, a este respeito porém afetara igualmente todas as ordens, que portanto se uniram pedindo por intermédio dos seus superiores ao governo uma consignação do tesouro. A esta razoável súplica fez Mendonça Furtado ouvidos surdos. Pediram então que pelo menos lhes permitissem empregar quatro índios de cada aldeia, mediante o salário determinado, em caçar e pescar para elas, e afirma-se que também isto se recusara. Nada restava pois aos frades senão tomar dos breviários e partir. Era isto o que queria o governador, e também o bispo desejoso de alargar a própria autoridade, substituindo o clero secular ao regular. Alguns padres poucos, e esses não da melhor nota, havia já na terra, e com uma fornada remetida de Lisboa se supriu a deficiência. Não se lhes deixava escolher, obrigava-os ao serviço, por um processo sumário, que se instituía em Portugal, quando esse mesmo se não dispensava. Se alguma seleção se fazia não era dos homens mais aptos para o cargo, mas dos que pela sua ignorância e vida escandalosa pareciam mais dignos de deportação.[11]

Medidas eram estas capazes de perturbar no Céu o espírito de Vieira, se nada tivesse havido para mitigar o mal. Mas cumpre recordar que a principal mira da política de Sebastião de Carvalho era o bem da sua pátria, e que como meio que se lhe figurava indispensável para este fim, promovia ele a ruína dos jesuítas.[12] Errado como muitas vezes andou, e por demais descuidoso da justiça e da humanidade, era vasto o seu espírito e dignas de melhor homem teriam sido as suas vistas genéricas. Pela que tocava à gente de cor fora sempre o sistema colonial de Portugal mais feliz do que o de outro nenhum país, bem que talvez não mereça a qualificação de mais sábio, por ter sido filho da necessidade. Vivia a raça, não branca, em todos os seus graus, isenta dessas odiosas incapacidades que nas colônias espanholas a degradava, e índios e negros tinham sido condecorados com honras e admitidos a cargos de autoridade e confiança. Mas a Sebastião de Carvalho estava reservada a empresa de fundir índios e portugueses brasileiros, de modo que se tornassem um só povo. O plano por que ele se guiava era em certos pontos desassisado, mas em nenhum tanto como na remoção das pessoas que com mais proveito e melhor vontade teriam trabalhado na educação e adiantamento desta raça tão oprimida. Não chegou o plano a produzir todo o esperado efeito, mas prova que em certas coisas se tinha Sebastião de Carvalho adiantado não só ao seu país mas até ao seu século, e a qualquer luz que se olhe o teor geral do seu ministério, cumpre reconhecer em sua honra, que ninguém mais do que ele pugnou pelos direitos dos índios, promoveu-lhes a emancipação, esforçou-se por melhorar-lhes a condição.

Regimento dos índios

Os regimentos que para este fim decretou Sebastião de Carvalho, foram primeiramente publicados no Pará. Começa este memorável código por declarar que não podiam realizar-se imediatamente as humanas intenções d'el-rei, pondo os índios debaixo do governo dos seus respectivos maiorais, por causa da deplorável ignorância em que haviam sido criados. Devia pois o capitão-geral, até mostrarem-se eles capazes de a si mesmos se dirigirem, nomear-lhes para cada aldeamento o seu diretor, olhando bem que fosse homem de inteireza, zelo, prudência, bons costumes, e versado nas línguas indígenas. A autoridade temporal em que a lei investira agora os magistrados nas vilas ultimamente

Diretório. 3 de maio

criadas e os principais nas aldeias independentes, de modo nenhum seria exercida por estes diretores, que nenhuma jurisdição coercitiva teriam, sendo meramente diretivo o seu poder: mas se o diretor percebesse nos magistrados remissão em punir os delitos com a severidade que exige o bem público, devia admoestá-los ao cumprimento do seu dever, e se ainda não se emendasse queixar-se-ia ao governador e aos ministros da Justiça. Recomendava-se contudo que fosse a pena dos delitos sempre a mais leve que a lei permitisse, e além disso executada com clemência, para que o medo não induzisse os índios a fugir para as matas, recaindo na perdição do gentilismo. Era inegável acharem-se eles destituídos não só dos decentes cômodos da vida mas também do verdadeiro conhecimento dos mistérios adoráveis da religião, vivendo tão barbaramente como se estivessem no meio das suas florestas natais, e continuando a praticar as maiores abominações da gentilidade. Ora o principal desejo d'el-rei era cristianizar e civilizar este povo infeliz, e efetuá-lo devia ser o primeiro cuidado dos diretores de aldeia. Pertencendo a parte religiosa ao bispo, só teriam os diretores neste particular de dar exemplo de veneração e respeito aos sacerdotes, e fazer com que fosse seguido esse exemplo, mas civilizar os índios era sua especial tarefa.

Deviam ter por um dos seus principais cuidados a vulgarização da língua portuguesa, não sofrendo que crescessem as crianças sem conhecerem outra além da tupi, que até então prevalecera, em despeito das repetidas ordens de Lisboa, e com total ruína do Estado, dizia o regimento, tanto no espiritual como no temporal. Esta prática, originada entre os primeiros conquistadores, declarava-se invenção abominável e diabólica para privar os índios de todos os meios de se civilizarem. Em cada aldeamento haveria duas escolas, uma para cada sexo, onde ambos se instruíssem nos rudimentos da fé e em ler e escrever, aprendendo mais os rapazes a aritmética e as raparigas a fiar, coser, e outras prendas próprias delas. Os mestres e mestras seriam pagos pelos pais, ou por quem os ocupasse, por uma taxa fixa em dinheiro ou gêneros, devendo porém o pagamento regular-se pela atual miséria dos índios. Onde não aparecesse mulher que pudesse servir de mestra, freqüentariam as raparigas a escola dos rapazes até a idade de dez anos, para que mais facilmente aprendam a língua portuguesa.

Recomendava-se aos diretores que prestassem o devido respeito a todo o índio revestido de algum cargo público, conforme a graduação de cada um, tendo contribuído muito para o aviltamento da raça o modo por que se compeliam as pessoas mais principais entre os indígenas a servir de pilotos e remar nas canoas, com escandalosa violação das leis. Nem mais se podia tolerar clamorosa injustiça de chamá-los negros, parecendo esta designação indicar que a natureza os criara para escravos dos brancos, como a respeito dos africanos se acreditava. Outra causa de aviltamento era não haver nas aldeias um só índio que tivesse sobrenome, mas para fazê-los compreender que iam ser postos agora em pé de igualdade com os brancos, se lhes poriam apelidos portugueses, sendo moralmente certo, dizia a lei, que quando eles tiverem os mesmos nomes e sobrenomes que os brancos e outros moradores civilizados, mais dispostos estarão a imitá-los, entregando-se a hábitos de vida úteis e virtuosos. Da mesma forma não podendo entrar em dúvida que a indecente prática de arrebanhar famílias inteiras num só buraco, contribuía para embrutecer aquela gente, deviam os diretores pôr todo o cuidado em extirpar este perniciosíssimo costume, e persuadir os índios a construir as suas casas à moda dos portugueses com aposentos separados. Outra causa da inferioridade daquele povo era a embriaguez, vício tão geral, que mal havia um índio isento dele. Deviam os diretores exortá-los a corrigir-se, advertindo-os de que os que o não fizessem se inabilitariam para os cargos honrosos que desejava el-rei conferir-lhes. Mas em todas estas medidas de reforma deviam os diretores proceder com brandura, não fossem os índios por desgosto ou medo fugir da Igreja e recair no paganismo. Deviam também acoroçoá-los a vestir-se segundo a sua categoria, não sofrendo que alguém andasse nu, especialmente as mulheres, como então era quase em toda a parte costume, para vergonha da humanidade.[13]

Deviam os diretores explicar aos índios que a sua atual miséria era conseqüência da sua falta de indústria, e que os estados só são populosos, respeitados e opulentos na proporção em que é industrioso o seu povo. Os que mais industriosos fossem seriam pois os preferidos na distribuição das honras, dos privilégios, dos cargos. Se para subsistência e emprego dos índios se não houvessem assinado terras suficientes, representariam os diretores ao governador para se alargar a sesma-

ria, e olhariam por que todos sem exceção fizessem plantações de maniba, não para gasto das suas famílias somente, mas também para abastecimento do campo do Rio Negro, da cidade de Belém e das guarnições, ficando bem entendido que visto a farinha de mandioca ser pão naquele país, e o fundamento do comércio, devia também ser primeiro e principal cuidado dos diretores fazê-la cultivar em abundância. Também deviam os índios plantar feijão, milho, arroz e outros esculentos, que aquelas férteis terras produziam, obviando-se assim ao alto preço dos gêneros alimentícios que nos últimos anos quase havia sido a ruína do importante tráfico do sertão. Com especialidade se recomendava aos diretores introduzissem a cultura do algodão, como de artigo de primeira importância; também a do tabaco devia animar-se, mas demandando esta mais laborioso processo, acenar-se-ia aos índios com a perspectiva da honra e do proveito, considerados como com maiores direitos a preferência os que maior proporção colhessem. Talvez toda a diligência dos diretores não bastasse para superar a inveterada indolência de um povo desde tanto tempo aviltado e embrutecido; e pois devia cada um remeter anualmente ao governador uma relação de todas plantações existentes no seu distrito, nomes dos cultivadores, e indicação das colheitas, com especificação dos indivíduos que se houvessem descuidado de seus deveres agrícolas, para que por este documento soubesse o mesmo governador quem premiar e quem punir.

Sendo baldadas todas as providências humanas, dizia a lei, se as não protege o braço da divina onipotência, era necessário, para que Deus abençoasse o trabalho dos índios no amanho de suas terras, pôr termo nos seus aldeamentos ao diabólico abuso de não se pagarem dízimos. Acrescentava a lei que reservara Deus para si e seus ministros esta parte dos frutos da terra, mas não dizia que nas colônias portuguesas tinham os dízimos sido concedidos à Coroa pelo papa, e que era o governo que pagava ao clero, arranjo nem em vantagem dos padres nem do povo. Era com vistas na renda, não no apoio e propagação da religião, como queria inculcar este hipócrita preâmbulo, que se organizou um regimento para rigorosa arrecadação do imposto. Para que lhe não fugissem os índios, costumados, dizia-se, a sacrificar freqüentemente as suas plantações antes da estação própria, pelo impaciente desejo de se entregarem à embriaguez, deviam os diretores, com assistência de peritos ju-

rados, examinar e avaliar as colheitas nos campos, e lançar nos livros o que devesse cada plantação a título de dízimos. Estes seriam recolhidos a um armazém em cada aldeia, ficando por eles responsável o diretor, salvo os inevitáveis acidentes de transporte, até serem entregues e arrecadados na alfândega geral. Como salário teriam os diretores a sexta parte do que colhessem os índios, exceto da que fosse para consumo próprio. Pesado imposto era este, e sujeito ao sério inconveniente de tornar duros feitores os diretores, pois que tinham o poder de compelir ao trabalho os índios. Contudo se pudesse haver razoável esperança de encontrar pessoas que lealmente desempenhassem os deveres de semelhante cargo, bem mereceriam essa generosa paga. Incumbia-lhes também prover a que não fossem os índios lesados nos seus negócios, e estabelecendo regras para este fim, estigmatizava a lei nos termos mais fortes os mercadores do país. Legumes, cereais e farinha de mandioca tinham-se até então vendido por cestos e a olho, agora deviam-se empregar sem exceção pesos e medidas, não podendo os índios efetuar transação alguma sem intervenção do diretor até segunda ordem d'el-rei, quando fossem julgados capazes de fazer por si mesmos os seus negócios. Mas não poderiam os diretores traficar com eles, sob qualquer pretexto, por mais equitativa que fosse a barganha. Como garantia da lisura nos tratos se apresentaria todos os anos ao governador uma demonstração de todas as coisas vendidas e das recebidas em pagamento. Ficaria livre aos índios a escolha entre receberem dinheiro ou gêneros em troca, mas poderiam os diretores vedar-lhes aquisição de objetos inúteis às suas famílias, e com muita maior razão a de espíritos ardentes, origem das maiores desordens naquele estado. Para evitar a introdução deste veneno moral e físico, deviam registrar toda a embarcação que tocasse nas suas respectivas aldeias, e achando-se maior quantidade de espíritos dos que parecesse necessária ao consumo da tripulação, seria confiscado o sobressalente, ficando até mesmo a porção legal depositada sob a guarda do diretor até que o barco tornasse a seguir viagem.

Deviam os diretores aconselhar os índios a remeter os seus produtos para a capital como o melhor mercado. Igualmente haviam de promover o tráfico do sertão, de onde se podiam obter não só os produtos naturais, mas também peixe salgado, manteiga de tartaruga, bálsamo de copaíba, óleo de andiroba e outros muitos artigos preciosos.

Concluídos os trabalhos agrícolas da estação, deviam os diretores convocar os índios e se todos estivessem dispostos a fazer uma expedição comercial ao sertão, elegeriam, com consentimento dos principais, o número conveniente, de modo que tocasse a cada qual a sua vez. Se não houvesse mais que dois principais poderia cada um empregar seis homens, sendo porém três ou daí para cima, quatro apenas. Da mesma forma poderiam os capitães-mores e sargentos-mores empregar quatro homens cada um, e os outros oficiais dois; poderiam ir em pessoa querendo, ficando sempre na aldeia metade pelo menos dos oficiais. As câmaras das vilas e os principais da aldeia apresentaram canoas para estas ocasiões. Tendo sido cometidas enormes fraudes pelos cabos destas canoas, devia haver a maior cautela na escolha deles, que com as suas pessoas e bens responderiam pelo seu procedimento. Do produto se pagariam primeiramente os dízimos, depois as despesas da expedição, em terceiro lugar o quinhão do cabo de cada canoa, enquanto o sexto do diretor, e o resto se dividiria pela gente que na aventura houvesse tomado parte. Os dízimos do cacau, café, especiaria, e salsaparrilha, seriam pagos pelo comprador, antes do embarque, e na capital os de tudo o mais, excetuados os gêneros cultivados. Pelo que na aldeia se vendesse ali se pagariam os dízimos. Finalmente como nem seria justo nem caridoso deixar que os índios no estado de ignorância e incapacidade em que se achavam, cuidassem das suas próprias despesas, lhes faria o tesoureiro-geral todas as compras, quando se achassem na capital, na presença deles. Restava o espinhoso ponto do serviço compulsório, e aqui conhecia Sebastião de Carvalho assaz o caráter dos colonos, para ver que por mais absoluto que fosse no reino o seu poder, limitava-lhe no Pará a opinião pública. Depois de uma impossível tentativa de demonstrar ser tal serviço conforme a lei da natureza e regras da razão, decretou-se pois que metade dos índios de cada aldeia ficaria sempre em suas casas para defesa do Estado e serviço d'el-rei, bem como para olhar pelos meus próprios negócios, sendo a outra metade distribuída pelos moradores; para servir em expedição ao sertão, e cultura de tabaco, cana-de-açúcar, algodão e quanto pudesse enriquecer o Estado, aumentando o comércio. Todos os índios de treze a sessenta anos de idade seriam inscritos em dois registros, um dos quais ficaria em poder do governador, e os outros no do desembargador, juiz de fora, como presidente da Câma-

ra[14], remetendo os diretores anualmente listas, à vista das quais se enchessem estes registros, eliminando-se os mortos. Sem ordem por escrito do governador nenhum seria consignado ao serviço de quem não fosse morador de alguma povoação regular, nem poderiam os indígenas ser detidos além dos seis meses por que se distribuíam. Em conseqüência de usos desta natureza, dizia a lei, estavam quase desertas as aldeias, pelo que deviam os diretores e os principais apresentar todos os anos ao governador uma relação dos transgressores. O total dos salários se pagaria adiantadamente ao diretor, que daria imediatamente um terço ao índio, reservando o resto até concluído o serviço. Se o índio abandonasse o trabalho, seria este resto restituído ao amo, que todavia o perderia sobre ter de pagar uma multa igual à soma total, se por maus-tratos houvesse dado motivo à fuga. Se o índio se impossibilitasse para o trabalho, ou morresse antes de terminado o serviço, seria o vencido salário pago no primeiro caso a ele mesmo, no segundo aos seus herdeiros. Se o índio optasse pelo salário em espécie, olharia o diretor por que fossem os gêneros carregados pelo seu preço corrente na capital, adicionando-se-lhe apenas um razoável equivalente das despesas do transporte. E para maior garantia contra fraudes deviam os diretores remeter anualmente ao governador relações exatas dos nomes das pessoas a quem se haviam confiado os índios, e dos artigos em que haviam sido pagos os soldados. Nenhum seria sujeito a esta distribuição antes de ter dois anos de residência na aldeia.

Apenas assumissem as suas funções proveriam os diretores a edificação de uma casa para a Câmara e de uma cadeia, a mais segura esta e a mais formosa aquela que permitissem as circunstâncias. Igualmente procurariam persuadir os índios a melhorar as próprias habitações, como grande e indispensável meio de civilização. E visto o desejado melhoramento ter naturalmente de ser na proporção da população da aldeia nenhuma destas conteria menos de cento e cinqüenta habitantes, incorporando-se umas nas outras as menores, contanto porém que se não juntasse gente de diferentes tribos, entre as quais existisse algum sentimento de antiga inimizade. Igualmente haviam os diretores de fazer os principais e magistrados ver que o primeiro dever deles era aumentar as suas aldeias, reduzindo mais índios bravos, o que se promoveria por maior que fosse o sacrifício do Tesouro, pois que especialmente o reco-

mendavam repetidas ordens emanadas da inimitável e católica piedade dos reis portugueses, como o melhor meio de dilatar a fé, e tornar conhecido e respeitado no novo mundo o adorado nome do nosso Redentor. Mas sendo a régia intenção não só melhorar a condição dos índios pelo comércio e relações sociais, mas também aumentar a população e força do estado, nenhum meio melhor podia haver para conseguir-se este virtuoso e santo fim do que a introdução de moradores brancos nos aldeamentos indígenas. Os que ali quisessem estabelecer-se gozariam pois de todas as honras e privilégios concedidos aos índios, e apresentando eles licença do governador lhes prestaria o diretor todo o auxílio para construção de casas para si e suas famílias, e lhes assinaria terras, reservando todavia os direitos dos índios como senhores naturais e originários. Mas só seriam tais indivíduos admitidos sob condição de que por nenhum pretexto, nem direito por mais legítimo que parecesse, se apossariam de terras que houvessem sido distribuídas a índios[15]; que viveriam com estes em termos de recíproca e concorde cortesia, como requeria essa igualdade que entre todos existia como vassalos de Sua Majestade; que não contariam com preferência para os cargos e honras, pois que pelo contrário seriam preferidos os índios dentro das suas próprias aldeias, quando os houvesse habilitados; que não julgariam abaixo de si cultivar a terra com as próprias mãos, pois que para civilizar os índios e emendá-los pelo exemplo nos seus hábitos indolentes eram admitidos naqueles aldeamentos; e se faltassem a qualquer destas condições, seriam expulsos, perdendo quanto ali possuíssem. Não deviam os diretores desprezar meio algum de extinguir a odiosa e abominável distinção entre brancos e índios, introduzida pela ignorância e pela iniqüidade; neste intuito acoroçoaria os casamentos mistos, ensinando às brancas que os índios lhes não eram inferiores em qualidade, e que declarados agora capazes de adquirir nobreza e honras, comunicariam às mulheres os seus privilégios. Assim combateriam essa funestíssima opinião, que estigmatizava como infames semelhantes casamentos, e sabendo-se que alguma mulher, ou marido branco desprezava o consorte índio, seria logo informado o governador para que em segredo castigasse o criminoso como fomentador da antiga desunião e perturbador da paz pública. Finalmente haviam os diretores de considerar-se por algum tempo tutores e curadores dos índios, e nesta qualidade tratá-los com o zelo e

lealdade que exigia o direito civil e natural, sob pena do castigo que a Sua Majestade aprouvesse impor-lhes.[16] Nem esqueceriam nunca que prudência, brandura e bondade eram os meios mais eficazes para reformar e melhorar esta raça desde tanto oprimida e degradada, cumprindo-lhes tornar tal a condição dos índios confiados aos seus cuidados, que viessem os selvagens do sertão reunir-se a eles por causa dos gozos e vantagens temporais, entrando assim no caminho da vida eterna.

Diretório.
3 de maio 1757

Originariamente promulgadas por Mendonça Furtado para o Pará e Maranhão, foram estas ordenações ratificadas em Lisboa e ampliadas a todo o Brasil. Nenhuma atenção atraiu por então esta medida, de que os biógrafos do Marquês de Pombal quase nenhum cabedal fizeram, apesar de ser um dos atos mais notáveis da administração do grande homem. É característica dele tanto nas partes boas como nas más. Digno de um estadista esclarecido era o fim, os meios desassisados, incongruentes, tirânicos. Para tornar agentes livres os índios tratavam-se como escravos, transluzindo por todo o regimento o baixo artifício de vivificá-los indiscriminadamente no intento de caluniar os jesuítas, como se os vícios desta mísera gente adquiridos durante o termo da servidão fossem permitidos e tolerados nas aldeias, e como se os missionários em vez de animar hábitos de indústria e trabalhar por melhorar-lhes a todos os respeitos a condição, se tivessem sistematicamente esforçado por manter os seus neófitos na ignorância e no aviltamento.[17] Nem se supunha que não pudessem ser falsas as premissas por terem sido publicadas em São Luís e Belém, onde devia ser conhecida a verdade; estava prevenido contra os jesuítas o povo de ambas as cidades, e para correrem entre o povo possuído de espírito faccioso não há representações errôneas que sejam por demais monstruosas, nem falsidades em demasia palpáveis e absurdas. Ora, sobre este ponto são concludentes e incontestáveis as provas. Temos o testemunho de Condamine a respeito do estado florescente das aldeias poucos anos antes desta mudança, testemunho maior de toda a exceção e insuspeito de qualquer inclinação a favor dos jesuítas; e temos o depoimento do bispo do Pará, D. Fr. Caetano Brandão, que uns vinte e cinco anos mais tarde visitou toda a sua extensa diocese. Descreve ele as vilas e lugares como mostrando ainda, no meio da sua decadência e tristeza, o que haviam sido e

Alvará.
17 de ag. 1758

quanto tinham prosperado no tempo dos missionários; caídas aos pedaços as casas, campos cobertos de mato, erva nas praças dos mercados, em ruínas os fornos de cal, as olarias, as fábricas de chita (que também as tinham os jesuítas).[18]

1758

Jornal de 4, **p. 107-114**

Deixara-se Sebastião de Carvalho cegar pelo desprezo que inspirava a superstição, e pelo ódio que votava à obnóxia Companhia. Queria civilizar os índios e pô-los a par dos portugueses, e foi privar-se das únicas pessoas que para tal fim podiam cooperar com ele, das únicas pessoas que desinteressadamente promoveriam o adiantamento e a felicidade dos índios, as únicas que pelo amor de Deus se votariam de alma e coração ao serviço do próximo. A elas se substituíram homens que pelo amor do ganho aceitariam o emprego, e a todos os respeitos foram perniciosas as imediatas conseqüências. Infligiram-se mais descaradamente as leis a favor dos índios, falecendo aos diretores meios de como corporação fazer coisa alguma por eles, e esforços individuais não eram para esperar-se de semelhantes homens; a estes mesmos não faltava interesse próprio em oprimi-los, pois que tanto mais avultaria o seu lucro quanto maior fosse o trabalho alheio, e se tinham poder para compelir a trabalhar, nem autoridade, nem influência, nem inclinação possuíam para reprimir esses vícios que por certo se não praticavam sob a disciplina moral das aldeias. Em circunstâncias tais absurdo era pensar que aumentaria a população vindo das matas mais selvagens, esse processo de civilização, que tão veloz e esperançoso marchava, parou de repente e para sempre, principiando uma rápida despovoação, não só por dar-se campo livre à embriaguez, mas também por fugirem para o deserto muitos índios, vendo o seu estado de sujeição filial trocado por uma servidão que nada tinha que a santificasse ou abrandasse. Mas se nesta grande mudança preponderou pesadamente o mal imediato, ficou ao menos reconhecido o importante princípio da igualdade de direitos, tendo-se o governo de Portugal solenemente comprometido a desempenhar o dever de instruir, emancipar e elevar os seus súditos índios, incorporando-os num só povo com os brasileiros. Que indizíveis males se não teriam poupado à América espanhola, se houvesse a Espanha rendido à humanidade a mesma justiça! Parte das intenções de Sebastião de Carvalho principiaram desde logo a surtir efeito posto que a dificuldade de realizá-las devesse parecer tão grande como a importância do seu objeto.

Conseguiu mudar a língua do Maranhão e Pará, onde era tão vulgar o tupi, que no púlpito se empregava exclusivamente. Por pior que a outros respeitos preenchessem o lugar dos seus predecessores, eram neste ponto bons missionários os padres transportados de Portugal. Sendo mais fácil ensinar às crianças a língua portuguesa do que aprenderem eles mesmos um idioma bárbaro esforçavam-se por fazer cumprir uma lei que lhes coincidia com as próprias conveniências.

Apresentam-se ao papa as acusações contra os jesuítas

Assim procedendo não parece Sebastião de Carvalho ter-se proposto a extinção da Companhia de Jesus, projeto que talvez até ao seu espírito audaz e resoluto parece impraticável, mas antes destruir-lhe a autoridade fora e a influência dentro do reino, e privando-os dos seus recursos, exterminar pouco a pouco os jesuítas nos domínios portugueses por meio da pobreza, do ódio e do desprezo. Neste intuito publicou a Corte de Lisboa uma narração da resistência que se dizia terem eles oposto ao Tratado de Limites tanto das bandas do Paraguai como do Pará, e fê-la diligentemente circular por toda a Europa católica: ia cheia de exagerações, exposições errôneas, filhas da malícia e mentiras chapadas, mas produziu o seu efeito. O embaixador português em Roma apresentou-a a Benedito XIV acompanhada de formais acusações contra a Companhia, dizendo que el-rei muito tempo se abstivera fazê-las pela sua incomparável clemência, e também pela sua muita devoção com os gloriosos santos Loiola, Xavier e Borja. Tal era porém, afirmou ele, a extrema corrupção em que haviam caído os jesuítas nos domínios portugueses que mais pareciam mercadores, soldados ou régulos do que religiosos. Muitos tinham sido os governadores e ministros, fiéis servidores do estado que eles haviam arruinado com seus insidiosos artifícios. Tinham formado aldeamentos do Amazonas ao Uruguai, ligando as duas Américas, portuguesa e espanhola, com tão dura corda, que dez anos mais tarde seria impossível desatar o nó. E agora haviam arrancado a máscara; haviam feito a guerra no Paraguai contra os dois soberanos aliados; haviam promovido no Pará desordens e tumultos; e haviam oposto aos decretos reais e bulas pontifícias mais abertamente do que os mesmos templários, que por seus crimes tão severamente tinham sido punidos, extinguindo-se a ordem. Neste memorial se repetiram gravemente ao papa cediças calúnias e imputações populares tão banais como falsas[19], e quer S. Santidade as acreditasse quer não, acedeu aos

desejos do rei, expedindo ao cardeal patriarca de Lisboa uma provisão, em que o nomeava visitador e reformador-geral apostólico da Companhia em Portugal e seus domínios.

Instrução de 8 de outubro 1757

Visitação instituída debaixo de tais auspícios não era provável que fosse conduzida com muito respeito pela moderação e eqüidade. Uns dos primeiros atos do cardeal patriarca, inteiramente curvado às vontades do ministro, foi um mandamento que interdizia aos jesuítas o comércio que faziam. Era isto na realidade privá-los do único meio de sustentarem essas missões em que tanto e tão proveitosamente haviam trabalhado, produzindo inquestionáveis benefícios, bem que não sem mistura de alguns males.[20] Mas era matéria em que eles muitas razões tinham contra si a opinião pública: os mercadores os consideravam seus rivais no comércio odiosamente favorecidos pela isenção de certos direitos obtida nos tempos do valimento: a suspeita de riqueza excitava a inveja e o ódio de ordens menos beneméritas e por isso menos afortunadas, e estimulava a cobiça dos que contavam ser empregados na esperançosa obra de uma reforma apostólica. Contra a combinada força da autoridade e da opinião, até mais rijo escudo da lei teria sido fraca defesa, mas infelizmente era contra eles a lei, nem há quem mais desapiedadamente a execute ao pé da letra quando lhe convém do que aqueles que ao mesmo tempo sem o menor escrúpulo lhe desprezam o espírito e as intenções. Esquecido da perpétua interferência da Igreja romana nos negócios seculares, principiou o cardeal o seu virulento mandado, asseverando que o mesmo nosso Redentor proibira ao sacerdócio toda a ingerência nestes assuntos mundanos, e em prova disto citava o texto, *não podeis servir a Deus e a Mamon*, como se só fora destinado ao clero, e fosse este o seu sentido. Passava a dizer que Cristo expulsara do templo os que compravam e vendiam, e os cambistas; que desde os primeiros tempos tinham as leis canônicas vedado o comércio aos eclesiásticos, aplicando-se esta proibição com mais especialidade aos missionários que deviam considerar sua única herança a pobreza apostólica. Urbano VIII, Clemente IX e o então Papa Benedito XIV todos tinham procurado, dizia ele por meio das mais severas censuras, fazer guardar este preceito e o direito pátrio, vindo em auxílio dos sagrados cânones e constituições apostólicas, mandava confiscar todas as mercadorias pertencentes a clérigos.[21] Mas sem terem diante dos olhos o

Mandamento do visitador a respeito do comércio dos jesuítas

temor de Deus nem do escândalo público estavam os jesuítas obstinadamente endurecidos nos hábitos de desobediência a estas leis, particularmente nas colônias, onde, tal a corrupção em que haviam caído, mandavam canoas a apanhar produtos no sertão, curtiam peles, salgavam carne e peixe para venda pública, tendo até debaixo das suas telhas lojas de gêneros molhados e comestíveis. Assim ao passo que num papel do Estado eram os jesuítas acusados de procurarem arruinar o comércio para manterem os índios em estado de selvagem ignorância, em outro se lhes fazia carga de dedicarem-se a esses ramos de comércio, que no mais subido grau eram úteis aos moradores e indispensáveis à sustentação das missões! O atual mandamento proibiu-lhes de então por diante o tráfico, por qualquer pretexto, título, cor, inteligência, causa, ocasião ou modo que fosse, e todos que com eles tivessem negócios apresentariam suas contas ao visitador dentro de três dias, para que dos bens dispusesse como fosse mais consoante com a reforma a que fora encarregado de proceder. Remeteu-se o mandamento para o Brasil com ordem aos bispos de o fazerem cumprir nas suas dioceses.

Mandamento, 15 de maio 1758

Tentativa de assassinato contra o rei de Portugal

Reforma assim principiada não podia tardar a chegar à sua proposta consumação, mas veio precipitar mais trágica catástrofe uma tentativa de assassinar o rei, que em todas as suas conseqüências é a ocorrência mais terrível na história portuguesa. Posto a tormentos acusou um dos chefes dessa conspiração três jesuítas como seus cúmplices. Dizem que ele se retratara da acusação, sendo o seu último pedido ao padre que lhe assistiu no cadafalso, tornar-se pública essa sua retratação. Haja a verdade que houver nesta asserção (que vem de parte por demais suspeita para ser crida de leve, sobre ter-se juntado a ainda menos crível declaração da inocência do justiçado) é certo que nenhum peso se deveria dar a uma acusação extorquida sobre o potro; que um dos jesuítas acusados foi depois processado e supliciado por heresia, ou antes pelas delirantes fantasias de um velho mentecapto, não por alta traição; e que os outros dois nunca foram levados à barra de tribunal algum, nem publicamente punidos por semelhante crime.[22] Não menos certo é também que ainda que estes três indivíduos houvessem sido convictos, por nenhum princípio de justiça ou regra de razão poderiam os seus irmãos em Portugal ter sido considerados responsáveis pelo crime ou implicados nele, menos

que se provasse participação e cumplicidades, e menos ainda o poderiam ser todos os membros da Companhia em outros reinos, e mais remotas partes do mundo. Mas Sebastião de Carvalho envolveu toda a ordem numa condenação genérica. Lançando sobre ela o crime como resultado das suas máximas e política seguida, resolveu expulsá-la dos domínios portugueses. Logo após da diabólica execução dos principais conspiradores se expediram pois ordens para seqüestro dos bens da Companhia e prisão de todos os jesuítas em Portugal e suas possessões, como de pessoas que tinham tramado, aconselhado e instigado o intentado assassinato.

Carta Régia, 19 de jan. 1759

Já na sua qualidade de visitador tinha o bispo do Pará, D. Miguel de Bulhões, suspenso na sua diocese os jesuítas do exercício de suas funções sacerdotais, inquirindo-os sob juramento acerca dos seus haveres comerciais e receita de toda a natureza. Tendo-se o bispo do Maranhão, Fr. Antônio de São José, ausentado de São Luís para que não o fizessem instrumento de medidas que inteiramente desaprovava, ficou o do Pará governando em ambas as dioceses. Não tardou a chegar a ordem para expulsão dos padres da Companhia, que foi executada com grande brutalidade. Os jesuítas do Pará foram empilhados como negros escravos no porão de um navio e transportados para São Luís, onde cento e cinqüenta destes desgraçados foram remetidos a bordo de um só barco.[23] Bulhões voltou a Portugal no mesmo navio a tomar posse da sé de Leiria, e embora durante o trajeto perecessem quatro jesuítas em conseqüência de má alimentação, encerramento e sede, assevera-se não ter ele mostrado o menor sinal de compaixão por homens cuja inocência e virtude lhe não podiam ser desconhecidas. Os padres do Ceará e Paraíba foram levados para o Recife, onde o Governador Luís Diogo Lobo da Silva e o bispo de Olinda[24] os trataram com o devido respeito e bondade. Foram embarcados com os jesuítas pernambucanos, cinqüenta e três ao todo, a bordo de um navio que pertencera à Companhia, servindo ao provincial para as suas viagens através do Atlântico, e de porto em porto quando visitava os diferentes colégios e missões. Fora apreendido para a Coroa, com os demais bens da ordem, e agora com o manifesto fim de aumentar-lhes a humilhação escolhido para transporte, em que deviam ir os padres como réus. Pela via-

Deportação dos jesuítas do Pará e Maranhão 1759

Anedoti. T. 2, 122-134

gem foram tratados com crueldade extrema, não concedendo o capitão quando sofriam a mais dolorosa sede, nem aos moribundos uma gota mais de água com que umedecer os lábios, e recusando-lhes até a consolação de receber o sacramento à hora da morte. Cinco sucumbiram a este desumano tratamento.[25]

José Pinto Borges. Ms.

Procedimento do arcebispo da Bahia

Nunca faltam instrumentos perversos para executar até à última as piores intenções de um poder injusto e tirânico. Em toda a História abundam por demais os exemplos, mas nas circunstâncias da expulsão dos jesuítas ocorrem de princípio a fim com vergonhosa freqüência. É pois dever do historiador não deixar sem notícia o proceder dos que se houveram generosamente para com estes padres na sua não merecida desgraça, mormente porque quem assim praticava expunha-se ao desagrado de um ministro, que na sua índole arbitrária e absoluta autoridade nem curava da lei, nem da eqüidade, nem das aparências, quando se reputava ofendido. Foi nomeado visitador e reformador da sua diocese o arcebispo da Bahia, D. José Botelho de Matos, que recebeu instruções para substituir o clero secular aos jesuítas nos aldeamentos indígenas, que por todo o Brasil passaram agora pela mesma mudança que no Pará e Maranhão. Nas antigas capitanias poucas aldeias havia, e nenhuma nas recentemente povoadas, mas, apesar de não serem muitas era difícil achar padres seculares que quisessem delas encarregar-se. Deram-lhes as casas e os bens dos jesuítas e um estipêndio pequeno, além do qual perceberiam benesses por batismos, casamentos e enterros. Não os tinham tomado os jesuítas, que era verdadeiramente um trabalho de amor o deles, e os índios, considerando meros entrelopos mercenários os sucessores, ficaram tampouco contentes com eles, como os próprios clérigos a seu turno estavam satisfeitos com a sociedade, para cujo centro se viam relegados, nem com as privações que tinham de sofrer. Alguns abandonaram desesperados as suas paróquias, outros tiveram de fugir para salvar as vidas. Seguiram-se insurreições contra o novo sistema, alguns índios foram metidos na cadeia, outros fugiram para as selvas, e também desta vez o imediato resultado de tão repentina e súbita mudança foi rarearem as aldeias, e corromper-se o resto dos habitantes. Até aqui observou o primaz estritamente as suas instruções por mais que lhe custasse; eram imperativas, e ele reputando-se mero agente não se considerou no menor grau moral-

mente responsável pela execução. Da mesma forma obedeceu à ordem de remeter para Lisboa todos os jesuítas estrangeiros. Mas quando teve de dar conta da sua visitação, em lugar de expor como crime plenamente provado contra os membros da Companhia a acusação de comerciarem em grande escala com violação do direito canônico, remeteu para o reino um sincero atestado de tê-los achado irrepreensíveis neste ponto, e nos outros todos muito úteis e beneméritos. Oitenta das pessoas mais respeitáveis da Bahia assinaram o atestado, figurando entre elas um irmão do cardeal patriarca. Ao mesmo tempo participava o arcebispo à corte que não cumpria a ordem de suspender das suas funções os jesuítas, porque tendo-o uma residência de dezenove anos na sua sé habilitado a conhecer o verdadeiro caráter destes padres, e a apreciar o bem que faziam, não podia em consciência ser o instrumento de reduzir ao silêncio homens cujos serviços tanto aproveitavam ao seu rebanho. Cinco anos atrás ele havia solicitado licença para resignar a sua primazia, pedindo que o deixassem ficar no Brasil, por ser velho demais para empreender a viagem de Portugal, e lhe concedessem metade das rendas da mitra. Não fora então atendido o pedido, mas agora vieram os primeiros despachos informá-lo de que tinha sido aceita a sua resignação, devendo a sé ser administrada pelo deão até a chegada do sucessor. Não se lhe concedeu pensão alguma, e este homem venerando ficou aos oitenta anos de idade à mercê da caridade pelo resto de seus dias. Devolveu-se o ofício de reformador ao deão, que nele prosseguia com bastante severidade, quando o novo vizo-rei Marquês de Lavradio trouxe ordens para a expulsão, sendo cento e sessenta e oito membros desta perseguida ordem deportados da Bahia para o Tejo.[26]

Anedoti. **T. 2, 134-149.**
Visita de Pombal, **2, 215**

Procede de outro modo o bispo do Rio de Janeiro

De modo muito diverso do do primaz procedeu o bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antônio do Desterro, que sendo frade deu agora largas à inveja e ódio com que esta casta de eclesiásticos costumava olhar os jesuítas. Achava-se doente de cama ao chegarem as primeiras instruções, mas apenas restabelecido publicou a mais virulenta epístola pastoral que jamais recebeu tão impropriamente semelhante nome. Nela chamava os jesuítas ainda não punidos inventores e instigadores da tentativa de assassinato; suspendia-os das suas funções eclesiásticas; proibia ao clérigo

emprestar-lhes igreja, capela, oratório, púlpito ou confessionário; e recomendava a todas as pessoas que se abstivessem de ter a menor comunicação com eles, para que não se infeccionassem com o letal contágio de pestíferas opiniões. Veio segundo manifesto repetir este interdito, publicando a Carta Régia Circular, que chegara ao Brasil depois da publicação da pastoral, e na qual a caluniada Companhia era acusada de traição e intentado regicídio. E a este seguiu-se terceiro, uma dessas obras de supererrogação, que a malícia está sempre pronta a executar: era um edital, acusando os jesuítas de terem ocultado as suas relíquias, baixela de igreja, e alfaias, e convidando as pessoas a cuja guarda tivessem sido confiados estes objetos, a entregá-los sob pena de excomunhão.[27] Poderia explicar-se com mais verdade o desaparecimento destes tesouros, quer fosse real quer imaginário. Tinha-se tomado posse dos colégios, igrejas e casas dos jesuítas para a Coroa, confiscando-se quanto aí se encontrou; tinham-se apreendido todos os livros e papéis, sem se respeitarem sequer os hospitais, onde foram os doentes compelidos a deixar a cama alguns deles em estado tal que expiraram no trajeto para outro abrigo. Em São Paulo, apesar de inimizade velha que se lhes votava, foram os jesuítas tratados com humanidade e respeitados na sua desgraça, dizendo o Bispo Fr. Antônio da Madre de Deus publicamente que a expulsão deles acarretaria após si primeiramente a ruína da religião, e depois a queda do mesmo governo. Era o Rio de Janeiro o porto de embarque para todos os confrades do Sul.[28] Cento e quarenta e cinco foram estivados no porão de um só navio, até que o cirurgião lhes obteve algum alívio, asseverando ao capitão que se persistisse em levá-los tão encerrados não chegaria um só vivo a Lisboa, e que a peste que não poderia deixar de originar-se entre eles também havia de comunicar-se à tripulação.

Pastoral, 8 de novembro 1759

Edital 17 de nov. 1759

Edital 29 de novembro 1759

Sorte dos jesuítas

Os jesuítas previamente remetidos para Lisboa como presos de Estado foram encarcerados de modo que nunca mais se ouviu falar deles até à morte do rei e queda de Pombal, sendo então postos em liberdade depois de uma prisão de dezoito anos. Os outros à medida que iam chegando eram baldeados para outros navios, sem se lhes permitir pôr pé em terra, nem comuni-

car com amigo ou parente e remetidos ao papa, a cujas praias eram lançados.[29]

NOTAS DO CAPÍTULO XL

1 Vide a obra *O Brasil na Administração Pombalina* do Visconde de Carnaxide. Embora não se concorde com muita coisa que ali está, há de se admitir que é obra bem escrita e documentada. (P. B. B.)

2 Demasiado severo, senão injusto, é este juízo que Southey faz sobre o maior estadista português. (F. P.) *

* D. José, do qual Pombal foi o poderoso ministro, morreu em 24 de fevereiro de 1777. Mesmo antes da morte do rei, quando este se achava enfermo, Pombal começou a ser perseguido e desprezado. Contra ele organizou-se um movimento que se chamou a *Viradeira*. "Alguns dos indivíduos mais favorecidos por Carvalho, foram os primeiros que pusilanimemente o atacaram." (P. B. B.)

3 No *Compêndio das Eras da Província do Pará* mencionaram-se as tramas dos jesuítas para impedirem a execução do tratado, sendo uma delas a deserção dos índios aldeados. Cumpre notar que a maior imparcialidade guia neste ponto é a pena do Major A. L. Monteiro Baena autor da referida obra. (F. P.)

4 Apaixonadas são algumas destas acusações, não porém destituídas de fundamento, como diz o autor. (F. P.)

5 Parece incrível que quisesse Southey sustentar a legitimidade das imensas riquezas dos jesuítas na América e a santidade da sua aplicação. (F. P.)

6 Somos da opinião do autor; e já num trabalho nosso inserto na *Revista do Instituto Histórico* dissemos que os jesuítas deveriam ser reformados e não extintos. (F. P.)

7 Quanto a nós basta isto para honrar a memória do *grande marquês*. (F. P.)

8 Os jesuítas haviam pelo contrário mostrado grande aptidão para o regime dos indígenas, convindo unicamente extirpar abusos que com o correr dos tempos se tinham introduzido. (F. P.)

9 Casal (t. 2, pág. 295) diz que os jesuítas tinham dezenove. Sigo o Apologista, por ser circunstância da sua relação, e porque entre duas autoridades contraditórias ambas prejudicadas, prefiro a que fala a favor, à que depõe com malícia. Observa Casal que apesar de trabalharem todos os religiosos com igual zelo em prol dos índios, só os jesuítas eram alvo do ódio popular. A observação é maliciosa, e falsa a asserção sobre que se funda: eram os jesuítas a única ordem impopular, por serem também os únicos missionários que uniformemente se opunham à tirania dos brancos. Fazendo esta observação chama Casal *inacistas* e *loiolistas* os jesuítas. Nada querem dizer estes apelidos, mas revelam o humor de quem os aplica, e invalidam o testemunho.

10 Numa vida inédita de Pombal se encontra uma singular história a este respeito. Diz-se aí que o rei recebera do Maranhão ao mesmo tempo um memorial do governador contra os jesuítas e outro destes contra aquele. Não sabendo o que pensar de representações tão contrárias, entregou-as ambas ao Desembargador da Mesa do Paço, Dr. Lucas de Seabra da Silva, ordenando-lhe que inquirisse dos fatos, guardando o maior segredo. Seabra, que esperava de Sebastião de Carvalho a promoção dos seus filhos, comunicou-lhe as ordens recebidas. Chegado o resultado da devassa, viu-se ser todo a favor dos jesuítas, condenando em tudo o governador. Levou-o Seabra ao ministro, tendo, bem contra sua vontade, de o deixar nas mãos deste. Sem hesitar fabricou Sebastião de Carvalho a seu jeito um relatório suposto, e levando ao rei, sem se lhe dar coisa alguma de sacrificar Seabra desta forma, disse-lhe que grande felicidade havia sido ter Sua Majestade recorrido a este expediente, pelo qual se patenteava agora a perfídia dos jesuítas, a justiça das medidas de seu irmão, e a exatidão das suas próprias previsões. Acrescenta-se que el-rei mandara chamar Seabra, e lhe perguntara pelo relatório, que o pobre desembargador, não suspeitando a traição do seu patrono, respondera não ter tido tempo ainda para abrir os papéis; que o rei então lhe mostrara o documento, repreendendo-o como merecia; e que a vergonha, o pesar e a indignação lançaram o velho num acesso, de que morreu em poucas horas. Esta narração é tão claramente improvável que não carece de refutação; se alguma fosse necessária, bastaria o fato de ter sido o filho de Seabra por muitos anos depois disto o mais ativo instrumento de Sebastião de Carvalho nos seus planos contra os jesuítas. Pode este conto servir para mostrar com que espírito foi escrita pelos seus inimigos a história de Pombal, e contudo esta não é nada em comparação com as duas publicações italianas, porque, sendo português, o seu autor sabia que dose de falsidade podia impingir aos seus conterrâneos.

11 Sistema antigo era dos jesuítas acharem indignos todos os sacerdotes que não pertenciam à sua ordem. (F. P.)

12 Porque supunham-se estes regulares ao bem da mesma pátria neutralizando sua indébita influência às regeneradoras vistas do exímio ministro. (F. P.)

13 Segundo um dos mais ocos e cerebrinos escritores franceses do século das filosofias, grave erro cometeram os portugueses ensinando os naturais a vestirem-se. Diz ele: *A des hommes à qui le nécessaire suffit, il ne faut pas donner un superflu, parce que celui-ci fait naitre en eux de nouveaux désirs, qui sont la source des vices. On habilla ces nations qu'il falloit laisser nues. On ne sauroit croire combien l'habillement influe sur les moeurs d'un peuple qui n'a jamais été vêtu. L'Administration de Pombal,* t. 1, 143. Ocorrendo numa vida de Pombal poderia supor-se que esta passagem se referisse às medidas para civilização dos índios; mas o autor empregado pela família de Pombal para indicar a memória daquele homem extraordinário, omitiu inteiramente esta parte da sua história! A impudente ignorância deste escritor é quase incrível.

Diz ele que Mendonça Furtado era governador do Maranhão e Paraguai (t. 2, pág. 71), parecendo por mais inconcebível que seja, confundir o Paraguai com o Pará; e chega a afirmar que os portugueses subiram o Amazonas até entrar no Prata! – *Les Portugais remontente la rivière des Amazones, dont le nom a donné lieu à tant de fables. Pour*

s'etablir, il faut faire la guerre à plusieurs nations, qu'on trouve si foibles qu'on les prend pour des Amazones, race de femmes qui n'a jamais existé que dans l'imagination des hommes, ainsi que tant d'autres choses qui n'ont pas eu une existence plus réelle. Ce fleuve conduit les Portugais à la rivière de la Plata, où ils employèrent des travaux et des peines infinies pour y parvenir. (T. 1, 144.) Toda a obra é escrita neste gosto.

14 Há equívoco da parte do autor: os juízes de fora não eram desembargadores. (F. P.) *

* É possível que Southey tenha confundido presidir eleições municipais com presidir Câmaras Municipais. As Câmaras eram presididas por um juiz, seu presidente nato. As eleições presididas por corregedores, se presentes, ouvidores ou juízes de fora, e na ausência dos mesmos pelo juiz ordinário mais antigo.

"Compunham-se as Câmaras de um juiz, seu presidente nato; três ou quatro vereadores, segundo o foral ou costume da terra, que, nessa parte, foram respeitados pelas Ordenações Filipinas; um escrivão e um procurador, e, em alguns lugares, um tesoureiro. Todos estes membros tomavam o nome de oficiais da Câmara." (Cortines Laxe, *Câmaras Municipais*.) (P. B. B.)

15 Para conhecimento cabal do modo por que foi sofismada tão sábia disposição consulte-se a *Memória sobre as Aldeias da Província do Rio de Janeiro,* pelo J. Norberto de S. (F. P.)

16 O embaraço mais grave que encontrou a execução do *Diretório* foi que os tutores não quiseram dar por finda a sua missão. (F. P.)

17 Pede a justiça que se diga que não pretendiam os jesuítas dos seus neófitos uma completa ignorância e aviltamento mas tanto quanto lhes bastasse para tê-los submissos e aditos aos seus interesses. (F. P.)

18 Incontestável é que os sucessores dos jesuítas no governo das missões deixaram perecer a sua obra por ignorância, desleixo, e cobiça. (F. P.)

19 Até o caso velho de Cárdenas, esse meio mentecapto do bispo do Paraguai, foi aduzido como prova da tirania dos jesuítas, reproduzindo-se as alegações dos seus mentirosos procuradores que foram impressas em diferentes obras, formatos e línguas, por extenso ou em sumários! É assim que passadas gerações inteiras se ressuscitam falsidades, como a peste, que rebenta de um velho fardo de mercadorias! As acusações contra a Companhia, tanto as verdadeiras como as falsas, foram ultimamente enfeixadas com alguma arte e nenhum discernimento em dois grossos volumes, impropriamente intitulados *História dos Jesuítas*. Concordo com o autor em reputar medida imprudente, impolítica e perigosa a chamada Emancipação Católica, mas abomino as representações falsas e os argumentos de má-fé, e muito mais ainda, se é possível, quando empregados numa causa justa.

20 Pode-se preconizar as vantagens temporais desse comércio: o visitador porém não deverá tolerá-lo por ser inteiramente contra os cânones. (F. P.)

21 A suspeita de que talvez o cardeal não fosse mais versado no conhecimento das leis do que na aplicação do Evangelho, levou-me a consultar a disposição legislativa a que ele se refere, e vi confirmada a suspeita. "Os clérigos de ordens sacras, ou be-

neficiados, e os fidalgos e os cavaleiros, que estiverem em ato militar, não comprarão coisa alguma para revender, nem usarão publicamente da regataria, porque não fica bem a suas dignidades e estado militar intrometerem-se em ato de mercadejar, antes lhes é por direito defeso. E portanto mandamos às nossas justiças, que lhes não consintam negociar em semelhantes negócios. E os ditos clérigos e beneficiados seqüestrarão as mesmas mercadorias, e farão autos que remeterão com as mesmas mercadorias aos juízes eclesiásticos seus ordinários." *Ord.*, liv. IV, tít. 16. Ora, isto não é inibir os clérigos nem os fidalgos de venderem os produtos das suas terras, nem por certo vedar aos jesuítas leigos que mercadejassem em proveito e para sustentação da Companhia.*

* Como pode um espírito superior como o de Southey deixar-se embair por semelhante sofisma, inventado pelos jesuítas, em defesa própria? (F. P.)

22 Acreditamos que não tiveram os jesuítas a menor parte no atentado contra a vida del-rei D. José. (F. P.)

23 Desaprovamos altamente o procedimento tido para com os jesuítas nesta conjuntura, e de coração lastimamos que nele tomasse parte um varão tão respeitável como D. Miguel de Bulhões, bispo do Pará. (F. P.)

24 No desempenho do seu ofício como visitador e reformador dos jesuítas declarou este bispo nada ter encontrado neles que carecesse de reforma exceto – os sapatos, que de tão velhos estavam pedindo outros novos. O autor das *Anedoti* chama este bispo Fr. Ludovico de S. Teresa, mas de uma lista manuscrita dos bispos de Olinda vejo ter Fr. Luís sido chamado a Lisboa em 1753, tomando por morte dele em 1759 posse do bispado Fr. Francisco Xavier Aranha, a quem pois cabe a glória de ter mostrado respeito a não merecido infortúnio.

25 Custa-nos a crer que num século em que tanto respeito se votara ao clero se animasse o capitão de um barco português a praticar a ação! (F. P.)

26 Nas suas *Mem. Hist. e Pol., da Província da Bahia*, tomo 1, pág. 222, diz expressamente o Pe. Acióli que fora o arcebispo D. Joaquim Borges de Figueiroa, sucessor de D. José Botelho, quem dera a derradeira execução às ordens régias relativas aos jesuítas. (F. P.)

27 No nosso *Ensaio sobre os Jesuítas*, impresso no tomo XVIII da *Rev. Trimensal do Instituto Histórico e Geogr. Br.,* condenamos, com respeitosa liberdade, a conduta do bispo do Rio e Janeiro, varão aliás por outros títulos venerando. (F. P.)

28 O autor das *Anedoti* leva os jesuítas de São Paulo à Bahia, embarcando-os ali para o Rio de Janeiro. Não é este o único padrão da sua ignorância na topografia do Brasil. *

* Assim como em muitas outras coisas, sendo para estranhar que por ele se norteasse um escritor do quilate de Southey. (F. P.)

29 Afirmaram os inimigos de Pombal que se não tomara a menor providência a bem destes pobres jesuítas, que foram entregues à propriedade dos estrangeiros. Talvez seja verdade em parte, sendo até provável que de Portugal nada se remetesse para os Estados do papa, enquanto as Cortes de Lisboa e Roma estiveram desavindas.

Mas que depois alguma coisa se lhes deu, é fora de dúvida, sendo bem conhecida a faceta queixa de Pombal, de que eram os jesuítas os homens de mais longa vida que conhecia: segundo os certificados que ele recebia, ainda nem um só morrera depois da expulsão.

Por mais cruelmente que o governo espanhol depois se portasse com esta ordem perseguida, foi clemente o seu procedimento comparado com o de Pombal. Tantos morreram nas cadeias e tantos das moléstias resultantes do mau tratamento recebido a bordo, que dentro em poucos anos estavam quase extintos os missionários. Os papéis que se lhes apreenderam não viram a luz ainda. Os seus alquebrados corpos (como os dos seus irmãos espanhóis) não lhes permitiram legar à posteridade a sua ciência, e os seus conhecimentos tão penosamente adquiridos pereceram com eles. Foi por isto que Hervas teve de lamentar sair mais imperfeita do que outra nenhuma parte da sua obra a conta que dá das línguas do Brasil *.

* Acompanhamos o douto historiador inglês em seu sentimento, pois pensamos que, se acaso mereciam *todos os jesuítas* castigo deveriam ser respeitados seus livros manuscritos; valiosameste tesouros de rara erudição, e irrecusáveis testemunhos da sua exemplar constância. (F. P.)

. . . .

Capítulo XLI

PROVIDÊNCIAS DE POMBAL – GUERRA DE 1762 – ABOLIÇÃO DA CAPITAÇÃO – RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE

Companhias do Maranhão e Pernambuco

A CRIAÇÃO de uma companhia exclusiva para o comércio do Maranhão e Pará, e de outra para o de Pernambuco e Paraíba, foram medidas do ministro português que naquele tempo atraíram mais atenção do que seus planos para adiantamento e emancipação dos índios.

Por alvará de 1º de fevereiro de 1721 tinha D. João V abolido depois de mais de setenta anos de existência a Companhia do Brasil, que tão eficazmente protegera aquele país nos tempos mais perigosos. A política da concessão de monopólios desta natureza é uma dessas questões econômicas que com mais veemência têm sido debatidas, por ter sempre o interesse pessoal de uma parte e outra vindo exacerbar a contenda, mas se não houvesse nele tanto bens como males, nunca o ponto teria sido disputado. Tais arranjos porém diziam bem a disposição que levava sempre Sebastião de Carvalho a procurar produzir efeitos rápidos com grandes e extraordinários esforços. A primeira companhia que ele estabeleceu foi a do Maranhão e Pará com um capital de 1.200,000 cruzados em mil e duzentas ações de 400$000 cada uma. Existia em Lisboa uma *Mesa do Bem Comum* instituída para velar so-

Alvará de 7 de jun. 1755

bre os interesses comerciais do país, e por intermédio do seu procurador, o regedor João Tomás de Negreiros, apresentou ela a el-rei em pessoa um memorial contra semelhante monopólio. Não se sabia ainda então que Sebastião de Carvalho possuísse o valimento de que realmente gozava, nem se lhe compreendia bem o caráter. Nunca houve vizir ou sultão mais insofrido de contrariedade. Foi a Mesa imediatamente dissolvida, estabelecendo-se em seu lugar uma Junta do Comércio, desterrados os membros daquela por diferentes termos de dois a oito anos, uns para vários lugares, outros para o presídio de Mazagão. Achavam-se no Limoeiro aqueles sobre quem recaíra esta mais pesada sentença, à espera de transporte, quando se deu o terremoto, ficando Negreiros sepultado debaixo das ruínas, e sendo soltos os outros por um perdão geral concedido por el-rei na agonia daquele dia tremendo.

Ida de Pombal. S., § 27-33

Não tardou a autorizar-se por Alvará de 30 de julho de 1759 a incorporação de outra companhia semelhante para Pernambuco e Paraíba. Estas instituições afetaram consideravelmente os mercadores da feitoria inglesa em Lisboa. Abandonara a Inglaterra tacitamente o direito que por antigos tratados tinha ao tráfico direto com os domínios portugueses, mas o Brasil era abastecido quase exclusivamente de artefatos ingleses por intermédio dos negociantes portugueses da capital, a quem os membros da feitoria davam crédito por dois e três anos. Proviera este largo crédito não tanto da concorrência entre as numerosas e abastadas casas inglesas como da necessidade: não havia, ao começar o sistema, comércio por meio de navios destacados, e fazendo a frota uma só viagem por ano, tinham os mercadores portugueses de aguardar a remessa do produto dos gêneros para poderem pagá-los, e nem sempre eram regulares ou certas estas remessas. Assim se fazia o comércio do Brasil tanto com mercadorias como com capitais ingleses, e a criação destas companhias vinha afetar esses capitais de dois modos: os negociantes portugueses que compravam ações empregavam nelas dinheiro, cuja máxima parte deviam aos ingleses, e os que não subscreviam ficavam excluídos do comércio, e por conseguinte inabilitados de satisfazer os seus credores. Também punha o monopólio os mercadores ingleses à mercê das companhias: estavam os seus artigos fabricados para o mercado brasileiro; se para lá se não

Afeta estes monopólios a feitoria inglesa

remetiam, ficavam nos armazéns, e, não tendo competidores, eram as companhias árbitras dos preços. Era este contudo o menor dos males: alguma coisa se podia fiar da eqüidade dos portugueses, que como os espanhóis eram eminentemente probos, mas a súbita estagnação de tão grande capital não podia deixar de sentir-se profundamente. Representou a feitoria sobre isto ao embaixador inglês, propondo que reclamasse a Inglaterra, se não se abolissem estes funestos monopólios, o direito que por tratado lhe assistia de comerciar diretamente com o Brasil. Mas apesar de explícitos os tratados, e não menos grande que manifesto prejuízo, entendeu o embaixador não poder a Inglaterra intervir em regulamentos que a el-rei de Portugal aprouvesse fazer para o comércio dos seus próprios súditos com as suas colônias. Acreditava ele que fundado em idéias errôneas não tardaria o novo sistema a ser abandonado mal se lhe experimentassem os maus efeitos, mas até então, por mais prejudicial que ele fosse aos interesses da Inglaterra, limitaria esta à sua intervenção a representar lealmente ao seu aliado o dano que estava sofrendo.[1]

Earl Kinnou'l dispatch. 7 de jun. *Walpole Papers.* **Ms.**

Todas as considerações desta natureza as desprezava Sebastião de Carvalho como mui rasteiras para que delas houvesse de tomar nota: a lembrança da injustiça ou dano que poderiam sofrer indivíduos ou corporações, nunca entrava nos seus desígnios, curando tampouco do mal imediato que causava, como se nele o saber corresse parelhas com o poder, e ficasse fora de toda a possibilidade de dúvida ou engano o bom resultado final que se propunha. As companhias do Maranhão e Pernambuco foram especulações desgraçadas, para os que nelas se envolveram, mas o objeto principal do ministro conseguiu-se, dando-se com a aplicação do enorme capital que os administradores empregaram, mais com vistas no próprio lucro do que no proveito dos acionistas, grande e repentino impulso à agricultura e ao comércio. Sentiu-se isto especialmente no Maranhão onde exatamente por falta de capital poucos negros tinham até então havido. Importaram-se agora muitos, sendo uma das conseqüências imediatas guardarem-se as leis a favor dos índios, por serem os negros raça mais robusta, mais dada ao trabalho, mais ativa e inteligente. Assim se trocou uma escravidão por outra, transferindo-se da América para a África o sistema de roubar gente, com o acréscimo dos horrores da pas-

Produz bom resultado a Companhia do Maranhão

sagem de porão: algum bem houve contudo na mudança, tanto imediato como em perspectiva. O princípio estabelecido a favor dos índios não podia ser menos aplicável a respeito dos negros, precedente para que os bons corações poderiam apelar a seu tempo. A introdução de tantos braços robustos produziu visível melhoramento, e embora os moradores do Pará e Maranhão tenham sido os últimos a remir-se da imputação de crueldade para com os seus escravos, aumentou-se de tempos a tempos consideravelmente o número dos homens livres, acoroçoando a religião, a emancipação, favorecida também pelas leis do país. Os primeiros gêneros que a companhia levou do Maranhão, foram os produtos silvestres que então constituíam os artigos de lei do comércio da província, arroz e algodão[2], cuja produção ela acoroçoou, e torcidas de candeeiro fabricadas pelos índios. A cultura da cana-de-açúcar parece ter estado em completo abandono antes desta época. Tão desejoso estava Sebastião de Carvalho de promover a todo o custo o comércio destes países que não queria que a companhia procedesse contra os seus devedores, fazendo-os declarar falidos: se o devedor era honrado e solvente, bem ia, mas se estava disposto a defraudar a companhia que lhe concedera crédito, oferecia-lhe o governo todas as composições, como se a moralidade colonial não fosse já lassa que farte. Contudo notou-se desde este tempo favorável mudança nos hábitos e índole do povo. Até então fora ele mais turbulento e mais difícil de governar do que o de outra nenhuma parte do Brasil, agora porém tornando-se mais industrioso, fez-se também mais subordinado. Perdeu o espírito de empresa o seu caráter feroz, quando mais se não tolerou sob pretexto algum roubar cada qual escravos para si mesmo, e a introdução geral de uma língua civilizada em vez de outra bárbara, removeu um obstáculo que enquanto durasse devia tornar impossível todo o adiantamento intelectual.

Recordações **de Ratton. § 57. Casal, 2, 256, 257**

Companhia da pesca da baleia

Também autorizou Sebastião de Carvalho a incorporação de uma companhia exclusiva da pesca da baleia, que foi fundar estabelecimentos sobre a costa da Bahia e do Rio de Janeiro, tendo contudo a sua sede principal na ilha de S. Catarina. Obteve esta Companhia um contrato para abastecer de sal o Brasil, funestíssimo monopólio, previamente possuído por um indivíduo, a quem a troco de sessenta contos vendera o governo o privilégio

Contrato do sal

de extorquir dos brasileiros o preço que quisesse por um artigo de primeira necessidade. Isentos do odioso monopólio ficaram o Maranhão e o Pará, Pernambuco e Paraíba, por pertencer ali o comércio às suas companhias próprias, e por acharem-se aquelas capitanias providas pela natureza. Perto dos cabos Frio e de S. Roque havia extensas marinhas, e em Alcântara, a três léguas de São Luís, tinham os jesuítas estabelecido salinas, que se houvessem sido bem administradas pelos sucessores deles poderiam ter bastado para abastecer muitas províncias. Mas, nos termos do monopólio se não se inibiam os moradores de fazer uso do que a natureza lhes dava, proibia-se-lhes exportá-lo para outras capitanias. Há na América do Sul partes em que sem sal não pode viver o gado, encontrando-se ali uma espécie de barro salino, que os espanhóis chamam *barrero*, e que ele devora com avidez, sendo quase impossível arrancá-lo do sítio nem mesmo a pau, de modo que às vezes come tanto, que produz indigestão e morte. Dizem não carecer o gado deste barro de latitude 27º para o sul, por conterem ali sal suficiente as águas e os pastos; mas ao norte desta latitude é impossível criar bois, cavalos, jumentos, ovelhas ou cabras, sem haver deste *barrero* à mão, ou dar-se-lhes sal.[3] Faltando-lhes isto, morrem sem remédio em quatro meses. Assim pois os enormes preços a que este despótico monopólio levava o sal, não só impossibilitavam os moradores de curar carne e peixe, mas até eram em muitos lugares uma proibição eficaz de criar gado.

Sim. de Vas. *Not.* **1, § 42, 57. Rocha Pita. 2, § 96. Casal. 2, 286**

Azevedo Coutinho. Ratton, § 59. P. 1, c. 1. Azara, 1, 53. *Dº Quadrúpedes* **2, 357**

Extinção dos donatários

Não foi por medidas como estas que Sebastião de Carvalho granjeou a reputação de grande estadista, mas pelo valor com que acometeu os mais perigosos prejuízos, fazendo a lei respeitada entre um povo que desde tanto vivia sem ela, e pondo a mira no bem público por meio de vastas e liberais idéias de política geral. Durante muitas gerações se havia experimentado serem tão inconvenientes como anômalas e indefinidas as pretensões dos donatários nas respectivas capitanias, e à medida que se oferecera ocasião, tinha-as a Coroa ido comprando aos possuidores, que queriam trocar por honras na Europa e riqueza sólida, uma autoridade disputada no Brasil, e direitos que, quando não absolutamente improdutivos, eram de valor precário. Desde muito que os moradores dos

Campos de Goitacazes andavam desavindos com o seu donatário, recusando admitir os oficiais por ele nomeados, até que depois de mais de trinta anos de litígios e rixas, não podendo por meios mais brandos fazer observar as leis, enviou Gomes Freire tropas a coagir e castigar o povo refratário. Foram presos alguns dos cabecilhas, outros esconderam-se, aquartelando-se os soldados no lugar à custa das fazendas dos culpados. Sob esta proteção tomou o procurador do donatário posse do seu ofício, mas Sebastião da Cunha Coutinho Rangel, homem de grande influência naquele distrito, foi a Lisboa representar ao ministro o ardente desejo que o povo nutria de ver-se livre da obnóxia autoridade de um súdito, sendo posto debaixo do imediato e benigno poder do soberano. Foi bem acolhido o requerimento, concedendo-se perdão geral, e posto-lhes assim diante dos olhos os males do sistema vigente, procedeu Sebastião de Carvalho com a sua característica decisão, extinguindo por um ato de salutar violência os donatários restantes, e comprando-lhes para a Coroa os direitos. Em estado de deplorável anarquia se achava por este tempo Goiás, de que antes de principiar a administração de Sebastião de Carvalho se fizera uma capitania. Haviam os primitivos colonos, como de costume, sido homens de desesperada fortuna e mais desesperada índole, cuja primeira história, como a de São Paulo, Minas Gerais e Cuiabá, pouco mais seria do que um registro de crimes.[4] Em alguns lugares iam os moradores à missa armados de pistolas e faca, não se atrevendo um a encontrar o outro sem ir assim preparado, nem mesmo no recinto onde, segundo a crença deles, estava o seu Redentor corporalmente presente! Também aqui se assinalavam os padres pela sua devassidão, e descarado desprezo de todas as leis divinas e humanas. À frente dos seus escravos e familiares armados desafiavam alguns dentre eles os ministros da Justiça, havendo um tal padre José Caetano Lobo Pereira, que tendo-se estabelecido perto de Meia Ponte, arvorara-se em senhor da terra, desterrando os vizinhos que lhe desagradavam, compelindo-os a deixar o lugar com ameaças de morte, que eles bem o sabiam capaz de realizar. Inteirado do estado da província, expediu Sebastião de Carvalho ordens para criar-se uma junta de Justiça, de que não houvesse apelação, construir-se uma cadeia e levantar-se uma

1754

Casal, 2, 46. Azevedo Coutinho p. 47. *Administração de Pombal* **T. 2, p. 33**

Fazem-se respeitar as leis em Goiás

1755

forca. Para dar exemplo supliciavam-se criminosos todos os dois meses. Foram mais a padecer por mortes do que por latrocínios, sendo o homicídio o crime mais freqüente, mas assim que se viu e sentiu possuir o governo vontade e poder de executar as leis, deu-se logo rápido e visível melhoramento.

Patriota, **3, nº 4, p. 58, 78**

Guerra com a França e Espanha

Mas agora tinha Sebastião de Carvalho de prover à segurança do Brasil. Fizera a França aliança com a Espanha contra a Inglaterra, convidando ambas a corte de Portugal a fazer causa comum com elas, renunciando a amizade inglesa; se não fosse aceita a proposta, seria a guerra a única alternativa. Escolheu Portugal o partido justo e honrado, e romperam desde logo as hostilidades. Reviveu o plano das partilhas, propondo o governo francês a anexação de Portugal e das ilhas portuguesas aos domínios espanhóis, tomando a França o Brasil como seu quinhão na presa. Sebastião de Carvalho, agora já Conde de Oeiras, confiou na força do seu país e na lealdade inglesa. A respeito de Portugal pois nenhum receio tinha, sabendo bem que embora o plano de semelhante partilha se propusesse e afagasse com aparente sinceridade para fins de imediata conveniência de parte a parte, tampouco gostaria a França de ver unida numa só monarquia a península toda, como a Espanha de deixar aquela apoderar-se da América portuguesa. Quanto ao Brasil, podia talvez ferir-se um golpe repentino e tremendo, como o de Du Guay-Trouin, posto que não no Rio de Janeiro, mas conquista permanente bem o sabia Oeiras impossível; essa questão decidira-a indisputavelmente uma vez para sempre a guerra pernambucana. Mas pelos lados do Maranhão e Pará não estava ele assim tão seguro. Abertos a uma invasão partida de Caiena estavam os estabelecimentos ao norte do Amazonas: muitos jesuítas havia na Guiana francesa, e receava Oeiras que por conselhos deles e com o auxílio quiçá dos meios de que dispunham se não empreendesse um ataque contra esta vulnerável parte. Se tal projeto nutria a França, faltou-lhe o vagar para executá-lo. Eram os conselhos ingleses dirigidos então com vigor, qual nunca a Inglaterra o desenvolvera nem no campo nem no gabinete desde os tempos de Marlborough e Godolphin, e onde quer que se descobria o inimigo, da Nova Escócia a Bengala, triunfavam as armas britânicas. No Brasil foi o golpe cair na extremidade oposta, àquela onde se receava, e vibrado por um

1762

Walpole Papers. **Ms.**

inimigo que os portugueses desde muito estavam costumados a desprezar.

Cerco e tomada da Colônia por Zebalos

1762

Zeballos, o homem mais hábil que em tempo algum comandara em Buenos Aires, previra o rompimento, preparando-se para ele. Fortificara as obras de Montevidéu, levantara uma força miliciana, e trouxera guaranis das reduções. Assim apercebido, apenas recebeu aviso do começo das hostilidades na Europa, enviou um navio a proclamar a guerra diante dos muros da Colônia, pondo imediatamente cerco àquela malvista praça. Receando este ataque, tinha o governador Vicente da Fonseca reparado as fortificações, que estavam contudo longe de corresponder à importância que tanto a Espanha como Portugal ligavam à praça; bem dispostos estavam também os moradores a ajudar numa obstinada defesa. Tinham-se eles indignado tanto contra a proposta transferência, que se diz haverem eles derribado as armas da Espanha, quando em virtude do tratado foram arvoradas. Tinha Zeballos força menos voluntária ao seu comando, nem a recentemente organizada milícia teria atravessado o rio nesta expedição, se houvesse ousado negar obediência a um general cujo caráter severo e resoluto de todos era temido. Talvez também que não fosse muito popular uma empresa, que, a lograr-se, poria termo ao tráfico de contrabando, tráfico tão vantajoso ao povo do Prata, quão prejudicial era à alfândega. Mas não há tropa de que um bom comandante não possa tirar partido: depressa adquirem os soldados o espírito da sua profissão, e quando podem confiar no capitão, também não tarda a vir-lhes a confiança em si mesmos. Assim sucedeu debaixo das ordens de Zeballos. Também os guaranis se portaram com alegre atividade, inspirando-lhes coragem a presença dos espanhóis, sobre pelejarem contra um inimigo que odiavam. Dirigido o cerco com vigor e habilidade, logo ao segundo dia se abriu uma brecha que a guarnição tapou de noite com faxinas tiradas das ilhas do rio.[5] Ao capitão de uma fragata espanhola, que consigo tinha alguns transportes, ordenou Zeballos que cortasse aos sitiados as comunicações com as ilhas, mas àquele oficial pareceu mais prudente manter-se fora do alcance de todo o perigo. Levantaram-se trincheiras em mais favorável posição, abriram-se novas brechas, e tentou-se um assalto que de ambos os lados foi bem sustentado, procedendo com tal sangue-frio os guaranis, que com couros molhados amorteci-

am as panelas de pólvora, lançadas entre eles. Afinal após um assédio de quatro semanas, capitulou a guarnição, concedendo-se-lhe as honras militares, e permissão de embarcar para o Brasil[6] com provisões para dois meses. A propriedade particular seria respeitada, ficando livre aos moradores prestar preito ao rei da Espanha ou retirar-se mas os que ficassem haviam de pagar as suas dívidas aos negociantes brasileiros. Os navios que chegassem dentro de um mês contado do dia da capitulação, não seriam sujeitos à captura, permitindo-se-lhes a entrada no porto para refrescar.

Muriel, 342-3. Funes. 3, 97-9. Casal, 1, 124

Derrota de uma esquadra anglo-lusa nas águas da Colônia

Entretanto fizera Gomes Freire sair do Rio de Janeiro uma esquadra para socorrer a praça. Compunha-se do *Lord Clive* de sessenta e quatro peças, e da *Ambuscade*[7] de quarenta, ambos ingleses; da *Glória* de trinta e oito e de alguns vasos pequenos armados e transportes, onze velas ao todo, com cerca de quinhentos soldados a bordo. Eram corsários os barcos ingleses aprestados para tentar fortuna em Buenos Aires, mas como tocassem de passagem em Lisboa com recomendação do embaixador português em Londres pedindo-se-lhes dessem cartas para o vice-rei, a fim de não serem considerados piratas ao chegarem aos mares do Brasil, passaram-se patentes portuguesas aos oficiais, e seguiram estes para o Rio de Janeiro a receber ordens de Gomes Freire. Foi o armamento todo posto sob o comando do irlandês Macnamara, capitão do *Lorde Clive*. Soube este pelo caminho achar-se a Colônia em poder dos espanhóis, e resolveu retomá-la por um ataque pronto. Diante desta força superior retiraram-se os navios espanhóis comandados por esse mesmo D. Carlos Sarria, que com tão suspeita prudência se houvera durante o cerco, e os portugueses e ingleses entraram no porto ao toque de cornetas e rufo de tambores, em boa ordem, e com plena esperança de boa probabilidade de triunfo. Apesar de prostrado pela enfermidade, deixou Zeballos o leito à nova deste não esperado perigo, e montando a cavalo rondou as trincheiras para animar e dirigir a sua gente. Um homem de bordo da esquadra que o conhecia pessoalmente, tendo servido na última guarnição, mostrou-o a Macnamara, mas este proibiu apontar para ele, deixando-o antes que se sepultasse sob as ruínas das muralhas. Após quatro horas de fogo, sustentado com a maior coragem a curta distância, estavam as baterias quase reduzidas ao silêncio, esperando já os assaltantes a todo o momento ver os

sitiados arriar bandeiras, quando por negligência, ou desgraça, se ateou fogo no *Lorde Clive*, que, ao descobrir-se o incêndio, estava envolto em chamas. Valer-lhe era impossível, e os outros navios tiveram de afastar-se a toda pressa, para que não os alcançasse a mesma ruína. Renovou o inimigo o seu fogo, posto que depois de tal saudação, devida a tais circunstâncias, tanto a honra como a humanidade lhe ordenavam que o suspendesse; e assim muitos morreram a tiro que aliás poderiam ter escapado às chamas, ganhando a margem. Um bom nadador tomou Macnamara às costas, esforçando-se por aferrar a terra, mas principiaram a faltar-lhe as forças, o que percebido pelo capitão, entregou-lhe este a sua espada, disse-lhe que olhasse por si, e largando-o, deixou-se ir ao fundo. De trezentas e quarenta pessoas, apenas setenta e cinco se salvaram. Foram transportados com alguns prisioneiros portugueses para Córdoba, onde quase todos ou todos se estabeleceram, havendo naquela cidade ainda memória de terem estes homens introduzido tanto na agricultura como nos ofícios manuais um grau de perícia até então ali desconhecido. Ao findar a ação estava o *Ambuscade* inteiramente desarvorado, com sessenta balas no casco e seis pés de água no porão. Quase sem resistência o pudera haver capturado Sarria, que tinha às suas ordens uma fragata, um navio mercante armado, e um aviso igualmente armado, mas em lugar de segurar a presa que por si se lhe metia nas mãos, foi este pusilânime oficial pôr-se a si mesmo a salvo entre as ilhas de São Gabriel, com precipitação tal que encalhou a fragata, incendiando-a depois com o ridículo receio de que a levassem os portugueses. Assim ardia esta embarcação enquanto a guarnição rendia na igreja graças pela sua salvação e triunfo. Graças a esta escandalosa covardia, pôde a esquadra refazer-se conforme permitiram as circunstâncias, e voltar ao Rio de Janeiro.[8]

Muriel, 343. Life of Penrose, em *Anderson's Poets.* **Funes, 3. 91-103**

Avança Zeballos contra o Rio Grande

Depois do malogro de tão formidável investida sentiu-se Zeballos seguro na posse da sua conquista, e preparou-se para aproveitar a sua boa fortuna, resolvendo a tão disputada questão da fronteira por meios mais condizentes com o seu caráter do que as discussões em que andara com Gomes Freire depois da anulação do tratado. Com pouco mais de mil homens pôs-se pois em marcha contra o forte de S. Teresa, recentemente plantado pelos portugueses sobre o Xuí, rio pequeno que, nascendo

1763

entre as lagoas Mangueira e Mirim, entra no mar quase em linha com a extremidade sul deste último lago. Guarneciam-no uns seiscentos homens comandados pelo coronel Tomás Luís Osório, sendo porém metade apenas tropas regulares, e o resto gente do campo, pela maior parte guardadores de gado que à vista do inimigo desertaram do serviço forçado. O terror destes infeccionou os outros, e no segundo dia capitulou Osório atendendo tampouco à fortaleza do seu posto e à honra das armas portuguesas que até os vencedores o censuraram, concorrendo isto por sem dúvida para acarretar-lhe a triste sorte que não tardou a cair sobre ele. À meia-noite tomou Zeballos posse da praça, e no correr de uma hora fez sair um destacamento a dispersar os cavalos do inimigo, e outro a tomar S. Miguel, forte sete léguas ao norte de S. Teresa. Rendeu-se a guarnição imediatamente tomada do primeiro terror, e sem demora fez o general espanhol avançar sobre o Rio Grande do Sul um corpo das suas vitoriosas tropas ao comando do coronel D. Joseph Molina.

Muriel, 343. Casal, 1, 124. Funes, 3, 103.

Nunca o nome de Rio Grande, tão freqüente e inconvenientemente posto por portugueses e espanhóis, foi mais impropriamente aplicado do que a esse canal, de poucas milhas de comprimento apenas, pelo qual descarrega a lagoa dos Patos no oceano as suas águas. Corre esta lagoa, a maior do Brasil, por 180 milhas quase paralela à costa, de onde dista de oito a vinte e quatro. É de quarenta milhas a sua maior largura, havendo fundo para navios de mediano calado, mas também não faltam perigosos baixios. Comunica pelo rio de São Gonçalo, corrente navegável por cinqüenta a sessenta milhas de extensão, com a lagoa Mirim, ou Pequena, que apesar de assim chamada, mede mais de cem milhas de comprimento sobre trinta de largura. Comunica esta a seu turno com a lagoa Mangueira, que com cem milhas de comprimento tem uma largura média de quatro, ficando entre a lagoa Mirim e a costa. O rio Grande, único canal que a estas águas dá saída para o mar, tem cerca de doze milhas de comprimento e quatro de largura. É baixa de ambos os lados a terra e variável o canal. Contém a longa península entre a lagoa Grande e o oceano, vários lagos menores, um dos quais de trinta e seis milhas de comprimento, pouco mais ou menos, se torna notável por dizer-se que todos os anos se fecha e abre a sua comunicação com o

Rio Grande, S. Paulo e Lagoa dos Patos

mar, entrando aqui o peixe em abundância tal, quando na estação própria rompeu caminho as águas que ao reservatório se pôs nome lagoa do Peixe. De um caso deriva o seu a lagoa Grande. Alguns navios espanhóis, que em 1554 demandavam o Prata, tiveram de entrar no rio Grande acossados pelo temporal: ali deixaram uns poucos de patos, que se multiplicaram a ponto de com sua multidão cobrirem as águas que se ficaram chamando lagoa dos Patos.[9]

Carijós

Nenhuma parte do Brasil reúne tantas vantagens naturais. Ao sul compõe-se a terra de montes e vales, com bastante diversidade de bosques; são excelentes os pastos, a água nunca falta, e o clima favorece a cultura dos cereais. Ao tempo da descoberta assenhoreavam esta região os carijós, índios bem intencionados, dóceis e industriosos. Tinham bem cobertas as suas casas e revestidas de casca de árvore, e cultivavam algodão, de que faziam redes e capas, forrando estas de peles e ornando-as de penas. Os primeiros navios que os visitaram seguiram daqui para Santos, onde falaram tão bem deles aos portugueses, que logo principiou o tráfico com estes selvagens, cujo artigo principal eram escravos. Continuou isto assim por muitos anos, até que veio interromper este estado de coisas um ato de abominável vilania da parte dos portugueses. Pregaram debaixo de canhões as caixas que continham os artigos para escambo, e disseram aos seus fregueses que as tirassem para fora; não suspeitando fraude, julgaram os selvagens que o muito peso as tornava imóveis, e chamaram mais dos seus conterrâneos que os ajudassem, mal porém pilharam os traficantes de escravos cheio o porão, fechadas as escotilhas fizeram-se de vela. Pertencia o navio a Jerônimo Leitão, então capitão de Santos, homem nobre, diz Vasconcelos, e temente a Deus. Bem merece o seu nome tão honrosa menção, pois que ele, pondo imediatamente em liberdade estes índios, mandou-os outra vez para a sua terra acompanhados de dois jesuítas, que lograram tornar a estabelecer a paz tão vilmente quebrantada.

Jaboatão. Preâmb. § 25. Sim. Vasc. *Vida de Almeida,* **4, 5, § 2, 4**

Dizem que facilmente se teriam deixado converter os carijós, a não haverem sido os seus conjuradores. Eram estes charlatães os mais famosos de todo o Brasil, e tão ardilosos nas suas manhas, que da sua comunhão com os espíritos maus ficaram persuadidos os jesuítas. Estava na verdade aquela profissão aperfeiçoada. O primeiro grau e o mais

útil, posto que provavelmente seria tido na menor estimação, era o dos que professavam a arte de curar, consistindo o seu remédio em chupar a parte afetada. É este o meio mais vulgar da curandice selvagem, e talvez que mais freqüentemente produzisse alívio com o auxílio da fé, do que poderia causar dano. A segunda ordem era a dos que pretendiam matar com os seus encantos, e afirmando terem um espírito ao seu serviço, seguiam uma fantástica porém regular teoria de correspondências diabólicas. Assim se queriam imolar uma vítima, produzindo nela uma moléstia inflamatória, era mister apossarem-se de alguma coisa que tivesse passado pela ação do fogo, e em que o intentado padecente houvesse tocado. Se lhe queriam dar a morte por meio de desorganização e dissolução internas, consistia a matéria mágica em espinhos, ossos ou qualquer coisa aguda ou afiada, que igualmente houvesse sido tocada, circunstância essencial para surtir efeito o encantamento. Se o queriam cegar, empregavam qualquer coisa que se parecesse com um ovo. Estes objetos enterrava-os o conjurador em buracos, de onde os escavava o seu espírito familiar, abertos na cabana em que dormia a pessoa odiada, e de ordinário debaixo da rede. Começava o feitiço imediatamente a operar e seu efeito, sendo sempre fatal o desfecho, salvo se, descoberta a causa da moléstia, se abriam os buracos a tempo, lançando ao rio o conteúdo. Outro método era amarrar um sapo, cobra ou outro qualquer animal reputado nojento ao pé de uma árvore, e ao passo que o pobre réptil se definhava e morria, sobrevinha a morte por simpatia mágica à pessoa enfeitiçada. Onde quer que se têm tentado bruxarias, parecem haver estado em uso práticas como estas. Se os carijós se tivessem tornado um grande povo, como os mexicanos e peruanos, ter-se-ia a primeira classe destes impostores elevado à categoria de médicos, a segunda à de magos, e a terceira teria sido à dos sacerdotes, divisão que vigorou entre os antigos egípcios. Esta terceira ordem inculcava um parentesco celestial, pretendendo-se os seus membros filhos de espíritos bons, não de homens mortais, chamando-se por isso *caraibebes*, palavra de que os jesuítas se serviram para significar anjos. Sobre a lagoa dos Patos vivia um caraibebe guazu,[10] a quem se ofereciam as primícias dos frutos como uma divindade. Os que partiam para a guerra iam receber dele a certeza da vitória, que o impostor lhes conferia soprando-lhes uma bênção se saíam derrotados,

era que algum pecado grande frustrara a promessa, e o sopro do grão-anjo continuava a passar por infalível.

Primeira ocupação do Rio Grande pelos portugueses

De grande importância era para os portugueses possuir este país por causa do seu porto, da sua aptidão para a cultura dos cereais, e abundância de pastos, povoado já de bois e cavalos. Supõe-se que o navio que trouxe a nova da paz da Colônia, depois da sua brilhante e feliz defesa contra Salcedo, levara instruções para ocupar o Rio Grande, pois que o governador Vasconcelos despachou imediatamente o sargento-mor José Silva Pais a tomar posse dele. Fundou este oficial um estabelecimento sobre o rio, erguendo também o forte de São Miguel. Fez Salcedo repetidos protestos contra o que chamavam os espanhóis nova invasão da parte dos seus mais ativos vizinhos, mas continuaram os portugueses a manter o terreno que haviam ocupado, sendo-lhes este depois assinado pelo Tratado de Limites. A revogação deste convênio deixou outra vez litigioso o direito que ia ser agora decidido pela lei do mais forte, enviando Zeballos, tomadas sem resistência S. Teresa e S. Miguel, o coronel Molina contra São Pedro.

1737

Funes, 2, 393

Os portugueses expulsos de S. Pedro pelos espanhóis

Tinha São Pedro o título de vila, sendo então capital da província. Uns dez anos depois da sua primeira fundação transferira-a Gomes Freire para o lugar que atualmente ocupa, obra de uma légua no nordeste da sua posição originária. Está assentada sobre uma língua de terra areenta, entre a extremidade sul da lagoa, e uma das enseadas do canal, parecendo ali ter sido colocada para dominar o país ao sul, aliás seria mal escolhido o sítio, porquanto fica o porto do lado oposto, tão leve e solta a areia, que enche as ruas, penetrando por toda a parte quando é alto o vento, cobrindo a comida e enterrando a meio as casas. Sobre semelhante terreno não havia fortificações possíveis. Bem provida de artilharia se achava sem embargo a vila, mas o terror pânico chegara antes que o inimigo, fugindo à primeira vista do perigo com precipitação tal soldados e moradores, que não poucos se afogaram ao atravessar o canal, e Molina apanhou uns cem prisioneiros apoderando-se de todos os depósitos sem disparar uma arma.[11] Fugiram os portugueses para Viamão sobre o Jacuí, ao noroeste da lagoa, um dos maiores rios que nela deságuam e cruzando o canal estabeleceu Zeballos guarnições de ambos

1763

os lados, preparando-se para perseguir o inimigo, e expeli-lo de Viamão e dos fortes do rio Pardo. Para melhor segurar o país que deixara atrás, já ele fundara um estabelecimento a cerca de nove milhas ao norte de Maldonado, sobre uma abra do mar. Pôs-lhe nome São Carlos, santo debaixo de cujo padroado foi posto, em honra do soberano reinante, e povoou-o pela maior com portugueses das terras conquistadas. Poderiam estes ter sido perigosos ficando dispersos pelo país, por isso os reuniu Zeballos numa só povoação, esperando que seriam um dia bons espanhóis os filhos destes prestimosos colonos.

Muriel, 343-4. Casal, 1, 148. Funes, 3, 107

Suplício do comandante e Sta. Teresa

Mal soube destas ocorrências, logo Oeiras, que tão ao longe e tão depressa via o mal como o bem, tremeu por Minas Gerais, aonde lhe pareceu que facilmente poderia penetrar um capitão como Zeballos, aconselhado e ajudado pelos jesuítas do Paraguai. O receio das intrigas dos jesuítas parece ter sido a idéia fixa deste homem extraordinário.[12] nada lhe contrariava os desejos ou as intenções, ou fosse em coisas grandes ou em ninharias, que ele lhes não imputasse, como se onipresente e onipotente houvesse sido a influência destes homens. Osório, o antigo comandante de S. Teresa, foi acusado de ter em casa um jesuíta disfarçado em trajos seculares. À suspeita de maquinações de traição algum fundamento dava a facilidade com que se rendera uma praça capaz de defesa, e foi ele remetido para Lisboa com o auto de inquirição de testemunhas. Infelizmente não houve desta vez as costumadas delongas, sendo o coronel condenado à forca, não por haver faltado aos seus deveres militares, mas por ter acoitado um jesuíta. Debalde protestou ele a sua inocência, suplicando dilação, até chegarem novas inquirições, e debalde também, perdida esta esperança, requereu que em atenção ao seu nascimento, graduação e serviços prestados, em outra menos ignominiosa lhe comutassem a sentença. Executou-se esta, e passadas poucas semanas chegaram do Brasil provas completas de ter sido falsa e maliciosa a acusação. Mandou-se então proclamar a inocência do justiçado e declarar que tendo ele padecido injustamente nenhuma infâmia transmitia aos seus descendentes o gênero da morte.

Vida de Pombal. **§ 264. Ms.**

Fronteiras de Mato Grosso e dos moxos

Dúvida não pode haver de que Zeballos concertasse os seus planos com os jesuítas, hábeis estadistas, que ele sabia apreciar, compartindo esse ódio contra os portugueses, para o qual não faltava causa justa aos padres. Se tivesse havido tempo para

maiores conquistas por aquele lado, sairia com certeza a campo uma força das reduções. Os seus irmãos da fronteira dos moxos tomaram armas, travando-se agora pela primeira vez hostilidades regulares entre portugueses e espanhóis no coração mesmo da América do Sul.

D. Antônio Rolim de Moura governador de Mato Grosso

Nomeado primeiro governador e capitão-general de Mato Grosso, fundou D. Antônio Rolim de Moura, então senhor e depois Conde de Azambuja, dez anos antes de começar a Espanha esta injusta guerra, Vila Bela, de que fez capital da nova província. Assentou-a no sítio até então chamado Pouso Alegre, à margem direita do Guaporé, doze milhas abaixo da foz do Sararé. Grande parte do país circunvizinho é anualmente inundado, tendo a mesma vila já por vezes sofrido com as cheias, mas estes inconvenientes amplamente lhos compensa a posse do rio, e a excelência de suas águas. A doze dias de viagem de Vila Bela descendo o rio, e dezesseis léguas abaixo da ilha Grande fica o Sítio das Pedras, que por ser o único terreno alto sobre a margem direita, era olhado como posição importante. Ali se estabelecera o licenciado João Batista André. A dia e meio de jornada abaixo deste ponto erguia-se a redução espanhola de São Miguel, e a meio caminho entre esta missão e a junção do Guaporé com o Mamoré (três dias de distância de cada lado) via-se também sobre a margem direita a redução de S. Rosa. Tendo o Tratado de Limites declarado que fosse este rio a linha divisória deviam os estabelecimentos sobre a margem direita ser entregues tais quais se achavam, podendo os moradores retirar-se e perder o que era seu, ou deixar-se ficar, à sua livre escolha, prestando preito à coroa de Portugal. Nesta estipulação nem dureza nem injustiça havia. Eram tão recentes os aldeamentos que abandonando-os não perdiam grande coisa os moradores, nem os índios votavam como os guaranis ódio hereditário aos portugueses, sendo-lhes portanto indiferente que os amansasse e civilizasse um ou outro povo. Não entenderam porém os jesuítas dever deixar a escolha aos seus discípulos, e com culpável infração do tratado, obrigou o reitor de São Miguel, Fr. Francisco Traiva, o seu rebanho a emigrar, queimando o lugar que abandonava, e outro tanto fez em S. Rosa Fr. Nicolas de Medinila. Assim tendia o tratado mais para agravar do que para sanar a má vontade que sobre esta fronteira se tinham as duas nações. Com razão se queixavam da destruição destas aldeias os portugueses, que

Fundação de Vila Bela

Almeida Serra *Patriota*. T. 2, nº 6. Casal, 1, 292

além disto consideravam súditos naturais do rei de Portugal todos os índios tirados da margem direita, pelos jesuítas; estes porém, olhando-os como seus filhos espirituais, continuaram-se a atravessar o Guaporé em busca de recrutar para as reduções dos baures.

Relação da guerra de Mato Grosso. **Ms.**

Disputas com os jesuítas das missões dos baures

Por mais sinceramente que os dois governos desejassem promover a conversão dos índios, obra de caridade com que esperavam contrapesar os múltiplos crimes cometidos na conquista, sempre esta consideração era posta de parte, tratando-se de pretensões territoriais. Azambuja mandou intimar o reitor de São Simão, Fr. Raimundo Laines, que mais não tornasse a violar assim a fronteira portuguesa, e para dar mais peso a esta proibição postou uma força pequena no Sitio, desde então chamado Destacamento das Pedras, ficando este lugar a umas seis horas de viagem acima da boca do rio, sobre que estava São Simão. Reputando nova invasão esta medida, escreveram os jesuítas ao governador que retirasse a sua gente do que afirmavam ser território espanhol. Receando não fossem os padres tentar à força o que ele por bem não estava disposto a conceder-lhes, embarcou Azambuja em Vila Bela com cerca de quarenta homens a reconhecer em pessoa o país e dar as providências que lhe parecessem necessárias para garantir os direitos de Portugal. Passando uma noite apenas nas Pedras, tomada dali parte da pequena guarnição, seguiu para as ruínas de S. Rosa. Nas vizinhas selvas se descobriu terreno roteado e plantado de fresco, não faltando outros indícios de tratarem os jesuítas de reocupar o evacuado posto. Resolveu pois preveni-los o governador, e tomando posse da terra com as formalidades do estilo, principiou a reparar e alargar a arruinada habitação dos missionários, como quartel para a tropa. Depressa souberam disto os jesuítas, escrevendo o superior das missões, e vindo em pessoa alguns padres a sustentar o direito da coroa da Espanha a estas terras, e protestar contra semelhante intrusão e usurpação. Em resposta apelou Azambuja para o tratado: os mesmos jesuítas, disse, se tinham retirado da margem direita em cumprimento dele, sobre nunca haverem tido direito para ali se estabelecerem, tendo muito antes de criadas as missões percorrido aquela terra os portugueses, aos quais pois pertencia por jus de descoberta. Mas à vista da disposição que tinham manifestado os jesuítas primeira-

1759

6 de fev. 1760

mente para frustrar a intenção, e agora para questionar o claro e explícito sentido de um tratado solene, pareceu-lhe acertado refazer uma estacada, talvez primitivamente plantada para defesa tanto contra os portugueses como contra os selvagens. Também de S. Rosa mudou para Nossa Senhora da Conceição o nome e invocação do lugar. Para uma simples santa não era afronta ceder o passo à rainha dos anjos, e com a mudança ficaram encantados os soldados, sendo esta no Brasil a designação favorita para Nossa Senhora[13] e tendo nela provavelmente fé o mesmo D. Antônio. Demorou-se este dois meses, dirigindo e ativando as obras, e dormindo na sua canoa este tempo; depois voltou a Vila Bela deixando a comandar o posto um oficial inferior com vinte homens de cavalo e dez infantes, um indivíduo designado como aventureiro, um capelão, e número suficiente de negros para os trabalhos e serviço da guarnição. Passando pelas Pedras mandou de reforço para a Conceição toda a gente que ali estava, e enviou uma canoa armada pelo rio abaixo a aguardar além da embocadura do Mamoré outra que se esperava do Pará com munições, que não era prudente deixar sem escolta na forma que estavam as coisas.

Relação. **Ms.**

Uns cinco meses depois da sua volta soube Azambuja ser o governador de S. Cruz de la Sierra, D. Alonso de Verdugo, acompanhado de alguns oficiais e soldados chegado à Conceição para conferenciar com ele, mandando por não o haver encontrado ali o mestre-de-campo D. Joseph Nunes Cornejo a Vila Bela. Foi este oficial recebido com a cerimoniosa cortesia da diplomacia européia, visitando-o Azambuja nos seus aposentos, acompanhando à igreja a ouvir missa, dando-lhe um jantar público no palácio, e oferecendo-lhe à noite um baile de máscaras e uma ceia. Mas assim que o espanhol apresentou um protesto contra a ocupação do território de S. Rosa, sob o fundamento de pertencer à Espanha até a chegada dos comissários da demarcação, entregou-lhe Azambuja um contramemorial, sustentando ter cessado o direito dos espanhóis no momento de assinar-se o tratado, havendo eles mesmos reconhecido isto com a sua retirada da margem direita, sobre pertencer o terreno aos portugueses pelo primitivo jus de descoberta. Doze meses se passaram, até que do governador de S. Cruz chegou segundo protesto, que obteve igual resposta. Nenhuma idéia tinha Azambuja de que pudesse vir o tratado a ser anulado, e ainda menos podia re-

1761

cear rompimento entre as duas coroas, mas os jesuítas falavam em vindicar os direitos da Espanha se continuassem as representações a ser desprezadas; constava que fundiam eles artilharia nas reduções, e embora os portugueses pouco temessem estas peças, dizendo que haviam de ser os índios bem tacanhos artilheiros, e pouco melhores os homens de S. Cruz, caso também saíssem a campo, julgou o governador do seu dever precaver-se contra o perigo. Mandou pois para Conceição quantos soldados pôde dispensar da escassa guarnição de Mato Grosso, requisitando do governador do Pará trinta infantes e algumas munições de guerra. Não era sem motivo que assim se mostravam ansiosos os jesuítas de desalojar da sua vizinhança os portugueses. Por mais fácil que fosse a vida dos índios nas reduções, onde abundantemente se lhes supriam todas as necessidades, sem que jamais tivessem de cuidar em si nem no dia de amanhã, o amor da mudança, o desejo da novidade, e talvez um enfado da disciplina moral, debaixo da qual viviam, e da perpétua inspeção a que estariam sujeitos, fazia-os desertar aos bandos para a guarnição, onde o capelão os tomava ao seu cuidado espiritual e o governo ao seu serviço. Não se teria desta forma acoroçoado a deserção, se os portugueses não houvessem tido por coisa muito justa usar destas represálias contra os jesuítas, que tinham tirado os naturais da margem direita.

Vai Azambuja a Conceição

Em agosto do ano seguinte foi Azambuja visitar a guarnição. Compunha-se ela depois de todos os seus esforços de sete oficiais, trinta e quatro praças de cavalaria, vinte e um infantes, seis aventureiros e sessenta e cinco negros. Deu-se o governador o maior trabalho em disciplinar esta gente. Traçou-se um forte pentagonal, mas não foi possível construir-se antes de concluídos os quartéis. Para prevenir todo o perigo de surpresa montou-se uma guarda regular na estacada como em tempo de guerra, e canoas de vigia rondavam o rio para baixo do forte até à foz do Mamoré, e para cima até à do Ilaures. Em fevereiro chegou do Pará um reforço de vinte e seis homens, mal providos de tudo, mas o todo compunha agora uma força não para desprezar-se, atento o lugar em que se reunira, e a espécie de hostilidades que se receavam. Umas três semanas depois, trouxe a canoa de vigia aviso de se terem visto vestígios de grande e recente acampamento perto da embocadura do Mamoré; nada mais se descobriu, ape-

1762

sar de visitado por vezes o sítio, até princípios de abril, em que começaram as inundações, mas era claro ter tido lugar algum movimento considerável cumprindo continuar a vigiar. Por este tempo nada mais tinha a guarnição para rações senão legumes e presunto, nada oferecendo do seu lado as terras com que se pudesse contar, enquanto que o país das missões abundava em gado. Comprá-lo era impossível, atento o humor de que estavam os jesuítas, e entrar-lhes pelas terras adentro para apreender reses seria um ato de guerra direta; mas também havia ali gado bravo, e esse podia-se caçar sem cometer maior ofensa do que uma transgressão de fronteira que podia até passar desapercebida. Saiu pois a esta diligência um cabo com vinte e dois homens, sendo metade índios. Subiram todos o Itonamas, fizeram grande caçada e por três vezes remeteram para o forte o seu produto. Tinha-se-lhes mandado ordem de recolher, por haver a canoa de vigia dado rebate, quando um troço grande de espanhóis e índios, atravessando nas suas canoas o pantanal, a caminho de São Pedro para Itonamas, avistou o acampamento à margem, aproximando-se dele com tanto segredo, que surpreenderam o cabo e nove homens da sua gente. Caçavam os camaradas nas florestas, nem voltaram senão depois de terem sido levados os prisioneiros: ida era também a canoa e quanto lhes pertencia. Só lhes restava agora atravessar como pudessem as matas e as águas, passando a nado os rios e dirigindo a marcha pelo tino, até que após uma semana de rudes fadigas chegaram à guarnição quase exaustos de trabalhos e fome.

1763

Aparece uma força espanhola e sabe-se da guerra na Europa

Pouco antes da sua chegada, tendo o capelão saído com a sua escopeta, avistou uma porção de canoas à embocadura do Itonamas, e multidão de gente em terra. Ao saber disto mandou Azambuja sair uma canoa a reconhecer e os espanhóis a mandaram retirar imediatamente, dizendo que não deixariam passar ninguém rio acima, mas o batel aproximara-se o preciso para ver que havia artilharia. Foi então Azambuja em pessoa com duas canoas armadas, acercando-se com rufo de tambores. Ao chegar perto, ouviu-se um tiro e uma bala lhe veio cair a breve distância da proa; tão rude saudação o obrigou a demandar terra. Passou ele ali a noite, que já vinha fechando, e de manhã mandou um oficial a perguntar ao comandante espanhol qual a razão deste procedimento. Informou-o o espanhol de que havia dezesseis meses já que estava declarada a guerra

entre Portugal e a Espanha, sendo para estranhar que o governador de Mato Grosso ignorasse tão importante sucesso. Na verdade só se pode isto explicar supondo que o portador da notícia tivesse pelo caminho sido vítima dos selvagens. Acrescentou o espanhol que vinham aquelas tropas às ordens do governador de S. Cruz de la Sierra, que se achava em pessoa à foz do Mamoré, com maior força; que o fim da expedição era expulsar de S. Rosa os portugueses, enquanto o governador de Charcas marchava com cinco mil homens contra Mato Grosso; e que as praças mais fortes de Portugal tinham caído em poder dos espanhóis, cujo era já metade do reino.

1763

Entrega Azambuja o comando a Nossa Senhora da Conceição

Más novas eram estas para Azambuja, porquanto por mais exageradas que fossem numas coisas e falsas em outras, não havia que duvidar ter-se feito daquelas bandas algum grande e extraordinário esforço. A hoste, que ele tinha diante de si, exclusivamente composta de índios, não podia ser menor de setecentos homens, armados de espadas e mosquetes, contando-se oito peças de artilharia. Mandou-se agora explorar também o acampamento sobre o Mamoré; e se, como afirmara um oficial, se dirigisse um ataque simultâneo contra Mato Grosso, tão impossível era ao governador tomar medidas para proteger Vila Bela e Cuiabá, como obter dali socorros na sua própria situação perigosa. Mas bem sabia Azambuja quão difícil era trazer de Charcas um exército, e quão improvável sobrarem os espanhóis com uma energia tão pouco de acordo com os hábitos em que desde muitas gerações tinham caído. Fosse como fosse outra alternativa não lhe restava senão deixar-se ficar e sustentar o novo estabelecimento, onde a sua presença era na verdade a melhor defesa. Estacionou uma lancha armada e duas canoas ligeiras a observar o inimigo, e voltando ao forte pôs o bastão de comandante com grande solenidade nas mãos de Nossa Senhora da Conceição, suplicando-a que sobre si tomasse a defesa daquela praça, que os fiéis portugueses tinham dedicado ao seu nome, e colocado debaixo do seu principal padroado. Neste ato de idólatra devoção beberam os soldados quiçá mais confiança do que se houvessem duplicado o número, sendo crível que apelando para esta superstição fosse tanto a própria fé como a política que guiou Azambuja. Mas nem por isso se descuidou ele de recorrer ao auxílio humano. Despachou para o Pará seis índios escolhidos,

que apesar de acharem um acampamento espanhol na junção dos rios, espreitaram tão bem a ocasião, que passaram por ele sem serem pressentidos.

Tinham os espanhóis atiladamente concertado suas medidas, tencionando, com um armamento interceptar os socorros que pudessem vir do Pará, e com o outro cortar aos portugueses as comunicações com Vila Bela. Podiam eles, abastecidos de víveres das reduções, facilmente manter este bloqueio enquanto que limitada à sua própria margem, ver-se-ia a guarnição em míngua de munições de boca e de guerra, podendo assim ser reduzida sem se ferir um golpe. Daí a pouco soube Azambuja ter o armamento de cima recebido um reforço de quarenta canoas, quase todas grandes, parecendo agora preparar-se para fazer uma demonstração contra a praça. Inferior em número como era a sua força, sabia ele que até nos negros podia fiar-se quanto à firmeza, não sendo provável que os canoeiros índios do inimigo sustentassem o fogo: nesta confiança pois tripulou a sua flotilha, composta de três lanchas e quatro canoas, embarcou, meteu o capelão a bordo, e valorosamente ofereceu batalha aos espanhóis. Jogavam eles jogo mais seguro, rejeitando pois a arrojada oferta. Durante a ausência do governo evadiu-se de noite com dois índios numa canoa um covarde traficante do Pará, por nome Joaquim de Matos, abandonando as suas mercadorias. Era certo que se este homem lograva efetuar a sua fuga pelo rio abaixo, havia de representar como desesperada a condição do forte, a fim de desculpar-se para com os seus credores, cujas fazendas sacrificara. Mandou-lhes pois Azambuja uma canoa no encalço, não fossem as falsidades do fugitivo impedir o governador do Pará de mandar socorro. Também para Vila Bela mandou avisos, fazendo constar em Mato Grosso e Goiás o seu perigo, não fossem os colonos do curso superior do Guaporé expor-se a cair nas mãos do inimigo, aventurando-se sem escolta como tinham de costume. O portador destes despachos tomou uma canoa pequena por sobre as terras inundadas, entrando ao nono dia no rio acima da estação dos espanhóis, e efetuando assim a sua viagem.

Atividade e confiança dos portugueses

Elevava-se agora toda a força da Conceição a 244 homens, entre os quais havia 24 índios do Pará, e 144 negros. A estes nem valor, nem atividade, nem inteligência faltava, mas eram boçais pela maior parte, e por isso pouco exercitados

ainda para servirem como soldados, sobre achar-se então doente um sexto do número total. Fossem quais fossem os seus sentimentos debaixo destas circunstâncias desanimadoras, não mostrava Azambuja senão confiança, comunicando-a à sua gente. Vendo que requeriam os reparos da estacada mais tempo e trabalho do que era possível aplicar-lhes, disse aos soldados que a deixassem como estava, que não careciam de fortificações os portugueses, enquanto tivessem armas nas mãos. Tinham as águas atingido agora a sua maior altura, sufocava o calor, e intolerável era a praga dos insetos. Aqui e ali somente, de um e de outro lado do rio aparecia alguma eminenciazinha, surgindo das águas qual ilha. Destas havia uma da banda dos portugueses defronte da barra do Itonamas e do porto, em que estava surta a flotilha espanhola. Cobriam-na árvores em parte e a Azambuja pareceu possível levantar ali trincheiras, donde fizesse jogar contra o inimigo alguma artilharia. Com grande dificuldade e algum perigo se alcançou o sítio, vadeando através de matas inundadas, mas ao principiar-se a cavar logo brotava água debaixo da enxada, sendo forçoso desistir da empresa. Neste tentâmen de necessidade haviam de ser descobertos os portugueses, podendo ter sido seriamente molestados se da parte do inimigo houvesse ao menos a vulgar vigilância, e com isto lhes cresceu a confiança, vendo a negligência dos espanhóis, e a sua inatividade, depois dos grandes esforços que se deviam ter feito para reunir tão grande força. Veio ainda animá-los mais a chegada de nove camaradas, que tinham sido feitos prisioneiros, uns por ocasião da caçada, outros descendo o rio, ignorantes do que se passava. Tinha-os tratado mais como malfeitores do que como prisioneiros, e depois de retidos por algum tempo com cordas ao pescoço, e aos pés e mãos, enviado para S. Maria Madalena em duas canoas, sob a guarda de dois espanhóis e trinta índios, conseguindo os portugueses porém uma noite pelo caminho desamarrar as cordas, tomadas as armas da escolta, a haviam posto em fuga, e voltando ao forte.

Com o seu exemplo parece Azambuja ter infundido em todos os ramos do seu governo vigor raras vezes manifestado no Brasil. Apenas o capitão-mor de Vila Bela, João da Cruz, soube do perigo que o governador corria, logo envidou todos os esforços para aprestar reforços. Acima do Itonamas se estabeleceu um posto, onde podiam ser recebidos os suprimentos, e de onde podiam os portugueses operar ofen-

sivamente contra os seus desleixados contrários. Daqui fizeram uma correria contra a redução de São Miguel, que tinha sido removida da margem direita, e continha oitocentos vizinhos. Foi tomada, saqueada e queimada a aldeia. Alcançaram as chamas a igreja, que os conquistadores queriam preservar do incêndio, não podendo porém conseguir, salvaram as coisas sagradas, transportando-as com a imagem do arcanjo para o seu posto avançado, que daí se ficou chamando Pouso de São Miguel. Apoderaram-se de fornecimentos destinados ao exército de Itonamas, fazendo também boa presa em açúcar, e outros objetos fabricados pelos neófitos. Os jesuítas foram levados para a Conceição, a fim de serem trocados pelos prisioneiros que ainda estavam em poder, mas tendo estes sido remetidos para Chuquisaca, foram os padres enviados para o Rio de Janeiro por via de Vila Bela e Cuiabá.

Retirada dos espanhóis

Mantiveram-se os portugueses na posse do território de São Miguel, que abundava em bois, cavalos e porcos, de modo que se viam agora bem abastecidos de víveres, sendo tão grande o terror incutido por esta incursão, que a redução de São Martinho voluntariamente se lhes submeteu. Em fins de junho, uns três meses depois do aparecimento do inimigo, chegou de Vila Bela um grande reforço de vinte e oito canoas, vindo nelas também alguns sertanejos, práticos do país das Missões, excelentes atiradores e ótimos guias. Assim reforçado aventurou-se Azambuja a acometer os espanhóis no seu campo, passando por detrás de um espesso matagal e à volta de um lago, para cair-lhes em cima pela retaguarda, enquanto a sua flotilha procurava atrair-lhes a atenção para outro lado. Era por demais forte a estacada, mas a ousadia do ataque, posto que infrutífera, desanimou o inimigo, cujos planos de operações tinham sido inteiramente frustrados pela atividade dos portugueses ao estabelecerem-se no Pouso de São Miguel.

Relação da guerra de Mato Grosso. **Ms.**

Retiraram-se pois os espanhóis da sua estação para a nova redução de S. Rosa, não tardando também a ser levantado o acampamento do Mamoré, até que voltando todos a S. Cruz, terminaram as hostilidades. Retiraram-se então também os portugueses da margem esquerda. Entretanto se celebrara a paz de Paris, estipulando-se que se alguma coisa mudada houvesse nestas colônias, se reporia tudo no antigo pé em que estava antes da guerra,

conforme os tratados então existentes e agora renovados. Ratificaram esta estipulação as Cortes de Madri e Lisboa.

Paz de Paris. 10 de fev. 1763. Art. 22

Assim se descartaram mais uma vez as cortes portuguesa e espanhola, como em tantos tratados anteriores, da questão da demarcação, deixando-a tão pouco resolvida como dantes. Havia nisto uma espécie de obstinação política característica de ambas as nações: evitavam-se todos os sacrifícios do orgulho, ficando a cada uma a esperança de obter o que pudesse tomar, e guardar o que pudesse obter sobre o território disputado. Conservavam os portugueses o que sobre a fronteira de Mato Grosso haviam alcançado, formando na verdade o Guaporé uma raia tão conveniente e natural, que com ela se deram por satisfeitos os dois povos. Mas ao sul não se resolveu tão amigavelmente o negócio. A corte de Madri ordenou a Zeballos que restituísse a Colônia, retendo porém todo o território conquistado, sob pretexto de ser aquela praça a única dentre as tomadas que antes da guerra havia legitimamente pertencido aos portugueses.

Retêm os espanhóis o Rio Grande à força

Funes, 3, 104-6

Por este tempo foi a sede do governo do Brasil transferida para o Rio de Janeiro. Ficando mais perto tanto de Minas como do Prata adquirira esta cidade maior importância que a Bahia, sobre ter a vantagem de ser mais segura e bem fortificado o seu porto, enquanto o da antiga capital era incapaz de tal defesa. Efetuara-se esta mudança no correr dos últimos quinze anos nos sucessivos vice-reinados de D. Luís Peregrino de Ataíde, Conde de Atouguia, de D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, e do Marquês do Lavradio, D. Antônio de Almeida Soares. Nomeado agora para este elevado cargo recebeu o Conde da Cunha, D. Antônio Álvares da Cunha, ordem de fixar no Rio de Janeiro a sua residência. Acabava de falecer Gomes Freire, que havia sido criado Conde Bobadilha, e jamais teria sido rendido num governo, que tanto tempo administrara, com talento e boa fortuna iguais à sua fama.[14] Ao ver que queriam os espanhóis agarrar-se à sua própria interpretação do tratado, retendo possessões que por certo não havia sido intenção das potências contratantes conceder, julgou o novo vice-rei necessário fortificar-se daquele lado, assumindo uma atitude que pudesse dar peso às representações da corte de Lisboa.

Transfere-se para o Rio de Janeiro a sede do governo

1748

1754

1759

27 de jun. 1763 O conde da Cunha, vice-rei

Reuniu pois forças com que na serra dos Tapes ocupou certos pontos, como postos vantajosos, para quando se tornasse a apelar para a espada. Contra este ato protestou Zeballos em tom tão acrimonioso que o conde quis antes deixar-lhe sem resposta as cartas, do que responder-lhe pela única forma consentânea com os seus sentimentos como português e como homem. Entretanto, restituída Colônia, bloqueava-a o governador espanhol com tanto rigor, que não deixou respirar o tráfico ilícito. A ponto tal tinha chegado este comércio desonroso, que a sua cessação afetou seriamente as remessas do Rio de Janeiro por Lisboa, e daqui para a Inglaterra.

Funes, 3, 11

Walpole Papers. **Ms.**

Contudo, apesar de sofrer assim tanto a capital do Brasil num dos mais importantes ramos do seu comércio, e de ameaçarem as discussões pendentes com a Espanha novo rompimento de hostilidades à toda hora, era o estado do país, em geral, florescente. Estendia-se às colônias o vigor que Oeiras imprimira na administração da mãe pátria, e se o Brasil lhe sentia a tirania do poder absoluto, sentia-lhe também os efeitos desse espírito vasto e tolerante que teria desarraigado as superstições dos portugueses, se tanto houvera sido possível. À fundação de conventos de freiras no Brasil se tinham oposto os mais sábios estadistas, e contudo a Corte a permitira e acoroçoara. Crescendo porém a riqueza do país tornara-se da parte dos pais negócio de orgulho mandar as filhas para os conventos de Lisboa.[15] Apontara D. Luís da Cunha a palpável impolítica destes saques sobre o capital e população de um país, cuja prosperidade dependia do aumento de ambos. O que nele fora mais desejo do que conselho, converteu-o Oeiras em lei, e aos brasileiros se proibiu mandar neste cego intuito as filhas para o reino sem licença especial d'el-rei, sendo de tão inegável utilidade esta medida, que nem os inimigos do ministro puderam deixar de louvá-la.

Proíbe-se aos brasileiros mandarem as filhas para os conventos de freiras em Portugal

Mal de maior magnitude veio eficazmente removê-lo uma lei, que apesar de mais especialmente calculada para bem da mãe pátria, não foi menos benéfica para as colônias. Nunca no Brasil se estabelecera a Inquisição, mas tinha esta ali seus comissários, por intermédio dos quais encetara o mesmo sistema, que tão ruinoso e inexplicavelmente vergonhoso fora para Portugal. Uma vez prenderam e remeteram para Lisboa os agentes daquele tribu-

Leis sobre os cristãos-novos

nal infernal grande número de cristãos-novos, homens industriosos, ricos e honrados, que confessando-se todos judeus, porque teriam sido queimados vivos se, por mais verdade que fosse, insistissem em protestar serem cristãos católicos romanos, escaparam à fogueira, mas perderam toda a sua fazenda. Passou esta para os sabujos que tinham farejado a caça, mas foi tal a ruína espalhada, que muitos engenhos do Rio de Janeiro deixaram de trabalhar dando-se grande diminuição no embarque de gêneros daquele porto. Poderoso como era, não se atreveu o ministro a proclamar a favor dos judeus uma tolerância porque Vieira um século antes tão estrênuo pugnara, sem curar do perigo que sobre si conjurava, mas livrou do horrível estado de perpétua falta de segurança, em que até ali tinham vivido os cristãos-novos, decretando penas contra quem exprobrasse a outrem a sua origem judaica, que não mais seria inabilitação para cargo algum, sem mesmo excetuar os descendentes dos que tivessem padecido por sentença da Inquisição, nem os que perante ela houvessem sido conduzidos. Para melhor promover este bom intento, proibiu os *autos-da-fé* em público esses triunfos solenes do Santo Ofício e da Igreja romana, não tolerando que se imprimissem listas dos que em particular houvessem sido julgados. Antes de principiada a feroz época da perseguição, lançara-se um imposto sobre todos os que eram de origem judaica, conservando-se ainda então registros das famílias sujeitas àquela taxa, como guias para os familiares e livros de notas para acusações e malícia. Oeiras obteve d'el-rei um alvará ordenando a entrega de todas estas listas, sob severas penas para todo aquele em cujo poder fosse depois encontrado tão daninho documento. Foram estes atos com que Pombal remiu a sua administração, e pelos quais ainda Portugal e o Brasil lhe devem abençoar a memória, que mais do que outro nenhum lhe valeram ultrajes, calúnias e vitupérios.[16]

D. Luís da Cunha. *Cartas a Marco Antônio.* **Ms.**

Leis de 25 de mar. 1773. Carta de Lei de 15 de dez. 1774

Alvará de 2 de mar. 1768

1765

Franqueia-se comércio a navios isolados

Também um certo grau de liberdade de comércio se permitiu por ocasião de uma dessas perdas que são benefícios para quem as sofre. Tomaram por este tempo os mouros de Marrocos a derradeira possessão dos portugueses naquela parte da África. Quando Portugal era grande viram-se os seus melhores historiadores obrigados a distribuir-lhe a história por quatro par-

tes distintas, tão vasto o império fundado na África, Ásia e América. Foi a queda de Mazagão agora a última página da história da África portuguesa (ou da parte dela que mais importante fora) em melhor hora encerrada que aberta. Felicíssima mudança no sistema comercial do Brasil foi a conseqüência imediata. Tendo-se achado Portugal até agora em estado de perpétua guerra com os mouros, fazia-se o comércio do Brasil por meio de armadas anuais, continuando em vigor a proibição de navios isolados, começada durante a guerra holandesa, primeiramente por causa dos bucaneiros, e dos seus sucessores os piratas, e, exterminados estes comuns inimigos da humanidade, por causa dos corsários da Berbéria. Assentaram-se agora pazes com Marrocos, removido o antigo ponto que as estorvava, e logo declarou Oeiras que apenas voltassem as frotas da Bahia e Rio de Janeiro, poderia fazer-se com navios destacados o comércio daqueles portos.

Rocha Pita, 6, § 53 *Mr. Hay's dispatches*. **21 set. 1765. Ms. Ratton. P. 96**

Passam-se para o Pará os habitantes de Mazagão

Proveu-se à sorte dos moradores de Mazagão, transportando-os para o Pará. Defendida a cidade natal de uma maneira não indigna do antigo caráter português, embarcara a população para Portugal, quando já nem era mais sustentável a praça, nem esperanças de socorro havia, deixando aos infiéis um montão de ruínas. Em honroso testemunho pois de tão brioso proceder deu-se o nome de Mazagão ao lugar onde foi estabelecida esta gente, antes chamado Povoação de S. Ana. Fica à margem ocidental do Mutuaca, umas cinco milhas acima da boca deste rio, que do norte vem desaguar no Amazonas. Seriam uns mil e oitocentos estes colonos: traziam costumes polidos e hábitos militares, mas criados no uso da espada e do mosquete, eram inteiramente impróprios para o gênero de vida em que os puseram agora. Também era desfavorável a situação, reinando as febres terrivelmente naquela costa, poluída a atmosfera com a grande quantidade de matérias putrefatas depositadas pelo rio, e pelo lodo alternadamente exposto à ação da água salgada e da doce. No correr de vinte anos tinha desaparecido metade da população, passando uns para o Pará, outros para a Europa, e sucumbindo provavelmente a maior parte à moléstia endêmica. Julgando esta a parte mais vulnerável da América portuguesa, mandara Oeiras erguer um forte em Macapá, algumas léguas abaixo de Mazagão, perto

Casal, 2, 239

1766

dos primeiros campos daquela margem. Dirigiu as obras Fernando da Costa Ataíde Teive, que ao do Piauí reunia os governos do Maranhão, Pará e Rio Negro. Deixou honrada memória, por ter despendido no serviço do Estado não só o seu ordenado mas todas as suas rendas particulares; levando porém ao excesso um princípio generoso, contraiu na prodigalidade do seu patriotismo dívidas, de que nunca mais pôde desvencilhar-se no correr de uma longa vida.[17] Muito desejava Oeiras fortificar o Brasil, aumentando-lhe o número dos moradores, pelo que tomou muitas famílias das ilhas de oeste e estabeleceu-as em Macapá e Mazagão. Eram dos portugueses mais industriosos estes ilhéus, oferecendo tanto homens como mulheres bons exemplos aos brasileiros. Bem quisera o ministro ter à sua disposição mais destes colonos, mas como da escassa população não podia Portugal fornecer-lhes quais ele queria, tomou os que achou, limpou as cadeias, e juntando estes criminosos e vagabundos com as meretrizes de Lisboa, embarcou-os para o Rio de Janeiro, de onde seguissem para Mato Grosso, Capitania que mais falta tinha de braços. Se o seu fim primário não era expurgar de tantos celerados a mãe pátria, muita fé devia ele ter na bondade da natureza humana, no benéfico efeito que a facilidade da subsistência produz sobre o coração do homem, e nos princípios conservadores da sociedade, para não recear que tais indivíduos se tornassem antes inimigos do que sustentáculos do governo e da ordem social num país onde pouca influência tinha a religião, e as leis ainda menos. Por este mesmo tempo vinham de Minas Gerais freqüentes queixas contra os atos cruéis e atrozes perpetrados nos sertões por facinorosos e vagabundos que passavam a vida à sua própria moda selvagem ou antes bestial. À vista disto expediram-se ordens para que todos quantos não tivessem residência certa, fossem compelidos a escolher lugares onde se estabelecessem em povoações civilizadas, dividindo-se por eles as terras circunvizinhas. Cada uma destas povoações teria cinqüenta fogos pelo menos, e o seu juiz ordinário, vereador e procurador do conselho, e quem dentro de certo prazo assim se não tivesse domiciliado, seria perseguido como ladrão e inimigo público, sofrendo as mais rigorosas penas da lei. Três classes de homens se especificaram, com os quais não se deviam entender estas disposições: os *roceiros,* que com seus escravos e criados

Jornal de Coimbra, **T. 4, p. 23**

Envia Oeiras colonos para o Brasil

Leis contra os vagabundos

viviam em suas isoladas fazendas, expostos às depredações desses mesmos vagabundos, infames e perniciosos que se queria fazer desaparecer; os *rancheiros,* que se tinham estabelecido ao correr das estradas, facilitando as comunicações, e dando pousada aos viajantes com proveito do comércio; e as *bandeiras* ou úteis beneméritas companhias de homens que se dedicavam a fazer descobertas. Todas as pessoas destas três classes poderiam prender e mandar para a cadeia quem achasse vagando pelas matas ou pelas estradas, ou dos chamados sítios volantes, sem domicílio certo.

Carta Régia, 23 de jun. 1766. Ms.

Abolição da capitação e restabelecimento dos quintos. 24 de mar. 1734

Conservou-se a capitação até à morte de D. João V, para quem era esta uma medida favorita, apesar de impopular no país, dizendo-se que a experiência de quinze anos assaz deixara provados os males que dela vinham. Antes dela adotada oferecera o povo de Minas Gerais inteira anualmente por meio de uma derrama entre si a soma de cem arrobas, se a tanto não chegassem os quintos. Foi esta proposta aceita ao subir D. José ao trono, começando-se de novo a cobrar com tal condição os quintos. Foi esta a idade de ouro do governo português. A armada do Rio de Janeiro em 1753, a mais rica que até então chegara do Brasil, calculou-se com moderadíssimo cômputo ter trazido para o reino uns três milhões de libras esterlinas em mercadorias, ouro e prata, devendo esta última ter sido o produto do tráfico de contrabando da Colônia, por onde a espécie do Peru encontrava saída para Portugal e Inglaterra. Só os quintos de Minas Gerais importaram aquele ano em cerca de 400.000 libras esterlinas.[18] Os metais e pedras preciosas, remetidos no ano seguinte para Lisboa, valiam um milhão de moedas de ouro. Durante uns dezesseis anos o termo médio dos quintos excedeu muito as cem arrobas, mas apenas se franqueou o comércio a navios destacados começou ele a diminuir imediatamente, descendo em onze anos de cento e nove arrobas a oitenta e seis. Se este grande e repentino desfalque era devido à mudança do sistema de comércio, como parece poder inferir-se da coincidência no tempo, podia de dois modos ser ocasionado. Assim como ao descobrirem-se as minas tinham os homens abandonado por elas as empresas comerciais, assim, dado agora novo impulso ao comércio, e recolhido os primeiros frutos da mineração, teve lugar mais assisada revolução, reconhecendo-se que

1766

Alvará, 3 de dez. 1750

Memórias. **Ms.**

os lucros regulares da mercância eram preferíveis ao bem mais incerto proveito de lavrar minas, e que o mercador com mais segurança do que o mineiro obtinha o ouro. É provável que começasse esta consideração agora a operar, e certo que o aumento imediato do comércio foi enorme, crescendo na mesma proporção a facilidade de extrair ouro sem pagar o imposto. Tão grande era a tentação de defraudar o fisco, que não bastavam leis severas e rigorosa inspeção para contrabalançá-la. Podia o ouro circular dentro da Capitania antes de quintado e contrastado, mas era proibido levá-lo além destes limites sem ter pago os direitos e recebido o carimbo d'el-rei. Sobre as fronteiras se estabeleceram registros, onde os viajantes ao entrar na província trocavam o seu dinheiro por ouro em pó, desfazendo a troca à saída. Era ouro em pó o único meio circulante em Minas Gerais. Quando os mineiros compravam, pagavam-no em ouro puro. Afirma-se sob autoridade competente que estes homens, coletivamente falando, nada tinham com a extração clandestina, nem com a escandalosa prática de adulterar o ouro. Mas os mercadores por cujas mãos ele passava, rebaixavam-no tanto, que se levava à casa da moeda perdiam-se doze por cento no ensaio, afora os vinte de imposto. Era pois precisa mais que ordinária probidade, para sujeitar-se a esta pesada quebra quem a ela podia furtar-se. Entre esses a quem desde pequenos ensinam a olhar a aquisição das riquezas como fim principal da vida (e é esta sempre a tendência de uma educação vulgar) há em todo o país sempre muitos que pouco curam dos meios por que se alcança esse objeto. Práticas fraudulentas no curso ordinário do comércio são por demais freqüentes em países onde o padrão da moralidade é mais alto do que em Minas Gerais, mas nenhuma podia haver mais lucrativa do que a de exportar ouro clandestinamente, sobre haver sempre menos escrúpulo em defraudar governos e corpos coletivos, do que em enganar indivíduos, fato notório que na imposição do tributos nunca se devera esquecer, e a que contudo raras vezes se atende.

Luís Beltrão. Melhoramento da arrecadação do quinto. Ms.

Debalde se tinham feito leis contra a abertura de novas estradas e atalhos, tornando de vez em quando efetivas as penas. Impossível era guardar país tão vasto; e uma vez chegado o ouro às cidades grandes, estavam sempre prontos os ourives a fundi-lo em barras pondo-lhes marca falsa, ou a reduzi-lo a qualquer obra tosca.[19] Eram bem

Ordens de 26 de out. 1733, 9 de abr. 1745 e 22 de jun. 1756. Ms.

sabidas estas práticas, até que afinal veio uma ordem ampliar aos grandes portos de mar a proibição que a respeito destes artesãos suspeitos desde muito vigorava em Minas Gerais. Afirmava ela que após rigorosas investigações se conhecera serem os principais agentes das defraudações cometidas contra o governo ourives estabelecidos no Rio de Janeiro, Bahia, Olinda e outros lugares destas capitanias. Muitos destes delinqüentes tinham sido descobertos, mas desejando el-rei, dizia a ordem, cortar este mal pela raiz, e ao mesmo tempo mostrar a sua real clemência, havia por bem mandar soltar todas as pessoas presas em conseqüência da última devassa, suspenso todo o ulterior procedimento. Mas ordenava-se aos governadores do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, que prendendo todos os oficiais e aprendizes de ourivesaria, fechassem todas as lojas, demolissem todas as forjas, e mandassem todos os instrumentos para as casas da moeda e fundições, pagando-os pelo seu justo valor. Os mestres ourives prestariam fiança de como não exerceriam a sua arte sem licença especial do governador em certos casos determinados, sob as penas dos moedeiros falsos. Aos oficiais e aprendizes, sendo solteiros os negros livres, se assentaria praça nos regimentos das suas respectivas cidades ou vilas, e sendo escravos, restituí-los-iam a seus senhores, prestando estes caução de os pôr a outro ofício, não conservando instrumento algum do antigo. Quem infringisse qualquer destas disposições, seria degradado para a África por toda a vida. Como para mitigar a dureza desta lei, mandavam-se preferir os mestres, que fossem de ilibado caráter para as casas da moeda e fundições de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo, não se devendo ali empregar artista algum de Portugal, enquanto se encontrassem destes mestres.

Carta Régia de 30 de jul. 1766. Ms.

Negócios de Goiás

Em Goiás produziu a capitação, enquanto durou, alguns anos para cima de quarenta arrobas,[20] o que se supõe ser menos do que teriam produzido os quintos. Com o posto e título de capitão-mor regente, fora galardoado o primeiro descobridor desta rica capitania, a quem haviam cabido os primeiros frutos das mais produtivas minas, mas pródigo como um verdadeiro aventureiro, tal foi a liberalidade de Bueno que nos seus velhos dias se viu reduzido à pobreza. O governador D. Luís Mascarenhas aventurou-se a dar-lhe do tesouro público uma arroba em consideração dos seus prestados servi-

ços, ato que pelo governo da metrópole foi reprovado. Proceder assim poderia ser conveniente e necessário, mas por certo nem foi generosidade nem de gratidão da parte da corte obrigar o velho a repor o ouro, nem este o pôde fazer sem vender os seus escravos, as suas casas e até as jóias de sua mulher. A corte contudo, apesar de ter obrado com este rigor para salvar o princípio geral, concedeu a Bueno as passagens dos rios Grande, das Velhas, Corumbá, Jaguará-Mirim e Atibaia. Requereu ele autorização para transferir a concessão a seu filho, e indo este a Lisboa em tal diligência, tão bem sucedido foi, que a conseguiu para três vidas sobre obter o posto de coronel e um donativo de vinte mil cruzados da rainha D. Mariana. Herdara o jovem Bueno o gênio aventureiro, espírito público e descuidosa prodigalidade de seu pai. Pelo caminho envolveu-se em São Paulo numa dívida de sessenta mil cruzados para compra de sessenta escravos com seus equipamentos, voltando a Goiás com estes negros, um bando de artífices e oito peças de artilharia para servirem contra os caiapós.

Memória de Goiás. Patriota, **3, 4, 47**

Guerra com os caiapós

Valente e numerosa nação eram os caiapós. Perto de Camapuã ficava a sua principal aldeia, e caçando ou roubando faziam excursões a mais de mil milhas de distância até aos sertões de Curitiba na Capitania de São Paulo. Sendo flecheiros usavam também da *macana* curta, arma formidável nas mãos de um homem robusto. O seu jogo favorito eram justas de força, correndo com um pesado tronco aos ombros, costume que, sendo praticado também entre os tapuias da serra de Ipiapaba, pode dar alguma presunção de pertencerem os caiapós a esta raça outrora a mais numerosa e amplamente derramada no Brasil.[21] Eram os comboios de Cuiabá freqüentemente molestados e não raro aniquilados por estes selvagens a cujos ataques estava o povo de Goiás freqüentemente exposto até que afinal recorreu a Câmara de Vila Boa na sua aflição a Cuiabá, contratando com o coronel Antônio Pires de Campos, trazer este em seu auxílio quinhentos bororós pelo que receberia uma arroba de ouro. Para levantar este subsídio fez-se uma derrama voluntária de meia pataca por cabeça de escravo, aplicando-se o excesso à construção de uma igreja. Grande matança entre os caiapós fizeram estes aliados, a quem se atribuem atrozes barbaridades, coisa sempre para se esperar em guerra de selvagens contra selvagens. Penetrando até à grande taba perto de Camapicão. Não se

atreveram a acometê-la à vista do grande número dos inimigos. Em geral foi contudo habilmente dirigida esta expedição, de que grande proveito auferiu a província, segura agora de perigo por este lado a estrada de S. Paulo e Cuiabá. Do tesouro se deu ao comandante uma gratificação de oitocentas oitavas, que a corte aprovou. Estabeleceram-se os bororós nas aldeias de S. Ana, Rio das Pedras, e Lanhosio. Dentre todas as tribos indígenas parece esta ter sido a mais feliz nas suas relações com os conquistadores: em Mato Grosso e Cuiabá misturou-se tanto com eles, que chegou a formar considerável parte da população brasileira, vivendo sempre em paz e amizade com os portugueses mesmo as hordas que se conservaram distintas, não abandonando o selvagem tal sistema de vida. Por causa dos seus crimes refugiara-se Antônio Pires entre uma destas hordas: pior que a dos selvagens era a sua moral, e os seus costumes talvez pouco melhores, mas jovem de singular atividade, intrepidez e sagacidade tornou-se cacique deles. Nesta qualidade conduziu o seu povo contra os caiapós, que sem dúvida o olhavam como seu mortal inimigo, e na batalha foi ferido num braço por uma seta. Aplicaram os bororós toucinho quente à ferida, receita que devia ser dele mesmo, continuando com este remédio todos os dias, enquanto o transportavam à mais próxima povoação portuguesa em Minas Gerais na esperança de que o auxílio de mais hábeis médicos lhe salvasse a vida. Mas era letal a ferida, e eles choraram-no um mês inteiro. Duas aldeias se formaram também em Goiás dos acroas e cacriabas pelo sistema do novo regimento, e com não pequeno dispêndio do governo, tendo os agentes deste agora de produzir sobre os naturais à força de promessas e dádivas o mesmo efeito que os jesuítas obtinham com o seu incansável zelo e bondade constante. Mas esperavam os selvagens viver debaixo da mesma disciplina paternal que antigamente se observara nas aldeias, e vendo quão diverso era o proceder dos diretores, rebelaram-se, apoderaram-se das armas de fogo, meteram-se ao sertão e infestaram a estrada da Bahia. E esta ocorrência, natural como era, foi imputada a maquinações dos jesuítas!

Casal, 1, 351

***Patriota*, 3, 4, 56**

Ainda de tempos a tempos se via a Capitania de Minas Gerais exposta pela sua fronteira oriental às correrias das tribos não domadas que por aquele lado senhoreavam o sertão. Os goitacazes, que tinham desaparecido depois da matança que por equivocada vingança entre eles

se fizera, haviam-se de novo multiplicado, ganhando forças e audácia, quando em princípios do século dezoito, o governador daquele distrito, Domingos Álvares Peçanha, logrou conciliá-los por meio de bom tratamento e escrupulosa boa fé, formando-lhes um alojamento na sua própria fazenda sobre o rio Paraíba do Sul. Ali lhes edificou um vasto casarão à moda deles, espécie de estalagem, ou hospital (na originária e própria acepção da palavra, onde eram alojados e mantidos quando desciam do sertão a prover-se de instrumentos e dixes). Em troca disto davam cera e mel, aves, caça e vasos de barro, notáveis pelo muito que resistiam ao fogo. Se o que tinham a oferecer não era equivalente, pagavam em seus serviços o saldo, cortando lenha, ocupação em que eram singularmente destros. Pelos meados do século subjugaram estes índios os coropós, e incorporaram em si os vencidos, tomando as tribos unidas o nome de coroados da moda por que cortavam o cabelo. Eram senhores do ermo, que por mais de quatrocentas milhas se estende dos Campos dos Goitacazes ao longo do Paraíba do Sul, da sua margem do norte ao rio Xipota na comarca de Vila Rica. Quantas vezes tentava o povo de Minas Gerais estabelecer-se como fazendeiros ou mineiros dentro deste território, outras tantas era investido e expulso pelos senhores da terra, até que julgaram os portugueses melhor obter por meios pacíficos o que difícil fora conseguir à força de armas. Declararam-se os coroados prontos a entrar num convênio, contanto que o Pe. Ângelo Peçanha, filho do seu antigo amigo, garantisse o tratado. Atravessou pois este padre acompanhado de alguns dos seus amigos índios o sertão nunca, segundo dizem, antes pisado por portugueses e em Minas Gerais negociou uma paz que desde então tem sido lealmente guardada de uma parte e de outra. Dois anos depois apareceu nestas partes, fazendo cruéis estragos entre os colonos portugueses, a nação outrora tão formidável por nome aimorés, agora chamada dos botocudos, e não menos feroz, posto que menos poderosa do que a dos seus antepassados. Vieram os coroados em socorro dos seus aliados portugueses, e acometendo com a mais determinada animosidade os botocudos, perseguiram-nos com tão inveterado ardor, que a derrotada horda abandonou o lugar, não se julgando segura senão chegada ao Mearim, onde se estabeleceu sobre as fronteiras do Maranhão.

Paz com os goitacazes

1758

Reaparecem os aimorés

Azevedo Coutinho. P. 61, 67

Apela Portugal para a Inglaterra na questão do Rio Grande

Mas enquanto por toda a parte melhoravam os negócios internos no Brasil, inquietava-se o governo português com os desígnios das cortes da França e Espanha. Mostrava esta última o humor de que estava possuída, retendo o Rio Grande, e Oeiras, sabendo que em Galiza embarcavam continuamente tropas para as Índias espanholas, e que os franceses tinham em Caiena uma força considerável, sem haver para isso razão ostensiva, acreditava existir o plano de invadir o Brasil pelos dois lados. Inteiramente destruído estava o comércio da colônia em conseqüência do rigoroso bloqueio. Nisto tinham os espanhóis razão, mas, retendo o Rio Grande, cortavam também aquela praça as comunicações por terra, e Portugal reclamou a intervenção da Inglaterra para executar-se o Tratado de Paris, segundo as justas intenções das potências signatárias, sendo este um ponto sobre que para a Grã-Bretanha nenhuma dúvida haver podia. Porquanto fora esta uma das partes contratantes, não tendo por certo sido intenção de ninguém deixar aos espanhóis coisa alguma das suas conquistas no Brasil. Ao irem abrir-se as negociações quisera o rei de Portugal entrar nelas em seu próprio nome, mas aquiescendo ao desejo da Inglaterra tomar tudo sobre si, acedera ao que esta estipulasse a seu respeito. Por isso e com bom fundamento exigia agora que a sua aliada interviesse.

Mr. Hay's dispatch. 3 nov. 1764 *Earl Bristol's dispatch.* **17 dez. 1764 Ms.**

Bucarelli governador de Buenos Aires

Infundados não eram os receios a respeito da Espanha. Havia da parte dela uma disposição constante para arrancar a Portugal o mais que pudesse, mas Zeballos, cujo humor ia inteiramente de acordo com o da sua corte, e cujos talentos tão próprio o tornavam para levar a efeito estes ambiciosos planos, foi rendido no governo por D. Francisco de Paula Bucarelli y Ursua. Já Zeballos tinha levantado soldados para apoiar as suas representações contra as medidas que os portugueses andavam tomando na serra dos tapes. Bucarelli renovou essas representações, mas em tom menos altivo. Também D. Joseph Molina, que em São Pedro comandava, protestou contra a ocupação de uma posição naquela serra. Mas os portugueses sabiam ter o vice-rei espanhol então outros negócios urgentes que o prendiam, e aproveitando o favorável ensejo que se lhes oferecia de restaurar uma praça importante, que apesar de lealmente tomada pelos espanhóis na

Funes, 3, 111

1767

Restauração do Rio Grande a viva força

guerra, era por eles injustamente retida, na paz reunida em segredo uma força de oitocentos homens, caíram ao romper d'alva de improviso sobre os postos espanhóis no Rio Grande. Tomado de surpresa, viu-se Molina obrigado a retirar. Contra esta agressão fez o governo espanhol furibundas queixas, e a corte de Lisboa declinou de si o ato dos seus súditos como na guerra de Pernambuco. Suspeitou-se porém que se teriam dado ordens secretas para reaver por esta forma o que a intervenção da Inglaterra bem poderia não ter conseguido por meios mais regulares, e pois que se sustentou a ocupação apesar das repetidas reclamações da Espanha e uniformes protestos do gabinete português, certo é que quer tivesse sido ordenada, quer não, foi a empresa aprovada em Lisboa.[22]

Funes, 5, 116 *Mr. Lyttleton's dispatch*. **7 de out. 1767. Ms.**

NOTAS DO CAPÍTULO XLI

1. Os escritores franceses representam a Inglaterra como exercendo plena autoridade sobre os negócios de Portugal, tratando-o como estado dependente, e monopolizando-lhe o comércio por meio de uma influência esmagadora, e funestíssima ao bem-estar dos domínios portugueses. Estas asserções têm sido repetidas pelos espanhóis, e até mesmo por alguns portugueses, que, se alguma coisa entendessem da matéria, lhes deviam ter penetrada a falsidade. A este respeito possuo as melhores e mais minuciosas informações, e afirmo aqui (o que na História de Portugal, se me chega a vida para completá-la, provarei) que nas suas relações com Portugal tem a Inglaterra procedido sempre segundo os princípios de perfeita eqüidade, dos quais nunca se afastou um ápice, exceto quando, por sentimentos da mais honrosa natureza, se tem sujeitado a restrições prejudiciais e injustas. Oferece-nos o texto a exemplo*.

* Não concordamos com Southey. Aqui, nesta nota, ele é o cidadão inglês. (cujos sentimentos respeitamos) mas não o historiador sereno e infatigável que tanto admiramos. (P. B. B.)

2 Quando se ia embarcar a primeira porção, apresentaram diferentes moradores da comarca de S. Luís um requerimento, pedindo não se permitisse a exportação, com receio de que viesse a faltar o artigo para *consumo da terra. Koster's Travels,* pág. 170.

Jacome Ratton diz nas suas *Recordações* que em 1762 por ocasião do leilão da companhia comprara trezentas sacas de algodão à razão de trezentos réis o arrátel. Remeteu-as para Rouen, então, diz ele, o único mercado para algodão, mas perdeu no negócio em conseqüência da paz de 1763. Não havendo compradores no leilão seguinte, ficaram os direitos com o algodão à razão de cento e sessenta réis, mas ainda perderam nele. (§ 57).

3. Encontram-se nos confins das províncias de Goiás, São Paulo e Minas certas fontes salgadas chamadas de logradouros por se levar ali todos os meses o gado a beber. *Investigador Português,* t. 18, p. 335.
4. A história de uma paulista nesta terra é por demais horrível para relatar-se, mas um ou dois exemplos cômicos do estado dos costumes a merecem menção. Posto que de ordinário tão ruins como os padres e o povo, e desmazelados dos deveres do seu ofício, eram os juízes ordinários tenazmente aferrados aos seus privilégios. Queria o governador de Goiás, D. Luís de Mascarenhas, prender em Arraias por algum malefício um destes homens, e como não houvesse cadeia no lugar, foi o juiz refratário amarrado a uma árvore! Nesta situação não quis a ele deixar de ouvir e sentenciar causas, ordenando que todos os que carecessem de justiça, fossem citados perante a sua pessoa a toque de caixa. – Acompanhando ambos uma procissão travaram-se de razões o descobridor das minas do Pilar e o juiz ordinário; arrancou àquele a cabeleira a este, dando-lhe com ela na cara, e terminou a procissão por uma rixa entre os amigos dos dois contendores, trabalhando as espadas e as facas! *Patriota,* nº 4, p. 70 *

* Nóbrega ao chegar na Bahia, em 1549, se queixa dos que para cá vinham, inclusive dos padres, que diz ser a escória do que havia em Portugal. Mas, nem tanto ao mar nem tanto à terra. Se vinham degredados, também vinha gente boa. Haja vista os companheiros de Martim Afonso de Sousa, colonizadores de São Vicente. Se no início do povoamento das minas havia crimes, é preciso levar-se em consideração as circunstâncias, aliás presentes em todo o mundo em iguais casos. Andar armado? Mas quem não o faz no sertão inculto e bruto? Quem não o faz em povoados perdidos no meio do sertão? (P. B. B.)

5 É muito escasso naquela costa o arvoredo. O casco do navio em que Dobrizhoffer fizera a viagem da Europa para o Prata abasteceu de lenha os guaranis durante o assédio. Naufragara na ilha de S. Gabriel.

6 A entrega da praça da Colônia foi devida à covardia do comandante Vicente da Silva da Fonseca, a quem sobravam meios de resistência. (F. P.)

7 Fragatas deste nome. (F. P.)

8 A notícia da rendição da Colônia e da perda da esquadra mandada em seu socorro, foi tão sensível a Gomes Freire, já então Conde de Bobadilha, que ocasionou a sua morte ocorrida no dia 1º de janeiro de 1763. (F. P.)

9 Não do nome dos índios, como diz Casal, os quais pelo contrário o tomaram do lugar.

10 O sujeito que gozava desta dignidade no tempo em que Vasconcelos escrevia, era homem de *opiniões liberais* nos seus dias. Tinha intimidade com os jesuítas, fazendo-lhes a justiça de reconhecê-los por *caraibebes.* Três caminhos havia para o Céu, dizia ele, um pela lagoa dos Patos, outro por Portugal, o terceiro por Angola. Algum negro fugido devia ter-lhe merecido respeito, como os jesuítas, pela sua proficiência numa arte afim. *Vida de Almeida,* 4, 8, § 2.

Numa das baías desta parte da costa, vêem-se dois altos montes de conchas marinhas, donde conclui Casal (1, 140) quantas ostras não comeriam os naturais. Mas não teriam assim juntado e amontoado as conchas, a não ter sido para algum rito supersticioso.

11 Segundo o jesuíta Muriel foram tomadas trinta peças de artilharia, oito morteiros, duzentos barris do pólvora, duas mil granadas, cem panelas de pólvora, sete mil cartuchos, e quatrocentos mosquetes. Mas há nisto seguramente exageração.

12 Apesar de dez anos de residência na Inglaterra com caráter diplomático, acreditou Pombal que o governo e os mercadores ingleses obedeciam a instigações dos jesuítas, quando representavam contra aquelas medidas do ministro, que contrariavam o espírito dos tratados existentes e os interesses, não da feitoria inglesa somente, mas do comércio português em geral. Não se tem publicado uma só relação suportável desta notável administração!

13. Existe um maravilhoso livro em dez tomos, chamado o *Santuário Mariano* por Fr. Agostinho de Santa Maria. Contém a história de todas as imagens de Nossa Senhora em Portugal e suas conquistas, e relaciona no ano de 1723 nada menos de 28 Nossas Senhoras da Conceição no Brasil, sendo Nossa Senhora do Desterro a única imagem que tinha metade deste número. Prodigioso como deve parecer o assunto de tão volumosa obra, está em si longe de não ter valor algum. De envolta com as suas fábulas se encontram muitos fatos históricos, encerrando os milagres romanos muitas vezes verdades, de que nenhuma idéia tinham os narradores fabulistas.

14. O Conde de Bobadilha recebeu a nomeação de vice-rei antes da sua morte, não tendo porém tempo de entrar no exercício das suas novas funções. (F. P.)

15 Conta D. Luís da Cunha o caso de um baiano rico, que mandara seis filhas, dotada cada uma em seis mil cruzados, para o convento da Esperança, por ter ouvido dizer que só pessoas da primeira fidalguia ali eram admitidas. Com tal dote, observa ele, poderia cada uma destas pobres raparigas ter casado bem, fundando-se no Brasil seis famílias. *Cartas a Marco Antônio.* Ms.

16. Acusaram-no de ter sido peitado pelos judeus com meio milhão de cruzados, de ter sangue judaico nas veias, e de haver sido circunciso na Holanda. Tais foram as estúpidas calúnias propaladas contra Pombal por causa da melhor ação da sua vida. *Vida.* Ms., § 417.

17. Só em 1807, depois da sua morte, se lhe acabaram de liquidar as dívidas na importância de uns 280.000 cruzados. Teceu-lhe Antônio José Lande nestas palavras o elogio: *Sibi malus; alienis bonus; gloria temporibus.*

18. Na armada saída no mesmo ano para o Brasil iam trinta navios grandes para o Rio de Janeiro e dez para o Maranhão. Dos destinados à Bahia e Pernambuco nenhuma relação encontrei; para o primeiro destes portos devia ir pouco mais ou menos o mesmo número que para o Rio, e para o último mais que para o Maranhão.

19. Segundo uma ordem de 17 de maio de 1754 (Ms.) deviam ser quintadas todas as obras grosseiras levadas às casas da moeda do Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais,

havendo presunção de terem sido feitas para exportar o metal não pago o imposto. Era melhor meio para vexar os inocentes do que para refrear os culpados.

20. No arraial de Água Quente, nesta província se encontrou uma *folheta* (como assaz impropriamente a chamaram) de ouro, do peso de quarenta e três arráteis. *(Patriota,* 3, 6, 10.) Parece ter sido alguma massa insulada, pois que foi causa de uma demanda entre o proprietário do terreno e o descobridor, quando nenhuma disputa poderia ter lugar se houvesse sido encontrada da forma ordinária. Foi remetida para Lisboa, onde, se não me engano, a vi em 1796.

21 Pensa o P. Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira, na sua *Memória sobre os Caiapós,* impressa no tomo XXIV da *Rev. Trim. do Inst. Hist. Bras.,* que pertenciam estes selvagens à grande família dos *guaianases.* (F. P.)

22. O governo português deu todas as provas externas de desaprovar a empresa que tão vantajosa lhe fora, ordenando ao seu embaixador em Madri, Aires de Sá e Melo, que da sua parte significasse ao gabinete de S. Ildefonso todo o seu pesar por semelhante sucesso, comunicando-lhe outrossim que tanto o vice-rei do Brasil, Conde da Cunha, como o governador do Rio Grande, José Custódio de Sá e Faria, haviam sido chamados à Corte para darem estreitas contas do seu irregular proceder. Ninguém porém, se iludiu com tais protestos e excessivos rigores, crendo-se geralmente que, em virtude de secretas instruções, se tinha feito o cometimento. (F. P.)

. . . .

Capítulo XLII

EXPULSÃO DOS JESUÍTAS ESPANHÓIS – RUÍNA DAS REDUÇÕES DOS GUARANIS – ESTABELECEM-SE NA ASSUNÇÃO OS PAIAGUÁS – FUNDAÇÃO DE NOVA COIMBRA – REGIMENTO PARA O DISTRITO DEFESO DOS DIAMANTES – GUERRA DE 1777 – TRATADO DE LIMITES

Deixa Zeballos o Prata

PELA sua conhecida consideração para com os jesuítas fora Zeballos evocado do Prata. Aproximava-se a largos passos do seu desejado triunfo a guerra feita a esta caluniada Companhia. Por toda a Europa católica se erguera contra ela uníssono clamor, e expulsa da França como o fora de Portugal, teve Oeiras a satisfação de a ver agora também banida da Espanha e das Índias espanholas. Ato de pior política foi aquele do que o da expulsão dos mouriscos. Se fora outrora cruel e perversamente executada esta medida violenta, não se pode negar que as razões para ela eram em si mesmas concludentes, e irrespondíveis pelos princípios espanhóis e católicos romanos. Mas para a expulsão dos jesuítas não se alegou motivo que não fosse fundado em maliciosa adulteração de fatos e grosseiras calúnias. Dando ouvidos a tais falsidades privou-se a corte de Madri dos seus mais fiéis e prestantes súditos na América, homens prontos a viver e morrer no seu serviço, e

cujos interesses estavam inseparavelmente ligados aos do governo constituído. Tinham alargado pelo sertão o território espanhol, evitando assim que os portugueses se assegurassem, como aliás teriam feito, ainda maior porção de país central. Tinham levantado para a Espanha tropas indígenas que serviam gratuitamente todas as vezes que eram chamadas, tendo reprimido no Paraguai mais de uma rebelião e pelejado contra os portugueses sobre o Guaporé e junto dos muros da Colônia. E tinham livrado os espanhóis do Prata, Paraguai e Tucumán dos mais formidáveis dos seus inimigos, quando esses inimigos eram senhores do campo, destruíam muitas vilas e conservavam em perpétuo sobressalto as cidades; esses inimigos os jesuítas os haviam conciliado quando os espanhóis imploravam a proteção dos seus santos. Principiavam agora as reduções dos guaranis a restabelecer-se dos males que sobre ela acarretara o Tratado de Limites. Mas as conseqüências desta cega medida, as perdas sofridas no serviço dos espanhóis, e duas severas visitações de bexigas, lhes tinham desde 1732 reduzido o número de habitantes de cento e quarenta e quatro mil a cem mil. Produziu sobre os outros índios os seus naturais resultados o tratamento dado às sete reduções. Viram esta iniqüidade à sua verdadeira luz os abipones, os mocóbios e outras semi-reduzidas tribos, que balançavam ainda entre a segurança de uma vida fixa e os atrativos de outra errante e de depredações, e muitos houve que, concluindo valer mais ter os espanhóis por inimigos do que por amigos, meteram-se outra vez às matas. Para contrapesar esta impressão envidaram os jesuítas os maiores esforços, e esforços de homens tais nunca eram perdidos, nem a Companhia tivera em tempo algum no Paraguai membros mais zelosos ou mais hábeis. Na verdade grande, porém, silenciosa reforma parece ter-se feito na ordem. Impostura e falsidade haviam sido os seus vícios característicos, impingindo sistematicamente ao mundo dos seus impudentes milagres e mentidas lendas. Mas, espertos como serpentes na sua geração, conformavam-se agora os jesuítas com o mudado espírito do século, dirigindo-se à razão, como antes haviam falado à credulidade da humanidade. Sofria-se ainda que alguns padres, acoroçoava-os mesmo quiçá a fazê-lo, se entregassem à prática de se atormentarem a si mesmos, para aumentar a

Estado das reduções

soma das suas boas obras.[1] Tinha sempre a ordem alguns destes membros, sabendo fazer uso deles na esfera própria, mas o caráter geral passara por grande mudança.

Melhoramentos introduzidos pelos jesuítas

Possuíam grandes fazendas os jesuítas e subido número de negros. Eram as suas terras, já se sabe inalienáveis, e tinham eles um preceito humano, próprio de uma corporação religiosa, que lhes proibia vender qualquer escravo, salvo sendo tão incorrigível que se julgasse necessário metê-lo entre mãos mais severas. Vivendo num estado de fácil escravidão multiplicavam-se-lhes os negros. As escravas pouco mais ganhavam do que com elas se despendia, e eram tão improdutivos trabalhadores os escravos, que por via de regra se alugavam mulatos livres para guardadores de gado. Todo o escravo casado recebia uma ração determinada segundo as pessoas que tinha de família, assinando-se-lhe para seu uso uma data de terras, em que cultivasse cereais, melões e outros frutos, sendo seu o produto do que vendesse. Eram estes negros quase que os únicos ferreiros, carpinteiros, pedreiros, sapateiros, alfaiates, barbeiros e padeiros em todas as vilas do sertão. Eram os únicos músicos, e tocavam de graça nas igrejas e por ocasião de todas as grandes festas públicas. Não tinham os jesuítas fazenda em que não pusessem um padre com seu coadjutor leigo, sendo isto um grande benefício para todos os lugares circunvizinhos, onde desta forma se mantinham as fórmulas religiosas e alguma aparência de vida civilizada. De fato não havia civilização que penetrasse no sertão senão por intermédio dos jesuítas. Fr. Martim Schmid, natural de Baar no cantão de Zug, industriou os chiquitos não só nas artes comuns de uso diário, mas até em trabalhar metais, fundir sinos, fazer relógios e instrumentos musicais. Mais regalos se encontravam nas missões dos moxos e baurés do que na capital espanhola de S. Cruz de la Sierra.

Córdova deveu aos jesuítas a sua imprensa, último benefício que eles conferiram àquela cidade. Mas os jesuítas dos guaranis imprimiam livros na redução de S. Maria Maior muito antes que em Córdova, Buenos Aires, ou em qualquer parte do Brasil houvesse imprensa alguma.[2] A pouca instrução que nestas províncias havia, só os jesuítas a mantinham; sob a direção deles tornou-se famosa na América do Sul a Universidade de Córdova, embora no prescrito curso de estudos muito tempo se perdesse inutilmente em vãs e fofas formalidades, infundi-

am-se também os elementos de sã ciência, criando-se escritores que têm provado haverem-se na América não menos que na Europa, entendido e estudado os clássicos sob o ensino dos jesuítas.

Clamor contra a Companhia

Mas tinham por este tempo as fábulas e monstruosidades da Igreja romana provocado um espírito de contentosa e intolerante irreligião, que existindo em todos os países católicos, prevalecia mais ou menos segundo o grau de liberdade intelectual que se permitia. Na França e Itália era ela quase universal entre as classes educadas; soberanos míopes, que a si mesmos se lisonjeavam com o título de filósofos, alimentavam-na na Alemanha; e até na península as cortes mais santanárias da Europa, bebiam por intermédio dos seus ministros opiniões que nenhum indivíduo poderia ter emitido sem expor-se à ruína certa. Como sucedera em Portugal, resolveu-se agora na Espanha a expulsão dos jesuítas como primeiro passo para acabar com essas superstições e abominações que tanto envergonhavam o reino, e a imprensa habilitou os ministros a executar esta iníqua medida. Desde muitos anos que com toda a atividade do zelo maligno se faziam circular inumeráveis libelos, achando de repetida tantas vezes e debaixo de tantas formas afinal crédito a calúnia. Homens dos caracteres mais heterogêneos e discordantes ideais se uniram para a ruína desta ordem odiosa. Filosofistas e frades, ateus e jansenistas, reis e democratas, meteram mãos à obra, e, enganando-se com os sinais dos tempos, acreditou a Europa protestante que ia efetuar-se uma reforma na Igreja romana.

Ordens para expulsão dos jesuítas. 27 de mar.

Temia ou fingia temer a corte de Madri que os jesuítas do Prata e Tucumán lhe opusessem resistência à autoridade. Antes pois de publicar-se na Espanha o decreto que os desterrava de todos os domínios espanhóis, já no correr de três semanas se tinham por outras tantas vezes expedido ordens a

1767

Bucarelli. Já anteriormente se havia em segredo recomendado ao governador que se preparasse para esta medida como provável. Afetou ele compartir os receios do governo da metrópole, concertando os seus planos para apoderar-se de uns poucos de velhos indefesos nos seus colégios, como se meditasse surpreender outras tantas praças fortes. Deviam os jesuítas de Corrientes, S. Fé, Córdova e Montevidéu serem presos no mesmo dia, proeza que soaria bem na Europa, acreditando

junto da corte a vigilância do seu autor. Mas umas três semanas antes do dia marcado para estas operações simultâneas, chegou um navio que saíra da Espanha, depois de publicado o decreto, tornando-se assim pública a notícia. Imediatamente expediu Bucarelli ordens para as províncias, dobrou os destacamentos estacionados para vigiarem as comunicações entre povoação e povoação, e cercou nas horas mortas da noite os colégios de Buenos Aires. Foram os moradores despertados do seu sono. Por mais de repente que lhes soasse a má hora, deviam eles ter tido razões para contar com semelhante infortúnio, nem homens tão admiravelmente disciplinados para quanto pudesse sobreviver-lhes, eram para tomarem-se de surpresa. Ouviram tranqüilos a sua sentença de deportação por causas, reservadas na mente d'el-rei, e submetendo-se com dignidade a sua sorte, foram levados presos para uma casa nos subúrbios onde costumavam receber as pessoas que se recolhiam para passar pelos exercícios espirituais de Loiola.

Funes, 3, p. 118, 120

Prisão dos jesuítas no colégio de Córdova

Da secreta expedição contra o colégio de Córdova foi encarregado Fernando Fabro com oitenta soldados. Entrou de noite na cidade cercou com a sua gente o edifício, quando neste todos dormiam, tocou com força e repetidas vezes a sineta da portaria, pretendeu carecer de um confessor para um moribundo e ao abrir-se o postigo, penetrou por ele com a sua tropa. Dirigindo-se imediatamente à cela do reitor Fr. Pedro Juan Andreu ordenou-lhe que se erguesse e indicasse um lugar em que pudessem reunir-se todos os membros do colégio para ouvirem as ordens d'el-rei. Designou-se o refeitório. Os soldados despertaram os padres, e estes, reunindo-se à pressa, permaneceram de pé em respeitoso silêncio, enquanto um escrivão que acompanhava o capitão lhes lia a sua sentença de exílio para a Itália. Respondeu Fr. Pedro por si e por quantos se achavam debaixo da sua obediência que estavam prontos a obedecer às ordens de Sua Majestade. Tomaram-lhes então as chaves, e lançaram-lhes os nomes num registro. Chegando aos noviços, que estavam no seu lugar, à parte dos outros irmãos, congratulou-os o escrivão pela liberdade que el-rei lhes dava de voltar ao seio de suas famílias. Mas eles a uma voz responderam que compartiriam a sorte do desterro. Fechados então todos no refeitório, pôs-se uma guarda à porta. Recebera o vice-rei instruções para nada poupar a fim de separar da ordem os noviços, e como mais uma garan-

tia de não exercer sobre eles influência alguma indébita, não devia sofrer que nenhum destes aspirantes acompanhasse os desterrados sem atestar por sua própria letra que o fazia por livre e espontânea vontade. Mas eles tinham bebido lições que tornam o coração invencível. De um deles, Clemente Baigorri, natural de Córdova, se refere que, querendo seu pai persuadi-lo a não deixar a terra natal e os parentes, o mancebo o rendera pela eloqüência com que representara o devoto sentimento de dever heróico. "Segue a tua própria estrada, Clemente", lhe disse o pai, atirando-se-lhe ao pescoço: "os teus argumentos são melhores que os meus! Vai para onde Deus te chama." Grandes riquezas esperava Fabro encontrar em Córdova, e achando na escrivaninha do reitor uma chave com este rótulo *Clavis Secreti,* logo julgou ter nas mãos o escondido tesouro. Não foi pois pequena a sua decepção ao descobrir que pertencia a chave ao lugar onde se guardavam os papéis de sucessão da província. Não chegou a nove mil pesos a riqueza palpável do convento, ficando nas mãos dos seqüestradores, como nestas comissões sói acontecer, grande parte dos bens convertíveis. A livraria, que era famosa, e naquela parte do mundo, onde necessariamente escasseavam livros, devia ser inestimável, foi dispersa. Remetidos para Buenos Aires os manuscritos, ali se extraviou a maior parte por escandaloso desmazelo, perdendo-se assim irremediavelmente uma grande coleção de documentos históricos.

Funes, 3, 153-6
Peramas

Destroem-se os papéis dos jesuítas

Peramas. Andreu Vita, § 85. Funes, 3, 156

Cruel tratamento dos missionários

Contra as intenções da corte espanhola, foram os jesuítas expulsos com circunstâncias de grande barbaridade. Tinha-se ordenado que a cada reitor se deixasse o dinheiro preciso para as despesas da jornada por terra, para ele e os seus companheiros, mas assim se não cumpriu. Os birbantes a cuja guarda foram estes homens confiados, revistaram-nos, roubando-lhes o último real com que os parentes e amigos os haviam suprido. Preso ao leito pela doença e com setenta e um anos de idade se achava ao chegar às missões dos chiquitos a ordem de expulsão, Fr. Ignace Chomé, natural de Douay, e um dos mais hábeis e laboriosos missionários.[3] Não querendo forçar a decampar um homem neste estado, nem se atrevendo a desobedecer as suas ordens, mandou o oficial pedir instruções a Chuquisaca. Em lugar porém de se deixar morrer em paz um pobre velho que tantas vezes ar-

riscara a vida pelo serviço da Espanha, seja expulso como os outros, foi a resposta. Foi preciso transportá-lo numa rede, tal o seu estado, e chegando o Oruro, morreu, depois de ter pelo caminho sofrido mais do que morte. Apesar de velho, e coberto de enfermidades, não pôde Fr. Hans Mesner, boêmio de nascimento, alcançar licença de morrer nas reduções dos chiquitos, onde trabalhara trinta e um anos. Teve em primeiro lugar de fazer uma jornada de quatrocentas e cinqüenta milhas até S. Cruz de la Sierra na estação chuvosa e através de uma região que mal oferecia acomodação alguma humana. Naquela cidade ficou cinco meses de cama, e, chegada a estação de atravessar os Andes, arrancaram-no do leito e sobre uma mula o puseram, que passasse as montanhas para embarcar no Peru. Entre Oruro e Tacna no cume do desfiladeiro fez a escolta alto, para tomar alimento, e ao preparar-se esta para de novo pôr-se em marcha, suplicou Mesner ao comandante que o não compelisse a ir mais longe, pois se achava em artigo de morte.

Mandou o oficial pô-lo em cima da mula, e que fosse ao lado um soldado para sustê-lo na sela; pouco tinham andado porém quando o soldado sentiu que suportava um peso inanimado. Nesta posição rendera Mesner o último suspiro. O Conde de Aranda, então ministro na Espanha, estranhou severamente a crueldade dos governadores americanos, perguntando-lhes com indignação se não havia naquele país tão vasto terra bastante para dar sepultura aos velhos.[4]

As reduções entregues ao vice-rei

Antes de atacar as reduções embarcou Bucarelli os jesuítas do Prata, Tucumán e Paraguai, cento e cinqüenta e cinco ao todo. Esta parte da tarefa quis ele cumpri-la em pessoa, merecendo as precauções que tomou para prender setenta e oito missionários indefesos, desprezo ou indignação, conforme as supusermos filhas de verdadeira ignorância do estado das coisas, ou de um receio vilmente afetado para captar boas graças, cortejando a calúnia triunfante. Tinha previamente chamado a Buenos Aires todos os caciques e corregedores, persuadindo-os de que ia el-rei fazer uma grande mudança em benefício deles. Ordenando que duzentos soldados do Paraguai guardassem o passo de Tebiquari, e outros tantos correntinos se portassem nas vizinhanças de São Miguel, subiu ele o Uruguai com sessenta cavaleiros e três companhias de granadeiros. Desembarcando nas cachoeiras, seguiu um destacamento a reunir-se à coluna de Buenos Aires e

apoderar-se dos jesuítas do Paraná, outro fez junção com os correntinos, e marchou contra os da margem oriental do Uruguai, e o vice-rei em pessoa avançou sobre os de Iapeju e dentre os dois rios. Foram as reduções entregues sem resistência, seguindo os jesuítas sem murmurar os seus irmãos ao exílio, e Bucarelli foi assaz vil para nos seus despachos fazer valer a habilidade com que tão felizmente levara a bom fim uma empresa arriscada, representar isto como um serviço que lhe dava direito a toda a consideração da corte, e procurar cativar o favor real sobrecarregando a perseguida Companhia com acusações da mais grosseira e baixa falsidade.

Funes, 3, 128-131

Os jesuítas americanos na Itália

De Cádiz foram os jesuítas americanos[5] remetidos para a Itália, onde para residência lhes assinaram Faenza e Ravena. A maior parte dos padres do Paraguai estabeleceram-se no primeiro destes lugares, empregando ali as tristes horas da velhice e do exílio, a preservar até onde lho permitia a memória (todos os seus papéis lhes haviam tirado) o conhecimento que com tantas fadigas tinham adquirido de estranhos países, estranhos costumes, selvagens línguas e selvagens homens. Da extravagância e da loucura se originara a Companhia: durante o seu progresso haviam-na sustentado a fraude e a mentira; e a sua história mancham-lha as ações mais negras. Mas sucumbiu com honra. Nunca houve homens que com maior equanimidade se portassem sob não merecida desgraça, e foi a extinção da ordem grave perda para a literatura, grande mal para o mundo católico, e irreparável dano para as tribos sul-americanas.[6]

Novo sistema de governo nas reduções

1768

Com padres das diferentes ordens mendicantes substituiu Bucarelli os exilados missionários, mas a autoridade temporal não lhes foi confiada. Formou ele as missões provisoriamente em dois governos, pondo as vinte reduções do Paraná, debaixo da direção de D. Juan Francisco de la Riva Herrera, e as dez do Uruguai debaixo da de D. Francisco Bruno de Zavala, e nomeando para cada uma seu administrador, que superintendesse os trabalhos do povo, e lhe zelasse os interesses. Aqui terminou a prosperidade destes celebrados aldeamentos, aqui expirou a tranqüilidade e o bem-estar dos guaranis. Famintos velhacos do Prata ou recém-chegados da Espanha nem conheciam os administradores a língua indígena, nem tinham paciência para aprendê-la, bastando-lhes para in-

térprete das suas ordens o chicote. Para refrear as enormidades destes miseráveis nenhuma autoridade tinham os padres, nem eram estes mesmos sempre irrepreensíveis. Mal se passara um ano quando o vice-rei descobriu que para se subtraírem a este jugo intolerável principiavam os guaranis a emigrar para o território português, implorando proteção dos seus antigos inimigos. Ao primeiro rebate de tão inesperado sucesso, demitiu Bucarelli todos os administradores, nomeando outros em seu lugar e reunindo os dois governos sob as ordens de Zavala. Mas tão rapaces e brutais como os seus predecessores eram os novos administradores, o governador viu-se logo envolvido com os padres em violenta luta sobre os seus respectivos poderes, veio a confusão que se seguiu provar quão acertadamente haviam obrado os jesuítas, reunindo a autoridade temporal à espiritual. Hábitos antigos levariam os guaranis a tomar partido pelos padres, que, maus como eram, não o eram tanto como os tiranos leigos. Por si tinha Zavala os militares. Dos clérigos uns fugiram, outros suplicaram fervorosamente aos seus superiores que os retirassem de um posto onde nada bom podiam fazer, sobre acharem-se pessoalmente expostos a ultrajes e indignidades. Instituiu então o vice-rei nova forma de administração. Residiria o governador em S. Maria Maior, aliás Candelária, que fora residência do superior das missões, e debaixo de suas ordens haveria três substitutos, quatro ajudantes e os respectivos administradores investidos de jurisdição civil e criminal. Declararam-se os índios isentos de todo o serviço pessoal, não sujeitos ao sistema das *encomiendas* e capazes de possuir bens, direito, dizia Bucarelli de que os jesuítas os haviam privado, porquanto afetava este governador emancipar os guaranis, falando em pô-los debaixo da salvaguarda das leis, e purificar da tirania as reduções! Trabalhariam para a comunidade debaixo da direção dos administradores, e, como estímulo à indústria, seriam as reduções francas aos mercadores nos meses de fevereiro a abril. O resultado de tudo isto foi não deixar o serviço compulsório e cruel aos índios nem tempo, nem gosto, nem ânimo, nem forças para trabalharem para si mesmos. Desprezadas e esquecidas as artes introduzidas pelos jesuítas, jaziam a monte os quintais, caíam aos pedaços os teares, e nestas povoações, onde no correr de muitas gerações tinham mais que outros nenhuns do globo vivido isentos de males físicos e morais, tornaram-se os habitantes viciosos e miseráveis. A úni-

1769

ca alternativa que lhes restava era ficar, sendo tratados como escravos, ou fugir para as florestas, correndo os azares da vida selvagem.

Funes, 3, 130-142

Fogem alguns guaranis para o Brasil

Parece a corte portuguesa ter concordado com a espanhola em que não se sujeitariam os missionários mansamente à sua expulsão. Expediram-se ordens ao governador de Minas Gerais dizendo que debaixo de diferentes disfarces, uns como leigos, outros como sacerdotes seculares e providos de instruções do seu geral em nome do papa, procuravam os jesuítas introduzir-se nos domínios portugueses. Havia razões para acreditar, acrescentava o aviso, que esta raça infame e abominável, banida de todos os reinos e domínios da Espanha, bem como de Parma e Placência, procuraria firmar pé na América; devia pois o governador examinar com o maior rigor todas as pessoas que entrassem na sua capitania. Mas em lugar de chamar inimigos ao Brasil, foi o efeito da expulsão quebrar inteiramente a força dos guaranis, contra ele tantas vezes empregada, trazendo-lhe até como suplicantes alguns desses mesmos índios. Para estes pobres refugiados fundou o governador do Rio Grande, José Marcelino de Figueiredo, uma aldeia, assinando-lhes extensas terras e isentando-os de impostos. Tinha boas intenções para com eles o governo e obrava com bondade, mas faltava-lhes o regime paternal com que se haviam criado. A previdência que os dispensava de todo o cuidar de si, o freio brando e salutar, que os preservava de todos os vícios ruidosos e perigosas práticas, o amor que lhes velava ao lado quando doentes, o zelo que os consolava na morte, nada disso se lhes podia dar, e a maior parte deles desapareceu gradualmente.

Aviso. 29 de abr. 1767. Ms.

Casal, 1, 150

Rompimento entre os guaicurus e paiaguás

1768

Por este tempo se dissolveu a aliança entre os guaicurus e paiaguás, voltando uma contra a outra a sua animosidade estas tribos, que tanto dano haviam causado aos espanhóis do Paraguai e portugueses de Cuiabá e Mato Grosso. À sua custa descobriram os paiaguás quão mal avisados haviam andado, sofrendo que os guaicurus se tornassem tão poderosos por água como eles mesmos, e compelidos a fugir, foram pedir asilo e aliança aos espanhóis da Assunção. Induziu-os a isto o exemplo de algumas hordas, que derrotadas por um dos mais hábeis e ativos governadores do Paraguai, Rafael de La Moneda, se haviam uns trinta anos antes submetido a condições de paz de extraordinária natureza. Entraram

numa liga ofensiva e defensiva, reservando-se o direito de fazer a guerra a quaisquer índios bravos que não fossem aliados dos espanhóis, nem estivessem no hábito de mercadejar com eles. Concordaram em estabelecer-se na Assunção, não sob a direção de religiosos, nem com sujeição alguma, mas em perfeita liberdade, e pleno e ilimitado gozo dos seus próprios costumes. Moneda apenas exigiu que cobrissem eles a nudez, mas os seus sucessores não foram nem tão zelosos da decência, nem tão diligentes em conduzi-los gradualmente a hábitos civilizados, de sorte que em fins do século décimo oitavo soíam os paiaguás varões aparecer nus na capital do Paraguai, continuando provavelmente ainda a fazer o mesmo hoje em dia. Alguns deles pintam o corpo de modo que represente jaqueta, colete e calças, e assim besuntados reputam-se perfeitamente vestidos. No tempo do frio e quando entram em casa de algum espanhol lançam aos ombros uma espécie de capa, ou vestem uma camisa sem mangas, tão curta, que mal chega nem para inculcar decência.

Dobrizhoffer, 1, 133. Casal, 1, 233. *Patriota*, 3, 5-30. Funes, 3, 15 Azara, 2, 12

Artes e costumes dos paiaguás

O exemplo desta parte da nação foi seguido dos conterrâneos agora expulsos de Cuiabá e do Alto Paraguai, sucesso não menos grato aos brasileiros, que assim se viram livres de formidáveis inimigos, do que aos espanhóis, que neles adquiriram alguns dos mais prestimosos moradores da Assunção. Abastecem estes índios a cidade de peixe, vimes, canas, forragem, canoas, remos e cobertores da sua própria fábrica, que é das mais rudes tanto no fiar como no tecer. Toma a fiandeira no braço o algodão e sentada faz girar o fuso sobre o dedo grande do pé; muito pouco torcer-lhe parece suficiente, e fiada toda a lã, passa o fio segunda vez da mesma forma. Igualmente fácil é o tecer: cruzam-se com os dedos os fios, sem auxílio de instrumento algum exceto um pau chato, com que se aperta a obra. Passam os paiaguás pelos mais ativos e musculosos dos índios, mas o seu aspecto é realmente selvagem. No lábio inferior trazem um pedaço de madeira, ou brilhante tubo de cobre, que lhes chega ao peito, e numa orelha a asa de uma passarola, moda que também na América do Norte se tem encontrado. Pintam o corpo e tingem o cabelo com um suco cor de púrpura, ou com o sangue de animais. Considerando seios pendentes como uma beleza, alonga-os as mulheres à força. Menos bárbaros que os atavios não são os costumes. Soíam entre algumas destas hordas os

homens pedir que os enterrassem vivos, quando cansados de viver por velhice, decrepitude, doença, ou mero tédio da existência, enfermidade de espírito que às vezes se encontrava entre eles como entre os membros devassos de sociedades corrompidas. Uma festa se fazia por estas ocasiões. Entre folias e danças cobria-se de goma e se emplumava com grande cuidado o suicida. Soterrado estava já de antemão um vaso enorme, nele o metiam, e fechada a boca com pesada tampa, cobria-se tudo de terra. Entre muitas tribos do sertão prevalecia o costume de depositar os mortos nestas urnas. Soíam os paiaguás deixar a cabeça do finado fora da terra, cobrindo-a com o vaso posto de boca para baixo, mas os que na Assunção se estabeleceram adotaram o modo de enterrar dos espanhóis, como mais seguro contra porcos-bravos e armadilhos, animais que empregam grandes esforços para chegar a um cadáver. É este quase o único caso em que pelos dos seus aliados trocaram os próprios usos. Conservam limpas as sepulturas, mondam-nas, erigem-lhes por cima cabanas semelhantes às próprias habitações, e colocam muitos vasos de barro pintados sobre os túmulos dos entes que amaram. Os homens nunca choram um finado, pensando porventura que toda a demonstração de pesar implicaria falta dessa fortaleza, que para eles é a maior virtude. As mulheres pranteiam dois ou três dias os maridos e pais, carpindo mais tempo os que caem na guerra e os homens famosos, ocasiões em que uivam de noite e de dia à volta das suas casas. A crença numa retribuição além da morte, que nem sempre se encontra entre nações selvagens e bárbaras, existe entre os paiaguás, que imaginam haver caldeirões de fogo preparados para os perversos. A parte médica da profissão dos seus charlatães, faz correr mais risco o curandeiro do que o doente, porquanto, se este morre, cai toda a horda sobre aquele, matando-o a pau.

Jaboatão. Preâmb. § 24

Azara. Dobrizhoffer

Cerimônias que os paiaguás praticam na Assunção

Em 1790 assentou terceira divisão desta notável nação as mesmas condições com os espanhóis, reunindo-se aos seus compatriotas na Assunção, onde em princípios do século décimo nono se lhes orçava em mil o número coletivo. Julgando acreditar-se para com a Corte, exibindo provas do seu zelo católico, batizou-lhes um governador obra de cento e cinqüenta crianças. Mas apesar de se terem os pais por meios óbvios e fáceis deixado persuadir a sofrer que os filhos passassem por uma cerimônia, a

respeito da qual já nenhuns receios supersticiosos nutriam, não foi mais longe a obra da conversão, praticando estes índios ainda hoje publicamente na cidade da Assunção um dos seus costumes mais selvagens. É o mês de junho o tempo para esta terrível cerimônia, comum aos guaicurus, guanas, e algumas outras tribos. Na véspera à noite do dia marcado, pintam o corpo os chefes de cada família, ornando de plumas a cabeça de forma tão fantástica, que, diz Azara, não é possível ver-se sem pasmo, e menos descrever-se. Cobrem de peles alguns vasos de barro, principiando a rufar neles com uns pauzinhos mais pequenos que uma caneta regular, mal perceptível a alguns passos de distância o sussurro brando. Na manhã bebem todos os espíritos que possuem, e nesse estado de feroz embriaguez que estas bebidas produzem, põem-se a beliscar uns aos outros a carne dos braços, pernas e coxas, quanto podem abarcar os dedos, cravando espetos de polegada em polegada de distância desde o tornozelo até no quadril, e do punho até o ombro. É um espetáculo público, a que este ponto assistem as espanholas, mas um sentimento misto de decência e horror as leva a retirarem-se quando os selvagens começam a furar da mesma sorte as línguas e as partes genitais. Nem com o olhar nem com gesto revelam a menor emoção os homens que sofrem estes tormentos e as mulheres os contemplam impassíveis. O sangue da língua apara-se na mão, e com ele se besunta o corpo, o das partes genitais deixa-se cair num buraco aberto no chão com os dedos. As feridas deixam-se sarar, sem se lhes aplicar coisa alguma, o que leva muito tempo, ficando cicatrizes para toda a vida, durando às vezes tanto a impossibilidade para o serviço que as famílias muito padecem por falta de víveres. A única razão que a este tremendo costume assinam, é ser uma demonstração de bravura.

1768

Azara, 2, 134-7

Açúcar, doces e espíritos figuram entre os artigos que os paiaguás recebem dos espanhóis em pagamento ou troca. Cabe a estes índios o merecimento de se terem imposto a si mesmos algumas restrições poucas no uso das bebidas espirituosas. As mulheres não provam estes perniciosos licores, salvo se o obtêm pelo produto do seu próprio trabalho, sucedendo outro tanto aos rapazes, enquanto os pais os sustentam. Mas as suas bacanais são orgias pavorosas: não comem nada em todo o dia, e riem-se dos bêbados espanhóis que entre os co-

pos tomam alimento, dizendo não restar assim lugar para a bebida. No todo porém parece a associação com os espanhóis ter-lhes melhorado a condição; com o mero desuso da guerra se lhes diminuiu a ferocidade, suas novas necessidades lhes são contínuo e sempre presente estímulo para a indústria, e se marcha tão vagaroso o progresso é por falta de melhores exemplos. Da parte deles não falece nem a vontade nem a capacidade. Sendo tão difícil a sua linguagem que nunca ninguém a aprendeu, senão estimulado por zelo religioso, tornaram-se muitos deles familiares ao guarani, só para se entenderem com os espanhóis. Destes veio a culpa se eles passaram de uma língua selvagem para outra, em lugar de aprenderem uma européia que lhes poria ao alcance os meios da instrução intelectual e religiosa.

Azara, 2

Fundação da Praça dos Prazeres

Com a defecção dos seus aliados paiaguás não perderam o ânimo os guaicurus. Tinham os portugueses fundado ultimamente sobre a margem setentrional do Igatimi, rio que entra no Paraná não muito acima das cachoeiras, uma povoação com um fortim a qual chamaram Praça dos Prazeres. Havia naquele rio um vau chamado passo dos guaicurus, circunstância que só por si bastaria para advertir aos colonos que deviam andar sempre precatados, e contudo duas vezes dentro do mesmo ano caíram os ferozes guerreiros sobre os incautos moradores, matando muitos e queimando quantas casas ficavam fora do alcance do forte. No ano seguinte subiram vinte canoas destes índios o Paraguai quatrocentas milhas acima do que se considera terra sua, e caindo sobre uma fazenda mataram o dono, o filho deste, e dezesseis pessoas, levando ainda alguns prisioneiros. As perdas causadas por esta nação aos portugueses, computam-se em mais de quatro mil vidas e três milhões de cruzados. O melhor meio de reprimir tão terrível inimigo pareceu ao governador de Cuiabá e Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, que seria erigir um forte que dominasse a navegação do Alto Paraguai. Nomeando pois o capitão Matias da Costa para esta diligência, mandou-o de Vila Bela para Cuiabá, de onde descesse com uma força suficiente o rio deste nome, e atravessadas as bocas mudáveis, que o Tacoari e o Embotaten formam naquele país baixo e de aluvião, se fortificasse numa posição que os sertanejos costumavam chamar Fecho dos Morros. Neste ponto, que é o limite austral da grande inundação anual, passa o rio através de

1774

uma linha de assaz elevadas montanhas que corta em ângulos retos, dividindo uma ilhota, ou alta rocha, a corrente em duas. Aqui, sobre a margem oriental deveria plantar-se a fortaleza. Mas escutando impensadamente os conselhos de alguns dos seus que pareciam lançar olhos longos para Cuiabá, como lugar de refúgio ou de socorro, deixou-se Ribeiro da Costa persuadir a fixar-se quarenta léguas acima deste bem escolhido sítio, cometendo mais o erro de estabelecer-se sobre a margem direita que os espanhóis reclamavam como dentro da sua demarcação. O lugar assim escolhido com violação das ordens, e chamado Nova Coimbra, forma hoje a possessão brasileira mais austral sobre o Paraguai. Aqui também como no Fecho se contrai o rio entre duas colinas[7], que na estação seca dominam a passagem. Mas estão desligados da cordilheira, e na maior parte do ano passam as canoas livremente sobre os pantanais de um e de outro lado, sem chegar à vista do forte. Pela mesma razão não servem as terras circunvizinhas nem para agricultura nem para pastos, inundadas como se acham de ordinário sete meses dentre doze. Nos anos de 1791 e 1792 nunca se retiraram as águas. Na fundação do Forte do Príncipe, que pelo mesmo tempo teve lugar sobre o Guaporé, foram melhor cumpridas as ordens de Luís de Albuquerque. Assentou-se esta nova povoação obra de uma milha acima da Conceição, a antiga S. Rosa, onde já as apressadas e mal concluídas obras caíam em ruínas. Naquelas paragens eleva-se o rio anualmente à prodigiosa altura de trinta pés, sendo entre o Destacamento das Pedras e a foz do Mamoré o único lugar perfeitamente fora do alcance das inundações. Mas posto que a este respeito bem escolhido o sítio, produzem, retiradas as águas, as exalações do país circunvizinho os usuais efeitos, sofrendo a guarnição as moléstias que são conseqüência.

Patriota, **2, 5, 33; 2, 2, 59; 2, 6, 56.** *Hist. dos índios cavaleiros,* **3, 5, 31**
Casal, 1, 263

Contrato dos diamantes

Enquanto assim fortificavam suas fronteiras os brasileiros tanto contra os espanhóis como contra os selvagens, considerava o governo outra vez os meios de tornar mais produtivos para o Tesouro os diamantes. Um homem, evidentemente de origem boreal, Felisberto Caldeira Brant, tomara o terceiro contrato para estas pedras preciosas na administração de Gomes Freire. Era grande mineiro em Paracatu, e pensando adquirir riqueza mais rapidamente apanhando diamantes do que ouro, ofereceu uma capitação de 220$000

sobre seiscentos escravos, num tempo em que, segundo ele mesmo diz, não era de esperar oferecesse alguém mais de 150$000, e em que na realidade não tinha ele concorrente. Afora isto pagou 10$000 por cabeça como espórtula pelo contrato. Uma das condições era empregar um terço dos escravos na província de Goiás, onde recentemente tinham aparecido diamantes no rio Claro e no rio dos Pilões, reservando-se por conseguinte o terreno adjacente para uso da Coroa segundo a mesma lei que vigorava para o distrito defeso de Serro Frio. Não se mostrando porém tão produtivo o terreno, como ao princípio se calculara, permitiu-se ao contratador ao cabo de três anos retirar a sua gente e empregá-la dentro dos antigos limites. Desconfiou-se que embora não tivesse sido grande a colheita dos diamantes, muito ouro se apanhara nestes três anos, porquanto, levantada em 1801 a demarcação de Goiás, acharam-se as mais ricas minas exaustas, ou por Brant (que possuíra a melhor oportunidade) ou por qualquer outro que clandestinamente as tivesse lavrado. Fosse como fosse, representou o contratador à Corte que em conseqüência desta cláusula sofrera enormes prejuízos, sobre terem-lhe no último ano do seu contrato arrombado o cofre em que se guardavam os diamantes, roubando-lhe pedras do peso de mais de vinte e duas oitavas, e pondo-lhe pequenas no lugar das grandes, de sorte que não se podia calcular ao certo o valor da perda, mas passava sem dúvida de duzentos mil cruzados. Tinha o cofre seis fechaduras, achando-se duas chaves em poder do intendente do distrito defeso, em cuja casa estava ele depositado; o mesmo contratador guardava uma chave, e as demais três andavam em poder de outros tantos oficiais do intendente. Em conseqüência deste prejuízo pedia Brant ao governo que interviesse para que as letras que por aquela frota sacava sobre Lisboa, não deixassem de ser honradas apesar de não cobertas pela remessa de diamantes, e que alguma indulgência houvesse para com ele no pagamento dos atrasados à coroa. Antes de chegar o requerimento a Portugal vinha pelo caminho uma ordem para prendê-lo, confiscando-lhe todos os bens.

Se as pedras que em seu poder se achassem, e o resto dos seus bens, chegassem para cobrir letras no valor de novecentos mil cruzados que já sacara por conta dos diamantes, e pagar os atrasados à coroa, seria solto, do contrário ficaria preso no Rio de Janeiro e incomunicável. O resultado foi serem Felisberto e Joaquim Caldeira Brant remeti-

dos presos para Lisboa, onde morreram no Limoeiro. Talvez os suspeitassem de terem eles mesmos cometido o roubo, mas não houve sentença condenatória, não se publicou o processo, nem no Brasil se soube mais coisa alguma senão que tiveram estes homens tão lamentável fim por causa de certos crimes, que o seu grande poder e riqueza os haviam animado a cometer.

Petição. Ms. Coleção de Pinheiro. T. 6, nº 4. Aviso, 20 fev. 1753. *Patriota*, 3, 4, 55. Casal, 1, 399

Depois da ruína destes poderosos tomou o quarto contrato João Fernandes de Oliveira, que com Francisco Ferreira da Silva tivera parte no primeiro, e agora continuou com este até que em 1771 introduziu Pombal outro sistema, promulgando novo regimento para o distrito defeso. Causas desta mudança dizia o preâmbulo terem sido a ciência certa dos intoleráveis abusos que se praticavam, a maneira desordenada por que se lavravam o terreno e esgotavam as correntes, e o número de escravos que sob fraudulentos pretextos se introduziam para extrair diamantes. Para evitar tais abusos determinava-se que de então por diante se lavrassem os diamantes por conta da coroa sob a superintendência de Pombal, como presidente do Tesouro, de três diretores residentes em Lisboa, e três administradores na comarca de Serro Frio, sendo estes últimos nomeados pelos diretores de Lisboa, e graduados em categoria e vencimentos, seguindo-se o segundo e terceiro por antiguidade ao primeiro. Conservariam o ofício, enquanto bem se comportassem, e residindo no arraial de Tejuco ou em outro qualquer lugar do distrito defeso, que mais conveniente fosse, regulariam todo este importante serviço. Todos os anos determinariam com audiência e aprovação do intendente-geral do distrito (que era um desembargador) os lugares que nesse ano se lavrariam, quais na estação seca, quais no tempo das águas, reservando os dois rios Pardos e os seus afluentes, que sempre haviam sido excetuados dos contratos, como terreno a que se poderia recorrer, quando as minas então em uso não cobrissem mais a despesa de lavrá-las. Regular-se-ia esta escolha pela quantidade de pedras que fossem precisas para Lisboa naquele ano, e com relação também às despesas da extração e à soma de trezentos e sessenta mil cruzados, que o governo esperava entrassem regularmente para o Tesouro como no tempo dos contratadores. Ordenou-se positivamente que em todas as correntes se trabalhasse subindo

Regimento de Pombal para o distrito defeso. 2 de agosto de 1771. Ms.

1776

por elas, não descendo, e se deixassem os administradores de cingir-se a este preceito, daria o intendente conta disso, para que el-rei os mandasse castigar como merecessem.

Proveria o intendente a que imediatamente se matriculassem todos os escravos dentro do distrito defeso, registrando-os por nome, idade e sinais em cabeça dos respectivos senhores, e quando se transferisse algum, daria o novo senhor conhecimento disso ao intendente, fazendo-o registrar sob a mesma pena como se o houvesse clandestinamente introduzido. Nenhum escravo se admitiria de novo no distrito sem licença por escrito passada pelo intendente, que a não concederia senão por causa estritamente justa e necessária, registrando-se imediatamente a entrada. Descobrindo-se algum escravo não matriculado, não só pagaria o dono ao denunciante a multa marcada, mas ainda seria à primeira vez irremissivelmente condenado a galés por três anos, e à segunda por dez, e por estes mesmos dez logo à primeira se o escravo fosse encontrado com diamantes em si, ou no ato de catá-los, ou mesmo com os instrumentos da sua profissão. Todos os que na comarca do Serro Frio ou no distrito defeso possuíssem casas e plantações, servissem ofícios, ou exercessem qualquer profissão se apresentariam ao intendente no prazo de quinze dias contados da publicação deste regimento, e depois de rigoroso exame receberiam bilhetes de licença com designação dos seus nomes e ocupações. Quem não desse boas contas de si, sairia do distrito dentro de quinze dias depois de intimado, sob pena de prisão no Rio de Janeiro por seis meses, e se voltasse escondido seria degredado para Angola por outros tantos anos. Quem se quisesse estabelecer no Tejuco ou em outro qualquer arraial perto das lavras, seria inquirido sobre os motivos, meios de vida e ocupação que se propunha exercer, e se não provasse causa justa para ser admitido, seria imediatamente posto fora do distrito como suspeito, se não fosse achado merecedor de castigo mais severo.

Era sabido que mercadores e contrabandistas se introduziam nos arraiais, às vezes sob pretexto de trânsito, outras de cobrar dívidas próprias ou alheias, e ainda outras como viajantes traficantes de escravos quais os que uma ou duas vezes por ano freqüentavam a Bahia ou o Rio de Janeiro. No primeiro destes casos quem se demorasse mais de vinte e quatro horas num lugar, seria preso pelas autoridades locais, levado à

presença do intendente e remetido à sua custa para o Rio de Janeiro, onde sofresse seis meses de cadeia. Quem viesse a cobranças, apresentar-se-ia ao intendente, administrador e fiscal, e mostrando os seus documentos, declararia a soma das dívidas, explicaria a origem destas, e exporia os meios que para pagá-las tinham ou não tinham os devedores. Estando tudo em termos, se lhes passaria licença para tratar dos seus negócios, aliás partiria dentro de três dias. Viajantes traficantes de escravos não se admitiriam, e os que estivessem já no distrito seriam expulsos sem demora juntamente com os seus escravos, fazendo-se público por editais, que se voltassem, perderiam todos os seus bens, e iriam degredados para Angola por dez anos. E, tendo mostrado a experiência que pessoas expulsas do distrito defeso muitas vezes iludiam a lei, estabelecendo-se tão perto do seu antigo lugar de residência, que se tornavam tão daninhas como dantes, seriam para o futuro tais pessoas desterradas de todas as comarcas do Serro Frio quando não parecesse necessário mandá-las para mais longe. Também sucedera que alguns presos sentenciados à deportação tinham querido ficar na cadeia antes do que assinar os respectivos termos, continuando dali mesmo com as suas práticas de contrabando em maior escala do que quando em liberdade. Doravante quem não assinasse logo o seu termo, seria imediatamente remetido para o Rio de Janeiro e aqui embarcado para Angola, onde servisse dez anos. Residindo na localidade, e possuindo os melhores meios de informação, deviam o intendente e os administradores ser os juízes mais competentes nestas causas, pelo que de suas decisões não cabia apelação nem agravo, senão para o soberano em pessoa, dos escravos que por conta do Tesouro se deviam comprar aos contratadores, só aqueles de que não houvesse suspeita de haverem tido parte na clandestina extração de diamantes, seriam empregados, vendidos os outros para fora do distrito. Outros se não comprariam, alugando-se os que agora ou no futuro fossem necessários, pelos meses em que dos serviços se carecesse, e despedindo-se logo depois. Determinariam os administradores o número que seria preciso em cada uma das estações seca e chuvosa, conforme melhor conviesse aos interesses do Tesouro, não dos indivíduos que sem regra nem limites alugavam até então os seus negros aos contratadores. Todos os escravos assim alugados seriam robustos, exercendo-se sobre eles a mais viva vigilância, observando-se a

maior precaução, e passando-se amiudadas vezes as mais rigorosas revistas. Se em poder deles se encontrassem pesos ou outros quaisquer indícios de tráfico, seriam condenados a galés por tempo proporcionado à suspeita que contra eles houvesse. Os agentes mais comumente empregados no contrabando dos diamantes eram negras inculcadas fugidas. Todas as que se achassem em companhia dos escravos, seriam remetidas a seus senhores, que, pagando a espórtula da apreensão, as venderiam dentro de certo prazo para fora do distrito. Também seriam expulsas as negras livres, mas se provassem serem escravas as mulheres que os donos punham em semelhante modo de vida, seriam estes igualmente desterrados. Alugando escravos deviam o intendente e os administradores preferir em primeiro lugar os de mais experiência e habilidade e de melhor reputação quanto à probidade; em segundo os pertencentes a pessoas que estivessem ao serviço da administração, mais ou menos, conforme o maior ou menor zelo e merecimento dos donos; em terceiro os demais moradores do distrito, segundo o número que cada um destes empregasse nos seus próprios trabalhos. Mas se alguém comprasse grande cópia de escravos meramente no intuito de alugá-los para a extração de diamantes, nenhuma atenção se teria a esse número por ser semelhante prática um abuso que carecia abolido. Não se sofreria que senhores de escravos suscitassem questões, pretendendo deverem os seus ter sido preferidos; à diretoria de Lisboa remeteriam suas queixas, se assim lhes conviesse, e el-rei, mandando tirar devassa, expediria ordens ou para reparar a injustiça ou para castigar o queixoso, provando-se ter este sido determinado por desenfreada cobiça, ou humor sedicioso. Ninguém que no distrito defeso não residisse, ali poderia ter escravos em nome de outrem para serem alugados à administração. Descobrindo-se este enredo, pagaria o dono a multa por negro, que se encontrasse, sobre ir para as galés por três anos a primeira vez, por seis à segunda, e por dez à terceira.

Todas as nomeações subalternas da administração seriam feitas em Lisboa, devendo quem deixasse o emprego ou dele fosse demitido, sair imediatamente não do distrito defeso somente, mas de toda a comarca. Os administradores não comprariam diamantes clandestinamente extraídos, como haviam feito os contratadores, para que a venda destas pedras não prejudicasse a das deles, e todo aquele que fosse en-

contrado a comprar ou vender diamantes ou a auxiliar de qualquer forma o contrabando, seria irremissivelmente punido com as penas da lei[8], confiscando-se os diamantes. No antigo sistema tinham-se concedido licenças para lavrar minas de ouro dentro do distrito dos diamantes, abrindo caminho a grandes abusos; estrangeiros obtinham ingresso debaixo deste pretexto, introduziam-se escravos, elevavam-se a preços exorbitantes os gêneros alimentícios, desviavam-se correntes, e proporcionavam-se ocasiões ao contrabando de pedras preciosas que havia sido levado a grande escala. Forçoso era pôr cobro a estes abusos. Confirmaram-se as datas concedidas pelo último governador Gomes Freire no Morro do Tijuco, rio São Francisco e Bicas, revogadas porém as outras todas e proibida a concessão de novas sem licença especial d'el-rei.

O destacamento de cavalaria na comarca do Serro Frio seria exclusivamente empregado em prevenir o contrabando de diamantes. Os quarenta soldados do mato, chamados pedestres, que tinham estado ao serviço dos contratadores, seriam conservados no novo sistema, podendo os administradores alistar neste corpo e dar baixas dele sem dependência das autoridades militares. Constando-lhes que algum particular tinha diamantes em seu poder, deviam os administradores requisitar do intendente ordem de prisão contra ele, para ser efetuada pelos soldados do capitão-mor e pedestres, ou da forma que mais conviesse, prestando todas as autoridades, civis e militares, o seu auxílio sob pena de suspensão dos seus postos. Se os soldados de cavalo ou os pedestres julgassem necessário prender uma pessoa suspeita ou dar busca a uma casa, sem aguardar ordem, para se não frustrar a diligência, poderiam fazê-lo, levando imediatamente a presa e o delinqüente à presença do intendente; e se nada encontrassem encarariam os motivos de suspeita por que haviam procedido a fim de serem despedidos do serviço e castigados conforme o grau de sua criminalidade, provando-se terem obrado assim, inimizade pessoal ou outro motivo baixo. Tendo sido prática até então autuar toda a informação secreta, ordenou agora que o denunciante escrevesse a informação que dava mas sem inserção do seu nome, apresentando-a pessoalmente ao intendente ou a algum dos administradores, o qual assinaria o papel, datando-o do dia da apresentação. Para este papel poderia apelar o denunciante por si ou por seu procurador, obtendo em virtude dele o seu quinhão no produto da apreensão, o qual

seria pago sem demora a todos os interessados, conforme a parte que a cada um tocasse.[9]

Até ao infinito se tinham multiplicado no Tijuco, Vila do Príncipe e outros lugares do distrito defeso as lojas, os armazéns, as vendas, as tavernas, servindo muito as pessoas interessadas de capa para o seu contrabando de diamantes; reduzir-se-iam pois tais casas ao menor número possível para gasto da terra, não se permitindo o ficar a nenhum dos donos, contra os quais houvesse alguma desconfiança. No futuro nenhum estabelecimento deste gênero se abriria mais no distrito defeso nem dentro de seis léguas em redondo sob as penas impostas aos contrabandistas. Os lavradores e os criadores poderiam vender à sua própria porta os seus produtos com licença do intendente, mas não haviam de comprar destes gêneros para revendê-los. Nem os administradores, ou outros funcionários públicos, nem o clero poderiam sob pena de desterro ter interesse em lojas ou casas de negócio. Para diminuir o prejuízo que necessariamente haviam de sofrer os donos das lojas, que assim se mandassem fechar, tomar-lhes-iam os gêneros por uma avaliação eqüitativa àqueles a quem se permitissem continuar com o negócio. Se não se contentassem com o preço fixado, poderiam levar consigo o que fosse seu. Os mercadores que ficassem receberiam do então por diante o seu sortimento de gêneros de casas comerciais estabelecidas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco ou outro qualquer porto de mar, podendo os particulares fazer outro tanto se lhes conviesse. Faria isto desaparecer os comissários de negócio e bufarinheiros que percorriam todo o distrito, mas que de ora avante seriam presos, confiscando-se-lhes todos os bens, um terço para o denunciante.

Ninguém, de qualquer estado, qualidade ou condição que fosse, poderia entrar no distrito defeso sem remeter primeiramente ao intendente um requerimento, instruído com atestado das autoridades do lugar de onde vinha, declarando o negócio a que ia e o sítio a que se dirigia. O intendente e ou administradores concederiam ou denegariam a licença, como melhor lhes parecesse, e fixariam o prazo da estada, que poderia ser prorrogado, mas por uma só vez e com causa justa. Todos os indivíduos, brancos, mulatos ou negros livres, que não tivessem ocupação lícita, residência certa e meios de vida ostensivos, seri-

am suspeitos de viver de ocultos manejos, e por conseguinte expulsos. Se voltassem, teriam seis meses de cadeia no Rio de Janeiro ou Bahia à sua custa, além de pagarem cinqüenta oitavas para o denunciante. A segunda vez seria dobrada a multa e o delinqüente degredado para Angola por dez anos.

Tendo bem fundados indícios de que alguma pessoa de qualquer estado, profissão ou condição que fosse, direta ou indiretamente intervinha no contrabando de diamantes, deviam os administradores participar as suas suspeitas ao intendente, indicando os indivíduos que pudessem dar informações sobre o fato. Aberta então uma devassa secreta, se aparecessem duas testemunhas contestes da presunção do crime (tal é a linguagem desta lei!), seria a pessoa suspeita imediatamente expulsa da comarca sem apelação nem agravo. Os autos dos inquéritos desta natureza seriam guardados pelo escrivão debaixo do mais inviolável segredo sob pena de perda do ofício, e do mais em que incorrem os que prevaricam em empregos de confiança pública. Soubera el-rei com muito desagrado haver no distrito defeso homens tão audaciosos que em público e em particular ameaçavam com a morte e outras vinganças os que lhes estorvavam os ilícitos interesses, quer não lhes tomando de aluguel os escravos, cujos serviços não eram necessários, quer não tantos quantos eles queriam, quer ajudando a descobrir a extração clandestina e a expulsar os traficantes e vagabundos. Sendo indignos de chamarem-se súditos d'el-rei, deviam tais homens, como inimigos comuns do bem do seu país e da tranqüilidade pública, ser desterrados inteiramente dos domínios de Sua Majestade e punidos com o rigor necessário para se pôr cobro ao escândalo resultante de tão inaudita insolência. Abriria o intendente devassa contra os que depois de promulgada a lei se tornassem réus de tal crime. Ficaria esta devassa sempre aberta sem limitação de tempo, nem se exigiria número determinado de testemunhas. E quando por este ou outro qualquer meio legítimo se visse no conhecimento por provas de direito natural haver pessoas culpadas deste crime enorme, seriam elas presas, metidas na cadeia, e sumariamente sentenciadas pela junta de justiça presidida pelo governador. De então por diante se observaria este regimento no distrito defeso, não obstando quaisquer leis em contrário, que el-rei de seu *proprio motu*, ciência certa e po-

der real, pleno e supremo todas havia por derrogadas, na parte em que com estas disposições não fossem de acordo.

Pouco depois foi nomeado um fiscal para auxiliar o intendente. Devia ser letrado, e fixou-se-lhe o ordenado em dois contos de réis, sem mais emolumentos alguns nem do Tesouro nem das partes. Incumbindo-lhe as mesmas funções dos procuradores do Tesouro, devia ser ouvido em todas as resoluções do intendente e dos administradores, recomendando-se-lhe que nas causas que julgasse, evitasse o mais possível todas as formalidades técnicas e delongas legais, mais próprias para intimidar os inocentes e dar azo a intrigas, desordens e inquietação, do que para se conseguir coisa alguma boa. Também se recomendava a ele, ao intendente e aos administradores que não discordassem. Se em algum caso extraordinário divergissem de parecer, poderiam os que se achassem em minoria consignar por escrito a sua opinião livremente, porém com moderação, sem renovarem os antigos abusos de protestos e contraprotestos que nunca serviam, senão para perturbar a tranqüilidade pública, e essa boa fé e concórdia que tanto importava manter. Para isso se não permitiria que dentro do distrito residisse bacharel algum em direito, sob pena de seis meses de prisão no Rio de Janeiro. Desta exclusão se excetuavam os naturais do distrito que se houvessem graduado naquela faculdade, mas com a condição de não exercerem a sua profissão, aliás incorreriam na mesma pena.[10]

Regimento do fiscal dos diamantes. 27 de maio de 1772. Ms.

Trazem estes regimentos impresso o cunho do caráter peculiar de Pombal; foram feitos mais no espírito da legislação oriental do que da européia. Um único fim se propunha o ministro, e a esse fim sacrificaria tudo sem escrúpulo, sem hesitação, e talvez que também sem consideração. Saltava-se por cima das leis estabelecidas, violavam-se os direitos dos indivíduos, acarretava-se inevitável ruína sobre muitos dos moradores, e grandes inconvenientes sobre todos, privada a população inteira de toda a segurança tanto das pessoas como da propriedade. E com uma curiosa incongruência que sempre se encontra em toda a legislação tirânica, enquanto se presumia tão geral o delito, e tão forte a tentação para cometê-lo que tornava necessárias estas medidas violentas, conferiam-se atribuições tão amplas aos membros da administração e seus empregados, como se a mera posse do cargo implicasse em quem o

exercia consumada prudência e probidade, que aliás seriam ilimitados poderes e instruções tão perigosas.

Efeito destas leis

Apesar de serem feitas em Lisboa as nomeações, sendo indispensáveis nos três administradores conhecimentos locais e experiência, tiveram elas necessariamente de recair sobre moradores do distrito, tirados da classe dos mineiros. Sendo porém o fiscal e o intendente de mui diversa criação e posição social, desprezaram os colegas pela sua comparativa ignorância e rudeza de seus modos, chamando a si toda a direção dos negócios e considerando os administradores como meros feitores e agentes às suas ordens. Não era isso porém um mal, o mal estava na amplitude e natureza do poder delegado, pouca diferença podendo fazer ser esta tremenda autoridade exercida por cinco ou por dois indivíduos. Se tal poder se confiasse, diz José Vieira Conto a um tribunal de Lisboa, posto mesmo ao lado do paço real, ainda aí haveria perigo de abusos, o que pois se não deveria temer, interpostas tantas terras e tantos mares entre o súdito e o soberano! De fato nos refere ele que conseqüências deste sistema foram a estagnação do comércio e a despovoação; que os mercadores do Rio de Janeiro, aliás francos no seu trato com outras comarcas, nem o nome da do Serro Frio queriam ouvir, por saberem que a ninguém poderiam fiar, que, por mais inocente que fosse, não estivesse sujeita a ser presa e reduzida à miséria a toda hora; que nenhum morador deste malfadado distrito se metia em empresa alguma, sem ter primeiramente assentado consigo mesmo como liquidá-la, como tornar móvel toda a sua propriedade, e para onde se refugiar quando lhe chegasse a sua vez; e que Tijuco outrora a vila florescente de Minas Gerais se tornou debaixo desta jurisdição arbitrária igual a um dos mais miseráveis quarteirões de Constantinopla. Talvez que em outro nenhum lugar do Brasil se visse jamais tão grande mendicidade.[11] Enormes fraudes se tinham por certo praticado no tempo do contrato, afirmando o mesmo escritor que tão vivamente pinta os ruinosos efeitos do subseqüente sistema, terem os contratadores quando pagavam a capitação por seiscentos escravos, empregados mais do décuplo. Mas a mudança de sistema não evitou a extração ilícita, transferindo apenas o comércio, e metendo nas suas mãos de contrabandistas particulares o avultado quinhão que tocava antes aos contratadores. O distrito defeso dos diamantes, que no nome tem uma espécie de interes-

se romântico, é na verdade um lugar notável no globo tanto para o estadista como para o mineralogista; em outro nenhum se propôs jamais o governo fazer executar uma lei arbitrária sem sanção alguma moral, e em outro nenhum foi essa lei jamais contraída por tantas e tão grandes tentações de iludi-la.

Modo de lavrar as minas de diamantes

Empregam-se as maiores precauções para prevenir o furto de pedras no correr dos trabalhos regulares. Desviada em parte do seu leito a corrente, apanha-se o cascalho e leva-se para onde se possa lavar convenientemente. Costumavam os negros levá-lo em gamelas à cabeça, mas depois estabeleceram-se em alguns sítios para transporte dele planos inclinados, trilhos de ferro e rodas d'água, apesar de ser preciso trazer de cem milhas de distância a madeira. E ainda mais difíceis do que os materiais são de obterem-se os operários para estas máquinas, prevalecendo entre o povo de Serro Frio, como que em países mais adiantados e ilustrados a idéia de que toda a invenção, que diminui a procura de braços, lhe prejudica os interesses. Forma-se um telheiro de dez a quinze braças de comprimento e metade da largura; pelo meio da área passa uma veia de água por um canal coberto de grossas pranchas, e em cima destas se põe o cascalho até dois ou três pés de altura. Sobre o mesmo cascalho sentados a distâncias iguais estão três feitores de chicote na mão em cadeiras altas com apoio para os pés, mas sem braços, nem costas, para que a comodidade da posição não produza sonolência, diminuindo a vigilância. O resto da área está assoalhado com leve declive a partir do canal, por toda a extensão do telheiro; e dividido por traves em uns vinte compartimentos ou tanques, chamados canoas, termo antigo tirado das primeiras lavagens de ouro. Cada um destes tanques comunica pela extremidade superior com o canal coberto por meio de um orifício de polegada de largura, pelo qual passa a água, vedando-se com um pedacinho de barro pegajoso quando se quer. Pela outra extremidade sai a água por um cano. Em cada canoa trabalha um negro, não nu, porém com colete e calças, que é o trajar ordinário, não havendo regra que o prescreva especial para este serviço. Principia ele por meter para a sua canoa com uma espécie de pá curva uma porção de cascalho, e deixando entrar a água, mexe a massa para trás e para diante, até ser levada toda a terra. Vai então o cascalho para a extremidade da canoa, e assim que a água corre dele perfeitamen-

te limpa, principia o trabalho da cata: deitam-se fora primeiro os seixos maiores, depois os mais pequenos, e no cisco que fica buscam-se diligentemente os diamantes. O negro que encontra um, recua, põe-se direito, bate palmas, e depois estende a mão com o diamante entre o dedo índex e o polegar. Toma-o um dos feitores, lança-o num balde pendurado no centro do telheiro e meio cheio de água, e terminado o serviço do dia pesam-se e registram-se todos os diamantes achados. Trabalha-se do nascer até ao pôr-do-sol com intervalos de meia hora para almoçar e duas para jantar, descansando-se quatro ou cinco vezes no decurso do dia e tomando-se refrescos que não consistem em bebidas fermentadas ou espirituosas, mas em pitadas de tabaco.

Quando se lava o cascalho é preciso pôr os pés nas bordas da canoa e curvar-se ainda mais ao catar o cisco. É pesadíssimo o trabalho, o tratamento dos escravos não é dos mais brandos e a sua ração menos abundante do que devera e pudera esperar-se num estabelecimento do governo. Andam divididos em turmas de duzentos, com um padre, um cirurgião, um administrador e outros oficiais inferiores para cada uma.[12]

Mawe's Travels

Por mais pesado porém que seja este trabalho, tem tanto para os escravos como para os senhores que os alugam atrativos que em outro nenhum serviço se encontram. O escravo que encontra uma pedra do peso de uma oitava, obtém a sua liberdade. Imediatamente o coroam de flores, levando-o em procissão ao administrador, que lhe compra a alforria e o veste de novo, admitindo-o a trabalhar por sua própria conta. Saindo de ordinário duas ou três destas sortes grandes por ano, oferece-se assim à humanidade alguma compensação pelos complicados males que afligem este distrito. Por pedras valiosas abaixo deste padrão se conferem proporcionadas recompensas, sendo por conseguinte sempre trabalho esperançoso este, e feito de boa vontade. Igualmente legítimos não são os motivos que tornam os donos solícitos de terem os seus negros empregados no serviço da administração. O jornal que por eles recebem é de três vinténs de ouro, mas considerado o pouco valor do dinheiro naquele lugar, o alto preço dos escravos, e o esfalfamento de tão duro trabalho, não pode ser esta a única mira. Para evitar que os negros escondam pedras nas suas canoas, muda-os os feitores muitas vezes ao dia de uma para outra, não por turno regular, mas arbitrariamente de modo que

Mawe, 257

Efeitos do sistema

pouca possibilidade há de conluio, e se desconfia que qualquer deles engolisse alguma pedra, metem-no em apertada prisão até se poder averiguar o fato. Contudo nem sempre podem estas precauções ser eficazes, afirmando-se sobre muito plausível cálculo ter chegado à Europa por canais secretos o valor de mais de dois milhões de esterlinos em diamantes tirados deste distrito.

Parece contudo haver razões para supor que uma parte considerável, talvez a maior destas pedras contrabandeadas, fossem achadas por aventureiros em lugares não conhecidos da administração como terreno diamantino, ou onde ela não principiara os trabalhos. É certo porém que o rigor das leis, o perpétuo perigo de serem descobertos, e a ruína infalível que a isso se segue, não podem desviar os moradores de traficarem clandestinamente nestas jóias fatais. Serão sempre ineficazes as leis, quando não baseadas na justiça natural, mas quando a violam, provocam a desobediência. Se explorando uma região deserta um aventureiro encontra uma pedra que aliás ali poderia jazer inútil até ao fim do mundo, como jazia desde o princípio, e que é de valor que lhe pode assegurar, vendendo-a, uma existência cômoda para o resto dos seus dias, e meios de estabelecer os seus filhos, não há lei possível que o faça sentir escrúpulos de consciência, apropriando-se um tesouro que a fortuna lhe deparara. Mas nem mesmo nesses casos em que as leis têm a sanção moral que as corrobore, há sido assaz poderosa a sua combinada influência para contrabandear as tentações que oferecem as riquezas do distrito defeso. O valor dos diamantes remetidos à Corte no ano mais produtivo[13] andou por umas cento e trinta mil libras esterlinas, não chegando por certo à metade desta soma o termo médio da produção de um ano. Mas antes tivessem estes diamantes ficado nos leitos das correntes das serras, ou continuado a ser pisados pelos pés dos selvagens e antes tivesse o governo português levantado por outros meios essa parte da receita, ou prescindido dela, do que estabelecer-se um sistema que principia e termina em males, e que no governo tem produzido crueldade e injustiça, e fraude, falsidade e prevaricação do povo, traição, desconfiança, crimes, miséria, ruína. Mais riquezas se têm tirado do leito do Jequitinhonha do que de outro qualquer rio do mundo, mas quanto mais bem real se não deriva do mais pequeno arroio, que o saboiardo ou o piemontês desvia para regar o seu campo!

Notícias. Ms.

Ao Conde da Cunha se seguiu no vice-reinado D. Antônio Rolim de Moura, outrora senhor, agora Conde de Azambuja, o mesmo que ultimamente havia sido governador de Mato Grosso, defendendo contra os espanhóis o forte da Conceição. Sucessor dele foi o Marquês do Lavradio, D. Luís de Almeida. Foi este vice-rei o primeiro que contra os navios das potências aliadas arribados por força de tempo pôs em prática uma lei inospitaleira, pela qual, em vez de se lhes permitir obter por meio de letras de câmbio dinheiro para os reparos e despesas necessárias, eram obrigados a depositar uma parte da carga equivalente às dívidas contraídas, a fim de que mandada para Lisboa, ali se vendesse, pagando direitos e comissões, e com o produto líquido, remetido para o Brasil, se satisfizesse o débito, ficando o saldo se o houvesse, depositado até o reclamar o dono. Fez o marquês reviver em todo o seu rigor esta lei obsoleta e bárbara. No seu vice-reinado e sob o seu patrocínio se estabeleceu no Rio da Janeiro, por conselhos do físico doutor José Henriques Ferreira uma academia de ciências e história natural. Numa das primeiras reuniões desta instituição referiu o cirurgião do exército Maurício da Costa, que indo na expedição contra as sete reduções, um espanhol que tinha estado no México, lhe mostrara na província do Rio Grande a cochonilha sobre diferentes espécies de cactos. Em conseqüência desta comunicação remeteu o vice-rei daí a pouco para Lisboa uma amostra da verdadeira cochonilha do Rio Grande. Já os rapazes daquela província tinham descoberto a propriedade do inseto, extraindo dele uma tinta, de que se serviam como rebique. Não tardou a encontrar-se também na ilha de S. Catarina, de onde se trouxeram para o jardim botânico da academia plantas com os insetos. Procurando-se descobriu-se a cochonilha nas vizinhanças da Bahia, tendo a sua existência no Pará sido anteriormente conhecida. Recomendou-se ao governador de Santa Catarina que animasse o cultivo deste valioso artigo. Igualmente mandou o marquês à corte amostras de boa seda, produzida por um bicho indígena que vivia nas folhas da tataíba. Vê-se que as vistas deste vice-rei eram liberais e científicas, mas ainda que o governo as houvesse acoroçoado com mais constância, não estavam ain-

Conde de Azambuja, vice-rei

1770

O marquês do Lavradio, vice-rei

1770

Inospitaleiro tratamento dos navios arribados

1770

Walpole Papers. **Ms.**

Institui-se uma academia de ciências

Patriota, **3, 1, p. 3113**

da para elas maduros os brasileiros, nem tardaram a vir distrair-lhe a atenção cuidados de muito diferente natureza.

Fora D. Joseph Moniño, mais conhecido pelo seu subseqüente título de Conde Florida Blanca, recentemente feito ministro da Espanha. Rápida e repentina havia sido a sua elevação, apesar da oposição de poderosa parcialidade; mas era homem de habilidade e espírito empreendedor o jovem ministro, a quem as disputas pendentes com Portugal a respeito dos limites do Brasil ofereceram a desejada oportunidade de assinalar a sua administração com alguma estrondosa proeza. Favorável era o ensejo, impossibilitada a Inglaterra por uma desgraçada contenda com as próprias colônias, de socorrer o seu aliado como aliás teria feito. Para instigar animosidade contra os portugueses mais se exacerbara com a restauração do Rio Grande. Aprontou-se uma força de nove mil homens com doze navios de guerra e grande frota de transportes, mais de cem velas ao todo. Ao Marquês de Casa-Tilly se deu o comando naval da expedição. Nela foi também Zeballos investido de poderes supremos como vice-rei do Prata, elevando-se aquela província para isentá-la dessa dependência do governo de Lima, que em Buenos Aires tão intoleráveis delongas e inconvenientes causava tanto nos negócios públicos como nos particulares, à categoria de vice-reinado, com autoridade sobre todo o país, que ficava na jurisdição da audiência de Charcas. Divergiam Zeballos e Casa-Tilly sobre a direção que se daria a tão formidável força, e esta disputa principiada ao começar-se a viagem em novembro, foi renovada em fevereiro ao avistar-se a costa do Brasil; quando cumpria tomar uma resolução final, Casa-Tilly era por que se acometesse a Colônia, Zeballos propunha que se principiasse por S. Catarina. Insistiu o almirante nas dificuldades de semelhante empresa, e o Conselho de Guerra, inclinando-se à opinião que menos parecia arriscar (erro a que são sujeitos semelhantes conselhos) apoiou-o. Homem menos tenaz nos seus propósitos do que Zeballos, teria cedido ante semelhante oposição, que em caso de malogro lançava sobre ele toda a responsabilidade. Replicou que na verdade eram muito grandes as dificuldades do seu projeto, mas era por se contar com grandes dificuldades que el-rei mandara tais tropas e tão numerosas. Poder-se-ia olhar a Colônia como digno objeto de semelhante armamento, o maior que jamais a

Enviam os espanhóis um armamento contra o Brasil

1776

1777

Espanha enviara à América?[14] Já uma vez tomara ele a Colônia com uma mão cheia de homens nem lhe seria mais difícil com o favor de Deus tomá-la segunda. Estava assentada a sua resolução e sobre bons fundamentos. No Prata não havia porto que abrigasse tão grande armada que restava pois senão procurá-lo alhures, e tomá-lo à força de armas? Ia ele tentá-lo, e esperava consegui-lo: então despediria imediatamente a maior parte dos transportes, mostrando que as medidas mais prontas e vigorosas são também as mais econômicas. Por estas razões principiaria por S. Catarina. Estavam em meados de fevereiro, e em princípios de março queria ele estar de posse de toda a ilha. Por todo o mês de abril havia de fazer o possível para resolver o negócio do Rio Grande, e em princípios do mês seguinte se apresentaria, querendo Deus, diante da Colônia, concluindo assim numa campanha o que se não faria em quatro, ou talvez nunca, seguindo-se a opinião contrária, e principiando-se pelo fim. Não confiando somente na força dos seus raciocínios, interpôs Zeballos a sua autoridade e ordenou ao almirante que velejasse para S. Catarina.

Funes, 3, 199, 204

Ilha de S. Catarina

Cerca de trinta e seis milhas de comprimento e de quatro a dez de largura mede a ilha de S. Catarina. Por uma língua de terra se acha dividido em dois portos de quase igual comprimento o canal que a separa do continente. Não mede essa língua mais de duzentas braças de través, e de três léguas de largura tem o porto do norte água para os maiores navios, sendo um dos melhores surgidouros da América do Sul. Conhecendo a importância desta posição, mandara Irala um espanhol a residir ali com os carijós, e persuadi-los a cultivar produtos com que abastecer os navios castelhanos. Não tinha ele porém meios para colonizá-la, e desde os seus dias até aos de Zeballos se não achara à testa dos negócios do Paraguai ou do Prata homem de igual empresa ou igual previdência. No seu tempo porém tampouco conheciam os espanhóis o valor desta ilha, que D. Hernando de Trijo principiou uma povoação no porto de São Francisco, entre Cananéia e S. Catarina, em lugar de escolher um sítio tão infinitamente mais vantajoso a todos os respeitos. Carlos V aprovou este estabelecimento como de muita vantagem para as comunicações com o Peru, mas no correr de dois anos, depois de terem sofrido inauditas privações, abandonaram os colonos o lugar, retirando-se para a Assunção

1777

1654

por terra. Continuaram pois os carijós na sua posse por mais um século[15], olhando-se a grande uberdade da ilha como uma das causas que os desviavam a porem-se debaixo dos cuidados dos jesuítas: fartos de tudo não tinha para eles atrativos a isca, que tentava outras tribos menos industriosas e errantes por terras famintas. No correr desse século descobriram os portugueses a vantagem do local, fazendo repetidos, porém sempre baldados esforços para ali se estabelecerem. Consideravam porém toda a costa até ao Prata, como pertencendo à sua metade do Novo Mundo, e D. João IV fez doação desta ilha a Francisco Dias Velho. Principiou o donatário a colonizá-la, mas acometido e morto por um pirata inglês logo no princípio da empresa, terminou esta assim. Afinal transportou o governo para ali famílias dos Açores, de onde tem o Brasil tirado tantos dos seus melhores colonos. Foi isto provavelmente conseqüência do receio nutrido durante as negociações de Utrecht, de que meditavam os ingleses formar um estabelecimento em alguma parte desta ainda não apropriada região, ou aqui ou no Rio Grande. De tempos a tempos continuaram-se a mandar aventureiros daquelas prolíficas ilhas, descendo de tão bom tronco a maior parte dos atuais moradores.

Vil entrega de Santa Catarina

1777

Tocara Zeballos nesta ilha na sua primeira viagem ao ir render Andoanegui, achando-se ela então em tão miserável estado de defesa, que um dos oficiais espanhóis disse ao governador português que a tiro de pistola se lhe podiam deitar por terra as fortificações. Desde então tinham estas melhorado muito, mas representando a ilha como defendida por fortes e castelos, com mais de duzentas peças de artilharia de todos os calibres, e guarnecida por mais de quatro mil homens de tropas regulares afora a milícia e a força que da adjacente terra firme se podia chamar, cometem os espanhóis uma exageração por demais grosseira para enganar um momento, que seja, quem conhecer as circunstâncias tanto de Portugal como do Brasil. Desembarcou o inimigo na enseada das Canavieiras a umas nove milhas de Nossa Senhora do Desterro, capital tanto da ilha como da província. Não houve a mínima resistência, abandonando-se todos os fortes, todas as baterias sem disparar um canhão, sem encravar uma peça. Aterrado à vista do inimigo, infeccionou o governador Antônio Carlos Furtado com o seu terror pânico alguns dos oficiais, tornando de nenhum proveito o valor dos outros.[16] Fugiu para a terra firme, e ali

onde estaria seguro, se ousasse fazer o seu dever, capitulou, entregando ao rei espanhol não só a ilha, mas também todas as suas dependências no continente. Proclamado Zeballos então vice-rei, cantou-se na igreja matriz Nossa Senhora do Desterro um *Te Deum* pelo triunfo das armas espanholas.

Funes, 3, 204-205

Vai Zeballos contra a Colônia

No dia de Nossa Senhora foi assinada esta escandalosa capitulação, acontecimento que, se alguma coisa lhe pudesse abalar a popularidade, teria desacreditado no Brasil a Senhora da Conceição. Imediatamente expediu Zeballos ao governador de Buenos Aires, D. Juan Joseph de Vertiz, ordem de marchar contra o Rio Grande com a maior força que pudesse reunir, enquanto ele mesmo atacava pelo lado do norte e do mar. Avançou pois Vertiz com dois mil homens de tropa regular e alguma cavalaria miliciana sobre S. Teresa estabelecendo ali o seu quartel-general, pronto a cooperar com o vitorioso armamento. Mas guarnecidas as suas conquistas e tendo dado à vela para prosseguir nos seus bem concertados planos, foi Zeballos contrariado pelos ventos, que o não deixaram entrar no Rio Grande, nem tampouco na baía de Castilhos como depois tentou ainda. Singrando pois para o Prata, deu fundo em Montevidéu. O seu primeiro ato foi privar de toda a autoridade o seu predecessor, ação injustificável e nada generosa, tendo sido intenção da corte que ficasse Vertiz servindo como imediato do vice-rei. Acusam Zeballos de haver suprimido esta parte das suas instruções, por não querer ver ninguém de permeio entre si e as tropas. Mandando para Cuio os prisioneiros, quinhentos e vinte e três ao todo, partiu o vice-rei para a Colônia sem demora. Cônscio do seu perigo tinha o governador desta praça, coronel Francisco José da Rocha, desde muito pedido para o Rio de Janeiro reforços de gente, munições e víveres. Tudo se lhe mandara, e tudo fora tomado pelos cruzados inimigos. Muitas das suas cartas tinham sido também interceptadas e entre outras uma em que dizia não poderem as suas provisões durar além de 20 de maio. Nisto fiado, largou Zeballos de Montevidéu no dia 18 indo ancorar a 22 diante desta mal aventurada povoação. Assentando imediatamente o seu campo fora do alcance da artilharia, deu princípio aos aprouxes. Convocou o comandante português um conselho; apenas tinham mantimento para cinco dias (tão pouco havia o coronel nos seus ofícios exagerado a penúria em que estavam), socorro

Funes, 3, 207

Tomada da Colônia

era manifestamente impossível com tal armada à vista, e a defesa inútil com a fome a bater à porta.[17] Enviou-se pois um oficial a propor termos de capitulação. E Zeballos talvez o último exemplar bem pronunciado desse caráter espanhol que se formou nos reinados de Fernando, Carlos V e Filipe, prudente nos conselhos, vigoroso na ação, frio, expedito, resoluto, inflexível, mas não generoso, não honrado inimigo. Reteve o oficial todo esse dia, adiantando, entretanto, os seus aprouxes, por saber não fariam fogo os portugueses enquanto tivessem o seu negociador no campo. Ao cair da noite mandou-o embora com a resposta, que concluídas que fossem as obras, faria ele saber as ordens do seu soberano antes de romper o fogo, mas se a guarnição o interrompesse, preparasse-se para as conseqüências. Teve a mísera guarnição pois de aguardar-lhe o bel-prazer, e assim que viu plantadas as suas baterias com vinte e quatro peças e quatro morteiros, afora obuzes para granadas, saiu-se Zeballos com um manifesto dizendo-se vindo ali por ordem d'el-rei da Espanha a castigar os portugueses pelo insulto cometido no Rio Grande, invadindo aquele território em tempo de paz, e intimando o governador que se rendesse à discrição, visto achar-se a praça em estado que não admitia capitulação. Propôs este condições que foram rejeitadas, concordando-se todavia que ficariam os moradores na posse não perturbada da sua propriedade. Viram porém esta condição escandalosamente violada, compelidos a vender os seus bens por uma avaliação, pagando ainda direitos sobre a venda.[18] Só aos oficiais, e a alguns colonos poucos, que tiveram meios de comprar a sua liberdade, se permitiu retirarem-se para o Rio de Janeiro, embarcados todos os demais como prisioneiros para Buenos Aires, saqueados pelos marinheiros, depois internados com todas as circunstâncias de brutal barbaridade, para se estabelecerem nos arredores de Córdova e Mendoza. Com tanta desumanidade se fez isto, que para longe se arrastavam mulheres, cujos maridos ficavam perigosamente doentes no hospital de Buenos Aires, e mães cujos filhos lhes iam de bexigas morrendo nos braços.

Para marchar sobre o Rio Grande se preparava Zeballos, quando na sua carreira o vieram reter despachos, informando-o de ter-se assinado em Madri um tratado preliminar de paz e limites, para servir de base ao tratado definitivo de demarcação que a seu tempo se celebraria, levantadas as necessárias plantas.

Segundo Tratado de Limites. 1 de out. 1777

Estipulava o artigo primeiro a costumada e impossível condição de esquecerem-se as mútuas hostilidades. Soltar-se-iam os prisioneiros, e restituir-se-iam as presas. Portugal cedia a Colônia com todas as suas pretensões à margem norte do Prata, reconhecendo na Espanha o direito à navegação daquele rio, e do Uruguai, até ao lugar onde o Peperiguaçu vem desembarcar do lado do poente. A linha espanhola principiaria à foz do Xuí, sobre a costa, onde se erguia o forte de São Miguel que ficaria de dentro. Seguindo daqui para a margem da lagoa Mirim, ia demandar as nascentes do rio Negro, que, com os outros rios corriam para o Prata, ou para o Uruguai abaixo do Peperiguaçu, se assinava à Espanha. O Rio Grande com a lagoa dos Patos seria de Portugal, seguindo os limites do Brasil por este lado da extremidade sul daquela lagoa ao arroio Taim, e pela margem da lagoa Mangueira, em linha reta até o mar. Pela terra dentro costeira a linha à margem da lagoa Mirim, até à primeira corrente do lado do sul, que mais perto ficasse do forte português de São Gonçalo, e subindo então o riacho, seguiria as cabeceiras das águas que correm para o rio Grande e o Jacuí, até passar as vertentes do Ararica e Coiacuí, do lado dos portugueses, e do Piratini e Ibimini dos espanhóis. Daqui se tiraria uma linha que por um lado cobrisse os estabelecimentos portugueses até a boca do Peperiguaçu, e pelo outro os espanhóis, e as missões do Uruguai, que ficariam como então se achavam. Deveriam os comissários seguir os cumes das montanhas, arranjando a fronteira de modo que os rios que delas descessem corressem sempre dentro da mesma demarcação. As lagoas Mirim e Mangueira, e o terreno entre ambas bem como a estreita tira entre esta última e o mar, seriam território neutro, que sob nenhum pretexto e debaixo de forma nenhuma seria ocupado por qualquer dos dois povos, de modo que nem os portugueses passassem o arroio Taim, e uma linha tirada dele até à costa, nem os espanhóis o riacho Xuí. E pois que a Espanha cedia as suas pretensões sobre a lagoa dos Patos e o terreno até o Jacuí, abandonaria Portugal as suas sobre o Xuí, Castilhos Grandes, e o forte de São Miguel. Por toda a linha até à embocadura do Peperiguaçu ficaria da mesma sorte uma porção intermediária de território neutro, cuja largura seria determinada pelos comissários à vista da localidade, e segundo as circunstâncias. A artilharia dos espanhóis tomada no Rio Grande e suas dependências seria restituída, não assim porém as que eles ali haviam

achado ao conquistarem a praça aos portugueses. A partir da foz do Peperiguaçu era a demarcação exatamente a mesma que a do tratado anterior. Os governadores das fronteiras se esforçariam de ambos os lados por que se não tornasse a raia asilo de ladrões e assassinos, cumprindo-lhes perseguir estes malfeitores, e exterminá-los com os mais severos castigos. E consistindo em escravos as riquezas do país, deveriam os governadores entregar mutuamente todos os fugitivos desta classe, aos quais se não daria proteção para obterem a liberdade, mas somente para evitarem o castigo, se por lá o não houvessem merecido: a última parte desta estipulação faz honra a ambas as coroas. S. Catarina seria restituída com todas as suas dependências, obrigando-se Portugal a não admitir ali nem em nenhum dos portos vizinhos navios estrangeiros mercantes ou de guerra, especialmente se pertencessem a potências inimigas da Espanha ou fossem suspeitos de tráfico de contrabando com as possessões espanholas. Continha ainda o tratado uma renúncia que Portugal fazia de todos os direitos às Filipinas, Marianas e outros quaisquer domínios espanhóis nos mares do Oriente, a que pudesse aspirar em virtude da bula do Papa Alexandre, curioso instrumento cuja validade era assim virtualmente reconhecida pelas duas partes contratantes.

Morte de D. José e queda de Pombal

Desvanecia-se Florida Blanca[19] de ter assim resolvido afinal uma questão disputada havia mais de dois séculos e meio. Olhou ele esta sempre como uma das mais importantes medidas do seu ministério. Os portugueses porém recordam este tratado como ditado pela injustiça e aceito pela fraqueza. Em outros tempos talvez ele não houvesse sido aceito, mas a morte d'el-rei D. José, ocorrida poucos meses antes, produzira em Lisboa grandes mudanças. Travou-se entre as duas cortes repentina amizade. Foi a rainha viúva de Portugal visitar o irmão Carlos III, e assim como no primeiro tratado de limites se suspeitou alguma inclinação a favor dos interesses portugueses, poder-se-ia no segundo com mais razão presumir propensão contrária. Em estado de intervir se não achava a Inglaterra. Preparava-se em segredo a Espanha para com as colônias americanas tomar partido contra ela, política de que nas próprias possessões devia a seu tempo receber o inteiro e apropriado castigo, nem tinha perdida a esperança de induzir Portugal a fazer causa comum com ela contra o seu antigo e único aliado fiel. Tais

Becattini. *História de Carlos III.* **P. 290**

idéias nem um momento as teria admitido Pombal, mas perdera este o valimento: seguira-se a sua queda imediatamente à morte do rei que ele servira com zelo, e por quem fora sempre sustentado. Entre as estólidas calúnias de que ele se viu acabrunhado, figurava a acusação de haver traído a pátria, sendo S. Catarina entregue aos espanhóis em virtude de ordens secretas emanadas do primeiro-ministro. Com tanta segurança se asseverara isto, que o decaído favorito julgou dever expor a absurdidade de tão impudente aleivosia.

Vita di Pombal, **5, 128.** *Confutação.* **Ms.**

Extinção das Companhias do Maranhão e Pernambuco

Anuladas tantas das medidas de Pombal, e transtornados tantos dos seus planos, foram também abolidas as Companhias do Maranhão e Pernambuco. Assevera-se terem os mercadores de Lisboa mandado cantar um *Te Deum* ao verem extintos estes monopólios. A questão da sua utilidade, que ao princípio fora duvidosa, cessara já de o ser, vendo-se estar agora o seu capital mui longe de poder fazer face às necessidades do comércio.[20] Tinham as companhias gastado grandes somas na construção de navios grandes que se viram agora obrigadas a vender com prejuízo, nem os acionistas tornaram a ver o seu capital. Ao impulso dado pelas companhias cumpre todavia atribuir em parte o aumento do comércio, naqueles portos. O cultivo de algodão, que tinham promovido no Maranhão, foi, extintas elas, introduzido em Pernambuco, onde se dá tão bem, que forma hoje um dos principais artigos de exportação.

Ratton, § 58

NOTAS DO CAPÍTULO XLII

1 Peramas relata algumas anedotas desta natureza para exaltar o caráter de homens cujas virtudes reais os tornavam credores de respeito. Clemente Baigorri sorvia lentamente durante a sua última moléstia todos os nauseabundos remédios que lhe ministravam, para mortificar-se o mais depressa possível com o seu sabor. O exemplo que refere da virtude de Stefano Polozzi é ridículo. Evitava este bom, porém, simples missionário, com cautela tal todas as ocasiões de dar escândalos, que nunca falava com mulher alguma senão em público, e isso mesmo só quando era necessário. Um dia que ele se barbeava, disse-lhe alguém gracejando com a sua simplicidade: "Stefano, cuidado não vades mostrar essa cara lisa às índias! Para tentá-las, não é preciso mais." Aterrado com esta idéia não fez Stefano mais a barba num ano inteiro, nem teria tornado a fazer, se os seus irmãos não houvessem trabalhado tanto por persuadi-lo de que não devia recear semelhante conseqüência. Ainda assim não

foi possível induzi-lo a barbear-se senão de quinze em quinze dias e com uma navalha que nunca via pedra, de modo que tornava a operação quase tão meritória como qualquer dessas flagelações com que ele fantasiava juntar um tesouro no Céu.

2 É notável não ter Peramas dado notícia deste fato, mostrando até não ter tido dele conhecimento, quando diz que por falta de imprensa se viam os jesuítas obrigados a escrever e computar todos os anos o calendário eclesiástico para seu uso. (*Mesnerii Vita*, § 21.) Talvez a gramática guarani e o vocabulário espanhol e guarani, fossem as únicas produções da imprensa das reduções. Vi-as ambas, e pela extrema rudeza dos tipos julgo que seriam feitos na mesma localidade.

3 Compusera Chomé gramáticas e dicionários das línguas zamuca e chiquita, trasladando para esta última o famoso tratado atribuído a Tomás à Kempis, e o *Discrimen inter temporaria et aeterna de Nieremberg*.

Também escrevera na mesma língua um compêndio da doutrina cristã, e alguns sermões úteis aos missionários que estudavam a língua. Mas a sua maior obra foi uma copiosa história dos chiquitos.

4 Com razão reconhece Southey que o que houve de mais cruel na expulsão dos jesuítas na América foi obra dos delegados dos gabinetes de Madri e Lisboa. (F. P.)

5 O estranho e repentino da expulsão produziu singular efeito sobre o irmão leigo Sebastian Biader, restituindo-lhe temporariamente o juízo, que havia vinte anos tinha perdido. (Peramas de Tredecim, p. 299).

6 Peramas (De Tredecim, p. 409) diz que o número de jesuítas expulsos das Índias espanholas subira a 5.677, sendo 5.400 espanhóis. Permitia a lei que a quarta parte fosse de estrangeiros, mas eram estes proporcionalmente poucos naquele tempo.

7 Nelas se encontra uma vasta e notável caverna, com muitos repartimentos e uma cachoeira subterrânea. Almeida Serra inseriu na sua *Relação do Mato Grosso* uma descrição dela pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. Um dos repartimentos dizem que pode conter mil homens. Supõe-se que as suas águas comunicaram com o Paraguai por subterrâneos canais, por se ter encontrado nelas um crocodilo vivo. *Patriota*, 2, 2, pp. 59-62.

8 Aqui se refere o regimento a um alvará de 11 de agosto de 1753, que nenhures pude achar, nem relação dele.

9 O regimento determina a escala por que em tais ocasiões deviam ser avaliados os diamantes. As pedras, que não excedessem o peso de dezoito grãos, avaliavam-se em 4$000, daí até uma oitava em 8$000, e daqui para cima de 6$000 por quilate. Havendo defeito considerável, arbitrariam os administradores o abatimento de valor.

10 Falando desta singular proibição pensa A. S. Hilaire que fora talvez ela motivada pelo temor que tinha Pombal da influência que dá o talento da palavra. (F. P.)

11 Previra Vieira os males que tais descobertas trariam provavelmente consigo, e males maiores do que os que ele receava das minas de ouro resultaram dos diamantes. Tão certo estava ele do que havia de acontecer que num sermão congratulou o povo da Bahia por haver se frustrado uma expedição em busca de minas. “Quantos Ministros Reais”, disse ele, “e quantos Oficiais de Justiça, de Fazenda, de Guerra,

vos parece que haviam e ser mandados cá para a extração, segurança e remessa deste ouro, ou prata? Se um só destes poderosos tendes experimentado tantas vezes, que bastou para assolar o Estado, que fariam tantos? Não sabeis o nome do serviço real (contra a tenção dos mesmos reis) quanto se estende cá ao longe, e quão violento o é e insuportável? Quantos administradores, quantos provedores, quantos tesoureiros, quantos guardas no mar e na terra, e quantos outros oficiais de nomes e jurisdições novas se haviam de criar, ou fundir com estas minas, para vos confundir e sepultar nelas? Que tendes, que possuís, que lavrais, que trabalhais, que não houvesse de ser necessário para serviço d'el-rei, ou dos que fazem mais que reis com este especioso pretexto? No mesmo dia havíeis de começar a ser feitores, e não senhores de toda a vossa fazenda. Não havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canoa, nem vosso o vosso carro, e vosso boi, senão para o manter, e servir com ele. A roça haviam-vos-la de embargar para os mantimentos das minas; a casa haviam-vos-la de tomar de aposentadoria para os oficiais das minas: o canavial havia de ficar em mato, porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas; e vós mesmos não havíeis de ser vossos, porque vos haviam de apenar para o que tivésseis, ou não tivésseis préstimo; e só os vossos engenhos haviam de ter muito que moer, porque vós e vossos filhos havíeis de ser os moídos." *Sermões*, t. 4, 410.

12 Este número foi depois muito reduzido em conseqüência dos apuros pecuniários em que se achou a administração. (F. P.)

13 No ano de 1778, que produziu 65.753 quilates, quase o dobro do termo médio de uma série de dezenove anos, principiando em 1772.

14 Maiores armamentos se tinham mandado para a restauração da Bahia e durante a guerra holandesa. Mas tais armamentos podiam considerar-se como pertencentes mais a Portugal do que à Espanha, ou podia também Zeballos não se lembrar deles.

15 Davam eles à ilha o nome de Jurumirim, que Vasconcelos interpreta como boca pequena, não sei porque imaginária semelhança.

16 Odiando os portugueses e por isso quase sempre injusto para com eles, não podia Funes perder esta ocasião de estigmatizar a nação pela covardia deste governador e dos seus oficiais. Diz ele, *debe confesar que a los Portugueses nada les habia quedado de su antigua gloria, sino los instrumentos de sus vicios. Jamás su cobardía se dexó ver con un sanbiento mas ignominioso.* (P. 206). Se o governador foi castigado, não sei, mas do seu comportamento falam os conterrâneos com o merecido desprezo. Pombal o censura nos termos mais enérgicos e *tan valeroso* é a irônica expressão de Casal.

17 Pouco depois da tomada da praça, discorrendo sobre a vaidade das mulheres, e descrevendo-lhe os trajos, concluiu um pregador em Buenos Aires: "Numa palavra, trazem mais adornos do que Zeballos levou canhões para conquistar os portugueses." *Memórias* Ms.

18 O que, diz o escritor português (que parece ter sido um dos padecentes), era o mesmo que obrigar o enforcado a pagar a corda.

19 É singular que na *Apologia* que escreveu da sua própria administração, de que Coxe nos deu extrato (*Memoirs of the Spanish Bourbons,* vol. 3, ch. 69) reconheça este minis-

tro não poderem ter os espanhóis retido com justiça o Rio Grande depois da paz de Paris, como se não fora isto confessar a injustiça de fazer da reconquista desta praça pretexto de hostilidades.

20 De 480:000$000 era o capital da Companhia do Maranhão e Pará e em 1781 só os gêneros exportados de S. Luís, que era o segundo porto, custaram pelos preços de embarque 460:000$000. A exportação de S. Luís naquele ano foi de 54.413 arrobas de algodão, 171.555 ditas de arroz, 410 de cacau, 24.005 peles curtidas, 14.769 couros brutos, 17 peles de veado, 26 canadas de cachaça, seis alqueires de sésamo, 5.050 achas de lenha, 12 pranchões, 22 tábuas para postos, 81 arrobas de café, 1.728 ditas de açúcar, 1.170 de gengibre, 907 pés de goma (feitos de mandioca) e 133 barris de mel. Foi de 24 o número dos navios saídos.

A D. Luís da Cunha pareceu ruim medida a extinção da companhia brasileira, e até precedente, que desviaria de outras companhias os capitais. No caso vertente os lucros realizados durante o monopólio excederam muito os prejuízos sofridos por ocasião da extinção.

. . . .

Capítulo XLIII

NOVO ARRANJO SOBRE A FRONTEIRA DE MATO GROSSO – ALIANÇA COM OS GUAICURUS – SEU ESTADO – PROGRESSOS NA REDUÇÃO DAS TRIBOS DE GOIÁS – CONSPIRAÇÃO DE MINAS GERAIS – GUERRA DA REVOLUÇÃO FRANCESA – CONQUISTA DAS MISSÕES – PASSA-SE A FAMÍLIA REAL PARA O BRASIL

Destruição da Praça dos Prazeres

NÃO fora só do lado do Prata que haviam rompido as hostilidades contra os portugueses: tendo plantado um forte sobre o Igotoni defronte da Praça dos Prazeres, atacaram, tomaram e arrasaram os espanhóis o posto português. Em esquecidos tempos alguma povoação anterior ali tinha existido, cujos vestígios, compostos de obras de barro, carvão e meio queimada lenha, apareceram a doze pés abaixo da superfície da terra ao assentarem-se os fundamentos. Destruído o forte dos vizinhos, abandonaram os espanhóis o próprio, por causa das febres malignas, que ali reinavam anualmente de princípios de fevereiro até abril, apesar de nunca serem acometidos desta moléstia os que viviam a alguma distância do torrão, que teria induzido um povo mais industrioso a experimentar se não seriam remediáveis à força de trabalho e arte as causas locais do mal, ou se não poderia a

mesma gente aclimatar-se com o tempo. O milho, dizem, dava cento e cinqüenta por um, o arroz duzentos e o algodão ali produzia também: mas por ambas as nações foi agora abandonado o sítio.

Cazal, 1, 275

Com desusado vigor procederam agora os espanhóis do Paraguai: provocados, não sem razão, pelo comportamento do oficial português, construindo Nova Coimbra do lado do rio, que lhes pertencia, principiaram também eles a alargar a sua fronteira, fundando três lugares dentro dos limites do Brasil, São José, e São Carlos sobre o rio Apa, e Vila Real sobre Ipaneguaçu, de onde invadiram os campos portugueses aproximando-se de Camapuã, posto da maior importância para as comunicações entre São Paulo e Cuiabá. Era o desgraçado forte, que a estas represálias dera ocasião, comandado então pelo sargento-mor Marcelino Rodrigues Camponês. Trouxera ele do governador de Mato Grosso, Luís de Albuquerque, instruções muito terminantes para não ofender os guaicurus, procurando antes entabular com eles relações amigáveis, e induzi-los a mercadejar com o forte. Aborreciam eles os portugueses, dizia o governador, pela injustiça e desumanidade dos antigos sertanejos. As ordens positivas da corte eram que se procurasse extinguir este sentimento, mas tampouco se devia tolerar que eles impunemente praticassem ofensas. Pouco depois da chegada do sargento-mor a Nova Coimbra, apareceram alguns guaicurus a cavalo, falando espanhol e dizendo desejarem a paz. Saiu ele fora da estacada a recebê-los, com pistolas no cinto e um troço de gente armada. De parte a parte foi amigável a conferência: em parte à custa dos cofres d'el-rei, e em parte à sua própria, fez Camponês presentes aos índios, que prometeram voltar dentro de um mês, para dar princípio ao tráfico. Passou-se o mês, e já alguns oficiais começavam a murmurar contra o comandante, dizendo ter ele afrontado ou intimidado os guaicurus, com a demonstração de suspeita com que os recebera, c chegando até com esse espírito de intriga e amotinação que a relaxação da disciplina nunca deixa de produzir, a redigir um memorial contra ele pelo seu comportamento. Chegou contudo exatamente por este tempo um bando de selvagens, acompanhados de mulheres, e com ovelhas, perus, peles de veado e outros destes artigos para escambo. Mandou-os o comandante fazer alto a uns trezentos pas-

Invasão dos espanhóis

Traição dos guaicurus

6 de jan. de 1781

sos do forte, no lugar onde devia fazer-se a feira, e nomeou o ajudante Francisco Rodrigues Tavares para assistir com doze soldados, recomendando-lhe cautela. Formou pois Tavares um posto de armas, pondo-lhe sentinela, mas como os selvagens lhe pedissem que mandasse levar para mais longe os mosquetes, cobrindo-os e tirando a sentinela, por incutir a vista das armas de fogo terror às mulheres, e lhe representassem terem eles mesmos vindo sem armas, à exceção de maças curtas e facas, anuiu o ajudante com imperdoável loucura. Convidaram os guaicurus então os portugueses a fazer-lhes a corte às mulheres. Da tragédia que se seguiu, a única parte que não é vergonhosa para ambas as partes, foi terem-se visto muitas dentre as mulheres chorar ao receber os presentes que lhes davam com mão pródiga as vítimas cegas. Não se compreendendo ainda então nem os vícios nem as virtudes que caracterizam esta nação, atribuiu-se isto à repugnância que lhes inspirava a prostituição a que os maridos as expunham. A um homem porém, que inocentemente ajustava uma ovelha, pediu a mulher com quem ele tratava, que a deixasse e fugisse daquele lugar, isto com lágrimas e gestos tão sentidos que ele, apesar de supor-lhe outra causa, condescendeu. Com um intérprete da sua própria nação dirigiu-se entretanto o cacique destes traiçoeiros selvagens ao forte, onde foram hospitaleiramente recebidos e despedidos com presentes, depois de terem comido e bebido a fartar. Quando saíram da estacada, estavam alguns portugueses tão entretidos com o escambo, que de nada mais curavam, e outros reclinados sobre as suas Dalilas, e o cacique vendo-os inteiramente no laço, com um assobio deu o sinal. Imediatamente principiou a matança: a uns se fendeu a cabeça, a outros se cortou o pescoço, segurando as mulheres no regaço aqueles com quem haviam tido comércio, enquanto os homens os trucidavam. O ajudante, que era homem de força de gigante, puxou da espada e retirou-se, pelejando e arrostando os assassinos, mas metendo-se-lhe por detrás o derribou com um golpe nas pernas, sendo então morto depois de jazer por terra. Os portugueses, que do forte correram a socorrê-lo, chegaram exatamente a tempo de o ouvirem murmurar expirando a palavra Jesus. Quarenta e cinco homens foram desta forma assassinados, retirando-se os guaicurus muito a seu salvo com armas e despojos, antes que pudesse a guarnição alcançar o teatro daquele lúgu-

Francisco Alves do Prado. *Hist. dos índios cavaleiros. Patriota*, **3,5, p. 32,36**

bre drama. Rasgariam então os oficias o memorial que tinham escrito contra o seu comandante, acusando-o de tratar com demasiada suspeita os guaicurus, e redigiram outro em que o increpavam de ter depositado fatal confiança nas pérfidas propostas destes índios.[1]

Em paz viviam por este tempo com os espanhóis do Paraguai os guaicurus, que senhoreavam a margem ocidental abaixo do Fecho dos Morros, paz devida a um negociador, a todos os respeitos, diferente dos jesuítas, por cujo intermédio de ordinário se celebravam tais tratados... era um padre[2] que se fizera selvagem, e tendo-se refugiado entre esta tribo com ela vivia, tomada uma mulher, arrancadas sobrancelhas e pestanas, e adotados todos os costumes da nação. Mas os do Alto Paraguai, que cometeram a traição em Nova Coimbra também com os espanhóis andavam ainda em guerra. Ressentindo-se de algum agravo, real ou imaginário, que uns poucos de anos antes tinham recebido do reitor do Coração de Jesus (uma das reduções dos chiquitos, onde o último censo feito pelos jesuítas de uma população de 2.300 almas), caíram sobre esta aldeia, e roubaram bois, cavalos e homens, compelindo o administrador que sucedera aos jesuítas, a mudar-se para mais de cem milhas do sítio onde aquela redução florescia havia mais de um século. Também acometeram as vizinhas reduções de Santiago e São João, uma com 2.000, a outra com 1.600 habitantes, deixando-as quase desertas e em ruínas. Por demais longe de S. Cruz de la Sierra ficava este país, para que houvessem os espanhóis daquela província de fazer esforços para protegê-lo. E na verdade nem mesmo os portugueses, menos sofredores de provocações desta natureza, tentaram vingar as traiçoeiras mortes cometidas em Nova Coimbra com tantas circunstâncias agravantes. Bem sabiam eles quão difícil era chegar a semelhante inimigo, olhando provavelmente a matança como obra só dos que nela tomaram parte, continuaram na esperança de captar a nação toda por meio de uma política de conciliação, nem da fraqueza nem do medo filha. Era isto o mais prudente, e se não se atreveram os guaicurus a dar os primeiros passos para a paz, também nenhum novo ato de hostilidade cometeram. Assim durava havia já uns oito anos umas tréguas tácitas, quando um dia apareceu do outro lado do rio um bando de selvagens chamando a guarnição. Mandou o co-

Fazem os guaicurus paz com os espanhóis do Paraguai

Atacam as missões dos chiquitos

1785

mandante alguns homens a falar com eles, mas receando aproximar-se com medo de verem retalhada a sua traição, retiraram-se os **1789** guaicurus sem levar mais longe este primeiro tentâmen de entabular relações amigáveis. Passados três meses voltaram, tornaram a chamar a guarnição, e tomando mais ânimo, aventuraram-se a falar com os portugueses, e aceitar-lhes alguns presentes, e prometendo volver em cinco dias. Cumpriram a palavra, vindo com eles um dos caciques por nome Queima, homem mui respeitado entre os seus, filho de um paiaguá e de uma guaicuru, e de alta linhagem por ambos os lados. Depois desta entrevista renovou-se o tráfico com a guarnição, mas debaixo de todas as precauções necessárias. Os selvagens traziam cavalos, ovelhas e perus, afora outros objetos de menor valor, recebendo em troca tabaco, estofos, machados, bacias, navalhas, pratos de estanho e facões, que depois foram proibidos pelo governador como mais próprios para servirem a fins sinistros do que a bons intentos. Veio agora para o forte novo comandante com instruções para aproveitar sem demora a oportunidade que se oferecia de tratar com esta nação. Saíram pois quatro canoas em busca dela durante inundação, e à segunda vez encontraram a gente que buscavam, convidando-a a vir à praça. Cônscios do que mereciam temeram os selvagens aceitar o convite, mas mandaram dois dos seus escravos a ver de que modo eram tratados, indo estes com tanta repugnância, como se houvessem sido entregues ao carrasco. Deram-lhes os portugueses bem de comer, vestiram-nos vistosamente e presenteados os despediram. Aventuraram-se então dois caciques com quatro dos seus, mas tão diversa é a coragem de um selvagem da de um europeu, que estes homens que teriam suportado os tormentos mais atrozes sem revelar o menor sinal de sensibilidade, tremiam dos pés até à cabeça ao entrarem à estacada. O resultado desta visita foi irem Queima e Emavidi Xaué, cacique de grande autoridade e nomeada, à Vila Bela, com um troço da sua gente, levando por intérprete uma negra, que nascida e criada entre os portugueses era cativa deles. Ali, em nome dos guaicurus, que habitavam a margem oriental do Paraguai, do Mondego ou Imbotatiu ao sul até ao Ipamé ao norte, assentaram solene paz com os portugueses, prometendo à rainha de Portugal, segundo as palavras do tratado, obediência implícita, como todos os demais vassalos da coroa. Por esta ocasião tomou Emavidi o nome de Paulo Joaquim José Ferreira,

que era o do comandante de Nova Coimbra, e conservando o seu apelido natural chamou-se o companheiro João Queima de Albuquerque do nome do governador. Mal poderiam os guaicurus entender a significação da obediência que prometiam e firmavam, mas também pouco provável era chegar-se jamais a exigi-la deles em todo o seu alcance, devendo-se antes contar com vê-los desaparecer do país, se guardar a paz por algumas gerações. Há mais de vinte e cinco anos já que ela dura inalterada.[3] Os guaicurus visitam Nova Coimbra quando querem[4], em canoas durante as cheias, a cavalo nas outras estações. Armam suas tendas fora da estacada, sendo nela admitidos de dia, mas sem armas: ao toque das ave-marias todos saem, permitindo-se o ficar somente aos caciques.

Estado dos guaicurus

Três ramos da nação guaicuru existiam em fins do século décimo oitavo, um do lado ocidental do Paraguai, outro do oriental abaixo do Fecho dos Morros, esse mesmo que por intermédio do ex-padre tinha pazes com os espanhóis da Assunção, e o terceiro acima do Fecho, segundo a sua própria intenção aliado dos portugueses em virtude do tratado, mas segundo a letra vassalo da coroa de Portugal. Inimigos declarados uns dos outros são estes ramos, posto que todos do mesmo tronco, falando a mesma língua, seguindo os mesmos costumes. Divide-se o ramo brasileiro em sete hordas grandes[5], que vivendo geralmente em termos amigáveis, assemelham-se perfeitamente uma às outras em todos os seus hábitos e instituições. Tão numerosa é cada uma destas hordas, que a reunião de suas tendas se diz merecer o nome de uma vila grande. Formam estas tendas ruas largas e direitas, e são da mais simples construção; consistem em esteiras estendidas sobre estacas quase horizontalmente na estação seca, e com alguma inclinação mais na pluviosa, e quando, sendo muita a chuva, começam elas a vergar com o peso, mesmo de dentro se sacode a água. Algumas choças há porém que têm suas duas ou três coberturas de esteiras, com intervalos de uma à outra para melhor defesa tanto da chuva como do sol. É sempre à borda de algum rio ou lagoa grande que estes índios acampam, deixando-se aí ficar enquanto encontram alimento bastante para si e para o seu gado, porquanto desprezam a agricultura, vivendo quase exclusivamente de carne. Das relações com os portugueses tanta vantagem têm os guaicurus sabido tirar que criam quase todas as espécies de animais domésticos introduzidos da Europa, tratando-os com tan-

to cuidado e carinho que os tornam extraordinariamente mansos. Não usam nem estribos nem sela, fazendo de acroata, árvore indígena, os freios, e tão incessantemente cavalgam, que têm todos as pernas tortas. Não passam contudo por bons picadores, sabendo apenas governar o cavalo a toda brida, nem na verdade de mais picaria carecem. Peculiar deles é o modo de domar um cavalo, obrigando o animal a entrar dentro d'água até à barriga, para que este não possa lutar tanto, e corra o cavaleiro menos risco na queda. O cavalo de batalha não serve senão para estas ocasiões, e nunca se vende, mas por morte do dono, matam-lhe sobre a sepultura. Nas suas guerras contra os portugueses, serviam-se estes índios do seu gado cornígero, e reunindo-o juntamente com os cavalos numa grande manada, lançavam-na furiosa contra o inimigo. Até os mesmos paulistas tinham medo de semelhante ataque, receando, por mais numerosos que fossem, um reencontro com os guaicurus em campo aberto: o seu único recurso era acolher-se às matas e trepar às árvores, de onde lhes davam toda a vantagem os mosquetes. Da mesma sorte que como os selvagens do sul da África faziam uso do seu gado na guerra, assim como eles, também tinham estes índios ensinado a acudir a um assobio, podendo assim reuni-lo e dirigi-lo à vontade.

Apenas exaustos os pastos circunvizinhos, decampa a horda. Num instante se colhem as tendas, tudo se põe em movimento; grande vila que ainda pela manhã se via, desaparece, onde formigava a vida e a população fica um deserto, e antes da noite ergue-se a vila à margem de outras águas, e rebanhos e manadas povoam ali o ermo. Dormem estes índios no chão em cima de couros, cobrindo-se com peles, ou esteiras feitas da casca interna de certas árvores, ou com vestidos que as mulheres trazem de dia assaz amplos para servirem de colchas de noite. Os homens apenas usam de uma espécie de casaco curto que costumava ser de algodão, mas que depois de travadas as relações com os portugueses, se orna de contas de várias cores. Trazem as mulheres uma saia mais comprida, sem a qual nenhuma se vê desde a mais tenra infância, e sobre ela um vestido, ou antes hábito de chita do pescoço até aos pés, com tão ponderosas pregas, que, dizem, com o peso lhes torna pendentes os seios. A cor do tecido é vermelha com listas pretas e brancas. Também usam enfeites de conchas, contas nos braços e nas pernas, bolinhas de prata por colar e uma chapa do mesmo metal ao peito.[6] De madeira se

faziam antigamente estes ornatos, e ainda dela os usam as classes baixas. Com plumas ornam cabeça e membros os varões, trazendo nos lábios enfeites de pau ou prata conforme as posses de cada um, e brincos deste metal em forma decrescente. Arrancam as sobrancelhas e as pestanas, escarificam as faces (moda com que também as mulheres se desfiguram) e pintam o corpo com urucu e jenipapo. Os mancebos raspam o cabelo segundo a sua fantasia, os mais velhos por uma forma determinada, parecida com a tonsura dos franciscanos leigos, e as mulheres formam um círculo largo à roda da cabeça. Contra o costume da maior parte das tribos brasileiras não são polígamos estes guaicurus, não se devendo porém supor que a lei ou o uso torne indissolúveis os casamentos, antes se separam os cônjuges quando querem, posto que raras vezes o façam. Duráveis e fortes são os seus enlaces matrimoniais, votando os pais terna afeição à sua prole, quando os nefandos costumes da nação a deixa vir à luz. São os filhos acusados de mostrarem pouco amor natural a seus pais, mas por mais cautelosos que devamos ser em não opor mera opinião ao que se assevera como fato sobre boa autoridade, pode-se contudo afirmar não dever isto ser verdade em geral, sendo impossível que a ternura da parte dos pais não produza por via de regra correspondente ainda que não igual afeição no filho. Tem cada horda o seu cemitério grande, comprido terreno coberto em toda a sua extensão com esteiras à guisa de galeria, e debaixo desta coberta tem cada família o seu lugar reservado. As armas e outros objetos pessoais do uso do falecido se lhe depositam sobre o túmulo, e se ele se distinguira na guerra cobrem-lhe estas coisas com flores e penas, anualmente renovadas. O corpo de um jovem atavia-se para o funeral, como se faria para o noivado, e a cavalo é levado ao cemitério, depondo-se-lhe sobre a sepultura o fuso e mais artigos de que se servia. Por morte de um parente ou de um escravo, mudam de nome todos os de casa.

É muito pronunciada entre esta nação a distinção de classes, formando os verdadeiros guaicurus a mínima parte. Intitulam-se Joage[7], e dividem-se em ordens, a primeira das quais é uma fidalguia excessivamente orgulhosa do seu nascimento. Os varões usam de um título equivalente a capitão, e a suas mulheres e filhas se dá também um prefixo honorário. Não são muitos estes nobres, nem entre eles há supremacia. A segunda classe muito mais numerosa, compõe-se do povo guaicuru,

sendo soldados todos, de pai a filho, mas a grande massa da nação formam-na escravos e seus descendentes, porquanto um dos principais motivos de fazer a guerra é manter o número da população por meio de um sistema de semi-adoção. Aos adultos varões nunca se deixa a vida, e às vezes também se matam as mulheres, mas de ordinário levam-se estas prisioneiras, e as crianças sempre. Quando os guaicurus trazem alguma criança de mama sem a mãe, dá-lhe a mulher do apresador o peito, quer esteja criando quer não, tendo estes índios descoberto que a ação dos lábios da criança excita uma secreção de leite até em mulheres de mais de cinqüenta anos de idade e que nunca foram mães.[8] O cacique que com estas presas maior incremento dá à sua horda, é o que maior reputação alcança. O estado em que estes prisioneiros se criam tem da escravidão só o nome, pois que nunca se exige deles trabalho compulsório, mas tão grande se considera a inferioridade da sua classe, que um cacique se desonra tomando por mulher uma cativa, e o filho de uma guaicuru com um prisioneiro, desprezaria sua mãe, como mulher que com semelhante enlace se aviltara. Os chamococos vendem aos guaicurus os filhos por facas e machados.

Quando vão à guerra escolhem estes índios por capitão dentre os nobres o mais moço, capaz de pegar em armas, acompanhando-o como conselheiros os caciques mais velhos. No dia da partida vê-se o jovem guerreiro sentado na sua cama, cercado de quantos têm de ir na expedição, os quais todos um por um fazem demonstrações de respeito à mãe dele e à ama que o criou, e com lágrimas e apaixonadas expressões os recordam estas mulheres dos famosos feitos dos avós, exortando-os a morrer antes do que tornarem-se indignos de seus antepassados. Têm eles a singular idéia de ser uma camisa feita de pele de tigre impenetrável até a uma bala de mosquete, superstição que parece indicar não terem eles encontrado muitas vezes bons atiradores que os desenganassem. Quando o mancebo mata o primeiro inimigo, ou traz para casa o primeiro cativo, prepara-lhe a mãe uma festa, em que os convidados se embriagam com uma água-mel quase tão forte como aguardente. Guerreiam estes índios os cuoarabas ou coroados, que vagueiam pelas cabeceiras do Mambaia, afluente do Paraná, os cambebas ou pacaleques, das nascentes do Imbotatiu; raça que achata a cabeça como os antigos omáguas do Amazonas, e os campeses, tribos que abrem na terra suas

habitações, formando-se naturais porém monstruosos aventais, com esticar desde a mais tenra infância o escroto. Também têm os guaicurus entre os seus escravos filhos de outras muitas nações[9], se tal designação é aplicável a quem nenhum dos males da escravidão sente, nem está sujeita a nenhuma das restrições deste estado.

Acreditam num criador inteligente de todas as coisas, mas nenhum culto lhe prestam, parecendo não lhe votarem nem amor nem medo. O poder invisível a quem recorrem para saber o que lhes sucederá nas doenças ou na guerra, supõe-se ser uma divindade inferior, chamada Nanigogigo, com a qual pretendem ter comunicação os charlatães ditos unigênitos. Há uma espécie de falcão pequeno, cujo nome indígena é macaunhaú, e cujos gritos semelhantes aos de um homem em aflição, servem de indicar o tempo, a quem isso está acostumado: os guaicurus porém supõem vaticinarem eles futuros sucessos, e quando se ouvem, segue-se para o unigênito uma trabalhosa noite. Passa-a ele cantando e berrando, imitando as notas de várias aves, agitando um maracá, e suplicando Nanigogigo que lhe interprete o agouro de seu ininteligível mensageiro. Com as mesmas cerimônias inculcam estes velhacos indagar se um doente se restabelecerá ou se será bem ou mal sucedida uma expedição. A única aparência de cerimônia religiosa é uma festa anual de muitos dias ao avistar-se pela primeira vez o sete-estrelo, por começarem então a amadurecer os cocos da palmeira bocaiúva, provavelmente alimento principal destes índios antes da introdução do gado europeu. Nas suas noções de um estado futuro diz-se não entrar nenhuma idéia de retribuição depois da morte. Acreditam que as almas dos finados caciques e unigênitos vão folgar entre as estrelas, enquanto que as do vulgo erram pelas cercanias do lugar em que jaz o corpo. Parecem os guaicurus ter tomado de muitas tribos diversas as suas práticas e opiniões supersticiosas, natural conseqüência do modo por que se aumenta a população das hordas sendo por isso singular que com esta propensão para adotar as doutrinas alheias, não aprendessem durante a sua longa e íntima ligação com os paiaguás, a esperar depois da morte uma justiça retributiva.

É o hidromel a única bebida fermentada destes selvagens. Ambos os sexos se ocupam igualmente com preparar o seu alimento, que é muito cozido, comendo eles muito devagar e umas poucas de ve-

zes ao dia. Afirma-se nunca terem eles indigestões, não haverem jamais visto moléstias escorbúticas, e desconhecerem inteiramente as mortes repentinas, asserção que se pode admitir como provando serem estas coisas muito menos freqüentes ali do que na Europa. Em todas as enfermidades se observa a maior abstinência, não tomando o doente senão um pouco de sumo da palmeira carandá. Encontram-se cegos, mas nem um só calvo. A cor da pele é um tanto mais escura que cobre e de estatura mais alta que a meã dos europeus, são os guaicurus bem feitos (exceto as pernas, que o excessivo uso de cavalos e canoas torna defeituosas), musculosos e capazes de maiores esforços e de suportar quase incríveis fadigas. Têm as mulheres feições largas e grosseiras, que com a adicional e desnecessária deformidade das escarificações, as tornam absolutamente feias aos olhos de um europeu. São irregulares os dentes e enegrecidos com o uso constante do tabaco, que nem as mulheres tiram jamais da boca, mas conservam-se até à extrema velhice. Cingem-se os varões com uma corda nas suas correrias, e se é escasso o mantimento, amortecem a sensação da fome, apertando-a mais; nela, como num cinto, levam uma maça curta à direita e um facão à esquerda. Depressa se tornam magras e chupadas as mulheres, apresentando ambos os sexos excessivas rugas na idade avançada. Como entre muitas tribos americanas prevalece entre esta a singular variedade de um dialeto varonil e outro feminino. Para certos fins sabem os guaicurus entender-se por assobios tão bem como por palavras, assim como têm nomes para os planetas, para as principais estrelas e para os pontos cardeais. Possuem as mulheres muitas qualidades excelentes. São compassíveis e humanas para com todos os entes que estão ao seu cuidado a ponto de dizer-se que não podiam os animais domésticos dos guaicurus ser melhor tratados se estivessem num hospital da Índia. Também merecem elas o louvor de industriosas e engenhosas, fiando e tecendo primorosamente, fazendo cordas, cintos, esteiras, e vasos de barro, e mostrando inteligente curiosidade e prazer à vista de qualquer coisa nova que atentas examinam minuciosamente. Homens há ali que afetam o vestir e as maneiras das mulheres, chamado por isso *cudinas*, nome com que se designam todos os animais castrados. Encontraram os primeiros conquistadores indivíduos destes na Flórida, e nas proximidades do istmo de Darien, tão amplamente se achava derramada pelo Novo Mundo esta abominação, que de

uma das mais antigas corrupções do culto pagão traz talvez a origem. As noites de lua são o tempo favorito para os folgares, mas de rude natureza são os divertimentos. Os homens manteiam os rapazes nos amplos vestidos das mulheres. Dão-se estas as mãos, formando um círculo enquanto uma corre à volta pelo lado de fora, consistindo a brincadeira em estenderem um pé às que estão na roda para fazê-la cair, e assim que alguma o consegue, vai correr a seu turno até cair também, vindo a outra ocupar o lugar dela no círculo. Também correm parelhas a cavalo, em que tomam as mulheres igualmente parte. Outros jogos são imitar o vôo dos pássaros, levando uma asa em cada mão, saltar à moda dos sapos, e correr uns contra os outros como touros com as mãos pelo chão. Às vezes entretêm-se as mulheres com porfias regulares de impropérios, e a que mais fluentemente descompõe, mostrando ter à mão o mais copioso vocabulário de injúrias, é a mais aplaudida dos circunstantes. As questões decidem-se a soco, em que passam por mestres estes índios, não recorrendo nunca às armas nas suas disputas uns com os outros.

Francisco Alves, 29, 3, 4

Conversão dos caiapós

1780

Não têm eles nem música nem cantares, manifestando contudo viva sensibilidade ao ouvirem sons doces: escutam com excessivo deleite uma cantiga portuguesa, e se é melancólica a toada, arranca sempre lágrimas às mulheres. São leais no seu trato, apesar de olharem a traição na guerra, não só como lícita, mas até como louvável. Não consta que se tente coisa alguma para a conversão desta nação notável, mas se os portugueses nada fazem para civilizá-la por este o melhor e o mais seguro dos meios, também já não são injustos nem opressores para com ela. Não falta terra para todos, e muito antes que possam os brasileiros encher metade de que já possuem, terão os guaicurus, que estão fazendo a sua obra diminuindo com incessantes hostilidades as outras tribos, desaparecido também do Brasil, como desapareceram já do Baixo Paraguai. A abominável prática dos abortos os destrói mais depressa do que a guerra e com mais segurança do que a peste.[10] Já ela lhes limitou tanto o número e as forças que os guaranis do Imbotatiu sacudiram a antiga vassalagem, colocando-se sob a proteção dos portugueses.

Também do lado de Goiás consideráveis progressos se faziam na catequese dos indígenas por meios conciliatórios. No governo de

Luís da Cunha Meneses foi um pedestre por nome José Luís, assinalado pela sua intrepidez, enviado com um troço de cinqüenta homens a procurar uma entrevista com os caiapós, que apesar dos esforços de tempos a tempos contra eles empregados, se mantinham não subjugados ainda e em guerra com os portugueses. Muitas vezes tinha José Luís pelejado contra eles, levando agora em sua companhia um índio da mesma nação que criado no serviço dele lhe devia servir de intérprete. Pelo rio Claro entraram todos no sertão, explorando-o três meses, e vivendo de caça e mel todo este tempo à moda dos antigos sertanejos. Afinal avistaram alguns selvagens que o intérprete com o auxílio de presentes pôde persuadir a irem visitar o grão-capitão, dizendo desejar este vê-los e tomá-los sob a sua proteção. Por estes meios se deixaram um velho e seis guerreiros, com mulheres e crianças, trinta e seis pessoas ao todo, convencer a ir a Vila Boa. Ali foram recebidos com honras militares, obsequiados com um *Te Deum* em honra da sua chegada, banqueteados até mais não poderem e brindados com bugiarias. Em seguida mandaram-nos ver algumas aldeias em que os índios mansos gozavam de abundância e segurança não vistas nas brenhas. Com isto tudo se partiram tão satisfeitos, que o velho cacique, fazendo alto com as mulheres e as crianças sobre o rio Claro, enviou os guerreiros a reunir e trazer consigo toda a horda no correr de oito meses. Foram bem sucedidos na sua missão, e 237 caiapós chegaram a Vila Boa comandados por dois caciques, sendo 113 dentre eles assaz jovens para receberem imediatamente o batismo na presença de todas as pessoas gradas da vila. No meio da cerimônia gritou uma das índias velhas que queria ser também batizada. Procurou-se explicar-lhe ser indispensável algum conhecimento dos princípios da fé cristã para uma pessoa adulta poder receber o sacramento. Não compreendia isto a velha, tornando-se impaciente e clamorosa, e os padres, que eram por demais bons políticos para serem muito escrupulosos em tais ocasiões, acomodaram-na, convertendo-a imediatamente numa D. Maria.[11] Fundou-se para esta gente a Aldeia Maria sobre o rio Tartaruga, onze léguas a sudeste da capital. Outros índios da mesma tribo, seguindo-lhes o exemplo, vieram reunir-se a eles, de modo que não tardou o novo aldeamento a contar seiscentos habitantes. Portaram-se bem, mostrando-se gratos aos benefícios recebidos e cumprindo lealmente a sua palavra. Alguns aprenderam os ofícios manuais mais naturais, e às mu-

lheres se ensinou a cozer, fiar e também tecer, tão rudes eram, que nem estas artes entendiam. Mas principiada com tão bons auspícios não tem prosperado a colônia. Nunca no Brasil se seguiu um sistema constante na educação da mocidade indígena, e apesar das leis e do exemplo de Cuiabá e Mato Grosso, são os índios de Goiás olhados como raça tão somenos, que nenhum desses casamentos mistos ali tem lugar, que com sábia política procurava promover Pombal.

Memórias de Goiás. Patriota. **3,4, 66. Casal, 1, 337**

Setecentos javaés e carajás estavam estabelecidos na mesma capitania a cinco léguas da capital na aldeia de São José de Massamedes, revelando também estes a mesma dócil aptidão dos caiapós. Menos feliz nos seus resultados foi um tentâmen de reduzir os xavantes no tempo do governador seguinte Tristão da Cunha e Meneses, apesar de ter prometida ao princípio o mais brilhante êxito. Habita esta tribo, a mais numerosa de todas as de Goiás, o país entre o Araguari e o Tocantins, e as margens desse rio, a que deram, ou do qual receberam o nome, e que vai desaguar no braço ocidental do Araguaia a pouco antes da união deste com o oriental. Povoam também o mesmo rio a ilha de S. Ana ou do Bananal, como às vezes a chamam, provavelmente a maior ilha fluvial do mundo, embora haja talvez alguma exageração no cálculo que lhe dá mais de cem léguas de comprimento sobre trinta de largura, e uma lagoa, que comunicando com o rio, é tão vasta, a ponto de quem a navega perder de vista a terra. Tão bem sucedida foi uma expedição pacífica, comandada por Miguel de Arruda e Sá, que não menos de 3.500 xavantes vieram a Vila Boa prometer preito e vassalagem à coroa de Portugal, sendo estabelecidos na aldeia de Pedro III do Carretão. Ali por muitos anos cultivaram a terra, vivendo na abundância, mas afinal, por alguma causa inexplicável que mais facilmente se achará nos abusos dos diretores do que na inconstância dos índios, abandonaram todos à uma o aldeamento, voltando aos antigos hábitos de vida, e sendo hoje em dia no coração do Brasil os mais formidáveis inimigos dos brasileiros.

Tentativa de reduzir os xavantes

Memórias de Goiás, **3, 5, 3 Casal, 1, 338**

Nem é pouco considerável mal a inimizade destes selvagens, por opor sério obstáculo às comunicações entre Goiás e o Pará pelo Araguaia que aliás seria a via mais conveniente. Foi ela explorada no ano

Explora-se a entrada de Goiás para o Pará pelo Araguaia

de 1791 por ordens vindas de Portugal, mas a expensas do coronel Ambrósio Henriques, e outros mercadores do Pará. Comandou o capitão Tomás de Sousa Vila Real a partida, e embarcando no arraial de Santa Rita sobre o rio do Peixe, averiguou ser, contada dali, de 732 léguas a distância. Outras partidas têm embarcado no rio Vermelho, que também deságua no Araguaia, mas demasiadas dificuldades, provenientes tanto da natureza da navegação como da índole das tribos intermediárias, se opõem a que seja mui freqüentada esta via. Um ano ou dois antes, tendo recebido ordem de reforçar o Pará com oitocentos homens, resolvera o governador explorar outra linha, fazendo que força tão considerável prestasse algum serviço na sua marcha. Comandava a coluna o mesmo Miguel Arruda que reduzira os xavantes, e José Luís, que tão bem sucedido fora com os caiapós acompanhava a expedição, para castigar os canoeiros, terrível raça de selvagens que ficava no caminho. Embarcaram todos no Urubu, que, sendo a mais remota nascente do Tocantins, brota das vertentes austrais da serra Dourada não longe de Vila Boa ao sul. Mas em Água Quente deixaram o rio, seguindo por terra, indo tomando mais gente para a empresa em todos os arraiais por onde passaram até Pombal, uma das mais antigas povoações daquelas partes, sobre um cotovelo de terra formado pelo rio do mesmo nome, a umas quatro léguas acima da sua junção com o Tocantins. Dali principiou José Luís as suas operações militares. Tinham os canoeiros infestado cruelmente o Tocantins e os rios que com ele comunicam, a ponto de haverem compelido o povo de Goiás muitas das suas fazendas sobre o Maranhão, que recebe o rio das Almas, depois de engrossado este com o Urubu. Das suas expedições aquáticas parece derivado o nome destes índios, mas o seu quartel-general fica entre as montanhas na serra do Duro, aonde se não chegou ainda. Distinguem-se singularmente de todas as outras tribos pela sua feroz e indomável coragem, nunca jamais fugindo diante de um inimigo, nem rendendo-se, mas morrendo resolutamente a pelejar até ao último alento. Tão valentemente como os homens se portam na batalha as mulheres, e até uma raça de cães ferozes têm os canoeiros ensinados para a guerra que se atiram ao inimigo. Armas são arco e setas e lança comprida, alimento favorito a carne de cavalo. Contra esta nação começou José Luís as hostilidades por terra e por água, defenderam-se os selvagens com o característico

Expedição contra os canoeiros

denodo representando o seu papel as mulheres e os cães, mas acostumado a este gênero de guerra, fez José Luís grande matança entre eles em diferentes recontros. Reassumiu então Arruda o comando, conduzindo a expedição rio abaixo até ao Pará, mas em lugar de trazer um reforço de oitocentos homens chegou com oitenta apenas, tão desgostosa a gente com a dureza do serviço, ou tão contrariada por deixar a sua terra, que nove décimos desertaram pelo caminho. Apesar de ser a mais curta não tem sido seguida a via de Goiás para o Pará pelo Tocantins. Luís da Cunha mostra ter sido governador hábil e ativo, havendo-se por muitos modos esforçado para o melhoramento da província. Aumentou-lhe a força militar, aformoseou a cidade de Vila Boa, fez ali um passeio público, e proveu a que todos os edifícios novos se levantassem segundo um plano: puniu uma casta de impostores que depenavam os crédulos, e especialmente as mulheres, inculcando dizer a buena-dicha; e animou o povo a preparar para o seu próprio consumo o sal que a província fornece em abundância, em lugar de ir a buscar a Campo Largo e São Romão, à margem esquerda do rio de São Francisco em Minas Gerais, que é um grande mercado para o produto das salinas de Pilão Arcado em Pernambuco.

Memórias de Goiás, **3, 5, 4; 3, 6, 19; 3, 4, 68. Casal, 1, 391**

Ocorreram estes sucessos em Mato Grosso e Goiás no vice-reinado de Luís de Vasconcelos e Sousa, que em 1778 sucedeu ao Marquês do Lavradio, conservando a administração onze anos. O governo do seu sucessor, D. José de Castro, Conde de Resende, tornou-o memorável a primeira manifestação[12] de princípios e práticas revolucionárias no Brasil.[13] Em Minas Gerais se passou isto. Entusiasmado com o exemplo dos Estados Unidos julgou um oficial de cavalaria daquela Capitania igualmente fácil para os seus conterrâneos sacudir a autoridade da mãe pátria, fundando uma república independente. Sem ver a diferença entre americanos e brasileiros em todas as suas circunstâncias, hábitos, instituições e sentimentos hereditários, costumava ele dizer que a paciência do Brasil não fazendo o que fizera a América inglesa pasmava as nações estrangeiras. Era o seu nome Joaquim José da Silva Xavier, mas chamavam-no geralmente o Tiradentes, tão vulgares as alcunhas em Portugal e no Brasil, que nos documentos oficiais e escritos históricos se encontram. Além

O conde de Resende, vice-rei

da capitania de Minas Gerais se não alargavam os seus planos, ou porque lhe pareceu assaz vasto este território para construir uma poderosa república, ou porque teria sido demasiadamente perigoso formar conspiração mais extensa, sobre esperar ele que o triunfo ali induziria outras províncias a arvorar o estandarte da revolta, podendo depois formar-se uma união federativa. Até dentro do seu próprio país não punha ele porém a confiança na opinião pública, nunca até então perturbada, mas num peculiar estado de coisas, não menos perigoso à estabilidade do governo do que desacreditador da sua prudência.[14]

1789

Os quintos que por muitos anos depois de comutada a capitação tinham regulado naquela capitania por mais de cem arrobas, declinavam gradualmente havia cerca de trinta anos, até ficarem aquém de cinqüenta. Obrigara-se o povo pelo seu próprio oferecimento a inteirar a soma das cem se lá não chegassem os quintos. Se nisto se houvesse insistido regularmente, teria a taxa continuado a ser paga, até que a dificuldade da sua arrecadação e a sua desproporção com o desfalcado produto das minas convencesse o governo da necessidade de abater o imposto. Foi sendo arrecadado até que o termo médio caiu um pouco abaixo de noventa, mas depois da morte d'el-rei D. José, época em que a decadência das minas se tornou mais e mais rápida cada ano, deixaram-se ir acumulando os atrasados até atingirem em 170 a tremenda soma de setecentas arrobas, igual à metade de todo o ouro não amoedado, que se calcula circulava então naquela capitania, e mais de metade de todo o que corria nessas províncias do sertão, onde se não conhecia outro meio circulante. Acreditava-se que o Visconde de Barbacena, então governador de Minas Gerais, ia exigir o pagamento de todos os atrasados. Reinava pois entre todos os moradores geral inquietação, da qual esperava Tiradentes aproveitar-se; para mais aumentar a irritação propalou o boato de estar a corte resolvida a enfraquecer o povo para mantê-lo mais submisso, indo neste sentido promulgar-se uma lei que proibiria possuir alguém mais de dez escravos. A primeira pessoa a quem ele comunicou os seus desígnios foi um tal José Alves Maciel,[15] natural de Vila Rica, então exatamente de volta de uma viagem à Europa, tendo provavelmente convivido com os revolucionários da França numa época em que as idéias destes se dirigiam todas às mais retas e benévolas intenções ao

Causa do descontentamento

Notícias. **Ms.**

progresso da humanidade e bem-estar geral da raça humana. No Rio de Janeiro se encontraram os dois, concertaram os seus planos, e, seguindo para Vila Rica, meteram na conspiração um cunhado de Maciel, o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, que comandava as tropas de linha da Capitania. Hesitou este à primeira confidência, mas asseveraram-lhe existir no Rio de Janeiro uma grande parcialidade de mercadores a favor de uma revolução, e poder-se contar com o auxílio de potências estrangeiras. Não tardaram a alistar-se na trama o coronel Inácio José de Alvarenga e o tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, induzido este último pela persuasão de que o seu quinhão na derrama dos atrasados se elevaria a seis mil cruzados. Foi o padre José da Silva Oliveira Rolim um dos associados, e o padre Carlos Correia de Toledo, vigário da vila de São José, outro. Mas quem para com todos os confederados passava por seu chefe e guia era Tomás Antônio Gonzaga, homem de grande nomeada pelos seus talentos, dizendo-se ter-se ele encarregado de confeccionar as leis e arranjar a constituição para a nova república.[16]

Sentença, etc. Ms.

Plano dos conspiradores

O plano de operações era levantar de noite nas ruas de Vila Rica o grito de: "Viva a liberdade!" ao fazer-se a derrama dos atrasados. Reuniria então o coronel Francisco de Paula as suas tropas sob pretexto de abafar o motim, dissimulando as suas verdadeiras intenções até receber notícia de estar seguro o governador. Achava-se este na Cachoeira, e sobre o destino que se lhe daria nada se chegou a resolver: eram alguns dos conspiradores por que bastaria prendê-lo, conduzindo-o além dos limites da capitania, e deixá-lo, dizendo-lhe que voltasse para Portugal, onde poderia declarar que o povo de Minas Gerais sabia governar-se a si mesmo. Outros eram por matá-lo logo, mandando como sinal a cabeça a Francisco de Paula;[17] resolver-se-ia isto, conforme as circunstâncias. Mas quer se trouxesse ou não a cabeça do governador para Vila Rica, exibindo-o à tropa e aos vizinhos como primeiro fruto da revolução, deviam fazer-se proclamações em nome da república, convidando o povo a unir-se ao novo governo, e decretando pena de morte contra quem se opusesse. Tinha o padre Carlos Correia metido na conspiração o irmão, que sendo sargento-mor da cavalaria de São João d'el-Rei, encarregou-se de pôr uma emboscada na estrada da Vila Rica para o Rio de Janeiro, e fazer face a

qualquer força que desta última cidade se enviasse a abafar a rebelião. Proclamar-se-ia o perdão de todas as dívidas à Coroa, abrindo o distrito defeso, declarando livres de todos os direitos os diamantes e o ouro, transferindo para São João d'el-Rei a sede do governo e fundando em Vila Rica uma universidade. Tinha José de Resende Costa, um dos conspiradores, um filho que estava para mandar para Coimbra; mudando agora porém de tenção deixou-o ficar no Brasil para cursar a nova universidade, envolvendo-o assim na trama e suas fatais conseqüências. Estabelecer-se-iam fábricas de todos os artigos necessários e especialmente de pólvora, ficando elas debaixo da direção de Maciel, que estudara filosofia,[18] tendo viajado para adquirir conhecimentos nestas matérias. Suscitou-se a questão de uma bandeira para a nova república, e pronunciando-se Tiradentes a favor de três triângulos unidos num só como símbolo da Trindade, e Alvarenga e outros por algum emblema mais alusivo à liberdade, assentou-se que seria um gênio a quebrar cadeias e por moto as palavras: *Libertas quae sera tamem*... Liberdade ainda que tardia.[19]

Descobre-se a conspiração

Como doidos procederam os conspiradores: faziam discursos sediciosos onde quer que se achavam e perante toda a casta de gente, esquecidos de que embora estivesse descontente o povo, era vigilante e forte o governo, e de que por mais que se anelasse uma diminuição dos impostos, não se desejava outra mudança.[20] Conheceu-o Maciel depois de se ter adiantado demais, observando a Alvarenga haver pouco quem nos seus desígnios os apoiasse. Mas Alvarenga respondeu que proclamariam a liberdade dos escravos crioulos e mulatos. Outro disse que seria impossível manter a revolução sem lançar mão dos quintos e fazer causa comum com o Rio de Janeiro. Alvarenga, que parece ter sido um dos mais ardentes da parcialidade, afirmou pelo contrário que, se pudessem introduzir no país sal, ferro e pólvora bastante para o consumo de dois anos, bastaria. Alguns meses duraram estas maquinações, em que se acharam implicadas algumas pessoas de considerável influência e elevada posição social. Antes de completamente descoberto o intento obteve o governador de um homem chamado Joaquim Silvério dos Reis muitas denúncias de falas incendiárias e perigosas, dando-lhe pouco depois outras duas pessoas informações do mesmo teor.[21] Uma das suas primeiras medidas foi publicar que ficava suspensa a proposta derrama. Este

ato, apaziguando o descontentamento popular privava do seu grande pretexto e principal esperança os conspiradores, que sem embargo persistiriam em tentar fortuna. Mas eram vigiados muito de perto. No Rio de Janeiro se achava Tiradentes quando soube estar descoberta a tramóia, e fugindo imediatamente para Minas por caminhos não trilhados, escondeu-se na casa de um dos conspiradores na esperança ainda de que rebentasse a insurreição: foram-lhe porém na pista até ao seu esconderijo, prenderam-no e remeteram-no para a sede do governo.[22] Sabendo desta prisão foi o sargento-mor ter de noite com o irmão padre Carlos Correia, que ficou aterrado com tal nova, pedindo-lhe que se escondesse, mas, resolvendo persistir firme no seu propósito, enviou aquele recado aos outros conspiradores, convidando-os a guardar o juramento e a sair a terreiro com todas as forças que pudessem reunir nesta hora de perigo. Era tarde: muita gente foi presa e metida na cadeia. Plenas e irresistíveis foram as provas contra os indiciados, que recorreram ao meio mais óbvio de defesa, o de acusar como autora da trama a principal testemunha da acusação, inculcando-se a si como tentados, a ela como tentadora. Nesta história teimaram alguns até que de nada mais podendo servir a falsidade, confessaram a verdade da acusação que se lhes fazia.

Sentença dos conspiradores

1792

Mais de dois anos decorreram ainda depois da prisão dos criminosos até final sentença, suicidando-se entretanto um destes[23] e morrendo outro na cadeia. Como primeiro instigador do mal foi Tiradentes condenado à forca, devendo a sua cabeça ser levada a Vila Rica e exibida num poste alto no lugar mais público da vila, e os quartos ser da mesma forma expostos nos sítios onde se haviam celebrado as principais reuniões dos conspiradores.[24] Embora não haja crueldade em tratar assim um corpo insensível, são tais exposições um ultraje à humanidade. A casa onde ele morava em Vila Rica seria arrasada, e salgado o lugar onde estivera, para que nunca mais ali se edificasse, erigindo-se um pilar que recordasse as culpas e o castigo. Se não fosse propriedade dele a casa, ainda assim se executaria a sentença, indenizando-se o dono à custa da fazenda do condenado, que toda seria confiscada. A parte mais bárbara da sentença era a que privava de todos os seus bens, os filhos e netos, se ele os tivesse, declarando-os infames. Maciel, seu cunhado Francisco de Paula, Alva-

renga e outros três foram igualmente sentenciados à forca, sendo as cabeças expostas diante das suas respectivas casas, seqüestrada a fazenda e os filhos e netos no mesmo detestável espírito da antiga legislação declarados infames. A única diferença entre as suas sentenças e a do autor da conspiração, foi não deverem ser esquartejados os seus corpos. Outros quatro, entre os quais o infeliz mancebo que deveria estar seguindo então em Coimbra os seus estudos, e o seu enfatuado pai, haviam de ser enforcados, não se lhes mutilando porém os corpos, nem arrasando as casas, mas seqüestrando-se-lhes os bens, declarados infames os filhos até à segunda geração como o foram os do conspirador que com voluntária morte se livrara da cadeia e do castigo. Para diferentes lugares e por diversos prazos foram degredados os outros criminosos conforme graus das suas culpas. Tomás Antônio Gonzaga foi um dos condenados a desterro perpétuo. Havia dúvida quanto à parte por ele tomada[25]; tanto Tiradentes como o padre Carlos Correia negaram que houvesse ele comparecido em algumas das suas reuniões, ou tido quinhão nos desígnios, sendo eles que se haviam servido do seu nome por causa da sua reputação e do peso que a sua suposta sanção daria à causa. Tiradentes protestou ainda e que não dizia isto para salvar Gonzaga, pois que entre os dois existia pessoal inimizade.[26] Para contrabalançar este testemunho positivo não havia prova direta, mas para a suspeita havia este fortíssimo fundamento: tinha instigado o intendente a cobrar o imposto, não pela deficiência dos quintos de um ano somente (que era o que o governador tencionava), mas por todos os atrasados. A defesa do acusado foi crer ele que tentando isto se convenceria da sua absoluta impraticabilidade a junta da fazenda, e representando conseqüentemente à rainha, obteria a remissão. Mas pareceu esta política fina demais para ser lisa, e os juízes entenderam que ele obrara mancomunado com os conspiradores para excitar descontentamento e tumulto, e condenaram-no nessa conformidade. Uns seriam açoitados e degredados, ou iriam para as galés, outros foram declarados inocentes e entre esses o pobre homem que morrera na cadeia[27], e dois se deram por assaz punidos com a prisão que haviam sofrido. Mitigadas em Lisboa estas sentenças, foi Tiradentes o único supliciado. Os outros condenados à morte foram degredados, uns por toda a vida, outros por dez anos, prazos que depois ainda foram encurtados, como se praticou a respeito de todos os outros. Assim, embora

fossem bárbaras as leis, mereceu o governo português o louvor de clemente, porquanto por mais imperfeitas que nos pareçam as fórmulas de justiças observadas no processo, nenhuma dúvida pode haver quanto à natureza e alcance do intento.[28]

Sentença, etc. Ms.

Abolição do contrato do sal

Durante os primeiros anos da guerra revolucionária, achando-se toda a Europa em armas, continuou o Brasil não perturbado em estado de rapidamente crescente prosperidade. Também melhorou o espírito do governo. Apresentaram-se ao Ministério memoriais, expondo respeitosa porém clara e energicamente os erros do atual sistema e os males que daí provinham. Até à imprensa, desde tanto tempo sujeita a uma peia fatal, se deixou sobre estas matérias um certo grau de liberdade, e sensíveis foram os bons efeitos. Em conseqüência destas representações se aboliu o contrato do sal, o maior vexame do Brasil, impondo-se em seu lugar uma moderada taxa 1$600 por moio: e dizem que aliviando assim o povo, ganhara bastante o governo.

1793
Ratton, § 59

No correr da guerra, atraiçoada a Espanha pelo ministro imbecil que a metera numa liga ofensiva e defensiva com a república francesa, tornando-a assim escrava da França, indenizaram-se na América os portugueses das indignidades que na Europa tinham de sofrer. Era então vice-rei, D. Fernando José de Portugal.[29] Desde 1777 trabalhavam os comissários na demarcação com uma morosidade que caracteriza as nações ambas. Perpétuas disputas se suscitavam sobre a verdadeira linha, por mais claramente que o tratado a houvesse definido, sendo os portugueses acusados de haverem levantado imaginárias dificuldades, apresentado falsas pretensões e alargado as suas fronteiras sem o menor respeito ao direito. É nestas increpações maior a acrimônia do que a verdade. O único lugar que eles ocupavam além do que parece ter sido a verdadeira linha do tratado era Nova Coimbra, e dessa invasão se tinham os espanhóis indenizado por outra igual. Mas veio a guerra pôr termo aos trabalhos, às delongas e questões dos comissários. Não se achavam as metrópoles em estado de mandarem armamentos, e entregues a si mesmas as colônias, manifestou-se a superioridade dos brasileiros.

Guerra com a Espanha

1800

Mais de vinte anos havia já que nas missões vigorava o sistema de Bucarelli, e anos haviam sido esses de rapinas, crueldades e des-

graças. Em lugar de referir estes males à sua verdadeira fonte, à falta de disciplina moral e desses cuidados paternais com que haviam prosperado os guaranis, e a ignorância, avareza e desumanidade de administradores sem princípios, imputou-se o Marquês de Avilez então vice-rei ao sistema de comunismo, e querendo aboli-lo gradualmente, principiou por assinar terras e gado como propriedade exclusiva a trezentas famílias por via de experiência. Rebentou a guerra e foi ele transferido para Lima, sendo substituído por D. Joaquim del Piño. Não tardou o novo vice-rei a conhecer o erro cometido pela Espanha, expulsando os jesuítas. Desde esta desgraçada medida tinha a população das reduções descido de mais de cem mil a menos de quarenta e seis mil, achando-se universalmente e com razão descontentes os guaranis, perdida a sua disciplina moral, talvez por terem os administradores tido medo de a fazerem observar, e se acaso tinham ainda forças, acreditava que lhes faleceria a vontade de resistir aos seus antigos inimigos brasileiros. Mais recentes e menos perdoáveis agravos recebidos dos espanhóis haviam apagado essa inimizade.

Estado das reduções dos guaranis

Apenas recebeu aviso da guerra na Europa, publicou o governador do Rio Grande, sem aguardar instruções do vice-rei, uma declaração contra os espanhóis, oferecendo perdão a todos os desertores que voluntariamente voltassem ao serviço. Destacou-se uma força para a fronteira do oeste e outra para a do sul. Surpreendido e saqueado sem a perda de um só homem o forte de Xuí, foram igualmente tomadas e demolidas as fortalezas do Jaguarão e todas as povoações espanholas na direção do Jacuí, inclusive S. Tecla. Enquanto estas operações se faziam, empreendeu José Borges do Canto com um bando de aventureiros uma expedição contra as Sete Reduções. Natural da província, e desertor de um regimento de cavalaria, apresentara-se este homem nos termos da proclamação, oferecendo-se logo, se lhe dessem gente e dinheiro, a fazer uma correria naquela direção, fiado na disposição do povo, que dizia conhecer bem. Nem gente nem armas havia para lhe dar, mas forneceram-lhe munições, autorizando-o a levantar quantos voluntários pudesse, entre os seus conterrâneos e companheiros desertores. Quarenta homens se lhe reuniram todos armados à sua própria custa, e com tão mesquinha força avançou para as

Funes, 3, 399-404

Expedição contra as sete reduções

missões do Uruguai. Pelo caminho encontrou um guarani, que a procurar fortuna vinha fugido de um desses agora miseráveis aldeamentos. Asseverou este a Canto que nem um só momento hesitariam os outros a pôr-se sob a proteção do governo português, e tão seguro se mostrou do que dizia que voltou atrás acompanhando o exército libertador, como eram os portugueses chamados agora num país em que haviam sido objeto de geral e hereditário ódio. Fora o comando destas missões confiado ao tenente-coronel D. Francisco Rodrigo, que, receando um ataque, tomara posição à vista de São Miguel.

Mas os guaranis o abandonaram, e levando cavalos e gado foram reunir-se aos portugueses, que avançando então sobre as trincheiras, quase sem resistência as entraram, tomando dez peças de artilharia. Retirou-se Rodrigo para a antiga casa dos jesuítas, mas conhecendo o seu perigo à vista da disposição dos habitantes, propôs capitular, e Canto, que não receava pouco ver a cada momento chegarem reforços aos espanhóis, e estava com pressa para que não lhe descobrissem a verdadeira importância da sua força (porquanto pretendia ele ser apenas a guarda avançada consigo), de boa mente lhe anuiu as condições propostas, permitindo-lhe sair da província com toda a sua gente e quanto a esta pertencesse. O que ele porém dissera só para intimidar o inimigo, posto que falso na intenção, era verdade no fato, e encontrando-se na sua marcha com outro destacamento comandado por Manuel dos Santos, foram os espanhóis imediatamente feitos prisioneiros. Apelou Rodrigo para a sua capitulação, mas Santos lhe tornou que nenhuma obediência devia a José Borges do Canto, cujo ato por conseguinte a nada o obrigava, e que ao governador do Rio Grande tocava decidir a questão, devendo os espanhóis resignar-se a ficar prisioneiros entretanto. Decidiu o governador que se guardasse a capitulação, exceto quanto à artilharia, que devia ser para a Coroa. Com prazer se submeteram as outras seis reduções a estes aventureiros. Canto foi premiado com uma patente de capitão, indo o major Joaquim Félix com um bom reforço comandar a província. Para restaurá-la fizeram os espanhóis uma malograda tentativa, em que perderam uns setenta prisioneiros, e os portugueses atravessando em botes de couro o Uruguai, atacaram ali os espanhóis, tomando-lhes três peças. Antes de efetuada esta conquista fizera-se a paz com a Espanha. Com as repetidas lições dos vizinhos tinham os portugueses

aprendido a sofismar a interpretação dos tratados, e seguindo-lhes agora o exemplo, alegaram que não tendo as Sete Reduções sido especificadas na convenção de Badajoz, assistia-lhes a eles o direito de ficar com elas. Resolveu recobrá-las à força o Marquês de Sobremonte, seguinte vice-rei de Buenos Aires, resolução que o rei aprovou, mas por demais embaraçada a Espanha com negócios mais sérios para levar avante este propósito, ficaram aquelas reduções anexadas ao Brasil. Enquanto duravam estas hostilidades subiram os espanhóis da Assunção o Paraguai, comandados por D. Lázaro de Ribeira com quatro escunas e vinte canoas, indo pôr cerco à Nova Coimbra. Galhardamente a defendeu Ricardo Franco de Almeida, obrigando os sitiantes a retirar ao cabo de nove dias com alguma perda. Foi esta a primeira vez que os guaicurus e paiaguás viram europeus fazerem-se mutuamente a guerra. Os portugueses pela sua parte destruíram São José, uma das últimas fundações espanholas.

Funes, 3, 404-407, Casal, 1, 172-263-287

Ao tratado de Badajoz entre Portugal e a Espanha seguiu-se o de Madri entre aquele e a França. Nele extorquiu esta potência uma cessão de território do lado da Guiana. Nomeara o Tratado de Utrecht como divisa o rio de Vicente Pinzón, concordando então ambas as nações em ser este o Oiapoque, mas como no Tratado se não determinasse a latitude, pretendera a França ultimamente que se tinha querido dizer o Aravari, que fica sessenta léguas a sudeste do Oiapoque. Ainda não contentes porém com isto, quiseram os franceses agora para limite o Carapanatuba, rio que cai no Amazonas umas vinte milhas acima do Macapá. Assim se punham mesmo ao lado das povoações portuguesas, podendo a todo o tempo armar pendências quando mais oportuna lhe parecesse a ocasião para cair sobre os vizinhos. Formaria aquele rio até a sua nascente a linha divisória que tomaria então até ao cimo da Cordilheira que separa as águas, seguindo os cabeços até ao ponto onde a serra mais se aproxima do rio Branco, que se supunha seria a $2^{1/3º}$ N. Mas ao fazer-se a paz de Amiens substituiu-se ao Carapanatuba o Aravari, devendo a linha partir diretamente das cabeceiras deste ao rio Branco na direção do poente, declarada comum a ambas as nações a navegação da corrente. Apesar de ter a linha assim recuado consideravelmente, ainda não era pequena a extorsão que se fazia aos portugueses, que tendo, como nação, conser-

Tratado de Madri

vado sempre altos brios no meio da corrupção de todas as suas instituições, se ressentiram profundamente da injustiça a que se viam forçados a sujeitar-se.[30]

Não se sentiu logo ao princípio na América do Sul a renovação da guerra da revolução, ficando em paz o resto do mundo aparentemente isento do flagelo debaixo do qual gemia a Europa. Continuou o Brasil a florescer. A D. Fernando José de Portugal se deu por sucessor o Marquês de Alorna, mas revogada pouco depois esta nomeação, confiou-se o governo ao Conde dos Arcos. Foi na administração deste vice-rei que se empreendeu uma expedição para redução dos selvagens da capitania dos Ilhéus. Resolveu o comandante dela, João Gonçalves da Costa, explorar ao mesmo tempo o país seguindo o rio Pardo até à sua barra. Principiou por abrir uma estrada da foz do Varada ao ponto onde vem o Jibóia cair no Pardo, reunindo ali provisões e construindo canoas, e, como lhe constasse existir naquela parte do sertão uma aldeia de mongoios, destacou em busca dela uma partida de setenta homens. Alcançaram estes em quarenta e cinco dias a taba, como tais aldeias se chamam, tendo gasto grande parte deste tempo em pousos pelo caminho para curar alguns dentre os seus que tinham sido mordidos de cobras, ou haviam sofrido outros acidentes. Como amigos os receberam os mongoios, únicos selvagens daquele sertão que viviam de agricultura. Prisioneiro outrora entre os portugueses tinha um destes recebido o batismo, e deu agora notícia de existir a breve distância uma antiga mina de ouro. Em busca dela partiram parte dos portugueses e alguns destes índios amigos, mas ao aproximarem-se do sítio toparam com uma horda de botocudos, que inimigos inveterados dos mongoios, imediatamente os atacaram com fúria. Mal ferido neste reencontro foi tornado a trazer para aldeia um dos portugueses, cujos camaradas, ardendo por vingá-lo, seguiram guiados pelo capitão Raimundo Gonçalves da Costa, irmão do comandante, a pista dos botucudos, até que descobrindo-lhes ao quarto dia os ranchos, acometera-os de repente antes do romper do dia. Por detrás da sua estacada se bateram com desesperado valor os selvagens, fornecendo as mulheres tão depressa setas, quanto podiam despedi-las os homens; afinal porém perdida a esperança da defesa, puseram-se em liga, deixando uns vinte

11 de fev. 1805

O conde dos Arcos, vice-rei

Expedição pelo rio Pardo abaixo

mortos e algumas crianças. Ali se encontrou grande cópia de ossos humanos e *maracás* feitas de omoplatas ligadas, ao som de cujo matraquear costumavam dançar nos seus festins antropófagos. Persuadiram-se os portugueses de que comiam estes índios os seus próprios mortos e matavam todos quantos iam envelhecendo, tirando a primeira conclusão da prodigiosa quantidade de ossos humanos que encontraram, e a segunda com igual precipitação do fato de não terem encontrado entre eles um só velho, apesar de os haverem tomado de surpresa, sendo vista toda a população. Na volta para a aldeia dos mongoios encontraram a mina de ouro. Era evidente tê-la muita gente lavrado em já remotas eras: dentro da mesma mina cresciam árvores, e das raízes das que os mineiros tinham cortado, vergônteas haviam rebentado tão grossas e grandes já como o primitivo tronco. Apanhando algumas amostras de ouro, foi o destacamento unir-se ao seu comandante à foz do Jibóia. Restabelecidos os doentes e os feridos, destacou o mesmo oficial com a mesma gente em busca de outras aldeias de mongoios, das quais apareceram efetivamente cinco, deixando-se os moradores conciliar até certo ponto. Entretanto embarcava João Gonçalves sobre o rio Pardo, chegando, após uma perigosa navegação entre corredeiras, à embocadura do Catolé, onde arranchou a tropa, aguardando o destacamento que andava por fora. Chegou este no fim de trinta e cinco dias de explorações, vindo a gente muito alquebrada das fadigas que passara. Viu-se o comandante obrigado a licenciar cinqüenta que se fossem tratar em casa, e com o resto, reduzido agora a vinte e um, seguiu rio abaixo. Era perigosa a navegação, e povoado o lugar de botocudos, o fumo de cujas habitações freqüentemente se avistava. Após vinte dias, passadas as corredeiras, entrou-se em águas mansas, e em oito dias mais alcançou-se a povoação de Canavieiras, que é a que os portugueses têm mais pelo rio Pardo acima, ali chamado Patipé, identidade que até ali conjecturada apenas foi assim averiguada.

Investigador Português. **T. 23, p. 397, 412**

Chegado era o tempo em que devia a América do Sul sentir o efeito dessas momentosas mudanças que cada ano fazia na Europa. Tentaram os ingleses contra Buenos Aires uma rápida empresa, cujo bom êxito induziu o governo britânico a prosseguir em planos que não autorizara, nem houvera jamais iniciado. Sem conhecimento do país e do povo foram

Expedição inglesa contra Buenos Aires

concertados esses planos, e sendo miseravelmente dirigidos na sua execução, apesar do mais exemplar ardimento desenvolvido tanto por soldados como por oficiais, a exceção do general, foi tão desastroso o resultado como o merecem todas estas tentativas de remotas conquistas. Sucessos de bem mais permanente importância deviam seguir-se. Napoleão Bonaparte, então imperador da França, aliado com a Rússia e exercendo ilimitada autoridade sobre o resto do continente, resolveu adicionar ao seu império a Península Ibérica. Neste tirano a perfídia podia igualar a ambição: enquanto procurava iludir a corte de Portugal, negociando com ela, fazia entrar com a maior celeridade no país um exército que devia apoderar-se da família real.[31] Mais do que uma vez porém encarara a casa de Bragança a possibilidade de ser expulsa do seu reino por um inimigo superior em forças. Embarcou o príncipe regente ainda em tempo, segurou-lhe os mares a poderosa proteção da Inglaterra, antiga e constante aliada de Portugal, e de Lisboa passou para o Rio de Janeiro a sede da monarquia portuguesa. Fecha este sucesso os *anais coloniais* do Brasil, e um rápido volver de olhos sobre o estado geral deste grande país ao tempo de assumir assim novo caráter a sua história, concluirá este longo e árduo trabalho.

Passa-se para o Brasil a corte portuguesa

1808

NOTAS DO CAPÍTULO XLIII

1 Nesse mesmo forte obteve um troço de dez pessoas licença para atravessar o rio e ir da outra banda. Três saltaram em terra e foram imediatamente atacados pelos guaicurus: fizeram fogo, mataram o cacique dos selvagens e outro, mas um recebeu uma lançada, que lhe varou o peito, outro foi morto a setas, e o terceiro com uma flechada no braço, correu para a canoa. Vendo-o perseguido de perto, fizeram-se os covardes companheiros ao largo, remando para o meio da corrente. Atirou-se o desgraçado a nado atrás deles, mas o sangue, que do braço lhe manava atraiu esses peixes terríveis com cujas queixadas costumam os selvagens decapitar os inimigos, e em poucos instantes estava ele literalmente feito em postas. (Francisco Alves do Prado. *Patriota*, 3, 5, p. 36).

2 Deste ex-padre obteve Francisco Alves muitas informações sobre os guaicurus.

3 Escrevia isto o autor em 1819. *N. do T.*

4 Entre os artigos que se têm no forte por conta da Coroa com presentes para estes índios, figuram verônicas e figas.

5 Chagotéia, pacachodeu, adioeu, atiodeu, oleu, landeu e cadioo, se chamam estas hordas. (Casal 1, 276).

6 Não é pouco curiosa a questão de saber de onde eles obtiveram esta prata. Francisco Alves supõe-na existente entre estes índios desde o tempo da expedição de Aleixo Garcia, sendo parte dos despojos que este trazia do Peru, quando foi morto por eles. Não será mais provável que viesse do Potosi este metal, passando de mão em mão, ora por meios legítimos ora por ilícitos?

7 É este nome tão parecido com o de Joadge, com que a si mesmos se designam os lenguas, que apesar da opinião de Hervas, fornece violenta presunção a favor da asserção de Francisco Alves, que nos lenguas quer ver um ramo dos guaicurus. No que contudo por certo não tem razão, é identificando estes últimos com chiriguanas.

8 O editor do *Patriota* (3, 4, 29) parece pôr isto em dúvida, mas muitos exemplos se têm visto, autenticando o indispensável testemunho de Humboldt o fato muito mais extraordinário de ter assim aparecido leite no peito de um homem.

9 Francisco Alves nomeia os goaxis, quanas, guatós, caivabas, bororós, * ooroas, caiapós, chiquitos e chamococos.

*Ernesto de Morais Leme, no discurso que pronunciou, recebendo Ernesto de Sousa Campos na Academia Paulista de Letras, acentua bororos e não bororós, como usualmente acontece. Disse-nos o ilustrado professor que ouviu tal pronúncia, pela primeira vez, dos lábios do salesiano Malan, que entre esses índios longo tempo andou. Igualmente o faz o padre Antônio Colbacchini, que vivendo muitos anos entre os referidos aborígines, nos dá a forma certa – *A catequese dos índios bororos do Mato Grosso* (*Rev. I. H. G. S. P.*, vol. XL.) Vide, também, a acentuação no Índice da *Rev. I. H. G. S. P.*, vol. LX, do tupinólogo Dácio Pires Correia. (P. B. B.)

10 Francisco Alves conheceu vinte e dois caciques, nenhum deles menor de quarenta anos, todos casados, e só um com filho, e esse mesmo com um único (3, 4, 21). Deste fato infere ele que semelhante costume, apesar de asseverarem eles a sua antiguidade, não podia deixar de ser recente, aliás tê-los-ia exterminado desde muito,

11 Sobre a conversão dos caiapós consulte-se a já citada *Memória* do Sr. brigadeiro J. J. Machado de Oliveira e a *Biografia de Damiana da Cunha* pelo Sr. J. Norberto de Sousa e Silva, ambas impressas no tomo XXIV da *Rev. Trim. do Instituto Hist. e Geogr. Brasil,* (F. P.)

12 Em 1720, em Vila Rica, Minas Gerais, Filipe dos Santos chefiou uma sedição e sendo vencido, acabou na forca. Filipe dos Santos afirmou, na presença do governador Conde de Açumar: "Morro sem me arrepender do que fiz e certo que a canalha do rei há de ser esmagada pelo patriotismo dos brasileiros." No mesmo ano em Pitangui houve outro movimento, chefiado por Domingos Rodrigues Prado, sufocado após sangrento combate. (P. B. B.)

13 Há equívoco do autor: a tentativa revolucionária de Minas conhecida na história pela denominação de *Conspiração do Tiradentes* teve lugar no fim do vice-reinado de Luís de Vasconcelos. (F. P.)

14 Como brevemente prová-lo-á o nosso particular amigo o Sr. J. Norberto de Sousa e Silva não cabe a Xavier a iniciativa da idéia de que foi mártir. (F. P.) *

* Entretanto, Tiradentes se tornou, logo, pelo seu entusiasmo, a figura central do movimento. A obra de Joaquim Norberto de Sousa e Silva – *História da Conjuração Mineira* – foi lida, pelo menos em parte, pelo autor, em 1860, na Sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sua primeira edição é de 1873, tendo o Instituto Nacional do Livro feito uma nova tiragem em 1948.

Joaquim Noberto diz, na obra citada:

"A idéia da independência nacional tornava-se intuitiva a todos os brasileiros. Se alguns duvidavam dela então como uma utopia, essa utopia se lhes afigurava como uma realidade no porvir; era uma aurora sob os horizontes sensíveis, cujos raios ainda douravam o ocidente. Assim ninguém poderá outorgar a sua prioridade a quem quer que seja, sem manifesta injustiça a todo um povo. Há idéias que não têm autores; pertencem a todos; não era pois uma cabeça que pensava por muitos indivíduos, mas sim, na frase de Inácio José Alvarenga, muitas cabeças em um só corpo, esse corpo com muitas cabeças é o povo. A idéia porém de república naquele império de ouro e de diamantes, a qual quando muito estender-se-ia ao Rio de Janeiro e a São Paulo, deixando o resto da colônia entregue ao cativeiro colonial, como uma vasta Guiana, pertence a um indivíduo, que a formulou hipoteticamente. Foi Gonzaga o seu autor (. . .). (P. B. B.)

15 Esse Maciel de quem fala Southey com certo desprezo era o doutor José Alves Maciel, notável pelos seus vastos conhecimentos em ciências naturais. (F. P.) *

* José Alves Maciel "espírito eminente, versado em estudos científicos, que perlustrara na Europa nos belos dias do século XVIII em que a ciência e a filosofia lutavam como exércitos. Dessas regiões luminosas, trouxera Maciel conhecimentos mais profundos que os da universidade, sobretudo esses grandes instintos humanitários que marcavam, como auréolas de apóstolos, as frontes pensadoras dessa época." (Charles Ribeyrolles, *Brasil Pitoresco*.) (P. B. B.)

16 Ainda que Gonzaga tenha negado obstinadamente o achar-se encarregado de semelhante incumbência parece certo que muito ativa era a sua parte na conspiração. (F. P.)

17 No relatório oficial do processo se disse que Tiradentes se encarregara de trazer a cabeça do governador, mas que depois o negara confessando querer prendê-lo e levá-lo com a família para além das fronteiras. Talvez a sua intenção fosse realmente esta última, mas por certo não hesitaria em ir mais longe, uma vez começada a obra. *

* Mera suposição. (P. B. B.)

18 Isto é filosofia natural, sob cuja denominação compreendiam-se nessa época as ciências físicas. (F. P.)

19 Este moto foi dado por Alvarenga. (F. P.)

20 O principal imprudente foi Xavier, que até andava pelos quartéis aliciando soldados. (F. P.)

21 De há muito que de tudo se achava informado o Visconde de Barbacena, que até comunicara o plano dos conspiradores ao vice-rei Vasconcelos assentando ambos em se mostrarem indiferentes para melhor segurarem a presa. Este Silvério era um coronel de milícias muito conhecido pela alcunha de *Joaquim Silvério*, indivíduo de péssimo caráter, que traindo seus amigos esperava com isso lucrar grande aumentos em sua fortuna. Puniu-o porém a opinião pública obrigando-o a abandonar o teatro da sua perfídia e retirar-se para o Maranhão, de onde rolado de remorsos pedia a el-rei D. João VI a sobrevivência para sua mulher e filhas da pensão de quatrocentos mil-réis que lhe foram os trinta dinheiros de Judas. Vimos a petição, na qual pela própria letra d'el-rei se acha o seguinte despacho. – ESCUSADO. (F. P.) *

* O cônego Fernandes Pinheiro refere-se à pensão para a sobrevivência da mulher e filhas de Joaquim Silvério dos Reis, negada por D. João VI. Acreditamos que fosse um pedido para acrescer as mercês já dadas ao denunciador, pois que a partir de 1794 só recebeu favores, tais como perdão da dívida que tinha para com a Fazenda Real e honrarias – entre elas o Hábito de Cristo e 200$000 de tença. E por decreto de 4 de agosto de 1808 passou a receber pensão anual de 400$000. Como Fernandes Pinheiro se reporta a um despacho do rei e fala em D. João VI, é bem possível que este pedido seja posterior ao ano de 1816, quando D. João, por falecimento de sua mãe, Dona Maria I, subiu ao trono, levando-se, ainda, em consideração, que Joaquim Silvério dos Reis morreu em 17 de fevereiro de 1819. (P. B. B.)

22 Foi mal informado o autor quanto ao lugar da prisão do Tiradentes, que não foi feita, nem em Minas, nem em casa de um dos conspiradores; e sim nesta cidade (Rio de Janeiro) na rua dos Latoeiros, onde o ocultara Domingos Fernandes da Cruz por pedido de D. Inácia Gertrudes, senhora viúva, que lhe era grata, por haver curado uma filha; circunstância esta que demonstra dar-se ao uso da medicina. (F. P.)

23 O suicida foi o dulcíssimo poeta Cláudio Manuel da Costa, que fora secretário do governo e varão por muitos títulos respeitável, cuja biografia, enriquecida de notas e esclarecimentos inéditos, acabamos de publicar na *Revista Popular* do Rio de Janeiro de 15 de dezembro de 1861. (F. P.) *

* Cláudio Manuel da Costa, além de poeta notável e dos maiores da língua portuguesa, era jurista, possuía grande cultura. Foi procurador da Coroa, desembargador e por duas vezes secretário de governo. "Era a principal figura da Capitania, tinha que ser um inconformado, naquele regime de força", diz Jarbas Sertório de Carvalho, num ensaio sobre o poeta, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* nº LI, no qual defende, com boa documentação, a tese de que Cláudio Manuel da Costa, não se suicidou, mas que foi assassinado na prisão. A morte do poeta e revolucionário Cláudio Manuel da Costa, é, portanto, um pouco controvertida dos acontecimentos que abalaram a colônia nos últimos anos do século XVIII. (P. B. B.)

24 Quisera a piedosa rainha* D. Maria I perdoar a todos da pena capital; foi porém desviada deste propósito pelos seus conselheiros, que entendiam conveniente dar um exemplo de severidade fazendo-o recair sobre o desditoso Xavier, talvez o menos culpado, mas cuja obstinação, ou antes temeridade de assumir toda a responsa-

bilidade da conspiração tornava-o, aos olhos da lei, como primeiro cabeça dela. O dia da sua execução foi de grande gala comparecendo toda a guarnição de uniforme rico e cantando-se um *Te Deum* em ação de graças. (F. P.)

* Não fora o Cônego Fernandes Pinheiro súdito de D. Pedro II, bisneto de Dona Maria I, chamada *A Louca,* e veríamos no adjetivo uma dose de amarga ironia. (P. B. B.)

25 A circunstância de ser Gonzaga magistrado português influiu muito para a disparidade da pena que lhe foi imposta pelos seus colegas de alçada. (F. P.)

26 A nobre conduta de Xavier nesta melindrosa conjuntura contrasta com a de Gonzaga, que para justificar-se não duvidou de comprometer seus mais íntimos amigos. (F.P.)

27 Chamava-se ele Manuel Joaquim de Sá Ponto do Rego Fortes. (F. P.)

28 Na Introdução mostramos porque Southey vê o movimento mineiro sob esse prisma. Vivendo na Europa, colhendo dados em Portugal, ou diretamente, pois lá esteve duas vezes, ou por intermédio de seu tio reverendo Hill, contemporâneo dos acontecimentos, só podia estudá-los na "versão dos juízes" como disse Ribeyrolles, e ver o "alferes do lado português" conforme escreve Luís Vanderlei Torres em nota que apresenta a sentença que condenou Tiradentes da parte que se refere ao chefe revolucionário, publicada na *Revista Interamericana do Ministério Público*, nº 4. Só mais tarde, com o exame dos autos (que, por fim, foram publicados, em 7 volumes, em 1938, pelo Ministério da Educação) e com a proclamação da República, pois que a rainha sob cujo reinado foi Tiradentes condenado, era avó de Pedro I e bisavó de Pedro II, foi possível a reabilitação completa do herói e mártir da Independência. (P. B. B.)

29 Depois Marquês d'Aguiar, a quem coube a honra de ser ministro d'el-rei D. João VI, quando no Rio de Janeiro fixou a sua corte. (F. P.)

30 Depois disto tiveram os portugueses a satisfação de fixar por si mesmos os seus limites, tendo tomado Caiena a Napoleão, a qual só depois da queda deste restituíram à França. Pelo tratado de 28 de agosto de 1817 tomou-se outra vez o Oiapoque por divisa, e para evitar todas as cavilações futuras declarou-se ficar a sua foz entre 4 e 5 graus de lat., N. e 322º long. E, da ilha de Ferro. Daqui partiria a linha divisória nos termos do Tratado de Utrecht.*

* Para elucidação desta questão que tanto interessa aos bons brasileiros recomendamos a leitura da magistral obra que publicou em Paris o nosso ex-encarregado de negócios da Holanda o senhor Dr. Joaquim Bastam da Selva. (F. P.)

31 D. João, Príncipe Regente, estava indeciso entre a Inglaterra e Portugal. Napoleão percebeu logo que dados os laços que prendiam Portugal à Inglaterra, a decisão seria, afinal, contra ele. Daí sua decisão de invadir Portugal. Na dúvida tinha que agir. Foi o que fez. (P. B. B.)

. . . .

Capítulo XLIV

PROGRESSOS DO BRASIL NO CORRER DO SÉCULO XVIII, E SEU ESTADO AO TEMPO DE PASSAR-SE PARA ALI A SEDE DO GOVERNO

NUNCA jamais houve nação que em proporção dos seus meios tanto fizesse como a portuguesa. Pequeno como é Portugal, um dos mais diminutos reinos da Europa, e longe de ser bem povoado, apoderou-se por bom direito de ocupação da parte bela do mundo novo, e suceda o que suceder, sempre o Brasil há de ser a herança de um povo lusitano. Estende-se o Brasil em comprimento por trinta e quatro graus de latitude, e na parte mais ancha a largura lhe iguala o comprimento. Ao transferir-se de Lisboa para aqui a sede do governo, muito divergiam entre si, segundo a latitude e altura das províncias e outras circunstâncias locais, os costumes e a condição dos moradores, mas por toda a parte era português e povo, português na linguagem, português nos sentimentos, e animosidades provinciais não as havia. Apesar de muitas causas que o tinham contrariado, muito grande era o progresso geral feito no século antecedente.

Capitania-geral do Grão-Pará

Nenhuma das antigas Capitanias experimentou maiores mudanças do que a do Pará. Já pela sua insubordinação e turbulência se não assinalava o povo. Tivera por fim o cativeiro dos índios, e quando só negros se permitiu vender como escravos, diminuíram os males da escravidão havendo menos quem os sofresse, nem de quem comprava um preto se podia recear tanto que o matasse à força de maus-tratos, como de quem apanhava um índio, onde podia. Mas a todos os outros respeitos desprezadas tinham sido as leis protetoras dos indígenas. Meio século se passara desde que Pombal promulgara esses regimentos, com que esperava pôr os naturais aborígines no mesmo pé com a raça européia, incorporando num só corpo político todas as castas e todas as cores, pois que tais eram indubitavelmente as suas vistas. Mas expulsando os jesuítas, e tirando aos missionários toda a autoridade, fez o ministro abortar os seus próprios planos. Substituir aqueles padres era impossível, e contudo parece ele nem sequer ter pensado na dificuldade! Mais do que em outra nenhuma parte do Brasil se sentiram no Pará as conseqüências funestas, porque nenhures floresciam elas tanto. Homens brutais eram de ordinário os diretores, que só para extorquir dos miseráveis índios o que podiam, solicitavam o emprego. Não quisera a lei conferir-lhe senão uma autoridade diretora, mas quão pouco deve Pombal ter refletido sobre a natureza do homem bruto, e a tendência que o poder tem para corromper os de melhor massa (lição que do próprio coração pudera haver aprendido) se supôs que indivíduos semelhantes se conteriam dentro dos seus limites. Os índios, a quem legalmente tocava a magistratura temporal, só o nome desta possuíam. O padre e o diretor ou andavam desavindos, se o primeiro tinha consciência do seu dever e sentimentos de compaixão, ou davam-se as mãos para oprimir os índios, e o governador por melhores que fossem as suas intenções e benévolos os seus desejos, fechava os olhos aos abusos, e deixava impunes os maiores malvados, não achando homens de bem que pôr em lugar deles.

Más conseqüências da demarcação para os índios

Veio uma causa acidental acelerar mais a despovoação que semelhante sistema não podia deixar de dar em resultado. A demarcação que desde o primeiro tratado de limites prosseguiu com pequenas interrupções até que Por-

tugal e Espanha se viram envolvidos na guerra da revolução francesa, tornou-se nas suas conseqüências um mal grande para os índios do Pará e suas dependências. Foram aos bandos apenados nas aldeias para serviço dos comissários. Prolongava-se definidamente esse serviço, que sobre ser feito em regiões insalubres, era tão pesado que a maior parte dos índios nele empregados, ou morreram, ou ficaram para sempre inválidos, obrigando o medo de igual sorte muitos a desertar e volver à vida selvagem. Dos soldados empregados na demarcação ou estacionados no que outrora fora aldeias, se diz que com a devassidão que introduziram, mais agravaram o mal ainda, contudo mesmo sem este auxílio não faltavam nem mestres de depravação nem tendência bastante para ela. Os brasileiros que freqüentavam as aldeias ou nelas se estabeleciam eram por via de regra homens do pior caráter... de baixa criação, mais baixos espíritos, e impudentemente viciosos. Viviam com as leis em guerra aberta, e em desprezo completo da decência, e se por bem não podiam obter mulheres, tomavam-nas pela força. Melhores raras vezes eram os diretores.[1] Como sucede a todos deixavam-se os índios levar bem mais depressa do exemplo do que do preceito: uma e outra coisa concorriam para melhorá-los no tempo dos jesuítas, e se ambas não bastavam, possuíam estes padres uma autoridade que sempre exerceram com prudência, e que, quando não emendava uma índole viciosa, servia ao menos para evitar que se praticasse abertamente o vício. Não tardaram porém os índios a sentir-se emancipados de toda a disciplina moral, sem autoridade os novos pastores e os diretores a darem-lhes o exemplo de infrene licenciosidade. O bispo do Pará, D. Fr. Caetano Brandão, excelente e exemplar prelado que entre os anos de 1784 e 1788 cumpriu o árduo dever de visitar quase toda a sua extensa diocese, quase em cada página do seu diário lamenta a decadência das aldeias, e o estado degradado dos índios. Nada, diz ele, mais deplorável do que a moral desta gente; eram a embriaguez e a incontinência os seus vícios incorrigíveis, e baldados todos os esforços do padre, se porventura os empregava, para emendá-los. Das censuras eclesiásticas, que tão eficazes haviam sido no tempo dos jesuítas, todos se riam agora, abstendo-se pois prudentemente o clero de expô-las ao desprezo, meios coercitivos não os tinha este, e contra exortações e repreensões estavam completamente calejados os índios. O bom coração e espírito

tolerante do bispo o levavam a reprovar a coação, meio de corrigir que reputava ilegítimo em si, contrário à prática dos bons tempos da Igreja, e mais próprio para fazer hipócritas do que contritos. Injusto e monstruoso na verdade teria sido castigar os índios por coisas que eles viam os brasileiros praticar todos os dias impunemente; mas há uma salutar disciplina, com que por certo se evitam a freqüência e o escândalo dos pecados, e que sem detrimento da república se não pode relaxar ou pôr de parte. Os missionários franceses da Guiana que antigamente recebiam nas suas aldeias fugitivos das do Brasil, deram honroso testemunho dos cuidados empregados pelos jesuítas portugueses na civilização dos índios[2], e do proveito com que os haviam instruído nos princípios da fé católica. Agora ficou pasmo o bispo ao ver-lhes a ignorância e a indiferença em matéria de crença, diz o prelado, sim e não para eles tudo é o mesmo. O canto contudo parecia impressioná-los mais do que qualquer outra forma de culto, havendo este seguro fundamento para esperar que, insensíveis como se mostravam a outros meios, moviam-nos os bons exemplos principalmente da parte dos seus pastores. Por indício era a sua total indiferença por tudo quanto ia além das necessidades animais. Em nada, diz o prelado, diferiam de chiqueiros as suas casas, exceto em serem talvez mais imundas e menos abrigadas. Contentavam-se com quatro postes, servindo folhas de telhado e paredes; por alfaias e utensílios tinham uma rede, uma corda para pendurar os poucos trapos com que se vestiam e um púcaro em que misturavam farinha de mandioca com água fria, de ordinário seu único alimento. Diziam os diretores que os homens que saíam para o serviço do governo ou de particulares, partiam sem manifestar o menor cuidado por suas mulheres e filhos, e quando afinal voltavam, às vezes após uma ausência de muitos anos, estas nem os argüiam por terem andado tanto tempo por fora, nem lhes perguntavam onde tinham estado, recebendo-os antes sem emoção alguma aparente, como se houvera sido de ontem a partida. Mas isto que como prova da natureza insensível e inferior dos índios se relata, não é mais do que a natural conseqüência da extrema falta de todas as comodidades a que se viam reduzidos, e do pouco atrativo que para eles podia ter a sua aldeia, em que só para oprimi-los serviam as leis. A sua capacidade de progresso e o seu desejo de melhorar de condição, tinham-no eles mostrado sob

o regime dos missionários, e ainda agora, se porventura tem um diretor humano e um padre virtuoso, muitos se mostram industriosos e felizes.

Jornal de Coimbra, **T. 4, 107-122**

Como nos tempos dos missionários se não contrabalançava com a constante afluência de novos recrutas a grande despovoação sofrida pelas aldeias, pois quem havia aí, que às florestas fosse procurar os selvagens, ou com que engodos os levariam a vir pôr-se à discrição de duros feitores, que em compensação da liberdade nenhum benefício lhes ofereciam? De tempos a tempos contudo algum reforço se tirava de fonte diversa. Não só o Amazonas, mas quase todos os rios que nele vêm cair na parte superior do seu curso através dos domínios portugueses, andavam infestados dos muras, e fugindo a estes implacáveis inimigos vinham hordas mais fracas buscar o abrigo das aldeias, embora contassem vir achar nelas o cativeiro.

Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. Ms.

O mais remoto estabelecimento dos portugueses pelo Amazonas acima é o presídio de São Francisco Xavier de Tabatinga[3] à foz do Javari: a distância da cidade do Pará calculam-na os canoeiros em 484 léguas, viagem para 87 dias. No seu governo transferiu Fernando da Costa de Ataíde Teive a guarnição daqui para um lugar duas léguas mais acima, onde o rio se contrai tanto que nenhuma embarcação pode passar não vista das sentinelas, ficando assim a navegação completamente dominada. Mas achando-se manifestamente dentro da demarcação espanhola foi esta posição mais tarde abandonada, voltando o presídio para o seu antigo sítio. Três léguas abaixo de Tabatinga fica a vila de São José, povoada de tucunas, que caçam, pescam e cultivam a terra. Descendo mais dez léguas encontra-se Olivença, outrora aldeia de São Paulo, onde Condamine se alegrou de ver-se outra vez num lugar que alguns vestígios apresentava de civilização e conchego. Depois disto se lhe incorporou a povoação de São Pedro, sendo ela mesma elevada a vila em 1759 por Joaquim de Melo e Póvoas, primeiro governador do Rio Negro.

Província do Solimões

Esta vila, que Ribeiro chama a corte de Solimões, está assentada sobre um cabeço tão a prumo que do porto mal se descobrem os cimos das casas. Nas vizinhanças freqüentemente se desmoronam as ribeiras, afora isto tem a situação muitas vantagens. Ali abundam deliciosas frutas, cresce uma árvore, de que se pode fazer anil tão bom como o

do arbusto que para este fim se cultiva e estava aquelas regiões e ilhas adjacentes cheias de cacau, de que levavam ao Pará os industriosos índios ali estabelecidos carregamentos inteiros. Era aqui que se encontravam ainda as principais ruínas dos omáguas, nação outrora tão numerosa, tão famosa pelas fábulas das suas prodigiosas riquezas. Quando em 1774 esteve Ribeiro em Olivença, já estes índios tinham abandonado o seu aparelho para achatar a fronte e alongar as cabeças das crianças, continuando porém a admirar tanto o antigo padrão de beleza que as moldavam à mão. Pouco a pouco se foi contudo perdendo inteiramente o costume. Eram estes naturais mais belos do que nenhuma das outras tribos sobre o rio, e mais bem configurados, passando igualmente pelos mais civilizados e inteligentes. Ambos os sexos usavam um vestido que eles mesmos fabricavam, e na forma exatamente semelhante ao poncho. Cultivavam o algodão, de que faziam não só estes vestidos, mas também roupa e cobertas para uso de casa e para vender, podendo uma tribo de índios manufatureira e comercial, diz Ribeiro, olhar-se como um prodígio. Os seus antigos inimigos tucunas, cujas cabeças costumavam suspender como troféus nas suas casas, e de cujos dentes soíam fazer colares, viviam agora com eles em paz na mesma aldeia, em que havia também representantes das tribos passé, juri e xomana.

Ribeiro. Ms. Casal, 326

Mais rio abaixo ficavam Castro de Avelães, Fonteboa e Alvaréns ou Caiçara, lugarejos habitados por índios mansos de muitas tribos. Este último, sobre uma lagoa perto do Amazonas, continha em 1788 mais de duzentos moradores, mas fora mal escolhido o sítio, criando as águas do lago uma perpétua praga de insetos. Livre deste flagelo está Nogueira, a povoação mais próxima, alegre e agradável com suas casas regularmente edificadas e alamedas de laranjeiras pelas ruas. Entre ela e Alvaréns abre um canal natural de fácil comunicação quando vão cheios os rios. Os moradores que em 1788 orçavam por quatrocentos, eram pela maior parte índios de diversas tribos, com diferentes espécies de raça mista, descendentes dos conversos dos carmelitas. Se depois da mudança degeneraram na indústria não é líquido, mas na moral sem dúvida a fizeram, porquanto, examinado em 1788 o registro dos batismos, achou o bispo a maior parte das crianças assentadas como filhos de pais incógnitos. A Nogueira se seguia Ega, sobre o Tefé, grande rio navegável para batéis pequenos até uma distância de dois meses da sua foz,

D. Fr. Caetano Brandão. *Jornal de Coimbra,* **4, 332**

mas para embarcações maiores apenas por alguns dias. Nem as cabeceiras, nem os nomes ou número dos afluentes se lhe conhecem, não explorado ainda suficientemente o sertão, para se saber onde terminam as terras planas: sabia-se desde muito abundarem em pastos as altas chapadas do interior, mas expulsas todas as outras tribos, imperavam ali como senhores os muras. Claras e cor de âmbar são as águas do Tefé. Assentada está Ega sobre a margem oriental, onde duas léguas acima da sua junção com o Amazonas forma o rio uma formosa enseada. Na estação seca apresenta esta angra uma linda orla de alva areia, e cheios os rios bordam-na aracaranas, arbustos com flores brancas e pétalas amarelas, da mais deliciosa fragrância. Aqui cultivam os índios, que são de quinze tribos diversas[4], mandioca, legumes, arroz, milho, frutas e plantas culinárias de muita espécie; apanham mel, salsaparrilha, cacau, canela e cravo indígena, que escambam por instrumentos de ferro e pano de lã. As mulheres fiam, tecem e fabricam redes. Fazem estes índios um uso particular das folhas secas e pulverizadas de um arbusto chamado ipadu. Enchem a boca com este pó, a ponto de estofar as bochechas, e vão-no engolindo gradualmente, metendo continuamente mais na boca, de modo que tenham esta sempre cheia. Dizem que isto lhes tira tanto a necessidade como a vontade de dormir, conservando-os num delicioso estado de indolente tranqüilidade, que, segundo Ribeiro, é o maior gozo dos americanos que vivem entre os trópicos. Constituía Ega a principal missão dos carmelitas, transferida da ilha dos Veados para a sua atual situação por Fr. André da Costa, e em 1759 elevada à vila com o nome que hoje tem, por Joaquim de Melo e Póvoas. Naquela parte do rio chamado Solimões, serviu de quartel-general à gente empregada na demarcação dos limites, e a essa circunstância imputou o bispo o grande aumento de devassidão nas povoações vizinhas. Contudo se esta missão política dava maus exemplos também os oferecia bons, e em Ega encontrou o virtuoso prelado uma senhora espanhola, a quem, diz ele, não seria fácil encontrar segunda em toda a Espanha. Era mulher do comissário espanhol, e ao passo que dava às filhas uma educação moral e religiosa, nada omitindo que pudesse habilitá-las a desempenhar os deveres de uma dona de casa, ensinava-lhes francês e latim.

Sobre o grande rio imediato, Cuari ou Cuara, a quatro léguas da sua foz, se elevava Alvelos, como Ega, à arenosa margem de encantadora baía. Em 1788 não chegava a sua população bem a trezentos habitantes, muitos dos quais eram soldados de Portugal, casados com índias, e o resto variegado misto de muitas tribos.[5] Miseráveis casebres de estacas e palha lhes serviam de habitação, e qualquer que fosse a disposição que tivessem para cultivar a terra, inutilizava-a uma espécie de formiga chamada caúla, tão numerosa e destruidora, que nada que se plantasse lhe escapava. A outros respeitos é delicioso e salubre o sítio e inteiramente isento da praga de insetos alados, que tão terrivelmente infestam o Amazonas. Entre os moradores se contavam os principais restos dos solimões, outrora tão numerosos, segundo uma etimologia, que deram o nome ao rio da embocadura do Madeira para cima. Também se viam aqui alguns cataunixis, notáveis pelas malhas brancas que têm em várias partes do corpo. Não nascem com elas, mas aparecem-lhes quando estão crescendo até passados os vinte anos de idade, parecendo contagiosas. Não se diz porém que seja dolorosa a enfermidade, nem que causa incômodo algum, havendo indivíduos da mesma tribo, que passam sem ela. Falta de indústria não havia entre os moradores desta vilinha; tinham seu gado, grande meio de civilização, onde ele se não multiplica tanto e tão facilmente que torne o povo meramente carnívoro. Teciam algodão, faziam esteiras e obras de barro, apanhavam produtos silvestres, e dos ovos de tartaruga extraíam esse óleo espesso que tão procurado é por todo o Pará. Com eles vivem em termos amigáveis os muras, trazendo tartarugas e salsaparrilha em troca de machados e facas; mas não se deixavam estes selvagens induzir a abandonar o seu sistema de vida, nem havia já quem tivesse o zelo preciso para aprender-lhes a língua no intuito de catequizá-los. Esta vila, que como as outras todas acima do Madeira fora originariamente uma aldeia de carmelitas, foi por diferentes vezes transferida antes que Fr. Maurício Moreira a assentasse no lugar que ocupa.

Alvelos

Província de Solimões se chamava toda a região entre o Madeira e o Jamari, subordinada ao governo do Rio Negro, que a seu turno dependia do do Pará. Só uma vila mais havia nesta província, que era Crato, fundada depois de 1788 muito pelo Madeira acima sobre a margem esquerda. Tornou-se este lugar estação importante, em razão do

trânsito entre o Pará e Mato Grosso, índios eram os seus moradores e gente de sangue mesclado; apanhavam produtos silvestres, cultivavam gêneros de primeira necessidade, e caçavam tartarugas na praia de Tamanduá, quatro léguas abaixo das corredeiras ou catadupas de S. Antônio, conservando-as em caniçadas dentro da água. Menos povoada e menos adiantada do que outra nenhuma parte do Brasil, achava-se esta província, com a única exceção da fundação de Crato, em estado talvez pior do que quando em poder dos carmelitas. Mas a mistura de raças que tem tido lugar, é conjuntamente um melhoramento físico e uma grande vantagem política. Estão lançados os fundamentos e principiada é a obra. Só esta província iguala em extensão toda a ilha da Grã-Bretanha, e os meios de comunicação, que com remotas partes possui por grandes rios navegáveis, ligados uns aos outros por canais abertos pela natureza, são tais como só na América do Sul existem. O Madeira e o poderoso Amazonas, mencioná-los basta; dos rios que correm do lado do Novo Reino e da Guiana já demos notícia, mas o Purus, o Coari, o Tefé, o Juruá, Jutaí, Javari são tais que cada qual deles passaria na Europa por uma corrente de grande magnitude, medindo o mais pequeno dentre eles mais de trezentas braças na sua boca. Supunham-se-lhes antigamente as nascentes nas montanhas do Peru, mais é isto impossível, salvo havendo no sertão grande ajuntamento de águas como a lagoa do Xaraiés, onde tantos rios vêm unir-se para formar o Paraguai, porquanto averiguou-se existir por detrás deles todos uma comunicação entre o Ucaiali (principal corrente do Amazonas) e o Mamoré por intermédio do lago Rogagualo, na província dos moxos, e do rio da Exaltação. Se os rios desta província vêm daquela lagoa, ou têm mais ao norte suas nascentes, não se descobriu ainda, tendo a abolição da escravidão dos índios feito desaparecer o principal motivo pelo qual se exploravam os rios no coração do continente, e aventurando-se os portugueses de Solimões raras vezes muito longe naquela direção, e nunca além dos limites das tribos suas aliadas. Senhoreiam os muras parte da margem do rio, que ainda se mostra em estado tão selvagem aos olhos dos navegantes, como outrora aos de Orellana e seus companheiros, coberta de magníficas florestas em que nunca se ouviu soar o machado. Muitas tribos[6] havia nestes sertões, nenhuma tão poderosa, distinguindo-se entre elas os culinós pelas suas faces redondas e olhos grandes, os maiurunas por

formarem um círculo no alto da cabeça, não cortando nunca o cabelo, eriçando de compridos espinhos o nariz e os lábios, trazendo nos cantos da boca longas penas a figurar bigodes, e matando os que estão perigosamente doentes para não emagrecerem muito antes de morrer; mas talvez lhes façam injustiça os portugueses, supondo que para isto lhes seja motivo o desejo de melhor se banquetearem com o cadáver, quando é mais natural que assim procedessem por alguma selvagem noção de superstição ou quiçá de humanidade.

Capitania do Rio Negro

Rapidamente progredia a Capitania do Rio Negro, mais rapidamente porventura do que outra nenhuma parte do Brasil, excetuados os portos de mar no Sul. Ao promulgar-se a lei de Pombal para a expulsão dos missionários, oito aldeias somente havia sobre o rio; multiplicaram-se depois disso as povoações a ponto de que só das mais notáveis poderemos aqui fazer menção. A mais remota é a de São José dos Marabitanas sobre a margem direita, a 485 léguas de Belém, o que se reputa viagem de oitenta e seis dias. Ali estava estacionada uma guarnição, sendo os demais habitantes índios da tribo de que toma o lugar o seu nome, e da nação ariini. Ficava nove léguas abaixo da foz do Caciquiare, que estabelece essa comunicação com o Orinoco, que naquela época com tanto desplante se negava: computa-se ser de cinqüenta léguas a distância em linha reta. Entre o forte de São José e Lamalonga, distância de umas 112 léguas, havia como dezessete povoações pela maior parte formadas de índios mansos, umas de um lado do rio, outras do outro. O país intermediário produz especiaria, cacau, e salsaparrilha. Muitos afluentes consideráveis vêm engrossar o rio Negro nesta parte do seu curso, comunicando muitos deles entre si por meio de pantanais na estação chuvosa, ou canais naturais a todo o tempo, mas a trinta e cinco léguas acima de Lamalonga, acha-se interrompida a navegação, tornando-se depois cada vez mais difícil daí para cima. Ergue-se Lamalonga à margem direita, numa posição que a Ribeiro pareceu a melhor sobre aquele rio para uma cidade grande. Deveu a sua fundação a uma contenda entre dois caciques índios, ambos batizados, e ambos moradores da aldeia de Bararua: retirando-se com os seus sequazes veio um deles, por nome José João Dary, estabelecer-se aqui, onde se erigiu uma igreja, não tardando a engrossar o número de moradores, incorporados neles os de outra aldeia. Eram os habitantes uma raça mista de manaus, barés e bambas.

Casal, 2, 349-354

Pouco acima de Lamalonga vem desembocar o rio Hiiaa, que embora inconsiderável a outros respeitos, se faz notar por ter sido o quartel-general de um cacique manau, por nome Ajuricaba, famoso nos seus dias e famoso ainda hoje naquelas partes. Eram os manaus a mais numerosa tribo sobre o rio Negro, e extremamente poderosos devem ter sido outrora, se deles, como parece provável, derivou o seu nome o fabuloso império de Manoa. No estado selvagem são antropófagos estes índios, e acreditam em dois espíritos, bom e mau, chamados Manara e Sarana. Um dos mais poderosos caciques desta poderosa nação foi Ajuricaba que, pelos anos de 1720 fez aliança com os holandeses de Essequibo, traficando com eles por via do rio Branco. Em escravos consistia da sua parte a mercancia. Para obtê-los arvorava a bandeira holandesa, e percorria o rio Negro com uma armada de canoas, capturando quantos índios podia haver à mão, e infestando tão cruelmente as aldeias dos carmelitas que João Maia da Gama, que como governador do Maranhão e Pará sucedera ao cronista Berredo, destacou Belchior Mendes de Morais com uma coluna de infantaria a protegê-los. À sua chegada soube Morais ter este terrível inimigo acometido pouco antes a aldeia de Aracari, levando muitos moradores. Imediatamente o perseguiu, alcançando-o ao cabo de três dias, mas observando mais restritamente do que requeriam ou podiam justificar as circunstâncias a letra das suas instruções, contentou-se com recuperar os prisioneiros e repreender severamente o cacique. Remeteu-se para Portugal um relatório oficial do que se passara, e do estado miserável a que contínuas depredações deste nefário selvagem reduzia os índios mansos, e logo vieram ordens para fazer-lhe a guerra, a ele e à sua tribo. Enviou-se João Pais do Amaral com reforços a fazer junção com Morais e tomar o comando das forças reunidas. Dirigiram ambos tão acertadamente as suas operações, que capturaram Ajuricaba e mais de dois mil dos seus índios. Embarcaram-no para o Pará, onde se lhe instaurasse um processo que terminaria sem dúvida por uma sentença de morte. Pelo caminho tentaram ele e os seus companheiros de cativeiro subjugar a escolta e apoderar-se da canoa. Não foi sem grande dificuldade que se lhes venceram os desesperados esforços, e depois de domados e acorrentados todos, espreitou o resoluto selvagem a ocasião oportuna para atirar-se à água com os seus grilhões, perecendo por seu próprio

Ajuricaba, o caçador de escravos

ato e vontade. Mas os manaus, que exultavam com as proezas do seu cacique, e a reputação que este lhes adquiria sobre todas as hordas vizinhas, não quiseram crer que tal homem pudesse morrer, e continuaram a suspirar pela sua volta, como os bretões esperaram pela vinda de Artur, e muitos portugueses esperam ainda pela d'el-rei D. Sebastião.

Ribeiro. Ms.

Três léguas abaixo de Lamalonga sobre a mesma riba se ergueu Tomar, outrora aldeia de Bararua. Chamou-a Ribeiro a corte dos manaus, mas quando quinze anos mais tarde a visitou o bispo, passara a vila por grande despovoação, cujas causas se não declaram. Dizem ter ele chegado a contar para cima de mil pessoas de sexo masculino capazes de trabalhar, enquanto que em 1788 não passava de quinhentos o número total dos moradores. Talvez seja exagerada a pintura da antiga prosperidade, mas nem por isso deixa de ser certo ter ela declinado muito. Introduzido de fresco pelo governador Manuel da Gama estava o cultivo do anil, que restituíra a atividade à população, fazendo conceber esperanças de volver o antigo bem-estar, para o que contribuía o exemplo do vigário, honrado homem, que com consciencioso zelo se dedicava à instrução da mocidade. Também havia várias olarias, cobertas de telha feitas no mesmo lugar a igreja e as casas. Os moradores índios eram das nações manau, baré, passé e mainana.

Tomar

Ribeiro. Ms. *J. de Coimbra*, **4, 357. Casal, 2, 344**

Abaixo de Tomar dezessete léguas e sobre a mesma margem se vê Moreira, fundada sobre terreno alto. Como Lamalonga deve ela a sua origem na mesma disputa entre alguns dos caciques estabelecidos na mesma aldeia, um dos quais, por nome de João de Meneses Cabuquena, se passou por este lugar com os seus aderentes. Era Cabuquena um fervoroso converso, muito afeiçoado aos missionários, e por amor deles aos portugueses. Acompanhou-o para a nova colônia o carmelita Fr. Raimundo de S. Elias. Ali residiam pacificamente quando em 1757 rebentou uma formidável insurreição, que foi fatal a ambos, pouco faltando para causar a ruína de todos os aldeamentos sobre o rio Negro. Um índio de Lamalonga por nome Domingos fora compelido pelo missionário deste lugar a separar-se de uma mulher com quem não estava casado. Ressentindo-se disto com selvagem azedume, conspirou o homem, para tirar vingança, com três caciques, que apesar

Moreira

de batizados com os nomes de João Damasceno, Ambrósio e Manuel, eram cristãos só nesses. Atacaram eles e os seus sequazes a casa do padre, procuraram-no em vão para assassiná-lo, saquearam-lhe ou destruíram-lhe todos os haveres, entraram à força na igreja, derramaram o santo óleo, e levando as alfaias e vasos sagrados, puseram depois fogo à aldeia. No dia seguinte trataram de formar alianças, logrando induzir outros índios a seguir-lhes o exemplo. Reunida assim uma força considerável, caíram de improviso sobre Moreira, então chamada Cabuquena do nome do seu fundador, e tanto este cacique como Fr. Raimundo foram vítimas da matança que se seguiu. Exaltados com o triunfo, e engrossado provavelmente o seu número com os turbulentos do lugar, atreveram-se a marchar sobre Barurua, depois vila de Tomar. Ali estava com um destacamento de vinte homens o capitão de granadeiros João Teles de Meneses e Melo, mas fosse que soldados ou oficial se deixassem intimidar ou que este não tivesse confiança nos moradores, que devia defender, abandonou o posto, ficando a aldeia entregue à mercê dos insurgentes. Dirigiram-se estes primeiramente à igreja, onde, na opinião dos portugueses, cometeram grande sacrilégio, cortando a cabeça à imagem de S. Rosa, para porem na proa de uma canoa. Saqueado e incendiado o lugar, tomaram posse da ilha de Timoni, formando dali uma confederação com os vizinhos índios bravos para atacar Barcelos, então recentemente elevada a vila. Favorável era o ensejo, sendo exatamente por este tempo que rebentara o motim capitaneado por Manuel Correia Cardoso. Tão receosos de um ataque andavam os moradores, que poucos se atreviam a passar a noite na vila, mas auxiliado por eles tomou o sargento-mor Gabriel de Sousa Filgueira as melhores disposições que pôde, nem os insurgentes desenvolveram a presteza necessária para o triunfo, que naquela conjetura muito bem podia ser deles. Antes que se aprestassem para seguir a sua fortuna, decorreu tempo de sobra para Mendonça Furtado saber do Pará ao comando de Miguel de Siqueira, homem acostumado à guerra dos índios. Ocupou este uma ilha defronte da foz do Ajuana, posição que lhe permitia dominar o rio. Mal teve aviso de achar-se em movimento o inimigo, postou as suas tropas em ambas as margens, recebendo-o com tal rigor, que quase sem perda da sua parte, os derrotou com grande mortandade. Perseguiu-os na fuga, avançou contra os índios bravos, que se tinham aliado com eles, e com tal resolu-

ção procedeu, que nunca mais desde então se disputou a ascendência dos portugueses sobre o rio Negro. Ali veio Mendonça Furtado no ano seguinte, trazendo consigo um ouvidor para inquirir judicialmente sobre as causas da insurreição. Três índios, que mais conspícuos se haviam tornado no levantamento, foram condenados à morte e outros a penas mais leves.

Ribeiro. Ms.

Em 1788 continha Moreira obra de trezentos habitantes, mas entre eles maior proporção de portugueses do que em outra alguma parte daquela Capitania se encontrava, e esses portugueses dos melhores homens das províncias do norte de Portugal, acostumados a uma vida dura, simples e trabalhada. Plantavam com proveito o café e o cacau, mas embora o solo se prestasse bem ao cultivo da mandioca, toda ela era presa dos inúmeros porcos bravos, em que abundavam as selvas. Os índios eram das tribos manau e baré, tornando-se a população dentro em pouco toda ou quase toda de raça mista. Belíssima a posição da vila, espraiando-se diante dela o rio em magnífica largura.

Ribeiro. Ms. J. de Coimbra 8,355. Casal, 2, 348

Outrora capital da Capitania e ainda uma das suas maiores vilas, fica Barcelos sobre a mesma margem dezesseis léguas abaixo de Moreira. Originariamente aldeia de Manaus, chamara-se Maraína. Andando à pesca encontrou um cacique desta nação, por nome Comandri, um carmelita e levou-o para casa; tão bem se deram um com o outro, que o missionário ali fixou a sua residência, convertendo o mesmo Comandri e sua mãe, que não só se tornaram sinceros conversos, mas até zelosos pela conversão de outro. Mendonça Furtado elevou o lugar à vila, e quando em 1758 se constituiu o rio Negro em Capitania dependente do Pará, para ali foi residir o governador, tomando para seu paço o que antes fora hospício dos carmelitas. Serviu Barcelos de quartel-general aos comissários da demarcação de limites desta banda; trouxeram-lhe estes, como a toda parte onde estiveram, um passageiro aumento de moradores, benefício porém mais que contrabalançado pela imoralidade introduzida e pelos efeitos do serviço compulsório. Em 1788 passava a população um pouco além de mil almas, não contada a comissão e as tropas que lhe pertenciam. Manaus, barés, baianas, uariquenas e passés eram os índios, e cultivavam algodão e anil. Bom o clima e fértil o

Barcelos

torrão, encontram-se ali em profusa abundância os mais deliciosos frutos do Novo e do Velho Mundo.

Sete léguas abaixo de Barcelos fica Poiares, chamada Câmara quando aldeia de carmelitas, e conhecida também pelo portentoso nome de Jurupariporaceitana, que em vulgar quer dizer "sala de dança do Diabo". Esta povoação, uma das belas situações do rio Negro, onde este atinge a prodigiosa largura de sete e oito léguas, habitavam-na manaus, barés e passés com considerável número de portugueses. Ali se cultivava bom café. Seguia-se o Carvoeiro, a Aracati dos carmelitas, dezessete léguas mais abaixo e sobre a mesma ribeira. Eram manaus, parauínas e maranacoacenas os habitantes com alguns brancos, somando todos em 1788 pouco mais de trezentos. Assenta-se a povoação sobre uma ponta de terra quase rodeada de água. Nos tempos de Ribeiro andava tão infestado de muras o lugar, que sem grande risco não podiam os moradores atravessar para a margem oposta, onde tinham suas plantações de cacau. Entre Carvoeiro e Poiares vem o rio Branco desaguar do lado fronteiro. É este rio que os naturais chamam Quecuené, o maior afluente do Negro. Traz a sua origem da serra Barracaina, cujas águas do lado do norte vão formar o Paraguá, um dos maiores afluentes do Orinoco; e o Maú, que da banda do sul vem cair no rio Branco, nasce numa cordilheira, de cujas contravertentes procede o Essequibo.[7] Sobre este rio tinham os portugueses sete freguesias, habitadas pela maior parte ou exclusivamente por índios no primeiro degrau da civilização.[8] Também ali possuíam um forte que seguindo o curso do rio distava do Pará 359 léguas, viagem de nove semanas na subida. Fundadas todas estas povoações depois de 1775, introduziu-se ali gado, que nos belos pastos em que abunda o país, se têm multiplicado excessivamente. Cresce em abundância o cacau, e deste rio se abastece Barcelos de peixe e tartarugas. Implica o seu nome turvo das águas. Estavam as tribos indígenas[9] no costume de ser supridas de armas de fogo pelos holandeses, tornando-se notável preferirem elas o bacamarte a qualquer outra arma.

Poiares

Carvoeiro

Ribeiro. Ms. J. de Coimbra, 4, 355-359. Casal, 2, 346-7

O rio Branco

Moura

Sobre a margem direita do rio Negro, umas nove léguas abaixo do Carvoeiro, fica Moura, uma das aldeias que Mendonça Furtado arvorou em vila pelo fácil processo de mudar-lhes o nome e erigir um

pelourinho. O terreno é baixo, porém seco e pedregoso, e plantadas de laranjeiras as ruas. Conversos das tribos juma, cocuana, manau e caragai foram os primeiros habitantes. Nação considerável fora outrora esta última, que no tempo do seu poderio fizera frente aos manaus, mas já em conseqüência desta luta, já por outras causas ficou tão reduzida, que se julgava seriam as suas únicas relíquias os colonos de Moura, até que em 1774 ali apareceu uma horda saída das selvas, a pedir admissão e proteção contra os muras, que lhe haviam entrado nas terras, matando-lhe muita gente. Em 1788 era Moura uma das mais florescentes e populosas vilas do rio Negro, contendo mais de 1.200 moradores, muitos dos quais eram soldados de Portugal casados com índias e ali estabelecidos. Felizes eram naquele tempo os índios por terem como diretor um homem de bondade a toda prova; abastado morador do lugar era o seu principal empenho e maior prazer consultar em todas as coisas o bem-estar do povo confiado aos seus cuidados. Sob a sua direção foi a igreja reparada e mantida em perfeita ordem, edificando-se regularmente as ruas. Duas vezes por dia dava lição às crianças, e olhando com solicitude verdadeiramente paternal pelo comportamento dos seus pupilos, mandava trabalhar fora quando não valiam admoestações brandas e sérias, os que com o seu exemplo prejudicavam os bons costumes. A conseqüência desta boa disciplina foi tornar-se o povo ordeiro, industrioso e feliz, prosperando a vila a ponto de ter podido exportar em grande escala, a não ter sido a demarcação de limites, que lhe tirou nada menos de cento e sessenta trabalhadores válidos, tão pesadamente fintadas em braços foram as povoações do rio Negro. Ali se cultivavam café, cacau e anil, e pouco antes se introduzira gado.

A vila do Rio Negro, antiga Fortaleza da Barra fica três léguas acima da foz do rio Negro, sobre a margem esquerda em terreno alto, seco e desigual. Condamine lhe determinou a latitude em 3º9'S e achou ser naquele lugar de 1.203 toesas (milha e meia) a largura do rio. Algumas famílias das tribos baniba, baré e passé aqui levantaram primeiramente suas casas debaixo da proteção do forte, que as punha a coberto tanto dos caçadores de escravos do Pará como dos selvagens hostis: entre elas alguns portugueses se estabeleceram e em 1788 consistia a população em 300 almas afora a guarnição. Não passavam então de pardieiros as casas, feitas de estacas e palha,

Vila do Rio Negro

mas estavam regularmente arruadas. Além da que da sua sobranceira posição tirava, outra nenhuma segurança tinha o forte. A igreja mais se assemelhava a um armazém vazio do que a um templo, com uma cancela por porta e nenhuma fechadura, de modo que na sua visita julgou o bispo dever consumir as partículas sagradas ordenando que nenhuma ali se tivesse enquanto se não pusesse em estado de segurança a igreja. Mas tais eram as vantagens da situação, que em breve se tornou este lugar considerável e próspera vila, sendo o depósito de toda a exportação do rio e a sede do governo e da justiça, com uma linda igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição, uma olaria, uma fábrica de tecidos de algodão e uma de cordas de palmeira de piaçaba, todos três estabelecimentos do governo. O mercado era abastecido das fazendas reais do rio Branco. Mede o rio Negro, o maior e mais importante dos tributários do Amazonas e talvez o mais extenso rio secundário do mundo, apenas uma milha de largura na sua barra, apesar de se espraiar mais acima até à prodigiosa amplitude de sete e oito léguas. Perto das ribas toma a água a cor do âmbar, mas fora disso parece literalmente preta como tinta de escrever, apesar de perfeitamente clara, pura e saudável. A confluência dizem ser um espetáculo magnífico, mas predomina a turva corrente do Amazonas, perdendo o rio Negro a pureza e o nome. É com verdadeiro júbilo que os canoeiros, subindo do Pará ou descendo do Solimões lhe avistam as altas terras da sua foz, pois que isento é este rio de todas as pragas físicas que afligem o Amazonas: não há ali insetos atormentadores, não há moléstias locais e endêmicas. Quando os índios pois escapando a ambos os males, mergulham pela primeira vez os remos nas águas límpidas e escuras, erguem um brado de alegria e ao som da sua rude música encetam mais feliz navegação.

Ribeiro. Ms. *J. de Coimbra*, **4, 351.361. Casal, 2, 337-346**

O Japurá, que na pronúncia espanhola e índia, e por conseguinte própria, se diz Japura, e que os espanhóis de Popaian chamam Grande Caquetá, divide a Capitania do Rio Negro do vice-reinado do Novo Reino de Granada, e entre os rios que correm para o Amazonas, é o segundo em magnitude. Bem explorado foi o seu curso pelos caçadores de escravos, tendo paraenses e paulistas uns e outros votados à mesma nefária empresa, sido os grandes descobridores do Brasil.

Povoações sobre o Japurá

Tais a força e ímpeto desta corrente, que não haveria batel que a vencesse, a não quebrarem inúmeras ilhas, que formando recuos e águas mortas, tornam fácil uma navegação, que outras circunstâncias se combinam para fazer deleitável. Encantador é o panorama, e a multidão de tartarugas, a infinita quantidade de seus ovos depostos nas arenosas margens, a variedade de aves tanto terrestres como aquáticas, as mais esplêndidas da sua espécie, oferecem perpétuo recreio aos olhos, e abundante alimento ao estômago. Lagoas e correntes de través, formam com o rio Negro uma comunicação de não menos de cinqüenta léguas de extensão, partindo desta muitos canais que vêm abrir no Japurá. Muito por terra adentro dizem existir outra comunicação entre estes dois poderosos rios, e lá para os fins do seu curso comunica o Japurá por muitos canais com o Amazonas, recebendo água por uns, descarregando-a por outros. Mas estas extraordinárias vantagens que de tão infinita importância se devem tornar com o aumento da cultura, eram contrabalançadas pela insalubridade do clima. Quando em 1775 o ouvidor Ribeiro percorreu o seu distrito, três povoações havia sobre este rio. Era a de S. Matias a que ficava mais rio acima, fundada no ano anterior para alguns índios das tribos aniana e iucuna. A habitação do cacique era um edifício notável no seu gênero da forma de uma pirâmide cônica: os adornos do interior eram de gosto verdadeiramente selvagem – lanças envenenadas, matracas feitas de certas nozes ou de caroços de frutas enfiados, cujo som, quando se chocalha, é mais forte e agudo do que pode imaginar quem nunca o ouviu, crânios com o molho de cabelos ainda, e flautas de canelas humanas, a aborígine *tíbia*. Tinha esta nação um singular instrumento músico, que chamava *troguano:* é o tronco de uma árvore grande, ocado e tapado em ambas as extremidades, e com duas aberturas no meio. Toca-se com vaquetas, cujos pilões enormes são cobertos de goma elástica, e serve de sinal, segundo a maneira por que é tocado, ouvindo-se o som muitas léguas em redondo. Povo agrícola eram os iucunas e por isso costumados a uma vida fixa, e não fazendo uso da mandioca senão debaixo da forma de tapioca, o que indica gosto algum tanto apurado, entrecascavam-se com as tribos circunvizinhas, coisa desusada entre os indígenas.

1808

S. Matias

Os iucunas

Pouco abaixo de São Matias, e também sobre a margem esquerda, ficava a povoação de S. Antônio, composta de colonos mepuris, xomanas, mariaranas, manis, barés e passés.

S. Antônio

Havia ainda em 1775 terceira povoação recentemente formada de cocrunas e juris, sob um cacique chamado Macupari. Não se atreveu o bispo a visitar este por andar ali raivando então uma febre maligna. Sobre a margem esquerda existe uma vila chamada Maripi, que por ter a igreja dedicada a S. Antônio, parece ser a antiga povoação deste nome. De agricultura, pesca e caça vivem os moradores, apanhando também considerável porção dos produtos silvestres. Impunemente ali não residem europeus, por causa da insalubre atmosfera. Não é de esperar que o Japurá obtenha população branca enquanto os rios Negro e Branco a não tiverem excessiva, mas já a civilização principiou entre os naturais que vêm ao mundo com constituições adaptadas ao lugar do seu nascimento. O rápido progresso que vai pelo rio Negro, também ali há de fazer-se sentir, e continuará a civilização a derramar-se até repleto e subjugado o país.

Sobre todos os índios das povoações do rio Negro e Japurá, são os xomanas e passés os mais estimados pela sua espontânea indústria. Eram mais dóceis os primeiros e tinham fama de mais verdadeiros. Costumam queimar os ossos dos seus mortos e misturar com a bebida a cinza, imaginando receber desta forma em seus próprios corpos os espíritos de seus finados amigos. Tribo a mais numerosa do Japurá, gozavam os passés da mais elevada reputação. Tornavam-se notáveis por acreditarem estar parado o Sol, movendo-se-lhe a Terra em torno, e imaginavam a nossa esfera cercada por um arco transparente, além do qual têm os deuses a sua habitação numa região luminosa, cuja luz, penetrando pela abóbada, forma as estrelas. Aos rios chamavam as artérias da Terra, e veias as correntes menores. Também celebravam justas e torneios segundo o seu costume de guerra, nos quais cabia ao conquistador o privilégio de escolher esposa dentre todas as virgens da horda.

Os xomanas e passés

Algumas tribos do rio Negro celebram uma extraordinária e tremenda cerimônia, para a qual se reserva uma casa em todas as aldeias. Começa por uma geral flagelação, açoitando-se e lacerando-se reciprocamente os homens dois a dois por meio de

Festa do paricá

uma corda com uma pedra na extremidade; continua isto por oito dias, durante os quais as velhas que entre os selvagens americanos oficiam em quase todas as obras de abominação, assam a fruta da árvore chamada paricá, reduzindo-a a um pó fino. Os parceiros que emparelharam na anterior disciplina, são sócios também na segunda parte, soprando cada um com todas as forças dos pulmões por uma cana oca este pó nas ventas do amigo. Principiam então a beber, sendo tal o efeito da bebida e daquele pó, que a maior parte deles perdem temporariamente os sentidos, e muitos para sempre a vida. Dezesseis dias dura toda a cerimônia, que todos os anos se celebra, chamando-se a festa do paricá. Ao tempo da viagem de Condamine ainda no Amazonas se não tinha ouvido falar nos muras, mas no Madeira eram bem conhecidos, e provavelmente cresceram em número e audácia desde que os caçadores de escravos cessaram de fazer-lhes guerra agressiva. Nos dias de Ribeiro tinham-se tornado excessivamente formidáveis, tanto assim que julgou ele impossível prosperarem as povoações do rio Negro, tão populosas e bem conhecidas como então eram, sem se tomarem prontamente as mais enérgicas medidas contra estes selvagens ferozes. Com medo destes inimigos se abandonara uma pescaria de tartarugas, estabelecida para abastecimento da Fortaleza da Barra. Costumavam eles pôr as suas vigias numa árvore grossa e alta chamada sumaumeira, e que Ribeiro diz poder comparar-se com baobá do Senegal. Despede horizontalmente os ramos à prodigiosa distância. Não é dura a madeira, mas a fruta contém uma espécie de algodão ou penugem, que em calor e elasticidade excede toda a substância vegetal até agora descoberta. Cortam-se as árvores para apanhá-la, e muitas árvores são necessárias para juntar duas ou três arrobas. Tem a fruta a forma de um melãozinho oblongo e o algodão envolve as pevides. Produz a manguba um algodão semelhante a este nas suas propriedades, mas de cor escura, enquanto que o da sumaumeira é branco. Entre a espessa folhagem destas árvores se ocultavam as sentinelas muras, vigiando o rio. Costumavam estes índios dispor as suas emboscadas perto dessas pontas de terra, onde é mais forte a corrente, e maior dificuldade em vencê-la encontravam os batéis portanto: ali estavam eles à mira armados de arpéus, e com uma nuvem de setas, que muitas vezes se tornavam fatais antes de se poder oferecer resistência. Seis bons pés de comprimento medem os seus ar-

Os muras

cos, e de farpas de tabocas de quatro dedos de largura e palmo e meio de compridas, são as pontas das suas flechas. Não houve nação que mais impedisse as expedições dos paraenses, nem que mais perdas lhes infligisse. No seu poder, senhoreando então a margem e grande parte do sertão da província de Solimões, e estendendo-se além do rio, onde ocupavam a grande lagoa Cudaia, parte dessa cadeia de águas que comunicam o Japurá com o rio Negro. Muitos milhares de potes de azeite de tartaruga se faziam sobre as ribas daquele lago, para exportação para o rio Negro, antes que ali se estabelecessem os selvagens, infestando a nova capitania por via do Unini e Quiuni. Contudo quando com mais atividade e coragem faziam a guerra aos portugueses, promoviam os muras sem o saberem o progresso geral da civilização, obrigando as hordas mais fracas a buscar abrigo nas vilas e aldeias, onde assim se mantinha a população, quando para recrutá-la não havia já nem zelo dos missionários nem as expedições dos caçadores de escravos. Formidáveis inimigos eram aqueles índios para a vila de Borba, então única povoação sobre o Madeira, e dentro da Capitania do Rio Negro. Depois de muitas vezes mudada em razão de inconvenientes locais, foi esta vila, antigamente aldeia de Trocano, definitivamente assentada sobre a margem direita do rio, a vinte e quatro léguas da sua embocadura. Durante a estação seca mal tem o Madeira corrente perceptível deste lugar para baixo, mas no tempo das chuvas vem descendo com furioso ímpeto, tornando-se uma das mais violentas torrentes da América do Sul. Para ali veio em 1773 estacionar uma guarnição, para defesa contra os muras, que apesar disso tão atrevidos e terríveis eram que tinham a praça em contínuo sobressalto, desviando a gente de ir nela estabelecer-se. Mas no correr de pouco mais de dez anos tiveram eles de vir procurar amparo nessa mesma vila que tanto haviam feito sofrer. Como os bárbaros também os selvagens têm suas transmigrações: os mundurucus, tribo ainda mais feroz do que eles, os puseram em fuga, e quando o bispo do Pará em 1788 visitou Borba, achou mais de mil muras estabelecidos na vila, cujos moradores antes da chegada deles, mal passariam de duzentos. Já estes índios pareciam ter reconhecido as vantagens da civilização: nas florestas tinham vivido sem outro abrigo além dos ramos das árvores, e aqui já alguns haviam levantado seus ranchos à moda dos outros colonos indígenas, e como eles feito

Borba sobre o Madeira

suas plantas. A língua não lhe entendiam os portugueses da vila nem os outros índios, contudo descobriram eles ser o bispo um pajé-guazu, ou grão-conjurador, indo as mulheres logo esconder-se e armando os homens uma dança em honra dele. Primeiramente aparece comprida fileira deles armados de arco e setas, depois segunda linha besuntada de todas as cores dos pés até a cabeça, soprando cada um por comprida taboca, o que produzia tremendo estrondo: um mestre-de-cerimônias dirigia os movimentos, acompanhando-os de fantásticos gestos e visagens. A maior parte deles tinha barba. De ordinário andavam nus ambos os sexos, mas as escarificações que se faziam (e que se não limitavam a um sinal distintivo no rosto como entre quase todas as tribos do Pará), e o modo por que pintavam o corpo, cobrindo-o às vezes de barro de cor, tirava-lhes a consciência, e quase que a aparência de nudez.

Apesar de excelentemente situada sobre terreno alto, era Borba então um lugar miserável; de choças de palha não passavam as habitações, pouco melhor a igreja coberta de palha e com a terra nua por pavimento, e com estas coisas diziam bem os costumes do povo. Ao tempo em que finda esta história pouco teriam talvez melhorado a moral e os cômodos da vida, que interrompidas haviam sido por ali nos últimos anos as comunicações entre o Pará e Mato Grosso, porque ao passo que o Madeira se fazia mais perigoso primeiramente por causa dos muras e depois dos mundurucus, tornava-se mais segura a vila de Camapo, graças à aliança dos guaicurus e ao desaparecimento dos paiaguás do Alto Paraguai. Continuaram a residir em Borba os refugiados muras, e após eles seus filhos, sem abandonarem o paganismo, o que por certo teriam feito, afoitamente o podemos afirmar, se os sucessores de D. Fr. Caetano Brandão lhes houvessem herdado o zelo e as virtudes. Contígua à vila lhes ficava a aldeia. Continha aquela uma população de todas as graduações de cor, desde o português até o negro. Os moradores cultivavam tabaco e cacau, e recentemente se introduzira ali gado, mas a maior parte do sustento forneciam-no as pescas de tartaruga. Com efeito, antes de se verem cobertos de bois e de vacas os pastos do rio Branco, alimentavam-se os habitantes desta capitania principalmente de tartarugas, que portugueses e índios preferiam a outro qualquer sustento. Eram tantas, que parecia inexaurível a sua multidão, e atingiam proporções tais, que uma carregava dois homens.

Ribeiro. J. de Coimbra, 4

Diz-se que costumam elas pôr sessenta e quatro ovos num buraco. O azeite, ou manteiga, como o chamam, extraído destes ovos, serve clarificado, tanto para luzes como para preparar a comida: da gordura da barriga se faz outro mais fino, e este tem-se declarado excelente mesmo por pessoas acostumadas a azeite de oliveira.

Sobre a margem do norte do Amazonas ainda duas vilas pertenciam a esta Capitania. Serpa, uma delas, chamara-se originariamente Itacoatiara, a rocha pintada, por se comporem às orlas do rio, aqui consideravelmente altas, de barro branco, amarelo e vermelho de diversas tintas. Enormes massas deste barro, que é finíssimo e serve no Pará como arrebique, caem sobre a ribeira, onde endurecem, petrificando-se. Fora a vila primeiramente fundada sobre o Madeira como aldeia de Abenaxis, e após quatro transferências, todas tornadas necessárias pelas hostilidades dos muras, assentou-se afinal na atual situação, que é numa ilha de muito perto da margem esquerda do rio, dez léguas abaixo do lugar onde o Madeira vem desaguar do lado oposto. Ali singularmente formosa é a posição de Silves: contém o lago muitas ilhas altas onde se haviam reunido índios de quinze diferentes tribos[10], entre os quais alguns paraguais, cujo ornato favorito para ambos os sexos era um círculo de pele mais branca de três dedos de largura, à volta de ambas as pernas, produzido por meio de ligaduras. Era Serpa populosíssima antes da demarcação de limites, mas este fatal serviço lhe roubou muita gente e em 1788, preparando-se uma expedição de naturalistas para subir pelo Madeira até Mato Grosso, muitas famílias fugiram para as selvas, com medo do embargo. Trezentos moradores achou pois o bispo apenas, entre brancos e índios, ameaçando este número diminuir ainda. A não ter sido isto, floresceria a vila que eram abastados os colonos brancos: tabaco e café produziam muito bem, e excelente era o lugar para depósitos de peixe salgado, manteiga de tartaruga, e *guaraná,* preparação inventada por uma tribo do Madeira chamada maués. Tira o nome de uma planta parasita que dá uma amêndoa numa casca negra. Assa-se essa amêndoa, pulveriza-se, e amassa-se em bolos ou rolos, que, secos ao fumo, lixam-se pois quando têm de servir com a língua áspera de um peixe chamado pirauici. Toma-se uma colher de sopa deste pó em meia canada de água, açucarada ou não, e é remédio eficaz contra muitas moléstias. Tomado porém com excesso, como faz muita gente

Serpa

no Pará, dizem que arruína o estômago, produzindo insônia e outros males.

Silves, a povoação mais oriental da capital da Capitania do Rio Negro nesta direção, fica numa ilha da lagoa Saracá, grande lago a trinta ou quarenta milhas do Amazonas, com o qual se comunica por seis canais, distando o mais alto trinta léguas do mais baixo. Recebe aquele o Urunu, rio por onde se levavam mercadorias holandesas aos indígenas, tão ativo era o tráfico interior que se fazia de Surinam e Essequibo. Tinham os mercenários tido outrora uma missão sobre o Urunu, mas assassinando o missionário, voltaram os índios ao antigo gênero de vida, sendo aqui que no governo de Siqueira fez Pedro da Costa Favela tão grande matança entre os naturais, queimando-lhes trezentas aldeias.

Os moradores indígenas eram aruaquis, barés, caraiais, bacunas, pauris e comunis, passando por bonitas as mulheres destes últimos. O tabaco que se cultivava aqui era excelente, e da melhor qualidade o algodão. O único mal era costumarem os muras vir devastar as plantações ribeiras, e uma praga de formigas, que se multiplicavam prodigiosamente nas chamadas capoeiras, terras onde as derribadas matas principiavam a crescer de novo. Como Serpa também esta vila padeceu com a demarcação, fugindo mais de quatrocentos índios para escapar ao mortífero serviço, e em 1788 ainda continuavam a emigrar famílias inteiras. Naquele tempo olhavam os moradores brancos com a mais perfeita indiferença o melhoramento dos trabalhadores indígenas que empregavam: contanto que trabalhassem como brutos podiam viver e morrer, e este mal continuou por sem dúvida depois de passada a demarcação de limites.

Ribeiro. J. de Coimbra, 4

A parte da Capitania do Rio Negro, que demora ao norte do Amazonas, fica em 4 e 3½º lat. N, estendendo-se por treze graus de longitude desde 58º a 71º. É isenta dessa praga de insetos, que em muitas partes do Amazonas quase se torna intolerável: também o clima é favorável aos europeus, exceto sobre o Japurá, mas aí nada sofrem dos seus efeitos os naturais, devendo as causas da insalubridade cessar ao passo que se forem descortinando as matas e abrindo canais para esgoto das águas estagnadas, e à medida que avança a civilização, vai aparecendo uma população mista, em que se combinam o espírito europeu e a constituição índia. Predominando ali mais do que em nenhuma das capitanias antigas o san-

gue indiano, deve parecer impossível todo o orgulho de casta, nem ele apareceu ainda, ou é provável que venha a aparecer cooperando o espírito do tempo e a tendência das leis justas para preveni-lo.

Doze vilas havia à margem esquerda do Amazonas, debaixo do governo imediato do Grão-Pará. Faro, a mais ocidental, fica à arenosa riba de uma grande lagoa, ou antes espraiado, formado pelo Jamundá, a sete léguas do grande rio. Em 1788 continha alguma coisa mais de trezentos índios, industriosos, mais asseados e menos dados à embriaguez do que a maior parte dos seus conterrâneos. Ali havia uma olaria, extraía-se manteiga de tartaruga e azeite de manati, e cultivava-se algodão e cacau, sendo este último o principal gênero. A doze léguas de Faro se ergue Óbidos, sobre a foz oriental do rio das Trombetas. Sobre este rio, o maior, que abaixo do rio Negro vem desaguar do lado norte, colocara Orellana as suas Amazonas. Em 1787 mandou o governador Fernando Pereira Leite de Foios uma expedição a explorá-la, malogrou-se porém como tantas outras tentativas anteriores, caindo doentes o comandante e muitos da companhia, tornando-se assim forçoso o regresso. Fica a vila sobre uma colina de onde se goza bela vista sobre o grande rio, cujas águas ali se contraem num canal de 869 braças de largura, mas de fundo tal que não houve ainda sonda que tocasse o leito. Em 1788 tinha a vila mais de 900 moradores entre portugueses e índios, grande parte dos quais eram homens de muita estimação, e todos diligentes em tirar partido de uma situação favorável à produção do cacau, sendo da melhor qualidade o que ali nasce. Fora a vila originariamente uma aldeia de pauxis, e era regularmente edificada com sua praça de mercado e seu forte numa posição soberba. Quando o bispo a visitou, tinha a igreja caído em ruínas, mas florescia e continuou a florescer, e o templo, que depois se edificou com a invocação de S. Ana, santa favorita por quase todo o Pará, descrevem-no como magnífico.

Vilas à margem esquerda do Amazonas. Faro.

A meio dia de viagem dali, rio abaixo, avista-se Alenquer, quatro léguas terra adentro, sobre o canal do meio dentre três, pelos quais a lagoa Curubiú despeja no Amazonas as suas águas. Ocasiona uma praga de carapanãs esta lagoa, que na estação chuvosa se estende a perder de vista, deixando em outros tempos diante da vila uma prodigiosa extensão coberta de bela erva. Também há

Alenquer

perto ricos pastos, que têm fama de criar excelente carne. Ali se cultivavam mandioca, arroz, milho, tabaco e cacau da melhor qualidade. Em 1788 passava de 500 habitantes a população entre brancos e índios, possuindo alguns dos primeiros bastante cabedal: eram homens de costumes simples e bom comportamento e assim continuava o lugar a aumentar e prosperar. A vileta de Prado, sobre a boca mais baixa da mesma lagoa, parece ter sido fundada depois da visitação de 1788. Quatorze léguas mais sobre a margem esquerda do Gurupatuba, e a duas léguas da sua barra, está Montalegre, outrora uma das melhores missões dos jesuítas. Aqui lhes tinham sobrevivido as suas boas obras. Em 1784 contava a vila para cima de mil moradores, pela maior parte índios, sendo tal a todos os respeitos a sua conduta, que obrigou o bispo a desejar que oxalá fossem como eles os brancos da capitania e mesmo os cidadãos de Belém. Tanto homens como mulheres eram muito industriosos, aqueles nos seus trabalhos agrícolas, estas nos de agulha, e em fiar, tecer redes, e pintar as cabaças secas e ocas, que servem de jarros e bacias. As crianças freqüentavam regularmente a escola, os pais não faltavam à igreja, e de manhã e à noite se ouvia rezar em todas as casas. Bem cabia à vila o seu nome, em razão da sua encantadora posição sobre terreno elevado, com vista sobre uma formosa planície à orla do rio, aqui coberta de bosques, ali cortada de lagos. Chamavam-na a corte do sertão, pelas polidas maneiras do povo e comodidades, que ali se gozavam. Houvera ali outrora belas manadas de gado, mas tudo destruíra o morcego vampiro, que às vezes até atacava a gente. Naquele distrito se dava o cravo-americano, e uma árvore de que se extraíam pós. Em abundância tal acarretavam as cheias todos os anos enormes cedros, deixando-os numa ilha fluvial, que o governo ali mandou estabelecer uma serraria por sua conta.

Montalegre

A vila seguinte era Outeiro, a umas dez léguas de Montalegre e cinco do Amazonas, no vizo da alta colina do lado oriental de um espraiado formado pelo Urubuquara. Apesar da elevada situação vivia o povo atormentado pela muriçoca, moxa, que até através de pano de lã chupa o sangue. Torna-se o outeiro célebre pela mais bela e copiosa fonte do Pará. Por trezentas a quatrocentas almas andaria a população em 1784, depois do que se edificou uma formosa igreja, segura prova de prosperar o lugar. Cultivavam algodão e gêneros alimentí-

Outeiro

cios os moradores, a quem nunca faltava peixe. Obra de vinte léguas para o nascente ficava Almeirim em elevada posição à foz do Pará, um dos pontos que os holandeses haviam ocupado, quando tentaram estabelecer-se sobre o grande rio, fazendo ainda parte do forte as ruínas das obras deles. Em 1784 era toda de índios a população, que se elevaria a umas trezentas almas. Cultivavam mandioca, milho, arroz, algodão e legumes. Nas suas ocupações andavam as mulheres nuas da cintura para cima, mas quando iam à igreja, levavam camisa e saia de linho, amarravam o cabelo, e adornavam o pescoço com um bentinho. Havia duas vilas mais pequenas e duas freguesias rurais entre Almeirim e Mazagão, que perdia os seus moradores por causa da posição doentia, fatal até a pessoas para ali levadas das costas de Marrocos. Abaixo de Mazagão assentava-se Vila Vistosa da Madre de Deus, que mal merecia esta denominação sublime. Ali estabelecera o governo trezentas famílias, algumas das quais de ótimos colonos trazidos dos Açores, o maior número porém era de criminosos, soldados estrangeiros e indivíduos tirados das cadeias. Nove décimos desta esperançosa população abandonou o lugar depressa. Fica a vila à margem esquerda do Ananirapucu, rio considerável, e a sete léguas da sua barra: fértil é o terreno e perto há bons pastos, mas estas vantagens contrabalança-as uma praga de moscas, reunindo-se aqui para tormento da gente todos os insetos alados que flagelam as margens do Amazonas. Como Mazagão, era Macapá, uma légua ao norte do Equador e a última povoação dos portugueses nesta direção, uma colônia de forçados. Em 1784 continha 1.800 habitantes todos brancos, afora escravos. Com o do Pará rivalizava o povo nos costumes e gênero de vida e sendo pela maior parte ilhéus dos Açores, é provável que levassem vantagem tanto na moral como na indústria. Havia ali uma boa igreja, um hospital, e uma fortaleza regular levantada com grande dispêndio. Parece a vila bem situada em posição ventilada, contudo reinam nela terríveis febres. Atribuem-se ao lodo e matérias putrefatas que o Amazonas nestas paragens vai deixando ao longo das margens, e se tal é a causa, não há ciência nem esforços que possam jamais obviar o mal.

Almeirim

Mazagão

Vila Vistosa

Macapá

J. de Coimbra, **4. Casal, 2**

Mais numerosas e importantes eram as povoações do lado do sul, e também entravam mais pelo país

Vilas ao sul do Amazonas

adentro. Um pouco pelo Tapajós acima ficava Santarém que em 1788 continha 1.300 vizinhos pela maior parte portugueses: fora aldeia dos jesuítas. Asseadas e regulares eram ainda as casas dos índios, e dos colonos brancos negligenciadas por viverem eles a maior parte do tempo nas suas fazendas. Florescia o lugar, como porto que era para os barcos que iam ou vinham do Madeira, rio Negro, ou Solimões. Um destacamento militar ali posto primeiramente como defesa contra os selvagens, conservou-se depois para revistar as embarcações que tocavam no porto. Era a vila um grande entreposto de cacau, que nas circunvizinhanças se cultiva com grande proveito. Amargamente se queixou o bispo dos escândalos que veio aqui encontrar, e do comportamento dos padres, que era sempre o que mais o afligia, porquanto se os privasse dos seus curatos, como desejava, não acharia quem os substituísse. "Miserável necessidade!", exclama o prelado. "Exorto, reprovo, ameaço, mudo-os de uma freguesia para outra mas que se pode esperar a tanta distância? Contam duzentas léguas daqui à cidade; falta o medo dos superiores, a nudez, a selvageria, a oportunidade, o exemplo, o clima, tudo impele a prevaricações, e só a especial influência da misericórdia divina pode manter na inocência uma alma, rodeada de tais perigos." Introduziu-se gado, e depois da visita do bispo melhoraram as coisas. A quatro léguas apenas de Santarém, e igualando-a quase em população, se via Vila Franca, outrora aldeia de Câmara, linda e regularmente edificada, sobre um lago, que comunica tanto com o Amazonas como com o Tapajós. Em 1788 florescia a povoação sob os cuidados de um digno diretor, e o bispo atribuiu a boa ordem à ausência de brancos! Outras vilas mais pequenas e lugares havia sobre este rio, algumas das quais com mais de 400 habitantes, todos ou quase todos os índios convertidos e civilizados. Mais para cima ficava uma aldeia de mundurucus, em estado ainda pagão mas já não inteiramente selvagem, pois que tinham aprendido a cultivar a terra, começando alguns a vestir-se em parte à moda portuguesa. Assim tinha esta nação feroz, depois de haver compelido os muras a buscar proteção na sociedade dos portugueses e nos hábitos de uma vida fixa, principiado a seu turno esse processo, que acabará por incorporar todos os índios na grande nação brasileira.

Vila Franca

J. de Coimbra, **4.**
Casal, 2

Vilas sobre o Xingu

Também sobre o rio Xingu aumentavam as vilas e as povoações: Vieiros, Sousel e Pombal contavam em 1788 cada uma para mais de 800 moradores, quase todos índios, mas civilizados e industriosos pelos trabalhos da Companhia que os portugueses continuam ainda a caluniar! Gurupá, que se considerava a chave do Amazonas, quando outras nações disputavam a soberania deste rio, era habitada por brancos, em número de quatrocentos, havendo ali uma guarnição, fábrica de tijolos e olarias. Entre este lugar e o Pará eram mais numerosas as povoações, e maior a população, mas provavelmente menos condensada. Melgaço, que fica à margem esquerda de uma lagoa por onde passa o rio Anapu, continha em 1784 mais de 2.000 moradores, pela maior parte índios. Vivia o povo nas suas roças, sem lei, ordem, nem religião, com desprezo tal dos preceitos da Igreja, que de ordinário não se traziam os filhos a batizar senão depois dos oito ou dez anos de idade. Portel, sobre a margem oriental do mesmo lago, era a maior de todas as povoações de índios nesta vasta Capitania. Nem o padre nem o diretor conheciam a soma da população, mas antes que começassem os moradores a esconder-se nas suas plantações para escapar ao serviço compulsório do governo, 800 rapazes e 400 raparigas costumavam assistir à lição de catecismo. Magnífica é a situação. Ainda em 1788 tinha sido atacada dos mundurucus, mas já cessara o perigo, e, não se arreceando já de inimigos, ia o povo caindo nesse degrau intermediário da vida, em que parecem estagnadas as faculdades, e o progresso da civilização suspenso. Oeiras, que como ambas estas vilas, fora aldeia dos jesuítas, era, como elas também, populosa então, mas sofrendo com os efeitos do serviço forçado, e da falta dessa disciplina sob a qual crescera e prosperara. Eram chiqueiros as casas, o povo entregue à embriaguez, e as três vilas, que assim retrogradavam em todos os pontos bons, começaram a diminuir também em população, conseqüência natural da opressão e do vício.

Melgaço

Portel

Oeiras

J. de Coimbra, **4, Casal, 2**

Cametá

Cametá, ou Vila Viçosa, outrora capital de uma capitania subordinada, era, exceto Belém, a maior povoação em todo o estado; fica umas cem mil a sudoeste desta cidade, à margem esquerda do Tocantins, obra de quarenta milhas acima da sua boca, em um lugar onde este grande rio atinge uma largura de dez milhas, com

muitas ilhas, que o aformoseiam. Em 1784 continha a vila seus seis mil moradores todos brancos, salvo alguns escravos negros e mulatos, fazendo lucrativo comércio em cacau, sobre ter a vantagem de ser o mercado entre o Pará, e o Alto Maranhão e Goiás. Contudo era por aqueles tempos miserável o seu aspecto, a igreja a cair aos pedaços, e pobres casebres a maior parte das habitações, sem regularidade nem asseio, e cobertas de palha. Uma causa disto era pertencer a população mais à freguesia do que ao lugar, vivendo muita gente nas suas roças entre as selvas. Eram na generalidade homens de má nota, para ali degradados, e cuja moral nada melhorara com a mudança do clima. Havia todavia também colonos excelentes, cujo exemplo e boas obras viveriam mais do que eles, aparecendo mesmo então já evidentes sinais de melhoramento: novas casas se tinham edificado de materiais mais sólidos, tornando-se Cametá por demais próspera e residência por demais apetecida para continuar a ser terra de degredo. Vinte e seis léguas mais acima no forte de Alcobaça se estabeleceu um registro para as canoas de Goiás, sendo até ali fácil a navegação, não interrompida por penedos nem corredeiras. Às vezes ainda se percebe a maré quatro ou cinco léguas, mais acima, em arroios, onde para o mesmo fim havia outro registro. Entre Cametá e o Pará não era pelo Tocantins que se faziam as comunicações, mas pelo Moju e por um desses canais naturais chamados igarapés, não navegáveis quando baixam as águas, sendo alguns tão estreitos, que apenas a canoas dão passagem. A navegação pelo mesmo Tocantins facilitam-na as numerosas ilhas que lhe quebram a força da corrente, oferecendo abrigo quando é mau o tempo. Tomam este caminho até as embarcações que sobem o Amazonas, vindo de Macapá, tão formidável é a navegação do grande rio, pelas suas muitas correntes e pela pororoca, talvez mais tremenda ali do que em nenhuma parte do mundo. Terra plana, coberta de bosques e cortada de numerosos rios, estende-se por umas cento e trinta léguas de norte a sul e sessenta de leste a oeste essa parte do Grão-Pará que fica entre o Tocantins e o mar, confinando com Goiás ao sul, e com o Maranhão ao sudeste. A parte austral ainda a possuíam não domados selvagens, mas não estavam mal povoadas a linha do rio e a da costa. De Cametá a Belém se estendia uma série de freguesias ribeirinhas: a de S. Antônio do Igarapé-Mirim

J. de Coimbra, **4. Casal, 2. Oliveira Bastos.** *Roteiro*, **P.1**

Terra entre o Tocantins e o mar

continha em 1784 mais de 800 fregueses, a do Espírito Santo do Rio Moju seus 1.500, que eram brancos. Em algumas partes passava o viajante por uma cadeia de belas fazendas de uma e de outra banda do rio. Ao nascente da cidade tinham os jesuítas muitas e bonitas aldeias, mas desde que estas foram convertidas em vilas e o povo posto à mercê de quem só olhava ao próprio interesse não ao serviço de Deus e do próximo, tinha começado nelas uma terrível despovoação, e sendo mais freqüentadas dos brancos e sujeitas a mais exigências da capital do que as outras mais remotas, também a depravação, e a decadência caminharam aqui proporcionalmente mais depressa. Em 1784 tinha Vila Nova d'el-Rei cerca de 600 habitantes, Cintra mais de 1.000, ambas porém diminuíram rapidamente, e na Vigia, povoação grande e rica quando ali tinham os jesuítas um colégio, em que educavam jovens para o ministério, caíam em ruínas as casas e como num deserto crescia na vila o mato. Estes lugares, outrora mais industriosos e prósperos do estado, não se tinham restabelecido. Também Gurupi, antigamente capital de uma pequena Capitania e já vila em 1661, decaía visivelmente, em parte talvez porque se lhe entulhando de areia o porto, e em parte por diminuir com a população a agricultura. Mais feliz era Caité, outrora também capital de uma capitania de curta vida, e agora vila de Bragança. Em 1787 elevava-se a 1.600 habitantes a sua população pela maior parte brancos, e continuou a prosperar sendo uma das melhores e mais antigas vilas do estado. Ali entravam as embarcações de cabotagem, que navegavam entre o Maranhão e o Pará.

Vila Nova

Vila Nova

Gurupi

Caité ou Bragança

A grande ilha dos Joanes, cujos moradores tão formidáveis haviam sido aos paraenses, enquanto Vieira os não conciliara, tinha agora muitas viletas e aldeias, e grande número de fazendas de criação, de onde a capital se abastecia de carne pela máxima parte. De todas as gradações de cor era a população, predominando porém os índios. Traziam as mulheres destes um só vestido, exceto quando iam à igreja; vestiam então um corpinho sem mangas, mas apenas terminavam o serviço, ali mesmo à porta do templo o tiravam, impacientes do calor ou da peia. Ao dividirem-se as missões, tinham as aldeias desta ilha cabido aos franciscanos, ordem que menos do que nenhuma das outras parece ter sido feliz em introduzir a civilização

Ilha dos Joanes

entre os selvagens brasileiros. Em 1784 queixava-se o bispo de ver aqui os índios ainda tão aferrados às antigas superstições e erros da gentilidade. A um respeito tinham as mulheres por certo piorado com a conversão, bebendo agora tão livremente como os homens e com excesso as bebidas fermentadas, em que anteriormente as não deixavam molhar os lábios. De farinha de mandioca num estado de fermentação azeda preparavam estes índios o seco licor, fazendo plantações daquela raiz para este fim expressamente. Continuavam as orgias noite e dia até se acabar a bebida, o que raras vezes sucedia sem ferimentos e mortes; contudo tão apaixonadamente dados a este vício eram estes indígenas que a ele costumavam os filhos desde a mais tenra infância. Tinham conservado a mais útil das suas prendas selvagens, extraordinária perícia na natação, praticando esta arte destemidamente, apesar de infestados os rios da ilha por crocodilos, que em parte nenhuma são mais formidáveis do que no Pará, chegando a atacar uma canoa, e levando freqüentemente rapazes que se banham à beira do rio. Em águas fundas diz-se que sempre se pode, mergulhando, evitar estes animais. De pessoas de quem os índios pouco podiam aprender em seu proveito, se compunha a população branca e mista. Não elevada ainda a comarca, não tinha a ilha juiz próprio, sendo visitada em correição pelos ouvidores do Pará; mas a dificuldade e perigos da passagem oferecia às vezes causa justa, e sempre um pretexto, para lá não ir, e com a esperança da impunidade mais se afoitavam os perversos na perpetração de crimes. Em 1784 cultivavam alguns indivíduos com bom resultado a vinha. Muitos queijos se faziam ali então, que apesar de mui inferiores aos do Alentejo, que são excelentes, eram reputados bons. Na costa da ilha havia por conta do tesouro pescaria de tainhas, mas o hábito de comer carne nos dias magros prevalecia quase geralmente no Pará, e mais ainda na Ilha dos Joanes, onde tanto abundava o gado. O peixe sempre custava alguma coisa, dizia o povo. Tartaruga e manati (de que se faziam saborosos molhos) eram tidos por peixe, podendo-se portanto comer sem escrúpulo em todos os tempos.

Ribeiro. Ms.

Alvará. 17 de ag. de 1816

Belém, agora mais conhecida pelo nome de Pará, tornara-se populosa e florescente cidade. A sé e o palácio passam por edifícios magníficos. O colégio dos jesuítas convertera-se em paço episcopal e seminário, e em quartel o convento dos mercenários, ordem igual-

Cidade do Pará

mente extinta. Havia professores régios de latim, retórica e filosofia, um teatro, uma misericórdia, um hospital, um corpo judicial apropriado, outro de carmelitas. Regularmente edificadas as ruas, era calçada a principal, sendo quase todas as casas solidamente construídas de pedra, algumas até com gosto. A proporção dos negros não era grande, mesmo aqui onde eles avultavam mais do que em nenhuma outra parte da capitania. Desconhecida era a praga dos insetos, e o clima melhorara muito descortinadas as matas e introduzido o gado. Em fins do século décimo oitavo tinha a cidade duplicado o seu consumo de carne dentro de escassos dezesseis anos, do que se deve concluir ter no mesmo tempo dobrado a população também. Vastos como eram os pastos da ilha de Joanes, começou a carne a escassear, sendo preciso trazê-la seca da Paraíba. A cana-de-açúcar criava-se perto da cidade às margens dos rios e nas ilhas, mas, terreno aluvial sobre um fundo de barro branco, não lhe é favorável o solo: cavando poucos palmos logo se encontra água salobra, e esta chega às raízes da planta, tornando mau o açúcar, que todavia é duas vezes mais caro do que na Bahia. Aqui se construíam navios para a armada real exportando-se grande porção de madeira para os arsenais de Lisboa. Ordenara o príncipe regente de Portugal que nas principais capitais do Brasil se estabelecessem jardins botânicos, e no Pará com melhor resultado do que nenhures se cumpriu esta ordem pelo maior zelo do então governador D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho. Em conseqüência disto se introduziu na Capitania a fruta-pão, começando as especiarias orientais a aparecer na lista das exportações. Os outros gêneros exportados eram especiaria indígena, algodão, salsaparrilha, copaíba, tapioca, goma elástica, melaço e madeira.

Patriota, **3, 4**

Investigador Português, **T. 4**

Arruda. Instit. de Jardins, P. 16

O bispo D. Fr. Caetano Brandão descrevia em 1784 o Pará como um lugar que só carecia de população para ser o jardim mais agradável do mundo. Mas os portugueses que naquele tempo para ali iam da Europa, eram da mais baixa esfera, ficando, diz ele, mal ali chegavam, infeccionados com a moléstia da terra, uma espécie de indolência dissoluta, tão daninha aos negócios mundanos como à moral e aos costumes. Contudo, rebotalho e escória do seu país, não eram estes indivíduos tão maus como muitos dos colonos já estabelecidos. Por mais baixos que sejam os seus ofícios, são agentes da civili-

Povo do Pará

zação os mariolas e os bufarinheiros, mas a canalha mais vil do Pará eram esses roceiros que, vivendo longe do padre e do magistrado, entregavam-se aos impulsos da própria vontade, dando inteira rédea às perversas propensões da sua natureza corrompida. Moravam nas suas terras, muitas vezes a dois e três dias de viagem da igreja, ou ainda mais, num país onde não havia estradas, vivendo e morrendo muitos sem a menor observância das fórmulas da religião, no pior estado de escuridão moral, intelectual e espiritual. Pavorosa é a pintura que da vida devassa desta gente nos faz o bispo: "Ai! dos seus pobres escravos", exclama ele. "Muitos senhores os tratam como se foram cães, não querendo saber senão do trabalho feito. Ou nunca os mandam batizar, ou se o fazem deixa-os viver sem confissão, sem instrução, e morrer com a maior desumanidade, sem uma missa sequer por alma do desgraçado que sucumbiu trabalhando para eles. Tendo visto alguns destes pretos aleijados de mãos e pés, outros com as costas e partes posteriores retalhadas, efeito de castigos que custa a conceber como haja criatura humana de tão monstruosa perversidade que possa impô-los. Mas que se há de esperar? *Falta o temor de Deus, e perdido este, não há nada tão mau que o coração humano não possa conceber e perpetrar.*" Por outro lado havia exemplos em que caindo em mãos humanas era o fatal poder conferido pelo sistema da escravidão, empregado como meio benéfico, e quando isto se dava, mal se sentia a carência da liberdade, sendo a literatura a única coisa que faltava para tornar invejável este estado. Tão extensa era a fazenda de um colono abastado que a gente que nela vivia formava por si mesma uma comunidade maior do que muitas vilas e freguesias, e se lhe cortassem todas as relações com o resto do mundo, mal se sentiria ali privação alguma, enquanto se não fosse exaurindo o provimento de instrumentos. Tal era a do mestre-de-campo João de Morais de Betencourt, perto de Cametá, e descrita pelo bispo em 1784. Continha a fazenda toda para cima de 300 pessoas, e mais de trinta filhos e filhas com seus filhos e parentes se assentavam todos os dias à mesa patriarcal do pai da família. As casas de residência eram boas; havia uma grande olaria, um engenho, grandes plantações de cacau; uma capela bastante asseada com um coro excelente, pois cultivava-se ali muito a música. Muitos dos moradores mais ricos tinham da mesma forma suas capelas particulares. Nestas fazendas eram os negros tratados como filhos de casa, e proporcionan-

do-se-lhes todos os gozos de que no seu estado de ignorância e degradação eram capazes. Mas exceções à regra geral eram estes casos, sendo tanto mais freqüentes os maus-tratos que entre todos os brasileiros eram os paraenses conhecidos pela sua crueldade, a ponto de ser a maior ameaça que se podia fazer a um negro refratário, a de vendê-lo para o Pará.

Capitania do Maranhão

O Maranhão, de onde originariamente partira a colônia do Pará, parece de mesquinha extensão comparada com esta. Fica entre 1º 15' e 7º 30' latitude S, e apesar de não passar de três graus de longitude a sua largura, por cento e vinte léguas se estende a curva linha da sua costa. Em importância comercial passava S. Luís pela quarta cidade do Brasil. Antes de estabelecida a Companhia, costumava ser de dez a quinze por ano o número dos navios saídos deste porto; em 1781 foram vinte e quatro e em 1806 passaram já de trinta, tal o efeito da introdução do arroz e do algodão, que o povo ao princípio olhou como louca e vexatória inovação, um dos impraticáveis projetos de um ministro aventureiro. Agora eram esses quase os únicos gêneros que se exportavam. Em 12.000 almas se orçava a população da cidade. Os carmelitas, os mercenários, os franciscanos, tinham cada ordem seu convento, havendo também um recolhimento e uma misericórdia. O colégio dos jesuítas fora convertido em paço episcopal, e a sua igreja em sé, a mais bela de quantas se viam nas cidades marítimas do Brasil, exceto no Pará. Afora esta tinha São Luís mais uma igreja. O palácio do governo era um edifício de pedra comprido e uniforme, de um andar somente, ficando-lhe ao lado a casa da Câmara e a cadeia, como partes do mesmo todo. Perigosa a costa é difícil o porto. Vinte e oito pés sobre a maré, mas a profundidade do porto diminui aqui como no Pará e por toda a costa intermediária. Edificada sobre uma camada de pedra vermelha e branda que facilmente se faz em pó, estende-se a cidade por vasto espaço, com algumas ruas largas e praças que lhe dão alegre aspecto, mais sadia seria porém, se melhor situada para receber a brisa do mar. De um só andar eram as melhores casas, mais bonitas, sendo o sobrado, de ordinário com janelas rasgadas até ao pavimento e varandas de ferro, habitado pela família, e as lojas pelos escravos. Florescente como era a cidade, estava a ilha em si pela maior parte por cultivar, e açúcar, que ainda em fins do século

Correio Brasiliense, **6, p. 229**

décimo oitavo se exportava, importava-se agora do Sul para consumo da terra. Dizem ser o terreno impróprio para a cana-de-açúcar e desfavorável a toda cultura, mas quando os holandeses tomaram a ilha, acharam nela seis engenhos a trabalhar. Péssimos no último grau eram os caminhos, mesmo nas vizinhanças da cidade, mantendo os ricos suas carruagens mais para estado do que para uso. Sendo escassa a erva, eram raros os cavalos. Muito maior do que nas cidades comerciais do Sul era aqui a desigualdade das classes, e possuindo os mercadores opulentos muitas terras e numerosos escravos, alguns deles de mil a mil e quinhentos, era também grande a sua influência. Água, peixe, carne e frutas não faltavam na cidade. A maior aldeia de índios de toda a Capitania ficava nesta ilha. Do outro lado da baía, defronte de São Luís, era Alcântara, vila grande e próspera: as salinas, que os jesuítas tinham lavrado com grande benefício da província, jaziam desprezadas. Guimarães, dez léguas mais ao norte, crescia também graças à sua exportação de arroz, algodão e farinha de mandioca.

Mal povoado estava o sertão da província por ter-se o espírito aventureiro dirigido para as bandas do Pará, de modo que grandes regiões se achavam ainda em poder dos selvagens. Eram as hordas do Norte conhecidas pelo nome de gamelas, que lhes haviam posto por causa do enfeite com que ornavam a boca, e cujo efeito era estender o lábio inferior à guisa de tigela. Eram estes índios os que mais perto viviam dos portugueses, em boa paz com eles, e ao verem que os vizinhos se riam desta extravagante moda, muitos a puseram de parte, deixando de furar os lábios aos filhos. Ao sul ficavam os timbiras da mata, que viviam nas selvas, e os timbiras das pernas finas, dos quais se diz que podiam na planície apostar com um cavalo na carreira.

Tribos do sertão

Referia-se terem eles no seu país minas de sal, com cujo produto temperavam a comida, gosto não comum entre os selvagens da América do Sul, por mais que ali a alguns irracionais seja indispensável este ingrediente. Mais ao sul demoravam os temembos, ou macamecraus, raça mais branca de origem tupi ou tapuia, cerca de três mil em número com um cacique hereditário e sete cabos de guerra à sua frente. Tornavam-se notáveis por não gostarem de espíritos. Conhecida era entre eles a prática de comer terra, nascida provavelmente da escassez de mantimento, pois pouco cultivavam, tornando-se cada vez mais precária

qualquer outra fonte de alimento. É digno de nota que nos sertões do Brasil a falta de aves, quadrúpedes e insetos se repute indício de haver selvagens perto, exterminando estes tudo quanto se pode comer, ao passo que em países civilizados se encontram sempre animais nas vizinhanças das habitações do homem, mais nas terras cultivadas do que nos desertos. Viam-se os macamecraus perseguidos por outras tribos da mesma origem, que não diferindo deles nem em linguagem nem em costumes, guerreava-os com inveterada animosidade; pelos poxetis, que eram antropófagos, e por esses dos xavantes, que, tendo abandonado em Goiás a aldeia em que por muitos anos haviam vivido domesticados, empregavam contra os portugueses o conhecimento dos hábitos, idioma e armas destes, que ali haviam adquirido. Também entre os cortis haviam as armas de fogo sido introduzidas por alguns celerados das vizinhas capitanias, que, fugindo aos credores ou ao castigo dos seus crimes, se reuniam aos selvagens, industriando-os no uso da armas mais eficazes do que as próprias.

Berford. Ofício. P.20

Muitos rios vêm por esta capitania cair no mar, alguns dos quais navegáveis por grande extensão, e todos mais ou menos povoados. Até os que menos água levam são navegáveis por canoas que demandando de três a cinco palmos, ou menos ainda, pegam em 1.500 alqueires de arroz e 400 sacas de algodão de seis arrobas cada uma. Destes rios o mais importante tanto em grandeza como em população é o Itapicuru. Desde muito que o território entre ele e o Parnaíba estava limpo de selvagens, e em grande parte povoado de brancos e índios mansos que cultivavam mandioca, arroz, algodão e milho, gêneros principais da cultura desta província. Cada fazenda aqui era como uma aldeia em si mesma, e não pequenas algumas pelo número de escravos, que muito excedia o dos portugueses. Aldeias regulares poucas havia, estendendo-se por mais de vinte léguas algumas freguesias. Redes e pano de algodão eram os únicos artigos que se fabricavam. Canoas grandes de São Luís, que fica a vinte léguas da barra do Itapicuru, subiam este rio umas quarenta milhas até Nossa Senhora do Rosário, ou Itapicuru Grande, onde se cultivava muito arroz, havendo também vastas fazendas de criação. Daqui para cima fazia-se a navegação em barcos grandes de fundo de prato por cerca de noventa léguas até Aldeias Altas, lugar populoso de grande importância comercial. Avultada

Patriota, **2, 3; 3, 6**

quantidade de arroz e algodão se cultivavam aqui, mas eram conhecidos os habitantes por acérrimos jogadores, vício fatal com que haviam arruinado muitos dos seus credores de São Luís. Era este o ponto central das comunicações entre a capital da Capitania e o Piauí e os arraiais da Natividade e São Félix em Goiás. Por dez ou doze mil-réis cada um se compravam aqui quantos cavalos eram preciso para o transporte das cargas por terra. Defronte deste lugar ficava Terezedelas, onde haviam tido os jesuítas um seminário: ali costumava a gente do Piauí mandar educar os filhos, mas expulsa a Companhia, nenhum estabelecimento análogo se instituiu, que suprisse a falta daquele. Quarenta léguas acima de Aldeias Altas via-se São Bento das Balsas, ou freguesia dos Pastos Bons, nome mais conhecido. Daqui se costumavam levar por terra a Aldeias Altas couros para os curtumes de São Luís. Foi um tal Vicente Diogo o primeiro que tentou navegar o rio, embarcando uma carga de couros numa flotilha de balsas. Perdendo tudo por mau governo, de tal raiva se possuiu contra o filho, que o rapaz com medo fugiu para as matas, sem que se soubesse mais dele. Aterrados todos com esta catástrofe, ninguém mais quis tentar a navegação, continuando o algodão, os couros e o gado a ser conduzido por terra para o porto fluvial até ao ano de 1806, em que, sendo governador D. Francisco de Melo Manuel da Câmara, fundou o tenente Francisco de Paula Ribeiro o arraial do Príncipe Regente trinta léguas acima de Aldeias Altas. Os timbiras do mato acometeram os colonos, matando alguns, mas perseguidos foram expulsos de uma taba de não menos de quinhentos ranchos e duas léguas do arraial. À sombra deste acampamento fixo se estabeleceram então fazendas sem receios de mais agressões, vendo-se então que até este porto era boa a navegação: conheceu-se serem de pouca importância as corredeiras e baixios, que meio século antes se julgava tornarem-na impraticável. Neste rio se encontra o peixe elétrico.

Tampouco se vulgarizam no Brasil os conhecimentos, que apesar de ser bem conhecido em Goiás e no Pará o curso do Tocantins, se não sabia no Maranhão em que latitude se devia buscar aquele rio, partindo desta Capitania. Para averiguar este ponto vieram ordens de Lisboa em 1798, a fim de por meio deste grande rio se estabelecerem comunicações com as duas províncias em que ele nasce e morre. Mandou o governador Antônio de Saldanha da Gama

Patriota, 3, 3

fazer algumas explorações, mas sem resultado. Um homem empreendedor, por nome Elias Ferreira de Barros, da têmpera dos antigos sertanejos, se achava então estabelecido numa fazenda da freguesia de Pastos Bons. Saiu ele com uma expedição em busca de lugar onde pudesse estabelecer outra fazenda de criação, e efetivamente o achou sobre o rio Manuel Alves Grande. Ali estava ele já havia algum tempo, quando lhe apareceu um índio desgarrado, que perguntado de onde vinha, confessou ter fugido de uma canoa em viagem do Pará para Goiás, e haver chegado àquele sítio através de bosques e planícies. Ouvido isto, resolveu Barros tentar fortuna procurando caminho para o Pará, e construindo um desses bateizinhos, chamados *montarias* nesta parte do Brasil, embarcou com o índio e três escravos sobre o Manuel Alves Grande, que em dia e meio os levou ao Tocantins. Mau guia se mostrou o índio, porquanto, ao chegarem à junção do Tocantins e do Araguaia, entrou neste último, em vez de seguir a corrente, mas desconfiando do engano ao cabo de dois dias, voltaram, e na confluência toparam com uma embarcação do Pará, que lhes ensinou o verdadeiro rumo. Foi Barros bem recebido no Pará, de onde regressou com várias mercadorias em canoas maiores como princípio de um comércio com o Alto Maranhão por esta via. Mais tarde o enviou o governador da sua própria capitania pelo rio acima até Goiás, empregando-o também em abrir uma estrada da sua fazenda chamada agora Mirador, para Ponta.

Comunicações pelo Tocantins

A seis léguas de São Luís vem cair no mar o Mearim, rio fundo, largo e rápido: a porção de margem que nove horas de vazante deixam em seco, torna a cobrir-se em quinze minutos, correndo a maré para cima durante três horas com a rapidez de uma torrente que se precipita da montanha. Há lugares chamados *esperas,* onde os batéis em tais ocasiões se abrigam. Só com a maré cheia se pode entrar, pois que sendo mui profundo por toda a parte, espraia-se o rio na sua foz por larga extensão de baixios. É navegável até ao centro da província, mas uma cachoeira que ali há não deixa passar avante. Sobre o Maracu, um dos afluentes do Mearim, ergue-se a vila de Viana a trinta léguas de São Luís: muita madeira e gado dali se trazia, existindo também naquele termo o melhor engenho de toda a Capitania, outrora propriedade dos jesuítas, mas por todo o Maranhão tinha o cultivo da

Rio Mearim

cana-de-açúcar cedido o lugar ao do algodão. As frutas são excelentes. Mais depressa do que na Europa se multiplica aqui o gado, mas é um pouco mais pequeno, nem a carne é tão boa. Também das ovelhas e cabras se diz que são mais prolíficas aqui do que no país de onde foram introduzidas, tendo da mesma forma degenerado no tamanho. Referem haver aqui um bicho-de-seda indígena cujo casulo é três vezes maior do que o do europeu, sendo a seda de um amarelo carregado. Vive no pinheiro ou ata, árvore indígena, sustentando-se também das folhas da laranjeira.

Casal, 2
Dificuldades das comunicações por mar com o sul

Tão difícil é a navegação desta costa do norte para o sul, vindo em direção contrária o vento e a corrente, que mais fácil é ir do Pará ou Maranhão a Lisboa do que por mar ao Rio ou à Bahia, e por isso eram os bispos de Belém e São Luís sufragâneos do patriarca de Lisboa, não do primaz do Brasil. Não tinha pois o Pará comunicações marítimas com outra capitania alguma exceto com o Maranhão, mas este mal compensava-lhe a prodigiosa extensão da sua própria navegação interna, em que nenhum país do mundo lhe leva vantagem. Também com Goiás e Mato Grosso ia crescendo o comércio. As comunicações do Maranhão nos últimos anos do século décimo oitavo eram principalmente com a vizinha Capitania do Piauí, que outrora fora uma das suas comarcas, tendo depois estado ainda muitas vezes a cargo do mesmo governador, mas era agora assaz importante para merecer tribunais e governo próprio. Dezoito léguas de costa apenas possui o Piauí entre o Maranhão e o Ceará, mas no sertão estendem-se mais de cento e vinte léguas de norte a sul, com uma largura média de cinqüenta. O Parnaíba o divide do Maranhão; com o Ceará é a serra de Ibiapaba, e com Goiás a dos Guacuruaguas que lhe servem de fronteiras.

Capitania do Piauí

Em 1724, seis anos depois de elevado o Piauí a capitania, e expedidas ordens para fundação da vila de Mocha, sob o padroado de Nossa Senhora da Vitória, havia ali umas quatrocentas fazendas grandes, de onde se abasteciam de gado a Bahia e Minas Gerais, estas ainda mais do que aquela. Em 1762 foi Mocha elevada à cidade por el-rei D. José, trocando o primitivo nome pelo de Oeiras, em obséquio ao grande ministro que então usava deste título. Pequena era a cidade, porém florescen-

Oeiras

te, sendo térreas as casas, construídas de madeira, e pintadas de branco com tabatinga, que tanto abunda no norte do Brasil. Muitas destas eram contudo cômodas e elegantes, sendo europeus grande parte dos moradores. Além da igreja matriz, lindo edifício, tinha Nossa Senhora duas capelas ali, sob as invocações favoritas de Conceição e Rosário. Assenta-se a cidade sobre um rio pequeno, que três milhas mais abaixo vai morrer no Canindé, correndo este por uma extensa várzea de ricos pastos, até ir a seu turno perder-se no Parnaíba, vinte léguas abaixo da cidade. Fica Oeiras setenta e cinco léguas ao sul de Parnaíba, que é o porto de mar da província, cem ao sudoeste de São Luís, a quarenta de Aldeias Altas na mesma direção, e obra de duzentas ao oeste de Olinda. Pelos fins do século décimo oitavo orçava-se em 1.400 almas a população da cidade e seu termo, não cabendo aquela talvez um quarto deste número, incluída toda a força de cavalaria da capitania.

Seis diferentes povoações foram constituídas vilas, quando Oeiras se fez cidade. Dentre elas era São João da Barra da Parnaíba a mais importante, excedendo a todos os respeitos à mesma capital. Assentada sobre terreno arenoso fica a quatro léguas do mar à margem direita do braço oriental e maior do rio, de que tira o nome. Por mais de cem léguas é o Parnaíba navegável para barcos de grande carga até a confluência do rio das Balsas, e para canoas quase até às suas nascentes. Veleja-se pelo rio acima oito dias, e o resto da viagem faz-se a remos e a vara, sendo tão forte a corrente em alguns lugares, que é preciso aliviar as embarcações de metade da sua carga. Produzem as terras regadas pelo Parnaíba excelentes melões, e as melancias, ainda mais estimadas em países quentes, dão ali todo o ano. Mal abastecida de água é a vila, não havendo senão a que se tira do rio, ou de poços abertos na areia, mal por sem dúvida grande. Reinam aqui febres. Grande empório de algodão e couros era este. João Paulo Diniz, o mesmo homem empreendedor, que primeiro daqui embarcou gado para o Pará, abriu à vila novo e importante ramo de comércio. Até 1769 tangia-se o gado do Piauí para a Bahia e Minas Gerais, jornada de perto de trezentas léguas, e através de um país, que não poucos obstáculos sérios apresentava. João Paulo formou no coração do pastoradouro, oitenta léguas pelo rio acima, fazendas, onde secar a carne, e

Casal, 2.
Patriota, **3, 3**
Vila da Parnaíba

trazendo-a por água até a Parnaíba, dali a exportava para o Pará, Bahia, e Rio de Janeiro. Em fins do século passado vinham anualmente dezesseis ou dezessete navios do Sul em busca deste gênero, que o Ceará deixara de exportar, apesar de continuar a chamar-se carne-do-ceará a que assim se preparava. A profundidade do rio diminuiu tanto que os mesmos barcos, que costumavam ir até à vila, tinham depois de ancorar duas léguas abaixo dela. A entrada é perigosa, por entre baixios, e com violenta ressaca.

Menos importante eram as outras vilas. Campo Maior exportava pedras para moinhos tiradas do leito do riacho Marataoão; no termo de Marvã se encontraram minas de vitríolo verde, enxofre, prata; e nas vizinhanças do Paranaguá, que fica muito pelo país adentro, perto da fronteira de Goiás, se cultivava o tabaco mais estimado no Brasil, plantando os moradores, que parecem ter sido de raça mista pela maior parte, a cana-de-açúcar principalmente para destilação. Fica esta vila sobre uma lagoa do mesmo nome, notável por se dizer formada depois da conquista da Capitania, durante uma extraordinária cheia do rio do Piraim, que a atravessa: a ser verdade, é provável que alguma convulsão da terra contribuísse para esta formação, pois refere-se ser fundo o lago, não medindo na estação seca nunca menos de duas léguas de comprimento e uma de largura, e na chuvosa o dobro.

Patriota, **3, 3.**
Casal, 2.

Índios do Piauí

Mais facilmente do que nenhuma outra Capitania foi o Piauí conquistado, por não haver ali, nem extensos matagais, nem serranias, onde pudessem acolher-se os selvagens. Os que habitavam perto do rio Poti foram os que mais resistência ofereceram capitaneados pelo índio batizado Manuel, mas morto este ao atravessar o Parnaíba a nado, cessou a luta.

Havia mais de meio século que se não falava em índios bravos na província, quando em 1765 apareceu uma horda considerável, obrigando os criadores a abandonar muitas fazendas. Pimenteiras se chamavam estes selvagens, do nome de um lugar no território, de que eles se apossaram, continuando a manter-se ali entre as cabeceiras do Piauí e do Gurguéia, sobre a fronteira, rodeados de povoações brasileiras. Supuseram-nos descendentes de certos índios, que catequizados nas imediações de Quibrobó em Pernambuco, abandonaram em 1685 os portugueses para não tomarem parte numa expedição contra outros indíge-

nas. Sob a invocação de S. Gonçalo de Amarante se fundou em 1766 uma aldeia grande para 900 guegues e 1.600 acroas. Passado algum tempo, enfastiando-se do seu novo gênero de vida, desertaram estes índios para volver à antiga liberdade: perseguidos, foram reconduzidos por persuasões, nem tão avultado número poderia ser compelido a voltar por qualquer força que de repente se aprestasse contra eles. Desde então começaram a diminuir os indígenas, que proporcionalmente eram muito menos numerosos nesta capitania do que nas adjacentes.

Casal, 2

Estado das fazendas

Não por amor de minas ou de escravos mas por causa dos seus pastos fora explorado e conquistado este país: logo os primeiros que dele tomaram posse para a Coroa de Portugal ali introduziram gado, e, por menos que esta designação pareça dizer com o seu gênero de vida ordinário, era o conquistador Domingos Afonso um dos maiores criadores de Pernambuco. Natural de Mafra na mãe pátria fora tão feliz nos seus planos de conquista, que chegou a possuir no Piauí mais de cinqüenta fazendas grandes, de que dispunha mais por doação do que por venda. Trinta deixou-as aos jesuítas para com o rendimento anual dotarem donzelas, vestirem viúvas e fazerem outras obras de caridade, e se algum saldo ficasse, empregá-lo-iam no aumento da propriedade. Efetivamente acrescentaram os padres três fazendas ao legado. Expulsos os jesuítas, tomou a Coroa a si este encargo, fazendo administrar as trinta e três fazendas por três diretores com o ordenado de 300.000 cada um. Em sesmarias de três léguas quadradas se concederam no Piauí as terras, deixando-se entre uma e outra uma légua devoluta para uso comum do gado de ambas, sem que pudesse qualquer dos sesmeiros levantar ali casa ou curral de espécie alguma. Julgou-se isto necessário em razão das freqüentes secas e falta de pasto. Também eram ciumentos dos vizinhos os proprietários, preferindo ter isoladas as suas terras, e alguma razão tinham, pois que ocasiões haviam em que um olho de água se tornava de tanto valor como nos desertos da Arábia, além dos cães perseguirem todo o gado, que não aquele que os ensinavam a guardar. Mas tendia semelhante sistema para conservar estes homens em estado de costumes bárbaros. Construía-se uma casa, de ordinário coberta de palha, adicionavam-se-lhe alguns currais, e povoavam-se então doze milhas quadradas segundo o costume do Piauí. Dez

ou doze homens bastavam para o trabalho de uma fazenda desta extensão. Um dos seus cuidados era exterminar o gado bravo, para que não viesse atrair o manso, ou torná-lo ingovernável. Se o proprietário não possuísse escravos, não faltavam nos sertões do Ceará, Pernambuco e Bahia, e especialmente perto do rio de São Francisco, na parte superior do seu curso, mulatos mamelucos e negros forros, que cobiçassem emprego nestas fazendas. Aborrecendo qualquer outro trabalho, ambicionava esta gente tal gênero de vida, que não só lhe satisfazia a inclinação, mas até lhe abria muitas vezes o caminho das riquezas. Cada um esperava tornar-se a seu turno vaqueiro criador, ou homem da fazenda, como o administrador se chama. Cinco anos servem estes feitores de graça, depois disso têm direito a uma quarta parte do gado todos os anos. Fá-los isto tomar interesse na prosperidade do estabelecimento, e passados poucos anos vão alguns deles fundar fazendas próprias. Oitocentos a mil bezerros pode produzir anualmente uma boa fazenda, mas pagos os dízimos, que no Brasil eram percebidos pela Coroa, e o quarto para o vaqueiro, apenas podia exportar de 250 a 300 cabeças: as vacas sempre se reservam para criação e gastos de casa, e o que falta para inteirar a soma caiu vítima das pragas das moscas, morcegos, vampiros (contra os quais nem os currais valem), tigres, cobras, ervas venenosas (de que há muitas espécies), e sobretudo da seca, que muitas vezes reduz a palha em pé todo o capim do país, morrendo então o gado aos milhares.

Do Piauí recebiam quase todo o seu gado o Maranhão, Pernambuco, Minas Gerais e Bahia. Com o Maranhão fáceis são as comunicações; chegar a Pernambuco cumpre atravessar lugares, onde a falta de água não raro ocasiona graves males; mas entre o Piauí e o rio São Francisco medeia um sertão, cuja largura varia de doze a quinze e quarenta a cinqüenta léguas, e que pode quase chamar-se um deserto. Esta região é mister atravessá-la para chegar à Bahia ou a Minas, e nos últimos cinco meses do ano, se é seca a estação, torna-se perigosa a jornada. Cinco caminhos ou antes trilhos se seguiam através deste ermo, e ao correr de cada um deles tinham alguns homens formado tanques, represando o rio Pontal ou outro qualquer que com ele seca no verão. Poupando assim uma água que aliás se perderia, lograram eles estabelecer aqui algumas fazendas, nem haja dúvida que por este meio se hão de ainda tornar habitáveis regiões extensíssimas.

À sede já nesta jornada têm morrido viajantes, ou devido à vida unicamente do umbuzeiro, árvore singular com que a Providência dotou as mais áridas regiões do Brasil, e que nas raízes à flor da terra tem bolbos dum palmo de diâmetro cheio de água, como melancias. *Spondia tuberosa* chama Arruda esta árvore. Mais pequeno que um ovo de galinha é o seu fruto, que debaixo duma casca áspera contém uma polpa suculenta de agradável cheiro, conjuntamente ácido e doce. Com leite e açúcar se faz do seu sumo um acepipe. Esta árvore e o cajueiro parecem oferecer meios para vencer as partes desertas destas províncias ardentes.

Do buriti, uma das palmeiras mais altas e mais belas, mas que só dá em lugares úmidos e pantanosos, faz o povo do Piauí uma bebida. O fruto é da forma e do tamanho de um ovo de galinha, coberto de escamas vermelhas dispostas em espiral, e debaixo das quais se encontra uma polpa oleosa da mesma cor encarnada. O licor que daqui se tira passa por nutritivo e gostoso, mas bebido com excesso tem a singular particularidade de tingir a pele e o branco dos olhos, sem doutra forma parecer afetar o estado geral de saúde.

Nas terras baixas do Pará e Mato Grosso pode ser de grande valor esta árvore. Para um lugar como o Piauí, onde a seca é o maior dos males, é de mais importância o piqui (a *Acantacarix pinguis* de Arruda), por exigir terreno seco e arenoso, e produzir em grande abundância uma fruta oleosa, do tamanho duma laranja, e de que muito gostam os moradores. Atinge uma altura de cinqüenta pés com proporcionada grossura, e para construções navais é boa a madeira.

Encontra-se esta árvore também no Ceará, onde, se fosse plantada em grande escala, concorreria para aliviar os males da escassez que ali muito se faziam sentir. Continha a província do Ceará uns 150 mil habitantes apesar das suas naturais desvantagens, e apesar de terem morrido ou emigrado muitos milhares em consequência duma seca que durou de 1792 a 1796. Todos os animais domésticos pereceram durante esta visitação terrível, vivendo a gente por muito tempo só de mel silvestre, alimento que produzia moléstias ceifadoras de centenas de vidas. Sete paróquias inteiras foram então abandonadas por todos os seus moradores, sendo na verdade para pasmar não se haver despovoado a província. Passados dez anos contudo estava ressarcida a perda. Ficava a capital, Vila de Fortaleza do Ceará, num sítio que apesar de ser a melhor

posição marítima da província, outra nenhuma vantagem tinha, além da de ser o recife, que corre paralelo à costa um puco mais alto ali do que em outra parte do vizinho litoral, abrigando assim um pouco as embarcações fundeadas: duas aberturas dão passagem através desta penedia uma acima, outra abaixo da vila. Térreas eram todas as casas. Havia três igrejas, um palácio do governador, um paço do senado, uma cadeia, uma casa do tesouro e uma alfândega, sendo estes públicos edifícios pequenos porém asseados, e bem calculados para os seus respectivos fins, assim como dava a vila mostras de maior prosperidade e mais alta civilização, do que fora de esperar das circunstâncias da província. Tinha ela seus 1.200 moradores. Dentre as outras vilas a mais importante pela sua riqueza e comércio era Aracati sita a oito milhas do mar sobre o Jaguaribe, ou rio Jaguar, assim chamado, não como o Tigre pela rapidez e força da sua corrente, mas pela multidão de feras que lhe freqüentam as margens. Tinham as casas seu sobrado, o que nenhures mais se encontrava em toda a província, mas era aqui necessário por causa das cheias que inundavam às vezes o andar térreo. Dentro da barra forma o rio espaçosa baía, mas é extremamente difícil a entrada em razão das areias movediças que se acumulam ali, tendo sucedido ficar a foz completamente impedida quando sopra rijo o vendaval do mar. Exportavam-se algodão e couros. A população era de 600 almas. Muito pelo país adentro, sobre uma das correntes menores que formam o rio Salgado, o maior afluente do Jaguaribe, ficava Crato, notável por fazerem os habitantes do seu distrito uso da irrigação, podendo assim em ocasiões de seca fornecer víveres a outras partes da província. Sendo isto a mais abundante e deliciosa região do Ceará, eram contudo endêmicas aqui certas moléstias dos olhos e das pernas (provavelmente elefantíase). Vila Viçosa, na serra de Ibiapaba, fora aldeia dos jesuítas, e judiciosamente havia sido escolhida a sua situação à borda de um lago, com formosas florestas ao pé, em país fértil e saudável, onde mais frescas que no inverno são as noites do estio. Atraíram estas vantagens muitos europeus da melhor espécie, lavradores industriosos que cultivam algodão, vivendo na abundância. Na serra se encontra cobre. Aqui nascera Camarão, cujo nome em grande veneração é tido entre índios e portugueses, nas províncias que foram teatro de suas proezas. Numerosos eram nestas partes os indígenas.

Aracati

Crato

Vila Viçosa

Estado dos índios

Várias outras vilas havia, que originariamente haviam sido aldeias criadas pelos jesuítas. Na serra diminuía o número dos índios puros, ao passo que com a mistura do sangue crescia a população em geral. Pelos fins do século, se haviam modificado a favor dos índios os regimentos de Pombal, decretando-se que seriam eles inteiramente livres de dispor de si, que poderiam ser eleitos ou nomeados para todos os ofícios e empregos, e que se daria preferência àqueles dentre eles que quisessem abraçar o estado eclesiástico. Não foi este o único caso em que o governo português antecipou as idéias de melhores tempos, indo além da meta que a opinião pública podia atingir. Não estavam porém os índios em estado de receber o benefício que se lhes queria conferir. Ninguém cuidara nesse processo intermediário que segundo as intenções de Pombal devia preceder neles a emancipação; nada se fizera para instruí-los e prepará-los para a mudança, e exceto terem aprendido geralmente a língua portuguesa (em alguns casos esquecendo inteiramente a própria), estavam menos aptos para serem senhores de si e confundirem-se como cidadãos livres na massa da população, do que quando lhes tiraram os seus mestres religiosos. A baixa tirania dos diretores, a que eles e seus pais haviam vivido sujeitos, lhes tinha corrompido a moral e quebrado os espíritos: eram tão ignorantes como dantes, porém mais viciosos e mais aviltados. Quando pois se diz que a completa emancipação nenhum efeito produziu sobre a natural indolência e apatia desta gente; que nem lhe inspirou ambição, nem desejo de por qualquer modo melhorar de condição; que nunca se vê um índio freqüentar as escolas superiores; e que bem poucos há que aprendam uma arte liberal, asserções estas que podem parecer deprimir a capacidade dos indígenas como espécie, não devemos esquecer, que continuando eles nas mesmas circunstâncias, não podia a emancipação só por si produzir mudança alguma, só se aos governos fosse dado obrar milagres, e conseguir os fins, dispensando os meios. Continuaram os diretores a exercer autoridade, não a mais benigna: não podiam, é verdade, empregar os índios em trabalhos compulsórios, mas eram ainda que lhes alugava os serviços, de ordinário por preço abaixo do justo. Recebiam os mesmos índios o dinheiro, aplicando-o ao que lhes convinha, e assaz compreendiam a sua liberdade para abandonar qualquer serviço todas as vezes que a isso os induzia a indolência, o capricho ou o gosto das mu-

danças. Com estas deserções muitas vezes se têm visto embaraçados os mercadores no Alto Maranhão em lugares onde se não obtinham prontamente braços, e tão conhecida era em Pernambuco a inconstância dos índios, que o feitor que os tomava para trabalharem na fazenda, não contava com eles senão para o dia que decorria. As piores feições do caráter dos índios eram a manifesta falta de naturais afetos e uma vil indiferença a respeito do comportamento de suas mulheres e filhas. Esta última tinham-na trazido do seu estado selvagem, perpetuando-lha a opressão sob que haviam vivido, e o proceder dos brasileiros que lhes freqüentavam as aldeias: a submissão a que os reduziam teria bastado para por si acarretar esta prostração do espírito, que a seu turno devia entibiar neles o amor à sua prole. Mas se os afetos naturais não existiam como atributos da humanidade, haviam de manter o seu lugar como instintos animais, e a aparente falta deles (exceto em alguns indivíduos que são verdadeiros monstros) pode explicar-se pelos efeitos da miséria habitual, e por um sentimento, não privativo dos índios do Brasil, de ser a morte bem preferível a uma vida de trabalho sem esperança. Envidam os padres e os magistrados brasileiros os seus esforços a bem da reforma geral dos costumes, inspirando à mocidade princípios de virtude, e executando com retidão leis boas e justas, e não serão os índios os piores membros do estado; porquanto são eles inquestionavelmente uma raça dócil, dotada de muitas qualidades úteis, são sossegados e inofensivos, asseados em suas pessoas, contentes com pouco, e sofredores de fadiga. Tal era o seu caráter no Ceará, onde não longe da capital tinham diferentes aldeias, edificadas em quadrado com seus 300 moradores cada uma. Eram numerosos naquela província estes aldeamentos, dizendo-se que poderiam eles tornar-se ricos e florescentes, assim fossem mais ativos os índios, e mais religiosos os diretores, mais patrióticos, mais entendidos na agricultura e menos avarentos. Empregavam-se estes índios, geralmente como portadores de cartas, serviço em que com um alforje de pele de cabra às costas iam andando sempre o mesmo passo, qualquer que fosse a natureza do caminho, e com perseverança tal, que numa jornada comprida deixavam atrás o melhor cavalo.

Na estação seca somem-se a maior parte dos rios do Ceará. De junho a dezembro não cai uma só gota de chuva, mas são frescas as noites e pesado o orvalho, soprando a brisa rija e regular

Produtos do Ceará

das nove da noite às cinco da manhã. É quando a outra metade do ano passa igualmente sem chuva, que se tornam tão terríveis as conseqüências. Todas as plantas esculentas de Portugal tinham sido introduzidas nesta capitania, onde eram cultivadas com proveito, exceto a cebola, que degenerava. A batata-inglesa se dava bem, sendo curioso ter a raiz tupinambá, como a chamavam quando primeiramente a introduziram na Europa, obtido o nome de inglesa na sua própria pátria. Duas ou três vezes por ano produz a vinha o seu fruto, mas nunca chega o cacho a amadurecer perfeitamente. A árvore mais vulgar e mais útil era a carnaúba; com a sua madeira construíram os habitantes casas que cobriam com as folhas; comia-se o fruto, e em ocasiões de grandes secas vivia o gado das folhas e até dos troncos das árvores novas, fazendo o povo em tais épocas da madeira para si mesmo uma farinha com que preparava uma massa, azeda na verdade e repugnante ao paladar de um estrangeiro, mas capaz de entreter a vida. É esta a árvore que produz a cera vegetal. A cana-de-açúcar cultiva-se aqui, como sucedia no Piauí, principalmente para destilação e rapaduras. Principiava o povo a dar-se ao cultivo do algodão. O comércio de carnes secas cessara, e o gado, que do consumo interno sobrava, levava-se para Pernambuco, mas o morcego vampiro matava milhares de reses, reduzindo à pobreza opulentos criadores. Passam estes hediondos animais por mais destruidores do que todas as bestas-feras. Singularmente bons e robustos eram aqui os cavalos. Não há no sertão criador de gado que não tenha seu rebanho de ovelhas e cabras, servindo estas últimas muitas vezes para amamentar crianças. A cabra, que exercia estas importantes funções, conservava sempre na família o nome de comadre. De excelente qualidade, pode a lã tornar-se ainda objeto de primeira importância numa província onde já então havia, segundo um cálculo aproximado, cinco mil rebanhos de duzentas cabeças cada um. Com o favor do governador Luís Borba Alardo de Meneses, que tendo a peito o interesse da província zelosamente promovia quando podia concorrer para engrandecê-la, se estabeleceram fábricas de lã, algodão e obra de barro. Em muitas partes se encontra sal e na lagoa de S. Catarina se encontraram em abundância ossos de animais fósseis. No sertão são freqüentes os furacões causando tanto dano ao gado como às plantações e às casas.

J. de Coimbra. **T. 6.**
Patriota, **3, 1.**
Feijó.
Mem. Econômica, **5, 7, 9**

Calcula-se ao Ceará uma extensão de noventa léguas de leste a oeste e outras tantas de norte a sul na parte mais larga, com considerável linha de costa. A vizinha província do Rio Grande do Norte entrava a igual distância pelo sertão adentro, mais ficava encerrada entre 4° 10', e 5° 45' lat. S. A cidade do Natal (posição a que tanto valor se dava na guerra holandesa, que a sua fortaleza passava pela mais segura do Brasil) contava apenas uns 700 moradores, mas tinha importância como sede do governo e como porto da capitania. No Potengi (ou rio Grande) entram navios de cento e cinqüenta toneladas, achando ali seis ou sete deles cômodo e seguro abrigo; mas a entrada é difícil, e só por quarenta milhas é a corrente navegável para batelões, passando daí para cima só canoas. Edificada sobre terreno arenoso, não tinha a cidade outro calçamento além dos tijolos com que alguns moradores formavam uma vereda diante de suas casas. Dentre as vilas do interior Açu, que era uma das mais consideráveis, não continha mais da 300 habitantes, mas era lugar de muito comércio. Havia perto numerosas salinas e abundava o rio Açu em peixe, que os moradores curavam para exportar. Na estação seca fica a descoberto o leito da corrente, mas assim que principiam as chuvas chegam barcos grandes até à vila, que fica a sete léguas da barra. Em posição tanto menos vantajosa para o comércio quanto mais formidável à saúde e bem-estar dos moradores, fica Portalegre duas milhas pela serra acima, a que deu o nome. Habitavam-no também índios descendentes dos paiacus, icós e panatis mas portugueses eram a maior parte dos moradores, e cultivando algodão e mandioca gozavam as delícias de uma temperatura fresca e agradável e das belas primaveras da montanha.

Rio Grande do Norte

Natal

Açu

Portalegre

Casal, 2. Koster

Partes tinha esta Capitania mais bem povoada do que devera supor-se à vista do tamanho das vilas. Em 23.000 almas orçava em 1775 a população, que depois tem ido em aumento. Só a serra do Martins, que apenas tem três léguas de comprimento, contava em fins do mesmo século mais de 4.000 fregueses. Depois da abolição do monopólio tinham os lagos salgados atraído muito comércio e por conseguinte muitos colonos. Cultivavam-se açúcar e algodão para exportação, mas principalmente este último por exigir menos capital, e achar mercado mais seguro. Milho, mandioca, arroz e tabaco semea-

Notícias. **Ms.**

vam-se pela maior parte para consumo interno. Tão numerosas são as abelhas bravas, que a iluminação mais vulgar é a de cera. Todas as muitas espécies de abelhas do Brasil são porém inferiores à européia: formam sem simetria as suas celas em forma circular, e nenhuma das suas colméias é populosa. Há uma espécie que toma posse das desertas casas das formigas. Poucos eram os negros nesta capitania e índios bravos não os havia. Ao povo não faltava indústria, e de fato onde quer que a indolência é o vício dos brasileiros, procede ela não do caráter nacional, mas de algum baixo prejuízo relativo à escravidão.

Casal, 2. Vicente Coelho de Seabra. Mem. da Academia. T. 2

Ao apoderarem-se dela os holandeses, continha toda a capitania da Paraíba 700 famílias e vinte engenhos, mas já em 1775 se calculava em 52.000 almas a população, que em 1812 passava de 122.000 sendo 17.000 escravos, 8.000 negros forros, 28.000 mulatos livres, apenas 3.400 índios, e o resto brancos. Também aqui não havia índios bravos. Entra a província sessenta léguas pelo sertão adentro, com dezoito ou dezenove de costa. Aqui temos pois uma população considerável para o Brasil, especialmente passando dois terços da área total por incapazes de toda a cultura, erro que por si mesmo desaparecerá depois de ocupado todo o bom terreno. Por mais contudo que florescesse a província decaía a cidade, por ter o Recife, mercado melhor e mais seguro, atraído a si nos últimos anos os produtos do sertão, que aliás viriam à Paraíba. Teria esta capital seus 3.000 moradores, cinco ermidas ou igrejas não paróquias, uma igreja matriz dedicada a Nossa Senhora das Neves, um convento franciscano, outro carmelita e ainda outro beneditino, todos três edifícios vastos, e todos quase desabitados, tendo o primeiro em 1810 apenas quatro ou cinco frades, o segundo só dois e um o terceiro; uma misericórdia com seu hospital, dois chafarizes, coisas tão desusadas então nas cidades do Brasil quanto são de adorno e utilidade. Residia o governador no que fora colégio dos jesuítas. As casas eram quase todas de um andar, algumas com janelas de vidraças, havendo-as também que eram nobres edifícios. Larga e bem calçada era a principal rua. Nasce o rio Paraíba nas abas da serra do Jabitaca, perto do lugar onde tem suas cabeceiras o Capibaribe. Corre ao princípio por um país árido, e aí lhe seca o leito quando cessam as chuvas, mais perto porém do mar recebe várias correntes consideráveis. Um pouco acima da

Paraíba

cidade entra nele o Guaraú, com o qual, seu maior afluente, e com o Unhabi forma a espaçosa bacia que constitui o porto. Ao entrarem no mar, três léguas mais abaixo, dividem-se as águas em dois canais, formando a ilha de São Bento, que mede quase uma milha de comprimento. Navios de cento e cinqüenta toneladas entram na barra, e vasto e perfeitamente seguro é o porto. Navega-se o rio por umas cinqüenta milhas acima da cidade até à vila do Pilar, outrora aldeia de Cariri. Aqui formavam os índios, puros e mestiços, a massa da população, mas uma vileta por nome Montemor havia na província que deveu a existência à má vizinhança de brancos e índios. Estabelecera-se certo número de portugueses na aldeia de São Pedro e São Paulo, mas tão freqüentes se tornaram as rixas com os antigos habitantes que se julgou conveniente para os índios como parte mais fraca, retirando-os, ir formar com eles povoação nova. Cunhaú, teatro de uma memorável matança perpetrada pelos holandeses, e da vitória sobre eles alcançada por Camarão, dera o seu nome a uma das vastas fazendas naquela parte do Brasil, pois que se estendia quatorze léguas ao correr da estrada do Recife para o Natal. Pertencia à família dos Albuquerques do Maranhão, que além desta prodigiosa propriedade possuía no sertão outras cuja área se calculava de trinta a quarenta léguas. Em nenhuma parte do país se fazia melhor açúcar do que na Paraíba, mas os canaviais diminuíam, ao passo que cresciam as plantações de mais algodão, em parte por sofrer este melhor a seca, e em parte pela grande saída que tinha para a Inglaterra.

Casal, 2.
Koster.
Patriota, **1, 4**

Uma das partes mais florescentes do Brasil era Pernambuco[11] com mais portos do que outra nenhuma Capitania, sendo o Recife em importância comercial só inferior à Bahia e ao Rio de Janeiro. Continha esta cidade, não impropriamente chamada *Trípole do Novo Mundo,* nas suas três divisões naturais cerca de 25.000 habitantes, crescendo a população rapidamente.[12] Continuara desde a conquista holandesa a ser lugar de primeira importância, nem havia cidade que do desenvolvimento do comércio do algodão, conferisse tão grande e inequívocos benefícios. Em fins do século passado decaía na estimação o algodão de Pernambuco, pela maneira negligente por que se enfardava sem se separarem as folhas e as impurezas; nomearam-se pois inspetores, e depressa recuperou ele a sua repu-

Pernambuco

Recife

tação, sendo na verdade superior a qualquer outro exceto o da Zelândia. Oferecia o Recife no seu aspecto alguns vestígios de antigos tempos: ruas estreitas e casas altas indicavam terem-se os moradores outrora visto apertados dentro do recinto de muralhas, e ainda podem os pernambucanos com orgulho apontar para alguns monumentos dos holandeses. A maior parte das casas eram de rótulas com varandas de pau, poucas tinham vidraças e grades de ferro. Sem janelas as lojas só pela porta deixavam entrar a luz, e confundidos quase todos os ramos de negócio, vendia o mesmo homem toda a casta de mercadorias. Os padres do Oratório, os franciscanos, e os carmelitas tinham cada ordem o seu convento; os barbadinhos italianos e os pedintes da Terra Santa, seus dois hospícios. Também havia um recolhimento e um hospital de lázaros. O paço episcopal descrevem-no como magnífico. Quanto ao governador, residia no antigo colégio dos jesuítas, e o lugar destes padres como mestres da mocidade, preenchiam-no professores régios de retórica e poética, latim e filosofia, sem que os religiosos que lhes sobreviveram os substituíssem a outro algum respeito útil. Havia igualmente um teatro, miseravelmente edificado, mas assaz bom para as miseráveis farsas que ali se representavam, sendo em composições dramáticas os portugueses mais pobres do que outro nenhum povo de quantos têm uma literatura nacional. Tampouco faltava uma casa de expostos fundada em 1790 pelo governador D. Tomás José de Melo.[13] Calçadas eram as ruas do Recife, mas não as da vila do Meio, nem as da Boavista, sendo esta última parte da tríplice cidade a única suscetível de alargamento, e por conseguinte a que por força tem de tornar-se a mais extensa. Apesar de bebedores de água como eram os portugueses, não tinha esta populosa cidade um único aqueduto, sendo de mister trazer a água em canoas, ou do Beberibe acima da influência da maré, ou do Beberibe junto de Olinda, onde se construíra uma represa para que a água do mar não passasse além. Ali havendo para esse efeito vinte e quatro bicas, iam encher as canoas e levavam a água solta para a oferecerem à venda. A água de poço era má e salobra. Encantadores eram os arredores do Recife, e neles tinham os opulentos cidadãos suas baixas, asseadas, não presunçosas casas de campo no meio de jardins de romeiras, limoeiros, laranjeiras e outras árvores, não menos formosas nas suas flores e frutos, e sempre verdes. Saudável o clima, vem a brisa do mar que todo o ano se ergue às

nove da manhã durando até à noite, tornar tolerável o calor mesmo na estação mais calmosa. À brisa sucede o terral, sendo a meia hora de intervalo que às vezes se dá de manhã entre uma e outra, o momento mais desagradável de todo o dia.

Visto do mar tão belo é o aspecto de Olinda, com suas igrejas, seus conventos, suas casas brancas de neve, semeadas entre árvores e jardins pelas encostas e cimo do outeiro, que muitas vezes têm sido repetida por quem a descortina a exclamação que lhe deu o nome Oh, linda! Quase a prumo para o lado do mar, vai a colina declinando gradualmente para a banda de terra, e deliciosa é a vista que dali se goza. Cobre a cidade grande extensão de terreno, havendo muitas partes que se não tinham reedificado, de onde lhe vinha um certo ar de despovoação e decadência, que contudo não dizia mal com a natureza sossegada e quase melancólica do sítio. Tinha um recolhimento, uma misericórdia, e conventos de franciscanos, beneditinos, e carmelitas, tanto calçados como descalços. Em estado de ruína se achava o paço episcopal, nem os governadores eram já obrigados a residir ali meio ano, tão completamente se tinha a importância política do lugar fundido na do Recife. O colégio dos jesuítas convertera-se num seminário, que a outro nenhum do Brasil cedia o passo. Tinha seus professores régios de latim, grego e francês, geografia, retórica, história universal, filosofia, desenho, história eclesiástica e teologia dogmática e prática, palavras altissonantes, com as quais tão pouco se significava! Pagavam os pensionistas 120$000 por ano. No jardim botânico havia fruta-pão, a pimenta oriental e a cana-de-açúcar de Otaiti, que se distribuíam por quem queria e podia cultivá-las. De umas 1.100 famílias se compunha a população, que era de mais de 2.500 almas antes da guerra holandesa, mas ainda que Olinda não houvesse sido queimada durante esta contenda, o crescente comércio do Recife lhe terá subtraído muitos moradores. Conseqüência acidental e local da prosperidade geral foi a sua decadência. Também Iguaraçu declinara por uma causa semelhante, transferida dali para Goiana a feira semanal de gado; mas nem por isso deixara de ser lugar de considerável importância, de onde para a capital se embarcava muito açúcar. Contava cerca de 800 moradores, e a única hospedaria regular em Pernambuco, que nem no Recife havia! Fundara-se este estabelecimento para comodidade dos

Iguaraçu

Goiana

passageiros entre Recife e Goiana. Continha esta última vila seus quatro a cinco mil habitantes, e dentro do seu termo cinco vezes este número, e umas vinte ermidas. Madalena, principal povoação das Alagoas, tornara-se uma grande vila que era capital de uma comarca florescente. Em princípios do século décimo oitavo regulava a exportação anual de tabaco deste termo por 2.500 rolos de oito arrobas cada um, e de tão boa qualidade, que se vendia por 50% mais do que o da Bahia. Ultimamente trocara-se a sua cultura pela da cana-de-açúcar. Nesta parte austral da capitania cresciam rapidamente as vilas e as aldeias, sendo aqui ativíssimo o tráfico com o sertão, agora inteiramente explorado, e com seus moradores espalhados por toda a parte, tão grande mudança se operara silenciosamente desde o tempo dos holandeses, em que a cultura só se achava aos pedaços ao correr da costa do Recife até ao Potengi, nunca penetrando pelo interior mais de 21 ou 22 milhas e raras vezes mais de 12 a 15. Depois da expulsão dos invasores tinham os habitantes continuado a multiplicar-se, sem que viesse qualquer guerra dizimá-los, e durante um século até sem que os visitasse epidemia alguma. Em 1775 orçava-se a população em 245.000 almas, tendo ela na vizinha província da Paraíba mais que duplicado desde aquele tempo.

Casal, 2.
J. de Coimbra, **4. Nº 30. Koster, 15, 16, 45.**
Notícias **Ms.**

Achavam-se os sertanejos num curioso estado, a que o Mundo Velho nem na história antiga nem na moderna oferece paralelo, pois que nas passadas eras de barbaridade se formavam as instituições e costumes de todos os países com referência à guerra, sendo esta quem associava os homens. Já lá vão os males desses séculos, mas aos sentimentos e virtudes que eles no seu turbulento correr chamaram à existência as mais nobres nações da Europa as suas melhores e mais altivas características. Mostrará o futuro qual há de ser o caráter das nações que não passaram por esta depuração, mas o que até agora se tem visto não permite aguardar grandes coisas. No Velho Mundo fora também a tendência dos sucessos para reunir os homens em estados, ou em tribos quando a sociedade se achava na sua condição mais rude, mas ligando-os por toda a parte com laços de mútua dependência: no mundo novo pelo contrário tem a tendência sido para a separação, e para uma espécie de selvagem independência. Em Pernambuco teria esta tendência tornado cada geração mais bárbara

Moradores do sertão

do que a anterior, se a civilizadora influência do comércio, estendendo-se da costa para todas as partes, não houvesse contrabalançado este natural processo. Graças a esta influência encontravam-se nas fazendas desta província as decências e até os cômodos da vida, que debalde se buscariam entre os miseráveis semi-selvagens do Paraguai e do Prata. Na mais pobre cabana de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará se servia água antes e depois da refeição como nos tempos da cavalaria, suprindo uma bacia de barro ou uma cuia na casa do pobre o vaso de prata, que na sua habitação ostentava o rico. Em muitas choças se encontrava uma mesa, mais geralmente porém prevalecia o costume de se assentar a gente no chão. Facas e garfos eram superfluidades, a que as classes baixas no Brasil se não haviam acostumado ainda. De leitos serviam sempre redes (não tardando a preferi-las os mesmos europeus) e muitas vezes também de cadeiras e sofás. Por casa não usa o sertanejo senão de calças e camisa; quando sobe, prende da cintura uma espécie de avental de couro curtido; uma pele de cabra sobre o peito, amarrada nas costas, uma jaqueta também de couro, de ordinário pendente de um ombro, chapéu de sola e copa baixa e abas estreitas, alpargatas, e esporas presas aos calcanhares nus. Espada e faca nunca o largavam, e às vezes adicionava-lhes ele uma pistola de alcance. De jornada levava quase sempre a sua rede e uma muda de roupa branca, e às vezes ainda um par de calças de ganga enroladas e presas do arção da sela.

O traje caseiro das mulheres consistia em camisa e saia, sem meias e de ordinário também sem sapatos, mas nunca saíam descalças, nem sem grandes lenços brancos (às vezes por elas mesmas tecidos) lançados sobre a cabeça e ombros, como em Portugal, moda asseada e conveniente para resguardar do sol. A saia era de algodão do país, às vezes tingida de vermelho com casca de coipuna, que também se aplicava às redes de pescar por supor-se que conservava o fio. As crianças de ambos os sexos andavam de ordinário nuas até à idade da puberdade.

Apesar de não haver gado bravo nestes sertões, tão grande era o número de bois, que o povo se sustentava demasiadamente de carne, comendo-a três vezes ao dia com pirão, arroz ou também com farinha de milho, e na falta de tudo isto (que de ordinário vinha das terras mais férteis perto das serras ou da costa) servia uma massa feita do âmago da carnaúba. Às vezes com a carne co-

Koster, 87

mia-se leite coalhado. Gostava esta gente muito de feijão, mas as vagens verdes reputava-as alimento de animais, não comendo nunca ervas de qualidade alguma: tornando necessária a horticultura, seria grande passo dado para a civilização uma mudança a este respeito. Tanto abundavam as frutas silvestres, que poucos as cultivavam, prestando-se só alguns cuidados à melancia. Muniam-se vacas e cabras, serviço que pertencia aos homens, e faziam-se queijos, que, excelentes quando novos, tornavam-se ressequidos passadas quatro ou cinco semanas. Chegava aos sertões de Pernambuco a manteiga inglesa, que pelo caminho adquiria um cheiro forte, como é fácil de supor.

Comércio do sertão

Os grandes agentes do progresso entre esta gente eram os bufarinheiros, que andavam de lugar em lugar com as fazendas de algodão do país, e obra de louça, de porcelana branca da Europa, e de outra escura feita pelos caboclos de Pernambuco, barrilinhos de aguardente, manteiga inglesa, rapé e tabaco, rapaduras, esporas, freios, e arreios de cavalos (exceto selas, que os mesmos sertanejos fazem) e até objetos de ouro e prata. Raras vezes recebiam o preço em dinheiro, tendo de aceitar couros, queijos e gado de toda a espécie, que levavam para a costa, ou qualquer mercado conveniente, trocando-os ali por mercadorias, fazendo assim o seu comércio quase que sem numerário. Costumava o bufarinheiro fazer uma viagem por ano, e os lucros estavam em proporção com o tempo gasto e com o trabalho do escambo (que implicava dois negócios em vez de um), isto é, regulavam de 200 a 300 porcento.

Já os sertanejos tinham adquirido a pior parte do espírito mercantil: enganavam, quando podiam, a pessoa com quem tratavam, olhando esta esperteza como uma proeza que lhes fazia honra, mas a todos os outros respeitos mereciam o louvor de francos e generosos. Quanto às suas relações com as mulheres achavam-se eles nesse estado de devassidão, em que o homem julgando a própria esposa pela do vizinho, e julgando o vizinho por si mesmo, se mostra conjuntamente dissoluto, ciumento e vingativo. Freqüentes eram as mortes por esta causa; mal podendo as leis, tão escandalosamente administradas nos domínios portugueses, possuir a menor influência nos sertões do Brasil, tomava cada um por suas próprias mãos a vingança. Contudo não era tal o estado da religião que pudesse no menor grau diminuir a necessidade de leis hu-

manas. Em país tão raro povoado eram de enorme extensão as paróquias, não havendo talvez uma igreja por oitenta ou cem milhas. Obtinham pois certos padres licença do bispo para viajar, praticando o que nos países católicos romanos se consideram coisas essenciais da religião. Partia um destes itinerantes com um altar portátil, construído de modo que podia ir de um lado das cangalhas, e com o mais necessário para dizer missa. Ajudava a este rapaz que tangia a besta de carga, e onde quer que se encontravam fregueses que pagassem a cerimônia, armava-se o altar e celebrava-se o ofício. Variava o preço segundo o zelo e meios das partes, desde o valor de três ou quatro patacas até ao de outras tantas moedas de ouro, ou muito mais ainda, não sendo raro pagar-se o padre em gado. Estes homens batizavam e casavam, prestando inquestionavelmente um grande serviço, com conservarem as fórmulas essenciais à sociedade civil, e sustentarem uma crença embora cega e ignorante, porquanto grosseiras e monstruosas como são, valem as corrupções da idólatra igreja de Roma mais, infinitamente mais, do que a absoluta irreligiosidade.[14] Era um emprego penoso, porém lucrativo, sendo lícito suspeitar que estes párocos ambulantes se deixariam levar mais do proveito e da licença de semelhante vida, do que de motivos mais nobres.

Melhoramento dos costumes

Por pior contudo que continuassem a executar-se as leis, dera-se nos últimos anos do século passado considerável melhoramento: quebravam-se ainda com por demais freqüente impunidade, mas já se não afrontavam aberta e impudentemente. Havia uma espécie de malvados que intitulando-se valentões freqüentavam feiras e festas só pelo gosto de armar pendências e meter medo a todos. Às vezes iam postar-se numa encruzilhada, obrigando todos os passageiros a apear-se, tirar o chapéu, e conduzir o cavalo à mão até se perderem de vista, ou então bater-se como alternativa. Mas o combate com um destes desalmados, armados de faca e espada, era coisa muito mais perigosa do que o mais rude encontro de um cavaleiro com lança e escudo. Ensinavam cães de extraordinário tamanho a ser tão ferozes como eles mesmos, e contudo tão obedientes, que bebiam aguardente a um leve aceno. À volta do pescoço traziam contas verdes a que os crédulos atribuíam a virtude de torná-los invulneráveis. Mas tantos destes cavaleiros andantes da vida vulgar encontraram o merecido fim que em fins do século extinguiu-se-lhes a raça. Com grande vexame e perigo do

povo prevalecia na Paraíba um costume que a polícia, relaxada como é em Portugal e na Espanha, tinha desde muito feito desaparecer da península. Homens embuçados em grandes capotes percorriam de noite as vilas, cometendo quanto excesso lhes pedia a crueldade ou a travessura do seu temperamento. Um governador mandou prender todos estes embuçados, entre eles apareceram alguns dos principais moradores, mas a descoberta bastou para que mais se não repetisse o abuso. Prendeu o mesmo governador um ferocíssimo malvado de sangue cruzado que trazia alvoroçado todo o lugar, roubando inocentes mulheres da casa de seus pais, e assassinando sem escrúpulo quem tentava ir-lhe à mão. Fiava-se este celerado no seu parentesco, por ser filho bastardo de um potentado da capitania, e com efeito tal era a influência que o protegia, que teve o governador de desistir da intenção de mandá-lo supliciar.

Nem por isso contudo escapou o criminoso inteiramente à ação da Justiça: foi condenado a açoites, e como alegasse não estar sujeito a este ignominioso castigo por ser meio fidalgo, admitiu o governador a exceção, mandando-o açoitar só em metade do corpo deixando a ele mesmo a designação de qual dos seus dois lados era o fidalgo: depois de executada esta parte da sentença, foi cumprida a outra, que era de degredo para Angola. Possuía a família dos Feitosas vastas fazendas no Piauí e Ceará, e abusando da sua influência, como os poderosos dos piores tempos de anarquia, procedia com inaudita violência, chegando a mandar matar quem a ofendia, ou desobedecia às suas ordens. Coronel da ordenança no seu termo era o chefe da casa, e este, alistando ao seu próprio serviço desertores e assassinos que houvessem perpetrado este crime por motivos pessoais, não para roubar, tinha às suas ordens mais de cem destes capangas, como ali os chamavam, força assaz considerável em país tão pouco povoado. Recebeu o governador do Ceará, João Carlos, instruções secretas de Lisboa para prender este homem. Sendo sumamente arriscada a diligência, recorreu o governador a um estratagema que muito devia custar ao seu caráter honrado. Avisou Feitosa de que ia visitá-lo, para passar-lhe revista ao regimento, e efetivamente se apresentou em casa dele seguido de dez ou doze homens. Passou-se a revista, debandou a gente cansada do exercício do dia, e ao pensar Feitosa que iam os seus hóspedes recolher-se para passar a noite, pôs-lhe o governador de repente uma pistola aos peitos, dizendo-lhe que se fizesse a menor resistência, ou tentasse dar

rebate, imediatamente o mataria, embora à custa da própria vida. Da mesma forma foram surpreendidos e amarrados os familiares de Feitosa que se achavam presentes, levados para uma porta traseira, postos a cavalo, e conduzidos dali para fora. Toda a noite cavalgaram até que pela manhã alcançaram a costa, em cujas águas cruzava um navio. Prontas estavam ali jangadas para o transporte para bordo, e mal se efetuara o embarque, quando apareceu à vista a gente de Feitosa, tarde demais para o resgate. O chefe foi remetido para Lisboa, e ali metido no Limoeiro, onde se supõe que ou morreria ao tempo da retirada da família real, ou seria posto em liberdade pelos franceses.

Koster, 124-5

Mas passados eram os tempos dos poderosos. Os homens que possuíam esse poder, que a grande riqueza territorial sempre confere, procuravam naquelas partes do Brasil situações favoráveis à exportação dos seus produtos, ficando por conseguinte mais debaixo das vistas do governo e dentro da influência do espírito da época. Tais pessoas longe de perturbarem a ordem, e impedirem o progresso, eram os grandes promotores da civilização; não só inofensivas, mas até eminentemente úteis eram as suas vidas, praticando eles uma generosa e magnífica hospitalidade, em que a cortesia e elegância da mãe-pátria apareciam no meio de uma profusão colonial e semibárbara. Deixara a guerra holandesa após si bens permanentes nestas províncias, apelando os pernambucanos para os efeitos dos seus maiores, como se daqui lhes viesse orgulhosa distinção entre os demais brasileiros, e os representantes das grandes famílias, que naquela luta tremenda se haviam assinalado, traziam em si realmente o selo e o caráter da verdadeira pobreza. Tudo nas suas fazendas tinha um ar de permanência. Nenhum dos seus escravos era jamais vendido, provindo isto de um sentimento por demais nobre na sua natureza e origem, e por demais benéfico nos seus efeitos, para poder ser chamado orgulho, embora orgulho entrasse nele inquestionavelmente. No estado de escravidão é um grande benefício ver-se assim ligado ao solo. Nestas circunstâncias gozavam os escravos de tudo de que em semelhante clima careciam: tinham terreno próprio, em que cultivavam bananas e tabaco, e criavam porcos e aves. Aos que na mesma fazenda nasciam permitia-se às vezes ajuntar ao seu nome um dos apelidos da família, do que eles continuavam a desvanecer-se ainda quando chegavam a desligar-se de seus senhores.

Famílias principais de Pernambuco

J. de Coimbra. **Koster**

Escravos das fazendas dos conventos

Igual caráter de estabilidade tinham as fazendas pertencentes a ordens monásticas. Também ali nunca se vendiam os escravos, sendo tão paternal o tratamento, que castigos corporais nem eram permitidos, nem necessários. Desde tanto datava este sistema que eram os escravos quase filhos do solo, de onde resultava a boa conseqüência de serem quase iguais em número os dois sexos, sendo um dos grandes males da escravidão a desigualdade entre estes. Aos brasileiros não faltam culpas sobre este capítulo, mas nunca nutriam a opinião infame de serem os africanos incapazes de sentir afeições, ou observar as relações morais e religiosas do estado de casados. Nesta parte do Brasil trabalharam sempre por tornar os seus escravos tão bons cristãos como eles mesmos, não deixando estes desgraçados sem as esperanças e as consolações da religião, bens que a forma corrupta por que se apresenta aqui o cristianismo não pode diminuir. Apenas o negro boçal aprendia o seu tanto ou quanto de português e podia repetir algumas orações, logo era batizado, cerimônia por que ele suspira para se ver colocado no mesmo pé com os seus conterrâneos, companheiros de escravidão, que até então o olham como seu inferior, nunca deixando de estigmatizá-lo nas suas desavenças com o nome de pagão. Nas fazendas conventuais animam-se os casamentos cedo, cooperando a idéia do que é bom e justo com os princípios de cerimônia segundo os quais se administra a propriedade. Ensina-se cuidadosamente o catecismo às crianças, e cantar o hino da Virgem é um dos deveres diários de todos os negros. Provêm os mesmos escravos à sua própria subsistência, para o que todas as semanas se lhes concede o sábado, além dos 7 domingos e dias santificados. Eram estes últimos então trinta e três por ano, e honra seja feita ao governo português, quando alguns deles passaram em Portugal à categoria dos dispensados, não se estendeu, por um princípio de humanidade, ao Brasil a dispensa, não fossem os escravos privados ao tempo que era seu para trabalharem ou descansarem. Quase todo o trabalho se faz por tarefas nas fazendas monásticas, sendo tão justos e humanos os princípios que de ordinário fica às três horas da tarde pronto o serviço, feito de boa vontade, e por conseguinte bem feito. Quem é industrioso, emprega então o resto do tempo na sua própria plantação.

1791

Correio Brasiliense. **T. 15**

Nem faltam incentivos à indústria, permitindo a lei ao escravo o forrar-se, mediante o pagamento do que o seu senhor deu por ele, ou do que puder razoavelmente valer no mercado. Induzia esta esperança as crianças a pedir que as deixassem principiar os seus trabalhos regulares, antes de chegada a idade marcada pelas regras seguidas nestas fazendas, pois que antes disso para a sua cultura particular se lhes davam terras. Se o rapaz mostrava queda para algum ramo especial, consultava-se-lhe a inclinação. O único regulamento que tornava sensível o mal da escravidão, era não poder o escravo varão casar com mulher livre, embora a escrava pudesse casar com homem forro. Fundava-se a razão desta distinção no direito antigo, que decretava seguirem os filhos a condição da mãe, e num caso aumentava-se a população da fazenda, no outro introduzir-se-ia uma família livre, que seria evidentemente um elemento perturbador. Achavam-se os escravos beneditinos possuídos da idéia de que não pertenciam aos frades mas ao mesmo São Bento, de quem os monges eram apenas criados da Terra, sendo desta cerebrina crença consolador efeito imaginarem-se eles entes privilegiados neste mundo e no outro.

Koster, 424-427

Assim tinha a escravidão nas grandes fazendas de família o que quer que era de caráter feudal[15] e nas conventuais alguma coisa patriarcal. Entre os pequenos proprietários, que quase todos eram gente de cor, era este estado suavizado, como entre os orientais e entre os selvagens, pela paridade de condição que a todos os outros respeitos se dava entre senhor e escravo: juntos trabalhavam e juntos comiam, e esta igualdade criava no último um sentimento de honrado orgulho, fazendo-o olhar como seus os interesses da família, de que era membro. Pelo aspecto dos escravos facilmente se adivinhava o caráter do dono e classe a que pertencia. Nas fazendas em que não residia o proprietário, ou que se achavam nas mãos de algum especulador de pouco ou nenhum capital (e infelizmente grande número delas estavam em alguma destas condições) não tinham os negros nem tempo, nem forças, nem ânimo para procurarem algum gozo para si mesmos. A usança era principiar o escravo às seis da manhã o seu trabalho e continuar nele até às cinco e meia ou seis da tarde, com intervalos de meia hora para jantar. Às vezes ainda serão de uma ou duas horas, acabado o serviço do campo de colheita, que dura quatro a seis meses

Escravos dos pequenos proprietários

por ano, trabalha-se de noite e de dia, sendo os escravos rendidos de seis em seis horas. Recebiam estes por cabeça anualmente duas camisas e dois pares de calças, e talvez dois chapéus de palha: tendo cada um sua esteira para dormir e sua manta de algodão para cobrir-se. Se o senhor os sustentava em vez de dar-lhes os sábados para trabalharem para si, consistia o alimento numa pouca de farinha de mandioca com carne-seca ou peixe salgado, não lhes bastando, nem como ajuda dos dias-santos, o serviço dos domingos, salvo se trabalhando por tarefas para o senhor ganhavam o tempo que faziam sobrar. Ocorriam também exemplos de abominável crueza no tratamento dos escravos, mas tornando-se cada vez mais caros do que nos tempos antigos, começavam já a excitar um sentimento geral de horror e indignação. Observava-se que arvorados em feitores eram mais desapiedados os escravos do que os homens livres, e os filhos da Europa, também mais do que os naturais do país, assim como as mulheres eram mais cruéis para com as suas escravas do que os maridos. Vendo a sua vida tão miserável como sem esperança, chegava o negro às vezes a declarar a seu senhor que ia morrer, e tomava esta resolução, raro era não se lhe seguir o efeito; caía o desgraçado numa espécie de definhamento comum entre escravos a ponto de ser classificado nas suas moléstias especiais com o nome de banzo, perdia o apetite, languia e tornava-se quase um esqueleto antes que viesse a morte libertá-lo. Tem-se querido explicar isto, dizendo que comiam eles terra e barro, mais natural era porém que a resolução forte de uma vontade desesperada chegasse ao seu fim por meio de perseverante e intenso desejar, pois que o costume de comer barro e terra prevalecia entre as crianças negras, tanto crioulas como de nação, tanto livres como escravas, tanto de um como do outro sexo, parecendo em parte ser hábito, em parte moléstia. Moléstia porém cuja cura está no castigo. Escravos maltratados ou insofridos, punham às vezes por meio mais sumário termo a seus dias. Era isto freqüente entre os negros gabões, raça alta e bela, acusada de antropofagia na sua própria terra, e dentre todos os africanos os menos tratáveis. Bandos inteiros deles, comprados juntos, se suicidavam, ou deixavam definhar até morrer.

Oliveira Mendes. *Mem. Econômicas.* **T.4.** **Koster, 420-421**

Mas tinha no Brasil a escravidão mitigações desconhecidas em outros países onde existe ou tem existido esta instituição nefanda.

Mitigações da escravidão no Brasil

Ligados à superstição católica há privilégios e inocentes fulgores, que alegram e enganam as horas da servidão. Assim como Nossa Senhora da Conceição é a grã-Diana dos brancos, é Nossa Senhora do Rosário a patrona especial dos pretos, chegando às vezes até a ser pintada como negra. Tinham os escravos suas irmandades religiosas, exatamente como parte livre da população, sendo objeto de grande ambição para qualquer deles ser admitido em alguma, e mais ainda ser eleito para algum dos cargos da mesma. Para adquirir importância na confraria, chega o mísero a gastar com enfeites para a santa os tristes vinténs que estava juntando para sua alforria. A lei que permitia ao escravo resgatar-se do cativeiro era muitas vezes burlada pelo senhor, mas não sem que a opinião pública se indignasse. Escravo que trabalhava para este fim sempre se distinguia pela sua indústria e regular comportamento. Nas cidades e vilas grandes muitos escravos se empregavam como oficiais de ofício, barqueiros ou carregadores pagando um jornal certo a seus senhores; esses, se não caíam nos maus hábitos a que o seu gênero de vida os expunha, podiam forrar-se em dez anos sem passar privações durante este tempo. Às escravas mais difícil se tornava prover à sua liberdade, mas nem a essas faleciam inteiramente os meios para isso: faziam doces e bolos para vender, e algumas se alugavam para serviços caseiros. Muitas deixavam-nas os senhores livres por sua morte, e em geral forravam os grandes proprietários algumas mesmo em vida. A escrava que criava dez filhos, declarava-a livre uma lei mais benigna na aparência do que na realidade, pois que só raras vezes podia achar aplicação, e cruel agravo da mais aguda das dores é fazer que a mãe perca com o filho o direito à liberdade. Lei mais eficaz e digna de ser adotada onde quer que se tolera a abominação da escravidão, mandava no ato do batismo forrar a criança por quem alguém oferecesse 20$000, como preço da alforria. Desta forma muitas vezes se forravam filhos ilegítimos, não sendo raro conferirem os padrinhos assim o maior dos benefícios aos seus afilhados. Era nesta esperança que a escrava às vezes pedia a pessoas de qualidade lhe servissem de padrinho ou madrinha ao filho, a ver se elas o forravam ou no ato do batismo ou mais tarde, para não deixarem na escravidão o afilhado, sendo este laço muito respeitado no Brasil. Nunca o afilhado a qualquer classe que pertença se aproxima do padrinho sem pedir-lhe a bênção, e raras vezes ou nunca contraía o se-

nhor com os seus escravos este parentesco que o inibiria de mandá-lo castigar. Eram os eclesiásticos, como lhes cumpria, os protetores dos oprimidos. Negros que haviam pertencido a um padre, eram transferidos para mãos de leigos, sempre os mais impróprios para o trabalho, prova de terem sido tratados com desusada indulgência e humanidade. O escravo que tenha castigo ia apadrinhar-se com um padre, de quem nunca deixava de obter por escrito um pedido de perdão, que também em tal caso nunca deixava de ser atendido.

Koster on Slavery

Dificuldades da fuga

Fácil não era a um negro fugir da escravidão nestas capitanias, onde não havia índios bravos que o acolhessem. Em toda a parte era o africano conhecido pelo seu *shibboleth*, e em toda a parte agarrado se não dava boas contas de si. Crioulos e mulatos escapolem-se melhor por poderem ter nascido livres; se assim não sucedia a eles chegarem a obter a sua liberdade, costumavam passar-se para lugares onde não fosse conhecida a sua antiga condição, enquanto que o africano manumitido trazendo na língua a prova da sua origem servil, e sabendo-o bem, preferia permanecer, onde lhe poderia ainda servir a boa reputação ganha ao trabalhar para a liberdade. Sendo considerável o prêmio da apreensão de um escravo, andavam sempre alerta os capitães-do-mato. Em Pernambuco eram estes quase sem exceção negros crioulos, todos homens da maior intrepidez: tinham cães ensinados a aventar os fugitivos, e em caso de necessidade persegui-los e derribá-los. Às vezes logravam alguns fugidos formar no mato um mocambo, onde viviam de caça e frutas silvestres. Mas precária vida era esta, e apesar de ser difícil apreendê-los, pelo muito que conheciam o enredo da espessura, nunca puderam reunir força considerável nestas capitanias depois de memorável destruição da sua grande aldeia nos Palmares. Bela raça de homens eram os negros crioulos livres, pela maior parte empregados em ofícios mecânicos. Dois regimentos havia em Pernambuco em que soldados e oficiais todos deviam ser pretos; chamavam-se um dos velhos e outro dos novos Henriques, em honra de Henrique Dias, cujos serviços ainda recordam com gratidão os pernambucanos em geral, e com entusiasmo os da mesma cor. Brancas eram as fardas com vivos escarlates, o aspecto militar e de impor, e a disciplina em nada inferior à dos outros regimentos. Nem soldados nem oficiais recebiam soldo, satisfeitos com a honra do serviço, e dava este

Crioulos livres

sentimento seguro penhor da sua fidelidade. Também regimentos de mulatos havia. Constituía a gente de cor uma parte industriosa e útil da população, sendo por ela cultivado em pedaços de terra, que tomavam de arrendamento aos grandes proprietários, quase todo o milho, mandioca e legumes, com que se abasteciam as povoações. No Recife, cidades e vilas grandes do litoral era a mistura pela maior parte portuguesa e africana. No sertão porém encontravam-se em maior número os mamelucos, mais bem apessoados que os mulatos, e de caráter mais independente, pois que embora o negro despreze o índio, o mulato sempre olha para os seus parentes brancos com consciência da própria inferioridade como se na pele trouxesse o ferrete da escravidão, enquanto que não pensava assim o mameluco. As filhas deste cruzamento eram as mulheres mais bonitas. Digno de nota se torna haverem os ciganos chegado até a Pernambuco, onde passavam a mesma vida vagabunda que na Europa, mas pareciam traficar mais e furtar menos, sendo o seu negócio ostensivo comprar, vender e trocar cavalos, objetos de ouro e prata. Nenhuma cerimônia religiosa praticavam, nem casavam senão entre si. Os últimos índios bravos desta grande capitania eram as tribos pipau, choco, umaú e vouvé, nenhuma das quais era numerosa, falando cada uma sua língua diferente, mas todas evidentemente do mesmo tronco, e cada uma inimiga mortal de todas as outras. Possuíam umas trinta léguas quadradas entre os rios Moxotó e Pajeú, país árido e agreste, muito pelo sertão adentro, onde estes índios viviam de frutas silvestres, mel e caça. As peças que matavam coziam-nas ou assavam-nas inteiras, nem depenando as aves, nem esfolando os quadrúpedes, nem tirando-lhes parte alguma dos intestinos. Andavam inteiramente nus os homens, mas as mulheres traziam um avental de um entrançado fino e elástico, ou de franja comprida e grossa, feita de fios de croatá não sem alguma elegância. Arco e setas eram as únicas armas. Só a monogamia era permitida, dizendo-se ter sido o adultério desconhecido entre estes índios, que com horror o viam praticado pelos seus vizinhos cristãos, donde parece poder inferir-se que viveriam os antepassados deles algum tempo sob a tutela dos missionários. Nos princípios deste século deixaram-se persuadir a estabelecer-se, cada tribo em sua aldeia, cultivando a terra, nem houve pecha que pôr-lhes no seu estado domesticado, exceto não pode-

rem compreender, conservada a antiga paixão venatória, não serem caça as ovelhas e vacas das vizinhas fazendas.

Casal

Melhoramento da horticultura

Rapidamente se desenvolvia a agricultura nas imediações do Recife, graças principalmente a alguns bons colonos da mãe pátria e dos Açores, achando-se por conseguinte os mercados bem abastecidos de plantas culinárias de origem européia. No tempo dos holandeses produzia a ilha de Itamaracá as melhores uvas do Brasil, depois porém ficaram ali desprezadas as vinhas. Encontram-se elas em quintais nas vizinhanças do Recife e de Olinda, mas não se faz vinho. A cebola degenera, tornando-se oblonga, e a batata-inglesa diminuindo em tamanho no primeiro ano, vai adquirindo depois um sabor adocicado. A azeitona não se naturalizou, nem dela se carece num país em que abunda o coqueiro. Este não é indígena de Pernambuco, mas de quantas árvores introduziram os europeus é sem questão a mais importante. Para poupar o trabalho da rega, costumam-se plantar os cocos em linha debaixo das biqueiras dos telhados, a fim de receberem toda a chuva que cai. Passado um ano transplantam-se, depois do que nenhum cuidado mais hão mister, senão arrancar-lhes as ervas de ao pé, começando as árvores a dar frutos aos seis ou sete anos sem trabalho nem despesa. Quatro vezes por ano se apanham os cocos, que constituem um dos artigos mais importantes do comércio interno, servindo tanto para comer como para beber, e produzindo um azeite excelente, de grande aplicação na cozinha. De maior valor virá ainda a ser a árvore, quando se tornar mais geralmente conhecido o préstimo da casca exterior do coco, para substituir o cânhamo. Em princípios deste século não se aplicava a tal efeito. Calculou-se que por este tempo não produzia a ilha de Itamaracá menos de 360.000 cocos, vendo-se coberta de coqueiros toda a costa do São Francisco ao Maranguape, numa extensão de noventa e quatro léguas, e as cascas de todas estas frutas ali ficavam nos lugares onde caíam, até que o dono do terreno fazia fogueiras para consumi-las. Mas em 1801 recebeu o distinto botânico D. Manuel Arruda da Câmara ordem de Lisboa para informar que plantas haveria no país, que pudessem suprir a falta do cânhamo e o linho, e desde então parece ter-se principiado a fabricar cordas da casca do coco. Várias plantas se encontram, de que os pescadores faziam fios para as suas redes, averiguando-se poder obter-se uma fibra mais fina e ao mesmo tempo mais rija do que o me-

lhor linho europeu, do ananazeiro, que, dando-se melhor em terreno areento do que barrento, mas bem em toda a parte, pode-se ali ter em qualquer quantidade que se queira, sem que nem o sol nem a chuva lhe façam mal nem inseto algum, naquele país de insetos, sendo o cuidado de arrancar as ervas o único que um ananazal exige. Se pelas suas fibras, tão fáceis de preparar que num dia ficam prontas para se fiarem, valeria a pena de cultivar esta planta em Pernambuco. Aconselhou Arruda que se introduzisse o capim-de-guiné (*Panicum altissimum)*, que seria de inestimável valor no interior, onde eram tão freqüentes as secas. Também lembrou que para os secos e planos sertões entre o rio de São Francisco e a serra de Ibiapaba seriam o camelo e o dromedário tão apropriados por natureza, como nos arenosos desertos da África e da Arábia. E o ministro que aproveitar esta lembrança, será como um dos benfeitores do Brasil recordado na história. Das estações secas, com que tanto sofriam, tiravam partido nos sertanejos para apanhar as pombas bravas, que aos bandos lhes atravessam as terras. Secos os rios, fica alguma água ainda nas fendas das rochas, e tanto as aves como a gente conhecem bem estes lugares: perto deles pois se põem por estas ocasiões vasos com uma infusão de maniçoba brava. Bebe a pomba o letal veneno, morrendo em poucos segundos se o não expulsa instantaneamente, sem que a natureza da morte a faça considerar imprópria para servir de alimento.

Arruda.
Dissertação, **etc.**
Koster.
Casal, 2

Parte Pernambuco com a Paraíba, Ceará e Piauí ao norte, e com Goiás ao oeste, enquanto que de Sergipe e da Bahia a divide o rio de São Francisco, e de Minas Gerais um dos maiores afluentes deste o Carinhanha. É o São Francisco o rio maior que entre o Amazonas e o Prata vem cair no mar. No coração de Minas Gerais tem ele suas nascentes, na Serra da Canastra, de onde manam as contracorrentes para os consideráveis rios que de norte e leste vão desaguar no Paraná. Na província em que nasce lhe fica a maior parte do seu curso, recebendo ali as águas do distrito defeso, e outras correntes, que se reputam ricas em ouro e diamantes. Ao entrar na província da Bahia atravessa ele um país deserto, nem são melhores as terras que desde logo encontra ao tocar Pernambuco. Pelos fins do século décimo oitavo não lhe povoavam as margens do meio do seu curso para cima, senão alguns pescadores, que do seu peixe viviam, fazendo um pouco de co-

Rio S. Francisco

mércio em sal, e vagabundos dispersos, talvez mais numerosos, que fugidos à vingança particular, que haviam merecido, ou à Justiça pública, que provocado tinham, escondiam-se nestes sertões, vivendo do gado que das fazendas furtavam. Agora, porém, principiavam a surgir povoações, tornando-se fonte de indústria e riqueza o comércio de sal de Pilão Arcado para Minas Gerais. Era Pilão Arcado crescente aldeia, umas 350 milhas pelo rio acima, e com cerca de 300 famílias de população, passando de 5.000 os moradores da sua freguesia. Em terrenos particulares ficavam as próximas salinas, que contudo se consideravam propriedade comum, de que podia cada qual aproveitar-se. Bastava o calor do sol para cristalizar o sal, e o sempre crescente consumo de Minas Gerais tornava ativo e numeroso o povo. Enquanto atravessa terreno montanhoso, recebe o S. Francisco muitos e consideráveis rios, mas tão poucos do árido sertão da Bahia e Pernambuco, que provavelmente perde ele nesta parte do seu curso mais água por evaporação do que todos os seus confluentes lhe trazem. Termina a navegação superior, que admite barcos maiores do que a inferior, em Vargem Redonda, aldeia de Pernambuco abaixo da foz do rio Grande. Na embocadura, como está dizendo o nome, ficava a Vila da Barra do Rio Grande, mui comercial, bem suprida de carne e peixe e com uma população de mais de mil famílias, incluindo a freguesia. Neste ponto, media o São Francisco uma milha de largura, mui freqüentada na passagem, por ser o caminho do Piauí e todo o sertão intermediário para a Bahia e Minas Gerais. Até aqui navegavam barcos e ajoujos, que eram duas ou mais canoas, amarradas juntas e ligadas por uma plataforma. Da Vargem Redonda até Canindé, vinte léguas de distância, era inavegável o rio, formando num canal estreito muitas corredeiras e cataratas, das quais uma de tal magnitude, que das montanhas a seis léguas dali se lhe avistava a espuma como o fumo de um incêndio. Abaixo de Canindé só se fazia a viagem em ajoujos; para baixo os levava uma corrente impetuosa, e para cima soprava regularmente o vento desde às 8 da manhã, com mais ou menos força, segundo a estação e os dias da lua, refrescando sempre ao cair da tarde, e quebrando, às vezes, à meia-noite, mas geralmente durando até à madrugada. De Canindé até o Penedo, que é o porto de mar, vão trinta léguas. Continha o Penedo em 1808 umas 300 famílias, pela maior parte açorianos ou portugueses europeus, tendo-se tornado lugar comercial e

florescente depois de século e meio de pobreza e miséria. Em vez dos antigos pardieiros de madeira, tinham-se erguido formosas e sólidas casas de pedra. Cinco ermidas havia, afora a igreja matriz, um convento de franciscanos e uma escola de latim. Aqui, a sete léguas da sua barra, media o rio uma milha de largura, subindo apenas três pés nas marés da primavera; mas achava-se a vila exposta a sofrer com as cheias, vivendo ainda fresca na memória a recordação de uma, em que subiu vinte pés a água. Por duas bocas de muito desigual tamanho vai desaguar o rio; a do norte, muito mais larga que a outra, tem meia légua de largura, mas leva tão pouca água que só na preamar podem entrar as sumacas, tendo para tornar a sair de esperar pelas marés da primavera. Sita entre Pernambuco e Bahia, com vinte e seis léguas de costa, e quarenta pouco mais ou menos de fundo, não possuía a subordinada província de Sergipe d'el-Rei, vantagens naturais para o comércio, como as capitanias vizinhas, tendo por isso ficado muito atrás dela seus progressos, sem contudo conservar-se estacionária. Ao findar o século décimo sétimo tinham alguns poderosos arrombado a cadeia, para ir soltar vários dos seus apaniguados que ali se achavam, desafiando o governador-geral, e tiranizando a população escassa e dispersa. Mas ao verem que se achavam perto demais da sede do governo para assim proceder impunemente, pediram perdão que só alcançaram com a condição de reduzir o resto dos tupinambás, que ainda vexavam os colonos. Isto em parte o fizeram, sendo a obra completada pelos missionários. Um mameluco, por nome Cristóvão de Mendonça, que ainda se recordava desta insurreição, morreu no ano da transmigração da Corte com cento e trinta anos de idade, tão bem conservado, que até quase aos últimos dias da sua vida trabalhou pelo seu ofício de oleiro. Tinha a província sete vilas, afora a cidade de Sergipe, ou de São Cristóvão. Depois de duas vezes mudada tinha esta cidade afinal sido bem situada sobre terreno elevado, à margem do Paramopana, a cinco léguas do mar, podendo ali chegar sumacas e carregar de algodão e açúcar. Era cidade considerável e populosa, com dois conventos de franciscanos e carmelitas, uma misericórdia, duas capelas, uma de Nossa Senhora do Rosário, santa dos pretos, e a outra de Nossa Senhora do Amparo, santa dos mulatos, aulas régias de latim e primeiras letras, bela casa da Câmara, comprida ponte e abundância de água. Mas a mai-

Casal, 2

Sergipe d´el-Rei

or e mais ativa povoação da capitania (superior à mesma capital em importância comercial) era a da Estância, a cinco léguas do mar, sobre o rio Piauí, que deságua no rio Real. Nenhum dos rios é navegável para embarcações maiores que sumacas, excessivamente perigosa a entrada de todos por causa dos baixios, penedos e tremenda ressaca. Estes óbices postos ao comércio retardaram os progressos do povo, explicando até certo ponto a maior ferocidade dos seus costumes, comparados com os dos pernambucanos e baianos. Em fins do século dezoito teve um ouvidor desta Capitania em menos de dois anos denúncia de mais de duzentos homicídios e depois disso só numa freguesia se cometeram doze durante uma semana! Fatos terríveis são estes, mas recordá-los é dever do historiador, pois que indicam o estado do povo e da polícia. Onde quer que tais costumes existam, mais é dos magistrados a culpa do que do povo, que boas leis tinham os portugueses bastando-lhes que as fizessem guardar os governantes. Fosse o primeiro destes assassinos punido de morte, ou com galés perpétuas, e talvez se tivessem salvado todas as outras vidas. De todas as gradações de cor eram os habitantes de Sergipe, não havendo entre eles nenhum tão longevo como os mamelucos. Era esta província subordinada à da Bahia, que, incluindo os Ilhéus, se estendia por 115 léguas de norte a sul e de 70 a 80 de leste a oeste. Ao norte lhe demoravam Sergipe e Pernambuco, Goiás ao poente, e Minas Gerais e Porto Seguro ao sul. Com transferir-se a sede do governo para o Rio de Janeiro, outra nenhuma perda, além da dignidade, sofreu São Salvador, agora geralmente chamada Bahia, continuando a ser uma das maiores, mais opulentas e florescentes cidades do Novo Mundo. Quatro milhas media ela de norte a sul, incluídos os subúrbios. A população orçavam-lha em 100.000 almas, sendo mais de dois terços mulatos ou negros, e terrivelmente avultada a proporção dos escravos. Os beneditinos, franciscanos e carmelitas calçados e descalços tinham cada ordem seu convento; os mendicantes da Terra Santa, os agostinhos descalços, carmelitas, beneditinos, franciscanos e barbadinhos italianos, cada comunidade seu hospício. Quatro conventos de freiras havia, dois recolhimentos e ordens terceiras do Carmo, Trindade, São Francisco e São Domingos. Inocentes associações são estas de pessoas, que se obrigam a observar todas as regras da ordem monástica, a que assim se filiam, compatí-

Casal, 2

Capitania da Bahia

veis com o seu gênero de vida, podendo pois fazer parte delas gente de todas as classes, condições e ocupações, tanto casada como solteira. Nunca os dominicanos estabeleceram colônia alguma no Brasil, exceção notável, cuja razão ninguém explicou ainda, pois que por certo menos que os seus confrades e rivais não foram eles ambiciosos de se estenderem. Em bem foi isso para o Brasil, pois que embora não chegasse a tornar-se tão desprezível como a dos franciscanos, era aquela ordem como mendicante igualmente funesta ao Estado: em monstruosas falsidades excediam as suas lendas às destes frades, não ficando atrás delas as blasfêmias, sobre ter-se a ordem dominicana tornado mais do que todas as outras infame e execrável pela parte que na Inquisição teve. De hospital militar servia o colégio dos jesuítas. Era a igreja que destes fora o mais belo edifício da cidade: construída de mármore trazido da Europa para esse efeito, tinha além dos garridos ornatos do costume a obra de madeira embutida de tartaruga. É para recear que os livros e manuscritos do colégio hajam perecido por negligência antes de ter o Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha (pouco depois da mudança da Corte), entre as muitas medidas do seu governo, instituído uma biblioteca pública, o maior benefício que à Bahia podia fazer-se. Também na cidade havia uma misericórdia com seu hospital, outro hospital de lázaros, a conveniente distância do centro da povoação, dotado com generosidade e administrado com caridade; um recolhimento para órfãos de pais brancos, um seminário também para órfãos, um teatro, uma casa da moeda, tribunais de todas as espécies, e aulas régias de grego, latim, filosofia, retórica e matemática. Não tinha esta grande cidade uma única hospedaria: cumpre porém recordar que mal se poderia sentir esta falta, enquanto com país nenhum se mantinham relações afora a mãe pátria, não chegando pois da Europa ninguém que não tivesse parentes ou conhecidos no lugar ou viesse munido de cartas de recomendação que lhe asseguravam os bons ofícios daqueles a quem se dirigiam. Podiam alugar-se casas vazias que num instante se tornavam habitáveis num país onde todas as desnecessárias alfaias seriam inconvenientes e onde nenhuma ostentação há nestas coisas. Havia casas de pasto, que, ruins como eram, satisfaziam aqueles para quem eram destinadas, sendo costume almoçar num imundo botequim uma xícara de café e pão com manteiga por quatro vinténs: inglesa era a manteiga e tri-

Lindley, 107

go cultivava-se na parte oriental da Capitania nos arredores da vila de Jacobina. Vitela nunca se via nos açougues, carneiro raras vezes, e a carne de vaca magra e má, apesar de ser grande o consumo.[16] Oferecia o mercado um aspecto mágico aos olhos do europeu, tão rica a variedade de frutas, tanto indígenas como introduzidas pelos portugueses. Ali vendiam índias e mamelucas ramalhetes das mais deliciosas flores que enchiam com seus perfumes o recinto. Três vezes por ano dava a vide, cultivada em muitas partes da capitania, mas o clima que força esta tríplice frutificação tem até agora baldado todas as tentativas de fazer vinho.

Lindley, 104, 189

Cultivo da pimenta

Descuidadas tinham-se perdido as árvores de especiaria que Vieira via crescer com patriótico contentamento quando introduzidas a instigações dele. Agora, um século depois, introduziram-se outras novas. Não muitos anos antes da mudança da Corte, Francisco da Cunha e Meneses mandou de Goa pimenteiros, por cuja cultura muito se interessou nomeado subseqüentemente governador da Bahia. Muitos milhares de pés se distribuíram pelos que se queriam entregar a este cultivo, e posto que não parece ter-se para isto adotado o melhor sistema, não tardou a aparecer no mercado pimenta no país colhida. Da Bahia levou o Pe. João Ribeiro Pessoa Montenegro plantas para Pernambuco. Era na quinta dos lázaros o jardim botânico que fazia honra ao patrocínio de três governadores sucessivos.

Estreitas eram as ruas da Bahia, mal calçadas e quase tão sujas como as da mesma Lisboa. Escuras as lojas, tinham rótulas por vidraças, vendo-se esta última comodidade em algumas apenas das melhores casas. De faca e garfo nem as classes médias sequer usavam, fazendo de carne, vegetais e farinha de mandioca uma bola na palma da mão à moda mourisca. Servia-se porém água antes e depois da refeição, de modo que o costume, apesar de impróprio e incômodo, não era tão porco na realidade como na aparência. Havia na cidade vários livreiros, mas nenhum no Recife nem em outra alguma povoação do Norte, assim como não existia em todo o Brasil única imprensa! Ourives e lapidários não faltavam. Fivelas de ouro nos calções e nos sapatos era coisa comezinha, nem havia mulher, de qualquer classe ou cor que fosse, que não trouxesse ao pescoço compridos cordões do mesmo metal, com um crucifixo, um bentinho ou outro qualquer talismã pendente. Carruagens

de rodas poucas se viam por causa do íngreme das ladeiras que da cidade baixa levavam à alta. Eram cadeirinhas que estavam em uso, rivalizando os opulentos na riqueza destes veículos, e nas brilhantes librés dos negros carregadores, cujos pés descalços e pernas nuas contrastavam singularmente com elas. Em 1807 foram 360 os navios entrados no porto, e 353 os saídos, elevando-se o valor da importação a cerca de £850.000, e a exportação quase a um milhão de esterlinos. Entre os artigos de exportação foi o açúcar o primeiro em importância, o tabaco o segundo e o algodão o terceiro. Ultimamente pouco ouro tinha havido, tendo as minas desta Capitania deixado de atrair aventureiros: outros gêneros exportados eram aguardente, arroz, café, azeite de peixe, couros, sebo e madeira. Mas maravilhosamente grande era o tráfico interno a que esta magnífica baía e seus numerosos rios tantas facilidades ofereciam. Dizem que não menos de oitocentas lanchas e barcos de todas as dimensões chegavam diariamente à capital, nem o número parecerá exagerado se recordarmos que vivia o povo principalmente de vegetais, e era pela maior parte a cidade abastecida por água. Talvez em todo o mundo não haja cena mais animada ou esplêndida do que esta formosa baía, semeada de ilhas na qual formigam embarcações de todos os tamanhos, desde a mais pequena canoa até à maior galera, retumbando toda ela os sons do tráfego e músicas festivas, regalo de todos os dias. São os portugueses povo eminentemente musical, e atribuem aos seus semideuses o mesmo gosto. Cada português tem seu santo, cada santo tem seu dia, e no dia de cada santo convidam os seus devotos os músicos, acompanhando-se à igreja ou capela do seu ídolo, muitas vezes por água. Também os negros são doidos por música. Negros eram todos os músicos públicos e os cirurgiões barbeiros, estranha porém antiga associação de profissões, os chefes desta companhia tinham sempre pronta uma banda completa, constantemente empregada pela devoção pública ou particular que em países católicos anda de ordinário acompanhada de folgares e pompas. Dentre as ilhas muitas estavam cultivadas e habitadas. Tinha a Companhia das Baleias o seu estabelecimento em Itaparica, fazendo as suas operações por um sistema altamente exterminador. É bem sabido distinguir-se de todos os outros peixes a baleia tanto pela força do afeto que liga mãe e cria, como por essa organização em atenção à qual a classificaram os naturalistas entre uma

Comércio interno

ordem mais elevada de entes. Disto faziam cruel uso os arpoadores brasileiros, atacando o balote certos de que a mãe o não abandonaria, podendo eles assim segurar a sua presa; mas desta forma diminuía constantemente a proporção das fêmeas, com evidente dano da espécie. O balote era morto sem proveito, ficando a apodrecer sobre as águas, e da baleia faziam-se tão imperfeitamente a extração, que onde se deixavam ficar os cadáveres formavam-se poças de azeite que deles escorria.

Manuel Ferr. Câmara. *Mem. Econômicas* **T. 1, 3, 2. § 2,3**

Engenhos na Bahia

Longe da opulência estavam na Bahia os senhores de engenhos, apesar de excelente como era o açúcar e a exportação avultada. Grande se reputava ao tempo de rebentar a revolução francesa o estabelecimento que produzia anualmente mil pães de três arrobas cada um. Mil canas eram necessárias para um pão. Por 12$000 se vendia então na Bahia a arroba, e pagas as despesas do engenho com o produto bruto de 9.000 cruzados ficavam apenas uns 200$000, de que se havia de deduzir ainda a renda. Num ano em que vendera por 12.000 cruzados o seu açúcar afirmou o senhor de um grande engenho que o lucro líquido lhe não passaria de 25$000 a 30$000. Pouco podia isto animar o lavrador, contudo talvez em anos mais recentes crescessem os lucros, pois que mais açúcar se cultivava aqui do que em outra nenhuma província. O Recôncavo, que se estendia em torno de toda esta ampla baía, variando na largura de doze a quarenta milhas, era talvez a parte mais rica de todo o Brasil. Grande número de riachos aqui vêm desaguar, todos navegáveis, uns por algumas milhas apenas, outros por léguas; e sobre estes rios muitas e florescentes vilas se assentavam, que entretinham com a capital ativo comércio. Fato digno de nota era fazer-se este comércio geralmente por encontro em contas-correntes, apesar de abundar o numerário. Cachoeira, uma das maiores vilas do Recôncavo, continha em 1804 mil e oitenta e oito famílias, tendo crescido ao lado do seminário do jesuíta Fr. Alexandre de Gusmão. Perto deste lugar se encontrara uma massa de cobre virgem de tonelada e meia de peso. De uma planta chamada malvaísco neste termo, e que alastra rapidamente, sendo difícil de arrancar a ponto de tornar-se uma das ervas mais incômodas, se faz com breve e fácil processo um fio mais forte do que cânhamo ou linho.

Desde muito ligava o governo português grande importância a encontrar no Brasil uma planta que para este efeito servisse, tendo já mandado semente de linho para várias capitanias, onde se ensaiara a cultura sem resultado, talvez mais por falta de cuidado do que por outra causa. Não era provavelmente o fim estabelecer fábricas no país, não sendo ainda para isso assaz liberal o sistema, mas abastecer Portugal de matéria-prima para o seu comércio de linho.[17] Era este um dos artigos mais importantes do tráfico com o Brasil, onde em 1787 se importaram 3.700.035 varas dele.

Jacobina

Acha-se a província sé da Bahia naturalmente dividida por uma serra de considerável altura: das vertentes orientais procedem as numerosas correntes que vêm demandar o Recôncavo, e os que vão formar os rios dos Ilhéus. A parte ocidental, chamada comarca de Jacobina, do nome da sua capital, era antigamente rica em ouro, em todas as coisas melhores porém muito inferior ao distrito marítimo. Compreende a terra, por onde entra o S. Francisco, ao deixar a sua província natal, e faz lembrar no seu caráter os piores sertões do Ceará e Pernambuco. Por toda a parte contudo se achava derramada a população, por toda a parte se criava gado, que umas vezes encontrava abundante pasto, outras passava extrema necessidade, segundo a estação. O inverno regular ou estação chuvosa, apenas se estende até trinta léguas da costa; enquanto que no sertão só cai a chuva em trovoadas, que por força são irregulares, nenhures freqüentes, e mais raras no norte do que ao sul da província. Depois da chuva cobre-se o solo imediatamente de viçoso verde, e engorda o gado, mas quando a esta estação abundância sucede a seca, vê-se este obrigado a roer os arbustos que resistem ao ardor do sol. Desaparecem os rios, e os tanques, cheios pelos aguaceiros de trovoada, chegam a secar também, terrível é a mortalidade que se segue. Por causa da freqüência deste mal não pode a província fiar-se nos pastos próprios, dependendo de Goiás e do Piauí o seu regular abastecimento. Não obstante fazia-se dentro da Capitania grande comércio de gado, mas com pavoroso sacrifício de vidas, em razão do calor intenso e da falta de água pelo caminho. Ficava este marcado pelos esqueletos dos pobres animais que pereciam na jornada, sem que nunca chegasse ao lugar do corte mais da metade da boiada, às vezes nem um terço. Contudo,

Casal, 2. Câmara. *Mem. Econ.* **T. 1, 2, § 5**

apesar de toda esta perda, vendia-se a carne na Bahia em 1789 a três vinténs a libra.

Apesar de terem falhado as minas era Jacobina uma vila considerável, empregando-se agora melhor os seus moradores do que haviam feito os seus maiores quando era a mineração paixão universal. Cultivavam açúcar, algodão, excelente tabaco, milho e legumes, assim como trigo, que mais para o norte se não encontra: nesta elevação se davam maravilhosamente as frutas, legumes e cereais de Portugal. Havia uvas e laranjas, exportando-se grande quantidade de marmelada. Muito pelo país dentro na estrada de Goiás, crescera da mesma forma sobre a corrente de que tira o nome, a vila do Rio das Contas, em conseqüência da gente que afluía às minas, continuando a florescer depois de abandonadas estas.

Vila do Rio das Contas

Alguns engenhos havia no seu termo, cultivando-se tabaco para consumo interno, e para exportação de algodão, que era afamadíssimo. Era o marmelo a única fruta européia que se naturalizara, mas apesar de ter perdido no tamanho e sabor, fazia-se muita marmelada, em que, vencida pela força do açúcar, não seria desfeita a insipidez da fruta. Entre esta vila e Jacobina, que lhe demora de duzentas a trezentas milhas ao norte, estava desabitada a maior parte do país, tendo os viajantes de levar água consigo. Rio das Contas prosperava, por achar-se sobre a estrada da Bahia. Ao longo dos caminhos batidos de todo o grande porto de mar para qualquer parte populosa do sertão, bastava o trânsito para atrair população: estabelecia-se a gente onde estava certa de achar venda certa para os seus produtos, tendo ainda a vantagem de comprar quase de graça o gado, que extenuado de fadiga ou de falta de água ou mantimento, morreria se o levassem mais longe. Mais algumas vilas e muitas povoações menores se achavam espalhadas por esta parte da província em que também se achavam minas de cobre e salinas.

Casal, 2.
***Patriota*, 3, 4**

Incorporada à Bahia como uma das suas comarcas fora a Capitania de Ilhéus. Contava ela sete vilas marítimas, mas decaía por uma causa que pouca honra faria nem aos moradores nem ao governo. Em fins do século décimo sétimo chamara o povo os paulistas em seu socorro contra os selvagens, tendo estes aliados deixado o país efetivamente limpo por meio século. Mas em 1730 apareceram para as bandas

do Cairu alguns índios hostis que se supôs pertenceriam a uns indígenas catequizados da vizinhança, que ressentidos de certos agravos recebidos queriam tirar vingança. Guerreiros não eram os hábitos do povo, contra quem estes selvagens dirigiram suas armas. Com os olhos fitos só nas minas, descuidava-se desta parte do país o governo, e entretanto foram eles crescendo tanto em forças e audácia, que pelos meados do século, nem sobre a costa podiam os lavradores ir aos seus campos sem levar armas. E ainda sucedia isto onde os brancos eram valentes e assaz numerosos; onde eram poucos e só atentos à sua segurança pessoal, deixavam por cultivar as terras, e seguia-se a escassez. Este mal, que a todo o tempo com pouco custo se remediaria, deixou-se crescer com escandaloso desmazelo que talvez se não houvesse dado se tivesse continuado na Bahia a sede do governo-geral, e ao mudar-se a Corte para o Brasil achavam-se quase desertas todas as vilas e povoações ao correr da costa por vinte léguas ao sul da vila dos Ilhéus. Eram os pataxós, os cotoxos, e os mongoios que tinham obtido esta ascendência sobre os portugueses. Muitas hordas destes últimos foram reduzidas em virtude de uma expedição, que em 1806 desceu o rio Pardo, induzindo-as o medo dos botocudos (os terríveis aimorés) a buscar refúgio na civilização, bem como os muras do Madeira e Amazonas se tinham deixado amansar pelo terror que lhes inspiravam os mundurucus mais ferozes. Cultivavam mandioca, diferentes espécies de batatas e outras raízes, e também a melancia, juntando grandes porções de mel de que com asqueroso processo, preparavam uma bebida estranha: tomavam a colméia inteira, escorriam o mel, ferviam o resto, com todas as abelhas que continha, obtendo assim um licor fermentado muito forte. Também de batatas e mandioca faziam bebidas fermentadas. Traziam os homens um avental de folhas de palmeira e as mulheres uma curta saia de algodão: eram bons oleiros, tendo para assoprar o fogo uns foles feitos de pele de veado. Armas lhes eram setas e arco, ao som de cuja corda dançavam. Desta nação se formaram seis ou sete aldeias pequenas, e os que nelas se estabeleceram não tardaram a trocar o arco pelo mosquete. Os índios ultimamente reduzidos no Brasil aceitavam como benefício a instrução que seus avós haviam altivamente rejeitado, tão completamente começavam a compreender a superioridade dos portugueses, cessando de movê-los o orgulho que os tornava in-

Investig. Portug.

Os mongoios

tratáveis quando eram eles a raça mais numerosa e formidável. As aldeias de índios cristãos abasteciam de obra de barro os sertões da Bahia e Pernambuco, e na vila indiana de Oliveira, lugar grande e populoso na comarca dos Ilhéus quase todo o mundo trabalhava de torneiro, exportando a sua obra no valor de mil cruzados por ano.

Casal, 2

Vila dos Ilhéus

Ao tempo da imigração da Corte, sofria a vila dos Ilhéus muitos estragos da parte dos selvagens, vindo ainda o proceder das autoridades locais agravar o mal, de modo que apesar das vantagens da posição, que outrora tinham tornado florescente a capital, era ela um montão de arruinadas casas habitadas por famílias como elas arruinadas; mas o número das suas igrejas, e os destroços de edifícios grandes e de engenhos à volta, eram melancólicas provas da passada prosperidade. O povo do Rio das Contas, outra vila do mesmo nome, era obrigado pelas posturas da sua Câmara a plantar certa porção de mandioca, na proporção do número dos seus escravos, e tanta se cultivou que a farinha tornou-se grande artigo de exportação para a Bahia; em 1808 porém sofriam os moradores fome, de medrosos de amanhar suas terras. Nas vilas marítimas eram os mamelucos de origem tupiniquim a população predominante, havendo também alguns índios puros, pouca gente de sangue europeu sem mescla, e não muitos negros, excedendo as raças mistas de todas as graduações de cor infinitamente inteiras. Endêmicas as cólicas, cessavam de prevalecer aonde chegava a cultura. Em 1789 não havia em toda a comarca uma só pessoa qualificada como médico ou cirurgião, nem uma botica. Muitas contudo não eram as mortes, talvez porque o povo, não tendo fé nos charlatães, se entregava à natureza. Pouco tabaco se cultivava, e canas-de-açúcar apenas as precisas para as destilações; mandioca e arroz porém havia até para exportar. Dava o arroz 390 por 1, e com ele se mantinham galinhas e até gado. Do Piauí se importava carne-seca, base fundamental do mantimento, apesar de trazida de tão longe, porque, embora os sertões da Ressaca e do Rio das Contas, de onde ia gado para a Bahia, ficassem muito mais perto, sobre serem mais fáceis as comunicações, por não faltar água pelo caminho, senhoreavam os selvagens o país intermediário. Em fins do século passado se abriu uma estrada, mas faltando população e tráfico para a conservarem aberta, depressa a tornou a tapar a ve-

Gonçalves da Costa. P. 412

getação. Na costa abundavam as tartarugas, cujos ovos se comiam, alimentando-se também muito de bananas e ostras o povo, que sendo naturalmente prolífero, atribuía essa qualidade a esta última parte do seu sustento. Em 1780 recebeu um intendente ordem de promover o cultivo do cacau, a que um senhor de engenho se entregou com ardor para bem dos seus conterrâneos, fazendo-se experiências para mostrar que no caso de ser a produção maior do que a extração, poderiam com vantagem fazer-se velas e sabão do que restasse. Muito tempo levou primeiro que fosse possível persuadir o povo a prestar atenção a um objeto que ele olhava com desprezo, mas afinal conseguiram-no à força de perseverança homens mais ilustrados, chegando o cacau a figurar na exportação da província. Tal era a paixão pela tafularia, que ocupando-se descalças e esfarrapadas de seus misteres ordinários, muitas pessoas gastavam suas rendas e o produto do seu trabalho em fradulagens de ouro, sedas e brocados para os dias de festa.

Ferr. da Câmara

Capitania do Porto Seguro

Confinando pelo norte com os Ilhéus, estendia-se a Capitania de Porto Seguro 65 léguas de norte a sul, não tendo ainda demarcados os limites para o interpor, por acharem-se em poder dos índios bravos os seus sertões e os das províncias vizinhas. Durante a primeira parte do século décimo oitavo não tinham os aimorés cessado de vexar os habitantes destas capitanias, até que rechaçados da costa afinal, julgava-se-lhes extinta a raça com as bexigas, moléstia que os selvagens têm por mais fatal e terrível que todas as outras. Dentro de poucas gerações porém se refizeram, tornando-se outra vez formidáveis sob o nome de botocudos, que os portugueses lhes deram pelo modo por que eles enchiam de enfeites a cara. Da antiga ferocidade nada haviam perdido, parecendo antes tornados mais ferinos no tempo em que escondidos tinham vivido nas matas; se lhes caía nas mãos um prisioneiro, chupavam-lhe o sangue em vida, como princípio da abominável festa em que lhe seria consumida a carne. De quarenta a sessenta famílias se compunham suas hordas ou malocas. Alguns pintavam de vermelho ou amarelo o corpo, e nas estações ou sítios em que mais incômodos eram os insetos, envernizavam-se com o sumo lácteo de certas árvores que eficazmente os protegia contra as picadas. As outras tribos destes sertões eram os macaris, cumanachos, mormos, frechas, catatois, canarins e pataxós: só os botocudos porém eram antropófagos, e os pa-

taxós os únicos que os não temiam, confiados no próprio número, coisa em que eram superiores a todos os outros. A principal povoação dos nanarins dizia-se ser um casarão ou colméia humana num vale entre duas montanhas. Algumas destas hordas continuaram a descer à costa em estações regulares em busca de ovos de tartaruga.

Vila Verde

Caravelas

Em todas as outras partes do Brasil onde existiam, tinham os direitos dos donatários sido comprados pela Coroa: aqui reverteram para ela pelo confisco dos bens do Duque de Aveiro, depois da tentativa de assassinato do rei em 1758. Desprezada desde muito, achava-se então esta Capitania no maior estado de aviltamento; depois começara a reerguer-se, e a capital, Porto Seguro, com três aldeias tão perto que pareciam subúrbios, contava três mil moradores. O porto, que lhe dera o nome, era formado por um recife que na vazante ficava descoberto, e se foi este, como se acredita, o lugar onde Cabral deu fundo, ou os seus navios eram de muito pequeno calado ou a profundidade do porto tem diminuindo muito, pois que dentro da barra não se encontram mais de doze palmos. Ficava a vila à foz do Buranhéu, nome mais próprio do que o de rio da Cachoeira, que também lhe dão. Deliciosa é a vista tomada do mar: coqueiros na praia, cabanas de pescadores e laranjais, a vila sobre eminência alcantilada, e no fundo florestas. A maior parte dos habitantes se entregava à pesca da garoupa, peixe de dois palmos de comprido, muito grosso proporcionalmente ao comprimento, vermelho e sem escamas; é branca a carne, e deliciosa quando fresca, salga-se para o mercado da Bahia. Apanhavam-se no mar dos Abrolhos, andando umas cinqüenta lanchas cobertas empregadas nesta pescaria, comércio principal da província depois da farinha de mandioca. As redes e linhas eram feitas de algodão bem entrançado, e depois esfregado com a casca interna de certa árvore, cuja goma o cozia e conservava. Mal edificadas eram as casas de barro por cozer, sendo duas igrejas os únicos edifícios de pedra e tijolo, tirados de um templo arruinado e do colégio dos jesuítas. Tão pouca carne ali se comia, que em 1808 se matava uma vez por semana; supriram-se primeiramente o governador e oficiais, vendendo-se o resto a três vinténs a libra. Não era contudo escasso o gado, e abundavam as aves domésticas, mas em geral contentava-se com peixe salgado e farinha o povo. Vinte milhas acima da capital ficava Vila Verde, outrora chamada Patatiba, em fértil região,

habitada quase toda por índios mansos que exportavam lã e algodão. Era Caravelas a vila mais ativa e comercial da província, fundada sobre o rio do mesmo nome, a uma légua da sua barra, defronte do canal natural profundo e espaçoso pelo qual ele comunica com o Peruípe, que a seu turno comunica da mesma forma com o Mucuri. Fora este lugar fundado por fugitivos de outras povoações assoladas por selvagens, e exportava agora uma prodigiosa quantidade de farinha de mandioca, construindo também muitas embarcações miúdas, com que supria Porto Seguro. Aproveitaria a indústria dos moradores a todo o país circunvizinho, dando importância à vila mais pequena de Alcobaça, porto de mar a quatro léguas de distância, à foz do Itanhaém. Belmonte, antiga aldeia governada por missionários, tornara-se florescente vila habitada por uma raça mista; mal lhe assentava o nome, fundada como se achava sobre terreno baixo exposto a inundações, aplicando-se com igual impropriedade a designação ao rio, que antes fora um dos muitos rios grandes do Brasil, e melhor se chamara pelo seu nome indígena de Paticha. É este rio formado pela confluência do Jequitinhonha (tão famoso pelos seus diamantes) com o Araçuanhi, nascidos ambos no distrito defeso: é de considerável magnitude, mas espraiando-se por largo leito de areia, nenhum porto forma na sua barra. Quatrocentos e oitenta e cinco eram em 1749 os fogos desta capitania, e 2.480 os fregueses; muito grande havia pois sido o progresso no correr de meio século.

Belmonte

Casal, 2. Lindley, 213-220

Nascendo no coração de Minas Gerais divide o rio Doce as Capitanias de Porto Seguro e Espírito Santo, entrando no mar com força tal, que só à considerável distância se vão suas águas confundindo com as do oceano. Do Rio de Janeiro é o Camapuão ou Cabapuana, que separa o Espírito Santo, cujos limites pelo lado de Minas não tinham sido ainda demarcados, por achar-se o sertão em poder de não domadas tribos. Mas sendo o rio Doce navegável por canoas assim que deixa a sua província natal, estabelecera-se nos confins um posto militar, num lugar dito Porto de Sousa, a fim de evitar por ali o contrabando do ouro, para obstar ao qual não bastava o medo dos selvagens, nem as dificuldades da viagem fluvial. Além do quartel não tinha outra habitação o lugar, que prometia contudo tornar-se próspera povoação, por ser importante a posição, e

Capitania do Espírito Santo

ter o governador posta a atenção na conquista e colonização destes sertões. Crescia naquelas partes um arbusto, de cujas folhas se tirava uma tinta vermelha muito duradoura, pagando o solo à volta de Sousa com 300 ou 400 por 1 os cuidados do lavrador. Dentre todas as capitanias antigas era a do Espírito Santo a que menos progredira, limitada à costa a população civilizada, e aí mesmo infestados os moradores pelos puris, que ocupavam as partes ocidentais e centrais. Mais baixos do que a estatura meã, eram atrevidos e ardilosos estes índios, que muito mais formidáveis teriam sido para os portugueses do que efetivamente eram se não houvessem feito com os botocudos a obra de seus comuns inimigos, enfraquecendo-se em contínua guerra, e preparando assim a sua comum sujeição. A antiga vila do Espírito Santo, depois dita Vila Velha, e que dera à província o seu nome, que bem se pode reputar irreverente, continha apenas umas quarenta habitações. Ainda se podiam descobrir as ruínas da alfândega, mas do comércio, que outrora daqui se fazia para a Europa e para a África nem um vestígio restava. Viviam remediados os moradores graças principalmente à pescaria, a que com ardor se entregavam, e a Câmara era mais rica do que a da capital. Gozava de alta e dilatada reputação uma Nossa Senhora da Penha, cujos idólatras a tinham enriquecido com numerosas jóias de ouro e pedras preciosas. Tinham os franciscanos um convento pequeno perto da capela da milagrosa imagem. Em meados do século décimo oitavo passava a Vitória, capital da província, por uma das boas vilas do Brasil. Fica na baía no Espírito Santo, do lado ocidental de uma ilha que mede obra de vinte milhas de circunferência. Grande e bem abastecida de água era a vila, que continha nove igrejas, afora um convento franciscano e outro carmelita; o palácio, outrora colégio dos jesuítas, era o maior edifício; fragatas podiam entrar no porto. Empobrecera-se anteriormente a Câmara, cedendo a Coroa as suas rendas, com a condição de se estacionar ali uma companhia de tropas regulares para defesa contra os índios. Tudo estava indicando decadência, desprezada a agricultura e a caírem por falta de reparos as habitações no campo. Ainda se exportava algum açúcar, aguardente, café, milho, feijão, arroz e algodão, mas era pouco, arrastando-se as embarcaçãozinhas costa a costa até à Bahia ou Rio de Janeiro, mui raras vezes se aventurando até Pernambuco de um lado, até ao Rio Grande do Sul do

Vila Velha

Vila da Vitória

outro. Indolentes não eram porém as mulheres, empregando-se muitas em fiar algodão, com o que ganhavam três a quatro vinténs por dia. Era nesta capitania, especialmente nas cercanias da vila de Guarapari que se recolhia o que vulgarmente chamam bálsamo peruviano. Em Vila Nova d'Almeida, perto da foz do rio dos Reis Magos, haviam tido os jesuítas no seu tempo um hospício, para onde iam aprender a língua tupiniquim os membros mais moços do colégio do Rio de Janeiro. Havia nesta freguesia mais índios civilizados do que em outra nenhuma da vasta diocese do Rio de Janeiro, e entre eles viviam alguns brancos e mais ainda gente de raça intermediária. Cultivavam gêneros alimentícios, muitos se empregavam na pesca, e exportava-se madeira, obra de barro, e gamelas de pau, índios eram o capitão-mor e toda a Câmara, mas faltavam aqui, como em toda a província as molas da ação; nem capital, nem esperança, nem emulação, nem exemplo. Miserável pois, mais que nenhuma, era esta capitania, cujos fogos em 1749 eram 1.475 e 9.446 os fregueses.

Almeida

Casal, 2. Franc. Manuel da Cunha. P. 28. 29. Coleção de Pinheiro. Ms. T. 9

Tinha a Capitania-geral do Rio de Janeiro o Espírito Santo ao norte, e São Paulo ao sul e ao oeste, dividindo-a de Minas Gerais os rios Preto e Paraíba do Sul e a serra da Mantiqueira. Em 1749 continha a capital, chamada também Rio de Janeiro, 24.397 vizinhos. Em 1792 foram 1.552 os óbitos, ocorrendo 282 nos hospitais, e havendo entre os falecidos 706 escravos e pessoas pobres enterradas pela misericórdia: no mesmo ano foram 1.648 os nascimentos, sendo 133 dentre os recém-nascidos levados à casa dos expostos. Naquele ano se importaram 8.412 escravos, morrendo na passagem 873 negros! Os mercadores eram 123, as lojas eram 1.051, entre as quais uma de livreiro, e no porto entraram navios sendo 20 procedentes da África, 3 dos Açores, 34 de Portugal, e o resto de vários portos do Brasil. Trezentas e sessenta mil libras de ouro se registraram aquele ano na cidade, importando em 254:500$000 o soldo que em dinheiro remeteram para Portugal os mercadores. Ao transferir-se para aqui a Corte orçava-se a população em 100.000 almas. A meio caminho entre a Europa e a Índia, e com a África defronte, é a posição desta cidade a melhor que para o comércio geral podia desejar-se, um dos mais amplos, cômodos e belo o porto, sem faltar nada para os habitantes usufruírem ple-

Capitania-geral do Rio de Janeiro

Notícias. **Ms.**

namente estas vantagens locais, senão essa liberdade de comércio e afluência de capitais que se seguiram à vinda da Corte. Revoluções locais privaram Alexandria e Constantinopla dessa importância comercial que as suas situações antigamente lhe asseguravam, e que entrara nas vistas de seus grandes fundadores. Mas seria mister que todo o mundo civilizado tornasse a barbarizar-se para que o Rio de Janeiro deixasse de ser uma das mais importantes posições do globo.

Tinha a cidade três mosteiros, um de beneditinos, um de franciscanos, de carmelitas o outro; dois conventos de freiras franciscanas e teresianas, um hospício de mendicantes da Terra Santa, ordens terceiras de São Francisco, Nossa Senhora do Carmo, e São Francisco de Paula, cada qual com seu hospital para os seus irmãos pobres; uma misericórdia com seu hospital; uma casa de expostos, fundada em 1738 (e que desde então até 1792 recebera 4.716 crianças); e um recolhimento para órfãs nascidas de matrimônio de pais brancos, as quais ali ficavam até se casarem dotadas por aquela instituição munificente. Antigamente tinham-se os moradores visto obrigados a ir buscar água à Carioca, a uma légua da cidade, onde esta torrente sai das montanhas. Em princípios porém do século passado construiu-se um aqueduto, supondo-se na água desta corrente a tríplice virtude de conservar a saúde a quem a bebia, tornar doce a voz, e fazer mais claras as mulheres. Crescera agora a cidade a ponto de não bastar o aqueduto para abastecê-la. De dois andares eram geralmente as casas, com suas varandas ou rótulas. Bem edificados eram os conventos e igrejas, e a sé de bonito estilo, porém não acabada; a casa da moeda, os arsenais de guerra e de marinha, e a alfândega descrevem-nos como magníficos edifícios. Havia hospedarias que a um inglês pareciam abomináveis, mas que mal poderiam ser piores do que as da mãe pátria. Como na Bahia e em Portugal, eram imundas e vergonhosas as cadeias. As casas de campo à volta da cidade estavam longe de chegar às dos arredores do Recife, nem as frutas eram para comparar-se com as do Pará ou Pernambuco. Não podia isto ser culpa da temperatura, pois que um filho do Pará se queixou do calor intenso do Rio de Janeiro, devendo provavelmente atribuir-se à maior freqüência das chuvas. Salubre não era a cidade, edificada em terreno baixo, apenas acima do nível do mar, deixando-se estagnar a volta por toda à parte as águas que por detrás dela desciam das montanhas. Singular era sentirem

os europeus os maus efeitos da atmosfera menos do que os filhos do país, que nenhuma série de gerações parecia poder acostumar ao clima. Também se observava ser o inverno a estação mais doentia, bem que, se eram os pântanos a causa, deveriam no verão ser mais perceptíveis os efeitos: mas era que no inverno não faltava calor que atuasse sobre esses pântanos, e mais continuamente, por serem menos freqüentes as chuvas. No modo dos enterros se queria ver outra causa de impureza do ar, gostando os brasileiros tão pouco de ver os sepulcros debaixo da abóbada do céu, como algumas tribos eqüestres de os terem sob outra qualquer cobertura. No Recife e em Olinda se enterravam pois todos os cadáveres nas igrejas, e o mesmo funesto costume prevalecia no Rio de Janeiro, excetuadas unicamente as sepulturas dadas pela misericórdia. A exceção porém abrangia metade da mortalidade anual, e o modo de enterrar essa metade era ainda mais danoso aos vivos, empilhando-se no cemitério os corpos uns sobre os outros, sem caixões, e mal cobertos por algumas enxadadas de terra. Outras causas de moléstia, que a polícia pudera igualmente remediar, existiam no estado do mantimento: comiam os negros e os mais pobres dentre os brancos farinha de mandioca estragada, o peixe apodrecia muitas vezes antes de consumido, e o gado que devia servir para consumo de toda a semana, era todo metido conjuntamente num cercado, onde depois de uma longa jornada naquele clima ardente, ficavam as pobres reses, cada qual à espera da sua vez de ser levada ao corte, muitas por conseguinte longos dias sem comer nem beber... tão desumano é o homem! Também a escravidão era causa de males tanto morais como físicos: o branco, que podia ajuntar com que comprar um ou dois escravos, entregava-se à indolência, como se fora um ente superior, vivendo à custa do trabalho do seu negro gado humano. A conseqüência era que adoecendo o negro, via-se o senhor imediatamente reduzido à míngua, e o escravo morrendo à necessidade e por falta de socorros e caridade, não raras deixava após si o contágio, justo castigo dessa sociedade, de cujas iníquas instituições caíra vítima. Freqüentemente desembarcavam os negros empestados, e também as negras, empregadas como amas, não raro transmitiam com o leite suas enfermidades. Em nenhuma parte do mundo existe a escravidão dos negros, sem produzir nos brancos a indolência, a licença e a desumanidade, vícios

Patriota, 3, 6, 53

Cook's First Voyage. Ch. 2

que consigo mesmos trazem o castigo na terra, sem que olhemos mais longe para as suas terríveis mas seguras conseqüências. Afirma um escritor português que cometiam no Brasil freqüentes mortes os escravos, provocados pela crueldade com que eram tratados. Nesta capitania parece o mal ter sido maior do que em outra nenhuma. Em 1766 calculava-se em 17 para 1 a proporção dos negros para com os brancos. Afirma-se mesmo que em toda a população do Brasil eram mais os negros do que brancos e índios coletivamente. Mas o mal moral reconheceu-se afinal, o erro político, e embora Portugal fosse uma das últimas nações que se deram as mãos para abolição do tráfico de escravos, será o Brasil provavelmente o primeiro país em que todo o benefício dessa grande medida que constitui a glória especial da Inglaterra se experimente, pois que lhe secundaram a tendência os princípios do governo, a influência do clero, e o espírito geral das leis.[18]

Casal, 1, 50

J. de Coimbra. **Nº 30. Manuel Vieira da Silva.** *Reflexões*, **etc. § 6,23. Koster, 321**

População da capitania. *Cook's First Voyage*

Em 1768 continha a comarca do Rio de Janeiro segundo um cálculo aproximado 660.000 habitantes, dentre os quais apenas 37.000 eram brancos, mas talvez que então abrangesse a comarca toda a capitania. Em 1792 havia nas circunvizinhanças (termo também de acepção lata) 529 engenhos, 201 fábricas de destilação e 862 plantações de anil; depois começou a declinar este último ramo, e a cochonilha, que introduzida por alguns homens da ciência, zelosos do bem-estar do seu país, se ia tornando com o favor do governo artigo regular de comércio, foi arruinada pela velhacaria dos cultivadores. Apenas estes a viram dar bom preço no mercado, principiaram a adulterá-la, e descoberta a fraude, retirou o governo, que antes fora um bom comprador, a sua freguesia, fizeram outro tanto os negociantes, e abandonou-se a cultura desta importante tinta. Posto que menos extenso do que o da Bahia, era igualmente populoso em proporção o recôncavo do Rio de Janeiro, gozando da mesma vantagem de rios, uns navegáveis por três a quatro milhas apenas, outros por muitas léguas, sendo-o o Macacu, de todos o mais considerável, por quinze léguas. Muito maior do que a do Rio de Janeiro, à qual pouco cede em beleza e comodidade, é a baía de Angra dos Reis. Nela continha 3.000 habitantes a Ilha Grande, deliciosa porção de

Notícias. **Ms.**

terra, de umas quatro milhas de comprimento e duas de largura, com muitos portos bons, o melhor dos quais assaz singularmente, se chama Seio de Abraão. O único rio considerável desta província é o Paraíba, que nascendo de uma lagoinha na parte astral da serra da Bocaina, continuação da dos Órgãos, corre para a província de São Paulo, voltando à do seu nascimento depois de longo e meândrico curso, para vir, depois de ter formado parte da divisa de Minas Gerais, desembocar na costa oriental. Proporcionado à extensão do curso não é o volume de suas águas. Cinco milhas acima da foz lhe ficava a vila de São Salvador, uma das mais florescentes da capitania, com uma população de 1.139 famílias. Eram ricos os moradores, graças às suas plantações de cana, sendo por índole e caráter gastadores e demandistas: este último vício traria consigo o seu próprio castigo e cura, e o primeiro contribuiria para o adiantamento e bem-estar da vila. É o extremo oposto o que prevalece no Brasil, defeito muito mais prejudicial aos indivíduos e à sociedade, pois que quem prescinde voluntariamente dos cômodos da vida, com facilidade lhe dispensa as decências, sendo quase imperceptível na prática a linha divisória.

Casal, 1, 6, 7, 51, 52

Medindo cento e doze léguas de norte a sul, sobre umas oitenta de largura média, estendia-se a grande Capitania de Minas Gerais por detrás da do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Porto Seguro, entestando com a de Pernambuco, e tendo ao oeste Goiás, ao sul São Paulo. Apesar de pequena relativamente ao território, não o parecerá tal a população, se considerarmos os meios de que dispunha Portugal para colonizar, e recordarmos que só no século décimo oitavo começou este país a povoar-se. Em 1776 continha toda a província 519.769 habitantes. Na diocese de Mariana, que incluía cerca de metade da capitania, com dois terços dos seus habitantes, elevava-se em 1813 o número dos fregueses, segundo os registros das suas cinqüenta e três paróquias, a 425.281 almas, podendo pois computar-se em 480.000 o total da população.[19] No mesmo ano foram 13.995 os nascimentos e 11.550 os óbitos. Os negros entravam na proporção de 2 para 1 dos brancos, os mulatos na de 3 para 2 dos mesmos brancos e 3 para 4 dos negros, enquanto que os índios se não calculavam em mais de 9 000.

Capitania de Minas Gerais

Luís Beltrão de Gomes Almeida. Ms.

Patriota, **3, 339.** *Corr. Bras.* **19, 358. Pita.** *Invest. Port.* **23, 357**

Vila Rica

Sita a 66 léguas N.N.O. do Rio de Janeiro, tinha a capital, Vila Rica, um aparato fiscal e judiciário mais proporcionado ao estado de prosperidade de onde ela tirava o nome, do que à sua condição ao tempo da transferência da Corte, quando tão pouco produziam as minas que diziam tristemente os moradores dever mudar-se em Vila Pobre o nome da sua povoação. A soma total do ouro extraído desta capitania, computada sobre a quantidade registrada e quintada, e pelo moderado cálculo de se ter apenas exportado clandestinamente um quinto do todo[20], foi orçada em quarenta e cinco milhões de esterlinos. Nenhuma prosperidade permanente deixou após si este ouro, que nem criou indústria nem bons costumes, contudo algum bem se lhe deve, pois que por conquistar e por explorar teriam ficado este vasto território e as ainda mais extensas regiões do Goiás e Mato Grosso a não ter sido espírito de empresa por ele provocado. Assim atraída e difundida lançou a população raízes na terra. Por mais desfavoráveis que fossem as circunstâncias em que se viu posta a gente de todas as classes, e baixo o nível geral, tanto em moral como em inteligência, lançaram-se fundos os alicerces da sociedade civil, e preparado estava o povo para tomar parte nos progressos que não podiam deixar de seguir-se ao sistema mais liberal devido à imigração da Corte, ao levantamento de tantas restrições funestas. Da descoberta das minas nascera este inquestionável bem, sobre ter sido essa descoberta um grande recurso para Portugal, cujo comércio, outrora o mais florescente do mundo, estava então perdido sem que deixassem de existir as necessidades e os hábitos por ele criados. Graças a essas minas viu-se o reino habilitado a equilibrar com o ouro assim obtido a balança comercial até se abrirem novas fontes de riqueza e indústria. Havia na capital da capitania professores régios de primeiras letras, latinidade e filosofia; uma misericórdia, duas igrejas, dez capelas, ordens terceiras do Carmo, São Francisco e São Francisco de Paula, quatro pontes de pedra sobre o do Carmo, um teatro, um espaçoso paço da Câmara, um belo palácio, um fortim, bons quartéis, um hospital e quatorze fontes. A renda da Câmara elevava-se a quinze mil cruzados. A força militar do termo compunha-se em fins do século décimo oitavo de dois regimentos de cavalaria auxiliar, quatorze companhias de ordenança de brancos, sete de mulatos e quatro de ne-

Mawe, 169

Von Eschevege. *Corr. Bras.* **T. 14, p. 377**

Mawe, 265

gros livres. Em 1808 criou-se uma diretoria para promover a conquista e civilização dos índios sobre o rio Doce, e navegação deste rio. Achando-se exaustas as minas, decaíra a vila, perdendo as casas metade do seu valor, tantas estavam desabitadas, e desde muito costumado a olhar a mineração como única fonte de riqueza, não aprendera ainda o povo a dedicar à superfície da terra um trabalho, com tão maior certeza e infinitamente maior proveito remunerado ao lavrador. Em vinte mil almas se avaliava ainda a população, sendo mais os brancos do que os negros.

Casal, 1, 368-370

A umas oito milhas E.N.E. da capital ficava a cidade episcopal de Mariana sobre o mesmo rio. A Câmara deste lugar, quando apenas Vila do Carmo disputava à de Vila Rica a presidência das juntas que os governadores convocaram, terminando a contenda por uma ordem que lhe adjudicava a precedência sobre todas as povoações da capitania. Tinha seis capelas além da sé, ordens terceiras do Carmo e São Francisco, duas praças, sete fontes, uma boa casa da Câmara, um sofrível paço episcopal, um seminário para o clero, e de seis a sete mil habitantes. A renda da Câmara era de onze mil cruzados e em 1785 consistia a força militar do termo que abrangia doze freguesias afora a cidade, em dois regimentos de cavalaria auxiliar, vinte companhias de ordenança de brancos, dez de mulatos e cinco de negros livres. São João d'el-Rei, vinte e uma léguas ao sudoeste de Vila Rica, e cabeça de outra comarca, continha cerca de 5.000 habitantes, um hospital, uma igreja, seis capelas, e ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco, sendo a capela desta última a mais esplêndida de toda a província. Era esta uma industriosa e por conseguinte florescente parte da capitania, abastecendo de cereais as outras e mandando queijos, toucinho e galinhas para o Rio de Janeiro, de onde dista sessenta e duas léguas. Neste termo se cultivava algodão, de que se fabricava um pano grosso para roupa de negros, e outro mais fino para toalhas. As mulheres mais abastadas empregavam-se em fazer renda, distinguindo-se das suas patrícias pelo cuidado que prestavam aos arranjos domésticos. Também cabeça de comarca em 1788 Vila Real do Sabará 850 fogos e 7.656 moradores, uma igreja e uma capela de Nossa Senhora do Ó, a mais estrambótica de todas as mil

Mariana

Ordem, 21 de fev. 1729. Ms.

Mawe, 181

Casal, 1, 371-2. S. João d'El-Rei

e uma das designações da santa. Tinha ali outra capela a grã-deusa da idolatria católica, sob a sua invocação de Rosário com uma grande confraria de negros, havendo também ordens terceiras do Carmo e de São Francisco. Regulava a renda da Câmara de oito a nove mil cruzados, compondo-se de dois regimentos de cavalaria auxiliar (um de onze companhias de brancos e o outro de oito), vinte companhias de ordenanças brancos, um terço de mulatos, com onze companhias, e outro de sete de negros livres, a força militar do termo, que compreendia mais seis paróquias. Vila da Rainha, ainda vulgarmente chamada pelo seu originário e mais conveniente nome de Caeté, era uma vila considerável e industriosa, habitada por mineiros, criadores, lavradores e oleiros. Tinha uma bela igreja e duas capelas. A renda da Câmara era de oito mil cruzados, e com as três freguesias rurais ao seu termo, formava dezessete companhias de ordenança de brancos, sete de mulatos, e alguns esquadrões de negros livres. Nesta comarca ficam as nascentes do rio de São Francisco. Algumas léguas do lugar onde neste rio vem desaguar o Bambuí, primeiros dos seus afluentes maiores, há duas lagoas, que com ele comunicam, uma chamada Feia, e Verde a outra; asseveram não haver coisa viva que se aventure nelas com medo dos jacarés que ali formigam, e dos sucuris e sucuriús, répteis enormes que apenas pela cor se distinguem, sendo aqueles acinzentados, quase negros estes, e que só diferem das cobras em ter na extremidade da cauda duas garras, com que, quando querem segurar algum animal grande, se agarram nas raízes de uma árvore ou nos rochedos debaixo d'água, levando-o ao fundo com este auxílio. Destes monstros alguns se têm morto que mediam sessenta pés geométricos.

Mawe, 273.
Casal, 1, 377

Sabará

Caeté

Cabeça de comarca de Serro Frio era Vila do Príncipe uma povoação considerável¸ com uma igreja e cinco capelas, e uns 5.000 habitantes, grande parte dos quais eram legistas. A renda da Câmara orçava por sete mil cruzados, sendo de vinte e duas companhias de ordenanças brancos, treze de mulatos e seis de negros a força militar desta vila, que poderia ter prosperado se não ficasse perto dos confins do distrito defeso dos diamantes, e portanto dentro da esfera dessas leis opressivas e vexatórias que o sistema do distrito tornava necessárias. O arraial do Tijuco, que era cabeça

Casal, 1, 386-8
Vila do Príncipe

de demarcação de diamantes, contava 6.000 moradores, uma igreja matriz de S. Antônio (padroeiro do lugar), seis capelas, uma ordem terceira do Carmo, um recolhimento de meninas, uma misericórdia e três hospitais. Mais de 6.000 negros eram empregados pela intendência e por duzentos inspetores subalternos, produzindo as somas despendidas pelo governo uma vida e atividade que sem isso se não veriam. O mantimento era caro, por vir de umas poucas de léguas de distância, nada produzindo o país circunvizinho para sustento dos habitantes: daria excelentes colheitas, mas faltava empresa agrícola, se para ela alguma disposição houvesse viria refreá-la a consciência do perpétuo risco em que todos viviam sob as suspeitosas leis daquele infeliz distrito. De dez ou doze léguas se trazia a madeira, e em 1799 era o combustível tão caro como em Lisboa, onde costumava ser mais barato o carvão de pedra inglês do que a lenha, que à vista da cidade crescia nos pinhais do Alentejo. Começou este inconveniente a sentir-se em todas as partes mais populosas de Minas Gerais, resultado do modo bárbaro por que se haviam destruído as florestas, não tendo o fazendeiro escrúpulo de incendiá-las por dez ou doze milhas à volta da sua miserável roça. Depressa se previu o mal que daqui devia resultar inevitavelmente, procurando Gomes Freire preveni-lo em tempo logo no princípio do seu longo governo. Determinou por uma das suas ordens que nas matas virgens se deixasse entre uma e outra roça uma linha de duzentos palmos de largura, a qual sem licença especial não seria descortinada, e ainda mesmo, obtida esta licença, se no terreno se encontrassem árvores de certo tamanho, não seriam derribadas, por ter mostrado no Brasil a experiência que a terra as não produzia segunda vez, ou se as tornava a dar era só passados séculos. Quem infringisse esta postura perderia a sua terra em proveito do vizinho, sobre pagar de multa cinqüenta oitavas, e se dois heróis se conchavassem, pensando assim iludir a lei, pagaria cada um dobrada a multa. Nenhuma árvore de que se pudessem fazer gamelas para as minas, ou que medisse mais de dez palmos de circunferência, poderia ser queimada para carvão ou consumida nos engenhos, nem madeira que servisse para canoas seria cortada para outro fim qualquer, sob pena de uma multa de dez oitavas se o tronco ficava a tiro de mosquete de um rio em que de futuro pudessem canoas ser precisas. Além disto que na sua data tivesse mato

Tijuco

Vieira Couto. Ms.

virgem conservaria uma décima parte dele, deixando metade desta porção, onde o permitisse o terreno, à margem de rios ou arroios, de modo que não faltasse lenha para serviço das minas. E bem pôde o povo de Minas Gerais lastimar que não observassem os seus maiores este regimento.

Bando, 14 de mar. 1736. Ms.

Ao findar o século décimo oitavo era nesta capitania-geral a queixa de achar-se exausto de ouro o terreno. Tendo sido a classe mais opulenta, haviam os mineiros passado a ser a mais indigente. Contudo era opinião dos homens da ciência não se ter até então feito mais de que arranhar a superfície da terra, achando-se as veias ainda pela maior parte intactas. No correr do tempo tinham os rios mudado de leito, descobrindo os mineiros que o primitivo ficava acima do nível atual, e a esse chamavam guapiara; o passo imediato era o tabuleiro contíguo à veia ou corrente efetiva. Tudo isto era terreno de mineração: no primeiro, fácil era o trabalho, por haver ali pouca ou nenhuma água, bastando levantar a superfície para encontrar o cascalho. No segundo passo eram às vezes necessárias rodas para esgotar a água. O leito atual podia ser lavrado, abrindo-se uma vala, e desviando-se a corrente, mais ainda feito isto se não dispensava a roda. Era esta uma tosca e rude máquina que a cada momento era mister mudar de um lugar para outro, no que gastavam cinqüenta escravos um dia inteiro. Era este o único meio em uso para poupar braços, nem uma carreta, nem uma padiola havia! A terra e o cascalho era tudo conduzido em celhas à cabeça de pretos. Era contudo a mineração fluvial a mais fácil e a mais eficaz, pelo que era também a mais comum. Mas lavrados estavam já quase todos os leitos conhecidos por auríferos. Eram mais tentadoras as serras, mas também requeriam muito maior trabalho; se era boa a veia, poucas braças bastavam para enriquecer mineiros, tendo os terrenos altos atraído nos primeiros dias das minas homens mais empreendedores do que saíram os seus descendentes. O modo de trabalhar neste solo não era por meio de escavações, mas de talho aberto, pondo-se a veia a descoberto com remover a superfície. Era imenso este trabalho, sendo preciso, quando se não podia encanar água que a levasse, transportar a terra à cabeça de negros, operação tão vagarosa que se costumava dizer nada valer um monte de ouro, sem água à mão. Mas ainda tendo esta, nem sempre era fácil dirigi-la, nem sempre a natureza do ta-

Estado das Minas

lho permitia empregá-la. Quando na montanha se encontrava cascalho,[21] desconfiava-se que conteriam ouro as pedras, nem a suposição era errada. Era este porém o modo mais difícil de extração, quebradas as pedras à mão com malhos de ferro. Apenas em alguns casos se empregava um engenho movido por escravos, não por animais.

Ferr. da Câmara. Ms.

Tendo sido tão imperfeitos os meios de mineração, entendeu-se não sem algum fundamento que, adotado um sistema mais científico, produzirá o Brasil mais ouro do que em nenhum tempo passado. Métodos mais aperfeiçoados exigem porém capitais, de que só o governo ou campanhas podem dispor ao principiar as suas operações. Dizem em fins do último século que os mineiros, cansados do pouco fruto que colhiam dos meios então empregados, e incapazes de adotar outros, em razão já da sua ignorância, já da sua pobreza, se iam entregando à agricultura, começando-se já a recear ver afluir braços demais a este ramo, e perdidos os consumidores internos, sem haver exportação para o excesso de produção, seguir-se-á despovoação e a miséria. Mas o escritor que a tal mudança vaticinava semelhantes conseqüências, atribuía aos seus conterrâneos um grau de indústria que infelizmente não possuíam. Afirma-se que nunca naquela capitania se vira um homem branco, por ínfima que fosse a classe a que pertencesse, tomar nas mãos um instrumento agrícola! Deploravelmente ruim era na verdade o estado da sociedade, e como não seria assim, onde nada havia que exaltasse o caráter como nos tempos feudais, nada que o depurasse como nas partes ilustradas da Europa, nada que o fortificasse como entre os homens que tinham explorado e conquistado estas mesmas regiões? Quase desconhecidos os livros, considerava-se degradante toda a espécie de indústria. Poucas pessoas havia de riqueza colossal na Capitania, meia dúzia de famílias apenas que possuíssem um capital de duzentos e quarenta mil cruzados ou trezentos escravos. Os que serviam ofícios públicos, e os comerciantes chamavam-se os nobres das Minas, vivendo os primeiros exclusivamente de seus ordenados. Deles se diz que tinham em horror toda a espécie de estudo, passando horas e horas à janela, embrulhados em seus roupões de manhã, e dedicando aos negócios o menos tempo possível, de modo que o trabalho de um ano equivalia ao de trinta dias de seis horas cada um. Deixava-lhes este

Vieira Couto. Ms.

sistema de vida amplo lazer para a devassidão e mesquinhas intrigas a que eram miseravelmente dados. Tais eram os moradores brancos das vilas nas cores carregadas com que têm sido pintados. Os mineiros e lavradores eram isentos desses vícios que como as ervas ruins pululam nos canteiros da sociedade acumulada, mas brotam nos monturos e nos ermos, tinham abundantíssima colheita. O serviço da mina ou da fazenda ficava inteiramente a cargo dos escravos e feitores, fazendo-se por conseguinte miseravelmente tudo, de modo que da sua propriedade mal colhiam os donos o necessário para a vida. A perpétua loteria em que jogavam os mineiros, tornava-os variáveis em seus propósitos, e o hábito de a si mesmos se enganarem com vãs esperanças, fazia-os tão pouco escrupulosos de iludir o próximo, que a palavra de um mineiro de nenhum valor se reputava nem para ele nem para outros. A gente de cor era geralmente pobre, colhendo quem possuía meia dúzia de escravos apenas o indispensável para mantença da família, apesar de andarem morrendo de fome os negros. Nem as plantas culinárias mais vulgares se cultivavam. Tinha o viajante de levar consigo provisões, pois que pela estrada as não achava para comprar: se batia a uma casa de campo na esperança de comprar que comer, muitas vezes lhe respondia o dono, pedindo uma pouca de farinha *pelo amor de Deus*. Da imoralidade dos mulatos se faz um quadro horrível: eram desesperadamente vingativos e terrivelmente dissolutos, sendo prostitutas a maior parte das mulheres, comezinhos entre eles o parricídio e o incesto, e tão freqüentes os crimes de toda a casta, que não passava ano em que não morresse às mãos do algoz de sessenta a oitenta criminosos desta classe e a da dos negros, escapando ainda muitos pela fuga à justiça. Não se vá porém supor que na cor da pele traga esta raça depravada uma levadura de malvadez, um pecado original privativo da composição do seu sangue. Tão boa como em Pernambuco seria a gente de cor em Minas Gerais, se tivesse diante dos olhos o mesmo exemplo de atividade e bem dirigida empresa. Eram os escravos a única porção não ociosa da população, trabalhando compelidos, sem que por isso fossem viciosos, dizendo-se que em qualquer crueldade que se tratasse de perpetrar eram eles os mais desumanos agentes. Queijo, toucinho e algum gado eram os únicos artigos remetidos desta capitania para o Rio de Janeiro. Os negros só se sustentavam de milho e feijão, alimento ordinário de quantos

Invest. Port.
T. 23, p. 355-367

não viviam nas vilas ou arraiais, em que costumava haver açougues. Os mais opulentos criavam porcos, comendo-os salgados.

Por mais feia que seja esta descrição dos costumes de Minas Gerais, o mesmo fato de ter havido entre ela quem assim se indignasse contra os vícios e males daquela sociedade, é uma prova de que também corações honrados e espíritos cultivados ali havia. Apesar das fatais restrições e complicadas desvantagens que durante dois séculos inteiros pearam a literatura em Portugal, produziu este país, proporcionalmente à sua população, mais homens de letras do que a Grã-Bretanha. Muito poucos eram os que se nomeavam para os cargos civis e judiciários mais elevados que não tivessem recebido a mais esmerada educação que a mãe pátria podia dar, sendo para admirar quantos dentre estes homens conservavam no meio da vida pública o seu amor ao estudo. Sabiam que nada do que escrevessem veria a luz da estampa em vida deles, podendo tudo perecer depois sem nunca chegar ao conhecimento do público. Proveito de semelhantes trabalhos impossível era colhê-lo: não podendo sonhar com fama presente, mal cabia a póstuma dentro das esperanças do autor. Contudo foi de documentos, coligidos e conservados debaixo destas circunstâncias, e entregues pelos escritores ao acaso que se compilou em grande parte esta história, sem que a respeito de nenhuma outra província fossem mais amplos os materiais, do que acerca de Minas. Nem vamos infamar a humanidade a ponto de supor que haja um lugar onde sejam universais os vícios que podem ser gerais em muitos. É da natureza do mal manifestar-se, como ocultar-se o é a do bem: enquanto o vício e a loucura se pavoneiam em público, fica a virtude em casa. O teor sempre igual de uma bem empregada vida passa-se na obscuridade e no silêncio: mas os atos de atroz maldade soam estrondosos ao longe e ao perto, tão certos de excitar imitação nos perversos como horror nos bons.

Melhoramentos em Minas

Países há onde a tendência da sociedade é necessariamente de mal para pior, em razão de algum princípio de deterioração fatal e inseparavelmente ligado às suas instituições: tais são por exemplo à poligamia entre os muçulmanos, o sistema de casta onde quer que prevalece. Outros países há também que, não tendo em si causa alguma permanente de aviltamento, acham-se privados de toda a possibilidade de progresso em razão do estado das nações circunvizinhas, que não deixam pene-

trar a influência do mundo civilizado: neste caso estão os abissínios e os armênios. Mas no Brasil tudo tendia para melhoramento do povo: o governo o desejava, o teor das leis o promovia, favorecia-o o espírito do século. E em nenhuma parte do Brasil se desenvolveria mais rápida esta tendência do que em Minas Gerais, tão perto da capital, e com tantos homens de educação como lhe traziam as numerosas repartições ligadas às minas. Muitos sinais de progresso principiavam a perceber-se. Muito freqüentada a estrada para o Rio de Janeiro, em cuja construção se limitara o trabalho a derrubar as árvores, remover algumas pedras, e abrir aqui e ali uma passagem às águas. Por tais caminhos claro é que de nada serviam carretas de rodas, transportando-se tudo às costas de cavalos, até que se descobriu serem as mulas mais capazes de sofrer as fadigas e o mau-trato. Compravam-se então estes animais aos espanhóis, constituindo isto um ramo importante de negócio, mas depois trazia-os os portugueses da sua própria província do Rio Grande do Sul, até que em fins do século passado começaram também a criar-se em Minas Gerais. Ao longo desta estrada havia estalagens, que apesar de péssimas já eram uma prova de progresso, sendo as melhores as que eram dirigidas por mulheres. Tinham algumas pessoas conseguido cultivar e preparar o linho, e a vide não só produzia uvas, mas até destas se lograra fazer vinho. Dentre as outras frutas portuguesas (todas tinham sido introduzidas) as que melhor se davam eram o pêssego e o marmelo, fazendo-se deste último grande porção de doce.

Funes, 3, 40.
***Patriota*, 3, 5, 57**

As casas das classes altas eram mais bem edificadas e alfaiadas em Vila Rica, do que no Rio de Janeiro ou São Paulo, conservando-se também em maior asseio. Traziam as mulheres profusão de ouro, ornando com pentes do mesmo metal e delicadíssimo trabalho o cabelo que nunca cobriam senão depois de avançadas em anos: era sua principal ocupação fazer renda, com que se guarneciam amplamente roupa de cama e cortinados. Assevera um inglês nunca jamais ter visto camas tão magníficas como em Minas, apesar do pródigo luxo que em tempos modernos reinava na sua própria pátria. Débil era o aspecto das mulheres, por causa talvez da vida indolente e relaxada que levavam deixando às escravas todos os cuidados da casa, como se não soubessem ser o exercício tão higiênico como recreativo. Em todas as partes desta Capitania era moléstia vulgar a lepra. Di-

Mawe, 162-180

Casal, 1, 356-369

zem não serem ali raras as inchações do pescoço entre os negros varões, fato notável, a ser exata a observação, por serem a estas enfermidades, onde elas prevalecem, mais sujeitas às mulheres do que aos homens.

A capitania-geral de Goiás, província central e uma das maiores do Brasil, entesta com o Pará e o Maranhão ao norte, com o Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais a leste, e com São Paulo ao sul, ficando-lhe Mato Grosso ao sul e ao oeste. Para o rio de São Francisco lhe correm as águas orientais, enquanto as do poente vão demandar o Paraguai, unindo-se porém a maior parte das suas correntes para formar os dois grandes rios Araguaia e Tocantins, que estabelecem comunicações com Belém. Exceto Solimões era esta a província mais raro povoada do Brasil, tendo sido também a última explorada e colonizada. A capital, Vila Boa, assim chamada do descobridor Bueno, era uma grande e florescente povoação, residência do governador e de um prelado, bispo *in partibus infidelium*. O ouvidor em 1743 extorquia do povo um donativo para edificação da igreja matriz, abuso de autoridade por que foi repreendido pelo governo da metrópole; a Coroa contribuiu para a obra com cinco mil cruzados, a Câmara com oitocentas oitavas de ouro. Também havia oito capelas, dentre as quais seis dedicadas a Nossa Senhora debaixo de outras tantas invocações diferentes; uma casa da moeda, quartéis e um fortim de onde em dias de festa se davam salvas. Os paços do conselho e a cadeia tinham custado à Câmara mais de trinta mil cruzados. Contava a vila perto de 700 famílias, quatro esquadrões de cavalaria, outras tantas companhias de infantaria, duas de ordenanças e uma de negros também aqui chamados Henriques, como em Pernambuco. A renda da Câmara subia a umas mil oitavas, provenientes do seu patrimônio em terras, da aferição de pesos e medidas, certos impostos sobre o mercado, e multas por infrações de posturas. A povoação imediata em tamanho e importância era Meiaponte, vinte e seis léguas ao nascente da capital, sobre o rio das Almas, com uma igreja, quatro capelas e um hospício dos mendicantes da Terra Santa. Possuía este lugar na indústria dos seus moradores causa mais permanente de prosperidade do que o podem ser minas: cultivava-se trigo, mandioca, milho, tabaco, açúcar, algodão e café; criavam-se bois e porcos em grande quantidade, e fabricava-se pano tanto de lã como de al-

Capitania de Goiás

Vila Boa

Meiaponte

godão. Também gozavam da vantagem do tráfego de trânsito, sendo aquele o ponto aonde vinham dar as tropas de Vila Boa e Cuiabá para o Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, separando-se depois em demanda de seus respectivos destinos.

Nas vizinhanças se encontra uma pedra elástica. Mas de todas as partes desta extensa capitania a que mais vantagens naturais reúne é a comarca de Nova Beira, de 130 léguas de comprimento entre o Araguaia e o Tocantins, diminuindo gradualmente na sua largura de cerca de três graus até terminar no ângulo da confluência destes dois rios. Ali cresciam as povoações, multiplicando-se ao passo que aumentavam por este rio as comunicações com o Piauí, Alto Maranhão e com o Pará, cuja capital prometia tornar-se uma das mais comerciais e prósperas cidades do Brasil.

Casal, 1, 338, 352

Por algum tempo foi o caminho, por onde vindos de São Paulo haviam entrado os primeiros colonos, o único que esta grande província conduzia, mas ao espalhar-se a fama das achadas riquezas, abriram-se picadas através dos sertões de Cuiabá, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Aqui cometeram os primeiros sertanejos atrocidades, pelas quais merecidamente os censuram os brasileiros de hoje; das suas expedições contra os índios costumavam trazer para casa fios de orelhas humanas, exterminando completamente os goiases, credores de melhor tratamento, de modo que os que escaparam à morte, só o conseguiram abandonando a pátria, nem já deles resta vestígio como tribo. Muito produtivas foram por algum espaço as minas, extraindo-se em meados do século décimo oitavo umas 150 arrobas de ouro de um lugar chamado Coral, dentro da área de uma milha. O segundo vigário de Vila Boa amontoou em menos de três anos cem mil cruzados, e oitenta mil o quarto em menos de cinco. Em 1737 se estabeleceu uma capitação, em virtude da qual se pagavam quatro oitavas e três quartos por escravo, sessenta por loja grande, armazém, ou açougue, trinta por estabelecimentos menores e quinze pelos mais pequenos; cada mestre de ofício era tributado em oito, e em cinco cada operário. Os governadores, oficiais civis e militares, e clérigos foram relevados da taxa dos seus escravos. Depois se mandaram observar os regimentos de Minas Gerais, continuando eles a vigorar aqui quatorze anos. Segundo o produto do único ano de cuja renda se teve conhecimento, devia passar de 400 arrobas a

soma total, que durante este tempo entrou para o tesouro; mas soube-se ter sido esse ano o menos rendoso, e soube-se igualmente ter a receita em ouro excedido quarenta arrobas. Ultimamente começava a escassear o ouro, apesar de acreditar-se aqui como em Minas Gerais acharem-se ainda intactos os principais tesouros da terra, tendo-se apenas recolhido os que jaziam espalhados pela superfície. Em fins do século passado fez-se uma descoberta num lugar que por causa da cor do metal se chamou Ouro Preto. Rica era a veia, e tão ávido de aproveitá-la o povo, que ao querer o guarda-mor intervir para regular a extração na conformidade das leis viu menoscabada a sua autoridade. Numa só noite recolheu um bando de mineiros contrabandistas três arrobas. Por estes tumultos foram presas algumas pessoas, mas depois mandadas pôr em liberdade. Desde muito requeria o povo que se franqueassem as imediações dos rios Claro e dos Pilões, reservadas por causa dos seus diamantes. Supunha-se abundar em ouro este distrito defeso, e continuamente se insistia naquele requerimento como seguro e único meio de restituir à província a antiga prosperidade. Por conseguinte foi a petição deferida em 1801, com a condição de que os diamantes, se alguns se achassem, seriam depositados num cofre de três chaves. Não tardou porém a conhecer-se terem já por alguns aventureiros ocultos sido lavradas as mais ricas minas (do Caldeiras Brants se desconfiou que teriam feito no tempo do seu contrato de diamantes), e depois desta decepção faltavam braços e capitais para trabalhos mais eficazes.

Casal, 1, 322
Patriota, **3, 4.**

Renda

A maior soma de quintos foram 169.080 oitavas de Vila Boa em 1753, e 59.569 do arraial de São Félix no norte da capitania em 1755; rendendo em 1805 este último lugar 3.308 apenas, e em 1807 o primeiro menos de 12.000. Ao tempo da transmigração da Corte gastavam-se por ano 40:000$000 com todas as repartições civis, militares e eclesiásticas desta capitania. Nos últimos trinta anos tinha a receita diminuído mais da metade, ficando 8:000$000 aquém da despesa, de modo que para preencher o déficit tinha a Coroa de ceder anualmente três arrobas, dos seus quintos. Em 1799 se estabeleceu um correio, cuja renda foi de 100$000 em 1810, sendo mais do que se devia esperar atendendo ao estado do país e do povo. Em 1804 se procedeu com a maior exatidão a um censo, que deu em resultado uma população de pouco mais de 50.000 almas.[22] Mas quando os brasi-

leiros tiverem aprendido a apreciar devidamente um clima moderado e salubre, e a aproveitar as vantagens de um terreno fértil, depressa se tornará Goiás país afortunado e florescente.

Patriota, 3, 5

Separado de Goiás pelo Araguaia e de São Paulo pelo Paraná, tem Mato Grosso ao oeste as províncias espanholas do Paraguai, Chiquitos e Moxos, ao norte a Capitania-Geral do Grão-Pará, e seus governos subalternos de Solimões e Rio Negro. Estendia-se de 7º lat. sul até 24½º, sendo de quinze graus de longitude a sua maior largura, e compreendendo ao todo uma área que tem sido calculada em 48.000 léguas quadradas. Continha a capital Vila Bela uma igreja e duas ermidas; eram baixas as casas, regularmente edificadas e branqueadas com tabatinga que por todo o Brasil se encontra. Era esta a única freguesia da comarca, em que havia contudo mais cinco lugares de culto, cada um com seu capelão, carecendo apenas do reconhecimento da autoridade para se tornarem paróquias na forma, como o eram já na realidade. Dava 200 por 1 o terreno à volta de Vila Bela. Florescia Mato Grosso enquanto pelo Madeira se fazia comércio com o Pará; começou este tráfico a declinar em 1780, sendo pouco depois abandonado de todo por causa dos muras e mundurucus, com grande detrimento de Vila Bela, que era o porto de tal comércio e da capitania. A carga de sal, que vindo por aquela via custava de 8$000 a 10$000, subia a 16$000, 20$000, 30$000 e 40$000; dobrou de preço o ouro, indo além do quádruplo o custo do vinho e do vinagre, encarecendo proporcionalmente todos os gêneros. Do Pará a Vila Bela contavam-se dez meses de viagem, dando-se três ou quatro dentre estes para passar as cachoeiras. Vinte pessoas levava uma canoa de comércio, embarcando em Borba cinco alqueires para cada uma afora peixe seco, e 23% sobre a carga pagavam as despesas do transporte. Até negros se traziam do Pará apesar de custarem ali 30$000 a 40$000 mais do que no Rio de Janeiro, por ser mais barato o transporte e evitarem-se certos direitos que na outra estrada se extorquiam. Acabado o comércio com o Pará, começou o da Bahia e Rio de Janeiro, feito por homens empreendedores, com capitais tomados de empréstimo em Vila Bela, pelos quais pagavam de 10 a 20% de juros. Grandes lucros são precisos para cobrir este atraso e as despesas da viagem (seiscentas léguas que se não venciam em menos de cinco meses), pelo que

Capitania de Mato Grosso

Vila Bela

se negociava principalmente em objetos de luxo e preços altos, que podiam deixar de 40 a 50%. Desta forma amontoaram fortuna aqueles homens em detrimento da capitania, pois que sendo pela maior parte aventureiros de Portugal voltavam ao seu país levando o que haviam ajuntado.

Patriota, **3, 2.**
Casal, 1, 265

Lugar maior e mais florescente do que Vila Bela, posto que não sede do governo, era Vila Real do Cuiabá. Era residência de um prelado, bispo *in partibus*, e tinha uma igreja, três capelas, aulas régias de latim e filosofia, calçadas as principais ruas e baixas, mas bem construídas de barro as casas. Em 1797 habitavam a vila e seu termo uns 18.000 moradores. Todo o ano ali dá fruta a laranjeira, e produzem bem os melões, melancias e ananases, cultivando-se mandioca, milho, feijão, algodão e cana-de-açúcar, esta última principalmente para destilar. A obra de dez léguas ao oriente de Cuiabá ficava o arraial de S. Ana em terreno elevado onde a geada matava às vezes os algodoeiros. O nível médio das províncias interiores e montanhosas do Brasil tem sido calculado de 400 a 450 braças acima do mar, achando-se os píncaros mais altos em Minas Gerais, mas devendo o nível geral de Mato Grosso ser superior ao de outra qualquer capitania. Não há no Brasil montes que atinjam as alturas do gelo eterno.

Cuiabá

Patriarca, 2, 2.
Casal, 1.
Cor. Brasil
T. 19, 38

Muitas povoações florescentes continha a comarca de Cuiabá, sendo uma das maiores o arraial de São Pedro d'el-Rei, outrora chamado Poconé, e com 2.000 habitantes em 1797. Tem-se dito que Vila Maria, à margem esquerda do Paraguai, umas sete milhas acima da confluência do Jauru, promete tornar-se a mais próspera de quantas vilas há nos sertões. Era principalmente habitada por índios de várias tribos, que criavam gados e cultivavam a terra, extraindo para as suas lâmpadas o azeite de um peixinho que se encontrava em prodigiosos cardumes. Estabelecera-se ali um engenho. Defronte deste lugar ficava uma fazenda da Coroa, onde se criavam grandes manadas de bois e cavalos. Um dos marcos de mármore erguidos pelos comissários da demarcação fica na confluência do Jauru com o Paraguai, ponto olhado pelos brasileiros como de maior importância, por cobrir as comunicações entre Vila Bela e Cuiabá, dominando ao mesmo tempo a navegação de ambos os rios, e

S. Pedro d'el-Rei

Vila Maria

a entrada do interior de Mato Grosso. Poucas pessoas de sangue puro havia em Cuiabá, tendo as tribos indígenas, menos escuras do que a maior parte dos selvagens americanos, desde princípio achado conveniente aliarem-se com os portugueses, de modo que nenhures no Brasil fora tão grande a mistura das raças. Por causa das minas também se tinha introduzido não pequena porção de sangue africano. Cariboca se chamava aqui o fruto do cruzamento de índios e negros: constituíam eles e os mamelucos a grande massa da população, mas uns e outros eram gente muito ordeira, industriosa e proba. Como em Goiás e Minas Gerais também havia aqui um distrito defeso, com uma povoação chamada arraial Diamantino, sita no ângulo da confluência dos rios do Ouro e dos Diamantes. Neste distrito tem suas mais remotas fontes o Paraguai, nascendo num lugar chamado as Sete Lagoas na serra do Pari, de cujas opostas vertentes procede o Tapajós. Trinta léguas ao N.O. de Cuiabá ficava aquele arraial, cuja ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, dependia da igreja paroquial da mesma vila.

Casal, 1, 272-307

Apesar das febres que acometiam a guarnição depois da inundação anual, continuava a manter-se o forte do Príncipe da Beira[23] (a S. Rosa dos Jesuítas). Contígua lhe ficava uma aldeia de índios convertidos, e não longe outra chamada Leonil, habitada pela mesma raça. Eram agricultores e excelentes oleiros estes naturais, que, a não ter sido o sistema dos governos tanto português como espanhol, mais proveito podiam ter tirado de um comércio com a província dos moxos do que das suas difíceis relações com o Pará e Vila Bela. Mais felizes do que os guaranis depois de expulsos os jesuítas haviam sido os moxos; educados por diferentes sistemas, tendo sido ensinados a pensar e a trabalhar para si mesmos, e a aplicar aos cômodos e regalos da vida o excesso do produto da sua indústria, não foram postos sob a tutela de administradores rapaces, antes os deixaram como os acharam, com a única alteração de se substituírem os padres da Companhia pelos religiosos e clérigos que foi possível apanhar. Em fins do século décimo oitavo eram os índios destas reduções um povo valente, industrioso e comparativamente civilizado: eram bons escultores, bons ferreiros e serralheiros, e bons oficiais de ofício em geral, fabricando as mulheres pano de algodão da mais fina qualidade. Faziam velas tanto de

Forte do Príncipe

sebo como de cera, cultivavam cana tanto para açúcar como para aguardente, e as destilações, que na maior parte dos lugares pouco mais do que males produzem, podiam ali olhar-se com complacência, pois que o uso moderado dos espíritos neutraliza os ruins efeitos dos sítios pantanosos. O ciumento e inospitaleiro sistema de Portugal e Espanha na sua política colonial, tolhia entre o povo de Mato Grosso e o do país dos moxos essas relações naturais que tão benéficas deviam ser para ambos. Mas desertores do serviço português refugiavam-se no território espanhol, e os escravos que queriam fugir ao cativeiro, aproveitavam-se da proximidade da fronteira: atravessavam o Guaporé, e estavam salvos. Difícil contudo lhes não era estabelecerem-se em selvagem independência nas matas de Mato Grosso. Sobre o Quariteré, que deságua no Guaporé a meio caminho entre Vila Bela e o Destacamento das Pedras, foi destruído um grande quilombo, sendo Luís Pinto de Sousa Coutinho governador da Capitania: os negros que escaparam reuniram-se, tornando a estabelecer-se, e em 1795 no governo de João de Albuquerque foi segunda vez investido o lugar, arrastando-se à escravidão cinqüenta e quatro pessoas entre índios e caribocas.

Patriota. 3, 1; 2, 6

Uma única povoação parece ter-se formado sobre o Madeira do lado de Mato Grosso, a de São José, umas cinco milhas abaixo da confluência do Mamoré com o Guaporé. Tanto Azambuja como Luís Pinto haviam tentado plantar uma colônia sobre as cachoeiras grandes, mas não tinha em tempo deles população bastante a capitania para fortalecer braços, vendo-se, passados poucos anos, os colonos obrigados pelos repetidos ataques dos selvagens a retirar-se. Colocado no centro mesmo do sertão, em 3º52'S, a 133 léguas abaixo do Forte do Príncipe e 163 acima da vila de Borba, abunda este lugar em salsaparrilha, especiaria, cacau, gomas e madeiras preciosas, formigando no rio o peixe, e nas margens as tartarugas. Ali se podiam fazer as maiores canoas, da lotação de duas a três mil arrobas, dizem, e em trinta dias chegavam ao Pará. Toda a parte setentrional desta vasta capitania senhoreavam-na não domadas tribos, vagando os bacuris pelas cabeceiras do Arinos, os mambarés pelo país, por onde o Taburuína corre para o Juruena, os apiacás e cabaípas mais pelo Arinos abaixo quase até onde este, unido ao Juruena, forma o grande rio Tapajós, e os guapindaias, tapiraques, ximbiuas e aracis pela região entre o

Povoação sobre o Madeira

Xingu e Araguaia, rios porém explorados todos, tendo-se já por eles aberto comunicações com o Pará. A respeito dos índios (e mais particularmente a respeito dos do Maranhão e Piauí) se tem observado que, apesar de se baterem com feroz coragem uns contra outros, mostrando no sofrimento quase incrível fortaleza, acovardam-se diante dos brancos. Se via de um lado a sua aldeia bem francos e patentes os matagais, facilmente se tornava de novo selvagem qualquer horda reduzida, mas se por toda a parte os rodeavam terras povoadas, mostravam-se submissos os índios, resignando-se com a sua sorte. Aproximava-se o tempo em que todas as tribos brasileiras se veriam nestas últimas circunstâncias. Para qualquer lado que se voltassem os índios, viam os brancos, não como invasores ou inimigos, mas como um povo arraigado no país desde eras esquecidas na memória de um selvagem, e já não a caçarem-nos como escravos, mas convidando-os a partir com eles a terra como irmãos, e tomar parte nos cômodos e vantagens de uma vida fixa e segura. Por mais abominável que para com os naturais houvesse sido no correr de dois séculos o proceder dos portugueses, desde muito eram políticas e sábias as vistas do governo, estritamente de acordo com a justiça e baseadas num princípio religioso. Pensem o que quiserem a respeito da doação do Papa Alexandre e do direito de conquista, é inegável ter sido ultimamente reto e humano o sistema dos portugueses para com os índios, sem hipocrisia nos seus atos, sem afetação de tratar com eles em termos de igualdade, sem contratos de troca e venda, em que a parte mais simples é induzida por frívolas recompensas a sacrificar perpetuamente os seus interesses.[24] Como povo cristão e civilizado assumiam os portugueses uma superioridade que os índios sentiam e reconheciam, assumiam-na não como direito de casta ou de conquista, mas como inerente ao seu estado de ilustração, convidando os índios a deixarem-se instruir, tornando-se membros livres da mesma sociedade em termos de perfeita igualdade. Se as guerras revolucionárias durassem alguns anos mais na América espanhola, corria-se o risco dos índios exterminarem em muitos lugares os restos de ambas as parcialidades. Mas no Brasil, se os brasileiros (o que permita Deus na sua misericórdia!) escaparem à praga da revolução, e o governo, prosseguindo nas suas boas intenções, efetuar essas reformas que são tão fáceis como essenciais, veremos dentro em poucos anos todos os índios, acolhidos ao grêmio da civilização,

professar a fé dos portugueses, e adotar-lhe a língua e os costumes fundindo-se com eles num só povo.

Compreendendo metade da antiga Capitania de São Vicente, de que fora originariamente uma colônia, e parte da de S. Amaro, estendia-se à Capitania-Geral de São Paulo de 20º30' até 28º lat. S., com uma largura média de cem léguas de leste a oeste. Ao norte limitavam-na Minas Gerais e Goiás, separando-a da primeira a serra da Mantiqueira e o Paraná da segunda e de Mato Grosso; a leste tinha o mar, a Capitania do Rio de Janeiro ao N. E., e ao S., as de S. Catarina e Rio Grande do Sul. A serra mais alta era a do Cubatão, que corre paralela à costa. Coberta de árvores, vem esta cordilheira descendo gradualmente para o sertão, tendo ali origem os maiores rios da província. À exceção das pequenas torrentes que do lado oriental correm para o mar, eram todas as águas desta capitania recebidas pelo Paraná. Assentada nos campos de Piratininga 350 braças acima do nível do oceano é a cidade de São Paulo, quanto ao clima, a povoação mais bem situada de todo o Brasil. Nove anos depois da mudança da Corte continha ela 4.020 famílias, ou 23.760 moradores, metade dos quais eram brancos, cumprindo porém não esquecer terem sido os paulistas originariamente uma raça de mamelucos. Havia ali uma sé, uma igreja, muitas ermidas, três hospitais, uma misericórdia, um convento beneditino, outro franciscano, e ainda outro carmelita, dois recolhimentos, aulas régias de primeiras letras, gramática, latim, retórica, filosofia e teologia moral e dogmática, uma casa da moeda, diferentes praças e fontes, três pontes de madeira, e três de pedra muito boas. As casas eram feitas de barro, pelo sistema que chamam *pise,* sendo pois os telhados puxados fora, que nas habitações portuguesas e brasileiras se usam para sombra, aqui necessários para abrigo. Não há construção mais barata, mais fácil, nem de tanta dura: tomam as paredes qualquer cor, rebocadas por fora e ornadas por dentro ao gosto de cada um. Bem calçadas algumas ruas, eram todas extremamente limpas, o que se tem atribuído à posição da cidade, situada sobre ligeira eminência, e quase rodeada de dois rios que ali se juntam, indo a breve distância cair no Tietê, mas outras cidades não menos vantajosamente colocadas, têm-se tornado infames pela sua imundície, devendo a limpeza de São Paulo mais considerar-se obra do amor que os seus habitantes têm ao

Capitania de S. Paulo

Cidade de S. Paulo

asseio e ao bem-estar, e da diligência da polícia. Tal era a cidade que crescera à roda do casebre de canas e barro em que compusera Anchieta a primeira gramática tupi, começando a grande obra de doutrinar os índios.

Das classes baixas de São Paulo se dizia que estavam muito adiantadas em civilização comparadas com as de qualquer povoação do Brasil, notando-se nas elevadas um nobre sentimento de nacionalidade. Com especialidade prezam as mulheres o nome de paulistas, contando com bazófia que tendo outrora um fidalgo que fora governador seduzido a filha de um plebeu, todo o povo de São Paulo abraçara a causa da ofendida, obrigando o delinqüente a casar com ela, se lhe não pesava a vida. Verdadeira ou não caracteriza a tradição a índole do povo, sendo tão altivos os espíritos dos paulistas, que em tempos anteriores tinham requerido a el-rei lhes não mandasse general ou governador que não fosse da primeira nobreza do reino. Soberbo era o trajar dos homens, que pelo seu *ponche* se distinguiam de todos os brasileiros. Para sair à rua e ir à igreja usavam as mulheres um vestido de seda preta, ou de pano da mesma cor, no inverno, com amplo véu da mesma fazenda guarnecida de largas rendas, a cobrir-lhes o rosto todo, exceto os olhos, moda tão favorável às intrigas amorosas, que pôs em má reputação as mulheres de São Paulo, sendo necessário intervir o governador e o bispo. Também usavam como trajos de menos cerimônia um casaco comprido de baeta, debruado de fustão, cetim, veludo ou galão de ouro, segundo as posses de cada uma, trazendo então um chapéu redondo. Toda a roupa de mulher era feita por alfaiates, dos quais havia grande número. Em bailes e festas públicas trajavam as mulheres galantes vestidos brancos, com profusão de cadeias de ouro, e apanhado com pentes o cabelo. Flores formavam parte indispensável do feminil toucado, moda natural num país onde as mais lindas flores abrem em todas as estações, mas toda a beleza desta moda vinha destruí-la o hediondo costume dos pós, com que o paulista desfeava a cabeça, qualquer que fosse a sua idade. Ao apresentar-se um estranho a uma senhora brasileira, era da parte desta um ato de cortesia tomar da cabeça uma flor e apresentar-lhe, mas ignorantes dos costumes do povo, e interpretando-os pelos seus próprios hábitos licenciosos, infamavam alguns estrangeiros as mulheres do Brasil com este único fundamento. Entretinham-se elas de ordinário a bordar ou fa-

zer renda, deixando às escravas todo o cuidado da casa. A quase geral debilidade que entre elas se observava, tem-se imputado à falta de exercício, ao freqüente uso de banhos mornos, e absoluta abstenção de vinho; mas nos banhos mornos nenhuma conseqüência má se tem notado nos países onde mais cedo, comendo-se mais vegetais do que carne, e sendo isso provavelmente do desejo de conservar a delicadeza de suas pessoas, ou talvez de alguma noção errônea de assim convir à saúde. Feijão-preto, quer simples quer com farinha de mandioca, era o almoço ordinário, fazendo-se também uso do café. A hora do jantar era ao meio-dia ou mais cedo, comendo-se mais vegetais do que carne, e sendo água a bebida usual. Era caro demais o vinho para chegar a todos, sendo digno de reparo que num país em que tantas frutas há, de que se podem fazer beberagens não inferiores ao vinho, nenhuma se tornasse de uso geral para suprir este licor generoso.

Gaspar da Madre de Deus, P. 62. Casal, 1, 222. Mawe, 83-88

Bela alfaia era a rede nas casas do opulento, ricamente enfeitada, franjada de renda e armada baixa para servir de sofá. Os vasos de barro de que se usava eram feitos pelos índios nas extremidades da cidade. Excelentemente eram abastecidos os mercados, abundando o pão de trigo e parecendo sofrível até a um inglês a manteiga. Eram variegadas as igrejas e capelas e esplêndidas as procissões religiosas. No seu auge andavam as loucuras do entrudo, levadas mais longe ainda do que em Lisboa. Vagavam mascarados pelas ruas os paulistas, atirando homens e mulheres uns aos outros com limões e laranjinhas de cera, cheias de água perfumada, até ficarem todos molhados dos pés até à cabeça. Em outras partes do Brasil mimoseavam-se os homens uns aos outros com baldes de água, mas em São Paulo se julgava isto impróprio, talvez para não dar ocasião a rixas numa cidade que com elas tanto havia padecido.

O porto de São Paulo é Santos, cuja baía, formada pelas ilhas de S. Amaro e São Vicente, oferece três entradas: a de Bertioga ao norte, onde tinham um estabelecimento os baleeiros, a de São Vicente ao sul, e entre uma e outra a barra Larga ou de Santos, que é a principal. Ali é tão forte a corrente, que três dias levavam os navios às vezes a vencer a distância da fortaleza, em cujas águas davam primeiramente fundo, até à vila, três léguas apenas. Também são muitos os canais, de modo que requer a navegação boa pilotagem e

Baía de Santos

grandíssimo cuidado, podendo contudo entrar navios de considerável calado no porto, que é seguro. Muitas correntes apenas navegáveis na preamar vêm desembocar nesta baía, uma porém pode subir-se vinte milhas até ao arraial do Cubatão, aonde vêm embarcar os gêneros da capital. A subida para as planícies do Piratininga, outrora tão temível, fora muito facilitada com uma arte e trabalho, guarnecida de parapeitos onde há precipícios, e em muitos lugares cortada na rocha viva por considerável distância. Em outras partes é barro o solo, e aí está calçada a estrada, sem o que depressa a arruinariam as águas da serra e na cidade havia uma estalagem onde o viajante encontrava melhores acomodações do que mesmo no Rio de Janeiro. A vila de Santos ficava da banda do norte da ilha de São Vicente, em terreno plano e pantanoso, freqüentemente envolto em nevoeiros, e por isso sujeito a febres e às outras enfermidades endêmicas em tais situações insalubres. Era a vila bem construída de pedra, com a sua misericórdia, que era a mais antiga destas caridosas instituições no Brasil, um convento de franciscanos, um hospício de beneditinos, outro de carmelitas, várias capelas, e uns seis a sete mil moradores. Até à imigração da Corte possuía Santos um privilégio odioso e funesto, que inibia algumas partes da capitania de remeter para outro porto os seus produtos, tornando-se assim a vila grande entreposto para açúcar, aguardente, algodão, café, couros e toucinho. Muito café se cultivava nas imediações, sendo da melhor qualidade o arroz que dava ali perto, mas estavam a monte a maior parte dos terrenos que na ilha eram próprios para esta insalubre cultura. Deste porto se fazia considerável comércio com o Rio Grande do Sul e com os espanhóis do Prata, posto que neste último caso com todos os riscos e desvantagens de um tráfico ilícito.

Journal, **Ms.**

Casal, 1, 217-237
Mawe, 59-62.

Invest. Port.
T. 18, p. 119

S. Vicente

Por Santos fora São Vicente despojado primeiramente da sua categoria, depois do seu comércio, e sendo nesta capitania a mais antiga vila e primitiva sede do governo, outra nenhuma preeminência retinha além da que andava ligada à igreja matriz da província. Conservavam contudo os moradores orgulhosa recordação da dignidade de que haviam gozado seus maiores, e em meados do século passado ali se criavam, e de cujas peles se faziam odres para condução de líquidos e couros para forro de cadeiras; para isto as preferiam

a couros de vaca, e pelo melhor do Brasil passava o toucinho de São Vicente. Havia um projeto de ligar por um molhe a ilha à terra firme, grandiosa empresa com a qual se presumia obviar a muitos naufrágios. Não muito longe ao norte da baía de Santos ficava a ilha de São Sebastião, de umas sete léguas de comprimento, com 700 moradores, não contados os negros. Era célebre este lugar, não pela sua beleza tão-somente, mas também pela indústria dos seus habitantes, que oriundos, pela maior parte da mesma família, se achavam ligados por laços de parentesco. O açúcar e tabaco que cultivavam, exportando-os em grandes quantidades, eram os melhores da província. Também havia grandes cafezais, crescendo o anil por si mesmo na ilha, mas sem que se soubesse bem extrair-lhe a tinta. Em bordar e fazer renda se ocupavam as mulheres. Tão frugal como industrioso era o povo, alimentando-se de peixe e vegetais, raras vezes provando carne fresca e olhando até o toucinho como luxo. Havia para a pesca da baleia um estabelecimento em que quase só trabalhavam índios, matando-se ordinariamente em cada estação de oito a dez destes cetáceos. Faziam-se aqui canoas de grandes proporções. O arraial do Barro, na fronteira costa da terra firme, era célebre pela sua louça vermelha, sendo extraordinariamente fino o barro, a que as mulheres servindo-se só das mãos, sabiam dar as mais lindas formas primando estas mesmas mulheres em fazer renda e bordaduras. Ambos os sexos se desvaneciam da sua origem européia, mas até as mulheres das classes mais elevadas andavam descalças. Em conseqüência da proibição de remeter os produtos para outro lugar que não o de Santos, tinham decaído muito os portos desta banda.

Journal. **Ms.**
Casal, 1, 237 - 8

Ao sul da baía de Santos ficava a vilota de Cananéia, agradavelmente sita numa ilha muito perto da terra firme. Um dos pilares de pedra com as armas de Portugal erguidos pelos primeiros descobridores, ainda se vê na terra firme contíguo à barra. Sobre a baía do mesmo nome era Paranaguá vila maior e bem edificada, com sua igreja matriz, três ermidas, casa da moeda e aula de latim. Dali se exportavam em sumacas farinha de mandioca, arroz e café, e também trigo vindo de Curitiba. Derivava a comarca austral da capitania o seu nome tupi (que também, mas com propriedade, foi aplicado ao seu grande rio Iguaçu) dos pinha-

Cananéia

Paranaguá

Curitiba

is de que estava originariamente coberta. Ainda restavam extensas seivas destas majestosas árvores cujo fruto servia nas suas longas excursões de alimento aos paulistas, e oferecia abundante sustento aos porcos-bravos. Cultivavam os moradores milho, arroz e grande quantidade de cereais; criavam ovelhas, cavalos, jumentos, mulas e bois, e faziam manteiga e queijo, sendo este de boa qualidade. Mais do que no inverno davam as vacas leite no verão, mas da mesma porção se fazia uma metade mais de queijos naquela estação do que nesta. Outra curiosa observação feita neste distrito vem a ser definharem e morrerem as ovelhas necessariamente depois de sustentadas dez anos no mesmo lugar: levadas porém apenas aparecem os primeiros sintomas, ainda que não seja senão para algumas milhas de distância, restabelecem-se. Por toda a capitania se costumava dar o gado, que ao chamado do guardador corria de onde quer que lhe ouvisse a voz, e, se tardava mais do que de ordinário o chamado, acudia ele por si mesmo ao lugar onde se costumava fazer a distribuição, dando assim prova do seu instintivo apetite por um mineral que naquele país é quase tão essencial para a sua existência como o mantimento. No termo de Curitiba principiam a notar-se os efeitos de mais fria latitude. Somente situações escolhidas produzem ainda a mandioca, a banana, o café, o algodão e a cana-de-açúcar, dando-se ali melhor as frutas da Europa do que as do norte do Brasil. Abundam figos, pêras, maçãs, ameixas, pêssegos, marmelos, nozes e castanhas, floresce profusamente a oliveira, mas raro fruto dando, assim como a vide produz prodigiosos cachos sem que se possa fazer vinho com vantagem. Aqui cresce a caa, mate, ou erva do Paraguai. Dela se faz grande uso em São Paulo e nas duas capitanias do Sul, começa a fazer-se no Rio de Janeiro, e apesar de muito inferior ao chá-da-índia, é provável que este artigo se torne de grande importância no Brasil.

Casal, 1, 131-2

Entre as numerosas vilas da capitania, ainda, apesar de não poder já rivalizar com São Paulo, como nos antigos tempos da sua inimizade, era Taubaté uma das mais consideráveis e bem situadas. Ficava a trinta léguas nordeste da capital da província, sobre um riacho, a uma légua do Paraíba, e tinha sua igreja matriz, suas duas capelas, seu convento de franciscanos, e sua ordem terceira também franciscana. Grande número de porcos e galinhas ali se cria-

Taubaté

vam, fazendo e exportando os moradores belas esteiras e cestos. Bem povoado era o país ao longo do Paraíba, com muitas vilas consideráveis sobre as margens deste rio, a não grandes distâncias umas das outras. Ao sudoeste entre São Paulo e a comarca de Curitiba ficava a grande vila de Sorocaba, com cerca de 1.700 famílias em 1808, sendo brancos dois terços desta população. Era um povo industrioso, que da passagem do gado vindo do sul sabia tirar não pequena vantagem. Ali se pagava a taxa deste gado, pesando sobre as mulas oneroso e pouco judicioso imposto. No Rio Grande onde a maior parte se criava, custava cada uma de 1$000 a 2$000; ora, 1$000 se pagavam no registro daquela Capitania, 3$500 aqui em São Paulo, e ao chegar o animal a Minas Gerais, pagava-se terceiro imposto igual aos outros dois, de modo que todas as taxas juntas importavam em quase oito vezes o custo primitivo, apesar de ser com mulas que se fazia todo o comércio interno. Prometia Sorocaba tornar-se lugar de grande importância, por causa da sua vizinhança com a serra de Guarraçoiavá, ou "escada do sol", que se estendia por três léguas, supondo-se ser ela toda uma massa de ferro virgem. Tinha a vila igreja, uma ermida, um hospício de beneditinos, e um recolhimento. Sete léguas ao nordeste de Sorocaba, e dezoito a oeste, noroeste de São Paulo, ficava a grande e florescente vila de Xitu, com uma igreja, quatro ermidas, um convento de franciscanos, um hospício de carmelitas, um hospital de lázaros, e uma aula régia de latim. Eram calçadas algumas ruas, e costumavam ter quintais as casas. Das cachoeiras grandes do Tietê a duas milhas de distância vem à vila o seu nome.

Sorocaba

Invest. Port. **T. 18, p. 107**

Casal, 1, 203-345

Apesar de haver a caça de escravos chegado ao Alto Paraguai, ao Tocantins e até ao Amazonas, não tinham os paulistas expurgado de selvagens a sua própria capitania. Ainda os caiapós atravessavam às vezes o Paraná, vexando-os do lado do norte, enquanto senhoreavam o país entre o Tietê e o Uruguai quatro tribos, distintas uma da outra pelo modo por que desfiguravam o rosto, e compreendidas pelos portugueses sob o nome geral de bugres. Andavam inteiramente nus os homens, fazendo as mulheres para si uma saia curta de fio de *ocroa*. Rompendo a terra com instrumentos de pau (feitos com outros de pedras) cultivavam estes índios milho, legumes e outras plantas esculentas, mas fiavam-se mais na caça e nas frutas silves-

Selvagens da capitania de S. Paulo

tres, principalmente nos pinhões, de que faziam grandes depósitos, submetendo-os a um processo semelhante a esse com que para a cerveja se prepara a cevada. Algumas das plantas que cultivavam, tinham-nas obtido eles dos portugueses, dos quais haviam aprendido igualmente o uso de cães, além dos quais eram os quatis ou cutias, provavelmente mais para recreio do que para alimento, os únicos animais que domesticavam. Nada de quanto possuíam os portugueses invejavam, exceto o ferro. Viviam em casarões, costume comum a muitas tribos tupis, e eram bons oleiros, fabricando vasos que resistiam ao fogo. Eram alguns destes índios de cor mais branca, distinguindo-se também por terem barba; eram por sem dúvida de origem mameluca. Infestavam estas hordas os Campos Gerais de Curitiba, e os de Guarapuava, assim como os tabuleiros altos de onde procede de um lado o Uruguai, enquanto as contracorrentes vão ter ao Paraná. Quanto mais industriosos, comerciais, opulentos e por isso menos empreendedores se tornavam os paulistas, mais audazes se faziam selvagens, vindo despovoar com suas incursões assassinas essa linha de estrada para Curitiba, que costumando outrora ser segura, era tão perigosa agora que só em numerosas companhias se aventuravam por ela os viajantes. Até de São Paulo para Minas se viajava em tropas de vinte a trinta bestas de carga, com cinco ou seis homens bem armados de espadas, espingardas e pistolas, e dois ou três canzarrões ferocíssimos, com coleiras de pregos, para defesa contra os tigres. Viajando-se assim em recovas, assemelhavam-se as estalagens mais a caravanas do Oriente do que às hospedarias européias. Eram grandes telheiros, sustentados por postes direitos, e divididos em repartimentos, ou antes estrebarias separadas. Destas tomava o viandante as de que carecia para si e sua bagagem, havendo um cercado adjacente, com paus fincados a quatro ou cinco varas de distância, a que se prendiam as mulas, enquanto comiam, se aparelhavam e carregavam. Ou havia o viajante de trazer consigo a sua rede, ou contentar-se com dormir no chão.

Mawe, 65

Sofriam terrivelmente de bexigas os paulistas, talvez em conseqüência do seu sangue índio. Quem ouvia declarar tal a sua moléstia, ficava prostrado como se fosse a sua sentença de morte que houvessem proferido. Em muitos casos com efeito se tornava fatal a doença, contando-se tanto com isto que muita gente nem que-

Bexigas

ria tomar remédios, reputando o seu fim já certo. Havia uma antiga postura da Câmara, obrigando a sair da cidade quem se sentisse acometido de bexigas, com cominação de pesadas penas para a família do doente, se assim se não cumprisse. Vigorou esta disposição até ao ano de 1752, em que um pai de família recusou obedecer, e o Senado requereu ao ouvidor que interpusesse a sua autoridade. Respondeu este porém: "De remédios carecem os doentes tanto para o corpo como para a alma, e esses nenhures lhes podem tão prontamente ser administrados como na cidade: por melhor o tenho pois que aparecendo as bexigas, sejam os que não houverem tido ainda a enfermidade os que se retirem." A verdadeira medida teria sido a fundação de um hospital apropriado. A vacina, para cuja vulgarização faz o governo louváveis esforços, livrará deste mal os brasileiros. No norte da província eram freqüentes as papeiras, mas já não tanto como em antigos tempos.

Casal, 1, 225-35

Rendas

Em fins do século décimo nono elevavam-se as rendas desta Capitania a 68:450$000. Havia além disto o chamado subsídio literário que importava em 3:500$000, e se aplicava à manutenção das escolas, e alguns bens, antigamente pertencentes aos jesuítas, e que rendiam uns 600$000 para sustentação do clero que oficiava nas igrejas da expulsa Companhia. Em 1777 era de 116.975 almas[25] a população desta Capitania; de 200.408 em 1811, de 205.667 em 1812, e em 1813 tinha chegado já a 209.21826, devendo contudo nestes últimos anos atribuir-se talvez parte do aumento à imigração que se seguiu à transferência da Corte.

S. Catarina

Antigamente debaixo do governo de São Paulo achava-se a província de S. Catarina separada daquela Capitania pelo rio Saí, e da do Rio Grande do Sul, ou de São Pedro, pelo Mampituba. Não lhe passa de vinte léguas a maior largura, sendo de umas sessenta a sua extensão de costa, que compreendia a maior parte da antiga e efêmera Capitania de S. Amaro. Em 1712 ainda se via toda a ilha de S. Catarina coberta de sempre verdes florestas, exceto nas baías e angras pequenas fronteiras à terra firme, nas quais havia uns quatorze ou quinze sítios descortinados à volta das habitações dos colonos. Eram estes quase todos indivíduos de má nota, fugidos de outras capitanias, e dos quais dizia um oficial português que eram gente que não conhecia rei. Para com semelhantes homens usava o governo português sempre

de boa política, contentando-se ao princípio com o mais leve reconhecimento da sua autoridade, e assumindo e exercendo gradualmente o poder ao passo que eles, tornados mais numerosos, caíam por si mesmos nos hábitos de vida regular, sentindo por conseqüência a necessidade da subordinação. Por aqueles tempos exercia o comando nominal um capitão, sujeito ao governador da Laguna, vilota sita sobre o continente poucas léguas ao sul. Tinha este capitão debaixo da sua jurisdição 147 brancos, alguns negros livres, e uns poucos índios, entre os quais os havia que eram prisioneiros de guerra e tratados como escravos, e outros vindos voluntariamente a melhorar de condição, vivendo com os portugueses. De camisa e calças se compunha a vestidura ordinária, e quem lhes adicionava jaqueta e chapéu era um homem magnífico: sapatos e meias eram coisas raras vezes vistas, mas para entrar nas matas usava-se de umas polainas, feitas de uma peça só de pele de jaguar, tirada das pernas do animal para as do homem. Eram então tão numerosos os tigres, mesmo na ilha, que era necessária grande cópia de cães para defesa das casas. Durante uns trinta anos eram ali bem recebidos e bem tratados os navios estrangeiros, permitindo-lhes os moradores que se provessem de água e lenha, e de boa mente suprindo-os de víveres em troca de gêneros europeus: dinheiro não o queriam receber em pagamento, por não terem destino que dar-lhe. Mas quando o comodoro Anson ali tocou em 1740 já encontrou tornado de maior conseqüência o lugar, e crescia na mesma proporção a autoridade do governo, o mesmo sistema inospitaleiro das mais partes do Brasil. Grande comércio de contrabando se fazia então desta ilha para o Prata, trocando ouro por prata, tráfico com que ambos os soberanos perdiam os seus quintos. Estavam-se erguendo fortificações.

Walter's Voyage of Ld. Anson, **63-64**

Em 1749 achava-se a população de S. Catarina elevada a 4.149 almas, mas nos fins do século ceifou milhares de vidas uma moléstia contagiosa, que devia ser disenteria acompanhada de febre pútrida.

Coleção de Pinheiro. T. 9, nº 47. Ms. Langsdorff, *Reise un die Welt***, 1, 59**

Poucas vilas no Brasil cresciam tão rapidamente em importância como Nossa Senhora do Desterro, capital da ilha e da província. Em 1808 davam-lhe cinco a seis mil habitantes. As casas eram de dois ou três andares, bem edificadas de pedra e cal, e com seus quintais bem providos de hortaliça e flores. Visto do

Nossa Senhora do Desterro

surgidouro era belo o aspecto da vila. Tinha esta uma formosa igreja de duas torres, duas capelas, uma ordem terceira de São Francisco, um hospital, bons quartéis, professores régios de primeiras letras e latim, cujos ordenados saíam de uma taxa que se cobrava sobre os espíritos; mas eram estes baratíssimos, e por isso muito usados com grande dano dos moradores. Por vezes se solicitara para construção de um convento licença sempre sabiamente denegada. Eram pela maior parte regulares as ruas, bem abastecidos de peixe, porcos e aves os mercados, e abundantes e baratas, excelentes verduras e raízes, e as mais belas frutas. A carne era má, mas custava apenas 30 réis o arrátel: os ricos comiam pão, mas o artigo de lei era a farinha de mandioca. Havia operários de todos os ofícios, não mal sortidas de gêneros europeus as lojas, mas estes eram necessariamente caros. Ainda pelo seu asseio se distinguiam entre os outros descendentes dos colonos dos Açores, usando de bom linho e tendo sempre muito limpas as casas, sobre terem conservado a sua indústria os soldados e os aldeões desta raça e até os mais pobres habitantes da vila. Aqui também era em fazer renda que se entretinham as mulheres. De portas adentro costumavam estas trajar uma camisa de algodão fino ou de linho, com uma larga e bela bordadura à volta do colo, um vestido leve e um lenço de cassa. Em público vestiam à européia, mas com grande variedade de cores e profusão de fitas e adornos. Era sinal de distinção trazer as unhas compridas, especialmente nos dedos polegares, costume comum de muitos países nos degraus bárbaros e semibárbaros da sociedade. De equipagem servia a cadeirinha com cortinas de pano escarlate, franjadas de ouro: abertas estas, parecia a pessoa sentada num trono.

Langsdorff

Escravos

O escravo negro nada mais trazia senão um par de calças curtas, a negra uma saia até meia perna às vezes com uma camisa velha, ou alguns trapos presos aos ombros e caídos sobre o peito. Era conhecida entre estes escravos a terrível banza, pior que nostalgia, e aquele que desta moléstia era atacado, quer proviesse ela de saudades da pátria, quer de cansaço e tédio da vida, raras vezes se restabelecia. O preço de um negro jovem e sadio regulava de cem a cento e cinqüenta pesos, mas se o escravo era perito em qualquer ofício mecânico, custava muito mais caro. Alugavam-se por dias ou semanas como cavalos na Europa. Não raro sucedia tomarem os negros por si mesmos,

quando desumanamente tratados, a vingança que as leis negavam; e às vezes fugiam para o sertão, reunindo-se aos índios bravos, aos quais serviam de guias nas correrias contra os portugueses. Úmido o ar, e particularmente as noites, nem por isso deixa de passar por salubre esta província. Quanto mais intenso de dia o calor, com tanta maior certeza se pode contar com a trovoada à tarde. Todo o mundo lava à noite os pés, como o melhor preservativo contra xiguas. As bexigas raivavam como verdadeira peste, quando apareciam na ilha, impedindo o crescimento da população. Em princípios deste século ainda se não praticava a vacina, não sendo isto provavelmente nem a ignorância nem a preconceito, mas ao número dos negros, e à certeza de que se seguiria grande mortalidade entre eles de qualquer forma que se introduzisse a moléstia. Freqüentes eram as moléstias de pele, e tão comum a sífilis, que indicava um deplorável estado de moralidade. Fecundíssimas as mulheres, não causava reparo ver uma com quinze ou vinte filhos, mas muitas vezes se amamentavam as crianças até três ou quatro anos de idade, no confessado intuito de atalhar a multiplicação da progênie.

Langsdorff, 36-37

Clima e moléstias

As mortes de parto excediam muito a proporção usual dos climas quentes.[27]

Ilha de S. Francisco

Ao norte de S. Catarina continha em 1749 a ilha de São Francisco 120 famílias e 1.221 moradores. Muitas embarcações ali se construíam, sendo os principais gêneros de exportação madeira e cordas feitas de imbé. Bem situada sobre o lago, de onde tirava o nome, ficava no continente a vila de Laguna, a pouco mais de uma milha da barra: sumacas entravam no porto, de onde se fazia considerável comércio de farinha de mandioca, arroz, milho, madeira e peixe salgado. Mais quatro freguesias havia na terra firme, mas em geral achavam-se ali as casas dispersas a bastante distância umas das outras, não se aventurando os colonos muito pelo sertão adentro com medo dos selvagens. Tinham geralmente perto do mar as habitações, cercadas de laranjeiras, bananeiras, cafezeiros e algodoeiros, abundando no país a água a ponto de haver em cada quintal uma nascente clara e límpida. Nenhures, exceto na capital, se encontravam as suntuosidades da civilização: nem sequer mesas e cadeiras se viam em outra parte, sendo notável que a rede tão geralmente em uso por todo o Norte do Brasil não fosse adotada nas pro-

víncias do Sul. A mesma esteira que de noite servia de cama, se estendia no chão coberta com uma toalha para fazer às vezes de mesa de jantar, deitando-se os homens à volta a fio comprido, apoiado um braço numa almofadinha, e assentando-se as mulheres sobre os calcanhares, à moda oriental. Aqui chamada erva-mate, andava a caa em uso geral. Sendo caríssimos os mosquetes, sobre nem sempre se poder obter pólvora, servia-se o povo de um arco que despedia seixos ou balas de barro com a força da antiga besta, mas que provavelmente fora imitado das armas de que usavam os jovens guaranis para matar pássaros.

Pesca de baleias

Muito produtiva havia sido em S. Catarina a pesca da baleia, declinara porém desde que os baleeiros ingleses e americanos freqüentavam as ilhas de Falklândia, sendo na verdade tão pertinaz e destruidora a guerra que se faz a estes animais colossais, porém inofensivos, que já raras vezes ou nunca se encontram tão grandes como outrora, sendo provável que dentro em poucas gerações se extinguisse a raça, se o uso geral das luzes a gás não tivesse vindo diminuir a demanda de azeite de peixe. Em 1796 contava toda a província 4.216 famílias, 23.865 almas, três engenhos, e 192 destilações. Em 1812 já a população se tinha elevado a 33.049 habitantes, entre os quais 7.578 escravos e 665 negros e mulatos livres.[28] Quando em 1803 tocou em S. Catarina a esquadra russiana, exportava-se o excesso da produção para o Rio de Janeiro num ou dois barcos pequenos, que traziam de retorno gêneros europeus, não sendo permitido traficar com outro porto, e em conseqüência desta restrição e da inatividade que dela resultava, diz o capitão Krusentern que um navio de quatrocentas toneladas não acharia carga na ilha. Desde então pasmosa mudança se tem operado, entrando quatro anos apenas depois da imigração da corte 150 navios[29] nos portos desta Capitania, sendo a exportação considerável, especialmente em farinha de mandioca, aguardente e arroz. Entre outros gêneros de origem européia que se exportavam figuravam trigo, cebolas, feijão, alhos, cânhamo e linho. Abunda a província em barro fino, tanto vermelho como preto, de que se faziam boas telhas e excelente louça, exportando-se depois para o Rio Grande e Rio de Janeiro.

Rio Grande do Sul

Tanto abundava na ilha o sassafrás que Sheloocke fez desta preciosa madeira uma provisão para lenha.

A província chamada Capitania d'el-Rei[30] por nunca haver do Rio Grande de São Pedro do Sul, que também por vezes tem sido pertencido a donatário, separam-na de São Paulo o rio Pelotas, e de S. Catarina o Mambitubá. Tanto disputados e duas vezes ajustados por tratados de demarcação, tiveram os seus limites ao sul e ao oeste de ser novamente decididos pela lei do mais forte, quando a Corte se passou para o Brasil, e então manteve-se Portugal na posse das sete reduções. Esteve o governo dependente do Rio de Janeiro até 1800, e quando então, depois de muita oposição, se decretou afinal a separação, elevavam-se as despesas da província a 80 contos, não passando de 40 a receita. O efeito da separação foi dobrarem imediatamente as rendas, dando em 1805 só os direitos de alfândega mais do que antes produzia a receita toda, e arrematando-se nos três anos anteriores à transferência da Corte por 161:500$000 os quintos, décimas e portagens. Depois da tomada de São Pedro por Zeballos em 1762, removera-se a sede do governo provincial para a aldeia de Nossa Senhora da Conceição, mas poucos anos depois fixou-a o governador José Marcelino de Figueiredo na baía de Viamão, sobre o rio Jacuí, sete léguas acima da sua entrada na lagoa, e chamou o lugar Portalegre, nome com propriedade aplicado à sua situação risonha. Iates sobem o rio, levando dali gêneros para São Pedro a fim de serem exportados barra fora. Tem-se entendido que São Pedro seria mais adequada capital por não carecer para defesa senão da dificuldade da sua barra. Mas a não ser esta dificuldade tal que impossibilita o desenvolvimento do comércio, também nela não haverá que fiar com segurança em tempo de guerra. Grande, populosa e próspera vila era Portalegre, bem edificada e regulares as ruas e calçadas as principais: tinha uma igreja, uma capela e uma aula régia de latim. São Pedro parece não a ter igualado em tamanho, mas tinha mais ativo princípio de aumento por ser o porto de mar: possuía uma igreja e ordens terceiras de São Francisco e do Carmo. Em grandeza ou população pouco lhe ficaria provavelmente a dever o fronteiro arraial de São José. Em 1814 daqui saíram 323 navios pela maior parte carregados de trigo, couros, carne-seca, sebo e queijos.

Correio Brasil.
T. 14, 205, 238

População

Em 1801 era de umas 60.000 almas toda a população desta província, e já em 1806 se calculavam só os negros de 40.000, e contudo

trabalhavam aqui os brancos mais do que em qualquer outra parte do Brasil. Não era a ociosidade o vício de nenhuma classe de homens, e as descendentes dos antigos colonos dos Açores eram de elevada estatura (tendo-se a sua natureza acomodado bem ao clima), bons trabalhadores, inteligentes lavradores, probos e bem comportados. Mais numeroso do que em outro nenhum distrito era aqui o gado, apesar da caprichosa matança que entre ele se fazia, quando a carne de vitela era o alimento favorito, e quanto mais nova, mais estimada. Naqueles tempos não havia refeição em que se não servisse inteiro um bezerrinho acabado de nascer. Se dois homens comiam juntos não bastava uma cria maior, porque cada um havia de ter a sua língua, e assim matavam-se duas. Quem ia de jornada matava um animal para o almoço, e por não levar consigo o resto, matava ao jantar outro. Afinal julgaram dever intervir os governos tanto espanhol como português. Em Montevidéu proibiu o governador Viana que se matassem vitelas ou vacas, ordenando que para o açougue se não cortassem senão bois, nem para tirar-lhe o couro animal, que não tivesse cinco anos completos. Para a banda portuguesa do país fez o Marquês de Lavradio regulamentos semelhantes refreando-se assim um mal que não era possível atalhar de todo.

Corr. Bras. **14, 221.**
Invest. Port. **19, 199.**
Casal, 1, 142

Em princípios do século décimo nono contavam-se na parte pastoril desta capitania 539 proprietários, com suas estâncias que lhes haviam tido assinadas nos termos da lei: eram ou fazendeiros, criadores em grande, ou lavradores, que apenas criavam o gado preciso para seu uso e consumo. Variavam em extensão de duas ou dez léguas quadradas as estâncias, havendo-as até que excediam esta área enorme. Para uma manada de quatro a cinco mil cabeças carecia-se de uma planície de doze milhas, não sendo bons em geral os pastos, seis homens pelo menos, e cem cavalos. Estes, que todos devem ser castrados, dividem-se em tropas de vinte cada uma, com uma égua mansa para cada tropa, a fim de conservá-la unida durante a marcha, pois que presa a égua, nenhum dos companheiros a deixa: não são ferrados os cavalos e nada custa o seu sustento. Em toda a fazenda há um terreno plano chamado o rodeio, capaz de conter toda a manada, para o qual se costuma escolher o lugar mais elevado. Para aqui se toca quando preciso todo o gado, galopando o guardador à volta

Estado das fazendas de criação

dele e gritando *rodeio! rodeio!* voz que os animais conhecem. Faz-se isto para marcar uns, castrar outros, e separar para o corte os que têm mais de quatro anos, pois que depois desta idade fazem-se bravos os bois, nem querem mais obedecer ao chamado, não tardando a tornar ingovernável toda a manada. Mil novilhos pouco mais ou menos se marcam todos os anos numa fazenda de três léguas.

Casal, 143-144

Tão brutais como os do Paraguai e Prata não são os guardadores de gado do Rio Grande: não sendo exclusivamente carnívoros, também não são meros carniceiros. Em toda fazenda grande há umas cem vacas leiteiras, que pastando com o resto do gado, se acham num estado meio bravio. Dão à luz em lugares escusos, e dormem de noite com as suas crias, mas de dia as vão visitar de vez em quando para lhes dar de mamar, escondendo-as tão bem que difícil é achá-las na primeira semana. Apenas se descobre o bezerro leva-se para o rodeio da fazenda, aonde a mãe vai visitá-lo aproveitando-se este ensejo para ordenhá-la. Desta forma se obtém leite para manteiga e queijos. Mansos são os bezerros assim criados, e as fêmeas se reservam para criação, enquanto os machos se metem ao jugo e ao arado. É notável que as crias da manada brava apesar de terem todo o leite da mãe, nem cresçam tão depressa, nem engordem tão bem, como os do cercado, que apenas aproveitam as sobras que o ordenhador lhes deixa: os terrores a que as outras andam continuamente expostas da parte de cães bravos e feras explicam o fato. Também se assevera que o mesmo pasto, que sustenta apenas quatro mil cabeças de gado bravo, chega para dobrado número dele manso, sendo mais gostosa a carne deste. Os couros do Rio da Prata costumavam pesar dez a doze arráteis mais do que os do Rio Grande, sendo o gado da mesma raça, mas que era interrompido na província espanhola o comércio durante a guerra, não se matavam os animais tão novos. Em algumas partes do sul da província queimam-se as fezes e os ossos do gado por falta de combustível.

Casal, 1, 141-145.
***Corr. Bras.* 14, 214**

Também grande número de cavalos e mulas se criavam nesta província. Os machos muares eram castrados todos, valendo um bom o dobro do preço de um cavalo. Depois de dois anos era preciso separar da manada as mulas, por causa de um costume estranho, filho, ao que parece, do pervertido instinto: tomava qualquer delas

Mulas

um potro acabado de nascer, e, como se fora seu próprio, não sorria que a mãe se aproximasse, de modo que morria a cria à necessidade. Muito numerosas não eram as ovelhas, por não ser muito procurada a lã, apesar de boa. Poucos eram os que possuíam mais de mil cabeças. Para este número eram necessários dois rafeiros, cuja criação é curiosa: apenas nascem substituem-se a cordeiros também recém-nascidos, obrigando-se as mães destes a amamentá-los: assim são ovelhas os primeiros animais que eles vêem ao abrir os olhos, brincam com os cordeiros enquanto crescem, nem conhecem outros parentes. Castram-se e fecham-se no curral com as ovelhas mães, até poderem ir para o campo com o rebanho. Se uma ovelha dá à luz longe, qualquer destes cães toma o cordeiro cuidadosamente na boca e o traz para casa. É singular que a castração não priva da sua coragem estes animais, que, guardas fiéis, não deixam aproximar da grei que lhes está confiada, nem homem, nem fera, nem outros cães, que, não só os bravos, mas até os mansos, são os inimigos mais perigosos das ovelhas. São numerosíssimos os cães bravos ou marrões, como os chamam, caçam aos bandos, e perseguem uma boiada, até derribar uma rês, sendo até perigosos, quando esfomeados, para um cavaleiro solitário.

Casal, 142, 147

Conclusão

Neste estado se achavam as diferentes províncias do Brasil, desde o Rio Negro e o Cabo do Norte até ao disputado terreno do Prata, quando de Lisboa se passou para o Rio de Janeiro a sede da monarquia. Debaixo de tão grande diversidade de clima, solo e circunstâncias, seria presunção ou manifesta injustiça atribuir um caráter geral aos costumes e à moral do povo, mas o que com segurança se pode dizer é que se assentara ao poder e à prosperidade um fundamento firme, que só a mais extrema e obstinada prevaricação da parte do governo, ou a mais cega e culpável impaciência da do povo, poderia subverter. Comércio, agricultura e população cresciam rapidamente, e de quantos melhoramentos pudesse ensaiar um ministro atilado e um benévolo soberano, eram suscetíveis o país. Grandes abusos havia que alto bradavam por emenda. Até agora tinham exercido os governadores autoridade despótica nas suas capitanias, não regulados por leis, não refreados pelos costumes, não assoberbados pela opinião pública, por nenhuma responsabilidade contidos. Absolutos como outros tantos paxás, levavam aos subdéspotas turcos a vantagem de ter perfeitamente segu-

ras as cabeças. Nos antigos tempos quando para o serviço do estado se carecia de alguma contribuição nova, era a matéria proposta pelo governador ao Senado da Câmara, e resolvida com assentimento do povo: este direito continuaram as Câmaras e o povo a exercê-lo até que em Portugal se apagaram os últimos vestígios de bom governo, estendendo-se então ao Brasil o sistema arbitrário sob o qual definhava a mãe pátria. Tomou o governo colonial caráter meramente militar sendo as Câmaras convidadas não a consultar, porém a obedecer. Poucos anos antes da transmigração da Corte tentara a Câmara de Vila Boa opor-se a algumas medidas do governador de Goiás, e fora asperamente repreendida de Lisboa por não saber serem todas as Câmaras do Brasil subordinadas aos governadores. Mas se foi ineficaz a oposição, provava serem ainda lembrados os antigos direitos das Câmaras. Nestes últimos tempos assaz claramente se tem visto quão difícil é temperar com uma salutar mistura de democracia um governo desde remotas eras absoluto; mas onde boas leis e bons costumes antigos só caíram em desuso, restabelecê-los e restaurá-los é possível, é praticável, é coisa para fazer-se.

Patriota, 3, 5, 7

Nos casos criminais era a justiça escandalosamente remissa, e em todos vergonhosamente corrupta. Até onde isto provinha de não serem bem pagos os ministros da Justiça, era do governo a culpa, sobre quem recaía igualmente a responsabilidade do acoroçoamento que a geral impunidade dos criminosos estava dando aos atos de violência. Mas o grau de pureza com que se administram as leis é um dos critérios do padrão da moral, e aquele ensaio mostrava achar-se este muito abaixo no Brasil, defeito que nos homens públicos por nenhum pundonor era reunido. Uma reforma neste ponto, ao passo que faria honra ao governo, seria um dos mais seguros meios de melhorar o caráter do povo. Seguia-se no Brasil o sistema de arrematar os impostos, embora a experiência dos estados europeus pudesse haver mostrado, que com tal processo diminuem os governos ao mesmo tempo a sua venda e a sua influência, pagando cara a sua impopularidade. Os arrematantes dos impostos davam os seus distritos de arrendamento em porções pequenas, estas ainda se subdividiam, e tirando-se lucro em cada uma destas subdivisões, provavelmente não chegava a entrar nos cofres do Estado, metade da soma paga pelo povo. Da mesma forma eram os monopólios fu-

nestos a ambas as partes. Verdade seja que o contrato do sal fora abolido, graças à imprensa portuguesa, à qual deveram os brasileiros este benefício, mas a pesca da baleia, que antigamente se arrendava a uma companhia, era agora feita por conta do governo, trocando-se assim uma medida de duvidosa conveniência, por outra que decerto melhor não era. O pau-brasil outrora gênero de tal importância comercial que deu o nome a este grande país, era um monopólio do governo que o exportava principal ou exclusivamente de Pernambuco. A conseqüência era um sistema tão desperdiçador como vexatório: não se plantavam destas árvores, as pessoas encarregadas deste serviço as cortavam onde quer que as encontravam, em qualquer estado de desenvolvimento que estivessem, e extirpado assim este pau sobre a costa, onde tanto havia abundado, era mister trazê-lo de muitas léguas às costas de animais, embargados para o serviço do governo por um preço muito inferior ao dos aluguéis ordinários. Se isso lhes fosse permitido, teriam os particulares plantado estas árvores em localidades favoráveis à exportação, e o governo lucraria, franqueando o comércio, e lançando-lhe um módico imposto, ao passo que com o seu sistema tornava cada vez mais dispendioso e difícil o trabalho de obter a madeira, até ser impossível havê-la. As barcas de passagem no Brasil eram direitos reais que se doavam ou arrematavam; as da província do Rio Grande de São Pedro rendiam três a quatro contos anualmente estendendo os arrematantes as suas pretensões exclusivas muito longe pelo rio acima e abaixo, com grande inconveniente do povo. Uma pessoa se ofereceu naquela província para construir à sua custa uma ponte num lugar onde a barca de passagem rendia apenas 30$000, e o resultado foi ameaçar um membro da junta da Fazenda esse homem com a cadeia por haver feito semelhante proposta, acarretando assim ódio sobre o governo pela recusa em si que impedia o melhoramento dos lugares circunvizinhos, a troco de uma mesquinha soma, e pela maneira indigna por que uma oferta patriótica era tratada por um funcionário opressor e insolente.

Koster, 377

Invest. Port. **18, 188**

Outro agravo vinha do modo por que se recrutavam as tropas regulares: o princípio era dar cada família que tivesse dois ou mais filhos solteiros, um para o exército, e serem presos para soldados todos os indivíduos de má nota entre dezesseis e sessenta anos de idade. Em teoria

pode parecer eqüitativa esta requisição, auxiliada por uma medida especial da polícia, mas a prática era no último ponto opressora e iníqua, chegando o país a mostrar-se quase em estado de guerra civil todas as vezes que se ordenava um recrutamento geral em qualquer capitania populosa. Porquanto universal era a aversão ao serviço militar, nem, vendo condenados a ele como pena os velhacos e os vagabundos, podiam os pais deixar de considerá-lo odioso e perigoso para seus filhos. Além disto mal pagos, mal vestidos, nem lazer tinham os soldados para melhorar a sua condição, entregando-se a qualquer ocupação útil e lucrativa durante as horas que do serviço lhes sobrassem. Por isso se escondiam os que estavam sujeitos ao recrutamento, e por toda a parte se viam persegui-los troços de gente adunada, guiados pela milícia privada no encalço das vítimas. Recrutavam-se jovens que sustentavam seus pais, irmãs, ou irmãos mais moços, enquanto outros, que sendo a peste da vizinhança, estavam exatamente na letra da lei, andavam mui a seu salvo, se tinham meios com que influir sobre o capitão-mor do seu distrito. Não datava de mui longe este sistema cruel e impolítico. Antigamente alistava-se a gente para servir nos fortes que ficavam na vizinhança, e dali não era tirada para outra estação alguma. Não se carecia então de coação, sendo incentivo suficiente o soldo, e tendo os homens perto as famílias, e desejando alistar-se nestas circunstâncias, muitos entravam para o serviço que assim se tornava mais leve, ficando tempo a cada um para as suas ocupações habituais. Em caso de necessidade toda a força destaca em defesa da pátria, quaisquer que fossem as condições do alistamento, nem há quem de boa vontade se não sujeite a uma das leis mais óbvias e eqüitativas máximas do direito público, mas fora para ter uma força regular disponível na forma (não na realidade) que se estabelecera o sistema de recrutamento forçado. Ordenou-se este na Capitania de São Paulo pouco depois da transmigração da Corte: muitos milhares de pessoas, abandonadas as casas, fugiram para as matas, e conhecendo o grande erro da medida pelas conseqüências contra as quais em vão o haviam avisado de antemão, teve o governo de convidar essa gente a voltar, garantindo segurança a todos. É tão fácil com justos e judiciosos regulamentos tornar desejável o serviço militar, que onde vemos o povo em geral esquivar-se a ele não podemos deixar de supor alguma enormidade no sistema. Mas sobrevivera a Pombal a parte pior da sua administração,

tomando o governo em todos os seus ramos um caráter de despotismo oriental para o qual a má execução das leis e o jugo da Inquisição haviam preparado os portugueses. Viam-se os subalternos do governo investidos num poder que nem aos mais inteligentes e virtuosos dos homens devera confiar-se... que admiração se tão freqüentes eram os abusos. Fazia o capricho as vezes da lei, e a qualquer consideração do interesse se sacrificava a Justiça. Por desgraçado passava o assassino se livremente o não deixavam passear impune pelo teatro do seu delito, mas o homem que não sabia de que o acusavam podia ser arrancado dentre a sua família e lançado numa enxovia, ali ficando sem a esperança sequer de ver instaurarem-lbe um processo em que pudesse provar a sua inocência. A este respeito mal era possível que estivessem as coisas pior no Brasil do que na mãe pátria. A opressão a que andavam expostos os indivíduos parecerá incrível a quem tem a felicidade de viver debaixo da proteção de leis boas e justas. Num lugarejo marítimo do Brasil foi um homem obrigado a servir de capitão do porto, sem salário nem emolumento, apesar de ter de visitar quantos navios entravam, dando ao comandante parte do que achara. Após mais de vinte anos deste serviço compulsório apresentou ele ao chefe da repartição da marinha um requerimento, expondo o seu caso, e pedindo que ou lhe marcassem um vencimento com que pudesse sustentar-se ou lhe permitissem resignar o ofício e ir trabalhar pela vida; uma e outra coisa lhe denegaram, e com cinqüenta anos de idade continuou o pobre homem com o seu cargo sem esperança, preferindo esta servidão ao degredo para Angola.

Na sua despótica política se fiava Pombal como salvaguarda contra todas as desafeições. Faz pasmar até que ponto se levava no Brasil o sistema da vigilância. Um antigo intendente do distrito defeso de Minas Gerais disse que em toda a comarca de Serro Frio não havia um só morador a respeito do qual não tivesse ele alguma nota; e quando o ouvidor de Sabará (comarca, segundo o seu próprio cálculo, de 140 léguas de comprimento sobre 100 de largura) conhecia da mesma forma cada um dos habitantes. Nem isto era sinal de extraordinária atividade da parte dele, que é o primeiro a declarar que todos os outros magistrados andavam igualmente bem informados a respeito dos seus termos... Quão fácil e eficazmente poderia ter servido este conhecimento do povo para a execução de boas leis! Mas o governo não sabia ainda que o

seu primeiro dever era fazer justiça e manter as leis, nem que a segurança de que o cidadão goza na sua pessoa e fazenda é o melhor penhor da tranqüilidade do Estado.

Luís Beltrão. *Memória*. **Ms.**

Outra prova de miserável ignorância política foi não se tolerar no Brasil tipografia alguma antes da transmigração da Corte. Achava-se a grande massa do povo no mesmo estado como se nunca se houvesse inventado a imprensa.[31] Havia muitos negociantes abastados que não sabiam ler, e difícil era achar jovens habilitados para caixeiros e guarda-livros. Nem era raro um opulento sertanejo encomendar a algum dos seus vizinhos que de qualquer porto de mar lhe trouxesse um português de bons costumes que soubesse ler e escrever, para casar-lhe com a filha. Contudo havia na maior parte das povoações escolas públicas de primeiras letras, tomando os respectivos mestres bem como os de latim na maior parte das vilas o título de professores régios, instituições singularmente incongruentes com esse sistema cego que proibia a imprensa. Os que tinham aprendido a ler poucas ocasiões encontravam de satisfazer o desejo de alargar os seus conhecimentos (se acaso o possuíam), tão raros eram os livros. Desde a expulsão dos jesuítas, nenhuma das religiões fizera timbre da sua literatura, nem do seu amor ao Estado, e as livrarias deixadas por aqueles padres, tinham quase inteiramente desaparecido num país onde, não sendo conservados com cuidado, depressa são os livros destruídos pelos insetos.

Corr. Bras. **10, 16**

Entre os religiosos que restavam eram os beneditinos os mais respeitáveis: os mendicantes tinham caído no merecido desprezo, parecendo próxima a extinção destas perniciosas ordens, não em virtude de qualquer ato do governo, mas da silenciosa mudança da opinião pública que lhes não permite recrutarem-se de novo. As ordens abastadas naturalmente prometem mais longa vida, e até a um sincero protestante, por mais que abomine as fábulas do monarquismo e o espírito do papismo, é lícito, recordando o que os beneditinos devem à Europa, fazer votos por vê-los reformados, não extintos. São bons senhores para os escravos, proprietários de terras generosos, e patronos de quantas artes se exercem nas suas vizinhanças, e assim que a literatura for animada pelo governo, pode contar-se que os beneditinos do Brasil rivalizarão com os

seus irmãos dos outros países, tornando-se exemplos vivos para os seus conterrâneos.

Não havia classe de gente que mais alta estivesse e na estima pública do que o clero secular; nenhuma que possuísse igual influência sobre o povo, mas tampouco nenhuma que estivesse animada do mesmo desejo de fazer bem. No princípio das descobertas concederam-se todos os dízimos das conquistas portuguesas à Coroa, que sobre si tomou a mantença do clero, ônus que pelo produto daqueles não era compensado, enquanto se não tornaram prósperas as colônias. Depois veio o convênio a ser proveitoso à Coroa, mas prejudicial ao país. O governo exigia esses dízimos por inteiro, e o clero estava persuadido da injustiça da comutação. As paróquias não se subdividiam quando o aumento da população o reclamava, porque a criação de cada uma acarretava novas despesas ao Tesouro, consideração que se não daria se da terra derivasse o clero o seu sustento. Mas a todos os respeitos é um erro de política conservá-lo na pobreza. Nunca houve riqueza em tempos e países bárbaros, que mais beneficamente fosse empregada do que o da Igreja: testemunhas a arquitetura, as artes e as letras.

A maior restrição sob a qual laborava o Brasil era o monopólio do seu comércio, em que tão rigorosa se mostrava a mãe pátria. Este mal cessou como de necessidade havia de cessar com a mudança da sede da Corte. Introduziu-se a imprensa; perceberam-se logo alguns erros da antiga política, e outros pouco mais duraram. Os agravos do povo fáceis são de remediar: à abolição do tráfico de escravos se seguirá a abolição da escravidão; os selvagens que ainda restam não tardariam a civilizar-se; e índios negros e portugueses se irão fundindo gradualmente num só povo, que terá por herança uma das mais formosas porções da Terra. Bela perspectiva, e um futuro de glória se abre aos brasileiros, se escaparem ao flagelo da revolução, que destruiria a felicidade de toda a geração atual, arrastando consigo a anarquia e a guerra civil, e acabando por dividir o país numa multidão de estados mesquinhos e hostis, que teriam de atravessar séculos de miséria e de sangue derramado, antes que pudessem reerguer-se da condição de barbarismo em que se veriam mergulhados. Cego na verdade deve ser o governo, se não abraçar esse sistema generoso da verdadeira política que é o único que poderá conjurar este perigo. Praza a Deus, na sua misericórdia, proteger o Brasil

e dar-lhe que ali se estabeleçam a ordem, a liberdade, a ciência e a verdadeira piedade, florescendo por todas as gerações.

Assim concluí uma dessas grandes empresas que na virilidade madura me propus como objeto de uma vida dedicada à literatura no que esta tem de mais elevado e digno. Com que cuidado foi composta a obra, e com quão longo e diligente pesquisar de materiais, facilmente o perceberão os leitores inteligentes: o mais censório dentre eles não será mais rigoroso para com os inevitáveis defeitos deste trabalho, do que o sou eu mesmo. Mas se o valor de uma obra histórica está na proporção da massa dos fatos que ela incorporou, da fidelidade com que são relatados, e da adição que daí resulta para a soma de conhecimentos gerais, posso afirmar a respeito desta história, imperfeita como é, que a tais respeitos não tem ela sido muitas vezes igualada, nem facilmente será excedida. Popular não pode ela ser no país em que a escrevo, tão remoto o assunto e tão extensa a obra; mas leitores competentes sei que há de encontrá-los, e ao mundo a entrego com indiferença quanto ao seu acolhimento imediato, e inteira confiança na aprovação dos homens para quem a escrevi, e dos séculos, a que a lego.

NOTAS DO CAPÍTULO XLIV

1 Falando deles diz o bom bispo do Pará: *O vício em quem governa, é vicio posto a cavalo, e entronizado.* (*Jornal de Coimbra*, t. 5, pág. 3

2 P. Fanque refere uma cerimônia usada entre os palikours (tribo da Guiana), que consistia em dar uma *camisa* de baeta aos varões quando se tornavam adolescentes. É digno de nota isto por serem portugueses tanto o nome como a fazenda, provando que a civilização se estendia das aldeias para as tribos remotas.

3 Tabatinga é um belo barro branco, de que em muitas partes do Brasil se faz grande uso na edificação. Para lhe dar mais tenacidade e coesão mistura-se-lhe no Pará a goma líquida da sorveira.

4 Janumas, tananas, solimões, jananas, iupinas, coronas, acouaris, jumas, manoas, coretos, xamas, passés, juris, uaiupis e cocrunas *(Ribeiro.)*

5 Solimões, jornas, passés, uaiupés, irijus, purus, catuanixis, mamavis e cuchivaras. *(Ribeiro, Canil.)*

6 Maraunhas, catuquinas, urubus, canaxis, uacaraunhas, gemias, toquedas, maturnas, chilbaras, bugés, apenaris, panos, ximanos tapaxanas, uaraicus, purupurus: dão estes

últimos ao seu cacique o nome de Maranuxanha. Muitas destas tribos se servem de arco e setas, lança e sarbacana, ou cana de soprar, e envenenam suas armas. *(Casal.)*

7 Vários viajantes têm subido o Essequibo, e vencidas muitas dificuldades, entrado no rio Branco, e por este no Negro, e Amazonas.

8 Casal menciona uma vila de S. Miguel sem saber se fica no rio Negro ou no Branco. Estou certo que será sobre este último, mas não tenho tanta certeza que o insiro no texto.

9 As principais tribos eram os paravianas (cujo nome tem o rio no esplêndido mapa de Juan de La Cruz), manexis, uapixanas, saporas, puxianas, uaiurus, xapirus, e cariponas, que se diz serem a nação chamada caribes na Guiana.

10 Taras, barés, anicorés, aponarias, tururis, urupás, tumás, sapopés, oaris, purupurus, maranas, corumacis, tuquis, curnaxias e paraguis.

11 Sobre o esplendor de Pernambuco e Bahia no Brasil colônia, vide *O Brasil e as Colônias Partuguesas* de Oliveira Martins. (P. B. B.)

12 Em 1810 continha o Recife (propriamente dito) 1.229 famílias, S. Antônio 2.729, e Boavista, 1.433, o que pelo cálculo ordinário de cinco pessoas por família, dá 27.000 almas. Esse total pouco difere do de Romualdo Antônio que em 1808 orçou a população em 30.000 habitantes, ou do de Koster, que em 1910 a calculou em 23.000. Mas vejo que Casal, calculando a população de Olinda antes da guerra holandesa, toma dez pessoas por família, termo médio, que talvez não seja exagerado num país onde são numerosos os escravos, e os costumes exigem grande estado de criados.

13 No primeiro ano receberam-se 130 crianças, das quais morreram 76 dentro do ano... proporção terrível.

14 Julgamos inútil refutar tais diatribes contra o catolicismo; porque por vezes havemos assinalado ser este o lado da obra de Southey. (F. P.)

15 Nas grandes fazendas, notadamente nos engenhos, o sistema feudal se instalou, embora tivesse fracassado nas capitanias hereditárias. (P. B. B.)

16 Em 1787 matavam-se na Bahia 21.375 reses, pesando 176.255 arrobas, apesar de não ser carne fresca comida de escravos, que provavelmente faziam metade da população, e de comerem-na os portugueses menos do que outro nenhum povo, que dela se não abstenha inteiramente, sobre tomarem os dias de jejum bem um terço do ano. Em Lisboa foi o consumo no mesmo ano de 26.477 reses, ou 297.386 arrobas. Em 1780 era a população desta capital de 135.944 moradores.

17 Refere Lindley que um tecelão de algodão, que em princípios deste século tentara estabelecer uma fábrica perto da Bahia, fora preso e remetido para a Europa, destruindo-se-lhe as máquinas.*

* Pelo Aviso Régio de 5 de janeiro de 1785, foram extintas e abolidas, no Brasil, todas as fábricas, manufaturas, ou teares de galões, de tecidos ou de bordados de ouro e prata; de veludos, brilhantes, cetins, tafetá ou de outra qualquer qualidade de seda; de belbutes, chitas, bombasinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão, ou de linho; qualquer qualidade de tecido de lã, etc. O Aviso Régio abri-

ria exceção para os tecidos grossos de algodão que serviam para vestuários dos negros, para fazer pacotes ou coisa semelhante.

Há uma Ordem Régia de 5 de junho de 1802, que "proibia que os governadores recebessem, no Brasil, em audiência, pessoas que vestissem roupas de tecidos que não fossem importados de Portugal. (P. B. B.)

18 Causas imperiosas retardaram a realização deste benefício que só começou a ter vigor de 1850 em diante. (F. P.)

* Vide *A Escravidão Africana no Brasil* de Perdigão Malheiro (Cadernos de História, nº 8), que oferece idéia exata da abolição do tráfico. (P. B. B.)

19 O *Correio Braziliense* (t. 19, pág. 358) calculava em 1816 toda a população desta diocese em 390.685 fregueses, em 14.281 os nascimentos e 12.951 óbitos. Elevaria isto a mortalidade quase a 1 por 30, coisa extremamente improvável num país salubre, onde é tão vulgar a longevidade, que muitas pessoas chegam aos cem anos, e onde segundo este mesmo cálculo, excedem os nascimentos consideravelmente os óbitos, embora entre a população escrava haja um excesso de mortalidade, na importância de 1/20. Parecendo-me pois que se omitiram neste cômputo as listas de algumas freguesias, preferi o orçamento do *Patriota.*

20 Manuel Ferreira da Câmara nas suas *Observações Físico-econômicas acerca da extração de Ouro das Minas do Brasil* (memória inédita lida perante a Academia de Lisboa) diz estar provado, comparando com os quintos o ouro em obra vindo do Brasil, não cobrar a Coroa mais de 1/20 do seu direito, em tão vasta escala se fazia o contrabando, apesar das grandes apreensões que por vezes se efetuavam. E tão descuidada era a arrecadação que freqüentemente encontravam os ensaiadores em Lisboa pedaços de cobre de mistura com o ouro... Que a exportação clandestina era mui grande não sofre dúvida, mas não podia deixar de haver monstruosa exageração neste cálculo.

21 O cascalho dos montes era áspero e angular, o dos rios liso e redondo. Daqui se concluía não vir das serras o ouro dos rios; acrescendo a razão de não ser nestas arredondado o ouro embora encontrado em barras, como devera ser segundo a hipótese vulgar, sobre ser de qualidade diferente do que se tirava do interior das colinas. (Manuel Ferreira da Câmara. *Ms.)*

22 Brancos: varões casados 901, ditos solteiros 2.639. Negros livres: varões casados 546, ditos solteiros 2.662. Mulatos: varões casados 1.518, ditos solteiros 5.850. Total: 14.116 varões livres.

Brancas: casadas 809, solteiras 2.693. Negras livres: casadas 576, solteiras 4.179. Mulatas: casadas 1.638, solteiras 6 639. Total: 16.534 mulheres livres.

Escravos 12.021, escravas 7.868. Total: 26.137 varões, 24.402 fêmeas. Ao todo 50.539 almas.

23 A construção deste forte é obra, para 1776, de um arrojo formidável. Situa-se na fronteira Brasil-Bolívia, a 700 quilômetros da cidade mais próxima. Foi construído pelo engenheiro Domênico Sambocetti. (P. B. B.)

24 Como praticam os ingleses em suas colônias da América do Norte. (F. P.)

25 Varões: rapazes menores de 1 ano, 14.639; maiores de 7 e menores de 15, eram 10.726; mancebos e homens de 15 a 60 anos, 27.042; velhos maiores de 60 eram 3.969, havendo entre eles nove de 100 anos, três de 101, um de 102, dois de 105, dois de 106, um de 107, um de 110, e dois de 111, ao todo 21 homens maiores de 100 anos.

Fêmeas: raparigas menores de 7 anos, 14.125; maiores de 7 e menores de 15 eram 10.556; mulheres de 15 a 40 anos, 25.325, e maiores de 40 eram 10.556, havendo entre estas cinco de 100 anos, duas de 102, uma de 104, duas de 106, ao todo 10 mulheres maiores de 100 anos. Em 1776 tinha havido 5.074 nascimentos, e 3.250 óbitos. *(Notícias.* Ms.)

"Não sei (diz Sir W. Temple) se havereis no clima do Brasil alguma coisa mais favorável à saúde do que em outros países, porquanto além do que os primeiros descobridores observaram entre os naturais, recordo-me de me ter dito o embaixador português na Inglaterra, D. Francisco de Melo, que homens que não podiam contar com mais de um a dois anos de vida em razão da sua idade ou enfermidade, embarcando para o Brasil ali tinham vivido ainda 20 ou 30 anos, graças à força e vigor que recobravam. Se provinha isto do ar ou das frutas daquele clima, ou da maior aproximação do sol, que é a fonte da vida, é o que eu não saberia dizer." *(Of Health and Longevity.)*

26 Brancos, 112.946; negros livres, 3.951; escravos negros, 37.602; mulatos livres, 44.053; ditos escravos, 10.648. Em 1813 tinha havido 2.466 casamentos, 9.020 nascimentos, 4.451 óbitos. *(Patriota,* 3, 6, 114.)

Era pois de brancos mais de metade da população, passando de 2 para 1 a proporção dos nascimentos para os óbitos.

27 Há nesta ilha, no lugar do Cubatão, uma fonte, a cujas águas se atribuem grandes virtudes para curar a debilidade. Em 1818 mandou o governo que ali se erigisse um hospital, tirando por todo o Brasil subscrições para a obra e concedendo-lhe o mesmo governo para dote uma légua quadrada de terras. *(Decreto* 18 de março de 1818.)

28 Aqui, como no Ceará, era o número das mulheres livres (13.664) maior do que o dos homens também livres (11.807). Entre os escravos pelo contrário havia 4.905 negros e 2.673 negras.

29 Cinco galeras, 32 bergantins, 63 sumacas, 1 penque, 37 lanchas, 12 iates.

30 Rio Grande do Sul atual, antes Província de São Pedro e, ainda, Governo do Rio Grande de São Pedro do Sul. O Visconde de São Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro), em seu livro *Anais da Província de São Pedro*, anota: "O respeitável Mr. Southey, na sua excelente – *History of Brazil* – London – 1819 – tom. 3.9, pág. 865, diz – *que era também chamada capitania d'El Rei* – há nisto um grande equívoco, que talvez proceda do que se encontra inscrito em diversos Mapas Geográficos da América Meridional, bem como de Arcy de la Rochelle, publicado por William Faden, Londres, 1807, com as ilustrações do Cavalheiro Pinto. – Luís Pinto de Sousa Coutinho, ao depois Visconde de Balsemão, pouco conheceria da nossa província, e apenas da de Mato Grosso, da qual foi governador e capitão-general, e tomou

posse em 1769. Pode ser que pela negligência de se copiarem servilmente uns aos outros, copiassem de algum autor espanhol, como o sobredito o fez do padre Francisco Manuel Sobreviela, que assinaria esta com o título de – *Capitania del Rio.* – Copistas porém menos escrupulosos parecendo-lhes inverossímel que o distrito da Capitania do Rio de Janeiro se estendesse além das raias da Capitania de São Paulo, que realmente por muitos anos o intermediou, supuseram engano e caíram em outro maior, traduzindo arbitrariamente para o título de – Capitania d'el-Rei. – É a escusa mais simples, que me ocorre; ou também porque o seu território não pertencia a donatário algum, julgaram distingui-la das outras capitanias do Norte, que os tinham, denominando-a Capitania d'El Rei, isto é, pertencente à Coroa." (P.B.B.)

31 O Alvará de 20 de março de 1720 proibia letras impressas no Brasil e o de 16 de dezembro de 1794 condenava o despacho de livro e papéis para cá.

Latino Coelho, no *Elogio Histórico de José Bonifácio de Andrada e Silva,* escreve:

"Declaramos por atentado que um só prelo difundisse timidamente a sua luz naquelas regiões escurecidas. Condenamos por subversivas as sociedades literárias. Receamos que a mínima ilustração do pensamento nos roubasse a colônia emancipada." (P.B.B.)

NOTA FINAL

A tradução do Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro, que foi publicada pela primeira vez, como de início dissemos, em 1862, se por vezes não segue a ordem direta, jamais prejudica a clareza da exposição. Na presente edição, tal como já havia feito a Editora Progresso da Bahia, respeitamos o tradutor em tudo por tudo. Assim, na época dos descobrimentos marítimos, usava-se Pedro e Pero, o primeiro quando o nome seguinte começava por vogal (Pedro Álvares Cabral) e o segundo que o era com consoante (Pero Vaz de Caminha, Pero Lopes de Sousa). Quando Luís Joaquim de Oliveira e Castro traduziu a obra de Southey, já esta regra havia caído em desuso e usava-se, comumente, a forma Pedro. Daí o tradutor usar indistintamente Pero e Pedro, este mais nas notas à margem do que no texto. O nome de Américo Vespucci tem sido aportuguesado para Vespúcio e desta forma o tradutor o empregou diversas vezes. Nós, entretanto, preferimos a grafia Vespucci e Pero, para os casos em que o uso coevo a reclama.

Atualizando a ortografia, respeitamos, porém a grafia dos nomes tal como se apresenta no texto, porque se nos afigurou que isto nenhuma confusão traz ao esclarecido leitor. Conservamos a palavra *adiantado* (*adelantado* em espanhol) como se encontra na edição de 1862, mas na nota nº 1 do Capítulo V, vol. 1º, esclarecemos que significa *governador*.

Aliás a orientação nossa é reproduzir os textos com fidelidade. Se há palavras em desuso, a semântica aí está para orientar, e as notas podem bem esclarecer o significado da palavra em determinada época.

As ilustrações e os documentos foram distribuídos de maneira a se encontrarem onde a matéria é esplanada. A carta de Américo Vespucci a que nos referimos na nota nº 3 do Capitulo I, vol. 1º, foi colocada logo no início, pois que é documento que fala claramente no Brasil, descrevendo acontecimento anterior ao referido por Pero Vaz de Caminha e às instruções de Vasco da Gama a Pedro Álvares Cabral, pela sua precedência cronológica.

Sobre o tradutor Luís Joaquim de Oliveira e Castro e o cônego J. C. Fernandes Pinheiro desejamos oferecer ligeiras notas biográficas colhidas no precioso *Dicionário Bibliográfico* de Sacramento Blake.

Luís Joaquim de Oliveira e Castro nasceu em Portugal, no Porto, em 19 de outubro de 1826. Estudou humanidades na Alemanha e, voltando para Portugal, bacharelou-se em direito pela Universidade de Coimbra, em 1849. Em 1851 veio para nossa terra, naturalizando-se brasileiro. Exerceu a advocacia e foi chefe de redação do *Jornal do Comércio.* Escreveu diversos trabalhos literários e traduziu algumas obras, entre elas a *História do Brasil* de Southey.

Faleceu no Rio, em 7 de maio de 1888.

O cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro nasceu no Rio de Janeiro no dia 17 de junho de 1825 e faleceu na mesma cidade em 15 de janeiro de 1876. Recebeu,

em 1848 as ordens de presbítero. Teve vida intelectual muito intensa e a relação de suas obras, principalmente históricas, é bastante grande. Foi professor de poética, retórica e história. Lecionou no Colégio D. Pedro II. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi primeiro-secretário. "Foi um dos brasileiros que melhores serviços prestaram às letras pátrias e ao magistério superior", escreveu Sacramento Blake.

Suas notas e participação na primeira edição brasileira da *História do Brasil* de Southey dão ao leitor segurança das informações, pois J. C. Fernandes Pinheiro foi, indiscutivelmente, um grande conhecedor da nossa História, se não bastasse os reconhecidos méritos do tradutor.

Além das notas de Southey e de Fernandes Pinheiro, como já mencionamos na Introdução, a presente edição traz notas de Leonardo Arroyo e do autor destas linhas. São elas informativas e algumas críticas. Isto se fazia necessário, pois que a primeira edição brasileira conta mais de um século, o que, por si só, justifica, ou melhor, exige outras informações, como é óbvio.

Para os que desejam recorrer a algumas fontes históricas do Brasil, lembramos os *Cadernos de História* que vêm sendo publicados pela Editora Obelisco.

Julgamos que, com estas palavras, podemos dar por encerrado este trabalho, pedindo escusas por algumas imperfeições, mas certos que perfeitamente sanáveis e desculpáveis, pois estamos conscientes que em nada diminuímos as edições anteriores e, embora modestamente, fizemos tudo que estava ao nosso alcance, como tudo fizeram os responsáveis pela sua apresentação gráfica, para ampliar a utilidade da obra ilustrando-a, documentando-a e acrescentado-lhe novas notas e um estudo sobre a vida e a obra do grande historiador inglês.

SÃO PAULO, 1965
BRASIL BANDECCHI

. . . .

Índice onomástico

Nota do editor

Para facilitar o acesso às páginas onde se encontram citados os integrantes deste índice onomástico, indicamos os números das páginas (iniciais e finais) dos três volumes desta obra:

Volume I – págs. 1 a 618;

Volume II – págs. 619 a 1178;

Volume III – págs. 1179 ao fim.

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z

Esta obra, que muitos comparam à *História do Brasil*, de Varnhagen, tem o mérito de ser exaustivo estudo sobre o nosso passado colonial, fruto de pesquisa apurada e consistente, muitas vezes feita na Torre do Tombo, acessando documentos nunca antes registrados por outros historiadores.

Southey, historiador minucioso, também se valeu do trabalho de seu tio Herbert Hill, que pesquisou durante trinta anos em Portugal, e ofereceu ao sobrinho acesso a documentos fundamentais da nossa História.

Para João Ribeiro, "Southey é o iniciador do devassamento dos arquivos portugueses em busca de informes sobre o Brasil. E já nele se esboçam as primeiras tentativas de história comparada entre a América Portuguesa e a América Espanhola".

Southey que não poupa estudos e visão crítica sobre nossa História, nada diminui na análise e apresentação de fatos e interpretação dos feitos portugueses no Brasil.

O que existe de material comparativo torna-se um fator a mais que qualifica a obra de Southey. Dessa maneira, poder-se-ia dizer que a presença histórica da América Espanhola apenas acrescenta à obra um valor original.

É de Southey a observação de que o Brasil foi construído "pela indústria individual e cometimentos particulares que têm crescido este império, tão vasto como já é, e tão poderoso como um dia virá a ser".

ISBN 978-85-7018-315-6
9 788570 183156